MARGARET MITCHELL

E o Vento Levou



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

E o Vento Levou

MARGARET MITCHELL

VOLUME 1

E O VENTO LEVOU

TRADUÇÃO
Adalgisa Campos da Silva

PREFÁCIO
Alberto da Costa e Silva

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Título original: *Gone with the Wind*

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200

Imagem de capa do boxe: Anna Gorin, Getty Images. Imagem de quarta capa do boxe: *Dutch Gap, Virginia (vicinity). Deserted farm house near Dutch Gap canal*, 1864. Library of Congress, Prints & Photographs Division, Civil War Photographs. Imagem de capa do volume 1: Barnard, George N., *Bull Run, Va. Matthews' or the Stone House*, 1861. Library of Congress. Imagem de quarta capa do volume 1: *Dutch Gap, Virginia (vicinity). Deserted farm house near Dutch Gap canal*, 1864. Library of Congress, Prints & Photographs Division, Civil War Photographs. Imagens de guarda do volume 1: Gibson, James F., *Cumberland Landing, Va. Secret Service men at Foller's House*, 1862. Library of Congress; Gibson, James F., *Fair Oaks, Va. Lt. James B. Washington, a Confederate prisoner, with Capt. George A. Custer of the 5th Cavalry, U.S.A.*, 1862. Library of Congress. Imagem de luva: Anna Gorin, Getty Images.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M668v

Mitchell, Margaret, 1900-1949
E o vento levou, Volume 1/Margaret Mitchell; tradução Adalgisa Campos da Silva; apresentação Alberto da Costa e Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.
560 p.; 23 cm.

Tradução de: Gone with the wind
ISBN 9788520945148

1. Ficção americana. I. Silva, Adalgisa Campos da. II. Costa e Silva, Alberto da. III. Título.

20-62645 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

SÚMARIO

FALSO ROSTO
ROSTO VOLUME 1
CRÉDITOS
Apresentação
Parte 1
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Parte 2
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Parte 3
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20

Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
ROSTO VOLUME 2
Parte 4
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Parte 5
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50

Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
COLOFÃO

Apresentação

Alberto da Costa e Silva

Numa manhã de junho de 1936, um livreiro nova-iorquino abriu espaço na vitrina para o novo romance que acabara de chegar. Era um grosso volume, de mais de mil páginas, de autora desconhecida, Margaret Mitchell, e, apesar do belo título, *Gone with the Wind*, prometia ter venda difícil. Para surpresa do livreiro, deu-se o contrário: atendido o primeiro pedido, outros se seguiram às carreiras. E do livro vendeu-se, nos Estados Unidos, nos primeiros seis meses, mais de um milhão de exemplares.

Não demoraram as traduções e, em pouco tempo, o romance ganhou leitores nos quatro cantos da terra. Revejo minha mãe, num dos últimos dias de 1941, em Fortaleza, com o livro nas mãos, a dizer-me que tinha de fazer um grande esforço para tirar os olhos das páginas de *E o vento levou* (nome que tomara a edição brasileira), conquistada pela habilidade da autora em multiplicar os imprevistos nos enredos em permanente movimento. O livro tinha de tudo para prender o leitor, a começar por levá-lo para dentro de uma sociedade que o patriciado do Sul dos Estados Unidos propusera como modelo, e que saíra aos frangalhos da Guerra da Secessão. Pois da história dessa guerra — contada do ponto de vista dos perdedores — tratava o romance, e principalmente do período que a ela se seguiu, a chamada Era da Reconstrução.

Desde a meninice, Margaret Mitchell ouviu, de parentes e de amigos, relatos sobre o conflito. De alguns, mais velhos, guardou episódios de que participaram como combatentes nos exércitos confederados, e com eles se comoveu e indignou. Durante os numerosos anos que passou a escrever o romance, leu tudo a que teve acesso sobre o que opunha os estados do Norte, urbanos e industrializados, aos do Sul, agrários e escravocratas, e sobre os anos que

antecederam a guerra, e sobre a guerra, e sobre as consequências e as humilhações da derrota. Acreditava que os confederados tinham lutado corajosamente por uma causa justa, a preservação da liberdade de ser como eram, tradicionalistas, cavalheirescos, cumpridores dos ritos sociais e da palavra empenhada, além de bondosos proprietários de escravos — de negros de poucas habilidades e escassa inteligência, a quem se devia pacientemente, como missão, ensinar tudo.

Margaret Mitchell era, por formação, racista. Racista como os seus vizinhos. Racista como, em geral, os seus contemporâneos, que tinham por boas e certas as teorias ditas científicas que sustentavam a pluralidade e a hierarquização das supostas raças humanas. Nessa escala, o negro ficava num dos patamares mais baixos. Quase sem qualidades. Escravo, apertava-se na beira de uma sociedade que não o considerava parte dela; homem livre — pensavam os sulistas brancos —, podia danar o corpo social como uma doença contagiosa. Havia que isolá-lo.

Margaret Mitchell viveu todos os seus anos num sistema de segregação racial, que proibia às pessoas ditas de cor o acesso, a não ser em condições de inferioridade, até mesmo aos mais comezinhos bens e serviços de uso coletivo. Certamente opunha-se a que crianças negras frequentassem as mesmas escolas que as brancas. E é possível, se não provável, que considerasse natural que os negros não usassem os mesmos bebedouros que os brancos, nem lavassem o rosto nas mesmas pias, nem se deslocassem em ônibus em outros assentos que não os para eles reservados nos fundos do veículo.

A maior parte de seu romance passa-se naquela década e meia (1863-1877) que se seguiu à derrota confederada, a Era da Reconstrução. Durante esse período, a União procurou refazer os estragos e sarar as feridas da guerra. Mas, se foi fácil reerguer Atlanta, a cidade de Margaret Mitchell, que foi incendiada pelos nortistas, a presença destes, como uma espécie de interventores, a determinar o que era aceitável ou inaceitável, não se vestiu de roupa diferente da de uma tropa de ocupação. Para a maioria dos sulistas, a Era da Reconstrução foi um período trágico da história, durante o qual os ianques favoreceram os negros em detrimento dos brancos. Que estes reagissem, organizando-se em sociedades como a Ku Klux Klan, talvez parecesse natural a Margaret Mitchell e a seus vizinhos. Mesmo aqueles que reprovavam os ferozes linchamentos e massacres

de negros não negavam apoio às leis locais, promulgadas pelas assembleias estaduais, nos anos seguintes aos da Reconstrução, e que determinavam a segregação racial em cada um dos estados do Sul.

Os confederados e seus herdeiros não cansavam de afirmar — e muitos continuam a fazê-lo até hoje — que tinham perdido a guerra, mas não a razão. Deles — diziam — era a boa causa, vencida pela força dos números e do dinheiro. Por isso, era forçoso impedir que os nortistas retorcessem a história e se eximissem da culpa pela guerra. Centenas de livros — toda uma estante — se escreveram a argumentar que a Confederação lutara por princípios, e a União, por interesses econômicos, e em muitos deles se omitia a escravidão como a causa do conflito. Poucos anos após a guerra, as bandeiras da Confederação começaram a aparecer hasteadas na fachada das casas — e não só nos estados do Sul —, e estátuas de líderes militares confederados, muitas delas custeadas por subscrições populares, foram postas nas praças de cidades sulistas — bronzes de heróis a cavalo, de espada desembainhada, como a comandar um ataque.

A obra de Margaret Mitchell foi escrita no auge dessa revalorização dos confederados e de sua romantização. Para ela, como para a geração de sulistas nascidos no início do século, o resultado da Guerra Civil não fora a libertação de quase cinco milhões de negros escravizados, mas, sim, o desmancho das estruturas produtivas do Sul.

Na segunda metade do século XX, importantes historiadores, tanto nos Estados Unidos, quanto na Europa, submeteram a uma severa crítica essa visão que os descendentes dos confederados favoreceram por algum tempo, e a abolição da escravatura passou a ser central como motivo e consequência da guerra. Mas quando Margaret Mitchell escreveu o seu livro, via as coisas com as lentes de seu meio e de seu tempo. E o que ofereceu ao leitor não foi uma obra de história, mas um romance. Ainda que *E o vento levou* tenha contribuído para popularizar uma imagem favorável da sociedade sulista, era um livro de ficção, e como tal foi e é lido. Ele e o filme de quatro horas de duração que nele se baseia, estrelado por Vivien Leigh, Olivia de Havilland e Clark Gable, são uma espécie de elegia de uma época que se foi e que tinha saudades de como tinha sido.

Parte 1

Capítulo 1

Scarlett O’Hara não era linda, mas os homens raramente percebiam isso quando estavam enredados em seu encanto, como era o caso dos gêmeos Tarleton. No rosto, as delicadas feições da mãe, uma aristocrata do litoral de ascendência francesa, e os traços grosseiros do pai, um irlandês afogueado, mesclavam-se de forma excessivamente acentuada. Mas era um rosto impactante, de queixo pontudo e mandíbula quadrada. Os olhos verde-claros, desprovidos de jaças cor de avelã e ornados de cílios negros grossos, eram ligeiramente puxados. Acima deles, as grossas sobrancelhas negras um tanto oblíquas desenhavam-se em uma cútis de magnólia — aquela tez a que as sulistas davam tanto valor e que protegiam cuidadosamente do sol quente da Geórgia com chapéus, véus e luvas.

Sentada com Stuart e Brent Tarleton à sombra fresca da varanda de Tara, a fazenda de seu pai, naquela luminosa tarde de abril de 1861, ela era uma bela visão. Os 12 metros de musselina florida do esvoaçante vestido novo distribuídos sobre as crinolinas eram do mesmo tom de verde dos sapatinhos de pelica que seu pai acabara de lhe trazer de Atlanta. O vestido destacava bem sua cinturinha de 43 centímetros, a mais fina em três condados, e o corpete justo revelava os seios bem desenvolvidos para seus 16 anos. Mas, apesar do recato todo daquelas saias amplas, da correção do coque simples apanhado na rede e da tranquilidade das pequenas mãos brancas cruzadas sobre o colo, sua verdadeira personalidade não se disfarçava. Os olhos verdes no rosto artificialmente meigo eram turbulentos, determinados, vivos, destoando daquela postura ingênua. Seus modos lhe haviam sido impostos pelas delicadas advertências da mãe e pela severa disciplina aplicada por sua Mammy. Os olhos eram dela mesma.

Um de cada lado, os gêmeos deixavam-se estar confortavelmente em suas cadeiras, apertando os olhos, que protegiam do sol com óculos ornados de ramos de hortelã, enquanto riam e conversavam, as pernas compridas e musculosas de

tanto cavalgar metidas em botas até o joelho, cruzadas negligentemente. Dezenove anos, 1,88m e oitenta e oito, esguios e musculosos, com rostos queimados de sol, cabelos ruivos, olhos alegres e arrogantes, vestidos com paletós azuis idênticos e calças cor de mostarda, pareciam-se tanto quanto duas cápsulas de algodão.

Lá fora, o sol da tarde inclinava-se no quintal, banhando de luz os cornisos, que formavam massas compactas de flores brancas contra o fundo verde-claro. Os cavalos dos gêmeos estavam amarrados na entrada. Eram animais grandes, ruivos como os donos. E, em volta de suas patas, não paravam de brigar os cães de caça magros e nervosos que acompanhavam Stuart e Brent aonde quer que eles fossem. Um pouco alheio, como convinha a um aristocrata, um dálmata resistente, deitado com o focinho sobre as patas, aguardava pacientemente que os rapazes decidissem voltar para casa para o jantar.

Entre os cães, os cavalos e os gêmeos havia uma relação mais forte que a de seu companheirismo constante. Eram todos jovens animais saudáveis, impulsivos, luzidios, graciosos, animados, os rapazes tão fogosos quanto os cavalos que montavam, fogosos e perigosos, mas, ao mesmo tempo, doces para quem sabia como lidar com eles.

Embora nascidos na vida fácil de fazenda, servidos desde a mais tenra infância, os três na varanda não tinham um ar de apatia nem de indolência. Possuíam o vigor e a vivacidade da gente do interior que passou a vida toda ao ar livre, sem se preocupar muito com as coisas aborrecidas que os livros traziam. A ocupação do condado de Clayton, no norte da Geórgia, ainda era recente e, pelos padrões de Augusta, Savannah e Charleston, a vida ali era um pouco primitiva. As zonas mais antigas e mais tradicionais do Sul faziam pouco dos georgianos do norte, mas ali no norte da Geórgia a falta dos refinamentos de uma educação clássica não era motivo de vergonha, contanto que o homem se mostrasse sabido daquilo que importava. E cultivar bom algodão, montar bem, ter boa pontaria, ser um bom pé de valsa, acompanhar as damas com elegância e aguentar a bebida como um cavalheiro eram as coisas que importavam.

Em tudo isso, os gêmeos se destacavam, como também na incapacidade ímpar de aprender o conteúdo de qualquer livro. No condado, ninguém tinha tanto

dinheiro, tantos cavalos nem tantos escravos quanto sua família, mas os rapazes eram mais ignorantes que a maioria dos seus vizinhos mais humildes.

Era exatamente por isso que Stuart e Brent estavam à toa na varanda de Tara naquela tarde de abril. Acabavam de ser expulsos da Universidade da Geórgia, a quarta universidade que, em dois anos, os botara para fora. E seus irmãos mais velhos, Tom e Boyd, recusando-se a permanecer em uma instituição onde os gêmeos não eram aceitos, foram para casa com eles. Stuart e Brent consideravam essa última expulsão uma grande piada, e Scarlett, que não abrira um livro desde que saíra da Academia Feminina de Fayeteville no ano anterior, achava tanta graça quanto eles.

— Sei que nem vocês nem Tom se importam com uma expulsão a mais ou a menos — disse ela. — Mas e Boyd? Ele parece determinado a se formar, e vocês dois já o tiraram das Universidades da Virgínia, do Alabama e da Carolina do Sul e, agora, da Geórgia. Nesse ritmo, ele nunca
vai conseguir.

— Ah, ele pode ler as leis no escritório do juiz Parmalee em Fayeteville — respondeu Brent com descaso. — Além do mais, isso não importa muito. Tínhamos mesmo que voltar para casa antes do fim do trimestre.

— Por quê?

— A guerra, pateta! A guerra vai começar mais dia, menos dia, e você não acha que qualquer um de nós continuaria na faculdade com uma guerra acontecendo, não é?

— Você sabe que não vai haver guerra nenhuma — disse Scarlett, entediada. — É tudo conversa fiada. Ora, Ashley Wilkes e o pai dele contaram ao papai ainda na semana passada que os nossos comissários em Washington chegariam a… a… um acordo amigável com o sr. Lincoln sobre a Confederação. E, de qualquer maneira, os ianques têm muito medo de nós para irem à luta. Não vai ter guerra nenhuma, e estou cansada de ouvir falar disso.

— Não vai ter guerra nenhuma! — exclamaram os gêmeos indignados, como se tivessem sido lesados.

— Ora, querida, claro que vai ter guerra — disse Stuart. — Os ianques podem estar com medo de nós, mas depois que o general Beauregard correu com eles à

bala do forte Sumter anteontem, vão ser obrigados a lutar ou ser tachados de covardes na frente do mundo inteiro. Ora, a Confederação…

Scarlett fez um beicinho de impaciência e tédio.

— Se você disser “guerra” mais uma vez, entro em casa e fecho a porta. Fora “secessão”, nunca estive mais farta de uma palavra como estou da palavra “guerra”. Papai não fala em outra coisa, de manhã até de noite, e todos os cavalheiros que vêm visitá-lo batem boca sobre o forte Sumter e os Direitos dos Estados e Abe Lincoln até me dar vontade de gritar de tédio! E os rapazes também só falam nisso, nisso e no antigo regimento deles. Ninguém se diverte nas festas esta primavera porque os rapazes não têm outro assunto. Ainda bem que a Geórgia esperou até depois do Natal para se separar, senão isso também teria estragado as festas de fim de ano. Se tornarem a falar “guerra”, vou para dentro de casa.

Ela falava sério, pois nunca conseguiu aguentar por muito tempo uma conversa que não girasse em torno dela. Mas sorria ao falar, acentuando de propósito a covinha e batendo rapidamente as grossas pestanas negras que pareciam asas de borboletas. Os rapazes, encantados, como ela pretendera que ficassem, apressaram-se em pedir desculpas por tê-la entediado. Sua falta de interesse não a diminuía aos olhos deles. Muito pelo contrário. A guerra era assunto de homens, não de senhoras, e eles consideraram sua atitude uma prova de feminilidade.

Tendo conseguido afastá-los do assunto desagradável da guerra, Scarlett voltou com interesse para a situação imediata deles.

— O que sua mãe falou dessa nova expulsão de vocês?

Os rapazes pareceram desconfortáveis, lembrando a atitude da mãe três meses atrás, quando a Universidade da Virgínia os mandara para casa.

— Bem — respondeu Stuart —, ela ainda não teve chance de dizer nada. Tom e nós saímos cedo hoje de manhã, antes de ela se levantar. Tom está na casa dos Fontaines e nós viemos para cá.

— Ela não falou nada quando vocês chegaram em casa ontem à noite?

— Tivemos sorte ontem à noite. Chegamos logo depois que trouxeram aquele garanhão novo que mamãe comprou em Kentucky no mês passado, e a casa estava em polvorosa. O bichão é um cavalo majestoso, Scarlett. Você tem que

dizer ao seu pai para ir logo lá vê-lo. Já arrancou um pedaço do tratador com uma dentada ao vir para cá e atropelou dois dos negrinhos de mamãe que foram buscá-lo no trem em Jonesboro. E, logo antes de chegarmos, tinha quase derrubado a estrebaria e por pouco não matava Strawberry, o velho garanhão de mamãe. Quando aparecemos, mamãe estava na estrebaria com um saco de açúcar tentando acalmá-lo, e fazendo isso muito bem. Os negrinhos estavam pendurados nas vigas, de olhos esbugalhados, apavorados, mas mamãe falava com o cavalo como se ele fosse gente e ele comia na mão dela. Não tem ninguém igual à mamãe para lidar com cavalos. E, quando nos viu, ela disse: "Nossa, o que vocês quatro estão fazendo em casa de novo? Vocês são piores que as pragas do Egito!" Aí o cavalo começou a bufar e a empinar e ela falou: "Saiam daqui! Não estão vendo que o bonitão está nervoso? Cuido de vocês quatro amanhã de manhã." Então fomos nos deitar. Hoje de manhã saímos antes que nos pegasse e deixamos que o Boyd lidasse com ela.

— Acha que ela vai bater no Boyd? — Scarlett, como o resto do condado, não conseguia se acostumar com o jeito como a miúda sra. Tarleton intimidava os filhos crescidos e lhes descia o chicote de montaria no lombo quando julgava necessário.

Beatrice Tarleton era uma mulher ocupada, tendo nas mãos não só uma grande fazenda de algodão, cem negros e oito filhos, mas também a maior fazenda de criação de cavalos do estado. Esquentada, preocupava-se com os frequentes problemas dos filhos e, embora ninguém tivesse permissão de chicotear um cavalo ou um escravo, achava que uma lambada de vez em quando não fazia mal nenhum aos meninos.

— Claro que ela não bateria no Boyd. O Boyd nunca apanhou muito porque, além de ser o mais velho, é o mais baixinho de nós — disse Stuart, orgulhoso de seu 1,88m. — Por isso o deixamos em casa para explicar as coisas a ela. Deus Todo-Poderoso, mamãe tem que parar de nos bater! Já temos 19 anos, Tom tem 21, e ela nos trata como se tivéssemos seis.

— Sua mãe vai montar o cavalo novo para ir ao churrasco dos Wilkes amanhã?

— Ela está querendo, mas papai diz que ele é muito perigoso. E, de qualquer maneira, as meninas não vão deixar. Disseram que a obrigariam a ir como uma

dama, de carruagem, a pelo menos uma festa.

— Tomara que amanhã não chova — disse Scarlett — Há uma semana, chove quase todo dia. Não há nada pior que um churrasco transformado em piquenique dentro de casa.

— Ah, amanhã o tempo vai abrir, e esquentar como em junho — disse Stuart. — Olhe só esse pôr do sol. Nunca vi um mais vermelho. Sempre se pode saber o tempo pelo pôr do sol.

Os três olharam para o horizonte vermelho no fim do imenso algodoal recém-arado de Gerald O'Hara. Agora que o sol se punha em um fulgor carmim atrás das colinas do outro lado do rio Flint, o calor do dia de abril ia se transformando em um friozinho agradável.

A primavera chegara cedo aquele ano, com os aguaceiros quentes, o desabrochar das flores rosadas dos pessegueiros, e os cornisos salpicando de estrelas brancas as várzeas e as colinas ao longe. A lavragem estava quase no fim, e a glória sangrenta do crepúsculo intensificava os tons de fogo dos novos sulcos abertos no barro vermelho da Geórgia. A terra úmida e sedenta, revirada à espera das sementes de algodão, era rosada nos topos arenosos dos sulcos, passando do rubro ao escarlate e ao bordô onde as sombras se estendiam ao longo das paredes das valas. A casa principal da fazenda, toda de tijolinhos e caiada de branco, parecia uma ilha colocada em um violento mar vermelho, onde as vagas, espiraladas e sinuosas, tivessem se petrificado no momento em que as ondas de extremidade rosada quebravam na arrebentação. Pois ali não se viam os sulcos longos e retos dos campos de barro amarelado das planícies da Geórgia central ou de rica terra preta das fazendas do litoral. As colinas onduladas do norte da Geórgia eram trabalhadas em um milhão de curvas para impedir que a água levasse o solo fértil morro abaixo até o fundo dos rios.

O solo, de um violento vermelho cor de sangue após as chuvas, na época da seca transformava-se em pó cor de tijolo. Para o algodão, não havia solo melhor no mundo. E a região aprazível de casas brancas, pacatos campos arados e preguiçosos rios amarelos era também uma terra de contrastes, do sol mais radioso e das sombras mais densas. Os descampados da fazenda e os quilômetros de campos de algodão sorriam para um sol quente, plácido e complacente. Em seus limites, erguiam-se as florestas virgens, escuras e frescas mesmo no calor

do meio-dia. Misteriosos, um tanto sinistros, os pinheiros sussurravam, como se, com uma paciência ancestral, estivessem esperando para ameaçar suspirando baixinho: “Cuidado! Cuidado! Você já foi nossa. Podemos tomá-la de volta outra vez.”

Da varanda, os três ouviam os ruídos de cascos, o chocalhar de correntes de arreio e as risadas estridentes e despreocupadas dos negros que voltavam da lida no campo. De dentro da casa, flutuava a voz macia da mãe de Scarlett, Ellen O’Hara, chamando a negrinha que carregava sua cesta de chaves. A voz infantil e aguda respondeu: “Sim, sinhá”, e seguiu-se um rumor de passos saindo pelos fundos em direção ao defumadouro onde Ellen porcionaria a comida dos peões que voltavam para casa. Ouviram o tilintar da porcelana e o chocalhar da prataria enquanto Pork, o criado pessoal e mordomo de Tara, punha a mesa para a ceia.

Esses últimos ruídos indicaram aos gêmeos que era hora de voltar para casa. Mas, com medo de enfrentar a mãe, ficaram fazendo cera na varanda, na esperança de Scarlett convidá-los para jantar.

— Olhe, Scarlett. Em relação a amanhã — disse Brent —, não podemos ficar sem dançar bastante à noite só porque não sabíamos do churrasco nem do baile, uma vez que estávamos fora. Você ainda não prometeu todas as suas danças, prometeu?

— Claro que já prometi! Como eu ia saber que vocês estariam em casa? Não podia correr o risco de tomar chá de cadeira só para esperar vocês dois.

— Você tomar chá de cadeira?! — Os rapazes deram uma sonora gargalhada.

— Olhe, querida. Você tem que me dar a primeira valsa, a última ao Stu, e tem que cear conosco. Vamos sentar no patamar da escada como no último baile e chamar de novo a Mammy Jincy pra vir ler a nossa sorte.

— Não gostei das previsões da Mammy Jincy. Vocês sabem que ela disse que eu ia me casar com um rapaz de cabelo negro como breu e bigodão preto, e eu não gosto de homens de cabelo preto.

— Você gosta dos ruivos, não é, querida? — Brent riu mostrando os dentes. — Ora, vamos lá, prometa para nós as valsas todas, mais a ceia.

— Se você prometer, lhe contamos um segredo — disse Stuart.

— O quê? — exclamou Scarlett, animada como uma criança com aquela palavra.

— Foi aquilo que ouvimos ontem em Atlanta, Stu? Se foi, você sabe que juramos não contar a ninguém.

— Bom, a srta. Pitty nos contou.

— Quem?

— Você conhece. É a prima do Ashley Wilkes, a srta. Pittypat Hamilton, que mora em Atlanta, a tia de Charles e Melanie Hamilton.

— Conheço, e nunca vi na minha vida uma velha mais boba.

— Pois bem, ontem quando estávamos em Atlanta esperando o trem para casa, ela passou de carruagem pela estação e parou para falar conosco. Contou que amanhã, no baile dos Wilkes, vai ser anunciado um noivado.

— Ah, eu estou sabendo — disse Scarlett, desapontada. — O bocó do sobrinho dela, o Charlie Hamilton, e a Honey Wilkes. Todo mundo já sabe há anos que os dois iam acabar se casando, mesmo ele parecendo meio desanimado com isso.

— Você o considera um bocó? — questionou Brent. — Mas no Natal passado bem que lhe deu bastante trela quando ele andou atrás de você.

— Eu não podia impedi-lo. — Scarlett deu de ombros com desdém. — Acho que ele é um banana.

— Além do mais, não é o noivado dele que vai ser anunciado — disse Stuart, triunfante. — É o de Ashley com a irmã de Charlie, a srta. Melanie!

O semblante de Scarlett não se alterou, mas seus lábios ficaram brancos — como os de alguém que, sem esperar, recebia um imenso choque e, no primeiro momento, não se dava conta do que acontecera. Seu rosto estava tão imóvel enquanto ela fitava Stuart, que ele, que já não primava pela sagacidade, pensou que ela estivesse apenas surpresa e muito interessada.

— A srta. Pitty nos contou que eles só pretendiam anunciar o noivado no ano vem, porque a srta. Melly não tem andado muito bem. Mas, com toda essa conversa de guerra por aí, as duas famílias acharam que seria melhor eles se casarem o quanto antes. Então vai ser anunciado amanhã à noite, no intervalo da ceia. Scarlett, agora que já lhe contamos o segredo, você tem que prometer que vai cear conosco.

— Claro que vou — disse Scarlett automaticamente.

— E todas as valsas?

— Todas.

— Você é um amor! Aposto que os outros rapazes vão ficar furiosos.

— Que fiquem — disse Brent. — Nós dois podemos nos encarregar deles. Olhe, Scarlett, sente-se conosco no churrasco de manhã.

— O quê?

Stuart repetiu o pedido.

— Claro.

Os gêmeos se entreolharam exultantes, mas um tanto surpresos. Embora se considerassem os pretendentes preferidos de Scarlett, nunca haviam recebido provas disso com tanta facilidade. Em geral, ela os fazia suplicar e implorar, ao mesmo tempo que os repelia, recusando-se a responder com um sim ou um não, rindo se eles amuassem, mostrando-se fria quando se zangavam. Agora praticamente lhes prometera o dia seguinte inteiro — lugar cativo ao seu lado no churrasco, todas as valsas (e eles dariam um jeito de fazer com que todas as danças fossem valsas!) e o intervalo da ceia. Valia a pena ser expulso da universidade para ter tudo isso.

Empolgados com o sucesso, foram se deixando ficar. Falavam sobre o churrasco, o baile, Ashley Wilkes e Melanie Hamilton. Interrompiam um ao outro, faziam piadas e riam delas, cavando o convite para a ceia. Custaram bastante a se dar conta de que Scarlett quase não falava. Acharam que o clima de certa forma mudara. De que maneira, os gêmeos não sabiam, mas a tarde perdera aquele brilho maravilhoso. Scarlett parecia prestar pouca atenção ao que diziam, embora desse as respostas corretas. Sentindo que acontecera algo que não conseguiam entender, perplexos e irritados, os gêmeos se aguentaram ali por mais algum tempo. Depois, levantaram-se com relutância, olhando para seus relógios de bolso.

O sol descambara para lá dos campos recém-arados, e o contorno alto da mata assomava escuro do outro lado do rio. Andorinhas-da-chaminé voavam como dardos no quintal. Galinhas, patos e perus voltavam do campo, cada qual com seu andar característico.

Stuart gritou: “Jeems!” Pouco depois, um negro da idade deles corria esbaforido em volta da casa para ir buscar os cavalos que tinha deixado amarrados. Jeems era o criado pessoal deles e, como os cães, acompanhava-os

para todo lado. Fora companheiro de brincadeiras deles, presente de aniversário que receberam ao completarem dez anos. Ao vê-lo, os cães de caça levantaram-se da terra vermelha e, alertas, ficaram esperando os donos. Os rapazes se curvaram e cumprimentaram Scarlett com um aperto de mão, dizendo-lhe que iriam esperá-la cedo pela manhã na casa dos Wilkes. Depois, desceram depressa o passeio, montaram em seus cavalos e, seguidos de Jeems, partiram a galope pela alameda de cedros, acenando os chapéus e gritando para ela.

Passada a curva da estrada de terra que os escondia de Tara, Brent fez parar o cavalo embaixo de uma moita de cornisos. Stuart parou também. O jovem negro fez o mesmo alguns passos atrás. Os cavalos, sentindo as rédeas soltas, espicharam os pescoços para cortar o tenro capim de primavera, enquanto os cães, pacientes, tornaram a se deitar na terra vermelha e macia, de olho nas andorinhas que volteavam no lusco-fusco. O rosto ingênuo de Brent demonstrava perplexidade e certa indignação.

— Olhe — disse ele. — Você não achou que ela ia nos convidar para a ceia?

— Achei — disse Stuart. — Fiquei esperando o convite, mas não veio. O que você acha disso?

— Não acho nada. Mas achei que ela poderia nos convidar. Afinal, chegamos ontem, e ela não nos via há um bom tempo. E tínhamos muito mais coisas para contar.

— Me pareceu que ela ficou muito feliz de nos ver quando chegamos.

— Também achei.

— E de repente, há uma meia hora, ficou quieta, como se estivesse com dor de cabeça.

— Eu reparei, mas aí não dei importância. O que acha que a incomodou?

— Não sei. Acha que foi alguma coisa que dissemos?

Ambos pensaram um instante.

— Não está me ocorrendo nada. Além do mais, quando Scarlett se irrita, todo mundo vê. Ela não é como essas moças que sabem se controlar.

— Sim, é disso que gosto nela. Ela não fica de cara amarrada. Quando se irrita, fala na hora. Mas foi alguma coisa que fizemos ou dissemos que a deixou calada e meio abatida. Eu podia jurar que ficou feliz de nos ver quando chegamos e pretendia nos convidar para a ceia.

— Você não acha que é porque fomos expulsos?

— Não, caramba! Não seja idiota. Ela riu à beça quando lhe contamos a respeito. Além do mais, Scarlett dá tanta importância ao que se aprende nos livros quanto nós.

Brent virou-se para trás e chamou o criado negro.

— Jeems!

— Sinhô!

— Você ouviu sobre o que falávamos com a srta. Scarlett?

— Num ovi não, sô Brent! Antão acha qu'eu ia espiá gente branca?

— Espiar, meu Deus! Vocês, negrinhos, sabem tudo o que se passa. Ora, seu mentiroso, eu vi você rodear a varanda e se agachar atrás do pé de gardênia perto da parede. Agora, você nos ouviu dizer alguma coisa capaz de irritar ou magoar a srta. Scarlett?

Assim questionado, Jeems desistiu de fingir não ter entreouvido a conversa e franziu seu cenho negro.

— Não, sinhô, num vi ocês dizê nada pra irritar ela. Achei qui ela ficou feliz di vê ocês i qui tava cum saudades. Tava toda alegrinha, até q'ocês começô a falá du casamento du sinhô Ashley c'a sinhá dona Melly Hamilton. Aí ela ficou quieta feito passarinho quando vê farcão rondano.

Os gêmeos se entreolharam, assentindo com a cabeça, mas sem compreender.

— Jeems tem razão. Mas não vejo por quê — disse Stuart. — Meu Deus! Ashley para ela não é mais que um amigo. Ela não é louca por ele. É por nós que ela é louca.

Brent balançou a cabeça, concordando.

— Mas será — indagou ele — que talvez Ashley não tenha dito a ela que ia anunciar o noivado amanhã à noite, e ela tenha ficado danada com ele por não ter lhe contado em primeira mão, sendo ela uma velha amiga? As mulheres acham muito importante serem as primeiras a saber dessas coisas.

— Bem, pode ser. Mas e se ele não contou a ela que era amanhã porque era para ser um segredo e uma surpresa? Todo homem tem o direto de ser discreto a respeito do próprio noivado, não? Não teríamos sabido disso se a tia da srta. Melly tivesse guardado a língua na boca. Mas Scarlett já devia saber que, mais dia, menos dia, ele se casaria com a srta. Melly. Ora, sabíamos disso há anos. Os

Wilkes e os Hamiltons sempre se casam com primos. Todo mundo sabia que ele acabaria se casando com ela, assim como Honey Wilkes vai se casar com o irmão da srta. Melly, Charles.

— Bem, desisto. Mas fiquei triste porque ela não nos convidou para a ceia. Juro que não estou querendo ir para casa ouvir a mamãe nos passar um sabão por termos sido expulsos. Essa não é a primeira vez.

— Quem sabe Boyd já acalmou a mamãe. Você conhece a lábia que aquele vermezinho tem. Sempre consegue amansá-la.

— É, ele consegue, mas leva tempo. Ele tem que ir com rodeios até deixar a mamãe tão confusa que ela acaba desistindo e mandando ele poupar a voz para a advocacia. Mas ele ainda não teve tempo de começar. Ora, aposto que a mamãe ainda está tão alvoroçada com o cavalo novo que só vai se dar conta de que estamos outra vez em casa quando se sentar para cear hoje à noite e vir o Boyd. E, antes do fim da ceia, vai estar com a corda toda, cuspindo fogo. Só depois de dez horas o Boyd vai ter uma chance de contar a ela que não ficaria nada bem continuarmos na faculdade depois do que o chanceler disse a nós dois. E vai passar de meia-noite quando ele conseguir dar a volta nela, deixando ela tão danada com o chanceler que vai perguntar ao Boyd por que não deu um tiro nele. Não, não podemos voltar antes de passar de meia-noite.

Os gêmeos se entreolharam desanimados. Não tinham medo nenhum de cavalos selvagens, de tumultos com tiroteio nem da indignação da vizinhança, mas tinham um medo visceral das broncas de sua mãe ruiva e do chicote que ela não hesitava em lhes estalar nas nádegas.

— Bem, olhe — disse Brent. — Vamos para a casa dos Wilkes. Ashley e as meninas vão ficar felizes de nos receber para a ceia.

Stuart ficou meio sem jeito.

— Não, não vamos para lá. Eles devem estar atrapalhados com os preparativos do churrasco de amanhã e além do mais…

— Ah, eu tinha esquecido — respondeu Brent imediatamente. — Não, não vamos para lá.

Eles estalaram a língua para os cavalos e seguiram em silêncio por algum tempo, enquanto as faces morenas de Stuart coravam de embaraço. Até o verão anterior, Stuart cortejara India Wilkes com a aprovação de ambas as famílias e

de todo o condado. Todos achavam que talvez a tranquila e contida India teria sobre ele um efeito calmante. De qualquer maneira, torciam muito para isso. E Stuart talvez fosse um bom par para ela, mas Brent não estava satisfeito. Gostava de India, mas achava-a feia e sem sal, e simplesmente não seria capaz de apaixonar-se por ela para fazer companhia a Stuart. Essa foi a primeira vez que os interesses dos gêmeos divergiram. Brent estava sentido pelo fato de o irmão dar atenção a uma moça que lhe não parecia nada interessante.

Então, no último verão, assistindo a um discurso político em um bosque de carvalhos, em Jonesboro, subitamente os dois notaram Scarlett O'Hara. Conheciam-na havia muitos anos, e desde pequena fora uma grande companheira de brincadeiras, pois sabia montar a cavalo e trepar em árvores quase tão bem quanto eles. Mas agora, para espanto de ambos, ela estava uma mocinha, talvez a mais encantadora do mundo.

Pela primeira vez repararam no modo como seus olhos verdes dançavam, e como suas covinhas se acentuavam quando ela ria; como tinha pés e mãos delicados; como sua cintura era fina. Os comentários inteligentes deles provocaram-lhe boas gargalhadas e, inspirados pela ideia de que ela os considerava uma dupla extraordinária, os dois quase se superaram.

Foi um dia memorável na vida dos gêmeos. Depois, quando o relembravam, sempre se perguntavam por que não tinham notado antes os encantos de Scarlett. Nunca chegavam à resposta correta. A verdade era que, naquele dia, Scarlett resolvera se fazer notar. Intrinsecamente incapaz de suportar que um homem se apaixonasse por alguém que não fosse ela, a visão de India Wilkes e Stuart no discurso exacerbara sua natureza predatória. Não contente em ter apenas Stuart, partiu para conquistar Brent também, e com um empenho que impressionou os dois.

Agora estavam ambos apaixonados por ela. Assim, India Wilkes e Letty Munroe, de Lovejoy, que Brent andara cortejando sem muito entusiasmo, caíram no esquecimento deles. O que faria o perdedor, caso Scarlett aceitasse um deles, os gêmeos não perguntavam. Decidiriam quando a situação se confirmasse. Por ora, estavam bastante satisfeitos de voltar a concordar a respeito de uma moça, pois entre eles não havia ciúmes. Essa situação despertava o interesse dos vizinhos e aborrecia a mãe deles, que não gostava de Scarlett.

— Será bem feito para vocês se aquela ardilosa aceitar um dos dois — dizia ela. — Ou talvez aceite a ambos, e vocês vão ter que se mudar para Utah, se os mórmons os aceitarem, o que eu duvido… O que me incomoda é que um dia desses vocês vão se embriagar e, com ciúmes um do outro por causa daquela sirigaitazinha de olhos verdes e duas caras, vão acabar atirando um no outro. O que talvez não seja má ideia.

Desde o dia do discurso, Stuart sentia-se mal na presença de India. Não que ela o recriminasse, ou indicasse por um olhar ou um gesto ter notado a súbita mudança do foco de suas atenções. Era refinada demais para isso. Mas Stuart sentia-se culpado e pouco à vontade com ela. Sabia que a fizera amá-lo e sabia que ela ainda o amava, e, no íntimo, tinha o sentimento de que não agira como cavalheiro. Ainda gostava extremamente dela e a respeitava pelo requinte de sua educação, por sua cultura literária, por todas as qualidades excepcionais que possuía. Mas, ora bolas, ela era tão pálida e desinteressante e previsível, enquanto Scarlett irradiava um encanto sempre inesperado! Sempre se sabia em que pé se estava com India, e com Scarlett isso não acontecia, o que, apesar de confundir os homens, tinha o seu encanto.

— Bem, vamos à casa do Cade Calvert para a ceia. Scarlett disse que Cathleen tinha voltado de Charleston. Talvez ela nos traga as últimas novidades sobre o forte Sumter.

— A Cathleen, não. Aposto com você que ela nem sabia que tinha um forte no porto, que dirá que ele estava cheio de ianques até os expulsarmos de lá à bala. Ela só vai saber dos bailes a que foi e dos namorados que colecionou.

— Bem, é divertido ouvi-la tagarelar. E vai ser um refúgio onde podemos fazer hora enquanto mamãe não for se deitar.

— Bom, que inferno! Eu gosto da Cathleen, ela é divertida e eu gostaria de saber da Caro Rhett e do resto do pessoal de Charleston. Mas não vou aguentar fazer outra refeição na companhia daquela madrasta ianque dela.

— Não seja muito duro com ela, Stuart. Ela é bem-intencionada.

— Não estou sendo duro com ela. Tenho pena dela, mas não gosto de gente de quem eu tenha que ter pena. E ela é tão certinha, tentando ser educada e nos deixar à vontade, que consegue meter os pés pelas mãos. Ela me dá nos nervos! E acha que os sulistas são bárbaros selvagens. Quando estamos lá, ela sempre dá

a impressão de estar morta de medo. Me faz lembrar uma galinha magra empoleirada em uma cadeira, com os olhos meio brilhantes, vazios e apavorados, pronta para bater asas e cacarejar ao menor movimento das pessoas.

— Bem, você não pode censurá-la. Você acertou um tiro na perna do Cade.

— Bem, eu estava bêbado, senão não tinha feito isso — disse Stuart. — E o Cade nunca ficou ressentido. Nem a Cathleen nem o Raiford nem o sr. Calvert. Foi só aquela madrasta ianque que começou a gritar dizendo que eu era um bárbaro selvagem e que gente decente corria perigo perto de sulistas grosseiros.

— Bem, não se pode culpá-la. Ela é uma ianque e não tem muitos bons modos. E, afinal de contas, você deu, sim, um tiro nele, e ele é enteado dela.

— Ora bolas! Isso não é desculpa para me insultar! Você é sangue do sangue da mamãe, e ela brigou quando você levou um tiro na perna do Tony Fontaine? Não. Ela só mandou buscar o velho dr. Fontaine para tratar da perna e perguntou a ele o que estava prejudicando a pontaria do Tony. Disse desconfiar que era o álcool. Lembra como isso enfureceu o Tony?

Os dois rapazes gargalharam.

— A mamãe é uma figura! — disse Brent com carinho. — Pode-se contar sempre com ela para fazer o que é certo e não nos depreciar diante dos outros.

— Sim, mas é bem capaz de nos fazer passar vergonha na frente do papai e das meninas hoje à noite — disse Stuart, desanimado. — Olha, Brent. Acho que isso significa que não vamos para a Europa. Você sabe que mamãe disse que se fôssemos expulsos de outra faculdade podíamos dar adeus à nossa viagem.

— Ora bolas! Nós não ligamos para isso, não é? O que tem para ver na Europa? Aposto que aqueles estrangeiros não conseguem nos mostrar uma única coisa que não tenhamos aqui na Geórgia. Aposto que lá não tem cavalos tão velozes nem moças tão bonitas, e sei muito bem que não tem nenhum uísque de centeio que se compare ao do papai.

— Ashley Wilkes disse que lá tem paisagem e música aos montes. Ashley gostou da Europa. Vive falando nisso.

— Bem, sabe como são os Wilkes. São meio excêntricos em relação a música, livros e paisagens. Mamãe diz que é porque o avô deles veio da Virgínia. Diz que o povo de lá dá muito valor a essas coisas.

— Que fiquem com elas. Me dê um cavalo bom para montar, umas boas bebidas para beber, uma boa menina para namorar e uma garota má para me divertir, que eu deixo a Europa para quem quiser… Lá estamos nos importando de perder a viagem? Imagine se estivéssemos agora na Europa, com a guerra prestes a estourar? Não poderíamos chegar a tempo. Prefiro mil vezes ir para uma guerra a ir para a Europa.

— Eu também, sempre… Olhe, Brent! Sei onde podemos cear. Vamos pelo pântano até a casa do Abel Wynder para dizer a ele que estamos todos os quatro de novo em casa, e prontos para o exercício.

— É uma ideia! — exclamou Brent com entusiasmo. — E podemos saber de todas as novidades da Tropa e descobrir a cor que acabaram escolhendo para os uniformes.

— Se for zuavo, não entro para a Tropa nem morto. Eu me sentiria um maricas dentro daquelas calças vermelhas bufantes. Parecem ceroulas femininas de flanela vermelha.

— Ocês tá pretendeno ir nu sinhô Wynder? Purque si tá num vai arranjá muito di cumê — disse Jeems. — A cunzinhera deles morreu, i num comprar'uma nova. Tão cum uma peoa cuzinhano, i os nêgo dissero qui ela é a pior cuzinhera du istado.

— Meu Deus! Por que não compram outra cozinheira?

— Cumé qui pode ralé branca comprá nêgo? Eles nunca teve mais di quatro.

Havia franco desprezo na voz de Jeems. Sentia-se seguro de sua posição social, uma vez que os Tarletons possuíam cem negros. E, como todo escravo das grandes fazendas, desprezava os pequenos fazendeiros de poucos escravos.

— Vou tirar o seu couro por isso! — exclamou Stuart ferozmente. — Não chame Abel Wynder de "ralé branca". Com certeza ele é pobre, mas não é ralé. E quero que um raio me parta se eu deixar algum homem, preto ou branco, falar mal dele. Não tem no condado homem melhor que ele, senão por que a Tropa o teria escolhido para tenente?

— Ah, nunca intendi isso — respondeu Jeems, sem se perturbar com a bronca de seu senhor. — Acho qui eles devia di pegá us oficiá das família rica im vez da ralé dos brejo.

— Ele não é ralé! Você quer compará-lo com a ralé branca de verdade, como os Slatterys? Abel só não é rico. É um pequeno proprietário rural, não um grande fazendeiro. E, se os rapazes o tinham em tão boa conta que o escolheram para tenente, não é para nenhum preto falar dele com atrevimento. A Tropa sabe o que faz.

A tropa de cavalaria fora organizada três meses antes, no mesmo dia em que a Geórgia separou-se da União, e desde então os recrutas andavam ansiosos pela guerra. A unidade ainda não tinha nome, embora não por falta de sugestão. Todo mundo tinha a própria ideia a esse respeito e não queria abrir mão dela. Em relação à cor e ao corte dos uniformes, era igual. “Gatos Selvagens de Clayton”, “Comedores de Fogo”, “Hussardos do Norte da Geórgia”, “Zuavos”, “Os Rifles do Interior” (embora a Tropa fosse se armar com pistolas, sabres e punhais, e não com rifles), “Os Cinzentos de Clayton”, “Sangue Trovejante”, “Os Brutos e Prontos”, todas as denominações tinham seus partidários. Até a questão ser resolvida, todos se referiam à organização como a Tropa e, apesar do nome espalhafatoso finalmente adotado, foi sempre conhecida como “A Tropa”.

Os oficiais eram eleitos pelos membros, pois não havia no condado quem tivesse tido qualquer experiência militar a não ser alguns veteranos das guerras do México e dos Seminoles. Além disso, o veterano que não tivesse a confiança e a simpatia da Tropa seria ridicularizado como líder. Todos gostavam dos quatro rapazes Tarletons e dos três Fontaines, mas, com pesar, recusaram-se a elegê-los. Os primeiros, por se embriagarem depressa demais e gostarem de pregar peças, e os últimos, por serem impulsivos e sanguinários. Ashley Wilkes foi eleito capitão, por ser o melhor cavaleiro do condado e porque contavam com sua serenidade para manter uma aparência de ordem. Raiford Calvert foi escolhido para primeiro-tenente por ser bem quisto por todos. Abel Wynder, pequeno fazendeiro e filho de um caçador do pântano, foi eleito segundo-tenente.

Abel era um gigante. Sério, astuto, analfabeto e bondoso, era mais velho que os outros rapazes e comportava-se igual ou melhor que eles na presença de senhoras. Havia pouco esnobismo na Tropa, uma vez que muitos de seus membros eram filhos e netos de pequenos fazendeiros que haviam enriquecido. Ademais, Abel era o melhor gatilho da Tropa, um atirador de verdade que conseguia acertar o olho de um esquilo a setenta metros. E sabia tudo sobre vida

ao ar livre, fazer fogueiras debaixo de chuva, rastrear animais e encontrar água. A Tropa se curvava diante de quem realmente tinha valor. E, além disso, como gostavam de Abel, eles o promoveram a oficial. Ele aceitara a honraria com seriedade, sem nenhuma presunção, como se não fizesse mais que sua obrigação. Mas, embora os fazendeiros relevassem sua origem humilde, suas esposas e seus escravos torciam-lhe o nariz.

No início, a Tropa havia sido recrutada exclusivamente entre os filhos dos fazendeiros, uma unidade de cavalheiros, em que cada homem entrava com seu cavalo, suas armas, seu equipamento, seu uniforme e seu criado pessoal. Mas fazendeiros ricos eram poucos no jovem condado de Clayton, e, para reunir uma tropa completa, fora necessário recrutar filhos de pequenos fazendeiros, caçadores dos bosques e dos pântanos, brancos do povo e, em alguns casos, até brancos pobres que estivessem acima da média de sua classe.

Esses últimos jovens estavam tão ansiosos para combater os ianques como seus vizinhos ricos, caso estourasse a guerra, mas surgiu a delicada questão financeira. Poucos pequenos fazendeiros possuíam cavalos. Eles usavam mulas na lida da fazenda e tinham a conta certa desses animais, raramente mais de quatro, que não podiam ser dispensados para servir na guerra, mesmo se fossem considerados aceitáveis pela Tropa, o que não era o caso. Quanto aos brancos pobres, já se considerariam bem de vida se possuíssem uma única mula. Os caçadores, tanto dos bosques quanto dos pântanos, não tinham cavalos nem mulas. Viviam exclusivamente do produto de suas terras e da caça dos pântanos, só negociando pelo sistema de escambo, e raramente viam cinco dólares em efetivo por ano. Assim, cavalos e uniformes estavam fora de seu alcance. Mas tinham o mesmo orgulho feroz em sua pobreza que os fazendeiros tinham em sua riqueza, e não aceitavam dos vizinhos ricos nada que lembrasse caridade. Então, levando em conta os sentimentos de todos, o pai de Scarlett, John Wilkes, Buck Munroe, Jim Tarleton, Hugh Calvert, aliás, todos os grandes fazendeiros no condado com exceção de Angus MacIntosh, haviam contribuído com dinheiro para equipar a Tropa — cavalos e homens. A consequência disso foi que todo fazendeiro concordou em pagar para equipar não só os seus filhos, como também um número determinado de outros pretendentes, mas de tal

maneira que os membros mais pobres da unidade podiam aceitar cavalos e uniformes sem se sentir diminuídos.

A Tropa se reunia duas vezes por semana em Jonesboro para se exercitar e rezar pelo início da guerra. Ainda não haviam terminado os preparativos para completar a cota integral de cavalos, e os que os possuíam já executavam o que imaginavam ser manobras de cavalaria no campo atrás do tribunal. Levantavam uma grande quantidade de poeira, gritavam até ficarem roucos e brandiam as espadas da guerra da Revolução retiradas das paredes de salões. Os que ainda não tinham cavalos sentavam-se no meio-fio em frente ao armazém de Bullard e observavam seus camaradas montados, mascavam tabaco e contavam histórias. Ou entravam em competições de tiro. A maioria dos sulistas nascera com uma espingarda na mão e, tendo passado a vida caçando, tornaram-se todos grandes atiradores.

Um leque variado de armas de fogo provenientes das casas dos fazendeiros e das cabanas dos pântanos aparecia a cada revista de tropas. Havia compridas espingardas de caça que eram novas quando os montes Allegheny foram cruzados pela primeira vez, velhas armas carregáveis pela boca que haviam matado muitos índios em 1812 nas guerras dos Seminoles e no México, pistolas de duelo montadas em prata, garruchas de bolso, espingardas de cano duplo e belos rifles novos de fabricação inglesa com reluzentes coronhas de madeira fina.

Os exercícios sempre terminavam nos *saloons* de Jonesboro e, ao cair da noite, tantas brigas haviam começado que os oficiais tinham muito trabalho para evitar baixas antes que os ianques pudessem infligi-las. Foi durante uma dessas brigas que Stuart Tarleton atirou em Cade Calvert, e Tony Fontaine, em Brent. Os gêmeos tinham acabado de ser expulsos da Universidade da Virgínia e, estando em casa quando a Tropa se organizou, aderiram a ela com entusiasmo. Mas, depois do episódio do tiro, havia dois meses, sua mãe os despachara para a universidade estadual, com ordens de lá permanecer. Enquanto estavam fora, os gêmeos sentiram muita falta da animação dos exercícios. Consideravam perda de tempo a educação que não lhes permitia montar a cavalo, gritar e dar tiros na companhia dos amigos.

— Bem, vamos cortar caminho para a casa do Abel — sugeriu Brent. — Podemos atravessar a várzea do sr. O'Hara e o pasto dos Fontaines para chegar lá rapidinho.

— Num vai tê nada pra cumê a num sê gambá i verdura — argumentou Jeems.

— E você não vai comer nada — disse Stuart mostrando os dentes. — Porque vai para casa dizer à mamãe que não vamos chegar para a ceia.

— Num vô não! — exclamou Jeems alarmado. — Num vô não! Eu num acho mais graça do qu'ocês im levá bronca da sinhá Beetriss. Primero ela vai mim preguntá cumé qu'eu dexei ocês sê expurso di novo. Dispois, cumé qu'inda num levei ocês pra casa prá ela dá bronca n'ocês. E aí vai avuá ni mim igual passarim nos bisoro, i eu qui vô pagá o pato. S'ocês num mim levá pro seu Wynder, vô passá a noite toda nu mato pra vê si os patrulhero mim pega, porque é mió eles mim pegá du qu'a sinhá Beetriss quando tá atacada.

Os gêmeos olharam com perplexidade e indignação para o garoto negro determinado.

— Ele é bem capaz de se deixar apanhar, o que daria à mamãe mais um assunto para falar durante semanas. Juro, os negrinhos são mais problema. Às vezes acho que os abolicionistas estão com a razão.

— Bem, não seria certo fazer o Jeems enfrentar o que não queremos enfrentar. Temos que levá-lo. Mas, olhe, seu moleque sem-vergonha, se você ficar de nariz em pé na frente dos negrinhos do Wynder e insinuar que temos frango frito e presunto para comer todos os dias, enquanto eles só têm gambá e coelho, eu… eu conto para a mamãe. E também não deixamos você ir para a guerra conosco.

— Nariz im pé? Eu ficar de nariz im pé pr'aqueles criôlo barato? Não, sinhô. Eu tenho mais inducação. Num foi a mesma qu'a sinhá deu pr'ocês tudo?

— Ela não fez um trabalho muito bom com nenhum de nós três — disse Stuart. — Vamos lá, vamos indo.

Ele fez recuar o alazão ruivo e, esporeando-o, o fez saltar a cerca do campo macio da fazenda de Gerald O'Hara. O cavalo de Brent foi atrás e depois o de Jeems, com este agarrado à sela e à crina. Jeems não gostava de pular cercas, mas já tinha pulado mais altas que aquela para acompanhar seus senhores.

Enquanto desciam com cuidado a encosta vermelha cheia de sulcos a caminho da várzea, Brent gritou para o irmão:

— Olha, Stu! Você não achou que a Scarlett ia nos convidar para a ceia?

— Eu achava que ela ia — gritou Stuart. — Porque será que…

Capítulo 2

Quando os gêmeos partiram, deixando Scarlett em pé na varanda de Tara, e o último som do galope dos cavalos morreu, ela voltou para a cadeira como uma sonâmbula. Passara tanto tempo exibindo um riso forçado, sem querer trair seu segredo para os gêmeos, que agora sentia o rosto tenso e a boca dolorida. Sentou-se cansada, pondo um dos pés embaixo do corpo. Seu coração, inundado de tristeza, parecia não caber no peito, e batia totalmente descompassado. Com as mãos geladas, ela tinha uma sensação opressiva de desastre. Sua fisionomia expressava dor e perplexidade, perplexidade de criança mimada, acostumada a ter todas as vontades satisfeitas e que, pela primeira vez, se deparava com as decepções da vida.

Ashley ia se casar com Melanie Hamilton!

Ah, não podia ser verdade! Os gêmeos tinham se enganado. Estavam lhe pregando uma de suas peças. Ashley não podia, não podia estar apaixonado por Melanie. Ninguém podia se apaixonar por uma pessoinha tímida como Melanie. Scarlett recordou com desprezo a figura magra e infantil de Melanie, aquele rosto sério em forma de coração, tão sem graça que chegava a ser feio. E Ashley não devia vê-la havia meses. Não estivera em Atlanta mais de duas vezes desde a festa que dera no ano anterior em Twelve Oaks. Não, Ashley não podia estar apaixonado por Melanie, porque — ah, ela não podia estar enganada! —, porque estava apaixonado por ela! Ela, Scarlett, era quem ele amava — ela sabia disso!

Scarlett ouviu os passos pesados de Mammy vibrarem no piso do corredor e rapidamente se endireitou na cadeira, tentando dar ao semblante uma expressão mais serena. Nunca era bom deixar Mammy desconfiar de que as coisas não iam bem. Julgava que os O’Haras lhe pertenciam, de corpo e alma, e que seus segredos eram os segredos dela. Bastava uma insinuação de mistério para ela farejar a pista, implacável como um perdigueiro. Scarlett sabia por experiência própria que, se não tivesse a curiosidade imediatamente satisfeita, Mammy

começaria a discutir o assunto com Ellen. Então Scarlett seria forçada a revelar tudo à mãe, caso não pensasse em uma mentira plausível.

Mammy surgiu do corredor. Era uma velha enorme, de olhinhos perspicazes como os de um elefante. Retinta, africana pura, dedicada até a última gota de sangue aos O'Haras, era o esteio principal de Ellen, o desespero de suas três filhas e o terror dos outros criados da casa. Mammy podia ser negra, mas em termos de orgulho e de rigidez em relação ao seu código de conduta, superava seus senhores. Fora criada no quarto de Solange Robillard, a mãe de Ellen O'Hara, uma francesa delicada de nariz em pé, que não poupava nem os filhos nem os criados de castigo por qualquer quebra de decoro. Fora a mãe preta de Ellen e acompanhou-a na mudança de Savannah para o norte quando ela se casou. Ela punia todos que amava. E, como o amor e o orgulho que sentia por Scarlett eram enormes, o processo de punição era praticamente contínuo.

— Os moço já foi? Cumé c'ocê num convidô eles pra ceia, sinhazinha Scarlett? Eu tinha mandado o Pok botá mais dois prato pra eles. Onde tão seus modo?

— Ah, eu estava tão cansada da conversa deles sobre a guerra que não ia aguentar continuar ouvindo aquela lenga-lenga a ceia inteira, ainda mais com o papai se envolvendo e esbravejando sobre o sr. Lincoln.

— Ocê num tem mais modo qui uma peoa, i dispois du tanto di trabaio qui a sinhá Ellen i eu teve c'ocê. I ocê tá sem xale. I a noite tá caino! Já num cansei di falá qui si apanhá friage da noite sem nada nos ombr'ocê pode ficá cum febre? Vem pra dentro, sinhazinha Scarlett.

Scarlett afastou-se de Mammy com uma indiferença calculada, dando graças pela preocupação com o xale, que não a deixara notar a expressão em seu rosto.

— Não, eu quero ficar sentada aqui para ver o pôr do sol. É muito bonito. Vá você buscar o meu xale. Por favor, Mammy, e fico aqui esperando o papai chegar.

— Ocê tá cum voz di quem tá si resfriano — disse Mammy, desconfiada.

— Não estou não — respondeu Scarlett com impaciência. — Vá buscar meu xale.

Mammy entrou com aquele seu andar de pata, e Scarlett ouviu-a falar baixinho, pelo vão da escada, com a criada que estava no andar de cima:

— Rosa! Ocê mim joga u xale da sinhá Scarlett. — Depois, mais alto: — Criôla inúti! Nunca tá onde deve. Agora vô tê qui subi lá im cima pra pegá.

Scarlett ouviu os degraus rangerem e pôs-se de pé de mansinho. Quando Mammy voltasse, retomaria o sermão sobre a falta de hospitalidade. E Scarlett sentiu que não era capaz de aguentar o falatório sobre algo tão banal quando seu coração tinha sido despedaçado. Enquanto estava ali parada, hesitante, perguntando-se onde poderia se esconder até a dor em seu peito diminuir um pouco, ocorreu-lhe uma ideia, trazendo um raiozinho de esperança. Naquela tarde, o pai fora a cavalo a Twelve Oaks, a fazenda dos Wilkes, com o objetivo de comprar Dilcey, a corpulenta esposa de seu criado pessoal, Pork. Dilcey era a chefe da criadagem feminina e servia de parteira em Twelve Oaks. Desde o casamento, seis meses atrás, Pork vivia atazanando dia e noite o seu senhor para que comprasse Dilcey e eles pudessem morar na mesma fazenda. Naquela tarde, Gerald, já cansado de resistir, fora fazer uma oferta por Dilcey.

Com certeza, pensou Scarlett, *papai vai saber se essa história horrorosa é verdade. Mesmo que não tenha ouvido nada esta tarde, talvez tenha notado alguma coisa diferente na família Wilkes. Se eu conseguir vê-lo a sós antes da ceia, talvez descubra a verdade — que isso é só uma das brincadeiras de mau gosto d*os gêmeos.

Já era hora de Gerald voltar e, se ela esperava vê-lo a sós, não havia outro jeito senão encontrá-lo onde a entrada da fazenda dava na estrada. Desceu os degraus da frente sem fazer barulho, olhando com cuidado por cima do ombro para confirmar que Mammy não a observava das janelas do andar de cima. Não vendo o rosto negro e largo com aquele turbante branquíssimo espiando criticamente por entre as cortinas esvoaçantes, Scarlett apanhou com audácia as saias verdes floridas e saiu correndo em direção à entrada o mais depressa que seus sapatinhos atados com fita podiam levá-la.

Os cedros escuros de cada lado da estrada de cascalho encontravam-se no alto, transformando a longa alameda em um túnel sombrio. Mal chegou embaixo dos braços nodosos dos cedros, ela viu que estava a salvo da observação da casa e diminuiu o passo. Arfava, pois o espartilho apertado não lhe permitia correr muito, mas seguiu andando o mais depressa que pôde. Logo chegou ao

entroncamento da alameda com a estrada, mas só parou depois de dobrar a curva que colocava um grupo grande de árvores entre ela e a casa.

Corada e ofegante, sentou-se em um tronco para esperar o pai. Já passava da hora em que ele devia estar de volta, mas esse atraso a deixou feliz. Assim teria tempo de recuperar o fôlego e se mostrar calma para não despertar suspeitas. A todo instante, esperava ouvir o galope do cavalo do pai e vê-lo surgir morro acima naquela habitual disparada em que arriscava quebrar o pescoço. Mas os minutos passavam e Gerald não aparecia. Ela o procurava com os olhos na estrada, a dor no coração tornando a apertar.

Ah, não pode ser verdade!, pensou. *Por que ele não vem p*ara casa?

Seus olhos acompanhavam a estrada sinuosa, agora cor de sangue depois da chuva da manhã. Fez mentalmente o seu percurso da colina até o vagaroso rio Flint, atravessando as intrincadas vargens pantanosas para subir pela outra colina até Twelve Oaks, onde Ashley morava. Agora a estrada era apenas isso — um caminho que levava a Ashley e à bela casa de colunas brancas coroando a colina como um templo grego.

Ah, Ashley! Ashley!, pensou, e seu coração disparou.

Um pouco daquela sensação gelada de perplexidade e desastre provocada pela indiscrição dos rapazes Tarletons desaparecera, dando lugar à febre que não a deixava havia dois anos.

Estranhava agora que, nos primeiros anos da adolescência, nunca notara nada de mais atraente em Ashley. Quando criança, via-o chegar e partir, mas nunca pensava nele. Porém, desde o dia, dois anos atrás, em que, voltando da viagem de três anos pela Europa, Ashley fora à sua casa prestar seus respeitos, ela o amou. Foi simples assim.

Scarlett estava na varanda da frente quando ele surgira a cavalo pela longa alameda. Trajava um paletó de casimira cinzenta, com uma larga gravata preta que realçava corretamente o jabô da camisa. Ela ainda recordava cada detalhe de sua indumentária: o brilho das botas, o camafeu representando uma cabeça de medusa no alfinete da gravata, o grande chapéu-panamá que ele tirou ao avistá-la. Ashley apeara, jogara as rédeas para um negrinho e ficara olhando para ela com os sonolentos olhos cinzentos arregalados. Sorria. O sol batia em cheio em seus cabelos louros, transformando-os em um reluzente barrete prateado. Disse:

“Como você cresceu, Scarlett.” E, subindo ligeiro os degraus, beijara sua mão. E a voz dele! Nunca esqueceria a palpitação em seu coração ao ouvi-la, como se pela primeira vez, arrastada, sonora, musical.

Quisera-o desde aquele primeiro instante. Quisera-o de forma tão simples e natural como queria comida para comer, cavalos para montar e uma cama macia para se deitar.

Durante dois anos ele fora seu escudeiro, acompanhando-a a eventos da região, bailes, piqueniques e feiras, nunca com tanta frequência quanto os gêmeos Tarletons ou Cade Calvert, nem com a insistência dos rapazes Fontaines mais jovens, mas não se passava uma semana sem que Ashley fizesse uma visita a Tara.

Certo, ele nunca lhe fez gestos de namorado, e ela nunca vira em seus olhos cinzentos aquele brilho ardente que conhecia tão bem em outros homens. E no entanto — e no entanto — Scarlett sabia que ele a amava. Não poderia estar enganada. Um instinto mais forte que a razão e um conhecimento nascido da experiência lhe diziam que ele a amava. Quantas vezes não surpreendera aqueles olhos, sem a expressão sonolenta e distante, a olhá-la com um desejo e uma tristeza que a intrigavam? Ela *sabia* que ele a amava. Por que não se declarava? Isso ela não podia entender. Mas havia muitas coisas sobre ele que ela não entendia.

Era sempre atencioso, mas alheio, distante. Ninguém jamais sabia dizer onde estava o seu pensamento, e Scarlett menos ainda. Em um ambiente no qual as pessoas diziam exatamente o que lhes passava pela cabeça, a reserva de Ashley exasperava. Ele era tão eficiente como qualquer outro rapaz do condado em relação às atividades de lazer. Caçava, jogava, dançava, discutia política e montava melhor que qualquer um. Mas o que o distinguia dos outros era que essas atividades não constituíam a razão de ser e o objetivo da sua vida. Era o único que se interessava por livros, por música, e ainda gostava de escrever poesia.

Por que era tão lindamente louro, tão atencioso e ao mesmo tempo indiferente? E tão irritantemente enfadonho, com aquelas conversas sobre a Europa, os livros, a música e a poesia, coisas sem o menor interesse para ela — e, mesmo assim, tão desejável? Muitas noites, depois de passar algum tempo

conversando com ele à meia-luz da varanda, Scarlett ia se deitar e não conseguia dormir. Ficava horas se revirando na cama, tendo como único consolo a ideia de que, na próxima vez que se encontrassem, ele pediria sua mão. Mas a próxima vez chegava, e ia embora, e nada acontecia — só a sua fixação febril aumentava cada vez mais.

Scarlett o amava. Desejava-o, mas não o entendia. Era tão direta e simples quanto os ventos que sopravam em Tara e o rio barrento que ali serpeava. Até o fim de seus dias, nunca seria capaz de entender uma complexidade. E agora, pela primeira vez, via-se diante de uma natureza complexa.

Ashley pertencia a uma linhagem de homens que usavam o tempo de lazer para pensar, não para agir. Para tecer sonhos coloridos desprovidos de qualquer ligação com a realidade. Vivia em um mundo interior que era mais belo que a Geórgia e do qual só voltava com relutância. Olhava para as pessoas e não gostava nem desgostava delas. Olhava a vida e não se animava nem se entristecia. Aceitava o universo e o lugar que nele ocupava e, dando de ombros, voltava-se para sua música e seus livros e seu mundo melhor.

Por que, tendo uma cabeça tão diferente, a havia cativado assim, Scarlett não sabia. Era um mistério que atiçava sua curiosidade como uma porta sem fechadura nem chave. Essas coisas que não entendia nele só intensificavam o seu amor. A maneira esquisita e contida com que ele lhe fazia a corte só aumentava sua determinação de tê-lo exclusivamente para si. Que um dia ele pediria a sua mão, ela nunca duvidara, pois sendo muito moça e muito mimada jamais conhecera uma derrota. E agora, como um raio, chegara aquela horrível notícia. Ashley ia se casar com Melanie! Não podia ser verdade.

Ainda na semana anterior, quando voltavam a cavalo de Fairhill à tardinha, ele dissera:

— Scarlett, tenho uma coisa tão importante para lhe contar que quase não sei como dizer.

Ela baixou os olhos recatadamente, o coração aos pulos, com um prazer selvagem, pensando que o momento feliz chegara. Então ele continuara:

— Agora não! Estamos quase em casa e não há tempo. Ah, Scarlett, como sou covarde! — E, esporeando o cavalo, subira o morro, apostando corrida com ela até Tara.

Scarlett, sentada no tronco, pensou naquelas palavras que a haviam deixado tão feliz e agora, de repente, adquiriam outro significado. Um significado medonho. Imagine se fosse a notícia do seu noivado que ele pretendia lhe dar!

Ah, se ao menos papai voltasse logo! Ela não conseguia mais suportar aquele suspense. Olhava impacientemente a estrada, e tornava a se desapontar. O sol mergulhara no horizonte, e o fulgor vermelho que deixara na terra se dissolvia em tons de rosa. O céu passou aos poucos do azul-marinho à delicada tonalidade azul-esverdeada dos ovos do rouxinol, e o silêncio sobrenatural do crepúsculo rural rodeou-a furtivamente. A noite caía no campo. Os sulcos vermelhos e a estrada vermelha perdiam o tom mágico e tornavam-se simples terra marrom. Do outro lado da estrada, no pasto, os cavalos, as mulas e as vacas aguardavam, quietos, com as cabeças apoiadas na cerca, que os recolhessem ao estábulo e os alimentassem. Não gostavam da sombra lançada pelas moitas que cercavam o riacho do pasto, e contraíam as orelhas para Scarlett como se agradecessem a companhia humana.

Na estranha meia-luz, os pinheiros altos da vargem do rio, de um verde tão intenso ao sol, agora, contra o céu em tons pastel, lembravam uma fileira impenetrável de gigantes negros escondendo as águas amarelas que deslizavam lentas a seus pés. No morro, do outro lado do rio, as altas chaminés brancas da casa dos Wilkes foram desaparecendo aos poucos na escuridão entre os grossos carvalhos ao seu redor, e só pontinhos distantes de lampiões indicavam que lá havia uma casa. A umidade cálida e perfumada da primavera envolvia Scarlett docemente com as emanações da terra recém-arada e de toda a vegetação que brotava.

Pôr do sol, primavera e vegetação nova da primavera não eram milagre para Scarlett. Eram tão naturais como o ar que respirava ou a água que bebia. Beleza, ela só via em rostos femininos, cavalos, vestidos de seda e coisas tangíveis do gênero. No entanto, aquele sereno lusco-fusco nos hectares bem mantidos de Tara trouxe um pouco de calma à sua mente perturbada. Ela amava tanto aquela terra, e sem nem se dar conta. Amava-a como amava o rosto da mãe à luz da lamparina na hora da oração.

Ainda não havia sinal de Gerald na silenciosa estrada serpeante. Se tivesse que esperar mais, Mammy certamente viria procurá-la para obrigá-la a entrar em

casa. Mas, enquanto examinava a estrada cada vez mais escura, Scarlett ouviu o barulho de cascos no pasto da várzea e viu os cavalos e vacas se espalharem assustados. Gerald O'Hara voltava para casa a toda.

Ao longe, galopando morro acima em seu cavalo caçador pernalta e troncudo, parecia um garoto montado em um animal grande demais. Com a longa cabeleira branca ao vento, impelia o cavalo adiante a chicotadas e gritos.

Apesar de suas aflições, ela olhava para o pai com afeição e orgulho, pois Gerald era um exímio cavaleiro.

Eu queria saber por que ele sempre quer pular cercas quando toma umas e outras, pensou. *E, depois de ter quebrado o joelho no tombo que levou aqui mesmo no ano passado, seria de imaginar que tivesse aprendido a lição. Principalmente depois de ter prometido à mamãe que nunca mai*s pularia.

Scarlett não se intimidava com o pai e sentia-se mais próxima dele que de suas irmãs, pois pular cercas escondido da esposa dava a ele um orgulho infantil e uma alegria culpada semelhantes ao prazer que ela sentia quando conseguia ser mais esperta que Mammy. Levantou-se para observá-lo.

O grande cavalo alcançou a cerca, preparou-se e saltou para o outro lado com a naturalidade de um pássaro, enquanto seu cavaleiro, gritando com entusiasmo, brandia no ar o chicote, com os cabelos brancos ao vento. Gerald não viu a filha na sombra das árvores e puxou as rédeas, acariciando pescoço do cavalo.

— Não tem um que chegue aos seus pés, nem aqui nem no estado todo — informou orgulhoso à montaria, com o sotaque do condado de Meath ainda pesado na língua, apesar dos 39 anos de América. Ajeitou depressa o cabelo, arrumou a camisa amassada e endireitou a gravata que lhe escorregara para trás da orelha. Scarlett sabia que o pai tomava essas medidas apressadas visando apresentar-se à esposa com o aspecto de um cavalheiro que voltava tranquilamente da visita a um vizinho. Sabia também que ele estava lhe oferecendo a oportunidade de abrir a conversa sem revelar seu verdadeiro intuito.

Scarlett deu uma gargalhada. Como ela pretendera, Gerald sobressaltou-se com o ruído. Depois a reconheceu, e uma expressão encabulada e ao mesmo tempo desafiadora apareceu em seu rosto corado. Apeou com dificuldade,

porque tinha o joelho rígido, e, deslizando as rédeas por sobre o braço, encaminhou-se desajeitado para a filha.

— Bem, mocinha — disse, beliscando-lhe a bochecha —, então anda me espionando e vai fazer como a sua irmã Suellen na semana passada, que me denunciou à sua mãe?

Havia indignação em sua voz rouca e grave, mas também um tom de adulação, e Scarlett deu um muxoxo gaiato enquanto ajeitava a gravata do pai. O hálito em seu rosto recendia fortemente a bourbon, com um leve perfume de hortelã. Ela sentiu também o cheiro de fumo de mascar, de couro bem tratado e de cavalos — uma combinação de odores que sempre associava ao pai e que, instintivamente, gostava nos outros homens.

— Não, papai, eu não sou linguaruda feito a Suellen — garantiu-lhe, afastando-se para conferir se endireitara a contento o seu traje.

Gerald era um homem baixo, media pouco mais de um metro e meio, mas era tão troncudo e tinha o pescoço tão grosso que, sentado, dava a quem não o conhecia a impressão de ser mais alto. Seu torso atarracado era suportado por pernas fortes, sempre metidas nas mais belas botas de couro que se pudesse encontrar, mas sempre abertas ao pisar, como as de um garotinho emproado. Quase todas as pessoas baixas que se levavam a sério eram um pouco ridículas. Mas o galo garnisé era respeitado no galinheiro, e assim era com Gerald. Ninguém jamais cometeria a temeridade de considerar Gerald O’Hara uma figurinha ridícula.

Apesar dos sessenta anos e dos cabelos ondulados de um branco-prateado, não tinha rugas no rosto sagaz. Seus olhinhos azuis penetrantes eram jovens, transmitindo a despreocupação de quem nunca sobrecarregou o cérebro com problemas mais abstratos do que saber quantas cartas pedir em um jogo de pôquer. Era um rosto tão irlandês quanto os encontrados na terra natal que ele deixara havia tanto tempo — redondo, corado, de nariz curto, boca rasgada e ar belicoso.

Sob a aparência exterior colérica, Gerald O’Hara possuía o mais mole dos corações. Não suportava ver um escravo amuado depois de ter sido repreendido, mesmo que tendo merecido, nem ouvir um gatinho miando ou uma criança chorando. Mas não queria que essas fraquezas fossem notadas. Não sabia que

bastava uma pessoa passar cinco minutos com ele para descobrir a bondade de seu coração. Ele ficaria com a vaidade bastante ferida se enxergasse isso, pois se sentia bem de pensar que, quando berrava as ordens na potência máxima de sua voz, todos tremiam e obedeciam. Nunca lhe ocorrera que a única voz obedecida na fazenda era a voz macia de sua esposa, Ellen. Era um segredo que ele nunca saberia, porque todos, desde Ellen até o peão mais burro, conspiravam tacitamente para fazê-lo continuar acreditando que sua voz era lei.

Scarlett era quem menos se impressionava com seus rompantes e seus gritos. Era a filha mais velha. Agora que Gerald sabia que não teria mais filhos homens, depois dos três que jaziam no cemitério da família, adquirira o hábito de tratá-la de igual para igual, o que ela achava muito lisonjeiro. Tinha mais coisas em comum com o pai do que suas irmãs mais moças, pois Carreen, que nascera Caroline Irene, era delicada e sonhadora, e Suellen, batizada de Susan Elinor, orgulhava-se de sua elegância e de seus modos aristocráticos.

Além disso, Scarlett e o pai eram ligados por um pacto de silêncio. Quando Gerald a flagrava pulando uma cerca para não andar seiscentos metros até uma porteira ou conversando até altas horas nos degraus da varanda com um namorado, repreendia-a com veemência, mas não mencionava o fato a Ellen nem a Mammy. E quando Scarlett o descobria pulando cercas, depois da promessa feita à esposa, ou vinha a saber o valor exato de suas perdas no pôquer, como sempre descobria pelos comentários das pessoas da região, nunca mencionava o fato à mesa do jantar, como fazia Suellen, fingindo-se de inocente. Scarlett e o pai convenceram formalmente um ao outro de que levar aqueles assuntos aos ouvidos de Ellen só a magoaria, e por nada no mundo queriam magoar alguém tão gentil.

Scarlett olhava o pai à luz do entardecer e, sem saber por que, sentiu-se reconfortada na presença dele. Havia nele algo de vital, de telúrico e grosseiro, que a atraía. Sendo a pessoa menos analítica do mundo, não enxergava que aquela sensação decorria da semelhança que havia entre eles em muitos aspectos, apesar dos esforços de Ellen e de Mammy para modificá-la.

— Você agora está apresentável — disse — e, se não começar a se gabar das suas artes, ninguém vai desconfiar que andou fazendo das suas. Mas acho que depois de ter quebrado o joelho ano passado, saltando essa mesma cerca…

— Que diabo, como é que eu vou deixar a minha própria filha me dizer o que posso saltar? — gritou ele, dando-lhe outro beliscão na bochecha. — O pescoço é meu. E, aliás, mocinha, o que está fazendo aqui fora sem xale?

Vendo que ele estava usando os subterfúgios costumeiros para se livrar de uma conversa desagradável, ela enfiou o braço no dele e disse:

— Eu estava esperando você. Não sabia que ia demorar tanto. Só queria saber se tinha comprado a Dilcey.

— Pois comprei sim, e o preço me arruinou. E ainda comprei a Prissy, aquela fedelha dela. John Wilkes estava quase dando as duas de graça, mas nunca vou deixar que digam que Gerald O'Hara se aproveitou da amizade para se dar bem em um negócio. Obriguei-o a aceitar três mil pelas duas.

— Mãe do céu, papai, três mil! E você não precisava comprar a Prissy!

— Chegamos ao tempo de as minhas próprias filhas me criticarem? — gritou Gerald retoricamente. — Prissy é uma fedelha promissora, e por isso…

— Eu sei quem ela é. É uma criatura sonsa e idiota — retorquiu Scarlett calmamente, sem se impressionar com a gritaria dele. — E você só a comprou porque a Dilcey lhe pediu.

Como sempre que era flagrado em um ato de bondade, Gerald ficou todo sem jeito, e Scarlett acabou rindo a valer da transparência dele.

— Bem, e daí? Adiantava alguma coisa comprar Dilcey para ela ficar chorando pelos cantos por causa da criança? Bem, nunca mais vou deixar um preto daqui casar fora. Fica muito caro. Bem, vamos lá, princesa, vamos entrar para a ceia.

A noite já ficava mais fechada e o último toque esverdeado desaparecera do céu. Uma ligeira friagem substituía o calorzinho da primavera. Mas Scarlett remanchava, não sabendo como abordar o assunto de Ashley, sem que o pai desconfiasse do motivo. Era difícil, pois a jovem não tinha sutileza alguma. E, sendo tão parecido com a filha, Gerald identificava sempre os seus fracos subterfúgios, assim como ela identificava os dele. Mas ele também não tinha muito tato.

— Como vão todos em Twelve Oaks?

— Mais ou menos na mesma. Cade Calvert também estava lá e, depois que resolvemos o caso da Dilcey, fomos para o hall, onde tomamos vários grogues.

Cade acabava de chegar de Atlanta, e lá estão todos preocupados, falando de guerra e…

Scarlett suspirou. Se Gerald entrasse no assunto guerra e secessão, levaria horas para abandoná-lo. Ela desconversou.

— Falaram alguma coisa sobre o churrasco de amanhã?

— Agora que estou pensando, falaram. A senhorita, como ela se chama, aquela coisinha doce que esteve aqui no ano passado, você sabe, a prima do Ashley… Ah, sim, Melanie Hamilton, esse é o nome dela. Ela e o irmão, Charles, já vieram de Atlanta e…

— Ah, então ela veio mesmo?

— Veio, e é um doce, quietinha, nunca se mete nas conversas, como toda mulher devia ser. Venha, filha, não remancheie. Sua mãe deve estar nos caçando.

Scarlett ficou deprimida com a notícia. Tinha esperado, contra toda a esperança, que alguma coisa reteria Melanie Hamilton em Atlanta, onde era o lugar dela. E saber que até seu pai aprovava o jeito mansinho da moça, tão diferente do seu, forçou-a a abrir o jogo.

— Ashley também estava lá?

— Estava. — Gerald, largando o braço da filha, virou-se e encarou-a severamente. — E, se for por isso que você veio aqui me esperar, por que não disse logo, sem rodeios?

Scarlett não conseguia pensar em uma resposta e sentiu o rosto corar de irritação.

— Bem, fale.

Ela continuou calada, desejando que fosse permitido sacudir um pai e mandá-lo calar a boca.

— Ele estava lá e perguntou muito gentilmente por você, como as irmãs também, e falou que esperavam que nada impedisse que você fosse ao churrasco amanhã. Vou garantir que nada impeça — disse ele com astúcia. — E agora, filha, o que está havendo entre você e Ashley?

— Não está havendo nada — retorquiu ela secamente, puxando-lhe o braço. — Vamos entrar, papai.

— Então agora é você que está querendo entrar — observou ele. — Mas eu daqui não saio enquanto não entender você. Agora, pensando bem, você anda

meio estranha ultimamente. Ele anda brincando com você? Pediu a sua mão?

— Não — respondeu Scarlett lacônica.

— Nem vai — disse Gerald.

A fúria ardia nela, mas Gerald fez um gesto com a mão para ela se calar.

— Fique calada, mocinha! Hoje à tarde John Wilkes me disse, em confidência, que Ashley vai se casar com a srta. Melanie. O anúncio vai ser feito amanhã.

A mão de Scarlett caiu do braço do pai. Então era verdade!

Uma dor se cravou brutalmente em seu coração como as garras de uma fera. O tempo todo, sentia nela o olhar do pai, entre penalizado e aborrecido por se deparar com um problema para o qual não sabia a resposta. Gerald amava Scarlett, mas não gostou de vê-la jogar em cima dele os próprios problemas infantis, esperando que os solucionasse. Ellen tinha resposta para tudo. E era para ela que Scarlett devia ter levado suas complicações.

— Você fez esse papelão… e ainda nos envolveu? — perguntou ele, levantando a voz como sempre fazia quando se alterava. — Anda correndo atrás de um homem que não está apaixonado por você, quando podia ter qualquer um dos rapazes do condado?

A raiva e o orgulho ferido a aliviaram um pouco da dor.

— Eu não ando correndo atrás dele. Só fiquei surpresa com a notícia.

— Você está mentindo! — repreendeu-a Gerald. Mas ao ver a expressão abalada da jovem acrescentou, em um rompante de bondade: — Perdão, filha. Mas, afinal de contas, você não passa de uma criança, e pretendentes não vão lhe faltar.

— A mamãe tinha só 15 anos quando se casou com você — disse Scarlett, com a voz abafada.

— Sua mãe era diferente — disse Gerald. — Nunca foi caprichosa como você. Vamos lá, filha, anime-se. Semana que vem, levo você a Charleston para visitar sua tia Eulalie e, com todo o alvoroço que estão fazendo lá por causa do forte Sumter, você vai esquecer o Ashley em uma semana.

Ele acha que sou uma criança, pensou Scarlett, engasgada de mágoa e de raiva, *e acha que basta acenar com um brinquedo novo na minha frente para eu esquecer o que m*e machuca.

— Agora não faça cara de brava para mim — avisou Gerald. — Se tivesse um pingo de juízo, já teria se casado com Stuart ou Brent Tarleton há muito tempo. Pense nisso, filha. Case-se com um dos gêmeos e as fazendas vão andar juntas. E Jim Tarleton e eu vamos construir uma boa casa para vocês, bem naquele pinheiral onde elas se juntam, e…

— Quer parar de me tratar como criança?! — exclamou Scarlett. — Não quero ir a Charleston nem ter uma casa nem me casar com os gêmeos. Só quero… — Ela caiu em si, mas não a tempo.

A voz de Gerald estava estranhamente calma, e ele falou devagar, como se tirasse as palavras de um repertório de ideias que raras vezes usava.

— Você só quer Ashley, e não vai tê-lo. E, se ele quisesse se casar com você, seria com apreensão que eu concordaria, apesar de toda a amizade que existe entre mim e John Wilkes. — E, vendo seu olhar espantado, continuou: — Quero que a minha filha seja feliz, e com ele você não seria.

— Ah, seria! Seria.

— Não seria, filha. Só entre iguais o casamento traz felicidade.

Scarlett teve um súbito desejo traiçoeiro de gritar “Mas você é feliz, e você e a mamãe não são iguais”, porém se conteve, temendo que o pai lhe desse um tapa pela impertinência.

— A nossa gente e os Wilkes são diferentes — continuou ele devagar, procurando as palavras. — Os Wilkes são diferentes de todos os nossos vizinhos. Diferentes de todas as famílias que já conheci. São esquisitos, e é melhor que se casem entre primos e guardem a esquisitice para eles.

— Ora, papai, Ashley não é…

— Fique quieta, princesa! Eu não falei nada contra o rapaz, pois gosto dele. E, quando digo esquisito, não estou querendo dizer maluco. Ele não é esquisito como os Calverts, que apostam tudo que têm em um cavalo, nem como os Tarletons, que produzem um ou dois bêbados a cada parto, nem como os Fontaines, que são uns brutamontezinhos esquentados capazes de matar alguém por uma desfeita imaginária. Esse tipo de esquisitice é fácil de entender com certeza e, se não fosse pela graça de Deus, Gerald O’Hara teria todas elas! E não estou querendo dizer que Ashley fugiria com outra mulher se você fosse casada com ele ou que lhe bateria. Se batesse, você ficaria mais feliz, pois pelo menos

entenderia isso. Mas a esquisitice dele é outra, e não dá para entendê-la. Gosto dele, mas não consigo entender quase nada do que diz. Agora, princesa, diga a verdade, você entende os dispartes dele sobre livros, poesia, música, quadros a óleo e bobagens desse tipo?

— Ah, papai — exclamou Scarlett com impaciência —, se me casasse com ele eu mudaria isso tudo!

— Ah, mudaria, não é? — disse Gerald irritado, lançando-lhe um olhar incisivo. — Então você não conhece os homens, muito menos o Ashley. Mulher nenhuma já conseguiu mudar um tiquinho do jeito do marido, e não se esqueça disso. E, quanto a mudar um Wilkes, pelo manto do Senhor, filha! A família dele toda é assim, sempre foi, e provavelmente sempre será. Estou lhe dizendo que eles nasceram esquisitos. Veja como encomendam aos ianques caixotes de livros franceses e alemães! E passam a vida lendo e sonhando sabe Deus lá o quê, quando fariam melhor se gastassem o tempo deles em caçadas ou no jogo de pôquer, como os homens de verdade.

— Não tem ninguém no condado que monte a cavalo melhor que Ashley — retrucou Scarlett, furiosa com a insinuação de falta de masculinidade lançada a Ashley —, ninguém a não ser, talvez, o pai dele. E, quanto ao pôquer, Ashley não lhe tomou duzentos dólares na semana passada em Jonesboro?

— Os meninos Calverts andaram dando com a língua nos dentes de novo — disse Gerald resignado —, do contrário você não saberia o montante. Ashley pode montar com o melhor e jogar pôquer com o melhor, que sou eu, princesa! E não nego que, quando começa a beber, ele pode deixar até os Tarletons no chinelo. Pode fazer tudo isso, mas não se empenha de coração. Por isso digo que ele é esquisito.

Scarlett ficou quieta, e seu coração se entristeceu. Não conseguia pensar em nenhum argumento para contestar essa afirmação, pois sabia que Gerald estava certo. Ashley não fazia com entusiasmo nenhuma dessas atividades nas quais era tão bom. Apenas por educação, mostrava algum interesse pelas coisas que os outros consideravam vitais.

Interpretando corretamente o silêncio da filha, Gerald acariciou-lhe o braço e disse triunfante:

— Pronto, Scarlett! Você reconhece que isso é verdade. O que faria com um marido como Ashley? São todos lunáticos, esses Wilkes. — E depois, em um tom manso: — Quando mencionei os Tarletons há pouco, eu não os estava impingindo. São bons rapazes, mas se for em Cade Calvert que você estiver de olho, ora, dá no mesmo para mim. Os Calverts são boa gente, todos eles, apesar de o velho ter casado com uma ianque. E quando eu morrer, shh, querida, me ouça! Vou deixar Tara para você e Cade…

— Não quero o Cade nem em uma bandeja de prata — exclamou Scarlett furiosa. — E pode parar de empurrá-lo para cima de mim. Não quero Tara nem nenhuma outra fazenda. As fazendas não valem nada quando…

Ela ia dizer "quando não temos o homem que queremos", mas Gerald, indignado com o pouco caso que ela demonstrou pelo presente oferecido, a coisa que, depois de Ellen, ele mais amava no mundo, esbravejou:

— Você tem a ousadia de me dizer, Scarlett O'Hara, que Tara, a terra, não vale nada?

Scarlett balançou a cabeça obstinadamente, confirmando. Tinha o coração doído demais para se importar com o fato de deixar ou não o pai irritado.

— Terra é a única coisa no mundo que vale alguma coisa — gritou ele indignado, gesticulando furioso com os braços grossos e curtos —, porque é a única coisa no mundo que dura, e não se esqueça disso! É a única coisa pela qual vale a pena trabalhar, lutar e morrer.

— Ah, papai — disse ela, desgostosa —, você fala como um irlandês!

— Alguma vez eu me envergonhei disso? Não, eu me orgulho. E não se esqueça de que você é metade irlandesa, mocinha! E, para qualquer pessoa com uma gota de sangue irlandês, a terra em que vive é como a mãe dela. Estou neste momento envergonhado de você. Ofereço-lhe a terra mais linda do mundo, depois do condado de Meath na Irlanda, e o que você faz? Torce o nariz!

Gerald já começava a sentir prazer com aquela explosão de raiva quando algo no rosto desolado de Scarlett o deteve.

— Mas você é jovem. Vai passar a sentir isso em algum momento, esse amor à terra. Não dá para fugir dele quando se é irlandês. Você não passa de uma criança, aborrecida por causa dos namorados. Quando for mais velha, vai ver

como isso… Ora, decida-se por Cade ou pelos gêmeos ou por um dos garotos do Evan Munroe, e veja como a deixo bem!

— Ah, papai!

Àquela altura Gerald já estava profundamente cansado da conversa e profundamente irritado com o problema que lhe caíra nos ombros. Além disso, incomodava-o ver Scarlett ainda com aquela cara desolada depois que lhe oferecera os melhores partidos do condado e Tara, também. Gerald gostava que seus presentes fossem recebidos com palmas e beijos.

— Agora, nada daquelas suas trombas, mocinha. Case com quem quiser, desde que seja alguém que pense como você, seja um cavalheiro e um sulista com brio. Para a mulher, o amor vem depois do casamento.

— Ah, papai, essa é uma ideia do velho continente!

— E é uma ideia boa! Todo esse negócio americano de casar por amor, como os criados, como os ianques! Os melhores casamentos são aqueles em que os pais escolhem pela filha. Pois como pode uma bobinha como você diferenciar um homem de bem de um patife? Agora, olhe para os Wilkes. O que os mantém orgulhosos e fortes há tantas gerações? É casarem-se entre iguais, casarem-se com os primos com quem a família sempre espera que se casem.

— Ah — lamentou Scarlett, ferida de novo diante da verdade terrível e inevitável que as palavras de Gerald deixavam clara. O pai, vendo-a cabisbaixa, arrastou os pés, constrangido.

— Você não está chorando, está? — perguntou, mexendo desajeitadamente no queixo dela na tentativa de levantar-lhe o rosto, enquanto franzia o próprio cenho com uma expressão de pena.

— Não! — exclamou ela com veemência, afastando-se com um movimento brusco.

— Você está mentindo, e isso me orgulha. Fico feliz que você tenha brio, princesa. E quero ver brio em você amanhã no churrasco. Não admito que as pessoas fiquem falando e rindo de você porque anda no mundo da lua, vidrada em um homem que nunca teve um pensamento por você além de amizade.

Teve sim, pensou Scarlett, com tristeza no coração. *E foram muitos! Sei que foram. Dava para ver. Se ao menos eu tivesse mais tempo, sei que poderia ter*

*feito com que dissesse… Ah, se ao menos os Wilkes não achassem sempre que têm que se casar c*om primos!

Gerald pegou seu braço e enlaçou-o no dele.

— Vamos entrar para a ceia agora, e tudo isso fica entre nós. Não vou preocupar sua mãe com esse assunto, nem você. Assoe o nariz, filha.

Scarlett assoou-se em seu lenço rasgado, e seguiram para casa de braços dados, acompanhados pelo cavalo, andando a passo. Já quase chegando, Scarlett ia tornar a falar quando viu a mãe na varanda quase às escuras. Estava de chapéu, xale e luvas. Atrás dela, via-se Mammy, o rosto qual nuvem de trovoada, segurando a bolsa de couro preta onde eram levados os apetrechos para medicar os escravos. Mammy tinha beiços grandes e caídos, mas quando se indignava espichava o inferior até torná-lo duas vezes maior que no estado normal, como agora. Scarlett viu que estava nervosa com alguma coisa que não aprovava.

— Sr. O'Hara — gritou Ellen ao ver os dois subindo a alameda. Ellen pertencia a uma geração que era formal mesmo após 17 anos de casamento e do nascimento de seis filhos. — Sr. O'Hara, há doença na casa dos Slatterys. Emmie teve um filhinho que está morrendo e deve ser batizado. Vou até lá com Mammy ver o que posso fazer.

Sua voz tinha um tom interrogativo, como se precisasse do consentimento de Gerald. Uma mera formalidade, mas que era cara ao coração de Gerald.

— Meu Deus do céu! — explodiu Gerald. — Por que essa ralé branca a leva embora justo na hora da ceia, e quando estou querendo lhe contar o que estão falando em Atlanta sobre a guerra? Vá, sra. O'Hara. Você não ia botar a cabeça no travesseiro e descansar tranquila sabendo que tem alguém passando mal por aí sem você estar presente para ajudar.

— Ela nunca discansa nu travissero purque passa a noite cuidano di nêgo i di ralé branca pobre qui num consegue si cuidá — resmungou Mammy em um tom monocórdio ao descer as escadas para tomar a carruagem que aguardava na entrada lateral.

— Tome o meu lugar à mesa, querida — disse Ellen, acariciando de leve o rosto de Scarlett com a mão enluvada.

Apesar das lágrimas contidas, Scarlett vibrou com a magia infalível do toque da mãe, da leve fragrância de sachê de verbena-limão que vinha daquele vestido

de seda farfalhante. Para Scarlett, Ellen O'Hara era sempre impressionante, um milagre que convivia com ela e a assombrava, encantando-a e acalmando-a.

Gerald ajudou a esposa a entrar na carruagem e deu ordem ao cocheiro para guiar com cuidado. Toby, que lidava com os cavalos de Gerald havia vinte anos, esticou os beiços em sinal de indignação muda por lhe ensinarem como fazer seu serviço. Iniciando o percurso, com Mammy ao lado na boleia, cada um com sua tromba, eram a imagem perfeita da reprovação africana.

— Se eu não ajudasse tanto essa ralé dos Slatterys, eles iam ter que pagar para morar em outro lugar — enfureceu-se Gerald — e estariam dispostos a me vender aqueles míseros hectares de várzea, e o condado estaria livre deles. — Então, animando-se, já antevendo uma de suas brincadeiras: — Vamos, filha, vamos dizer ao Pork que, em vez de comprar Dilcey, eu o vendi para o John Wilkes.

Ele jogou as rédeas do cavalo para um negrinho parado por ali e foi subindo os degraus. Já tinha esquecido a tristeza de Scarlett e só pensava em implicar com o criado. Scarlett subia atrás dele devagar, os passos pesados. Pensou que, afinal de contas, uma união entre ela e Ashley não podia ser mais esquisita que a de seu pai e Ellen Robillard O'Hara. Como sempre, perguntou-se como seu pai barulhento e insensível conseguira se casar com uma mulher como sua mãe, pois nunca houve duas pessoas mais distantes em termos de nascimento, educação e mentalidade.

Capítulo 3

Ellen O’Hara tinha 32 anos e, pelos padrões da época, era uma mulher de meia-idade. Dera à luz seis filhos e enterrara três. Era alta, tendo uma cabeça a mais que seu marido baixinho e impetuoso, mas andava com uma elegância tão discreta naquelas crinolinas balançantes que sua altura não chamava atenção. O pescoço de pele clara que emergia da gola do corpete de tafetá negro era bem feito e esguio, parecendo sempre pender ligeiramente para trás ao peso da exuberante cabeleira, presa dentro da rede, atrás da cabeça. Da mãe francesa, cujos pais fugiram do Haiti na revolução de 1791, vinham seus olhos escuros e oblíquos, sombreados por cílios muito negros, como os cabelos. E do pai, um soldado de Napoleão, herdara o nariz comprido e reto e a mandíbula quadrada que era suavizada pela curva delicada de suas maçãs do rosto. Mas só da vida Ellen podia ter adquirido aquela expressão de orgulho totalmente desprovida de arrogância, aquela graça melancólica e aquela absoluta falta de humor.

Ela teria sido uma beldade impressionante se houvesse algum brilho em seus olhos, algum calor comunicativo em seu sorriso ou alguma espontaneidade em sua voz, que soava melodiosa e delicada aos ouvidos da família e dos criados. Tinha o jeito de falar suave e arrastado do litoral da Geórgia, líquido nas vogais, gentil com as consoantes e com um levíssimo vestígio de sotaque francês. Era uma voz que nunca se elevava ao dar ordens a um criado ou repreender um filho, mas que era obedecida instantaneamente em Tara, onde a gritaria e o estardalhaço do marido eram silenciosamente ignorados.

Desde que Scarlett se lembrava, sua mãe sempre fora a mesma, a voz mansa e doce, fosse elogiando ou reprovando, o jeito eficiente e calmo, apesar das emergências diárias na casa turbulenta de Gerald, o espírito sempre calmo e as costas sempre empertigadas, mesmo nas mortes dos três filhinhos. Scarlett nunca a vira recostar-se no espaldar de uma cadeira. Nunca a vira sentada sem ter entre

as mãos um trabalho de agulha, a não ser na hora das refeições, quando dava assistência aos doentes ou quando trabalhava na escrituração contábil da fazenda. Era um bordado delicado se havia visitas; se não, suas mãos se ocupavam com as camisas de babado de Gerald, os vestidos das meninas ou as roupas dos escravos. Scarlett não conseguia imaginar a mão da mãe sem aquele dedal de ouro nem sua figura farfalhante sem a companhia da negrinha cuja única função na vida era remover alinhavos e carregar a caixa de pau-rosa de um aposento a outro, enquanto Ellen andava pela casa supervisionando a cozinha, a limpeza e a confecção geral de roupas para a fazenda.

Nunca vira a mãe perder aquela placidez austera, como nunca vira seus acessórios pessoais deixarem de estar impecáveis, independentemente da hora do dia ou da noite. Quando Ellen se vestia para um baile ou para convidados ou mesmo para ir à feira de Jonesboro, quase sempre eram necessárias duas horas, duas criadas e Mammy para deixá-la satisfeita com o resultado. Mas a rapidez com que se arrumava quando havia uma emergência era espantosa.

Scarlett, cujo quarto ficava em frente ao da mãe, conhecia desde pequena o leve rumor dos pés descalços dos negros no assoalho de madrugada, as batidas urgentes à porta do quarto, as vozes abafadas dos negros assustados avisando-a das doenças, dos nascimentos e das mortes na senzala, com aquela longa fileira de cabanas caiadas de branco. Em criança, quantas vezes não fora até a porta espiar pela fresta e vira Ellen sair do quarto escuro, onde Gerald roncava ritmadamente em seu sono tranquilo, e aparecer, à luz bruxuleante de uma vela, com a caixa de remédios debaixo do braço, o cabelo bem-arrumado, e sem nenhum botão por abotoar no corpete.

Scarlett sempre se tranquilizava quando ouvia a mãe sussurrar, com uma voz firme, mas cheia de compaixão, enquanto seguia na ponta dos pés pelo corredor: “Ssh, mais baixo. Você vai acordar o sr. O’Hara. Eles ainda não estão morrendo.”

Sim, era bom voltar de mansinho para a cama sabendo que Ellen saíra à noite e deixara tudo em ordem.

De manhã, depois de noites em claro atendendo a nascimentos ou mortes, quando o velho dr. Fontaine e o jovem dr. Fontaine, ocupados com seus pacientes, não podiam ajudá-la, Ellen presidia à mesa do café como de hábito, os

olhos escuros marcados por olheiras de cansaço, sem revelar a tensão nem pela voz nem pelas atitudes. Sob sua delicadeza digna, havia uma resistência de aço que impressionava a todos da casa, Gerald tanto quanto as meninas, embora ele preferisse morrer a reconhecer isso.

Às vezes, quando Scarlett ia pé ante pé à noite dar um beijo no rosto da mãe, olhava sua boca com aquele lábio superior muito curto e muito macio, que a vida facilmente machucaria, e se perguntava se algum dia ela se dobrara em tolas risadinhas de menina ou sussurrara seus segredos noites adentro para as amigas íntimas. Mas não, isso não era possível. A mãe sempre fora exatamente assim, um apoio para todos os momentos, uma fonte de sabedoria, a única pessoa que sabia as respostas para tudo.

Mas Scarlett estava errada. Anos atrás, Ellen Robillard de Savannah, como toda menina de 15 anos naquela encantadora cidade litorânea, tinha passado noites rindo à toa e trocando confidências com as amigas, contando todos os seus segredos menos um. Naquele ano, Gerald O'Hara, 28 anos mais velho que ela, entrou em sua vida — o mesmo ano em que a juventude e seu primo de olhos negros, Philippe Robillard, saíram. Quando Philippe, com seus olhos vivos e modos selvagens, deixou Savannah para sempre, levou consigo a luz do coração de Ellen, deixando para o irlandês baixinho de pernas tortas com quem ela se casou apenas uma aparência gentil.

Mas foi o que bastou para Gerald, deslumbrado com sua sorte incrível de se casar com ela. Se ela perdera alguma coisa, ele nunca deu por falta. Esperto como era, sabia que só por milagre conseguiria, ele, um irlandês sem família nem fortuna que o recomendasse, ganhar a filha de uma das famílias mais ricas e mais orgulhosas do litoral. Porque Gerald era um homem que subira na vida por si mesmo.

Gerald viera da Irlanda para a América com 21 anos. Viera às pressas, como muitos irlandeses melhores e piores antes e depois, com a roupa do corpo, dois shillings no bolso, além do dinheiro da passagem, e um preço por sua cabeça que ele julgava exagerado pelo tamanho do mal que havia feito. Não existia, naquele inferno, nenhum partidário dos Oranges que valesse cem libras nem para o governo britânico, nem para o próprio diabo. Mas, se o governo fazia tanta

questão da morte de um procurador de um súdito inglês, estava na hora de Gerald O'Hara ir embora, e de repente. Era verdade que ele havia chamado o fiscal de "um Orange filho da mãe", mas isso, do ponto de vista de Gerald, não dava a ninguém o direito de insultá-lo assobiando os compassos iniciais de "The Boyne Water".

A batalha de Boyne fora travada mais de cem anos antes, mas, para os O'Haras e seus vizinhos, poderia ter sido no dia anterior que suas esperanças e seus sonhos, bem como suas terras e sua riqueza, desapareceram na mesma nuvem de poeira que envolvera um assustado príncipe Stuart em fuga, permitindo que Guilherme de Orange e seus odiados soldados de cocardas laranja aniquilassem os partidários irlandeses dos Stuarts.

Por essa e por outras razões, a família de Gerald não estava propensa a levar muito a sério o desfecho fatal, senão pelo fato de que estava carregado de sérias consequências. Durante anos, os O'Haras andaram sujos com a polícia inglesa por conta de atividades suspeitas contra o governo, e Gerald não era o primeiro O'Hara a dar no pé deixando a Irlanda da noite para o dia. De seus dois irmãos mais velhos, James e Andrew, ele mal se lembrava, a não ser como jovens discretos que entravam e saíam a horas inusitadas da noite para executar missões misteriosas ou desapareciam durante semanas seguidas, para profunda aflição da mãe. Os dois haviam ido para a América anos antes, após a descoberta de um pequeno arsenal de rifles embaixo do chiqueiro dos O'Haras. Agora eram comerciantes bem-sucedidos em Savannah, "embora só o bom Deus saiba onde fica isso", como sua mãe sempre acrescentava quando mencionava os dois mais velhos de seus filhos varões. E a eles o jovem Gerald foi enviado.

Saiu de casa com o beijo apressado da mãe no rosto e sua bênção de católica fervorosa nos ouvidos, enquanto o pai lhe recomendava ao se despedir: "Lembre-se do que você é e não tire nada de ninguém." Seus cinco irmãos altos lhe deram adeus com sorrisos de admiração e um ar ligeiramente paternal. Gerald era o caçula, e o baixinho de uma família de homens atléticos.

Tanto os irmãos como o pai tinham mais de 1,80m, com largura proporcional, mas o pequeno Gerald, aos 21 anos, sabia que 1,65m era o máximo que o Senhor em Sua sabedoria lhe concederia. Gerald nunca perdeu tempo lamentando sua baixa estatura, que nunca considerou empecilho para obter o que desejasse. Ao

contrário, seu tamanho era o que o fazia ser quem ele era, porque logo aprendeu que os baixinhos tinham que ser fortes para sobreviver entre os altos. E Gerald era forte.

Seus irmãos altos formavam um grupo taciturno e calado, no qual a tradição familiar de glórias passadas, para sempre perdidas, alimentava um ódio recalcado que se manifestava em azedume. Se tivesse outro físico, Gerald teria seguido o mesmo caminho que os outros O'Haras, circulando na surdina entre os rebeldes contra o governo. Mas Gerald era "falastrão e teimoso", como dizia sua mãe, carinhosamente. De pavio curto, era rápido com os punhos e via-se que tinha cabelo na venta. Pavoneava-se entre os O'Haras altos como um garnisé emproado em um galinheiro de galos Cochin gigantes. Todos o amavam e o atazanavam afetuosamente para ouvi-lo rugir. Esmurravam-no com seus punhos avantajados apenas o suficiente para botar o caçula em seu lugar.

Se a bagagem educacional que Gerald trouxe para a América era escassa, ele não sabia, nem se importaria se lhe tivessem dito. Sua mãe lhe ensinara a ler e a escrever com uma letra clara. Era bom em cálculo. E aí terminava seu conhecimento aprendido nos livros. De latim, só sabia as respostas da missa e, de história, as múltiplas injustiças feitas à Irlanda. Em termos de poesia, limitava-se à de Moore e, de música, conhecia apenas as cantigas irlandesas tradicionais. Embora tivesse o maior respeito por quem era mais lido que ele, nunca sentiu falta dos livros. E que necessidade tinha ele de conhecimentos em um país novo, onde os mais ignorantes dos irlandeses tinham feito grandes fortunas? O que se pedia era que o homem fosse forte e não tivesse medo de trabalhar.

Nem James nem Andrew, que o acolheram em seu armazém em Savannah, lamentaram sua falta de instrução. Sua letra clara, seus números precisos e seu jeito para barganhar conquistaram o respeito de ambos, em uma região onde um conhecimento de literatura e um grande apreço por música, caso o jovem Gerald os possuísse, provocariam nos irmãos risadas de desprezo. A América, nos primeiros anos do século, favorecera os irlandeses. James e Andrew começaram transportando mercadorias, em carroças cobertas, de Savannah às cidades do interior da Geórgia. Prosperaram no armazém que montaram, e Gerald prosperou com eles.

Gerald gostou do Sul e logo se considerou um sulista. Havia muita coisa sobre o Sul — e os sulistas — que ele nunca compreenderia. Mas, com o entusiasmo que era sua natureza, adotou suas ideias e costumes, tal como os entendia — pôquer e corrida de cavalos, política inflamada e o código de duelo, Direitos dos Estados e ódio aos ianques, escravidão e King Cotton, desprezo pela ralé branca e gentileza exagerada para com as mulheres. Aprendeu até a mascar tabaco. Não precisou aprender a aguentar bem o uísque, porque essa capacidade, nele, era inata.

Mas Gerald continuou sendo Gerald. Os hábitos de vida e as ideias mudaram, porém o jeito ele não mudaria, mesmo se lhe fosse possível. Admirava a elegância lenta dos ricos fazendeiros de arroz e algodão, que viajavam para Savannah vindos de seus reinos infestados de barba-de-velho, montados em cavalos puros-sangues e seguidos pelas carruagens de suas esposas igualmente elegantes e pelas carroças de seus escravos. Mas Gerald nunca conseguiria ser elegante. Aquelas vozes arrastadas e indistintas eram agradáveis aos seus ouvidos, mas ele não perderia o sotaque irlandês. Apreciava a graça descontraída com que os outros conduziam seus negócios importantes, arriscando uma fortuna, uma fazenda ou um escravo em uma carta e contabilizando descontraidamente os prejuízos com bom humor e a mesma naturalidade com que jogavam tostões aos negrinhos. Mas Gerald conhecera a pobreza e nunca foi capaz de aprender a perder dinheiro com graça ou bom humor. Eram uma raça agradável, aqueles georgianos do litoral, com aquelas vozes macias, aqueles ataques de raiva e aquelas incongruências encantadoras. Gerald gostava deles. Mas havia uma vitalidade vigorosa e incansável no jovem irlandês, recém-chegado de um país onde os ventos eram úmidos e frios, onde os pântanos enevoados não abrigavam febres, que o afastava daqueles bem-nascidos indolentes de uma região onde o clima era semitropical e as charnecas eram focos de malária.

Deles, aprendeu o que achava útil, e o resto desconsiderou. Considerou o pôquer o mais útil de todos os costumes sulistas, assim como uma boa resistência ao uísque. Foi sua aptidão natural para as cartas e para o destilado cor de âmbar que trouxe a Gerald dois dos seus bens mais preciosos: seu criado

pessoal e sua fazenda. O terceiro foi sua esposa, e ele só conseguia atribuí-la à misteriosa bondade de Deus.

O criado pessoal, de nome Pork, negro retinto, digno e treinado em todas as artes da moda elegante, foi o resultado de um jogo de uma noite inteira de pôquer com um fazendeiro da ilha de St. Simons, cuja coragem no blefe equivalia à de Gerald, mas cuja resistência ao rum de Nova Orleans não lhe chegava aos pés. Embora o antigo senhor de Pork mais tarde oferecesse recomprá-lo pelo dobro do valor, Gerald obstinadamente recusou. Além de ser seu primeiro escravo, era "o melhor criado pessoal do litoral". Com ele, dava o primeiro passo para a realização de seu desejo: ser dono de escravos e proprietário rural.

Estava decidido que não passaria o resto de seus dias como James e Andrew, regateando, nem todas as suas noites à luz de vela, fazendo contas. Sentia profundamente, ao contrário dos irmãos, o estigma social ligado a quem "fazia comércio". Gerald queria ser fazendeiro. Com a avidez de um irlandês que havia sido locatário nas terras onde sua gente já caçara e que já haviam lhe pertencido, quis ver se estenderem diante de seus olhos seus hectares verdejantes. Com uma implacável fixação, desejou ter a própria casa, a própria fazenda, os próprios cavalos, os próprios escravos. E ali, naquele país novo, a salvo dos perigos inerentes à terra que deixara — impostos proibitivos sobre safras e celeiros e a ameaça constante de confisco súbito —, resolveu ter tudo isso. Mas, com o passar do tempo, viu que querer e ter eram questões diferentes. A Geórgia litorânea era dominada por uma aristocracia arraigada demais para ele esperar conquistar o lugar que pretendia ter.

Foi então que a mão do destino e uma mão de pôquer se combinaram para lhe dar a fazenda que ele mais tarde chamou de Tara, levando-o do litoral para a região dos planaltos, no norte da Geórgia.

Foi em um *saloon* em Savannah, em uma noite quente de primavera, que a conversa de um estranho fez Gerald ficar de ouvidos atentos. O desconhecido, um natural de Savannah, acabara de voltar após 12 anos no interior. Fora um dos vencedores na loteria organizada pelo Estado para a divisão da vasta área da Geórgia central, cedida pelos índios um ano antes de Gerald chegar à América.

Estabelecera ali uma fazenda, mas a casa fora destruída por um incêndio, e ele, cansado do “lugar amaldiçoado”, não via a hora de livrar-se dela.

Gerald, sempre com a ideia fixa de possuir uma fazenda própria, arrumou uma apresentação, e seu interesse cresceu à medida que o estranho contava como a zona norte do estado estava atraindo muita gente das Carolinas e da Virgínia. Gerald havia morado em Savannah tempo suficiente para assimilar a opinião corrente no litoral — de que o resto do estado todo era mato, e atrás de cada moita havia um índio à espreita. Em suas viagens de negócios para os Irmãos O’Haras, visitara Augusta, 160 quilômetros rio Savannah acima. Embrenhara-se pelo interior o bastante para visitar as cidades antigas a oeste. Sabia que aquela região era tão bem colonizada quanto o litoral, mas, pela descrição do estranho, sua fazenda ficava a mais de quatrocentos quilômetros a noroeste de Savannah, e a poucos quilômetros a sul do rio Chattahoochee. Gerald sabia que a norte desse rio a terra ainda estava nas mãos dos cherokees e admirou-se ao ouvir o desconhecido debochar das insinuações de problemas com os índios e narrar como cidades florescentes cresciam e fazendas prosperavam na nova região.

Uma hora depois, quando a conversa começou a se arrastar, Gerald, com uma astúcia que a profunda inocência de seus brilhantes olhos azuis desmentia, propôs um jogo. As partidas já iam noite adentro, regadas a bebida, quando os demais parceiros saíram do jogo, deixando Gerald e o estranho sozinhos na disputa. O sujeito empurrou todas as suas fichas e ainda a escritura da fazenda. Gerald empurrou todas as suas fichas e colocou em cima delas a carteira. Se o dinheiro que ela continha por acaso pertencia aos Irmãos O’Haras, a consciência de Gerald não se perturbou o suficiente para confessá-lo antes da missa na manhã seguinte. Ele sabia o que queria, e sempre o conseguia, usando o caminho mais direto. Ademais, tal era sua fé no destino e em uma quadra de duques que nem por um momento ele se perguntou como saldaria a dívida se o parceiro mostrasse uma mão mais forte do outro lado da mesa.

— Você não está ganhando nenhuma pechincha e estou feliz por não ter que pagar mais impostos sobre a fazenda — suspirou o possuidor de um *full* de ases, pedindo caneta e tinta. — A casa grande queimou há um ano e os campos estão sendo tomados pelo mato e por mudinhas de pinheiro. Mas ela é sua.

— Nunca misture cartas e uísque a menos que você tenha sido desmamado com uísque de batata irlandês — disse Gerald seriamente a Pork naquela mesma noite, enquanto este o ajudava na hora de recolher-se. E o criado, que pela admiração que sentia pelo novo senhor começara a arriscar um sotaque irlandês, respondeu em uma combinação do seu próprio patoá com o do condado de Meath que teria intrigado qualquer pessoa e que só os dois entendiam.

O barrento rio Flint, correndo silenciosamente entre paredões de pinheiro e carvalho cobertos por um emaranhado de trepadeiras, envolvia a nova terra de Gerald como um braço dobrado, contendo-a dos dois lados. Para Gerald, parado no pequeno monte onde antes se erguera a casa, aquela alta barreira verde era um marco agradável de propriedade, como se fosse uma cerca que ele próprio tivesse levantado para delimitar suas terras. De pé sobre as pedras enegrecidas dos alicerces da propriedade incendiada, olhou para a longa alameda de árvores que ia dar na estrada e praguejou vigorosamente, tomado de uma alegria muito intensa para fazer uma prece de agradecimento. Aquelas fileiras paralelas de árvores escuras eram suas, era seu o gramado abandonado, com mato até a cintura crescendo embaixo dos jovens pés de magnólia branca em flor. Os campos incultos cravejados de pinheirinhos e vegetação rasteira, onde o barro vermelho da superfície estendia-se a perder de vista nos quatro lados, tudo pertencia a Gerald O’Hara — era tudo seu, porque ele tinha uma cabeça irlandesa resistente e coragem para apostar tudo em uma mão de cartas.

Gerald fechou os olhos e, no silêncio dos hectares abandonados, sentiu-se em casa. Ali sob seus pés seria erguida uma sede de tijolos caiada de branco. Do outro lado da estrada haveria cercas novas, delimitando o pasto para o gado gordo e os cavalos de raça, e a terra vermelha das colinas que desciam para a rica várzea do rio brilharia toda branquinha como penugem de ganso ao sol — transformada em algodão, hectares e hectares de algodão! A fortuna dos O’Haras renasceria.

Com sua pequena participação, mais o que conseguiu pegar emprestado dos irmãos pouco entusiasmados e o dinheiro da hipoteca que levantou sobre a terra, Gerald comprou os primeiros peões e mudou-se para a casa de quatro cômodos do capataz de Tara, disposto a levar uma vida solitária de celibatário até ver erguida a casa branca de seus sonhos.

Limpou os campos, plantou algodão e tomou mais dinheiro emprestado de James e Andrew para comprar mais escravos. Os O'Haras eram um clã, unidos na prosperidade e na adversidade, não por uma afeição familiar prepotente, mas sim porque tinham aprendido nos anos impiedosos que, para uma família sobreviver, era preciso apresentar ao mundo uma fachada sólida. O dinheiro que emprestaram a Gerald voltou mais tarde, com juros. Gradualmente a fazenda se ampliou, conforme Gerald foi comprando mais terras em volta e, com o tempo, a casa branca passou do sonho à realidade.

Construída por trabalho escravo, era um prédio esparramado e desajeitado coroando o promontório voltado para o pasto verde que descia até o rio. E agradava muito a Gerald, pois, mesmo quando nova, a casa tinha um ar antigo. Os velhos carvalhos, que haviam visto índios passarem embaixo de seus galhos, abraçavam a casa com seus troncos enormes cujas copas fechadas se erguiam para sombrear o telhado. O relvado, retomado das ervas daninhas, virou um tapete de trevos e grama-de-bermudas impecável que Gerald fazia conservar. Da alameda de cedros ao renque de cabanas brancas da senzala, tudo em Tara tinha um ar de solidez, estabilidade e permanência. E cada vez que, ao dobrar a galope a curva da estrada, Gerald enxergava o telhado da casa assomando por entre os galhos verdes, ficava com o peito cheio de orgulho, como se estivesse vendo aquilo pela primeira vez.

Era tudo obra dele, o baixinho turrão e abusado.

Gerald tinha uma relação excelente com todos os seus vizinhos do condado, à exceção dos MacIntoshes, cuja propriedade fazia fronteira com a sua à esquerda, e dos Slatterys, cujo magro hectare estendia-se à direita na várzea, entre o rio e a fazenda de John Wilkes.

Os MacIntoshes eram escoceses-irlandeses e orangistas e, mesmo que tivessem todas as qualidades santas do calendário católico, aos olhos de Gerald aquela origem os condenava à maldição eterna. Chegaram à Geórgia havia setenta anos, depois de terem passado uma geração nas Carolinas; mas o primeiro da família a pôr os pés em solo americano viera do Ulster, e isso era suficiente para Gerald.

Era uma família fechada e metida, que não se dava com ninguém e se casava entre si, com os parentes da Carolina. Gerald não era o único a antipatizar com

eles. Também o povo do condado, solidário e sociável, não era muito tolerante com quem não possuía essas qualidades. Os boatos de que eram simpatizantes do abolicionismo não os tornava mais populares. O velho Angus nunca emancipara um escravo, nem cometera a imperdoável infração social de vender seus negros a mercadores que passavam a caminho das plantações de cana da Louisiana, mas os boatos continuavam correndo.

— Não tenho dúvida de que ele é abolicionista — observava Gerald a John Wilkes. — Mas, entre um princípio e a avareza dos escoceses, um orangista fica com a avareza.

O caso dos Slatterys era diferente. Sendo brancos pobres, sequer mereciam o respeito com que, de má vontade, os vizinhos tratavam o sisudo e independente Angus MacIntosh. O velho Slattery, que se aferrava com persistência àquele único hectare, apesar das reiteradas ofertas de Gerald e John Wilkes, era preguiçoso e chorão. Sua esposa era uma mulher desgrenhada, sem vida, de aparência doentia, mãe de um bando de filhos enfezados e com cara de coelho que aumentava a cada ano. Tom Slattery não possuía escravos. Ele e os dois filhos mais velhos ocupavam-se espasmodicamente do exíguo algodoal, enquanto a esposa e os filhos menores cuidavam do que chamavam de horta. Mas, de alguma forma, o algodão nunca vingava, e a horta, devido ao estado de gravidez permanente da sra. Slattery, raramente produzia o suficiente para alimentar a prole.

Era comum ver Tom Slattery à toa nas varandas dos vizinhos, pedindo sementes de algodão para plantar ou um pedaço de bacon para “lhe dar uma força”. Slattery odiava os vizinhos com a pouca energia que possuía, pois sentia o seu desprezo disfarçado pela cortesia, e odiava especialmente os “crioulos arrogantes dos ricos”. Os negros domésticos do condado consideravam-se superiores à ralé branca, e o desprezo que não escondiam magoava-o. Ao mesmo tempo, invejava a segurança maior de que aqueles negros gozavam na vida. Em contraste com sua própria existência miserável, eram bem-alimentados, bem-vestidos e cuidados na doença e na velhice. Os negros orgulhavam-se do bom nome de seus senhores, com cujo status se identificavam, ao passo que ele era desprezado por todos.

Tom Slattery podia ter vendido seu sítio pelo triplo do valor a qualquer um dos fazendeiros do condado, que consideraria um ótimo negócio livrar a comunidade de algo que ofendia a vista. Mas ele não queria saber de sair dali e se contentava em viver miseravelmente dos rendimentos de um fardo de algodão por ano e da caridade dos vizinhos.

Com todo o resto do condado, Gerald tinha relações de amizade e alguma intimidade. Os Wilkes, os Calverts, os Tarletons, os Fontaines, todos sorriam quando surgia a galope por suas propriedades adentro a figurinha do amigo no grande cavalo branco. Sorriam e mandavam trazer copos altos com uma dose de bourbon servida sobre uma colher de açúcar e um ramo de hortelã amassado. Gerald era simpático, e os vizinhos perceberam com o tempo o que as crianças, os negros e os cães descobriam de cara: que por trás daqueles berros e daquela truculência escondiam-se um bom coração, um ouvido solidário e uma carteira aberta.

Ao chegar, era sempre recebido por um bando de cães latindo e negrinhos gritando enquanto corriam ao seu encontro, disputando o privilégio de segurar seu cavalo e contorcendo-se com um sorriso arreganhado ao ouvir seus insultos bem-humorados. As crianças brancas queriam logo ir sentar em seu colo para brincar de cavalinho, enquanto ele denunciava aos mais velhos a infâmia dos políticos ianques. As filhas dos amigos lhe faziam confidências sobre seus namoros, e os rapazes, temerosos de confessar aos pais dívidas de honra, encontravam nele um amigo de verdade. “Então você está devendo isso há um mês, seu patife!” gritava ele. “E por que cargas d’água não me pediu o dinheiro antes?”

Seu modo rude de falar era conhecido demais para ofender alguém, e só fazia os rapazes rirem encabulados e responderem: “Bom, eu não queria incomodar o senhor, e meu pai…” “Seu pai é um homem bom, não há dúvida, mas é rígido. Então tome isto aqui e não vamos falar mais no assunto.”

As senhoras dos fazendeiros foram as últimas a se render. Mas, quando a sra. Wilkes, que Gerald descrevia como “uma grande dama e com o raro dom de falar pouco”, ao ouvir seu cavalo partindo, disse ao marido “Ele tem um linguajar rude, mas é um cavalheiro”, Gerald definitivamente chegou lá.

Ele não sabia que levara quase dez anos para isso, pois nunca lhe ocorrera que os vizinhos primeiro o olharam com desconfiança. Desde que pusera os pés em Tara, nunca lhe passara pela cabeça duvidar de que seu lugar fosse ali.

Com 43 anos, atarracado e corado como um escudeiro de caça de uma gravura esportiva, Gerald, apesar de gostar muito de Tara e dos vizinhos, sentiu que lhe faltava alguma coisa. Ele queria uma esposa.

Tara pedia uma dona. O cozinheiro gordo, um negro de quintal promovido à cozinha por necessidade, nunca servia as refeições na hora, e a camareira, antes uma peoa, deixava a poeira se acumular sobre os móveis e nunca parecia ter roupa de cama limpa à mão, o que tornava a chegada de algum hóspede sempre motivo de afobação e alvoroço. Pork, o único negro doméstico treinado que havia na casa, fazia a supervisão geral dos outros criados, mas até ele começava a relaxar e descuidar do serviço, depois de tantos anos de convivência com aquele senhor sempre de bem com a vida. Como criado pessoal, mantinha em ordem o quarto de Gerald e, como mordomo, servia as refeições com dignidade e estilo, mas, fora isso, deixava as coisas andarem sozinhas.

Com um infalível instinto africano, os negros logo perceberam que Gerald ladrava muito, mas não mordia, e aproveitavam-se disso descaradamente. O ar vivia carregado de ameaças de que escravos seriam vendidos para o sul, de que seriam chicoteados sem dó, mas nunca se soube de nenhum escravo de Tara que tivesse sido vendido e apenas um foi chicoteado, por não ter desarreado o cavalo predileto de Gerald depois de um longo dia de caçada.

Os olhos azuis e perspicazes de Gerald notavam a eficiência e a facilidade com que as mulheres dos vizinhos, sempre com o penteado impecável, vestidas com suas saias farfalhantes, administravam a casa e a criadagem. Ele não via que aquelas mulheres estavam em atividade desde a madrugada até a meia-noite, presas à supervisão da cozinha, da criação dos filhos, da costura e da lavanderia. Só enxergava os resultados externos, e esses resultados o impressionavam.

A necessidade urgente de uma esposa ficou evidente para ele em um dia em que se vestia para ir à feira na cidade e Pork lhe trouxe sua camisa de babados favorita, tão mal cerzida pela mucama que só poderia ser usada pelo seu criado.

— Sinhô Gerald — disse Pork, ao dobrar com gratidão a camisa enquanto Gerald espumava de raiva —, o sinhô tá percisano é d’uma muié, e d’uma com

muitos nêgo di casa.

Gerald repreendeu Pork pela impertinência, mas sabia que ele tinha razão. Queria uma esposa e queria filhos e, se não os conseguisse logo, seria tarde demais. Só que não ia se casar com qualquer pessoa, como fizera o sr. Calvert, desposando a ianque preceptora de seus filhos órfãos. Sua esposa precisava ser uma dama, e uma dama de sangue, possuindo os ares distintos e as graças da sra. Wilkes, capaz de administrar Tara tão bem quanto a sra. Wilkes administrava sua própria fazenda.

Contudo, havia duas dificuldades em relação a casar-se nas famílias da região. A primeira era a escassez de moças em idade casadoura. A segunda, e mais séria, era que Gerald, apesar de lá viver havia quase dez anos, era um neófito na comunidade, e um estrangeiro, sobre cuja família nada se sabia. Embora a sociedade do norte da Geórgia não fosse tão fechada quanto a dos aristocratas do litoral, nenhuma família queria que uma filha se casasse com um homem cujo avô era totalmente desconhecido.

Gerald sabia que, apesar de ter a simpatia genuína dos homens do condado com quem caçava, bebia e conversava de política, não havia nenhum com cuja filha pudesse se casar. E não queria dar margem a que se comentasse nas mesas de jantar que esse ou aquele pai, infelizmente, fora obrigado a não permitir que Gerald O'Hara cortejasse sua filha. Ter consciência disso não o fazia sentir-se inferior aos vizinhos. Nada podia fazer Gerald sentir-se inferior a alguém. Era meramente um costume estranho do condado que as filhas só se casassem dentro de famílias que morassem no sul havia muito mais de 22 anos, possuíssem terras e escravos e não tivessem outros vícios além dos aceitos ali.

— Faça a mala. Vamos para Savannah — disse ele a Pork. — E, se eu ouvir você dizer uma só vez "ssh!" ou "cruz-credo", pode se considerar vendido, pois são coisas que eu mesmo quase nunca falo.

James e Andrew talvez pudessem aconselhá-lo naquela questão de casamento e, quem sabe, tivessem algum velho amigo cuja filha preenchesse seus requisitos e o considerasse aceitável como marido. Os irmãos ouviram pacientemente sua história, mas não o encorajaram muito. Não tinham parentes em Savannah a cuja ajuda pudessem recorrer. Já eram casados quando foram para a América. E as filhas de seus velhos amigos, além de casadas, já eram mães de família.

— Você não é um homem rico nem pertence a uma grande família — lembrou-lhe James.

— Já consegui meu dinheiro e posso construir uma grande família. Não vou me casar com qualquer uma.

— Você sonha alto — observou Andrew secamente.

Mas os dois esforçaram-se ao máximo para ajudar Gerald. Eram velhos, tinham uma boa posição e eram muito bem relacionados em Savannah. Durante um mês, levaram Gerald à casa de todos os amigos para participar de ceias, danças e piqueniques.

— Só vejo graça em uma — disse Gerald finamente. — E essa nem era nascida quando cheguei aqui.

— E quem é essa?

— A srta. Ellen Robillard — respondeu Gerald, procurando falar com naturalidade, pois via mais que graça nos olhos escuros ligeiramente inclinados de Ellen. Apesar do jeito desconcertantemente apático, tão estranho em uma menina de 15 anos, ela o encantou. Ademais, notou nela um ar impressionante de desespero que o comoveu, levando-o a tratá-la com uma gentileza excepcional.

— E você tem idade para ser pai dela!

— Mas estou na flor da idade! — exclamou Gerald, magoado.

James falou com calma.

— Jerry, não há moça em Savannah com quem você tenha menos chance de se casar. O pai é um Robillard, e aqueles franceses são orgulhosos como o diabo. E a mãe, que Deus a tenha, era uma grande dama.

— Não quero saber — disse Gerald inflamado. — Além do mais, a mãe já morreu, e o velho Robillard gosta de mim.

— Como homem, sim, mas como genro, não.

— A moça não ia querer você de jeito nenhum — interveio Andrew. — Está apaixonada pelo destrambelhado do primo, o Philippe Robillard, já faz um ano, apesar de a família atazaná-la de manhã à noite para que desista dele.

— Ele foi para Louisiana este mês — disse Gerald.

— E como você sabe?

— Eu sei — respondeu Gerald, que não tinha interesse em dizer que Pork lhe dera essa informação valiosa, nem que Philippe partira para o Oeste por desejo expresso da família. — E não acho que ela esteja tão apaixonada por ele que não vá esquecê-lo. Quinze anos é muito pouca idade para entender muito de amor.

— Eles prefeririam que ela se casasse com aquele primo perigoso a que se casasse com você.

Por isso, o espanto de James e Andrew não foi menor que o de ninguém quando saiu a notícia de que a filha de Pierre Robillard ia se casar com o irlandês baixinho do Norte. Savannah inteira se alvoroçava, na surdina, especulando sobre Philippe Robillard, que fora para o Oeste, mas ninguém encontrava resposta. O motivo do casamento da mais bonita das meninas Robillard com um baixinho de cara afogueada permanecia um mistério para todos.

O próprio Gerald nunca conseguiu explicá-lo direito. Só soube que um milagre acontecera. E, pela primeira vez na vida, sentiu-se absolutamente inferior quando Ellen, muito pálida, mas muito calma, pousou de leve a mão em seu braço e disse:

— Eu me caso com o senhor, sr. O'Hara.

Os estupefatos Robillards sabiam, em parte, a resposta, mas só Ellen e sua Mammy tinham conhecimento do que se passara naquela noite. De coração partido, a menina soluçara até o dia raiar. Ao levantar-se pela manhã, era uma mulher com a decisão tomada.

Com mau pressentimento, Mammy entregara à sua jovem senhora um pequeno embrulho, remetido de Nova Orleans e sobrescrito com uma letra desconhecida. Continha uma miniatura de Ellen, que ela jogou no chão com um grito, quatro cartas de seu próprio punho para Philippe Robillard e um bilhete em que um padre de Nova Orleans anunciava a morte de seu primo em uma briga de bar.

— Foram eles que o obrigaram a ir embora! Meu pai, Pauline e Eulalie. Foram eles. Eu os odeio. Odeio todos eles. Nunca mais quero vê-los. Quero ir embora. Vou embora para onde eu nunca mais os veja, nem a esta cidade, nem a qualquer pessoa que me lembre do… do… dele.

Já quase de manhãzinha, Mammy, que se consumira em lágrimas ao lado de sua sinhazinha, protestou:

— Mas, quirida, ocê num pode fazê isso!

— Vou fazer. Ele é um homem bom. Faço isso ou entro para o convento em Charleston.

Foi a ameaça do convento que acabou convencendo o perplexo e desolado Pierre Robillard. Presbiteriano zeloso, embora a família fosse católica, achou a ideia de a filha tornar-se freira até pior do que a de se casar com Gerald O'Hara, cujo único defeito era não ter família.

Assim, Ellen, não mais Robillard, dando adeus para sempre a Savannah, pôs-se a caminho de Tara, na companhia do marido de meia-idade, da mãe preta e de vinte "negros domésticos".

No ano seguinte, nasceu uma menina a quem deram o nome de Katie Scarlett, o mesmo da mãe de Gerald. Embora desapontado, pois desejara um menino, Gerald sentiu-se tão feliz ao ver a filhinha de cabelos negros que serviu rum a todos os escravos de Tara e embriagou-se também para comemorar com alarde sua alegria.

Se Ellen algum dia se arrependera da súbita decisão que tomara, ninguém jamais desconfiou, e muito menos Gerald, que quase explodia de orgulho sempre que a olhava. Desde que chegou, ela considerou o norte da Geórgia como o seu lugar e tirou da cabeça a gentil cidade litorânea de Savannah com todas as suas lembranças.

Ao deixar a casa paterna, saíra de um lar cujas linhas eram belas e fluidas como um corpo feminino, ou as de um navio a todo pano; uma casa em estilo colonial francês, de estuque rosa-claro, elegantemente plantada em um nível mais alto que a rua, com acesso por escadas em espiral, cuja balaustrada de ferro forjado tinha um rendilhado da maior delicadeza. Uma casa escura, rica e graciosa, porém distante.

Deixara não só aquela moradia encantadora, mas também toda a civilização implícita na sua construção, e achou-se em um mundo tão diferente, em todos os aspectos, que era como se tivesse mudado de continente.

Ali, no norte da Geórgia, a natureza era rústica e o povo, resistente. No platô do sopé das montanhas Blue Ridge, para onde quer que olhasse, ela via um mar de coxilhas vermelhas, com enormes ilhas de granito e esguios pinheiros

erguendo-se sombrios por todo lado. Tudo parecia selvagem e indomado a seus olhos criados no litoral, acostumados à plácida beleza das ilhas marítimas envolvidas em um manto de vegetação verde e de musgos cinzentos, com trechos de praias brancas aquecidas pelo sol semitropical e extensões arenosas onde cresciam coqueiros e palmeiras.

Naquela região que conhecia o frio do inverno e o calor do verão, os habitantes possuíam um vigor e uma energia que lhe eram estranhos. Era uma gente bondosa, cortês, generosa, de natureza extremamente afável, mas resistente, enérgica, irritadiça. Os habitantes do litoral, que ela deixara, podiam se orgulhar de levar na flauta todas as suas questões, até mesmo os duelos e as contendas, mas aquela gente do norte da Geórgia era violenta. No litoral, a vida tinha amadurecido — ali era jovem, sensual e nova.

Todos os conhecidos de Ellen em Savannah pareciam ter sido feitos do mesmo molde, tão semelhantes eram seus pontos de vista e suas tradições, mas ali havia uma grande variedade de tipos. Os que se estabeleciam no norte da Geórgia eram oriundos de toda parte. De outras regiões da Geórgia, das Carolinas, da Virgínia, da Europa e do Norte. Alguns, como Gerald, vinham em busca da fortuna. Alguns, de famílias antigas, como Ellen, achando a vida intolerável no local em que nasceram, procuravam refúgio em uma terra distante. Outros haviam se mudado sem outro motivo senão o sangue irrequieto dos pais pioneiros que ainda corria em suas veias.

Toda aquela gente, vinda de locais tão diferentes e com origens tão distintas, dava à vida do condado uma informalidade que Ellen não conhecia e a que nunca se acostumou totalmente. Sabia por instinto como as pessoas do litoral agiriam em qualquer circunstância. Mas o georgianos do norte eram imprevisíveis.

Uma onda de prosperidade passava pelo Sul, acelerando todos os negócios da região. Havia uma grande demanda por algodão em todo o mundo, e as terras inexploradas e férteis do condado produziam-no em abundância. O algodão tornou-se o coração da região. O plantio e a colheita eram a diástole e a sístole da terra vermelha. A riqueza surgiu dos sulcos recurvados, trazendo arrogância — uma arrogância apoiada nos arbustos verdes e nos hectares de algodão macio.

Se o algodão foi capaz de enriquecê-los em uma geração, quão mais ricos seriam na próxima!

Aquela certeza do amanhã dava entusiasmo à vida, e a gente do condado gostava da vida com uma animação que Ellen nunca conseguiu entender direito. As pessoas tinham dinheiro e escravos suficientes para ter tempo de se divertir, e elas gostavam de se divertir. Nunca pareciam estar ocupadas demais para deixar de ir a um piquenique, a uma caçada ou a uma corrida de cavalo, e quase não se passava semana sem um churrasco ou um baile.

Ellen nunca pôde nem quis tornar-se uma delas — tinha deixado muito de si em Savannah —, mas respeitava-as e, com o passar do tempo, aprendeu a admirar a franqueza e a sinceridade daquela gente, que não era de muitas reticências e valorizava um homem pelo que ele era.

Tornou-se a vizinha mais querida do condado. Era uma senhora parcimoniosa e boa, mãe dedicada e esposa exemplar. O desgosto e a abnegação que teria dedicado à Igreja, dedicou-os então à filha, ao lar e ao homem que a tirara de Savannah e de suas recordações sem lhe fazer perguntas.

Quando Scarlett tinha um ano de idade e, na opinião da Mammy, era mais saudável e mais vigorosa que uma criança tinha direito de ser, nasceu a segunda filha de Ellen, batizada de Susan Elinor, mas sempre chamada de Suellen. Pouco depois, veio Carreen, registrada na bíblia da família como Caroline Irene. Depois vieram três meninos, todos mortos antes de aprender a andar — os três agora jaziam à sombra dos cedros retorcidos no cemitério a noventa metros da casa, sob três lápides, cada qual trazendo o nome de “Gerald O’Hara Jr.”.

Desde o dia em que Ellen chegou a Tara, a casa se transformou. Embora tivesse apenas 15 anos, estava preparada para as responsabilidades inerentes a uma senhora de fazenda. Antes do casamento, as jovens deviam ser, acima de tudo, doces, delicadas, belas e decorativas, mas, depois de casadas, esperava-se que administrassem casas onde viviam cem pessoas ou mais, entre brancos e negros, e eram treinadas para esse fim.

Ellen recebera a preparação para o casamento que qualquer jovem bem-educada recebia. Além disso, tinha Mammy, que conseguia reanimar o negro mais indolente. Em pouco tempo, trouxe ordem, dignidade e graça à casa de Gerald, dando a Tara uma beleza toda nova.

A casa, construída sem nenhum plano arquitetônico, com cômodos sendo acrescentados onde e quando parecia conveniente, graças ao cuidado e à atenção de Ellen ganhara um charme que compensava sua falta de estilo. Na alameda de cedros que ligava a estrada principal à casa — aquela alameda sem a qual a casa de nenhum fazendeiro da Geórgia podia estar completa — havia uma sombra escura e fresca que realçava, pelo contraste, o verde das outras árvores. A glicínia que caía sobre as varandas destacava-se contra os tijolos brancos, encontrando-se junto à porta com os pés de extremosa cor-de-rosa e com as magnólias brancas no quintal para disfarçar um pouco as linhas canhestras da casa.

Na primavera e no verão, a grama-de-bermudas e o trevo no relvado tornavam-se verde-esmeralda, um verde tão sedutor que apresentava uma tentação irresistível aos bandos de perus e de gansos brancos que só deviam andar pelos fundos da casa. Os mais velhos desses bandos lideravam constantes avanços furtivos ao jardim, atraídos pelo verde da grama e pela apetitosa promessa dos brotos de gardênia e dos canteiros de zínia. Contra essa depredação, havia apenas um negrinho de sentinela a postos na varanda da frente. Sentado nos degraus, armado com uma toalha esfarrapada, fazia parte do cenário de Tara — mas contrariado, pois era proibido de bater nas aves, tendo que se limitar a abanar a toalha para enxotá-las.

Ellen preparou dezenas de negrinhos para essa tarefa, a primeira posição de responsabilidade que um escravo do sexo masculino ocupava em Tara. Depois que completavam dez anos, eram enviados ao velho Daddy, o sapateiro da fazenda, para aprenderem o ofício com ele, ou para Amos, o fabricante de rodas e carpinteiro, ou Phillip, o vaqueiro, ou Cuffee, o garoto das mulas. Se não demonstravam aptidão para qualquer desses ofícios, tornavam-se peões e, na opinião dos negros, haviam perdido o direito de reivindicar qualquer posição social.

A vida de Ellen não era fácil, nem feliz, mas ela não esperava que a vida fosse fácil, e, se não era feliz, era esse o destino das mulheres. O mundo era feito para os homens, e ela o aceitava como tal. O homem possuía a propriedade, e a mulher a administrava. O homem levava o crédito pela administração, e a mulher elogiava a inteligência dele. O homem rugia como um touro quando

espetava uma farpa no dedo, e a mulher abafava os gritos no parto, para não perturbar o marido. Os homens falavam com grosseria e se embriagavam com frequência. As mulheres faziam ouvidos moucos para o linguajar inadequado e, sem palavras azedas, colocavam os maridos embriagados na cama. Os homens eram rudes e diretos; as mulheres, sempre bondosas, delicadas e indulgentes.

Ellen recebera a educação tradicional das grandes damas, o que lhe ensinara a carregar seu fardo e ainda conservar o charme, e ela pretendia que as três filhas também fossem grandes damas. Com as duas mais moças, teve sucesso, pois Suellen desejava tanto ser atraente que ouvia com atenção e obediência os ensinamentos da mãe, e Carreen era tímida e dócil. Mas Scarlett, filha de Gerald, achou difícil o caminho para chegar a ser o que a mãe desejava.

Para a indignação de Mammy, seus companheiros de folguedo preferidos não eram as irmãs recatadas nem as bem-educadas meninas Wilkes, mas sim as crianças negras da fazenda e os meninos da vizinhança. Scarlett sabia trepar em árvores e atirar pedras tão bem quanto qualquer um deles. Mammy não entendia como a filha de Ellen tinha aquele jeito e vivia insistindo para que ela “se portasse feito uma sinhazinha”. Contudo, Ellen via aquilo de uma forma mais tolerante e menos míope. Sabia que os amigos de criança viravam namorados, e que a primeira obrigação de
uma moça era se casar. Disse a si mesma que a filha era apenas cheia de vida e que ainda havia tempo para lhe ensinar as artes e graças que seduziam os homens.

Com tal intuito, Ellen e Mammy puseram mãos à obra, e, com a idade, Scarlett tornou-se uma boa aluna naquela matéria, embora não tivesse aprendido muito mais que isso. Apesar da sucessão de preceptoras e dos dois anos passados na vizinha Academia Feminina de Fayetteville, sua educação foi incompleta, mas não havia moça no condado que dançasse com mais graça que ela. Sabia como sorrir de forma a realçar as covinhas; como pisar para que as amplas saias armadas balançassem de forma provocante; como olhar para um homem e depois baixar os olhos, pestanejando para dar a impressão de estar trêmula de emoção. E, acima de tudo, aprendeu a esconder dos homens a agudeza de sua inteligência por trás de uma suave carinha infantil.

Ellen, por meio de conselhos à meia-voz, e Mammy, por pitos constantes, esforçavam-se para inculcar-lhe as qualidades que a tornariam verdadeiramente desejável como esposa.

“Você precisa ser mais delicada, querida, mais tranquila”, dizia Ellen à filha. “Não deve interromper um cavalheiro quando ele está falando, mesmo se achar que sabe mais que ele. Os homens não gostam de moças confiantes.”

“Sinhazinha qui franze a testa e impina u quexo dizeno ‘vô fazê isso’ i ‘quero aquilo’ num arranja marido”, profetizava Mammy melancolicamente. “Uma sinhazinha tem di baxá us óio i dizê ‘tá bem, vô fazê u c’ocê diz’.”

As duas ensinaram-lhe tudo que uma moça distinta devia saber, mas a menina só aprendia os sinais externos de distinção. A graça interior de onde esses sinais deveriam brotar, ela nunca aprendeu nem viu qualquer razão para aprender. As aparências bastavam, pois as aparências de grande dama lhe davam popularidade, e isso era tudo que ela queria. Gerald gabava-se de que a filha era a mais bela dos cinco condados, e com alguma verdade, pois ela recebera propostas de quase todos os rapazes da vizinhança e muitas de lugares tão distantes quanto Atlanta e Savannah.

Aos 16 anos, graças a Mammy e Ellen, Scarlett parecia doce, encantadora e alegre, mas na verdade era teimosa, vaidosa e obstinada. Tinha o temperamento apaixonado do pai irlandês e nada da natureza abnegada e paciente da mãe, a não ser um verniz finíssimo, que Ellen nunca se dera conta de que era só um verniz. Scarlett sempre lhe mostrava o seu melhor lado, disfarçando as escapadas, contendo o mau gênio e se mostrando o mais dócil possível na presença dela, pois bastava um olhar de censura da mãe para fazê-la chorar de vergonha.

Mas Mammy não tinha ilusões sobre ela e estava sempre atenta a rachaduras no verniz. Os olhos de Mammy eram mais perspicazes que os de Ellen, e Scarlett não se lembrava de alguma vez na vida a ter enganado durante muito tempo.

Não que as mentoras amorosas deplorassem a animação, a vivacidade e o encanto de Scarlett. Eram traços de que as mulheres sulistas se orgulhavam. O que as preocupava era a natureza obstinada e impetuosa de Gerald que ela possuía e o medo de que isso não lhe permitisse disfarçar seus defeitos até fazer um bom casamento. Mas Scarlett pretendia se casar — e com Ashley — e estava disposta a parecer recatada, maleável e avoada, se essas eram as qualidades que

atraíam os homens. Por que os homens eram assim, ela não sabia. Só sabia que o método era eficaz. Nunca se interessara em descobrir por quê. Não entendia como funcionava a cabeça das pessoas, nem mesmo a dela própria. Sabia apenas que, se agisse de determinada maneira, provocava nos homens determinada reação. Era como uma fórmula matemática, e não mais difícil do que isso, pois matemática foi a única matéria que Scarlett aprendeu com facilidade nos tempos de escola.

Se sabia muito pouco sobre a cabeça dos homens, sabia menos ainda sobre a das mulheres, pois estas a interessavam menos. Nunca tivera nenhuma amiga do sexo feminino, e isso nunca lhe fizera a menor falta. Considerava todas as mulheres, incluindo suas duas irmãs, inimigas naturais que perseguiam a mesma presa — o homem.

Todas as mulheres com a única exceção de sua mãe.

Ellen O'Hara era diferente, e Scarlett a considerava como algo santo e à parte de todo o resto da humanidade. Quando Scarlett era criança, confundia a mãe com a Virgem Maria, e agora que era mais velha não via motivo para mudar de opinião. Para ela, Ellen representava a segurança absoluta que só o Céu ou uma mãe podiam dar. Sabia que sua mãe era a personificação da justiça, da verdade, do carinho e da sabedoria profunda — uma grande dama.

Scarlett queria muito ser como a mãe. A única dificuldade era que, sendo justa, verdadeira, terna e generosa, a pessoa perdia quase todas as alegrias da vida, e certamente muitos namorados. E a vida era muito curta para alguém se privar de coisas tão agradáveis. Um dia, quando fosse casada com Ashley e já estivesse velha… Um dia, quando tivesse tempo para isso, pretendia ser como Ellen. Mas até lá…

Capítulo 4

Naquela noite, Scarlett presidiu à mesa na ausência da mãe, mas sua cabeça fervilhava com a terrível notícia que recebera sobre Ashley e Melanie. Desejava desesperadamente que a mãe voltasse da casa dos Slatterys. Sem ela, sentia-se só e perdida. Que direito tinham os Slatterys, sempre doentes, de tirar Ellen de casa justo naquela hora em que tanto precisava dela?

Durante toda a triste refeição, Gerald falava aos brados, quase estourando seus ouvidos. Ela já não aguentava mais. Ele já nem se lembrava da conversa que haviam tido naquela tarde. Monologava sobre a última notícia do forte Sumter, pontuando o discurso com murros na mesa e gestos largos. Gerald tinha o hábito de dominar a conversa às refeições. Scarlett, em geral ocupada com os próprios pensamentos, mal o ouvia. Mas hoje não conseguia se desligar da voz dele, por mais atenta que estivesse ao ruído das rodas da carruagem que anunciaria a volta de Ellen.

Claro que não pretendia contar à mãe o que lhe pesava tanto no coração, pois Ellen levaria um choque e ficaria arrasada ao saber que uma filha sua desejava um homem noivo de outra. Mas, ao experimentar o primeiro dissabor de sua vida, queria o conforto da presença materna, que sempre lhe dava sensação de segurança, como se fosse capaz de amenizar até mesmo as piores situações.

Levantou-se subitamente ao ouvir o rangido de rodas na entrada, mas tornou a sentar-se ao perceber que a carruagem se dirigia ao quintal dos fundos. Não podia ser Ellen, pois ela saltaria nos degraus da frente. Ouviu uma algazarra animada no pátio escuro e as risadas estridentes dos negros. Olhando pela janela, viu Pork, que acabara de sair da sala, segurando no alto uma tocha de nó de pinho acesa, enquanto formas indistintas desciam de uma carroça. As risadas e as conversas lhe chegavam da escuridão da noite com uma entonação agradável, descontraída, familiar, gutural e musicalmente estridente. Depois, o rumor dos passos vindos do alpendre dos fundos para o corredor que levava ao corpo da

casa parou em frente à sala de jantar. Após uma breve confabulação à meia-voz, Pork, sem aquela pose digna de sempre, entrou revirando os olhos e com os dentes à mostra.

— Sinhô Gerald — anunciou ofegante, tendo estampado na cara luzidia todo o orgulho de um noivo —, sua muié nova chego.

— Mulher nova? Eu não comprei nenhuma mulher nova — declarou Gerald, fingindo um olhar feroz.

— Comprô sim, sinhô, sinhô Gerald! Comprô sim, sinhô. E ela tá ali quereno falá c'ocê — respondeu Pork, rindo e torcendo as mãos de excitação.

— Bem, faça entrar a noiva — disse Gerald, e Pork, voltando-se para o hall, fez sinal chamando a esposa, recém-chegada da fazenda dos Wilkes para se tornar parte da criadagem de Tara. Ela entrou, e atrás, quase escondida por suas volumosas saias de chita, entrou sua filha de 12 anos, contorcendo-se, encostada nas pernas da mãe.

Dilcey era alta e empertigada. Podia ter qualquer idade de trinta a sessenta anos, tão sem rugas era o seu rosto imóvel de bronze. Suas feições denotavam sangue índio, contrabalançando as características negroides. O tom vermelho da pele, a testa alta e estreita, as maçãs do rosto proeminentes e o nariz aquilino, achatado na ponta por cima dos lábios grossos de negro, tudo revelava a mistura de duas raças. Senhora de si, andava com uma dignidade ainda maior que a de Mammy, pois a da mãe preta era adquirida, enquanto a de Dilcey estava no sangue.

Quando falava, não comia as sílabas tanto quanto a maioria dos negros, e escolhia as palavras com mais cuidado.

— Boa noite, sinhazinhas. Sinhô Gerald, discurpe u incômodo, mas eu quis vim aqui agradecê di novo ao sinhô pur mi comprá junto c'a minha fia. Muntos moço podia tê mi comprado, mas eles num quiria comprá a minha Prissy tamém, pra eu num sofrê, i agradeço ao sinhô. Vô fazê o meu milhó pro sinhô i mostrá qui num esqueço.

Gerald pigarreou, encabulado por ter sido flagrado em um ato de bondade.

Dilcey virou-se para Scarlett, enquanto algo como um sorriso franzia os cantos de seus olhos.

— Sinhazinha Scarlett, o Poke mi contô como a sinhora pidiu pro sinhô Gerald mi comprá. Intão vô dá a minha Prissy pra sê sua criada.

Ela esticou o braço para trás e puxou a garotinha. Era uma criaturinha marrom, de pernas finas como as de um passarinho e uma quantidade de trancinhas cuidadosamente envoltas com barbante projetando-se da cabeça. Seus olhos incisivos e vivos, aos quais nada escapava, tinham uma expressão estudadamente idiota.

— Obrigada, Dilcey — respondeu Scarlett. — Mas acho que Mammy tem algo a dizer sobre isso. Ela é minha criada desde que nasci.

— Mammy tá ficano veia — disse Dilcey, com uma calma que teria enfurecido a mãe preta. — Ela é uma boa Mammy, mas a sinhora agora é uma sinhazinha e percisa di uma boa criada, e a minha Prissy já tava seno preparada pra sinhazinha India há um ano. Ela sabe custurá e penteá cabelo como gente grande.

Cutucada pela mãe, Prissy fez uma súbita reverência e sorriu com todos os dentes para Scarlett, que não pôde evitar retribuir.

Fedelha esperta, pensou, e disse em voz alta:

— Obrigada, Dilcey, vamos ver isso quando a mamãe chegar.

— Obrigada, sinhazinha. Dou boa-noite pra sinhora — disse Dilcey e, virando-se, retirou-se com a filha, acompanhada de Pork.

Tirada a mesa da ceia, Gerald retomou o discurso, que, se a ele já não dava muito gosto, à plateia não dava nenhum. Suas previsões estrondosas de guerra iminente e suas perguntas retóricas questionando se o Sul ainda aguentaria mais insultos dos ianques só recebiam como respostas uns “sim, papai” e “não, papai” ligeiramente entediados. Carreen, sentada em um pufe embaixo da lâmpada grande, estava mergulhada no romance sobre uma moça que se tornou freira depois da morte do amado, e, com lágrimas silenciosas de deleite a lhe escorrerem dos olhos, comprazia-se ao imaginar-se de véu branco. Suellen, bordando o que, de piada, chamava de “baú da esperança”, se perguntava se poderia afastar Stuart Tarleton da irmã no churrasco do dia seguinte, fascinando-o com as doces qualidades femininas que faltavam a Scarlett. E Scarlett estava perturbadíssima por causa de Ashley.

Como era possível que o pai, sabendo que ela estava arrasada, ficasse falando sem parar sobre o forte Sumter e os ianques? Como quase todas as pessoas muito jovens, ela não entendia como os outros podiam ficar tão egoistamente alheios à sua dor, e o mundo continuar seguindo em frente, apesar de seu desgosto amoroso.

Sua mente parecia ter sido varrida por um ciclone, e era estranho que aquela sala de jantar permanecesse igual, conservando a placidez de sempre. A mesa e os aparadores de mogno pesados, a prataria sólida, os alegres tapetes de retalhos sobre o chão reluzente, tudo continuava nos mesmos lugares, como se nada tivesse acontecido. Era uma sala simpática e confortável e, normalmente, Scarlett adorava as horas calmas que a família lá passava depois da ceia. Mas naquela noite odiava-a e, se não temesse as perguntas do pai feitas aos gritos, teria saído de fininho para o corredor escuro e ido para o pequeno escritório de Ellen chorar suas mágoas naquele sofá velho.

Aquele era o aposento preferido de Scarlett. Ali, Ellen sentava-se todas as manhãs diante de sua escrivaninha alta para fazer a contabilidade da fazenda e ouvir os relatos de Jonas Wilkerson, o administrador. Ali também a família relaxava enquanto a pena de Ellen corria nos livros contábeis, Gerald na velha cadeira de balanço, as meninas nas almofadas murchas do sofá velho demais para a parte da frente da casa. Scarlett daria tudo para estar ali agora, sozinha com Ellen, e poder encostar a cabeça no colo da mãe para chorar em paz. Será que sua mãe nunca voltaria para casa?

Então, ouviu-se o cascalho da entrada ranger sob as rodas e a voz suave de Ellen dispensando o cocheiro. Todo o grupo ergueu os olhos com ansiedade quando ela entrou depressa, as saias balançando, o rosto cansado e triste. A leve fragrância do sachê de verbana-limão que emanava sempre de seus vestidos se fez sentir. Scarlett sempre associava aquele perfume à mãe. Mammy vinha alguns passos atrás, com o beiço inferior espichado e a testa franzida, trazendo na mão a bolsa de couro. Resmungava sombriamente para si mesma enquanto andava, cuidando para emitir suas reclamações em um tom baixo demais para que fossem entendidas, porém alto o suficiente para transmitir toda a sua reprovação.

— Sinto muito por estar tão atrasada — disse Ellen, deixando o xale xadrez escorregar dos ombros inclinados e entregando-o a Scarlett, cujo rosto acariciou ao passar.

A cara de Gerald iluminou-se como se por magia quando ela entrou.

— O moleque está batizado? — perguntou.

— Sim, e morto, coitadinho — informou Ellen. — Achei que Emmie morreria também, mas acho que ela vai viver.

Os rostos das meninas se voltaram para ela, espantados e curiosos. Gerald balançou a cabeça filosoficamente.

— Bem, é melhor que tenha morrido, sem dúvida, pobrezinho sem pa…

— Está tarde. É melhor começarmos as orações agora — interrompeu Ellen com tanta suavidade que, se Scarlett não conhecesse bem a mãe, a interrupção teria passado despercebida.

Seria interessante saber quem era o pai do filho de Emmie Slattery, mas Scarlett sabia que, se esperasse para ouvir da mãe essa informação, jamais ficaria sabendo. Scarlett desconfiava de Jonas Wilkerson, pois o via sempre passeando na estrada com Emmie à noitinha. Jonas era ianque e solteiro, e o fato de ser administrador barrava-o de qualquer contato com a vida social do condado. Não havia família de qualquer posição social em que ele pudesse entrar pelo casamento, nem gente com quem pudesse se dar a não ser os Slatterys e ralés da mesma laia. Como tinha um nível de educação bem superior ao dos Slatterys, era muito natural que não se casasse com Emmie, a despeito da frequência daqueles passeios ao crepúsculo.

Scarlett sorriu, pois sua curiosidade era aguda. Sempre aconteciam coisas sob os olhos de sua mãe que lhe passavam totalmente despercebidas, como se nem tivessem acontecido. Ellen fingia não ver tudo que era contrário à sua ideia de conveniência e tentava, sem muito sucesso, ensinar Scarlett a fazer o mesmo.

Ellen estava indo pegar o rosário na caixinha incrustada que ficava sobre o console da lareira quando Mammy falou com firmeza:

— Sinhá Ellen, a sinhora vai jantá antes di rezá.

— Obrigada, Mammy, mas não estou com fome.

— Vô eu mesma prepará a sua janta i ocê vai cumê — disse Mammy, franzindo a testa, indignada, e encaminhando-se para a cozinha. — Poke! Fala

pra Cookie atiçá u fogo. Sinhazinha Ellen chegô.

Enquanto as tábuas estremeciam sob seu peso, o solilóquio iniciado no saguão tornava-se cada vez mais alto, chegando nitidamente aos ouvidos da família na sala de jantar.

— Já cansei di falá qui num dianta fazê nada pra ralé branca. É a raça mais pirguiçosa, ingrata i imprestávi qui tem. E a sinhazinha Ellen num tem qui si cansá cuidano di gente qui num vale nada i nem tem nêgo pra servi eles. I eu já falei…

Sua voz foi sumindo enquanto ela se dirigia à cozinha pelo comprido corredor coberto. Mammy tinha o próprio método de deixar seus senhores saberem exatamente o que ela pensava sobre todos os assuntos. Sabia que era indigno para os brancos aristocratas prestar atenção ao que uma negra dizia quando estava apenas falando sozinha. Sabia que, para manterem a dignidade, tinham que lhe fazer ouvidos moucos, mesmo que ela estivesse falando alto na sala ao lado. Assim, protegia-se das censuras sem deixar ninguém ter a menor dúvida sobre as suas opiniões.

Pork entrou na sala, trazendo um prato, talheres de prata e um guardanapo. Logo atrás dele entrou Jack, um negrinho de dez anos, que abotoava às pressas o dólman de linho branco com uma das mãos e, na outra, trazia um abanador de moscas, feito de tirinhas de jornal amarradas a uma vara maior que ele. Ellen tinha um belo abanador de moscas feito de penas de pavão, que só era usado em ocasiões especiais, e isso só depois de confronto doméstico, devido à obstinada convicção de Pork, Cookie e Mammy de que pena de pavão trazia má sorte.

Ellen sentou-se na cadeira que Gerald lhe puxou enquanto quatro vozes se dirigiam a ela.

— Mãe, a renda do meu vestido de baile novo soltou e eu quero usá-lo amanhã à noite em Twelve Oaks. Não dava para você fazer o favor de pregá-la?

— Mãe, o vestido novo da Scarlett é mais bonito que o meu e eu fico um pavor de cor-de-rosa. Por que ela não pode ir com meu cor-de-rosa e me deixar usar o verde dela? Ela fica bem de rosa.

— Mãe, posso ficar acordada para o baile de amanhã? Já tenho 13 anos.

— Sra. O’Hara, dá para acreditar… Shh, meninas, antes que eu desça o chicote em vocês!… O Cade Calvert esteve em Atlanta hoje de manhã e diz…

dá para ficarem quietas e me deixarem ouvir a minha voz?… Ele diz que estão todos perturbados lá e só se fala de guerra, exercício de milícia, formação de tropas. E diz que a notícia de Charleston é que não vão mais aturar insultos dos ianques.

Ellen reagiu com um sorriso cansado e dirigiu-se primeiro ao marido, como cabia a uma esposa.

— Se a boa gente de Charleston tem esse sentimento, garanto que em breve também teremos — disse, pois tinha a crença arraigada de que, fora Savannah, quase todos os fidalgos de sangue do continente inteiro se encontravam naquela pequena cidade portuária, uma crença amplamente compartilhada pelos charlestonianos.

— Não, Carreen, ano que vem, querida. Aí você vai poder ficar acordada até tarde para participar dos bailes e usar vestidos de moça. Como a minha boneca coradinha vai se divertir! Não faça tromba, querida. Você pode ir ao churrasco, lembre-se disso, e ficar até o fim da ceia, mas nada de bailes até os 14 anos.

“Me dê o seu vestido, Scarlett. Prego a renda assim que terminarem as preces. Suellen, não gosto do seu tom. Seu vestido rosa é lindo e fica muito bem em você, como o de Scarlett fica nela. Mas pode usar o meu colar de granada amanhã à noite.”

Suellen, pelas costas da mãe, franziu o nariz em triunfo para Scarlett, que tinha planejando pedir o colar. Scarlett mostrou-lhe a língua. Suellen era uma irmã irritante, sempre choramingando e se mostrando egoísta. Se não fosse a mão de Ellen a contê-la, Scarlett lhe puxaria as orelhas a toda hora.

— Agora, sr. O’Hara, conte mais sobre o que o sr. Calvert falou sobre Charleston — disse Ellen.

Scarlett sabia que, para sua mãe, guerra e política eram assuntos exclusivamente masculinos que não lhe interessavam e que não deviam ser preocupação de nenhuma mulher inteligente. Mas Gerald tinha prazer em expor seus pontos de vista, e Ellen não perdia nenhuma oportunidade de agradá-lo.

Enquanto Gerald prosseguia com as notícias, Mammy colocava os pratos diante de sua senhora: biscoitos douradinhos, peito de frango frito e um inhame amarelo aberto e fumegante, coberto de manteiga derretida. Ela deu um beliscão no pequeno Jack, que depressa se concentrou em sua tarefa de abanar as tiras de

jornal por trás de Ellen. Mammy permanecia ao lado da mesa, vigiando cada garfada que ia do prato à boca, como se pretendesse enfiar a comida goela abaixo de Ellen caso visse algum sinal de fastio. Ellen comeu com empenho, mas Scarlett via que o cansaço nem deixava a mãe saber o que estava comendo. Só a cara implacável de Mammy a coagia a fazê-lo.

Esvaziou o prato e levantou-se, enquanto Gerald continuava a comentar a desonestidade dos ianques que queriam libertar os negros, mas sem oferecer um centavo de compensação.

— Vamos fazer as preces? — perguntou, relutante.

— Sim. É muito tarde… ora, são dez horas, na verdade — disse Ellen quando o relógio deu a hora com batidas malsoantes. — Carreen já devia estar dormindo há muito tempo. O lampião, por favor, Pork, e meu livro de orações, Mammy.

Instado pelo suspiro rouco de Mammy, Jack encostou o espanta-moscas em um canto e retirou os pratos, enquanto ela remexia a gaveta do aparador à cata do livro de orações surrado de Ellen. Pork, pé ante pé, abaixou o lampião lentamente até a claridade inundar o tampo da mesa e a penumbra encobrir o teto. Ajeitando as saias, Ellen ajoelhou-se no chão, abriu o livro de orações na mesa à sua frente e entrelaçou as mãos sobre ele. Gerald ajoelhou-se ao seu lado. Scarlett e Suellen tomaram os lugares costumeiros uma de cada lado da mesa, dobrando as volumosas anáguas sob os joelhos para não os machucar no chão duro. Carreen, que era baixa para a idade, como não conseguia ajoelhar confortavelmente à mesa, ajoelhou-se de frente para uma cadeira, apoiando os cotovelos no assento. Gostava daquela posição, pois raramente deixava de adormecer durante as preces e assim a mãe não notava.

Ouvia-se no corredor o arrastar de pés e o farfalhar das saias da criadagem doméstica que ia se ajoelhar no vão da porta. Mammy abaixando-se com um gemido, Pork mantendo-se empertigado, Rosa e Teena, as criadas, graciosas com aquelas amplas saias vistosas de chita, Cookie, magra e amarela, com seu pano branco enrolado na cabeça, e Jack, caindo de sono, colocando-se o mais longe possível dos beliscões de Mammy. Todos tinham os olhos brilhando, pois rezar com os senhores brancos era o ponto alto do dia. As frases antigas e interessantes da ladainha com aquelas imagens orientais pouco significavam para eles, mas satisfaziam algo em seus corações. Eles sempre balançavam o

corpo ao entoar as respostas: “Senhor, tende piedade de nós”, “Cristo, tende piedade de nós”.

Ellen, fechando os olhos, começou as orações com aquela voz modulada que embalava e consolava. Todas as cabeças se curvaram no círculo de luz amarela quando ela agradeceu a Deus pela saúde e felicidade de seu lar, de sua família e de seus negros.

Quando terminou as orações por todos os moradores de Tara, por seu pai, sua mãe, suas irmãs, seus três falecidos filhinhos e “por todas as pobres almas do Purgatório”, entrelaçou as contas brancas nos dedos compridos e iniciou o rosário. Como o sopro de um vento suave, vinham as respostas dos negros e dos brancos:

— Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte.

Apesar da dor de cabeça e do sofrimento provocado pelas lágrimas contidas, Scarlett sentiu, como sempre sentia àquela hora, uma profunda sensação de paz. Parte do desapontamento do dia e do medo do amanhã foi embora, deixando um sentimento de esperança. Não foi a elevação de seu coração a Deus que trouxe esse bálsamo, pois a religião só a tocava superficialmente. Foi a visão do rosto sereno da mãe, voltado para o trono de Deus e Seus santos e Seus anjos, pedindo proteção para aqueles que ela amava. Quando Ellen intercedia aos Céus, Scarlett tinha certeza de que os Céus ouviam.

Ellen terminou, e Gerald, que nunca conseguia achar seu rosário na hora da prece, começou a contar as dezenas nos dedos. Enquanto ele recitava com voz monótona, Scarlett, sem querer, devaneava. Sabia que devia estar fazendo um exame de consciência. Ellen lhe ensinara que, no fim de cada dia, era sua obrigação fazer um exame de consciência profundo, reconhecendo suas inúmeras faltas e pedindo a Deus perdão e forças para não as repetir. Mas Scarlett estava examinando seu coração.

Deixando a cabeça cair sobre as mãos, para que a mãe não visse seu rosto, voltou para Ashley seus pensamentos tristes. Como ele podia planejar se casar com Melanie quando era a ela, Scarlett, que amava? E, sabendo o quanto ela o amava, como pôde, deliberadamente, lhe partir o coração?

Então, de repente, uma ideia nova e luminosa lhe passou pela cabeça como um cometa.

*Ora, Ashley não tem a menor ideia de que estou apaixonad*a por ele!

Quase deixou escapar um grito com o choque dessa surpresa. Depois de um longo instante sufocada, sua mente paralisada voltou a funcionar.

Como ele podia saber? Sempre fui tão afetada e formal e cheia de não me toques com ele que deve achar que eu não dou a mínima para ele a não ser como amigo. Sim, é por isso que nunca me falou! Acha que o amor dele não tem futuro. E por isso tinha um ar tão…

Sua mente voltou rapidamente às ocasiões em que o flagrara fitando-a daquele jeito estranho, quando os olhos cinzentos que eram cortinas perfeitas para os pensamentos dele se arregalavam, atormentados, mostrando desespero.

Ele está arrasado porque acha que estou apaixonada por Brent ou Stuart ou Cade. E deve pensar que, se não pode me ter, é melhor agradar à família e se casar com Melanie. Mas se soubesse que o amo…

Seu ânimo volátil foi da mais profunda tristeza ao auge da felicidade. Aquela era a razão da reticência de Ashley e de seu comportamento estranho. Ele não sabia! Sua vaidade ajudou o desejo de acreditar, transformando a crença em convicção. Se soubesse que ela o amava, ele correria para o seu lado. Bastava ela…

Ah, pensou, animadíssima, pressionando os dedos na testa abaixada, *que boba eu fui de não pensar nisso até agora! Tenho que imaginar um jeito de fazer com que ele saiba. Não se casaria com ela se soubesse que eu o amo! Com*o poderia?

Com um sobressalto, percebeu que Gerald tinha terminado a dezena dele e que a mãe a fitava. Tratou logo de começar a sua, desfiando as contas automaticamente, mas com tanta emoção na voz que Mammy abriu os olhos e lhe lançou um olhar investigativo. Quando terminou sua parte, enquanto Suellen e depois Carreen iniciaram as delas, tornou a explorar aquela ideia nova e extasiante.

Mesmo agora, não era tarde demais! Quantas vezes o condado se escandalizara com o rompimento de um noivado às vésperas do casamento, quando um dos noivos fugia com outra pessoa? E o noivado de Ashley ainda nem havia sido anunciado! Sim, havia muito tempo!

Se não havia amor entre Ashley e Melanie, mas apenas uma promessa antiga, por que ele não podia quebrá-la e casar-se com ela? Com certeza ele faria isso, se soubesse que ela, Scarlett, o amava. Ela devia encontrar um jeito de fazê-lo saber. E encontraria! E aí…

Scarlett despertou bruscamente daquele sonho agradável, pois tinha relaxado na sua parte das respostas e a mãe a olhava com um ar de censura. Retomando o ritual, abriu os olhos por um instante e olhou rapidamente pela sala. As figuras ajoelhadas, a luz suave do lampião, os vultos dos negros oscilando para lá e para cá e até os objetos familiares que uma hora atrás lhe tinham sido odiosos em um instante ganharam a cor de suas próprias emoções, e a sala pareceu de novo um lugar encantador. Ela nunca esqueceria aquele momento nem aquela cena!

— Virgem santíssima — entoou a mãe.

Começava a ladainha da Virgem. Scarlett, obedientemente, respondia “Rogai por nós” quando Ellen louvava com voz de contralto os atributos da Mãe de Deus.

Desde pequena, Scarlett, naquele momento, dirigia sua adoração à mãe, e não à Virgem. Talvez fosse um sacrilégio, mas, com os olhos fechados, Scarlett sempre visualizava o rosto de Ellen e não o da Santa Virgem, ao ouvir os atributos. “Saúde dos enfermos”, “Sede da Sabedoria”, “Refúgio dos Pecadores”, “Rosa Mística” — eram belas palavras porque eram predicados de Ellen. Mas naquela noite, por causa da exaltação de seu espírito, Scarlett encontrou no cerimonial inteiro, nas palavras docemente murmuradas, nas respostas sussurradas, uma beleza ímpar, que ultrapassava tudo que já sentira. E seu coração elevou-se a Deus em sincero agradecimento por lhe ter sido aberto um caminho a trilhar — conduzindo-a de seu sofrimento aos braços de Ashley.

Quando soou o último “Amém”, todos se levantaram, com uma certa rigidez, Mammy conseguindo se pôr de pé com a ajuda de Teena e Rosa. Pork pegou uma longa torcida no console da lareira, acendeu-a na chama do lampião e entrou no corredor. Em frente à escada em caracol havia um aparador de nogueira, grande demais para a sala de jantar, sobre o qual havia vários lampiões e uma fileira de castiçais com as velas. Pork acendeu um lampião e três velas, demonstrando a dignidade pomposa de um primeiro camareiro do dormitório real iluminando o caminho de um rei e uma rainha aos seus aposentos, e abriu a

procissão escada acima, erguendo as luzes acima da cabeça. Ellen, de braço dado com Gerald, e as meninas, cada qual levando o próprio castiçal, o seguiram.

Scarlett entrou em seu quarto, pousou a vela na cômoda alta e pôs-se a catar no armário escuro o vestido de baile que precisava de uns pontos. Jogando-o por cima do braço, atravessou o corredor em silêncio. Pela porta entreaberta do quarto dos pais, ouviu, antes de bater, a voz de Ellen, em um tom baixo, mas peremptório:

— Sr. O'Hara, o senhor tem que despedir Jonas Wilkerson.

Gerald explodiu:

— E onde vou arranjar outro administrador que não me passe para trás no que eu tenho de mais caro?

— Ele tem que ser despedido, imediatamente, amanhã à primeira hora. Big Sam é um bom capataz e pode assumir o serviço até se contratar outro administrador.

— A-ha! — veio a voz de Gerald. — Estou entendendo. Então o digno Jonas gerou o…

— Ele tem que ser despedido.

Então ele é o pai do bebê de Emmie Slattery, pensou Scarlett. *Está bem. O que mais se pode esperar de um ianque e uma filha da ra*lé branca?

Então, após uma discreta pausa que deu tempo para Gerald se calar, Scarlett bateu à porta e entregou o vestido à mãe.

Quando Scarlett apagou a vela, depois de se despir, já tinha definido nos mínimos detalhes seu plano para o dia seguinte. Era um plano simples, pois, com a determinação que herdara de Gerald, tinha os olhos focados no objetivo e só pensava nos passos mais diretos para atingi-lo.

Primeiro se mostraria "cheia de brio", como Gerald aconselhara. Assim que chegasse em Twelve Oaks, seria o mais alegre e o mais espirituosa possível. Ninguém desconfiaria de que estava deprimida por causa de Ashley e Melanie. E flertaria com todos os homens presentes. Seria maldade com Ashley, mas o faria desejá-la ainda mais. Não deixaria passar nenhum, desde o velho Frank Kennedy de bigode vermelho, que era o pretendente de Suellen, até o tímido e calado Charles Hamilton, irmão de Melanie. Eles enxameariam em volta dela como abelhas em torno da colmeia, e com certeza Ahsley acabaria largando Melanie

para se unir ao seu círculo de admiradores. Depois, de alguma maneira, daria um jeito de ficar alguns minutos a sós com ele. Esperava que tudo se passasse assim, porque de outro modo seria mais difícil. Mas, se Ashley não fizesse o primeiro movimento, ela o faria.

Quando finalmente se encontrassem a sós, Ashley, tendo visto como ela era disputada, estaria impressionado e teria no olhar aquela expressão triste de desespero. Então ela o faria feliz de novo, deixando-o descobrir que, apesar de popular, preferia-o a qualquer outro homem no mundo inteiro. E, quando confessasse isso, com recato e doçura, mostraria ainda mil e uma qualidades, sempre com a maior distinção, claro. Nem sonharia em lhe dizer abertamente que o amava — isso não daria certo. De que maneira diria era um detalhe que não a preocupava. Já administrara situações parecidas e poderia tornar a fazê-lo.

Deitada na cama com o luar se derramando sobre ela, visualizou a cena inteira: o olhar de surpresa e felicidade que iluminaria o rosto dele ao se dar conta de que ela realmente o amava e as palavras que ele diria pedindo-lhe que se tornasse sua esposa.

Naturalmente, ela teria que dizer então que não poderia nem imaginar se casar com um homem quando ele estava noivo de outra, mas ele insistiria e ela enfim se deixaria persuadir. Então decidiriam fugir para Jonesboro naquela mesma tarde e…

Ora, no dia seguinte, àquela hora, já seria a sra. Ashley Wilkes!

Sentou-se na cama, abraçando os joelhos e, por um longo e feliz instante, ela *foi* a sra. Ashley Wilkes — a noiva de Ashley. Então sentiu uma pontinha de medo. Imagine se aquilo não saísse daquela maneira? Imagine se Ashley não lhe pedisse para fugir com ele? Com firmeza, tirou a ideia da cabeça.

— Não vou pensar nisso agora — disse categoricamente. — Se pensar, vou ficar perturbada. Não há motivo para as coisas não saírem como planejei… se ele me amar. E sei que ele me ama!

Levantou o queixo, e seus olhos de cílios negros brilharam ao luar. Ellen nunca lhe dissera que desejar e conseguir eram duas questões diferentes. A vida não lhe ensinara que nem sempre a vitória era do mais veloz. Deitou-se na penumbra prateada sentindo-se com mais coragem. Fez os planos próprios de uma moça de 16 anos cuja vida foi sempre tão agradável que a derrota era

inadmissível e um vestido bonito e uma cútis alva eram armas para vencer o destino.

Capítulo 5

Eram dez da manhã. O dia estava quente para abril, e a claridade dourada jorrava no quarto de Scarlett pelas cortinas azuis das janelas largas, iluminando as paredes creme e fazendo cintilar a mobília de mogno maciço cor de vinho. O chão brilhava como um espelho, a não ser nos pontos cobertos pelos alegres tapetes de retalhos.

O verão já estava no ar, o primeiro sinal do verão da Geórgia, quando a primavera, ainda que relutante, cedia espaço a um calor mais forte. Uma temperatura suave e amena, carregada de odores aveludados, recendendo a muitas flores, à brotação nova das árvores e à terra úmida recém-revolvida, inundou o quarto. Pela janela, Scarlett via o tumulto das carreiras duplas de narcisos margeando a alameda de cascalho e as massas douradas de jasmim-carolina estendendo os galhos floridos para o chão, lembrando crinolinas. Os rouxinóis e os gaios-azuis disputavam, como sempre, a posse do pé de magnólia embaixo da janela. Os gaios-azuis com a voz estridente, rabugenta, e os rouxinóis com uma doce plangência.

Normalmente, em uma manhã luminosa como aquela, Scarlett ia debruçar-se à janela para sorver os perfumes e os sons de Tara. Mas naquele dia, sem olhos para o sol nem para o céu azul, ocorria-lhe apenas um pensamento apressado: *Graças a Deus, não está chovendo.* Em cima da cama, embalado com esmero em uma caixa grande de papelão, estava o vestido de baile de chamalote verde-maçã, com festões de renda crua, pronto para ser levado a Twelve Oaks e ser vestido antes do início da dança, mas Scarlett encolheu os ombros ao vê-lo. Se seus planos tivessem êxito, não o usaria naquela noite. Muito antes do início do baile, ela e Ashley estariam a caminho de Jonesboro, onde se casariam. A questão problemática era — que vestido usar para o churrasco?

Que vestido realçaria mais os seus encantos e a deixaria mais irresistível para Ashley? Desde as oito da manhã, vinha experimentando vestidos e descartando-

os. Já estava desanimada e irritada, vestida de calções de renda, corpete de linho e três anáguas rodadas de renda e linho. Montes de vestidos de cores alegres e de fitas soltas espalhavam-se pelo chão, em cima da cama e nas cadeiras.

O de organdi rosa com a longa faixa da mesma cor ficava-lhe bem, mas ela o usara no último verão quando Melanie visitou Twelve Oaks. Com certeza, ela se lembraria dele e poderia mencioná-lo de picuinha. O de bombazina preta, de mangas bufantes e gola boneca de renda, realçava muito a brancura de sua pele, mas a envelhecia um pouquinho. Scarlett examinou nervosamente no espelho o rosto de 16 anos, como se esperasse ver rugas e uma papada flácida. Não convinha aparecer serena e madura diante da doce juventude de Melanie. O de musselina lavanda, riscado com inserções de renda e de filó em volta da bainha, era lindo, mas não combinava com seu tipo. Combinaria na perfeição com o perfil delicado e a expressão desenxabida de Carreen, mas Scarlett achava que a deixaria com cara de colegial, o que lhe seria desvantajoso ao lado da atitude equilibrada de Melanie. O de tafetá de xadrez verde, com babadinhos debruados de fitas de veludo verde, ficava-lhe muito bem. Na verdade, era o seu preferido, pois realçava o tom esmeralda de seus olhos, só que na frente do corpete havia uma mancha de gordura que até poderia ser escondida pelo broche, mas talvez não passasse despercebida aos olhos perspicazes de Melanie. Restavam vestidos de algodão de várias cores que Scarlett não considerava festivos o suficiente para a ocasião, os vestidos de baile e o vestido de musselina floral verde que usara na véspera. Só que este era um vestido para a tarde. Não servia para um churrasco, por causa das manguinhas curtas e do decote acentuado, próprio para um vestido de baile. Mas não havia nada a fazer senão usá-lo. Afinal, não se envergonhava de seus braços nem de seu colo, ainda que não fosse correto exibi-los de manhã.

De pé na frente do espelho, Scarlett virava-se para todos os lados para ver-se de perfil, concluindo que nada havia em sua aparência para envergonhá-la. Tinha o pescoço curto mas torneado e os braços carnudos e sedutores. Os seios, levantados pelo espartilho, eram muito bonitos. Nunca precisou, como a maioria das meninas de 16 anos, pregar pequenos enchimentos de seda no forro dos corpetes, para dar à silhueta as curvas e a fartura desejadas. Sentia-se feliz por ter herdado de Ellen as mãos brancas e esguias e os pés pequenos. Desejava também ter sua altura, embora estivesse bem contente com a que possuía. Era

pena não poder mostrar as pernas, pensou ao subir as anáguas e vê-las roliças e bem feitas embaixo dos calções. Eram muito bonitas. Até as moças na Academia de Fayetteville haviam reconhecido isso. E quanto à cintura — não havia em Fayeteville, nem em Jonesboro nem nos três condados, aliás, quem tivesse uma cinturinha tão fina.

Esse pensamento a fez voltar para questões práticas. O vestido de musselina verde tinha 43 centímetros de cintura, e Mammy amarrara seu espartilho para a bombazina de 45 centímetros. Seria preciso apertar mais. Empurrando a porta, ouviu o andar pesado de Mammy no corredor do andar de baixo e chamou-a aos gritos, com impaciência, sabendo que podia levantar a voz impunemente, uma vez que Ellen estava no defumadouro, porcionando os alimentos do dia para Cookie.

— Tem gente qui acha qu'eu posso vuá — resmungou Mammy, arrastando os pés escada acima. Bufando, com a expressão de quem esperava guerra e a aceitava com prazer, entrou trazendo uma bandeja de comida fumegante em suas mãos pretas: dois inhames grandes cobertos de manteiga, uma pilha de bolos de trigo sarraceno com calda e uma grande fatia de presunto nadando em molho. Quando Scarlett viu o volume que Mammy carregava, sua leve irritação transformou-se em agressividade. No alvoroço de experimentar os vestidos, esquecera o mandamento rígido de Mammy determinando que as meninas O'Haras só saíssem de casa tão forradas de comida que não conseguiriam comer nada nas festas.

— Não adianta. Não vou comer. Pode levar de volta para a cozinha.

Mammy pousou a bandeja sobre a mesa e virou-se para ela com as mãos na cintura.

— Vai sim! Num quero qui conteça o qui conteceu naquele úrtimo churrasco quano eu passei munto mal por causa dos miúdo di porco qui eu tinha comido e num levei a bandeja pr'ocê antes d'ocê saí. Ocê vai cumê tudinho.

— Não vou! Agora venha aqui e me aperte mais porque já estamos atrasadas. Ouvi a carruagem chegar na frente da casa.

Mammy adotou um tom adulador.

— Ora, sinhazinha Scarlett, seja boazinha i come só um tiquinho. A sinhazinha Carreen i a sinhazinha Suellen cumero as dela tudo.

— Claro — disse Scarlett com desprezo. — Elas têm espírito de coelho. Mas eu não vou comer! Não quero mais saber de bandeja. Não esqueço a vez que comi a bandeja toda quando fomos à casa dos Calverts. Eles ofereceram sorvete feito com gelo trazido de Savannah, e não consegui comer nem uma colherada. Hoje vou me divertir e comer quanto eu quiser.

Diante daquela heresia desafiadora, Mammy franziu o cenho, indignada. Entre o que uma moça podia e o que não podia fazer, a diferença era como preto e branco na cabeça de Mammy. Não havia meio-termo. Suellen e Carreen eram barro em suas mãos poderosas e davam ouvidos respeitosamente às suas advertências. Mas sempre fora uma luta ensinar a Scarlett que a maioria de seus impulsos não eram distintos. As vitórias de Mammy sobre Scarlett tinham sido duramente conquistadas e representavam uma astúcia desconhecida dos brancos.

— Mesmo s'ocê num s'importa c'o jeito qui us otro fala dessa família, eu m'importo — resmungou. — Num vô ficá parada i dexá todo mundo na festa dizê qui ocê s'impanturra. Já cansei di dizê pr'ocê qui nós reconhece as dama vendo qui elas come feito passarinho. I num vô deixá ocê i pra casa do seu Wilkes i cumê qui nem um porco.

— Mamãe é uma dama e come bem — retrucou Scarlett.

— Quano si casá, ocê pode cumê tamém — replicou Mammy. — Na sua idade, a sinhá Ellen nunca cumia nada fora di casa, nem a sua tia Pauline nem a sua tia Eulalie. I elas tudo si casô. As mocinha qui come munto quase nunca arranja marido.

— Não acredito nisso. No churrasco, quando você passou mal e eu não comi antes, o Ashley Wilkes me disse que gostava de ver uma moça com um apetite saudável.

Mammy fez que não com a cabeça de um jeito ameaçador.

— U qui us moço diz i u qu'eles pensa é duas coisa diferente. I num vi u sinhô Ashley pidino pra si casá c'ocê.

Scarlett franziu o cenho, começou a falar asperamente e depois se controlou. Mammy a pegara com essa e não havia discussão. Vendo a cara inflexível de Scarlett, Mammy, com a astúcia suave de sua raça, pegou a bandeja, mudando de tática. Ao dirigir-se para a porta, suspirou:

— Tá certo. Eu disse pra Cookie quano ela tava preparano essa bandeja: “Nós conhece as dama pelo qui elas num come. Nunca vi uma dama branca cumê menos que a sinhá Melly Hamilton da úrtima vez qui ela tava visitano o sinhô Ashley, qué dizê, visitano a sinhá India.”

Scarlett lhe lançou um olhar profundamente desconfiado, mas Mammy tinha no rosto largo apenas um olhar inocente e triste por ela não ser a dama que Melanie Hamilton era.

— Pouse essa bandeja e venha me apertar mais — disse Scarlett com irritação. — E tento comer um pouquinho depois. Se eu comer agora, não vai dar para me apertar o suficiente.

Disfarçando seu triunfo, Mammy pousou a bandeja.

— Qu’é qui a minha cabritinha vai usá?

— Aquele — respondeu Scarlett, apontando para a massa vaporosa de musselina floral verde. Instantaneamente, Mammy se armou.

— Num vai não. Num serve pra di manhã. Ocê num pode mostrá u colo antes di três da tarde i esse vestido num tem gola nem manga. I ocê vai ficá sardenta du jeito qui nasceu, i eu num vô querê ocê toda sardenta dispois do leitelho todo qui passei n’ocê esse inverno, clareano as sarda c’ocê arrumo im Savannah sentano na praia. Vô mermo é contá pra sua mãe.

— Se você disser uma palavra a ela antes de eu estar vestida, não como nem um bocadinho — disse Scarlett tranquilamente. — Mamãe não vai ter tempo de me mandar voltar para mudar de roupa depois de eu já estar vestida.

Mammy suspirou resignada, vendo-se derrotada na esperteza. Entre dois males, era melhor deixar Scarlett usar um vestido para a tarde em um churrasco matinal do que deixá-la comer feito um porco.

— Segura nu toco i prende o ar — ordenou.

Scarlett obedeceu, preparando-se e segurando firme em uma das colunas da cama. Mammy puxou com toda a força e, vendo a cintura afinar comprimida pelo espartilho, uma expressão de orgulho e carinho brotou em seus olhos.

— Ninguém tem uma cinturinha cum’a da minha cabritinha — elogiou. — Toda vez qui aperto a sinhazinha Suellen pra ficá cum menos di cinquenta cintímetro, ela dismaia.

— Hum! — arquejou Scarlett, falando com dificuldade. — Eu nunca desmaiei na vida.

— Bom, num ia fazê mal s'ocê dismaiasse di vez im quano — aconselhou Mammy. — Ocê é munto atirada às vez, sinhazinha Scarlett. Ando quereno dizê pr'ocê qui num fica bem ocê num dismaiá pur causa di cobra, camundongo i esses bicho. Num tô falano im casa, mas quan'ocê tá fora cum outras pessoa. E já falei pr'ocê…

— Ah, depressa! Não fale tanto. Vou arranjar marido. Mesmo sem gritos nem desmaios. Nossa, mas meu espartilho está apertado! Ponha o vestido.

Mammy cuidadosamente deixou caírem os 12 metros de musselina floral verde sobre as anáguas armadíssimas e abotoou as costas do apertado corpete decotado.

— Fica c'o xale nus ombro quano tivé nu sol, i num vai tiran'u chapéu quano sinti calô — ordenou. — Sinão vai chegá im casa quemada feito a velha sinhá Slattery. Agora, vem cumê, quirida, mas num come munto dipressa. Num adianta regurgitá dispois.

Scarlett sentou-se obedientemente diante da bandeja, perguntando-se se seria capaz de botar alguma comida no estômago e ainda ter espaço para respirar. Mammy puxou uma toalha grande do lavatório e amarrou-a com cuidado em volta do pescoço de Scarlett, abrindo-a sobre seu colo. Scarlett começou pelo presunto, porque gostava de presunto, e forçou-se a engoli-lo.

— Quem me dera já estar casada — disse ressentida ao atacar os inhames com asco. — Cansei de ser artificial e não poder fazer o que quero. Cansei de fingir que como feito um passarinho; de andar quando quero correr, de dizer que vou desfalecer depois de uma valsa, quando poderia passar dois dias dançando sem me cansar. Cansei de dizer "Como você é maravilhoso!" para uns cretinos que não têm metade do senso que eu tenho, e cansei de me fazer de ignorante, para eles poderem se sentir importantes enquanto me ensinam o que já sei… Não consigo comer mais nada.

— Tenta um bolo quente — disse Mammy, inexorável.

— Por que as moças têm que ser tão bobas para arranjar marido?

— Acho qui é purquê us moço num sabe u qui qué. Eles só sabe u qui acha qui qué. I quem faz u qu'eles pensa qui qué num sofre nem fica pra tia. I eles

pensa qui qué umas moça fraquinha i bobinha. Si disconfia qui a moça tem mais cabeça qui ele, u home num qué casá cum ela.

— Você não acha que, depois, o homem se surpreende quando percebe que se casou com uma mulher inteligente?

— Bom, aí já é tarde. Ele já tá casado. Além du mais, cavaleros isperam qui s'as esposas tenham juízo.

— Eu ainda farei e direi tudo que eu quero, e se as pessoas não gostarem nem vou me importar.

— Num vai não — censurou Mammy severamente. — Inquanto eu tivé viva. Come esses bolo. Ensopa eles no molho, quirida.

— Acho que as moças ianques não têm que se fazer de bobas. Quando estivemos em Saratoga, ano passado, reparei que muitas mostravam ter cabeça, mesmo na frente dos homens.

Mammy bufou.

— Moças ianque! Pois sim, imagino qui elas fala u qui pensa, mas num vi muitas sê pedida im casamento im Saratoga.

— Mas os ianques precisam se casar — argumentou Scarlett. — Eles não crescem do nada. Precisam se casar e ter filhos. E têm demais.

— Us home casa cum elas pelo dinhero delas — disse Mammy com firmeza.

Scarlett embebeu o bolo de trigo no molho e colocou-o na boca. Talvez houvesse alguma verdade no que Mammy dizia. Devia haver, pois Ellen dizia as mesmas coisas com palavras diferentes e mais delicadas. Na verdade, as mães de todas as suas amigas inculcavam nas filhas a necessidade de parecerem criaturas de olhos tímidos, desamparadas e dependentes. De fato, era preciso muita cabeça para cultivar e manter uma pose dessas. Talvez ela tivesse sido muito atirada. Às vezes, discutia com Ashley e manifestava francamente suas opiniões. Talvez isso e seu saudável gosto por caminhar e montar a cavalo o tivessem feito afastar-se dela e voltar-se para a frágil Melanie. Talvez se usasse outros truques… Mas achava que, se Ashley sucumbisse a truques femininos premeditados, jamais poderia respeitá-lo como agora. O homem tolo o suficiente para cair por um sorriso bobo, um desmaio e um "Ah, como você é maravilhoso!" não valia a pena ter. Mas todos pareciam gostar disso.

Se tivesse usado a tática errada com Ashley no passado… Bem, isso era o passado e não tinha mais jeito. Mas hoje usaria a certa. Ela o queria e faltavam-lhe poucas horas para conquistá-lo. Se desmaiar ou fingir desmaios funcionasse, então desmaiaria. Se sorrisos bobos, faceirice ou falta de juízo fossem atraí-lo, flertaria com prazer e se mostraria ainda mais desmiolada que Cathleen Calvert. Se fosse necessário empregar meios mais ousados ainda, ela empregaria. Aquele era o dia!

Não havia ninguém para dizer a Scarlett que a tremenda vitalidade de sua personalidade era muito mais atraente que qualquer farsa que representasse. E se lhe tivessem dito ela ficaria satisfeita, mas não acreditaria. E a civilização a que pertencia também não acreditaria, pois em tempo algum, antes ou depois, a naturalidade feminina foi tão desvalorizada.

Ao se ver longe da mãe e de Mammy na carruagem que seguia pela estrada vermelha rumo à fazenda dos Wilkes, Scarlett teve um sentimento de prazer culpado. Não haveria ninguém no churrasco que, por um delicado erguer de sobrancelhas ou um espichar de beiço, pudesse interferir em seu plano de ação. Claro, Suellen certamente faria as suas fofocas no dia seguinte, mas se tudo corresse como esperava a euforia da família por causa de seu noivado e sua fuga com Ashley compensaria o desgosto de todos. Sim, estava muito feliz pelo fato de Ellen ter sido obrigada a ficar em casa.

Gerald, embriagado de conhaque, demitira Jonas Wilkerson pela manhã, e Ellen ficara em Tara para examinar as contas da fazenda antes da partida do administrador. Scarlett despedira-se da mãe com um beijo, no pequeno escritório onde ela se encontrava, sentada diante da escrivaninha alta com seus escaninhos cheios de papéis. De pé ao lado dela, Jonas Wilkerson, de chapéu na mão, pálido, não escondia a o ódio que o dominava ao se ver demitido sem a menor cerimônia do melhor trabalho de administrador do condado. E tudo por causa de um namorico. Dissera a Gerald várias vezes que o filho de Emmie Slattery podia ter sido gerado tanto por ele quanto por uma dúzia de outros homens — ideia com a qual Gerald concordava, mas que para Ellen não o eximia de culpa. Jonas odiava todos os sulistas. Odiava a frieza do tratamento cortês que lhe

dispensavam e que traía o quanto desprezavam sua posição social. Odiava Ellen O'Hara acima de todos, por ser a epítome de tudo que odiava nos sulistas.

Mammy, como chefe da criadagem da fazenda, ficara para ajudar Ellen, e era Dilcey quem ia na boleia ao lado de Toby, com os vestidos de baile das meninas em uma caixa comprida ao colo. Gerald seguia ao lado da carruagem montado em seu grande cavalo de caça, embriagado e satisfeito consigo mesmo por ter resolvido tão depressa a desagradável questão de Wilkerson. Empurrara a responsabilidade para Ellen, e não lhe passava pela cabeça o desapontamento dela por perder o churrasco e a reunião dos amigos, pois era um belo dia de primavera, seus campos estavam lindos, os pássaros cantavam e ele sentia-se jovem e alegre demais para pensar em qualquer outra pessoa. De vez em quando, punha-se a cantar "Peg in a Low-backed Car" e outras cantigas irlandesas ou o lamento por Robert Emmet, mais lúgubre, "She Is Far from the Land Where Her Young Hero Sleeps".

A perspectiva de passar o dia esbravejando sobre os ianques e a guerra enchia-o de prazer. Estava feliz e orgulhoso das três filhas bonitas vestidas com aquelas saias amplas e rodadas embaixo de ridículas sombrinhas de renda. Já nem se lembrava da conversa da véspera com Scarlett. Só pensava que a beleza dela era um motivo de orgulho para ele, e que os olhos da filha estavam tão verdes quanto as colinas da Irlanda. Esse pensamento aumentou sua autoestima pelo tom poético que continha, e ele agraciou as meninas cantando bem alto, com uma voz meio desafinada, "The Wearin' o' the Green".

Scarlett, olhando-o com o desdém afetuoso que uma mãe sentia por um filhinho atrevido, sabia que, ao cair da tarde, ele estaria bem embriagado. Ao voltar para casa à noite, tentaria, como de costume, pular toda cerca entre Twelve Oaks e Tara, e ela torcia para que a Providência Divina e o bom senso do cavalo não o deixassem quebrar o pescoço. Ele desdenharia a ponte e faria o cavalo atravessar o rio a nado. Chegaria em casa aos berros, para ser deitado no sofá do escritório por Pork, que o estaria esperando no saguão, como sempre, com um lampião aceso.

Ele estragaria o novo terno cinzento de casimira, o que o faria praguejar violentamente pela manhã e contar a Ellen com detalhes como seu cavalo tinha

caído da ponte no escuro — uma mentira palpável que não enganaria ninguém, mas que seria aceita por todos, fazendo-o sentir-se muito esperto.

O papai é um amor, egoísta e irresponsável, pensou Scarlett, sentindo uma onda de afeição por ele. Estava tão eufórica naquela manhã que incluía o mundo inteiro junto com Gerald em sua afeição. Era bonita e sabia disso. Ashley seria só seu antes do fim do dia. O sol estava quente e suave, e o esplendor da primavera da Geórgia estendia-se diante de seus olhos. Ao longo da estrada, as moitas de silvas escondiam com o verde mais suave os sulcos vermelhos abertos pelas chuvas do inverno, e as rochas de granito que afloravam da terra vermelha eram enfeitadas com as ramagens das rosas cherokees e rodeadas de violetas silvestres do tom mais pálido de púrpura. Nas colinas arborizadas acima do rio, as flores brancas de corniso cintilavam, como se a neve ainda permanecesse em meio ao verde. As flores das macieiras silvestres desabrochavam em uma confusão de tons que iam do branco delicado ao rosa mais fechado. Embaixo das árvores, onde o sol incidia na palha dos pinheiros, a madressilva silvestre criava um tapete colorido escarlate, laranja e rosa. Havia uma leve fragrância selvagem de calicanto no ar, e o mundo tinha um cheiro apetitoso.

Vou me lembrar até morrer da beleza deste dia, pensou Scarlett. *Talvez seja o dia do meu* casamento!

E, com o coração palpitando, imaginou-se cavalgando em disparada com Ashley naquela mesma tarde, através da bela paisagem verdejante e florida, ou ao luar, à noite, rumo a Jonesboro e a um sacerdote. Naturalmente, teria que ser casada novamente por um padre de Atlanta, mas isso seria algo para Ellen e Gerald resolverem depois. Desanimou um pouco ao pensar como Ellen empalideceria e ficaria mortificada ao ouvir que a filha tinha fugido com o noivo de outra, mas sabia que a mãe a perdoaria quando visse sua felicidade. E Gerald faria um escarcéu, mas apesar de todas as objeções da véspera a seu casamento com Ashley, ficaria profundamente satisfeito com a aliança entre sua família e a dos Wilkes.

Mas esse vai ser um problema para resolver depois do meu casamento, pensou, tirando a preocupação da cabeça.

Era impossível sentir alguma coisa senão uma alegria palpitante naquela manhã ensolarada de primavera, com as chaminés de Twelve Oaks começando a

despontar na colina do outro lado do rio.

Vou morar ali a vida inteira e ver cinquenta primaveras como esta, ou talvez mais. Vou contar a meus filhos e netos quão linda foi esta primavera e dizer que eles nunca verão uma igual. Esse pensamento a deixou tão feliz que entrou no último refrão de "The Wearin' o' the Green", ganhando gritos de aprovação do pai.

— Não sei por que você está tão feliz esta manhã — disse Suellen, irritada. Continuava remoendo a ideia de que o vestido verde da irmã ficaria muito melhor nela. Por que Scarlett era sempre tão possessiva com suas roupas e seus chapéus, relutando em emprestá-los? E ainda tinha a mãe do lado dela, como sempre, afirmando que verde não a favorecia? — Você sabe tão bem quanto eu que o noivado de Ashley vai ser anunciado hoje à noite. O papai disse isso hoje de manhã. E sei que você anda há meses caidinha por ele.

— Isso é tudo que você sabe — respondeu Scarlett, mostrando língua e recusando-se a perder o bom humor. *Quão surpresa estará a srta. Sue amanhã a* essa hora!

— Susie, você sabe que não é isso — protestou Carreen, abismada. — É do Brent que a Scarlett gosta.

Scarlett voltou para a irmã caçula um olhar sorridente, perguntando-se como alguém podia ser tão doce. A família inteira sabia que o coração de 13 anos de Carreen era todo de Brent Tarleton, que nunca pensou nela senão como a irmã caçula de Scarlett. Quando Ellen não estava presente, os O'Haras levavam-na às lágrimas implicando com ela em relação a ele.

— Querida, não dou a mínima para Brent — declarou Scarlett, feliz o suficiente para ser generosa. — E ele não dá a mínima para mim. Só está esperando você crescer!

O rostinho redondo de Carreen enrubesceu, enquanto o prazer lutava com a incredulidade.

— Ah, é mesmo, Scarlett?

— Scarlett, você sabe que a mamãe disse que a Carreen ainda é muito criança para pensar em namorados, e está botando caraminholas na cabeça dela.

— Bem, pode dedurar à vontade — respondeu Scarlett. — Você quer segurar a maninha porque sabe que daqui a um ano ela vai ser mais bonita que você.

— Falem com educação, senão eu vou usar o meu chicote em vocês — advertiu Gerald. — Agora quietas! São rodas o que estou ouvindo? Devem ser os Tarletons ou os Fontaines.

Ao se aproximarem do cruzamento com a estrada que descia a colina densamente arborizada vindo de Mimosa e Fairhill, o ruído dos cascos e das rodas, pontuado por vozes femininas em uma discussão animada, tornou-se mais evidente, partindo de trás das árvores. Gerald, que seguia adiantado, estacou o cavalo, fazendo sinal para que Toby parasse a carruagem na encruzilhada.

— São as Tarletons — anunciou às filhas, o rosto corado sorridente, pois, depois de Ellen, não havia no condado uma senhora de quem gostasse mais do que da ruiva sra. Tarleton. — E é ela quem está nas rédeas. Ah, essa é uma mulher com boas mãos para os cavalos! Leves como plumas, fortes como couro cru e, ainda por cima, tão bonitas que dá gosto beijá-las. Pena que nenhuma de vocês tenha mãos assim — acrescentou, lançando às filhas olhares carinhosos, mas críticos. — Carreen tem medo dos pobres animais, Sue pega nas rédeas com mãos que parecem ferros de passar, e você, princesa…

— Bom, de qualquer maneira, eu nunca fui derrubada — protestou Scarlett, indignada. — E a sra. Tarleton leva um tombo a cada caçada.

— E quebra a clavícula feito homem — disse Gerald. — Sem desmaiar nem dar chilique. Agora chega desse assunto, pois lá vem ela.

Ergueu-se nos estribos e tirou o chapéu com um floreio ao avistá-la. A carruagem das Tarletons surgia transbordante de moças vestidas de cores alegres, véus esvoaçantes e sombrinhas, tendo na boleia a sra. Tarleton, como ele dissera. Com as quatro filhas, a Mammy e as caixas contendo os vestidos de baile, não havia espaço para o cocheiro. E, ademais, Beatrice Tarleton não se dispunha a entregar as rédeas nem a negros nem a brancos se não estivesse com algum braço na tipoia. Frágil, de constituição delicada, com uma cútis tão alva que dava a impressão de que a viçosa massa cor de fogo de sua cabeleira sugara toda a cor de seu rosto, possuía, porém, uma saúde exuberante e uma energia incansável. Dera à luz oito filhos, tão ruivos e tão cheios de vida quanto ela. Educara-os com grande sucesso, como reconhecia o condado, usando o mesmo método carinhoso e severo com que domava seus potros. Seu lema era: “Controle-os sem lhes quebrar o espírito.”

Amava cavalos, e suas conversas quase sempre giravam em torno desse assunto. Entendia-os e lidava com eles melhor do que qualquer homem no condado. Os potros, assim como seus oito filhos, viviam soltos no gramado em frente à casa na colina. Os potros, os filhos, as filhas e os cães de caça seguiam-na por toda a fazenda. Considerava que seus cavalos, especialmente a égua vermelha Nellie, tinham inteligência humana. Quando os cuidados da casa a mantinham ocupada para além da hora habitual de seu passeio a cavalo, entregava o açucareiro a um negrinho, dizendo:

— Dê um punhado à Nellie e diga a ela que já estou indo.

Salvo em raras ocasiões, seu traje habitual era o de montaria, pois, montasse ou não, estava sempre esperando fazê-lo e, assim, vestia-se para isso logo ao se levantar. Todas as manhãs, chovesse ou fizesse sol, Nellie era encilhada e levada para passear na frente da casa, esperando o momento em que a sra. Tarleton pudesse dispor de uma hora de folga entre suas obrigações. Mas como Fairhill era uma fazenda difícil de administrar, e não lhe sobrava muito tempo livre, era comum Nellie esperar em vão, enquanto sua dona passava o dia inteiro com a saia do traje distraidamente enrolada no braço, deixando ver quase um palmo das botas reluzentes.

Naquele dia, vestida de seda preta opaca sobre crinolinas antiquadamente estreitas, dava a impressão de estar com a roupa de montaria. O chapeuzinho preto, com aquela longa pluma negra tremulando sobre seu olho castanho, era a réplica do chapéu surrado que ela usava para caçar.

Acenando com o chicote ao ver Gerald, fez estacar a elegante parelha de cavalos alazões. As quatro moças debruçaram-se para fora, cumprimentando os O’Haras com gritos tão ruidosos que a parelha empinou alarmada. Quem as visse pensaria que as Tarletons não os viam havia anos, e não apenas dois dias. Mas eram uma família sociável e gostavam dos vizinhos, especialmente das meninas O’Hara. Isto é, as meninas gostavam de Suellen e Carreen. Em todo o condado, com a possível exceção da desmiolada Cathleen Calvert, moça nenhuma gostava realmente de Scarlett.

Todo verão, havia em média um churrasco e um baile por semana no condado, mas para as ruivas Tarletons, com sua enorme capacidade de se divertir, cada churrasco e cada baile eram uma novidade empolgante. Eram um quarteto bonito

e robusto. Iam espremidas na carruagem com suas crinolinas e seus babados; as sombrinhas batiam umas nas outras sobre os chapéus de palha italiana coroados de rosas e amarrados sob o queixo por fitas de veludo negras. Todos os tons de ruivo estavam representados sob as abas desses chapéus, do bem vermelho de Hetty ao alourado de Camilla, até o acobreado de Randa e o cor de cenoura da pequena Betsy.

— É um belo grupo, senhora — disse Gerald galantemente, controlando o cavalo para emparelhar com a carruagem. — Mas está longe de superar a mãe.

A sra. Tarleton revirou os olhos castanho-avermelhados, encolhendo o lábio inferior em uma caricatura de agradecimento. As meninas gritaram:

— Mãe, pare de lançar olhares ou vamos contar ao papai.

— Juro, sr. O'Hara, ela nunca nos dá uma chance quando aparece um homem bonito como o senhor!

Scarlett riu com os demais desses gracejos, mas, como sempre, abismada com a liberdade com que as Tarletons tratavam a mãe, como se fossem da mesma idade. Para Scarlett, a ideia de dizer aquele tipo de coisa à mãe era quase um sacrilégio. E no entanto — e no entanto — havia algo muito agradável na relação das meninas Tarletons com a mãe. As filhas a adoravam, por mais que a criticassem e implicassem com ela. Lealmente, Scarlett apressou-se em dizer a si mesma que preferia Ellen a uma mãe como a sra. Tarleton, mas pensou que seria divertido brincar com a mãe e, ao conscientizar-se de estar desrespeitando Ellen com esse pensamento, envergonhou-se dele. Sabia que aquele tipo de ideia jamais ocorrera aos quatro cérebros cobertos por aquelas cabeleiras chamejantes na carruagem e, como sempre que se sentia diferente das vizinhas, ficou confusa e irritada.

Embora fosse rápida de raciocínio, não tinha a mente analítica, mas percebia que as Tarletons eram indóceis como potros e completamente doidas como as lebres de março, donas de uma determinação que era parte de sua herança. Tanto pelo lado do pai quanto pelo da mãe, eram georgianas, da Geórgia do norte, a apenas uma geração dos pioneiros. Sentiam-se seguras de si e do ambiente. Sabiam por instinto quem eram, como os Wilkes, só que de formas totalmente diferentes. Desconheciam os conflitos que tanto perturbavam Scarlett, em quem o sangue de uma aristocrata do litoral de linhagem selecionada misturava-se ao

sangue rústico e esperto de um camponês irlandês. Scarlett vivia dividida entre o respeito e a idolatria que sentia pela mãe e o desejo de despenteá-la e implicar com ela. Sabia que seria sempre de um jeito ou do outro. Era o mesmo conflito que a levava a desejar mostrar-se aos rapazes ao mesmo tempo como uma dama fina e delicada e uma beijoqueira espevitada.

— Onde Ellen está agora de manhã? — perguntou a sra. Tarleton.

— Está demitindo o nosso administrador e ficou em casa para examinar as contas com ele. E o seu marido e os rapazes?

— Ah, foram para Twelve Oaks há horas, para provar o ponche e ver se estava suficientemente forte, como se desde agora até amanhã de manhã não fossem ter tempo para isso! Vou pedir ao John Wilkes para hospedá-los de hoje para amanhã, mesmo que tenha que alojá-los no estábulo. Cinco homens bêbados é demais para mim. Até três, eu aguento bem, mas…

Gerald apressou-se em mudar de assunto. Sentia as próprias filhas dando risadinhas às suas costas, relembrando o estado em que voltara da casa dos Wilkes no último churrasco do outono passado.

— E por que não veio a cavalo hoje, sra. Tarleton? Com certeza sem a Nellie não parece a mesma. A senhora é um estentor.

— Um estentor, meu garoto ignorante! — exclamou a sra. Tarleton, imitando o sotaque dele. — Você quer dizer centauro. Estentor era um homem cuja voz parecia um gongo de bronze.

— Estentor ou centauro, não importa — respondeu Gerald, sem se perturbar com o erro. — Pois a sua voz é que nem bronze quando a senhora está encorajando os cachorros.

— Você é assim mesmo, mamãe — disse Hetty. — Eu falei que você gritava feito um comanche quando via uma raposa.

— Mas não tanto quanto você quando Mammy lava as suas orelhas — retrucou a sra. Tarleton. — E você tem 16 anos! Bem, eu não vim hoje a cavalo porque a Nellie pariu de madrugada.

— É mesmo! — exclamou Gerald, os olhos brilhando com genuíno interesse, apaixonado que era por cavalos como todo irlandês.

Scarlett teve outro choque ao comparar a mãe com a sra. Tarleton. Para Ellen, nem as éguas nem as vacas pariam. Na verdade, as galinhas quase não botavam

ovos. Ellen fingia que esses assuntos não existiam. Mas a sra. Tarleton não tinha essas inibições.

— Uma potranca, foi?

— Não, um bom garanhãozinho com pernas de quase dois metros. O senhor tem que ir lá vê-lo, sr. O'Hara. É um verdadeiro cavalo Tarleton. Vermelho como os cachos de Hetty.

— E é muito parecido com Hetty, também — disse Camilla, escondendo-se, aos gritinhos, no bolo formado por saias e calções e chapéus em movimento, enquanto Hetty, que tinha, sim, uma cara comprida, começou a beliscá-la.

— As minhas potrancas estão com a corda toda esta manhã — observou a sra. Tarleton. — Andam animadas desde cedo quando tivemos a notícia de Ashley e aquela priminha dele de Atlanta. Como ela se chama? Melanie? Que Deus a abençoe, é um docinho, mas nunca consigo me lembrar nem do nome nem da cara dela. A nossa cozinheira é esposa do copeiro dos Wilkes, e ele esteve lá em casa ontem à noite com a notícia de que o noivado seria anunciado hoje à noite. Cookie nos contou hoje de manhã. As meninas estão elétricas com isso, embora eu não consiga ver por quê. Todo mundo sabe há anos que Ashley se casaria com ela, isto é, se não se casasse com uma das primas Burr, de Macon. Assim como a Honney Wilkes vai se casar com o irmão de Melanie, Charles. Agora me diga, sr. O'Hara, é ilegal para os Wilkes se casar fora da família? Porque se…

Scarlett não ouviu o resto dos comentários jocosos. Por um breve instante, foi como se o sol tivesse se escondido atrás de uma nuvem fria, deixando o mundo na sombra, retirando o colorido das coisas. O verde primaveril lhe pareceu doentio, os cornisos, pálidos, e a macieira em flor, tão lindamente cor-de-rosa havia apenas um instante, desbotada e sem graça. Scarlett enterrou os dedos no estofo da carruagem e, por um momento, sua sombrinha balançou. Uma coisa era saber que Ashley estava noivo, mas ouvir as pessoas falarem disso de forma tão displicente era diferente. Então sua coragem voltou com força. O sol tornou a sair e a paisagem recuperou o brilho. Ela sabia que Ashley a amava. Não havia dúvida. E sorriu ao imaginar a surpresa da sra. Tarleton ao ter notícia da fuga, enquanto esperava o anúncio do noivado. E contaria aos vizinhos como Scarlett era dissimulada, pois permanecera impassível ouvindo-a falar sobre Melanie quando o tempo todo ela e Ashley… Exibiu as covinhas ao ter esses

pensamentos. Hetty, que a observava para ver o efeito que as palavras de sua mãe provocavam nela, afundou-se no assento com uma expressão intrigada.

— Não me importa o que diga, sr. O'Hara — afirmava enfaticamente a sra. Tarleton. — Esses casamentos entre primos são um erro. Já é um equívoco o casamento de Ashley com a menina Hamilton, mas Honey se casar com aquele branquelo do Charles Hamilton…

— A Honey não arranjará mais ninguém se não se casar com Charlie — disse Randa, cruel e confiante na própria popularidade. — Ela nunca teve outro namorado a não ser ele. E ele nunca foi muito romântico com ela, apesar de estarem noivos. Scarlett, lembra como ele andou atrás de você no Natal passado…

— Não seja maldosa, mocinha — disse a mãe. — Primos não devem se casar entre si, mesmo os de segundo grau. Enfraquece a raça. Não são como os cavalos. Pode-se cruzar uma égua com um irmão ou um cavalo com a filha e, conhecendo-se as linhagens, obter bons resultados. Mas com gente isso não funciona. Conseguem-se boas formas, talvez, mas nada de energia. Você…

— Ora. Nisso, eu discordo da senhora! Pode me citar pessoas melhores que os Wilkes? E eles andam se casando entre si desde que Brian Boru era garoto.

— E é hora de pararem com isso, pois já se começa a notar. Ah, não tanto em Ashley, que é um boa-pinta, embora até ele… Mas olhe aquelas duas moças Wilkes desbotadas, coitadinhas! Boazinhas, claro, mas desbotadas. E veja aquela Melaniezinha. Um espeto de magra. Tão delicada que um vento a carrega, e sem vigor nenhum. Não tem nenhuma ideia própria. "Não, senhora!" "Sim, senhora!" É só isso que ela tem para dizer. Está me entendendo? Aquela família precisa de sangue novo, sangue bom e vigoroso como o das minhas ruivas ou da sua Scarlett. Agora, não me entenda mal. Os Wilkes são gente boa do jeito deles, e o senhor sabe que gosto deles todos, mas francamente! Há muita consanguinidade entre eles, não? Eles se dão bem em uma pista seca, em uma pista de corrida, mas, guarde o que estou dizendo, não acho que os Wilkes consigam correr em uma pista de lama. Perderam toda a resistência e, num momento de emergência, não creio que possam correr em condições adversas. Raça para clima seco. Me dê um cavalo grande capaz de correr em qualquer tempo! E seus casamentos consanguíneos os tornaram diferentes do pessoal daqui. Sempre perdendo tempo

com o piano ou enfiando a cabeça em um livro. Ashley prefere ler a caçar! Sim, honestamente, eu acho isso, sr. O'Hara! E olhe só os ossos deles. Muito finos. Eles precisam de matrizes e padreadores com força…

— Hã-hã — disse Gerald, de repente sentindo-se culpado por seu interesse em uma conversa que, apesar de adequada a ele, seria vista de maneira diferente por Ellen. Sabia que ela não se recuperaria se soubesse que as filhas tinham assistido a uma conversa tão franca. Mas a sra. Tarleton sempre se fazia de surda a qualquer outro tema quando discorria sobre seu assunto favorito: criação, fosse de cavalos ou de humanos.

— Sei do que estou falando porque tive uns primos que se casaram entre si e lhe dou a minha palavra que todos os filhos deles saíram de olhos esbugalhados como rãs-touros, coitadinhos. E, quando a minha família quis me casar com um primo de segundo grau, empaquei feito um potro. Disse: "Não, mamãe. Para mim, não. Meus filhos todos vão ter esparavão e enfisema crônico." Bati pé e vovó me apoiou. Ela, que entendia muito de criação de cavalos, disse que eu tinha razão. E me ajudou a fugir com o sr. Tarleton. E olhe os meus filhos! Grandes e saudáveis, sem nenhum doentio ou nanico, embora o Boyd tenha só 1,78m. Agora, os Wilkes…

— Sem querer mudar de assunto… — interrompeu Gerald apressadamente, ao notar o olhar perplexo de Carreen e a curiosidade ávida no rosto de Suellen. Certamente elas fariam perguntas embaraçosas a Ellen que revelariam o quanto ele deixava a desejar como acompanhante. A princesa, ele gostou de ver, parecia pensar em outros assuntos, como competia a uma dama.

Hetty Tarleton tirou-o do apuro.

— Nossa, mamãe, vamos andando! — gritou com impaciência. — Esse sol está me torrando e já ouço as sardas pipocarem no meu pescoço.

— Só um minutinho, antes de a senhora ir — disse Gerald. — O que decidiu em relação à venda de cavalos para a Tropa? A guerra pode estourar a qualquer momento e os rapazes querem a questão resolvida. É a Tropa do condado de Clayton e são cavalos do condado de Clayton que eles querem. Mas a senhora, criatura obstinada que é, continua se recusando a nos vender seus belos animais.

— Talvez não haja guerra nenhuma — contemporizou a sra. Tarleton, sem pensar mais nos estranhos hábitos de casamento dos Wilkes.

— Ora, a senhora não pode…

— Mamãe — tornou a interromper Hetty —, não dá para você e o sr. O'Hara falarem sobre os cavalos em Twelve Oaks?

— Exatamente, srta. Hetty — disse Gerald. — E só vou prendê-la mais um minuto marcado no relógio. Vamos chegar daqui a pouco em Twelve Oaks, onde todos os homens, velhos e jovens, vão querer saber sobre os cavalos. Ah, me parte o coração ver uma dama bonita assim como a sua mãe tão mesquinha com os animais dela! Onde está o seu patriotismo, sra. Tarleton? A Confederação não significa nada para a senhora?

— Mamãe — gritou a pequena Betsy —, a Randa sentou em cima do meu vestido e estou ficando toda amassada.

— Bem, empurre a Randa de cima de você, Betsy, e fique quieta. Agora, me ouça, Gerald O'Hara — retrucou ela, os olhos começando a pestanejar. — Não comece a me jogar a Confederação na cara! A Confederação é tão importante para mim quanto para o senhor. Tenho quatro filhos na Tropa e o senhor, nenhum. Mas os meus filhos podem cuidar de si mesmos e os meus cavalos, não. Eu daria os meus cavalos de graça se soubesse que seriam montados por rapazes que conheço, cavalheiros acostumados com puros-sangues. Não, eu não hesitaria um minuto. Mas deixar as minhas belezas à mercê de brancos do povo acostumados a montar em mulas! Não, senhor! Eu teria pesadelos pensando que estavam sendo montados com pisaduras no lombo e sendo maltratados. Acha que eu deixaria idiotas ignorantes montarem os meus queridos de boca delicada para vê-los machucados e apanhando até terem o espírito quebrado? Ora, fico arrepiada só de pensar! Não, sr. O'Hara, o senhor é muito simpático de querer os meus cavalos, mas é melhor ir para Atlanta comprar uns pangarés velhos para os seus lavradores. Eles nunca saberão a diferença.

— Mamãe, por favor, não podemos prosseguir? — perguntou Camilla, entrando no coro impaciente. — Você sabe muito bem que vai acabar dando a eles os seus queridos de alguma maneira. Quando o papai e os meninos começarem a dizer que Confederação precisa, você vai chorar, mas vai abrir mão deles.

A sra. Tarleton riu e sacudiu as rédeas.

— Não vou fazer uma coisa dessas — disse, tocando os cavalos de leve com o chicote. A carruagem partiu depressa.

— É uma grande mulher — observou Gerald, colocando o chapéu e retomando o seu lugar ao lado da carruagem. — Prossiga, Toby. Vamos cansá-la e ainda conseguir os cavalos. Ela tem razão, é óbvio. Ela tem razão. Se um homem não é um cavalheiro, não tem o que fazer em cima de um cavalo. A infantaria é o lugar dele. Mas o pior é que não há filhos de fazendeiros em número suficiente para formar uma tropa.

— Papai, por favor, vá atrás ou na frente de nós. Você levanta tanta poeira que nos sufoca — disse Scarlett, que não se achava mais capaz de suportar a conversa. Distraía-a de seus pensamentos e ela estava muito ansiosa para se concentrar e compor a fisionomia antes de chegar a Twelve Oaks. Gerald obedientemente esporeou o cavalo e partiu em uma nuvem vermelha no encalço da carruagem Tarleton, para continuar aquela conversa de cavalos.

Capítulo 6

Atravessaram o rio e subiram o morro. Mesmo antes de se avistar Twelve Oaks, Scarlett viu uma névoa de fumaça espreguiçando-se sobre a copa das árvores e sentiu os cheiros gostosos das carnes de porco e de carneiro sendo assadas em lenha de nogueira.

As churrasqueiras, que ardiam lentamente desde a noite anterior, agora eram compridos braseiros, sobre os quais as carnes, girando nos espetos, dessoravam os sucos que chiavam. Scarlett sabia que o cheiro trazido pela leve brisa vinha do bosque de majestosos carvalhos nos fundos do solar. John Wilkes sempre fazia seus churrascos ali, na suave lombada que levava ao roseiral, um agradável lugar sombreado, muito mais agradável que o dos Calverts, por exemplo. A sra. Calvert não gostava de comida de churrasco, alegando que os cheiros ficavam dias entranhados na casa. Por isso, seus convidados sempre passavam muito calor em uma área plana e exposta ao sol a quatrocentos metros da casa. Mas John Wilkes, famoso em todo o estado pela hospitalidade, realmente sabia oferecer um churrasco.

As compridas mesas de cavalete para piquenique, cobertas com as mais finas toalhas dos Wilkes e ladeadas de bancos sem encosto, eram sempre montadas onde a sombra era mais fechada. Cadeiras, banquetas e almofadas da casa eram espalhadas pela clareira para quem não gostava de bancos. A uma distância suficiente para manter a fumaça longe dos convidados, estavam as compridas churrasqueiras onde as carnes eram assadas e os caldeirões que exalavam os odores suculentos do molho de churrasco e do guisado de Brunswick. O sr. Wilkes sempre tinha no mínimo uma dúzia de negrinhos correndo de um lado para outro carregando bandejas para servir os convidados. Atrás dos celeiros, sempre havia outra churrasqueira, onde os criados domésticos, os cocheiros e as criadas dos convidados tinham seu próprio banquete de bolos de milho, inhames,

chitterlings, aquele prato de miúdos de porco tão caro aos negros, e, na estação, melancias para se fartarem.

Quando o cheiro de torresmo fresco chegou até ela, Scarlett franziu o nariz com gosto, esperando sentir algum apetite quando estivesse pronto. Por enquanto, tinha o estômago tão cheio e o espartilho tão apertado que receava a cada instante que fosse arrotar, o que seria fatal, pois só os homens e as senhoras muito velhas podiam arrotar sem medo das críticas da sociedade.

Ao chegar ao topo da colina, a casa branca surgiu à sua frente com sua simetria perfeita. Colunas altas, varandas amplas, telhado plano, uma beleza feminina segura de seu encanto, que podia ser generosa e agradável com todos. Scarlett amava Twelve Oaks ainda mais do que Tara, pela beleza majestosa e pela dignidade suave que a casa de Gerald não tinha.

A larga entrada em curva estava cheia de cavalos de sela, de carruagens e de convidados apeando e saudando os amigos. Negros sorridentes, eufóricos como sempre que havia uma festa, conduziam os animais ao curral para serem desarreados. Enxames de crianças, negras e brancas, corriam aos gritos pelo relvado recém-brotado. Pulavam amarelinha, brincavam de pegar e se gabavam de quanto iriam comer. O amplo corredor que ia da frente aos fundos da casa estava cheio de gente. Quando a carruagem dos O'Haras encostou nos degraus da frente, Scarlett viu as moças com as suas crinolinas, alegres como borboletas, subindo e descendo as escadas, abraçadas às cinturas umas das outras. Paravam para debruçar-se sobre o delicado corrimão da balaustrada, rindo e chamando pelos os rapazes no corredor abaixo.

Através das janelas à francesa, avistou a roda de mulheres mais velhas sentadas na sala de estar. Vestidas de seda negra, abanavam-se enquanto conversavam sobre bebês, doenças e quem casara com quem e por quê. Tom, o mordomo dos Wilkes, atravessava os cômodos acelerado, trazendo nas mãos uma bandeja de prata com copos altos, que, curvando-se sorridente, oferecia aos rapazes trajados com calças castanho-claras e cinzentas e finas camisas de linho franzidas.

A ensolarada varanda frontal estava apinhada de convidados. Sim, o condado inteiro estava ali, pensou Scarlett. Os quatro rapazes Tarletons e o pai encostados nas altas colunas: os gêmeos, Stuart e Brent, lado a lado e inseparáveis como

sempre, Boyd e Tom com o pai, James Tarleton. O sr. Calvert estava em pé junto da esposa ianque, que apesar dos 15 anos de Geórgia nunca se sentia bem em nenhum ambiente. Era tratada com educação e simpatia por todos, mas ninguém esquecia que, além da origem condenável, ela cometera o erro de ser a preceptora dos filhos do sr. Calvert. Os dois rapazes Calvert, Raiford e Cade, estavam com a irmã loura e esfuziante, Cathleen, implicando com o moreno Joe Fontaine e sua futura noiva, a bela Sally Munroe. Alex e Tony Fontaine, de cochicho com Dimity Munroe, faziam-na a rir a valer. Havia famílias vindas de Lovejoy, a 16 quilômetros dali, de Fayetteville e de Jonesboro, algumas até de Atlanta e de Macon. A casa parecia a ponto de explodir com aquela gente toda, em um incessante burburinho alegre, onde se ouviam gargalhadas, risadinhas e gritinhos femininos esganiçados.

Nos degraus da varanda, John Wilkes, de cabelos prateados, empertigado, irradiava o encanto tranquilo de sua hospitalidade calorosa e infalível como o sol do verão da Geórgia. Ao seu lado, Honey Wilkes, assim chamada por tratar todo mundo, do pai aos peões, por esse termo carinhoso, remexia-se e dava risadinhas ao receber os convidados.

A ansiedade evidente com que Honey procurava ser atraente para todos os homens à vista contrastava com o porte do pai. Scarlett pensou que, afinal, a sra. Tarleton tinha uma certa razão no que dizia. Sem dúvida, os homens Wilkes herdavam a beleza da família. As grossas pestanas douradas que realçavam os olhos cinzentos de John Wilkes e de Ashley eram ralas e desbotadas em Honey e na irmã India. Honey, desprovida de cílios, tinha cara de coelho, e India não podia ser descrita por outra palavra senão insossa.

India sumira, mas Scarlett sabia que devia estar na cozinha dando as últimas instruções aos criados. *Coitada da India,* pensou. *Anda tão preocupada com o funcionamento da casa desde que a mãe morreu que nunca teve chance de arranjar outro namorado a não ser Stuart Tarleton. Não tenho culpa se ele me achou mais bonit*a que ela.

John Wilkes desceu os degraus para dar o braço a Scarlett. Ao saltar da carruagem, ela viu o riso afetado de Suellen e soube que a irmã devia ter identificado Frank Kennedy na multidão.

Como se eu não pudesse arranjar um pretendente melhor que aquele velho solteirão com calções de criada!, pensou com desprezo ao pôr os pés no chão, agradecendo a John Wilkes com um sorriso.

Frank Kennedy se encaminhava ligeiro para ajudar Suellen a descer da carruagem, e esta se empertigava de um jeito que Scarlett teve vontade de lhe dar uma bofetada. Frank Kenedy podia ser o maior proprietário de terras do condado e ter um grande coração, mas isso não contava diante dos seus quarenta anos, da sua magreza, de seu nervosismo, da barba rala avermelhada e do jeito atarantado de velho solteirão. No entanto, lembrando-se de seu plano, Scarlett sufocou o desdém e abriu-lhe um sorriso tão sedutor que ele estacou, a mão estendida para Suellen, e os olhos arregalados para Scarlett, satisfeito e atordoado.

O olhar de Scarlett vasculhava a multidão à procura de Ashley, mesmo durante sua conversinha com John Wilkes, mas não o viu na varanda. Várias pessoas a cumprimentaram, e Stuart e Brent Tarleton encaminharam-se para ela. As meninas Munroes vieram correndo admirar seu vestido, e logo ela se viu no centro de uma roda, onde as pessoas falavam cada vez mais alto para se fazer ouvir. Mas onde estava Ashley? E Melanie e Charles? Tentou disfarçar enquanto olhava em volta e examinava o grupo alegre dentro do hall.

Enquanto conversava e ria e lançava olhares furtivos para dentro da casa e para o jardim, viu um estranho, isolado no hall, olhando-a com uma frieza impertinente que logo lhe provocou um sentimento misto, de prazer por ter atraído a atenção de um homem e de constrangimento por estar usando um vestido muito decotado. Achou-o bem velho — dava-lhe uns 35 anos, pelo menos. Era alto e de constituição forte. Scarlett achou que nunca vira um homem de ombros tão largos, tão musculoso, quase musculoso demais para ser distinto. Quando seus olhos se encontraram, ele sorriu, revelando dentes muito brancos sob um bigode negro aparado rente. De tez morena, era trigueiro como um pirata, com os mesmos olhos negros audaciosos que avaliavam um galeão a afundar ou uma donzela a violentar. A frieza inconsequente em seu olhar e o sorriso cínico em sua boca deixaram Scarlett atônita. A jovem achou-se na obrigação de sentir-se insultada e irritou-se consigo mesma por não se sentir. Não sabia quem ele poderia ser, mas havia inegavelmente um ar bem nascido

naquele rosto moreno, indicado pelo nariz fino e aquilino sobre os grossos lábios vermelhos, pela testa alta e pelos olhos grandes e separados.

Desviou o olhar sem retribuir o sorriso, e ele virou-se ao ouvir alguém chamá-lo:

— Rhett! Rhett Butler! Venha cá! Quero apresentá-lo à moça mais insensível da Geórgia.

Rhett Butler? O nome soava familiar, de alguma forma ligado a algum escândalo, mas Scarlett não se esforçou para localizá-lo, pois Ashley não lhe saía da cabeça.

— Tenho que ir lá em cima correndo pentear o cabelo — disse ela a Stuart e Brent, que tentavam monopolizá-la. — Esperem por mim e não fujam com nenhuma outra moça, senão vou ficar furiosa.

Via que seria difícil lidar com Stuart, se flertasse com outro. Ele andara bebendo e ostentava aquela expressão arrogante de quem queria briga que, por experiência, ela sabia que significava problema. Deteve-se no hall para falar com amigos e cumprimentar India, que surgia dos fundos da casa, com os cabelos despenteados e gotinhas de suor brotando na testa. Pobre India! Como se não lhe bastassem o cabelo e as pestanas desbotados, o queixo proeminente de quem era teimoso, tinha vinte anos e nenhum pretendente. Scarlett se perguntou se India estaria muito sentida com ela por lhe ter tomado Stuart. Muitos diziam que ela ainda era apaixonada por ele, só que nunca se sabia o que um Wilkes pensava. Se estava sentida, não demonstrava. Tratava Scarlett com a mesma cordialidade ligeiramente distante de sempre.

Scarlett foi simpática e falou com ela, e começava a subir a ampla escadaria quando uma voz tímida às suas costas chamou-a pelo nome. Ao voltar-se, viu Charles Hamilton. Era um rapaz bonito, com uma franja castanha encaracolada sobre a testa branca e olhos também castanhos, límpidos e dóceis como os de um cão collie. Estava muito elegante, trajando calças cor de mostarda e paletó preto, camisa pregueada arrematada pela mais larga e mais elegante das gravatas pretas. Foi ficando levemente ruborizado quando ela se voltou, pois era tímido com as moças e, tal qual a maioria dos homens tímidos, admirava muito as moças frívolas, vivas e desenvoltas como Scarlett. Nunca tendo recebido dela

mais que uma delicadeza perfunctória, quase perdeu o fôlego quando ela lhe estendeu as mãos com um sorriso radiante ao cumprimentá-lo.

— Ora, Charles Hamilton, meu velho, que bonito você está! Aposto que veio de Atlanta só para me deixar de coração partido!

Charles quase gaguejou, tão empolgado ficou ao segurar aquelas mãozinhas quentes enquanto fitava aqueles olhos verdes e volúveis. Era assim que as moças falavam com os outros rapazes, mas nunca com ele. Não sabia por que, mas as moças sempre o tratavam como um irmão mais moço e eram muito amáveis, mas nunca se davam ao trabalho de provocá-lo. Sempre quisera que flertassem e brincassem com ele como faziam com rapazes muito menos bonitos e menos contemplados com os bens daquele mundo do que ele. Contudo, nas raras ocasiões em que isso havia acontecido, ficara tão encabulado que emudecera, sem saber o que dizer. Aí passava a noite em claro pensando nos galanteios que poderia ter usado, mas nunca lhe davam uma segunda chance. Depois de uma ou duas tentativas, as moças paravam de procurá-lo.

Mesmo com Honey, com quem tinha um compromisso tácito de casamento para o próximo outono, quando entrasse na posse de seus bens, era introvertido e calado. Às vezes, tinha uma sensação desagradável de que as faceirices de Honey e seus ares possessivos não tinham a ver com ele, pois ela era assim com qualquer homem que lhe desse uma oportunidade. Charles não estava empolgado com a perspectiva de desposá-la, pois ela não lhe despertava nenhuma das emoções arrebatadoras que seus amados livros lhe asseguravam serem próprias de um amante. Sempre desejou ser amado por uma criatura bela, ousada, cheia de paixão e malícia.

E lá estava Scarlett O’Hara provocando-o ao declarar que a deixaria de coração partido!

Tentou em vão pensar em algo para dizer e abençoou-a porque não parava de falar, o que o dispensava de ter de conversar. Era bom demais para ser verdade.

— Agora, espere aqui até eu voltar, pois quero sentar com você no churrasco. E não saia dando em cima das outras moças, porque sou muito ciumenta — foram as palavras inacreditáveis que saíram dos lábios vermelhos com uma covinha de cada lado, enquanto as pestanas negras movimentavam-se com recato sobre os olhos verdes.

— Não vou sair — conseguiu murmurar por fim, sem atinar que ela o estava vendo como um bezerro à espera do açougueiro.

Batendo-lhe de leve no braço com o leque fechado, Scarlett já ia subir as escadas quando tornou a ver o homem chamado Rhett Butler sozinho a alguns passos de Charles. Era óbvio que tinha entreouvido a conversa toda, pois sorriu para ela com a malícia de um gato e tornou a olhá-la de uma forma totalmente desprovida da deferência a que ela estava acostumada.

Pelo manto do Senhor!, disse Scarlett a si mesma, indignada, usando a expressão preferida de Gerald. *Pela expressão dele, é como se… como se me enxergasse sem roupa*. E, levantando a cabeça, subiu a escada.

No quarto onde estavam as capas, encontrou Cathleen Calvert se arrumando diante do espelho e mordendo os lábios para deixá-los mais vermelhos. As rosas frescas em sua faixa eram da cor das suas faces, e seus olhos azuis dançavam, eletrizados.

— Cathleen — disse Scarlett, tentando puxar mais para cima o corpete do vestido. — Quem é aquele homem desagradável chamado Butler que está lá embaixo?

— Você não sabe, querida? — murmurou Cathleen toda excitada, olhando de soslaio para o quarto ao lado, onde Dilcey e a Mammy das meninas Wilkes fofocavam. — Não imagino como o sr. Wilkes deve se sentir com a presença dele aqui, mas ele estava de visita na casa do sr. Kennedy em Jonesboro, alguma coisa a ver com compra de algodão, e, claro, o sr. Kennedy teve que trazê-lo. Não podia vir e deixá-lo em casa.

— Qual é o problema com ele?

— Querida, ninguém o recebe!

— É mesmo?

— É.

Scarlett digeriu isso em silêncio, pois nunca havia estado sob o mesmo teto com uma pessoa que não fosse recebida pela sociedade. Era muito excitante.

— O que ele fez?

— Ah, Scarlett, ele tem a pior reputação possível. O nome dele é Rhett Butler. Ele é de Charleston, de uma das melhores famílias de lá, mas os parentes não falam com ele. A Caro Rhett me contou sobre ele no verão passado. Não são

parentes, mas ela sabe tudo sobre ele, todo mundo sabe. Foi expulso de West Point. Imagine! E por motivos feios demais para Caro saber. E depois teve aquela história da moça com quem ele não se casou.

— Me conte!

— Querida, você não sabe de nada? A Caro me contou tudo no verão passado, e a mãe dela morreria se imaginasse que ela sabia disso. Bem, esse sr. Butler levou uma moça de Charleston para passear de charrete. Eu nunca soube quem ela era, mas tenho as minhas suspeitas. Ela não podia ser boa coisa, do contrário não teria saído com ele à noitinha sem acompanhante. E, minha querida, ficaram fora quase a noite inteira e finalmente foram para casa a pé, dizendo que o cavalo tinha fugido e destruído a carruagem, e que eles se perderam na mata. E imagine o que…

— Não consigo imaginar. Me conte — disse Scarlett, entusiasmada, torcendo pelo pior.

— No dia seguinte, ele se recusou a se casar com ela!

— Ah — reagiu Scarlett, desapontada.

— Ele disse que… hã… não tinha feito nada com a moça e não via por que devia se casar com ela. E, naturalmente, o irmão dela o interpelou, e o sr. Butler disse que preferia levar um tiro a se casar com uma tola idiota. Então eles duelaram, o sr. Butler deu um tiro no irmão da moça, que morreu, e o sr. Butler teve que ir embora de Charleston, e agora ninguém o recebe — terminou Cathleen, triunfante, e bem na hora, pois Dilcey entrava de volta para supervisionar a toalete das meninas sob sua responsabilidade.

— Ela teve um filho? — sussurrou Scarlett no ouvido de Cathleen.

Cathleen abanou enfaticamente a cabeça.

— Mas ficou com a reputação perdida do mesmo jeito — sibilou.

Eu queria ter feito com que Ashley me comprometesse, pensou Scarlett subitamente. *Ele é cavalheiro demais para não se casar comigo.* Mas, espontaneamente, veio-lhe um sentimento de respeito pela atitude de Rhett Butler em se recusar a se casar com uma idiota.

Scarlett sentou-se em uma otomana alta de pau-rosa, à sombra de um enorme carvalho nos fundos da casa, cercada pela enorme roda de babados e franzidos que ondulava ao seu redor e deixava à vista três dedos do sapatinho de pelica

verde — tudo que uma dama podia mostrar e ainda continuar sendo uma dama. Tinha nas mãos um prato em que mal tocara e, em volta, sete cavalheiros. O churrasco estava no auge. No ar cálido impregnado dos cheiros de assados e molhos, ecoavam risadas e conversas, pontuadas pelo tinir dos talheres de prata na porcelana. Quando o vento virava, baforadas de fumaça de churrasco atingiam os convidados, sendo recebidas por gritinhos de protesto das damas, que agitavam violentamente as ventarolas de palmeto para repeli-las.

Quase todas as jovens estavam sentadas com seus pares nos compridos bancos em frente às mesas, mas Scarlett, lembrando-se de que uma moça tinha apenas dois lados e, em cada um deles, podia sentar-se apenas um homem, resolvera sentar-se à parte para poder reunir à sua volta o maior número de homens possível.

Embaixo do caramanchão, sentavam-se as mulheres casadas, cujos vestidos escuros eram notas de decoro no colorido e na alegria ao redor. As matronas, independentemente da idade, sempre formavam um grupo à parte, sem se misturar com a juventude alegre, pois no Sul não havia beldades casadas. Desde a avó Fontaine, que aproveitava o privilégio da idade para arrotar abertamente, até Alice Munroe, com seus 17 anos, às voltas com as náuseas da primeira gravidez, elas se reuniam em discussões intermináveis sobre genealogia e obstetrícia que tornavam as reuniões como aquela ocasiões agradáveis e instrutivas.

Lançando-lhes olhares de desprezo, Scarlett achava que elas lembravam um grupo de gralhas gordas. As mulheres casadas nunca se divertiam. Não lhe ocorria que, casando-se com Ashley, ela seria automaticamente relegada a caramanchões e antessalas na companhia de matronas sérias vestidas de seda sem graça, como aquelas, e nunca participaria da diversão. Sua imaginação, como a da maioria das moças, não a levava mais longe do que a cerimônia do altar. Além do mais, ela agora estava infeliz demais para fazer abstrações.

Olhou para o prato e beliscou um biscoito com uma elegância e um fastio que teriam conquistado a aprovação de Mammy. Mesmo tendo pretendentes de sobra, nunca fora mais infeliz na vida. Não entendia como, mas no que dizia respeito a Ashley, seus planos da noite anterior tinham fracassado redondamente. Atraíra dezenas de outros pretendentes, mas não Ashley, e lhe voltavam todos os

temores da tarde da véspera, fazendo seu coração bater ora acelerado, ora devagar, enquanto o rosto ora enrubescia, ora empalidecia.

Ashley não tentou entrar na roda formada em volta dela. Aliás, ela não estivera a sós com ele, nem mesmo lhe falara desde que se cumprimentaram. Ele se adiantara para recebê-la quando ela chegara ao jardim dos fundos, mas vinha de braço dado com Melanie. Melanie, que mal lhe chegava ao ombro.

Baixinha e de constituição frágil, parecia uma criança fantasiada com a enorme saia de crinolina da mãe — uma ilusão sublinhada pela expressão tímida, quase assustada, nos olhos castanhos muito grandes. Tinha os cabelos escuros e encaracolados reprimidos dentro da rede que não deixava um fio sequer escapar, e o bico de viúva na nascente daquela massa escura acentuava-lhe o formato de coração do rosto. Largo demais nas maçãs, excessivamente pontudo no queixo, era um rosto doce e tímido, mas sem beleza, e ela não possuía nenhum artifício feminino para torná-lo mais interessante. Aparentava ser o que era — simples como a terra, boa como pão, transparente como água de mina. Contudo, apesar das feições comuns e da estatura baixa, seus movimentos dignos transmitiam uma maturidade incomum em uma moça de apenas 17 anos.

O vestido de organdi cinza com a faixa de cetim cor de cereja disfarçava com a roda e os babados um corpo bem infantil, e o chapéu amarelo com longas fitas da cor da faixa iluminava sua pele clara. Os pesados brincos com franja de ouro saindo do cabelo contido dentro da rede balançavam perto dos olhos castanhos. Olhos que tinham o brilho parado de um lago de floresta no inverno, quando as folhas secas lampejavam na água calma.

Cumprimentara Scarlett com um sorriso tímido de simpatia, elogiando seu vestido verde. Scarlett mal conseguira responder com educação, tamanho era seu desejo de falar a sós com Ashley. Daí em diante, Ashley ficou sentado em um banquinho aos pés de Melanie, isolado dos outros convidados, conversando tranquilamente com ela, tendo nos lábios aquele sorriso sonolento que Scarlett adorava. Para piorar a situação, aquele sorriso acendera uma pequena centelha nos olhos de Melanie que, até mesmo Scarlett foi obrigada a confessar, a embelezava. Quando Melanie olhava para Ashley, seu rosto sem graça parecia iluminado por uma chama interior. Quem quisesse ver o amor refletido em um rosto, bastava olhar para Melanie Hamilton naquele momento. Scarlett tentava

desviar os olhos daqueles dois, mas não conseguia, e a cada vez que olhava mostrava-se mais alegre para os que lhe faziam a corte. Ria, dizia coisas ousadas, provocava, jogava a cabeça para trás ao ser elogiada, fazendo os brincos balançarem. Disse várias vezes “Bobagem!”, declarando não acreditar em nenhum deles e jurando jamais acreditar em nada que um homem lhe dissesse. Mas Ashley parecia ignorá-la completamente. Só tinha olhos para Melanie, com quem não parava de conversar, enquanto Melanie o fitava com uma expressão que irradiava o fato de que lhe pertencia.

Portanto, Scarlett sentia-se infeliz.

Mas, para quem olhasse, nenhuma moça tivera menos motivos para sentir-se infeliz. Era sem dúvida a beldade do churrasco, o centro das atenções. Em qualquer outra ocasião, teria se realizado com o furor que estava causando entre os homens e com o ciúme das outras moças.

Charles Hamilton, encorajado por sua atenção, postara-se firmemente à sua direita, recusando-se a se deixar deslocar pelos gêmeos Tarleton. Em uma das mãos, segurava o leque de Scarlett e, na outra, o prato de churrasco em que não tocara, evitando obstinadamente o olhar de Honey, que parecia prestes a cair em prantos. Recostado com elegância à sua esquerda, Cade puxava a saia de Scarlett para atrair sua atenção, fitando Stuart com um olhar zangado. O clima estava carregado entre ele e os gêmeos, já tendo sido trocadas palavras ásperas. Frank Kennedy parecia uma galinha atrás do pinto, correndo de um lado para outro, da sombra do carvalho para as mesas, à cata de guloseimas para tentar Scarlett, como se lá não houvesse dezenas de criados para esse fim. Diante disso, sem conseguir mais disfarçar o ressentimento, Suellen olhava furiosa para a irmã. A pequena Carreen estava quase chorando porque, apesar das palavras encorajadoras de Scarlett naquela manhã, Brent se limitara a dizer “Olá, maninha” e puxar-lhe a fita do cabelo antes de voltar todas as atenções para Scarlett. Normalmente, era muito simpático com ela e a tratava com uma deferência despreocupada que a fazia sentir-se uma moça, e Carreen sonhava em segredo com o dia em que, levantando os cabelos e encompridando as saias, passaria a recebê-lo como um namorado de verdade. E agora parecia que era o namorado de Scarlett. As meninas Munroes disfarçavam o desgosto pela deserção dos morenos rapazes Fontaines, mas estavam aborrecidas vendo Tony e

Alex postados junto da roda, prontos para tomar o primeiro lugar que vagasse ao lado de Scarlett.

Com um leve erguer de sobrancelhas, elas transmitiram a Hetty Tarleton sua reprovação ao comportamento de Scarlett. “Devassa” era a única palavra para defini-la. Simultaneamente, as três jovens ergueram as sombrinhas de renda, disseram já estar satisfeitas, obrigada, e pousando de leve as pontas dos dedos nos braços dos homens mais próximos insistiram delicadamente em ver o roseiral, a nascente e o gazebo. Aquela retirada estratégica foi notada por todas as mulheres presentes, mas passou despercebida dos homens.

Scarlett deu uma risadinha ao ver três homens sendo arrastados do círculo dos seus admiradores para explorar pontos conhecidos das moças desde a infância. Olhou de canto de olho para ver se Ashley havia notado. Mas ele estava brincando com as pontas da faixa de Melanie, para quem era só sorrisos. Com o coração angustiado, Scarlett sentiu-se capaz de cravar as unhas na pele de marfim de Melanie até fazê-la sangrar e se comprazer com isso.

Quando afastou o olhar de Melanie, cruzou com o de Rhett Butler, que não se misturava com os convidados e estava parado, conversando com John Wilkes. Ele andara observando-a e, no momento em que seus olhos se encontraram, deu uma boa gargalhada. Scarlett teve a sensação incômoda de que aquele homem que ninguém recebia era o único ali a saber o que havia por trás daquela sua alegria forçada e estava se divertindo às suas custas. Teve ganas de unhá-lo também.

Se eu conseguir resistir até este churrasco terminar, pensou, *à tarde, quando as moças todas subirem para fazer a sesta e estar descansadas para a noite, fico aqui embaixo para falar com Ashley. Com certeza ele deve ter notado como sou popular.* Acalmou o coração alimentando outra esperança: *Claro que ele tem que ser atencioso com Melanie, porque, afinal de contas, ela é prima dele e não faz o menor sucesso. Se ele não a procurasse, ela ficaria sozinha em* um canto.

Esse pensamento deu-lhe uma coragem nova. Redobrou os esforços em relação a Charles, cujos olhos castanhos buscavam-na avidamente. Era um dia maravilhoso para Charles, um dia de sonho, e ele se apaixonara por Scarlett sem fazer nenhum esforço. Diante daquela nova emoção, Honey se apagava. Era um pardal estridente e Scarlett, um beija-flor deslumbrante. Provocava-o e

favorecia-o. Fazia-lhe perguntas a que ela mesma respondia, e ele se sentia muito inteligente sem ter dito uma palavra. Os outros rapazes estavam intrigados e irritados com o visível interesse dela por ele, pois sabiam que Charles era muito tímido para unir duas palavras, mas, por educação, esforçavam-se para disfarçar a raiva crescente. Estavam todos furiosos, o que teria sido um triunfo para Scarlett, se não fosse por Ashley.

Quando viu terminarem a última garfada de carne de porco, de frango e de carneiro, Scarlett achou que era hora de India se levantar e sugerir que as damas entrassem. Eram duas horas e o sol ardia, mas India, exausta após os três dias de preparativos para o churrasco, sentia-se muito bem continuando ali sentada embaixo do caramanchão, onde conversava aos gritos com um velho cavalheiro surdo de Fayetteville.

Uma modorra preguiçosa tomou conta das pessoas. Os negros remanchavam ao desarmar as compridas mesas sobre as quais as comidas haviam sido servidas. As risadas e as conversas perdiam o gás, e os grupos, aqui e ali, se calavam. Todos aguardavam que a anfitriã sinalizasse o encerramento das atividades matinais. As ventarolas de palmeto abanavam mais devagar, e vários cavalheiros cabeceavam devido ao calor e aos estômagos sobrecarregados. O churrasco terminara, e todos estavam satisfeitos de se pôr à vontade enquanto o sol ia alto no céu.

Entre o churrasco e o baile, os convidados pareciam um grupo pacato e tranquilo. Só os rapazes conservavam a energia que animava todos havia pouco. Moviam-se de um grupo a outro, conversando com a voz arrastada. Eram lindos e perigosos como garanhões puros-sangues. O langor do meio-dia apoderara-se dos presentes, mas escondia temperamentos explosivos, capazes de se exaltar em um instante. Homens e mulheres eram belos e selvagens, apenas superficialmente domados. No fundo, eram um pouco violentos, apesar dos modos agradáveis.

O tempo ia passando, com o sol esquentando mais ainda. Scarlett e outras pessoas tornaram a olhar para India. A conversa já esmorecia quando todos ouviram os brados furiosos de Gerald. De pé, a pouca distância das mesas do churrasco, estava no auge de uma discussão com John Wilkes.

— Pelo manto do Senhor, homem! Rezar por um acordo pacífico com os ianques? Depois que mandamos fogo nos patifes no forte Sumter? Pacífico? O Sul tem que provar pelas armas que não pode ser insultado e que não está se desligando da União por bondade dela, e sim por sua própria força!

Ai, meu Deus!, pensou Scarlett. *Lá vem ele! Agora, vamos todos ficar aqui sentados até m*eia-noite.

Em um instante, desapareceu o langor que se instalara nos presentes e a atmosfera se incendiou. Os homens levantaram-se gesticulando, cada qual gritando mais que o outro para se fazer ouvir. Não se falara de política nem de guerra iminente durante o almoço em atenção ao pedido do sr. Wilkes para que as damas não fossem aborrecidas com esses assuntos. Mas agora Gerald bradara as palavras “forte Sumter”, e ninguém mais se lembrou da recomendação do anfitrião.

— Claro que vamos lutar…

— Ianques ladrões…

— Podemos acabar com eles em um mês…

— Ora, um sulista sozinho consegue dar cabo de vinte ianques.

— Daremos uma lição que eles tão cedo não esquecerão…

— Pacificamente? Eles não nos deixarão ir em paz…

— Não, olhe como o sr. Lincoln insultou os nossos comissários!

— Sim, deixou-os semanas em suspenso, jurando que mandaria evacuar o forte Sumter!

— Eles querem guerra. Vamos fazê-los se enfastiar dela…

E, sobressaindo naquela gritaria, ecoava a voz de Gerald. Tudo que Scarlett conseguia ouvir era a repetição incessante de “Direitos dos Estados, meu Deus!”. Gerald estava se divertindo a valer, mas sua filha não.

Secessão, guerra — palavras que Scarlett já não aguentava mais ouvir e, se antes a entediavam, agora lhe inspiravam ódio, pois significavam que os homens passariam horas ali discutindo e ela não teria chance de encostar Ashley contra a parede. Era óbvio que não haveria guerra e os homens todos sabiam disso. Simplesmente adoravam falar e ouvir a própria voz.

Charles Hamilton, que não se levantara com os outros, estava relativamente sozinho com Scarlett e aproximou-se mais dela. Com a audácia que o amor novo

conferia, sussurrou uma confissão.

— Srta. O'Hara… eu… eu já decidi que, se combatermos, vou para a Carolina do Sul me juntar à Tropa. Dizem que o sr. Wade Hampton está organizando um regimento de cavalaria e, naturalmente, vou querer ir com ele. É uma ótima pessoa, e foi o melhor amigo do meu pai.

Scarlett pensou: *O que devo fazer, dar três vivas?* Via na expressão de Charles que ele estava lhe revelando seus segredos mais íntimos. Sem saber o que dizer, apenas desviou o olhar, perguntando-se por que os homens eram tolos a ponto de achar que as mulheres se interessavam por tais assuntos. Interpretando aquele silêncio como aprovação aturdida, apressou-se em prosseguir com ousadia.

— Se eu for… ficaria triste… srta. O'Hara?

— Eu choraria no travesseiro todas as noites — disse Scarlett, de zombaria, mas ele a levou a sério e enrubesceu de prazer.

O rapaz buscou cautelosamente a mão dela escondida nas pregas do vestido e apertou-a, espantando-se com a própria ousadia e com a condescendência dela.

— Rezaria por mim?

Que idiota!, pensou Scarlett com amargura, olhando disfarçadamente em volta, na esperança de que alguém fosse salvá-la daquela conversa.

— Rezaria mesmo?

— Sim, claro, sr. Hamilton. No mínimo três rosários por noite!

Charles, olhando ao redor, prendeu a respiração e enrijeceu o abdome. Estavam praticamente a sós e talvez nunca mais lhe surgisse outra oportunidade daquelas, ou mesmo se Deus lhe enviasse outra, poderia lhe faltar coragem.

— Srta. O'Hara… tenho que lhe dizer uma coisa. Eu… eu a amo!

— Hum? — fez Scarlett distraidamente, espiando por entre o grupo de homens envolvidos na discussão para ver onde Ashley continuava conversando aos pés de Melanie.

— Sim! — murmurou Charles, extasiado com a reação dela, que não gargalhou, nem gritou nem chorou, como ele imaginava que as jovens sempre faziam em tais circunstâncias. — Eu a amo! Você é a mais… a mais… — E pela primeira vez na vida, conseguiu exprimir o que sentia. — A moça mais linda que já conheci e a mais doce, a mais bondosa e a mais gentil, e a amo de todo o coração. Não posso esperar que ame alguém como eu, minha querida srta.

O’Hara, mas se me encorajar um pouco hei de fazer qualquer coisa no mundo para conseguir que me ame. Hei…

Não encontrando nenhuma façanha capaz de realmente provar a Scarlett a profundidade de seu sentimento, Charles deteve-se, e disse apenas:

— Quero me casar com você.

Ao ouvir a palavra “casar”, Scarlett estremeceu, voltando à realidade. Com a cabeça em casamento e em Ashley, olhou para Charles mal conseguindo disfarçar a irritação. Por que aquele bocó com cara de bezerro tinha que expor os próprios sentimentos logo naquele dia em que ela estava quase enlouquecendo de preocupação? Olhou para aqueles suplicantes olhos castanhos sem enxergar a beleza do primeiro amor de um rapaz tímido nem da adoração de um ideal materializado, nem a felicidade e a ternura loucas que se irradiavam dele como uma chama. Scarlett estava acostumada a ouvir pedidos de casamento de homens muito mais atraentes que Charles Hamilton, com sutileza suficiente para não se declararem no meio de um churrasco, no momento em que questões mais importantes a preocupavam. Via à sua frente apenas um rapaz de vinte anos, vermelho como um pimentão, com cara de bobo. Desejou poder lhe dizer quanto ele parecia bobo. Mas, automaticamente, vieram-lhe aos lábios as palavras que Ellen lhe ensinara para tais emergências. Baixando os olhos por força do hábito, murmurou:

— Sr. Hamilton, não deixo de reconhecer a honra que me dá em desejar que eu me torne sua esposa, mas é tudo tão repentino que não sei o que dizer.

Era um meio de adular a vaidade masculina e, ao mesmo tempo, mantê-lo sob controle. Charles mordeu a isca como se fosse nova e ele, o primeiro a engoli-la.

— Eu esperaria para sempre! Não iria querê-la sem que esteja absolutamente certa. Por favor, srta. O’Hara, diga que posso ter esperanças!

— Hum! — disse Scarlett, vendo que Ashley, que não se levantara para participar da conversa sobre a guerra, sorria para Melanie. Se aquele idiota que queria a sua mão se calasse um instante, talvez ela pudesse ouvir o que os dois falavam. O que Melanie lhe teria dito para deixá-lo com aquele olhar tão interessado?

As palavras de Charles abafavam as vozes que ela se esforçava para ouvir.

— Shhh! — sibilou-lhe, beliscando-lhe a mão sem sequer olhá-lo.

Desconcertado e espantado com a rejeição, Charles corou. Depois, vendo como ela olhava fixo para sua irmã, sorriu. Scarlett, encabulada, sentia-se agoniada temendo que alguém ouvisse o que Charles dizia, enquanto ele sentia um surto de virilidade inédito, pois era a primeira vez na vida que deixava uma moça encabulada. Era uma sensação inebriante. Procurou fazer uma expressão que imaginou despreocupada e, cautelosamente, retribuiu o beliscão, querendo se mostrar um homem de espírito aberto o bastante para entender e aceitar a sua reprovação.

Ela nem sentiu o beliscão, pois ouvia nitidamente a voz doce que era o principal encanto de Melanie:

— Receio não poder concordar com você em relação às obras de Thackeray. É um cínico. Acho que não é um cavalheiro como Dickens.

Que bobagem para se dizer a um homem, pensou Scarlett, pronta para dar uma risadinha de alívio. *Ora, ela não passa de uma intelectual e todo mundo sabe o que os homens acham de mulheres intelectuais… A melhor maneira de interessar um homem é falar sobre ele e, depois, aos poucos, virar a conversa para nós e mantê-la aí.* Scarlett teria sentido algum motivo de alarme se Melanie estivesse dizendo: “Como você é maravilhoso!” ou “Como você pensa nessas coisas? Se eu sequer tentasse pensar nelas, minha cabecinha explodiria!” Mas lá estava ela, com um homem a seus pés, falando tão sério quanto se estivesse na igreja. Scarlett animou-se tanto com a perspectiva que abriu um sorriso de pura alegria e voltou para Charles um olhar radiante. Ele, maravilhado com aquela prova de afeição, tomou-lhe o leque das mãos e pôs-se a abaná-la com tanto entusiasmo que despenteou-a toda.

— Ashley, você ainda não nos deu a sua opinião — disse Jim Tarleton, virando-se do grupo de homens que esbravejava. Como um pedido de desculpas, Ashley pediu licença e se levantou. Não havia ninguém ali tão bonito, pensou Scarlett ao notar a graça de sua atitude negligente e o reflexo do sol em seus cabelos e bigodes dourados. Todos pararam para ouvi-lo, até os homens mais velhos.

— Ora, cavalheiros, se a Geórgia for à luta, vou também. Por que outro motivo eu haveria de ter entrado para a Tropa? — disse ele. Seus olhos cinzentos se arregalaram, perdendo todo aquele ar sonolento, com uma intensidade que

Scarlett nunca vira. — Mas, como meu pai, espero que os ianques nos deixem em paz e que não haja guerra… — Levantou a mão, sorrindo, quando os irmãos Fontaines e Tarletons começaram a falar ao mesmo tempo. — Sim, sim, sei que nos insultaram e mentiram para nós… mas, se estivéssemos no lugar dos ianques e eles estivessem tentando deixar a União, como teríamos agido? Mais ou menos da mesma forma. Não teríamos gostado.

Lá vem ele de novo, pensou Scarlett. *Sempre se colocando no lugar dos outros.* Para ela, toda discussão tinha apenas um lado justo. Às vezes, não dava para entender Ashley.

— Não vamos ficar de cabeça muito quente e vamos evitar a guerra. As guerras sempre foram a causa de quase todo o sofrimento do mundo. E, quando terminam, não se sabe por que começaram.

Scarlett desdenhou. Ainda bem que a fama de corajoso de Ashley era inquestionável, do contrário haveria problema. Enquanto ela fazia essa reflexão, vozes discordantes, indignadas e inflamadas se elevaram em volta de Ashley. Embaixo do caramanchão, o senhor surdo de Fayetteville cutucava India.

— Qual é o motivo disso? O que estão dizendo?

— Guerra! — gritou India, as mãos em concha no ouvido dele. — Querem lutar com os ianques!

— Guerra, é? — exclamou ele, procurando a bengala e se levantando da cadeira com uma energia que não demonstrava havia anos. — Vou contar a eles sobre a guerra. Já estive na guerra. — Era raro o sr. McRae ter a oportunidade de falar do assunto, com as mulheres de sua família instando-o a se calar.

Aproximou-se rapidamente do grupo, brandindo a bengala e gritando. Como não ouvia o que diziam em volta, logo se tornou senhor inquestionável da plateia.

— Seus pirralhos provocadores, me escutem. Vocês não querem lutar. Já lutei e sei. Estive na guerra de Seminole e fui bastante idiota para ir à do México também. Nenhum de vocês sabe o que é guerra. Pensam que é montar em um cavalo bonito e voltar para casa como herói, coberto de flores atiradas pelas moças. Pois não é isso, não, senhores. É passar fome e pegar sarampo e pneumonia por dormir ao relento. E, se não é sarampo nem pneumonia, são os

intestinos. Sim, senhores, o que a guerra faz com os intestinos de um homem… disenteria e coisas do gênero…

As senhoras estavam vermelhas. O sr. McRae lhes recordava uma época mais tosca, assim como a avó Fontaine e seus constrangedores arrotos, uma época que era melhor esquecer.

— Vá correndo pegar seu avô — sibilou uma das filhas do senhor a uma menina de pé ali perto. — Digo que ele está cada dia pior — murmurou para as senhoras perturbadas à sua volta. — Vocês acreditam que ainda hoje de manhã ele disse a Mary, que só tem 16 anos: “Agora, senhorita…” — E a voz virou um sussurro quando a neta se afastou para tentar fazer o sr. McRae voltar ao seu lugar à sombra.

Entre toda aquela gente que circulava à sombra das árvores, meninas rindo alvoroçadas, homens discutindo com paixão, só uma pessoa parecia calma. Os olhos de Scarlett voltaram-se para Rhett Butler, que estava encostado em uma árvore, as mãos enfiadas nos bolsos da calça. Estava só desde que o sr. Wilkes saíra de perto dele, e não dera uma palavra durante a acalorada discussão. Nos lábios vermelhos sob o bigode rente e nos olhos negros, havia uma expressão divertida de desdém, como se assistisse a uma demonstração de fanfarronice infantil. Um sorriso muito desagradável, pensou Scarlett. Ele ouviu calado até Stuart Tarleton, com os cabelos ruivos desgrenhados e os olhos inflamados, repetir:

— Ora, podemos dar uma surra neles em um mês! Os cavalheiros sempre lutam melhor que a ralé. Em um mês… não, em uma batalha…

— Cavalheiros — disse Rhett Butler com a fala arrastada dos naturais de Charleston, sem se desencostar da árvore nem tirar as mãos dos bolsos —, posso dizer uma palavra?

Tinha na atitude e no olhar um desdém revestido por um ar de gentileza que de alguma forma tornava caricata a postura deles. O grupo virou-se para ele com a polidez devida a um estranho.

— Algum dos senhores já pensou que não há nenhuma fábrica de canhões ao sul da linha Mason-Dixon? Ou no número de fundações que há no Sul? Ou quantas fábricas de algodão ou de lã? Quantos curtumes? Já pensaram que não teríamos um único navio de guerra e que a frota ianque poderia bloquear nossos

portos em uma semana, impedindo-nos de exportar nosso algodão? Mas… claro… os senhores já pensaram nisso.

Ora, ele está querendo dizer que os rapazes são um bando de idiotas!, pensou Scarlett, indignada, o sangue quente aflorando no rosto.

Óbvio que ela não foi a única a quem ocorreu essa ideia, pois vários rapazes começavam a empinar o queixo. John Wilkes com naturalidade, mas rapidamente, retomou seu lugar ao lado do orador, para deixar claro a todos que aquele homem era seu convidado e que, ademais, havia senhoras presentes.

— O problema da maioria de nós, sulistas — prosseguiu Rhett Butler —, é não viajarmos o suficiente ou não aproveitarmos bem as nossas viagens. Ora, é claro que todos os senhores são pessoas viajadas. Mas o que conhecem? A Europa e Nova York e a Filadélfia e, naturalmente, as senhoras já estiveram em Saratoga. — Fez uma pequena mesura para as senhoras embaixo do caramanchão. — Já viram os hotéis, os museus, os cabarés e os cassinos. E voltaram para casa achando que não há lugar que se compare ao Sul. Eu nasci em Charleston, mas passei os últimos anos no Norte.

Deu um sorriso mostrando os dentes brancos, como se se desse conta de que todos ali sabiam exatamente por que já não morava em Charleston, e isso não o afetasse em nada.

— Já vi muitas coisas que nenhum de vocês viu. Milhares de imigrantes dispostos a lutar ao lado dos ianques em troca de comida e alguns dólares; as fábricas, as fundições, os estaleiros, as minas de ferro e carvão, coisas que não possuímos. Tudo que temos é algodão, escravos e arrogância. Eles acabariam conosco em um mês.

Por um instante, houve um silêncio tenso. Rhett Butler tirou um fino lenço de linho do bolso do paletó e displicentemente limpou uma poeirinha da manga. Um murmúrio agourento elevou-se da plateia, enquanto, do caramanchão, vinha um zumbido semelhante ao de uma colmeia de abelhas atordoadas. Embora ainda sentisse o calor da raiva no rosto, o senso prático de Scarlett lhe sugeriu que muito do que aquele homem dizia era verdade e revelava bom senso. Ela nunca vira uma fábrica nem conhecia ninguém que conhecesse uma. Mas, mesmo que aquilo fosse verdade, um cavalheiro jamais faria uma afirmação daquelas, ainda por cima em uma festa, onde todos estavam se divertindo.

Stuart Tarleton, franzindo o cenho, adiantou-se seguido de Brent. Naturalmente, os gêmeos, bem-educados como eram, jamais fariam uma cena em um churrasco, por mais que fossem provocados. Mesmo assim, todas as senhoras ficaram em polvorosa, pois era muito raro assistirem pessoalmente a uma briga. Em geral tinham que ouvir as descrições de terceiros.

— Cavalheiro — interpelou-o Stuart em um tom duro —, o que quer dizer com isso?

Rhett fitou-o com um olhar polido, mas escarninho.

— Quero dizer — respondeu — o que Napoleão, talvez já tenha ouvido falar nele… observou uma vez: "Deus está do lado do Exército mais forte!" — E, voltando-se para John Wilkes, disse com genuína cortesia: — O senhor prometeu me mostrar sua biblioteca. Seria demais pedir para vê-la agora? Ainda esta tarde tenho que voltar a Jonesboro, onde uns assuntos de negócios me chamam.

Deu meia-volta, encarando a multidão, bateu os calcanhares e curvou-se como um mestre de dança, em um movimento cheio de graça para um homem tão forte, e impertinente como uma bofetada na cara. Atravessou o gramado com John Wilkes, de cabeça erguida, e o som de sua incômoda gargalhada chegou ao grupo ao redor das mesas.

Ao silêncio de perplexidade, seguiu-se novamente o burburinho das conversas. India levantou-se, cansada, do caramanchão e dirigiu-se para o irritado Stuart Tarleton. Scarlett não a ouvia, mas a forma como ela olhava para ele a fez sentir certo remorso. Era o mesmo olhar enlevado de Melanie quando olhava para Ashley. Só que Stuart não via. Então India o amava, sim. Scarlett achava que, se não tivesse flertado tão descaradamente com o rapaz naquele discurso político do ano anterior, talvez ele já tivesse se casado com India há muito. Mas o remorso passou quando ela se convenceu de que não tinha culpa se as outras moças não sabiam prender seus homens.

Stuart enfim concedeu a India um sorriso contrariado e fez que sim com a cabeça. Provavelmente India lhe pedira para não ir atrás do sr. Butler e criar confusão. Começava um alvoroço simpático embaixo das árvores. Os convidados se levantavam das mesas, sacudindo as migalhas dos colos. As senhoras casadas chamavam pelas babás e pelas crianças, reunindo as proles para a partida. Grupos de moças, rindo e conversando, encaminhavam-se para a

casa. Iam se instalar nos dormitórios do andar superior para trocar comentários e fazer a sesta.

Todas as senhoras, exceto a sra. Tarleton, retiraram-se do jardim, deixando para os homens a sombra dos carvalhos e do caramanchão. Gerald, o sr. Calvert e os outros pediam-lhe uma resposta a respeito dos cavalos para a Tropa.

Ashley foi andando até onde Scarlett e Charles se encontravam. Tinha no rosto um sorriso pensativo e divertido.

— Sujeito arrogante, não é? — observou ele, acompanhando Butler com o olhar. — Parece um dos Bórgias.

Scarlett pensou rapidamente, mas não conseguiu se lembrar de nenhuma família no condado, em Atlanta ou em Savannah com aquele nome.

— Não conheço. Ele é parente deles? Quem são?

Uma expressão estranha toldou o olhar de Charles, onde a incredulidade e a vergonha brigavam com o amor. Triunfou o amor quando ele concluiu que uma moça só precisava ser doce, delicada e bela, sem ter necessidade de atrapalhar seus encantos com cultura. Respondeu:

— Os Bórgias eram italianos.

— Ah — disse Scarlett, desinteressando-se —, estrangeiros.

Voltou seu sorriso mais encantador para Ashley, que não olhava para ela, mas sim para Charles, com uma expressão onde havia compreensão e um pouco de pena.

Scarlett, de pé no patamar, estudava cuidadosamente por cima dos balaústres o corredor do andar inferior. Estava vazio. Dos quartos do andar superior vinha um incessante burburinho de vozes baixas, subindo e descendo de tom, pontuadas de gargalhadas estridentes e “Não, você não fez isso!” e “Então o que foi que ele disse?”. As moças descansavam nas camas e nos sofás dos seis enormes quartos, tendo tirado os vestidos, afrouxado os espartilhos e soltado os longos cabelos. As sestas vespertinas eram um hábito local, indispensável em festas que duravam o dia inteiro, começando de manhã cedo e culminando com um baile. As moças conversavam e riam durante meia hora. Depois as criadas fechavam as venezianas e, na penumbra tépida, a conversas iam morrendo para dar lugar a um silêncio apenas quebrado pelo suave murmúrio das respirações regulares.

Antes de escapulir para o corredor e começar a descer as escadas, Scarlett se certificara de que Melanie estava deitada na cama com Honey e Hetty Tarleton. Da janela do patamar, via os homens sentados embaixo do caramanchão com seus copos de bebida. Sabia que permaneceriam ali até a tardinha. Procurou Ashley no grupo, mas não o viu. Então prestou atenção e ouviu sua voz. Como Scarlett esperara, ele continuava na entrada, despedindo-se das mães de família e das crianças.

Com o coração na boca, ela desceu depressa as escadas. E se desse de cara com o sr. Wilkes? Que desculpa daria por estar vagando pela casa quando as outras moças todas faziam a sesta da beleza? Mas tinha que correr o risco.

Chegando ao último degrau, ouviu a movimentação dos criados na sala de jantar, retirando a mesa e as cadeiras para o baile, sob as ordens do mordomo. Do outro lado do amplo corredor viu aberta a porta da biblioteca, onde entrou de mansinho. Poderia esperar ali até Ashley terminar as despedidas e depois chamá-lo quando ele entrasse na casa.

A biblioteca estava quase às escuras, pois as persianas haviam sido cerradas por causa do sol. A sala de paredes altas completamente tomadas de livros deprimiu-a. Não era o lugar que escolheria para um encontro amoroso tal como esperava que aquele fosse. Grandes quantidades de livros, assim como os amantes da leitura, sempre a deprimiam. Isto é, com exceção de Ashley. A mobília pesada erguia-se à sua frente na penumbra. Cadeiras de espaldar alto com assentos profundos e braços largos, feitas para os Wilkes, homens de estatura elevada; poltronas macias de veludo com pufes de veludo na frente para as moças. Ao fundo, diante da lareira, erguia-se o encosto alto do sofá de cinco metros lembrando um enorme animal adormecido. Era onde Ashley mais gostava de sentar-se.

Encostou a porta, deixando apenas uma fresta aberta, e tentou acalmar o coração. Não conseguiu se lembrar de nada do que planejara dizer a Ashley na noite anterior. Teria esquecido o que imaginara, ou planejara apenas que Ashley lhe dissesse algo? Sem conseguir lembrar, ficou gelada de medo. Se o coração parasse de bater tão alto em seus ouvidos, talvez pudesse pensar no que dizer. Mas as batidas só se aceleraram ainda mais quando o ouviu fazer as últimas despedidas e entrar na casa.

Scarlett só conseguia pensar que o amava… Amava tudo nele, da cabeça loura erguida com altivez às botas elegantes que calçava. Amava suas gargalhadas, mesmo quando a desnorteavam. Amava seus desconcertantes silêncios. Ah, se ao menos ele entrasse ali agora e a tomasse nos braços, ela não precisaria dizer nada… Ele devia amá-la. *Talvez se eu rezasse*… Fechando os olhos com força, começou a recitar depressa: *Ave Maria, cheia* de graça…

— Scarlett! — disse a voz de Ashley, em meio ao rugido que ouvia em seus ouvidos, deixando-a absolutamente confusa. Em pé no corredor, espiava-a da fresta da porta, com um sorriso interrogativo no rosto. — De quem está se escondendo? De Charles ou dos Tarletons?

Ela engoliu em seco. Então ele notara como os homens a cercavam! Que amor ele era ali parado, piscando os olhos, sem ter a menor ideia da sua agitação. Sem conseguir falar, a jovem estendeu a mão e puxou-o para dentro da sala. Ele entrou, intrigado, mas interessado. Havia uma eletricidade nela, um brilho em seus olhos que ele nunca vira antes e, mesmo no escuro, viu o rubor em suas faces. Automaticamente, fechou a porta às suas costas e tomou-lhe a mão.

— O que é isso? — ele disse quase em um sussurro.

Ao contato com a mão dele, Scarlett começou a tremer. Ia acontecer agora, exatamente como ela sonhara. Mil pensamentos incoerentes lhe passavam pela cabeça, mas ela não conseguiu captar um único sequer para verbalizar. Apenas tremia e olhava para ele. Por que ele não falava?

— O que é isso? — repetiu Ashley. — Um segredo para me contar?

De repente, as palavras vieram e, simultaneamente, todos os ensinamentos que Ellen lhe transmitira durante anos se desvaneceram, deixando o sangue irlandês franco de Gerald falar pela boca da filha.

— Sim… um segredo. Eu o amo.

Por um instante, houve um silêncio tão profundo que parecia que nenhum deles respirava. Depois, ao ser invadida por uma onda de felicidade e orgulho, parou de tremer. Por que não fizera aquilo antes? Era tão mais simples que todas as manobras femininas que lhe ensinaram. Então seus olhos procuraram os dele.

Viu neles uma expressão consternada, de incredulidade e mais alguma coisa — o que era? Sim, vira em Gerald aquela mesma expressão no dia em que ele tivera de sacrificar seu cavalo de estimação que quebrara a perna. Por que ela se

lembrava disso agora? Que ideia boba! E por que Ashley fazia aquela cara tão estranha e não dizia nada? Então o sorriso galante da máscara que aprendera a usar instalou-se nos lábios dele.

— Não basta você ter colecionado todos os corações masculinos presentes aqui hoje? — perguntou com o antigo tom implicante e carinhoso na voz. — Quer que não falte nenhum? Bem, você sempre teve o meu. Ganhou experiência com ele.

Havia algo errado — muito errado! Não era assim que planejara. No tumulto louco de ideias que circulavam em sua cabeça, uma começava a tomar forma. Por alguma razão, Ashley agia como se pensasse que ela estava apenas flertando com ele, quando sabia que não era assim. Ela estava ciente disso.

— Ashley… Ashley… me diga… tem que me dizer… ah, não brinque comigo! Eu tenho o seu coração? Ah, querido, eu a…

Rapidamente, ele tapou-lhe a boca com a mão. A máscara caíra.

— Você não deve dizer essas coisas, Scarlett! Não deve. Não são o que pensa. Vai acabar se odiando por dizê-las e odiando a mim por tê-las escutado.

Ela desviou a cabeça. Uma onda de calor a percorria.

— Eu nunca poderia odiá-lo. Estou lhe declarando o meu amor e sei que deve gostar de mim, porque… — Parou. Nunca havia visto tanto sofrimento estampado no rosto de alguém. — Ashley, você gosta… gosta, não?

— Sim — disse ele, sem ênfase. — Gosto.

Se ele tivesse dito que a abominava, ela não poderia ter ficado mais assustada. Puxou-lhe a manga, sem fala.

— Scarlett — pediu Ashley —, não podemos ir embora e esquecer que dissemos essas coisas?

— Não — murmurou ela. — Eu não posso. O que você quer dizer? Não quer se… se casar comigo?

— Vou me casar com Melanie — respondeu ele.

De repente, sem saber como, Scarlett viu que estava sentada na poltrona de veludo, e Ashley, na banqueta a seus pés, apertava suas duas mãos. Dizia coisas, coisas sem sentido. Scarlett sentia a cabeça oca, vazia dos pensamentos que pipocavam ali havia apenas um instante. As palavras dele não lhe faziam mais impressão que a chuva caindo no vidro. Caíam em ouvidos surdos. Eram

palavras rápidas, ternas e cheias de uma compaixão paternal, dirigidas a uma criança magoada.

Registrando na consciência o som do nome de Melanie, ela olhou nos claros olhos cinzentos. Reconheceu o velho olhar distante que sempre a confundira — e uma expressão de ódio a si próprio.

— Meu pai deve anunciar o noivado hoje à noite. Devemos nos casar em breve. Eu devia ter lhe contado, mas achei que soubesse. Achei que todos soubessem… há anos. Nunca imaginei que você… com tantos namorados. Achei que Stuart…

A vida, o sentimento e a compreensão começavam a voltar a ela.

— Mas você acabou de dizer que gostava de mim.

As mãos quentes dele a machucavam.

— Minha querida, precisa me fazer dizer coisas que vão magoá-la?

O silêncio dela o pressionava a prosseguir.

— Como posso fazê-la compreender essas coisas, querida? Você é tão moça e tão inconsequente que não sabe o que o casamento significa.

— Sei que eu o amo.

— Não basta amor para tornar um casamento bem-sucedido quando duas pessoas são tão diferentes como nós somos. Você iria querer tudo de um homem, Scarlett, o corpo, o coração, a alma, os pensamentos. E se não tivesse tudo ficaria infeliz. E eu nunca poderia lhe dar tudo de mim. Nunca poderia dar tudo de mim a ninguém. Nem iria querer toda a sua mente nem toda a sua alma. E você ficaria magoada, passando a me odiar… e quão amargamente! Odiaria os livros que leio e a música que amo porque me afastariam de você, ainda que por um instante. E eu talvez… talvez eu…

— Você a ama?

— Ela é como eu, parte do meu sangue. E nos compreendemos. Scarlett! Scarlett! Não posso fazê-la entender que é impossível haver algum tipo de paz em um casamento se as duas pessoas não tiverem afinidade?

Alguém já dissera isso: “Só há felicidade no casamento entre semelhantes.” Quem foi? Parecia ter ouvido a frase havia um milhão de anos, mas ainda não fazia sentido para ela.

— Mas você disse que gostava de mim.

— Pois não devia ter dito.

No cérebro dela, acendeu-se um fogo lento, e a raiva não a deixava ver mais nada.

— Bem, se foi velhaco o suficiente para dizer…

Ele ficou lívido.

— Fui velhaco ao dizer isso, pois vou me casar com Melanie. Agi mal com você e pior ainda com Melanie. Eu não devia ter dito, pois sabia que você não entenderia. Como posso evitar gostar de você… você que tem essa paixão pela vida que eu não tenho? Que pode amar e odiar com uma violência de que não sou capaz? Você é tão elementar como o fogo, o vento e as coisas da natureza, e eu…

Ela pensou em Melanie e visualizou de repente aqueles plácidos olhos castanhos de olhar ausente, as mãozinhas tranquilas dentro das luvas de renda preta, os silêncios delicados. E a raiva explodiu. A mesma raiva que levou Gerald ao assassinato e outros antepassados irlandeses a atos que lhes custaram o pescoço. Nela agora não havia nada dos finos Robillards que conseguiam suportar em silêncio qualquer coisa que o mundo lhes reservasse.

— Por que não diz logo, seu covarde?! Tem medo de se casar comigo! Prefere viver com aquela bobinha que só abre a boca para dizer “Sim” ou “Não” e criar um bando de vacas de presépio como ela. Por que…

— Você não deve falar assim da Melanie!

— Não devo uma ova! Quem é você para me dizer o que não devo falar? Seu covarde, velhaco. Você me fez acreditar que ia se casar comigo…

— Seja justa — implorou a voz dele. — Alguma vez…

Ela não queria ser justa, embora soubesse que o que ele dizia era verdade; Ashley nunca atravessara os limites da amizade com ela. Ao pensar nisso, subiu-lhe uma raiva nova, aquela provocada por orgulho e vaidade feminina feridos. Ela correra atrás dele e ele não quis saber dela. Preferiu uma bobinha desbotada como Melanie. Ah, melhor seria se tivesse seguido os conselhos de Ellen e de Mammy de nunca, jamais revelar que gostava dele — qualquer coisa seria melhor do que aquela terrível humilhação!

Levantou-se com os punhos cerrados, e ele se pôs de pé, sobrepujando-a em altura, traindo no semblante a dor muda de se ver forçado a enfrentar a realidade

quando a realidade era agonia.

— Vou odiá-lo até morrer, velhaco… nojento… nojento… — Qual era a palavra que procurava? Não conseguia encontrar nenhuma suficientemente ofensiva.

— Scarlett… por favor — disse, estendendo-lhe a mão.

Naquele momento, ela o esbofeteou com toda a força que tinha. O estalo soou como uma chicotada na sala silenciosa. No mesmo instante, sua raiva desapareceu, deixando angústia em seu coração.

A marca vermelha era bem visível no rosto pálido e cansado de Ashley, que sem dizer nada levou aos lábios a mão lânguida de Scarlett e a beijou. Antes que ela pudesse articular uma palavra, ele se foi, fechando a porta devagar às suas costas.

De pernas bambas, depois do acesso de fúria, ela atirou-se na cadeira. Ele fora embora, mas a lembrança de seu rosto atormentado a perseguiria até a morte.

Scarlett ouvia o rumor abafado dos passos dele no extenso corredor, e teve a noção da enormidade dos atos que praticara. Perdera-o para sempre. Agora, ele a odiaria e, toda vez que a visse, iria se lembrar de como ela se atirara para cima dele sem que jamais a tivesse encorajado.

Sou tão ruim como a Honey Wilkes, pensou de repente, relembrando como todo mundo, e ela mais que ninguém, ria com desprezo do comportamento atirado de Honey. Via seus saracoteios e ouvia suas risadas bobas quando ela se pendurava nos braços dos rapazes. A imagem acendeu-lhe uma raiva nova, de si mesma, de Ashley, do mundo. E, por se odiar tanto, odiava a todos com a fúria de um amor de 16 anos frustrado e humilhado. Esse seu amor, onde entrava apenas um pouquinho de ternura verdadeira, era composto basicamente de vaidade e narcisismo. Agora ela perdera, porém maior que seu sentimento de perda era o medo de ter feito um papelão. Teria sido tão óbvia quanto Honey? Estariam todos rindo dela? Esse pensamento a deixou trêmula.

Sua mão pousou na pequena floreira de porcelana em forma de dois querubins sorridentes colocada sobre uma mesinha. A sala estava tão silenciosa que ela quase deu um grito para quebrar o silêncio. Tinha que fazer alguma coisa para não enlouquecer. Pegou a floreira e atirou-a com violência em direção à lareira

do outro lado da sala. A peça passou de raspão pelo encosto do sofá e se espatifou no mármore do console da lareira.

— Isso é demais — disse uma voz que vinha do fundo do sofá.

Scarlett nunca levara um susto tão grande. Sua boca secou tanto que não lhe foi possível emitir um som. Segurou-se nas costas da cadeira, as pernas bambas, enquanto Rhett Butler, levantando-se do sofá onde estivera deitado, cumprimentava-a com uma mesura exagerada.

— Já foi bastante desagradável eu ter tido a sesta perturbada pela cena que fui obrigado a ouvir, mas por que minha vida deve correr perigo?

Ele era real, não um fantasma. Mas, por Deus, ouvira tudo! Reunindo as forças, procurou assumir uma atitude digna.

— O senhor devia ter revelado a sua presença.

— É mesmo? — Seus dentes brancos brilhavam e seus olhos escuros riam dela. — Mas você foi a intrusa. Fui obrigado a esperar aqui pelo sr. Kennedy e, sentindo que talvez eu fosse *persona non grata*, tive consideração suficiente para me refugiar aqui, onde a minha presença indesejável não seria perturbada. Mas infelizmente! — E deu de ombros, sorrindo.

O gênio de Scarlett começava a esquentar de novo ao pensar que aquele homem rude e impertinente ouvira tudo — coisas que ela agora preferia morrer a ter dito.

— Bisbilhoteiro… — começou ela, furiosa.

— Os bisbilhoteiros muitas vezes ouvem coisas interessantíssimas e instrutivas — disse ele, rindo. — Segundo a grande experiência que tenho em bisbilhotar, eu…

— O senhor não é um cavalheiro!

— Observação inteligente — respondeu ele alegremente. — E você, senhorita, também não é uma dama. — Dava a impressão de achá-la muito engraçada, pois tornou a rir. — Ninguém pode continuar sendo uma dama depois de dizer e fazer o que acabo de entreouvir. No entanto, é raro uma dama me encantar. Sei o que pensam, mas elas nunca são corajosas ou mal-educadas o bastante para dizer o que pensam. E isso, com o passar do tempo, entedia. Mas você, minha cara srta. O'Hara, é uma moça com um espírito raro, um espírito muito admirável, e eu lhe tiro o meu chapéu. Não consigo entender que encantos

o elegante sr. Wilkes pode ter para uma pessoa com uma personalidade tempestuosa como a sua. Ele devia dar graças a Deus de joelhos por uma moça com a sua… como foi que ele disse?… “paixão pela vida”, mas como é um pobre de espírito…

— Você não é digno de limpar as botas dele! — esbravejou, furiosa.

— E você vai odiá-lo pelo resto da vida! — Rhett tornou a afundar no sofá, e ela o ouviu rir.

Se pudesse, ela o mataria. Em vez disso, retirou-se da sala com toda a dignidade que pôde reunir, batendo a pesada porta às suas costas.

Scarlett subiu as escadas tão depressa que, ao chegar no patamar, pensou que fosse desmaiar. Parou, agarrando-se aos balaústres, o coração batendo com tamanha violência de raiva pelo desaforo e por causa do esforço físico que parecia prestes a lhe arrebentar o corpete. Tentou respirar fundo, mas Mammy apertara demais o espartilho. Se desmaiasse e fosse encontrada ali, o que as pessoas iriam pensar? Ah, pensariam tudo, Ashley, aquele desagradável Butler e aquelas meninas chatas que tanto a invejavam! Pela primeira vez na vida, desejou ter com ela um frasco de sais, como as outras moças, mas jamais possuíra sequer uma caixinha de vinagre aromático. Sempre se orgulhara de nunca sentir-se tonta. Simplesmente não podia se deixar desmaiar agora!

Aos poucos, a sensação desagradável começou a passar. Em um instante, estaria refeita e entraria de mansinho no pequeno quarto de vestir contíguo ao quarto de India para afrouxar o espartilho e, sorrateiramente, se deitaria em uma das camas ao lado das meninas que dormiam. Tentou se acalmar e mostrar um semblante mais tranquilo, pois sabia que devia estar com cara de louca. Se alguma delas estivesse acordada, saberia que algo estava errado. E ninguém jamais deveria saber que se passara alguma coisa.

Pela ampla janela do patamar, viu os homens ainda recostados nas cadeiras sob as árvores e à sombra do caramanchão. Como os invejava! Como devia ser maravilhoso ser homem e nunca precisar passar por situações como as que acabara de passar. Observava-os atordoada e com os olhos ardendo quando ouviu a rápida percussão dos cascos de um cavalo levantando o cascalho da entrada da frente e uma voz exaltada fazer uma pergunta a um dos negros.

Tornou a ouvir o cascalho levantar e avistou um homem se aproximando a galope pelo relvado em direção ao grupo que descansava preguiçosamente à sombra das árvores.

Um convidado retardatário, mas por que metia o cavalo no relvado que era o orgulho de India? Não o reconhecia, mas quando ele saltou da sela e agarrou o braço de Wilkes deu para ver que vibrava de agitação. Os convidados vieram logo rodeá-lo, abandonando nas mesas e no chão os copos e as ventarolas. Mesmo de longe, Scarlett ouvia o burburinho das vozes tensas e febris que o chamavam e lhe faziam perguntas. Então, acima da algazarra, distinguiu o grito exultante de Stuart Tarleton, "Iê-iêiii!", como se estivesse em uma caçada. E ouviu pela primeira vez, sem sabê-lo, o grito dos Rebeldes.

Os quatro Tarletons, seguidos pelos Fontaines, afastaram-se do grupo e correram para a estrebaria gritando:

— Jeems! Ei, Jeems! Sele os cavalos!

A casa de alguém deve ter pegado fogo, pensou Scarlett. Mas fosse fogo ou não, o que ela tinha a fazer era voltar para o quarto antes que fosse descoberta.

Já sentia o coração mais desacelerado. Subiu pé ante pé para o corredor silencioso. Uma morna sonolência pesava sobre a casa, como se, adormecida como as moças, aguardasse a noite para desabrochar no auge da beleza com a música e as luzes das velas. Com cuidado, abriu a porta do quarto de vestir e entrou. Ainda tinha a mão na maçaneta quando ouviu, pela fresta da porta em frente, que levava ao quarto, Honey Wilkes dizer baixinho:

— Hoje, achei que o assanhamento da Scarlett superou tudo que já vi.

O coração de Scarlett tornou a disparar, e ela inconscientemente pressionou o peito com a mão, como se quisesse controlá-lo. "Os bisbilhoteiros muitas vezes ouvem coisas interessantíssimas e instrutivas", alfinetou uma lembrança. Deveria sair dali de fininho? Ou se fazer notar e constranger Honey como ela merecia? Mas a outra voz a reteve. Nem uma parelha de mulas poderia arrastá-la dali depois que ouviu a voz de Melanie.

— Ah, Honey! Não seja má. Ela só é uma pessoa alegre e cheia de vida. Para mim, é um encanto.

Ah, pensou Scarlett, cravando as unhas no corpete. *Ouvir essa vaca de presépio ficar do* meu lado!

Era pior ouvir aquilo que a maledicência de Honey. Scarlett nunca confiara em mulher alguma e, fora sua mãe, eram todas movidas pelo egoísmo. Sabendo que tinha Ashley na mão, Melanie podia se dar ao luxo de demonstrar aquele espírito cristão. Scarlett achou que era o jeito dela de exibir sua conquista e ao mesmo tempo ser elogiada pela bondade. Era o mesmo truque infalível que ela própria empregava quando falava com os homens sobre alguma moça. Sempre convencia os tolos de sua bondade e seu altruísmo.

— Ora, menina — disse Honey com azedume, levantando a voz —, você deve ser cega.

— Shhh, Honey — sibilou a voz de Sally Munroe. — A casa inteira vai ouvir você!

Honey baixou o tom, mas prosseguiu.

— Bem, você viu como ela deu em cima de todo homem que conseguiu agarrar, até do sr. Kennedy, que é o namorado da irmã dela. Nunca vi nada igual! E com certeza estava dando em cima do Charles. — Honey riu, sem jeito. — E você sabe que o Charles e eu…

— É mesmo? — sussurraram várias vozes com empolgação.

— Bem, não contem para ninguém, meninas. Por enquanto.

Ouviram-se mais risadinhas, e as molas da cama rangeram como se alguém espremesse Honey. Melanie murmurou algo sobre a sua felicidade com a perspectiva de ter Honey como cunhada.

— Bem, não vou gostar de ter Scarlett como cunhada porque ela é uma assanhada — disse a voz ressentida de Hetty Tarleton. — Mas ela está praticamente noiva do Stuart. Brent diz que ela não dá a mínima para ele, mas, claro, Brent também é louco por ela.

— Se vocês me perguntarem — disse Honey com um ar misterioso —, só há uma pessoa com quem ela se importa. É Ashley!

Ouvindo as moças reagirem violentamente à aquela afirmação com perguntas e interrupções, Scarlett sentiu-se gelar de medo e humilhação. Honey podia ser idiota e simplória em relação aos homens, mas em relação às mulheres possuía uma intuição que Scarlett subestimara. A mortificação e a humilhação que sentira na biblioteca com Ashley e Rhett Butler eram alfinetadas comparadas com isso. Podia-se ter certeza de que os homens, mesmo do tipo de Rhett Butler,

guardassem silêncio, mas com Honey Wilkes e sua língua enorme, antes de seis da tarde o condado inteiro já estaria a par de tudo. E Gerald dissera ainda na véspera não admitir que rissem da filha. E como fariam agora! O suor começou a lhe escorrer das axilas pelo tronco abaixo.

A voz de Melanie, ponderada e tranquila, elevou-se sobre as outras, em tom de reprovação.

— Honey, você sabe que isso não é verdade. E é muita maldade.

— É verdade, sim, Melly. E, se não vivesse tão ocupada procurando ver o lado bom de quem não tem nenhum, você enxergaria. E estou contente que seja. É bem feito para ela. Tudo que Scarlett faz na vida é criar confusão e tentar tomar os namorados das outras meninas. Você sabe muito bem que ela tomou o Stuart da India sem estar interessada nele. E hoje tentou tomar o sr. Kennedy, Ashley e Charles…

Tenho que ir embora para casa, pensou Scarlett. *Tenho que ir embora* para casa.

Se ao menos pudesse ser magicamente transportada para a segurança de Tara! Se ao menos pudesse estar perto de Ellen, só para vê-la e agarrar-se à sua saia. Chorar no seu colo desabafando a história! Se tivesse que ouvir mais uma palavra, entraria correndo no quarto para arrancar punhados daquele cabelo desbotado de Honey e cuspir em Melanie Hamilton, só para mostrar o que achava da caridade dela. Mas naquele dia já tinha se comportado demais como gentinha, como ralé branca — e era aí que estava seu problema todo.

Apertando as saias para que não farfalhassem, recuou sorrateiramente como um bicho. *Para casa*, pensava enquanto corria pelo corredor, passando pelas portas fechadas dos quartos silenciosos. *Tenho que ir* para casa.

Já estava na varanda da frente quando um pensamento novo a fez estacar bruscamente — não podia ir para casa! Não podia fugir! Tinha que ir até o fim, suportar a maldade das meninas, a própria humilhação e o próprio desgosto. Fugir só lhes daria mais munição.

Esmurrou a alta coluna branca ao seu lado, desejando ser Sansão para poder pôr abaixo Twelve Oaks e destruir todos os que lá estavam. Faria com que se arrependessem. Eles iriam ver. Ainda não sabia como, mas daria um jeito. Iria machucá-los mais do que a machucaram.

Naquele momento, não pensava em Ashley como o jovem alto de ar sonolento que ela amava, mas sim como parte dos Wilkes, de Twelve Oaks, do condado. Todos odiados porque riram dela. Aos 16 anos, a vaidade era mais forte que o amor, e em seu coração quente só cabia o ódio.

Não irei para casa, pensou. *Vou ficar aqui e machucá-los. E nunca contarei à minha mãe. Nunca contarei a ninguém.* Já se preparava para tornar a entrar na casa, subir as escadas e meter-se em outro quarto quando, ao voltar-se, deparou-se com Charles entrando pela outra extremidade do longo corredor. Vinha desgrenhado e vermelho como um pimentão, todo alvoroçado.

— Sabe o que aconteceu? — foi gritando. — Já ouviu? Paul Wilson acabou de chegar de Jonesboro com a notícia! — Fez uma pausa, ofegante, enquanto chegava até ela, que ficou calada olhando para ele. — O sr. Lincoln convocou homens, soldados, quero dizer, voluntários. Setenta e cinco mil.

De novo o sr. Lincoln! Os homens não pensavam em nada que fosse realmente importante? Aquele idiota ali estava esperando que ela se empolgasse com as artes do sr. Lincoln no momento em que tinha o coração partido e a reputação arruinada!

Charles fitou-a. Estava branca feito papel, com os olhos verdes brilhando como esmeraldas. Ele nunca vira tanto fogo no rosto de uma moça, nem olhos com aquele brilho.

— Sou muito desajeitado — desculpou-se. — Devia ter dado a notícia com mais tato. Não me lembrei de quanto as senhoras são delicadas. Sinto muito por tê-la perturbado. Não está se sentindo fraca, está? Posso lhe trazer um copo d'água?

— Não — respondeu ela, conseguindo dar um sorriso torto.

— Vamos sentar no banco? — disse, tomando-lhe o braço.

Ela fez que sim com a cabeça, e ele, depois da ajudá-la cuidadosamente a descer os degraus, conduziu-a através do gramado ao banco de ferro embaixo do carvalho mais frondoso do jardim da frente. *Como as mulheres são frágeis e delicadas*, pensou ele, *que desmaiam só de ouvirem falar em guerra*. Sentindo-se muito másculo com essa ideia, mostrou-se mais gentil ainda quando a fez sentar-se. Achou-a com uma fisionomia bastante estranha, de uma beleza tão selvagem que fez seu coração disparar. Estaria ela agoniada com sua possível partida para

a guerra? Não. Era muita presunção imaginar tal coisa. Mas por que o olhava de um jeito tão estranho? E por que suas mãos tremiam ao tocar no lenço de renda? E seus cílios fartos — palpitavam tímidos e amorosos, tal qual os olhos das moças dos romances que lera.

Pigarreou três vezes para falar e falhou em todas. Baixou os olhos, porque os verdes dela, de tão penetrantes, pareciam atravessá-lo sem enxergá-lo.

Ele tem muito dinheiro, pensava ela depressa, arquitetando mentalmente um plano. *Não tem pais para me amolar e mora em Atlanta. Se eu me casasse imediatamente, mostraria a Ashley que não dou a mínima para ele, que só estava flertando. E isso seria mortal para Honey. Ela nunca arranjaria outro namorado e todo mundo morreria de rir dela. E magoaria Melanie, pois ela adora o Charles. E magoaria Stu e Brent…* Não sabia bem por que queria magoá-los a não ser por causa das irmãs metidas. *E todos vão se arrepender quando eu voltar aqui de visita em uma bela carruagem com muitos vestidos bonitos e uma casa só minha. Nunca mais hão de r*ir de mim.

— Naturalmente, isso vai significar luta — disse Charles, após várias outras tentativas encabuladas. — Mas não se preocupe, srta. Scarlett, em um mês vai estar tudo acabado e nós os veremos uivarem. Sim, senhor! Uivarem! Eu não perderei isso por nada. Acho que não vai ser possível ter baile hoje à noite, porque a Tropa vai se reunir em Jonesboro. Os rapazes Tarletons já foram espalhar a notícia. Sei que as moças lamentarão.

Na falta de resposta melhor, ela soltou um "Ah", mas isso bastou.

A calma lhe voltava e ela começava a pôr a cabeça no lugar. Suas emoções revestiram-se de gelo, e ela achou que nunca mais experimentaria um sentimento quente. Por que não aceitar aquele rapaz bonitinho e corado? Era igual a qualquer outro, e ela não se importava. Nem que vivesse até os noventa anos, poderia voltar a se importar com alguma coisa.

— Não estou conseguindo decidir se vou com a Legião da Carolina do Sul do sr. Wade Hampton ou com a Guarda das Portas de Atlanta.

Ela tornou a dizer "Ah", seus olhos se cruzaram e o bater de cílios foi a desgraça dele.

— Vai me esperar, srta. Scarlett? Saber que vai me esperar até termos dado uma surra neles seria uma felicidade! — Com a respiração em suspenso, ele

aguardava as palavras dela, observando a forma como os cantos de seus lábios curvavam, notando pela primeira vez as sombras ao redor daqueles cantos e pensando como seria beijá-los. A mão de Scarlett, com a palma molhada de suor, deslizou para a dele.

— Eu não queria esperar — disse ela, baixando os olhos.

Boquiaberto, ele sentou-se, apertando-lhe a mão, enquanto ela o observava por entre os cílios, pensando com indiferença que ele parecia uma rã fisgada. Gaguejou várias vezes, abriu e fechou a boca e, de novo, ficou vermelho como um pimentão.

— Será possível você me amar?

Sem dizer palavra, ela baixou os olhos. Charles experimentava estados desconhecidos de êxtase e embaraço. Talvez um homem não devesse fazer uma pergunta daquelas a uma moça. Talvez não ficasse bem a uma moça como ela responder. Não tendo tido nunca a coragem de se meter em uma situação daquelas, Charles não sabia o que fazer. Queria gritar, cantar, beijá-la e dar cambalhotas na grama; sair correndo para contar a todo mundo, negros e brancos, que ela o amava. Mas apenas apertou a mão dela até lhe enterrar os anéis na carne.

— Quer casar comigo logo, srta. Scarlett?

— Hum! — disse ela, tocando em uma prega do vestido.

— Vamos fazer um casamento duplo com Mel…

— Não — respondeu ela depressa, fitando-o com um brilho sinistro nos olhos.

Charles tornou a ver que cometera um erro. Claro que toda moça queria ter a sua própria festa de casamento — não a glória compartilhada. Como ela era boa, passando por cima dos erros dele. Se ao menos já fosse noite e, com a coragem do escuro, ele pudesse lhe beijar a mão, dizendo tudo o que desejava dizer…

— Quando posso falar com seu pai?

— Quanto antes, melhor — disse ela, torcendo para ele aliviar a pressão nos anéis antes que precisasse lhe pedir para fazê-lo.

De um pulo, ele se pôs de pé, fazendo-a recear que desse uma cambalhota, antes que a dignidade o tolhesse. Olhou para ela radiante, o coração puro refletido no olhar. Scarlett nunca fora olhada daquele jeito por um homem, e

nunca seria, mas, indiferente como estava, pensou apenas que ele parecia um bezerro.

— Vou procurar já o seu pai — disse ele, todo sorridente. — Não posso esperar. Você me dá licença… querida? — O termo carinhoso saiu com dificuldade, mas tendo-o articulado, tornou a repeti-lo com prazer.

— Sim — respondeu ela. — Vou esperar aqui. Está fresco e agradável.

Atravessando o gramado, ele desapareceu atrás da casa, deixando-a sozinha embaixo do carvalho farfalhante. Das cocheiras, saíam homens a cavalo, os brancos à frente, seguidos pelos criados negros a galope. Os rapazes Munroe cumprimentaram-na agitando os chapéus, enquanto os Calverts gritavam pela estrada afora. Os quatro Tarletons passaram perto dela no gramado, e Brent gritou:

— Mamãe vai nos dar os cavalos, iê-iêiii!

Levantando placas de relva, desapareceram, deixando-a só de novo.

A casa branca com as altas colunas à sua frente parecia afastar-se com um desinteresse digno. Agora, jamais seria dela. Jamais entraria ali no colo de Ashley como noiva. *Ah, Ashley, Ashley! O que foi que eu fiz?* Debaixo de todo aquele seu orgulho ferido e de seu frio pragmatismo, algo doía profundamente. Era uma emoção adulta nascendo, mais forte que sua vaidade e seu egoísmo obstinado. Amava Ashley e soube que o amava. Nunca o amara tanto quanto ao ver Charles desaparecer na curva do passeio de cascalho.

Capítulo 7

Em duas semanas Scarlett tornara-se uma mulher casada, e dois meses depois estava viúva. Viu-se logo livre dos vínculos que assumira de forma tão precipitada e irrefletida, porém nunca mais voltaria a conhecer a liberdade despreocupada dos tempos de solteira. A viuvez seguiu de perto o casamento, mas, para seu desânimo, logo se tornaria mãe.

Anos mais tarde, ao pensar naqueles últimos dias de abril de 1861, Scarlett não conseguia se lembrar dos detalhes. Enxergava o tempo e os acontecimentos embaralhados como um pesadelo irreal e irracional. Até sua morte, as lembranças daquela época seriam repletas de lacunas. Especialmente vagas eram as do intervalo entre a aceitação do pedido de Charles e o casamento. Duas semanas! Um noivado tão curto seria impossível em tempos de paz. O decoro exigia um espaço de seis meses a um ano. Mas o Sul estava todo conflagrado com a guerra. Os acontecimentos se desenrolavam rápido, como se impelidos por um vendaval. O ritmo lento dos velhos tempos desaparecera. Ellen, torcendo as mãos, aconselhara um adiamento, para dar a Scarlett mais tempo de refletir sobre a questão. Mas Scarlett fechava a cara e se fazia de surda para o que ela dizia. Haveria de se casar! E depressa. Em duas semanas.

Ao saber da antecipação do casamento de Ashley do outono para 1º maio, pois ele teria de seguir com o regimento tão logo este fosse convocado, Scarlett marcou a data do seu para um dia antes. Ellen protestou, mas Charles, não vendo a hora de incorporar-se à Legião de Wade Hampton, contestou-a com uma eloquência recém-adquirida. Gerald tomou o partido dos noivos. Estava empolgado com a febre da guerra e feliz com o bom casamento que Scarlett fizera. Quem era ele para atrapalhar o amor de dois jovens quando havia uma guerra? Ellen, inquieta, acabou cedendo, como outras mães estavam fazendo no Sul. O mundo tranquilo que conheciam fora virado de cabeça para baixo, e de nada adiantavam apelos, preces e conselhos contra as poderosas forças em ação.

O Sul estava embriagado de entusiasmo e excitação. Todos sabiam que uma única batalha bastaria para pôr fim à guerra, e todos os rapazes correram para se alistar antes que ela terminasse. Apressavam-se em casar-se com as namoradas e logo partiam para a Virgínia, com o objetivo de dar cabo dos ianques. Realizaram-se dezenas de casamentos de guerra no condado. E tal era o alvoroço que não havia tempo para pensamentos solenes nem lágrimas de despedida. As senhoras faziam uniformes, tricotavam meias e enrolavam ataduras, enquanto os homens faziam exercícios de tiro e treinamento. Os trens passavam lotados diariamente por Jonesboro, transportando os soldados para Atlanta e Virgínia. Alguns destacamentos vestiam o uniforme alegre nos tons de escarlate, verde e azul-claro das seletas milícias sociais; grupos pequenos envergavam fardas feitas com tecidos caseiros e gorros de pele de guaxinim; outros vinham à paisana, trajando roupas de casimira e linho fino. Mal treinados, mal municiados, iam todos eufóricos, em uma algazarra que dava a impressão de estarem a caminho de um piquenique. Vendo aqueles homens, os rapazes do condado entraram em pânico, temendo que a guerra terminasse antes que pudessem chegar à Virgínia, e os preparativos para a partida do regimento foram acelerados.

Em meio a esse torvelinho, adiantaram-se os preparativos para as núpcias de Scarlett. Quando deu por si, ela estava trajando o vestido de noiva da mãe, descendo de braço dado com o pai a larga escadaria de Tara, para encarar uma casa cheia de convidados. Mais tarde se lembraria, como de um sonho, das centenas de velas acesas nas paredes, do rosto amoroso da mãe um pouco perplexo, com os lábios se movendo em uma prece silenciosa pela felicidade da filha, de Gerald afogueado de conhaque e orgulho, porque a filha se casava com um rapaz rico e de família tradicional — e de Ashley, no pé da escada, de braço dado com Melanie.

Ao ver a expressão em seu rosto, pensou: *Isto não é verdade. Não pode ser. É um pesadelo. Vou acordar e descobrir que foi tudo um pesadelo. Não posso pensar nisso agora, senão começo a gritar na frente dessa gente toda. Agora não posso pensar. Penso mais tarde, quando conseguir suportar… quando eu não puder ver os o*lhos dele.

A cena toda parecia um sonho. A passagem entre as alas de pessoas sorridentes, o rosto rubro e a voz gaguejante de Charles, e as respostas dela,

muito claras e frias. Depois os cumprimentos, os beijos, os brindes e a dança — tudo, tudo como um sonho. Até a sensação do beijo de Ashley em seu rosto. Até o suave murmúrio de Melanie — “Agora somos irmãs de verdade” — era irreal. Até o alvoroço causado pelos sucessivos desmaios da emotiva e rechonchuda tia de Charles, a srta. Pittypat Hamilton, tinha aspecto de pesadelo.

Mas, quando finalmente terminaram as danças e os brindes já quase ao romper da aurora, e os convidados de Atlanta acomodaram-se, nos quartos de Tara ou na casa do administrador, nas camas, nos sofás e nos colchões colocados no chão, e os vizinhos se retiraram para descansar para o casamento em Twelve Oaks no dia seguinte, todo aquele transe onírico quebrou-se como cristal diante da realidade. A realidade era o ruborizado Charles de camisola saindo do quarto de vestir, evitando o olhar espantado que ela lhe lançou, coberta até o pescoço com o lençol.

Ela sabia, claro, que pessoas casadas compartilhavam a mesma cama, mas nunca parara para pensar no assunto. Parecia um hábito muito natural no caso de seus pais, mas nunca se imaginara naquela posição. Agora, pela primeira vez desde o churrasco, percebeu em que situação se metera. A ideia de que aquele rapaz estranho com quem nunca quisera realmente se casar ia subir em sua cama, quando ela sentia o coração dilacerado pelo arrependimento, era-lhe insuportável, agoniada como estava por ter perdido Ashley para sempre devido àquela precipitação. E, quando Charles, hesitante, aproximou-se da cama, ela disse em um sussurro rouco:

— Se chegar perto de mim, eu grito. Eu grito! Com todas as minhas forças. Saia de perto de mim! Não ouse me tocar!

E Charles Hamilton passou a noite de núpcias sentado em uma poltrona no canto do quarto, sem se sentir muito infeliz, pois entendeu, ou julgou entender, o pudor e a delicadeza de sua noiva. Estava disposto a esperar até os temores dela diminuírem, apenas… apenas… Suspirou, procurando uma posição mais confortável, pois muito em breve partiria para a guerra.

Por mais terrível que tenha sido o pesadelo da cerimônia de seu casamento, o da cerimônia do casamento de Ashley foi ainda pior. Vestida com o traje verde-maçã do “dia seguinte”, Scarlett se viu no salão de Twelve Oaks, onde ardiam centenas de velas. Levando esbarrões do mesmo grupo da noite anterior, viu o

rostinho insignificante de Melanie Hamilton ganhar uma beleza luminosa quando ela se tornou Melanie Wilkes. Agora Ashley estava perdido para sempre. O seu Ashley. Não, agora não era seu. E teria sido algum dia? Estava tudo muito confuso em sua cabeça, e tinha a cabeça muito cansada, muito perplexa. Ele dissera que a amava, mas o que os havia separado? Se ao menos ela lembrasse. Casando-se com Charles, calara as línguas soltas do condado, mas que importância tinha isso agora? Algo que parecera tão crucial agora era irrelevante. Tudo que importava era Ashley. Agora o perdera e estava casada com um homem que não só ela não amava como lhe inspirava um grande desprezo.

Como se arrependia daquilo tudo! Já ouvira falar de gente que dava um tiro no próprio pé, mas nunca pensara a sério nisso. Agora sabia exatamente o que significava. E ao desejo frenético de livrar-se de Charles e voltar à condição de solteira na segurança de Tara misturava-se a certeza de ser a única culpada da sua situação. Ellen tentara impedi-la, mas a filha não lhe dera ouvidos.

Scarlett passou a noite inteira do casamento de Ashley dançando atordoada. Falava mecanicamente, sorria impressionada com a estupidez das pessoas que nela enxergavam uma noiva feliz e não viam seu coração destroçado. Graças a Deus não viam!

Naquela noite, quando Mammy retirou-se após tê-la ajudado a se despir e Charles saiu timidamente do quarto de vestir querendo saber se iria passar outra noite na poltrona, ela caiu em prantos. Chorou até Charles entrar na cama ao seu lado, procurando consolá-la. Chorou sem dizer uma palavra até as lágrimas secarem e ela ficar soluçando baixinho encostada no ombro de Charles.

Não fosse a guerra, os recém-casados passariam uma semana fazendo a ronda de visitas pelo condado, tendo bailes e churrascos oferecidos em sua homenagem, até que seguissem para Saratoga ou White Sulphur em viagem de núpcias. Só que uma semana após o casamento Charles partiu para juntar-se ao coronel Wade Hampton. Duas semanas depois, Ashley partiu com o regimento, deixando o condado inteiro abandonado.

Naquelas duas semanas, Scarlett não viu Ashley a sós, nem trocou uma palavra com ele em particular. Nem mesmo no terrível momento da despedida, quando ele parou em Tara antes de tomar o trem. Melanie, de chapéu e xale, com

a dignidade serena de senhora casada, dava-lhe o braço, e Tara em peso, brancos e negros, apareceu para despedir-se de Ashley.

Melanie disse:

— Você tem que dar um beijo em Scarlett, Ashley. Ela agora é minha irmã.

Ashley curvou-se com as feições contraídas, encostando os lábios gelados em seu rosto. Para Scarlett, aquele beijo não podia trazer alegria, uma vez que não era espontâneo. Melanie sufocou-a com um abraço de despedida.

— Você vai a Atlanta visitar a mim e à tia Pittypat, não vai? Ah, querida, queremos muito tê-la conosco! Queremos conhecer melhor a esposa do Charles.

Nas cinco primeiras semanas, chegaram cartas de Charles vindas da Carolina do Sul. Cartas tímidas, extasiadas e apaixonadas falando de seu amor, seus planos para o futuro depois da guerra, do desejo de tornar-se herói por ela e da veneração que dedicava ao seu comandante, Wade Hampton. Na sétima semana, chegou um telegrama do próprio coronel Hampton, seguido de uma carta, simpática e digna, de pêsames. Charles falecera. O coronel gostaria de ter telegrafado antes, porém Charles, julgando banal sua doença, não quis preocupar a família. O pobre rapaz fora enganado não só no amor que imaginava ter, mas também nos sonhos de honra e de glória no campo de batalha. Tivera uma morte rápida e degradante de uma pneumonia causada pelo sarampo. O mais próximo que chegara dos ianques fora o acampamento na Carolina do Sul.

No devido tempo, nasceu o filho de Charles e, como era moda dar aos meninos o nome do comandante do regimento do pai, chamaram-no Wade Hampton Hamilton. Ao descobrir a gravidez, Scarlett chorara de desespero, desejando morrer. Mas levou a gestação a termo com um mínimo de desconforto, teve um parto tranquilo e recuperou-se tão depressa que Mammy lhe disse em particular que aquilo era coisa de gentinha — uma dama tinha que sofrer mais. Scarlett não quisera o filho, ressentindo-se de sua vinda, e, agora que ele nascera, não lhe parecia possível que fosse seu, uma parte sua.

Embora tivesse se recuperado fisicamente do parto de Wade com uma rapidez terrível, emocionalmente estava confusa e debilitada. Sentia-se em frangalhos, apesar dos esforços da fazenda inteira para animá-la. Ellen andava com uma expressão preocupada, e Gerald praguejava ainda com mais frequência que de hábito, sempre lhe trazendo presentes inúteis de Jonesboro. Até o velho dr.

Fontaine admitiu estar intrigado com a ineficácia de seu tônico à base de enxofre, melado e ervas. Disse em particular a Ellen que era o coração partido que fazia Scarlett oscilar entre a irritabilidade e a apatia. Mas Scarlett, se quisesse falar, diria que era um problema muito diferente e mais complexo. Não lhes revelou que seu ar tão desolado devia-se a um tédio absoluto, ao espanto com a maternidade e, principalmente, à ausência de Ashley.

Era um tédio profundo e permanente. Desde que a tropa partira para a guerra, os divertimentos e a vida social tinham desaparecido do condado. Todos os rapazes interessantes haviam se alistado — os quatro Tarletons, os dois Calverts, os Fontaines, os Munroes e todo mundo em Jonesboro, Fayeteville e Lovejoy que fosse jovem e atraente. Sobraram os velhos, os aleijados e as mulheres. Estas estavam o tempo todo tricotando e costurando, cultivando mais algodão e milho, criando mais porcos, ovelhas e vacas para fornecer ao Exército. O único homem de verdade que aparecia era o chefe do destacamento de provisões, Frank Kennedy, o namorado de meia-idade de Suellen, que vinha mensalmente recolher suprimentos. Os homens daquele destacamento não eram muito empolgantes, e assistir à corte tímida de Frank irritava-a de tal maneira que tinha dificuldade de tratá-lo com educação. Se ao menos ele e Suellen resolvessem logo aquilo!

Nem se o destacamento de provisões fosse mais interessante, sua situação melhoraria. Ela era uma viúva, e seu coração estava sepultado. Pelo menos era o que todos achavam, esperando dela um comportamento condizente com isso, o que a irritava, pois por mais que tentasse, de Charles, só conseguia se lembrar da cara de bezerro moribundo quando Scarlett aceitara casar-se com ele. E mesmo essa imagem começava a se apagar. Mas, sendo viúva, precisava tomar cuidado com seu comportamento. Os prazeres das moças solteiras não eram para ela. Precisava ser séria e distante. Ellen insistira muito nisso depois de ver o lugar-tenente de Frank a empurrá-la no balanço, fazendo-a rir a valer. Profundamente angustiada, Ellen lhe dissera como era fácil uma viúva começar a ser falada. A conduta de uma viúva devia ser duas vezes mais circunspecta que a de uma senhora casada.

E só Deus sabe, pensou Scarlett, ouvindo obedientemente a voz macia da mãe, *que as senhoras casadas nunca têm nenhuma diversão. Então é melhor as*

viúvas morrerem.

Uma viúva tinha que usar vestidos pretos medonhos sem nenhum enfeite. Nada de flores ou fitas ou renda, nem mesmo joias, com exceção dos broches de ônix e colares feitos com os cabelos do falecido. O véu de crepe no chapéu devia chegar ao joelho e só podia ser encurtado até os ombros após três anos de viuvez. As viúvas jamais podiam conversar animadamente nem rir alto. Se sorriam, devia ser um sorriso triste, trágico. E o pior de tudo: não podiam de modo algum mostrar interesse em companhias masculinas. E, se um homem fosse mal-educado a ponto de mostrar interesse por ela, devia interrompê-lo com uma referência digna e bem escolhida ao falecido marido. *Ah, sim*, pensou Scarlett, com tristeza, *algumas viúvas até tornam a se casar quando já estão velhas caquéticas. E só Deus sabe como conseguem, com toda a vizinhança vigiando. Aí, em geral é com um viúvo desesperado, dono de uma fazenda grande e pai de uma penca* de filhos.

O casamento já era ruim, mas ser viúva — ah, a vida acabava definitivamente! Que burrice era as pessoas dizerem que o pequeno Wade Hampton era um consolo para ela, agora que Charles se fora! Que burrice dizerem que agora tinha uma razão de viver! Todos falavam sobre como era bom ter esse sinal póstumo do seu amor, e ela naturalmente não os desenganava. Mas aquela era a ideia que menos lhe passava pela cabeça. Interessava-se muito pouco por Wade e às vezes nem lembrava que ele era dela.

Todas as manhãs, acordava estremunhada com a impressão de que era novamente Scarlett O'Hara, com o sol brilhando no pé de magnólia em frente à sua janela, os rouxinóis cantando e o cheiro gostoso de bacon frito chegando às suas narinas. Sentia-se despreocupada e jovem de novo. Aí ouvia o choro irritado de fome, e sempre — sempre, sobressaltava-se por um instante pensando: *Ora, tem um bebê na casa!* Depois lembrava que era seu filho. Era tudo muito confuso.

E Ashley! Ah, sobretudo Ashley. Pela primeira vez na vida, odiava Tara. Odiava a longa estrada vermelha que descia para o rio. Odiava os campos vermelhos com a brotação verde do algodão. Cada palmo de chão, cada árvore e cada regato, cada caminho e cada trilha faziam-na lembrar-se dele. Ele pertencia a outra, tinha partido para a guerra, mas seu fantasma ainda vagava pelas

estradas no lusco-fusco, ainda lhe sorria com olhos cinzentos e sonolentos na penumbra da varanda. Scarlett não podia ouvir o ruído de cascos subindo a estrada do rio vindo de Twelve Oaks sem pensar por um doce instante: Ashley!

Agora ela odiava Twelve Oaks que tanto amara. Odiava, mas era atraída para lá, onde podia ouvir John Wilkes e as meninas falarem dele e lerem as cartas recebidas da Virgínia, que a faziam sofrer, mas que precisava ouvir. Odiava a emproada India e a tagarela e boba Honey, ciente de que elas também a odiavam; contudo não conseguia se afastar delas. Cada vez que voltava de Twelve Oaks, ia se deitar de mau humor e não se levantava para a ceia.

Era essa rejeição à comida que preocupava Ellen e Mammy mais que tudo. Mammy lhe trazia bandejas tentadoras insinuando que, agora que era viúva, podia comer à vontade, mas Scarlett não tinha apetite.

Quando o dr. Fontaine disse seriamente a Ellen que era comum as mulheres definharem e acabarem morrendo após um desgosto amoroso, Ellen ficou lívida, pois, no fundo, era isso que temia.

— Não há nada que possa ser feito, doutor?

— Uma mudança de ares será a melhor coisa do mundo para ela — disse o médico, ansioso para se livrar de uma paciente difícil.

Assim, lá foi Scarlett com o filho visitar, primeiro, os parentes O’Hara e Robillard em Savannah, depois, as irmãs de Ellen, Pauline e Eulalie, em Charleston. Foi sem o menor entusiasmo e, sem dar explicações, voltou a Tara um mês antes do que Ellen a esperava. Tinha sido bem tratada em Savannah, mas James e Andrew e suas esposas eram velhos e se contentavam em ficar sentados falando de um passado que não lhe interessava. Com os Robillard, foi igual, e ela achou Charleston terrível.

Tia Pauline e o marido, um velhinho cerimonioso e frágil, com o ar ausente de quem vivia em tempos mais antigos, moravam em uma fazenda à beira do rio muito mais isolada que Tara. O vizinho mais próximo ficava a 32 quilômetros de distância, por estradas sombrias através de florestas de carvalhos e ciprestes dos pântanos. Os carvalhos com aquelas cortinas de barba-de-velho balançando davam arrepios a Scarlett, fazendo-a se lembrar das histórias de Gerald sobre fantasmas irlandeses que vagavam pelas névoas cinzentas. Não havia mais nada

a fazer senão passar o dia tricotando e, à noite, ouvir tio Carey ler em voz alta passagens das obras instrutivas de Bulwer-Lytton.

Eulalie, escondida em um casarão na esplanada de Charleston cercado por um jardim de muros altos, não era mais divertida. Scarlett, habituada às paisagens abertas de colinas vermelhas e onduladas, sentiu-se em uma prisão. Lá havia mais vida social do que na casa de tia Pauline, mas não gostou das pessoas que foram visitá-la. Presunçosas, interessadas apenas nas tradições e na família. Ela sabia muito bem que todos a consideravam fruto de um casamento desigual e se perguntavam como uma Robillard foi se casar com um irlandês recém-chegado. Scarlett sentia que, na sua ausência, tia Eulalie se desculpava por ela. Isso a irritava, pois ela não se importava mais com a família do que o pai. Orgulhava-se de Gerald e de quanto ele realizara sem outra ajuda que não a do seu astucioso cérebro irlandês.

E os charlestonianos tinham mania de se valorizar em relação ao forte Sumter! Minha nossa! Não se davam conta de que, se não tivessem sido tolos o suficiente para dar o tiro que desencadeou a guerra, outros idiotas o teriam feito? Acostumada à fala rápida do planalto da Geórgia, a fala arrastada da planície lhe dava nos nervos. Scarlett achava que gritaria se tornasse a ouvir palavras com aquelas vogais arrastadas. Aquilo a irritava de tal maneira que, ao receber uma visita formal, imitou o sotaque de Gerald, para angústia da tia. Então voltou para Tara. Era melhor ser atormentada pelas lembranças de Ashley do que pelo sotaque de Charleston.

Ellen, ocupada noite e dia em duplicar a produtividade de Tara para ajudar a Confederação, apavorou-se quando a filha mais velha voltou de Charleston magra, pálida e ferina. Sabia bem o que era um desgosto amoroso. Passava noites acordada, ao lado de Gerald, que roncava, tentando imaginar uma forma de mitigar o sofrimento de Scarlett. A tia de Charles, a srta. Pittypat Hamilton, escrevera-lhe diversas vezes insistindo para que deixasse Scarlett ir passar uma longa temporada em Atlanta. Agora, pela primeira vez, Ellen pensou seriamente a respeito.

Ela e Melanie estavam sozinhas em um casarão, “e sem nenhuma proteção masculina”, dizia na carta a srta. Pittypat, “agora que o querido Charles se foi. Decerto, há o meu irmão Henry, mas ele não mora conosco. Talvez Scarlett lhe

tenha falado de Henry. A delicadeza me impede de dizer mais sobre ele, por escrito. Melly e eu nos sentiríamos muito mais tranquilas e em maior segurança se Scarlett estivesse conosco. Três mulheres sozinhas é melhor que duas. E talvez a querida Scarlett possa encontrar algum alívio para seu sofrimento, como Melly está encontrando, cuidando de nossos bravos rapazes nos hospitais daqui — e, naturalmente, Melly e eu queremos muito ver o garotinho…”

Então o baú de Scarlett tornou a ser arrumado com os trajes de luto. Lá foi ela para Atlanta, com Wade Hampton e a ama Prissy, levando na cabeça um monte de conselhos de Ellen e de Mammy para seu comportamento e, na bolsa, cem dólares de Gerald em notas da Confederação. Não tinha nenhum desejo especial de ir a Atlanta. Achava tia Pitty a velha mais tola que conhecia, e a ideia de viver sob o mesmo teto que a esposa de Ashley, abominável. Mas o condado com suas recordações estava insuportável, e qualquer mudança era bem-vinda.

Parte 2

Capítulo 8

A bordo do trem seguindo para o norte naquela manhã de maio de 1862, Scarlett imaginava que Atlanta não podia ser tão enfadonha quanto Charleston e Savannah e, apesar da antipatia que nutria pela srta. Pittypat e por Melanie, tinha curiosidade de ver como estava a cidade desde sua última visita, no inverno anterior à guerra.

Atlanta sempre a interessara mais que qualquer outra cidade, porque, quando ela era menina, Gerald lhe contara que tinham ambas a mesma idade. Mais tarde, descobriu que Gerald floreara um pouco a verdade, como de hábito, quando assim podia melhorar a história. Atlanta era apenas nove anos mais velha que ela, mas ainda assim era muito mais jovem que as outras cidades de que já ouvira falar. Savannah e Charleston tinham a dignidade da idade, a primeira, já bem adiantada no segundo século de existência, e a outra, entrando no terceiro. Ambas davam aos seus olhos de moça a impressão de avós idosas se abanando placidamente ao sol. Mas Atlanta era da sua geração. Primitiva, sem o polimento dos anos. Obstinada e impetuosa como ela.

A história que Gerald lhe contava baseava-se no fato de terem ambas, ela e Atlanta, sido batizadas no mesmo ano. Nos nove anos, a cidade recebera o nome de Terminus, em seguida, Marthasville, e por fim Atlanta, no ano do nascimento de Scarlett.

Quando Gerald mudou-se para o norte da Geórgia, a região era selvagem. Atlanta não existia sequer sob a forma de povoado. Mas no ano seguinte, em 1836, o Estado autorizara a construção de uma linha férrea no sentido noroeste através do território recém-cedido pelos Cherokees. Ficara decidido que a linha se estenderia para o Tennessee e para o Oeste, porém seu ponto inicial não fora definido. Só um ano mais tarde, quando um engenheiro fincou uma estaca no barro vermelho para marcar o extremo sul da linha, nasceu Atlanta, com o nome de Terminus.

Naquela época, não havia estradas de ferro no norte da Geórgia, e havia muito poucas no país. Mas, nos anos anteriores ao casamento de Gerald com Ellen, o minúsculo assentamento, quarenta quilômetros a norte de Tara, foi se tornando um vilarejo enquanto os trilhos eram lentamente estendidos para o Norte. Começava a era da construção de estradas de ferro. Um segundo ramal foi estendido para o Oeste, saindo da velha cidade de Augusta, para se ligar à nova estrada para o Tennessee. Da velha Savannah, estendeu-se mais um, primeiro até Macon, o coração da Geórgia, daí para o Norte, pelo condado onde ficavam as terras de Gerald até Atlanta, para, ligando-se aos dois outros ramais, dar ao porto de Savannah uma via para Oeste. Desse mesmo ponto de junção, a jovem Atlanta, construiu-se uma quarta linha no sentido sudoeste para Montgomery e Mobile.

Nascida de uma ferrovia, Atlanta crescia à medida que os trilhos se estendiam. Terminadas as quatro linhas, a cidade ligava-se com o Oeste, com o Sul, com a Costa e, através de Augusta, com o Norte e o Leste. Tornando-se o entroncamento de onde partiam os ramais para todas as direções, o vilarejo floresceu.

Em um espaço de tempo pouco maior que os 17 anos de Scarlett, de simples estaca fincada no chão Atlanta se transformara em uma cidadezinha próspera de dez mil habitantes e foco de atenção de todo o estado. As cidades mais antigas e mais calmas sentiam-se como uma galinha que tivesse chocado um ovo de pata quando olhavam aquela cidade nova e fervilhante. Por que era tão diferente das outras da Geórgia? Por que crescia tão depressa? Afinal, pensavam, não possuía nada que a recomendasse — apenas as ferrovias e um punhado de gente forte e persistente.

As pessoas que povoaram a cidade chamada sucessivamente de Terminus, Marthasville e Atlanta eram uma gente persistente. Um povo irrequieto e enérgico, vindo das zonas mais antigas da Geórgia e de estados mais distantes, foi atraído para aquela cidade que se espraiou em torno do núcleo ferroviário. Eles chegaram com entusiasmo. Construíram suas lojas em torno das cinco ruas lamacentas que se cruzavam perto da estação. Ergueram suas belas residências nas ruas Whitehall e Washington e ao longo da ladeira em cujo chão incontáveis gerações de índios, com os pés calçados de mocassins, tinham criado uma trilha

denominada Peachtree. Orgulhavam-se do local, que progredia a olhos vistos. E de si mesmos, a quem se devia aquele progresso. Que as outras cidades chamassem Atlanta do que quisessem. Atlanta não fazia caso.

Scarlett sempre gostara de Atlanta exatamente pelos motivos que levavam Savannah, Augusta e Macon a condená-la. Como ela própria, a cidade era uma mistura do que a Geórgia tinha de novo e de antigo. No conflito entre esses lados, o novo, determinado e vigoroso sempre levava a melhor. Além do mais, havia algo de pessoal e estimulante em uma cidade que nascera — ou pelo menos fora batizada — no mesmo ano que ela.

Chovera torrencialmente na noite da véspera, mas o sol brilhava, tentando bravamente secar as ruas transformadas em rios de lama vermelha, quando Scarlett chegou em Atlanta. No largo em torno da estação, o tráfego constante transformara a terra fofa em lamaçal, onde chafurdavam os veículos, aqui e ali, atolados até o eixo. Uma fila interminável de carroças e ambulâncias, carregando e descarregando suprimentos e feridos dos trens, aumentava a confusão, enquanto condutores praguejavam, mulas caíam e atiravam longe a lama.

Scarlett, linda e pálida em seu vestido de luto, com o véu de crepe até os pés esvoaçando, hesitava no degrau do trem. Sem querer sujar os sapatos e a barra das saias, tentava encontrar a srta. Pittypat no meio do embaralhado ruidoso de carroças, charretes e carruagens. Não viu sinal da dama rechonchuda e corada, mas enquanto procurava ansiosamente um velho negro, magro e com o cabelo crespo grisalho, com um ar de autoridade digno, aproximou-se dela de chapéu na mão.

— É a sinhazinha Scarlett, num é? Sô u Peter, chochero da sinhá Pitty. Num pisa nessa lama — ordenou severamente quando Scarlett apanhou as saias para descer. — Ocê é levada qui nem a sinhá Pitty, i ela gosta di moiá os pé igual criança. Deixa qu’eu carreg’ocê.

Apesar da idade e da fragilidade aparente, pegou Scarlett no colo com facilidade e, observando Prissy parada na plataforma do trem com a criança nos braços, fez uma pausa antes de prosseguir:

— Essa criança é a sua ama? Sinhá Scarlett, ela é munto novinha pra tá carregano u fio único du sinhô Charles! Mas dispois nós vê isso. Ocê, minina,

vem atrás di mim i num dexa essa criança caí.

Scarlett aceitou mansamente não só ser carregada para a carruagem como também o tom peremptório das críticas de tio Peter a ela e a Prissy. Ao atravessarem o lamaçal seguidos de Prissy patinhando amuada atrás deles, Scarlett lembrou-se do que Charles dissera sobre tio Peter.

"Ele passou a guerra do México com papai, cuidou dele quando ele estava ferido e salvou sua vida. Tio Peter praticamente criou Melanie e a mim, pois éramos muito crianças quando nossos pais morreram. Tia Pitty teve uma briga com o irmão, o tio Henry, nessa época, e veio morar conosco para tomar conta de nós. Mas ela é muito vulnerável, parece uma criança grande, e tio Peter a trata assim. Nem para salvar a própria vida, ela toma uma decisão. É tio Peter quem toma por ela. Foi ele quem decidiu que a minha mesada fosse aumentada quando fiz 15 anos, e insistiu para que eu fizesse o último ano em Harvard, quando tio Henry só queria que eu tivesse um diploma da universidade. Foi ele quem decidiu quando Melly podia usar o cabelo preso e ir a festas. É ele que diz à tia Pitty se faz muito frio ou está muito úmido para ela sair e quando ela deve usar xale… É o preto mais inteligente que já vi, e o mais dedicado. O único problema é que manda e desmanda em nós três, e sabe disso."

As palavras de Charles foram confirmadas quando Peter subiu na boleia e pegou o chicote.

— A sinhazinha Pitty tá toda nervosa purquê num veio buscá ocês. Ela achava qui ocê num ia intendê, mas eu falei pra ela que ela i a sinhá Melly só ia sujá us vistido di lama, i qui eu ia ixpricá pr'ocê. Sinhá Scarlett, é mió ocê pegá u minino. Essa neguinha vai dexá ele caí.

Scarlett olhou para Prissy e suspirou. A menina não era a melhor das amas. Subira-lhe à cabeça a recente promoção de negrinha de saias curtas e trancinhas no cabelo à dignidade conferida pelo vestido comprido de chita e pelo turbante branco engomado. Jamais teria chegado tão cedo a àquela posição não fossem as exigências da guerra e as requisições do destacamento de provisões a Tara impossibilitarem Ellen de dispensar Mammy ou Dilcey ou mesmo Rosa ou Teena. Para Prissy, que nunca se afastara mais de um quilômetro e meio de Twelve Oaks e Tara, a viagem de trem, aliada à elevação à categoria de ama, praticamente excedia o que seu pequeno crânio tinha capacidade de suportar. A

viagem de 32 quilômetros de Jonesboro a Atlanta a deixara tão atarantada que Scarlett fora obrigada a ficar o tempo todo com o menino no colo. Agora, a visão de tantos prédios e tanta gente acabou perturbando Prissy de vez. Ela saracoteava de um lado para o outro, apontava, pulava e se sacudia tanto que o menino chorava de irritação.

Scarlett sentia falta dos braços gordos da velha Mammy. Bastava um toque dela para fazer as crianças pararem de chorar. Mas Mammy estava em Tara e Scarlett nada podia fazer. Não adiantava tirar o pequeno Wade do colo de Prissy. Ele chorava da mesma maneira com uma e com outra. Ademais, iria puxar as fitas do seu chapéu e amassar seu vestido. Assim, ela fingiu não ouvir a sugestão de tio Peter.

Quem sabe alguma hora eu aprenda a lidar com crianças, pensou, irritada, enquanto a carruagem sacolejava saindo do lamaçal, *mas nunca vou gostar de brincar com elas.* Wade já estava roxo de tanto gritar. Aborrecida, ela disse:

— Dê a ele essa chupeta que está no seu bolso, Prissy. Qualquer coisa para ele ficar quieto. Sei que ele está com fome, mas agora não posso fazer nada.

Prissy ofereceu a chupeta que Mammy lhe dera naquela manhã, e o choro parou. Com o silêncio restabelecido e as novidades com que se deparava, Scarlett foi melhorando de humor. Sentiu o primeiro movimento de interesse em muitos meses quando finalmente tio Peter conseguiu tirar a carruagem das poças de lama e enveredar pela rua Peachtree. Como a cidade crescera! Fazia pouco mais de um ano que estivera ali, e não lhe parecia possível a pequena Atlanta que conhecera ter mudado tanto.

No último ano, andara de tal maneira preocupada com os próprios problemas, tão farta de ouvir falar em guerra, que não soube que, desde o instante em que a guerra começou, Atlanta se transformara. As mesmas linhas férreas que, em tempos de paz, haviam tornado a cidade o ponto de entroncamento do comércio, adquiriam agora uma importância estratégica vital. Afastada das linhas de combate, a cidade com as suas ferrovias tornara-se o ponto de comunicação entre os dois Exércitos da Confederação, o da Virgínia e o do Tennessee e do Oeste. Além disso, Atlanta ligava ambos os Exércitos com a região mais ao sul, de onde vinham os suprimentos. Para atender às necessidades da guerra, passara

a ser um centro manufatureiro, uma base hospitalar e um dos principais depósitos de víveres e suprimentos para os Exércitos em campo.

Scarlett olhava em volta à procura da cidade de que tão bem se lembrava. Não a encontrou. A que via agora era como um bebê que, do dia para a noite, se tivesse transformado em um gigante atarefado que ainda crescia.

Atlanta zumbia como uma colmeia, orgulhosa de sua importância na Confederação. Trabalhava-se noite e dia para transformar uma zona agrícola em industrial. Antes da guerra, havia algumas fábricas de algodão, alguns lanifícios, arsenais e comércio de máquinas ao sul de Maryland — o que era motivo de orgulho dos sulistas. O Sul produzia estadistas e soldados, fazendeiros e médicos, advogados e poetas, mas engenheiros ou mecânicos, definitivamente não. Deixavam essas vocações menores para os ianques. Contudo agora, com os portos confederados cercados por canhoneiras ianques, apenas uma quantidade mínima de produtos europeus conseguia atravessar as linhas de bloqueio, e o Sul tentava desesperadamente fabricar seu próprio material de guerra. O Norte podia solicitar suprimentos e soldados ao mundo inteiro. Milhares de irlandeses e alemães se alistavam no Exército da União, atraídos pela recompensa em dinheiro oferecida pelo Norte. O Sul só podia contar consigo mesmo.

Em Atlanta, havia fábricas de máquinas produzindo tediosamente o maquinário para fornecer material bélico — tediosamente porque havia poucas máquinas no Sul para servir de modelo e quase todas as peças tinham de ser feitas a partir de desenhos que conseguiam furar o bloqueio, vindos da Inglaterra. Nas ruas de Atlanta, viam-se agora fisionomias estrangeiras. Cidadãos que um ano atrás ficariam de ouvidos em pé ao escutar o sotaque do Oeste já não faziam caso dos idiomas dos europeus que haviam rompido o bloqueio para produzir máquinas e munições para os confederados. Eram homens especializados sem os quais a Confederação dificilmente seria capaz de fabricar pistolas, rifles, canhões e pólvora.

Sentia-se quase o pulsar do coração da cidade enquanto o trabalho prosseguia dia e noite, a fim de distribuir pelas artérias ferroviárias os materiais bélicos para as duas frentes de batalha. A todas as horas, trens chegavam e partiam, atravessando a cidade. Nas casas brancas, chovia fuligem vindas das fábricas recém-construídas. À noite, as fornalhas se mantinham acesas e os martelos

continuavam batendo até bem depois de a população já estar recolhida. Onde, um ano atrás, havia terrenos baldios, agora havia novas fábricas de arreios, de selas, de sapatos, de material bélico, de rifles e canhões; laminadoras e fundições produzindo trilhos e vagões de carga para substituir os destruídos pelos ianques; além de uma variedade de indústrias que fabricavam esporas, bridões, fivelas, barracas, botões, pistolas e espadas. Já começava a faltar ferro nas fundições, pois a quantidade que atravessava o bloqueio era pequena ou nula, e as minas no Alabama estavam quase paradas, pois os mineiros lutavam no front. Já não havia cercas de ferro, gazebos de ferro, portões de ferro, nem mesmo estátuas de ferro nos gramados de Atlanta. Tudo fora parar nos cadinhos das laminadoras.

Ao longo da rua Peachtree e das ruas adjacentes, achavam-se os quartéis generais das várias repartições do Exército, repletas de homens fardados — setor de abastecimento, o de sinalização, o de comunicações, o de correios, o de transporte ferroviário, o do chefe da polícia militar. Na periferia da cidade ficavam as estrebarias, onde cavalos e mulas vagavam em amplos cercados, e nas ruas transversais, os hospitais. Enquanto tio Peter lhe falava destes, Scarlett achou que Atlanta devia ser a cidade dos feridos, pois havia hospitais gerais, hospitais para doenças contagiosas, além de inúmeros hospitais para convalescentes. E diariamente os trens despejavam mais doentes e mais feridos logo abaixo de Five Points.

A pequena cidade desaparecera. Um movimento e uma energia incessantes animavam a face da nova urbe de crescimento vertiginoso. A visão de tanta correria quase tirou o fôlego de Scarlett, recém-chegada do pacato ambiente rural, mas aquilo agradou-lhe. A atmosfera excitante do local estimulou-a, como se seu coração acompanhasse o palpitar constante e acelerado do coração da cidade.

Enquanto venciam lentamente os bolsões de lama da rua principal da cidade, ela observava com interesse as novas construções e as caras desconhecidas. As calçadas estavam lotadas de homens de uniforme, usando insígnias de todas as patentes e de todos os ramos de serviço. O trânsito na rua estreita estava engarrafado pela quantidade de veículos — carruagens, charretes, ambulâncias, carroças do Exército cobertas conduzidas por cocheiros irreverentes que praguejavam enquanto as mulas pelejavam nos buracos do chão. Estafetas

fardados de cinza corriam pelas ruas de um quartel-general a outro levando ordens e despachos telegráficos. Convalescentes apoiados em muletas passavam claudicando, em geral amparados por uma dama solícita de cada lado. Trombetas, tambores e gritos transmitindo ordens ecoavam no ar, vindos dos campos de treinamento onde os recrutas eram transformados em soldados. E, com o coração na boca, Scarlett deparou-se pela primeira vez com militares ianques quando tio Peter apontou com o chicote para um destacamento de soldados cabisbaixos de uniforme azul conduzido por um pelotão de confederados com as baionetas em riste, para embarcar para o campo de concentração.

Ah, pensou Scarlett, sentindo pela primeira vez desde o dia do churrasco um prazer real. *Vou gostar daqui! É muito animado e muito e*mpolgante.

A cidade era ainda mais animada do que ela se lembrava, pois havia dezenas de novos bares. As prostitutas, acompanhando o Exército, infestavam a cidade, e os bordéis fervilhavam de mulheres, para a consternação dos carolas. Cada hotel, pensão e residência particular estava lotado de hóspedes que tinham vindo acompanhar os parentes feridos, internados nos grandes hospitais de Atlanta. Havia festas e bailes e bazares toda semana, além de inúmeros casamentos de guerra. Os noivos, de licença, usavam o uniforme cinza guarnecido de alamares dourados, e as noivas, envergando o vestido fino que havia passado pelo bloqueio, atravessavam o corredor de espadas cruzadas. Havia brindes feitos com champanhe, que também passara pelo bloqueio, e despedidas lacrimosas. Todas as noites, nas sombrias alamedas, ouviam-se pessoas dançando. Dos salões, os pianos acompanhavam vozes de sopranos em coro com as dos soldados convidados cantando melodias tristes: “The Bugles Sang Truce” e “Your Letter Came, but Came Too Late” — baladas melancólicas que traziam lágrimas emocionantes a olhos doces que não sabiam o que era derramar uma lágrima de dor realmente sentida.

Enquanto seguiam pela rua transformada em lamaçal, Scarlett não parava de fazer perguntas, às quais Peter respondia, apontando com o chicote, orgulhoso de exibir seu conhecimento.

— Esse é u arsená. Sim, sinhá. Onde eles guarda us canhão i as arma. Ali num é loja, é us escritório do broqueio. Ocê num sabe u qui é isso, sinhá Scarlett? É

onde us istrangêro compra u nosso argodão pra mandá pra Charston i Wiminton i trazê pórvra pra gente. Eu num sei di donde us estrangêro é. Sinhá Pitty diz qu'eles é ingrês, mas ninguém intende uma palavra qui eles fala. Sim, é essa fumacera i a fulige qui tá acabano c'as curtina di seda da sinhá Pitty. É da fundição i das laminadora. Elas faz uma barulhera di noite qui ninguém consegue drumi. Num posso pará pr'ocê dá uma oiada. Prometi a sinhazinha Pitty qui levava ocê direto pra casa. Cumprimenta, sinhá Scarlett. É a sinhá Meriwether i a sinhá Elsing cumprimentan'ocê.

Scarlett lembrou vagamente que duas senhoras com aqueles nomes tinham vindo de Atlanta para assistir ao seu casamento em Tara e eram as melhores amigas da srta. Pittypat. Virou-se depressa para onde tio Peter apontara e inclinou a cabeça. As duas estavam em uma carruagem à porta de um armarinho. Da calçada, o proprietário e dois balconistas mostravam as peças de tecido de algodão que traziam empilhadas nos braços. A sra. Merriwether, alta e corpulenta, tinha o espartilho tão apertado que seu busto se projetava à frente como a proa de um navio. Acrescentara ao cabelo grisalho uma franjinha crespa assumidamente castanha que desdenhava combinar com o resto. Em seu rosto redondo e muito corado, harmonizavam-se a esperteza bem-humorada e o hábito de mandar. A sra. Elsing era mais jovem. Frágil, havia sido uma beldade, e não perdera totalmente o viço nem o ar elegante e imperioso.

As duas formavam, com uma terceira, a sra. Whitings, os pilares da sociedade de Atlanta. Cada qual dirigia a paróquia à qual pertencia, orientando o clero, o coral e os paroquianos. Organizavam bazares e presidiam as rodas de costura. Eram presença obrigatória em bailes e piqueniques. Sabiam quem havia feito um bom casamento e quem não havia, quem bebia escondido, quem estava para dar à luz e quando. Eram autoridades em relação a genealogias. Conheciam a origem de todos os que eram alguém na Geórgia, na Carolina do Sul e na Virgínia, não dando a mínima para os outros estados, convencidas de que deles nunca saíra ninguém importante. Sabiam o que era correto e o que não era em termos de comportamento, nunca se furtando a expor suas opiniões — a sra. Merriwether com sua voz possante, a sra. Elsing em um elegante tom apenas audível, e a sra. Whiting em um murmúrio angustiado que revelava quanto odiava falar daquelas coisas. Aquelas três senhoras se detestavam e desconfiavam uma da outra tão

cordialmente quanto o Primeiro Triunvirato de Roma, e sua íntima aliança provavelmente se devia ao mesmo motivo.

— Eu disse a Pitty que faço questão de ter você no meu hospital — gritou a sra. Merriwether com um sorriso. — Não saia se comprometendo com a sra. Meade nem com a sra. Whiting!

— Pode deixar — respondeu Scarlett, sem ter ideia do que a sra. Merriwether estava falando, mas sentindo-se feliz com a acolhida calorosa. — Espero vê-la em breve.

A carruagem prosseguiu e logo se deteve para dar passagem a duas senhoras que, carregando nos braços cestos com ataduras, tentavam atravessar a rua lamacenta, escolhendo as pedras onde pisariam. Naquele instante, Scarlett notou uma figura com um vestido bem colorido — colorido demais para andar na rua — coberto por um xale de *paisley* com franjas até os pés. Voltando-se, viu uma mulher bonita de expressão firme e cabeleira ruiva, ruiva demais para ser natural. Pela primeira vez, via uma mulher que, sem sombra de dúvida, "tinha feito alguma coisa com o cabelo". Ficou olhando para aquela figura, fascinada.

— Tio Peter, quem é essa? — murmurou.

— Num sei não.

— Sabe, sim. Dá para ver. Quem é ela?

— O nome dela é Belle Watling — informou tio Peter, começando a esticar a beiçola.

Scarelett imediatamente reparou que ele não antepusera nem senhorita nem senhora àquele nome.

— Quem é ela?

— Sinhá Scarlett — disse Peter em um tom sombrio, batendo o chicote no lombo do cavalo espantado. — Sinhá Pitty num vai gostá d'ocê ficá preguntano coisa qui num é da sua conta. Agora a cidade tem um monte di gente di quem num carece nós falá.

Nossa!, pensou Scarlett, silenciada pela crítica. *Deve ser uma mulhe*r perdida!

Como jamais tinha visto uma mulher perdida, virou a cabeça e ficou olhando até perdê-la de vista na multidão.

As lojas e os novos edifícios da guerra já se espaçavam mais, entremeados de terrenos baldios. Finalmente a zona comercial ficou para trás e apareceram as

residências. Scarlett reconheceu-as como velhas amigas: a dos Leydens, solene e imponente; a dos Bonnells, com as pequenas colunas brancas e as venezianas verdes; a dos McLures, de tijolos vermelhos em estilo georgiano, atrás de sebes baixas de buxo. Avançavam mais devagar agora, pois senhoras a cumprimentavam de varandas, jardins e calçadas. Algumas ela mal conhecia, de outras, lembrava-se vagamente, mas a maioria lhe era totalmente estranha. Pittypat com certeza anunciara sua chegada. A toda hora, tinha que levantar o pequeno Wade para mostrá-lo às senhoras que tinham se aventurado a atravessar a lama até os degraus de embarque para admirá-lo. Todas a convidavam a fazer parte, exclusivamente, de sua roda de tricô e de costura, e de suas comissões hospitalares, o que Scarlett ia prometendo a torto e a direito.

Quando passavam diante de um casarão de ripas de madeira pintado de verde, uma negrinha gritou dos degraus da frente:

— Lá vem ela!

O dr. Meade, a esposa e o filho de 13 anos, Phil, vieram correndo lhe dar as boas-vindas. Scarlett lembrou-se de tê-los visto no seu casamento. A sra. Meade trepou no degrau de embarque e espichou o pescoço para ver o bebê, mas o médico, sem fazer caso da lama, chegou até a lateral da carruagem. Alto e magro, usava uma barba grisalha aparada em ponta, e as roupas lhe dançavam no corpo como se agitadas por um vendaval. Considerado em Atlanta a fonte de toda a força e de toda a sabedoria, não era de estranhar que tivesse se convencido disso. Mas, apesar do hábito de falar pomposamente como se fosse um oráculo, era a pessoa mais bondosa da cidade.

Depois de apertar a mão de Scarlett e elogiar Wade enquanto lhe acariciava a barriguinha, o médico anunciou que tia Pittypat lhe havia prometido, sob juramento, que a sobrinha não trabalharia em nenhum outro hospital e em nenhum outro comitê de preparação de ataduras que não o da sra. Meade.

— Ah, querida, mas eu já prometi a várias senhoras.

— À sra. Merriwether, garanto — exclamou a sra. Meade, indignada. — Arre! Aquela mulher parece que vai esperar todo trem que chega!

— Prometi porque não fazia a menor ideia do que se tratava — confessou Scarlett. — O que é um comitê hospitalar, afinal das contas?

Tanto o médico quanto a esposa pareceram ligeiramente surpresos com tamanha ignorância.

— Mas é claro, vivendo enfurnada no interior, você não podia saber — disse a sra. Meade, desculpando-a. — Temos comissões de enfermagem para trabalhar em diferentes hospitais, em dias diferentes. Tratamos dos homens, ajudamos os médicos, fazemos ataduras e roupas. Quando os doentes melhoram a ponto de poder ter alta dos hospitais, nós os levamos para convalescer em nossas casas até eles terem condições de voltar à ativa. E cuidamos das esposas e das famílias dos feridos sem recursos. Sim, mais que sem recursos. O dr. Meade trabalha no hospital do Instituto, onde funciona o meu comitê, e todos o acham maravilhoso e…

— Ora, ora, sra. Meade — interrompeu o médico carinhosamente. — Não fique me elogiando na frente dos outros. É muito pouco o que eu posso fazer, já que você não me deixou ir com o Exército.

— Não deixei! — protestou ela, indignada. — Eu? Foi a cidade que se opôs, e você sabe disso. Ora, Scarlett, quando se soube que ele pretendia ir para a Virgínia como cirurgião do Exército, todas as senhoras assinaram uma petição para que ele ficasse aqui. A cidade não podia prescindir de você.

— Ora, ora, sra. Meade — disse o médico, visivelmente feliz com o elogio. — Talvez ter um filho no front já baste, por enquanto.

— E ano que vem eu vou — exclamou o pequeno Phil aos pulos. — Como tocador de tambor. Estou aprendendo a tocar. Quer ouvir? Vou correndo buscar o meu tambor.

— Não, agora não — disse a sra. Meade, apertando-o contra o peito, subitamente com uma expressão apreensiva. — Ano que vem, ainda não, querido. Talvez no outro.

— Mas a guerra já vai ter acabado! — protestou o menino com petulância, afastando-se dela. — E você prometeu.

Scarlett viu os pais se entreolharem por cima da cabeça do menino. Darcy Meade estava na Virgínia, e o casal se apegava mais ao filho que sobrava.

Tio Peter pigarreou.

— Sinhá Pitty já tava nervosa quan’eu saí i s’eu num vortá logo ela vai dismaiá.

— Até logo. À tarde, passo lá — despediu-se a sra. Meade. — E diga a Pitty que eu mandei dizer que, se você não estiver no meu comitê, o estado dela ainda vai piorar.

A carruagem prosseguiu, deslizando pela rua lamacenta, e Scarlett sorriu ao recostar-se nas almofadas. Há meses não se sentia tão bem. Atlanta, tão populosa, acelerada e vibrante, era muito agradável, muito estimulante. Muito melhor que a fazenda deserta de Charleston, onde o silêncio da noite era quebrado pelo bramido dos crocodilos; melhor que a própria cidade de Charleston; e melhor ainda que Savannah, com suas avenidas de palmeiras ao longo do rio barrento. E no momento agradava-lhe mais até do que a sua Tara tão querida.

Sentia uma euforia naquela cidade de ruas estreitas e lamacentas, aconchegada entre colinas vermelhas. Uma força bruta que agradava à sua natureza selvagem oculta sob a fina camada de verniz que Ellen e Mammy lhe aplicaram. De repente sentiu que seu lugar era ali, e não nas serenas e pacatas cidades antigas que se estendiam à beira de rios barrentos.

As casas agora se espaçavam ainda mais. Debruçando-se, Scarlett viu a casa de tijolos aparentes e telhado de ardósia da srta. Pittypat. Era quase a última do lado norte da cidade. Depois dela, a rua Peachtree se estreitava, serpeando escondida por baixo de árvores frondosas até se perder na mata fechada. A cerca de painéis de madeira fora pintada recentemente de branco, encerrando um jardim todo estrelado de amarelo com os últimos junquilhos da estação. Nos degraus da entrada, estavam duas mulheres de preto e, por trás delas, uma índia gorda com as mãos escondidas no avental, arreganhando os dentes brancos em um sorriso. A gorda srta. Pittypat cambaleava excitada sobre pezinhos miúdos, comprimindo com a mão o busto avantajado para acalmar as palpitações do coração. Ao ver Melanie ao lado da tia, Scarlett, com uma antipatia imediata, percebeu que o senão de Atlanta seria aquela criaturinha franzina vestida de luto, com os cabelos escuros e rebeldes domados em um penteado de senhora casada e um amoroso sorriso de boas-vindas estampado no rostinho em forma de coração.

Quando um sulista se dava ao trabalho preparar um baú para uma visita e viajar 32 quilômetros, sua estada raramente era de menos de um mês. Em geral durava muito mais. Os sulistas tanto gostavam de ser hóspedes como de hospedar. Era comum parentes irem para as festas de Natal e ficarem até julho. Muitas vezes, casais em visitas de lua de mel demoravam-se em uma casa agradável até o nascimento do segundo filho. Frequentemente, tios e tias velhos iam para o jantar de domingo e saíam direto para a cova, anos depois. As visitas não eram problema, pois as casas eram grandes, e os criados, numerosos. Ter várias bocas a mais para alimentar era uma questão secundária naquela terra de fartura. Recebiam-se hóspedes de todas as idades e todos os sexos: noivos em lua de mel, jovens mães exibindo recém-nascidos, convalescentes, enlutados, moças que os pais desejavam afastar dos perigos de um mau casamento, moças que haviam chegado à idade perigosa de noivar e que, esperava-se, encontrassem bons partidos em outro lugar, sob a orientação de parentes. Os hóspedes eram sempre uma novidade excitante na vida monótona do Sul e, portanto, sempre bem-vindos.

Assim, Scarlett fora para Atlanta sem a menor ideia de quanto tempo ficaria. Se achasse a estada tão enfadonha quanto a de Savannah e a de Charleston, em um mês estaria de volta. Do contrário, iria ficando indefinidamente. Mas, logo de cara, tia Pitty e Melanie começaram uma campanha para convencê-la a morar com elas em definitivo. Usaram todos os argumentos possíveis: o de que gostavam dela; de que se sentiam solitárias e muitas vezes tinham medo à noite naquele casarão, e sua grande valentia lhes dava coragem; de que ela era tão encantadora que as animava; de que, com a morte de Charles, o lugar dela e do filho era com os parentes dele. Além disso, Charles lhe deixara metade da casa em testamento. Por fim, a Confederação precisava de cada par de mãos capazes de costurar, tricotar, enrolar ataduras e cuidar dos feridos.

O tio Henry Hamilton, solteirão que morava no Hotel Atlanta, perto da estação, também lhe falou seriamente sobre essa questão. Era um velho baixinho, barrigudo e irascível, de cara rosada, longos cabelos grisalhos, sem a menor paciência para acanhamentos e achaques femininos. Foi por este último motivo que praticamente cortara relações com a irmã, a srta. Pittypat. Desde a infância, tinham temperamentos antagônicos, e afastaram-se mais ainda devido

às críticas que ele fazia à maneira como ela criava Charles, “fazendo do filho de um soldado o raio de um maricas!”. Anos atrás, insultara-a de tal maneira que agora a srta. Pitty só se referia a ele aos sussurros e com tanta reticência que quem não conhecesse o honesto advogado imaginaria tratar-se de um assassino, no mínimo. O insulto ocorrera no dia em que Pitty quis sacar quinhentos dólares do patrimônio que ele administrava, para investir em uma mina de ouro inexistente. Ele se opusera, declarando, exaltado, que ela não tinha mais juízo que um percevejo e que, além do mais, ficar mais de cinco minutos na presença dela o deixava nervoso. Desde então, ela só se encontrava com ele cerimoniosamente, uma vez por mês, quando tio Peter a levava ao escritório do irmão para receber o dinheiro para as despesas da casa. Sempre que voltava dessas rápidas visitas, Pitty passava o resto do dia de cama, em prantos, com seus sais aromáticos. Melanie e Charles, que mantinham excelentes relações com o tio, sempre se ofereciam para livrá-la desse calvário, mas Pitty recusava fazendo beicinho como criança. Henry era sua cruz, e ela tinha que aturá-lo. Assim, Charles e Melanie concluíram que aquela agitação ocasional, a única de sua vida protegida, lhe fazia muito bem.

Tio Henry simpatizou imediatamente com Scarlett porque, disse ele, via que, apesar das afetações bobas, ela possuía algum bom senso. Ele administrava não só os bens de Pitty e de Melanie, como também o patrimônio que Scarlett herdara de Charles. Foi uma agradável surpresa para ela ver-se como uma mulher rica, pois, além de metade da casa de tia Pitty, Charles lhe deixara terrenos e propriedades na cidade. As lojas e os armazéns ao longo da via férrea perto da estação, que eram parte de sua herança, haviam triplicado de valor desde o início da guerra. Foi quando lhe prestava contas das suas propriedades que tio Henry tocou no assunto de sua permanência em Atlanta.

— Quando chegar à maioridade, Wade Hampton vai ser um rapaz rico — disse. — No ritmo em que Atlanta está crescendo, o patrimônio dele vai valer dez vezes mais em vinte anos. É justo ele ser criado no lugar onde esse patrimônio está, para que aprenda a administrá-lo… sim, e também o de Pitty e o de Melanie. Daqui a pouco, ele será o único homem da família, pois não sou eterno.

Quanto ao tio Peter, já dava como certo que Scarlett fora para ficar. Achava inconcebível o único filho de Charles ser criado longe da sua supervisão. A todos esses argumentos, Scarlett sorria sem dizer nada. Não queria se comprometer antes de saber se gostaria de Atlanta e da convivência com os parentes pelo casamento. E precisaria convencer Gerald e Ellen. Além disso, agora que estava longe sentia muitas saudades de Tara, dos campos vermelhos com os pés de algodão verdes brotando e dos doces silêncios do crepúsculo. Pela primeira vez, entendeu vagamente o que Gerald quis dizer ao afirmar que ela tinha no sangue o amor à terra.

Assim, por ora, evitava educadamente dar uma resposta definitiva quanto à duração de sua estada. Integrou-se com naturalidade à vida da casa de tijolos vermelhos na ponta tranquila da rua Peachtree.

Morando com os parentes de Charles, na casa onde ele nasceu, Scarlett pôde compreender melhor o rapaz que, em tão curto espaço de tempo, tornara-a esposa, viúva e mãe. Era fácil ver por que ele era tão tímido, tão simples, tão idealista. Se Charles herdara alguma das qualidades do soldado austero, destemido e exaltado que fora seu pai, elas tinham sido anuladas, desde a infância, pela atmosfera feminina em que fora criado. Adorava a infantil tia Pitty e tinha com Melanie uma ligação maior do que a comum entre irmãos, considerando-as as mulheres mais doces e ingênuas do mundo.

Tia Pittypat fora batizada sessenta anos atrás com o nome de Sarah Jane Hamilton, mas desde o dia longínquo em que seu pai, carinhosamente, lhe dera aquele apelido por causa de seus pezinhos irrequietos, sempre a correr, ninguém mais a chamara de outra maneira. Nos anos que se seguiram àquele segundo batismo, seu físico sofreu mudanças que tornaram o apelido incongruente. Da criança de pezinhos ligeiros, tudo que restava eram os pezinhos, sem a ligeireza, inadequados ao seu peso, e a tendência à tagarelice. Era gorda, rosada e grisalha, sempre meio ofegante por causa dos espartilhos muito apertados. Não conseguia caminhar mais que uma quadra com os sapatinhos apertados que usava. Seu coração disparava à menor emoção, e ela o afagava descaradamente, desmaiando a qualquer provocação. Todos sabiam que seus desfalecimentos costumavam ser puro teatro, mas gostavam tanto dela que entravam no seu jogo. Todos a

adoravam, mimavam-na como uma criança e recusavam-se a levá-la a sério — todos, salvo seu irmão Henry.

O que mais gostava no mundo era de falar da vida alheia, mais até do que dos prazeres da mesa. Passava horas a fio falando sobre os outros, mas de uma forma inofensiva. Não se lembrava de nomes nem de datas ou lugares, e com frequência confundia os atores de um drama passado em Atlanta com os de outra região, o que não tinha a menor importância, porque ninguém era tolo para levá-la a sério. Não lhe contavam casos realmente chocantes ou escandalosos, para resguardar sua inocência de solteirona, mesmo tendo ela sessenta anos. Havia uma combinação carinhosa entre seus amigos para tratá-la como uma criança velha.

Melanie era parecida com a tia em vários aspectos. Tinha a mesma timidez, os mesmos rubores súbitos, o mesmo recato, mas tinha bom senso. *Até certo ponto, posso admitir isso*, pensou Sarlett de má vontade. Como tia Pitty, Melanie tinha jeito de criança protegida que só conhecia a simplicidade, a bondade, a verdade e o amor. Uma criança que nunca vira a maldade e, se visse, não saberia o que era. Tendo sido sempre feliz, queria que todos à sua volta também o fossem, ou pelo menos que estivessem satisfeitos consigo mesmos. Para isso, sempre via o que as pessoas tinham de melhor e elogiava-as por suas qualidades. Por mais burro que fosse um criado, sempre encontrava nele lealdade e bondade. Nas moças, por mais feias e desagradáveis que fossem, sempre descobria alguma graça ou nobreza de caráter e, por mais imprestável e enfadonho que fosse um homem, antes o via como o julgava capaz de ser e não como ele era de fato.

Essas qualidades, que vinham naturalmente de um coração generoso, atraíam as pessoas para ela. Quem resistia ao encanto de quem descobria nos outros qualidades admiráveis que eles nem sonhavam possuir? Não havia na cidade quem tivesse tantos amigos, tanto de um sexo como de outro, mas os homens ficavam só na amizade, não encontrando nela nem os caprichos nem o egoísmo que ajudavam a cativá-los.

O que Melanie fazia era apenas o que se ensinava que toda moça sulista devia fazer — deixar que todos à volta dela se sentissem à vontade e satisfeitos consigo mesmos. Era essa simpática prática feminina que tornava a sociedade sulista tão encantadora. As mulheres sabiam que, para elas, seria muito

agradável viver onde os homens estivessem satisfeitos, não fossem contestados nem tivessem a vaidade ameaçada. Assim, do berço ao túmulo, as mulheres esforçavam-se para que os homens se sentissem satisfeitos com eles mesmos, e os homens satisfeitos retribuíam generosamente com galanteria e adoração. Na verdade, os homens davam de bom grado absolutamente tudo às mulheres, exceto o crédito pela inteligência. Scarlett exercitava os mesmos encantos que Melanie, mas com uma arte estudada e uma profunda habilidade. A diferença entre as duas era que, em Melanie, era o desejo de tornar as pessoas felizes, mesmo que só por um momento, que a levava a fazer comentários simpáticos e lisonjeiros, ao passo que Scarlett só os fazia levada por algum interesse.

Das duas pessoas que mais amava, Charles não recebera nenhuma influência fortalecedora, não aprendera nada sobre a dureza da vida. O lar em que se criou até se tornar homem era aconchegante como um ninho, um lugar tranquilo, antiquado e delicado, comparado a Tara. Para Scarlett, aquela casa estava muitíssimo precisada dos cheiros masculinos de conhaque, tabaco e óleo de Macassar, de vozes ásperas e de uma ou outra imprecação, de espingardas, escovas, selas e freios, e de cães aos pés do dono. Ela sentia falta da gritaria das discussões que ouvia em Tara, sempre pelas costas de Ellen. Mammy brigando com Pork, Rosa e Teena implicando uma com a outra, suas próprias brigas cáusticas com Suellen, Gerald aos berros, fazendo ameaças. Não era de admirar que, criado em uma casa como aquela, Charles fosse um maricas. Ali, ninguém se exaltava, ninguém levantava a voz. Todos se submetiam às opiniões uns dos outros e, no fim, o autocrata negro e grisalho da cozinha conseguia o que queria. Scarlett, que esperara uma rédea mais frouxa quando escapou da supervisão de Mammy, descobriu, com tristeza, que os padrões de tio Peter para a conduta feminina, especialmente a da viúva de Charles, eram ainda mais rígidos.

Em uma casa daquelas, Scarlett voltou a ser ela mesma, e, quando se deu conta, a tristeza passara. Tinha apenas 17 anos, saúde perfeita, muita energia, e os familiares de Charles faziam o possível para deixá-la feliz. Se não conseguiam totalmente, a culpa não era deles, pois ninguém podia tirar de seu coração a dor que latejava cada vez que o nome de Ashley era mencionado. E Melanie o fazia sempre! Melanie e Pitty não se cansavam de planejar formas de mitigar a tristeza da qual julgavam-na padecer. Deixavam a própria tristeza em

segundo plano para distraí-la, preocupavam-se com sua alimentação, com o horário de sua sesta vespertina e de seus passeios de carruagem. Além de admirarem excessivamente sua animação, seu corpo, suas mãos e seus pés miúdos e sua pele clara, elogiavam constantemente essas qualidades, sublinhando as palavras com beijos, abraços e afagos.

Scarlett não dava a mínima para os gestos de carinho, mas gostava dos elogios. Em Tara, ninguém jamais falara tão bem dela. Na verdade, Mammy passava a vida esvaziando sua presunção. Wade já não era um aborrecimento, pois a família, negros e brancos, bem como os vizinhos, o idolatravam e viviam disputando quem lhe daria colo. Melanie o adorava. Mesmo quando ele abria os maiores berreiros, não se furtava de dizê-lo, acrescentando:

— Ah, queridinho! Como eu queria que você fosse meu!

Scarlett às vezes tinha dificuldade de disfarçar os sentimentos, pois continuava achando tia Pitty a velha mais boba do mundo e não suportava suas imprecisões nem seus achaques. Não gostava de Melanie, sentindo cada vez mais ciúme dela, a ponto de frequentemente ver-se obrigada a se retirar do ambiente quando a cunhada, derretendo-se de orgulho apaixonado, falava de Ashley ou lia suas cartas em voz alta. Mas, considerando tudo, a vida corria da melhor forma possível, dadas as circunstâncias. Atlanta era mais interessante que Savannah, Charleston ou Tara, proporcionando tantas ocupações desconhecidas que pouco tempo lhe sobrava para pensar ou se deprimir. Mas algumas vezes, quando soprava a vela e deitava a cabeça no travesseiro, suspirava e pensava: *Ah, se ao menos Ashley não fosse casado! Se eu não tivesse que servir de enfermeira naquele maldito hospital! Ah, se eu pudesse ter uns* namorados!

Desde o início, odiara o trabalho de enfermagem, mas, fazendo parte dos comitês da sra. Meade e da sra. Merriwether, não podia fugir daquela obrigação, que significava quatro manhãs por semana no hospital abafado e malcheiroso, com o cabelo enfiado em um turbante de toalha, coberta do pescoço até os pés por um avental quente. Em Atlanta, toda senhora casada, fosse velha ou jovem, trabalhava como enfermeira, e o fazia com um entusiasmo que, para Scarlett, beirava o fanatismo. Imaginando que Scarlett estivesse imbuída do mesmo fervor patriótico, todas elas ficariam admiradas se soubessem quão pouco a guerra lhe interessava. Salvo pela angústia constante com a possibilidade de

Ashley ser morto, a guerra não lhe interessava em nada e ela só fazia o trabalho de enfermagem por não saber como escapar.

Certamente, cuidar de doentes nada tinha de romântico. Para ela, significava gemidos, delírio, morte e odores. Os hospitais estavam lotados de homens imundos, cabeludos, atacados de verminose, que fediam horrivelmente, com ferimentos no corpo capazes de embrulhar o estômago de qualquer cristão. O cheiro agridoce que impregnava os hospitais lhe entrava pelas narinas muito antes de ela chegar às portas, permanecendo em suas mãos e seus cabelos para persegui-la nos sonhos. Enxames de moscas e mosquitos zumbiam pelas enfermarias, atormentando os homens, que praguejavam e soluçavam baixinho. Scarlett, coçando-se das próprias picadas, abanava as ventarolas até lhe doerem os ombros e ela desejar que todos os homens estivessem mortos.

Melanie, no entanto, parecia não se importar com os cheiros, com as feridas ou com a nudez, o que Scarlett estranhou em alguém que era a mais tímida e mais recatada das mulheres. Às vezes, segurando bacias e instrumentos, enquanto o dr. Meade amputava membros gangrenados, Melanie ficava lívida. E uma vez, depois de um procedimento desses, Scarlett a encontrou na rouparia, vomitando silenciosamente dentro de uma toalha. Mas diante dos feridos ela era tão gentil, compreensiva e alegre que os homens nos hospitais a chamavam de anjo da piedade. Scarlett também teria gostado de tal epíteto, mas para merecê-lo teria que tocar em homens infestados de piolho, enfiar os dedos na goela de pacientes inconscientes para verificar se haviam engasgado com pedaços de fumo de mascar, enfaixar cotos e catar bichos em chagas inflamadas. Não, ela não gostava de ser enfermeira.

Talvez suportasse o serviço se lhe fosse permitido usar seus encantos com os convalescentes, pois muitos deles eram homens atraentes e bem-nascidos. Mas sua viuvez não o permitia. Às mocinhas da cidade, excluídas do trabalho mais duro para não correrem o risco de ver cenas impróprias aos olhos de virgem, competia cuidar dos convalescentes. Sem o entrave de um casamento ou de uma viuvez, as moças davam em cima dos convalescentes, e nem as mais feias delas, observou Scarlett melancólica, tinham dificuldade para arranjar noivos.

Exceto pelos doentes terminais e os feridos gravíssimos, o mundo de Scarlett era completamente feminino, o que a irritava, pois as pessoas de seu sexo, além

de não terem sua confiança nem seu afeto, aborreciam-na. Mas, semanalmente, ela tinha que dedicar três tardes ao trabalho de costura e confecção de ataduras organizado pelos comitês das amigas de Melanie. As moças que haviam conhecido Charles eram muito simpáticas e atenciosas com ela nessas reuniões, sobretudo Fanny Elsing e Maybelle Merriwether, filhas das viúvas mais importantes da cidade. Mas tratavam-na com a deferência devida a uma velha que já tivesse dado tudo o que tinha para dar. As conversas das duas sobre danças e namorados causavam-lhe inveja e revolta por se ver alijada daquelas atividades pela viuvez. Achava-se três vezes mais atraente que Fanny e Maybelle! Como a vida era injusta! Que injustiça era acharem que seu coração estava enterrado dentro de um túmulo quando absolutamente não estava! Estava na Virgínia com Ashley!

Mas, apesar desses problemas, Atlanta lhe agradava muito. As semanas iam passando, e ela ia ficando por lá.

Capítulo 9

Sentada à janela do quarto naquela manhã de pleno verão, Scarlett assistia desconsolada ao movimento de carroças e carruagens pela rua Peachtree. Iam lotadas de moças, soldados e acompanhantes em busca de galhos para decorar o bazar que devia se realizar aquela noite em benefício dos hospitais. Na estrada de barro vermelho, luzes e sombras se entrecruzavam embaixo das árvores, e as patas dos cavalos levantavam pequenas nuvens de poeira vermelha. Na vanguarda, vinha uma carroça com quatro negros robustos munidos de machados para cortar galhos de plantas perenes e limpá-los dos cipós. Carregava ainda, na parte traseira, pilhas de cestas cobertas com guardanapos, o almoço acomodado em cestos de madeira e uma dúzia de melancias. Dois dos negros, equipados com banjo e gaita, executavam uma versão animada de “If You Want to Have a Good Time, Jine the Cavalry”. Logo atrás, vinha o alegre desfile. Moças com vestidos de algodão florido, xales leves, chapéus e luvas para proteger a pele do sol e pequenas sombrinhas abertas sobre as cabeças; senhoras idosas plácidas e sorridentes ouvindo as gargalhadas e as piadas trocadas entre as carruagens; convalescentes dos hospitais espremidos entre acompanhantes corpulentas e mocinhas esguias que se desdobravam em atenções para com eles; oficiais a cavalo seguindo a passo de tartaruga ao lado das carruagens — rodas rangendo, esporas tinindo, galões dourados brilhando, sombrinhas subindo e descendo, leques agitados, negros cantando. Todo mundo seguia pela rua Peachtree para colher galhos, comer o piquenique e um pedaço de melancia. *Todo mundo*, pensou Scarlett, de mau humor, menos eu.

Todos passavam acenando para ela e chamando-a. Ela procurava responder com gentileza, mas era difícil. Começara a sentir uma dorzinha no coração que lhe subira para a garganta, virando um nó que logo se desfaria em lágrimas. Todo mundo estava indo para o piquenique, menos ela, Pittypat e Melly, e as outras infelizes que estavam de luto. Mas Melly e Pittypat não pareciam se

importar. Nem lhes passou pela cabeça querer ir. Já Scarlett só pensava nisso, com todas as suas forças.

Não era justo. Trabalhara duas vezes mais que qualquer moça na cidade, preparando as coisas para o bazar. Tricotara meias, gorros de bebê, mantas e echarpes, tecera metros de renda e pintara potinhos e xicrinhas de porcelana. Bordara meia dúzia de capas de almofada com a bandeira da Confederação. (As estrelas estavam meio tortas, era verdade, algumas quase redondas e outras com seis ou sete pontas, mas o efeito era bom.) Na véspera trabalhara até a exaustão no velho celeiro empoeirado de um arsenal guarnecendo com gaze amarela, rosa e verde as barracas ao longo das paredes. Sob a supervisão do Comitê Hospitalar das Senhoras, era um trabalho difícil e nada divertido. Não tinha graça nenhuma ouvir as sras. Merriwether, Elsing e Whiting lhe dando ordens como se ela fosse uma negrinha. E ter que ouvi-las se gabarem de quão populares eram suas filhas. Para piorar, arranjara duas bolhas no dedo ajudando Pittypat e Cookie a fazer bolos para a rifa.

E agora, depois de ter trabalhado como uma peoa, tinha que se retirar recatadamente quando as coisas começavam a ficar divertidas. Ah, não era justo que, por ter um marido falecido e um bebê aos berros no quarto ao lado, ela fosse excluída de tudo que era agradável. Havia pouco mais de um ano, Scarlett dançava e usava roupas alegres em vez daquele luto fechado, estando praticamente noiva de três rapazes. Agora tinha apenas 17 anos e pés que ainda tinham muito o que dançar. Ah, não era justo! A vida passava por ela ali em uma estrada sombreada e quente, naquela manhã de verão, a vida com uniformes cinzentos e esporas tinindo e vestidos de organdi floridos e banjos tocando. Tentava não sorrir, nem acenar com muito entusiasmo para os homens que conhecia melhor, os de quem cuidara no hospital, mas era difícil dominar as covinhas e fazer uma expressão de quem tinha o coração enterrado — quando não tinha.

Seus cumprimentos e acenos foram bruscamente interrompidos quando Pittypat entrou no quarto, esbaforida como sempre que subia as escadas, e puxou-a da janela sem a menor cerimônia.

— Está louca, querida, acenando para homens da janela do seu quarto? Eu digo, Scarlett, estou abismada. O que a sua mãe diria?

— Mas eles não sabiam que era o meu quarto.

— Mas iam desconfiar, e dá no mesmo. Querida, não pode fazer esse tipo de coisa. Todo mundo vai falar de você e chamá-la de assanhada. E a sra. Merriwether sabia que era o seu quarto.

— E garanto que a cobra velha vai contar para todos os rapazes.

— Shhh, querida! Dolly Merriwether é a minha melhor amiga.

— Mas é uma cobra assim mesmo. Ah, me desculpe, titia, não chore! Eu tinha esquecido que era a janela do meu quarto. Não faço isso de novo. Eu… eu só queria ver todo mundo passar. Eu queria ir junto.

— Querida!

— Queria, sim. Estou cansada de ficar em casa sem fazer nada.

— Scarlett, me prometa não dizer mais esse tipo coisa. As pessoas vão falar. Vão dizer que você não tem o devido respeito pela memória do Charlie.

— Ah, titia, não chore!

— Ah, agora eu fiz você chorar também — soluçou Pittypat, realizada, procurando o lenço no bolso da saia.

A dorzinha finalmente chegara-lhe à garganta, e Scarlett lamentou-se em voz alta — não pelo pobre Charles, como pensou Pittypat, mas sim porque o último rumor das carruagens e das gargalhadas ia morrendo ao longe. Melanie chegou farfalhante de seu quarto, uma ruga de preocupação na testa. Vinha com uma escova na mão, e os cabelos negros, em geral arrumados, agora livres da rede, caíam em volta do rosto em uma profusão de cachinhos e ondas.

— Queridas! O que houve?

— Charlie! — soluçou Pittypat, entregando-se totalmente ao prazer de sua dor e escondendo a cabeça no ombro de Melly.

— Ah — disse Melly, o lábio estremecendo à menção do nome do irmão. — Coragem, querida. Não chore. Ah, Scarlett.

Scarlett se atirara na cama e soluçava a plenos pulmões. Soluçava pela juventude perdida, pelos prazeres que lhe eram negados. Soluçava a indignação e o desespero da criança que antes conseguia tudo quanto queria às custas das lágrimas e agora sabia que elas já não podiam ajudá-la. Enterrou a cabeça no travesseiro e chorou e esperneou batendo os pés na colcha da cama.

— Era melhor que eu tivesse morrido! — soluçava desesperadamente. Diante de tal exibição de pesar, as lágrimas fáceis de Pittypat cessaram, e Melly correu à cabeceira para consolar a cunhada.

— Não chore, querida! Pense no amor de Charlie por você e tente se consolar com isso. Tente pensar no seu filhinho lindo.

A indignação de não ser compreendida, misturada à sensação de abandono por se ver excluída de tudo, sufocou-a. Foi uma sorte, pois se tivesse conseguido falar teria dito umas verdades com a mesma franqueza de Gerald. Melanie lhe dava tapinhas no ombro enquanto Pittypat, andando pesadamente na ponta dos pés, ia fechando as persianas do quarto.

— Não faça isso! — gritou Scarlett, levantando do travesseiro o rosto vermelho e inchado. — Ainda não morri para você fechar as persianas… infelizmente. Ah, vão embora e me deixem em paz!

Tornou a afundar a cabeça no travesseiro, e as duas, depois de conferenciarem aos sussurros, retiraram-se na ponta dos pés. Scarlett ouviu Melanie dizer a Pittypat baixinho enquanto desciam as escadas:

— Tia Pitty, eu queria que você não falasse de Charles com ela. Você sabe como isso sempre a emociona. Coitadinha, fica com aquela expressão esquisita, e eu sei que está segurando o choro. Não devemos dificultar a situação para ela.

Scarlett chutou a colcha, furiosa e impotente, tentando pensar em uma expressão forte o bastante para desabafar.

— Pelo manto do Senhor! — gritou afinal, e sentiu certo alívio.

Como Melanie podia estar satisfeita vivendo sem sair de casa e sem se divertir, ainda vestida de luto pelo irmão, quando tinha apenas 18 anos? Melanie parecia não saber, ou não se importar, que a vida passava em um piscar de olhos.

Mas ela é muito chata, pensou Scarlett, socando o travesseiro. *E nunca foi popular como eu, por isso não sente falta de nada do que eu sinto. E… e, além do mais, ela tem o Ashley, enquanto eu… eu não tenho ninguém!* E, diante dessa nova desgraça, pôs-se novamente a chorar.

Continuou deprimida no quarto até a tarde. Não se animou ao ver as pessoas voltando do piquenique com carroças carregadas de galhos de pinheiro, cipós e samambaias. Todos acenavam para ela com um ar cansado, mas feliz, e ela

acenava de volta melancolicamente. A vida era uma tristeza e com certeza não valia a pena ser vivida.

A libertação veio na forma que ela que menos esperava, quando, durante a sesta após o jantar, a sra. Merriwether e a sra. Elsing chegaram de carruagem. Espantadas de receber visitas àquela hora, Melanie, Scarlett e tia Pittypat levantaram-se, abotoando os corpetes às pressas. Ajeitaram os cabelos e desceram para a sala.

— Os filhos da sra. Bonnell estão com sarampo — informou a sra. Merriwether bruscamente, deixando claro que responsabilizava a própria sra. Bonnell por isso.

— E as meninas McLure foram chamadas à Virgínia — disse a sra. Elsing com sua voz sumida, abanando-se languidamente, como se nenhum dos dois fatos ou qualquer outro tivesse muita importância. — Dallas McLure foi ferido.

— Que horror! — exclamaram em uníssono as donas da casa. — Dallas está…

— Não. Foi só no ombro — completou logo a sra. Merriwether. — Mas não podia ter sido em um momento pior. As meninas estão indo buscá-lo no Norte. Mas, ó céus, não temos tempo para ficar aqui conversando. Temos que voltar correndo para terminar a decoração no Arsenal. Pitty, precisamos de você e de Melly para substituir a sra. Bonnell e as meninas McLure.

— Mas, Dolly, não podemos ir.

— Não me venha com "não podemos", Pittypat Hamilton — retrucou com firmeza a sra. Merriwether. — Precisamos de você para tomar conta dos pretos com as comidas e bebidas. Era o que a sra. Bonnell ia fazer. E Melly, você tem que assumir a barraca das meninas McLure.

— Ah, não devíamos… o pobre Charlie morreu não faz…

— Sei como se sentem, mas não há sacrifício grande demais pela Causa — interrompeu a sra. Elsing com um tom suave que foi peremptório.

— Ah, adoraríamos ajudar, mas por que não arranjam umas meninas bonitinhas para assumir as barracas?

A sra. Merriwether bufou ruidosamente.

— Não sei o que deu nessa juventude de hoje. Ninguém tem noção de responsabilidade. Todas as moças que ainda não se encarregaram de uma barraca

dão tantas desculpas que perdemos a conta. Mas elas não me enganam. O que não querem é ficar presas, sem poder dar em cima dos oficiais, só isso. E têm medo de que seus vestidos novos não sobressaiam atrás do balcão das barracas. Eu gostaria que aquele furador de bloqueio… Como é o nome dele?

— Capitão Butler — acudiu a sra. Elsing.

— Gostaria que ele trouxesse mais material hospitalar e menos crinolinas e rendas. Sei que hoje vou ver mais de vinte vestidos que vieram com ele. Capitão Butler… estou farta desse nome. Ora, Pitty, não tenho tempo para discutir. Você tem que vir. Todo mundo vai entender. Aliás, ninguém vai ver você lá nos fundos, e Melly vai passar despercebida. A barraca das pobres meninas McLure é quase a última e não é muito bonita, portanto ninguém vai notá-la.

— Acho que devemos ir — disse Scarlett, tentando dominar a ansiedade e se mostrar sincera e natural. — É o mínimo que podemos fazer pelo hospital.

Como não tivessem sequer mencionado seu nome, as duas senhoras visitantes voltaram-se severamente para ela. Mesmo no seu desespero, não lhes ocorrera pedir que uma viúva de pouco mais de um ano aparecesse em um evento social. Scarlett, com uma expressão infantil nos olhos arregalados, enfrentou o olhar das duas.

— Acho que todas nós devemos nos esforçar para que o bazar seja um sucesso. Posso ficar na barraca com Melly, porque… bom, é melhor ficarmos nós duas juntas do que uma sozinha. Não acha, Melly?

— Bem — começou Melly, sem saber o que fazer, perplexa diante da ideia insólita de aparecer em uma festa estando de luto.

— Scarlett tem razão — concordou a sra. Merriwether, observando indícios de enfraquecimento. Levantou-se e ajeitou a crinolina. — Vocês duas… todas vocês têm que vir. Agora, Pitty, não venha de novo com as suas desculpas. Pense em como o hospital está precisando de dinheiro para leitos novos e medicamentos. E sei que Charles gostaria que vocês ajudassem a Causa pela qual ele morreu.

— Bem — disse Pittypat, sem forças, como sempre, diante de uma personalidade mais forte —, se acha que as pessoas vão entender...

É bom demais para ser verdade! É bom demais para ser verdade!, cantava o coração de Scarlett enquanto ela entrava discretamente na barraca forrada de

rosa e amarelo que seria das McLure. Estava mesmo em uma festa! Depois de um ano de isolamento, vestindo luto e falando baixinho, quase enlouquecendo de tédio, estava mesmo em uma festa, a maior que Atlanta já vira. Podia encontrar gente, admirar muitas luzes, ouvir música e ver com os próprios olhos o carregamento de lindos vestidos e aviamentos que o famoso capitão Butler conseguira fazer passar pelo bloqueio na última viagem.

Sentou-se em um tamborete atrás do balcão da barraca, admirando o extenso salão que, até aquela tarde, fora um feio espaço vazio para treinamento. Como as senhoras deviam ter trabalhado para deixá-lo tão lindo assim! Estava belíssimo. Todos os castiçais e candelabros de Atlanta deviam estar naquele salão, pensou. Candelabros de prata com 12 braços; de porcelana sustentados por grupos de figuras encantadoras; antigos pedestais de bronze, eretos e dignos, cheios de velas de todos os tamanhos e cores, exalando perfume de miricáceas, colocados sobre os suportes de armas ao longo do salão, sobre as compridas mesas enfeitadas de flores, sobre os balcões das barracas e até sobre os peitoris das janelas, onde a brisa quente do verão apenas tinha força para fazê-las tremeluzir.

No centro do salão, o lustre enorme e feio, pendurado no teto por correntes enferrujadas, ganhara outra aparência, enrolado com heras e videiras silvestres que o calor já fazia murchar. As paredes estavam forradas de galhos de pinheiro que exalavam um aroma picante, transformando os cantos do salão em lindos nichos onde as damas de companhia e as senhoras de idade se sentariam. Guirlandas de hera, videira silvestre e salsaparrilha formavam festões pendurados por todo o salão, enfeitando as paredes, acima das janelas e os balcões das barracas de cores vivas. E por toda parte em meio ao verde, em bandeiras e flâmulas, as estrelas da Confederação destacavam-se sobre o fundo vermelho e azul.

O estrado para os músicos recebera um tratamento especialmente artístico e fora todo dissimulado pela folhagem e pelas bandeiras estreladas. Scarlett viu que todas as plantas em vasos existentes na cidade estavam lá: coleus, gerânios, hortênsias, espirradeiras, colocásias — até mesmo as quatro preciosas árvores-da-borracha da sra. Elsing, que haviam recebido posições de honra nos quatro cantos.

Em frente ao palco, na outra extremidade do salão, as senhoras tinham se superado. Naquela parede, uma enorme bandeira encimava os retratos do presidente Davis e do “Little Alec” Stephens, vice-presidente da Confederação, embaixo dos quais, em mesas compridas, distribuía-se o saque dos jardins da cidade: samambaias, montes de rosas vermelhas, amarelas e brancas, orgulhosas bainhas de gladíolos dourados, massas de capuchinhas coloridas, compridas hastes de malva-rosa com flores bordô e creme erguendo-se acima das outras flores. Em meio a tudo isso, velas ardiam serenamente, como em um altar. As duas figuras observavam a cena, dois rostos que não podiam ser mais diferentes em dois homens à frente de uma empreitada tão séria: Davis com as faces descarnadas e os olhos frios de um asceta, cerrando com firmeza os distintos lábios finos; Stephens de ardentes olhos escuros encravados profundamente nas órbitas, em um rosto que só conhecera enfermidades e sofrimento e os vencera com humor e paixão. Dois rostos que eram muito amados.

As senhoras mais velhas do comitê responsável pelo bazar, emproadas como navios de três mastros, vinham farfalhantes apressar as jovens senhoras casadas e as mocinhas retardatárias para que entrassem em suas barracas, e logo saíam para as salas dos fundos onde estavam sendo arrumadas as comidas e bebidas. Tia Pitty ia ofegante atrás delas.

Os músicos subiram ao palco. Negros sorridentes, as bochechas já brilhando de suor, começaram a afinar os violinos, antecipadamente se dando ares de importância. O velho Levi, cocheiro da sra. Merriwether, regente de orquestra de todos os bazares, bailes e casamentos desde a época em que Atlanta se chamava Marthasville, bateu com o arco para pedir atenção. Pouca gente havia chegado, além das senhoras da organização, mas todos os olhos se voltaram para ele. Então, violinos, contrabaixos, acordeões, banjos e ossos prorromperam em uma execução lenta de “Lorena” — arrastada demais para ser dançada. A dança teria início mais tarde, depois de vendidas todas as prendas das barracas. Scarlett sentiu o coração se acelerar com a doce melancolia da valsa que lhe chegava:

“Os anos passam devagar, Lorena!

A neve torna a cobrir a relva,

O sol já descai lá no horizonte, Lorena…”

Um-dois-três, um-dois-três, deslizar — três, virar — dois, três. Que bela valsa! Scarlett estendeu um pouco as mãos, fechou os olhos e balançou o corpo no ritmo melancólico e marcante. Alguma coisa na triste melodia cantando o amor perdido de Lorena juntou-se à sua emoção, deixando-a com um nó na garganta.

Então, como se atraídos pela melodia da valsa, chegaram os sons que subiam da rua escura iluminada pelo luar; o tropel dos cavalos e o rumor das rodas das carruagens, gargalhadas na brisa cálida, e as vozes ásperas dos negros a discutir por um lugar para amarrar os cavalos. Havia confusão nas escadas, um clima alegre e descontraído. O concerto das vozes frescas das moças com as notas graves de seus acompanhantes, exclamações e gritinhos de prazer com que as moças reconheciam os amigos, de quem se haviam separado ainda naquela tarde.

De repente, o salão se animou. Estava repleto de moças, moças que flutuavam em alegres vestidos de borboleta, imensas saias rodadas, debaixo das quais saíam os calções de renda; ombros alvos e infantis à mostra e imperceptíveis indícios de seios aparecendo sob babados de renda; xales de renda displicentemente pendurados nos braços; leques pintados ou salpicados de lantejoulas, leques de plumas de ganso e penas de pavão balançando das fitinhas que os amarravam aos pulsos; moças de cabelos escuros alisados em bandós sobre as orelhas, formando chignons pesados que as levavam a empinar o queixo em uma pose atrevida e altiva; moças com profusões de cachos dourados em volta do pescoço e brincos de pingentes de ouro que dançavam com os cabelos. Rendas e sedas e galões e fitas, tudo passado através do bloqueio e, por isso mesmo, mais precioso, ostentado com mais orgulho como mais uma afronta aos ianques.

Nem todas as flores da cidade estavam arrumadas em homenagem aos líderes da Confederação. As menores e mais perfumadas enfeitavam as moças. Rosas-chá presas atrás de orelhas rosadas, pequenas grinaldas de jasmim-do-cabo e botões de rosa sobre cascatas de cachos laterais, flores modestamente enfiadas em faixas de cetim, flores que, terminada a festa, já estariam guardadas nos bolsos internos dos uniformes cinzentos, como lembranças preciosas.

Eram muitos os uniformes no salão — fardas usadas por conhecidos de Scarlett, homens que ela já vira nos leitos dos hospitais, na rua ou nos campos de

treinamento. Reluziam com os botões dourados, os alamares, os galões dos punhos e das golas; e as listras vermelhas, amarelas e azuis aplicadas nas calças, conforme a categoria do serviço, realçavam o cinza do fundo. Faixas vermelhas e douradas balançavam para lá e para cá, sabres brilhavam e tocavam nas botas lustrosas, esporas tilintavam e tiniam.

Homens tão bonitos, pensou Scarlett, sentindo o coração inchar de orgulho, ao vê-los cumprimentar, acenar aos amigos, curvar-se sobre as mãos das senhoras de idade. Todos de aparência muito jovem, apesar dos vastos bigodes louros e das longas barbas negras e castanhas. Tão belos, tão afoitos, trazendo os braços em tipoias, as cabeças envoltas em ataduras de um branco espantoso em rostos bronzeados de sol. Alguns andavam de muletas. E com que orgulho as moças diminuíam o passo solicitamente para acompanhar o companheiro que mancava. Entre os uniformes, havia um mais colorido ainda que os vestidos alegres das moças, destacando-se como um pássaro tropical — um zuavo da Louisiana, de calções bufantes listrados de azul e branco, polainas creme e jaqueta vermelha justa. O homem lembrava um macaquinho sorridente, com o braço metido em uma tipoia de seda preta. Era René Picard, o pretendente favorito de Maybelle Merriwether. O hospital em peso devia estar presente, pelo menos todos os que tinham condições de andar, e também todos os ferroviários e funcionários dos correios, dos hospitais e do destacamento de provisões, entre Atlanta e Macon. Como as senhoras ficariam felizes! O hospital ia arrecadar rios de dinheiro aquela noite.

Da rua, ouvia-se um rufar de tambores acompanhado de sons de passos e gritos de admiração dos cocheiros. Soou uma corneta e uma voz de baixo gritou o comando de romper formação. Em um instante, a Guarda Estadual e a milícia, com seus uniformes alegres, subiram em tropel, fazendo tremer a escada estreita e entrando no salão. Faziam mesuras, batiam continência, apertavam mãos. Na Guarda Estadual havia meninos orgulhosos de brincar de guerra, prometendo a si mesmos que, no próximo ano, se a guerra durasse até lá, naquela época estariam na Virgínia, e velhos de barbas brancas desejando ser mais jovens, orgulhosos de marchar fardados, vivendo vicariamente a glória dos filhos no front. Na milícia, havia muitos homens de meia-idade e alguns mais idosos, mas entre eles havia um grupo bem numeroso de homens em idade militar que não tinham o porte

confiante dos anciãos nem dos meninos. As pessoas já começavam a perguntar à boca pequena por que eles não estavam lutando ao lado de Lee.

Como entrariam todos no salão? O espaço, que minutos antes parecia imenso, agora estava lotado e abafado, com as emanações de uma noite de verão — fragrâncias de sachê, de água-de-colônia, das pomadas para cabelo e das velas de miricácea unindo-se ao perfume das flores —, e ligeiramente empoeirado, com o movimento de tantos pés no piso do antigo local de treinamento. Era quase impossível ouvir qualquer coisa, tamanho o burburinho e, como se contagiado pela alegria e animação do momento, o velho Levi, batendo energicamente com a batuta, interrompeu a execução de “Lorena” no meio do compasso, e, dando uma guinada para salvar a pele, a orquestra atacou de “Bonnie Blue Flag”, em uma exaltação à bandeira.

Cem vozes entraram em uníssono, externando um grito de alegria. O corneteiro da Guarda Estadual subiu ao palco e aderiu à orquestra tão logo o coro começou. As notas agudas e metálicas de seu instrumento, elevando-se acima das vozes, provocaram arrepios de emoção na plateia.

“Salve! Salve! Viva os Direitos do Sul!

Salve a Linda Bandeira Azul

Com sua estrela solitária!”

Quando se iniciava a segunda estrofe, Scarlett, que cantava com o coro, ouviu elevar-se às suas costas uma voz suave de soprano, límpida, cristalina e emocionante como as notas da corneta. Ao voltar-se, viu Melly com as mãos no peito e lágrimas lhe escorrendo dos olhos fechados. Terminada a música, Melly lhe sorriu de um jeito estranho, fazendo com a boca um pequeno trejeito à guisa de pedido de desculpas enquanto secava as lágrimas com o lenço.

— Estou tão feliz — murmurou — e tão orgulhosa dos soldados que não consigo conter as lágrimas.

Em seus olhos, um brilho intenso, quase fanático, iluminou por um momento o rostinho sem graça, embelezando-o.

Aquele mesmo olhar estava no rosto de todas as mulheres ao terminar a canção. Lágrimas de orgulho nas faces, viçosas ou enrugadas, sorrisos nos lábios, um brilho profundo nos olhos quando elas se voltavam para seus homens, fosse o namorado, o filho ou o marido. Estavam lindas, todas elas, transfiguradas

pela beleza ofuscante que transformava até a mulher mais feia ao retribuir mil vezes mais o amor que recebia quando se sabia protegida e amada.

Elas amavam seus homens, acreditavam e confiavam neles até o último suspiro. Que desastre poderia atingir mulheres assim quando aqueles homens formavam uma resistente linha cinzenta entre elas e os ianques? Algum dia teria havido homens como eles, tão heroicos, tão destemidos, tão galantes e tão ternos? O que se poderia esperar de uma Causa tão justa e tão correta como a que defendiam senão uma vitória esmagadora? Uma Causa a que elas dedicavam o mesmo amor que dedicavam a seus homens. A que serviam de corpo e alma. Uma Causa que era o centro de suas conversas, de seus pensamentos, de seus sonhos. Uma Causa pela qual, se preciso fosse, sacrificariam aqueles homens, suportando-lhes a perda com o mesmo orgulho com que eles empunhavam as bandeiras no campo de batalha.

A dedicação e o orgulho atingiam o ponto culminante em seus corações, a Confederação atingia o ponto culminante, pois a vitória final era iminente. Os triunfos de Stonewall Jackson no Vale e a derrota dos ianques na Batalha dos Sete Dias, nos arredores de Richmond, demonstravam claramente isso. Como poderia ser de outra forma, com líderes do quilate de Lee e Jackson? Mais outra vitória, e os ianques estariam de joelhos clamando por paz. Os vitoriosos voltariam para ser recebidos com beijos e alegria. Mais uma vitória, e a guerra terminaria!

Certamente, havia lugares vazios, bebês que jamais conheceriam os pais, sepulturas sem identificação à beira de riachos isolados na Virgínia e nas montanhas silenciosas do Tennessee, mas seria esse um preço alto demais a pagar por uma Causa como aquela? A seda para as senhoras, o chá e o açúcar escasseavam, mas isso era ridículo. Ademais, os que furavam o bloqueio conseguiam obter tudo aquilo nas barbas dos ianques, o que tornava seu uso muito mais emocionante. Em breve Raphael Semmes e a Marinha Confederada iriam cuidar daquelas canhoneiras ianques e os portos seriam reabertos. E a Inglaterra, cujas fábricas estavam paradas por falta do algodão do Sul, viria ajudar a Confederação a vencer a guerra. Naturalmente, a aristocracia britânica simpatizava com os igualmente aristocratas da Confederação, contra uma raça de argentários como os ianques.

Então as mulheres farfalhavam suas sedas e riam, olhando para seus homens com os corações transbordando de orgulho. Sabiam que, diante do perigo e da morte, o amor se tornava muito mais doce, pois vinha acompanhado de uma estranha volúpia.

Quando Scarlett viu a multidão, sentiu o coração disparar pelo prazer incomum de participar de uma festa. Mas, ao ver o olhar inflamado das pessoas à sua volta, a alegria foi se esvaindo. Cada mulher ali presente demonstrava um ardor que ela não entendia. Sentindo-se confusa e deprimida, começou a já não achar o salão tão lindo, nem as moças tão elegantes. E o calor intenso da devoção à Causa que ainda brilhava em todas as fisionomias lhe pareceu… ora, simplesmente bobo!

Em um rasgo de lucidez que a deixou boquiaberta, percebeu que não sentia o orgulho feroz daquelas mulheres, nem o desejo de fazer qualquer sacrifício pela Causa. Antes de ficar horrorizada e dizer a si mesma: “Não… não! Não posso pensar essas coisas! É errado… é pecado”, se deu conta de que a Causa não significava nada para ela e que estava farta de ouvir todos falarem daquele assunto com um olhar fanático. A Causa não lhe parecia sagrada. Nem a guerra lhe parecia uma questão sagrada. Antes, via-a como um incômodo que matava os homens estupidamente, custava dinheiro e tornava difícil a obtenção de artigos de luxo. Viu que estava farta de tricotar sem cessar, de viver enrolando ataduras e desfiando tecidos, o que lhe endurecia as cutículas das unhas. E não aguentava mais o hospital! Estava cansada e enjoada dos cheiros nauseabundos da gangrena, de ouvir gemidos que não tinham fim, apavorada com a expressão que a morte iminente estampava nos rostos descarnados.

Scarlett olhou furtivamente em volta, receando que alguém pudesse ler com clareza em seu rosto os pensamentos blasfemos e traiçoeiros que lhe passavam pela cabeça. Por que não conseguia se sentir como aquelas outras mulheres? Elas eram sinceras em sua dedicação à Causa. Sentiam, de fato, tudo que demonstravam. E se alguém desconfiasse que ela… Não, ninguém jamais devia saber! Ela devia continuar fingindo um entusiasmo e um orgulho pela Causa que não conseguia sentir, representando seu papel de viúva de um oficial confederado. Aquela que suportava bravamente sua dor, que tinha o coração

enterrado com o marido, cuja morte não importava, se contribuíra para o triunfo da Causa.

Por que ela era tão diferente, tão distante daquelas mulheres amorosas? Jamais poderia amar alguém ou alguma coisa com tamanha abnegação. Isso dava a Scarlett uma sensação de solidão… e ela nunca se sentira só, nem física nem emocionalmente. De início, tentou sufocar esses pensamentos, mas a honestidade, que era um traço fundamental do seu caráter, não o permitiu. E, enquanto o bazar prosseguia, e ela e Melanie atendiam os clientes na barraca, sua cabeça trabalhava, tentando se desculpar — coisa que sempre lhe era fácil.

As outras mulheres eram simplesmente tolas e histéricas com aquela conversa de patriotismo e da Causa. Os homens não ficavam atrás, falando de questões vitais e de Direitos dos Estados. Só ela, Scarlett O'Hara Hamilton, tinha o pragmatismo dos irlandeses. Não ia fazer papel de boba defendendo a Causa, nem confessando seus verdadeiros sentimentos. Tinha cabeça suficiente para ser pragmática a respeito da situação, e ninguém jamais saberia quais eram seus sentimentos. Que surpresa os presentes teriam se soubessem o que ela estava realmente pensando. Que choque seria se de repente subisse ao palco e declarasse achar que a guerra devia terminar, para todo mundo poder ir para casa cuidar do seu algodão e para voltar a haver festas, namorados e vestidos verdes aos montes.

Essa autojustificação levantou seu ânimo por um momento, mas ela continuou olhando o salão contrariada. A barraca das McLures era discreta, como dissera a sra. Merriwether. Passavam-se longos intervalos sem que aparecesse vivalma naquele canto, e Scarlett não tinha mais o que fazer senão olhar com inveja para a multidão alegre. Melanie percebeu seu mau humor, mas, atribuindo-o às saudades de Charles, não tentou puxar conversa. Ocupou-se em dispor os artigos expostos de uma forma mais atraente, enquanto Scarlett continuava sentada, olhando emburrada ao redor do salão. Até a profusão de flores embaixo dos retratos do sr. Davis e do sr. Stephens desagradava-a.

Parece um altar, pensou, desdenhando. *E, pelo jeito como são reverenciados por todos, parecem o Pai e o Filho!* Em seguida, assustada com a própria irreverência, começou a se benzer apressadamente à guisa de pedido de desculpas, mas logo se conteve.

Bem, é verdade, argumentou com a própria consciência. *São reverenciados como santos por todo mundo quando não passam de homens, e bem fei*os, aliás.

Lógico, o sr. Stephens, tendo passado a vida doente, não podia evitar ter aquele aspecto, mas o sr. Davis… e ela examinou o seu rosto altivo de camafeu. Era o cavanhaque que a incomodava. Os homens só deviam ter o rosto glabro, usar bigode ou barba completa.

Essa barbicha parece ter sido tudo que ele conseguiu reunir, pensou, sem enxergar naquele rosto a inteligência fria e sólida que estava carregando o peso de uma nova nação.

Não, agora ela não se sentia feliz, embora pouco tempo atrás se sentisse radiante com o prazer de estar no meio de gente. No momento, não se contentava em estar presente. Estava ali, mas sem participar do bazar. Ninguém lhe prestava atenção, e ela era a única jovem não comprometida naquele salão que não tinha quem lhe fizesse a corte. E a vida inteira fora o centro das atenções. Não era justo. Tinha 17 anos, e seus pés estavam indóceis no chão, querendo saltitar e dançar. Tinha 17 anos, um marido no cemitério de Oakland e um filhinho no berço, na casa da tia Pittypat. Todos achavam que devia estar satisfeita com a sua sorte. Tinha o colo mais alvo, a cintura mais fina e os pés mais miúdos que qualquer moça ali presente. Mas, se fosse depender desses atributos, tanto fazia ela estar enterrada ao lado de Charles, tendo por epitáfio os dizeres: “Esposa amada”.

Não era nem uma menina a quem se permitia dançar e flertar, nem uma esposa capaz de passar a festa sentada com outras esposas criticando as meninas que dançavam e flertavam. E nem tinha idade para ser viúva. As viúvas deviam ser velhas, tão velhas que não quisessem dançar nem flertar nem ser admiradas. Ah, não era justo ela ter que ficar ali comportada, posando de modelo da dignidade da viuvez, quando tinha apenas 17 anos. Não era justo ter que falar baixo e sem levantar os olhos quando algum homem — inclusive os atraentes — visitava a sua barraca.

Cada moça em Atlanta tinha três rapazes interessados nela. Até as mais feias se portavam como beldades — e o pior era que vinham com vestidos lindíssimos!

E ela ali sentada toda de preto feito uma gralha, com aquele vestido quente de tafetá e mangas compridas abotoado até o pescoço, sem sequer uma renda ou viés, sem joia nenhuma a não ser o triste broche de ônix de Ellen, vendo aquelas lambisgoias penduradas nos braços de homens lindos. Tudo porque Charles Hamilton teve sarampo. Não teve sequer a consideração de morrer uma morte honrosa no campo de batalha que lhe desse motivo de gabar-se dele.

Revoltada, apoiou os cotovelos no balcão e ficou olhando o movimento, desdenhando das recomendações de Mammy contra aquela posição que deixaria seus cotovelos feios e enrugados. E se ficassem? Ela provavelmente nunca mais teria oportunidade de mostrá-los. Observava de olho comprido os vestidos que passavam: chamalote amarelo-manteiga com guirlandas de botões de rosa; cetim cor-de-rosa com 18 babados debruados de veludo preto; tafetá azul-bebê com dez metros de roda na saia e cascatas de rendas vaporosas; colos à mostra; flores sedutoras. Maybelle Merriwether, de braço dado com o zuavo, encaminhava-se para a barraca vizinha com uma tarlatana verde-maçã tão rodada que deixava sua cintura um fio. Era coberta de babados de renda de chantilly creme trazida de Charleston na última violação do bloqueio, e a expressão de atrevimento com que Maybelle o ostentava dava a impressão de que ela, e não o famoso capitão Butler, fora quem a fizera passar pelo bloqueio.

Como eu ficaria linda nesse vestido, Scarlett disse a si mesma, roendo-se de inveja. *A cintura dela é grossa como a de uma vaca. Esse verde é exatamente a minha cor, e deixaria os meus olhos… Por que as louras tentam usar esse tom? Ficam esverdeadas feito queijo velho. E pensar que nunca mais vou usar essa cor, nem quando sair do luto. Não, nem se eu conseguir me casar de novo. Aí vou ter que usar tons sem graça de cinza, de bege e* de lilás.

E pensou um pouco sobre a injustiça de tudo. Como era curto o tempo para as diversões, os vestidos bonitos, os bailes e a faceirice! Poucos anos apenas, pouquíssimos. Depois a pessoa se casava e usava vestidos de tons apagados, tinha filhos que a deixavam de cintura grossa e, nos bailes, ficava sentada em um canto com outras senhoras casadas sóbrias, só levantando para dançar com o marido e com velhos que lhe pisavam nos pés. Se não se comportasse assim, as outras senhoras casadas começariam a falar dela, e ganharia má fama e envergonharia a família. Era uma tremenda perda de tempo passar a meninice

aprendendo a ser atraente e a conquistar os homens e só ter um ou dois anos para usar esse conhecimento. Quando recordava seu treinamento nas mãos de Ellen e de Mammy, via que tinha sido completo, pelos resultados obtidos. Havia regras estabelecidas que coroavam de sucesso os esforços de quem as seguia.

Com as senhoras de idade, devia-se ser doce e ingênua, aparentando ser o mais simplória possível, pois elas tinham perspicácia e eram verdadeiras gatas ciumentas, prontas a atacá-la à menor indiscrição da língua ou do olhar. Com os velhos, devia ser atrevida, maliciosa e quase, mas não propriamente, sedutora, estimulando assim a vaidade dos tolos. Isso os fazia sentirem-se endiabrados e jovens. Beliscariam sua bochecha e a chamariam de atrevida. E, naturalmente, sempre se devia corar nessas ocasiões, do contrário eles a beliscavam com mais prazer do que era conveniente e iam dizer aos filhos que você era assanhada.

Com as meninas e as jovens casadas, era preciso se derramar em gentilezas, beijando-as sempre que as via, mesmo se fossem dez vezes por dia. Abraçava-as pela cintura e suportava que fizessem o mesmo de volta, por mais que as detestasse. Admirava os vestidos e os bebês delas indiscriminadamente e fazia piadinhas sobre namorados, elogiava os maridos, ria com recato e negava ter algum encanto que se comparasse aos delas. Sobretudo, nunca dizia o que pensava de fato sobre assunto algum, tal como elas faziam. Dos maridos alheios, nunca se chegava perto, mesmo se fossem ex-namorados seus, por mais tentadores que fossem. Sendo muito simpática com os maridos, ganharia das esposas fama de assanhada e não arranjaria nenhum namorado. Mas com os jovens solteiros — ah, aí era diferente! Podia-se dar uma risadinha para eles e, quando eles viessem voando saber o motivo da risadinha, se recusava a contar e ria mais ainda para que eles continuassem ao seu lado, tentando descobrir. Podia prometer, com os olhos, uma infinidade de coisas excitantes para que o homem desse um jeito de encontrá-la a sós. E, quando conseguisse, podia se mostrar muitíssimo ofendida na hora em que ele tentasse beijá-la, fazê-lo desculpar-se pela cachorrada e perdoá-lo de um jeitinho tão doce que ele não a deixaria enquanto não a beijasse de novo. De vez em quando, mas não sempre, podia deixá-lo beijá-la, sim. (Ellen e Mammy não tinham lhe ensinado isso, mas ela viu que funcionava.) Depois chorava dizendo não saber o que lhe dera na cabeça e que ele nunca mais a respeitaria. Então, ele tinha que secar as suas lágrimas e,

em geral, a pedia em casamento, para mostrar o grau do respeito que tinha. E havia ainda — ah, havia muitos truques para se usar com os solteiros, e ela conhecia todos: a nuance do olhar de soslaio, o meio sorriso por trás do leque, o requebrar dos quadris para fazer as saias balançarem como um sino, as lágrimas, as gargalhadas, as lisonjas, a doce empatia. Ah, todos os truques que eram sempre infalíveis — menos com Ashley.

Não, não era certo aprender essas manhas todas, usá-las por tão pouco tempo e depois deixá-las de lado para sempre. Que maravilha seria não casar nunca e continuar sendo linda, usando vestidos verde-claros, eternamente cortejada por homens bonitos. Mas, se deixasse passar muito tempo, acabava-se solteirona como India Wilkes, a quem todos se referiam com um "coitadinha" pejorativo. Não, afinal de contas, o melhor era se casar e se dar ao respeito mesmo se nunca mais se divertisse.

Ah, como a vida era complicada! Por que tinha sido idiota de escolher logo Charles como marido e ver a vida se encerrar aos 16 anos?

Seu devaneio indignado e sem esperança foi quebrado quando a multidão começou a se chegar para as paredes, as senhoras mantendo cuidadosamente no lugar as saias armadas para, caso se encostassem por descuido, não deixá-las subir e revelar dos calções mais do que ficava bem. Pondo-se na ponta dos pés, Scarlett viu o capitão da milícia subir ao tablado da orquestra, gritar uma ordem, e metade da Companhia formar-se em fila. Durante alguns minutos, os soldados executaram uma vigorosa coreografia que lhes fez brotar o suor na testa e arrancou vivas e aplausos da plateia. Scarlett aplaudiu obedientemente com os demais e, quando os soldados se adiantaram em direção às barracas de ponche e refrigerantes, após terem sido dispensados, sentiu que já estava na hora de fazer seu teatro em relação à Causa.

— Estavam lindos, não? — observou.

Melanie continuava arrumando os artigos de tricô expostos no balcão.

— Muitos ficariam bem mais bonitos se usassem o uniforme cinza e estivessem na Virgínia — respondeu, sem se dar ao trabalho de baixar a voz.

Várias mães que se orgulhavam do posto dos filhos na milícia e se encontravam por perto ouviram o comentário. A sra. Guinan ficou rubra e, em seguida, lívida, pois seu Willie, de 25 anos, pertencia à companhia.

Scarlett chocou-se com aquelas palavras, ditas por uma pessoa como Melly.

— Ora, Melly!

— Você sabe que é verdade, Scarlett. Não me refiro aos meninos nem aos velhos. Mas muita gente na milícia é perfeitamente capaz de pegar um rifle, que é o que deviam estar fazendo agora.

— Mas… mas… — começou Scarlett, que nunca pensara no assunto antes. — Alguém tem que ficar para… — O que mesmo lhe dissera Willie Guinan à guisa de desculpa por estar em Atlanta? — Alguém tem que ficar para proteger o estado da invasão.

— Ninguém está invadindo, nem vai invadir — disse Melly friamente, olhando para um grupo da milícia. — E a melhor maneira de impedir uma invasão é ir para a Virgínia e vencer os ianques lá. Quanto a essa conversa de que a milícia fica aqui para impedir um levante dos negros… ora, é a maior bobagem que já ouvi na vida. Por que a nossa gente devia se revoltar? Essa é só uma boa desculpa para os covardes. Aposto que, em um mês, poderíamos dar uma surra nos ianques se as milícias de todos os estados fossem para a Virgínia. É isso!

— Ora, Melly! — tornou a exclamar Scarlett, perplexa.

Os meigos olhos escuros de Melly brilhavam furiosos.

— Nem o meu marido nem o seu tiveram medo de ir. E prefiro ver os dois mortos a vê-los em casa… Ah, querida, me desculpe. Que falta de consideração e que crueldade a minha!

Afagou com simpatia o braço de Scarlett, que continuava olhando arregalada para ela. Mas não era no falecido Charles que pensava. Era em Ashley. Imagine se ele também morresse! Virou-se depressa, sorrindo automaticamente para o dr. Meade, que se encaminhava para a barraca.

— Bem, meninas — disse, cumprimentando-as. — Foi simpático da parte de vocês terem vindo. Sei que sacrifício devem ter feito para isso. Mas é tudo pela Causa. E vou lhes contar um segredo. Imaginei um jeito de angariar mais fundos para o hospital hoje, mas acho que pode escandalizar algumas das senhoras. — Fez uma pausa, rindo ao puxar o cavanhaque grisalho.

— Ah, qual é? Conte!

— Pensando bem, acho que vou deixá-las tentando adivinhar. Só que precisarão me defender se os paroquianos quiserem me expulsar da cidade por causa disso. Mas é para o hospital. Vão ver. Nunca se fez nada igual antes.

Ele saiu todo pomposo em direção a um grupo de acompanhantes e, justo quando as duas moças começavam a discutir o que seria, apareceram dois homens mais velhos anunciando em alto e bom som que queriam dez metros de *frivolité*. Bem, afinal mais valiam dois velhos que homem nenhum, pensou Scarlett, medindo a *frivolité* e submetendo-se recatadamente a ser afagada no queixo. Os velhos assanhados encaminharam-se para a barraca dos refrescos, sendo substituídos por outros no balcão. Na barraca delas não havia tanto movimento quanto nas outras, onde soava a gargalhada melodiosa de Maybelle Merriwether acompanhada das risadinhas de Fanny Elsing e das respostas espirituosas das meninas Whiting. Melly vendia aos homens inutilidades incríveis com a fleuma de uma balconista, e Scarlett pautava sua conduta pela dela.

Havia movimento em frente a todas as outras barracas a não ser a delas, com moças tagarelando e homens comprando. Os poucos compradores que as procuravam contavam que tinham sido colegas de Ashley na universidade, elogiando-o como soldado, ou falavam respeitosamente de Charles, enfatizando a grande perda que sua morte representara para Atlanta.

Então a orquestra começou a tocar os acordes animados de “Johnny Booker, he’p dis Nigger!”, e Scarlett achou que fosse gritar. Queria dançar. Queria dançar. Sem tirar os olhos do salão, marcava o compasso com o pé. Seus olhos verdes brilhavam com tamanha avidez que quase fuzilavam. Do outro lado do salão, um homem recém-chegado, parado no vão da porta, as viu. Espantando-se ao reconhecê-las, começou a observar com atenção os olhos oblíquos naquele rosto mal-humorado e revoltado. Então sorriu para si mesmo ao identificar o olhar convidativo que qualquer homem reconheceria.

Todo de preto, era um homem bem mais alto que os oficiais à sua volta. De ombros largos e cintura fina, tinha os pés absurdamente pequenos calçados em sapatos lustrosos. Seu traje preto severo, com camisa finamente pregueada e calças elegantemente presas por baixo das gáspeas altas, fazia um contraste estranho com o físico e o rosto. Eram roupas de dândi em um corpo atlético

dotado de uma graça indolente potencialmente perigosa. Os cabelos eram negros como azeviche, e o bigode também negro era pequeno e aparado rente, o que lhe dava um aspecto quase estrangeiro ao lado dos bigodes arrojados e caídos dos oficiais de cavalaria ali presentes. Aparentava ser, e era, um homem de apetites sensuais descarados. Seu ar de absoluta segurança transmitia uma insolência desagradável, e foi com um brilho malicioso que seus olhos atrevidos fitaram Scarlett até fazê-la olhar para ele.

Em sua mente, algo lhe disse que o conhecia, mas na hora não conseguiu recordar quem fosse. Como era o primeiro homem que, depois de tantos meses, demonstrava algum interesse por ela, sorriu bem disposta para ele. Inclinou levemente a cabeça, respondendo à mesura que ele lhe fez. Mas quando ele se endireitou e foi ao seu encontro, com um andar singularmente ágil de índio, Scarlett tapou a boca com a mão, horrorizada, pois viu quem ele era.

Atordoada, ficou petrificada enquanto ele atravessava o salão. Virou-se precipitadamente, querendo fugir para as salas das comidas e bebidas, mas sua saia se prendeu em um prego da barraca. Puxando-a furiosamente, rasgou-a, mas ele já estava ao seu lado.

— Com licença — disse ao abaixar-se e soltar o babado. — Eu não esperava que me reconhecesse, srta. O’Hara.

Era agradável ao ouvido, aquela voz bem modulada de cavalheiro, com o sotaque e a sonoridade arrastada de Charleston.

Ruborizada ao se lembrar, cheia de vergonha, do último encontro, olhou-o com uma expressão de súplica, deparando-se com os olhos mais negros que já vira divertindo-se sem piedade. De todas as pessoas no mundo, tinha que encontrar ali logo aquela criatura terrível que presenciara aquela cena com Ashley e ainda lhe dava pesadelos. Um miserável que acabava com a reputação das moças e não era recebido pelas pessoas de bem. Aquele homem desprezível que dissera, e com razão, que ela não era uma dama. Ao som da voz dele, Melanie se virou e, pela primeira vez na vida, Scarlett deu graças a Deus pela existência da cunhada.

— Ora… é… é o sr. Rhett Butler, não é? — disse Melanie com um sorrisinho, estendendo a mão. — Eu o conheci…

— No ditoso dia do anúncio do seu noivado — completou ele, curvando-se para beijar-lhe a mão. — É muito gentil por lembrar-se de mim.

— E o que faz aqui tão longe de Charleston, sr. Butler?

— Uma tediosa questão de negócios, sra. Wilkes. De agora em diante, estarei sempre por aqui, indo e voltando. Além de trazer mercadorias, tenho que tratar da distribuição delas.

— Trazer… — começou Melly, franzindo o cenho, para logo abrir um sorriso radiante. — Ora… então deve ser o famoso capitão Butler de quem tanto ouvimos falar agora… que fura o bloqueio. Todas as moças aqui estão usando vestidos que vieram no seu navio. Scarlett, você não está vibrando… o que foi, querida? Está se sentindo mal? Sente-se.

Scarlett deixou-se cair no tamborete, tão ofegante que receou arrebentar o espartilho. Que horror! Nunca imaginou voltar a encontrar aquele homem. Ele apanhou seu leque preto em cima do balcão e começou a abaná-la solicitamente, solícito demais, com o rosto sério, mas os olhos ainda se divertindo.

— Está muito quente aqui — comentou. — Não admira que a srta. O'Hara se sinta mal. Posso levá-la até uma janela?

— Não — disse Scarlett, com tanta grosseria que Melly se espantou.

— Ela não é mais a srta. O'Hara — informou Melly. — É a sra. Hamilton. Agora é minha irmã — completou, lançando à cunhada um de seus pequenos olhares carinhosos. Scarlett sentiu que ia sufocar ao ver a expressão no rosto bronzeado de pirata do capitão Butler.

— Tenho certeza de que as duas encantadoras senhoras lucraram muito com isso — disse ele, fazendo uma pequena mesura.

Era o tipo de comentário que todos os homens faziam, mas que, partindo dele, parecia significar exatamente o contrário.

— Seus maridos estão aqui hoje, presumo, nesta ocasião festiva? Seria um prazer estreitar relações.

— Meu marido está na Virgínia — respondeu Melly, erguendo a cabeça com orgulho. — Mas Charles… — Sua voz se embargou.

— Morreu no campo — disse Scarlett com indiferença. Quase com grosseria. Aquela criatura não iria embora? Melly olhou para ela admirada, e o capitão fez um gesto de autocensura.

— Minhas caras senhoras… como pude! Me perdoem. Permitam a um estranho lhes oferecer o consolo de dizer que morrer pela pátria é viver para sempre.

Melanie sorriu-lhe através das lágrimas, porém Scarlett sentia a raiva e o ódio impotente lhe corroerem as entranhas. De novo ele fizera um comentário simpático, como qualquer cavalheiro faria naquelas circunstâncias, mas sem a mínima sinceridade. Zombava dela. Sabia que ela não amara Charles. E Melly era idiota a ponto de não ver o que ele tinha em mente. *Ai, meu Deus, não deixe ninguém ver o que está na mente dele*, pensou apavorada. Ele contaria o que sabia? Não era um cavalheiro, e nunca se sabia o que os homens assim seriam capazes de fazer. Não havia um padrão pelo qual julgá-los. Scarlett olhou para ele e viu que os cantos de sua boca estavam curvados para baixo, com uma expressão zombeteira de simpatia, enquanto abanava o leque. Alguma coisa em seu olhar repugnou-a e ela reagiu, arrancando-lhe bruscamente o leque da mão.

— Estou muito bem — afirmou, com azedume. — Não precisa despentear o meu cabelo.

— Scarlett, querida! Capitão Butler, o senhor precisa perdoá-la. Ela… fica alterada sempre que se fala no nome do pobre do Charlie… e talvez, afinal de contas, não devêssemos ter vindo aqui hoje. Ainda estamos de luto, como vê, e é muita tensão para ela… essa alegria toda, essa música, coitadinha.

— Entendo perfeitamente — disse ele com uma seriedade forçada, mas ao voltar-se para Melanie lançou-lhe um olhar investigativo até o fundo de seus olhos meigos e preocupados e mudou de expressão. Em seu rosto moreno estampava-se um respeito relutante e carinhoso. — Acho que a senhora é uma pessoinha corajosa, sra. Wilkes.

Nem uma palavra a meu respeito!, pensou Scarlett, indignada, enquanto Melly, sorrindo confusa, respondia:

— Ah, não, capitão Butler! O comitê hospitalar precisou de nós na última hora para essa barraca… Uma capa de almofada? Aqui está uma linda com uma bandeira aplicada.

Melanie voltou-se para três oficiais da cavalaria que apareceram no balcão. Por um momento, pensou em quanto o capitão Butler era simpático. Depois, desejou que houvesse algo mais substancial que gaze entre sua saia e a

escarradeira colocada bem em frente à barraca, pois a pontaria dos oficiais com os jatos amarelos de fumo não era tão certeira quanto a que tinham com as pistolas. Então chegaram mais clientes e ela esqueceu o capitão, Scarlett e as escarradeiras.

Scarlett abanava-se sentada em silêncio no banco, sem ousar erguer os olhos, desejando que o capitão voltasse para o navio, onde era o seu lugar.

— Seu marido morreu faz muito tempo?

— Ah, faz. Quase um ano.

— Um éon, garanto.

Scarlett não sabia bem o que era um éon, mas, como o tom implicante da voz dele não enganava, ficou quieta.

— Esteve casada muito tempo? Perdoe minha curiosidade, mas andei fora desta região por um longo período.

— Dois meses — respondeu Scarlett a contragosto.

— Uma tragédia, no mínimo — prosseguiu com desenvoltura.

Ah, vá para o inferno, pensou ela, agressiva. *Se fosse qualquer outro homem, eu poderia simplesmente ignorar e despachá-lo. Mas ele sabe do Ashley e sabe que eu não amava o Charlie. Estou de mãos atadas.* Ficou quieta, ainda olhando para o leque.

— E esta é sua primeira aparição na sociedade?

— Sei que parece bastante estranho — explicou ela rapidamente. — Mas as meninas McLures que eram encarregadas desta barraca foram chamadas às pressas e, como não havia mais ninguém livre, Melanie e eu…

— Nenhum sacrifício é grande demais para a Causa.

Fora o que dissera a sra. Elsing, só que, partindo dela, a frase soou diferente. Scarlett conteve as palavras irritadas que lhe chegavam aos lábios. Afinal de contas, não era pela Causa que se encontrava ali, mas sim por estar farta de ficar em casa.

— Sempre achei — disse ele, pensativo — que o sistema de luto que obriga as viúvas a se vestirem de crepe pelo resto da vida e lhes proíbe qualquer distração normal é tão bárbaro quanto o *sati* dos hindus.

— *Seti*?

Ele riu, e ela corou com a própria ignorância. Odiava pessoas que usavam palavras que não conhecia.

— Na Índia, quando um homem morre, seu corpo é cremado e não sepultado. E sua mulher sempre sobe na pira funerária para ser cremada com ele.

— Que horror! Por que fazem isso? A polícia não faz nada para impedir?

— Claro que não. Uma viúva que não acompanhasse o marido na pira ficaria à margem da sociedade. Seria falada por todas as dignas senhoras hindus pelo comportamento desclassificado… exatamente como aquelas dignas senhoras ali no canto falariam de você se a vissem toda de vermelho puxando as pessoas para dançar um *reel*. Na minha opinião, o *sati* é muito mais misericordioso que nosso simpático costume sulista que obriga as viúvas a se enterrarem vivas.

— Como ousa dizer que estou enterrada viva?

— Como as mulheres se aferram às correntes que as prendem! Acha bárbaro o costume hindu, mas teria coragem de aparecer aqui hoje à noite se a Confederação não a tivesse requisitado?

Raciocínios daquele tipo sempre a confundiam. Os dele mais ainda, porque tinha uma vaga ideia de que eram verdadeiros. Mas agora estava na hora de esmagá-lo.

— Claro que não teria vindo. Teria sido… bem, desrespeitoso com… dando a impressão de que eu não amo…

Cínicos e divertidos, os olhos dele aguardavam suas palavras, e ela não conseguiu prosseguir. Ele sabia que ela não amara Charles e não a deixaria fingir os sentimentos convencionais esperados dela. Como era terrível ser obrigada a lidar com um homem que não era um cavalheiro. Um cavalheiro sempre demonstrava acreditar em uma senhora, mesmo sabendo que ela mentia. Era o cavalheirismo sulista. Um cavalheiro sempre obedecia as regras e dizia as palavras certas, facilitando a vida das senhoras. Mas, pelo visto, aquele homem não dava a mínima para regras e gostava de falar de assuntos em que ninguém tocava.

— Estou aguardando com a respiração suspensa.

— O senhor é um horror — disse ela, desarmada, baixando os olhos.

Debruçando-se sobre o balcão até quase encostar a boca no ouvido de Scarlett, ele sibilou imitando os vilões que raramente se apresentavam no palco do

Athenaeum:

— Não tenha medo, bela dama! Guardarei só para mim o segredo que lhe pesa na consciência!

— Ah — murmurou ela febrilmente —, como pode dizer uma coisa dessas?!

— Só pensei em tranquilizá-la. O que queria que eu dissesse? “Seja minha, bela mulher, ou revelarei tudo”?

Scarlett cruzou a contragosto os olhos com os dele, onde reconheceu uma expressão implicante de menino. Achou graça. Afinal, a situação era ridícula, e ele riu também, mas tão alto que muitas das acompanhantes reunidas no canto da sala olharam em sua direção. Vendo como a viúva de Charles Hamilton parecia se divertir com um estranho, juntaram as cabeças, criticando.

Os tambores rufaram. Várias vozes gritaram “shhh” enquanto o dr. Meade subia ao palco e estendia os braços, pedindo silêncio.

— Devemos todos agradecer às senhoras encantadoras cujos incansáveis esforços patrióticos, além de tornarem este bazar um sucesso em termos financeiros — começou ele —, transformaram este espaço tosco em um recanto aprazível, em um jardim adequado aos encantadores botões de rosa que vejo à minha volta.

Todos aplaudiram.

— As senhoras se empenharam ao máximo, não poupando não só o seu tempo, mas também suas mãos. Os lindos artigos à venda nas barracas tornam-se ainda mais lindos por terem sido confeccionados pelas mãos delicadas de nossas encantadoras sulistas.

Houve mais exclamações de aprovação. Rhett Butler, negligentemente encostado na barraca de Scarlett, comentou baixinho:

— Que bode empolado, não é mesmo?

Estarrecida com aquele atentado contra a dignidade do cidadão mais amado de Atlanta, Scarlett o fitou com um ar de censura. Mas o médico de fato lembrava um bode com aquela barbicha grisalha balançando enquanto falava. E foi a custo que ela conteve uma risada.

— Mas não basta isso. As bondosas senhoras do Comitê Hospitalar, que têm acariciado com mãos tranquilas muitas frontes doloridas e resgatado das garras

da morte nossos bravos guerreiros feridos na mais nobre de todas as causas, conhecem as nossas necessidades. Não vou enumerá-las. Precisamos de mais recursos para importar suprimentos médicos da Inglaterra, e temos hoje aqui conosco o intrépido capitão que há um ano vem furando o bloqueio e tornará a fazê-lo para nos trazer os medicamentos de que precisamos. O capitão Rhett Butler!

Mesmo pego desprevenido, o capitão fez uma garbosa mesura — exagerada, na opinião de Scarlett, procurando analisá-la. Era como se tivesse carregado no gesto em função do tamanho do desprezo que todos ali lhe inspiravam. Foi ruidosamente aplaudido enquanto se curvava, e as senhoras no canto da sala espicharam o pescoço. Então era com aquele que a viúva do pobre do Charles Hamilton estava se engraçando! E mal fazia um ano que Charlie tinha morrido!

— Precisamos de mais ouro e é o que venho lhes pedir — prosseguiu o médico. — Sei que é um sacrifício, mas é tão pequeno que chega a ser ridículo diante do que nossos bravos guerreiros estão fazendo no front. Senhoras, quero suas joias. Sou eu que as quero? Não, é a Confederação, a Confederação as pede e sei que ninguém recusará. Como brilha uma gema em um lindo pulso! Como reluzem os broches de ouro nos colos de nossas patrióticas mulheres! Mas o sacrifício é muito mais belo que todo o ouro e todas as gemas da terra. O ouro será fundido. As pedras serão vendidas e o dinheiro apurado será usado para comprar medicamentos e outros suprimentos médicos. Senhoras, dois de nossos bravos feridos passarão com as cestas e… — Mas o resto do discurso se perdeu em meio à tempestade de aplausos e vivas da plateia.

O primeiro pensamento que ocorreu a Scarlett foi o de profunda gratidão pelo luto que a impedia de usar seus preciosos brincos e a pesada corrente de ouro que pertencera à avó Robillard, além das pulseiras de ouro e esmalte negro e do broche de granada. Viu o pequeno zuavo trazendo no braço que não fora ferido uma pequena cesta e recolhendo as doações daquele seu lado da sala. As mulheres, jovens e velhas, rindo afobadas, arrancavam as pulseiras, gritavam fingindo dor ao puxarem os brincos das orelhas, ajudando-se umas às outras a abrir os fechos dos colares e a soltar os broches do peito. Um leve ruído de tilintar de metais pontuava as exclamações: “Espere… Espere! Já abri, pronto!” Maybelle Merriwether tirava as lindas pulseiras gêmeas do braço e do antebraço.

Fanny Elsing gritava “Mamãe, posso?” e tirava do cabelo o adereço de pérolas de água doce montadas em ouro maciço que estava na família havia várias gerações. Cada doação que entrava na cesta era acompanhada de aplausos e vivas.

O homenzinho sorridente já se aproximava da barraca com a cesta pesando no braço quando nela foi atirada displicentemente uma elegante cigarreira de ouro, na hora em que ele passava por Rhett Butler. Ao chegar perto de Scarlett, ele pousou a cesta no balcão. Ela balançou a cabeça e abriu os braços para mostrar que não tinha o que dar. Era constrangedor ser a única a não contribuir. Então viu brilhar sua larga aliança de ouro.

Por um momento confuso, tentou lembrar-se do rosto de Charles — seu semblante enquanto lhe enfiava o anel no dedo. Mas a lembrança foi apagada pela irritação que a memória dele sempre lhe provocava. Charles — por causa dele sua vida tinha terminado e ela era uma velha.

Com um movimento decidido, puxou a aliança, que agarrou no dedo. O zuavo já se dirigia para Melanie.

— Espere! — gritou Scarlett. — Tenho uma coisa para o senhor! — A aliança saiu, e ela já ia jogá-la na cesta cheia de correntes, relógios, anéis, alfinetes e pulseiras quando viu o olhar de Rhett Butler, que tinha nos lábios um leve sorriso. Em um gesto de desafio, atirou a aliança na cesta.

— Ah, minha querida! — murmurou Melly, agarrando seu braço, os olhos brilhando de amor e orgulho. — Você é muito corajosa! Espere… por favor, espere, tenente Picard! Eu também tenho uma coisa para lhe dar!

E ela tentou tirar a própria aliança, que jamais saíra do seu dedo desde que Ashley a colocara. Melhor que ninguém, Scarlett sabia o que significava para ela, que acabou por tirá-la, apertando-a por um breve instante na palma da mão miúda, antes de depositá-la delicadamente na cesta. As duas acompanharam com o olhar o zuavo, que se encaminhava para o grupo de senhoras idosas no canto da sala — Scarlett com um ar desafiador, Melanie com uma expressão que inspirava mais pena do que se estivesse em lágrimas. E a atitude de ambas não passou despercebida ao homem em pé ao lado delas.

— Se você não tivesse tido a coragem de fazer isso, eu nunca teria — disse Melly, passando o braço em volta de sua cintura e apertando-a com delicadeza.

Por um instante, Scarlett quis desvencilhar-se dela gritando “Valha-me Deus!” com todas as forças dos pulmões, como Gerald, quando estava irritado, mas vendo que Rhett Buttler continuava a observá-la conseguiu dar um sorriso azedo. Irritava-lhe a maneira equivocada com que Melly sempre interpretava seus gestos, mas talvez fosse melhor assim do que se ela suspeitasse da verdade.

— Que belo gesto! — elogiou Rhett Butler baixinho. — São sacrifícios como os seus que animam nossos bravos rapazes de cinza.

Foi com dificuldade que ela conteve as palavras irritadas que lhe vieram aos lábios. Em tudo o que ele dizia, Scarlett percebia um tom zombeteiro. Detestava-o com todas as forças, ao vê-lo ali apoiado na barraca. Mas ele transmitia uma energia estimulante, uma força vital e eletrizante. Todo o lado irlandês dela reagiu ao desafio daqueles olhos negros. Decidiu que ia fazê-lo descer do pedestal. Exasperava-a a vantagem que o conhecimento do seu segredo dava a ele. Precisava anulá-la, colocando-o em uma posição inferior. Conteve-se para não lhe dizer exatamente o que pensava dele. Não era com vinagre que se apanhava mosca, Mammy sempre dizia, e ela ia apanhar e subjugar aquele inseto para nunca mais estar à sua mercê.

— Obrigada — respondeu com doçura, fingindo não ter entendido a alfinetada. — Um elogio desses, partindo de um homem tão famoso como o capitão Rhett Butler, tem valor.

Jogando a cabeça para trás, ele gargalhou sem constrangimento… ganiu, foi o que Scarlett pensou, furiosa, tornando a corar.

— Por que não diz o que de fato pensa? — perguntou ele, baixando a voz para que, no alvoroço da coleta, só ela o ouvisse. — Por que não diz que sou um patife desclassificado e que devo me retirar ou você manda um desses galantes rapazes fardados de cinza vir me expulsar?

Ela tinha a resposta azeda na ponta da língua, mas conseguiu, por um esforço heroico, dizer apenas:

— Ora, capitão Butler! Como se alguém não soubesse como é famoso e corajoso e… que…

— Estou desapontado com você — disse ele.

— Desapontado?

— Sim. Naquele nosso interessante primeiro encontro, eu disse a mim mesmo que afinal tinha conhecido uma moça que, além de bonita, era corajosa. E agora vejo que é só bonita.

— Está querendo me chamar de covarde? — Arrepiou-se como uma galinha.

— Exatamente. Não tem coragem de dizer o que de fato pensa. Quando a conheci, pensei: é uma moça que nem em um milhão se encontra igual. Não é feito essas outras bobocas que acreditam e põem em prática tudo o que as mães lhes dizem, não importa o que sintam. E escondem os sentimentos e os desejos e os pequenos desgostos amorosos por trás de um monte de palavras doces. Pensei: a srta. O'Hara é uma moça de rara energia. Sabe o que quer e não tem papas na língua… nem se importa de quebrar vasos.

— Ah — disse ela, explodindo de raiva. — Então vou dizer o que penso agora mesmo. Se tivesse um pingo de educação, o capitão nunca teria vindo aqui falar comigo. Saberia que eu não queria vê-lo nunca mais! Mas o senhor não é um cavalheiro! Não passa de uma criatura desagradável e mal educada! E, porque seus naviozinhos podres podem escapar dos ianques, julga-se no direito de vir aqui zombar de homens corajosos e mulheres que estão sacrificando tudo pela Causa…

— Pare, pare… — implorou ele, sorrindo. — Você começou muito bem e disse o que pensava, mas não me venha falar da Causa. Estou farto de ouvir isso e aposto que também está…

— Ora, como… — começou ela, desconcertada, e logo se controlou, furiosa consigo mesma por ter caído na armadilha dele.

— Eu já a observava da porta antes que me visse — confessou ele. — E observava as outras moças. Todas tinham um rosto que parecia ter saído de um molde único. O seu não. O seu é transparente. Você não estava com a cabeça na sua barraca e garanto que não pensava na Causa nem no hospital. Tinha estampado no rosto que queria dançar e se divertir e não podia. Diga a verdade. Não tenho razão?

— Não tenho mais nada a lhe dizer, capitão Butler — cortou ela, da maneira mais formal que pôde, tentando juntar os trapos de sua dignidade. — Seu convencimento por ser o "grande furador de bloqueios" não lhe dá o direito de insultar as mulheres.

— O grande furador de bloqueios! Isso é uma piada. Peço que me dê só mais um minutinho do seu precioso tempo antes de me banir. Eu não gostaria de deixar uma patriotazinha tão encantadora equivocada quanto à minha contribuição à Causa Confederada.

— Não me interessam as suas bravatas.

— Considero o bloqueio um negócio que está me dando lucro. Quando não der mais, caio fora. O que acha disso?

— Que você é um patife mercenário, igualzinho aos ianques.

— Exatamente — disse ele, rindo. — E os ianques me ajudam a ganhar meu dinheiro. Mês passado mesmo, entrei com meu navio no porto de Nova York e peguei um carregamento.

— O quê?! — exclamou Scarlett, interessada e empolgada, a contragosto. — E não o bombardearam?

— Minha pobre inocente! Claro que não. Há montes de grandes patriotas da União que não se opõem a ganhar dinheiro vendendo mercadorias à Confederação. Entro com meu navio em Nova York, compro de firmas ianques, secretamente, é claro, e vou-me embora. Quando fica meio perigoso me abastecer ali, vou para Nassau, para onde os mesmos patriotas levaram pólvora, munição e saias de crinolina para mim. É mais conveniente do que ir à Inglaterra. Às vezes é meio complicado entrar em Charleston ou Wilmington, mas você ficaria admirada se soubesse o que se consegue com um pouco de ouro.

— Ah, eu sabia que os ianques eram abjetos, mas não sabia que…

— Por que reclamar do fato de os ianques ganharem um dinheiro honesto vendendo a União? Daqui a cem anos, isso não terá a menor importância. Vai dar no mesmo. E, como sabem que a Confederação acabará sendo derrotada, por que não podem faturar com isso?

— Derrotados, nós?

— Claro.

— Queira fazer o favor de me deixar… ou vou ter de chamar minha carruagem e ir para casa para me livrar de você?

— Uma rebeldezinha irritadiça — disse ele, com outro sorriso repentino.

Fez uma mesura e saiu todo fagueiro, deixando-a revoltada e indignada, o coração aos pulos. Ela não conseguia analisar a decepção que sentia. Era a reação de uma criança que via suas ilusões se desfazerem. Como ousava ele desencantar os bloqueadores?! E como ousava dizer que a Confederação seria derrotada?! Devia ser fuzilado por isso… como traidor. Ao ver os rostos conhecidos no salão, tão certos da vitória, tão corajosos, tão dedicados, sentiu um calafrio e um aperto no coração. Derrotada? Aquela gente, ora, claro que não! Era uma ideia absurda, até desleal.

— Sobre o que estavam cochichando? — perguntou Melanie quando seus clientes se afastaram. — Não pude deixar de ver que a sra. Merriwether não tirava os olhos de vocês, querida, e você sabe como ela é faladeira.

— Ah, esse sujeito é insuportável… é um cafajeste sem educação — disse Scarlett. — E, quanto à sra. Merriwether, que fale à vontade. Estou farta de agir feito uma pateta só para ajudá-la.

— Scarlett! — exclamou Melanie, escandalizada.

— Shhh — disse Scarlett. — O dr. Meade vai fazer outro anúncio.

A plateia silenciou quando o médico elevou a voz, primeiro para agradecer às senhoras que de tão bom grado doaram suas joias.

— E agora, senhoras e senhores, vou propor uma surpresa, uma novidade que talvez choque alguns, mas peço que lembrem que tudo é para ajudar o hospital e os nossos rapazes no front.

Todos se aproximaram, curiosos, tentando imaginar o que o tranquilo doutor poderia propor de tão chocante.

— A dança já vai começar, e o primeiro número será, naturalmente, um *reel* seguido de uma valsa. Depois virão as polcas, as chotiças, as mazurcas, precedidas de *reels* curtos. Sei que há rivalidade para se conduzir um *reel* e… — O médico enxugou a testa, lançando um olhar interrogativo à esposa, que estava sentada com as acompanhantes. — Cavalheiros, se desejarem dançar um *reel* com a dama de sua escolha, precisarão dar lances por ela. Eu serei o leiloeiro, e o montante arrecadado irá para o hospital.

O movimento dos leques se interrompeu de chofre e correu um ti-ti-ti pelo salão. Havia uma comoção no canto das acompanhantes, onde a sra. Meade, ansiosa para apoiar o marido na proposta que reprovava categoricamente, estava

em desvantagem. A sra. Elsing, a sra. Merriwether e a sra. Whiting coraram de indignação. Mas de repente a Guarda Estadual deu um viva, ao qual logo aderiu toda a plateia fardada. Animadas, as moças batiam palmas, aos pulos.

— Não acha que isso está… está parecendo um leilão de escravos? — murmurou Melanie, fitando indecisa o aguerrido médico, que até então considerava perfeito.

Scarlett não disse nada. Seus olhos brilhavam, e sentiu um aperto no coração. Se ao menos não fosse viúva… Se voltasse a ser Scarlett O'Hara e estivesse no salão de dança, com um vestido verde-maçã, fitas de veludo verde-escuro pendendo do corpete e angélicas no cabelo, conduziria aquele *reel*. Sim, sem dúvida! Haveria dezenas de homens em disputa por ela, fazendo lances ao médico. Ah, ser obrigada a ficar ali tomando chá de cadeira a contragosto e ver Fanny e Maybelle dançarem o primeiro *reel* como a moça mais bela de Atlanta!

Acima da balbúrdia, ouviu-se a voz do pequeno zuavo com aquele forte sotaque creole:

— Se me permite, vinte dólares pela a srta. Maybelle Merriwether.

Ruborizada, Maybelle encostou a cabeça no ombro de Fanny, e as duas ficaram rindo, escondendo o rosto uma na outra, enquanto outras vozes davam lances por outras pessoas. O dr. Meade começara a sorrir de novo, sem fazer caso dos comentários indignados vindos do canto onde estava o Comitê Hospitalar das Senhoras.

A sra. Merriwether já tinha declarado de início, em alto e bom som, que sua Maybelle jamais participaria de um leilão daqueles, mas ao ouvir os lances pela filha, que já estavam em 75 dólares, moderou os protestos. Scarlett, com os cotovelos apoiados no balcão, só faltava fuzilar com os olhos a multidão sorridente que se aproximava do palco com as mãos cheias de notas de dinheiro da Confederação.

Agora, iam todas dançar — menos ela e as velhas. Todo mundo ia se divertir, menos ela. Viu Rhett Butler perto do médico e, antes que ela conseguisse mudar a expressão do rosto, ele a viu. Contraiu o canto da boca para baixo e ergueu uma sobrancelha. Ela empinou o queixo e deu-lhe as costas. Nesse momento, ouviu seu nome ser chamado em uma voz com o inconfundível sotaque de Charleston sobrepujando o burburinho dos outros lances.

— Sra. Charles Hamilton… cento e cinquenta dólares… em ouro.

À menção da quantia e do nome, fez-se silêncio na sala. Scarlett ficou petrificada. Continuou sentada com o queixo apoiado nas mãos, os olhos arregalados de espanto. Todos se voltaram para ela. Viu o médico debruçado no palco falando qualquer coisa a Rhett Butler. Provavelmente, dizia que ela estava de luto e impossibilitada de apresentar-se no salão. Viu Rhett Butler dar de ombros morosamente.

— Talvez uma outra das nossas beldades — sugeriu o médico.

— Não — objetou Rhett claramente, correndo os olhos displicentemente pela plateia. — A sra. Hamilton.

— Estou lhe dizendo que é impossível — contrapôs o médico, irritado. — A sra. Hamilton não…

Scarlett ouviu uma voz que, em um primeiro momento, não reconheceu como sua.

— Sim, eu danço!

Levantou-se de um pulo, o coração tão acelerado que receou não conseguir se sustentar em pé, vibrando por voltar a ser o centro das atenções, a mais desejada de todas as moças presentes e, mais ainda, pela perspectiva de voltar a dançar.

Não me importo! Não me importo nem um pouco com o que vão dizer!, pensou, eufórica. Levantou a cabeça e saiu depressa da barraca, abrindo o leque de seda em um gesto decidido e batendo os saltos do sapato como castanholas. De relance, viu a expressão incrédula de Melanie, o olhar das acompanhantes, as moças petulantes e a aprovação entusiasmada dos soldados.

Logo estava no salão vendo Rhett Butler se aproximar com aquele sorrisinho sarcástico através da plateia. Mas não queria nem saber — mesmo se ele fosse o próprio Abe Lincoln! Ia dançar de novo! Ia dançar o *reel*. Cumprimentou-o com um pequeno movimento de cabeça e um sorriso deslumbrante, e ele se inclinou, levando a mão ao peito. Levi, horrorizado, foi rápido em acobertar a situação e gritou:

— Escolham os seus par pro *reel* da Virgínia!

E a orquestra entrou com os acordes do mais lindo de todos os *reels*, “Dixie”.

— Como se atreve a me fazer chamar tanta atenção, capitão Butler?

— Mas, minha cara sra. Hamilton, seu desejo de chamar atenção estava nítido!

— Como pôde chamar meu nome na frente de todo mundo?

— Você podia ter recusado.

— Mas… eu devo isso à Causa… eu… eu não podia pensar em mim quando você oferecia uma quantia tão grande em ouro. Pare de rir, todo mundo está nos olhando.

— Vão nos olhar de qualquer jeito. Não venha com essa conversa sobre a Causa para cima de mim. Você queria dançar e eu lhe dei a oportunidade. Esta marcha é a última figura do *re*el, não é?

— É… preciso parar agora e me sentar, de verdade.

— Por quê? Pisei no seu pé?

— Não… mas todo mundo vai falar de mim.

— E, lá no fundo do coração, você se importa?

— Bem…

— Não está cometendo nenhum crime, está? Por que não dançar a valsa comigo?

— Mas se mamãe algum dia…

— Ainda está presa à barra da saia da mãe.

— Ah, você tem um jeito horrível de fazer as virtudes parecerem uma bobagem.

— Mas as virtudes são uma bobagem. Você se importa se as pessoas comentam?

— Não… mas… bem, não vamos falar nisso. Ainda bem que a valsa está começando. Os *reels* sempre me deixam sem ar.

— Não fuja das minhas perguntas. Algum dia se importou com o que as outras mulheres falam?

— Ah, se vai me colocar contra a parede… não! Mas as moças devem se importar. Só que agora eu não estou me importando.

— Parabéns! Está começando a pensar por si mesma em vez de deixar que pensem por você. É o começo da sabedoria.

— Ah, mas…

— Quando for tão falada quanto eu ando sendo, vai ver que não tem a menor importância. Imagine só: em Charleston, não sou recebido na casa de ninguém. Nem mesmo a minha contribuição para a nossa justa e santa Causa me tira do ostracismo.

— Que horror!

— De jeito nenhum. Antes de perder a reputação, não nos damos conta do fardo que é, nem entendemos o que realmente significa ser livre.

— O que você diz é escandaloso.

— Mas verdadeiro. Tendo coragem… ou dinheiro… passamos sem reputação.

— Dinheiro não compra tudo.

— Alguém deve lhe ter dito isso. Você nunca conceberia um chavão desses sozinha. O que o dinheiro não compra?

— Ah, bem, não sei… não compra felicidade nem amor, afinal de contas.

— Em geral, compra. E, quando não é possível, compra alguns dos mais extraordinários substitutos.

— E o senhor tem tanto dinheiro assim, capitão Butler?

— Que pergunta grosseira, sra. Hamilton. Estou surpreso. Mas tenho. Para quem ficou sem um tostão depois de ter sido deserdado no início da juventude, eu me saí muito bem. E tenho certeza de que vou ganhar um milhão com o bloqueio.

— Ah, não!

— Ah, sim! A maioria das pessoas não se dá conta de que se ganha tanto dinheiro com os destroços de uma civilização quanto com a construção de uma nova.

— E o que significa isso?

— A sua família e a minha e todos os presentes aqui hoje ganharam dinheiro transformando um deserto em uma civilização. Isso é construir um império. Construir um império dá um bom dinheiro. Mas destruir dá mais.

— De que império está falando?

— Do império onde vivemos… o Sul… a Confederação… O Reino do Algodão… tudo isso está desmoronando bem debaixo dos nossos pés. Só os mais tolos não enxergam a realidade e não tiram partido dela. Estou ganhando uma fortuna com os destroços.

— Então acha mesmo que vamos ser derrotados?

— Sim. Por que vamos fazer papel de avestruz?

— Nossa, discutir esses assuntos me mata de tédio. Nunca fala de coisas bonitas, capitão Butler?

— Ficaria satisfeita se eu dissesse que seus olhos são dois aquários cheios até a borda de água esmeralda, de uma transparência ímpar, e que, quando os peixes sobem à tona, como estão subindo agora, você adquire um encanto diabólico?

— Ah, não gostei… A música não está maravilhosa? Eu poderia passar a vida valsando! Não sabia que sentia tanta falta disso.

— Você é a mais linda dançarina que já tive nos braços.

— Capitão Butler, não me aperte tanto. Está todo mundo olhando.

— Se ninguém visse, você se importaria?

— Capitão Butler, você está perdendo a cabeça.

— De jeito nenhum. Como poderia, com você em meus braços?… Que música é essa? Não é nova?

— É. Não é divina? É uma coisa que pegamos dos ianques.

— Como se chama?

— “When This Cruel War Is Over”.

— Como é a letra? Cante para mim.

— “Meu amor, lembra-se do nosso último encontro?

“Quando me disse quanto me amava,

“Ajoelhado aos meus pés?

“Ah, com que orgulho prometia

“Todo fardado de cinza

“Ser fiel à pátria e a mim?

“Hoje choro e só desejo

“Que tornemos a nos encontrar

“Quando a guerra terminar!”

“Obviamente, era ‘fardado de azul’, mas mudamos para ‘cinza’. Ah, o senhor dança a valsa muito bem, capitão Butler, ao contrário da maioria dos homens importantes. E pensar que vou passar anos e anos sem tornar a dançar.”

— Serão apenas alguns minutos. Vou fazer outro lance por você para o próximo *reel*… e os seguintes.

— Ah, não. Eu não poderia nem deveria. Minha reputação vai ficar destruída.

— Já está em frangalhos, então o que importa mais outra dança? Talvez depois de umas cinco ou seis eu dê uma chance aos outros rapazes, mas tenho que ficar com a última.

— Ah, está bem. Sei que sou louca, mas não me importo. Não me importo a mínima com o que dizem. Estou farta de ficar em casa. Vou dançar e dançar…

— E parar de se vestir de preto? Odeio o crepe de luto.

— Ah, eu não poderia tirar o luto… Capitão Butler, pare de me apertar assim. Vou ficar uma fera se não parar.

— E fica linda quando está uma fera. Vou tornar a apertá-la… pronto… só para ver se vai mesmo ficar uma fera. Não faz ideia do quanto estava linda naquele dia em Twelve Oaks quando estava uma fera, atirando coisas.

— Ah, por favor, não vai esquecer isso?

— Não, é uma das minhas lembranças mais preciosas. Uma beldade sulista bem-educada com seu sangue irlandês… Você é bem irlandesa, como sabe.

— Puxa vida, a música acabou e lá vem a tia Pittypat saindo da sala dos fundos. Sei que a sra. Merriwether deve ter contado tudo a ela. Ah, pelo amor de Deus, vamos ali para a janela. Não quero que ela me pegue agora. Está com os olhos parecendo uns pires de tão arregalados.

Capítulo 10

No dia seguinte, na mesa do café da manhã, Pittypat choramingava, Melanie estava muda e Scarlett, desafiadora.

— Não me importo se falarem. Aposto que fiz mais dinheiro para o hospital do que qualquer outra moça ali… mais que com a venda daquelas bugigangas velhas da nossa barraca.

— Ah, minha querida, que importa o dinheiro? — gemeu Pittipat, torcendo as mãos. — Eu não conseguia acreditar nos meus olhos. E mal faz um ano que o Charlie faleceu… E aquele abominável capitão Butler deixando você tão em evidência! Ele não presta, Scarlett. A sra. Coleman, prima da sra. Whiting, me contou ter sabido pelo marido chegado de Charleston que ele é a ovelha negra de uma ótima família. Ah, como um Butler pôde ter gerado uma coisa como ele? Não é recebido por ninguém em Charleston e tem péssima reputação. Teve uma história envolvendo uma moça… uma coisa tão feia que a sra. Coleman nem sabia o que era…

— Ah, não posso acreditar que ele seja tão ruim assim — interveio Melly com delicadeza. — Deu a impressão de ser um perfeito cavalheiro, e quando pensamos na coragem de que se precisa ter para furar o bloqueio…

— Ele não é corajoso — contestou Scarlett, maldosa, derramando meio pote de calda sobre seus waffles. — Só faz isso pelo dinheiro, contou-me. Não dá a mínima para a Confederação e diz que vamos ser derrotados. Mas dança divinamente!

Suas interlocutoras perderam a fala, de tão horrorizadas.

— Cansei de ficar em casa, e não vou continuar com esta vida. Se fui tão falada ontem à noite, minha reputação já está perdida, e não vai mudar nada se continuarem falando de mim.

Não lhe ocorreu que aquele era o raciocínio de Rhett Butler, e tão bem se aplicava ao que ela estava pensando.

— Mas o que sua mãe vai dizer quando souber? O que vai pensar de mim?

Scarlett sentiu um peso na consciência ao imaginar a consternação de Ellen se algum dia ficasse sabendo da conduta escandalosa da filha. Mas aliviou-se pensando nos quarenta quilômetros entre Atlanta e Tara. A sra. Pitty certamente não contaria a Ellen, porque ficaria com uma imagem péssima como acompanhante. E, se não contasse, Scarlett estava salva.

— Acho — disse Pitty —, sim, acho melhor eu escrever uma carta ao Henry sobre isso… por mais que me custe… mas ele é o único homem da família. Vou dizer que ele tem que chamar a atenção do capitão Butler… Ah, querida, se o Charlie estivesse vivo… Você nunca mais deve tornar a falar com esse homem, Scarlett.

Melanie ouvia calada, as mãos no colo, os waffles esfriando no prato. Levantou-se e colocou-se atrás de Scarlett, envolvendo-lhe o pescoço com os braços.

— Querida, não se aflija. Eu entendo o seu gesto de ontem. Foi muito corajoso e vai ajudar o hospital imensamente. Se alguém se atrever a falar qualquer coisa de você, vai ter que se haver comigo… Tia Pitty, não chore. Está sendo difícil para Scarlett viver presa em casa. Ela é uma criança. — Seus dedos brincavam no cabelo negro de Scarlett. — E quem sabe não estaríamos em uma situação melhor se fôssemos a uma ou outra festa de vez em quando? Talvez tenha sido muito egoísmo da nossa parte ficar aqui trancadas com a nossa dor. Os tempos de guerra são diferentes. Quando penso nos soldados aqui na cidade que estão longe de casa, sem nenhum conhecido para visitar à noite, e nos que estão convalescendo nos hospitais, sem condições de voltar ao front… Temos sido muito egoístas. Devíamos ter pelo menos três convalescentes agora aqui em casa, como as outras pessoas, e convidar alguns soldados para virem jantar conosco aos domingos. Pronto, Scarlett, não se torture. As pessoas não vão falar quando compreenderem. Sabemos que você amava o Charlie.

Scarlett estava longe de se torturar, mas as mãos macias de Melanie em seus cabelos lhe davam nos nervos. Queria fazer um movimento brusco para se desvencilhar delas e mandá-la plantar batata, pois ainda se deleitava com a lembrança dos rapazes da festa brigando para ser seu par. Melly era a última pessoa no mundo que ela queria como defensora. Podia defender-se sozinha,

muito obrigada, e se as cobras velhas queriam criar caso — bem, podia passar sem elas. Havia oficiais simpáticos de sobra no mundo para ela ter que se incomodar com o que as velhas falavam.

Pittypat enxugava os olhos, emocionada com as palavras confortadoras de Melanie, quando Prissy entrou trazendo uma carta volumosa.

— Pr'ocê, sinhá Melly. Foi um criolinho qui trazeu.

— Para mim? — espantou-se Melly, perguntando-se de quem seria, ao rasgar o envelope.

Scarlett, entretida com os waffles, não viu a cena e só foi notar alguma coisa quando ouviu Melly desatar a chorar. Erguendo os olhos, viu tia Pittypat levar a mão ao coração.

— Ashley morreu! — gritou a senhora, jogando a cabeça para trás e deixando os braços penderem.

— Ah! Meu Deus! — exclamou Scarlett, sentindo o sangue gelar.

— Não! Não! — gritou Melanie. — Depressa! Os sais para ela cheirar, Scarlett! Pronto, querida, melhorou? Respire fundo. Não, não é Ashley. Sinto muito por ter-lhe dado um susto. Chorei foi de felicidade. — E abriu a mão, levando aos lábios o pequeno objeto que ali se achava. — Estou muito feliz! — E tornou a se debulhar em lágrimas.

Scarlett olhou de relance e viu que era um grosso anel de ouro.

— Leia — disse Melly, apontando para a carta no chão. — Ah, como ele é delicado, como é gentil!

Scarlett, perplexa, pegou a folha única da carta, onde uma letra firme escrevera com tinta preta: "A Confederação pode precisar da força vital de seus homens, mas ainda não exigiu de suas mulheres os símbolos que lhes dão força. Aceite, prezada senhora, esta prova do meu respeito por sua coragem, e não pense que seu sacrifício foi em vão. Esta aliança foi resgatada por dez vezes o seu valor. Capitão Rhett Butler."

Melanie enfiou o anel no dedo, olhando-o enternecida.

— Eu não disse que ele era um cavalheiro? — reiterou, virando-se para a tia, com o sorriso alegre umedecido pelas lágrimas. — Só um cavalheiro requintado e atencioso teria notado como me doeu o coração separar-me da… Vou mandar

minha corrente de ouro no lugar. Tia Pittypat, precisa lhe escrever um bilhete convidando-o a vir jantar no domingo para eu poder agradecer-lhe.

No alvoroço, nenhuma das duas pareceu reparar que o capitão Butler não havia devolvido a aliança de Scarlett. Mas ela percebeu, irritada. Sabia que aquele gesto tão galante não resultava de requinte do capitão Butler. Ele pretendia ser convidado à casa de Pittypat e usou um artifício que tinha certeza de ser infalível para isso.

"Fiquei muito aflita ao tomar conhecimento de sua conduta recente", dizia a carta de Ellen, que Scarlett lia à mesa. Ela franziu o cenho. As notícias ruins de fato voavam. Ouvira dizer em Savannah e em Charleston que, de todo o Sul, as pessoas de Atlanta eram as que mais falavam da vida alheia, e agora acreditava nisso. O bazar se realizara na segunda-feira à noite, e era só quinta-feira. Qual das cobras velhas se encarregara de escrever a Ellen? Primeiro, desconfiou de Pittypat, mas logo abandonou essa ideia. A pobre Pittypat tremia de medo de ser responsabilizada pela conduta ousada de Scarlett e seria a última a informar a Ellen que se saíra mal no papel de acompanhante. Provavelmente tinha sido a sra. Merriwether.

"Custo a acreditar que você tenha se esquecido da educação que lhe demos. Não mencionarei a inconveniência que é aparecer em público estando de luto, levando em conta seu grande desejo de ajudar o hospital. Mas dançar, e com um homem como o capitão Butler! Tenho ouvido falar muito nele (e quem não tem?). Pauline contou-me, na carta de semana passada, que ele tem péssima fama e não é recebido em Charleston sequer pela própria família, exceto, obviamente, pela inconsolável mãe. É um sujeito desclassificado que se aproveitaria da sua pouca idade e da sua inocência para colocá-la em evidência, desmoralizando publicamente a você e a toda a sua família. Como pôde a srta. Pittypat ter sido tão relapsa com você?"

Scarlett olhou para a tia, à sua frente na mesa, que reconhecera a letra de Ellen. Ela contraía a boquinha gorda com uma expressão assustada, como uma criança que recorria às lágrimas com medo da repreensão.

"É muito triste pensar que pôde tão depressa esquecer-se de sua criação. Minha vontade era mandar que voltasse imediatamente para casa, mas deixarei

essa decisão a critério de seu pai. Ele estará em Atlanta na sexta-feira para falar com o capitão Butler e acompanhá-la até em casa. Receio que será severo com você, apesar dos meus pedidos. Espero que esse seu comportamento atirado não passe de infantilidade e leviandade. Ninguém mais do que eu deseja servir à Causa, e espero que minhas filhas tenham o mesmo sentimento, mas desonrar…"

Havia mais recriminações no mesmo tom, mas Scarlett não terminou de ler. Pela primeira vez, estava apavorada, sem a rebeldia e a impulsividade de sempre. Experimentava a mesma culpa infantil que sentia quando tinha dez anos e jogava um biscoito em Suellen do outro lado da mesa. E pensar nas palavras duras de sua mãe, sempre tão doce, e na conversa que seu pai teria com o capitão Butler… Começava a se dar conta de que a situação era séria. Gerald seria severo. Não daria para ela ir sentar-se toda espevitada e carinhosa em seu colo para escapar do castigo.

— Não… não são notícias ruins? — perguntou Pittypat, a voz trêmula.

— Papai chega amanhã e vai cair em cima de mim para valer — respondeu Scarlett, consternada.

— Prissy, traga os meus sais — pediu Pittypat, ofegante, afastando a cadeira da mesa, onde deixara o prato pela metade.

— Tão no bolso da sua saia — disse Prissy, apreciando o grande drama posicionada atrás de Scarlett. O sr. Gerald de mau humor era sempre emocionante, desde que não tivesse como alvo o pixaim da sua cabeça. Pitty catou o vidrinho de sais no bolso e o levou às narinas.

— Vocês todas têm que ficar do meu lado, sem me deixar um minuto sozinha com ele — exclamou Scarlett. — Como ele gosta muito das duas, se estiverem junto ele não pode brigar comigo.

— Eu não posso — disse Pittypat, sem forças, levantando-se. — Estou me sentindo mal. Preciso ir deitar. Passarei o dia todo de cama amanhã. Peço que me desculpem com ele.

Covarde!, pensou Scarlett, fuzilando-a com os olhos.

Melly, apesar de lívida e apavorada com a perspectiva de enfrentar o violento sr. O'Hara, ofereceu-se para a defesa.

— Eu… eu ajudo você a explicar que fez aquilo pelo hospital. Com certeza ele vai entender.

— Não vai, não — retrucou Scarlett. — Ah, eu vou morrer se tiver que voltar para Tara em desgraça, como mamãe está ameaçando!

— Ah, você não pode voltar para casa — gritou Pittypat, debulhando-se em lágrimas. — Se voltasse, eu seria obrigada… sim, obrigada a pedir ao Henry que viesse morar conosco, e você sabe que não consigo conviver com ele. Fico muito nervosa sozinha com Melly em casa à noite, sabendo que a cidade está cheia de estranhos. E você é tão corajosa que não me importo de não ter um homem aqui!

— Ele não pode levar você para Tara! — exclamou Melly, dando a impressão de que também já iria começar a chorar. — Agora a sua casa é aqui. O que vamos fazer sem você?

Se soubessem a minha opinião sobre vocês, ficariam felizes de se verem livres de mim, pensou Scarlett com azedume, desejando que houvesse alguém além de Melly para ajudá-la a enfrentar a ira de Gerald. Revoltava-a ser defendida por uma pessoa com quem antipatizava tanto.

— Talvez seja melhor retirar o convite que fizemos ao capitão Butler — começou Pittypat.

— Ah, de jeito nenhum! Seria o cúmulo da grosseria! — reagiu Melly, angustiada.

— Levem-me para a cama. Vou passar mal — gemeu Pittypat. — Ah, Scarlett, como pôde me colocar nesta situação?

Pittypat estava de cama, doente, quando Gerald chegou na tarde seguinte. Do quarto, com a porta fechada, transmitiu-lhe suas desculpas, deixando às duas moças apavoradas o papel de presidir à mesa da ceia. Gerald estava ameaçadoramente calado, embora tivesse beijado Scarlett e beliscado elogiosamente a bochecha de Melanie, chamando-a de “prima Melly”. Scarlett teria preferido mil vezes ouvir pragas e acusações. Fiel à sua promessa, Melanie grudou-se em Scarlett como uma sombra, fazendo com que o cavalheirismo de Gerald o impedisse de descompor a filha na sua presença. Scarlett foi obrigada a admitir que Melanie lidava muito bem com a situação, agindo como se não houvesse nada de anormal e até conseguindo fazer Gerald conversar com ela durante a ceia.

— Quero saber tudo sobre o condado — disse com um sorriso radiante para ele. — India e Honey quase não me escrevem, e sei que o senhor está a par de tudo que acontece por lá. Conte como foi o casamento de Joe Fontaine.

Gerald, amolecido pela lisonja, contou que havia sido um casamento discreto — nada parecido com o delas —, pois Joe tinha uma licença de apenas poucos dias. Sally, a caçula dos Munroes, estava muito bonitinha. Não conseguia descrever o vestido de noiva, mas tinha ouvido dizer que ela não teve o do "dia seguinte".

— Não teve?! — exclamaram as moças, escandalizadas.

— Não, porque ela não teve um "dia seguinte" — explicou Gerald com uma sonora gargalhada, antes de lembrar que talvez aquele tipo de comentário não fosse adequado aos ouvidos femininos. Scarlett animou-se com a gargalhada do pai, bendizendo o tato de Melanie. — Joe teve que voltar para a Virgínia no dia seguinte — acrescentou Gerald apressadamente. — Não houve as visitas de praxe nem os bailes depois do casamento. Os gêmeos Tarletons estão em casa.

— Nós soubemos. Já se restabeleceram?

— Não tiveram ferimentos graves. Stuart foi ferido no joelho e uma bala Minié atravessou o ombro de Brent. Souberam também que foram citados por bravura em vários despachos?

— Não! Então conte!

— Loucos, os dois. Acho que devem ter sangue irlandês — disse Gerald com complacência. — Já me esqueci do que fizeram, mas Brent foi promovido a tenente.

Scarlett gostou de saber das façanhas dos irmãos, sentindo-se dona deles. Sentia-se dona de todos os namorados que já tivera, e tudo o que faziam de bom contribuía para valorizá-la.

— E tenho novidades que vão interessar às duas — disse Gerald. — Dizem que Stu está de novo fazendo a corte em Twelve Oaks.

— A Honey ou a India? — indagou Melly, animada, enquanto Scarlett arregalava os olhos, indignada.

— Ah, a srta. India, com certeza. Não era a namorada dele até essa minha assanhadinha piscar o olho para ele?

— Ah — disse Melly, um tanto embaraçada diante da franqueza de Gerald.

— E ainda o jovem Brent deu agora para aparecer em Tara.

Scarlett ficou sem fala. A defecção de seus dois namorados era quase um insulto. Especialmente quando se lembrava da reação que tiveram quando lhes anunciou que se casaria com Charles. Stuart até ameaçara dar um tiro em Charles, ou em Scarlett, ou em si mesmo, ou nos três. Fora muito emocionante.

— Suellen? — perguntou Melly, sorrindo de alegria. — Mas pensei que o sr. Kennedy…

— Ah, esse? — disse Gerald. — Frank Kennedy não sai de cima do muro. Tem medo da própria sombra. Em breve vou ter que perguntar quais são as intenções dele, se não se declarar. Assim não dá, é a minha filha.

— Carreen?

— Não passa de uma criança! — disse Scarlett com aspereza, recuperando a fala.

— Só tem um ano e pouco a menos do que você tinha quando se casou, menina — retrucou Gerald. — Está com inveja da sua irmã com o seu antigo namorado?

Melly corou, não estando habituada àquelas franquezas. Fez sinal a Peter para trazer a torta de batata-doce. Aflita, procurava pensar em um assunto para a conversa que não fosse tão pessoal e distraísse o sr. O'Hara do motivo de sua ida. Não conseguiu pensar em nada. Mas Gerald só precisava do estímulo de uma plateia. Falou sobre a roubalheira do destacamento de provisões que todo mês aumentava as demandas, da extrema burrice de Jefferson Davis e da canalhice dos irlandeses que estavam sendo atraídos para o Exército ianque por interesse pecuniário.

Quando foi servido o vinho e as duas moças se levantaram para deixá-lo, Gerald franziu o cenho e lançou à filha um olhar severo, exigindo a presença dela, exclusivamente, por alguns minutos. Scarlett olhou desesperada para Melly, que torceu o lenço, desarmada, e se retirou fechando de mansinho as portas de correr atrás de si.

— E agora, mocinha! — gritou Gerald, servindo-se de um copo de vinho do Porto. — Que papelão! Já está querendo arranjar outro marido sendo viúva há tão pouco tempo?

— Fale mais baixo, papai. Os criados…

— Eles já estão a par, com certeza, e todo mundo está sabendo da nossa vergonha. Sua mãe está de cama por causa disso, e eu não posso mais andar de cabeça erguida. É um vexame. Não, princesa, não adianta vir chorando para cima de mim desta vez — disse depressa, meio apavorado, quando Scarlett começou a bater as pestanas e a contrair os lábios. — Eu a conheço. Já estava flertando no velório do seu marido. Não chore. Pronto, agora não digo mais nada, pois vou falar com esse famoso capitão Butler, que faz tão pouco caso da reputação da minha filha. Mas amanhã de manhã… Pronto, não chore. Não vai adiantar nada. Está decidido que vou, e você vai voltar para Tara antes que torne a envergonhar toda a família. Não chore, queridinha. Olhe o presente que eu lhe trouxe! Não é bonito? Olhe só! Que problema você me criou! Um homem ocupado como eu ter que vir até aqui. Como pôde causar tanto problema? Não chore!

Melanie e Pittypat já tinham ido se deitar fazia tempo, mas Scarlett não pregava o olho no quarto escuro e quente, o coração pesado e cheio de medo. Deixar Atlanta quando a vida apenas recomeçara, e enfrentar Ellen em casa! Preferia morrer a enfrentar a mãe. Se estivesse morta agora, todo mundo se arrependeria de ter sido tão odioso. Scarlett se revirava na cama quando escutou um barulho na rua silenciosa. Apesar de familiar, não dava para dizer o que era. Levantou-se da cama e foi até a janela. A rua, com suas árvores frondosas, estava totalmente às escuras sob um céu cravejado de estrelas. O barulho se aproximava. Rodas rangendo. Percussão de cascos de cavalo. Vozes. E de repente sorriu ao reconhecer uma voz pastosa cantando “Peg in a Low-backed Car”. Podia não ser Jonesboro em dia de Feira Jurídica, mas Gerald estava voltando para casa no mesmo estado em que voltava de lá.

Viu o vulto de um coche estacionar em frente à casa e figuras saltarem. Havia alguém com ele. As duas figuras pararam no portão e ela ouviu nitidamente a voz de Gerald depois, quando a tranca abriu.

— Agora vou cantar “Lament for Robert Emmet”. É uma canção que você precisa aprender, meu rapaz. Vou lhe ensinar.

— Bem que eu gostaria de aprendê-la — retrucou o companheiro, contendo o riso na voz arrastada. — Mas não agora, sr. O’Hara.

Ai, meu Deus, é a peste daquele Butler!, pensou Scarlett, irritada. Depois animou-se. Pelo menos não tinham dado um tiro um no outro. E deviam estar se entendendo bem, para voltar juntos àquela hora e naquele estado.

— Eu canto e você ouve, senão leva um tiro por ser orangista.

— Orangista, não… Charlestoniano.

— Dá no mesmo, se não for pior. Tenho duas cunhadas em Charleston, e sei do que estou falando.

E vai contar à vizinhança toda?, pensou Scarlett, apavorada, procurando o robe. Mas o que poderia fazer? Ela não podia descer as escadas àquela hora da noite e arrastar o pai para dentro de casa.

De repente, Gerald, ali no portão, jogou a cabeça para trás e começou a cantar o "lamento" com uma voz possante de baixo. Scarlett acotovelou-se à janela e ficou ouvindo, sorrindo sem querer. Seria uma bela canção, se ao menos o pai cantasse bem. Era uma de suas preferidas. Por um momento, ela acompanhou os belos versos melancólicos que começavam assim:

"Longe da terra onde dorme seu herói ela está,
Cercada de apaixonados a suspirar."

A canção continuava, e ela ouviu ruídos nos quartos de Melly e Pittypat. Coitadinhas, deviam estar nervosas. Não estavam acostumadas com homens vigorosos como Gerald. Quando a canção terminou, os dois vultos viraram um só, tomaram o caminho da entrada e subiram os degraus. Ouviu-se uma pancadinha na porta.

Acho que devo descer, pensou Scarlett. *Afinal, é o meu pai e a pobre titia morreria antes de descer.* Ademais, Scarlett não queria que os criados vissem Gerald naquele estado. O pai poderia se rebelar caso Peter tentasse botá-lo na cama. Pork era o único que sabia como lidar com ele.

Cingiu o robe ao pescoço, acendeu a vela da cabeceira e desceu correndo para o hall de entrada. Pousou a vela no aparador e abriu a porta. À luz bruxuleante da chama, viu Rhett Butler impecável, sustentando seu pai atarracado. Dava para ver que o "lamento" fora seu canto do cisne pelo jeito como ele se pendurava no braço do companheiro. Sem chapéu, todo desgrenhado, a gravata torta, tinha manchas de bebida no peito da camisa.

— Seu pai, acho eu! — disse o capitão Butler, com uma expressão brejeira, despindo-a com os olhos ao vê-la de penhoar.

— Traga-o para dentro — ordenou ela secamente, constrangida pelos trajes e furiosa com Gerald por tê-la colocado em uma situação em que aquele homem podia rir dela.

Rhett empurrou Gerald à frente.

— Devo ajudá-la a levá-lo para cima? Você não aguenta. Ele é bem pesado.

A audácia daquela proposta deixou-a de queixo caído. Imagine só o que pensariam Pitty e Melly, acuadas em suas camas, se o capitão Butler subisse as escadas!

— Minha mãe do céu, não! Ponha-o ali no salão, naquele sofá.

— O sati, você disse?

— Fico agradecida se falar com educação. Aqui. Agora deite-o.

— Devo descalçá-lo?

— Não. Ele já dormiu calçado antes.

Scarlett quis morder a língua por aquele lapso que levou o capitão a rir baixinho enquanto cruzava as pernas de Gerald.

— Agora se retire, por favor.

Ele saiu e, atravessando o hall escuro, pegou o chapéu que deixara cair na soleira da porta.

— Vejo-a domingo no jantar — disse ao sair, fechando a porta ruidosamente às suas costas.

Scarlett levantou-se às cinco e meia, antes que os criados tivessem chegado para preparar o café, e desceu pé ante pé para o silencioso piso inferior. Gerald estava acordado, sentado no sofá, apertando a cabeça com as mãos como se quisesse esmagá-la. Ergueu os olhos furtivamente quando ela entrou. O movimento provocou uma dor tão insuportável que o fez gemer.

— Nossa, que dia!

— Que papelão, papai — sussurrou ela, furiosa. — Voltar para casa àquela hora e acordar a vizinhança toda com a sua cantoria.

— Eu cantei?

— Cantou! Você fez o “lamento” ecoar longe.

— Não me lembro de nada disso.

— Os vizinhos vão se lembrar até morrer, e tia Pittypat e Melanie também.

— Nossa Senhora das Dores — gemeu Gerald, passando a língua pastosa nos lábios ressecados. — Lembro de pouca coisa depois que o jogo começou.

— Jogo?

— Aquele garotão, o Butler, se gabou de ser o melhor jogador de pôquer do…

— Quanto você perdeu?

— Ora, eu ganhei, claro. Um ou dois goles me ajudaram.

— Olhe na carteira.

Como se cada movimento fosse uma agonia, Gerald tirou a carteira do bolso do paletó e abriu-a. Vendo-a vazia, continuou olhando, perplexo.

— Quinhentos dólares — disse. — E eu tinha que comprar umas coisas dos bloqueadores para a sra. O'Hara, e agora não tenho nem dinheiro para voltar para Tara.

Enquanto olhava indignada para a carteira vazia, Scarlett teve uma ideia que logo se desenvolveu.

— Não posso mais andar de cabeça erguida nesta cidade — começou. — Você envergonhou a nossa família.

— Cuidado com o que diz, princesa. Não vê que estou com a cabeça explodindo?

— Voltar para casa bêbado com um sujeito como o capitão Butler. Cantar aos altos brados para todo mundo ouvir. E perder aquele dinheirão todo.

— O homem é esperto demais com as cartas para ser um cavalheiro. Ele…

— O que mamãe vai dizer quando souber?

Ele ergueu os olhos, angustiado e apreensivo.

— Você não vai contar para deixá-la mais aflita, vai?

Scarlett não disse nada, mas contraiu os lábios.

— Pense no sofrimento que isso seria para ela, que é tão boa.

— E pensar, papai, que ainda ontem à noite você disse que eu tinha envergonhado a família! Eu, que só dancei um pouco para arrecadar dinheiro para os soldados. Ah, tenho vontade de chorar.

— Bem, não chore — pediu Gerald. — Minha cabeça, que já está arrebentando, não vai aguentar.

— E você disse que eu…

— Ora, ora, princesa, não fique magoada com o que o pobre do seu velho pai disse sem estar falando sério e sem entender nada! Claro que você é uma menina bem-intencionada, tenho certeza.

— E quer me levar para casa em desgraça.

— Ah, querida, eu não faria isso. Falei só para implicar com você. Não vai tocar no assunto do dinheiro com sua mãe, que já está aflita com as despesas, vai?

— Não — respondeu Scarlett francamente. — Se me deixar ficar aqui e disser à mamãe que tudo não passou de fofoca de velhas cobras.

Gerald olhou com tristeza para a filha,

— Isso é chantagem, nada menos.

— E ontem à noite foi um escândalo, nada menos.

— Bem — começou ele, em tom bajulador —, vamos esquecer tudo isso. E acha que uma senhora fina como a srta. Pittypat teria conhaque em casa? Pela madrugada…

Scarlett atravessou pé ante pé o hall silencioso e foi buscar a garrafa de conhaque que ela e Melly chamavam de “a garrafa do chilique”, porque Pittypat sempre tomava um gole quando as palpitações a faziam desmaiar — ou simular um desmaio. Seu rosto estampava triunfo, sem um pingo de remorso pelo tratamento nada filial dispensado a Gerald. Agora Ellen seria tranquilizada com mentiras caso alguma outra intrometida lhe escrevesse. Scarlett poderia ficar em Atlanta, fazendo quase tudo que quisesse, dada a fraqueza da tia. Abriu a garrafeira e ficou parada por um instante apertando contra o peito a garrafa e o copo.

Visualizou um longo panorama com piqueniques à beira do riacho Peachtree e churrascos na montanha Stone, recepções e bailes e chás dançantes, passeios de charrete e ceias domingueiras. Não perderia nada. Seria o centro de todos os eventos, o centro das atenções masculinas. E os homens se apaixonavam com muita facilidade, depois do que se fazia por eles no hospital. Já não se importaria tanto com o hospital. Era muito fácil atiçar os homens que tinham passado por enfermidades. Eles caíam nas mãos de uma moça esperta, como os pêssegos maduros de Tara quando os pés eram sacudidos.

Voltou para junto do pai com a bebida revigorante, agradecendo aos céus que a famosa cabeça O’Hara tivesse sucumbido à carraspana da noite anterior e se perguntando se Rhett Butler tinha algo a ver com aquilo.

Capítulo 11

Uma semana depois, Scarlett voltou do hospital exausta e indignada. Estava cansada de passar a manhã inteira em pé e irritada com o pito que levara da sra. Merriwether por sentar-se na cama de um soldado enquanto cuidava de seu braço ferido. Tia Pitty e Melanie, com seus melhores chapéus, estavam na varanda com Wade e Prissy, prontas para a ronda de visitas semanal. Scarlett pediu licença para não ir com elas e subiu para o quarto.

Quando já não ouvia mais o barulho das rodas da carruagem, sabendo que a família estava longe, entrou sorrateiramente no quarto de Melanie e trancou a porta. O quartinho virginal e arrumado demais estava silencioso e aquecido pelo sol das quatro horas da tarde. No assoalho muito lustroso, havia apenas alguns tapetes de trapos coloridos, e as paredes brancas eram desprovidas de ornamentos, salvo por um canto que Melanie decorara como um santuário.

Ali, sob uma bandeira da Confederação, ela pendurara o sabre dourado que o pai usara na guerra do México, o mesmo que Charles levara para a guerra. A faixa e o cinto de Charles também estavam expostos, com o revólver no coldre. Entre o sabre e a pistola, havia um daguerreótipo do próprio Charles todo empertigado e orgulhoso com aquele uniforme cinza, os olhos castanhos sobressaindo e um sorriso tímido nos lábios.

Scarlett sequer olhou para o retrato. Foi direto para o estojo de escrita, quadrado e de pau-rosa, colocado sobre a mesa à cabeceira da cama estreita. Pegou um maço de cartas amarrado por uma fita azul, todas endereçadas a Melanie com a letra de Ashley. Em cima, estava a carta que chegara naquela manhã, e ela a abriu.

A primeira vez que violou aquela correspondência, Scarlett tremia tanto de remorso e de medo de ser flagrada que mal conseguiu abrir os envelopes. Agora, a repetição da transgressão amortecera seu pífio senso de honra, e até mesmo o medo do flagrante desaparecera. De vez em quando, pensava com o coração

pesado: *O que mamãe diria se soubesse?* Sabia que Ellen preferiria vê-la morta a culpada de tamanha desonra. No início, essa ideia a preocupava, pois ainda desejava ser como a mãe em todos os aspectos. Mas, como a tentação de ler as cartas era grande demais, tirou da cabeça a preocupação com Ellen. Tornara-se perita em tirar da cabeça os pensamentos desagradáveis. Aprendera a dizer: "Não vou pensar nisso agora. Pensarei amanhã". Geralmente, no dia seguinte ou o pensamento nem lhe ocorria ou voltava tão atenuado que não a perturbava tanto. Assim, a questão das cartas de Ashley já não lhe pesava muito na consciência.

Melanie sempre lia generosamente em voz alta trechos da carta para ela e para a tia, mas eram as passagens não lidas que atormentavam Scarlett, levando-a a ler às escondidas a correspondência da cunhada. Precisava saber se Ashley passara a amar a esposa desde que se casara com ela. Precisava saber se ao menos fingia amá-la. Usava termos carinhosos? Que sentimentos expressava e com que ardor?

Cuidadosamente, retirou a carta do maço.

Respirou aliviada ao ler, na letra miúda e regular de Ashley: "Minha cara esposa". Ainda não chamava Melanie de "querida" nem de "meu coração".

"Minha cara esposa, você me escreve dizendo estar alarmada, achando que lhe escondo meus verdadeiros pensamentos, e me pergunta o que vem me preocupando ultimamente…"

Mãe do céu!, pensou Scarlett em pânico. *Esconde os verdadeiros pensamentos. Melly terá lido os pensamentos dele? Ou os meus? Desconfiaria que ele e eu…* Suas mãos tremiam de medo segurando a carta, mas a leitura do parágrafo seguinte a relaxou.

"Cara esposa, se lhe escondi alguma coisa, foi por não desejar lhe colocar um fardo sobre os ombros, acrescentando às suas preocupações com a minha segurança física aquelas com minha confusão mental. Mas não consigo lhe ocultar nada, pois você me conhece muito bem. Não se assuste. Não estou ferido, nem estive doente. Tenho o suficiente para comer e, às vezes, uma cama para dormir. Um soldado não pode pedir mais. Mas, Melanie, estou angustiado com vários questionamentos, e vou me abrir com você.

Nestas noites de verão, quando o acampamento todo já dorme e não consigo conciliar o sono, olho para o céu e não paro de me perguntar: ‘Por que está aqui, Ashley Wilkes? O que o move a lutar?’

Não é honra nem glória, com certeza. A guerra é uma coisa suja, e eu não gosto de sujeira. Não sou um soldado e não desejo sequer buscar uma fama efêmera na boca do canhão. No entanto, aqui estou eu nestas batalhas… Eu, que jamais fui designado por Deus para ser outra coisa além de um cavalheiro do campo e um estudioso. Pois, Melanie, os clarins não me entusiasmam nem os tambores atiçam meus pés. Vejo claramente que fomos traídos, traídos por nossa arrogância sulista, acreditando que um de nós era capaz de vencer dez ianques, que o Rei Algodão podia dominar o mundo. Traídos também por palavras e *slogans*, preconceitos e ódios partindo de homens egrégios, que respeitávamos e reverenciávamos — Rei Algodão, Escravidão, Direitos dos Estados, Malditos Ianques.

Então, quando estou deitado e olho para as estrelas me perguntando ‘O que o move a lutar?’, penso no Direito dos Estados, no algodão, nos pretos e nos ianques, a quem fomos educados para odiar, e sei que nada disso é o que me move a lutar. Em vez disso, vejo Twelve Oaks e me lembro do luar nas colunas brancas, do desabrochar sobrenatural das magnólias ao luar, na sombra fresca criada pelas roseiras na varanda mesmo no maior calor de meio-dia. E vejo minha mãe costurando ali, como fazia quando eu era menino. Ouço os negros cantando vindo para casa cansados pelos campos à tardinha, prontos para jantar, e ouço a caçamba descendo no poço fresco. E vejo a longa estrada até o rio passando pelo algodoal, com a névoa subindo das várzeas no crepúsculo. E é por isso que estou aqui. Eu que não tenho nenhum amor à morte, ao sofrimento ou à glória, e nem tenho ódio a ninguém. Talvez esse seja o sentimento que chamam de patriotismo, o amor à nossa terra e ao nosso país. Mas, Melanie, é mais profundo ainda, pois essas coisas que citei são símbolos do que me move a arriscar a vida, símbolos do tipo de vida que amo. Pois estou lutando pelo passado, pela tradição que tanto amo, mas que receio estar acabada, não importa quem ganhe nos dados. Pois, seja qual for o resultado, perdemos igualmente.

Se ganharmos esta guerra e tivermos o nosso sonhado Reino do Algodão, ainda assim teremos perdido, pois seremos pessoas diferentes e a vida pacata de

outrora não existirá mais. Teremos o mundo às nossas portas pedindo algodão ao preço que determinarmos. Mas aí receio que nos tornaríamos iguais aos ianques, de cuja ânsia de ganhar dinheiro, a cobiça e o comercialismo agora desdenhamos. E se perdermos, Melanie, se perdermos!

O meu temor não é do perigo, nem do cativeiro, nem dos ferimentos e nem mesmo da morte, mas sim do futuro depois da guerra, que nunca será como nos velhos tempos. E eu sou desses velhos tempos. Não sou deste presente louco de matança, e receio não me encaixar nos novos tempos, por mais que queira tentar. Nem você, minha querida, pois somos os dois do mesmo sangue. Não sei o que nos espera, mas não poderá ser uma vida tão bela nem tão agradável quanto a que tivemos no passado.

Aqui deitado, olho os rapazes dormindo e me pergunto se os gêmeos ou Alex ou Cade têm essas mesmas indagações. Saberão eles que estão lutando por uma Causa já perdida desde o primeiro tiro? Pois a nossa verdadeira Causa é a nossa maneira de viver, e esta já ficou para trás. Mas não creio que tenham esses questionamentos, para a felicidade deles.

Quando a pedi em casamento, eu também não tinha essa clareza. Imaginava a vida prosseguindo em Twelve Oaks pacata e fácil como sempre, sem mudanças. Somos iguais, Melanie. Gostamos de tudo que é calmo, e eu enxergava à nossa frente um longo futuro tranquilo em que seria possível ler, ouvir música e sonhar. Mas não isso! Nunca isso! Nunca imaginei esse fracasso do nosso passado, essa carnificina e esse ódio! Melanie, Direitos dos Estados, algodão, escravos, nada disso vale o que estamos passando agora, nem o que ainda pode acontecer, pois, se os ianques nos vencerem, o futuro será dantesco. E, minha querida, eles ainda podem nos vencer.

Eu não deveria colocar estas palavras no papel. Nem sequer deveria pensá-las. Mas você perguntou o que estava em meu coração, e respondo que é o medo da derrota. Lembra-se de que no churrasco, no dia do anúncio do nosso noivado, um homem chamado Butler, com sotaque de Charleston, fez comentários a respeito da ignorância dos sulistas que quase provocaram uma briga? Lembra-se de que os gêmeos queriam lhe dar um tiro depois de ele ter afirmado que não tínhamos fundações nem fábricas nem usinas nem navios nem arsenais nem oficinas suficientes? Lembra-se de como ele aventou a hipótese de nossos portos

serem bloqueados pelos ianques, impedindo a saída do nosso algodão? Ele tinha razão. Estamos enfrentado os rifles modernos dos ianques com mosquetes da Guerra da Revolução, e logo o bloqueio será tão rígido que nem os suprimentos médicos entrarão. Devíamos ter prestado atenção em cínicos como Butler, que sabem das coisas, e não em estadistas que só sentem — e falam. Ele afirmou, de fato, que o Sul entraria na guerra munido unicamente de algodão e arrogância. Nosso algodão não vale nada. Resta apenas o que ele chamou de arrogância, e que eu chamo de coragem ímpar. Se…"

Mas Scarlett dobrou cuidadosamente a carta e enfiou-a no envelope sem terminar a leitura, que a entediava. Ademais, o tom, com aquela tola insistência em fracassos, deprimiu-a um pouco. Afinal, não estava lendo a correspondência de Melanie para saber das opiniões complicadas e enfadonhas de Ashley. Já lhe bastava ter sido obrigada a ouvi-las dele na varanda de Tara naqueles bons tempos.

Só estava interessada em saber se ele escrevia à esposa cartas apaixonadas. Até onde vira, não. Lera cada uma delas no estojo de escrita e não encontrara nada que um irmão não pudesse escrever a uma irmã. Eram afetuosas, espirituosas, longas, mas não eram apaixonadas. Scarlett recebera cartas de amor vezes demais para não saber identificar um autêntico tom de paixão. E não encontrara esse tom ali. Como sempre, após aquelas leituras, ficou cheia de si, convencida de que Ashley ainda a amava. Perguntava-se por que Melanie não percebia que Ashley só tinha amizade por ela. Era óbvio que não sentia falta de nada nas cartas do marido, pois ela nunca recebera uma carta apaixonada para poder comparar com as dele.

Ele escreve umas cartas, tão malucas, pensou Scarlett. *Se um marido meu me escrevesse essas baboseiras, certamente ouviria poucas e boas de mim! Até o Charlie escrevia cartas melhores* que essas.

Folheou o maço de cartas, olhando as datas e lembrando-se dos conteúdos. Nenhuma trazia descrições de bivaques e cargas de infantaria como as de Darcy Meade aos pais ou as do pobre Dallas McLure às irmãs solteironas, Faith e Hope. Os Meades e os McLures liam orgulhosamente essas cartas para toda a vizinhança, e, no íntimo, Scarlett se envergonhava por Melanie não ter cartas de Ashley do mesmo teor para ler em voz alta nas reuniões de costura.

Era como se, nas cartas para Melanie, Ashley tentasse ignorar a guerra e quisesse colocar-se com ela dentro de um círculo mágico atemporal, onde não entrasse nenhum acontecimento posterior ao do forte Sumter. Como se a guerra não existisse. Falava de livros que ele e Melanie haviam lido, de músicas que haviam cantado, de velhos amigos que conheciam e de lugares que ele havia visitado em sua viagem pela Europa. Demonstrava a saudade que sentia de Twelve Oaks e passava páginas e páginas escrevendo sobre as caçadas e as longas cavalgadas pelas trilhas silenciosas da floresta em noites frias e estreladas de outono, sobre os churrascos, os peixes fritos, as calmas noites enluaradas e o sereno encanto da velha mansão.

Scarlett pensou no trecho da carta que acabara de ler: “Mas não isso! Nunca isso!” Pareceu-lhe um grito de uma alma atormentada enfrentando algo inevitável de que não podia fugir. Isso a intrigou, pois, se ele não temia ferir-se nem morrer, o que temia? Desprovida de capacidade analítica, ela lutava para entender o pensamento complexo.

*A guerra o perturba e ele… ele não gosta de coisas que o perturbem… Eu, por exemplo… Ele me amava, mas tinha medo de se casar comigo porque… receava que eu subvertesse a sua maneira de pensar e viver. Não, não era bem isso que ele receava. Ashley não é um covarde, como fica comprovado pelas menções feitas a ele nos despachos e pela carta do coronel Sloan relatando com que bravura dirigiu o ataque. Quando se propunha a fazer alguma coisa, ninguém era capaz de agir com mais afinco nem com mais determinação, mas… ele vive voltado para dentro de si mesmo. Tem o mundo dele, e odeia ser afastado dali. Ah, não sei o que é! Se eu tivesse entendido há algum tempo esse seu jeito, sei que ele teria se casad*o comigo.

Por um instante, ficou ali parada e agarrada às cartas, pensando em Ashley, que ainda lhe despertava as mesmas emoções do dia em que se apaixonara por ele. Eram as mesmas que a deixaram sem fala na varanda de Tara quando tinha 14 anos e o viu chegando a cavalo todo sorridente, com os cabelos brilhando ao sol da manhã. Seu amor continuava sendo a adoração de uma menina por um homem que ela não compreendia. Por alguém que tinha todas as qualidades que lhe faltavam, mas que ela admirava. Alguém que era o Cavalheiro Perfeito dos

sonhos de uma menina que só queria se saber amada por ele, de quem não esperava mais que um beijo.

A leitura das cartas reforçou-lhe a certeza de que ele a amava, embora tivesse se casado com Melanie, e essa certeza era praticamente tudo que ela desejava. Continuava jovem e inocente assim. Se o desajeitado Charles tivesse sabido explorar a paixão latente que pulsava nela, seus sonhos de Ashley não terminariam com um beijo. Mas, naquelas poucas noites de luar que passaram a sós, Charles não tocara em suas emoções nem a fizera amadurecer. Não lhe despertara nenhuma ideia do que poderia ser paixão ou ternura ou intimidade física e espiritual verdadeira.

Para ela, paixão era uma inexplicável loucura masculina, não compartilhada pelas mulheres, um processo doloroso e embaraçoso que resultava fatalmente no processo mais doloroso ainda de dar à luz. Que o casamento fosse isso não a surpreendeu. Ellen a preparara insinuando que o casamento era algo que as mulheres deviam suportar com dignidade e força, e os comentários sussurrados de outras senhoras casadas após a viuvez dela confirmavam essa visão. Scarlett alegrava-se de não pensar mais em paixão nem em casamento.

Não pensava mais em casamento, mas pensava em amor, pois seu amor por Ashley era algo diferente, nada tendo a ver com paixão ou casamento. Uma coisa sagrada e de uma beleza de tirar o fôlego, uma emoção que crescia furtivamente durante todo aquele tempo de seu silêncio forçado, alimentando-se de recordações repetidas e esperanças.

Ao amarrar cuidadosamente o maço com a fita, Scarlett suspirou, perguntando-se pela milésima vez o que havia em Ashley que escapava à sua compreensão. Tentou chegar a alguma conclusão satisfatória, mas, como sempre, sua mente simples não alcançava a resposta. Repôs as cartas no estojo de escrita e fechou a tampa. Franziu a testa, lembrando-se da alusão ao capitão Butler na última parte da carta que acabara de ler. Que estranho Ashley ter se impressionado com uma coisa que aquele patife dissera um ano atrás. Era inegável que o capitão Butler era um patife, apesar de dançar divinamente. Só um patife falaria da Confederação do jeito que ele falou no dia do bazar.

Foi até o espelho do outro lado do quarto para ajeitar o cabelo e aprovou o resultado. Animou-se, como sempre, ao ver o contraste da alvura de sua pele

com o verde dos seus olhos oblíquos, e sorriu para expor as covinhas. Feliz com o que viu, já não pensou mais no capitão, e sim em Ashley, que sempre gostara daquelas covinhas. Nenhum peso na consciência por amar o marido de outra, ou por ler a correspondência desta outra, perturbava o seu prazer de se ver jovem e encantadora, com a certeza renovada do amor de Ashley.

Abriu a porta com o coração leve para descer a escada de caracol. No meio da descida, começou a cantar “When This Cruel War Is Over”.

Capítulo 12

A guerra continuava, com algum sucesso, mas as pessoas já não diziam “Mais uma vitória e a guerra termina”, assim como não afirmavam que os ianques eram covardes. Já ficara óbvio para todos que os ianques estavam longe de ser covardes e seria necessário mais que uma vitória para derrotá-los. No entanto, houve as vitórias dos confederados no Tennessee, capitaneadas pelo general Morgan e pelo general Forrest, e o triunfo da segunda batalha de Bull Run causava tanto regozijo quanto a contemplação de escalpes ianques causaria. Mas o preço desse regozijo foi alto. Os hospitais e as casas de Atlanta transbordavam de doentes e feridos. Viam-se cada vez mais mulheres de preto. As fileiras monótonas de túmulos de soldados cresciam diariamente.

O dinheiro dos confederados se desvalorizara de modo alarmante, e o preço dos alimentos e do vestuário subira em consequência disso. A taxação sobre os gêneros alimentícios era tão pesada que as mesas de Atlanta começavam a sofrer. A farinha de trigo escasseava e era tão cara que só se comia pão de milho em vez de biscoitos, pão branco e waffles. Nos açougues, quase não se encontrava carne de vaca, e a pouca carne de carneiro que aparecia era tão cara que só os ricos podiam comprar. No entanto, ainda havia fartura de carne de porco e de frango, bem como de legumes.

O bloqueio dos ianques aos portos dos confederados se intensificara, e artigos de luxo como chá, café, sedas, barbatanas, perfumes, revistas de moda e livros eram escassos e caros. Até os preços dos artigos de algodão mais baratos haviam subido vertiginosamente, levando as senhoras, muito a contragosto, a fazerem seus vestidos durarem mais de uma estação. Os teares foram baixados dos sótãos onde acumulavam poeira havia anos por falta de uso, e em cada sala encontravam-se panos feitos em casa. Soldados, civis, mulheres, crianças e negros, todos começavam a usar tecidos feitos em casa. Quase já não se viam

mais uniformes cinza. As fardas dos confederados agora eram feitas com aquele pano rústico tingido de marrom.

Os hospitais já se preocupavam com a escassez de quinino, calomelano, ópio, clorofórmio e iodo. As ataduras de linho e de algodão eram agora preciosas demais para serem descartadas após o uso. As senhoras que serviam como enfermeiras nos hospitais levavam para casa cestos de faixas ensanguentadas para serem lavadas e passadas antes de reutilizadas.

Mas para Scarlett, recém-saída da crisálida da viuvez, a guerra era apenas uma época de divertimento. Sentia-se tão feliz de estar em atividade que nem se incomodava com as pequenas privações de vestuário e alimentação.

Quando pensava na monotonia do ano anterior, o tempo agora parecia passar em uma velocidade incrível. Cada dia lhe trazia uma aventura nova. Conheceria outros homens que pediriam para visitá-la, diriam que era linda e que era um privilégio lutar e, talvez, morrer por ela. E, apesar de amar Ashley de todo o coração, não deixava de encorajar pedidos de casamento de quem julgasse interessante.

A presença permanente da guerra como pano de fundo dera às relações sociais uma informalidade agradável que alarmava as pessoas mais velhas. As mães encontravam desconhecidos visitando suas filhas, homens que vinham sem uma carta de apresentação e cujos antecedentes eram incertos. Horrorizadas, encontravam as filhas de mãos dadas com esses homens. A sra. Merriwether, que só beijara o marido depois da cerimônia do casamento, mal acreditou nos próprios olhos quando flagrou Maybelle beijando o pequeno zuavo, René Picard, e mais consternada ainda ficou quando Maybelle não se mostrou envergonhada. Nem o fato de ter recebido imediatamente o pedido para que concedesse a mão da filha melhorou a situação. A sra. Merriwether achava que o Sul se encaminhava para uma completa decadência moral e não se cansava de dizer isso. Outras mães concordavam com ela e punham a culpa na guerra.

Mas os homens, perigando morrer em uma semana ou um mês, não podiam esperar um ano para serem autorizados a chamar uma moça pelo nome de batismo, precedido de “senhorita”, obviamente. Nem podiam se dar ao luxo de lhes fazer uma corte formal e prolongada como era de bom tom antes da guerra. Em três ou quatro meses, pediam a mão da moça. E as moças aceitavam o

pedido imediatamente, mesmo sabendo que uma dama só podia aceitar na terceira vez em que era feito.

Essa informalidade tornou a guerra uma grande diversão para Scarlett. Não fosse pelo aborrecimento de cuidar de doentes e enrolar ataduras, ela não se importaria se durasse para sempre. Na verdade, agora até suportava o hospital com serenidade porque era um campo perfeito para suas conquistas. Os indefesos feridos sucumbiam sem resistência aos encantos dela. Bastava trocar seus curativos, lavar seus rostos, afofar seus travesseiros e abaná-los que eles se apaixonavam. Ah, era o paraíso, depois daquele ano lúgubre!

Scarlett voltara ao que fora antes de se casar com Charles, e era como se nunca tivesse se casado, sentido o choque da morte do marido, nem dado à luz Wade. A guerra, o casamento e a maternidade haviam passado por ela sem afetá-la profundamente, e ela não mudara. Tinha um filho, mas ele era tão bem tratado na casa de tijolos vermelhos que quase podia esquecê-lo. Mental e emocionalmente, voltara a ser Scarlett O'Hara, a beldade do condado. Pensava e agia como antes, mas seu campo de ação se ampliara muito. Indiferente à reprovação das amigas de tia Pitty, comportava-se como antes do casamento, ia a festas, passeava a cavalo com os soldados, flertava, fazia tudo que fazia antes, só que vestida de preto. Sabia que tirar o luto seria a gota d'água para indispor a tia e Melanie contra ela. Era tão encantadora em viúva quanto fora em menina, agradável quando fazia o que queria, prestativa desde que não se sacrificasse, ciosa da própria beleza e popularidade.

Embora tivesse se sentido a última das criaturas havia poucas semanas, agora estava feliz com os namorados desfazendo-se em elogios para ela, tão feliz como podia com Ashley estando casado com Melanie e em perigo. De certa forma, era-lhe mais suportável pensar que Ashley pertencia a outra quando ele estava longe. Com a distância entre Atlanta e a Virgínia, às vezes ele lhe parecia tão seu quanto de Melanie.

E assim voaram os meses do outono de 1862. Scarlett ocupava-se dos doentes, dançava, passeava de charrete e enrolava ataduras quando não estava em Tara para uma breve visita. Essas visitas acabavam sendo decepcionantes, não lhe dando muita oportunidade de ter as longas conversas tranquilas com a mãe pelas quais tanto ansiava quando estava em Atlanta. Sentia falta de sentar-se a seu lado

enquanto ela costurava, rescendendo levemente a verbena-limão, do farfalhar de suas saias e do toque macio de suas mãos acariciando-lhe o rosto.

Ellen emagrecera e vivia preocupada. Levantava-se cedo e só se recolhia bem depois que todos na fazenda iam dormir. Os pedidos do destacamento de provisões da Confederação ficavam mais pesados a cada mês, e cabia a ela tocar a produção de Tara. Até Gerald, pela primeira vez em muitos anos, estava atarefado. Não tendo conseguido um substituto para Jonas Wilkerson, agora supervisionava pessoalmente a fazenda, percorrendo-a a cavalo. Com Ellen muito ocupada para lhe dar mais que um beijo de boa-noite e Gerald passando o dia inteiro no campo, Scarlett entediava-se em Tara. Suellen, que chegara a um entendimento com Frank Kennedy, vivia cantando "When This Cruel War is Over" com uma malícia que Scarlett achava insuportável, e Carreen, noite e dia sonhando com Brent Tarleton, não era uma companhia interessante.

Embora a ida para Tara sempre a alegrasse, não se entristecia quando chegavam as inevitáveis cartas de Pitty e de Melanie pedindo-lhe que voltasse. Ellen suspirava de tristeza nessas ocasiões, com a ideia de separar-se da filha mais velha e do único neto.

— Mas não devo ser egoísta prendendo-a aqui, quando precisam de você para cuidar dos doentes em Atlanta — dizia. — É só… só, minha querida, que nem dá tempo de conversarmos para eu sentir que você continua sendo a minha filhinha e você já vai embora.

— Sou sempre a sua filhinha — respondia Scarlett, e escondia o rosto no colo de Ellen, sentindo-se culpada.

Não contava à mãe que eram as danças e os namorados que a atraíam de volta para Atlanta, e não o trabalho para a Confederação. Naquela época, escondia muita coisa da mãe. A principal eram as visitas frequentes de Rhett Butler à casa de tia Pittypat.

Nos meses que se seguiram ao bazar, sempre que estava na cidade, Rhett ia visitá-la. Levava-a para passear de carruagem, acompanhava-a a festas de dança e aguardava-a na porta do hospital para deixá-la em casa. Scarlett perdera o medo de que ele traísse seu segredo, mas não esquecia que ele a vira em seu pior

momento e que sabia a verdade a respeito de Ashley. Era a consciência disso que a continha quando ele a irritava. E ele a irritava com frequência.

O capitão, já com trinta e poucos anos, era mais velho do que qualquer um dos namorados que tivera. Ela era como uma criança indefesa, incapaz de controlá-lo e manipulá-lo como fazia com os namorados da sua idade. Rhett parecia nunca se surpreender ou se divertir com nada e, quando a tirava do sério, ela sentia que ele achava a sua reação a coisa mais engraçada do mundo. Scarlett explodia frequentemente, reagindo às provocações experientes dele, pois, por trás daquela carinha doce que herdara de Ellen, tinha o temperamento irlandês de Gerald. Até então, nunca se preocupara em controlar o mau gênio, a não ser na presença de Ellen. Agora, lhe custava reprimir as palavras por medo do sorriso galhofeiro dele. Se ao menos ele também perdesse as estribeiras, Scarlett não se sentiria tão por baixo.

Depois de desavenças das quais raramente saía vencedora, ela o chamava de intratável, mal-educado e desclassificado e cortava relações com ele. Porém, mais cedo ou mais tarde, ele voltava a Atlanta e, a pretexto de visitar tia Pitty, exagerando nos rapapés, presenteava Scarlett com uma caixa de bombons trazidos de Nassau. Ou reservava um lugar ao seu lado em um musical. Ou a tirava para dançar. Em geral ela achava graça no descaramento dele e passava por cima das ofensas, até acontecer de novo.

Apesar das exasperantes qualidades do capitão, Scarlett passou a ansiar por suas visitas. Não conseguia analisar o que ele tinha de tão empolgante, que o tornava diferente de qualquer homem que já conhecera. A graça viril de seu porte lhe tirava o fôlego, tornando impactante a chegada dele em qualquer ambiente. E, ao ver a expressão impertinente e zombeteira naqueles olhos escuros, ela se sentia desafiada a controlá-lo.

É quase como se eu estivesse apaixonada por ele!, pensou, perplexa. *Mas não estou, e não consigo entender o* que sinto.

Mas a excitação persistia. Quando ele chegava, sua absoluta masculinidade fazia com que a refinada e elegante casa de tia Pitty parecesse pequena, sem graça e um tanto embolorada. Scarlett não era a única ali que, sem querer, reagia de forma estranha na presença dele. Tia Pitty ficava em um estado de efervescência constante.

Embora Pitty soubesse que Ellen reprovaria aquelas visitas à filha, e soubesse também que o édito de Charleston que bania o capitão da sociedade devia ser levado em conta, não conseguia resistir aos seus salamaleques e beija-mãos, caindo como mosca no mel. Além do mais, ele sempre lhe trazia um presentinho de Nassau, que garantia ter sido comprado especialmente para ela, e afirmava que arriscara a vida ao passar com o mimo pelo bloqueio: cartelas de alfinetes e agulhas, botões, carretéis de seda e grampos de cabelo. Era quase impossível obter aqueles pequenos luxos agora — as senhoras usavam grampos de madeira feitos à mão e forravam bolotas de carvalho de tecido para usarem como botões. Pitty não tinha força moral para recusá-los. Ademais, uma surpresa dentro de um embrulho sempre lhe despertava um prazer infantil e ela não conseguia resistir a abrir os mimos dele. E, uma vez abertos, não podia recusá-los. Aceitando seus presentes, não tinha coragem de lhe dizer que, tendo em vista sua péssima reputação, era desaconselhável que visitasse três senhoras que não contavam com um protetor do sexo masculino. Tia Pitty sempre sentia necessidade de ter um protetor do sexo masculino quando recebia Rhett Butler em casa.

— Não sei o que ele tem — suspirava, desamparada. — Mas… bem, se eu pudesse sentir que, no fundo, ele respeita as mulheres, eu… diria que ele é correto e atraente.

Desde que Rhett lhe devolvera a aliança, Melanie o considerava um cavalheiro de raro refinamento e delicadeza, e chocou-se com esse comentário. Embora sempre a tratasse com educação, ele a inibia, basicamente porque ela se sentia inibida na companhia de qualquer homem que não tivesse conhecido desde a infância. No íntimo, tinha pena dele, o que ele acharia muito engraçado se soubesse. Estava convencida de que algum romance infeliz lhe estragara a vida e o tornara insensível e amargo. Sentia que o que ele precisava era do amor de uma boa mulher. Melanie levara sempre uma vida protegida, sem nenhum contato com a maldade, e custava a crer em sua existência. Indignou-se e não quis acreditar no que se dizia à boca pequena sobre Rhett e a moça de Charleston. Em vez de virar-se contra ele, passou a tratá-lo com mais simpatia, revoltada com o que considerava uma grande injustiça que lhe faziam.

Scarlett concordava em silêncio com a tia. Também sentia que ele não respeitava mulher alguma, com exceção, talvez, de Melanie. Ainda se sentia nua

cada vez que ele a olhava de alto a baixo. Não que ele dissesse alguma coisa. Do contrário, ela até poderia descompô-lo. Era um olhar atrevido e insolente, como se todas as mulheres lhe pertencessem para serem usadas quando lhe aprouvesse. Só para Melanie ele olhava de outra forma. Nunca com aquele ar avaliador, nunca com zombaria. E, quando falava com ela, era em um tom especial — educado, respeitoso e solícito.

— Não vejo por que você é muito mais agradável com ela do que comigo — disse Scarlett com petulância, em uma tarde em que Melanie e Pitty subiram para a sesta e a deixaram a sós com ele.

Passara uma hora observando Rhett segurar o fio de lã que Melanie enrolava para tricotar, e notara a expressão inescrutável com que a ouvia discorrer cheia de orgulho sobre Ashley e sua promoção. Sabia que ele não tinha Ashley em alta conta e que sua promoção a major não lhe dizia nada. No entanto, o capitão dava respostas educadas e fazia os comentários corretos sobre sua bravura.

E basta eu tocar no nome de Ashley, pensara ela com irritação, *que ele levanta as sobrancelhas e dá aquele sorrisinho* malicioso!

— Sou muito mais bonita que ela — prosseguiu —, e não vejo por que você é mais agradável com ela.

— Ousarei esperar que você esteja com ciúmes?

— Ah, não seja pretensioso!

— Mais uma esperança perdida. Se sou “mais agradável” com a sra. Wilkes, é porque ela merece. É uma das raríssimas pessoas bondosas, sinceras e desinteressadas que já conheci. Mas talvez você não tenha notado essas qualidades. Além do mais, apesar de jovem, é uma das poucas grandes damas que já tive o privilégio de conhecer.

— Quer dizer que não me considera também uma grande dama?

— Acho que, desde o nosso primeiro encontro, concordamos que você não era uma dama.

— Ah, se vai ser desagradável e grosseiro tocando nesse assunto… Como pode ficar aborrecido comigo por causa dessa ceninha de mau gênio infantil? Isso foi há muito tempo, e já cresci desde então. Se você não vivesse insistindo nisso, eu já teria esquecido.

— Não acho que fosse mau gênio infantil e não acredito que você tenha mudado. Continua sendo capaz de atirar um vaso longe se não consegue o que quer. Mas, como agora, em geral, você consegue o que quer, não há necessidade de quebrar quinquilharias.

— Ah, você é… Eu queria ser homem! Ia lhe tomar satisfações e…

— E acabar morto pelo esforço. Acerto um níquel a 45 metros de distância. É melhor continuar usando as suas armas: covinhas, vasos e coisas assim.

— Você é um crápula.

— Espera que eu vá me exaltar com isso? Sinto desapontá-la. Não vai me tirar do sério com xingamentos que são verdadeiros. Sou um crápula mesmo, por que não? Estamos em um país livre e todo homem tem o direito de ser crápula se quiser. Só os hipócritas como você, minha cara senhora, que é ruim como eu mas procura disfarçar, se enfurecem quando chamados pelo que realmente são.

Scarlett sentia-se desarmada diante de seu sorriso calmo e de suas observações arrastadas. Nunca conhecera ninguém tão inexpugnável. O desdém, a frieza e os insultos que ela empregava como armas perdiam o gume em suas mãos, pois nada que dissesse o envergonhava. Ela sabia por experiência própria que o mentiroso era o mais ardoroso defensor da própria verdade, o covarde, da própria coragem, o mal-educado, do próprio cavalheirismo, e o patife, da própria honra. Mas Rhett, não. Admitia qualquer coisa, ria e desafiava-a a falar mais.

Durante aqueles meses, ele ficou indo e vindo. Chegava sem avisar e partia sem se despedir. Scarlett nunca descobriu o que o levava a Atlanta, pois eram poucos os outros furadores de bloqueio que achavam necessário ir tão para o interior. Deixavam seus carregamentos em Wilmington ou Charleston, onde eram recebidos por enxames de comerciantes e especuladores de todo o Sul que se reuniam para comprar as mercadorias em leilão. Ela teria gostado de pensar que o capitão fazia aquelas viagens para vê-la, mas, por mais vaidosa que fosse, não se iludia. Se alguma vez ele lhe tivesse dito palavras amorosas, demonstrado ciúmes dos homens que viviam em volta dela, ou mesmo tentado segurar sua mão ou pedido um retrato ou um lenço para guardar de lembrança, ela pensaria triunfante que seus encantos o haviam conquistado. Mas era irritante como ele continuava não tendo atitudes típicas de alguém enamorado e, pior ainda, parecia perceber todas as suas manobras para colocá-lo de joelhos.

Sua chegada à cidade sempre deixava as mulheres em polvorosa. Não só por sua aura romântica de intrépido furador de bloqueios, mas também pela excitação provocada pelo que era pecaminoso e proibido. E ele era tão malfalado! Cada vez que as senhoras casadas de Atlanta se reuniam para comentar a vida alheia, sua fama piorava, o que só o tornava mais fascinante para as jovens. Estas, na maioria, eram bem inocentes, e ouviam pouco mais do que a afirmação de que ele era "bastante livre com as mulheres" — mas como um homem era "livre" com as mulheres, elas não sabiam. Ouviam também à boca pequena que, com ele, nenhuma moça estava segura. Com uma fama dessas, era estranho que ele nunca tivesse beijado a mão de uma moça solteira desde que chegara em Atlanta. O que só o tornava mais misterioso e excitante.

Exceto pelos heróis do Exército, Rhett Butler era o homem mais comentado de Atlanta. Todo mundo conhecia em detalhes o caso de sua expulsão de West Point por embriaguez e "algo a ver com mulheres". O terrível escândalo da garota de Charleston que ele comprometera e do irmão que ele matara era de domínio público. Cartas de Charleston trouxeram mais informações. Seu pai, um senhor encantador com uma vontade de ferro e caráter inflexível, expulsara-o de casa, sem um tostão, quando ele tinha vinte anos e ainda riscara seu nome da Bíblia da família. Depois disso, ele fora para a Califórnia na corrida do ouro de 1849, e daí para a América do Sul e Cuba, onde suas atividades não foram das mais recomendáveis. Brigas por causa de mulher, vários tiroteios, contrabando de armas para os revolucionários da América Central e, pior que tudo, jogatina profissional, tudo isso se incluía em seu currículo, como se ouviu dizer em Atlanta.

Era rara a família da Geórgia que não tivesse a tristeza de contar entre seus membros pelo menos um jogador que apostasse, e perdesse, dinheiro, casas, terras e escravos. Mas aquilo era diferente. Um homem podia arruinar-se no jogo e continuar sendo um cavalheiro, mas um jogador profissional só podia ser um marginal.

Não fossem as condições excepcionais criadas devido à guerra, e seus próprios serviços ao governo confederado, Rhett Butler nunca teria sido recebido em Atlanta. Mas agora até os mais puritanos sentiam que, por patriotismo, deviam ter uma mentalidade mais aberta. Os mais sentimentais estavam

propensos a ver que a ovelha negra da família Butler se regenerara e tentava expiar seus pecados. As senhoras se sentiam na obrigação de ser mais flexíveis, especialmente no caso de tão intrépido furador de bloqueios. Era sabido que o destino da Confederação dependia tanto da habilidade dos navios em furar o bloqueio da frota ianque quanto dos soldados no front.

Dizia-se que o capitão Butler era um dos melhores pilotos do Sul, além de ser impulsivo e ter nervos de aço. Criado em Charleston, conhecia cada enseada, riacho, coroa e laje da costa da Carolina perto daquele porto e sentia-se igualmente à vontade nas águas em volta de Wilmington. Nunca perdera um barco nem se vira forçado a se desfazer de um carregamento. No início da guerra, saíra da obscuridade com dinheiro suficiente para comprar uma pequena embarcação ágil e agora, quando cada carregamento que atravessava o bloqueio lhe dava um lucro de dois mil por cento, já possuía quatro navios. Tinha pilotos bons e bem pagos. Eles zarpavam de Charleston e Wilmington na calada de noites escuras, levando algodão para Nassau, Inglaterra e Canadá. As tecelagens de algodão da Inglaterra estavam paradas, e seus operários passavam fome. Qualquer capitão que furasse o bloqueio ianque podia impor seu preço em Liverpool. As embarcações de Rhett tinham muita sorte tanto transportando para o exterior o algodão da Confederação quanto importando os materiais bélicos de que o Sul necessitava desesperadamente. Sim, as senhoras achavam que podiam perdoar e esquecer muita coisa de um homem tão intrépido.

Era um sujeito alinhado, que chamava a atenção. Gastava dinheiro com largueza, montava um garanhão negro e vestia-se com elegância, sempre na última moda. Essa característica em si já bastava para destacá-lo dos demais, pois os soldados andavam com fardas surradas, e os civis, mesmo quando caprichavam ao máximo, vestiam roupas habilmente cerzidas e remendadas. Scarlett nunca vira calças tão elegantes como as dele, em um tom castanho de xadrez. Quanto aos coletes, eram de uma beleza incrível, especialmente o de seda com botõezinhos de rosa bordados. E ele usava aqueles trajes com um ar mais elegante ainda, como se não lhes desse a menor importância.

Quando queria ser simpático, poucas senhoras eram capazes de resistir ao seu charme. Até a sra. Merriwether cedeu e convidou-o para o jantar de domingo.

Maybelle Merriwether, que estava para se casar com o pequeno zuavo na próxima licença dele, chorava toda vez que lembrava que seu vestido de noiva não poderia ser de cetim branco como era seu sonho, pois não havia cetim branco na Confederação. Tampouco poderia pedir um vestido emprestado, pois o cetim branco dos trajes disponíveis havia sido usado na confecção de bandeiras. Em vão, a patriótica sra. Merriwether tentou convencer a filha de que uma noiva confederada devia casar-se com um vestido confeccionado com tecido caseiro. Maybelle queria porque queria cetim. Até se dispunha com certo orgulho a abrir mão de grampos, botões e belos sapatos, e até mesmo de doces e chá, em nome da Causa, mas queria um vestido de noiva de cetim.

Rhett, sabendo disso por Melanie, trouxe da Inglaterra metros e metros de cetim branco e um véu de renda, que ofereceu à noiva como presente de casamento. E o fez de tal maneira que não tinha cabimento falar em pagar por eles. Maybelle ficou tão encantada que só faltou beijá-lo. A sra. Merriwether sabia que receber um presente tão caro — ainda por cima um tecido para uma roupa — era profundamente inadequado, mas não teve como recusar quando Rhett lhe disse, carregando nas frases de efeito, não haver nada bom o bastante para vestir a noiva de um de nossos bravos heróis. E assim foi convidado a jantar na casa da sra. Merriwether, que considerou que aquela concessão mais que pagava o presente.

O capitão não só levou o cetim para a noiva como também conseguiu dar ótimas sugestões para o modelo do vestido. Em Paris, naquela estação, as crinolinas estavam mais amplas e as saias, mais curtas. Os babados tinham dado lugar a festões feitos do próprio tecido apanhado, deixando aparecer anáguas bordadas por baixo. Disse também que, como não vira nas ruas mais ninguém usando calções sob as saias, imaginava que tivessem saído de moda. Depois, a sra. Merriwether falou à sra. Elsing que, se tivesse lhe dado corda, ele teria descrito exatamente o tipo das ceroulas usadas pelas parisienses.

Não fosse ele de uma masculinidade tão patente, poderia ser tachado de efeminado pela habilidade com que descrevia detalhes de vestidos, chapéus e penteados. As senhoras sempre se sentiam meio constrangidas quando o assediavam com perguntas sobre estilo, mas não deixavam de fazê-lo. Estavam tão isoladas do mundo da moda quanto marinheiros náufragos, pois poucas

revistas de moda atravessavam o bloqueio. Como não tinham noção de como as francesas estavam se vestindo, a memória de Rhett para ornamentos era um excelente substituto do *Godey's Lady's Book.* Ele tinha a capacidade de notar, e notava, detalhes muito apreciados pelas mulheres. Depois de cada viagem ao exterior, podia ser encontrado no centro de um grupo de senhoras, contando que naquele ano os chapéus estavam menores, sendo colocados mais em cima, cobrindo quase todo o alto da cabeça, que eram guarnecidos de plumas, não de flores, que a imperatriz da França já não usava o cabelo apanhado na nuca com vestidos de noite, mas sim arranjado no topo da cabeça, deixando as orelhas bem à mostra, e que os trajes de noite estavam de novo escandalosamente decotados.

Durante alguns meses, o capitão foi a figura mais romântica e popular da cidade, apesar de sua má fama e dos vagos rumores de que, além de furar bloqueios, também especulava em gêneros alimentícios. Os que não gostavam dele afirmavam que os preços subiam cinco dólares depois de cada viagem que ele fazia a Atlanta. Mas, mesmo com esses comentários em surdina, ele poderia ter conservado a popularidade se julgasse que valia a pena. Em vez disso, dava a impressão de que, depois de experimentar a companhia dos sérios e patrióticos cidadãos e conseguido seu respeito e seu apreço relutante, algo de perverso nele o levava a afrontá-los e lhes mostrar que sua conduta não passara de uma farsa, que já não o divertia mais.

Era como se desprezasse todos e tudo no Sul, especialmente a Confederação, e não fazia o menor esforço para disfarçar esse desprezo. Foram seus comentários sobre a Confederação que fizeram Atlanta olhá-lo primeiro com espanto, depois com frieza e, por fim, com ódio. Já no fim de 1862, os homens o cumprimentavam com estudada frieza e as mulheres começavam a chamar as filhas para junto delas quando ele aparecia em uma reunião.

Rhett parecia se comprazer não só em afrontar os sinceros e ardorosos cidadãos de Atlanta, mas também em se apresentar sob seu pior aspecto. Quando as pessoas bem-intencionadas o elogiavam pela bravura de enfrentar o bloqueio, ele respondia calmamente que sempre tinha medo diante do perigo, tanto medo quanto os valentes rapazes no front. E, como era sabido que não existia nem nunca existira nenhum soldado confederado covarde, o comentário soava

particularmente irritante. Referia-se sempre aos soldados como “os nossos bravos rapazes” ou “os nossos heróis de cinza” em um tom altamente insultuoso. Quando as jovens bem-nascidas, cheias de segundas intenções, agradeciam-lhe com uma mesura por ser um dos heróis que lutavam por elas, ele declarava que não era o caso, pois teria feito o mesmo por mulheres ianques se fosse ganhar tanto dinheiro.

Desde que se encontraram pela primeira vez em Atlanta, na noite do bazar, ele falava com Scarlett daquele jeito, mas agora havia um tom velado de sarcasmo em suas conversas com todo mundo. Quando o elogiavam pelos serviços à Confederação, ele sempre retrucava que encarava o bloqueio como um negócio. Se os contratos com o governo fossem tão lucrativos, dizia, fitando nos olhos quem tinha tais contratos, sem dúvida abandonaria os riscos do bloqueio e passaria a vender à Confederação tecidos de má qualidade, açúcar batizado com areia, farinha estragada e couro podre.

Seus comentários eram quase todos irrefutáveis, o que os tornava mais graves ainda. Já se soubera de alguns escândalos menores envolvendo contratos com o governo. Os soldados no front escreviam às famílias reclamando de sapatos que só duravam uma semana, de pólvora que não acendia, de arreios que arrebentavam à menor tensão, de carne deteriorada e de farinha infestada de gorgulhos. Os cidadãos de Atlanta procuravam pensar que os fornecedores daqueles produtos não eram seus conterrâneos, mas sim naturais do Alabama, da Virgínia ou do Tennessee. Pois entre os fornecedores da Geórgia não se incluíam homens das melhores famílias? Não eram eles os primeiros a contribuir com grandes doações para o hospital e para o fundo de ajuda aos órfãos dos soldados? Não eram os primeiros a se entusiasmar com o “Dixie”, e os mais sedentos, pelo menos da boca para fora, de sangue ianque? A revolta contra os fornecedores corruptos ainda não engrossara, e as palavras de Rhett foram tomadas meramente como confirmação de sua falta de educação.

Não só ele afrontava Atlanta com alusões à venalidade de cidadãos que ocupavam altas posições e com insinuações sobre a coragem dos combatentes, mas também se comprazia em colocar os dignos indivíduos em situações embaraçosas. Não conseguia se segurar para não espetar a presunção, a hipocrisia e o patriotismo ufanista dos que o cercavam, assim como um menino

não conseguia se segurar para não furar um balão com uma alfinetada. Fazia murchar os pomposos e expunha os ignorantes e os intolerantes de uma forma muito sutil, fingindo um interesse cortês para atrair suas vítimas, que só depois de desmascaradas e expostas ao ridículo entendiam o que se passara.

Mesmo quando ele estava nas boas graças da cidade, Scarlett não se iludia a seu respeito. Sabia que aqueles galanteios exagerados e aqueles discursos empolados eram uma piada. Sabia que ele fazia o papel do afoito e patriótico atravessador de bloqueio simplesmente por diversão. Às vezes, achava-o parecido com seus amigos de infância, os levados gêmeos Tarletons, com mania de pregar peças nos outros; os endiabrados Fontaines, implicantes e velhacos; os Calverts, capazes de passar a noite em claro planejando farsas. Mas havia uma diferença, pois a aparente leveza de Rhett no fundo era maldosa, quase sinistra em sua suave brutalidade.

Mesmo sabendo-o falso, Scarlett preferia vê-lo no papel de furador de bloqueios, o que facilitava bastante seu relacionamento com ele. Assim, aborreceu-se muito quando ele rasgou a fantasia e pôs-se deliberadamente a alienar a boa vontade de Atlanta. Aborreceu-se porque lhe parecia tolice e porque parte das severas críticas recaía sobre ela.

Foi no sarau musical da prata organizado pela sra. Elsing em benefício dos convalescentes que Rhett assinou a própria condenação ao ostracismo. Naquela tarde, a casa Elsing estava cheia de soldados de licença, homens vindos dos hospitais, membros da Guarda Nacional e da milícia, senhoras casadas, viúvas e jovens solteiras. Não sobrava um assento disponível na residência, e até os degraus da longa escadaria estavam tomados. A grande tigela de cristal lapidado que o mordomo dos Elsings segurava à porta já fora esvaziada duas vezes do conteúdo de moedas de prata. Só isso já bastava para que se considerasse o evento um sucesso, pois agora um dólar de prata valia sessenta dólares do papel-moeda da Confederação.

Cada moça com a pretensão de ter algum dote se apresentara cantando ou tocando piano, e os quadros vivos haviam merecido efusivos aplausos. Scarlett sentia-se realizada, não só por seu comovente dueto com Melanie, “When the Dew Is on the Blossom”, ter merecido um pedido de bis que elas atenderam apresentando o mais alegre, “Oh, Lawd, Ladies, Don’t Mind Stephen!”, como

também por ter sido escolhida para representar o Espírito da Confederação no último quadro.

Estava encantadora, usando uma túnica de tarlatana branca recatadamente drapeada, cingida de vermelho e azul. Tinha, em uma das mãos, a bandeira da Confederação. Na outra, o sabre dourado que pertencera a Charles e a seu sogro, estendido para o capitão Carey Ashburn, do Alabama, que estava ajoelhado a seus pés.

Encerrado o quadro, não pôde deixar de tentar ler nos olhos de Rhett se ele havia apreciado seu belo número. Vendo-o envolvido em uma discussão, provavelmente sem tê-la notado, exasperou-se. Pela expressão de fúria dos que o rodeavam, percebeu que estavam revoltados com o que ele dizia.

Scarlett encaminhava-se para o grupo quando se fez um daqueles silêncios constrangedores em qualquer reunião. Ela ouviu a voz de Willie Guinan, da milícia, dizer claramente:

— Devo entender, senhor, que quer dizer que a Causa pela qual nossos heróis morreram não é sagrada?

— Se fosse atropelado por um trem, sua morte não santificaria a companhia da estrada de ferro, santificaria? — perguntou Rhett no tom de quem pedia humildemente uma informação.

— Senhor — respondeu Willie com voz trêmula —, se não estivéssemos embaixo deste teto…

— Tremo só de pensar no que poderia acontecer — disse Rhett. — Pois, naturalmente, todos conhecem de sobra a sua bravura.

Willie enrubesceu e a conversa terminou. Houve um constrangimento geral. Willie era forte e saudável, tinha idade para o serviço militar, mas não estava no front. Claro, era filho único e, afinal, alguém tinha que servir na milícia para proteger o estado. Mas, quando Rhett falou de bravura, alguns oficiais convalescentes deram risadinhas irreverentes.

Por que ele não fica calado?!, pensou Scarlett, indignada. *Está estragand*o a festa.

O dr. Meade fechou a cara.

— Nada é sagrado para você, rapaz — disse, no mesmo tom dos seus discursos. — Mas para os patrióticos sulistas, homens e mulheres, muitas coisas

são sagradas. Uma delas é a liberdade de nossa terra contra o usurpador. Outra é o Direito dos Estados e…

Rhett mostrava-se indolente, e sua voz tinha um tom melífluo, quase de enfado.

— Toda guerra é sagrada para os que combatem nela. Se as guerras não fossem sacralizadas, quem seria suficientemente tolo para lutar? Mas sejam quais forem os lemas que os oradores criarem para os idiotas que lutam, sejam quais forem as nobres justificativas que encontrarem para a guerra, a causa de todas elas é uma só: dinheiro. Na realidade, todas são brigas por dinheiro. Mas poucos se dão conta disso. Têm os ouvidos cheios demais do som das trombetas e dos tambores que acompanham as belas palavras de oradores que não saem de casa. Às vezes, o lema é "Salvemos o Santo Sepulcro das Mãos dos Pagãos!". Outras, é "Abaixo o Papado!". Outras, ainda, é "Liberdade!" ou "Algodão, Escravidão e Direito dos Estados!".

O que é que o papa tem a ver com isso tudo?, pensou Scarlett. *Ou o Santo* Sepulcro?

Enquanto se apressava em direção ao grupo exaltado, viu Rhett curvar-se displicentemente e atravessar o salão, dirigindo-se à porta. Tentou alcançá-lo, mas a sra. Elsing segurou-a pela saia.

— Deixe-o ir — disse em voz clara que ecoou no silêncio tenso da sala. — Deixe. É um traidor, um especulador. É uma víbora que alimentamos em nosso seio!

Rhett, parado no vestíbulo, com o chapéu na mão, ao executar o que fora dito para que ele ouvisse, virou-se e, por um instante, examinou a sala. Olhou sem rodeios para o busto chato da sra. Elsing, sorriu de repente com os dentes à mostra e, com uma mesura, retirou-se.

A sra. Merriwether voltou para casa na carruagem de tia Pitty e, mal haviam as quatro senhoras se acomodado no assento, explodiu:

— Pronto, Pittypat Hamilton! Espero que esteja satisfeita!

— Com o quê? — perguntou Pitty, apreensiva.

— Com o comportamento do miserável daquele Butler que você andou protegendo.

Pittypat estremeceu, perturbada demais pela acusação para recordar que a sra. Merriwether também recebera Rhett Butler em várias ocasiões. Scarlett e Melanie lembraram, mas, educadas a não contestar os mais velhos, abstiveram-se de comentar o assunto e puseram-se a estudar a renda das luvas que calçavam.

— Ele insultou a nós todos e à Confederação — disse a sra. Merriwether, com o busto avantajado subindo e descendo sob os cintilantes enfeites de passamanaria. — Dizer que lutamos por dinheiro! Que nossos líderes mentiram para nós! Devia ser posto na cadeia. Devia, sim. Vou falar com o dr. Meade sobre isso. Se o sr. Merriwether fosse vivo, cuidaria dele! Agora, Pitty Hamilton, preste atenção. Você nunca mais pode deixar esse patife tornar a pôr os pés na sua casa!

— Ah — balbuciou Pitty, desarmada, com ar de quem preferia estar morta.

Olhou pedindo socorro às duas moças, mas como elas continuavam fitando as mãos, focou, esperançosa, as costas eretas de tio Peter. Sabia que ele prestava atenção a tudo que diziam e torceu para ele se virar e entrar na conversa, como de hábito. Torceu para que falasse: “Ora, sinhá Dolly, deixa a sinhá Pitty em paz”, mas Peter não se moveu. Condenava Rhett Butler enfaticamente, e a pobre Pitty sabia disso. Suspirou e disse:

— Bem, Dolly, se pensa…

— Eu penso — retrucou com firmeza a sra. Merriwether. — Não consigo imaginar o que a levou a recebê-lo, para início de conversa. Depois dessa cena, não vai haver na cidade uma casa decente onde ele seja bem recebido. Tenha bom senso e proíba-o de entrar na sua.

Ela lançou um olhar severo às jovens.

— Espero que guardem o que estou dizendo — prosseguiu —, pois em parte a culpa é de vocês, que foram tão simpáticas com ele. Digam apenas com educação e firmeza que a presença e as ideias desleais dele são indesejáveis na casa de vocês.

Àquela altura, Scarlett tinha o sangue fervendo. Estava prestes a empinar como um cavalo ao sentir o toque de um estranho na rédea. Mas teve medo de falar. Não podia correr o risco de que a sra. Merriwether escrevesse outra carta à sua mãe.

Sua búfala velha!, pensou, vermelha de raiva. *Como seria maravilhoso lhe dizer o que acho de você e desse seu jei*to mandão!

— Nunca pensei que fosse ouvir na vida alguém falar de forma tão desleal da nossa Causa — prosseguiu a sra. Merriwether, cada vez mais inflamada. — Todo homem que não considera a nossa Causa justa e santa deve ser enforcado! Não quero ouvir dizer que vocês duas tornaram a lhe dirigir a palavra… Nossa, Melly, o que há com você?

Melly estava lívida, com os olhos enormes.

— Continuarei a falar com ele — disse baixinho. — Não serei grosseira com ele. Não vou proibi-lo de entrar lá em casa.

A sra. Merriwether bufou tão ruidosamente quanto se tivesse levado um soco no estômago. Tia Pitty ficou boquiaberta, e tio Peter virou-se com os olhos arregalados.

Ora, por que não tive a iniciativa de dizer isso?, pensou Scarlett com um misto de inveja e admiração. *Como essa coelhinha teve peito para enfrentar a velha Me*rriwether?

Melanie tinha as mãos trêmulas, mas prosseguiu depressa, como se receasse lhe faltar coragem se demorasse a falar.

— Não vou tratá-lo com grosseria por causa do que disse, porque… foi uma grosseria dele dizer aquilo em voz alta… foi uma insensatez… mas é… é o que Ashley pensa. E não posso fechar a porta da minha casa para um homem que pensa da mesma forma que meu marido. Seria injusto.

A sra. Merriwether recobrara o fôlego e avançou.

— Melly Hamilton, nunca ouvi uma mentira como essa em toda a minha vida! Nunca houve um covarde na família Wilkes.

— Eu nunca disse que Ashley era covarde — rebateu Melanie, os olhos começando a faiscar. — Disse que tem a mesma opinião que o capitão Butler, apenas se expressa de outra forma. E não sai expondo as ideias dele nas festas, espero eu. Mas expôs para mim nas cartas.

A consciência pesada de Scarlett despertou enquanto ela tentava recordar o que Ashley poderia ter escrito para levar Melanie a fazer uma declaração daquelas, pois mal lia uma carta e não se lembrava mais do que dizia. Achou que Melanie simplesmente tivesse perdido o juízo.

— Ashley me escreveu dizendo que não devíamos estar lutando contra os ianques. E que fomos levados a isso sendo traídos pelos políticos e pelos oradores que recitam palavras de ordem e preconceitos — disse Melly apressadamente. — Falou que nada no mundo compensava o que esta guerra está fazendo conosco. Que não existia glória nenhuma… só sofrimento e sujeira.

Ah! Aquela carta, pensou Scarlett. *Era isso o que ele que*ria dizer?

— Não acredito — contestou a sra. Merriwether com firmeza. — Você se equivocou na interpretação.

— Eu nunca me equivoco com Ashley — retrucou Melanie com calma, embora seus lábios tremessem. — Compreendo-o perfeitamente. Ele quis dizer exatamente o que o capitão Butler disse, só que sem grosseria.

— Você devia se envergonhar de comparar um homem fino como Ashley Wilkes a um salafrário como o capitão Butler! Imagino que também pense que a Causa não vale nada!

— Eu… eu não sei o que penso — começou Melanie, insegura, já perdendo o fogo e começando a se apavorar com a própria franqueza. — Eu… eu morreria pela Causa, como Ashley. Mas… quero dizer… quero dizer, pensar é para os homens, porque eles são muito mais inteligentes.

— Nunca ouvi semelhante coisa — bufou a sra. Merriwether. — Pare, tio Peter, você já passou da minha casa!

Tio Peter, distraído com a conversa às suas costas, ultrapassara o degrau de embarque da casa Merriwether e fez o cavalo recuar. A sra. Merriwether saltou, as fitas do chapéu agitando-se como velas em uma tempestade.

— Você vai se arrepender — disse.

Tio Peter chicoteou o cavalo.

— Ocês divia di tê vergonha di dexá a sinhá Pitty desse jeito — ralhou.

— Não estou nada desse jeito — respondeu Pitty, surpreendentemente, pois sempre desmaiava por muito menos. — Melly, querida, sei que você fez isso para me ajudar, e gostei de ver alguém fazer a Dolly descer um pouco do pedestal. Ela é muito mandona. Como teve coragem? Mas acha que devia ter dito aquilo de Ashley?

— Mas é verdade — disse Melanie, começando a chorar baixinho. — E não me envergonho por ele pensar assim. Ele acha que a guerra é um erro, mas está

disposto a lutar e morrer mesmo assim, o que exige muito mais coragem do que lutar por uma coisa que se julga justa.

— Nossa, sinhá Melly, num chora aqui na nossa rua, não — resmungou tio Peter, fazendo o cavalo aumentar o passo. — Us pessoá vai ficá falano. Ispera nós chegá im casa.

Scarlett ficou quieta. Nem sequer apertou a mão que Melanie deslizara sob a sua para ser consolada. Lera as cartas de Ashley com uma única finalidade: assegurar-se de que ele ainda a amava. Agora Melanie dava um significado novo a passagens que Scarlett mal enxergara. Chocava-a ver que uma pessoa absolutamente perfeita como Ashley pudesse ter alguma ideia em comum com um degenerado como Rhett Butler. Raciocinou: *Os dois enxergam a realidade desta guerra, mas Ashley está disposto a morrer por ela e Rhett, não. Acho que isso demonstra o bom senso de Rhett.* Parou um instante, horrorizada de ter pensado uma coisa dessas de Ashley. *Eles enxergam a mesma verdade desagradável, mas Rhett a encara de frente e enfurece os outros falando no assunto… já Ashley não tem forças para en*frentá-la.

Aquilo era muito confuso.

Capítulo 13

Instigado pela sra. Merriwether, o dr. Meade interveio. Escreveu ao jornal uma carta em que não mencionava o nome de Rhett, mas deixava bem claro o que queria dizer. O editor, pressentindo a comoção social que a carta provocaria, publicou-a na segunda página, o que era uma inovação, uma vez que as duas primeiras eram sempre dedicadas a anúncios de escravos, mulas, arados, ataúdes, casas para vender ou alugar, tratamentos para doenças íntimas, abortivos e restauradores da virilidade.

A carta do médico foi o início do coro de indignação que começava a se fazer ouvir por todo o Sul contra especuladores, aproveitadores e fornecedores que tinham contrato com o governo. Em Wilmington, o principal porto usado pelos furadores de bloqueio, agora que o de Charleston estava praticamente isolado pelas canhoneiras ianques, a situação tomara proporções escandalosas. Wilmington estava infestada de especuladores que, com dinheiro na mão, compravam carregamentos inteiros de mercadorias, sonegando-as para provocar a alta dos preços. Que sempre vinha, pois, com a escassez dos produtos, os preços subiam mensalmente. A população civil era obrigada a ficar sem os artigos ou a pagar os preços impostos pelos especuladores. A vida dos pobres e dos modestos estava cada vez mais dura. Com a alta dos preços, o dinheiro dos confederados se desvalorizava, e a desvalorização despertou uma paixão irracional por artigos de luxo. Os furadores de bloqueio eram comissionados para trazer bens necessários e tinham permissão de entrar com artigos de luxo apenas como um extra, mas agora esses artigos constituíam todo o carregamento, excluindo os que eram de primeira necessidade para a Confederação. As pessoas compravam freneticamente aqueles luxos com o dinheiro que tinham na mão, temendo que no dia seguinte os preços subissem e o dinheiro desvalorizasse.

Para piorar a situação, só havia uma linha de estrada de ferro entre Wilmington e Richmond. E, enquanto milhares de tonéis de farinha e de caixas

de presunto apodreciam nas estações por falta de transporte, quem especulava com vinhos, sedas e café sempre conseguia fazer sua mercadoria chegar a Richmond dois dias depois de desembarcada em Wilmington.

O que se dizia à boca pequena, e agora se falava abertamente, era que Rhett Butler não só administrava sua frota de quatro navios e vendia os carregamentos a preços exorbitantes, mas também comprava a carga de outros navios e as segurava para forçar a alta dos preços. Dizia-se que era chefe de um grupo que valia mais de um milhão de dólares sediado em Wilmington cujo objetivo era comprar nas docas as mercadorias passadas pelo bloqueio. Constava que possuíam dezenas de armazéns naquela cidade e em Richmond abarrotados de gêneros alimentícios e de artigos de vestuário que só seriam vendidos depois que os preços subissem. Militares e civis já sentiam o aperto, e os protestos contra Rhett e seus colegas especuladores ficaram violentos.

"Entre os que forçam o bloqueio naval a serviço da Confederação há muitos patriotas intrépidos", dizia o médico no fim da carta. "Homens abnegados que arriscam a vida e a fortuna para que a Confederação possa subsistir. Estes têm todo o respeito de todos os leais sulistas, e ninguém lhes questiona o direito de colher os parcos lucros gerados pelos riscos que correm. São cavalheiros altruístas e têm a nossa consideração. Não é a eles que me refiro.

"Há outros, porém, velhacos que se escondem sob a máscara de capitão no intuito de auferir ganhos egoísticos e merecem que recaiam sobre eles a ira e a vingança de um povo que luta na mais justa das Causas. São abutres humanos que trazem carregamentos de cetins e rendas quando nossos homens estão morrendo por falta de quinino. Carregam seus navios com chá e vinhos quando nossos heróis se contorcem de dor por falta de morfina. Eu execro esses vampiros que sugam o sangue dos seguidores de Robert Lee — estes homens que estão levando todos os patriotas a torcerem o nariz diante do fedor que exalam. Como podemos suportar entre nós esses carniceiros com seus sapatos de verniz quando nossos rapazes combatem descalços? Como podemos tolerá-los com seus champanhes e seus patês de Estrasburgo quando nossos soldados tiritam de frio em torno de uma fogueira e se alimentam de presunto velho? Convoco todos os leais confederados a expulsá-los."

O povo de Atlanta leu, identificou a voz do oráculo, e, na qualidade de leais confederados, apressaram-se em expulsar Rhett.

De todas as casas que o recebiam no outono de 1862, a da srta. Pittypat era praticamente a única em que ele podia entrar em 1863. E, não fosse por Melanie, provavelmente nem ali seria recebido. Tia Pitty ficava atarantada quando ele estava na cidade. Sabia muito bem o que seus amigos diziam quando ela o recebia, mas ainda não tinha coragem de fechar-lhe a porta. Sempre que o capitão chegava a Atlanta, ela se preparava para instruir as sobrinhas a barrarem-no na entrada. Mas ele sempre vinha com um presentinho na mão e um elogio ao seu encanto e à sua beleza na ponta da língua. Ela amolecia.

— Não sei o que fazer — resmungava. — Basta ele olhar para mim, e eu… morro de medo só de pensar no que ele faria se eu o barrasse. Tem uma fama péssima. Acham que ele me agrediria… ou… ou… Puxa vida, se Charlie estivesse vivo! Scarlett, *você* tem que dizer para ele não voltar aqui… fale com jeitinho. Nossa! Tenho certeza de que você o encoraja. A cidade toda está falando. Se sua mãe descobrir, o que vai me dizer? Melly, você não deve ser tão simpática com ele. Seja fria e distante e ele vai entender. Ah, Melly, acha que é melhor eu escrever ao Henry pedindo para ele falar com o capitão Butler?

— Não, eu não acho — respondeu Melanie. — E também não vou ser grosseira com ele. Acho que as pessoas estão agindo feito baratas tontas em relação ao capitão Butler. Garanto que ele não pode ser tudo isso que o dr. Meade e a sra. Merriwether dizem. Ele não sonegaria comida a pessoas famintas. Ora, ele até me deu cem dólares para os órfãos. Garanto que ele é leal e patriota como qualquer um de nós, mas é orgulhoso demais para se defender. A senhora sabe como os homens são teimosos quando se zangam.

Tia Pitty não entendia nada de homens, zangados ou não, e só conseguia abanar as mãozinhas, impotente. Quanto a Scarlett, já se resignara há muito tempo com a mania de Melanie de ver o lado bom de todas as pessoas. Melanie era uma idiota, mas não se podia fazer nada quanto a isso.

Scarlett sabia que Rhett não estava sendo patriota, e ela não se importava. Mas nem morta admitiria isso. Os presentinhos que ele lhe trazia de Nassau, miudezas que uma senhora podia aceitar com dignidade, eram o que lhe importava. Com os preços nas alturas como estavam, onde poderia obter

agulhas, bombons e grampos de cabelo se barrasse a sua entrada? Não, era mais fácil deixar a responsabilidade recair sobre os ombros de tia Pitty, que afinal era a dona da casa, o árbitro da moral e dos bons costumes. Scarlett sabia que Rhett, como ela, era alvo dos mexericos da cidade. Mas também sabia que, aos olhos de Atlanta, Melanie Wilkes era irrepreensível e, se defendia Rhett, as visitas dele ganhavam uma aura de respeitabilidade.

No entanto, a vida seria mais agradável se Rhett se retratasse das heresias. Ela não teria de sofrer o constrangimento de ver virarem o rosto para ele nos passeios que davam pela rua Peachtree.

— Mesmo que você pense isso, para que dizer? — ralhava. — Se você só pensasse o que bem quisesse, mas ficasse calado, tudo seria muito mais agradável.

— Seu sistema é esse, não é, minha hipócrita de olhos verdes? Scarlett, Scarlett! Eu esperava de você uma atitude mais corajosa. Pensei que os irlandeses dissessem o que pensavam e o resto que se danasse. Fale a verdade, não tem momentos em que você quase explode por ficar calada?

— Bom… sim — confessou Scarlett com relutância. — Não aguento mais ouvir essa gente falando noite e dia sobre a Causa. Mas, nossa, Rhett Butler, se eu confessasse isso, ninguém mais me dirigiria a palavra nem me tiraria para dançar!

— Ah, sim, e dançar é preciso, custe o que custar. Bem, admiro o seu autocontrole, mas não tenho capacidade para isso. Nem para bancar o romântico e o patriota, por mais conveniente que isso possa ser. Já há patriotas de sobra para arriscarem todo o seu dinheiro no bloqueio e terminarem a guerra na miséria. Não precisam de mim nem para dar brilho ao registro de patriotismo nem para aumentar a lista de miseráveis. Deixe que fiquem com seus halos. Eles os merecem… pela primeira vez, estou sendo sincero… e, além do mais, em mais ou menos um ano, os halos vão ser tudo que vai lhes restar.

— Acho muito desagradável da sua parte sequer sugerir essas coisas quando você sabe muito bem que daqui a pouco a Inglaterra e a França já vêm nos ajudar e…

— Ora, Scarlett! Você deve andar lendo jornal! Estou admirado. Não faça mais isso. Só confunde a cabeça das mulheres. Para sua informação, estive na

Inglaterra há menos de um mês e lhe digo: a Inglaterra nunca vai ajudar a Confederação. A Inglaterra nunca aposta em perdedores. Por isso é a Inglaterra. Além do mais, a holandesa gorda que está sentada no trono é uma alma temente a Deus e não aprova a escravidão. Vai deixar os operários das tecelagens inglesas morrerem de fome por falta do nosso algodão, mas nunca vai mover uma palha a favor da escravidão. Quanto à França, aquela imitação barata de Napoleão está ocupada demais estabelecendo os franceses no México para se incomodar conosco. Aliás, está feliz com esta guerra, que toma todo o nosso tempo e nos impede de expulsar as tropas dela do México… Não, Scarlett, a ideia de ajuda externa é só uma invenção de um jornal para levantar a moral dos sulistas. A Confederação está condenada. Vive dos últimos recursos, como o camelo das reservas da corcova, e nem os recursos mais abundantes são inesgotáveis. Eu me dou mais uns seis meses como furador de bloqueios e paro. Depois disso, será muito arriscado. E vendo os meus navios a algum inglês maluco que se ache capaz de ludibriar as canhoneiras. Mas, de qualquer maneira, isso não está me incomodando. Já ganhei dinheiro de sobra. Está depositado nos bancos ingleses, em ouro. Não quero saber desse papel que não vale nada.

Como sempre, tudo que ele falava soava plausível. Os outros podiam achar seus discursos uma traição, mas Scarlett sentia que neles havia bom senso e verdade. E sabia que isso era muito errado, pois ela devia estar escandalizada e furiosa. Não estava, mas podia fingir para sentir-se mais respeitável e honrada.

— Acho que o dr. Meade tinha razão no que escreveu a seu respeito, capitão Butler. A única maneira de se redimir é se alistar depois de vender os seus navios. Você é de West Point e…

— Você parece um pregador batista fazendo sermão para recrutar fiéis. E se eu não quiser me redimir? Por que devo lutar para defender um sistema que me expulsou? Vai me dar prazer vê-lo esmagado.

— Nunca ouvi falar em sistema nenhum — disse ela, irritada.

— Não? E no entanto faz parte de um, como eu fiz, e aposto que isso é tão desagradável para você quanto era para mim. Bem, por que sou a ovelha negra da família Butler? Simplesmente por causa do sistema… Nunca consegui me integrar a Charleston. E Charleston é o Sul, só que intensificado. Eu me pergunto se você se dá conta do tédio que isso é… Tantas coisas que tinham que ser feitas

porque sempre foi assim. Tantas coisas, bastante inofensivas, que não podiam ser feitas, e pela mesma razão. Quantas coisas me irritaram pela insensatez! Não me casar com a moça, de quem já deve ter ouvido falar, foi só a última gota. Por que eu deveria me casar com uma idiota tola só porque um acidente me impediu de levá-la em casa antes de escurecer? E por que me deixar matar pelo irmão transtornado dela quando eu atirava melhor? Por cavalheirismo, claro, teria me deixado matar por ele e isso teria lavado a mancha do escudo dos Butler. Mas… eu gosto de viver. E vou vivendo e me divertindo… Quando penso no meu irmão, convivendo com as vacas sagradas de Charleston, a quem quase reverencia, e me lembro da indigesta esposa dele, daqueles bailes de Santa Cecília e daqueles arrozais infindáveis dele, conheço a compensação de romper com o sistema. Scarlett, nossa maneira de viver sulista é tão antiquada quanto o sistema feudal da Idade Média. O incrível é que tenha durado tanto. Tinha que acabar e está acabando agora. E no entanto você espera que eu dê ouvidos ao discurso dessa gente que, como o dr. Meade, vem me dizer que a nossa Causa é justa e sagrada? Que devo me empolgar com o rufar dos tambores a ponto de pegar um mosquete e correr para ir dar o meu sangue na Virgínia pelo Robert Lee? Que tipo de idiota você pensa que sou? Beijar a palmatória que me bateu não faz meu gênero. O Sul e eu agora estamos quites. O Sul já me pôs na rua para morrer de fome. Sobrevivi, e estou ganhando bastante dinheiro com esses últimos estertores do Sul para compensar a perda da minha herança.

— Acho que você é vil e mercenário — reagiu Scarlett automaticamente.

A maior parte daquela conversa de Rhett lhe entrara por um ouvido e saíra pelo outro, como acontecia com qualquer uma que não fosse pessoal. Mas alguma coisa fazia sentido. A convivência com gente bem-educada exigia um monte de coisas absurdas como a obrigação de fingir ter o coração enterrado no túmulo quando ele estava bem vivo. Que escândalo foi ela ter dançado no bazar! E a expressão de fúria das pessoas quando ela dizia qualquer coisinha diferente do que as outras moças diziam ou faziam! Apesar disso, incomodava-a ouvi-lo atacar aquelas mesmas tradições que tanto a irritavam. Convivera demais com gente dissimulada e polida para não se perturbar ao ouvir seus próprios pensamentos traduzidos.

— Mercenário? Não. Eu apenas enxergo longe. Embora isso talvez seja sinônimo de mercenário. Pelo menos para quem tem visão mais curta que eu. Qualquer confederado que tivesse mil dólares em dinheiro em 1861 poderia ter feito o que fiz, mas poucos foram mercenários o suficiente para aproveitar as oportunidades que tiveram! Por exemplo, logo depois da queda do Forte Sumter e antes do início do bloqueio, comprei milhares de fardos de algodão por uma ninharia e levei-os para a Inglaterra. E continuam lá, em armazéns de Liverpool. Nunca os vendi. Vou esperar as fábricas precisarem deles e me pagarem qualquer preço que eu pedir. Não vou me admirar se conseguir um dólar por libra.

— Vai conseguir um dólar por libra quando a galinha criar dente!

— Estou convencido de que consigo. Já estão pagando 72 centavos por libra. Quando a guerra terminar, Scarlett, vou ser um homem rico. Porque enxerguei longe… perdão, fui mercenário. Já lhe disse uma vez que há dois momentos para se ganhar muito dinheiro. Um é na construção de um país, e outro, na destruição. Na construção, ganha-se lentamente. Na destruição, muito depressa. Guarde as minhas palavras. Talvez um dia possam lhe ser úteis.

— Agradeço muito — disse Scarlett, com todo o sarcasmo que conseguiu. — Mas não preciso dos seus conselhos. Acha que meu pai é um indigente? Ele tem mais dinheiro do que vou precisar na vida e, ainda por cima, tenho as propriedades de Charles.

— Imagino que os aristocratas franceses pensavam do mesmo jeito até serem levados para a guilhotina.

Rhett sempre mostrava a Scarlett a incoerência de continuar vestindo luto quando participava de todas as atividades sociais. Ele gostava de cores alegres, e aqueles trajes lúgubres com o véu de crepe até o chão faziam-no rir e ao mesmo tempo o irritavam. Mas ela continuava a usá-los, sabendo que, se passasse a roupas coloridas antes do tempo, o zum-zum-zum na cidade seria maior ainda do que já era. E, além do mais, que explicação daria à mãe?

Rhett dizia francamente que o véu de crepe a deixava parecida com uma gralha e que os vestidos pretos a envelheciam dez anos. Esse comentário nada lisonjeiro fazia-a correr para conferir no espelho se realmente aparentava 28 anos em vez de 18.

— Sempre achei você vaidosa o bastante para não querer imitar o visual da sra. Merriwether — implicou ele. — E de mais bom gosto, para não usar esse véu anunciando uma dor que nunca sentiu. Faço uma aposta com você. Em dois meses, em vez do crepe, estará usando na cabeça um modelo trazido por mim de Paris.

— Negativo, e não vamos falar mais nisso — disse Scarlett, aborrecida com a alusão a Charles.

Rhett, que se preparava para seguir para Wilmington, onde embarcaria para outra viagem, despediu-se com um sorriso.

Ele apareceu semanas depois, em uma bela manhã de verão, trazendo na mão uma vistosa caixa de chapéu. Vendo que Scarlett estava sozinha em casa, abriu-a. Envolto em camadas de papel de seda, ela se deparou com um chapéu que a fez exclamar enquanto avançava para pegá-lo:

— Ah, que coisa linda!

Depois de tanto tempo sem ver uma peça de vestuário nova (quanto mais sentir-lhe o toque), pareceu-lhe o chapéu mais lindo que já vira na vida. Era de tafetá verde-escuro, forrado de chamalote cor de jade. As fitas que o amarravam sob o queixo tinham um palmo de largura, sendo também de cor verde-clara. E enroscada sobre a aba da peça estava a mais espevitada pluma verde de avestruz.

— Experimente-o — disse Rhett, sorrindo.

Scarlett voou para o espelho do outro lado da sala, colocou-o na cabeça e, afastando o cabelo das orelhas para mostrar os brincos, amarrou o laço sob o queixo.

— Como estou? — perguntou, rodopiando, ao jogar a cabeça para trás para fazer a pluma dançar.

Mas sabia que estava bonita antes mesmo de ler a confirmação nos olhos dele. Sentia-se provocante vendo o verde de seus olhos faiscarem realçados pelo tom do forro do chapéu.

— Ah, Rhettt, de quem é isso? Quero comprar. Dou todo o meu dinheiro por ele.

— É seu — disse ele. — Quem mais poderia usar esse tom de verde? Não acha que guardei bem a cor dos seus olhos?

— Você mandou fazer mesmo esse chapéu para mim?

— Sim, e na caixa está escrito “Rue de la Paix”, se isso lhe diz alguma coisa.

Não dizia, e ela sorria para sua imagem no espelho. Naquele momento, a única coisa que lhe importava era que se achou linda com o primeiro chapéu bonito que punha na cabeça em dois anos. O que não poderia fazer com aquele chapéu! Então parou de sorrir.

— Não gostou?

— Ah, é um sonho, mas… vou detestar forrar de crepe esse verde lindo e tingir a pluma de preto.

Rhett mais que depressa chegou perto dela e desamarrou o laço com habilidade, tornando a guardar o chapéu na caixa.

— O que está fazendo? Você disse que era meu.

— Mas não para ser transformado em chapéu de luto. Vou encontrar outra senhora encantadora de olhos verdes que aprecie o meu gosto.

— Ah, não! Eu morro se não tiver esse chapéu! Por favor, Rhett, não seja mau! Deixe que eu fique com ele.

— E o transforme em um pavor como seus outros chapéus? Não.

Ela agarrou-se à caixa. Aquela coisinha linda que a deixava bonita e tão remoçada ser dada a outra pessoa? Ah, nunca! Pensou em como Pitty e Melanie ficariam horrorizadas. Pensou no que Ellen diria, e estremeceu. Mas a vaidade falou mais alto.

— Prometo que não mudo nada. Mas me deixe ficar com ele.

Rhett lhe entregou a caixa com um sorriso ligeiramente sarcástico, observando-a enquanto ela tornava a experimentá-lo e se ajeitava.

— Quanto custa? — perguntou de repente, preocupada. — Só tenho cinquenta dólares, mas mês que vem…

— Vai custar uns dois mil dólares em dinheiro da Confederação — disse ele, rindo de sua expressão desolada.

— Puxa… Bem, dou os cinquenta agora e quando eu…

— Não quero dinheiro por ele — disse Rhett. — É presente.

O queixo de Scarlett caiu. Era muito rígida, muito clara, a regra em relação a presentes masculinos.

“Doces e flores, querida”, Ellen sempre repetia. “Quem sabe um livro de poesia, um álbum ou um vidrinho de Água da Flórida. Essas são as únicas coisas

que uma senhora pode aceitar de um cavalheiro. Jamais um presente caro, mesmo do noivo. E nunca joias ou artigos de vestuário, nem mesmo luvas ou lenços. Se aceitar presentes desse tipo, os homens saberão que você não é uma dama e tentarão tomar liberdades."

Puxa, pensou Scarlett, admirando-se no espelho e depois olhando para o rosto indecifrável de Rhett. *Não posso dizer a ele que não vou aceitar. É muito lindo. Eu… quase estou preferindo que ele tome uma liberdade, se for uma bem pequena*. Depois caiu em si, e corou, horrorizada.

— Eu… eu lhe dou os cinquenta dólares.

— Se me der, jogo tudo na sarjeta. Ou melhor ainda, mando rezar missas na intenção da sua alma. Garanto que ela está bem precisada.

Scarlett teve que rir. E a risada refletida na aba verde do chapéu decidiu-a imediatamente.

— O que está tentando fazer comigo?

— Seduzi-la com presentes até desidratar os seus ideais infantis e tê-la na minha mão — disse ele. — Só aceite doces e flores de um homem, querida — arremedou, e ela estourou na gargalhada.

— Você é um velhaco, Rhett Butler, e sabe muito bem que este chapéu é lindo demais para ser recusado.

Os olhos dele zombavam dela mesmo enquanto elogiavam sua beleza.

— Você pode dizer à srta. Pitty que me deu uma amostra do tafetá e da seda verde, desenhou o modelo e eu lhe extorqui cinquenta dólares por isso.

— Não. Digo que foram cem dólares e ela vai contar para a cidade inteira e todo mundo vai se roer de inveja e falar da minha extravagância. Mas, Rhett, você não deve me trazer presentes tão caros. É muito gentil da sua parte, mas realmente eu não poderia aceitar mais nada.

— É mesmo? Mas vou lhe trazer presentes enquanto me der prazer e eu encontrar coisas que realcem os seus encantos. Vou lhe trazer um corte de chamalote verde-escuro para um vestido do mesmo tom do chapéu. E já vou avisando que não sou bonzinho. Estou atraindo você com chapéus e pulseiras para uma armadilha. Nunca esqueça que não dou ponto sem nó nem dou nada de graça. E sempre me pagam.

Os olhos dele buscaram o rosto de Scarlett e chegaram até seus lábios. Ela, vibrando, baixou os olhos. Agora ele ia tentar tomar liberdades, como Ellen previra. Ia beijá-la, ou tentar beijá-la, ela não conseguia imaginar qual das opções seria. Se ela se recusasse, Rhett poderia lhe arrancar o chapéu da cabeça para dá-lo depois a outra. Por outro lado, se ela permitisse um beijinho casto, ele poderia lhe trazer mais presentes na esperança de ganhar outro beijo. Os homens davam tanto valor a beijos, só Deus sabia por quê. Muitas vezes, depois de um único beijo, ficavam tão apaixonados pela moça que faziam um papelão. Mas ela precisava ser esperta e negar outros beijos depois do primeiro. Seria empolgante ver Rhett Butler apaixonado por ela. Ouvi-lo confessar a paixão e implorar um beijo ou um sorriso. Sim, deixaria que ele a beijasse.

Mas ele não fez nenhum movimento para isso. Ela olhou de rabo de olho por baixo das pestanas para ele, murmurando para incentivá-lo:

— Então sempre recebe um pagamento, não é? E o que espera receber de mim?

— Ainda vamos ver.

— Bem, se acha que vou me casar com você para pagar pelo chapéu, pode tirar o cavalo da chuva — disse em tom de desafio, com um meneio provocante da cabeça que deixou a pluma balançando.

Os dentes claros dele brilharam sob o bigode.

— Minha senhora. Quanta pretensão! Não quero me casar com você nem com ninguém. Não sou do tipo que se casa.

— Realmente! — exclamou ela, surpresa e decidida a fazê-lo tomar alguma liberdade. — Eu também nunca tive intenção de beijá-lo.

— Então por que está fazendo esse bico ridículo com a boca?

— Ah! — exclamou ela ao se ver de relance no espelho com os lábios de fato em posição de beijo. — Ah! — tornou a exclamar, enfurecendo-se e batendo o pé. — Você é o sujeito mais horroroso que já vi na vida e não me importo de nunca mais tornar a vê-lo!

— Se realmente achasse isso, teria pisado no chapéu. Ora, você está exaltada, e isso lhe fica muito bem, como deve saber. Vamos, Scarlett, pise no chapéu para me mostrar o que acha de mim e dos meus presentes.

— Não se atreva a tocar neste chapéu — respondeu ela, segurando-o pelo laço e recuando. Ele foi atrás dela, rindo baixinho, e tomou-lhe as mãos.

— Ah, Scarlett, você é tão imatura que até me angustia — disse. — Vou lhe dar o beijo que você parece esperar. — E, abaixando-se com descaso, apenas lhe roçou o bigode no rosto. — Agora acha que deve me dar uma bofetada para manter as aparências?

Com lábios rebeldes, Scarlett olhou no fundo dos olhos dele e viu uma expressão tão debochada que não conseguiu se conter e desatou a rir. Como ele era implicante e exasperante! Se não queria casar-se com ela, nem beijá-la, o que queria? Se não estava apaixonado por ela, por que a visitava com tanta frequência e lhe trazia presentes?

— Assim é melhor — disse. — Scarlett, não sou boa influência, e se tem algum juízo, você deve me mandar embora… se conseguir. É muito difícil alguém se livrar de mim. Mas sou um perigo para você.

— É?

— Não vê? Desde que nos encontramos no bazar, você adotou um comportamento chocante e, em grande parte, por minha culpa. Quem a encorajou a dançar? Quem a forçou a confessar que não achava a nossa gloriosa Causa nem gloriosa nem sagrada? Quem a levou a admitir que considerava tolice os homens quererem morrer por princípios pomposos? Quem a ajudou a dar assunto de sobra para os mexericos das velhas? Quem a está levando a sair do luto vários anos antes do tempo? E, para terminar, quem a induziu a aceitar um presente que nenhuma dama que se preze poderia aceitar impunemente?

— Quanta pretensão, capitão Butler. Meu comportamento não é tão escandaloso e eu teria feito tudo que mencionou mesmo sem a sua ajuda.

— Duvido — retrucou ele. Sua expressão agora era calma e sombria. — Você continuaria sendo a inconsolável viúva de Charles Hamilton, conhecida pelas boas ações que pratica entre os feridos. Só que um dia…

Mas ela já não ouvia. Olhando-se satisfeita no espelho, pensava em usar o chapéu naquela mesma tarde para ir ao hospital e levar flores para os oficiais convalescentes.

Que havia verdade nas últimas palavras de Rhett nem lhe passou pela cabeça. Não enxergava que Rhett abrira a porta da prisão de sua viuvez e a deixara livre

para se colocar em posição de rainha sobre as moças solteiras quando seu tempo já devia ter passado há muito. Nem se dera conta de que, influenciada por ele, afastara-se muito dos ensinamentos de Ellen. A mudança ocorrera de forma tão gradual que o desrespeito a uma pequena convenção parecia não ter qualquer relação com o desrespeito a outra, e nenhum deles, qualquer relação com Rhett. Não percebia que, estimulada por ele, passara por cima das mais severas determinações da mãe quanto às normas do bom-tom e esquecera os difíceis preceitos a que uma dama devia obedecer.

Só via que nunca tivera um chapéu que lhe ficasse tão bem. Que não lhe custara um centavo e que Rhett tinha que estar apaixonado por ela, quer o confessasse, quer não. E com certeza pretendia encontrar um jeito de levá-lo a se declarar.

No dia seguinte, Scarlett estava em pé diante do espelho com um pente na mão e a boca cheia de grampos, experimentando o novo penteado que Maybelle, recém-chegada de uma visita ao marido em Richmond, dissera ser a última moda na capital. Chamava-se “Gatos, Ratos e Camundongos” e apresentava muitas dificuldades. Dividia-se o cabelo no meio e, de cada lado da cabeça, faziam-se três rolos de tamanhos graduados. O maior, mais perto do repartido era o “gato”. O “gato” e o “rato” eram fáceis de prender, porém os “camundongos” ficavam exasperantemente fugindo dos grampos. Mas Scarlett estava decidida a realizá-lo, pois Rhett vinha jantar e sempre notava e comentava qualquer novidade em roupas ou penteados.

Enquanto pelejava com seus cachos fartos e rebeldes, já transpirando na testa, percebeu passinhos leves no vestíbulo e viu que Melanie tinha chegado do hospital. Ao ouvi-la correr escada acima, saltando os degraus de dois em dois, parou, com o grampo no ar, percebendo que devia haver algo errado, pois os movimentos de Melanie eram sempre calmos como os de uma senhora idosa e nobre. Scarlett abriu a porta, e Melanie entrou correndo, toda assustada, corada como uma criança culpada.

Tinha o rosto em lágrimas, o chapéu caído para trás pendurado no pescoço pelas fitas, e as crinolinas balançando violentamente. Na mão, segurava alguma coisa que trouxe para o quarto um cheiro forte de perfume barato.

— Ah, Scarlett! — gritou, fechando a porta e atirando-se na cama. — Titia já chegou? Ainda não? Ah, graças a Deus, Scarlett, estou quase morrendo de tão agoniada! Quase desmaiei, Scarlett, e tio Peter está ameaçando contar a tia Pitty.

— Contar o quê?

— Que eu estava falando com aquela… com a senhorita… senhora… — Melanie abanava o rosto afogueado com o lenço. — Aquela mulher de cabelo vermelho chamada Belle Watling!

— Nossa, Melly! — exclamou Scarlett, tão espantada que só conseguiu arregalar os olhos.

Belle Watling era a mulher de cabelo vermelho que Scarlett vira na rua no dia em que chegara em Atlanta e, àquela altura, a mais falada da cidade. Muitas prostitutas haviam aparecido em Atlanta, atrás dos soldados, mas Belle se destacava das demais, pelo cabelo cor de fogo e pelos vestidos carregados, de uma elegância exagerada. Raramente era vista na rua Peachtree ou em qualquer bairro decente, mas quando aparecia as mulheres respeitáveis se apressavam em atravessar a rua para evitá-la. E Melanie andara falando com ela. Não era de admirar que tio Peter estivesse estarrecido.

— Eu morro se tia Pitty descobrir! Você sabe que ela vai contar para todo mundo na cidade e eu vou ficar envergonhada — soluçava Melanie. — E não tive culpa… eu não podia fugir dela. Seria muita grosseria. Scarlett… eu… eu tive pena dela. Acha que eu sou má por ter esse sentimento?

Mas Scarlett não estava preocupada com o lado ético da atitude. Como a maioria das jovens inocentes e bem-educadas, tinha uma curiosidade ávida em relação a prostitutas.

— O que ela queria? Como falava?

— Ah, com muitos erros de gramática, mas vi que se esforçava muito para ser elegante, coitadinha. E eu saí do hospital e o tio Peter não estava me esperando na porta com a carruagem. Resolvi vir a pé para casa, e quando passei pelo jardim dos Emersons ela estava lá, escondida atrás da sebe! Ah, graças a Deus que eles estão em Macon! Ela disse: “Por favor, sra. Wilkes, fala um instantinho comigo.” Não sei como ela sabia o meu nome. Sei que eu devia ter saído dali correndo, mas… bem, Scarlett, ela estava com um ar tão triste e… bem, como se estivesse implorando. Estava toda de preto, sem pintura e realmente tinha um ar

decente, tirando aquele cabelo vermelho. Antes que eu pudesse responder, ela foi dizendo: “Sei que a senhora não devia falar comigo, mas tentei falar com aquela velha pavoa da sra. Elsing, e ela correu comigo do hospital.”

— Ela chamou a outra mesmo de pavoa? — perguntou Scarlett, rindo de satisfação.

— Ah, não ria. Não tem graça. Parece que essa senhorita… essa mulher queria fazer alguma coisa pelo hospital… pode imaginar? Se ofereceu para servir de enfermeira na parte da manhã e, naturalmente, a sra. Elsing deve ter quase morrido com essa ideia e a expulsou do hospital. Então ela disse: “Eu tamém quero fazer alguma coisa. Não sou uma confederada igual à senhora?” E, Scarlett, fiquei comovida com o desejo dela de ajudar. Está vendo, ela não pode ser tão ruim assim, se quer ajudar a Causa. Acha que eu sou má por pensar assim?

— Pelo amor de Deus, Melly, quem se importa se você for má? O que mais ela disse?

— Disse que andava observando as senhoras passarem a caminho do hospital e achou que eu parecia… parecia… boa e me parou. Era para eu pegar o dinheiro que ela queria dar para o hospital, e não contar a ninguém. Disse que a sra. Elsing não deixaria o dinheiro ser usado se soubesse de que tipo era. De que tipo! Foi aí que quase desmaiei! E eu estava tão nervosa e tão ansiosa para sair dali que só disse: “Ah, sim, é muita bondade sua”, ou qualquer coisa idiota assim, e ela sorriu e disse: “A senhora é cristã de verdade”, botando na minha mão esse lenço sujo. Argh, dá para sentir o perfume?

Melanie mostrou um lenço masculino sujo e muito perfumado que embrulhava um punhado de moedas.

— Ela estava me agradecendo e falando alguma coisa sobre me trazer dinheiro toda semana quando tio Peter passou e me viu! — Melly caiu em prantos e deitou a cabeça no travesseiro. — E, quando viu quem estava comigo, ele… Scarlett, ele *gritou* comigo! Ninguém jamais tinha gritado comigo em toda a minha vida. E falou: “Sobe já, já nessa carruage!” Claro que subi, e ele veio até em casa brigando comigo, sem me deixar explicar nada e ameaçando contar a tia Pitty. Scarlett, por favor, vá lá embaixo implorar a ele para não contar. Talvez ele

lhe dê ouvidos. Titia vai morrer se souber que olhei para aquela mulher. Você vai?

— Vou, sim. Mas vamos ver quanto dinheiro tem aqui. Está pesado.

Ela desamarrou o nó, e um punhado de moedas de ouro rolou na cama.

— Scarlett, aqui tem cinquenta dólares! E em ouro! — exclamou Melanie, assombrada, ao contar as reluzentes moedas. — Me diga, você acha certo usar esse tipo de dinheiro… bem, conseguido… hum… desse jeito… para os rapazes? Não acha que Deus vai entender que ela quer ajudar e não vai se importar se for sujo? Quando penso nas coisas todas de que o hospital precisa…

Mas Scarlett não ouvia. Olhava para o lenço, humilhada e furiosa. Havia um monograma no canto com as iniciais bordadas: "R.K.B." Na gaveta de cima de sua cômoda, havia um lenço igualzinho, que Rhett lhe emprestara ainda no dia anterior para enrolar as hastes das flores silvestres que haviam colhido. Ela pensara em devolvê-lo quando ele viesse para jantar naquela noite.

Então Rhett tinha relações com a depravada daquela Watling e lhe dava dinheiro. Era daí que vinha a contribuição para o hospital. Ouro do bloqueio. E pensar que Rhett teria a ousadia de encarar uma mulher decente depois de ter estado com aquela criatura! E pensar que Scarlett quase acreditara que ele estava apaixonado por ela. Isso provava que não podia estar.

Mulheres da vida e tudo que lhes dizia respeito eram coisas misteriosas e revoltantes para ela. Sabia que os homens tratavam aquelas mulheres com condescendência para fins que uma dama não devia mencionar… ou, se mencionasse, era em voz baixa, de forma indireta e usando eufemismos. Sempre pensara que só homens desclassificados visitassem tais mulheres. Até aquele momento, nunca lhe ocorrera que homens de bem — isto é, homens que ela encontrava em casas decentes e com quem dançava — pudessem fazer aquele tipo de coisa. Isso lhe abriu um novo campo de raciocínio que era aterrador. Talvez todos os homens fizessem isso! Já obrigavam as esposas a certos atos indecentes e, não contentes com isso, ainda procuravam mulheres abjetas e lhes pagavam para praticá-los! Ah, os homens eram uns velhacos, e Rhett Butler, o pior de todos.

Ela pegaria aquele lenço para jogar-lhe na cara, botando-o porta fora para nunca mais lhe dirigir a palavra. Mas não, jamais poderia deixá-lo saber que ela

sequer suspeitava da existência de mulheres da vida, quanto mais que as visitava. Uma dama jamais poderia fazer isso.

Ah, pensou furiosa. *Se eu não fosse uma dama, o que não diria àqu*ele verme!

E, amarrotando na mão o lenço, desceu as escadas à procura de tio Peter. Ao passar pelo fogão, jogou o lenço no fogo e, cheia de uma raiva impotente, observou-o se consumir.

Capítulo 14

O verão de 1863 chegou encontrando todos os sulistas com o coração cheio de esperança. Apesar das privações e das dificuldades, apesar dos especuladores e de flagelos semelhantes, apesar das mortes e dos sofrimentos que já haviam deixado sua marca em quase toda família, o Sul continuava dizendo “Mais uma vitória e a guerra termina” com a mesma convicção do verão anterior. Os ianques mostravam-se um osso duro de roer, mas finalmente começavam a amolecer.

O Natal de 1862 fora alegre para Atlanta e para todo o Sul. A Confederação obtivera uma esmagadora vitória em Fredericksburg, deixando um saldo de milhares de ianques mortos e feridos. Nas festas de fim de ano, o clima era de regozijo e gratidão pela virada da maré. O Exército vestido de marrom agora era composto de combatentes experientes, com generais que tinham provado sua coragem. Havia a certeza geral de que, na primavera, quando os combates fossem retomados, os ianques seriam esmagados de vez.

A primavera chegou e os combates recomeçaram. Em maio, a Confederação obteve mais uma grande vitória em Chancellorsville. O Sul exultava.

E, mais perto, uma incursão da cavalaria na Geórgia transformara-se em um triunfo dos confederados. Os sulistas ainda riam, batendo nas costas uns dos outros, dizendo:

— Sim, senhor! Quando o velho Nathan Bedford Forrest vai atrás deles, melhor dar no pé!

No final de abril, o coronel Streight e 1800 homens da cavalaria ianque haviam feito uma investida de surpresa na Geórgia, com o objetivo de chegar a Rome, cerca de cem quilômetros a norte de Atlanta. Tinham planos ambiciosos de cortar a estrada de ferro, de importância vital, entre Atlanta e Tennessee. Depois entrariam em Atlanta com o objetivo de destruir as fábricas e os suprimentos bélicos concentrados naquela cidade-chave da Confederação.

Foi um golpe audacioso, e teria custado caro ao Sul, se não fosse por Forrest. Apenas com um terço dos homens — mas que homens e que cavaleiros! —, perseguiu a força inimiga, travou combate com eles antes que alcançassem Rome, assediando-os dia e noite até finalmente capturar a força inteira!

Quando a notícia chegou a Atlanta, quase ao mesmo tempo que a da vitória de Chancellorsville, a cidade comemorou exultante. Chancellorsville podia ser uma vitória mais importante, mas a captura da cavalaria de Streight botava os ianques em uma posição ridícula.

— Não, senhor, é melhor não se meterem com o velho Forrest —

lembrava alegremente o povo de Atlanta, conforme a história ia sendo repetida.

A maré de sorte da Confederação corria com força total, levando em seu fluxo o povo radiante. Certo, os ianques liderados por Grant cercavam Vicksburg desde meados de maio. Certo, o Sul sofrera uma perda desagradável quando Stonewall Jackson foi mortalmente ferido em Chancellorsville. Certo, a Geórgia perdera um de seus filhos mais bravos e mais brilhantes quando o general T.R.R. Cobb foi morto em Fredericksburg. Mas os ianques não podiam mais suportar derrotas como Fredericksburg e Chancellorsville. Teriam que se dar por vencidos, e então aquela guerra cruel estaria terminada.

Nos primeiros dias de julho surgiu o boato, mais tarde confirmado por despachos, de que Lee marchava para a Pensilvânia. Lee no território inimigo! Lee provocando o combate! Aquela era a última batalha da guerra!

Atlanta, em uma excitação febril, tinha sede de vingança. Agora os ianques saberiam o que era levar a guerra ao seu próprio país. Saberiam o que era ter campos férteis arrasados, cavalos e gado roubados, casas incendiadas, velhos e meninos arrastados para a prisão e mulheres e crianças postas na rua para morrerem de fome.

Não havia quem não soubesse o que os ianques haviam feito no Missouri, no Kentucky, no Tennessee e na Virgínia. Até as crianças repetiam com ódio e pavor as barbaridades cometidas pelos ianques nos territórios conquistados. Atlanta estava cheia de refugiados do leste do Tennessee e ouvia em primeira mão os relatos do que haviam sofrido. Naquela região, os simpatizantes dos confederados eram minoria, e a mão da guerra caía pesada sobre eles, como em todos os estados da fronteira, vizinho denunciando vizinho, irmão matando

irmão. Aqueles refugiados queriam ver a Pensilvânia transformada em um lençol de chamas, imagem que provocava expressões de prazer macabro até nas senhoras mais doces.

Mas, quando chegou a notícia de que Lee dera ordens no sentido de que nenhuma propriedade privada fosse destruída, os saques fossem punidos de morte e o Exército pagasse por tudo que requisitasse, foi necessária toda a reverência conquistada pelo general para que sua popularidade fosse mantida. Não dar inteira liberdade para os homens se servirem dos ricos depósitos daquele estado próspero? O que o general Lee estava pensando? E os nossos rapazes tão famintos, necessitados de calçados, de roupas e de cavalos!

Um bilhete escrito às pressas por Darcy Meade ao pai, a única informação em primeira mão recebida por Atlanta naquele início de julho, foi passado de mão em mão com crescente indignação.

"Pai, pode me conseguir um par de botas? Já ando descalço há duas semanas, sem nenhuma perspectiva de arranjar outro par. Se eu não tivesse pés tão grandes, tiraria dos ianques como os outros fazem, mas ainda não encontrei um ianque que calçasse o meu número. Se conseguir algum, não mande pelo correio. Seria roubado no caminho, e eu entenderia. Mande de trem por Phil. Em breve, escreverei de onde estivermos. No momento, só sei que estamos marchando para norte, e todo mundo diz que vamos para a Pensilvânia.

Pai, achei que iríamos dar o troco aos ianques, mas o general não admite isso. Eu, pessoalmente, não me importo de ser fuzilado só pelo prazer de incendiar a casa de um ianque. Pai, hoje atravessamos os milharais mais espetaculares que já vi. Não temos milho assim aí. Bem, confesso que saqueamos, às escondidas, um pouco desse milho, pois estávamos todos famintos, e o que o general não sabe não o afeta. Mas aquele milho verde não nos fez bem. O pessoal já estava com disenteria e piorou com o milho. É mais fácil caminhar com uma perna ferida do que com disenteria. Pai, veja, sim, se me arranja umas botas. Agora sou capitão, e um capitão tem que andar calçado, mesmo que não tenha uniforme novo nem dragonas."

Mas o Exército estava na Pensilvânia — era só o que importava. Mais uma vitória e a guerra terminaria, e então Darcy Meade poderia ter todas as botas que quisesse, e os rapazes poderiam marchar de volta para casa e todo mundo

voltaria a ser feliz. Os olhos da sra. Meade ficaram marejados quando ela visualizou o filho finalmente em casa, e para ficar.

No dia 3 de julho, as linhas telegráficas ao norte silenciaram. Um silêncio que durou até as 12 horas do dia seguinte, quando começaram a chegar notícias fragmentadas e truncadas no quartel-general de Atlanta. Tinha havido uma batalha encarniçada na Pensilvânia, nas proximidades de um vilarejo chamado Gettysburg, com a participação integral de todo o exército de Lee. As notícias eram incertas e demoravam a chegar, pois a batalha fora travada em território inimigo e as informações vinham por Maryland, de onde eram transmitidas para Richmond e daí para Atlanta.

O suspense crescia e o pavor ia se infiltrando na cidade. Nada era pior do que não saber o que estava acontecendo. Famílias com filhos no front rezavam fervorosamente para que eles não estivessem na Pensilvânia, mas as que sabiam ter parentes no mesmo regimento de Darcy cerravam os dentes e diziam ser uma honra para eles participar da grande batalha que derrotaria os ianques de uma vez por todas.

Na casa de tia Pitty, as três mulheres se entreolhavam sem conseguir esconder o medo. Ashley estava no regimento de Darcy.

No dia 5, chegaram más notícias, não do Norte, mas sim do Oeste. Vicksburg caíra após um longo e amargo cerco. Praticamente todo o rio Mississipi, de St. Louis a Nova Orleans, estava nas mãos dos ianques. A Confederação fora dividida. Em qualquer outra ocasião, a notícia desse desastre teria provocado medo e lamentações em Atlanta. Mas não se podia pensar muito em Vicksburg. Todos concentravam a atenção em Lee forçando o combate na Pensilvânia. A perda de Vicksburg não seria catastrófica se Lee vencesse no Leste, onde se situavam a Filadélfia, Nova York e Washington. A captura dessas cidades paralisaria o Norte e compensaria a derrota no Mississipi.

As horas se arrastavam, com a sombra da calamidade pairando sobre a cidade, obscurecendo o sol quente e deixando as pessoas incrédulas quando olhavam para cima e viam um céu límpido em vez de nuvens carregadas. Por toda parte, havia grupos de mulheres — nas varandas, calçadas, até no meio das ruas — repetindo umas para as outras à guisa de consolo que a falta de notícias era uma boa notícia, tentando aparentar bravura. Mas os boatos terríveis de que Lee fora

morto, de que a batalha fora perdida e mais as longas listas com os nomes das vítimas fatais circulavam céleres como morcegos pelas ruas silenciosas. Sem querer acreditar, as pessoas, apavoradas, acorriam à cidade, concentrando-se diante dos jornais e dos quartéis-generais, em busca de qualquer notícia, mesmo que fossem más.

Aglomerações se formavam na estação à espera das notícias que vinham pelos trens. Grupos se plantavam diante do posto telegráfico, dos tumultuados quartéis-generais, das portas fechadas dos jornais. Eram grupos incrivelmente silenciosos, que só faziam crescer em silêncio. Ninguém falava. E quando, em meio ao silêncio, um velho de voz trêmula implorava por notícias, em vez de despertar um zum-zum-zum, só deixava as pessoas mais mudas ao ouvir o refrão: “O telégrafo por enquanto só diz que está tendo luta no Norte.” A fila de mulheres a pé ou em carruagens era cada vez mais extensa. O calor dos corpos apinhados misturado à poeira levantada pela movimentação inquieta dos pés era sufocante. As mulheres não falavam, mas a eloquência muda de seus rostos tensos e pálidos era mais forte que um lamento.

Em toda a cidade não havia uma casa que não tivesse enviado para aquela batalha um filho, um irmão, um pai, um amante ou um marido. Todas estavam preparadas para ouvir a notícia da visita da morte. Esperavam a morte. Não a derrota. Essa ideia era impensável. Seus homens podiam estar morrendo naquele momento na relva queimada de sol dos morros da Pensilvânia. Os regimentos do Sul podiam estar caindo como grãos em uma tempestade de granizo, mas a Causa pela qual lutavam jamais cairia. Podiam estar morrendo aos milhares, mas, como os dentes plantados do dragão, ressurgiriam da terra para substituí-los também aos milhares, fardados de cinza ou marrom com o brado rebelde nos lábios. De onde viriam esses homens, não se sabia. Só se sabia, com a mesma certeza que se tinha de que havia um Deus justo e zeloso no céu, que Lee era milagroso e o Exército da Virgínia, invencível.

Scarlett, Melanie e a srta. Pittypat, protegidas por suas sombrinhas, estavam à porta da sede do *Daily Examiner*, sentadas na carruagem com a capota arriada. As mãos de Scarlett tremiam tanto que a sombrinha balançava no alto, Pitty estava tão nervosa que mexia o nariz como um coelho, mas Melanie parecia

petrificada, com os olhos escuros cada vez mais arregalados. Em duas horas fez apenas um comentário, ao tirar o frasco de sais da bolsinha para passá-lo à tia, a única vez na vida em que se dirigira a ela sem ser em um tom afetuoso.

— Tome, titia, e use caso se sinta mal. Vou lhe avisando que, se desmaiar, o tio Peter a carrega nos braços para casa, pois daqui não saio enquanto não… não souber. E também não vou permitir que Scarlett me deixe.

Scarlett não tinha nenhuma intenção ir a parte alguma onde não pudesse ter as primeiras notícias de Ashley. Nem que a tia morresse, arredaria pé dali. Em algum lugar, Ashley estava combatendo, talvez agonizando, e era só na redação do jornal que ela poderia saber a verdade.

Olhou a multidão, identificando amigos e vizinhos. A sra. Meade com o chapéu de lado e de braço dado com Phil, o filho de 15 anos; as srtas. McLures tentando esconder os dentes protuberantes sob os lábios trêmulos; a sra. Elsing, empertigada como uma mãe espartana, traindo o turbilhão interno apenas pelos cachos grisalhos em desalinho que lhe escapavam do coque; e Fanny Elsing, branca como um fantasma. (Certamente não estaria tão preocupada pelo irmão Hugh. Teria no front um namorado de que ninguém soubesse?) A sra. Merriwether, sentada em sua carruagem, dava tapinhas na mão de Maybelle. Maybelle estava em um estado de gestação tão avançado que era vergonhoso sair em público, mesmo com o xale cuidadosamente drapeado para esconder a barriga. Por que estaria tão preocupada? Ninguém ouvira dizer que as tropas da Louisiana estivessem na Pensilvânia. Seu pequeno zuavo cabeludo devia estar são e salvo em Richmond naquele momento.

Houve uma movimentação na periferia da aglomeração, e os pedestres abriram caminho para deixar passar Rhett Butler montado em seu cavalo, seguindo com cuidado em direção à carruagem de tia Pitty. Scarlett pensou: *Ele é corajoso, vindo aqui em uma hora destas quando pode ser linchado por não estar de uniforme.* Ao vê-lo mais perto, pensou até em dar início ao linchamento. Como ousava aparecer ali todo pimpão e fumando um charuto caro com aquelas botas reluzentes e aquele terno de linho branco, montado em um belo cavalo, quando Ashley e todos os outros rapazes estavam descalços, derretendo de calor, famintos e disentéricos na linha de fogo, enfrentando os ianques?

Olhares revoltados seguiram-no enquanto ele atravessava lentamente a aglomeração. Velhos de barba rosnavam, e a destemida sra. Merriwether levantou-se um pouco na carruagem e disse com todas as letras: “Especulador!”, em um tom que transformou o epíteto no xingamento mais venenoso. Ignorando os demais, ele tirou o chapéu para Melly e tia Pitty e, chegando ao lado de Scarlett, curvou-se e disse baixinho:

— Não acha que está na hora de o dr. Meade nos contemplar com um daqueles famosos discursos sobre a vitória que pousa como uma águia em nossos estandartes?

Os nervos à flor da pele por causa do suspense, Scarlett virou-se para ele, ágil como uma gata raivosa, com palavras duras na ponta da língua, mas ele a conteve com um gesto.

— Vim dizer às senhoras — anunciou em voz alta — que estive no quartel-general, e as primeiras listas de vítimas estão chegando.

A essas palavras, iniciou-se um burburinho entre os que estavam perto o suficiente para ouvi-lo, e a multidão avançou, pronta para desabalar-se pela rua Whitehall rumo ao quartel-general.

— Não prossigam — gritou ele, erguendo-se nos estribos com a mão levantada. — As listas foram enviadas para os dois jornais e já estão sendo impressas. Fiquem onde estão!

— Ah, capitão Butler — exclamou Melly, virando-se para ele com lágrimas nos olhos. — Quanta bondade sua vir nos dizer isso! Quando vão ser divulgadas?

— A qualquer momento, minha senhora. As notícias já estão nas redações há meia hora. O major encarregado não quis passá-las adiante antes de terminar de imprimi-las, temendo que a multidão destruísse as instalações ao tentar se informar. Ah! Olhe!

A janela lateral do prédio do jornal se abriu. Uma mão estendida segurava um maço de estreitas folhas recém-impressas com os nomes listados quase sem espaçamento entre um e outro. A multidão disputou-as com avidez, rasgando-as em duas. Houve empurra-empurra entre os que conseguiam um pedaço e queriam chegar aonde fosse possível ler e os que queriam passar, estes gritando:

— Me deixem passar!

— Segure as rédeas — disse Rhett secamente, apeando e jogando-as para tio Peter.

Foi abrindo caminho aos empurrões entre os presentes, que se sentiam pequenos ao notar seu porte sobranceiro. Em um instante, estava de volta, trazendo meia dúzia de listas nas mãos. Jogou uma para Melanie e distribuiu as outras entre as senhoras nas carruagens mais próximas. As srtas. McLures, a sra. Meade, a sra. Merriwether, a sra. Elsing.

— Depressa, Melly — gritou Scarlett, o coração na boca, exasperada ao ver que as mãos de Melly tremiam tanto que ela não conseguia ler.

— Tome — murmurou Melly, e Scarlett arrancou o papel de sua mão. *Os Ws. Onde estão os Ws?* Ah, estavam no fim e todos borrados. — White — leu com voz trêmula —, Wilkens… Winn… Zebulon… Ah, Melly, o nome dele não está na lista! Não está! Ah, pelo amor de Deus, titia! Melly, pegue os sais! Segure-a, Melly.

Melly, chorando abertamente de felicidade, segurava a cabeça bamba da srta. Pitty enquanto lhe chegavam os sais às narinas. Scarlett escorou a gorda senhora pelo outro lado, o coração cantando de alegria. Ashley estava vivo. Nem mesmo estava ferido. Como Deus era bom por tê-lo poupado! Como…

Ouviu um suspiro surdo. Voltou-se e viu Fanny Elsing deitar a cabeça no colo da mãe. Viu a lista de vítimas voar para o chão da carruagem e os lábios finos da sra. Elsing estremecerem quando ela abraçou a filha e disse calmamente para o cocheiro:

— Para casa. Depressa.

Scarlett passou os olhos nas listas. Não viu o nome de Hugh Elsing. Fanny devia ter um namorado, que morrera. Comiseradas, as pessoas deram passagem em silêncio para a carruagem das Elsings. Logo atrás, seguiu a pequena charrete das meninas McLures, conduzida pela srta. Faith, que não movia um músculo no rosto e, pela primeira vez, não mostrava os dentes. A srta. Hope, muito ereta e com uma expressão fúnebre, segurava com força a saia da irmã sentada ao seu lado. Pareciam duas velhas. Dallas, seu adorado irmão caçula, o único parente que as duas solteironas possuíam no mundo, morrera.

— Melly! Melly! — gritou Maybelle, exultante. — René está bem! Ashley também! Ah, Graças a Deus! — O xale lhe escorregara dos ombros, deixando

bem à vista seu estado, mas, pela primeira vez, nem ela nem a sra. Merriwether se incomodaram com isso. — Ah, sra. Meade! René… — Imediatamente, sua voz mudou. — Melly, olhe!… Sra. Meade, por favor! Darcy não…?

A sra. Meade tinha a cabeça curvada sobre o peito e não a levantou quando chamaram seu nome, mas o rosto do pequeno Phil ao lado dela era um livro aberto.

— Calma, calma, mamãe — dizia ele, impotente. A sra. Meade levantou a cabeça, encontrando o olhar de Melanie.

— Ele não vai mais precisar daquelas botas — disse.

— Ah, querida! — exclamou Melanie, começando a soluçar ao empurrar a cabeça de tia Pitty para cima de Scarlett e passar para a carruagem da esposa do médico.

— Mamãe, você ainda tem a mim — disse Phil, fazendo um esforço desesperado para consolar a mulher lívida ao seu lado. — E, se me deixar, vou matar todos os ianques…

A sra. Meade agarrou-lhe o braço como se nunca mais o fosse largar.

— Não! — exclamou com uma voz estrangulada, parecendo engasgar.

— Phil Meade, cale essa boca! — sibilou Melanie, sentando-se ao lado da sra. Meade e abraçando-a. — Acha que vai ser bom para sua mãe perder você também? Nunca ouvi uma bobagem tão grande. Leve-nos para casa, depressa!

Virou-se para Scarlett enquanto Phil pegava as rédeas.

— Assim que deixar tia Pitty, vá para a casa da sra. Meade. Capitão Butler, pode dar a notícia ao dr. Meade? Ele está no hospital.

A carruagem partiu, atravessando a multidão que já se dispersava. Algumas mulheres choravam de alegria, mas a maioria dava a impressão de estar muito aturdida para se dar conta da desgraça que se abatera sobre elas. Scarlett, com a cabeça curvada sobre as listas borradas, lia rapidamente, à procura de nomes conhecidos. Agora que Ashley estava bem, podia pensar nos outros. Ah, quão longa era a lista! E quão pesado o preço cobrado a Atlanta e a toda a Geórgia.

Minha nossa! "Calvert, Raiford, tenente." Raif! De repente lembrou-se do dia, tanto tempo atrás, em que fugiram de casa juntos, mas resolveram voltar à tardinha porque sentiram fome e ficaram com medo do escuro.

“Fontaine, Joseph K., soldado.” O baixinho e impulsivo Joe! E Sally mal se recuperara do parto!

“Munroe, Lafayette, capitão.” E Lafe estava noivo de Cathleen Calvert. Pobre Cathleen! Teve uma dupla perda; um irmão e o namorado. Mas a de Sally foi maior: um irmão e o marido.

Ah, era terrível demais. Quase tinha medo de continuar lendo. Tia Pitty pesava soluçando em seu ombro, e Scarlett, sem a menor cerimônia, empurrou-a para o lado e continuou a leitura.

Com certeza, com certeza… não podia haver três “Tarleton” naquela lista. Talvez… talvez o apressado tipógrafo tivesse repetido o nome por engano. Mas não. Lá estavam eles: “Tarleton, Brenton, tenente.” “Tarleton, Stuart, cabo.” “Tarleton, Thomas, soldado.” E Boyd, morto no primeiro ano da guerra, sepultado sabe Deus onde na Virgínia. Todos os meninos Tarletons mortos. Tom e os preguiçosos gêmeos de pernas compridas com mania de pregar peças nos outros e falar da vida alheia, e Boyd, que tinha a graça de um mestre de dança e uma língua ferina.

Já não conseguia mais ler. Não podia saber se mais algum daqueles rapazes criados junto com ela, com quem dançara, flertara e a quem beijara estava naquela lista. Queria poder chorar, fazer alguma coisa para aliviar aquelas garras de ferro cravadas em sua garganta.

— Sinto muito, Scarlett — disse Rhett. Ela ergueu os olhos para ele. Tinha esquecido a presença dele. — Muitos amigos seus?

Ela fez que sim com a cabeça e esforçou-se para falar.

— Quase todas as famílias do condado… e todos… todos os três meninos Tarletons.

A expressão dele era serena, quase sombria, sem sarcasmo nenhum.

— E ainda não é o fim — disse. — Estas são apenas as primeiras listas, e estão incompletas. Amanhã sairá uma muito mais longa. — Baixou a voz para não ser ouvido nas outras carruagens próximas. — Scarlett, o general Lee deve ter perdido a batalha. Ouvi no quartel-general que ele tinha ordenado a retirada das tropas dele em Maryland.

Ela olhou apavorada para ele, mas não por causa da derrota de Lee. Listas mais longas amanhã! Amanhã. Não pensara no amanhã, tão feliz ficara de não

encontrar o nome de Ashley naquela lista. Amanhã. Mas naquele exato momento ele poderia estar morto e ela só saberia amanhã, ou talvez dali a uma semana.

— Ah, Rhett, por que tem que haver guerras? Teria sido muito melhor que os ianques pagassem pelos pretos… ou até que lhes déssemos os pretos de graça, do que ver isso acontecer.

— Não são os pretos, Scarlett. Eles são apenas uma desculpa. Sempre vai haver guerras porque os homens adoram guerras. As mulheres, não, mas os homens adoram… sim, e até mais do que gostam de mulheres.

Aquele seu sorriso torto lhe voltou aos lábios, apagando toda a seriedade da sua expressão. Tirou o chapéu-panamá.

— Até logo. Vou procurar o dr. Meade. A ironia de que seja eu a lhe dar a notícia da morte do filho não vai ocorrer a ele agora. Mas depois ele provavelmente não vai gostar de pensar que um especulador trouxe a notícia da morte de um herói.

Scarlett pôs a tia na cama com um grogue, deixou-a aos cuidados de Prissy e de Cookie e dirigiu-se para a casa dos Meade. A sra. Meade estava no andar de cima com Phil, aguardando a volta do marido, e Melanie, sentada na sala, conversava em voz baixa com um grupo de vizinhos solidários. Trabalhava com agulha e linha, ajustando um vestido de luto que a sra. Elsing emprestara à sra. Meade. A casa já estava impregnada do cheiro acre de tintura preta caseira, pois a cozinheira, aos soluços, mexia no caldeirão fervente todos os vestidos da sra. Meade.

— Como vai ela? — perguntou Scarlett baixinho.

— Não derramou uma lágrima — respondeu Melanie. — É horrível quando as mulheres não conseguem chorar. Não sei como os homens aguentam coisas sem chorar. Acho que é porque são mais fortes e mais corajosos que as mulheres. Ela diz que vai à Pensilvânia sozinha buscá-lo. O doutor não pode largar o hospital.

— Vai ser terrível para ela! Por que o Phil não pode ir?

— Ela tem medo de que, longe dos olhos dela, ele se aliste. Você sabe que ele é alto para a idade, e já estão aceitando meninos de 16 anos.

Um por um, os vizinhos foram se retirando, para não estarem presentes quando o doutor chegasse. Scarlett e Melanie ficaram sozinhas, costurando na

sala. Melanie mostrava-se triste mas serena, embora as lágrimas caíssem no pano que tinha nas mãos. Evidentemente, não lhe ocorrera que a batalha podia ainda estar em curso, com Ashley talvez morto naquele instante. Angustiada, Scarlett não sabia se devia desabafar com Melanie, contando o que ouvira de Rhett, ou guardar para si o que tanto a afligia. Acabou decidindo não contar. Não seria bom Melanie saber quanto ela se preocupava com Ashley. Agradeceu a Deus por todo mundo, incluindo Melly e Pitty, andar envolvido demais com as próprias preocupações naquela manhã para notar seu comportamento.

Enquanto costuravam em silêncio, ouviram ruídos na rua e, olhando através das cortinas, viram o dr. Meade apear do cavalo. Vinha encurvado e tão cabisbaixo que a barba grisalha se abria em leque sobre seu peito. Entrou em casa de mansinho e, depois de pousar o chapéu e a maleta, beijou em silêncio as duas jovens. Então subiu a escada com passos cansados. Logo em seguida, apareceu Phil todo desengonçado. As duas esperaram um convite para se juntar ao casal, mas o menino foi sentar-se no primeiro degrau da varanda da frente com a cabeça apoiada nas mãos.

Melly suspirou.

— Ele está furioso porque não o deixam ir combater os ianques. Tem 15 anos! Ah, Scarlett, seria um sonho ter um filho assim!

— E vê-lo ser morto? — disse Scarlett secamente, pensando em Darcy.

— Seria melhor ter um filho mesmo se o matassem do que não ter nenhum — respondeu Melanie engolindo em seco. — Você não pode entender, Scarlett, porque tem o seu Wade, mas… Ah, Scarlett, quero muito ter um filho! Sei que você me acha horrível de dizer uma coisa dessas, mas é verdade. É o que toda mulher quer, e você sabe.

Scarlett se absteve de expressar seu desdém.

— Se for vontade de Deus que Ashley… caia, acho que eu conseguiria suportar, embora preferisse morrer se ele morresse. Deus me daria forças para suportar esse golpe. Mas eu não suportaria se ele morresse sem me dar um filho para me consolar. Ah, Scarlett, que sorte a sua! Você perdeu o Charlie, mas tem o filho dele. E, se Ashley se for, não terei nada. Scarlett, me perdoe, mas às vezes tenho muita inveja de você.

— Inveja… de mim? — espantou-se Scarlett, sentindo-se culpada.

— Por você ter um filho, e eu, não. Já até fiz de conta que Wade era meu porque é muito triste não ter nenhum.

— Que bobagem! — disse Scarlett, aliviada.

Olhou rapidamente para aquela pessoa miudinha que corava debruçada sobre a costura. Melanie podia querer filhos, mas não tinha físico para suportar uma gravidez. Sendo pouco mais alta que uma criança de 12 anos, tinha quadris infantis e o busto achatado. A ideia de Melanie parindo repugnava Scarlett. Trazia-lhe muitas lembranças que ela preferia esquecer. Se Melanie tivesse um filho de Ashley, seria como se Scarlett fosse roubada de algo que lhe pertencia.

— Me desculpe por dizer aquilo sobre o Wade. Você sabe como gosto dele. Não está zangada comigo, está?

— Não seja boba — disse Scarlett secamente. — E vá lá fora falar com o Phil. Ele está chorando.

Capítulo 15

O Exército, rechaçado para a Virgínia, montou o acampamento de inverno na região do Rapidan. Era um exército esgotado desde a derrota de Gettysburg. Ashley foi passar a licença das festas de fim de ano em casa. Scarlett, ao vê-lo após dois anos de ausência, assustou-se com a violência dos próprios sentimentos. Quando, na sala de Twelve Oaks, assistiu ao casamento dele com Melanie, imaginou que jamais poderia amá-lo com tanta paixão quanto naquele momento. Mas então viu que seus sentimentos daquela noite eram os de uma criança mimada privada de um brinquedo. Seus longos sonhos com ele alimentavam-lhe as emoções, exacerbadas pelo controle que fora obrigada a impor a tudo que falava.

Aquele Ashley Wilkes de uniforme desbotado e remendado, os cabelos louros queimados pelo sol dos verões, era diferente daquele rapaz descontraído de olhos lânguidos que ela amara desesperadamente antes da guerra. E era mil vezes mais interessante. Bronzeado e magro, quando havia sido claro e esguio, acrescentara o longo bigode dourado descendo pelos cantos dos lábios, tal qual se usava na cavalaria, como o toque final para tornar-se a imagem perfeita de um soldado.

Todo empertigado como bom militar naquele uniforme surrado, a pistola no coldre gasto, a bainha amassada da espada batendo elegantemente no cano das botas, as esporas sem o brilho antigo — era o major Ashley Wilkes, C.S.A. Com um ar seguro e autoconfiante, demonstrava a autoridade de quem tinha o hábito de comandar realçada pelas rugas que começavam a se delinear nos cantos da boca. Havia algo de estranho e novo na postura rígida de seus ombros e no brilho frio de seus olhos. A atitude descansada e indolente agora era esperta como a de um gato à espreita, os nervos sempre tensos como cordas de violino. Tinha um olhar cansado e atormentado no rosto bronzeado bastante encovado — seu mesmo belo Ashley, e no entanto tão diferente.

Scarlett planejara passar o Natal em Tara, mas depois do telegrama de Ashley nada nesse mundo, nem mesmo uma ordem peremptória da desapontada Ellen, poderia arrastá-la de Atlanta. Tivesse Ashley pretendido ir a Twelve Oaks, ela teria ido correndo a Tara para estar perto dele. Mas ele escrevera aos familiares para que fossem ao seu encontro em Atlanta, e o sr. Wilkes, Honey e India já se achavam na cidade. Ir para Tara e perder a chance de vê-lo depois de dois longos anos? Perder o som da voz que a deixava com o coração palpitando? Perder a emoção de ler em seus olhos que ele não a esquecera? Nunca! Nem por todas as mães do mundo!

Ashley chegou quatro dias antes do Natal com um grupo de rapazes do condado, também de licença, um grupo que infelizmente minguara desde Gettysburg. Entre eles estava Cade Calvert, um Cade magro e esquelético, que tossia sem parar, dois dos Munroes, vibrando com a primeira licença desde 1861, e Alex e Tony Fontaine, magnificamente embriagados, barulhentos e briguentos. Com duas horas de espera entre os trens, a diplomacia dos membros sóbrios do grupo estava sendo muito necessária para impedir que os Fontaines se engalfinhassem uns com os outros e com desconhecidos na estação. Ashley, então, levou todos para a casa de tia Pittypat.

— Parece que não brigaram o suficiente na Virgínia — disse Cade, revoltado, vendo-os engalfinhados como dois galos de briga pelo direito de ser o primeiro a beijar a atordoada e lisonjeada tia Pitty. — Não param de beber e provocar brigas desde que chegamos em Richmond. Os policiais os levaram para o xadrez e, se não fosse a lábia de Ashley, teriam passado o Natal presos.

Mas Scarlett não ouviu uma palavra do que ele disse, tão encantada estava por se encontrar de novo em uma sala com Ashley. Durante aqueles dois anos, como pôde pensar que havia outros homens simpáticos, bonitos ou interessantes? Como pôde suportar ouvir juras de amor deles quando Ashley existia? Ele estava de volta, separado dela apenas pela largura do tapete da sala. Teve de usar todas as suas forças para não se desmanchar em lágrimas de felicidade cada vez que olhava para ele sentado no sofá entre Melly e India, e com Honey debruçada em seu ombro. Se ao menos tivesse o direito de sentar-se ali de braço dado com ele! Se ao menos pudesse tocar em sua manga a toda hora para se certificar de que estava realmente ali, segurar sua mão e usar seu lenço para enxugar as lágrimas

de alegria! Pois Melanie estava fazendo tudo isso sem o menor constrangimento. Feliz demais para ser tímida e reservada, pendurava-se no braço do marido, olhando-o com adoração entre sorrisos e lágrimas. E Scarlett estava feliz demais para se incomodar com isso, feliz demais para ter ciúmes. Ashley tinha voltado afinal!

De vez em quando, encostava a mão onde ele a beijara no rosto para recordar a sensação de seus lábios, e sorria para ele. Obviamente, ele não a beijara primeiro. Melly atirara-se em seus braços, chorando de forma incoerente, agarrando-o como se nunca mais fosse soltá-lo. Depois India e Honey o abraçaram, arrancando-o, mesmo, dos braços de Melanie. Em seguida, ele beijou o pai, um gesto digno e afetuoso que demonstrava o sentimento forte e profundo que havia entre eles. Depois, tia Pitty, que saltitava de excitação com aqueles pezinhos incongruentes. Por fim, voltou-se para ela, rodeado pelos meninos que exigiam seus beijos, e disse:

— Ah, Scarlett! Sua belezura! — E beijou-a no rosto.

Com aquele beijo, fugiram-lhe as palavras de boas-vindas que ela pretendia dizer. Só algumas horas depois, lembrou-se de que ele não a beijara na boca. Então se perguntou com excitação se teria feito isso caso a tivesse encontrado a sós. Se teria se abaixado e a colocado na ponta dos pés para alcançá-lo em altura, abraçando-se a ela por um bom tempo. E, como essa fantasia a deixava feliz, acreditou que sim. Mas haveria tempo para tudo, em uma semana inteira! Certamente ela daria um jeito de encontrá-lo a sós e lhe dizer: “Lembra-se daqueles nossos passeios a cavalo pelas nossas trilhas secretas? Lembra-se de como estava a lua naquela noite em que sentamos nos degraus de Tara, quando você citou aquele poema?” (Nossa! Como era mesmo o nome daquele poema?) “Lembra-se daquela tarde em que torci o pé e você me carregou no colo até lá em casa no lusco-fusco?”

Ah, eram tantos episódios que ela queria recordar… Tantas lembranças caras que o fariam voltar à época em que vagavam pelo condado como crianças despreocupadas, tantas coisas que trariam à mente o tempo que antecedeu a entrada em cena de Melanie Hamilton. E, enquanto conversassem, talvez ela conseguisse detectar em seus olhos alguma chispa de emoção, algum indício de que, por trás da barreira de sua afeição conjugal por Melanie, ele ainda a amava,

tão apaixonadamente como no dia do churrasco, quando confessou a verdade. Não lhe ocorreu planejar o que faria se Ashley lhe declarasse abertamente seu amor. Bastaria saber que ele lhe tinha amor… Sim, ela podia esperar, podia deixar Melanie ter aquela hora de felicidade em que apertava o braço dele e chorava. Sua vez chegaria. Afinal de contas, o que uma menina como Melanie sabia de amor?

— Querido, você parece um mendigo — disse Melanie, passado o primeiro momento de empolgação com as boas-vindas. — Quem remendou seu uniforme e por que usou esses remendos azuis?

— Achei que eu estivesse elegantíssimo — respondeu Ashley, estudando o seu aspecto. — Basta me comparar com esses maltrapilhos que há por aí para me apreciar melhor. O Mose fez os remendos, e achei que fez um trabalho muito bom, considerando que nunca tinha segurado uma agulha antes da guerra. Quanto ao tecido azul, bem… entre andar de calça furada, ou remendada com pano cortado do uniforme de um ianque, a opção é uma só. E, quanto a parecer um mendigo, você devia dar graças aos céus pelo fato de seu marido não ter chegado em casa descalço. Semana passada as minhas botas velhas se desmancharam todas. Eu teria vindo com sacos amarrados nos pés se não tivéssemos tido a sorte de acertar dois batedores ianques. As botas de um deles me serviram na perfeição.

Exibiu as pernas compridas calçadas em botas de cano alto arranhadas.

— E as botas do outro batedor não eram do meu número — disse Cade. — São dois abaixo do meu e estão me matando neste minuto. Mas vou para casa elegante assim mesmo.

— E esse egoísta nojento não deixou nenhum de nós ficar com elas — disse Tony. — Elas servem perfeitamente nestes nossos pezinhos aristocráticos de Fontaine. Com mil diabos, tenho vergonha de aparecer na frente da mamãe com essas alpercatas. Antes da guerra, ela não deixaria nem nossos pretos usarem uma coisa dessas.

— Não se preocupem — disse Alex, olhando para as botas de Cade. — Nós tomamos as botas dele no trem, quando formos para casa. Mamãe pode me ver assim, que eu não me importo, mas nem por um… quero dizer, não pretendo deixar a Dimity Munroe me ver com os dedos de fora.

— As botas são minhas. Pedi primeiro — protestou Tony, começando a brigar com o irmão.

Melanie, tremendo de medo diante da possibilidade de uma das famosas brigas dos irmãos Fontaines, interveio para fazer as pazes.

— Eu estava mantendo uma barba comprida para mostrar a vocês, meninas — disse Ashley, esfregando pesarosamente o rosto onde ainda se viam marcas de cortes de navalha por cicatrizar. — Era uma bela barba, e se digo isso é porque nem Jeb Stuart nem Nathan Bedford Forrest tinham uma mais bonita. Mas, quando chegamos em Richmond, esses dois patifes — apontou para os Fontaines — decidiram raspar a minha já que tinham raspado a deles. Me agarraram e me barbearam à força. É um milagre minha cabeça não ter saído junto com a barba. Foi só graças à intervenção de Evan e Cade que salvei o bigode.

— Mentira, sra. Wilkes! A senhora devia me agradecer. Não reconheceria o seu marido, nem abriria a porta de casa para ele — disse Alex. — Fizemos isso para mostrar o nosso agradecimento por ele ter convencido os guardas a nos tirarem do xadrez. E basta a senhora pedir que tiramos o bigode dele agora mesmo.

— Ah, não, obrigada! — Melanie apressou-se em dizer, segurando Ashley, assustada, pois aqueles dois pareciam capazes de qualquer violência. — Achei o bigode lindo.

Quando Ashley, saindo no frio, tomou a carruagem de tia Pitty para levar os rapazes até a estação, Melanie puxou o braço de Scarlett.

— O uniforme dele não está horrível? O casaco que eu fiz não vai ser uma surpresa? Ah, se eu tivesse tecido para as calças também!

O casaco para Ashley era um assunto delicado com Scarlett, pois queria muito que fosse ela, e não Melanie, a dar aquele presente de Natal. A lã cinza para os uniformes era agora literalmente mais preciosa que rubis, e o que Ashley estava usando era feito com o familiar pano caseiro. Até o tecido marrom agora escasseava, e muitos soldados estavam usando uniformes de ianques capturados, que tingiam de marrom com tinta de casca de noz. Mas Melanie, por uma sorte rara, conseguira um corte suficiente para um casaco — um tanto curto, mas assim mesmo um casaco. No hospital cuidara de um rapaz de Charleston que veio a falecer. Ela então cortara uma mecha de seus cabelos, enviando-a à mãe

junto com os parcos pertences que encontrou nos bolsos do jovem e uma carta confortadora onde relatava os últimos momentos do pobrezinho, mas sem mencionar sua agonia final. Iniciou-se uma correspondência entre as duas, e a mãe, sabendo que a outra tinha um marido no front, enviou-lhe o corte de tecido cinza e os botões de metal que comprara para o filho. Era uma linda lã, grossa e quente, que, sem dúvida, passara pelo bloqueio e era caríssima. Fora enviada ao alfaiate, que Melanie agora apressava para entregar a peça na manhã de Natal. Scarlett daria tudo para fornecer o material necessário para completar o uniforme, mas em Atlanta não se encontrava nada.

Ela tinha um presente para Ashley, mas era insignificante ao lado do glorioso casaco de Melanie. Era um pequeno estojo de flanela contendo o pacote inteiro das preciosas agulhas que Rhett lhe trouxera de Nassau, três lenços de linho da mesma procedência, dois carretéis de linha e uma tesourinha. Mas queria oferecer-lhe algo mais pessoal, algo adequado como presente de uma esposa ao marido — uma camisa, um par de luvas, um chapéu. Ah, sim, um chapéu, certamente. Aquele quepe que Ashley estava usando era indecente. Scarlett odiava quepes. Continuariam sendo indecentes mesmo se Stonewall Jackson trocasse seu chapéu de feltro por um deles. Mas em Atlanta só havia chapéus toscos de lã, mais cafonas que aqueles gorros com tiras para amarrar sob o queixo.

Quando pensou em chapéus, ela logo se lembrou de Rhett Butler. Ele tinha tantos! Panamás de abas largas para o verão, cartolas para ocasiões formais, chapéus de caçador, chapéus de feltro nas cores marrom, preto e azul. Para que precisava de tantos, se o seu adorado Ashley nem conseguia proteger a nuca quando saía de quepe na chuva?

Vou arranjar um jeito de Rhett me dar de presente aquele chapéu novo de feltro preto, decidiu. *Bordo a coroa de Ashley em uma fita cinza que passo em volta da copa, e vai fi*car lindo.

Lembrou-se de que talvez fosse difícil conseguir o chapéu sem lhe dar explicações, e não seria possível dizer que era para oferecer a Ashley. Rhett levantaria as sobrancelhas daquele jeito desagradável de sempre, quando a ouvia falar do outro, e com certeza se recusaria a lhe dar o chapéu. Bem, ela inventaria

uma história triste sobre um soldado no hospital que estava precisado, e Rhett não precisava saber da verdade.

Scarlett passou a tarde inteira tentando dar um jeito de ficar à sós com Ashley, mesmo que só por uns minutinhos, mas Melanie não desgrudava dele. Para complicar, India e Honey, com aqueles olhos claros sem pestanas, seguiam-no pela casa toda. Nem John Wilkes, visivelmente orgulhoso do filho, tinha uma chance de conversar em paz com ele.

No jantar, foi a mesma coisa. Todos o enchiam de perguntas sobre a guerra. A guerra! Quem queria saber de guerra? Scarlett achava que Ashley também não estava muito interessado naquele assunto. Ele falava bastante, ria a toda hora, dominando a conversa como ela nunca o vira fazer antes, mas parecia dizer muito pouco. Contava piadas, casos engraçados sobre os amigos, falava com humor dos improvisos, levando na brincadeira a fome e as longas marchas debaixo de chuva. Descreveu em detalhes o aspecto do general Lee ao passar por eles na retirada de Gettysburg e perguntar:

— Cavalheiros, vocês são soldados da Geórgia? Bem, não podemos avançar sem vocês, georgianos!

Scarlett achou que ele falava sem parar para evitar que lhe fizessem perguntas que não queria responder. Quando o viu baixar os olhos diante do longo e perturbado olhar do pai, perguntou-se, preocupada e desconcertada, o que Ashley teria escondido no coração. Mas não se deteve nisso, pois sua mente não comportava mais nada além de uma felicidade radiante e um desejo incontrolável de estar a sós com ele.

Essa euforia durou até os integrantes da roda em volta da fogueira começarem a bocejar. O sr. Wilkes mais as filhas despediram-se e foram para o hotel. Então, Scarlett subiu com Ashley, Melanie e Pittypat a escadaria iluminada por tio Peter. Ao terminar de subir, sentiu um calafrio. Até aquele momento em que estavam ali no corredor dos quartos, Ashley tinha sido dela, só dela, mesmo sem terem trocado uma palavra a sós durante toda aquela tarde. Mas agora, ao lhe dar boa-noite, ela viu que Melanie enrubescera e estava trêmula. Embora parecesse dominada por uma emoção fortíssima, olhava para o chão timidamente, como se envergonhada da própria felicidade. E entrou às pressas, sem sequer erguer os

olhos, quando Ashley abriu a porta do quarto. Ashley disse um boa-noite abrupto e também evitou o olhar de Scarlett.

A porta se fechou, deixando Scarlett em estado choque, arrasada. Ashley já não era dela. Era de Melanie, que até morrer teria o direito de entrar em um quarto com ele e trancar a porta — deixando de fora o resto do mundo.

Ashley agora estava indo embora. Voltava para a Virgínia, para as longas marchas debaixo de chuva, para passar fome em bivaques na neve, para a dureza do sofrimento, para pôr em risco a beleza radiosa de sua cabeça loura e de seu corpo bem feito, ameaçados de serem esmagados como uma formiga sob um tacão desatento. Aquela semana luminosa e bela como um sonho, cheia de horas felizes, terminara.

Passara depressa, como um sonho impregnado do cheiro dos galhos de pinheiro e das árvores de Natal, alegre com a luz das velas e o brilho dos enfeites caseiros. Um sonho no qual os minutos passaram no ritmo do palpitar acelerado do coração. Uma semana sufocante que levara Scarlett, com um misto de dor e prazer, a guardar nos mínimos detalhes, para relembrar quando ele tivesse partido, todos os incidentes a serem examinados com vagar nos longos meses que vinham pela frente, detendo-se em cada elemento que lhe desse conforto — dança, canto, risadas, buscar e trazer coisas para Ashley, antecipar seus desejos, sorrir quando ele sorria, calar-se quando ele falava, segui-lo com os olhos para gravar na mente cada linha de seu corpo empertigado, cada movimento de suas sobrancelhas, cada trejeito de sua boca, pois uma semana voava, e a guerra não acabava nunca.

Sentada no divã da sala, tendo no colo o presente de despedida para ele, Scarlett aguardava enquanto o casal acabava de se despedir. Rezava para que ele descesse sozinho, e ela o tivesse só para si por alguns momentos. Esforçava-se para ouvir os ruídos vindos de cima, mas a casa estava tão silenciosa que até sua respiração parecia ruidosa. Tia Pittypat chorava no quarto, com a cabeça enterrada no travesseiro, desde que Ashley se despedira dela havia meia hora. Do quarto de Melanie, com as portas fechadas, não se ouvia murmúrio de vozes nem de pranto. Scarlett tinha a sensação de que Ashley estava lá dentro havia

horas despedindo-se da esposa, e magoava-se com cada minuto que ele se demorava lá, pois o tempo voava e ele já ia partir.

Pensou em todas as coisas que tivera a intenção de lhe dizer naquela semana e não disse por falta de oportunidade. Agora sabia que talvez nunca mais tivesse a chance de fazê-lo. Coisinhas bobas como: “Ashley, tome cuidado, sim?” “Por favor, não fique com os pés molhados. Você se resfria com muita facilidade.” “Não se esqueça de colocar jornal no peito por baixo da camisa. É muito bom para cortar o vento.” Mas havia outras coisas mais importantes que queria dizer, e outras mais importantes ainda que queria ouvir dele. Outras ainda que queria ler em seus olhos, mesmo que ele não as dissesse. Era muita coisa para dizer e já não dava mais tempo! E aqueles poucos minutos que restavam poderiam lhe ser roubados se Melanie o acompanhasse até porta, ou até o degrau de embarque. Por que não criara a oportunidade durante aquela semana? Mas Melanie estava sempre presente, acariciando-o com um olhar de adoração, e a casa vivia cheia de amigos, vizinhos e parentes. Ashley nunca ficava sozinho. Depois, à noite, a porta do quarto se fechava, e ele ficava à sós com Melanie. Nem uma única vez naqueles últimos dias, traíra a Scarlett, por um olhar ou uma palavra, qualquer sentimento que não a afeição de um irmão ou um amigo de longa data. Ela não podia deixá-lo partir, talvez para sempre, sem saber se ainda a amava. Depois, se ele morresse, ela se consolaria para o resto da vida com a certeza de seu amor secreto.

Depois do que lhe pareceu uma eternidade, ouviu o barulho das botas dele no quarto, e da porta abrindo e fechando. Ouviu seus passos na escada. Desacompanhado! Graças a Deus! Melanie devia estar muito arrasada com a partida dele para sair do quarto. Ela o teria só para si por alguns preciosos minutos.

Ele desceu devagar, as esporas tinindo. Ela identificou o barulho do sabre batendo no cano da bota. Quando ele entrou na sala, tinha o olhar sombrio. Tentava sorrir, mas vinha com o rosto branco e exaurido de um homem sofrendo de uma hemorragia interna. Scarlett levantou-se e, orgulhosa como se ele fosse propriedade sua, pensou que nunca vira um soldado mais bonito. O cinturão e o coldre brilhavam, e as esporas e a bainha de prata reluziam depois do polimento enérgico que tio Peter lhes dera. O casaco novo não tinha um bom caimento,

pois, na pressa, o alfaiate deixara algumas costuras tortas. Além disso, seu aspecto de novo destoava das calças pardas surradas e das botas arranhadas. Mas nem mesmo vestido com uma armadura de prata poderia parecer aos olhos dela um cavaleiro mais brilhante.

— Ashley — pediu ela de chofre —, posso levá-lo até o trem?

— Não, por favor. Papai e as meninas vão estar lá. E prefiro me lembrar de você se despedindo de mim aqui a vê-la tiritando de frio na estação. As recordações envolvem muita coisa.

Ela abandonou imediatamente o plano. Se India e Honey, que a detestavam, estariam na despedida, não teria a menor chance de trocar uma palavra com ele a sós.

— Então, não vou — disse. — Olhe, Ashley! Tenho mais um presente para você.

Um tanto tímida, agora que chegara o momento de entregá-lo a ele, abriu o embrulho. Era uma faixa amarela de seda chinesa encorpada, arrematada com uma franja pesada. Rhett Butler lhe trouxera de Havana, alguns meses atrás, um xale amarelo com um bordado chamativo de pássaros e flores em magenta e azul. Durante aquela semana, ela desmanchara pacientemente o bordado, cortara uma tira da seda, que embainhara para fazer a faixa.

— Scarlett, é linda! Foi você que fez? Então tem muito mais valor. Coloque-a em mim, querida. Os rapazes vão se roer de inveja quando me virem de casaco novo com essa faixa.

Ela lhe enrolou a alegre tira em volta da cintura, acima do cinturão, e amarrou-a com um nó apertado. Melanie podia lhe ter dado o casaco novo, mas aquela faixa era o presente de Scarlett, sua recompensa secreta para ser usada nas batalhas fazendo com que se lembrasse dela cada vez que a olhasse. Recuou um pouco e contemplou-o com orgulho, pensando que nem Jeb Stuart, com aquele vistoso chapéu de mosqueteiro, era tão elegante quanto o seu cavaleiro.

— É linda — repetiu ele, passando os dedos pela franja. — Mas sei que você cortou um vestido ou um xale para fazê-la. Não devia ter feito isso, Scarlett. É muito difícil conseguir coisas bonitas atualmente.

— Ah, Ashley, eu…

Ela já ia dizer: “Eu cortaria um pedaço do meu coração para você usar, se quisesse”, mas acabou dizendo:

— Eu faria qualquer coisa por você!

— Faria mesmo? — perguntou ele, mais animado. — Então tem uma coisa que pode fazer por mim, Scarlett. Uma coisa que vai me deixar mais tranquilo quando eu estiver fora.

— O que é? — quis saber ela, toda feliz, pronta para prometer milagres.

— Scarlett, você pode tomar conta da Melanie para mim?

— Tomar conta da Melanie?

Sentiu um nó na garganta de tão desapontada. Então era esse o último pedido que lhe fazia, quando ela quisera tanto lhe prometer uma coisa linda, espetacular?! Ficou com muita raiva. Aquele era o momento dela com Ashley, de mais ninguém. E no entanto, embora Melanie estivesse ausente, sua sombra se interpunha entre eles. Como Ashley podia falar nela no momento em que se despediam? Como podia lhe fazer um pedido daqueles?

Ele nem sequer notou sua expressão de decepção. Como antigamente, olhava, sem enxergá-la, para outra coisa qualquer.

— É, fique de olho, e cuide dela. Ela é muito frágil e não se dá conta disso. Vai se esgotar cuidando dos outros e costurando. É muito delicada e muito tímida. Além de tia Pittypat, tio Henry e você, ela não tem ninguém no mundo, a não ser os Burrs de Macon, mas esses são primos de terceiro grau. E tia Pitty… você sabe, Scarlett, parece criança. Tio Henry é um velho. Melanie gosta tanto de você, não só por ter sido casada com o Charlie… bem, porque você é você, e ela gosta de você como uma irmã. Scarlett, tenho pesadelos quando penso no que pode acontecer com ela se eu morrer e ela não tiver a quem recorrer. Você me promete, Scarlett?

Ela nem ouviu esse último pedido, de tão apavorada com aquelas palavras de mau agouro, “se eu morrer”.

Scarlett lia diariamente, com o coração na mão, a lista de vítimas, sabendo que o mundo acabaria se alguma coisa acontecesse a ele. Mas algo em seu íntimo afirmava que, mesmo se o Exército Confederado fosse inteiramente dizimando, Ashley seria poupado. E agora ele dizia aquelas palavras assustadoras! Arrepiou-se toda, sentindo um medo supersticioso, irracional. Era suficientemente

irlandesa para acreditar em vidência, sobretudo em relação à morte, e via nos olhos dele uma profunda tristeza que só conseguia interpretar como a de um homem que sentia no ombro o frio toque da morte e ouvia o gemido de Banshee.[1]

— Não diga isso! Nem pense. Dá azar falar em morte! Ah, faça uma prece, rápido!

— Faça você por mim, e acenda umas velas também — disse ele, sorrindo diante do tom assustado de urgência em sua voz.

Mas ela não conseguiu responder, apavorada com a cena que sua imaginação criava. Ashley morto nas neves da Virgínia, tão longe dela. Ele continuava falando, e sua voz tinha um tom triste e resignado que aumentou o medo de Scarlett a ponto de apagar qualquer vestígio de raiva ou decepção.

— Estou lhe fazendo esse pedido, Scarlett, porque não sei o que vai acontecer comigo, nem com qualquer um de nós. Mas quando o fim chegar, mesmo que esteja vivo, estarei longe, longe demais para cuidar de Melanie.

— O… o fim?

— O fim da guerra… e o fim do mundo.

— Mas, Ashley, com certeza você não pode estar achando que os ianques vão nos derrotar. Passou a semana inteira falando da força do general Lee…

— Passei essa semana inteira contando mentiras, como todo homem quando está de licença. Por que eu deveria assustar Melanie e tia Pitty antes da hora? Sim, Scarlett, acho que perderemos para os ianques. Gettysburg foi o começo do fim. As pessoas em casa ainda não sabem disso. Não se dão conta da nossa situação, mas… Scarlett, alguns dos meus homens estão andando descalços, e a neve na Virgínia é funda. Quando vejo o rastro de sangue deixado por aqueles pobres pés gelados, enrolados em trapos ou em sacos velhos, e sei que tenho um par de botas… fico achando que devia me desfazer delas e andar descalço também.

— Ah, Ashley, me prometa que não vai fazer isso!

— Quando vejo coisas desse tipo e olho para os ianques… sei que é o fim. Ora, Scarlett, os ianques estão comprando soldados da Europa aos milhares! A maioria dos prisioneiros que fizemos ultimamente nem fala inglês. São alemães e poloneses e irlandeses broncos que falam gaélico. Mas, quando perdemos um

homem, ele não pode ser substituído. Quando nossos sapatos acabam, ficamos descalços. Estamos encurralados, Scarlett. E não podemos lutar contra o mundo inteiro.

Ela pensou, indócil: *Que a Confederação vire pó. Que o mundo acabe, mas você não pode morrer! Eu não poderia viver se você* morresse!

— Espero que você não repita o que eu disse, Scarlett. Não quero alarmar os outros. E, minha querida, eu não a teria alarmado com essas coisas se não tivesse que explicar por que lhe peço para tomar conta de Melanie. Ela é tão frágil, e você é tão forte, Scarlett. Seria um consolo eu saber que vocês estão juntas se me acontecer alguma coisa. Você vai me prometer isso, não vai?

— Ah, vou! — exclamou, pois naquele momento, vendo a morte ao lado dele, teria prometido qualquer coisa. — Ashley, Ashley! Não posso deixá-lo partir! Não consigo ter coragem para isso!

— Você tem que ter coragem — disse ele, mudando de tom. Sua voz estava mais firme, e as palavras jorravam como se pressionadas por uma urgência interna. — Você tem que ter coragem. Se não, como posso suportar isso?

Seus olhos buscaram o rosto dele imediatamente e com alegria, tentando saber se ele queria dizer que deixá-la estava sendo para ele um sofrimento tão grande quanto o dela em vê-lo partir. Parecia tão exaurido como quando descera depois de se despedir de Melanie, mas ela não conseguiu decifrar seu olhar. Ele se abaixou, tomou seu rosto entre as mãos e lhe deu um beijinho na testa.

— Scarlett! Scarlett! Você é tão extraordinária, tão forte e tão boa. É toda linda, não só de rosto, minha querida, mas também de corpo, de espírito e de alma.

— Ah, Ashley — murmurou ela, vibrando de felicidade com aquelas palavras e com o toque da mão dele em seu rosto. — Ninguém a não ser você jamais…

— Gosto de pensar que talvez eu a conheça melhor que muita gente e veja coisas lindas dentro de você que os outros não se dão ao trabalho de procurar.

Ele se calou e tirou as mãos do rosto de Scarlett, mas continuou fitando seus olhos. Ela aguardou um pouco, a respiração suspensa, para que ele continuasse, esperando ansiosamente que dissesse as três palavras mágicas. Mas elas não vieram. Perscrutava freneticamente a expressão dele, com os lábios trêmulos, pois viu que ele não diria mais nada.

Essa segunda frustração de suas expectativas foi mais do que seu coração podia suportar:

— Oh! — exclamou em um sussurro infantil antes de sentar-se com lágrimas nos olhos.

Então ouviu pela janela o ruído sinistro que lhe indicou com mais clareza a iminência da partida de Ashley. Um pagão que ouvisse as águas batendo no bote de Caronte não se sentiria mais desolado. Tio Peter, enrolado em uma manta, estava trazendo a carruagem para levar Ashley à estação.

Ashley disse "Adeus" com muita ternura, pegou na mesa o chapéu de feltro de abas largas que ela induzira Rhett a lhe dar e encaminhou-se para o escuro hall de entrada. Com a mão na maçaneta da porta, voltou-se para olhá-la. Foi um olhar longo e desesperado, como se quisesse levar com ele cada detalhe que a compunha. Com os olhos toldados de lágrimas, ela viu o rosto dele e, com um nó na garganta, entendeu que ele partia para longe dela, para longe do porto seguro que era aquela casa, para longe de sua vida, e talvez para sempre, sem ter dito as palavras que ela tanto queria ouvir. O tempo passava inexoravelmente, e já era tarde demais. Ela correu para o hall e agarrou a ponta da faixa dele.

— Me dê um beijo — murmurou. — Me dê um beijo de despedida.

Ele envolveu-a suavemente pela cintura e inclinou a cabeça sobre seu rosto. Ao sentir os lábios dele nos seus, Scarlett abraçou-se ao seu pescoço, quase o estrangulando. Por um momento incalculável, ele a estreitou contra o seu corpo. Então ela sentiu que todos os músculos dele se retesaram. Imediatamente, ele deixou cair o chapéu e soltou os braços dela de seu pescoço.

— Não, Scarlett, não — disse em voz baixa, segurando-lhe os pulsos com tanta força que doeu.

— Eu te amo — disse ela, engasgada. — Sempre amei. Nunca amei outra pessoa. Só me casei com Charlie para… tentar magoar você. Ah, Ashley, meu amor por você é tão grande que eu iria a pé até a Virgínia para estar ao seu lado! E eu cozinharia e engraxaria suas botas e trataria do seu cavalo… Ashley, diga que me ama! Viverei disso o resto da vida!

Ashley abaixou-se para pegar o chapéu, e ela vislumbrou o seu rosto. Era a expressão mais infeliz que já vira, sem nenhum vestígio de indiferença. Nela,

estava estampado o amor dele por ela e a alegria de se saber amado, e lutando com essas duas forças, havia vergonha e desespero.

— Adeus — disse ele, com voz rouca.

Uma rajada de vento gelado abriu a porta e varreu a casa, agitando as cortinas. Scarlett estremeceu ao vê-lo encaminhar-se para a carruagem, o sabre brilhando na luz rala de inverno, a franja da faixa dançando alegremente.

---

1 Ser da mitologia celta capaz de prever a morte. [N.T.]

Capítulo 16

Janeiro e fevereiro de 1864 passaram, sempre com chuvas frias e ventos cortantes, o tempo fechado estimulando o desânimo e a melancolia geral. Além das derrotas de Gettysburg e Vicksburg, caíra a linha central do Sul. Após duros combates, quase todo o Tennessee já estava em poder das tropas da União. Mas, mesmo depois de mais esse revés, o Sul não perdera o afinco. Naturalmente, aquela animação confiante do início fora substituída por uma determinação inexorável, mas as pessoas ainda conseguiam encontrar uma fresta de esperança nas nuvens carregadas. Pois, em setembro, os ianques foram vigorosamente rechaçados quando tentaram invadir a Geórgia, dando seguimento à sua campanha vitoriosa no Tennessee.

Foi em Chickamauga, no extremo noroeste do estado, que ocorrera o primeiro sério combate em solo da Geórgia desde o início da guerra. Depois de tomarem Chattanooga, os ianques atravessaram os desfiladeiros para invadir a Geórgia, mas foram rechaçados e sofreram grandes perdas.

Atlanta e suas ferrovias tiveram um importante papel na grande vitória para o Sul que representou o episódio de Chickamauga. Pelas linhas que iam da Virgínia a Atlanta e dali para o Tennessee ao norte, o regimento do general Longstreet foi transportado para a cena da batalha. Em todo o percurso de várias centenas de quilômetros, as linhas estavam abertas, e todos os veículos de rodas disponíveis no Sudeste haviam sido reunidos para o movimento.

Atlanta assistira, durante horas a fio, à passagem de um trem atrás do outro, vagões fechados e abertos, lotados de homens aos berros. Chegavam sem ter dormido ou se alimentado, sem seus cavalos, sem ambulâncias, nem vagões de reabastecimento e, sem uma pausa para descanso, saltavam dos trens para a batalha. E os ianques foram expulsos da Geórgia para o Tennessee.

Foi o maior feito da guerra. Atlanta regozijou-se com a ideia de que suas estradas de ferro tinham aberto o caminho para a vitória.

Mas o Sul precisava das boas notícias de Chickamauga para levantar o moral de seus homens durante o inverno. Ninguém mais negava que os ianques eram bons combatentes e, afinal, possuíam bons generais. Grant era um carniceiro que não se importava com a quantidade de homens que sacrificasse, contanto que conquistasse uma vitória. Sheridan era um nome que inspirava medo aos sulistas. E ainda havia um homem chamado Sherman, que vinha sendo mencionado cada vez com mais frequência. Surgira nas campanhas do Tennessee e do Oeste, e tornava-se cada vez mais conhecido como um combatente determinado e implacável.

Nenhum deles, obviamente, comparava-se ao general Lee. A confiança no general e no Exército ainda era inabalável. A certeza da vitória final nunca vacilou. Mas a guerra se arrastava demais. O número de mortos era enorme, assim como o de feridos e aleijados para o resto da vida, sem falar das viúvas e dos órfãos. E ainda havia muita luta pela frente, o que significava mais mortos, mais feridos, mais viúvas e mais órfãos.

Complicando a situação, a população civil começava a sentir uma vaga desconfiança de pessoas que ocupavam cargos importantes. Muitos jornais acusavam abertamente o próprio presidente Davis pelo modo de conduzir a guerra. Havia divergências no gabinete confederado, conflitos entre o presidente Davis e seus generais. A moeda se desvalorizava rapidamente. Calçados e roupas para o Exército eram escassos. Munições e medicamentos, mais ainda. As estradas de ferro precisavam de novos vagões para substituir os velhos, e de novos trilhos de ferro para substituir os inutilizados pelos ianques. Os generais clamavam por tropas frescas, que eram cada vez mais escassas. Para piorar, o governador Brown, da Geórgia, entre outros, recusava-se a enviar tropas da milícia estadual para fora de suas fronteiras. Havia, nas tropas estaduais, milhares de homens aptos que o Exército reivindicava com veemência, mas as solicitações do governo não eram atendidas.

Com a nova desvalorização da moeda, os preços tornaram a subir. A carne, de vaca ou de porco, e a manteiga custavam 35 dólares a libra; um tonel de farinha de trigo, 1400 dólares, a soda, cem dólares a libra, e o chá, quinhentos dólares a libra. As roupas quentes, quando disponíveis, tinham alcançado preços tão proibitivos que as senhoras de Atlanta reforçavam seus vestidos velhos com

jornal que cobriam com um forro feito de trapos para cortar o vento. Um par de sapatos custava entre cem e oitocentos dólares, dependendo se fossem feitos de “papelão” ou couro autêntico. As senhoras agora usavam polainas feitas com antigos xales de lã ou tapetes cortados. As solas eram de madeira.

A verdade era que o Norte mantinha o Sul em um verdadeiro estado de sítio, embora muitos ainda não se dessem conta disso. As canhoneiras ianques tinham apertado o bloqueio dos portos, e pouquíssimos navios agora conseguiam passar.

O Sul, que sempre vivera da venda do seu algodão, importando os artigos que não produzia, agora não podia comprar nem vender. Gerald O’Hara tinha três anos de produção de algodão armazenados no galpão junto à casa da máquina descaroçadora, mas não se beneficiava dela. Em Liverpool, aquela produção lhe renderia 150 mil dólares, mas não havia a menor esperança de transportá-la para Liverpool. Gerald passara de homem rico a não saber como sustentar a família e os escravos durante o inverno.

Por todo o Sul, a situação dos plantadores de algodão era a mesma. Com o bloqueio cada vez mais cerrado, não havia como fazer a safra chegar à Inglaterra, nem como trazer os produtos indispensáveis comprados com o lucro do algodão no passado. E o Sul agrícola, guerreando com o Norte industrial, agora necessitava de muitos produtos que nunca pensara em comprar em tempos de paz.

Era uma situação feita sob medida para especuladores e aproveitadores, que não faltavam. Quanto mais os gêneros alimentícios e os artigos de vestuário escasseavam e os preços subiam, mais o povo se revoltava com os especuladores. Naqueles primeiros dias de 1864, não se abria um jornal que não trouxesse editoriais denunciando os especuladores, chamando-os de abutres e sanguessugas, e apelando para que o governo os reprimisse severamente. O governo fazia o que podia, mas nada conseguia, atormentado como estava por tantos problemas.

Ninguém era tão execrado quanto Rhett Butler. Quando ficou arriscado demais transpor os bloqueios, ele vendeu suas embarcações, e agora estava abertamente envolvido na especulação de gêneros alimentícios. As histórias que chegavam a Atlanta, vindas de Richmond e Wilmington, faziam se contorcer de vergonha aqueles que o haviam recebido no passado.

Apesar de todas essas atribulações, a população de dez mil pessoas de Atlanta duplicara durante a guerra. Até mesmo o bloqueio aumentara o prestígio da cidade. Desde sempre, as cidades do litoral haviam dominado o Sul sob todos os aspectos. Mas agora, com os portos fechados e muitas das cidades portuárias capturadas ou sitiadas, a salvação do Sul tinha que vir de dentro para fora. Para o Sul vencer a guerra, a força tinha que partir do interior, e Atlanta agora era centro das coisas. A cidade de Atlanta mais ganhara do que perdera com a guerra, embora sua população estivesse enfrentando privações terríveis, além de doenças, como todo o resto da Confederação. Era o coração do Sul pulsando com força, alimentado pelo fluxo constante de homens, munições e suprimentos que chegavam pelas artérias das ferrovias.

Em outros tempos, Scarlett teria vergonha daqueles seus vestidos surrados e sapatos remendados, mas agora não se importava, pois a única pessoa que lhe importava não estava lá para vê-la. Nunca fora mais feliz do que naqueles dois meses. Não sentira o palpitar do coração de Ashley quando envolveu o pescoço dele com os braços? Não lera naquele olhar de desespero uma confissão de amor mais verdadeira do que se fosse feita em palavras? Ele a amava, com certeza. E essa certeza lhe fazia tão bem que podia até ser mais gentil com Melanie. Podia sentir pena dela, com uma ponta de desdém por sua cegueira e sua burrice.

Quando a guerra acabar!, pensava. *Quando a guerra acabar… então…* Às vezes, esse pensamento a assustava um pouco. *Então o quê?* Mas logo o tirava da cabeça. Quando a guerra terminasse, de alguma forma, tudo se resolveria. Se a amasse, Ashley simplesmente não poderia continuar vivendo com Melanie.

Mas o divórcio estava fora de cogitação. Ellen e Gerald, católicos fervorosos como eram, jamais permitiriam que ela se casasse com um homem divorciado. Significaria abandonar a Igreja! Scarlett refletiu sobre o assunto e decidiu que, entre a Igreja e Ashley, optaria por Ashley. Mas seria um grande escândalo, já que os divorciados eram banidos não só da Igreja, mas também da sociedade. Ninguém recebia divorciados. No entanto, até isso ela arriscaria por Ashley. Faria qualquer sacrifício por ele.

Quando a guerra terminasse, tudo se arranjaria de alguma forma. Se a amava tanto, Ashley daria um jeito. Ela o faria encontrar um jeito. Quanto mais o tempo

passava, mais ela se convencia da devoção dele e de que ele resolveria tudo a contento quando os ianques finalmente fossem derrotados. Naturalmente, ele dissera que os ianques “ganhariam”, o que Scarlett achava um despropósito. Mas ele andava cansado e perturbado na época. O fato era que ela não se importava se os ianques ganhassem ou não. O que importava era que a guerra terminasse logo e Ashley voltasse.

Então, quando as chuvas de março mantinham todos presos em casa, sobreveio o terrível golpe. Melanie, estampando a alegria nos olhos enquanto tentava disfarçar o orgulho, contou-lhe que estava grávida.

— O dr. Meade diz que será em fins de agosto, ou início de setembro — precisou. — Desconfiei… mas só hoje tive certeza. Ah, Scarlett, não é maravilhoso? Sentia muita inveja sua pelo Wade e queria muito ter um filho. Tinha medo de não conseguir ter nenhum, querida, e agora quero uma dúzia!

Scarlett penteava o cabelo, preparando-se para ir deitar-se, quando Melanie deu a notícia. Deteve-se, com o pente no ar.

— Meu Deus! — exclamou, sem entender, no primeiro momento.

De repente, lembrou-se da porta fechada do quarto de Melanie e uma dor cortante lhe rasgou o coração. Uma dor tão profunda quanto a que sentiria se Ashley fosse seu marido e a tivesse traído. Um filho. Um filho de Ashley. Como ele pôde fazer isso, quando amava a ela e não a Melanie?

— Sei que é uma surpresa — ajuntou Melanie, ofegante. — E não é maravilhoso? Ah, Scarlett, nem sei como vou escrever para o Ashley dando a notícia. Não seria tão constrangedor se eu pudesse lhe contar pessoalmente… ou… bem, não dizer nada e só deixar que ele fosse percebendo aos poucos, sabe…

— Deus do céu! — disse Scarlett, quase aos soluços, deixando cair o pente e segurando-se na penteadeira.

— Querida, não fique assim! Você sabe que ter um filho não é um bicho de sete cabeças. Você mesma disse. E não se preocupe por minha causa. Você é um amor por se perturbar assim. Claro, o dr. Meade disse que eu era… — Melanie corou — muito estreita, mas que talvez não tivesse problema nenhum e… Scarlett, você escreveu para o Charlie quando descobriu que estava esperando o

Wade? Ou foi a sua mãe, ou o sr. O'Hara? Ah, querida, se ao menos eu tivesse mãe para fazer isso por mim! Não vejo como…

— Shhh! — disse Scarlett, agressivamente. — Shhh!

— Ah, Scarlett, sou tão idiota! Me desculpe. Acho que todas as pessoas felizes são egoístas. De repente, eu me esqueci do Charlie…

— Shhh! — tornou a dizer Scarlett, lutando para não deixar transparecer suas emoções. Nunca, nunca, Melanie deveria desconfiar de como se sentia.

Melanie, a pessoa mais sensível do mundo, tinha os olhos marejados de lágrimas. Como pôde ser tão cruel a ponto de fazer Scarlett lembrar que dera à luz Wade cinco meses após a morte de Charlie? Como pôde ser tão descuidada?

— Deixe que eu a ajudo a se despir, minha querida — disse com humildade. — E escovo os seus cabelos.

— Me deixe em paz — respondeu Scarlett, com uma expressão dura.

E Melanie, recriminando-se, saiu do quarto aos prantos, enquanto Scarlett atirava-se na cama sem derramar uma lágrima, na companhia do orgulho ferido, da desilusão e do ciúme.

Achando impossível viver sob o mesmo teto com a mulher que carregava o filho de Ashley, decidiu voltar para Tara, onde era o seu lugar. Não via como encarar Melanie sem trair o próprio segredo. Na manhã seguinte, levantou-se com a intenção de fazer as malas logo após o desjejum. Mas quando estavam à mesa, Scarlett calada e taciturna, Pitty perplexa e Melanie arrasada, chegou um telegrama. Era de Mose, o criado particular de Ashley, para Melanie:

"Já procurei por tudo, e não encontro ele. Devo ir para casa?"

Ninguém entendeu o que isso significava, mas as três mulheres se entreolharam com uma expressão de pavor. Scarlett esqueceu a ideia de voltar. Sem terminar o desjejum, tomaram a carruagem para ir à cidade e telegrafar ao coronel do regimento de Ashley, mas, ao entrarem, já encontraram um telegrama dele.

"Lamento informar major Wilkes desaparecido desde expedição reconhecimento há três dias. Mantenho-a informada."

A viagem para casa foi terrível. Tia Pitty chorava no lenço, Melanie ia empertigada e lívida, Scarlett, atordoada, atirada no canto da carruagem. Em casa, Scarlett subiu aos tropeções para o quarto, apanhou o rosário na mesa, caiu

de joelhos e tentou rezar. Mas as preces não vinham. Apenas sobreveio-lhe um profundo pavor, uma certa noção de que Deus lhe virara as costas, pois, não contente em se apaixonar por um homem casado, tentara roubá-lo da esposa. Deus a castigava levando-o à morte. Queria rezar, mas não conseguia erguer os olhos para o céu. Queria chorar, mas as lágrimas não vinham. Sentia uma inundação quente no peito, mas as lágrimas não fluíam.

Sua porta abriu e Melanie entrou. Seu rosto era um coração cortado de papel branco, emoldurado por cabelos negros, com olhos arregalados como os de uma criança assustada perdida no escuro.

— Scarlett — disse, estendendo as mãos. — Eu preciso do seu perdão pelo que eu disse ontem, pois você é… tudo que me resta agora. Ah, Scarlett, sei que o meu amor está morto!

De algum modo, ela foi parar nos braços de Scarlett, os pequeninos seios agitados pelos soluços, e acabaram as duas abraçadas na cama, Scarlett também chorando com o rosto colado ao da cunhada, as lágrimas de uma molhando o rosto da outra. Chorar era muito doloroso, mas não conseguir chorar era pior. *Ashley está morto — morto*, pensou, *e fui eu que o matei com esse meu amor por ele!* Novos soluços irromperam dela, com lágrimas que deram certo conforto a Melanie, levando-a a abraçá-la com mais força e murmurar junto ao seu pescoço:

— Pelo menos, pelo menos… tenho o filho dele.

E eu, pensou Scarlett muito abalada para sentir algo tão mesquinho como ciúmes, *não tenho nada… nada… nada a não ser o olhar com que ele se desped*iu de mim.

As primeiras informações na lista de vítimas diziam “Desaparecido — dado como morto”. Melanie telegrafou várias vezes ao coronel Sloan até que afinal recebeu dele uma carta, cheia de solidariedade, explicando que Ashley e uma patrulha haviam saído em uma missão de reconhecimento e não haviam retornado. Após ouvir relatos de uma pequena escaramuça dentro das linhas ianques, Mose, desesperado, arriscara a própria vida para procurá-lo, mas em vão. Melanie, agora estranhamente calma, telegrafara, enviando-lhe dinheiro a instruindo-o a regressar.

Quando a informação “Desaparecido — dado como morto” aparecia nas listas de vítimas, alegria e esperança reanimavam o lar entristecido. Melanie praticamente não arredava pé do posto telegráfico e aguardava cada trem na esperança de receber cartas. Não estava nada bem, sofrendo com os incômodos da gravidez, mas recusava-se a obedecer as ordens do dr. Meade e guardar o leito. Uma energia febril apossou-se dela, não a deixando sossegar. À noite, bem depois de ter ido deitar-se, Scarlett a ouvia caminhando no quarto ao lado.

Certa tarde, voltou da cidade na carruagem conduzida pelo assustado tio Peter e amparada por Rhett Butler. Desmaiara no posto telegráfico, e Rhett, que passava e vira o alvoroço, acompanhou-a até em casa. Levou-a no colo escadaria acima até o quarto e, enquanto a casa inteira, alarmada, corria de um lado para outro atrás de tijolos quentes, cobertores e uísque, ele a deitou sobre os travesseiros na cama.

— Sra. Wilkes — perguntou-lhe de chofre —, a senhora está esperando bebê, não está?

Se não estivesse tão fraca, tão enjoada, tão arrasada, Melanie teria desmaiado ao ouvir a pergunta. Qualquer menção ao seu estado a constrangia, mesmo se estivesse só entre amigas. As consultas com o dr. Meade eram uma agonia. E um homem, especialmente Rhett Butler, fazer uma pergunta daquelas, era inconcebível. Mas, desamparada e fraca deitada na cama, apenas fez que sim com um gesto de cabeça. O que depois não lhe pareceu tão chocante, pois ele se mostrava bondoso e preocupado.

— Então tem que se cuidar melhor. Essa correria e essa preocupação toda não vão ajudá-la e podem prejudicar o bebê. Se me permitir, sra. Wilkes, vou usar toda a influência que eu tiver em Washington para saber do destino do sr. Wilkes. Se foi feito prisioneiro, estará nas listas federais, se não tiver sido… bem, não há nada pior que a incerteza. Mas preciso da sua promessa de que vai se cuidar. Do contrário, por Deus, não moverei uma palha.

— Ah, quanta bondade sua — disse Melanie. — Como podem falar tão mal do senhor?

Então abatida pela noção de sua falta de tato e pelo horror de ter discutido o seu estado com um homem, começou a chorar baixinho. Scarlett, depois de subir

voando a escadaria levando um tijolo quente embrulhado em uma flanela, encontrou Rhett Butler acariciando sua mão.

Ele cumpriu a palavra. Ninguém jamais soube quais pauzinhos mexeu. Tinham medo de perguntar, imaginando que poderiam envolver uma confissão de suas relações demasiado estreitas com os ianques. Demorou um mês para que tivesse notícias. As informações, no primeiro momento, as levaram às alturas, mas acabaram criando uma enorme ansiedade em seus corações.

Ashley não estava morto! Fora ferido e feito prisioneiro. Segundo os registros, estava em Rock Island, um campo de prisioneiros em Illinois. Na alegria do primeiro momento, não pensavam em mais nada a não ser que ele estava vivo. Mas, quando a emoção esfriou, entreolharam-se dizendo “Rock Island”, com a mesma voz que teriam dito “No Inferno!”, pois, assim como o nome de Andersonville cheirava mal no Norte, o de Rock Island trazia terror ao coração de qualquer sulista que lá tivesse parentes prisioneiros.

Quando Lincoln recusou-se a fazer trocas de prisioneiros, achando que sobrecarregar a Confederação com a alimentação e a custódia de prisioneiros da União apressaria o fim da guerra, havia milhares de jaquetas azuis em Andersonville, na Geórgia. Os confederados estavam mal alimentados e quase não tinham medicamentos nem ataduras para seus doentes e feridos. Pouco tinham para dividir com os prisioneiros. Alimentavam-nos com a mesma ração dos soldados em campo: banha de porco e ervilhas secas. E, com essa dieta, os ianques morriam como moscas, às vezes cem por dia. Irritados com as informações, os homens do Norte começaram a dar um tratamento ainda pior aos prisioneiros confederados, e em lugar nenhum as condições eram mais terríveis do que em Rock Island. A comida era escassa, havia um cobertor para três homens e os surtos de varíola, pneumonia e tifo renderam ao lugar o nome de casa da peste. Dos homens para lá enviados setenta e cinco por cento não saíram com vida.

E Ashley estava naquele lugar pavoroso! Ashley estava vivo, mas ferido em Rock Island. A neve devia estar profunda em Illinois quando foi levado para lá. Teria morrido do ferimento, desde que Rhett soubera dele? Teria tido varíola? Estaria delirante com pneumonia e sem nenhum cobertor para agasalhá-lo?

— Ah, capitão Butler, não há um jeito… Não pode usar sua influência para fazê-lo ser trocado por outro? — pedia Melanie.

— O sr. Lincoln, o humano e justo, que chora copiosamente pelos cinco filhos da sra. Bixby, não tem lágrimas para derramar pelos milhares de ianques morrendo em Andersonville — disse Rhett, com um esgar no canto da boca. — Não se importa se morrerem todos. A ordem está dada. Nada de trocas. Eu… eu não lhe disse antes, sra. Wilkes, mas seu marido teve uma oportunidade de sair e recusou-a.

— Ah, não! — exclamou Melanie, incrédula.

— Sim, é verdade. Os ianques estão recrutando homens para lutar com os índios nas fronteiras, e os recrutam entre os prisioneiros confederados. Qualquer prisioneiro que prestar juramento de fidelidade e se alistar por dois anos no serviço contra os índios será libertado e enviado para o Oeste. O sr. Wilkes recusou.

— Ah, como ele pôde? — exclamou Scarlett. — Por que não prestou juramento e depois desertou, vindo para casa assim que saiu da prisão?

Melanie voltou-se contra ela como uma pequena fúria.

— Como você pode sequer sugerir que ele fizesse uma coisa dessas? Trair sua Confederação prestando um juramento vil e depois trair a palavra dada aos ianques! Eu preferia saber que ele tinha morrido em Rock Island a ouvir que tinha prestado aquele juramento. Teria orgulho dele se morresse na prisão. Mas, se fizesse *aquilo*, eu nunca mais olharia para ele. Nunca. Claro que ele recusou.

Quando acompanhou Rhett à porta, Scarlett perguntou indignada:

— Se estivesse no lugar dele, você não se alistaria com os ianques para não morrer naquele lugar e depois desertaria?

— Claro — disse Rhett, mostrando os dentes sob o bigode.

— Então por que Ashley não fez isso?

— Ele é um cavalheiro — respondeu Rhett, e Scarlett se perguntou como era possível expressar tanto cinismo e desprezo com aquela palavra nobre.

Parte 3

Capítulo 17

Quando chegou o mês de maio de 1864 — um maio quente e seco, fazendo os botões de flor murcharem antes de abrir —, os ianques, sob o comando do general Sherman, estavam novamente na Geórgia, acima de Dalton, 160 quilômetros a noroeste de Atlanta. Corriam boatos de que haveria combates inflamados nas proximidades da divisa entre a Geórgia e o Tennessee. Os ianques se agrupavam para atacar a Estrada de Ferro Ocidental e Atlântica, a linha que ligava Atlanta ao Tennessee e ao Oeste, a mesma que, no outono anterior, transportara as tropas sulistas para a vitória em Chickamauga.

Contudo, Atlanta não estava muito preocupada com a perspectiva de lutar perto de Dalton. O local onde os ianques se concentravam ficava apenas alguns quilômetros a sudoeste do campo de batalha de Chickamauga. Eles já haviam sido rechaçados uma vez quando tentavam invadir a região através dos passos das montanhas, e seriam repelidos de novo.

Atlanta, assim como toda a Geórgia, sabia que, dada a importância do estado para a Confederação, o general Joe Johnston não permitiria que os ianques permanecessem lá por muito tempo. O velho Joe e seu Exército não deixariam um ianque sequer chegar ao sul de Dalton, pois muita coisa dependia do funcionamento tranquilo da Geórgia. O estado preservado era um imenso celeiro, a oficina e o depósito da Confederação. Grande parte da pólvora e dos armamentos do Exército, além de quase todos os tecidos de algodão e de lã, era fabricada ali. Entre Atlanta e Dalton, ficava a cidade de Rome, com sua fundição de canhões e outras indústrias, bem como Etowah e Allatoona, com as maiores fundições ao sul de Richmond. Em Atlanta, ficavam não só as fábricas de pistolas e de selas, tendas e munições, mas também as maiores laminadoras do Sul, as oficinas das principais linhas férreas e os enormes hospitais. Era também onde se situava o entroncamento das quatro linhas das quais dependia a própria vida da Confederação.

Portanto, ninguém se preocupava muito. Afinal, Dalton ficava muito ao norte, quase na linha do Tennessee. Já havia três anos que se lutava no Tennessee. As pessoas estavam acostumadas com a ideia de que o estado era um campo de batalha distante, quase tanto quanto a Virgínia ou o rio Mississipi. Além do mais, o Velho Joe e seus homens estavam entre os ianques e Atlanta, e todo mundo sabia que, depois do próprio general Lee, não havia general maior que Johnston, agora que Stonewall Jackson tinha morrido.

O dr. Meade sintetizou esse ponto de vista como civil, em uma tarde quente de maio, na varanda de tia Pitty. Disse que Atlanta nada tinha a temer, pois o general Johnston estava nas montanhas como uma muralha de ferro. Seus ouvintes o escutavam com sentimentos variados, cada qual com grandes preocupações em mente, enquanto se balançavam calmamente no lusco-fusco, observando a movimentação mágica dos primeiros vaga-lumes da temporada. A sra. Meade, com a mão no braço de Phil, esperava que o marido tivesse razão. Sabia que, se a guerra se aproximasse, Phil teria que se alistar, uma vez que já tinha 16 anos e fazia parte da Guarda Estadual. Fanny Elsing, pálida e com grandes olheiras desde Gettysburg, tentava tirar da cabeça a visão que a torturava havia meses — o tenente Dallas McLure moribundo, sacolejando debaixo de chuva dentro de um carro de boi na terrível retirada para Maryland.

O capitão Carey Ashburn sentia novamente lhe doer o braço inutilizado, além de estar deprimido com o impasse na corte que fazia a Scarlett, situação que persistia desde a notícia da captura de Ashley Wilkes, embora não lhe ocorresse ligar os fatos. Scarlett e Melanie pensavam em Ashley, como sempre faziam quando tarefas urgentes ou conversas obrigatórias não as distraíam. Scarlett pensava com amargura e tristeza: *Ele deve ter morrido, do contrário teríamos alguma notícia.* Melanie, procurando sem parar não pensar no que temia, dizia a si mesma: *Ele não pode estar morto. Eu sei… Eu teria sentido se ele tivesse morrido.* Rhett Butler, reclinado na penumbra, com as longas pernas calçadas em botas elegantes cruzadas negligentemente, tinha uma expressão indecifrável no rosto moreno, enquanto Wade dormia satisfeito em seus braços, apertando na mãozinha um osso da sorte já livre de toda carne. Scarlett sempre o deixava ficar acordado até tarde quando Rhett aparecia porque o menino tímido gostava dele, e, por incrível que parecesse, Rhett também parecia retribuir o sentimento.

Normalmente, a presença do menino incomodava Scarlett, mas ele sempre se comportava bem no colo de Rhett. Quanto a tia Pitty, esta tentava nervosamente conter uma eructação, pois o galo servido no jantar já era uma ave bem idosa.

Naquela manhã, tia Pitty tomara a lamentável decisão de matar o patriarca antes que ele morresse de velhice e de saudades do harém, já consumido fazia tempo. O coitado passara dias prostrado no galinheiro vazio, sem ânimo para cantar. Depois que tio Peter lhe torcera o pescoço, tia Pitty, sentindo a consciência pesada ao pensar em comê-lo *en famille* quando tantos de seus amigos estavam havia semanas sem provar um galináceo, sugeriu ter convidados para jantar. Melanie, que, grávida de cinco meses, já não aparecia em público nem recebia em casa havia semanas, ficou horrorizada com a ideia. Mas tia Pitty, pela primeira vez, foi firme. Seria um egoísmo comerem o galo sozinhas e, se Melanie subisse mais o cós da saia, ninguém notaria nada, pois afinal ela não tinha busto nenhum.

— Mas, titia, não quero ver gente quando Ashley…

— Não é como se Ashley tivesse… tivesse morrido — disse tia Pitty, com a voz trêmula, pois, no fundo, tinha certeza de que Ashley estava morto. — Ele está tão vivo quanto você, e vai lhe fazer bem ter companhia. Vou convidar também Fanny Elsing. A sra. Elsing me pediu para tentar animá-la e fazê-la ver gente…

— Mas, titia, é maldade forçá-la quando o pobre Dallas morreu faz tão pouco…

— Ora, Melly, vou chorar de aflição se você discutir comigo. Acho que sou sua tia e sei das coisas. Quero uma reunião.

Então tia Pitty teve sua reunião e, no último minuto, apareceu um convidado que ela não esperava, nem desejava. Justo quando o cheiro do galo assado impregnava a casa, Rhett Butler, de volta de uma de suas misteriosas viagens, bateu à porta, trazendo debaixo do braço uma grande caixa de bombons embrulhada em papel rendado, e uma série de elogios de duplo sentido para ela na ponta da língua. Não havia alternativa senão convidá-lo a ficar, embora tia Pitty soubesse o que o casal Meade achava dele e quanto incomodava a Fanny a presença de qualquer homem vestido à paisana. Nem os Meades nem as Elings lhe dirigiriam a palavra na rua, mas na casa de uma amiga, obviamente, teriam

que tratá-lo com educação. Ademais, ele agora estava mais do que nunca sob a proteção da frágil Melanie. Depois de sua intervenção para conseguir notícias de Ashley, ela anunciara publicamente que sua casa estava aberta para ele enquanto fosse viva, dissessem o que dissessem a seu respeito.

Tia Pitty sentiu-se mais tranquila quando viu Rhett comportar-se civilizadamente. Ele foi tão atencioso com Fanny que ela até lhe sorriu, e a refeição correu bem. Era um banquete principesco. Carey Ashburn trouxera um pouco do chá que encontrara na bolsa de tabaco de um prisioneiro ianque a caminho de Andersonville, e todos tomaram uma xícara, com um leve perfume de fumo. Cada um teve direito a um pedacinho da ave idosa e dura, uma porção adequada da guarnição de purê de milho temperado com cebola, uma tigela de ervilhas secas, e bastante arroz com molho, este um tanto aguado, pois faltava farinha para engrossá-lo. De sobremesa, uma torta de batata-doce e os bombons trazidos por Rhett. Quando Rhett sacou legítimos charutos de Havana para os cavalheiros saborearem juntamente com o cálice de vinho de amora, todos concordaram que, de fato, fora um lauto banquete.

Quando os homens se reuniram às senhoras na varanda, o assunto da conversa passou a ser a guerra. A guerra agora era o assunto de todas as conversas — ora tristes, ora alegres, mas sempre sobre a guerra. Qualquer tema partia da guerra ou levava à guerra. Romances de guerra, casamentos de guerra, mortes nos hospitais ou no front, incidentes nos acampamentos, nas batalhas, nas marchas, galanteria, covardia, humor, tristeza, privações e esperança. Sempre esperança. Esperança firme e inabalável apesar das derrotas do verão anterior.

Quando o capitão Ashburn anunciou ter sido aceito seu pedido de transferência de Atlanta para o exército em Dalton, as senhoras beijaram com os olhos o seu braço rígido e encobriram suas emoções com o sentimento de orgulho declarando que ele não podia ir, pois quem lhes faria a corte?

O jovem Carey, confuso e satisfeito ao ouvir aquelas declarações de senhoras casadas e solteironas como a sra. Meade e Melanie, tia Pitty e Fanny, tentou ter a esperança de que Scarlett falara com sinceridade.

— Ora, já, já ele está de volta — disse o médico, passando o braço sobre o ombro de Carey. — Vai ser só uma breve escaramuça, e os ianques vão fugir correndo para o Tennessee. E, quando chegarem lá, o general Forrest vai cuidar

deles. As senhoras não precisam se alarmar com a proximidade deles, pois o general Johnston está com o exército dele nas montanhas como uma muralha de ferro. Sim, uma muralha de ferro — repetiu ele, deliciando-se com sua expressão. — Sherman nunca passará. Nunca desalojará o Velho Joe.

As senhoras sorriram aprovando, pois qualquer afirmação dele, por mais leviana que fosse, era considerada uma verdade irrefutável. Afinal, os homens entendiam daqueles assuntos muito mais que as mulheres, e se o médico dizia que o general Johnston era uma muralha de ferro ele devia ser. Só Rhett discordou. Estava sentado ali no lusco-fusco com o menino adormecido ao colo. Limitara-se a ouvir as conversas sobre a guerra, com os lábios contraídos, sem dizer palavra desde o fim do jantar.

— Acho que corre o boato de que Sherman tem mais de cem mil homens, agora que seus reforços chegaram.

O médico respondeu-lhe secamente. Andara em um estado de grande tensão desde que chegara e vira que um dos convidados era aquele homem com quem tanto antipatizava. Só o respeito devido à srta. Pittypat e o fato de estar na casa dela como convidado fizeram com que ele se abstivesse de demonstrar com mais clareza seus sentimentos.

— Então, senhor? — rosnou o médico em resposta.

— Creio que o capitão Ashburn disse há pouco que o general Johnston tinha apenas quarenta mil homens, contando os desertores que se animaram a voltar depois da última vitória.

— Senhor — disse a sra. Meade indignada. — Não há desertores no Exército confederado.

— Perdão — disse Rhett, com humildade fingida. — Eu me referia aos milhares de homens de licença que se esqueceram de voltar a seus regimentos e aos que já se recuperaram dos ferimentos, mas continuam em casa, tratando dos seus negócios ou fazendo a aragem da terra na primavera.

Os olhos dele brilharam e a sra. Meade mordeu os lábios, furiosa. Scarlett queria rir do embaraço da senhora, pois Rhett a pegara de jeito. Havia centenas de homens escondidos nos pântanos e nas montanhas, desafiando a guarda do preboste a reconduzi-los ao Exército. Eram os que diziam que era uma “guerra dos ricos com os pobres lutando” e estavam fartos. Porém muito mais numerosos

do que estes eram os que, embora tivessem seus nomes nas listas de desertores, não tinham a intenção de desertar definitivamente. Eram os que, enquanto esperavam em vão durante três anos por uma licença, recebiam de casa cartas mal escritas: “Passamos fome.” “Não vai ter colheita este ano… não tem ninguém pra arar. Passamos fome.” “O destacamento de provisão levou os porquinhos, e não recebemos seu dinheiro faz meses. Aqui só tem ervilha seca pra comer.”

E o coro aumentava: “Passamos fome, sua esposa, seus filhos, seus pais. Quando isso acaba? Quando volta? Passamos muita fome.” Quando tinham negadas as licenças do Exército, cada vez mais minguado, os soldados iam para casa assim mesmo, para arar suas terras, plantar a safra, consertar suas casas e construir suas cercas. Os oficiais dos regimentos, compreendendo a situação, quando viam um combate pela frente escreviam a esses homens dizendo que voltassem às suas companhias, que nada lhes seria perguntado. Em geral, eles voltavam quando percebiam que, durante mais alguns meses, seria possível evitar a fome em suas casas. As “licenças de aragem” não eram consideradas à mesma luz que a deserção em face do inimigo, mas enfraqueciam o Exército da mesma maneira.

O dr. Meade apressou-se em preencher a pausa desagradável dizendo friamente:

— Capitão Butler, a diferença numérica entre as nossas tropas e as dos ianques nunca teve importância. Um confederado vale por uma dúzia de ianques.

As senhoras concordaram com um gesto de cabeça. Isso era sabido.

— Valia mesmo nos primeiros tempos da guerra — disse Rhett. — Talvez ainda valha, se o soldado confederado tiver munição para a espingarda, sapatos nos pés e comida no estômago. Hein, capitão Ashburn?

Continuava falando macio, com uma falsa humildade. Carey Ashburn mostrou-se incomodado, pois era óbvio que também antipatizava profundamente com Rhett. Teria preferido estar do lado do médico, mas não podia mentir. O motivo que o levara a pedir transferência para o front, apesar do braço inútil, foi ter compreendido a gravidade da situação, ao contrário da população civil. Muitos outros soldados, usando pernas de pau, caolhos, sem os dedos, e até sem um braço, estavam se transferindo tranquilamente de novo para suas antigas

unidades de combate, deixando seus postos nos destacamentos de provisões, no serviço hospitalar, postal e ferroviário. Sabiam que o Velho Joey precisava de cada homem.

Ashburn permaneceu calado, e o dr. Meade, perdendo a calma, esbravejou:

— Nossos homens já lutaram descalços e sem comer e conquistaram vitórias. E tornarão a lutar e a vencer! Estou lhe dizendo que o general Johnston não pode ser desalojado! As montanhas sempre foram o refúgio e as fortalezas inexpugnáveis dos povos invadidos desde a antiguidade. Pense nas Termópilas.

Scarlett buscou em sua memória, mas Termópilas nada significava para ela.

— Foram dizimados até o último homem nas Termópilas, não foi, doutor? — perguntou Rhett, contraindo os lábios para conter o riso.

— Está me insultando, rapaz?

— Doutor! Por favor! O senhor me entendeu mal! Eu simplesmente pedi uma informação. Não tenho boa memória para história antiga.

— Se necessário for, nosso Exército morrerá até o último homem antes de permitir o avanço dos ianques na Geórgia — atacou o médico. — Mas isso não acontecerá. Os invasores serão expulsos da Geórgia em uma única escaramuça.

Tia Pittypat apressou-se em levantar-se pedindo a Scarlett que tocasse e cantasse alguma coisa ao piano. Viu que a conversa tomava um rumo tempestuoso. Sabia muito bem que haveria problema se convidasse Rhett para jantar. Sempre havia problema quando ele estava presente. Só não entendia bem como ele detonava a discussão. Puxa vida! O que Scarlett via naquele homem? E como a querida Melly podia defendê-lo?

Enquanto Scarlett dirigia-se obedientemente ao salão, abateu-se sobre a varanda um silêncio impregnado de ressentimento contra Rhett. Como era possível alguém não acreditar com todas as forças na invencibilidade do general Johnston e seus homens? Acreditar era um dever sagrado. E os que eram desleais a ponto de não acreditar deviam, pelo menos, ter a decência de permanecer calados.

Scarlett tocou alguns acordes, e sua voz, suave e triste, chegou até eles nas palavras de uma canção popular:

Em uma sala de paredes caiadas de branco

Onde jaziam cadáveres e moribundos

Feridos por baionetas e projéteis
Nasceu um dia o amor de alguém.
O amor de alguém! Tão jovem e tão bravo!
Tendo ainda no rosto pálido e doce,
Que a terra comeria em breve,
A luz de sua graça juvenil.

— Baços e molhados seus cachos dourados... — prosseguia o soprano embargado de Scarlett.

Fanny ergueu-se um pouco e disse baixinho, com uma voz estrangulada:

— Cante outra coisa!

O piano calou-se de chofre, com a surpresa e o embaraço da pianista, que logo emendou para os primeiros compassos de "Jacket of Gray", interrompendo-se em seguida com uma dissonância ao lembrar-se de como essa escolha também era triste. Scarlett já não sabia o que tocar, pois todas as canções falavam de morte, separação e tristeza.

Rhett levantou-se depressa, deitou Wade no colo de Fanny e foi para o salão.

— Toque "My Old Kentucky Home" — sugeriu suavemente, e Scarlett, agradecida, acatou.

Sua voz foi acompanhada pelo excelente baixo de Rhett e, quando iniciaram a segunda estrofe, a plateia na varanda respirou aliviada, embora aquela também não fosse uma canção alegre.

Só mais uns dias para carregar o fardo!
Não importa que nunca seja leve!
Só faltam alguns dias carregando pela estrada!
Então, boa noite, meu velho lar do Kentucky!

A previsão do dr. Meade estava certa — até certo ponto. Johnston postou-se, sim, como uma muralha de ferro nas montanhas acima de Dalton, a 160 quilômetros de distância. Postou-se com tanta firmeza, e com tanta bravura se opôs ao desejo de Sherman de descer pelo vale em direção a Atlanta, que finalmente os ianques recuaram para deliberar entre si. Não conseguindo atacar frontalmente as linhas cinzentas, eles atravessaram, em semicírculo, na calada da

noite, outras passagens da montanha, esperando chegar pela retaguarda de Johnston e cortar as linhas férreas em Resaca, 24 quilômetros abaixo de Dalton.

Com aquelas preciosas linhas gêmeas em perigo, os confederados deixaram as posições que tão desesperadamente haviam defendido e, à luz das estrelas, empreenderam uma marcha forçada em direção a Resaca pelo caminho direto, mais curto. Quando os ianques desceram das montanhas sobre eles, as tropas do Sul já os esperavam, entrincheiradas, baterias apontadas, baionetas brilhando, como haviam feito em Dalton.

Quando os feridos de Dalton trouxeram informações truncadas da retirada do Velho Joe para Resaca, Atlanta ficou surpresa e um tanto perturbada. Era como se uma nuvenzinha pesada tivesse aparecido no noroeste, a primeira de uma tempestade de verão. O que o general estava pensando ao deixar os ianques penetrarem mais 28 quilômetros na Geórgia? As montanhas eram fortalezas naturais, como afirmara o dr. Meade. Por que o Velho Joe não segurara os ianques lá?

Johnston lutou desesperadamente em Resaca e tornou a rechaçar os ianques, mas Sherman, empregando o mesmo movimento de flanco, formou outro semicírculo com sua vasta tropa, atravessou o rio Oostanaula e tornou a atacar a ferrovia na retaguarda dos confederados. Mais uma vez, as tropas cinzentas foram chamadas às pressas de suas trincheiras vermelhas para defender a ferrovia. Privadas de sono, exaustas pelas marchas e pelos combates, além de famintas, sempre famintas, empreenderam mais outra marcha para o vale. Chegaram à pequena cidade de Calhoun, dez quilômetros abaixo de Resaca, antes dos ianques, entrincheiraram-se, e estavam novamente prontas para o ataque quando os ianques apareceram. O ataque chegou, houve violentas escaramuças e os ianques foram rechaçados. Exaustos, os confederados depuseram as armas e rezaram por uma trégua e um momento de descanso. Mas não houve descanso. Sherman avançava inexoravelmente, passo a passo, rodeando-os com seu exército, forçando outra retirada para defender a ferrovia na retaguarda.

Os confederados dormiam marchando, quase todos cansados demais para pensar. Mas, quando pensavam, confiavam no Velho Joe. Sabiam que estavam recuando, mas sabiam que não haviam sido vencidos. Simplesmente não tinham

homens suficientes para manter suas trincheiras e também eliminar os movimentos de flanco de Sherman. Podiam e conseguiam derrotar os ianques sempre que estes paravam para lutar. O que lhes esperava no fim daquela retirada, não sabiam. Mas o Velho Joe sabia o que fazia e isso lhes bastava. Ele conduzira a retirada de forma magistral, pois perderam poucos homens e o número de ianques mortos e capturados foi alto. Não haviam perdido uma só carroça, apenas quatro espingardas. E tampouco haviam perdido a ferrovia à retaguarda. Sherman não tocara nela, apesar de todos os ataques frontais, as incursões da cavalaria e os movimentos de flanco.

A ferrovia. Ela ainda lhes pertencia, aquela fina linha férrea serpeando pelo vale ensolarado em direção a Atlanta. Os homens se deitavam para dormir onde viam os trilhos brilhando fracamente à luz das estrelas. Os homens se deitavam para morrer, e a última imagem que seus olhos espantados viam eram os trilhos faiscando ao sol inclemente, reverberando com o calor.

Ao chegarem ao vale, encontraram um exército de refugiados. Fazendeiros e georgianos, ricos e pobres, negros e brancos, mulheres e crianças, velhos, moribundos, aleijados, feridos, mulheres em estado de gravidez avançada tomavam a estrada que conduzia a Atlanta. Vinham de trem, a pé, a cavalo, em carruagens e carroças carregadas de baús e utensílios domésticos. Oito quilômetros adiante do Exército em retirada, vinham os refugiados, parando em Calhoun, em Kingston, esperando ouvir a cada parada a notícia de que os ianques haviam sido expulsos para que pudessem regressar a seus lares. Mas não se voltava atrás naquela estrada ensolarada. As tropas cinzentas passavam por mansões vazias, fazendas desertas, cabanas abandonadas com as portas escancaradas. Aqui e ali, uma mulher sozinha ia até a estrada com alguns escravos assustados para animar os soldados, levar baldes de água para os homens sedentos, enfaixar os feridos e enterrar os mortos no cemitério em sua propriedade. Mas a maior parte do vale ensolarado estava abandonada, e a colheita, largada nos campos secos.

Atacado pelos flancos novamente em Calhoun, Johnston recuou para Adairsville, onde houve violenta escaramuça, depois para Cassville, e em seguida para Cartersville. O inimigo já passara oito quilômetros de Dalton. Em New Hope Church, 24 quilômetros mais adiante, no caminho onde o combate

era intenso, as fileiras cinzentas entrincheiraram-se para uma parada decidida. E vieram as linhas azuis, como uma serpente monstruosa, coleando, atacando com veneno, recuando com seus feridos, mas sempre voltando a atacar. Houve onze dias de combate desesperado em New Hope Church, sendo todos os ataques ianques repelidos de forma sangrenta. Então Johnston, atacado novamente pelos flancos, recuou mais alguns quilômetros com suas linhas minguadas.

Os confederados sofreram enormes baixas em New Hope Church. Os feridos descarregados pelos trens inundavam Atlanta. A cidade estava apavorada. Nunca, nem mesmo depois da batalha de Chickamauga, vira tantos feridos. Com os hospitais superlotados, os feridos jaziam no chão de lojas vazias e sobre fardos de algodão nos armazéns. Todos os hotéis, pensões e casas particulares estavam apinhados de doentes. Tia Pitty teve a sua quota, mesmo protestando que não ficava bem receber homens estranhos em casa quando Melanie, em condições delicadas, podia entrar prematuramente em trabalho de parto ao se deparar com aquelas cenas horríveis. Mas Melanie suspendeu mais um pouco o cós da crinolina para esconder o corpo emaciado e os feridos invadiram a casa de tijolinhos. Era um ininterrupto cozinhar, levantar, virar e abanar os doentes. Eram horas sem fim lavando e tornando a enrolar as ataduras, desfiando panos. Noites e mais noites quentes passadas em claro porque os gemidos dos homens delirando no quarto ao lado não deixavam ninguém dormir. Quando a cidade não pôde mais comportar nenhum ferido, o excedente foi enviado para os hospitais de Macon e Augusta.

Com aquela corrente de feridos trazendo informações conflitantes, e com o número crescente de refugiados assustados acorrendo à cidade já superlotada, Atlanta estava em polvorosa. A nuvenzinha no horizonte logo se tornara uma nuvem carregada que prenunciava tempestade, e era como se dela começasse a soprar um vento gelado.

Embora ninguém tivesse perdido a fé na invencibilidade das tropas, os civis haviam perdido a fé no general. New Hope Church ficava a apenas 56 quilômetros de Atlanta. O general deixara que os ianques o fizessem recuar 104 quilômetros em três semanas. Por que não havia segurado os ianques em vez de sempre recuar? Era louco, e pior ainda. Os velhos da Guarda Estadual e os membros da milícia estadual, sãos e salvos em Atlanta, insistiam que poderiam

ter comandado melhor a campanha e desenhavam mapas nas toalhas das mesas para provar suas afirmações. Vendo suas fileiras minguarem e sendo obrigado a recuar mais ainda, o general apelou desesperadamente ao governador Brown para que lhe enviasse aqueles mesmos homens. Era um contingente que se julgava razoavelmente a salvo. Afinal, o governador já recusara o pedido de Jeff David para enviá-lo. Por que deveria ceder ao general Johnston?

Combater e recuar! Combater e recuar! Durante 25 dias, combatendo quase diariamente, os confederados recuaram 112 quilômetros. New Hope Church agora era uma lembrança em um labirinto louco de lembranças semelhantes. Calor, poeira, fome, cansaço, marchas pelas estradas vermelhas e esburacadas, caminhadas na lama vermelha; recuar, entrincheirar-se, lutar — recuar, entrincheirar-se, lutar. New Hope Church era um pesadelo de outra vida, como Big Shanty, onde eles voltaram e combateram os ianques como demônios. Mas, mesmo deixando os campos cobertos de azul com os mortos em combate, sempre havia mais ianques, ianques descansados. Sempre havia aquele arco sinistro das linhas azuis à retaguarda dos confederados, em direção à ferrovia — e em direção a Atlanta!

De Big Shanty, as tropas exaustas e insones recuaram para a cordilheira Kennesaw, próxima à pequena cidade de Marietta, de onde espalharam suas linhas em uma curva de 16 quilômetros. Nas encostas íngremes, abriram suas trincheiras e, nos pontos mais altos, colocaram suas baterias. Praguejando e banhados de suor, os homens carregaram os pesados canhões morro acima, pois nem as mulas conseguiam escalar as escarpas. Os mensageiros e os feridos que chegavam a Atlanta davam informações tranquilizadoras à população assustada. Os cumes da Kennesaw eram inexpugnáveis, como também eram a cordilheira Pine e o monte Lost nas proximidades, e igualmente fortificados. Os ianques não conseguiriam desalojar os homens do Velho Joe nem conseguiriam atacá-los pelos flancos, pois as baterias no topo das montanhas defendiam todas as estradas em um raio de quilômetros. Atlanta respirou mais aliviada, mas…

Mas a cordilheira Kennesaw ficava a apenas 35 quilômetros dali!

No dia em que chegou o primeiro ferido vindo da Kennesaw, a carruagem da sra. Merriwether estava em frente à casa de tia Pitty à hora inédita de sete da manhã. O negro, tio Levi, levava um recado para que Scarlett se vestisse e fosse

imediatamente para o hospital. Fanny Elsing e as meninas Bonnels, também despertadas cedo, bocejavam estremunhadas no assento traseiro, enquanto a Mammy das Elsings, sentada na boleia, resmungava com um cesto de ataduras recém-lavadas no colo. E lá foi Scarlett de má vontade, pois dançara até de madrugada na festa da Guarda Estadual e tinha os pés cansados. Amaldiçoou, no íntimo, a eficiente e incansável sra. Merriwether, os feridos e toda a Confederação do Sul, enquanto Prissy abotoava seu mais surrado vestido de chita, usado para trabalhar no hospital. Engolindo a mistura de milho e batata-doce secos que passava por café da manhã, foi ao encontro das moças.

Estava farta daquele trabalho de enfermagem. Naquele dia mesmo diria à sra. Merriwether que recebera uma carta de Ellen chamando-a para ir visitá-la. Não adiantou. A digna senhora, de mangas arregaçadas, um grande avental envolvendo o corpo avantajado, lançou-lhe um olhar incisivo e disse:

— Scarlett Hamilton, não me venha mais com essas bobagens. Escreverei à sua mãe hoje mesmo dizendo quanto precisamos de você aqui. Tenho certeza de que ela compreenderá e deixará que fique. Agora, ponha seu avental e vá correndo ajudar o dr. Meade. Ele precisa de ajuda com os curativos.

Meu Deus, pensou Scarlett, aborrecida, *esse é o problema. Mamãe vai me obrigar a ficar aqui e vou morrer se tiver que continuar sentindo esse mau cheiro! Quem me dera ser uma velha para poder intimidar as jovens em vez de ser intimidada — e mandar para o inferno as cobras como a sra. Me*rriwether!

Sim, estava farta do hospital, do mau cheiro, dos piolhos, dos corpos sujos e cheios de dores. Se no início o trabalho de enfermagem fora uma novidade romântica, há mais de um ano já perdera toda a graça. Além do mais, aqueles homens feridos na retirada não eram tão atraentes como os primeiros. Não demonstravam o menor interesse por ela e muito pouco tinham a dizer além de "Como está a luta? O que o Velho Joe está fazendo agora? Camarada muito inteligente, o Velho Joe". Ela não achava o Velho Joe um camarada muito inteligente. Tudo o que havia feito era deixar os ianques penetrarem 140 quilômetros Geórgia adentro. Não, aqueles homens não eram atraentes. Ademais, muitos deles estavam morrendo, morrendo depressa, calados, sem resistência para combater o envenenamento do sangue, a gangrena, o tifo e a

pneumonia que os consumiam desde antes de chegarem a Atlanta para receber cuidados médicos.

O dia estava quente, com enxames de moscas entrando pela janela, moscas gordas e preguiçosas que perturbavam os doentes mais ainda que suas próprias dores. Os miasmas e os gemidos aumentavam. O suor lhe empapava o vestido recém-engomado enquanto ela, segurando uma bacia, acompanhava o dr. Meade.

Ah, como era nauseante ficar ao lado do médico, tentando conter o vômito quando aquela sua faca brilhante cortava as carnes sem vida! E como era horrível ouvir os gritos vindos da sala onde ocorriam as amputações! E a sensação de impotência e de pena que a invadia ao ver as faces tensas e lívidas dos mutilados aguardando o médico chegar a eles. Homens já cansados de ouvir gritos, homens aguardando as palavras terríveis: “Sinto muito, meu filho, mas essa mão vai ter que ser amputada. Sim, sim, eu sei; mas está vendo essas listras vermelhas? Vai ter que ser amputada.”

O clorofórmio, de tão escasso, agora só era usado nas piores amputações, e ópio era uma preciosidade, usada apenas para suavizar a morte, não a dor. Não havia quinino nem iodo. Sim, Scarlett estava farta daquilo tudo. Naquela manhã, desejou ter, como Melanie, a desculpa da gravidez para oferecer, a única socialmente aceita naquela época para não servir de enfermeira.

Ao meio-dia, tirou o avental e saiu de fininho do hospital enquanto a sra. Merriwether estava ocupada escrevendo uma carta de um montanhês analfabeto. Scarlett já não aguentava mais aquela imposição. Sabia que, quando chegassem os feridos no trem da tarde, teria trabalho suficiente para mantê-la ocupada até a noitinha — e provavelmente sem nada para comer.

Subiu apressadamente as duas pequenas quadras até a rua Peachtree, respirando o ar puro tão profundamente quanto lhe permitia o espartilho apertado. Quando estava parada na esquina, sem saber bem o que fazer, envergonhada de ir para a casa de tia Pitty, mas decidida a não voltar para o hospital, Rhett Butler passou de carruagem.

— Você parece a filha de um catador de trapos — comentou, ao ver o vestido de chita lavanda remendado e suado, todo respingado de água da bacia. Scarlett ficou furiosa de tão constrangida e indignada. Por que ele sempre reparava na

roupa das mulheres e por que cometia a grosseria de fazer um comentário sobre o seu desmazelo?

— Não me diga mais nada. Salte e me ajude a embarcar. E me leve a qualquer lugar onde ninguém me veja. Não volto para o hospital nem que me enforquem. Nossa, não fui eu quem começou esta guerra, e não vejo por que tenho que me matar de trabalhar e…

— Uma traidora da Nossa Gloriosa Causa!

— O roto falando do esfarrapado. Me ajude a subir. Não quero saber aonde ia. Agora vai me levar junto.

Enquanto ele saltava, ela pensou em como era bom ver um homem em perfeitas condições, a quem não faltava olhos nem pernas nem braços. Que não estivesse lívido de dor nem amarelo de malária. Que aparentasse estar bem alimentado e saudável. E ele estava também muito bem-vestido. Usava paletó e calças do mesmo tecido, na sua medida, em vez de cheios de pregas de tão largos ou lhe tolhendo os movimentos de tão justos. E eram novos, não esfarrapados, revelando a pele nua e suja e as pernas cabeludas por entre os rasgos. Ele dava a impressão de não ter uma preocupação no mundo, o que era espantoso atualmente, quando os outros homens tinham a fisionomia tão tensa, aflita e sombria. Tinha o rosto moreno e liso e a boca, de lábios vermelhos e bem desenhada como a de uma mulher, francamente sensual. Ele sorriu com displicência ao ajudá-la a embarcar na carruagem.

Deu para ver os seus músculos bem desenvolvidos se retesando sob as roupas bem cortadas quando ele subiu para se instalar ao lado dela. E, como sempre, a percepção de sua grande força física atingiu-a como um golpe. Observava o volume de seus ombros fortes debaixo do tecido com um fascínio que a perturbava e a assustava um pouco. Seu corpo parecia rijo e forte, tanto quanto seu espírito agudo. A força dele era natural e graciosa, como a de uma pantera se espreguiçando ao sol, mas alerta, pronta para dar o bote.

— Sua farsantezinha — disse ele, estalando a língua para o cavalo. — Você dança com os soldados a noite inteira e lhes dá rosas e fitas dizendo que daria a vida pela Causa. Mas, quando chega a hora de cuidar de uns ferimentos e catar uns piolhos, cai fora rapidinho.

— Não pode falar de outra coisa e andar mais depressa? Só me faltava agora o velho Merriwether sair da loja dele, encontrar comigo e ir correndo contar para a velha… quero dizer, a sra. Merriwether.

Rhett tocou a égua com a ponta do chicote, fazendo-a trotar vivamente para atravessar Five Points e a linha férrea que dividia a cidade. O trem com os feridos já havia chegado. Os padioleiros trabalhavam depressa sob o sol quente, transferindo os feridos para ambulâncias e carroças cobertas. Vendo-os, Scarlett não sentiu nenhum peso na consciência, só um grande alívio por ter conseguido escapar.

— Estou mais que farta daquele hospital velho — disse, ajeitando as saias rodadas e amarrando melhor o chapéu sob o queixo. — E cada dia chegam mais feridos. É tudo culpa do general Johnston. Se ele tivesse enfrentado os ianques em Dalton, eles…

— Mas ele enfrentou os ianques, sua pequena ignorante. E, se Johnston tivesse continuado lá, Sherman o teria atacado pelos flancos, esmagando-o entre as duas alas de seu Exército. E teria perdido a estrada de ferro, pela qual o general está lutando.

— Ah, bom — disse Scarlett, que não entendia nada de estratégia militar. — De qualquer maneira, é culpa dele. Ele devia ter feito alguma coisa em relação a isso, e acho que devia ser destituído. Por que não fica no lugar e luta, em vez de recuar?

— Você é igual aos outros, gritando “Cortem-lhe a cabeça” porque ele não pode fazer o impossível. Em seis semanas, passou de Jesus, o Salvador, em Dalton a Judas, o Traidor, na cordilheira Kennesaw. No entanto, basta ele fazer os ianques recuarem 32 quilômetros para voltar a ser Jesus. Minha querida, Sherman tem o dobro de homens que Johnston, e pode se dar ao luxo de perder dois homens para cada um de nossos galantes rapazes. Já Johnston não pode perder um único. Precisa urgentemente de reforço, e o que vai receber? Os queridinhos de Joe Brown. Que ajuda serão!

— A milícia vai mesmo ser convocada? A Guarda Estadual também? Não ouvi nada sobre isso. Como você sabe?

— Ouvi um boato, que chegou hoje de manhã no trem de Milledgeville. A milícia e a Guarda Estadual vão ser chamadas para reforçar a posição do general

Johnston. Sim, os queridinhos do governador Brown provavelmente vão sentir cheiro de pólvora afinal, e imagino que a maioria deles vai ficar muito surpresa. Certamente nunca esperaram entrar em ação. O governador praticamente prometeu que não entrariam. Bem, é para rir deles. Acharam que estavam garantidos porque o governador peitou até Jeff Davis e recusou-se a mandá-los para a Virgínia. Disse que eram necessários para a defesa do estado. Quem algum dia pensaria que a guerra chegaria ao quintal deles e que teriam de fato que defender o estado?

— Ah, como você pode rir, sua peste! Pense nos velhos e nos meninos da Guarda Estadual! Então o pequeno Phil Meade, o velho Merriwether e tio Henry Hamilton vão ter que ir.

— Não estou falando nos meninos nem nos veteranos da Guerra do México. Falo nos jovens valentes como Willie Guinan, que gostam de usar uniformes bonitos e brandir espadas…

— E em você!

— Minha querida, isso não me afetou nem um pouco! Não uso uniforme nem balanço espada, e o destino da Confederação não significa nada para mim. Além do mais, eu não morreria na Guarda Estadual, nem em exército nenhum, aliás. Já tive o suficiente do serviço militar em West Point para o resto da vida. Bem… Desejo sorte ao Velho Joe. Como o general Lee não pode lhe enviar nenhum reforço porque os ianques o mantêm ocupado na Virgínia, as tropas estaduais da Geórgia são o único reforço que Johnston pode conseguir. Ele merece coisa melhor, pois é um grande estrategista. Sempre consegue tomar os lugares antes dos ianques. Mas vai ter que continuar recuando se quiser proteger a estrada de ferro. E anote o que lhe digo: quando o deslocarem das montanhas para essas terras mais planas aqui em volta, ele vai ser massacrado.

— Aqui em volta? — exclamou Scarlett. — Você sabe muito bem que os ianques nunca chegarão tão longe!

— Kennesaw fica só a 35 quilômetros daqui e aposto que…

— Rhett, olhe ali na rua! Aquele bando de homens! Não são soldados. O que…? Ora, são pretos!

Havia uma grande nuvem de poeira vermelha subindo a rua. Ouvia-se o barulho de passos e de vozes guturais de mais de cem negros, despreocupados,

cantando um hino. Rhett encostou a carruagem na guia da calçada, e Scarlett olhou com curiosidade para os negros suados, carregando nos ombros picaretas e pás, guiados por um oficial e um esquadrão de homens usando a insígnia do corpo de engenharia.

— O que…? — recomeçou ela.

Então seus olhos pousaram em um negro que cantava na primeira fila. Com quase 1,90m de altura, era um gigante de ébano, caminhando com a graça leve de um poderoso animal, os dentes brancos brilhando enquanto puxava o coro em "Go Down, Moses". Naturalmente, não havia um negro no mundo tão alto e de voz tão possante quanto aquele a não ser Big Sam, o capataz de Tara. Mas o que Big Sam estava fazendo ali, tão longe de casa, especialmente agora que a fazenda estava sem administrador e ele era o braço direito de Gerald?

Quando ela se levantou um pouco no banco para ver melhor, o gigante a reconheceu e abriu um sorriso de prazer. Parou, largou a pá e encaminhou-se para ela, gritando para os negros mais próximos a ele:

— Deus do Céu! É a sinhazinha Scarlett! Ocês, Lias, Postle, Prophet! É a sinhazinha Scarlett!

Houve confusão entre as fileiras. O grupo parou, indeciso e sorridente, enquanto Big Sam e os três negros corpulentos atravessavam a rua em direção à carruagem, seguidos de perto pelo extenuado oficial aos gritos.

— Voltem para a fila, homens! Voltem para a fila senão eu… Ora, é a sra. Hamilton. Bom dia, minha senhora. Bom dia para o senhor também. O que estão tramando aí? Incitando motins e insubordinações? Deus sabe que já tive muito trabalho com esses rapazes hoje de manhã.

— Ah, capitão Randall, não brigue com eles! São gente nossa. Este é o Big Sam, nosso capataz, e o Elijah, o Apostle e o Prophet de Tara. Claro que tinham que falar comigo. Como vão vocês, rapazes?

Ela apertou a mão de todos em volta, sua mãozinha branca desaparecendo dentro daquelas manzorras negras. Os quatro exultaram com o encontro, orgulhosos de exibir aos camaradas que linda sinhazinha tinham.

— O que estão fazendo tão longe de Tara? Fugiram, na certa. Não sabem que os patrulhas vão pegar vocês?

Eles riram gostosamente da piada.

— Fugi? — respondeu Big Sam. — Não, nós num fugiu. Eles qui foi lá pegá nós quatro, qui era us maió i mais forte di Tara. — Ele arreganhou os dentes brancos com orgulho. — Eles queria eu mêmo, pruque eu canto munto bem. É, sinhazinha, u sinhô Frank Kennedy veio i pegô nós.

— Mas por que, Big Sam?

— Nossa, sinhazinha Scarlett! Num oviu falá? Nós vai cavá as vala prus sinhô branco s'iscondê quando us ianque chegá.

O capitão Randall e os ocupantes da carruagem contiveram o riso diante daquela ingênua explicação das trincheiras.

— Craro, o sinhô Gerald quase teve um ataque quano mi levaro, i disse qui num dá pra tocá a fazenda sem eu. Mas a sinhá Ellen falô: "Leva ele, sinhô Kennedy. A Confederação percisa dele mais qui nós." I mim deu um dólar dizeno pr'eu obedecê us moço branco. I nós tá aqui.

— O que significa isso, capitão Randall?

— Ah, é muito simples. Temos que reforçar as fortificações de Atlanta com mais quilômetros de trincheiras, e o general não pode abrir mão de nenhum homem para cavá-las. Então tivemos que recrutar os homens mais fortes do interior para o trabalho.

— Mas…

Scarlett começou a sentir um frio no estômago. Mais quilômetros de trincheiras! Por que precisariam de mais? No último ano, uma série de fossos enormes com locais para as baterias havia sido construída em volta de Atlanta, a 1.600 metros do centro da cidade. Aquelas trincheiras circundavam completamente a cidade. Mais trincheiras!

— Mas… por que temos de nos fortificar mais ainda? Não vamos precisar do que já temos. Certamente o general não vai deixar…

— As nossas fortificações atuais estão só a 1600 metros da cidade — disse o capitão Randall secamente. — E essa distância é muito pequena para nos dar conforto… ou segurança. As novas ficarão mais longe. Outra retirada pode trazer os nossos homens para dentro de Atlanta.

E imediatamente se arrependeu desse último comentário ao vê-la arregalar os olhos de medo.

— Mas, naturalmente, não vai haver outra retirada — acrescentou depressa. — As linhas em volta da cordilheira Kennesaw são invencíveis. As baterias estão colocadas no alto das encostas, dominando as estradas. Os ianques não poderão passar.

Mas Scarlett, vendo-o baixar os olhos diante do olhar demorado e penetrante que Rhett lhe lançou, assustou-se. Lembrou-se do comentário de Rhett: "Quando o deslocarem das montanhas para essas terras mais planas aqui em volta, ele vai ser massacrado."

— Ah, capitão, acha que…

— Ora, claro que não! Não se preocupe. O Velho Joe é muito precavido. É só por isso que estamos cavando mais trincheiras… Mas agora preciso ir. Foi um prazer falar com a senhora… Podem se despedir da sua senhora, rapazes, e vamos andando.

— Adeus, rapazes. Agora, se algum de vocês adoecer, for ferido ou tiver problemas, mande me avisar. Moro no fim da rua Peachtree, quase na última casa no fim da cidade. Esperem um pouco… — Ela remexeu na bolsa. — Puxa vida, não tenho um centavo. Rhett, pode me dar uns trocados? Tome, Big Sam, compre um pouco de fumo para você e os meninos. E comportem-se e obedeçam o capitão Randall.

O grupo disperso se realinhou, levantando outra nuvem de poeira vermelha quando se pôs em marcha com Big Sam recomeçando a cantar.

Desce, Moisés! Lá pra baixo,

Pras terra do Egito!

E diz pru Faraó

Dexá meu povo i!

— Rhett, o capitão Randall mentiu para mim, como todos os homens fazem… tentando esconder a verdade das mulheres temendo desmaios. Ele estava mentindo? Ah, Rhett, se não há perigo, por que estão cavando essas novas trincheiras? O Exército está com tanta falta de homens que precisa usar os pretos?

Rhett estalou a língua para a égua.

— O Exército está com uma escassez danada de homens. Por que mais a Guarda Estadual seria convocada? E, quanto às trincheiras, bem, as fortificações

supostamente têm algum uso em caso de cerco. O general está se preparando para fazer sua última resistência aqui.

— Um cerco! Ah, dê meia-volta. Vou para casa. Vou para Tara agora mesmo.

— O que a aflige?

— Um cerco! Meu Deus, um cerco! Já ouvi falar em cercos! Papai esteve em um, ou talvez tenha sido o pai dele, e papai me contou…

— Que cerco?

— O cerco de Drogheda, quando Cromwell pegou os irlandeses que não tinham nada para comer. Papai disse que eles passavam fome e morriam pelas ruas. Acabaram comendo todos os gatos e ratos. Comiam até baratas. Disse que antes de se renderem chegaram a comer uns aos outros, mas eu nunca soube se devia acreditar nisso ou não. E, quando Cromwell tomou a cidade, todas as mulheres foram… Um cerco! Mãe do céu!

— Nunca vi uma ignorância mais bárbara que a sua. O cerco de Drogheda foi em 1600 e qualquer coisa, e o sr. O'Hara não podia estar vivo na época. Além do mais, Sherman não é Cromwell.

— Não, mas é pior! Dizem…

— E quanto às viandas exóticas que os irlandeses comeram no cerco… eu, pessoalmente, preferiria comer um belo rato suculento a algumas das vitualhas que andam me servindo no hotel. Acho que vou ter que voltar a Richmond. Lá se pode comer bem, se tiver dinheiro para pagar. — Os olhos dele caçoavam de sua expressão assustada.

Aborrecida por ter demonstrado nervosismo, ela exclamou:

— Não sei por que demorou tanto tempo aqui! Você só pensa em conforto e comer e… esse tipo de coisa.

— Não conheço modo mais agradável de passar o tempo que comendo e hã… esse tipo de coisa — retrucou ele. — E quanto à minha estada aqui… bem, já li muito a respeito de cercos, cidades sitiadas e afins, mas nunca vi nada disso. Então acho que vou ficar aqui observando. Não vou me ferir porque sou não combatente. Além do mais, quero ter essa experiência. Nunca deixe passar novas experiências, Scarlett. Elas enriquecem o espírito.

— Meu espírito já é suficientemente rico.

— Talvez você saiba melhor a esse respeito, mas eu diria… Só que não seria delicado. E talvez eu esteja aqui para resgatá-la quando chegar o cerco. Nunca resgatei uma moça em agonia. Seria também uma nova experiência.

Embora soubesse que ele estava implicando com ela, sentiu que suas palavras tinham um fundo sério. Jogou a cabeça para trás.

— Não preciso que me resgate. Posso cuidar de mim, obrigada.

— Não diga isso, Scarlett. Se quiser, pense, mas nunca diga isso a um homem. Esse é o problema das moças ianques. Seriam encantadoras se não vivessem nos dizendo que podem cuidar de si mesmas, obrigada. Em geral, falam a verdade, que Deus as ajude. Assim, os homens deixam que elas cuidem de si mesmas.

— Você não para de falar — disse ela friamente, pois não havia insulto maior do que ser comparada a uma ianque. — Acho que está mentindo sobre o cerco. Sabe que os ianques nunca vão chegar a Atlanta.

— Aposto com você que estarão aqui em um mês. Aposto uma caixa de bombons contra… — Seus olhos escuros pousaram nos lábios dela. — Contra um beijo.

Por um instante, o medo da invasão ianque angustiou-a, mas esqueceu o assunto ao ouvir a palavra “beijo”, tão familiar e muito mais interessante que uma operação militar. Com muito custo, conteve um sorriso. Desde o dia em que lhe dera o chapéu verde, Rhett não fizera nenhum gesto que pudesse ser interpretado como investida de um apaixonado. Sempre se recusava a falar de assuntos pessoais, por mais que Scarlett os puxasse, mas agora, espontaneamente, falava em beijar.

— Não me interesso por essas conversas pessoais — disse friamente, franzindo a testa. — Além do mais, eu preferia beijar um porco.

— Gosto não se discute e sempre ouvi dizer que os irlandeses tinham uma quedinha por porcos… criavam-nos debaixo da cama, na verdade. Mas, Scarlett, você esta precisadíssima de beijos. O seu problema é esse. Todos os seus namorados a respeitavam muito, sabe Deus por quê. Ou tinham muito medo de você. O resultado é que você está insuportavelmente arrogante. Devia ser beijada, e por alguém experiente nisso.

A conversa não estava tomando o rumo que ela desejava. Com ele, nunca tomava. Era sempre um duelo no qual ela levava a pior.

— E você acha que é a pessoa adequada? — perguntou com sarcasmo, controlando-se com dificuldade.

— Ah, sim, se eu quisesse me dar esse trabalho — respondeu ele com displicência. — Dizem que beijo muito bem.

— Ah! — começou ela, indignada com a desfeita aos seus encantos. — Você… — Deteve-se, subitamente confusa. Embora Rhett estivesse sorrindo, no fundo de seus olhos piscou uma pequena luz, como uma pequena chama viva.

— Claro, você deve ter se perguntado por que eu nunca tentei desenvolver aquele casto beijinho que lhe dei no dia em que lhe trouxe o chapéu…

— Eu nunca…

— Então você não é uma boa moça, Scarlett, e sinto muito saber disso. Toda boa moça se admira quando um homem não tenta beijá-la. Sabe que não devia querer ser beijada e sabe que deve se mostrar insultada quando alguém tenta lhe dar um beijo, mas, mesmo assim, torce para que tente. Bem, minha querida, coragem. Um dia, hei de beijá-la, e você vai gostar. Mas agora não, então peço que não seja muito impaciente.

Ela sabia que ele estava implicando, e aquelas implicâncias sempre a irritavam, pois, no fundo, tinham muito de verdade. Bem, isso foi a gota d’água. Se algum dia ele fosse mal-educado a ponto de tentar tomar liberdades, ia ver só.

— Quer ter a bondade de fazer o cavalo dar meia-volta, capitão Butler? Quero voltar para o hospital.

— Quer mesmo, meu anjo de bondade? Então prefere os piolhos e as papas à minha conversa? Bem, longe de mim impedir um par de mãos dispostas a trabalhar por Nossa Gloriosa Causa — disse, virando a charrete para Five Points. — Quanto ao motivo pelo qual não fiz outras investidas — prosseguiu ele calmamente, como se ela não tivesse dado a conversa por encerrada —, estou esperando que você cresça mais um pouquinho. Eu não acharia muita graça em beijá-la agora, e sou bem egoísta em relação aos meus prazeres. Nunca me interessei em beijar crianças.

Ele conteve o riso ao ver de canto de olho o colo dela palpitar de raiva muda.

— E depois, também — prosseguiu com voz macia —, eu estava esperando a lembrança do bom Ashley se dissipar.

Ao ouvir o nome de Ashley, Scarlett sentiu-se agoniada, e lágrimas quentes lhe brotaram nos olhos. Dissipar? A lembrança de Ashley nunca se dissiparia, nem mil anos depois que estivesse morto. Pensou em Ashley ferido, morrendo em uma longínqua prisão ianque, sem cobertores para aquecê-lo, sem ter quem o amasse e lhe segurasse a mão. Essa imagem encheu-a de ódio pelo homem bem alimentado que ia ao seu lado, mal disfarçando o tom escarninho da voz arrastada.

Estava furiosa demais para falar, e seguiram em silêncio por algum tempo.

— Já estou entendendo praticamente tudo em relação a você e Ashley — recomeçou Rhett. — Comecei com a sua cena deselegante em Twelve Oaks, e, a partir daí, percebi muitas coisas mantendo os olhos abertos. Que coisas? Ah, que você continua alimentando uma paixão infantil e sentimental, que ele retribui na medida que a natureza honrada dele permite. Que a sra. Wilkes não sabe de nada, e que vocês dois a enganaram direitinho. Entendo quase tudo, menos uma coisa que atiça a minha curiosidade. O bom Ashley algum dia pôs em perigo a salvação da alma imortal dele, dando-lhe um beijo?

Um silêncio pesado e um rosto virado foram as respostas.

— Ah, bom, então ele a beijou, sim. Acho que foi quando ele esteve aqui de licença. E, agora que ele deve ter morrido, você cultiva essa lembrança no coração. Mas garanto que vai superar isso e, quando tiver esquecido o beijo dele, eu…

Ela virou-se furiosa.

— Vá… vá para o inferno — disse, tensa, os olhos verdes apertados de ódio. — E me deixe sair dessa charrete antes que eu me jogue por cima das rodas. Nunca mais quero falar com você.

Ele parou a charrete, mas antes que pudesse apear para ajudá-la Scarlett já saltara para o chão. Sua saia enganchou na roda e, por um momento, todo mundo em Five Points viu de relance as suas anáguas e os seus calções. Rhett inclinou-se e rapidamente a soltou. Com passos decididos, ela saiu sem dizer palavra nem olhar para trás, e Rhett riu baixinho, estalando a língua para o cavalo.

Capítulo 18

Pela primeira vez desde o início da guerra, Atlanta ouvia o som da batalha. Nas primeiras horas da madrugada, antes que a cidade despertasse, ouviam-se os tiros de canhão ao longe, na cordilheira Kennesaw, um estrondo surdo que poderia passar por trovoada de verão. Às vezes era tão forte que sobrepujava o ruído do tráfego ao meio-dia. As pessoas tentavam ignorá-lo. Procuravam falar, rir, cuidar de seus assuntos, como se os ianques não estivessem a 35 quilômetros dali. Mas, por mais que se ocupassem, elas escutavam, e sobressaltavam-se cem vezes por dia. O estrondo foi mais forte? Ou era só impressão? O general Johnston iria retê-los daquela vez?

O pânico estava quase à flor da pele. Os nervos, cada vez mais tensos desde o início da retirada, estavam a ponto de arrebentar. Não se falava em medo. Era tabu. Mas o nervosismo se exprimia em críticas veementes ao general. O sentimento público se exaltava. Sherman estava às portas de Atlanta. Outra retirada talvez trouxesse os confederados para dentro da cidade.

"Queremos um general que não recue! Queremos um homem que resista e lute!"

Com o troar dos canhões nos ouvidos, a milícia estadual, os "Queridinhos de Joe Brown", e a Guarda Estadual deixaram Atlanta para defender as pontes e as balsas do rio Chattahoochee à retaguarda de Johnston. Era um dia cinzento e fechado e, quando atravessaram Five Points e saíram pela estrada Marietta, começou a cair uma chuva fina. A cidade em peso fora assistir à partida, e as pessoas se aglomeravam debaixo dos toldos de madeira das lojas da rua Peachtree, tentando mostrar animação.

Scarlett e Maybelle Merriwether Picard obtiveram licença de deixar o hospital para assistir à partida dos homens, pois o tio Henry Hamilton e o avô Merriwether faziam parte da Guarda Estadual. Colocaram-se ao lado da sra. Meade, espremidas na multidão, e ergueram-se na ponta dos pés para ver melhor.

Scarlett, embora dominada pelo desejo universal dos sulistas de só acreditar nas notícias mais agradáveis e tranquilizadoras sobre a guerra, gelou ao ver a passagem daquelas fileiras heterogêneas. A situação devia ser desesperadora para se chamar aquele monte de velhos e garotos! Havia, sim, homens jovens e saudáveis entre as fileiras, engalanados nos vistosos uniformes da milícia, plumas ao vento, faixas balançando. Mas havia tantos velhos e meninos que, ao vê-los, ela sentiu um aperto no coração com um misto de pena e medo. Havia homens de barba grisalha, mais velhos que seu pai, tentando acertar o passo debaixo da chuva fina ao ritmo do pífaro e dos tambores. O avô Merriwether, com o melhor xale xadrez da sra. Merriwether nos ombros para se proteger da chuva, passou na primeira fileira e saudou as moças com um sorriso. Elas acenaram com os lenços ao lhe gritar adeus animadamente. Mas Maybelle, agarrando o braço de Scarlett, murmurou:

— Coitadinho! Basta uma chuvarada de verdade para acabar com ele! O lumbago…

Tio Henry Hamilton marchava logo atrás do avô Merriwether, com a gola do sobretudo preto levantada em volta das orelhas, duas pistolas da guerra do México na cinta e uma pequena bolsa feita de tapete na mão. Ao seu lado, marchava seu criado negro, praticamente da sua idade, carregando um guarda-chuva aberto que protegia os dois. Ombro a ombro com os mais velhos, vinham os garotos, nenhum dos quais aparentava mais de 16 anos. Muitos haviam fugido da escola para se alistar no Exército. Aqui e ali, havia grupos deles com a farda das academias militares, as plumas de galo negras dos quepes cinzentos molhadas e as faixas de linho branco cruzadas sobre o peito encharcadas de chuva. Phil Meade estava entre eles, levando com orgulho o sabre e as pistolas do falecido irmão, o chapéu com a aba corajosamente presa na lateral. A sra. Meade conseguiu sorrir e acenar enquanto ele passava, para depois pousar a cabeça no ombro de Scarlett, como se todas as suas forças a tivessem abandonado.

Muitos dos homens iam totalmente desarmados, pois a Confederação não tinha rifles nem munição para lhes dar. Eles esperavam se equipar com o que tirassem de ianques mortos ou capturados. Muitos levavam facões enfiados nas botas e, nas mãos, hastes compridas e grossas com pontas de ferro conhecidas

como “lanças de Joe Brown”. Os mais sortudos levavam nos ombros velhos mosquetes de pederneira e chifres cheios de pólvora nos cinturões.

Johnston havia perdido cerca de dez mil homens na retirada. Precisava de mais dez mil em tropas frescas. *E é isso que ele vai ter!*, pensou Scarlett, assustada.

Quando passou a artilharia, respingando lama na multidão, um negro montado em uma mula perto de um canhão lhe chamou a atenção. Era um mestiço de rosto sério. Ao reconhecê-lo, Scarlett exclamou:

— É o Mose! O Mose de Ashley! O que está fazendo aqui? — Abriu caminho entre a multidão até o meio-fio e gritou: — Mose! Pare!

O rapaz, reconhecendo-a, puxou as rédeas e sorriu, começando a apear. Um sargento encharcado que ia atrás dele gritou:

— Não apeie dessa mula ou faço fogo embaixo de você! Temos que chegar à montanha logo.

Indeciso, Mose olhava do sargento para Scarlett, que foi pelo meio da lama, tirando fino das rodas que passavam, para segurá-lo pela correia do estribo.

— Ah, só um minutinho, sargento! Não desça, Mose. O que está fazendo aqui?

— Tô vortano pra guerra, sinhazinha Scarlett. Agora c’o véio sinhô John im vez du sinhô Ashley.

— O sr. Wilkes?! — Scarlett estava pasma. O sr. Wilkes tinha quase setenta anos. — Onde está ele?

— Lá atrás c’o úrtimo canhão, sinhá Scarlett. Lá!

— Desculpe, senhora. Ande, rapaz!

Scarlett, com lama até a altura dos tornozelos, ficou ali parada enquanto os canhões passavam. *Ah, não*, pensou. *Não pode ser. Ele é velho demais. E tem tanto horror à guerra quanto Ashley*. Recuou alguns passos em direção ao meio-fio, examinando o rosto de todos que passavam. Quando o último canhão e a carreta chegaram rangendo e levantando lama, ela o viu. Magro, empertigado, a longa cabeleira branca cobrindo-lhe o pescoço, ia lépido montado em uma eguazinha colorada que caminhava cuidadosamente pela lama como uma dama vestida de cetim. Ora, aquela égua era a Nellie! A Nellie da sra. Tarleton! O tesouro de Beatrice Tarleton!

Ao vê-la parada no lamaçal, o sr. Wilkes puxou as rédeas com um sorriso de prazer, apeou e aproximou-se dela.

— Esperei vê-la, Scarlett. Trouxe tantos recados do seu pessoal! Mas não deu tempo. Acabamos de chegar hoje de manhã, e já estão nos fazendo seguir imediatamente, como você está vendo.

— Ah, sr. Wilkes — gritou ela, desesperada, segurando-lhe a mão. — Não vá! Por que precisa ir?

— Então acha que estou velho demais? — Ele sorriu, e era o sorriso de Ashley em um rosto mais velho. — Talvez eu esteja velho demais para marchar, mas não para montar e atirar. E a sra. Tarleton fez a gentileza de me emprestar a Nellie, portanto estou bem montado. Espero que nada aconteça com ela, pois se acontecer eu nunca mais teria coragem de voltar para encarar a sra. Tarleton. A Nellie foi o último animal que lhe restou. — Ele agora ria, afastando os medos de Scarlett. — Seus pais e as meninas vão bem e lhe mandam lembranças. Seu pai quase veio conosco hoje!

— Ah, o papai, não! — exclamou Scarlett, apavorada. — O papai, não! Ele não vai para a guerra, vai?

— Não, mas ia. Naturalmente, não pode andar muito, com aquele joelho duro, mas achava que devia vir a cavalo conosco. Sua mãe concordou, contanto que ele fosse capaz de saltar a cerca do pasto, pois, disse ela, haveria muitas cavalgadas difíceis pela frente no Exército. Seu pai achou isso fácil, mas… você acredita? Quando chegou na frente da cerca, o cavalo travou e seu pai foi atirado por cima! Foi um milagre não ter quebrado o pescoço! Sabe como seu pai é teimoso. Levantou-se e tentou de novo. Bem, Scarlett, ele caiu três vezes na frente da sra. O’Hara, e teve que ser levado para a cama por Pork. Ficou indócil, jurando que sua mãe tinha “falado uma coisinha no ouvido do cavalo”. Ele não está apto para o serviço ativo, mas você não precisa se envergonhar disso. Afinal alguém tem que ficar em casa cultivando lavouras para o Exército.

Scarlett não se envergonhou nem um pouco, apenas se sentiu bem aliviada.

— Mandei India e Honey para a casa dos Burrs em Macon, e o sr. O’Hara está tomando conta de Twelve Oaks além de Tara… Tenho que ir, minha querida. Deixe-me dar um beijo nesse seu rostinho bonito.

Scarlett esticou os lábios para ele, sentindo um nó na garganta. Gostava muito do sr. Wilkes. Uma vez, muito tempo atrás, desejara ser sua nora.

— E leve esse beijo para Pittypat e esse para Melanie — disse, beijando-a de leve mais duas vezes. — E como vai Melanie?

— Vai bem.

— Ah! — Os olhos dele estavam voltados para ela, mas sem vê-la, como Ashley fazia, olhos cinzentos e distantes, olhando para outro mundo. — Eu ia gostar de ver o meu primeiro neto. Adeus, minha querida.

Montou em Nellie e saiu a galope, chapéu na mão, tomando chuva na cabeleira prateada. Scarlett já tinha se juntado a Maybelle e à sra. Meade quando compreendeu o significado das últimas palavras dele. Então, tomada de um medo supersticioso, benzeu-se e tentou fazer uma prece. Ele falara em morte, exatamente como Ashley. Ninguém devia falar em morte! Era tentar a Providência. Na volta para o hospital, debaixo de chuva, as três iam caladas, mas Scarlett rezava: *Ele não, meu Deus. Nem ele n*em Ashley.

A retirada de Dalton para a cordilheira Kennesaw durara de princípios de maio a meados de junho. Quando os dias quentes e chuvosos de junho passaram sem que Sherman tivesse conseguido desalojar os confederados das escorregadias encostas escarpadas, a esperança voltou. Todos ficaram mais alegres e mais tolerantes com o general Johnston. Quando junho deu lugar a um julho mais chuvoso ainda, e os confederados, lutando desesperadamente nas alturas fortificadas, continuaram mantendo Sherman à distância, Atlanta exultou, eufórica. A esperança lhes subiu à cabeça como champanhe. “Hurra! Hurra! Estamos detendo os ianques!” Irrompeu então uma epidemia de festas e bailes. Sempre que havia grupos de combatentes pernoitando na cidade, eram oferecidos jantares em sua homenagem, e em seguida vinham os bailes. As moças, dez vezes mais numerosas que os homens, lhes davam grande valor e disputavam umas com as outras a oportunidade de dançar com eles.

Atlanta estava lotada de visitantes, refugiados, famílias dos feridos nos hospitais, esposas e mães dos combatentes nas montanhas, que queriam estar por perto caso eles se ferissem. Também baixavam na cidade bandos de beldades dos distritos do interior, onde os homens restantes tinham menos de 16 ou mais de sessenta anos. Tia Pitty reprovava veementemente essas últimas, pois achava que

só estavam ali para arranjar marido, indecência que a levava a se perguntar onde o mundo ia parar. Scarlett também as reprovava. Não gostava de competir com as meninas de 16 anos cujo viço deixava em segundo plano os vestidos virados pelo avesso e os sapatos remendados. Tinha roupas mais bonitas e mais novas que a maioria, graças aos tecidos que Rhett Butler lhe trouxera na última viagem, mas, afinal de contas, já estava com 19 anos, e ia levando, e os homens tinham mania de correr atrás de garotinhas bobas.

Uma viúva com um filho estava em desvantagem ao lado daquelas jovens atrevidas e bonitinhas, pensava. Mas, naqueles dias animados, a viuvez e a maternidade lhe pesavam menos que nunca. Dividindo-se entre o trabalho no hospital durante o dia e as festas à noite, raramente via Wade. Às vezes até passava um bom tempo sem lembrar que ele existia.

Nas noites quentes e úmidas de verão, as casas de Atlanta permaneciam abertas para os soldados, os defensores da cidade. Os casarões entre a rua Washington e a rua Peachtree, feericamente iluminados, recebiam os combatentes enlameados vindos das trincheiras. Chegava longe o som do banjo e do violino misturado ao dos passos da dança e das gargalhadas. Grupos se reuniam em volta dos pianos, cantando com vozes alegres a letra triste de “Your Letter Came but Came Too Late”, enquanto galanteadores esfarrapados lançavam olhares significativos para as moças, que riam por trás de leques de penas de peru, pedindo a elas que não esperassem até ser tarde demais. Nenhuma esperava, se podia evitar. Com a maré de euforia que inundava a cidade, elas se casavam o quanto antes. Realizaram-se muitos casamentos naquele mês enquanto Johnston segurava o inimigo na cordilheira Kennesaw. Casamentos em que a noiva aparecia corada de felicidade em um vestido montado com as melhores peças emprestadas às pressas por várias amigas, e o noivo, com o sabre batendo nos remendos dos joelhos. Tanta animação, tantas festas, tantas emoções. “Hurra! Johnston está segurando os ianques a 35 quilômetros daqui!”

Sim, as linhas ao redor da cordilheira Kennesaw eram invencíveis. Após 25 dias de luta, até o general Sherman convenceu-se disso, dadas as suas enormes perdas. Em vez de continuar o ataque direto, tornou a formar seu exército em arco e forçar a passagem entre os confederados e Atlanta. Mais uma vez, a

estratégia funcionou. Para proteger a retaguarda, Johnston foi obrigado a abandonar as alturas que tão bem defendera. Ele perdera um terço dos homens naquela luta. Os remanescentes arrastavam-se, exaustos, debaixo de chuva em direção ao rio Chattahoochee. Os confederados não podiam esperar mais nenhum reforço, enquanto a ferrovia, agora em poder dos ianques desde o Tennessee até a linha de batalha, trazia diariamente tropas e suprimentos frescos para Sherman. Assim as tropas cinzentas recuaram através dos campos enlameados em direção a Atlanta.

Com a perda da posição supostamente invencível, uma nova onda de terror invadiu a cidade. Durante 25 dias agitados e felizes, todos haviam assegurado que aquilo não podia acontecer. E agora acontecia! Mas com certeza o general deteria os ianques na outra margem do rio — embora Deus soubesse que o rio ficava muito perto, a apenas 11 quilômetros de distância!

Mas Sherman tornou a contorná-los pelos flancos, atravessando o rio acima deles, e forçou as esgotadas fileiras cinzentas a atravessarem às pressas as águas barrentas e se atirarem outra vez entre os invasores e Atlanta. Meteram-se apressadamente em trincheiras rasas no vale da enseada Peachtree, a norte da cidade. Atlanta, agoniada, estava em pânico.

Combater e recuar! Combater e recuar! E cada retirada trazia os ianques mais para perto da cidade. A enseada Peachtree ficava apenas a seis quilômetros. O que o general estava pensando?

Os gritos de “Queremos um homem que resista e combata!” chegaram até Richmond. Richmond sabia que, se Atlanta estivesse perdida, a guerra estava perdida. Depois que o Exército atravessou o Chattahoochee, o general Johnston foi retirado do comando. Substituiu-o o general Hood, um dos comandantes de seu regimento, e a cidade respirou mais aliviada. Hood, um kentuckiano de longas barbas e olhos vivos, não recuaria. Comparavam-no a um buldogue. Faria os ianques recuarem do córrego, sim, para a outra margem do rio e estrada acima até Dalton. Mas o Exército gritava “Queremos o Velho Joe de volta!”, pois, tendo feito com ele todo o difícil percurso desde Dalton, sabiam das dificuldades que haviam enfrentado de um modo que os civis não tinham como saber.

Sherman não esperou Hood preparar-se para o ataque. No dia seguinte ao da mudança de comando, o general ianque atacou imediatamente a pequena cidade

de Decatur, a dez quilômetros de Atlanta, capturou-a e cortou as linhas férreas que a ligavam a Augusta, Charleston, Wilmington e Virgínia. Sherman desferira um golpe devastador na Confederação. Chegara a hora de agir! Atlanta bradava por ação!

Então, em uma tarde escaldante de junho, Atlanta teve o que desejava. O general Hood não se limitou a resistir e lutar. Atacou ferozmente os ianques na enseada Peachtree, arremessando seus homens das trincheiras contra as fileiras azuis de Sherman, duas vezes mais numerosas.

Assustada, rezando para que o ataque de Hood rechaçasse os ianques, a população ouvia o troar dos canhões e o estrépito de milhares de rifles, que, embora a oito quilômetros do centro, eram ouvidos como se acontecessem no quarteirão vizinho. Ouvia-se o estrondo das baterias, viam-se as nuvens de fumaça pairando sobre as árvores, mas durante horas não se soube como prosseguia a batalha.

No fim da tarde, chegaram as primeiras notícias, porém eram incertas, contraditórias e assustadoras. Vinham trazidas pelos feridos do início da batalha, que chegavam sozinhos ou em grupos, os menos feridos amparando os outros. Logo se estabeleceu um fluxo constante deles, entrando penosamente na cidade em busca dos hospitais, com o rosto preto de pólvora, poeira e suor, e o sangue secando nos ferimentos expostos, rodeados por enxames de moscas.

A casa de tia Pitty era uma das primeiras a que chegavam os feridos vindos do norte da cidade. Um após o outro, cambaleavam até o portão, deixavam-se cair na relva e gemiam:

— Água!

Durante toda aquela tarde tórrida, tia Pitty e sua família, negros e brancos, postaram-se ao sol com baldes de água e ataduras, dando-lhes de beber e cobrindo as feridas até acabarem as ataduras e, depois, o estoque de lençóis e toalhas rasgados. Tia Pitty esqueceu-se completamente de que ver sangue sempre a fazia desmaiar e trabalhou até não se sustentar mais nos pezinhos inchados dentro dos sapatos apertados. Até Melanie, já no final da gravidez, esqueceu o pudor e trabalhou febrilmente ao lado de Prissy, Cookie e Scarlett, com o rosto tão tenso quanto o de qualquer um dos feridos. Quando afinal

desmaiou, não havia onde deitá-la a não ser na mesa da cozinha, pois todos os sofás, cadeiras e camas da casa estavam ocupados pelos feridos.

Esquecido naquela confusão, o pequeno Wade agachara-se atrás dos balaústres da varanda, espiando o gramado como um coelho assustado na jaula, os olhos arregalados de pavor, chupando o dedo e com crises de soluço. Quando Scarlett o viu ali, gritou duramente:

— Vá brincar no quintal dos fundos, Wade Hampton!

Mas o menino estava apavorado e fascinado demais com a cena à sua frente para obedecer.

O gramado ficou coberto de homens prostrados, cansados demais para prosseguir, feridos demais para se mexer. Com estes, tio Peter carregava a carruagem e seguia para o hospital. Foram tantas viagens que o velho cavalo ficou coberto de espuma. A sra. Meade e a sra. Merriwether mandaram os seus coches, que também partiram com as molas rangendo sob o peso dos feridos.

Mais tarde, durante o longo crepúsculo quente de verão, começaram a chegar do campo de batalha as ambulâncias e carroças do destacamento de provisões, cobertas de lona enlameada. Depois, carroças de fazenda, carros de boi e até carruagens particulares requisitadas pelo serviço médico. Passavam aos solavancos pela rua esburacada diante da casa de tia Pitty, transbordando de feridos e moribundos e deixando um rastro de sangue na terra vermelha. Ao verem as mulheres com baldes e cuias, as conduções paravam e, em coro, os feridos pediam aos berros, ou em um suspiro:

— Água!

Scarlett segurava as cabeças bambas para que os lábios ressequidos pudessem beber, derramava baldes de água sobre os corpos febris sujos de poeira e sobre as feridas abertas para que os homens pudessem ter um momento de alívio. Esticava-se na ponta dos pés para entregar cuias de água aos condutores das ambulâncias, perguntando a cada um, com o coração na boca:

— Quais são as novidades? Quais são as novidades?

De todos, recebia a mesma resposta:

— Num sei direito, senhora. É muito cedo pra dizê.

A noite chegou, sufocante. Não corria uma brisa, e os nós de pinho acesos que os negros seguravam tornavam o ar ainda mais quente. Com as narinas entupidas

de poeira, Scarlett tinha os lábios ressecados. O vestido de chita lavanda, tão engomado e limpo aquela manhã, agora estava sujo de sangue, poeira e suor. Então era a isso que Ashley se referia quando escreveu que não havia glória na guerra, só sujeira e sofrimento.

O cansaço instalava no cenário um clima irreal, de pesadelo. Aquilo não podia ser real — ou, se era, o mundo tinha enlouquecido. Do contrário, por que estaria ela postada ali no pacato jardim de tia Pitty, iluminado por tochas bruxuleantes, derramando água sobre rapazes agonizantes? Pois muitos deles haviam sido seus pretendentes e tentavam sorrir ao vê-la. Eram tantos conhecidos seus passando aos solavancos pela rua escura e poeirenta, tantos homens morrendo diante de seus olhos, atormentados por enxames de mosquitos lhes atacando as faces ensanguentadas, homens com quem ela dançara e rira, para quem tocara e cantara, com quem implicara. A quem consolara e amara… um pouquinho.

Encontrou Carey Ashburn sob um monte de feridos em um carro de boi, agonizando com um ferimento de bala na cabeça. Mas, como para removê-lo dali teria que perturbar seis outros feridos, deixou-o seguir para o hospital. Depois soube que ele morrera antes de ser visto por um médico e fora enterrado não se sabia exatamente onde. Quantos homens foram enterrados naquele mês, em covas rasas, abertas às pressas no Cemitério de Oakland! Melanie lamentou não terem conseguido uma mecha do cabelo de Carey para enviar à mãe dele, no Alabama.

A noite quente avançava, e já com dores nas costas e cansaço nas pernas Scarlett e Pitty continuavam perguntando a cada um que chegava:

— Quais são as novidades? Quais são as novidades?

As horas se arrastavam, e afinal as duas tiveram a resposta, que as fez se entreolharem, lívidas.

— Estamos recuando.

— Temos que recuar.

— São milhares mais que nós.

— Os ianques interceptaram a cavalaria de Wheeler perto de Decatur.

— Temos que mandar reforços.

— Nossos companheiros logo vão estar aqui.

Scarlett e Pitty ampararam-se no braço uma da outra:

— Os ianques estão… estão chegando?

— Tão, sim. Tão vindo, mas num vão chegar longe, senhora.

— Não se assuste, moça, eles num pode tomar Atlanta.

— Não, senhora, temos um milhão de quilômetros de trincheiras em volta dessa cidade.

— Eu mesmo ouvi o Velho Joe dizer: “Posso defender Atlanta para sempre.”

— Mas não temos o Velho Joe. Tem…

— Cala a boca, seu idiota! Quer assustar as senhora?

— Os ianques nunca vão tomar essa cidade, madame.

— Por que as senhoras num vai pra Macon ou outro lugar mais seguro? Num têm parentes lá?

— Os ianque num vai tomá Atlanta, mas mesmo assim aqui num vai ser muito bom pras senhora enquanto eles tivé tentano.

— Vai ter muito bombardeio.

Debaixo de uma chuva quente que caiu no dia seguinte, os soldados do Exército derrotado baixaram aos milhares em Atlanta, exauridos de fome e cansaço, depauperados após 76 dias de combates e retiradas, com os cavalos famintos parecendo espantalhos, os canhões e as carretas amarrados com pedaços de corda e tiras de couro. Mas não entravam desordenadamente, em debandada. Marchavam em boa ordem, confiantes apesar de maltrapilhos, com as bandeiras vermelhas esfarrapadas tremulando na chuva. Tinham aprendido com o Velho Joe que a retirada era um feito estratégico tão importante quanto o avanço. A fila de combatentes andrajosos e barbados descia a rua Peachtree cantando “Maryland! My Maryland!”, e a cidade em peso saiu para aclamá-los. Na vitória ou na derrota, eram os seus rapazes.

A milícia, que havia tão pouco tempo saíra esplendorosa envergando uniformes novos, não se distinguia mais das tropas experientes, de tão sujos e desalinhados que estavam seus integrantes. Tinham uma expressão nova no olhar. Já não pensavam mais nos três anos de desculpas e explicações para justificar por que não estavam no front. Trocaram a segurança da vida na cidade pelas dificuldades da batalha. Muitos tinham trocado a vida fácil pela morte. Agora eram veteranos, de pouco tempo de serviço, mas assim mesmo veteranos, e isso os absolvia. Quando encontravam um rosto conhecido na multidão,

fitavam-no audaciosamente, com orgulho. Agora podiam andar de cabeça erguida.

Os velhos e os meninos da Guarda Estadual passaram, os de barba grisalha quase cansados demais para levantar os pés, os meninos com aparência de crianças exaustas, confrontadas antes do tempo com problemas de adultos. Scarlett avistou Phil Meade e mal o reconheceu, com aquele rosto encardido de pólvora tão tenso e desanimado. Tio Henry passou mancando, tomando chuva na cabeça sem chapéu, e usando sobre os ombros um pedaço de tecido oleado. O avô Merriwther vinha em uma carreta de canhão, com os pés descalços envoltos em tiras de colcha. Mas por mais que procurasse, não viu sinal de John Wilkes.

Os veteranos de Johnston, porém, marchavam no mesmo passo incansável e despreocupado dos três últimos anos. Ainda tinham energia para acenar sorrindo para as moças bonitas e dirigir comentários escarninhos aos homens à paisana. Iam a caminho das trincheiras que circundavam a cidade, não trincheiras rasas abertas às pressas, mas proteções bem feitas, chegando à altura do peito, reforçadas com sacos de areia e arrematadas com estacas de madeira de ponta afiada. Em uma circunferência de vários quilômetros, as trincheiras rodeavam a cidade, sulcos vermelhos encimados por montes vermelhos, à espera de homens para preenchê-los.

A multidão festejava as tropas como as teria festejado na vitória. Havia medo em todos os corações, mas, agora que a situação era conhecida, que o pior acontecera, que a guerra chegara diante de suas casas, a cidade mudou de atitude. Não havia mais pânico, nem histeria. Ninguém demonstrava o que sentia. Todos se mostravam alegres mesmo que a alegria fosse forçada, tentando aparentar coragem e confiança para as tropas. Todos repetiam o que o Velho Joe dissera, logo antes de ser afastado do comando:

— Posso defender Atlanta para sempre.

Agora que Hood tivera que recuar, muitos desejavam, como os soldados, a volta do Velho Joe, mas abstinham-se de dizer isso. Encorajavam-se com a afirmativa do Velho Joe:

— Posso defender Atlanta para sempre.

A tática cautelosa do general Johnston não era para Hood. Ele atacou os ianques a leste, e atacou-os a oeste. Sherman rodeava a cidade como um lutador procurando um ponto fraco no corpo do adversário. Hood não permaneceu atrás das trincheiras esperando os ianques atacarem. Partiu audaciosamente para combatê-los e investiu com selvageria sobre eles. No espaço de poucos dias, foram travadas as batalhas de Atlanta e de Ezra Church, ambas confrontos importantes que fizeram o da enseada Peachtree parecer uma escaramuça.

Contudo os ianques sempre voltavam. Haviam sofrido grandes perdas, mas podiam se dar ao luxo de suportá-las. E o tempo todo sua artilharia abria fogo sobre Atlanta, matando as pessoas dentro de suas casas, destelhando prédios, abrindo imensas crateras nas ruas. Os habitantes se abrigavam como podiam, em celeiros, em buracos cavados no chão e em túneis estreitos abertos em novas linhas férreas. Atlanta estava sitiada.

Onze dias depois de ter assumido o comando, o general Hood perdera quase a mesma quantidade de homens que Johnston em 75 dias de combates e retiradas, e Atlanta estava cercada por três lados.

A estrada de ferro de Atlanta para o Tennessee estava agora toda nas mãos de Sherman. Seu exército atravessava as linhas férreas a leste, e ele havia interrompido a que ia a sudoeste para o Alabama. Só a linha para Macon e Savannah continuava aberta. A cidade estava lotada de soldados, apinhada de feridos, abarrotada de refugiados, e essa única linha era insuficiente para as necessidades prementes da cidade sob ataque. Mas, desde que ela continuasse em seu poder, Atlanta ainda poderia resistir.

Scarlett ficou apavorada ao se dar conta de quão importante aquela linha se tornara e da ferocidade com que Sherman lutava para tomá-la. Pois era a linha que atravessava o condado, passando por Jonesboro. E Tara ficava a apenas oito quilômetros de Jonesboro! Tara lhe parecia um refúgio seguro comparada ao inferno gritante de Atlanta, mas ficava a apenas oito quilômetros de Jonesboro!

Scarlett e muitas outras senhoras sentaram-se nos telhados planos das lojas, protegidas do sol por suas minúsculas sombrinhas, para assistir ao combate no dia da batalha de Atlanta. Porém, quando, pela primeira vez, os projéteis começaram a cair nas ruas, refugiaram-se nos porões. Naquela noite começou o

êxodo de mulheres, crianças e velhos em direção a Macon. Muitos dos que tomaram o trem noturno já haviam fugido cinco ou seis vezes desde que Johnston recuara de Dalton. Agora já viajavam com menos pertences do que quando chegaram a Atlanta. A maioria levava apenas uma bolsa feita de tapete e um pequeno lanche amarrado em uma bandana. Aqui e ali, criados assustados carregavam jarras de prata, facas e garfos e um ou dois retratos de família que haviam resgatado na primeira fuga.

A sra. Merriwether e a sra. Elsing recusaram-se a partir. O hospital precisava delas e, além disso, diziam com orgulho, não tinham medo, e nenhum ianque as faria abandonar suas casas. Mas Maybelle com o bebê e Fanny Elsing foram para Macon. A sra. Meade cometeu a primeira desobediência de sua vida de casada, recusando-se terminantemente a acatar a ordem do marido para que tomasse o trem. O médico precisava dela, argumentou. Além do mais, com Phil nas trincheiras, ela queria estar por perto, caso…

Mas a sra. Whiting partiu, juntamente com muitas outras das relações de Scarlett. Tia Pitty, que fora a primeira a censurar a política de retiradas do Velho Joe, foi uma das primeiras a preparar seus baús. Seus nervos, disse, eram delicados e ela não suportava barulho. Receava desmaiar ao ouvir uma explosão e não conseguir chegar ao porão. Não, não tinha medo. Sua boquinha infantil tentou esboçar uma expressão marcial, mas falhou. Ela iria para a casa da prima, a velha sra. Burr, em Macon, e as meninas deviam ir com ela.

Scarlett não queria ir para Macon. Por mais medo que tivesse dos projéteis, preferia ficar em Atlanta, pois odiava cordialmente a sra. Burr, que anos atrás a chamara de “assanhada” depois de flagrá-la beijando seu filho Willie em uma reunião na casa dos Wilkes. “Não”, disse à tia Pitty. “Vou para Tara, e Melly pode ir para Macon com você.”

Ao ouvir isso, Melanie começou a chorar de medo e desgosto. Quando tia Pitty correu para chamar o dr. Meade, Melanie segurou a mão de Scarlett, implorando:

— Querida, não vá para Tara! Não me deixe! Vou ficar muito sozinha sem você. Ah, Scarlett, acho que vou morrer se você não estiver comigo quando a criança nascer! Sim, sim, sei que tenho tia Pitty, que é tão boa. Mas, afinal de contas, ela nunca teve filho, e às vezes me deixa tão nervosa que tenho vontade

de gritar. Não me abandone, querida. Você tem sido uma irmã para mim, e além do mais — deu um sorriso amarelo — prometeu a Ashley que cuidaria de mim. Ele me disse que iria lhe pedir isso.

Admirada, Scarlett arregalou os olhos. Se mal conseguia disfarçar a enorme antipatia que sentia por Melly, como podia ser tão querida por ela? Como Melly podia ser burra a ponto de não ter adivinhado o segredo de sua paixão por Ashley? Scarlett se traíra centenas de vezes naqueles meses de tormento, esperando notícias dele. Mas Melanie não enxergava nada, só conseguia ver o lado bom das pessoas que amava… Sim, ela prometera a Ashley que cuidaria de Melanie. *Ah, Ashley! Ashley! Você deve estar morto há tantos meses! E agora a promessa que lhe fiz vem m*e prender!

— Bem — disse secamente —, fiz, sim, essa promessa a ele e sempre cumpro o que prometo. Mas não vou para Macon ficar com aquela cobra da velha Burr. Eu arrancaria os olhos dela em cinco minutos. Vou para Tara, e você pode vir comigo. Mamãe vai adorar que vá.

— Ah, que bom! Sua mãe é um amor. Mas você sabe que a titia morre se não estiver comigo quando o bebê nascer, e sei que ela não vai para Tara. É perto demais dos combates, e a titia quer ficar a salvo.

O dr. Meade, que chegara esbaforido, esperando encontrar Melanie, no mínimo, em trabalho prematuro de parto, a julgar pelo chamado alarmado de tia Pitty, ficou indignado e deixou isso claro. Ao saber da causa do chamado, resolveu a questão com palavras que não davam margem a discussão.

— Está fora de cogitação a sua ida a Macon, srta. Melly. Não respondo por você se sair daqui. Os trens andam superlotados e incertos. Os passageiros estão sujeitos a ser deixados no mato a qualquer momento se os trens forem necessários para o transporte de tropas ou de suprimentos. No seu estado…

— Mas se eu for para Tara com Scarlett…

— Já disse que não quero que saia daqui. O trem para Tara é o de Macon, e as condições são as mesmas. Não se sabe exatamente por onde os ianques andam agora, mas estão por toda parte. Seu trem poderia até ser capturado. E, mesmo se você chegasse sã e salva a Jonesboro, haveria oito quilômetros de estrada esburacada até Tara. Não é viagem para uma mulher em estado delicado. Além

do mais, desde que o dr. Fontaine entrou para o Exército, não há nenhum médico no condado.

— Mas há parteiras…

— Eu disse médico — retrucou bruscamente o dr. Meade, olhando sem querer para a aquela figura frágil. — Não me saia daqui. Pode ser perigoso. Você não quer ter o bebê no trem ou em uma charrete, quer?

Aquela franqueza médica reduziu as senhoras a corarem de embaraço, caladas.

— Você deve ficar aqui, onde posso lhe dar assistência, e sem sair da cama. Nada de subir e descer escadas para os porões. Nem se entrarem balas pela janela. Afinal, aqui não há muito perigo. Já, já vamos fazer os ianques recuarem… Agora, srta. Pitty, vá direto para Macon e deixe as jovens aqui.

— Desacompanhadas? — exclamou, espantada.

— São mães de família — disse o médico, sem paciência. — E a sra. Meade está a duas casas daqui. De qualquer maneira, elas não vão receber nenhuma visita masculina com a srta. Melly nesse estado. Meu Deus, srta. Pitty! Estamos em guerra. Não podemos pensar em etiqueta. Temos que pensar na srta. Melly.

Retirou-se decidido para a varanda e esperou que Scarlett fosse ter com ele.

— Vou lhe falar francamente, srta. Scarlett — começou ele, cofiando a barba grisalha. — Você parece ser uma moça de bom senso, portanto me poupe dos seus rubores. Não quero mais ouvir falar em traslado da srta. Melly. Não sei se ela suportaria a viagem. Vai ter um parto difícil, mesmo nas melhores circunstâncias… É muito estreita de quadris, como você sabe, e provavelmente será preciso usar o fórceps. Logo, não quero nenhuma parteira preta ignorante se metendo com ela. Mulheres como ela nunca deveriam ter filhos, mas… Enfim, prepare a bagagem da srta. Pitty e mande-a para Macon. Ela está tão apavorada que vai perturbar a srta. Melly, o que não ajudará em nada. E agora, mocinha… — Fitou-a com um olhar penetrante. — Também não me venha falar em ir para casa. Fique aqui com a srta. Melly até o bebê nascer. Não tem medo, tem?

— Ah, não! — mentiu Scarlett com firmeza.

— É uma moça corajosa. A sra. Meade vai ajudá-la no que precisar, e mandarei a velha Betsy para cozinhar, se a srta. Pitty quiser levar os criados com ela. Não será por muito tempo. O bebê deve nascer daqui a cinco semanas, mas

no primeiro parto nunca se sabe, e com todo esse tiroteio acontecendo pode nascer a qualquer momento.

Então tia Pittypat foi para Macon, banhada em lágrimas, levando tio Peter e Cookie. Em um ímpeto de patriotismo de que logo se arrependeu, doou o cavalo e a charrete para o hospital, o que lhe trouxe mais lágrimas. Scarlett e Melanie ficaram sozinhas com Wade e Prissy em uma casa muito mais silenciosa, embora as canhonadas persistissem.

Capítulo 19

Nos primeiros dias do cerco, enquanto os ianques atacavam aqui e ali as defesas da cidade, Scarlett se assustava tanto com os disparos que não conseguia fazer mais nada senão tapar os ouvidos, esperando a cada instante a explosão que a faria passar desta para a melhor. Quando ouvia o assovio que anunciava a aproximação dos projéteis, corria ao quarto de Melanie e atirava-se na cama ao lado dela. As duas se agarravam gritando "Ai! Ai!", com as cabeças enterradas nos travesseiros. Prissy e Wade corriam para o porão, onde se agachavam no escuro entre as teias de aranha, Prissy gritando a plenos pulmões, e Wade, aos prantos, com crises de soluço.

Sufocando sob os travesseiros de plumas enquanto a morte gritava no alto, Scarlett amaldiçoava Melanie em silêncio por impedi-la de se refugiar em um local mais seguro lá embaixo. Mas o médico havia proibido Melanie de andar, e Scarlett tinha que ficar com ela. Ao terror de ser feita em pedacinhos, juntava-se o igualmente profundo medo de que a criança pudesse nascer a qualquer momento. Ela suava frio sempre que essa ideia lhe passava pela cabeça. O que faria quando começasse o trabalho de parto? Sabia que preferiria deixar Melanie morrer a sair na rua à cata do médico quando caíam projéteis como chuvaradas de abril. E sabia que Prissy seria espancada até a morte antes de arredar o pé dali. O que faria se a criança nascesse?

Essas questões que discutiu com Prissy baixinho uma noite, enquanto preparavam a bandeja com o jantar de Melanie, incrivelmente a acalmaram.

— Sinhá Scarlett, mermo qui nós num consiga chamá u dotô quano chegá a hora da sinhá Melly, num s'incomode. Eu dô um jeito. Sei tudo di parto. Minha mãe num era partera? Ela num mi criô pra sê partera tamém? Dexa cumigo.

Scarlett respirou mais aliviada sabendo que tinha ali à mão uma pessoa experiente, mas mesmo assim desejou ter aquele calvário logo encerrado. Louca para estar longe das explosões, desesperada para chegar em sua pacata Tara,

rezava toda noite para que o bebê nascesse no dia seguinte, para se ver livre da promessa e poder sair de Atlanta. Tara parecia tão segura, tão longe daquele sofrimento todo!

Scarlett desejava voltar para junto da mãe em casa como nunca desejara nada na vida. Se estivesse com Ellen, não teria medo, acontecesse o que acontecesse. Toda noite, depois de passar o dia ouvindo as balas zunindo, ia se deitar determinada a dizer a Melanie que não aguentava ficar em Atlanta nem mais um dia e que Melanie devia ir para a casa da sra. Meade. Mas, ao encostar a cabeça no travesseiro, vinha-lhe à mente o rosto de Ashley na última vez em que o vira, exaurido como se consumido por um sofrimento íntimo, mas com um sorriso nos lábios: "Tome conta de Melanie, sim? Você é forte… Me prometa." E ela prometera. Ashley morrera. Onde quer que estivesse, estava olhando para ela, prendendo-a àquela promessa. Vivo ou morto, por mais que custasse a Scarlett, não podia falhar com ele. E assim ela foi ficando.

Em resposta às cartas da mãe, pedindo-lhe que voltasse para casa, escrevia minimizando os perigos do cerco, explicando o estado de Melanie e prometendo ir tão logo o bebê nascesse. Ellen, sensível aos laços de família, fossem de sangue ou de casamento, respondeu concordando com relutância que ela ficasse, mas exigindo que Wade e Prissy fossem imediatamente. Essa sugestão teve total aprovação de Prissy, que agora ficava idiotizada, batendo queixo, ao menor ruído inesperado. Passava tanto tempo acocorada no porão que as moças teriam passado fome não fosse pela impassível velha Betsy da sra. Meade.

Scarlett estava tão ansiosa quanto a mãe para tirar Wade de Atlanta, não só pela segurança do menino, mas porque seu medo constante a irritava. Os disparos assustavam-no a ponto de o fazerem perder a fala, e até durante as calmarias ele vinha agarrar-se às saias da mãe, tão apavorado que nem conseguia chorar. Tinha medo de ir para a cama à noite, medo de escuro, medo de que os ianques viessem pegá-lo enquanto dormia. Passava a noite choramingando, o que dava nos nervos de Scarlett, que tinha o mesmo medo, mas irritava-se de ser lembrada disso a cada minuto pelo rosto contraído e abatido do filho. Sim, Tara era o lugar para Wade. Prissy devia levá-lo, mas tinha de voltar imediatamente para estar presente quando a criança nascesse.

Só que, antes de Scarlett ter podido embarcar os dois para casa, chegou a notícia de que os ianques haviam seguido para o sul e lutavam ao longo da linha férrea entre Atlanta e Jonesboro. E se capturassem o trem em que Wade e Prissy estivessem… Scarlett e Melanie empalideceram ao pensar nisso, pois era sabido que os ianques cometiam com as crianças desamparadas atrocidades ainda maiores do que com as mulheres. Portanto, teve medo de mandar o menino, e ele ficou em Atlanta, um fantasminha assustado e calado, sempre atrás da mãe, receando largar-lhe a barra da saia um só minuto.

O cerco continuou pelos dias quentes de julho, com o troar constante da artilharia após as noites de silêncio aziago. A cidade começou a se adaptar. Era como se, tendo acontecido o pior, nada mais houvesse a temer. Haviam receado o cerco, agora o tinham e, afinal, não era tão terrível. A vida continuava, quase normal. As pessoas sabiam estar sentadas sobre um vulcão, mas até que entrasse em erupção nada podiam fazer. Então por que se preocupar agora? E provavelmente acabaria não entrando em erupção. E bastava ver como o general Hood estava impedindo os ianques de entrarem na cidade! Como a cavalaria estava defendendo a estrada de ferro para Macon! Sherman nunca a tomaria!

Contudo, apesar da aparente despreocupação diante dos bombardeios e das rações mais escassas, apesar de fingirem não ver que os ianques estavam a menos de um quilômetro da cidade, apesar da confiança ilimitada na linha esfarrapada de confederados nas trincheiras, Atlanta sentia quase à flor da pele palpitar a incerteza em relação ao dia seguinte. Suspense, preocupação, tristeza, fome e o tormento de uma esperança que constantemente passava de um extremo a outro, tudo isso ia desgastando as pessoas.

Aos poucos, a expressão corajosa dos amigos e os ajustes misericordiosos que a natureza fazia para ajudar uma pessoa a suportar o irremediável foram infundindo coragem em Scarlett. Naturalmente, ela ainda se sobressaltava ao ouvir as explosões, mas não saía correndo para esconder a cabeça embaixo do travesseiro de Melanie. Já era capaz de engolir em seco e dizer baixinho:

— Essa foi perto, não foi?

Sentia-se menos apavorada também porque a vida agora parecia um sonho, e terrível demais para ser real. Não era possível que ela, Scarlett O’Hara, pudesse estar naquela situação, com o perigo da morte rondando-a a cada minuto. Não

era possível que a essência tranquila da vida pudesse ter mudado tão completamente em tão pouco tempo.

Era irreal, até grotesco, que o céu de um dia que amanheceu tão azul pudesse ser profanado com a fumaça dos canhões que pairava sobre a cidade como nuvens carregadas. Que aquelas marés de meio-dia impregnadas do perfume das moitas de madressilva e das roseiras trepadeiras pudessem ser tão apavorantes, enquanto os projéteis explodiam ao cair nas ruas como se anunciassem o juízo final, lançando chumbo a centenas de metros, reduzindo gente e bichos a pedacinhos.

O hábito das tranquilas sestas vespertinas já era coisa do passado, pois, embora pudesse haver intervalos de calmaria no clamor da batalha, a rua Peachtree era sempre movimentada e barulhenta. Havia o burburinho constante de canhões e ambulâncias passando, feridos entrando das trincheiras, regimentos convocados às pressas a passar de uma trincheira a outra do outro lado da cidade, mensageiros correndo em direção aos quartéis como se o destino da Confederação dependesse deles.

As noites quentes traziam alguma calma, mas era uma calma sinistra. Quando era silenciosa, era silenciosa demais, como se as pererecas, os grilos e os rouxinóis sonolentos estivessem muito assustados para levantar a voz no coro de praxe das noites de verão. De vez em quando, o silêncio era quebrado pelo estampido dos tiros de algum mosquete nas últimas linhas da defesa.

Muitas vezes, tarde da noite, já com as lâmpadas apagadas, Melanie adormecida e o peso de um silêncio mortal sobre a cidade, Scarlett, insone, ouvia o barulho da trava do portão e as batidas urgentes de leve na porta de casa. Eram sempre soldados cujo rosto não distinguia no escuro da varanda e que lhe falavam de várias maneiras diferentes. Às vezes uma voz polida vinha das sombras:

— Senhora, apresento-lhe as minhas sinceras desculpas por incomodá-la, mas eu poderia lhe pedir um pouco d’água para mim e para o meu cavalo?

Às vezes era com o sotaque duro da voz de um montanhês; outras, com a pronúncia nasalada das planícies da região de Wiregrass no extremo sul; outras ainda, com a fala cantante do litoral, que a emocionava, lembrando-lhe a voz de Ellen.

— Moça, tô aqui cum parcero qui eu pretendia levar pru hospitá, mas parece qui ele num chega até lá. Dá pra recebê ele?

— Senhora, estou precisando de comida. Se não lhe fizer falta, eu ficaria feliz com uma espiga de milho.

— Senhora, perdoe a minha intrusão, mas eu poderia passar a noite na sua varanda? Quando vi as rosas e senti o perfume das madressilvas, lembrei tanto de casa que me encorajei…

Não, aquelas noites não eram reais! Eram um pesadelo do qual os homens faziam parte, homens sem rosto e sem corpo, apenas vozes cansadas falando com ela do calor das trevas. Buscar água, servir comida, colocar travesseiros na varanda, cobrir ferimentos, segurar as cabeças sujas dos moribundos. Não, aquilo não podia estar acontecendo com ela!

Certa vez, no fim de julho, foi tio Henry Hamilton que bateu no meio da noite. Vinha sem o guarda-chuva e sem a bolsa de tapete, e também sem a volumosa barriga. Tinha a pele do rosto, outrora corado e rechonchudo, flácida como a de um buldogue, e a longa cabeleira branca em um estado indescritível de imundície. Estava praticamente descalço, infestado de piolhos e faminto, mas conservava o espírito irascível de sempre.

Apesar do comentário, “É uma guerra de loucos quando velhos como eu estão de armas na mão”, as meninas tiveram a impressão de que tio Henry estava se divertindo. Sentia-se necessário, como os jovens, e fazia o trabalho que um jovem fazia. Além do mais, era capaz de acompanhar os rapazes, coisa que o avô Merriwether não conseguia, disse-lhes alegremente. O lumbago do sr. Merriwether o incomodava muito, e o capitão queria dispensá-lo, mas ele se recusava a ir para casa. Disse com franqueza que preferia as pragas e as intimidações do capitão às demandas da nora, que vivia pedindo que ele parasse de mascar fumo e que lavasse a barba diariamente.

A visita de tio Henry foi breve, pois tinha apenas uma licença de quatro horas quando gastava uma hora vindo e outra voltando para as trincheiras.

— Meninas, vou passar muito tempo sem ver vocês — anunciou sentado no quarto de Melanie, mexendo, com grande fausto, os pés cheios de bolhas mergulhados na bacia de água fria que Scarlett colocara à sua frente. — Nossa companhia parte de manhã.

— Para onde? — indagou Melanie, assustada, agarrando-lhe o braço.

— Não me toque — disse tio Henry, irritado. — Estou infestado de piolhos. A guerra seria um piquenique se não fosse pelos piolhos e pela disenteria. Aonde eu vou? Bem, ainda não me disseram, mas tenho uma boa noção. Ou muito me engano, ou estamos marchando para o sul, em direção a Jonesboro.

— Ah, por que em direção a Jonesboro?

— Por que a luta lá vai ser grande, mocinha. Os ianques vão tomar aquela estrada de ferro, se puderem. E, se conseguirem, adeus Atlanta!

— Ah, tio Henry, acha que conseguem?

— Ora, meninas! Não! Como vão conseguir com este seu tio lá? — Tio Henry riu das expressões assustadas das duas e depois, tornando a ficar sério, disse: — Vai ser um combate difícil, meninas. Temos que vencer. Como sabem, os ianques tomaram todas as linhas férreas menos a de Macon. Porém não tomaram só as ferrovias. Talvez vocês não saibam, mas eles controlam todas as estradas também, todos os caminhos e trilhas, menos a estrada de McDonough. Atlanta está em um saco, cujos cordões estão em Jonesboro. E, se os ianques tomarem essa estrada, podem puxar os cordões e nos apanhar como quem apanha um gambá. Por isso, não pretendemos deixá-los se apoderar dessa linha… Eu já tinha que ter ido embora, meninas. Só vim para lhes dizer adeus e ver se Scarlett ainda estava com você, Melly.

— Claro que ela está comigo — respondeu Melanie carinhosamente. — Não se preocupe conosco, tio Henry, e cuide-se bem.

Tio Henry enxugou os pés no tapete de trapos e gemeu ao calçá-los nos sapatos furados.

— Tenho que ir — disse. — Tenho uma caminhada de oito quilômetros. Scarlett, me arranje um farnel para a viagem. Qualquer coisa que tiver.

Depois de se despedir de Melanie com um beijo, ele desceu para a cozinha, onde Scarlett embrulhava em um guardanapo uma espiga de milho e algumas maçãs.

— Tio Henry… a situação é… é mesmo tão grave?

— Grave? Meu Deus, é! Não seja boba. Estamos no último recurso.

— Acha que vão chegar até Tara?

— Ora… — começou tio Henry, irritado com a mentalidade feminina de só pensar em assuntos pessoais quando havia questões importantes envolvidas. Mas, vendo-a tão assustada e triste, amoleceu. — Claro que não. Tara fica a oito quilômetros da ferrovia, e é a ferrovia que os ianques querem. Você não tem nada na cabeça, mocinha. — Depois de interromper-se bruscamente, continuou: — Vim para dar uma notícia ruim a Melly, mas não consegui. Então deixo isso para você.

— Ashley não… você não ouviu nada dizendo… que ele… morreu?

— Ora, como eu iria ter notícias de Ashley se ando metido nas trincheiras, com lama até os fundilhos das calças? — perguntou o velho cavalheiro, enfezado. — Não, é sobre o pai dele. John Wilkes morreu.

Scarlett sentou-se abruptamente, segurando o farnel ainda por embrulhar.

— Eu ia dizer a Melly… mas não consegui. Você precisa contar. E lhe entregar isto.

Tirou do bolso um pesado relógio de ouro com sinetes pendurados na corrente, uma pequena miniatura da sra. Wilkes, falecida havia muito, e um par de abotoaduras em ouro maciço. Ao reconhecer o relógio que mil vezes vira nas mãos de John Wilkes, Scarlett convenceu-se de que o pai de Ashley de fato morrera. Mas estava muito atordoada para chorar ou falar. Tio Henry remexeu-se e tossiu sem olhar para ela, receando ver uma lágrima que o perturbasse.

— Era um homem corajoso, Scarlett. Diga isso a Melly. E que ela escreva isso às filhas dele. E foi um bom soldado, apesar da idade. Uma bala o acertou. Pegou em cheio nele e na égua. Varou a… eu mesmo dei o tiro de misericórdia na coitadinha. Era um animal excelente. É melhor escrever também à sra. Tarleton sobre isso. Embrulhe o meu farnel, menina. Tenho que ir andando. Pronto, querida, não fique tão transtornada assim. Que melhor morte pode ter um velho do que fazendo o trabalho de um jovem?

— Ah, ele não devia ter morrido! Nunca deveria ter ido para a guerra. Devia ter visto os netos crescerem e morrido de velho enquanto dormia. Ah, por que ele foi? Não acreditava na secessão e odiava a guerra, e…

— Muitos de nós pensam assim, mas e daí? — Tio Henry assoou o nariz, mal-humorado. — Acha que, na minha idade, gosto de servir de alvo para os

atiradores ianques? Mas, atualmente, um cavalheiro não tem escolha. Me dê um beijo de despedida, menina. Vou sair desta guerra bem.

Scarlett beijou-o. Escutou os passos dele nos degraus saindo na noite e depois a tranca do portão da frente se fechar. Ficou parada um instante olhando aquelas lembranças em sua mão. Então subiu para dar a notícia a Melanie.

Em fins de julho, chegaram as más notícias, prenunciadas por tio Henry, de que os ianques outra vez marchavam em direção a Jonesboro. Tinham danificado os trilhos da ferrovia seis quilômetros e meio abaixo da cidade, mas foram rechaçados pela cavalaria confederada. E o corpo de engenharia, suando sob o sol escaldante, consertara a linha.

Scarlett estava nervosíssima e foi ficando cada mais aflita até que, três dias depois, recebeu uma carta tranquilizadora de Gerald. O inimigo não chegara até Tara. Na propriedade, tinham ouvido o estrépito dos tiros, mas não viram nenhum ianque.

Quem lia aquela carta, contando com tanta ênfase como os ianques haviam sido expulsos da ferrovia, poderia pensar que o próprio Gerald tinha sido o responsável pela façanha, e sem a ajuda de ninguém. Ele escreveu três páginas sobre a valentia das tropas e terminou a carta com uma breve menção à doença de Carreen, que era tifo, segundo a sra. O'Hara. Seu estado não era muito grave, e Scarlett não devia se preocupar com ela, mas em hipótese alguma devia ir para casa, mesmo que a ferrovia passasse a ser segura. A sra. O'Hara agora estava muito feliz pelo fato de que nem Scarlett nem Wade tivessem ido no início do cerco e mandava Scarlett ir à igreja rezar alguns rosários pelo restabelecimento de Carreen.

Scarlett sentiu a consciência pesada, pois não ia à igreja havia meses. No passado, teria considerado essa omissão um pecado mortal, mas agora não lhe parecia tão grave como antes. No entanto, obedecendo à mãe, foi ajoelhar-se no quarto para rezar depressa um rosário. Quando se levantou, não se sentiu tão reconfortada como costumava se sentir depois de uma oração. Fazia algum tempo que sentia que Deus não estava olhando por ela, nem pelos confederados nem pelo Sul, apesar das milhares de preces a Ele dirigidas diariamente.

Naquela noite, sentou-se na varanda com a carta de Gerald guardada no peito onde podia tocá-la de vez em quando, para sentir Tara e Ellen mais perto. A lâmpada na janela da sala lançava sombras douradas na varanda escura rodeada de trepadeiras, e o emaranhado de rosas e madressilvas criava uma cortina perfumada com as duas fragrâncias à sua volta. Reinava um silêncio absoluto. Não se ouvia um tiro desde o pôr do sol, e o mundo parecia muito distante. Scarlett balançava-se para a frente e para trás na cadeira, sentindo-se sozinha e infeliz depois de receber notícias de Tara. Desejava que alguém, mesmo a sra. Merriwether, estivesse ali com ela. Mas a sra. Merriwether estava de plantão no hospital, a sra. Meade ficara em casa preparando um banquete para Phil, chegado do front, e Melanie dormia. Não havia sequer a esperança de um visitante eventual. Na última semana, nenhum aparecera, pois todo homem capaz de andar achava-se nas trincheiras ou nos arredores de Jonesboro combatendo os ianques.

Era raro estar sozinha assim, e não gostava da solidão, que a obrigava a pensar. Atualmente, os pensamentos não eram agradáveis. Como todo mundo, habituara-se a só pensar no passado e nos mortos.

Naquela noite tão silenciosa, conseguia fechar os olhos e se ver na tranquilidade rural de Tara, imaginando que a vida não mudara. Mas sabia que a vida no condado nunca mais seria a mesma. Pensou nos Tarletons, os gêmeos ruivos, em Tom e em Boyd. Sentiu um nó na garganta ao lembrar que ou Stu ou Brent podia ter sido seu marido. Mas agora, quando a guerra terminasse e ela voltasse a morar em Tara, nunca mais ouviria aqueles cumprimentos selvagens que eles lançavam quando subiam a galope a alameda dos cedros. E Raiford Calvert, que dançava tão divinamente, nunca mais a escolheria como par. E os rapazes Munroes, e o pequeno Joe Fontaine e…

— Ah, Ashley! — soluçou, deixando a cabeça cair nas mãos. — Nunca vou me habituar com a sua perda!

Ouviu a tranca do portão e imediatamente ergueu a cabeça, enxugando os olhos com as mãos. Levantou-se e viu Rhett Butler chegando pelo caminho com o chapéu-panamá na mão. Scarlett não o via desde o dia em que saltara tão precipitadamente da charrete dele em Five Points, dizendo que nunca mais queria vê-lo. Mas agora estava tão feliz por ter com quem falar, alguém para

desviar seus pensamentos de Ashley, que mais que depressa se esqueceu daquelas palavras. Evidentemente, ele também esquecera ou fingira ter esquecido o incidente, pois acomodou-se no degrau perto dela sem mencionar o último atrito.

— Então você não fugiu para Macon! Ouvi dizer que a srta. Pitty foi para lá e, naturalmente, achei que tivesse ido com ela. Quando vi sua luz acesa, entrei para me certificar. Por que ficou aqui?

— Para fazer companhia a Melanie. Você sabe, ela… bom, ela não pode sair agora.

— Raios… — disse ele, e à luz do lampião Scarlett viu que ele franzia a testa. — Você não está querendo me dizer que a sra. Wilkes continua aqui, está? Nunca ouvi uma idiotice igual. É muito perigoso para ela nesse estado.

Scarlett não disse nada, constrangida, pois o estado de Melanie não era assunto para se discutir com um homem. Estava constrangida também por ver que Rhett tinha conhecimento do perigo que Melanie corria, o que não era adequado para um solteiro.

— É muito indelicado da sua parte não pensar que eu também posso estar ameaçada — disse ela, com azedume.

Os olhos dele brilharam, divertidos.

— Eu apostaria em você contra os ianques sem hesitar.

— Não sei se isso é um elogio — disse Scarlett, indecisa.

— E não é — respondeu ele. — Quando vai parar de procurar elogios em qualquer frase masculina?

— Quando eu estiver morta — retrucou ela, sorrindo ao pensar que sempre haveria homens para elogiá-la, mesmo que Rhett nunca o fizesse.

— Vaidade, vaidade. Pelo menos você não esconde.

Ele abriu a cigarreira, tirou um charuto escuro e segurou-o um instante junto ao nariz. Um fósforo brilhou, ele recostou-se na coluna, cruzou as mãos sobre os joelhos e ficou fumando em silêncio. Scarlett voltou a balançar-se na cadeira, e o silêncio da noite quente os envolveu. O rouxinol, cujo ninho ficava no emaranhado de rosas e madressilvas, despertou do sono e cantou uma única nota tímida e fluida. Depois, como se tivesse pensado melhor, tornou a calar-se.

Da sombra da varanda, Rhett soltou baixinho uma gargalhada surda.

— Então você ficou com a sra. Wilkes! Esta é a situação mais estranha que já vi!

— Não vejo nada de estranho — respondeu ela, incomodada, imediatamente em estado de alerta.

— Não? Então lhe falta a perspectiva impessoal. Faz tempo que tenho a impressão de que você não suporta a sra. Wilkes. Acha-a boba, burra, e se irrita com o patriotismo dela. Raramente perde a oportunidade de lhe dar uma alfinetada. Então é natural que eu estranhe essa sua opção de ficar aqui com ela durante o bombardeio. Agora me diga, por que ficou?

— Por que ela é irmã de Charlie… e é como se fosse minha irmã — respondeu Scarlett com toda a dignidade que pôde, apesar do calor que lhe subia às faces.

— Você quer dizer, porque é a viúva de Ashley Wilkes.

Scarlett levantou-se depressa, tentando conter a raiva.

— Eu já estava quase perdoando aquela sua grosseria do outro dia, mas já não perdoo mais. Se eu não estivesse me sentindo tão triste, nunca teria deixado que pusesse os pés nessa varanda e…

— Sente-se e recorra as garras — pediu ele, mudando de tom. Esticou o braço e puxou-a pela mão, fazendo-a sentar-se de novo. — Por que está tão triste?

— Ah, hoje recebi uma carta de Tara. Os ianques estão lá perto, e a minha irmã caçula está com tifo e… e… agora, mesmo se eu pudesse ir para casa, como quero, mamãe não quer que eu vá, receando que eu pegue a doença. Ah, puxa vida, eu quero tanto ir para casa!

— Bem, não chore por causa disso — disse ele, mas com uma voz mais doce. — Você está muito mais segura em Atlanta, mesmo com os ianques aqui, do que em Tara. Os ianques não vão lhe fazer mal, ao passo que o tifo vai.

— Os ianques não vão me fazer mal?! Como pode dizer uma mentira como essa!

— Minha querida, os ianques não são demônios. Não têm chifres nem cascos, como parece que você pensa. São quase iguais aos sulistas… só que com modos piores, claro, e um sotaque horroroso.

— Ora, os ianques iriam…

— Violentar você? Acho que não. Embora, claro, vontade não lhes faltasse.

— Se vai falar com grosseria, vou lá para dentro — exclamou ela, agradecida à escuridão que escondia o rubor de seu rosto.

— Seja franca. Não era o que você pensava?

— Ah, claro que não!

— Ah, era sim! Não adianta se irritar comigo por ler os seus pensamentos. É nisso que pensam todas as nossas damas sulistas bem-educadas e de mente pura. Aposto que até senhoras respeitáveis como a sra. Merriwether…

Scarlett engoliu em seco, lembrando-se que onde quer que duas ou mais senhoras casadas se reunissem, falavam baixinho sobre casos daquele tipo, que ocorriam sempre no Tennessee, ou na Louisiana, nunca muito perto de casa. Os ianques estupravam mulheres, abriam a barriga das crianças com a ponta das baionetas e incendiavam as casas com os velhos dentro. Todos sabiam que essas barbaridades aconteciam de fato, mesmo que não fossem divulgadas pelas esquinas. E, se Rhett tivesse um pouco de decência, perceberia que era tudo verdade, e não tocaria no assunto, que, ademais, não tinha a menor graça.

Ela o ouvia rindo baixinho. Às vezes, ele era detestável. Aliás, quase o tempo todo. Na verdade, era horrível que um homem conseguisse saber o que as mulheres pensavam e sobre o que conversavam. Diante disso, uma moça sentia-se completamente despida. E nenhum homem aprendia aquelas coisas com uma mulher séria. Scarlett estava indignada com Rhett por ele ter lido seus pensamentos. Gostava de se julgar um mistério para os homens, mas sabia que Rhett a achava transparente como vidro.

— Por falar nisso — continuou ele —, vocês têm em casa alguém para defendê-las ou lhes servir de acompanhante? A admirável sra. Merriwether ou a sra. Meade? Elas sempre me olham como se soubessem que eu não venho aqui com boas intenções.

— A sra. Meade normalmente vem à noite — respondeu Scarlett, feliz por mudar de assunto. — Mas não pôde vir hoje. Phil, o filho, está em casa.

— Que sorte — disse ele baixinho — encontrá-la sozinha.

Falou de um jeito que a fez corar com o coração agradavelmente mais acelerado. Ela já tinha ouvido algumas vezes aquele tom de voz nos homens, e sabia que anunciava uma declaração de amor. Ah, que divertido! Se ele lhe dissesse que a amava, como iria torturá-lo, retaliando o sarcasmo com que a

tratara naqueles três anos. Ia fazê-lo de bobo para compensar aquela humilhação terrível do dia em que ele a viu esbofeteando Ashley. E depois lhe diria docemente que não poderia ser mais que uma irmã para ele, e se retiraria com todos os privilégios concedidos aos vencidos. Riu nervosamente, antegozando a decepção dele.

— Não ria — disse ele, e pegou sua mão, colando os lábios na palma, que virou para cima.

Algo de vital, de elétrico, passou dele para ela, transmitido pelo contato daquela boca ardente, uma vibração que acariciava todo o seu corpo. Os lábios subiram para o seu pulso e, quando viu que Rhett devia estar sentindo sua pulsação acelerada, ela retirou a mão. Não esperava por aquilo… por aquela onda traiçoeira de emoção que a deixava querendo correr os dedos por aqueles cabelos, sentir os lábios dele nos seus.

Não estava apaixonada por ele, disse a si mesma, confusa. Estava apaixonada por Ashley. Mas como explicar aquela sensação que a deixava de mãos trêmulas e com um frio na boca do estômago?

Ele riu baixinho.

— Não recue! Não vou machucá-la!

— Machucar? Não tenho medo de você, Rhett Butler, nem de homem nenhum! — exclamou ela, furiosa, vendo que sua voz tremia tanto quanto suas mãos.

— Um sentimento admirável, mas fale mais baixo. A sra. Wilkes pode ouvi-la. E, por favor, acalme-se. — Ele falava como se estivesse adorando a agitação dela. — Scarlett, você gosta de mim, não gosta?

Aquela pergunta era mais condizente com as suas expectativas.

— Bem, às vezes — respondeu ela com cautela. — Quando você não age como um cafajeste.

Ele tornou a rir, trazendo ao rosto a palma da mão dela.

— Acho que gosta de mim porque sou um cafajeste. Conheceu tão poucos autênticos cafajestes nessa sua vida protegida que é essa diferença que a encanta em mim.

Não era a virada que ela previra. Tentou de novo soltar a mão, sem sucesso.

— Não é verdade! Gosto de homens sérios… homens com quem sempre podemos contar como cavalheiros.

— Ou seja, homens que você pode fazer de gato e sapato. É uma questão de definição. Mas não importa.

Ele tornou a beijar a palma da mão dela e, de novo, ela sentiu um arrepio na nuca.

— Mas você gosta de mim. Poderia um dia me amar, Scarlett?

Ah!, pensou ela, triunfante. *Agora eu o fisguei!* E respondeu com uma frieza estudada:

— Na verdade, não… a não ser que você mude muito de comportamento.

— E não tenho a menor intenção de mudar. Então você não poderia me amar? Era o que eu esperava. Pois, embora eu goste muito de você, não a amo, e seria realmente trágico para você sofrer duas vezes por um amor não correspondido, não seria, querida? Posso chamar você de "querida", sra. Hamilton? Vou chamar, quer goste ou não, então não importa, mas é preciso manter a etiqueta.

— Você não me ama?

— Não mesmo. Esperava que eu amasse?

— Não seja presunçoso!

— Esperava, sim! Lamento frustrar suas esperanças! Eu devia amá-la, pois você é encantadora e cheia de talentos inúteis. Mas há muitas senhoras com essas suas qualidades inúteis. Não, não a amo. Mas gosto, sim, demais de você… pela elasticidade de sua consciência, pelo egoísmo que você raramente se dá ao trabalho de esconder, e por esse agudo pragmatismo que, acho eu, você deve ter herdado de algum antepassado camponês irlandês não muito distante.

Camponês! Ora, ele a estava insultando! Ela começou a balbuciar algumas palavras.

— Não me interrompa — pediu ele, apertando-lhe a mão. — Gosto de você porque tenho essas mesmas qualidades e os semelhantes se atraem. Vejo que você ainda cultiva a memória do divino e desmiolado sr. Wilkes, que provavelmente já está enterrado há seis meses. Mas deve haver lugar em seu coração para mim também. Scarlett, pare de se contorcer! Estou lhe fazendo uma declaração. Desejei-a desde a primeira vez que a vi, no corredor, em Twelve

Oaks, quando você estava enfeitiçando o pobre Charlie Hamilton. Desejo você mais do que já desejei qualquer mulher… e já esperei mais por você do que já esperei por qualquer mulher.

Ela perdeu o fôlego, admirada com as últimas palavras dele. Apesar dos insultos, ele a amava sim e, se dizia o contrário, era porque não queria falar francamente, com medo de que ela risse dele. Bem, ela ia lhe mostrar como eram as coisas, e logo.

— Está me pedindo em casamento?

Ele largou a mão dela e deu uma gargalhada tão sonora que Scarlett se encolheu na cadeira.

— Meu Deus, não! Já não lhe disse que eu não sou homem de casar?

— Mas… mas… o que…

Ele se pós de pé e, com a mão no coração, fez uma reverência burlesca.

— Querida — disse com calma. — Estou elogiando a sua inteligência pedindo-lhe que seja minha amante sem antes tê-la seduzido.

Amante!

Sua mente rejeitava aquela palavra, considerando-a um insulto vil. Mas no primeiro momento ela não se sentiu insultada. Apenas se indignou profundamente com o fato de ele a considerar tão idiota. Ele devia considerá-la uma idiota se lhe fazia uma proposta como aquela, em vez do pedido de casamento que esperava. A raiva, a vaidade ferida e a decepção deixaram-na tonta e, antes que ela sequer pensasse nos elevados princípios morais segundo os quais devia criticá-lo, disse as primeiras palavras que lhe vieram aos lábios:

— Amante! E o que eu ganharia com isso a não ser um bando de filhos?

E logo ficou horrorizada com o que dissera. Ele morreu de rir, vendo-a tapar a boca com o lenço na escuridão, muda.

— É por isso que gosto de você! Você é a única mulher franca que eu conheço, a única que vê o lado prático das coisas, em vez de confundir a questão falando em pecado e moral. Qualquer outra mulher teria desmaiado primeiro e depois me posto porta fora.

Scarlett levantou-se de um pulo, vermelha de vergonha. Como pôde ter dito aquilo? Como ela, filha de Ellen, com a educação que recebera, havia ficado ali sentada, ouvindo aquelas palavras degradantes e dado aquela resposta indecente?

Devia ter gritado. Desmaiado. Virado as costas sem dizer palavra e saído depressa dali. Agora era tarde!

— Vou acompanhá-lo à porta! — gritou ela, sem se importar que Melanie ou os Meades, ali na rua, a ouvissem. — Saia! Como se atreve a me dizer essas coisas! O que foi que eu fiz para encorajá-lo… para fazê-lo achar… Saia e não volte mais aqui. Desta vez, estou falando sério. Não me volte aqui com suas cartelinhas de alfinetes e fitas, achando que vou perdoá-lo. Vou… vou contar para o meu pai e ele vai matar você!

Rhett pegou o chapéu e cumprimentou-a. Ela viu à luz do lampião que ele tinha os dentes à mostra em um sorriso por baixo do bigode. Não sentia vergonha, achou graça no que ela disse e a observava com curiosidade.

Ah, ele era detestável! Ela girou nos calcanhares e foi para dentro de casa. Segurou a porta para batê-la com força, mas o gancho que a mantinha aberta era pesado demais. Pelejou com o dispositivo, arfando.

— Posso ajudá-la? — perguntou ele.

Sentindo que iria estourar caso se demorasse mais um minuto, Scarlett subiu correndo as escadas. Ao chegar ao andar de cima, ouviu-o prestativamente fechar a porta para ela.

Capítulo 20

Nos últimos dias escaldantes e barulhentos de agosto, o bombardeio cessou bruscamente. O silêncio que caiu sobre a cidade era espantoso. Quando se encontravam nas ruas, os vizinhos se entreolhavam, inseguros, sem saber o que podia vir pela frente. A quietude, depois daqueles dias turbulentos, em vez de acalmar, aumentava ainda mais a tensão nervosa, se é que isso era possível. Ninguém sabia por que as baterias ianques haviam silenciado. Não havia notícias das tropas senão que haviam sido obrigadas a recuar em grande número das trincheiras em volta da cidade e se posto a caminho para defender a ferrovia a sul. Não se sabia onde se combatia, nem como se desenrolava a batalha, se é que estava havendo combate.

Ultimamente, as únicas notícias eram as transmitidas de boca em boca. Sem papel, sem tinta e sem homens, os jornais haviam suspendido suas publicações após o início do cerco, e os boatos mais absurdos corriam pela cidade, sem que se soubesse de onde vinham. Agora, naquele silêncio aflitivo, as pessoas invadiam o quartel-general do general Hood exigindo informações. Aglomeravam-se em volta do posto telegráfico e da estação esperando por notícias, alvissareiras, torcendo para que o silêncio dos canhões de Sherman significasse a retirada maciça dos ianques, expulsos pelos confederados para Dalton. Mas não chegava notícia nenhuma. As linhas telegráficas estavam mudas, não passava nenhum trem proveniente do sul na única linha férrea e o serviço de correio estava interrompido.

O outono, com seu calor seco e sufocante, insinuou-se na cidade subitamente silenciosa, pesando ainda mais nos corações aflitos. Scarlett, louca por notícias de Tara, mas tentando se mostrar corajosa, tinha a sensação de que o cerco já durava uma eternidade. Parecia que sempre vivera ouvindo o troar dos canhões, antes de aquele silêncio sinistro se instalar. No entanto, o cerco só começara havia trinta dias. Trinta dias de cerco! A cidade rodeada de trincheiras de barro

vermelho, o monótono troar incessante dos canhões, as intermináveis filas de ambulâncias e carros de boi deixando rastros de sangue nas ruas de terra ao se encaminharem para os hospitais, os coveiros sobrecarregados de trabalho arrastando corpos ainda quentes e jogando-os como lenha naquelas fileiras sem fim de covas rasas. Trinta dias apenas!

E havia apenas quatro meses que os ianques tinham baixado ao sul de Dalton! Apenas quatro meses! Lembrando aquele dia, Scarlett tinha a impressão de que ocorrera em outra vida. Ah, não! Não tinham se passado apenas quatro meses. Passara-se uma vida.

Quatro meses atrás! Ora, quatro meses atrás Dalton, Resaca, cordilheira Kennesaw eram para ela apenas nomes de estações na estrada de ferro. Agora eram batalhas, batalhas desesperadas e vãs, uma vez que Johnston tinha recuado em direção a Atlanta. E agora enseada Peachtree, Decatur, Ezra Church e enseada Utoy não eram mais nomes de localidades agradáveis. Nunca mais poderia pensar nelas como cidades tranquilas cheias de amigos acolhedores. Como áreas verdes onde fizera piqueniques com belos oficiais às margens de riachos de águas lentas. Esses nomes também significavam batalhas, e a relva macia onde ela se sentara estava destruída pelas rodas dos canhões, pisoteada por pés desesperados onde as baionetas se encontraram, e amassada por corpos nas convulsões da agonia final… E os riachos de águas lentas agora estavam vermelhos como nunca tinham ficado por conta do barro da Geórgia. A enseada Peachtree ficara escarlate, diziam, após a passagem dos ianques. Enseada Peachtree, Decatur, Ezra Church, enseada Utoy. Não eram mais nomes de lugares. Eram nomes das covas onde amigos estavam enterrados, nomes de vegetações e matas fechadas onde os corpos insepultos apodreciam, nomes dos quatro lados de Atlanta onde Sherman tentara fazer passar seu exército e fora rechaçado com obstinação pelos homens de Hood.

Enfim, a cidade tensa recebeu notícias do sul, e eram alarmantes, especialmente para Scarlett. O general Sherman tentava de novo passar pelo quarto lado, voltando a atacar a rodovia em Jonesboro. Um grande número de soldados ianques estava agora naquele lado da cidade. Não apenas unidades para escaramuças ou destacamentos de cavalaria, mas as tropas ianques em massa. E

milhares de tropas confederadas foram retiradas das linhas ao redor da cidade para se lançarem contra eles. Isso explicava o súbito silêncio.

Por que Jonesboro?, pensava Scarlett, apavorada com a proximidade de Tara. *Por que precisam sempre investir contra Jonesboro? Por que não podem encontrar outro lugar para atacar a estrada* de ferro?

Durante uma semana, não recebeu notícia nenhuma de Tara, e o último recado de Gerald aumentara seus receios. Carreen piorara bastante e estava muito doente. Agora talvez o correio levasse dias para passar, e tão cedo ela não saberia se Carreen estava viva ou morta. Ah, se ela tivesse ido para casa no início do cerco, com ou sem Melanie!

Havia batalhas em Jonesboro — disso, Atlanta sabia, mas de como se desenrolava a luta, ninguém tinha ideia, e os boatos mais loucos torturavam a cidade. Finalmente chegou um mensageiro de Jonesboro com a informação tranquilizadora de que os ianques haviam sido rechaçados. Mas depois de uma investida em que tinham incendiado a estação, cortado os fios telegráficos e arrancado cinco quilômetros de trilhos. O corpo de engenharia trabalhava insanamente para consertar a linha, mas isso levaria tempo. Os ianques haviam arrancado os dormentes e feito fogueiras com eles, sobre as quais colocaram os trilhos arrancados até deixá-los em brasa para depois enrolá-los em volta de postes telegráficos até que ficassem parecendo gigantescos saca-rolhas. Naquele momento era muito difícil substituir trilhos, ou qualquer coisa feita de ferro.

Não, os ianques não haviam chegado até Tara. O mesmo mensageiro que trouxera os despachos para o general Hood garantira isso a Scarlett. Encontrara Gerald em Jonesboro após a batalha, quando voltava para Atlanta, e Gerald lhe pedira para trazer uma carta para a filha.

Mas o que ele fazia em Jonesboro? O jovem mensageiro pareceu constrangido ao responder. Gerald estava tentando conseguir um médico do Exército para acompanhá-lo até Tara.

Enquanto agradecia ao rapaz na varanda ensolarada, Scarlett sentiu as pernas bambas. Carreen devia estar morrendo para que Ellen não fosse capaz de tratá-la, obrigando Gerald a sair em busca de um médico! Quando o mensageiro se foi, levantando um pequeno rodamoinho de poeira vermelha, Scarlett abriu a carta de

Gerald com dedos trêmulos. Tal era a falta de papel na Confederação que Gerald escrevera nas entrelinhas da última carta dela, e estava difícil ler.

"Querida filha, sua mãe e as duas meninas estão com tifo. Estão muito mal, mas temos que torcer pelo melhor. Quando caiu de cama, sua mãe me pediu para lhe escrever proibindo-a terminantemente de vir para casa expor-se com Wade à doença. Ela lhe manda beijos e pede que reze por ela."

Rezar por ela! Scarlett subiu voando as escadas e foi se ajoelhar junto à cama para rezar como nunca rezara antes. Nada de rosários formais, as mesmas palavras repetidas à exaustão: "Minha mãe de Deus, não deixe que ela morra! Prometo ser muito boa se não deixar que ela morra! Por favor, não deixe que ela morra!"

Scarlett passou a semana toda andando pela casa como um animal ferido, esperando por notícias, sobressaltando-se ao ouvir qualquer barulho de cascos de cavalo, correndo escada abaixo no escuro quando algum soldado vinha bater à porta, mas não chegou notícia alguma de Tara. Parecia que a distância entre ela e Tara equivalia à largura do continente, e não aqueles meros quarenta quilômetros.

O correio continuava sem funcionar, ninguém sabia onde estavam os confederados nem o que tramavam os ianques. Ninguém sabia de nada, a não ser que milhares de soldados, dos dois lados, estavam entre Atlanta e Jonesboro. De Tara, nem uma palavra em uma semana.

Scarlett vira casos suficientes de tifo no hospital de Atlanta para saber o que significava uma semana daquela terrível doença. Ellen estava doente, talvez moribunda, e lá estava Scarlett, impotente em Atlanta, com uma grávida nas mãos e dois exércitos separando-a de casa. Ellen estava doente — talvez moribunda. Mas Ellen não podia estar doente! Ela nunca adoecera. Só de pensar nisso, Scarlett perdia o chão. Todos adoeciam, mas Ellen, jamais. Ellen cuidava dos doentes e fazia com que se recuperassem. Não podia estar doente. Scarlett desejava tanto estar em Tara quanto uma criança assustada, desesperada para estar no único porto seguro que já conhecera.

Seu lar! Aquela casa branca e extensa com cortinas brancas esvoaçantes nas janelas. A manta de trevos na relva, as abelhas alvoroçadas por cima, o negrinho nos degraus da frente enxotando os patos e os perus dos canteiros de flor, os

serenos campos vermelhos e os quilômetros e mais quilômetros de algodão desabrochando branco ao sol! Seu lar!

Se ao menos ela tivesse ido para casa no início do cerco, quando todos fugiam! Podia já ter levado Melanie em segurança semanas atrás.

Ah, maldita Melanie!, pensou mil vezes. *Por que não foi para Macon com tia Pitty? O lugar dela é lá, com os parentes, não comigo. Não tenho o sangue dela. Por que se aferra tanto a mim? Se ela tivesse ido para Macon, eu teria ido para junto da minha mãe. Mesmo agora…mesmo agora, eu me arriscaria a ir para casa, apesar dos ianques, se não fosse pelo bebê dela. Quem sabe o general Hood me daria uma escolta. Ele é um homem bom, e sei que eu poderia arranjar dele uma escolta e uma bandeira de trégua para atravessar as linhas. Mas tenho que esperar por essa criança!… Ah, minha mãe! Minha mãe! Não morra!… Por que esse bebê não nasce? Hoje mesmo vou perguntar ao dr. Meade se tem um jeito de fazer um bebê nascer mais depressa para eu poder ir para casa… se eu conseguir uma escolta. O dr. Meade disse que ela vai ter um parto difícil. Meu Deus! Imagine se ela morre! Melanie morta. Melanie morta. E Ashley… Não, eu não devo pensar nisso, não fica bem. Mas Ashley… Não, eu não devo pensar nisso, porque ele deve estar morto, afinal de contas. Mas me fez prometer que eu cuidaria dela. E se eu não cuidar dela e ela morrer enquanto Ashley ainda vive… Não, eu não devo pensar nisso. É pecado. E eu prometi a Deus que seria boa se Ele não deixasse minha mãe morrer. Ah, se essa criança nascesse logo… Se eu pudesse sair daqui… ir para casa… para qualquer ou*tro lugar!

Scarlett agora odiava aquela cidade silenciosa que um dia amara. Atlanta já não era a cidade de alegria esfuziante que conhecera. Era um lugar medonho como uma cidade empesteada, mergulhada naquele silêncio tão terrível depois da barulheira do cerco. O barulho e o perigo dos bombardeios eram estimulantes. Mas na quietude que se seguiu só havia horror. A cidade parecia mal-assombrada, com os fantasmas do medo, da incerteza e das lembranças. As pessoas tinham os rostos tensos, e os poucos soldados que Scarlett via tinham a expressão exausta dos corredores que iam até o fim de uma corrida já perdida.

Com o último dia de agosto chegaram boatos convincentes de que o combate mais feroz desde a batalha de Atlanta estava acontecendo. Em algum lugar no sul. Atlanta, aguardando notícias do desenrolar da batalha, já nem tentava rir

nem fazer piadas. Todo mundo teve conhecimento do que os soldados já sabiam havia duas semanas — que Atlanta estava por um fio e que, se a estrada de ferro de Macon caísse, Atlanta também cairia.

Na manhã de primeiro de setembro, Scarlett acordou com uma sensação sufocante de pavor, um pavor que já sentia desde que fora se deitar à noite. Pensou, estremunhada de sono: *O que me preocupava tanto quando me deitei ontem à noite? Ah, sim, o combate. Ontem havia um combate, mas onde? E quem venceu?* Sentou-se depressa na cama, esfregando os olhos, e o peso da preocupação da véspera voltou a oprimir seu coração.

Mesmo àquela hora tão matinal, o ar era abafado, prometendo um meio-dia escaldante de céu azul e sol inclemente. A rua estava em silêncio. Não passava nenhuma carroça. Nenhuma tropa levantava a poeira vermelha com sua marcha pesada. Não se ouviam as vozes preguiçosas dos negros nas cozinhas da vizinhança, nem os barulhos convidativos dos desjejuns sendo preparados. Todos os vizinhos, exceto a sra. Meade e a sra. Merriwether, haviam fugido para Macon. Mas Scarlett também não ouvia nenhum ruído vindo da casa delas. Mais adiante, a parte comercial da rua estava em silêncio, com muitas lojas trancadas ou fechadas com tapumes, enquanto seus donos achavam-se no interior, de armas nas mãos.

A calmaria que a saudava naquela manhã parecia ainda mais sinistra que as da semana anterior. Levantou-se às pressas, sem se espreguiçar como de hábito, e foi para a janela, esperando ver o rosto de algum vizinho, ou algo que a animasse. Mas a rua estava deserta. Notou que as folhas das árvores, embora conservassem o mesmo verde-escuro, estavam secas e cobertas de poeira vermelha. As flores no jardim da frente estavam murchas e tristes por falta de cuidado.

Enquanto olhava pela janela, ouviu ao longe um barulho, surdo e sombrio como o ronco da trovoada de uma tempestade que se aproximava.

Chuva, pensou no primeiro momento, e seu espírito rural acrescentou: *Bem que estamos precisados.* Mas imediatamente se deu conta: *Chuva, que nada! São o*s canhões!

Com o coração aos pulos, recuou um pouco da janela, prestando atenção no troar distante, e tentou ouvir de que lado vinha. Mas estava tão longe que não dava para dizer. *Faça com que seja de Marietta, meu Deus!*, rezou. *Ou de Decatur, ou da enseada Peachtree. Mas não do sul! Não do sul!* Agarrou-se à janela ainda com mais força, apurando os ouvidos, e o canhoneio pareceu mais forte. E vinha do sul.

Canhões a sul! E a sul estavam Jonesboro e Tara… e Ellen.

Talvez houvesse ianques em Tara, agora, naquele minuto! Prestou mais atenção, mas o sangue latejando em seus ouvidos confundia o ruído do tiroteio distante. Não, não podiam ainda estar em Jonesboro. Se estivessem, o barulho seria mais fraco, mais indistinto. Mas eles deviam estar a pelo menos 15 quilômetros dali, na estrada de Jonesboro, provavelmente perto da pequena comunidade de Rough and Ready. Mas Jonesboro não ficava nem 15 quilômetros depois de Rough and Ready.

Canhões a sul, e poderia estar soando o dobre pela queda de Atlanta. Mas para Scarlett, louca para chegar à segurança da mãe, o combate a sul significava apenas combate perto de Tara. Caminhou pelo quarto torcendo as mãos e, pela primeira vez lhe ocorreu a ideia, com todas as suas implicações, de que o exército cinzento poderia ser derrotado. Foi pensar nos milhares de soldados de Sherman tão perto de Tara que a levou a visualizar todo o horror da guerra, mais que o estrépito dos canhões abalando as vidraças, ou a privação de comida e de roupas, ou as fileiras intermináveis de covas rasas. O exército de Sherman estava a poucos quilômetros de Tara! E, mesmo se fossem derrotados, os ianques talvez recuassem na estrada até Tara. E Gerald não poderia fugir deles com três mulheres doentes.

Ah, se ela estivesse em Tara, com ou sem ianques! Andava de um lado para outro, descalça, a camisola colando-lhe nas pernas, e quanto mais andava mais forte ficava o seu pressentimento. Queria estar em casa. Queria estar ao lado de Ellen.

Da cozinha lá embaixo, ouvia o tilintar da louça enquanto Prissy preparava o desjejum, mas não ouvia a Betsy da sra. Meade. Prissy cantava melancólica com aquela voz esganiçada: “Só mais uns dia pra levá u fardo…” A canção

incomodou Scarlett, que se assustou com suas insinuações tristes. Embrulhou-se em um roupão e seguiu pelo corredor até a escada dos fundos e gritou:

— Pare de cantar isso, Prissy!

Ouviu um “Sim, sinhá!” que a fez respirar fundo, envergonhando-se de sua atitude.

— Onde está a Betsy?

— Num sei. Ela num veio.

Scarlett foi até a porta de Melanie. Abriu uma fresta e espiou o quarto ensolarado. Melanie estava deitada, de camisola, com os olhos fechados. Tinha olheiras fundas, o rosto em forma de coração, inchado, e o corpo franzino horrivelmente deformado. Scarlett, perversamente, desejou que Ashley a visse naquela hora. Ela mesma nunca vira uma grávida com aspecto tão ruim. Enquanto era analisada, Melanie abriu os olhos, e um sorriso carinhoso lhe iluminou o rosto.

— Entre — disse, virando-se canhestramente para Scarlett. — Estou acordada desde que o dia raiou, pensando. Scarlett, quero lhe pedir uma coisa.

Scarlett entrou no quarto e sentou-se na cama que resplandecia sob o sol forte.

Melanie esticou o braço e segurou com confiança a mão de Scarlett.

— Querida — começou —, sinto muito pela canhonada. É para os lados de Jonesboro, não é?

Scarlett disse “hum”, o coração acelerando toda vez que pensava nisso.

— Sei como está muito preocupada. Sei que, se não fosse por mim, teria ido para casa na semana passada quando soube que sua mãe estava doente, não teria?

— Teria — disse Scarlett, com indelicadeza.

— Scarlett, querida. Você tem sido tão boa para mim. Nenhuma irmã poderia ter sido mais carinhosa ou mais corajosa. E amo você por tudo isso. Me desculpe por atrapalhá-la.

Scarlett espantou-se. Amava-a, mesmo? Que idiota!

— E, Scarlett, ando aqui pensando, e queria lhe pedir um grande favor — disse, apertando-lhe mais a mão. — Se eu morrer, você cuida do meu filho?

Os olhos de Melanie brilhavam, arregalados, manifestando um pedido urgente.

— Cuida?

Scarlett puxou a mão, apavorada. O medo deixou sua voz áspera quando ela falou.

— Ah, não seja boba, Melly, você não vai morrer. Toda mulher acha que vai morrer quando tem o primeiro filho. Eu achei.

— Não achou, não. Você nunca teve medo de nada. Só está dizendo isso para me animar. Não tenho medo de morrer, mas tenho muito medo de deixar o bebê, se Ashley estiver… Scarlett, me prometa que vai ficar com meu filho se eu morrer. Então não vou ter medo. Tia Pittypat está muito velha para criar uma criança, e Honey e India são uns amores, mas… quero que fique com meu filho. Me prometa, Scarlett, E se for menino, eduque-o como Ashley. Se for menina… querida, eu queria que fosse como você.

— Pelo manto do Senhor! — exclamou Scarlett, pulando da cama. — A situação já não está péssima sem você falar de morte?

— Sinto muito, querida. Mas me prometa. Acho que vai ser hoje. Tenho certeza de que vai. Por favor, me prometa.

— Ah, está bem, eu prometo — disse Scarlett, olhando perplexa para ela.

Seria Melanie tão idiota que não soubesse que ela gostava de Ashley? Ou sabia de tudo e achava que, por causa desse amor, Scarlett cuidaria bem do filho de Ashley? Scarlett teve ímpetos de lhe fazer essas perguntas, mas elas calaram em seus lábios quando Melanie, pegando sua mão e colando-a um instante no rosto, voltou a ficar com o olhar mais tranquilo.

— Por que acha que vai ser hoje, Melly?

— Estou sentindo dores desde o amanhecer… mas não muito fortes.

— Está? Bem, por que não me chamou? Vou mandar Prissy buscar o dr. Meade.

— Não, não faça isso ainda, Scarlett. Você sabe como ele é ocupado, como todos estão ocupados. Só mande dizer que vou precisar dele alguma hora ainda hoje. Mande chamar a sra. Meade para ficar comigo. Ela vai saber a hora em que ele deve mesmo ser chamado.

— Ah, pare de ser tão pouco egoísta. Você sabe que precisa tanto de um médico quanto qualquer um no hospital. Vou mandar chamá-lo agora mesmo.

— Não, por favor, não chame. Às vezes o parto leva um dia inteiro, e eu não poderia fazer o doutor passar horas aqui sentado quando aqueles pobres rapazes precisam tanto dele. Só mande buscar a sra. Meade. Ela vai saber.

— Ah, está bem — disse Scarlett.

Capítulo 21

Depois de mandar subir a bandeja com o desjejum de Melanie, Scarlett despachou Prissy para chamar a sra. Meade e sentou-se com Wade para fazer a própria refeição. Mas, pela primeira vez, não tinha apetite. Apreensiva com a ideia de que chegava a hora de Melanie e esforçando-se inconscientemente para identificar de onde vinha o canhoneio, mal conseguiu comer. O ritmo de seu coração estava muito esquisito. Passava uns minutos normal e, de repente, disparava, batendo tão alto que quase lhe virava o estômago. O mingau entalava como cola em sua garganta, e nunca aquela mistura de milho seco com inhame ralado que passava por café lhe parecera tão repulsiva. Sem creme ou açúcar, era amarga como fel, pois o adoçante de sorgo não melhorava o gosto. Tomou um único gole e empurrou a xícara. Além de mil e uma outras razões, odiava os ianques porque a privavam de tomar café com açúcar e creme de verdade.

Wade estava mais quieto que de costume. Não começou a ladainha matinal reclamando do mingau que tanto detestava. Comia calado as colheradas que ela lhe metia na boca, engolindo-as com a ajuda de ruidosos goles de água. Seus doces olhos castanhos, grandes e redondos como moedas, acompanhavam com um atordoamento infantil todos os movimentos da mãe, como se o medo que ela mal conseguia disfarçar tivesse passado para ele. Quando ele terminou de comer, Scarlett o mandou ir brincar no jardim dos fundos e ficou olhando, aliviada, enquanto ele se encaminhava pelo relvado irregular para a casinha de brinquedo.

Levantou-se e ficou parada no pé da escada, indecisa. Devia subir para ficar com Melanie, procurando distraí-la do calvário que tinha pela frente, mas não se sentia capaz disso. De todos os dias do mundo, Melanie tinha que escolher logo aquele para ter o filho! E ainda para falar de morte!

Sentou-se no primeiro degrau e tentou pôr as ideias em ordem. Tornou a se perguntar como fora a batalha da véspera e quis saber como estaria se

desenrolando a daquele dia. Como era estranho uma grande batalha estar acontecendo a poucos quilômetros dali e a pessoa não saber nada a respeito! Como era estranho o silêncio daquele lado deserto da cidade comparado com o dia do combate na enseada Peachtree! A casa de tia Pitty era uma das últimas da parte norte de Atlanta e, com os combates acontecendo a sul, não havia o movimento dos reforços passando acelerados, nem ambulâncias nem filas de feridos cambaleantes voltando. Perguntou-se se na parte sul havia movimento e agradeceu a Deus por não estar lá. Se ao menos a vizinhança em peso, com a exceção dos Meades e dos Merriwethers, não tivesse fugido daquele lado norte da rua! Sentia-se tão só e tão abandonada! Desejou muito que tio Peter estivesse lá para ir buscar notícias no quartel-general. Se não fosse por Melanie, ela iria agora mesmo à cidade procurar se informar pessoalmente, mas não podia sair enquanto a sra. Meade não chegasse. A sra. Meade. Por que não chegava? E onde estava Prissy?

Levantou-se impaciente e foi até a varanda tentar avistá-las, mas a casa dos Meades ficava meio escondida na rua, e ela não viu ninguém. Muito tempo depois, surgiu Prissy sozinha, voltando com a lerdeza de quem tinha o dia inteiro para chegar, rodando as saias de um lado para o outro e virando a cabeça para ver o efeito.

— Você anda que nem uma lesma — ralhou Scarlett quando Prissy abriu o portão. — O que foi que a sra. Meade disse? Daqui a quanto tempo vai estar aqui?

— Ela num tava lá — disse Prissy.

— Está onde? Quando volta?

— Bom — começou Prissy, arrastando com prazer as palavras para dar mais peso ao recado. — A Cookie falô qui hoje cedo vinhero avisá a sinhá Meade qui u seu Phil tinha sido firido, i ela pegô a charrete c’o veio Talbot i a Betsy pra buscá ele. A Cookie falô qui ele tá munto firido i a sinhá Meade inda num sabe si vorta logo.

Scarlett ficou olhando para ela, com ímpetos de sacudi-la. Os negros adoravam dar más notícias.

— Bem, não fique aí parada como uma boba. Vá à casa da sra. Merriwether pedir que ela venha ou mande a Mammy. Agora, vá depressa.

— Elas num tá lá, sinhá Scarlett. Passei lá na vorta pra falá c'a Mammy. Elas saíro. A casa tá toda trancada. Acho qui fôru pru hospitá.

— Então foi por isso que você demorou tanto! Quando eu mandar você a algum lugar, vá direto e não pare para falar com ninguém. Vá…

Ela parou, tentando raciocinar. Quem, entre as suas amizades, tinha ficado na cidade e podia ser útil? A sra. Elsing. Claro, a sra. Elsing queria vê-la pelas costas atualmente, mas sempre gostara de Melanie.

— Vá à casa da sra. Elsing, explique bem tudo que está acontecendo e peça para ela fazer o favor de vir aqui. E, Prissy, preste atenção. O bebê da sra. Melly está para nascer e ela pode precisar de você a qualquer momento. Vá e volte depressa.

— Sim, sinhá — disse Prissy, que, dando meia-volta, saiu a passo de cágado.

— Depressa, sua lesma!

— Sim, sinhá.

Prissy apressou imperceptivelmente o passo, e Scarlett voltou para dentro de casa. Tornou a hesitar antes de subir para o quarto de Melanie. Teria que lhe explicar por que a sra. Meade não pudera ir. E ela poderia se abalar ao saber que Phil Meade havia sido gravemente ferido. Bem, teria que mentir.

Entrou no quarto de Melanie e viu a bandeja do desjejum intacta. Melanie estava deitada de lado, lívida.

— A sra. Meade está no hospital — disse Scarlett. — Mas a sra. Elsing já vem. Está com dor?

— Mais ou menos — mentiu Melanie. — Scarlett, quanto tempo o Wade demorou para nascer?

— Não demorou nada — respondeu Scarlett, com uma animação que estava longe de sentir. — Eu estava no jardim e quase não tive tempo de entrar em casa. A Mammy disse que era um escândalo… igualzinha a uma preta.

— Tomara que eu também seja igual a uma preta — disse Melanie, com um sorriso amarelo que desapareceu de repente quando a dor a levou a contrair o rosto.

Scarlett olhou para os quadris estreitos de Melanie sem muitas esperanças, mas disse para tranquilizá-la:

— Ah, até que não dói tanto assim.

— Ah, eu sei que não. Acho que sou um pouco covarde. A sra. Elsing já está chegando?

— Já, agora mesmo — disse Scarlett. — Vou lá embaixo buscar água fresca para passar em você. Está muito quente hoje.

Demorou o mais que pôde para trazer a água, correndo à porta de entrada de dois em dois minutos para ver se Prissy chegava. Como não viu sinal dela, tornou a subir, passou a esponja no corpo suado de Melanie e penteou-lhe os longos cabelos escuros.

Uma hora depois, ouviu na rua um andar arrastado de negro e, chegando à janela, viu Prissy voltando com a mesma lerdeza, rebolando e virando a cabeça para trás com tanta afetação como se tivesse uma grande plateia interessada nela.

Um dia ainda dou uma coça nessa peste, pensou Scarlett, furiosa, despencando-se escada abaixo ao seu encontro.

— A sinhá Elsing tamém tá nu hospitá. A Cookie dela falô qui chegô um monte di sordado firido nu primero trem di hoje. Ela tá preparano uma sopa prá levá lá. Disse…

— O que ela disse não importa — interrompeu Scarlett, desanimada. — Ponha um avental limpo porque quero que vá até o hospital. Vou escrever um bilhete para o dr. Meade. Se ele não estiver lá, entregue ao dr. Jones ou a qualquer outro médico. E, se não voltar depressa dessa vez, eu lhe arranco o couro.

— Sim, sinhá.

— E peça notícias do combate a qualquer um dos senhores ali. Se eles não souberem, passe na estação e pergunte aos maquinistas que trouxeram os feridos. Pergunte se estão lutando em Jonesboro, ou lá por perto.

— Santo Deus, sinhá Scarlett! — E de repente o rosto da negrinha ficou apavorado. — Us ianque num chegô im Tara, chegô?

— Não sei. Estou lhe pedindo para procurar saber.

— Santo Deus, sinhá Scarlett! U qui eles vai fazê c’a mamãe?

E abriu o maior berreiro, aumentando mais ainda a aflição de Scarlett.

— Pare de berrar! A sra. Melanie pode ouvir. Agora vá logo mudar o avental!

Exortada a se apressar, Prissy correu para os fundos da casa, enquanto Scarlett escrevia um rápido bilhete na margem da última carta que recebera de Gerald —

o único pedaço de papel que havia em casa. Ao dobrá-lo, para deixar visível o que escrevera, deparou-se com as palavras de Gerald: “Sua mãe… tifo… em hipótese alguma… vir para casa…” Ela quase chorou. Se não fosse por Melanie, iria para casa naquele minuto, mesmo que tivesse que fazer a viagem inteira a pé.

Prissy saiu correndo, apertando a carta na mão, e Scarlett subiu, tentando pensar em uma mentira plausível para explicar a ausência da sra. Elsing. Mas Melanie não fez nenhuma pergunta. Estava deitada de costas, com o rosto suave e sereno. Ao vê-la, Scarlett se tranquilizou por um instante.

Sentou-se, tentando falar de assuntos sem consequência, mas pensar em Tara e na possibilidade de serem vencidos pelos ianques era angustiante. Imaginou Ellen morrendo e os ianques chegando em Atlanta, incendiando tudo e matando todo mundo. O tempo todo, ouvia o troar persistente dos canhões ao longe, chegando-lhe em ondas de medo. Por fim, já não conseguia falar. Apenas olhava pela janela a rua quente e quieta, vendo as folhas empoeiradas imóveis nas árvores. Melanie também permanecia calada, mas de vez em quando seu rosto se contorcia de dor.

Depois de cada contração, ela dizia:

— Até que não doeu muito.

Mas Scarlett sabia que era mentira. Teria preferido ouvi-la gritar a vê-la sofrer calada assim. Sabia que devia ter pena de Melanie, mas não era capaz de sentir um pingo de compaixão. Só conseguia pensar na própria angústia. Em dado momento, olhou incisivamente para aquele rosto contorcido pela dor e se perguntou por que logo ela, entre tantas pessoas no mundo, tinha que estar ali com Melanie naquela hora específica — ela que não tinha nada em comum com a pobre coitada, que a odiava, que ficaria feliz em vê-la morta. Bem, talvez seu desejo se realizasse antes do fim do dia. Com esse pensamento, um medo supersticioso apoderou-se dela. Desejar a morte de alguém dava quase tanto azar quanto rogar pragas. As pragas voltavam para quem as rogava, dizia Mammy. Começou logo a rezar para que Melanie não morresse e pôs-se a falar excitadamente de assuntos sem importância, sem ter muita noção do que dizia. Por fim, Melanie, tocando seu pulso com a mão quente, disse:

— Não precisa tentar conversar, querida. Sei como está preocupada. Sinto muito dar tanto trabalho.

Scarlett calou-se, mas não conseguiu sossegar. O que faria se nem o médico nem Prissy chegassem a tempo? Foi até a janela espiar a rua e veio se sentar de novo. Depois se levantou e foi olhar pela janela do outro lado do quarto.

Passou-se uma hora, e depois mais outra. Chegou o meio-dia, com o sol a pino e quente. Não havia a mais leve brisa para balançar as folhas empoeiradas. As dores de Melanie estavam mais fortes. Tinha o longo cabelo ensopado de suor, e a camisola lhe grudava no corpo nos pontos onde a transpiração se concentrava. Scarlett enxugou seu rosto calada, mas o medo a angustiava. Deus do Céu, imagine se o bebê nascesse antes de o médico chegar. O que faria? Não tinha noção de como era o trabalho de uma parteira. Aquela era exatamente a emergência que vinha temendo havia semanas. Contara com Prissy para lidar com o problema se não houvesse nenhum médico disponível. Prissy entendia muito daquele trabalho, como lhe dissera várias vezes. Mas onde estava Prissy? Por que não chegava? Por que o médico não chegava? Foi de novo espiar da janela. Apurou os ouvidos, e de repente se perguntou se era só sua imaginação ou realmente a canhonada distante cessara? Se estava mais longe, queria dizer que o combate se aproximava mais de Jonesboro, o que significava que…

Afinal, viu Prissy correndo na rua e debruçou-se na janela. Quando a viu, Prissy abriu a boca para gritar. Vendo o pavor estampado naquela carinha negra e receando que ela alarmasse Melanie com más notícias anunciadas aos gritos, Scarlett imediatamente pôs o dedo na frente dos lábios e saiu da janela.

— Vou buscar um pouco de água mais fresca — disse, olhando para os olhos escuros rodeados de olheiras de Melanie e tentando sorrir. Saiu depressa do quarto e fechou cuidadosamente a porta às suas costas.

Prissy estava sentada no primeiro degrau do saguão, ofegante.

— Eles tá lutano im Jonesboro, sinhá Scarlett! Dissero qui u nosso lado tá perdeno. Nossa, sinhá Scarlett! U qui vai acontecê com a mamãe i u Pork? U qui vai acontecê cum nós si us ianque chegá aqui? Nossa…

Scarlett tapou-lhe a boca com a mão.

— Pelo amor de Deus, cale a boca!

Sim, o que seria delas se os ianques chegassem… o que aconteceria com Tara? Esforçou-se para afastar essas ideias da mente e cuidar das emergências mais prementes. Se pensasse naquelas coisas, iria abrir o berreiro como Prissy.

— Onde está o dr. Meade? Quando ele chega?

— Eu num vi ele, sinhá Scarlett.

— O quê?

— Não, ele num tá nu hospitá. Nem a sinhá Merriwether nem a sinhá Elsing. Um home mi falô qui u dotô tá nu galpão c'os sordado firido qui acabaro di chegá di Jonesboro, mas, sinhá Scarlett, fiquei cum medo di i lá… tem gente morreno ali. Tenho medo di gente morta…

— E os outros médicos?

— Sinhá Scarlett, eu juro qui num consegui fazê nenhum deles lê u seu bilhete. Tava tudo trabalhano feito loco nu hospitá. Um dotô mim disse: "Sai daqui! Num vem mi perturbá cum bebê quando tá cheio di gente morreno aqui. Vai buscá uma muié pra ti ajudá." Aí eu fui sabê das nutiça como a sinhora mandô, i dissero qui tão lutano im Jonesboro i eu…

— Você disse que o dr. Meade está na estação?

— Sim, sinhá. Ele…

— Agora, me ouça bem. Vou buscar o dr. Meade e quero que você fique sentada ao lado da sra. Melanie e faça tudo que ela mandar. E, se abrir a boca para dizer a ela onde estão combatendo, juro que vendo você para o sul. E não diga a ela que os outros médicos também não podem vir. Ouviu?

— Sim, sinhá.

— Enxugue os olhos, vá pegar uma jarra de água e suba. Passe uma esponja no corpo dela. Diga que fui buscar o dr. Meade.

— A hora dela é pra agora, sinhá Scarlett?

— Não sei. Acho que sim, mas não sei. Você deve saber. Vá subindo.

Scarlett pegou o chapéu de palha de abas largas em cima do aparador e enfiou-o na cabeça. Olhou para o espelho, automaticamente prendendo as mechas soltas do cabelo, mas não se viu refletida. Pequenas ondas geladas de medo vinham-lhe da boca do estômago, irradiando-se até esfriarem as pontas dos dedos encostadas em seu rosto, embora o suor lhe escorresse pelo resto do corpo. Saiu de casa correndo, ofuscando-se com a claridade do sol escaldante. Na rua

Peachtree, suas têmporas começaram a latejar com o calor. Ouvia um vozerio vindo mais à frente na rua. Quando avistou a casa dos Leydens, já começava a ofegar, pois tinha o espartilho muito apertado, mas não diminuiu o passo. O burburinho aumentava.

Da casa dos Leydens até Five Points, a rua fervilhava de atividade, parecendo um formigueiro que acabara de ser destruído. Negros corriam para cima e para baixo com expressão apavorada; crianças brancas choravam sem vigilância, sentadas nas varandas. A rua estava entupida de carroças e ambulâncias do Exército cheias de feridos e de charretes abarrotadas de malas e móveis. Das transversais, surgiam homens a cavalo, galopando desnorteados em direção ao quartel-general de Hood. Em frente à casa dos Bonnells, o velho Amos segurava a cabeça do cavalo da charrete e cumprimentou Scarlett revirando os olhos.

— Inda num foi, sinhá Scarlett? Nós já tá ino. A véia tá fazeno a mala.

— Indo? Para onde?

— Só Deus sabe. Pra argum lugá. Us ianque tá chegano!

Ela prosseguiu depressa, sem nem ao menos se despedir. Os ianques estavam chegando! Na Capela Wesley, parou para recobrar o fôlego e esperar o coração desacelerar. Se não se acalmasse, certamente iria desmaiar. Enquanto se apoiava em um poste de lampião, viu um oficial montado a cavalo subindo de Five Points a toda. Em um impulso, correu em direção a ele, acenando-lhe com a mão.

— Pare! Por favor, pare!

O oficial puxou as rédeas tão de repente que o cavalo empinou, agitando as patas dianteiras no ar. O cavaleiro tinha no rosto as marcas do cansaço e da urgência, mas retirou o esfarrapado chapéu cinzento, cumprimentando-a com um floreio.

— Senhora?

— Me diga, é verdade? Os ianques estão chegando?

— Receio que sim.

— Tem certeza disso?

— Sim, senhora. Estou sabendo. Chegou um despacho há meia hora no quartel-general sobre o combate em Jonesboro.

— Jonesboro? Tem certeza?

— Tenho. Não adianta vir com mentiras bonitas, senhora. A mensagem do general Hardee dizia: “Perdi a batalha e estou em plena retirada.”

— Ai, meu Deus!

O oficial de rosto moreno e abatido baixou os olhos, sem demonstrar emoção. Apanhou as rédeas e pôs o chapéu na cabeça.

— Ah, senhor, um minuto, por favor. O que devemos fazer?

— Senhora, não sei dizer. O Exército daqui a pouco vai evacuar Atlanta.

— Vai partir e nos deixar para os ianques?

— Receio que sim.

Esporeado, o cavalo partiu como se tivesse molas nas patas, deixando Scarlett parada no meio da rua, metida na terra vermelha até os tornozelos.

Os ianques estavam chegando. O Exército saía. Os ianques estavam chegando. O que ela devia fazer? Para onde fugir? Não, não podia fugir. Melanie estava lá na cama esperando aquela criança. Ah, por que as mulheres tinham filhos? Se não fosse por Melanie, ela poderia ir se esconder com Wade e Prissy no mato onde os ianques nunca os encontrariam. Mas não podia levar Melanie para o mato. Não, agora não dava. Ah, se ao menos ela já tivesse tido a criança, ontem mesmo, talvez pudessem conseguir uma ambulância para levá-la até algum esconderijo. Mas agora… tinha que encontrar o dr. Meade e levá-lo para casa com ela. Talvez ele pudesse apressar o parto.

Apanhou as saias e saiu correndo, e o ritmo acelerado de seus pés era “Os ianques estão chegando! Os ianques estão chegando!”. Five Points estava apinhada de gente que corria para lá e para cá, desnorteada; engarrafada de carroças, ambulâncias, carros de boi e carruagens lotadas de feridos. Um rugido como o do mar quebrando se erguia da multidão.

Então, um espetáculo insólito lhe chamou a atenção. Grupos de mulheres chegavam dos lados da linha do trem carregando presuntos nos ombros. Ao lado delas, criancinhas corriam cambaleando sob o peso de baldes de melado. Meninos arrastavam sacos de milho e batatas. Um velho pelejava para empurrar um carrinho de mão carregado com uma barrica de farinha. Homens, mulheres e crianças, negros e brancos, corriam com as expressões tensas, transportando embrulhos, sacos e caixas de comida — mais comida do que ela havia visto em um ano. A multidão de repente abriu passagem para uma carruagem em

disparada, a bordo da qual ela viu a elegante e frágil sra. Elsing, com as rédeas em uma das mãos e o chicote na outra. Vinha sem chapéu e lívida, com os longos cabelos grisalhos escorridos às costas enquanto chicoteava o cavalo como uma Fúria. No banco traseiro, trazia Melissy, a mãe preta, segurando em uma das mãos um pedaço gordo de bacon, enquanto com a outra e os dois pés tentava manter no lugar as caixas e sacolas empilhadas à sua volta. Um saco de ervilhas secas havia estourado, espalhando as ervilhas pela rua. Scarlett gritou chamando a sra. Elsing, mas o tumulto da multidão abafou sua voz e a carruagem continuou naquela disparada louca.

Por um momento, não entendeu o que significava tudo aquilo. Depois lembrou que os armazéns do destacamento de provisões ficavam perto da linha do trem e concluiu que o Exército os havia escancarado para que as pessoas pudessem retirar o que conseguissem antes da chegada dos ianques.

Abrindo caminho aos empurrões, deixou para trás a multidão histérica que acorria ao espaço aberto de Five Points e encaminhou-se pela pequena quadra o mais depressa que pôde para a estação. Através do emaranhado de ambulâncias, e das nuvens de poeira, viu médicos e padioleiros movimentando-se apressados. Graças a Deus, logo encontraria o dr. Meade. Quando dobrou a esquina do Hotel Atlanta e ficou de frente para a estação, parou apavorada.

Jaziam ao sol inclemente, ombro com ombro, pés com cabeças, centenas de feridos cobrindo os trilhos, as calçadas, estendidos em fileiras intermináveis embaixo do galpão. Uns rígidos e imóveis, mas muitos se contorcendo sob o sol quente, gemendo. Por toda parte, enxames de moscas pairavam zumbindo sobre os homens. Pousavam e andavam em seus rostos, onde quer que encontrassem sangue e ataduras sujas. Os feridos gemiam e gritavam imprecações reclamando da dor ao serem levantados pelos padioleiros. O cheiro de suor, de sangue, de corpos imundos e de excrementos emanava dos feridos em ondas fétidas naquele calor escaldante, quase lhe provocando náuseas. Os homens das ambulâncias, na correria, às vezes pisavam nos feridos, tão colados uns nos outros estavam. Os pisados olhavam para cima impassíveis, aguardando a sua vez.

Scarlett recuou, tapando a boca com a mão, sentindo que ia vomitar. Não podia continuar. Já vira feridos nos hospitais e no gramado de tia Pitty depois da luta no córrego, mas nunca nada parecido com aquilo. Nada parecido com

aqueles corpos fedidos e ensanguentados torrando sob o sol escaldante. Aquilo era um inferno de dor, de mau cheiro e correria — depressa… depressa…! Os ianques estão chegando! Os ianques estão chegando!

Preparou-se e passou por entre eles, procurando distinguir, entre os que estavam em pé, a figura do dr. Meade. Mas descobriu que não podia procurá-lo, pois se não olhasse para o chão pisaria em algum pobre soldado. Levantou as saias e tentou atravessar com cuidado aquele mar de feridos em direção a um grupo de homens que davam instruções aos padioleiros.

Mãos febris lhe puxavam a saia ao mesmo tempo que vozes gemiam:

— Senhora, água! Por favor, senhora, água! Por Cristo, água!

Rios de suor lhe escorriam pelo rosto, enquanto puxava as saias daquelas mãos. Se pisasse em um daqueles homens, gritaria e desmaiaria. Passou por cima de cadáveres, de homens que jaziam de olhos vidrados, apertando com as mãos a barriga onde o sangue coagulado colara nas feridas os uniformes esfarrapados, de homens que tinham as barbas duras de sangue e de outros de cujas mandíbulas quebradas saíam ruídos que deviam significar: “Água! Água!”

Se não encontrasse logo o dr. Meade, ficaria histérica e começaria a gritar. Olhou na direção do grupo de homens embaixo do galpão e gritou o mais alto que pôde:

— Dr. Meade! O dr. Meade está aí?

Um homem se destacou e olhou para ela. Era o médico. Sem casaco, tinha as mangas arregaçadas até os ombros, a camisa e as calças vermelhas como as de um açougueiro, e sangue até na ponta da barba grisalha. Tinha a expressão de um homem embriagado de cansaço, de raiva impotente e de uma compaixão ardente. Em suas faces encardidas de poeira, o suor deixara compridos riscos. Mas foi com uma voz calma e firme que ele lhe respondeu.

— Graças a Deus que você está aqui. Preciso de todas as mãos.

Por um momento, Scarlett olhou para ele perplexa e desanimada, largando as saias, que caíram por cima do rosto sujo de um ferido que, quase sem forças, conseguiu tirar a cabeça de debaixo dos panos para não se asfixiar. O que o médico queria dizer? A poeira seca levantada pelas ambulâncias sufocava, misturada aos cheiros pútridos em suas narinas.

— Depressa, menina! Venha cá.

Tornando a apanhar as saias, foi ao seu encontro o mais depressa que pôde, passando por cima daqueles corpos enfileirados. Ao tocar em seu braço, sentiu que ele tremia de cansaço. Mas não viu em seu rosto nenhum sinal de fraqueza.

— Ah, doutor! — exclamou. — Tem que vir comigo. Melanie está em trabalho de parto.

Ele olhou para ela como se não tivesse registrado suas palavras. Um homem, deitado no chão a seus pés, com a cabeça apoiada no cantil, sorriu-lhe todo simpático, dizendo animadamente:

— Eles vão conseguir.

Sem sequer olhar para baixo, ela sacudiu o braço do médico.

— É a Melanie. O bebê. Doutor, o senhor tem que vir. Ela… a… — Não era hora de usar eufemismos delicados, mas era difícil falar às claras com centenas de desconhecidos ouvindo. — As dores estão aumentando. Por favor, doutor.

— Uma criança? Santo Deus! — esbravejou o médico, contraindo o rosto com uma expressão de ódio e de raiva. Uma raiva que não se dirigia a ela, nem a um alvo específico, apenas a um mundo onde tais coisas podiam acontecer. — Está louca? Não posso deixar estes homens. Estão morrendo às centenas. Não posso deixá-los pelo raio de uma criança. Arranje uma mulher para ajudá-la. Chame a minha esposa.

Ela ia abrir a boca para lhe dizer que a sra. Meade não podia ir, mas logo a fechou. O pai não sabia que o filho estava ferido! Ela se perguntou se ele continuaria ali se soubesse, e algo lhe disse que, mesmo se Phil estivesse morrendo, seu pai continuaria ali, socorrendo muitos em vez de um só.

— Não, precisa vir, doutor. O senhor mesmo disse que ela teria um parto difícil — Seria mesmo ela, Scarlett, que estava ali parada dizendo bem alto aquelas coisas horríveis e indelicadas naquele inferno de calor e gemidos? — Ela vai morrer se o senhor não vier!

Ele desvencilhou-se da mão dela rispidamente e falou como se não a tivesse ouvido nem soubesse do que se tratava.

— Morrer? Sim, esses homens todos vão morrer. Não há ataduras nem pomadas nem quinino nem clorofórmio. Ah, meu Deus, quem dera tivéssemos um pouco de morfina! Só umas poucas doses para os piores. Só um pouco de clorofórmio. Malditos sejam os ianques! Malditos sejam os ianques!

— Pro inferno com eles, doutor! — exclamou o homem no chão, os dentes arreganhados por baixo da barba.

Scarlett começou a tremer. Seus olhos ardiam com lágrimas de pavor. O médico não iria com ela. Melanie morreria. E ela havia desejado sua morte. O médico não iria.

— Em nome de Deus, doutor! Por favor!

O dr. Meade mordeu o lábio, cerrando a mandíbula com a expressão novamente impassível.

— Menina, vou tentar. Não prometo, mas vou tentar. Quando acabarmos de atender esses homens. Os ianques vêm chegando, e as tropas estão saindo da cidade. Não sei o que vão fazer com os feridos. Não há mais trens. A linha de Macon foi tomada… Mas vou tentar. Agora, vá indo. Não me aborreça. Fazer um parto não é nenhum bicho de sete cabeças. Basta amarrar o cordão…

Virou-se quando um enfermeiro tocou em seu braço. Começou a disparar instruções para lá e para cá, apontando para os feridos. O homem no chão olhou compadecido para Scarlett, que se afastou, pois o médico a havia esquecido.

Ela foi andando com cuidado por entre os feridos, voltando depressa para a rua Peachtree. O médico não viria. Teria que resolver tudo sozinha. Graças a Deus, Prissy entendia do riscado. Morta de dor de cabeça por causa do calor, Scarlett tinha o corpete encharcado de suor, colado no corpo. Sentia a cabeça vazia e as pernas bambas, como em um pesadelo em que elas não lhe obedeciam quando tentava correr. Pensou na longa caminhada de volta, que parecia interminável.

Então, quando o refrão “Os ianques estão chegando!” recomeçou a martelar em sua cabeça, ela se reanimou. Chegou depressa em Five Points, que agora estava tão cheia de gente que não dava para andar nas calçadas, e ela foi obrigada a ir pelo meio da rua. Passou por longas filas de soldados empoeirados e exaustos. Pareciam ser milhares deles marchando, barbados, sujos, com as espingardas nos ombros. Passou pelos canhões nas carretas puxadas por mulas esqueléticas, fustigadas com tiras de couro pelos condutores. Por vagões do destacamento de provisões com as capotas de lona rasgadas. Pela cavalaria, que parecia interminável, levantando nuvens de pó. Nunca vira tantos soldados antes. Retirada! Retirada! O Exército estava deixando a cidade.

As fileiras apressadas empurraram-na de volta para a calçada apinhada, e ela sentiu o bafo de uísque de milho barato. Perto da rua Decatur, a aparência festiva das mulheres vistosamente vestidas e rostos muito pintados eram uma nota destoante na multidão. Estavam quase todas bêbadas, e os soldados, em cujos braços vinham penduradas, mais bêbados ainda. Viu de relance uma cabeça de cachos ruivos e reconheceu a tal da Belle Watling. Ouviu a gargalhada esganiçada de bêbada que a mulher deu ao se apoiar em um soldado maneta que vinha cambaleando.

Depois de empurrar e acotovelar para avançar uma quadra desde Five Points, a massa de gente se espaçou um pouco e, Scarlett, apanhando as saias, recomeçou a correr. Na altura da Capela Wesley, estava esbaforida, tonta e enjoada. O espartilho parecia lhe cortar as costelas. Deixou-se cair nos degraus da igreja e enterrou a cabeça nas mãos até recobrar um pouco o fôlego. Se pudesse respirar fundo… Se seu coração parasse de dar tantos saltos no peito… Se houvesse a quem recorrer naquele lugar louco!

Ora, nunca em sua vida tivera que cuidar pessoalmente de nada. Sempre havia alguém para fazer coisas por ela, cuidar dela, abrigá-la, protegê-la e mimá-la. Era incrível encontrar-se naquela situação. Sem um amigo, um vizinho para ajudá-la. Sempre houvera amigos, vizinhos, as mãos competentes de escravos dispostos. E agora, naquela hora crucial, não havia ninguém. Era incrível que pudesse estar tão completamente só, tão assustada e tão longe de casa.

Tara! Se ao menos ela estivesse em Tara, com ou sem ianques. Mesmo com Ellen doente. Desejava ver o rosto doce de Ellen, os braços fortes de Mammy a envolvê-la.

Tonta, pôs-se de pé e recomeçou a andar. Quando avistou a casa, reparou que Wade se balançava no portão. Ao vê-la, ele franziu o rosto e começou a chorar, mostrando-lhe um dedo sujo e machucado.

— Dói! — soluçou ele. — Dói!

— Sshh! Sshh! Sshh! Senão apanha. Vá brincar de fazer bolos de lama lá atrás no quintal e não saia de lá.

— Wade com fome — soluçou, colocando o dedo na boca.

— Não quero saber. Vá lá para o quintal e…

Olhou para cima e viu Prissy debruçada à janela do andar de cima, com medo e preocupação estampados na face. Mas bastou avistar sua senhora para, aliviada, descontrair a fisionomia. Scarlett fez sinal para que ela descesse e entrou em casa. Como estava fresco no saguão. Desamarrou o chapéu e jogou-o na mesa, passando o braço pela testa molhada. Notou a porta do quarto entreabrir-se lá em cima, e um gemido surdo, arrancado das profundezas da agonia, chegou-lhe aos ouvidos. Prissy precipitou-se escada abaixo, pulando de três em três degraus.

— U dotô vem?

— Não. Não pode vir.

— Nossa, sinhá Scarlett! A sinhá Melly tá munto mal.

— O doutor não pode vir. Ninguém pode vir. Você tem que fazer o parto e eu ajudo.

Prissy, boquiaberta, não conseguia articular nenhuma palavra. Olhava para Scarlett de esguelha, arrastando os pés e se contorcendo toda.

— Não faça essa expressão de boba! — gritou Scarlett, furiosa com a expressão apalermada da menina. — Qual é o problema?

Prissy foi recuando devagarinho degraus acima.

— Pur Deus, sinhá Scarlett… — Ela revirava os olhos, apavorada e envergonhada.

— O que foi?

— Pur Deus, sinhá Scarlett! Nós tem qui arranjá um dotô. Eu num sei cumé qui si faz um parto. A mamãe nunca mi dexava chegá perto das muié qui tava parino.

Horrorizada, Scarlett ficou sem ar antes de ser dominada pela raiva. Prissy tentou fugir, mas Scarlett agarrou-a.

— Sua preta mentirosa… o que quer dizer? Andou garantindo que entendia tudo de partos. Qual é a verdade? Diga! — Sacudiu-a até fazer aquela cabeça encarapinhada balançar como a de um bêbado.

— Eu tava mintino, sinhá Scarlett! Num sei cumé qu’eu fui dizê essa mintira. Só vi as criança já nascida, i a mamãe num deixava eu entrá pra vê us parto.

Scarlett fuzilou-a com os olhos, e a infeliz recuou, tentando se soltar. No primeiro momento, recusou-se a aceitar a verdade, mas, quando se deu conta de

que Prissy não entendia mais do que ela do trabalho de parteira, perdeu a cabeça de raiva. Ela, que nunca havia batido em um escravo na vida, esbofeteou a negrinha com toda a força do braço cansado. Prissy gritou a plenos pulmões, mais de medo que de dor, e começou a saracotear para se desvencilhar da senhora.

Enquanto gritava, os gemidos do segundo andar cessaram, e logo depois a voz de Melanie, fraca e trêmula, chamou:

— Scarlett? É você? Venha! Venha, por favor!

Scarlett largou o braço de Prissy, que se deixou cair choramingando nos degraus da escada. Ficou imóvel por um instante, ouvindo os gemidos que haviam recomeçado. Sentiu como se lhe descesse uma canga pesada sobre o pescoço, um fardo cuja carga ela avaliaria assim que se movesse.

Tentou pensar em tudo o que Mammy e Ellen haviam feito com ela quando Wade nasceu, mas o conveniente esquecimento das dores do parto obscurecera quase todas as suas lembranças. Lembrou-se de alguns procedimentos e, em um tom autoritário, apressou-se a dar ordens a Prissy.

— Acenda o fogão e ponha água para ferver na chaleira. Traga todas as toalhas que encontrar e o rolo de barbante. E uma tesoura. Não venha me dizer que não consegue encontrar. Vá buscar tudo isso agora mesmo. E vá depressa.

Puxou Prissy para colocá-la em pé e, com um safanão, mandou-a para a cozinha. Depois, respirou fundo e subiu as escadas. Ia ser difícil dizer a Melanie que ela e Prissy fariam o parto.

Capítulo 22

Nunca mais haveria uma tarde tão longa como aquela. Nem tão quente. Nem tão infestada de moscas preguiçosas e agressivas. Voavam para cima de Melanie, apesar do leque que Scarlett não parava de agitar. Já tinha os braços doendo, mas todos os seus esforços pareciam inúteis, pois tão logo as enxotava do rosto suado de Melanie elas iam lhe pousar nos pés e nas pernas, levando-a a movimentá-los sem ânimo, pedindo:

— Por favor! Nos meus pés!

O quarto estava na penumbra, pois Scarlett baixara as venezianas para diminuir a claridade e o calor. O sol entrava apenas pelos furinhos que havia nas ripas e pelas frestas laterais. Parecia um forno lá dentro, e as roupas encharcadas de suor de Scarlett, em vez de secarem, ficavam cada vez mais molhadas e pegajosas. Prissy, agachada em um canto, também transpirava, exalando um cheiro tão insuportável que Scarlett a teria expulsado dali se não temesse que ela fugisse ao se ver longe de seus olhos. Melanie, deitada sobre um lençol empapado de suor e com a água que Scarlett derramara sobre seu corpo empoçada em vários pontos, não parava de se virar de um lado para o outro.

Às vezes, tentava sentar-se na cama, mas caía para trás e recomeçava a se revirar. Inicialmente, procurara não chorar, mordendo os lábios até deixá-los em carne viva, e Scarlett, cujos nervos estavam à flor da pele, disse-lhe asperamente:

— Melly, pelo amor de Deus, não tente ser corajosa. Pode gritar se quiser. Não tem ninguém para ouvi-la aqui além de nós.

Quereno ou não ser corajosa, conforme a tarde avançou Melanie começou a gemer e, às vezes, gritar. Então, Scarlett tapava os ouvidos e apertava a cabeça com as mãos, querendo morrer. Qualquer coisa era preferível a assistir de mãos atadas a tanto sofrimento. Qualquer coisa era melhor do que estar presa ali

esperando o nascimento de uma criança que demorava tanto a vir à luz. Esperando quando, ao que sabia, os ianques já estavam de fato em Five Points.

Desejou ardentemente ter prestado mais atenção às conversas em tom confidencial das senhoras casadas sobre partos. Ah, se tivesse prestado! Se tivesse se interessado mais por aqueles assuntos, saberia se o parto de Melanie estava demorando muito ou não. Lembrava-se vagamente da história de tia Pitty sobre uma amiga que tinha passado dois dias em trabalho de parto e morreu sem ter a criança. E se Melanie passasse dois dias assim?! Mas Melanie era muito delicada. Não suportaria dois dias com aquelas dores. Morreria se o bebê não nascesse logo. E como diria a Ashley, se ele ainda estivesse vivo, que Melanie tinha morrido… depois da promessa que lhe fizera de cuidar dela?

Inicialmente, Melanie queria segurar a mão de Scarlett quando a dor era muito forte, mas apertava-a com tanta força que quase lhe quebrava os ossos. Depois de uma hora, Scarlett tinha as mãos tão inchadas e machucadas que mal conseguia flexioná-las. Prendeu no pé da cama duas toalhas que amarrara com um nó, colocando a parte do nó nas mãos de Melanie, que segurou como se fosse um cabo de salvação, tensionando-a, afrouxando-a, puxando-a com violência. Passou a tarde inteira gemendo como um bicho que agonizava em uma armadilha. De vez em quando, largava a toalha e esfregava as mãos, sem forças, olhando para Scarlett com os olhos arregalados de dor.

— Fale comigo. Por favor, fale comigo — murmurava, e Scarlett balbuciava alguma coisa até ela tornar a agarrar o nó e recomeçar a se contorcer.

O tempo se arrastava de tal maneira naquele quarto escuro e quente, cheio de sofrimento e moscas zumbindo, que Scarlett mal se lembrava do que acontecera de manhã. Era como se tivesse passado a vida inteira naquele lugar sombrio e abafado. Tinha vontade de gritar cada vez que Melanie o fazia, e só mordendo os lábios com força conseguia conter-se e afastar a histeria.

Uma hora Wade subiu as escadas na ponta dos pés e veio gemer em frente à porta fechada.

— Wade com fome!

Scarlett fez menção de ir acudi-lo, mas Melanie murmurou:

— Não me deixe. Por favor. Quando você está aqui, eu aguento.

Então Scarlett mandou Prissy descer para esquentar o mingau do desjejum e dar ao menino. Quanto a ela, achava que nunca mais conseguiria voltar a comer depois daquela tarde.

O relógio sobre o console da lareira parara, e ela não tinha como saber as horas, mas, como estava mais fresco dentro do quarto e os pontos luminosos perdiam o brilho, abriu as venezianas. Viu com surpresa que já era de tardinha, e o sol, uma bola vermelha, caía no horizonte. Ela imaginara que o calor do meio-dia nunca mais acabaria.

Estava curiosíssima para saber o que acontecia na cidade. As tropas todas já teriam sido evacuadas? Os ianques já teriam chegado? Os confederados iriam se retirar sem nenhuma resistência? Então se lembrou, com um frio na barriga, da superioridade numérica das bem-alimentadas tropas de Sherman. Sherman! O nome de Satanás não a apavorava tanto. Mas não tinha tempo para pensar agora. Melanie pedia água, uma toalha fresca na cabeça, queria ser abanada, ter as moscas enxotadas do rosto.

Quando anoiteceu, e Prissy, ligeira qual uma assombração negra, acendeu um lampião, Melanie ficou mais fraca. Começou a chamar com insistência por Ashley, como se delirasse, até Scarlett ter ímpetos de abafar com um travesseiro sua voz terrivelmente monótona. Talvez o médico viesse, afinal. Se ao menos viesse logo! Com um fio de esperança, mandou que Prissy fosse correndo à casa dos Meade ver se ele ou a sra. Meade estava lá.

— Se ele não estiver, pergunte à sra. Meade ou a Cookie o que fazer. Implore para que venham!

Prissy saiu ruidosamente. Scarlett viu aquela menina imprestável correr pela rua em uma velocidade da qual nunca a julgara capaz. Depois de um bom tempo voltou, sozinha.

— U dotô tá u dia todo fora di casa. Deve di tê ido imbora c’os sordado. Sinhá Scarlett, u sinhô Phil morreu.

— Morreu?

— Sim, sinhá — disse Prissy, inchando de importância. — U Talbot, u cochero deles, mi disse. Levô um tiro…

— Deixe isso para lá.

— Num vi a sinhá Meade. A Cookie falô qu’ela tava lavano u garoto i arrumano pra interrá ele antes dus ianque chegá. Falô qui si a dor piorá muito é prá botá uma faca imbaixo da cama da sinhá Melly qui corta a dor im dois.

Scarlett teve ímpetos de esbofeteá-la de novo pela informação tão útil, mas conteve-se quando Melanie murmurou, arregalando os olhos:

— Querida… os ianques estão chegando?

— Não — disse Scarlett com firmeza. — Prissy é uma mentirosa.

— Sim, sinhá. Sô mesmo — confirmou Prissy com ardor.

— Estão chegando — murmurou Melanie, sem se deixar enganar, e escondendo o rosto no travesseiro. Sua voz saiu abafada. — Coitadinho do meu filho. Coitadinho do meu filho. — E, depois de um longo intervalo: — Ah, Scarlett, você não deve ficar aqui. Tem que ir embora e levar Wade.

O que Melanie dizia não era mais do que o pensamento de Scarlett, mas ouvi-lo expresso em palavras a deixou furiosa, além de tão envergonhada como se tivesse a covardia estampada no rosto.

— Não seja boba. Eu não tenho medo. Você sabe que não vou deixá-la.

— Bem que podia. Eu vou morrer. — E recomeçou a gemer.

Scarlett desceu as escadas devagar no escuro, como uma velha, tateando, segurando-se aos balaústres para não cair. Tinha as pernas pesadas como chumbo, trêmulas de cansaço e tensão, e o corpo pegajoso, suando frio. Esgotada, encaminhou-se para a varanda e deixou-se cair no primeiro degrau. Encostou-se em uma coluna e, com as mãos trêmulas, desabotoou o corpete até quase a cintura. A noite estava quente, e ela se deixou ficar ali, olhando para a escuridão, aparvalhada.

Tudo terminara. Melanie não tinha morrido e o menino, miando como um gatinho, tomava o primeiro banho, dado por Prissy. Melanie adormecera. Como podia dormir depois daquele pesadelo de dores lancinantes e daquele atendimento incompetente que mais agravara do que aliviara o sofrimento? Scarlett sabia que teria morrido se tivesse recebido aquele tratamento. Mas, quando tudo havia terminado, Melanie até murmurara, tão baixinho que ela precisou se abaixar para ouvir: “Obrigada.” Depois, adormecera. Como podia dormir? Scarlett havia se esquecido de que também adormecera logo depois de

ter dado à luz Wade. Não se lembrava de nada. Tinha a cabeça totalmente vazia. O mundo estava vazio. Não existira vida antes daquele dia interminável, nem existiria depois — tudo que existia era uma noite abafada, o som de sua respiração cansada, o suor lhe escorrendo das axilas para a cintura, e dos quadris até os joelhos, pegajoso, gelado.

Ouviu a própria respiração regular se transformar em soluços espasmódicos, mas seus olhos estavam secos e ardiam como se nunca mais fossem produzir lágrimas. Lentamente, com grande esforço, endireitou-se e puxou as saias pesadas até as coxas. Tinha calor e frio e sentia-se pegajosa, tudo ao mesmo tempo, e a sensação do ar em suas pernas era refrescante. Pensou no que tia Pitty diria se a visse ali esparramada na varanda com as saias levantadas e os calções à mostra, mas não ligou. Não ligava para mais nada. O tempo parara. A noite podia estar caindo ou terminando. Não sabia, e era-lhe indiferente.

Ela ouviu um rumor de passos no andar de cima e pensou: *Maldita seja Prissy*, antes de fechar os olhos e ser dominada por uma espécie de sonolência. Depois de um intervalo indeterminado, escutou Prissy tagarelando ao seu lado, toda satisfeita.

— Nós fez tudo direitinho, sinhá Scarlett. Acho qui a mamãe num fazia mió.

No escuro, Scarlett fuzilou-a com os olhos, cansada demais para criticá-la, repreendê-la ou enumerar seus erros — gabar-se de uma experiência que não tinha, o medo que demonstrara, a inépcia, a ineficiência em uma emergência tão grave, colocando a tesoura onde não devia, derramando a bacia de água na cama, deixando o recém-nascido cair. E agora vinha gabar-se de sua capacidade…

E os ianques queriam libertar os escravos! Bem, que ficassem à vontade!

Continuou recostada na coluna em silêncio, e Prissy, percebendo seu estado de espírito, tratou de sair de fininho dali. Depois de um longo intervalo em que finalmente acalmou a respiração e pôs as ideias em ordem, Scarlett ouviu o rumor distante de vozes e passos na estrada, vindo do norte. Soldados! Sentou-se direito, abaixando as saias, embora soubesse que ninguém podia vê-la naquela escuridão. Quando passaram pela casa, em número indeterminado, como sombras, ela os chamou.

— Ah, por favor!

Uma sombra se separou do grupo e foi até o portão.

— Estão indo embora? Estão nos deixando?

A sombra pareceu tirar o chapéu, e uma voz calma falou na noite.

— Sim, senhora. É o que estamos fazendo. Somos os últimos homens das trincheiras, mais ou menos a 1,5 quilômetro daqui.

— Estão… o Exército está mesmo recuando?

— Está, sim, senhora. Os ianques estão chegando mesmo.

Os ianques estão chegando! Já tinha se esquecido disso. De repente sua garganta se fechou e ela não conseguiu dizer mais nada. A sombra se afastou, juntando-se às outras, e os passos prosseguiram noite adentro. “Os ianques estão chegando! Os ianques estão chegando!”, era o que dizia o ritmo daqueles passos, o que seu coração, subitamente aos pulos, repetia com cada batida. Os ianques vêm chegando.

— Us ianque tá chegano! — gritou Prissy, encolhendo-se perto dela. — Ah, sinhá Scarlett, eles vai matá nós! Vai furá nossa barriga cum aquelas baioneta! Vai…

— Ah, cale-se!

Pensar naquelas coisas terríveis já era bastante assustador. Não era preciso ouvi-las expressas em palavras trêmulas. Uma nova onda de pavor invadiu-a. O que podia fazer? Como podia fugir? A quem pediria ajuda? Todos os amigos haviam falhado.

De repente pensou em Rhett Butler e acalmou-se. Por que não pensara nele naquela manhã, em vez de andar pela cidade como uma barata tonta? Ela o odiava, mas ele era forte e inteligente, e não tinha medo dos ianques. E ainda estava na cidade. Claro, estava possessa com ele, pelas coisas imperdoáveis que lhe dissera na última vez em que o vira. Mas podia passar por cima disso em uma hora daquelas. Além do mais, ele tinha uma charrete e um cavalo. Ah, por que não pensara nele antes?! Ele poderia levá-las para longe daquele lugar condenado, para longe dos ianques, para algum lugar, qualquer um.

Virou-se para Prissy e falou-lhe com uma urgência febril.

— Sabe onde o capitão Butler mora… no Hotel Atlanta?

— Sim, sinhá, mas…

— Bem, vá até lá correndo, o mais depressa que puder, e diga a ele que o estou chamando. Quero que ele venha depressa, e traga a charrete dele ou uma

ambulância, se conseguir alguma. Conte a ele do bebê. Diga que quero que nos tire daqui. Vá logo. Corra!

Sentou-se direito e empurrou Prissy para acelerá-la.

— Meu Deus, sinhá Scarlett! Tenho medo di andá nu iscuro sozinha. I si us ianque mi pega?

— Se correr, você alcança aqueles soldados, e eles não deixam os ianques pegarem você. Corra!

— Tô cum medo! I si u capitão Butler num tivé nu hotel?

— Então pergunte onde ele está. Você não tem iniciativa? Se ele não estiver no hotel, procure por ele nos bares da rua Decatur. Vá à casa de Belle Watling. Cate-o. Sua tonta, não vê que, se não se apressar, os ianques vão pegar a nós todas?

— Sinhá Scarlett, a mamãe vai sentá u sarrafo ni mim si eu entrá num bar ô numa casa di vadia.

Scarlett se levantou.

— Bem, eu é que vou lhe sentar o sarrafo se você não for. Você pode chamá-lo gritando da rua, não pode? Ou perguntar a alguém se ele está lá dentro. Vá logo.

Quando Prissy continuou remanchando, arrastando os pés e fazendo caretas, Scarlett deu-lhe um empurrão que quase a derrubou de ponta-cabeça nos degraus da frente.

— Você vai, ou vendo você lá para baixo no rio. Você nunca mais vai ver sua mãe nem ninguém que conheça. Vendo você para trabalhar no campo. Vá logo!

— Meu Deus, sinhá Scarlett…

Mas, à pressão decidida da mão de sua senhora, ela foi descendo os degraus. Quando o portão abriu, Scarlett gritou:

— Corra, sua pateta!

Ouviu o barulho dos passos de Prissy se acelerando, e em seguida o som se perdeu na terra fofa.

Capítulo 23

Depois que Prissy saiu, Scarlett foi se arrastando acender um lampião no hall. A casa parecia um forno, como se as paredes tivessem conservado o calor do meio-dia. Sua prostração começava a se dissipar, e seu estômago pedia comida. Lembrando que não havia comido nada desde a colherada de mingau da última noite, pegou o lampião e entrou na cozinha, onde fazia um calor insuportável, mesmo com o fogão apagado. Encontrou meio pão de milho duro na frigideira e, cheia de fome, pôs-se a roê-lo enquanto procurava outra coisa para comer. Em uma panela, havia um resto de mingau, que ela começou a comer com a colher de pau, direto da panela, sem esperar para pô-lo em um prato. Estava totalmente sem sal, mas sua fome era tanta que comeu assim mesmo. Depois de quatro colheradas, sentiu tanto calor ali dentro que foi para o saguão levando o lampião em uma das mãos e um pedaço de pão na outra.

Sabia que devia subir para ficar ao lado de Melanie. Se algo desse errado, Melanie não teria forças para chamá-la. Mas não lhe agradava a ideia de voltar àquele quarto, onde passara tantas horas de pesadelo. Mesmo se Melanie estivesse morrendo, não tinha condições de voltar lá. Nunca mais queria pôr os pés ali. Pousou o lampião na peanha ao lado da janela e voltou à varanda, muito mais fresca, apesar da noite abafada. Sentou-se nos degraus, sob o círculo de luz formado pelo lampião, e continuou roendo o pão de milho.

Ao terminá-lo, sentiu lhe voltar um pouco de força, o que trouxe também a sensação de medo. Ouvia um rumor mais adiante na rua, mas não sabia o que poderia ser. Não distinguia nada a não ser um barulho que aumentava e diminuía de volume. Ao esticar-se, tentando identificar o som, sentiu os músculos lhe doerem com a tensão. O que mais queria no mundo era ouvir o som de cascos de cavalo e ver os olhos despreocupados e seguros de Rhett zombando de seus medos. Rhett as levaria para algum lugar. Não sabia aonde. Nem se importava em saber.

Enquanto apurava os ouvidos na direção da cidade, viu um leve clarão acima das árvores. Ficou intrigada. Observou e notou que ficava mais forte. O céu tingiu-se de rosa e depois de vermelho. De repente, acima das árvores, uma enorme língua de fogo ergueu-se para o céu. Scarlett levantou-se de um pulo, com o coração outra vez disparado.

Os ianques tinham chegado! Sabia que tinham chegado, e estavam incendiando a cidade. As chamas pareciam estar a leste do centro. Eram cada vez mais altas, alastrando-se rapidamente para formar uma cortina vermelha diante de seus olhos apavorados. Um quarteirão inteiro devia estar ardendo. Uma brisa quente trazia o cheiro da fumaça.

Subiu correndo para ver melhor da janela do seu quarto. No céu de cor sinistra, subiam grossos rolos de fumaça negra até bem acima das chamas. O cheiro de fumaça estava mais forte. Ela procurava atabalhoadamente calcular quanto tempo levaria para o fogo se alastrar pela rua Peachtree e destruir aquela casa, quanto tempo para os ianques chegarem até ela, para onde correria, o que faria. Parecia que todos os demônios do inferno lhe gritavam no ouvido. Estava tão confusa, tão atordoada, que se agarrou ao parapeito para não cair.

— Preciso pensar — repetia a si mesma. — Preciso pensar.

Mas os pensamentos fugiam, entrando e saindo de sua mente como beija-flores assustados. Enquanto estava apoiada ali, ouviu uma explosão mais ensurdecedora que qualquer canhoneio. Uma labareda gigantesca rasgou o céu. Seguiram-se outras explosões. A terra tremeu, espatifando as vidraças, que despencaram ao seu redor.

O mundo se transformara em um inferno de estrondos e labaredas, em que a terra tremia com as sucessivas explosões ensurdecedoras. Jatos de fagulhas subiam alto para cair preguiçosamente por entre nuvens de fumaça cor de sangue. Julgou ouvir uma voz fraca chamando do quarto ao lado, mas não lhe deu atenção. Agora não tinha tempo para Melanie. Nem para coisa alguma a não ser o medo que circulava em suas veias com a rapidez das chamas que via. Sentia-se uma criança alucinada de pavor e queria esconder a cabeça no colo da mãe para não ver aquele espetáculo. Se ao menos estivesse em Tara! Em Tara com a mãe.

No meio daqueles estrondos enlouquecedores, ouviu o barulho de passos acelerados pelo medo subindo as escadas de três em três degraus, e uma voz ganindo como um cão perdido. Prissy irrompeu quarto adentro, indo agarrar-se ao seu braço com tanta força que parecia lhe arrancar pedaços de carne.

— Os ianques — exclamou Scarlett.

— Não, é us nossos cavalero! — berrou Prissy, ofegante, enterrando mais fundo as unhas nos braços de Scarlett. — Eles tá tocano fogo na fundição i nus armazém todo du exército. Já ixplodiro setenta carro di bala di canhão i di pórvra. Vixe Maria, nós tudo vai morrê quemado.

E recomeçou a uivar, aferrando-se a Scarlett com tanta força que a levou a gritar de dor e de raiva ao desvencilhar-se de sua mão.

Os ianques ainda não tinham chegado! Ainda dava tempo de fugir! Scarlett reuniu todas as suas forças.

Se eu não me controlar, pensou, *vou ficar gritando feito um gato escaldado!* Ver o terror abjeto que se apossara de Prissy ajudou-a a se equilibrar. Segurou a menina pelos ombros e sacudiu-a.

— Pare com essa gritaria e fale direito. Os ianques ainda não chegaram, sua idiota! Você viu o capitão Butler? O que ele disse? Ele vem?

Prissy parara de gritar, mas batia queixo.

— Sim, sinhá. Acabei achano ele. Num bar, como a sinhá mi disse. Ele…

— Não quero saber onde o encontrou. Ele vem? Você disse para ele trazer o cavalo?

— Vixe, sinhá Scarlett, ele disse qui us nossos home pegaro u cavalo i a charrete dele pra servi di ambulança.

— Ah, meu Deus do Céu!

— Mas ele vem…

— O que ele disse?

Prissy recobrara o fôlego e um pouquinho de controle, mas ainda revirava os olhos.

— Bom, como a sinhazinha falô, incontrei ele num bar. Gritei pra ele da rua, i ele saiu i mi viu logo i aí eu fui contano a ele qui us sordado tinha tocado fogo num armazém lá na rua Decatur i aí ele falô “Vamo” i agarrô ni mim i nós corremo pra Five Points i aí ele falô: “I agora? Fala dipressa!” Aí eu falei u qui a

sinhazinha falô: “Capitão Butler, vem logo i traz u cavalo i a charrete. A sinhá Melly teve um fio i a sinhazinha tá loca pra saí da cidade.” I ele falô: “Aonde ela tá pensano im i?” Aí eu falei: “Num sei, mas u sinhô tem qui i antes dos ianque chegá i tem qui vim cum eu.” Aí ele riu i falô qui pegaro o cavalo dele.

Scarlett ficou arrasada ao perder a última esperança. Era uma idiota. Por que não pensara que o Exército em retirada não levaria junto todos os veículos e animais que restassem na cidade? Por um momento, ficou tão atordoada que não ouvia o que Prissy dizia, mas controlou-se para escutar o resto da história.

— Aí ele falô: “Diz pra sinhá Scarlett ficá sussegada. Vô robá pra ela um cavalo du Exército si ainda tivé sobrado argum.” Aí falô: “Já robei cavalo antes. Diz pra ela qui arranjo um cavalo pra ela mermo s’eles atirá ni mim.” Aí ele riu di novo i falô: “Corre pra casa.” Mas antis d’eu corrê, tumba! Otro baruio, i aí eu parei, i ele mi disse qui só era a munição dos homi explodino prus ianque num pegá ela i…

— Ele vem? Vai trazer um cavalo?

— Diz que vai.

Ela deu um suspiro de alívio. Se houvesse algum jeito de arranjar um cavalo, Rhett arranjaria. Era um homem esperto. Ela lhe perdoaria tudo se ele as tirasse daquela confusão. Fugir! E com Rhett, não teria medo. Rhett iria protegê-las. Agradecia a Deus por Rhett! Com a segurança em vista, ficou pragmática.

— Acorde Wade, vista-o e junte umas roupas para levarmos. Bote tudo num baú pequeno. E não diga a sra. Melly que estamos indo. Por enquanto. Mas enrole o bebê numas toalhas grossas e não deixe de levar as roupinhas dele.

Prissy continuava agarrada às suas saias, com os olhos revirados. Scarlett deu-lhe um safanão para que a largasse.

— Depressa — gritou, e Prissy saiu correndo como um coelho.

Scarlett sabia que devia ir ao quarto de Melanie acalmá-la. Sabia que Melanie devia estar morta de medo por causa daqueles estrondos que não cessavam e do clarão que iluminava o céu. Parecia o fim do mundo.

Mas ainda não conseguia entrar ali. Desceu as escadas correndo, com a ideia de embalar a louça da srta. Pittypat e os poucos objetos de prata que ela deixara quando fugira para Macon. Mas, ao chegar à sala de jantar, tinha as mãos tão trêmulas que deixou cair três pratos que se espatifaram no chão. Correu até a

varanda para ouvir e voltou à sala de jantar para pegar a prataria, que também deixou cair no chão com estardalhaço. Tudo que pegava lhe caía das mãos. Na correria, caiu ao escorregar no tapete de trapos, mas levantou-se tão depressa que nem deu tempo de sentir dor. O barulho que Prissy fazia, galopando como um animal selvagem no andar de cima, irritou-a, pois era um galope igualmente sem propósito.

Pela décima segunda vez, correu até a varanda, mas não retomou seu trabalho inútil de empacotamento. Sentou-se. Era impossível empacotar qualquer coisa. Impossível fazer o que quer que fosse senão ficar ali sentada com o coração aos pulos esperando por Rhett. Horas pareceram se passar, e ele não chegava. Afinal, ouviu ao longe o ranger de rodas por lubrificar e os passos lentos e inseguros de um cavalo. Por que ele não se apressava? Por que não fazia o cavalo trotar?

Os ruídos se aproximaram. Ela levantou-se de um pulo, chamando o nome de Rhett. Então, reconheceu-o como o vulto que apeava de uma pequena carroça, ouviu o portão bater e os passos vindo em sua direção. Viu-o nitidamente à luz do lampião. Vinha tão bem-vestido como se estivesse indo para um baile. Calça e paletó de linho branco bem-cortados, colete de seda cinza bordado e camisa com um pequeno jabô. Tinha na cabeça o chapéu-panamá de abas largas colocado elegantemente de banda; enfiadas no cinto das calças, duas pistolas de cano longo para duelo, com a coronha de marfim; nos bolsos estufados do paletó, uma carga pesada de munição.

Veio chegando com o passo ágil de um selvagem, mantendo a cabeça erguida como se fosse um príncipe pagão. Os perigos daquela noite que tinham deixado Scarlett em pânico agiram sobre ele como um tóxico. Havia uma agressividade cuidadosamente contida em seu rosto moreno que a assustaria se ela estivesse em condições de vê-la.

Seus olhos negros dançavam, parecendo achar graça naquilo tudo, como se os estrondos que rachavam a terra e o clarão medonho fossem meramente coisas para assustar as crianças. Lívida, com os olhos verdes ardendo, ela correu ao seu encontro enquanto ele subia os degraus.

— Boa noite — disse ele naquela voz arrastada, ao tirar o chapéu com um gesto largo. — Que tempo bom estamos tendo. Ouvi dizer que vai viajar.

— Se começar a fazer piadas, nunca mais falo com você — respondeu ela com a voz trêmula.

— Não me diga que está assustada! — Ele fingiu surpresa e sorriu de um jeito que lhe deu vontade de empurrá-lo da escada.

— Estou, sim! Estou morta de medo, e se você tivesse o juízo que Deus deu a um bode também estaria assustado. Mas não temos tempo para conversar. Precisamos sair daqui.

— Às suas ordens, minha senhora. Mas aonde está imaginando ir? Fiz a viagem para cá por curiosidade, só para ver aonde você pretendia ir. Não dá para ir nem para norte nem para leste nem para sul nem para oeste. Os ianques estão por todo lado. Só tem uma estrada que eles ainda não tomaram, e é por ela que o Exército está batendo em retirada. Não vai ficar aberta por muito tempo. A cavalaria do general Lee está combatendo em Rough and Ready para proteger a retaguarda do Exército na retirada. Se seguirmos o Exército na estrada McDonough, eles tomam o nosso cavalo, que, embora não seja lá essas coisas, me deu muito trabalho para roubar. Para onde quer ir?

Ela tremia, ouvindo suas palavras, sem escutá-las direito. Mas, quando ele fez essa pergunta, Scarlett imediatamente soube aonde ia, e viu que passara todo aquele dia trágico sabendo. O único lugar.

— Vou para casa — disse.

— Para casa? Quer dizer, para Tara?

— Sim, sim! Para Tara! Ah, Rhett, temos que correr!

Ele olhou-a como se ela tivesse perdido o juízo.

— Tara? Meu Deus, Scarlett! Não sabe que passaram o dia inteiro lutando em Jonesboro? Que lutaram ao longo de 16 quilômetros nos dois sentidos da estrada de Rough and Ready, e até nas ruas de Jonesboro? Os ianques podem estar em Tara, podem estar no condado todo. Não se sabe exatamente onde, mas estão para aqueles lados. Você não pode ir para casa! Não pode atravessar o exército ianque!

— Eu vou para casa! — exclamou ela. — Eu vou! Vou, sim!

— Sua tolinha — falou depressa, em tom severo. — Não pode ir para aquele lado. Mesmo se não encontrar os ianques, as matas estão cheias de retardatários e desertores dos dois exércitos. E muitas das nossas tropas ainda estão se

retirando de Jonesboro. Tomariam logo o seu cavalo, do mesmo jeito que os ianques. Sua única chance é ir atrás das tropas pela estrada McDonough e rezar para que não a vejam no escuro. Você não pode ir para Tara. Mesmo se conseguisse chegar lá, com certeza ia encontrar tudo incendiado. Não vou deixá-la ir. É loucura.

— Eu vou para casa! — insistiu ela, aos gritos. — Vou! Você não pode me impedir! Eu vou! Quero a minha mãe! Eu o mato se tentar me impedir! Vou para casa.

Lágrimas de medo e histeria começaram a lhe escorrer pelo rosto quando ela finalmente cedeu à longa tensão. Esmurrou o peito dele, gritando novamente:

— Eu vou! Eu vou! Nem que seja a pé!

De repente, estava nos braços dele, o rosto molhado colado no jabô engomado de sua camisa, as mãos aquietadas em seu peito, enquanto ele lhe acariciava os cabelos desgrenhados com carinho e falava também em tom carinhoso. Tão carinhoso, tão meigo, tão desprovido de zombaria que não parecia Rhett Butler falando, mas sim um estranho bondoso e forte recendendo a álcool, a fumo e a cavalos, cheiros reconfortantes, pois lhe lembravam Gerald.

— Pronto, pronto, querida — disse ele baixinho. — Não chore. Você vai para casa, minha menininha corajosa. Você vai para casa. Não chore.

Ela sentiu alguma coisa passar por seus cabelos e se perguntou vagamente naquela sua confusão mental se seriam os lábios dele. Ele era tão terno, tão tranquilizador, que ela desejou ficar abraçada a ele para sempre. Envolvida por aqueles braços fortes, com certeza estaria protegida de qualquer coisa.

Rhett sacou um lenço do bolso e enxugou-lhe os olhos.

— Agora, assoe o nariz como uma boa menina — ordenou ele, com um olhar sorridente —, e me diga o que fazer. Temos que agir depressa.

Ela assoou o nariz obedientemente, ainda trêmula, mas não conseguiu atinar o que lhe pedir. Vendo como os lábios dela tremiam e seus olhos o fitavam com uma expressão de desamparo, Rhett assumiu a direção.

— A sra. Wilkes já teve o bebê? Vai ser perigoso transportá-la… perigoso levá-la por quarenta quilômetros naquela carroça precária. É melhor deixá-la com a sra. Meade.

— Os Meades não estão em casa. Não posso deixá-la.

— Muito bem. Ela vai na carroça. Onde está aquela criadinha estúpida?

— Está lá em cima arrumando o baú.

— Baú? Você não pode levar baú nenhum naquela carroça. É tão pequena que quase não dá para vocês todas, e está com as rodas quase caindo. Chame-a e mande-a botar na carroça o menor colchão de penas que ela encontrar na casa.

Scarlett ainda não conseguia se mexer. Ele segurou seu braço com força e pareceu transmitir-lhe um pouco da vitalidade que o animava. Se ao menos conseguisse ser tão fria e descontraída como ele! Rhett a empurrou para o saguão, mas ela continuou parada, olhando desarvorada para ele, que perguntou com um esgar zombeteiro:

— Será possível que essa é a mesma moça heroica que me garantiu não temer nem a Deus nem aos homens?

Com uma gargalhada, ele soltou-lhe o braço. Ofendida, ela fuzilou-o com os olhos, odiando-o.

— Não estou com medo — disse.

— Está, sim. Daqui a pouco vai desmaiar, e eu não tenho sais aromáticos aqui.

Não conseguindo pensar em mais nada para fazer, Scarlett bateu o pé, impotente. Sem dizer palavra, apanhou o lampião e foi subindo as escadas. Rhett ia bem atrás dela, rindo baixinho. O som daquela risada a fez empertigar-se. Entrou no quarto de Wade. Encontrou-o caladinho, tendo um acesso de soluços, meio vestido, no colo de Prissy, que choramingava. O colchão de penas na cama de Wade era pequeno, e Scarlett mandou que a negrinha o levasse para a carroça. Prissy pôs o menino no chão e obedeceu. Wade desceu atrás dela, o interesse nas atividades interrompendo seus soluços.

— Venha — disse Scarlett, voltando-se para a porta de Melanie. Rhett acompanhou-a, chapéu na mão.

Melanie estava deitada com o lençol puxado até o queixo. Tinha o rosto mortalmente pálido, mas os olhos, com olheiras fundas, serenos. A presença de Rhett ali em seu quarto não a surpreendeu. Muito pelo contrário, pareceu-lhe natural. Quis sorrir, mas não teve forças.

— Estamos indo para casa, para Tara — explicou Scarlett rapidamente. — Os ianques estão chegando. Rhett vai nos levar. É o único jeito, Melly.

Melanie tentou debilmente fazer que sim com a cabeça e apontou para o bebê. Scarlett pegou o menino e embrulhou-o às pressas em uma toalha grossa. Rhett aproximou-se da cama.

— Vou tentar não machucá-la — disse calmamente, ajeitando o lençol em volta dela. — Veja se consegue pôr os braços em volta do meu pescoço.

Melanie tentou, mas não tinha forças para sustentá-los. Rhett abaixou-se e, enfiando um braço sob seus ombros e o outro sob seus joelhos, levantou-a com delicadeza. Ela não reclamou, mas Scarlett a viu morder o lábio e empalidecer ainda mais. Trazendo o lampião bem alto para Rhett poder enxergar, Scarlett já se encaminhava para a porta quando Melanie indicou languidamente a parede.

— O que é? — perguntou Rhett, com gentileza.

— Por favor — murmurou Melanie, tentando apontar. — Charles.

Rhett olhou-a como se ela estivesse delirando, mas Scarlett compreendeu e irritou-se. Sabia que Melanie queria o daguerreótipo de Charles, pendurado na parede embaixo da espada e da pistola.

— Por favor — murmurou Melanie de novo —, a espada.

— Ah, está bem — disse Scarlett, que, depois de iluminar o caminho de Rhett na escada, voltou e tirou da parede a espada e o cinturão com as pistolas.

Não daria muito jeito carregar aquelas coisas, mais o bebê e o lampião. Melanie era assim. Não se incomodava de estar quase morrendo nem de ter os ianques no seu encalço, mas se preocupava com as coisas de Charles.

Ao tirar da parede o daguerreótipo, viu o rosto de Charles. Os grandes olhos castanhos dele encontraram os dela, e Scarlett se deteve um instante, olhando o retrato com curiosidade. Aquele homem fora seu marido. Deitara-se ao seu lado algumas noites, dera-lhe um filho com os mesmos olhos meigos e castanhos. E ela mal se lembrava dele.

A criança em seus braços agitou as mãozinhas e arrulhou baixinho. Pela primeira vez, ela se deu conta de que aquele era o filho de Ashley, e desejou com todas as forças que fosse seu filho. Seu e de Ashley.

Prissy tornou a subir as escadas, e Scarlett entregou-lhe a criança. Desceram depressa, o lampião lançando sombras irregulares na parede. No saguão, Scarlett pôs às pressas na cabeça o chapéu que encontrou, tentando amarrar as fitas sob o

queixo. Só que era o chapéu de luto de Melanie e não lhe servia, mas ela não conseguia se lembrar de onde pusera o seu.

Saiu de casa e desceu os degraus da frente carregando o lampião e tentando evitar que a espada lhe batesse nas pernas. Melanie estava deitada na traseira da carroça entre Wade e o bebê embrulhado na toalha. Prissy pulou para dentro e tomou o bebê nos braços.

A carroça era muito pequena e muito rasa. As rodas inclinavam-se para dentro como se fossem se soltar logo de saída. Quando Scarlett viu o cavalo, desanimou. Era um animal pequeno e magro, com a cabeça quase metida entre as pernas, em uma atitude prostrada. Tinha o lombo cheio de feridas provocadas pelos arreios, e a respiração de um animal doente.

— Não é um cavalo dos melhores, é? — riu Rhett. — Parece que vai morrer entre os varais. Mas foi o melhor que consegui arranjar. Um dia eu lhe conto, com floreios, onde e como o roubei, e como escapei por um triz de levar um tiro. Só a minha devoção a você me faria, nesta altura da vida, virar ladrão de cavalo… e de um cavalo desses. Deixe-me ajudá-la a subir.

Ele tomou-lhe o lampião das mãos e pousou-o no chão. O assento dianteiro era apenas uma tábua estreita encaixada nas laterais da carroça. Rhett levantou Scarlett e colocou-a lá dentro. Que maravilha ser homem, e ser forte como Rhett, pensou ela, ajeitando as saias volumosas. Com Rhett a seu lado, não tinha medo de nada, nem do fogo nem do barulho nem dos ianques.

Ele saltou para o lado dela e pegou as rédeas.

— Ah, espere! — gritou ela. — Esqueci de trancar a porta da entrada.

Ele caiu na gargalhada e bateu com as rédeas no lombo do cavalo.

— Está rindo de quê?

— De você… trancando a casa para os ianques não entrarem — disse ele, enquanto o cavalo, relutante, começava a andar devagar.

O lampião continuou aceso no chão, criando um pequeno círculo de luz que foi diminuindo de tamanho à medida que eles se afastavam.

Rhett conduziu o cavalo lerdo para oeste da Peachtree, e a carroça instável deu um solavanco tão forte ao entrar na rua esburacada que arrancou um gemido abafado de Melanie. Árvores escuras entrelaçavam seus ramos no alto. Casas

silenciosas assomavam dos dois lados da rua, e as estacas brancas das cercas produziam o efeito de uma fileira de lápides. A rua estreita era um túnel sombrio, mas o medonho clarão vermelho penetrava entre a folhagem do alto, criando sombras que perseguiam umas às outras no escuro como fantasmas loucos. O cheiro de fumaça ficava cada vez mais forte. O barulho que chegava do centro da cidade nas asas da brisa quente era um pandemônio. Gritos, burburinho de pesadas carroças do Exército, estrépito da marcha dos soldados. Enquanto Rhett virava a cabeça do cavalo com um puxão, guiando-o para outra rua, mais uma explosão ensurdecedora liberou uma monstruosa labareda que subiu qual um foguete em meio à fumaça a oeste.

— Deve ter sido o último trem de munições — disse Rhett, calmo. — Por que esses idiotas não tiraram a composição daqui hoje de manhã? Dava muito tempo. Bem, pior para nós. Imaginei que, contornando o centro da cidade, poderíamos evitar o fogo e a multidão desarvorada da rua Decatur e atravessar para o lado sudoeste sem perigo. Mas temos que atravessar a rua Marietta em algum ponto, e a explosão foi lá, se não estou enganado.

— Nós… nós temos que atravessar o fogo? — perguntou Scarlett com a voz trêmula.

— Não se formos depressa — afirmou Rhett, saltando da carroça e desaparecendo em um quintal escuro.

Voltou trazendo um galho, que sentou sem piedade no lombo ferido do animal. O cavalo entrou em um trote trôpego, com a respiração ofegante, e a carroça deu um solavanco na arrancada que os deixou pulando lá dentro como pipoca na panela. O bebê chorou. Prissy e Wade, machucando-se nas laterais da carroça, gritaram. Mas de Melanie não se ouviu um ai.

Perto da rua Marietta, já não havia tantas árvores, e o clarão das altas labaredas que rugiam acima dos prédios iluminava a rua e as casas com mais intensidade que a luz do dia, lançando sombras monstruosas que se reviravam descontroladamente, como velas de um navio indo a pique em um vendaval.

Scarlett batia queixo, mas seu pavor era tanto que nem se dava conta disso. Tiritava de frio, apesar de sentir no rosto o calor das chamas. O inferno era ali, e era ali que ela estava. Se tivesse conseguido controlar as pernas bambas, teria pulado da carroça e voltado correndo por aquelas mesmas ruas escuras para se

refugiar na casa de tia Pitty. Chegou mais para perto de Rhett e, segurando seu braço com os dedos trêmulos, olhou para ele querendo ouvir palavras de consolo, algo que a tranquilizasse. No clarão diabólico que os envolvia, o perfil dele se destacava como uma cabeça em relevo em uma moeda antiga, belo, cruel e decadente. Ao sentir os dedos de Scarlett, virou-se para ela com um brilho nos olhos mais assustador que o incêndio. Scarlett achou-o alegre e desdenhoso como se estivesse se deleitando com a situação e antegozasse o inferno do qual se aproximavam.

— Olhe — disse ele, pondo a mão em uma das pistolas de cano longo que trazia na cinta. — Se alguém, seja branco ou preto, chegar do seu lado tentando tomar o cavalo, atire. Depois fazemos perguntas. Mas, pelo amor de Deus, na emoção, não vá acertar o pangaré.

— Eu… eu tenho uma pistola — murmurou Scarlett, segurando a arma que tinha no colo, absolutamente convencida de que, se a morte a encarasse de frente, o medo não a deixaria puxar o gatilho.

— Tem mesmo? Onde conseguiu?

— É do Charles.

— Charles?

— Sim, Charles… o meu marido.

— Você já teve mesmo um marido, minha querida? — murmurou ele, rindo baixinho.

Se ao menos ele não fizesse brincadeiras! Se ao menos se apressasse!

— Como acha que arranjei o meu filho? — exclamou, agressiva.

— Ah, há outras maneiras além de um marido…

— Quer calar a boca e ir mais depressa?

Ele puxou as rédeas bruscamente, quase na rua Marietta, diante de um armazém que as chamas ainda não haviam atingido.

— Depressa! — Era a única palavra que tinha na mente. — Depressa! Depressa!

— Soldados — disse ele.

O destacamento descia a rua Marietta entre os edifícios em chamas. Vinham em passo de marcha, exaustos, carregando os rifles de qualquer maneira, cabisbaixos, cansados demais para se apressarem ou se preocuparem com a

possibilidade de caírem madeiras de um lado ou de outro no meio daquela fumaceira em volta deles. Tão maltrapilhos que não se viam insígnias para diferenciar oficiais de soldados a não ser as iniciais C.S.A.[2] pregadas na aba de um ou outro chapéu rasgado. Muitos vinham descalços, alguns com a cabeça ou o braço enrolados em uma atadura suja. Passavam sem olhar para os lados, em um silêncio tão grande que, não fosse pelo barulho regular de seus passos, poderiam ser tomados por fantasmas.

— Olhe bem para eles — dizia a voz sarcástica de Rhett —, para poder contar aos seus netos que viu a retirada da retaguarda da gloriosa Causa.

De repente, ela o odiou tanto que aquele seu medo todo já lhe parecia mesquinho e insignificante. Sabia que a própria segurança e a de seus companheiros de viagem dependiam exclusivamente dele, mas odiou-o por zombar daqueles soldados maltrapilhos. Pensou em Charles, que já morrera, em Ashley, que podia estar morto, e em todos aqueles rapazes alegres e galantes apodrecendo em covas rasas e esqueceu que ela também os julgara loucos. Não conseguiu falar, porém o encarou furiosa, com uma expressão de ódio e asco no olhar.

Quando passavam os últimos soldados, um baixinho que vinha na última fila arrastando o rifle no chão cambaleou e parou. Ficou olhando para os outros com uma expressão tão cansada que parecia um sonâmbulo. Era da altura de Scarlett, e apenas pouco mais alto que o rifle. Seu rosto encardido ainda era imberbe. Teria 16 anos no máximo, conjeturou Scarlett, e devia fazer parte da Guarda Estadual ou ter fugido da escola.

Viu o menino dobrar lentamente os joelhos e cair no chão. Sem dizerem palavra, dois homens da última fila recuaram para socorrê-lo. Um deles, alto e magro, com uma barba que lhe chegava à cintura, passou, em silêncio, ao colega o seu rifle e o do menino. Abaixando-se, colocou-o às costas com tanta facilidade que pareceu um passe de mágica. Retomou lentamente a marcha acompanhando a coluna em retirada, os ombros envergados sob o peso do menino, que, fraco e furioso como uma criança importunada pelos mais velhos, gritava:

— Me ponha no chão, sua peste! Me ponha no chão! Eu posso andar!

O homem barbado não disse nada e desapareceu com sua carga ao dobrar a esquina.

Rhett, imóvel, as rédeas frouxas nas mãos, curioso e mal-humorado, acompanhava-os com o olhar. Madeiras despencaram com estrépito, e Scarlett viu uma língua de fogo lamber o telhado do armazém perto do qual estavam. Pequenas labaredas subiram em triunfo para o céu. A fumaça lhe irritava as narinas. Wade e Prissy começaram a tossir. O bebê dava pequenos espirros.

— Ah, pelo amor de Deus, Rhett! Você está louco? Vamos! Vamos!

Rhett não respondeu, mas desceu o galho com tanta força no lombo do animal que o fez avançar com um pinote. Com toda a velocidade que o cavalo conseguiu dar, atravessaram aos solavancos a rua Marietta. À frente, a rua curta e estreita virara um túnel de fogo, com os prédios ardendo dos dois lados até a linha do trem. Meteram-se por ali. Um clarão mais brilhante que mil sóis ofuscou-os, e o calor abrasador chamuscava-os. O rugido e o crepitar das labaredas somavam-se aos estrondos que agrediam seus ouvidos em ondas dolorosas. Depois de terem passado o que lhes pareceu uma eternidade no meio daquelas chamas torturantes, voltaram à semiescuridão.

O tempo todo, naquele percurso acidentado pela rua esburacada e por cima dos trilhos, Rhett foi chicoteando automaticamente o cavalo. Tinha no rosto uma expressão ausente, como se não soubesse mais onde estava. Vinha encurvado e com o queixo projetado à frente, como se não pensasse em coisas agradáveis. O suor provocado pelo calor do incêndio lhe escorria pela testa e pelas faces, mas ele não o enxugava.

Tomaram uma rua secundária, depois outra, e foram virando para cá e para lá pelas vielas até que Scarlett não conseguiu mais se orientar. Já não se ouvia o rugido do incêndio atrás deles. Rhett não falava. Limitava-se a descer o chicote com regularidade. Com o clarão vermelho do céu se apagando, a estrada foi ficando tão escura, tão assustadora, que Scarlett teria gostado de ouvir alguma palavra dele, mesmo que escarninha ou insultuosa. Mas ele não falava.

Mudo ou não, ela agradeceu a Deus pelo conforto de sua presença. Era bom ter um homem ao seu lado, apoiar-se nele e sentir seu braço musculoso, sabendo-o ali entre ela e aos seus terrores inomináveis, mesmo calado e com o olhar parado.

— Ah, Rhett — sussurrou ela, apertando seu braço —, o que faríamos sem você? Ainda bem que você não entrou para o Exército.

Ele virou a cabeça e lhe lançou um olhar que a fez recuar, soltando seu braço. Não era um olhar escarninho. Era límpido, revelando raiva e certa perplexidade. Ele contraiu os lábios e virou para o outro lado. Por um bom tempo, prosseguiram em um silêncio interrompido apenas pelos gemidos do bebê e as fungadas de Prissy, que acabaram dando nos nervos de Scarlett, levando-a a virar para trás e lhe dar um forte beliscão. A negrinha gritou para valer, antes de tornar a se calar, assustada.

Finalmente, depois que Rhett fez o cavalo volver em um ângulo de noventa graus, chegaram a uma estrada mais larga e mais lisa. As casas eram cada vez mais afastadas, e de ambos os lados as florestas contínuas pareciam um muro verde.

— Já saímos da cidade — disse Rhett laconicamente, puxando as rédeas — e estamos na estrada principal para Rough and Ready.

— Depressa. Não pare!

— Deixe o animal respirar um pouco. — Depois, voltando-se para ela, perguntou devagar: — Scarlett, você continua decidida a fazer essa loucura?

— O quê?

— Ainda quer chegar a Tara? É suicídio. A cavalaria de Steve Lee e o Exército ianque estão entre você e Tara.

Ah, meu Deus! Será que ele iria se recusar a levá-la para casa, depois de tudo que ela passara naquele dia terrível?

— Ah, sim! Sim! Por favor, Rhett, vamos depressa. O cavalo não está cansado.

— Espere um pouco. Você não pode ir até Jonesboro por essa estrada. Não pode seguir a linha do trem. Eles andaram combatendo o dia inteiro de Rough and Ready para o sul. Conhece algum outro caminho ou alguma trilha que não passe por Rough and Ready nem por Jonesboro?

— Conheço, sim — exclamou Scarlett, aliviada. — Se conseguirmos chegar perto de Rough and Ready, conheço uma trilha de carroça que sai da estrada principal de Jonesboro e vai serpeando por vários quilômetros. Papai e eu

passeávamos a cavalo lá. Vai dar na casa dos MacIntosh, que fica só a cerca de 1,5 quilômetro de Tara.

— Ótimo. Talvez você consiga passar por Rough and Ready sem problemas. O general Steve Lee passou a tarde lá dando cobertura à retirada. Talvez os ianques ainda não tenham chegado. Talvez você consiga chegar lá, se os homens de Steve Lee não lhe tomarem o cavalo.

— Eu… *Eu* consiga passar?

— Sim, *você*. — Sua voz era áspera.

— Mas Rhett… você… você não vai nos levar?

— Não. Vou deixá-los aqui.

Transtornada, ela olhou em volta, para o céu pálido atrás deles, para as árvores escuras dos dois lados da estrada, emparedando-os como os muros de uma prisão, para as figuras apavoradas na traseira da carroça — e finalmente para ele. Teria enlouquecido? Ela estaria ouvindo direito?

Rhett agora sorria. Na claridade incipiente, Scarlett viu seus dentes brancos e a antiga expressão zombeteira no olhar.

— Nos deixar? Aonde… Aonde você vai?

— Minha querida, estou indo com o Exército.

Ela suspirou aliviada e irritada. Por que ficava fazendo piada logo em uma hora daquelas? Rhett no Exército! Depois do que falara dos idiotas que eram atraídos pelo rufar dos tambores e pelos discursos empolados para dar a própria vida por nada — idiotas que se matavam para que os sensatos pudessem ganhar dinheiro!

— Tenho vontade de estrangulá-lo por me assustar assim! Vamos em frente.

— Não estou brincando, minha querida. E estou ofendido, Scarlett, com a sua atitude diante do meu sacrifício galante. Onde está o seu patriotismo? O seu amor à nossa gloriosa Causa? Agora é a sua chance de me dizer para voltar com o meu escudo ou em cima dele. Mas fale depressa, pois preciso de tempo para fazer um discurso corajoso antes de partir para a guerra.

A voz arrastada dele brincava em seus ouvidos. Ele estava zombando dela e de si mesmo também. Do que estava falando? Patriotismo, escudos, discursos corajosos? Era impossível que estivesse falando sério. Era incrível que falasse tão alegremente em largá-la ali naquela estrada escura com uma mulher que

podia estar morrendo, um bebê recém-nascido, uma negrinha idiota e um menino assustado. Largá-la com a responsabilidade de guiá-los por quilômetros de campos de batalhas, desertores, ianques e sabia Deus o que mais.

Certa vez, quando tinha seis anos, ela caíra de uma árvore, de bruços, no chão. Ainda se lembrava da sensação horrível no intervalo entre ter todo o ar expulso dos pulmões e conseguir respirar de novo. Agora, olhando para Rhett, teve a mesma sensação horrível. Estava sem ar, aturdida, nauseada.

— Rhett, você está brincando!

Ela agarrou-lhe o braço e sentiu suas lágrimas de medo caindo sobre o pulso. Ele segurou sua mão e beijou-a de leve.

— Egoísta até o fim, não, minha querida? Pensando só na própria pele e não na nossa heroica Confederação. Imagine como nossas tropas ficarão animadas com a minha aparição na última hora. — Sua voz tinha uma ternura maliciosa.

— Ah, Rhett — gemeu ela —, como pode fazer isso comigo? Por que está me deixando?

— Por quê? — respondeu ele, rindo e despreocupado. — Talvez por causa desse sentimentalismo enrustido em todos nós, sulistas. Talvez… Talvez porque eu esteja envergonhado. Quem sabe?

— Envergonhado? Você devia morrer de vergonha. Nos abandonar aqui, ao desamparo…

— Scarlett querida! Você não está desamparada. Uma pessoa tão egoísta e determinada como você nunca está desamparada. Que Deus ajude os ianques se eles a pegarem.

Subitamente, saltou da carroça e deu a volta até o lado dela, enquanto a jovem o observava em estado de choque.

— Salte — ordenou.

Ela não se mexeu. Esticando-se, ele a apanhou como um embrulho e a colocou no chão ao seu lado. Segurando-a com força, arrastou-a para longe da carroça. Ela sentiu a terra e o cascalho lhe machucando os pés. O silêncio da noite quente a envolveu como um sonho.

— Não lhe peço para compreender nem perdoar. Não me importo que não faça nem uma coisa nem outra, pois eu mesmo nunca vou entender nem me perdoar por esta idiotice. Me incomoda ver que ainda conservo muito do meu

quixotismo visceral. Mas o nosso belo Sul precisa de todos os homens. Não foi o que disse o nosso bravo governador Brown? Não importa. Estou indo para a guerra — confirmou, com uma sonora gargalhada, que ecoou pela floresta escura. — “Eu não poderia te amar tanto, Querida, sem amar a Honra ainda mais.” É um discurso raso, não é? Mas, neste momento, certamente não consigo pensar em outro melhor para fazer. Pois eu te amo, Scarlett, apesar do que eu disse no mês passado, naquela noite na varanda.

O tom de voz dele era carinhoso, e suas mãos, quentes e fortes, deslizaram-lhe pelos braços acima.

— Eu te amo, Scarlett, porque somos muito parecidos. Não nos encaixamos em padrões, querida, e somos extremamente egoístas. Estamos nos lixando se o mundo for para o brejo, desde que o nosso conforto e a nossa segurança estejam garantidos.

A voz continuou falando, e ela só ouvia palavras que não faziam sentido. Sua mente tentava assimilar a dura verdade de que ele a estava deixando ali, para enfrentar os ianques sozinha. Dizia a si mesma: “Ele está me abandonando. Ele está me abandonando.” Mas nenhuma emoção se manifestou.

Então os braços dele a envolveram pela cintura e pelos ombros, e ela sentiu no corpo a pressão de suas coxas musculosas e dos botões de seu casaco. Foi percorrida por uma sensação quente, desconhecida, assustadora, que a fez perder a noção de tudo. Sentia-se lânguida como uma boneca de trapos, aconchegada, fraca e impotente. Era muito agradável estar amparada por aqueles braços.

— Não quer mudar de ideia sobre o que eu lhe disse no mês passado? Não há nada como o perigo e a morte para dar mais um empurrãozinho. Seja patriota, Scarlett. Pense que mandaria um soldado para a morte com belas lembranças.

Ele agora a beijava, e ela sentia seu bigode roçar-lhe a boca. Era um beijo lento, como se aqueles lábios quentes tivessem a noite inteira pela frente. Charles nunca a beijara assim. Nunca os beijos dos Tarletons ou dos Calverts tinham provocado nela aquele estremecimento de calor e de frio. Ele a inclinou para trás, passeando com os lábios por seu pescoço até onde o broche de camafeu prendia o corpete.

— Doce — murmurou ele. — Doce.

Ela distinguiu a carroça a alguns passos dali, e ouviu a vozinha aguda de Wade.

— Mamãe! Wade com medo!

Seu espírito atordoado de repente recobrou a lucidez, e ela se lembrou do que já ia esquecendo naquele momento — que também estava com medo, e Rhett ia largá-la ali, o desgraçado. E, ainda por cima, tinha a petulância de parar no meio da estrada para insultá-la com aquelas propostas indecorosas. Tomada de ódio e raiva, endireitou-se, desvencilhando-se dele com um safanão.

— Ah, seu velhaco! — exclamou, procurando se lembrar dos piores xingamentos que já ouvira o pai dirigir ao sr. Lincoln, aos MacIntoshes e às mulas que empacavam, mas as palavras não vinham. — Seu sem-vergonha, safado, covarde e nojento! — E, sem conseguir pensar em nada mais agressivo, deu impulso no braço e aplicou-lhe uma bofetada na boca com toda a força. Ele deu um passo atrás, levando a mão ao rosto.

— Ah — disse Rhett calmamente. E, por um instante, os dois se encararam. Scarlett ouvia a respiração pesada dele, enquanto a dela saía ofegante, como se tivesse corrido muito.

— Eles tinham razão! Todo mundo tinha razão! Você não é um cavalheiro!

— Minha querida — disse ele —, que descabido.

Ela sabia que ele ria, e essa ideia espicaçou-a.

— Pode ir embora! Agora mesmo! Quero que vá logo. Não quero tornar a vê-lo. Tomara que uma bala de canhão acerte você. E que fique estraçalhado. Tomara…

— Não precisa continuar. Acompanho a sua ideia geral. Quando eu estiver morto no altar do meu país, espero que a sua consciência pese.

Ela o ouviu rir enquanto se virava e voltava para a carroça. Viu-o em pé do outro lado, falando com Melanie. Seu tom mudara. Era delicado e respeitoso, como sempre que se dirigia a ela.

— Sra. Wilkes?

A voz assustada de Prissy respondeu da carroça.

— Vixe Maria, capitão Butler! A sinhá Melly dismaiô faz tempo.

— Não está morta? Está respirando?

— Tá, sim, sinhô.

— Então é melhor ela continuar assim. Se estivesse consciente, duvido que tivesse conseguido suportar esse sofrimento todo. Cuide bem dela, Prissy. Tome esse dinheirinho. Tente não ser mais boba do que já é.

— Sim, sinhô. Muito obrigada.

— Adeus, Scarlett.

Ela sabia que ele se virara para ela, mas ficou calada, engasgada de ódio. Ouvindo o cascalho da estrada rangendo sob os passos dele, viu rapidamente aqueles ombros largos assomando no escuro. E ele se foi. Já não ouvia mais o som dos seus passos. Voltou devagar para a carroça, de pernas bambas.

Por que ele fora embora no escuro para entrar naquela guerra, em uma causa perdida, em um mundo que enlouquecera? O que o fizera partir? Ele, que amava o prazer, as mulheres e a bebida, o conforto da boa mesa e das camas macias, dos tecidos e dos couros finos, que odiava o Sul e caçoava dos loucos que lutavam por ele. Agora ele pusera os pés calçados em botas de verniz em uma estrada amarga, onde teria a companhia da fome incansável. Onde os ferimentos, a fadiga e o desânimo corriam soltos, uivando como lobos. No fim da estrada, a morte esperava. Ele não precisava ter ido. Estava em segurança, era rico, tinha conforto. Mas fora, deixando-a sozinha no meio da noite, com o Exército ianque entre ela e Tara.

Lembrou-se então de todos os nomes de que queria xingá-lo, mas era tarde. Encostou a cabeça no pescoço curvado do cavalo e chorou.

---

2 Confederate States of America (Estados Confederados da América). [N.T.]

Capítulo 24

A claridade da manhã, filtrada pela folhagem no alto, acordou Scarlett.

Enrijecida pela posição incômoda em que dormira, custou a se situar. O sol a ofuscava, o chão duro da carroça machucava seu corpo, e ela sentia algo pesado atravessado sobre as pernas. Ao tentar sentar-se, viu que era Wade, adormecido com a cabeça apoiada em seus joelhos. Os pés descalços de Melanie quase encostavam em seu rosto e, embaixo da boleia, Prissy estava encolhida como um gatinho preto, com o bebê espremido entre ela e Wade.

Então se lembrou de tudo. Sentou-se de chofre e olhou em volta. Graças a Deus, nada de ianques à vista! O esconderijo delas não havia sido descoberto durante a noite. Tudo lhe voltou à memória. A viagem terrível depois que Rhett foi embora, a noite interminável, a estrada escura, esburacada e pedregosa por onde foram chacoalhando, as valas de um lado e de outro para dentro das quais a carroça derrapava, o esforço tremendo que ela e Prissy faziam para tirar as rodas daquelas valas. Estremeceu ao se lembrar de como desviara a charrete para dentro de campos e bosques ao ouvir soldados se aproximarem, sem saber se eram amigos ou inimigos. Lembrou-se também do medo de que uma tosse, um espirro ou um soluço de Wade as denunciasse aos soldados que passavam.

Ah, aquela estrada escura onde os homens marchavam em silêncio como fantasmas. Só se ouvia o rumor surdo de seus passos na terra fofa, acompanhado do leve tinir dos arreios e do ranger dos couros! E houve aquele momento horrível em que o cavalo doente empacou. Com a respiração em suspenso, todos viram a cavalaria e as peças de artilharia ligeira passarem tão perto que Scarlett sentiu o cheiro de suor dos soldados!

Já nas proximidades de Rough and Ready, havia algumas fogueiras acesas onde os últimos homens da retaguarda de Steve Lee aguardavam a ordem de retirada. Scarlett tinha dado uma volta, fazendo mais de 1,5 quilômetro por um campo até deixar para trás a luz das fogueiras. Depois se perdeu na escuridão e

pôs-se a soluçar quando não viu a trilha que conhecia tão bem. Por fim, encontrou-a, mas o cavalo desabou no chão, recusando-se a levantar mesmo quando ela e Prissy o puxaram pelo cabresto.

Então ela o desarreou e, exausta, subiu para a traseira da carroça para esticar as pernas doloridas. Tinha uma vaga ideia de ter ouvido, antes de pegar no sono, a voz fraquinha de Melanie, que pedia e ao mesmo tempo se desculpava:

— Scarlett, pode me dar um pouco d'água, por favor?

Ela respondera:

— Não tem. — E adormecera antes de acabar de falar.

Agora era de manhã. O mundo estava calmo, sereno e verde, com trechos ensolarados. E nada de soldados à vista. Ela estava faminta e morta de sede. Toda dolorida, admirou-se de ter dormido como uma peoa naquele chão duro da carroça. Ela, Scarlett O'Hara, que só se deitava em colchões de plumas, coberta com lençóis de linho.

Piscando os olhos naquela claridade, deparou-se com Melanie e reprimiu um grito, horrorizada. Ela parecia morta, tão imóvel e pálida estava. Com aspecto de defunto, parecia uma velha, o rosto desfigurado meio escondido pelo cabelo escuro emaranhado. Depois, aliviada ao ver o movimento de sua respiração curta, constatou que Melanie sobrevivera àquela noite.

Scarlett usou a mão para proteger os olhos do sol e olhou em volta. Concluiu que tinham passado a noite sob as árvores de alguma propriedade, pois um caminho de areia e cascalho estendia-se à sua frente, desaparecendo nas curvas de uma alameda de cedros.

Ora, é a propriedade dos Mallory!, raciocinou, com o coração pulando de alegria ao pensar que encontraria amigos e ajuda.

Mas um silêncio mortal pairava sobre a fazenda. Não havia mais um arbusto em pé no gramado todo revolvido pelo movimento incessante de cascos, rodas e pés. Quando olhou em direção à sede, no lugar da casa branca antiga que conhecia tão bem viu apenas um grande retângulo de granito enegrecido onde ficavam as fundações e duas chaminés altas de tijolos chamuscados atravessando a folhagem crestada das árvores.

Respirou fundo, estremecendo. Iria também encontrar Tara naquele estado? Arrasada e naquele silêncio mortal?

— Não posso pensar nisso agora — disse imediatamente a si mesma. — Não posso pensar nisso, senão vou voltar a me apavorar. — Mas não conseguiu controlar o coração que disparava, como se dissesse a cada batida: Para casa! Depressa! Depressa! Depressa!

Antes de se porem a caminho, tinham que encontrar comida e água, especialmente água. Cutucou Prissy para despertá-la. Prissy revirou os olhos e olhou em volta.

— Vixe Maria, sinhá Scarlett, pensei qui só ia acordá di novo na Terra Prometida.

— Falta muito para você chegar lá — disse Scarlett, tentando ajeitar o cabelo.

Já tinha o rosto e o corpo molhados de suor. Sentia-se suja e sebosa, quase como se cheirasse mal. Tendo dormido vestida, tinha as roupas enxovalhadas, e nunca se sentira tão cansada e tão dolorida. Músculos que nunca exercitara doíam do esforço da noite anterior, torturando-a a cada movimento.

Viu que Melanie já despertara. Seus olhos de doente brilhavam de febre cercados de olheiras escuras e inchadas. Viu-a abrir os lábios secos e implorar com um sussurro:

— Água.

— Levante-se, Prissy — ordenou. — Vá buscar água no poço.

— Mas, sinhá Scarlett! Lá deve di tê sombração. I si morreu gente lá?

— Eu é que vou transformá-la em assombração se você não saltar já dessa carroça — disse Scarlett, sem disposição para discutir, mancando ao descer para o chão.

Lembrou-se do cavalo. Santo Deus! E se tivesse morrido durante a noite?! Quando o desarreara, teve a impressão de que ele estava nas últimas. Deu a volta na carroça e viu-o deitado de lado. Se estivesse morto, ela amaldiçoaria Deus e morreria também. Alguém na Bíblia fizera exatamente isso. Amaldiçoou Deus e morreu. Bem sabia como aquela pessoa se sentia. Mas o cavalo estava vivo — respirando com dificuldade, olhos semicerrados, mas vivo. Bem, um pouco d’água também lhe faria bem.

Prissy saltou da carroça resmungando e subiu a alameda atrás de Scarlett. Por trás das ruínas, surgiu sob as árvores a fileira de cabanas caiadas de branco da senzala abandonada e mergulhada em silêncio. Entre a senzala e as fundações de

pedra enegrecidas, encontraram o poço ainda com telheiro, e a caçamba amarrada na ponta da corda, que puxaram juntas. Quando, do fundo do poço, chegou a caçamba de água fresca e cristalina, Scarlett levou-a aos lábios e bebeu ruidosamente, molhando-se toda.

Bebeu até que a reclamação petulante de Prissy a fez se lembrar da necessidade dos outros:

— Eu tamém tô cum sede, sinhá Scarlett.

— Desamarre o balde e leve-o para a carroça. Depois que todos beberem água, dê o resto para o cavalo. Não acha que a sra. Melly devia amamentar o bebê? Ele vai morrer de fome.

— Vixe, sinhá Scarlett, a sinhá Melly num tem leite… nem vai tê.

— Como você sabe?

— Já vi um monte qui nem ela.

— Não me venha se fazendo de entendida. Já chega o que aprontou ontem. Ande logo. Vou tentar encontrar alguma coisa para comer.

Scarlett procurou, procurou e só encontrou umas maçãs no pomar. Os soldados que haviam passado por lá não deixaram nada nas árvores. As que achou no chão estavam quase todas podres. Encheu a saia com as melhores e voltou pela terra fofa, tirando as pedrinhas que lhe entravam no sapato. Por que não trouxera alguma coisa para comer? Não tivera cabeça para isso. Mas, claro, pensara que Rhett tomaria conta delas.

Rhett! Cuspiu no chão, pois o próprio nome dele tinha gosto ruim. Como o odiava! Como ele fora abjeto! E ela, que ficara ali na estrada deixando que ele a beijasse — e quase gostara. Estivera louca na noite passada. Como ele era abominável!

Quando voltou, repartiu as maçãs e jogou o resto para dentro da carroça. O cavalo já estava em pé, mas parecia que a água não o tinha refrescado muito. À luz do dia, tinha um aspecto bem pior do que na véspera, com os ossos das ancas salientes como os de uma vaca velha, as costelas parecendo uma tábua de lavar roupa, e o lombo todo escalavrado. Evitou tocar nele ao arreá-lo. Quando lhe colocou o bridão na boca, viu que era quase totalmente banguela. Era velhíssimo! Já que estava roubando um cavalo, por que Rhett não escolheu um em bom estado?

Sentando-se na boleia, desceu o galho de nogueira no lombo do animal, que, bufando, se pôs em marcha, mas em um passo tão lento que Scarlett tinha certeza de ser capaz de andar bem mais depressa sem fazer esforço. Ah, se não tivesse que se incomodar com Melanie, Wade, o bebê e Prissy, chegaria em casa rapidinho! Não pararia de correr até chegar em Tara ao encontro da mãe.

Não deviam estar a mais de 25 quilômetros de casa, mas, no ritmo daquele pangaré velho, levariam o dia inteiro, pois ela teria que parar a toda hora para fazê-lo descansar. O dia inteiro! Olhou a estrada vermelha e ensolarada estendendo-se toda gretada pelas rodas das carretas dos canhões e das ambulâncias. Levaria horas antes de saber se Tara ainda se conservava em pé e se Ellen lá estava. Levaria horas para fazer aquela viagem sob o sol escaldante de setembro.

Ao olhar para trás e ver que Melanie ia de olhos fechados por causa do sol forte, tirou o chapéu e jogou-o para Prissy.

— Cubra o rosto dela para protegê-la da claridade.

Depois, sentindo o sol lhe bater na cabeça, pensou: *Já, já vou estar sardenta feito um ovo de galinha* d'angola.

Nunca saíra ao ar livre sem chapéu ou véus, nunca segurara rédeas sem ter a pele alva das mãozinhas carnudas protegidas por luvas. E, no entanto, lá estava ela, exposta ao sol, em uma carroça caindo aos pedaços, com um cavalo nas últimas, suja, suada, faminta, sem poder fazer nada a não ser seguir em frente a passo de cágado por uma estrada deserta. E poucas semanas atrás estava em segurança! Quase parecia ontem que ela, como todo mundo, tinha certeza de que Atlanta jamais cairia e a Geórgia jamais seria invadida. Mas a nuvenzinha que surgira a noroeste havia quatro meses evoluíra para uma tremenda tempestade, e logo se transformara no tornado que varreu seu mundo, arrancando-a de sua vida protegida e lançando-a no meio daquela desolação mal-assombrada.

Tara ainda estaria em pé? Ou também teria sido levada pelo vendaval que varrera a Geórgia?

Bateu com o chicote no lombo do cavalo exausto para tentar fazê-lo andar mais depressa, enquanto as rodas mal alinhadas balançavam os passageiros descontroladamente de um lado para outro.

Havia morte no ar. À luz oblíqua do sol poente, Scarlett viu os campos e as florestas verdes que tão bem conhecia envoltos em um silêncio fantasmagórico e isso a encheu de medo. Mais apavorada ainda ficou ao passar pelas casas abandonadas, crivadas de balas, e pelas magras chaminés que montavam guarda sobre ruínas chamuscadas; pelos cadáveres de homens, de cavalos e até de mulas estendidos à beira da estrada, inchados, cobertos de moscas. E não viu vida em lugar nenhum. Não havia gado mugindo ao longe, nem pássaros cantando, nem vento balançando as árvores. Só o ruído dos passos cansados do cavalo e dos fracos gemidos do bebê de Melanie quebravam o silêncio.

A região parecia envolta em um encantamento sinistro. Ou pior ainda, pensou Scarlett, arrepiada, parecia o rosto de uma mãe, belo e finalmente sereno depois das agonias da morte. Teve a sensação de que aquelas matas, antes familiares, estavam cheias de fantasmas. Os combates nas proximidades de Jonesboro haviam deixado milhares de mortos, que estavam ali naqueles bosques mal-assombrados, onde a luz misteriosa do poente, coada pela folhagem parada, iluminava amigos e inimigos de olhos vidrados, cobertos de sangue e poeira vermelha, a espiá-la enquanto ela passava em sua carroça desconjuntada.

— Mamãe! Mamãe! — murmurou ela.

Se ao menos conseguisse chegar a Ellen! Se, por um milagre de Deus, Tara ainda estivesse em pé, e ela pudesse encontrar a mãe ao chegar em casa depois de subir a longa alameda... Ver aquele rosto bom e carinhoso, sentir mais uma vez aquelas mãos habilidosas que afastavam o medo. Agarrar-se àquelas saias e nelas esconder o rosto. Ela não deixaria o bebê de Melly morrer. Afugentaria todos os fantasmas e medos com aquele seu “Sshh, sshh” tranquilo. Mas a mãe estava doente, talvez à beira da morte.

Scarlett bateu com o chicote no cavalo exausto. Precisavam ir mais depressa! Tinham passado o dia inteiro se arrastando sob o sol quente por aquela estrada sem fim. Logo anoiteceria, e estariam sozinhos em uma desolação mortal. Apertou bem as rédeas nas mãos cheias de bolhas e estalou-as violentamente no lombo do animal, sentindo os braços doloridos arderem com o movimento.

Se ao menos conseguisse chegar aos braços aconchegantes de Tara e de Ellen e desvencilhar-se daqueles fardos, pesados demais para seus jovens ombros — a mulher moribunda, o bebê enfraquecido, seu filhinho faminto, a negra

apavorada, todos dependendo de sua energia, de sua orientação, todos enxergando em sua postura ereta uma coragem que ela não possuía e uma força que a deixara havia muito.

O animal esgotado, sem responder ao chicote nem às rédeas, prosseguiu se arrastando e tropeçando em pequenas pedras, trôpego como se prestes a cair. Mas, à noitinha, afinal atingiram a última etapa da longa jornada. Depois da curva da trilha, entraram na estrada principal. Tara estava só a 1,5 quilômetro de distância.

Ali assomava o vulto escuro da sebe de silindra que marcava o início da propriedade dos MacIntoshes. Um pouco mais adiante, Scarlett puxou as rédeas na frente da alameda de carvalhos que ia dar na casa do velho Angus MacIntosh. Espiou no lusco-fusco por entre as duas fileiras de árvores seculares. Estava tudo escuro. Não havia uma única luz acesa na casa nem no alojamento dos escravos. Forçando a vista, identificou um cenário que se tornara familiar ao longo de todo aquele dia terrível — duas chaminés altas, qual lápides gigantescas, erguendo-se acima das ruínas do segundo andar, e janelas quebradas pontuando as paredes como olhos cegos.

— Olá! — gritou, reunindo todas as suas forças. — Olá!

Prissy agarrou-se a ela, apavorada, e Scarlett, virando-se, viu que revirava os olhos.

— Num grita, sinhá Scarlett! Faz favô, num grita di novo! — sussurrou com voz trêmula. — Num dá pra sabê *quem* pode respondê!

Meu Deus!, pensou Scarlett, sentindo um frio na espinha. *Meu Deus! Ela tem razão. Dali pode sair qualq*uer coisa!

Estalou as rédeas e tocou o cavalo. A visão da casa dos MacIntoshes acabara com o resquício de esperança que ela ainda tinha. Estava incendiada, em ruínas, abandonada, como todas as fazendas por que passara naquele dia. Tara ficava a apenas oitocentos metros dali, na mesma estrada, bem no caminho do Exército. Tara também estava arrasada! Só encontraria os tijolos enegrecidos e a luz das estrelas cintilando nas paredes sem telhado. Ellen, Gerald, as meninas, Mammy, os negros, todos teriam fugido sabia Deus para onde, deixando só aquela calmaria medonha pairando sobre toda a propriedade.

Por que fora naquela empreitada vã e insensata arrastando Melanie e o bebê? Antes tivessem morrido em Atlanta e fossem poupados da tortura daquele dia de sol escaldante chacoalhando na carroça para morrer diante das ruínas mudas de Tara.

Mas Ashley deixara Melanie aos seus cuidados. “Tome conta dela.” Ah, aquele dia maravilhoso e devastador em que ele a beijara antes de ir-se para sempre! “Você vai cuidar dela, não vai? Promete?” E ela prometera. Por que assumira esse compromisso, duplamente vinculante agora que Ashley estava morto? Mesmo naquele estado de exaustão, odiava Melanie, odiava aqueles miadinhos cada vez mais fracos de seu filho que quebravam o silêncio. Mas prometera, e agora eles eram responsabilidade sua, assim como Wade e Prissy, e ela precisava lutar por eles enquanto tivesse forças. Poderia tê-los deixado em Atlanta, largado Melanie no hospital e a abandonado. Mas, se fizesse isso, nunca mais poderia olhar no rosto de Ashley, fosse naquele mundo ou no outro, para lhe dizer que havia deixado sua esposa e seu filho para morrer no meio de estranhos.

Ah, Ashley! Onde estaria naquela noite, enquanto ela gramava aquela estrada mal-assombrada com a esposa e o filho dele? Estaria vivo e deitado atrás das grades de Rock Island pensando nela? Ou teria morrido de sarampo meses atrás, apodrecendo em uma vala com centenas de outros confederados?

Os nervos tensos de Scarlett quase arrebentaram quando percebeu um barulho na moita ali perto. Prissy gritou, atirando-se no chão da carroça, por cima do bebê. Melanie mexeu-se desfalecida, tateando à procura do filho, e Wade, tapando os olhos com as mãos, encolheu-se, assustado demais para chorar. Então os galhos da moita estalaram ao quebrar embaixo de pesados cascos, e se ouviu um mugido triste.

— É só uma vaca — disse Scarlett, rouca de medo. — Deixe de ser louca, Prissy. Você apertou o bebê e assustou a sra. Melly e o Wade.

— É um fantasma — gemeu Prissy, retorcendo-se de bruços na carroça.

Virando-se decidida, Scarlett levantou o galho usado como chicote e estalou-o nas costas de Prissy. Sentia-se esgotada e fraca demais para tolerar as fraquezas dos outros.

— Sente-se, idiota, antes que eu acabe com esse galho em você.

Choramingando, Prissy levantou a cabeça e, espiando por cima da lateral da carroça, viu que era de fato uma vaca, malhada de ruivo e branco, que olhava assustada para eles, como quem pedia alguma coisa. Abria e fechava a boca, dando a impressão de estar sofrendo.

— Estará machucada? O mugido não parece normal.

— Acho qui tá cheia, pidino pra nós tirá u leite dela — disse Prissy, recompondo-se um pouco. — Deve di sê uma du seu MacIntosh qui us nêgo tocô pru mato i us ianque num pegô.

— Vamos levá-la conosco — decidiu Scarlett imediatamente. — Então podemos ter leite para o bebê.

— Cumé qui nós vai levá uma vaca cum nós, sinhá Scarlett? Num dá. Vaca não presta se tá tempos sem tirá leite. As teta incha i estora. Pur isso tá chorano.

— Já que você entende tanto disso, tire a anágua e rasgue-a em tiras para amarrar a vaca atrás da carroça.

— Sinhá Scarlett, ocê sabe qui faz mais de mês qui num tenho anágua, i si tivesse nunca qui ia amarrá ela na vaca. Nunca mi liguei cum as vaca. Elas mi dá medo.

Scarlett largou as rédeas e levantou a saia. A anágua enfeitada de rendas era a última peça de roupa bonita — e inteira — que possuía. Desamarrou a fita de cós e tirou-a por baixo, amassando o linho macio nas mãos. Rhett lhe trouxera aquele linho e aquela renda de Nassau no último navio que fizera passar pelo bloqueio, e ela levara uma semana para confeccionar aquela anágua. Decidida, puxou-a pela bainha, prendeu-a nos dentes e pôs-se a roê-la até furar o pano e poder rasgá-lo com um estirão. Repetiu o processo até obter várias tiras, atando as pontas umas às outras com dedos empolados, cheios de sangue e trêmulos de cansaço.

— Passe isso por cima dos chifres — ordenou. Mas Prissy empacou.

— Tenho medo di vaca, sinhá Scarlett. Nunca tive di lidá cum vaca. Num sô criola di quintá. Sô nega di casa.

— Você é uma crioula idiota, e o pior negócio que o meu pai fez na vida foi comprá-la — disse Scarlett lentamente, cansada demais para ter raiva. — E, quando puder voltar a usar o braço, vou acabar com esse chicote em você.

Pronto, pensou, *eu disse "crioula", e mamãe não vai go*star nada.

Prissy revirou os olhos, esgazeada, espiando primeiro o rosto contraído da senhora e depois a vaca, que mugia tristemente. Como Scarlett lhe pareceu a menos perigosa das duas, agarrou-se à carroça e ficou onde estava.

Scarlett desceu da boleia, sentindo os músculos tensos lhe doerem com cada movimento. Prissy não era a única a ter medo de vacas. Scarlett também tinha. Até a mais mansa lhe parecia sinistra, mas agora não era hora de se deixar dominar por medos menores quando outros enormes pairavam em massa sobre ela. Felizmente, a vaca era mansa. Em seu sofrimento, buscara companhia e ajuda humanas, e não fez nenhum gesto ameaçador quando ela lhe passou pelos chifres a laçada feita com a anágua. Amarrou a outra ponta na traseira da carroça, com a firmeza que seus dedos canhestros permitiram. Ao encaminhar-se para a boleia, sentiu uma grande tonteira e segurou-se à carroça para não cair.

Melanie abriu os olhos e, vendo Scarlett de pé ao seu lado, murmurou:

— Querida… estamos em casa?

Em casa! Ao ouvir essa palavra, Scarlett ficou com os olhos cheios d’água. Melanie não sabia que não existia mais casa e que elas estavam sozinhas em um mundo louco e desolado.

— Ainda não — respondeu, com a delicadeza que lhe permitiu o nó em sua garganta —, mas já vamos chegar. Acabei de encontrar uma vaca, e vamos ter leite para você e o bebê.

— Coitadinho — murmurou Melanie, tateando para encontrá-lo e não conseguindo.

Scarlett teve que fazer um esforço hercúleo para tornar a subir à boleia, mas afinal conseguiu e pegou as rédeas. Prostrado, o cavalo não levantou a cabeça e recusou-se a andar. Scarlett chicoteou-o sem piedade. Esperava que Deus a perdoasse por maltratar um animal cansado. Se não perdoasse, ela sentia muito. Afinal, Tara estava logo adiante, e em menos de meio quilômetro o cavalo poderia se deixar cair entre os varais.

Por fim, ele começou a andar lentamente. A carroça rangia e a vaca mugia a cada passo. Aquele lamento do animal foi dando nos nervos de Scarlett, que quase parou para soltá-lo. De que lhe serviria se não houvesse ninguém em Tara? Não sabia ordenhar uma vaca, e mesmo que soubesse, aquela provavelmente

escoicearia qualquer um que tocasse em seu úbere dolorido. Mas tinha a vaca, e era melhor conservá-la. Já não tinha mais quase nada no mundo.

Seus olhos se encheram de lágrimas quando, afinal, chegaram no pé de uma ladeira suave, pois Tara ficava logo depois do topo! Então, desanimou. O animal decrépito nunca conseguiria vencer aquele aclive, que sempre lhe parecera muito suave quando ela o subia a galope montada em sua égua ligeira. Não era possível que tivesse ficado tão íngreme desde a última vez que o vira. O cavalo nunca chegaria do outro lado puxando aquela carga pesada.

Exausta, apeou e segurou o animal pelo cabresto.

— Salte, Prissy — ordenou —, e leve o Wade. Carregue-o no colo, ou faça-o andar. Deite o bebê ao lado da sra. Melly.

Wade desatou a chorar, reclamando:

— Escuro… escuro… Wade com medo.

— Sinhá Scarlett, num consigo andá. Meus pé tá impolado i us meu sapato tá furado i u Wade i eu num pesa nada i…

— Salte logo, antes que eu puxe você daí! E, se eu puxar, deixo você aqui mesmo sozinha no escuro. Ande logo.

Prissy gemeu, olhando as árvores que ladeavam a estrada e que podiam agarrá-la se ela deixasse a proteção da carroça. Mas deitou o bebê ao lado de Melanie, pulou para o chão e, espichando-se, retirou Wade lá de dentro. O menino soluçava, encostando-se nela.

— Faça-o se calar. Não aguento isso — disse Scarlett, puxando o animal para fazê-lo a andar. — Seja um homenzinho, Wade, e pare de chorar, senão lhe dou umas palmadas.

Por que Deus inventou as crianças?, pensou impiedosa, ao torcer o pé dolorosamente na estrada escura. *São sempre um estorvo inútil que só sabe chorar e atrapalhar exigindo cuidados.* Naquele seu estado de exaustão, não havia espaço para um pouco de compaixão pelo menino assustado que ia fungando enquanto trotava agarrado à mão de Prissy — só para o aborrecimento que ele lhe causava, e para o esforço que fazia ao tentar entender por que se casara com Charles Hamilton.

— Sinhá Scarlett — murmurou Prissy, segurando o braço da sua senhora —, num vamo pra Tara. Eles num tá lá. Foi tudo imbora. Pode tá tudo morto.

Mamãe i todo mundo.

O eco de seus próprios pensamentos enfureceu-a, e ela se desvencilhou dos dedos que a apertavam.

— Então me dê a mão de Wade. Pode se sentar e ficar aí.

— Não! Não!

— Então cale a boca!

Como o cavalo andava devagar! A baba do pobre coitado pingava em sua mão. Lembrou-se de um trecho da letra da música que uma vez cantara com Rhett — não conseguia lembrar tudo: “Só mais uns dias para carregar o fardo pesado…”

Só mais um passos, cantarolava mentalmente, *só mais uns passos para carregar o far*do pesado.

Então chegaram ao topo da ladeira. Diante deles, estavam os carvalhos de Tara, uma cortina escura contra o céu do anoitecer. Scarlett imediatamente procurou avistar alguma luz acesa em algum lugar. Não havia nenhuma.

“Foram embora!”, disse seu coração, pesando-lhe como chumbo gelado no peito. “Foram embora!”

Guiou o animal para a alameda de cedros, cujas copas, encontrando-se no alto, lançaram-nos na mais completa escuridão. Tentando enxergar o que havia no final daquele túnel sombrio, viu — ou imaginou ver? Estariam seus olhos cansados tendo alguma miragem? — os tijolos brancos de Tara desfocados e indistintos. A sua casa! As queridas paredes brancas, as janelas com as cortinas esvoaçantes, as amplas varandas. Estaria tudo aquilo bem ali à sua frente àquela hora? Ou a noite bondosamente escondia horrores semelhantes aos que vira na casa dos MacIntoshes?

A alameda parecia ter quilômetros de extensão. O cavalo, resistindo com teimosia a seus puxões, andava cada vez mais devagar. Ansiosos, seus olhos perscrutaram a escuridão. O telhado parecia intacto. Seria possível? Não, não era. A guerra não parava diante de nada, nem de Tara, construída para durar quinhentos anos. Não poderia ter ignorado Tara.

Então a silhueta indistinta foi ganhando nitidez. Scarlett acelerou o passo, puxando o cavalo. As paredes brancas surgiram intactas, sem marcas de incêndio. Tara escapara! A sua casa! Largou o cabresto e saiu correndo para

abraçar logo aquelas paredes poucos metros adiante. Então viu um vulto sair da varanda às escuras e postar-se no alto dos degraus. Tara não estava abandonada. Havia alguém em casa.

Um grito de alegria lhe subiu à garganta e morreu ali mesmo. A casa estava mergulhada em silêncio, totalmente às escuras. O vulto não se moveu nem chamou por ela. O que haveria de errado? Tara estava intacta, porém envolta no mesmo silêncio fantasmagórico que pairava por toda a região devastada. O vulto se moveu. Rígido e lento, desceu os degraus.

— Papai? — murmurou com voz rouca, quase duvidando que fosse ele. — Sou eu, Katie Scarlett. Vim para casa.

Gerald encaminhou-se para ela, calado como um sonâmbulo, arrastando a perna. Chegando perto, olhou-a estupefato, como se achasse que ela fazia parte de um sonho. Estendeu a mão e colocou-a no ombro de Scarlett, que o sentiu trêmulo como quem despertava de um pesadelo sem ter total noção da realidade.

— Filha — disse ele com esforço. — Filha.

E calou-se.

Puxa! Ele está um velho!, pensou Scarlett.

Tinha os ombros caídos. No rosto, que ela via apenas indistintamente, não havia sinal da virilidade nem da vitalidade inquieta que a filha conhecia. Seus olhos fitavam-na com a mesma perplexidade de Wade. Não passava de um velhinho destruído.

Então Scarlett foi assaltada pelo medo do desconhecido, surgido das trevas. Ficou paralisada e o observou, calando a enxurrada de perguntas que lhe vinha aos lábios.

Da carroça, veio outro gemido quase imperceptível, e Gerald fez um esforço para acordar.

— É Melanie com o bebê — murmurou Scarlett rapidamente. — Ela está muito mal… e eu a trouxe para casa.

Gerald soltou o braço da filha e endireitou os ombros. Foi andando devagarinho para carroça, como um fantasma que repetisse os gestos do velho anfitrião de Tara ao saudar os convidados com palavras resgatadas de uma memória confusa.

— Prima Melanie!

A voz de Melanie murmurou algo indistinguível.

— Prima Melanie, esta é a sua casa. Twelve Oaks pegou fogo. Você tem que ficar conosco.

A lembrança do sofrimento prolongado de Melanie levou Scarlett a agir. O presente estava de novo em suas mãos, a necessidade de pôr Melanie e o filhinho em uma cama macia e de tomar aquelas pequenas providências que podiam ser tomadas.

— Ela precisa ser carregada. Não consegue andar.

Ouviram-se passos arrastados, e um vulto surgiu do saguão. Pork desceu correndo.

— Sinhazinha Scarlett! Sinhazinha Scarlett! — exclamou.

Scarlett segurou-o pelos braços. Pork era parte integrante de Tara, tão querido como os tijolos e os corredores frescos da casa! Sentiu as lágrimas dele lhe molharem as mãos enquanto ele a acariciava desajeitadamente, exclamando:

— Qui bom c'ocê tá aqui! Qui bom…

Prissy desatou a chorar, balbuciando palavras sem nexo:

— Poke! Poke, meu doce!

E o pequeno Wade, encorajado pela fraqueza dos mais velhos, começou a choramingar:

— Wade com sede!

Scarlett passou a comandá-los.

— A sra. Melanie está na carroça com o bebezinho, Pork. Você tem que levá-la no colo para o quarto de hóspedes dos fundos, lá em cima. Prissy, leve o bebê e Wade para dentro e dê água para Wade. Mammy está aqui, Pork? Diga que quero falar com ela.

Galvanizado pela autoridade em sua voz, Pork aproximou-se da carroça. Melanie deixou escapar um gemido quando ele a retirou do colchão de penas onde passara tantas horas deitada. Ao se ver nos braços musculosos de Pork, ela encostou a cabeça em seus ombros, como uma criança. Prissy, com o bebê no colo e arrastando Wade pela mão, acompanhou-os escada acima e desapareceu no saguão às escuras.

Os dedos feridos de Scarlett procuraram com urgência a mão do pai.

— Elas estão bem, papai?

— As meninas estão se recuperando.

Fez-se um silêncio, dando margem a uma ideia indescritível de tão medonha. Scarlett não conseguia articulá-la. Engoliu em seco, mas sentiu a garganta colada. Seria aquela a resposta ao assustador enigma do silêncio de Tara? E, como se respondesse à indagação em sua mente, Gerald falou.

— Sua mãe… — E parou.

— Mamãe...?

— Sua mãe morreu ontem.

Com o braço do pai a segurando com força, Scarlett foi tateando pelo grande saguão que, mesmo às escuras, lhe era tão familiar como sua mente. Evitou as cadeiras de espaldar alto, o suporte de espingardas vazio, o antigo console de pés de garra, e sentiu-se instintivamente atraída para o pequeno escritório nos fundos da casa onde Ellen sempre estava, cuidando de suas contas sem fim. Com certeza, iria encontrá-la ali, sentada à escrivaninha. Ela ergueria os olhos, pousaria a pena e, exalando aquela doce fragrância, se levantaria para vir, com as saias farfalhando, ao encontro da filha cansada. Ellen não podia estar morta, embora seu pai não parasse de repetir como um papagaio que só sabia uma única frase: “Ela morreu ontem… ela morreu ontem… ela morreu ontem.”

Era estranho que não conseguisse sentir nada naquela hora senão um cansaço que prendia seus membros com grossas correntes de ferro, e uma fome que a deixava de pernas bambas. Pensaria na mãe mais tarde. Agora, tinha que tirá-la da cabeça para não ficar apalermada como Gerald, nem soluçando monotonamente como Wade.

Pork desceu depressa a larga escadaria para se juntar a Scarlett, como um animal friorento que procura aproximar-se do fogo.

— Luzes? — perguntou. — Por que a casa está tão escura, Pork? Traga umas velas.

— Levaro tudo, sinhá Scarlett, só dexaro uma qui nós usa pr’achá as coisa nu iscuro, i qui tá quase acabano. A Mammy acende um trapo num prato di sebo pra enxergá quando tá tratano das sinhazinha.

— Traga o que resta da vela — ordenou. — Leve para o escritório de mamãe… para o escritório.

Pork entrou na sala de jantar, e Scarlett foi tateando para a salinha, onde se deixou cair no sofá. O pai continuava com o braço enganchado ao seu, dependente, carente, ingênuo, como só as crianças e os velhos conseguiam ser.

Está um velho, um velho cansado, pensou ela de novo, vagamente assombrada com a própria indiferença.

Pork entrou trazendo no alto um pires com um toco de vela colado, cuja luz bruxuleante iluminou o ambiente. Tudo permanecia igual: o velho sofá de almofadas murchas em que estavam sentados, a escrivaninha que chegava quase ao teto, fazendo conjunto com a delicada cadeira entalhada, os escaninhos, ainda cheios de papéis escritos com a bela letra da mãe, o tapete surrado. Só faltava Ellen, com aquele leve perfume de verbena-limão e aquela expressão doce nos olhos inclinados. Scarlett sentiu uma dorzinha no coração, como se tivesse os nervos anestesiados por um ferimento profundo, esforçando-se para recobrar a sensibilidade. Não podia acordá-los agora. Tinha o resto da vida para sentir dor. Mas agora não! Pelo amor de Deus, agora não!

Olhou para o rosto encardido de Gerald e, pela primeira vez na vida, viu-o com a barba por fazer. Era grisalha, e sombreava suas faces outrora coradas. Pork, depois de colocar a vela sobre a peanha, foi para junto de Scarlett. Ela teve a impressão de que, se fosse um cachorro, ele deitaria a cabeça em seu colo pedindo carinho.

— Pork, quantos pretos ficaram?

— Sinhá Scarlett, os criôlo imprestávi fugiu tudo i uns foi c’cos ianque…

— Quantos ficaram?

— Ficô eu, sinhazinha, i a Mammy. Ela passa u dia cuidano das sinhazinha. E a Dilcey, qui tá agora c’as sinhazinha. Nós três, sinhá Scarlett.

“Nós três” quando tinham sido cem. Com muito custo, Scarlett levantou a cabeça sobre os ombros doloridos. Sabia que precisava manter a voz firme. Para sua surpresa, as palavras saíram com a maior naturalidade, como se nunca tivesse havido guerra e ela pudesse, com um simples aceno, chamar dez criados para servi-la.

— Pork, estou morta de fome. Tem alguma coisa para comer?

— Não, sinhazinha. Levaro tudo.

— E na horta?

— Os cavalo deles pisoteô tudo.

— Até as batata-doces?

Algo quase como um sorriso de satisfação rasgou-lhe as beiçolas.

— Sinhá Scarlett, m'isquici dos inhame. Acho qui tá lá. Us ianque nunca viu inhame i acha qui é só raiz i…

— A lua já vai nascer. Vá lá arrancar uns para assar. Não tem farinha de milho? Umas ervilhas secas? Uns frangos?

— Tem não. Os frango qu'eles num cumeu, eles carregô tudo.

Eles… Eles… Eles… Seria infindável a lista do que "eles" haviam feito? Não bastava incendiar e matar? Precisariam ainda deixar mulheres, crianças e negros indefesos morrendo de fome numa região que haviam devastado?

— Sinhá Scarlett, eu tenho umas maçã qui a Mammy interrô imbaxo da casa. Nós andô comeno elas hoje.

— Então traga as maçãs antes de desenterrar os inhames. E Pork… eu… eu estou me sentindo muito fraca. Tem algum vinho na adega, mesmo que seja de amora?

— Ah, sinhá Scarlett, a adega foi u primero lugá qu'eles foi.

Subiu-lhe de repente uma sensação de náusea, agravada pela fome, pela falta de sono, pela exaustão e pelos golpes atordoantes. Apertou as rosas entalhadas da cadeira.

— Nada de vinho — disse morosamente, lembrando-se das fileiras intermináveis de garrafas na adega. Uma lembrança lhe veio. — Pork, e aquele uísque de milho no barril de carvalho que papai enterrou embaixo da parreira?

Outra sombra de sorriso iluminou o rosto do negro, um sorriso de satisfação e respeito.

— A sinhá Scarlett tem mermo a quem saí! Eu num lembrava mais daquele barril. Mas aquele uísque num presta. Tá lá faz mais di ano i num presta pra dama.

Como eram burros os negros! Não usavam a cabeça para nada. Só se alguém mandasse. E os ianques queriam libertá-los.

— Vai prestar para esta dama aqui e para o papai. Depressa, Pork. Desenterre o barril e traga aqui com dois copos, uns ramos de hortelã e um pouco de açúcar para eu preparar um julep.

Pork torceu o rosto.

— A sinhazinha num sabe qui faz tempo qui num tem açúca im Tara. I us cavalo deles comeu a hortelã toda i eles quebrô us copo todo.

Se ele tornar a dizer "eles", eu grito. Não vai ser possível segurar, pensou. Depois, disse em voz alta:

— Então vá correndo buscar o uísque. Tomamos puro. — E, quando ele virou as costas: — Espere, Pork. Tem tanta coisa para fazer que nem consigo raciocinar… Ah, sim. Eu trouxe para casa um cavalo e uma vaca que está precisando muito ser ordenhada. Desarreie o cavalo e dê água para ele. Diga a Mammy para cuidar da vaca. Diga a ela para dar um jeito de cuidar dela. O bebê da sra. Melanie vai morrer se não tiver o que comer e…

— A sinhá Melly num tem…? — Delicadamente, Pork fez uma pausa.

— A sra. Melanie não tem leite. — *Meu Deus, mamãe desmaiaria ao o*uvir isso.

— Bom, sinhazinha Scarlett, a minha Dilcey dá mamá pro fio da sinhá Melly. A minha Dilcey tá c'um fio novo i tem leite di sobra pra dois.

— Você teve mais um filho, Pork?

Bebês, bebês, bebês. Por que Deus fazia tantos bebês? Mas não, não era Deus que fazia. Era gente burra.

— Sim, sinhazinha, um negrinho grande e forte. Ele…

— Diga a Dilcey para largar as meninas. Eu cuido delas. Diga para ela amamentar o filhinho da sinhá Melanie e fazer tudo que puder por ela. Diga a Mammy para cuidar da vaca e botar o pobre do cavalo na estrebaria.

— Num tem mais estrebaria, sinhazinha. Eles usô a madera pra lenha.

— Não me diga mais o que "eles" fizeram. Mande Dilcey cuidar da mãe e do bebê. E você, Pork, vá desencavar aquele uísque e uns inhames.

— Mas, sinhazinha Scarlett, num tem luz pra mim vê onde cavo.

— Você pode acender uns gravetos, não pode?

— Num sobrô nada… Eles…

— Dê um jeito… Não me interessa qual. Mas desenterre essas coisas, e depressa. Agora, ande logo.

Enquanto Scarlett endurecia o tom, Pork foi saindo rapidinho, deixando-a só com Gerald. Ao tocar carinhosamente na perna do pai, notou que ele perdera

toda a forte musculatura desenvolvida por anos passados em cima da sela. Ela devia fazer alguma coisa para tirá-lo daquela apatia… mas não podia lhe perguntar pela mãe. Teria que deixar isso para depois, quando estivesse preparada.

— Por que não incendiaram Tara?

Gerald ficou olhando para ela, como se não ouvisse, e ela repetiu a pergunta.

— Ora… — atrapalhou-se ele — fizeram a casa de quartel-general.

— Os ianques… nesta casa?

Teve a sensação de que aquelas paredes queridas haviam sido profanadas. Aquela casa, sagrada por ter sido a morada de Ellen, e aqueles… aqueles… lá dentro.

— Fizeram, sim, filha. Nós vimos a fumaça de Twelve Oaks do outro lado do rio, antes que chegassem. Mas, como a srta. Honey, a srta. India e alguns escravos tinham fugido para Macon, não nos preocupamos com eles. Só que nós não podíamos ir para Macon. As meninas estavam muito doentes… a sua mãe… não dava para ir. Nossos pretos fugiram… não sei para onde. Roubaram as carroças e as mulas. Mammy, Dilcey e Pork não fugiram. As meninas… sua mãe… não dava para transportá-las.

— Sim, sim. — Ele não devia falar na mãe. Falasse qualquer outra coisa. Até que o próprio general Sherman havia usado aquela sala, o escritório de Ellen, como quartel-general. Qualquer outra coisa.

— Os ianques estavam a caminho de Jonesboro para cortar a linha do trem. E vieram pela estrada depois de atravessar o rio… aos milhares… e canhões e cavalos… milhares. Recebi-os na varanda.

Ah, o galante Gerald!, pensou Scarlett, orgulhosa. Gerald recebendo o inimigo nas escadas de Tara, como se tivesse um exército na retaguarda, e não à sua frente.

— Mandaram que eu saísse, que iam incendiar a casa. E eu disse que teriam de incendiá-la comigo dentro. Nós não podíamos sair… as meninas… sua mãe estava…

— E depois? — Ele precisava sempre voltar a Ellen?

— Eu disse a eles que havia doença em casa, tifo, e que movê-las seria a morte. Podiam queimar a casa sobre nossas cabeças. Eu não queria sair…

abandonar Tara.

A voz dele emudeceu enquanto seu olhar ausente percorria as paredes. Scarlett entendeu. A ancestralidade irlandesa de Gerald era muito forte. Homens que morreram lutando até o fim para não deixar a terra onde haviam vivido, trabalhado, amado e procriado.

— Eu disse que eles estariam queimando a casa com três mulheres à beira da morte lá dentro. Mas que não sairíamos. O jovem oficial era… era um cavalheiro.

— Um ianque cavalheiro? Ora, papai!

— Um cavalheiro. Ele saiu a galope e voltou logo, trazendo um capitão e um médico, que examinou as meninas… e sua mãe.

— Você deixou o desgraçado de um ianque entrar no quarto delas?

— Ele tinha ópio. Nós, não. Salvou a vida das suas irmãs. Suellen estava perdendo sangue. Ele fez o melhor que pôde. E quando lhes informou que elas estavam… doentes… não incendiaram a casa. Instalaram-se aqui. Um general e os comandados dele. Ocuparam todos os quartos, menos o das doentes. E os soldados…

Fez mais uma pausa, como se estivesse muito cansado, deixando o queixo flácido cair sobre o pescoço. Com muito custo, continuou.

— Acamparam em volta da casa, em toda a propriedade, nos algodoais, nos milharais. O pasto ficou coalhado de azul. Naquela noite, havia mil fogueiras. Eles arrancaram as cercas para fazer lenha e acabaram também com os celeiros, os estábulos e o fumeiro. Mataram as vacas, os porcos, as galinhas… e até os meus perus. — Os preciosos perus de Gerald. Então, eles também se foram. — Levaram objetos, até quadros… alguns móveis, porcelana…

— A prataria?

— Pork e Mammy fizeram alguma coisa com a prataria… esconderam no poço… mas não lembro bem. — A voz de Gerald estava irritada. — Depois, lutaram daqui de Tara mesmo… Era muito barulho, gente galopando e pisando com força. Mais tarde, o canhoneio em Jonesboro… parecia trovoada… até as meninas, naquele estado, ouviam e ficavam pedindo: “Papai, manda parar de trovejar.”

— E…e a mamãe? Ela soube que os ianques estavam aqui?

— Ela… ela não soube de nada.

— Graças a Deus — disse Scarlett. *Mamãe foi poupada disso. Nunca soube, nem ouviu o inimigo nos quartos de baixo, não ouviu o tiroteio em Jonesboro. Nunca ficou sabendo que a terra que tanto amava estava ocupada po*r ianques.

— Eu vi poucos deles, pois ficava lá em cima com as meninas e a sua mãe. Estive mais em contato com o jovem médico. Ele era muito humano, Scarlett. Depois de passar o dia trabalhando com os feridos, ia lá ficar com elas. Até deixava uns medicamentos. Quando o Exército foi embora, ele me disse que as meninas se recuperariam, mas sua mãe… Ela era muito frágil, disse… muito frágil para suportar aquilo tudo. Falou que ela tinha minado a própria saúde…

No silêncio que se seguiu, Scarlett imaginou a mãe naqueles últimos dias, uma fortaleza esguia ali em Tara, cuidando, trabalhando, dando tudo de si sem dormir e sem comer para que os outros pudessem descansar e se alimentar.

— Depois, eles foram embora. Eles foram embora.

Calou-se por um bom tempo, e então acariciou a mão da filha.

— Estou é contente por ter você em casa — limitou-se a dizer.

Ouviu-se um roçar na varanda dos fundos. Pobre Pork, treinado durante quarenta anos a limpar os sapatos antes de entrar em casa, mesmo em uma hora daquelas, não esqueceu. Entrou carregando cuidadosamente duas cabaças, precedido pelo cheiro forte da bebida que pingava.

— Eu derramei um tanto, sinhazinha Scarlett. A tampa é munto dura pra saí.

— Está bem, Pork, e obrigada. — Tomou das mãos dele a cabaça molhada, torcendo o nariz para o mau cheiro.

— Beba isso, papai — disse, passando-lhe o uísque naquele estranho recipiente e pegando das mãos de Pork a segunda cabaça de água. Gerald, obediente como uma criança, ergueu o recipiente e bebeu ruidosamente. Scarlett passou-lhe a água, mas ele fez que não com a cabeça.

Ao tomar-lhe o uísque das mãos e levá-lo à boca, viu que os olhos do pai a seguiam com uma expressão de censura.

— Sei que uma dama não bebe álcool — disse ela logo. — Mas hoje eu não sou uma dama, papai, e esta noite tenho muito trabalho para fazer.

Inclinou a cabaça, respirou fundo e bebeu depressa. O líquido quente desceu queimando-lhe da garganta ao estômago, engasgando-a e trazendo-lhe lágrimas

aos olhos. Tornou a respirar e a inclinar a cabaça.

— Katie Scarlett — disse Gerald, com um tom de autoridade que ela ouvia pela primeira vez, desde que voltara, na voz dele —, chega. Você não está habituada a beber, e o álcool vai deixá-la tonta.

— Tonta? — Deu uma risada feia. — Tonta? Tomara que me deixe bêbada. Eu gostaria de me embebedar e esquecer tudo isso.

Deu outro gole. Sentiu uma onda lenta de calor nas veias percorrendo todo o seu corpo, fazendo formigarem até as pontas de seus dedos. Que sensação abençoada, a daquele fogo simpático. Parecia penetrar até em seu coração gelado, devolvendo-lhe rapidamente as forças. Vendo a expressão confusa e incomodada do pai, tornou a lhe acariciar o joelho, procurando esboçar aquele sorriso atrevido que antes o encantava.

— Como isso vai me deixar tonta, papai? Sou sua filha. Não herdei a cabeça mais resistente do condado de Clayton?

Ele quase sorriu para a fisionomia cansada da filha. O uísque também lhe dava forças. Ela devolveu-lhe a cabaça.

— Agora tome mais um gole e depois vou botá-lo na cama lá em cima.

Ela caiu em si. Ora, era assim que falava com Wade… não devia dirigir-se ao pai daquele jeito. Era falta de respeito. Mas ele a ouviu com atenção.

— Sim, botá-lo na cama — acrescentou delicadamente —, e lhe dar mais um gole… talvez a cabaça toda para você dormir. Está precisando de sono, e agora a Katie Scarlett está aqui e você não precisa se preocupar com nada. Beba.

Ele bebeu obedientemente, e ela, passando o braço pelo dele, ajudou-o a se pôr de pé.

— Pork…

Pork pegou a cabaça com uma das mãos e o braço de Gerald com a outra. Scarlett apanhou a vela acesa e, lentamente, os três atravessaram o saguão escuro e subiram para o quarto de Gerald.

O quarto onde, deitadas na mesma cama, Suellen e Carreen resmungavam e se agitavam tresandava o cheiro desagradável do trapo que ardia em um pires de banha de porco, a única fonte de luz. Ao abrir a porta, Scarlett quase desmaiou com o abafamento do cômodo, que tinha todas as janelas fechadas e estava

impregnado dos cheiros de remédio e banha. Os médicos podiam dizer que as correntes de ar eram fatais em um quarto de doente, mas caso ficasse ali ela morreria se não tivesse ar circulando. Abriu as três janelas, deixando entrar um cheiro de terra e de folhas de carvalho, porém o ar puro não foi suficiente para dissipar os odores repulsivos acumulados durante semanas naquele ambiente fechado.

Carreen e Suellen, lívidas e macilentas, dormiam um sono intermitente. Acordaram resmungando, de olhos arregalados, na cama de quatro colunas onde haviam cochichado juntas em dias melhores e mais felizes. Em um dos cantos do quarto, havia uma cama vazia. Era um canapé em estilo império, com a cabeceira e os pés recurvos, que Ellen trouxera de Savannah. Foi onde morrera.

Scarlett sentou-se ao lado das irmãs, fitando-as com ar apalermado. O uísque que tomara depois de tantas horas de estômago vazio estava lhe pregando peças. Ora via as irmãs pequeninas como se estivessem longe, com vozes incoerentes que lhe chegavam como zumbidos de insetos, ora as via enormes, aproximando-se dela com a velocidade de um raio. Estava exausta, cansada até os ossos. Seria capaz de se deitar e passar dias dormindo.

Se ao menos pudesse se deitar e adormecer e acordar sentindo Ellen sacudir-lhe delicadamente o braço, dizendo: “É tarde, Scarlett. Não seja tão preguiçosa.” Mas isso nunca mais seria possível. Se tivesse Ellen, alguém mais velha que ela, mais sábia e descansada, a quem pudesse recorrer! Uma pessoa em cujo colo pudesse deitar a cabeça, e para cujos ombros pudesse passar os fardos!

A porta abriu de mansinho, e Dilcey entrou, com o bebê de Melanie no peito e a cabaça de uísque na mão. À luz fumarenta e difusa, parecia mais magra do que da última vez que a vira, com a ascendência índia mais evidente no rosto. As maçãs do rosto estavam mais proeminentes, o nariz aquilino, mais afilado, e a pele acobreada tinha mais brilho. Seu vestido de chita desbotado, aberto até a cintura, deixava exposto o volumoso seio, ao qual ela aconchegava o bebê de Melanie. Com sua boquinha rosada, ele sugava gulosamente o mamilo escuro enquanto apertava com as mãozinhas a carne macia, como um gatinho agarrado às tetas da mãe.

Scarlett levantou-se meio trôpega e pôs a mão no braço de Dilcey.

— Que bom que você ficou, Dilcey.

— E cumé qu’eu ia imbora c’aqueles criôlo imprestável, sinhazinha Scarlett, dispois qui o seu pai comprô eu i a Prissy i a sua mãe foi tom boa?

— Sente-se Dilcey. O bebê está mamando bem? E como está a sra. Melanie?

— Num tem nada di errado cum essa criança. Ela só tem fome, mas eu tenho tudo qui uma criança cum fome percisa. A sinhá Melanie tá bem, ela num vai morrê, sinhá Scarlett. Já vi munta gente qui nem ela, branca i preta. Ela tá munto cansada i nervosa i aflita pur causa du bebê. Mas eu acarmei ela i dei u restinho daquela cabaça pra ela, i ela tá durmino.

Então o uísque de milho tinha sido usado por toda a família! Scarlett pensou histericamente que talvez devesse ter dado um pouco ao pequeno Wade para ver se ele parava com os soluços… E Melanie não ia morrer. E quando Ashley voltasse — se voltasse… Não, depois pensaria nisso. Tinha tanta coisa para pensar… depois. Tantas coisas para desenrolar — para decidir. Se ao menos pudesse adiar indefinidamente a hora do ajuste de contas! Sobressaltou-se ao ouvir um rangido, acompanhado de um “ca-bum… ca-bum…” ritmado, quebrar o silêncio lá fora.

— É a Mammy trazendo água pra lavá as sinhazinha. Elas toma munto banho — explicou Dilcey escorando a cabaça na mesa entre vidros de remédio e um copo.

Scarlett caiu na gargalhada. Devia estar com os nervos em frangalhos para se assustar com o barulho da manivela do poço, que ouvira a vida toda. Impassível e digna, Dilcey fitou-a com firmeza enquanto ela ria, mas Scarlett sentiu que a mulher tinha entendido. Recostou-se na cadeira. Se ao menos pudesse se ver livre do espartilho, da gola que a sufocava e dos sapatos ainda cheios de areia e cascalho que lhe machucavam os pés…

A manivela rangia devagar enquanto a corda era recolhida, cada rangido trazendo a caçamba mais para cima. Logo Mammy estaria com ela… A Mammy de Ellen, a sua Mammy. Ficou sentada em silêncio, sem se fixar em nada, enquanto o bebê, já cheio de leite, choramingava por ter perdido o mamilo aconchegante. Dilcey, também em silêncio, guiava sua boquinha de novo para lá, embalando-o nos braços, e Scarlett ouvia os passos lentos da mãe atravessando o quintal. Naquela noite tão quieta, os menores ruídos lhe chegavam amplificados.

A galeria do andar de cima pareceu estremecer sob o peso considerável de Mammy a caminho da porta. Em seguida, ela entrou no quarto. Vinha com os ombros vergados sob o peso dos dois baldes de madeira, mostrando no rosto negro e bondoso aquela tristeza desprovida de entendimento que se via no rosto de um macaco.

Seus olhos se iluminaram ao ver Scarlett. Os dentes brancos brilharam quando ela pôs os baldes no chão. Scarlett correu para abraçá-la, deitando a cabeça sobre os volumosos seios caídos que tantas cabeças haviam aconchegado, negras e brancas. Ali estava um pouco de estabilidade, pensou Scarlett, um pouco da vida antiga, que não mudava. Mas as primeiras palavras de Mammy desfizeram essa ilusão.

— A minina da Mammy tá im casa! Ah, sinhazinha Scarlett, agora sem a sinhá Ellen, qué qui nós vai fazê? Ah, sinhazinha, era mió eu tê morrido junto c'a sinhá Ellen! Num posso vivê sem ela. Aqui só sobrô disgraça i pobrema. Só fardo pesado.

Com a cabeça encostada no peito de Mammy, duas palavras lhe chamaram a atenção: "fardo pesado". Eram as que passaram aquela tarde lhe zumbindo monotonamente na cabeça a ponto de a deixarem enjoada. Agora se lembrava do resto da canção, com desânimo.

"Só mais uns passos para carregar o fardo pesado!

Não importa que nunca seja leve!

Só mais uns dias gramando essa estrada…"

"Não importa que nunca seja leve"… Levou as palavras à sua mente cansada. Seu fardo nunca mais seria leve? Teria sido a volta para Tara não uma trégua abençoada, mas sim apenas mais fardos para suportar? Escapuliu dos braços de Mammy e, erguendo o braço, acariciou seu rosto enrugado.

— Quirida, as suas mão! — E Mammy, segurando as suas mãozinhas machucadas, olhou para elas horrorizada. — Sinhazinha Scarlett, eu já falei pr'ocê c'agente conhece uma dama pelas mão… ocê tamém tá c'o rosto queimado di só.

Pobre Mammy, continuava severa a respeito de coisas tão sem importância, mesmo tendo acabado de ver de perto a guerra e a morte! Dali a pouco, diria que

mocinhas sardentas e de mãos empoladas geralmente não arranjavam marido. Scarlett evitou o comentário.

— Mammy, quero que me conte tudo sobre a mamãe. Não consegui ouvir o papai falar dela.

Os olhos de Mammy se encheram de lágrimas enquanto ela se abaixava para pegar os baldes. Em silêncio, carregou-os para a beira da cama, puxou o lençol e começou a levantar as roupas de dormir de Suellen e Carreen. Scarlett, olhando as irmãs naquela luz mortiça, viu que Carreen usava uma camisola limpa, mas esfarrapada. Suellen estava embrulhada em um velho roupão de linho castanho, cheio de pontas de renda irlandesa. Mammy chorava calada enquanto lavava os corpos magros, usando os restos de um avental como esfregão.

— Sinhazinha Scarlett, foi us Slattery, aquela ralé nojenta, qui matô a sinhá Ellen. Cansei di falá pra ela qui num dianta sê bom pra quem num presta, mas ela tinha u coração munto mole i nunca dizia não pra quem percisava dela.

— Os Slatterys? — perguntou Scarlett, perplexa. — Como eles entram nisso?

— Eles tava cum essa duença — Mammy apontava para as duas meninas com o esfregão encharcado de água que pingava no lençol. — A fia da sinhá Slattery, a Emmie, pegô isso, i a veia foi correno chamá a sinhá Ellen, como ela chamava sempre qui tinha um pobrema. Pur que qui ela merma num tratô? A sinhá Ellen carregava mais peso du qui pudia. Mas ela foi lá cuidá da Emmie. I num tava nada bem, sinhazinha. A sua mãe num tava bem fazia tempo. Nós num tinha muita coisa pra cumê aqui, c'os home du exército robano tudo qui nós prantava. I a sinhá Ellen sempre cumeu qui nem passarinho. Eu falei pra ela dexá aquela ralé branca pra lá, mas ela num mi ouviu. Bom, quano parecia qui a Emmie tava mió, a sinhazinha Carreen pegô a duença. É, u tifo veio voano pel'istrada i pegô a sinhazinha Carreen, i dispois a sinhazinha Suellen. Aí a sinhá Ellen cuidô delas tamém.

E Mammy continuou:

— C'as luta toda na istrada, i us ianque du outro lado du rio, i nós sem sabê u qui ia sê di nós, i us peão fugino toda noite, quase fiquei maluca. Mas a sinhá Ellen num isquentava a cabeça. Só tava afrita pur causa das minina purque num conseguia 'ranjá remédio nem nada pra elas. Uma noite, dispois qu'eu passei pano nas minina mais di dez vez, ela falô pra mim: "Mammy, se eu pudesse,

vendia a alma pra tê um poco di gelo pra botá na cabeça das minhas fia.” Ela num dexava u sinhô Gerald entrá lá, nem a Rosa nem a Teena, só dexava eu, qui já tinha tido tifo. Antão isso pegô ela, i eu vi logo qui num tinha u qui fazê.

Mammy se endireitou e enxugou as lágrimas no avental.

— Ela foi logo, sinhazinha, i nem aquele médico ianque bonzinho num pôde fazê nada pur ela. Ela num sôbe di nada. Eu chamava ela, i falava cum ela, mas ela nem conhecia a Mammy dela.

— Ela… ela alguma vez falou em mim… me chamou?

— Não, meu doce. Ela achava qui era minina di novo lá im Savannah. Num chamô u nome di ninguém.

Dilcey mexeu-se, deitando o menino adormecido sobre os joelhos.

— Sim, sinhora. Chamô uma pessoa, sim.

— Cala essa boca, sua nêga-índia! — disse Mammy agressivamente, contestando Dilcey.

— Cale a boca, Mammy! Quem ela chamou, Dilcey? Papai?

— Não. Num foi seu pai. Foi na noite qui u argodão pegô fogo.

— O algodão pegou fogo… Me diga logo!

— Pegô, sim, sinhá. Os sordado botô us fardo no quintá i gritô: “Essa é a maió fuguera da Geórgia”, i tocaro fogo.

Três anos de algodão estocado — 150 mil dólares, queimados de uma vez!

— I u fogo alumiô tudo qui nem dia… nós tava cum medo qui a casa tamém pegasse fogo, tava tão craro nesse quarto qui dava pra catá uma aguia nu chão. I, quando a luz alumiô a janela, parece qui acordô a sinhá Ellen, i ela sentô na cama gritano: “Feeleep! Feeleep!” Eu nunca ovi esse nome, mas era u qui ela tava chamano.

Mammy parecia petrificada fuzilando Dilcey com os olhos, e Scarlett deixou a cabeça cair nas mãos. Philippe — quem era ele, e o que teria sido para sua mãe, que morrera chamando por ele?

Ela, que devia acabar nos braços de Ellen depois da longa viagem de Atlanta a Tara, acabara dando contra uma parede. Nunca mais poderia, como uma criança, sentir-se segura na casa do pai envolvida na proteção do amor da mãe como se fosse um edredom. Não havia segurança ou refúgio para onde pudesse correr

agora. Não tinha para onde se virar a fim de evitar aquele beco sem saída ao qual chegara. Não havia ninguém para cujos ombros pudesse transferir seus fardos. O pai estava velho e em estado de choque, as irmãs, doentes, Melanie, frágil e debilitada, as crianças, indefesas, e os negros, com uma confiança infantil, aferravam-se às suas saias, sabendo que a filha de Ellen seria para eles o refúgio que Ellen sempre fora.

Da janela, à luz da lua que nascia, via Tara estendendo-se à sua frente. Sem escravos, com as plantações devastadas e os celeiros destruídos, como um corpo sangrando diante de seus olhos, seu próprio corpo sangrando. Aquele era o fim da estrada: uma velhice trêmula, doença, bocas famintas, mãos dependentes agarradas às suas saias. E no final daquela estrada não havia nada — nada senão Scarlett O'Hara Hamilton, de 19 anos, viúva, com um filho pequeno.

O que faria com tudo aquilo? Tia Pitty e os Burrs em Macon poderiam ficar com Melanie e o bebê. Se as meninas se recuperassem, a família de Ellen teria que recebê-las, gostando ou não. E ela e Gerald poderiam recorrer a tio James e tio Andrew.

Olhou para aquelas formas esquálidas remexendo-se de um lado para o outro na cama molhada. De repente, viu claramente que não gostava de Suellen. Jamais gostara. Tampouco morria de amores por Carreen — não era capaz de gostar dos fracos. Mas elas eram o seu sangue, faziam parte de Tara. Não, não podia deixar que fossem morar na casa de tios, como parentes pobres. Um O'Hara na miséria, vivendo da caridade alheia! Ah, isso nunca!

Não haveria como fugir daquele beco sem saída? O cansaço a deixava com o raciocínio lento. Ao levar as mãos à cabeça, sentiu uma resistência no ar como se estivesse levantando os braços dentro d'água. Pegou a cabaça escorada entre o copo e o vidro e olhou lá dentro. Viu um resto de uísque no fundo, mas não sabia precisar quanto. Estranhando que o cheiro forte do álcool já não a incomodasse, bebeu lentamente. Desta vez, no lugar da queimação, sentiu apenas um leve bem-estar.

Pousou a cabaça vazia e olhou em volta. Aquilo tudo era um sonho. O quarto enfumaçado e escuro, as meninas esqueléticas, Mammy com aquele corpanzil disforme acocorada ao lado da cama, Dilcey uma estátua de bronze em cujo seio dormia uma pequena forma rosada — um sonho do

qual despertaria sentindo o cheiro de bacon sendo frito na cozinha, ouvindo as gargalhadas guturais dos negros e o ranger das carroças a caminho do campo, enquanto Ellen delicadamente a sacudia com insistência.

Depois, viu-se já deitada em seu próprio quarto, iluminado apenas pela luz do luar, sendo despida por Mammy e Dilcey. Livre do espartilho torturante, já podia respirar fundo. Sentiu as meias lhe sendo tiradas delicadamente, e os pés empolados sendo banhados por Mammy, que balbuciava sons confortadores. Como estava gostosa aquela água fria e como era bom se deitar, como se fosse uma criança, naquela cama macia. Suspirou, relaxando e, passado o que poderia ter sido um ano ou um segundo, estava sozinha e o quarto ficara mais claro com o luar batendo em cheio na cama.

Não sabia que estava bêbada, bêbada de cansaço e de uísque. Só sabia que deixara aquele corpo cansado e flutuava acima dele em um lugar onde não havia dor nem cansaço, e seu cérebro via as coisas com uma clareza de outro mundo.

Estava vendo tudo com novos olhos, pois, na viagem para Tara, deixara de ser menina. Já não era mais aquela massa maleável que cada nova experiência modelava. Em algum momento daquele dia que durara mil anos, a massa endurecera. Aquela noite seria a última em que aceitaria ser tratada como uma criança. Deixara de ser criança e já era uma mulher.

Não, não podia e nem iria recorrer à família de Gerald ou à de Ellen. Os O'Haras não aceitavam caridade. Cuidavam de si mesmos. Seus fardos eram só dela, e os fardos eram feitos para ombros fortes o suficiente para carregá-los. Não se surpreendeu ao sentir agora nos ombros a força necessária para suportar qualquer coisa, depois de ter aguentado o pior que algum dia lhe poderia acontecer. Não podia abandonar Tara. Seu lugar era naquela propriedade de terra vermelha. Scarlett pertencia àquelas terras vermelhas mais do que Tara poderia pertencer a ela. Enraizada naquele solo cor de sangue, como o algodão, nutria-se dele. Ficaria em Tara e manteria a propriedade. Daria um jeito de sustentar o pai e as irmãs, Melanie e o filho de Ashley, e os negros. Amanhã — ah, amanhã! Amanhã poria a canga no pescoço. Amanhã haveria muito que fazer. Ir a Twelve Oaks e ao sítio dos MacIntoshes, ver se tinha sobrado alguma coisa nas hortas abandonadas. Dar uma batida nos pântanos à cata de porcos ou aves que para lá tivessem fugido. Levar as joias de Ellen a Jonesboro e a Lovejoy e trocá-las por

mantimentos que alguém ainda tivesse. Amanhã… amanhã… seu raciocínio ficava cada vez mais lento, como um relógio que estivesse parando, mas a clareza da visão persistia.

As histórias de família, que ouvira tantas vezes desde a mais tenra infância, sentindo-se meio entediada e impaciente sem as compreender totalmente, de repente ficaram de uma clareza cristalina. Gerald, sem um tostão, criara Tara; Ellen superara um sofrimento misterioso; o avô Robillard, sobrevivendo ao desmoronamento do império napoleônico, refizera sua fortuna no fértil litoral da Geórgia; o bisavô Prudhomme criara um pequeno reino nas florestas cerradas do Haiti, perdera-o, mas vivera para ver seu nome respeitado em Savannah. Havia os Scarletts, que tinham lutado com os Voluntários Irlandeses pela liberdade da Irlanda e por isso haviam sido enforcados. E os O'Haras que tinham morrido em Boyne defendendo até o fim o que lhes pertencia.

Todos haviam sofrido reveses esmagadores e não foram esmagados. Não sucumbiram à derrocada de impérios, aos golpes de escravos revoltosos, à guerra, à rebeldia, ao exílio, aos confiscos. O destino cruel talvez lhes tivesse ceifado a vida, mas nunca a coragem. Nunca se queixaram, lutaram. E, quando morreram, morreram esgotados, mas sem perder a chama. Todos aqueles ancestrais meio desconhecidos, cujo sangue corria em suas veias, pareciam desfilar em silêncio naquele quarto enluarado. E Scarlett não se surpreendeu ao ver aqueles antepassados que haviam suportado o pior que o destino podia lhes reservar e conseguido transformá-lo no melhor. Tara era o seu destino, a sua luta, e ela precisava vencê-la.

Virou-se de lado, sonolenta, entregando-se pouco a pouco à escuridão que a envolvia. Estariam eles realmente ali, encorajando-a com mensagens sem palavras, ou estaria ela sonhando?

— Estejam vocês aí ou não — murmurou estremunhada —, boa noite… e obrigada.

Capítulo 25

No dia seguinte, Scarlett amanheceu com o corpo tão rígido e tão dolorido, em consequência das longas horas de caminhadas e sacolejos na carroça, que cada movimento era uma agonia. Tinha o rosto vermelho como um pimentão e as palmas das mãos esfoladas. Sentia a língua pastosa, e a garganta tão seca que tinha a impressão de que nem um barril de água saciaria sua sede. Parecia ter a cabeça inchada e, cada vez que virava os olhos, fazia uma careta. Uma náusea que lhe lembrava o início da gravidez tornava insuportável o cheiro dos inhames fumegantes na mesa do café da manhã. Gerald poderia lhe dizer que aqueles sintomas eram apenas as consequências normais de sua primeira experiência com um destilado, mas ele não notou nada. Sentado à cabeceira da mesa, muito envelhecido, tinha os olhos ausentes e apagados grudados na porta, e a cabeça meio inclinada, para ouvir o farfalhar das anáguas de Ellen e sentir seu cheiro de verbena-limão.

Quando Scarlett se sentou, ele murmurou:

— Vamos aguardar a sra. O'Hara. Ela está atrasada.

Erguendo a cabeça dolorida, Scarlett olhou espantada e incrédula para o pai e viu o olhar suplicante de Mammy, postada atrás da cadeira dele. Levantou-se um tanto trôpega, com a mão na garganta, e foi ver mais de perto o pai à luz do dia. Ele olhou para ela com um olhar vazio, e a jovem notou o tremor de sua cabeça e de suas mãos.

Até então, não tinha percebido quanto contara com a liderança e com a orientação do pai. E agora… Ora, na noite anterior, ele quase parecia o mesmo. Faltava-lhe aquela exuberância costumeira, mas pelo menos tinha contado uma história coerente. Agora nem lembrava que Ellen morrera. O choque da invasão dos ianques, somado ao da morte dela, atordoou-o. Ela ia falar, mas Mammy balançou veementemente a cabeça e, levantando o avental, enxugou os olhos vermelhos.

Ah, será que papai perdeu o juízo?, pensou Scarlett, sentindo a cabeça latejante prestes a estourar com mais aquele problema. *Não, não. Está só atordoado com tudo isso. É como se estivesse doente, mas vai se recuperar. Tem que se recuperar. Do contrário, o que vou fazer? Não vou pensar nisso agora. Não vou pensar nele, nem em mamãe, nem em nenhuma dessas tristezas. Só quando tiver condições. Tenho muitas outras coisas para pensar… coisas que posso resolver sem pensar nas que* não posso.

Saiu da sala de jantar sem comer e foi para a varanda dos fundos, onde encontrou Pork descalço e com os andrajos do que foi sua melhor *libré*, sentado nos degraus descascando amendoins. Já sentia a cabeça latejando, e agora a claridade forte feriu seus olhos. Só à custa de muita força de vontade conseguia manter-se ereta, e falou o menos possível, omitindo as formas de cortesia de praxe que a mãe sempre lhe ensinara a usar quando falava com os negros.

Começou a interrogá-lo de modo tão brusco e a dar ordens tão peremptórias que Pork ficou espantado. Sinhá Ellen nunca falava tão secamente com ninguém, mesmo com quem flagrava roubando galinhas e melancias. Tornou a perguntar sobre os campos, as hortas e o gado com uma expressão dura que Pork nunca vira em seus olhos verdes.

— Sim, sinhazinha, aquele cavalo morreu. Eu tinha amarrado ele c'o fucinho dentro du barde d'água i ele tombô. Não, a vaca num morreu. Sabe? Ela deu cria essa noite. Pur isso berrava tanto.

— Uma boa parteira, a sua Prissy vai ser — comentou Scarlett com sarcasmo. — Disse que mugia porque precisava ser ordenhada.

— Bão, sinhazinha, a Prissy num tava preparada pra sê partera di vaca — argumentou Pork com tato. — I pra quê recramá si aquela bizerra vai virá vaca cheia di leite pras sinhazinha, como aquele dotô ianque disse qu'elas precisava?

— Está bem, continue. Sobrou algum gado?

— Não, sinhá. Só uma porca veia c'a ninhada dela. Levei eles pros brejo nu dia qui us ianque chego, mas só Deus sabe como nós vai pegá eles. Aquela porca é má.

— Vamos pegá-los, sim. Você e Prissy podem começar a caçá-los agora mesmo.

Pork espantou-se, indignado.

— Sinhá Scarlett, iss'é trabaio di pião. Eu sempre fui nêgo di casa.

Um diabinho com duas pinças incandescentes trabalhava por trás dos globos oculares de Scarlett.

— Vocês dois vão pegar a porca… ou ir embora daqui, como os peões foram.

Os olhos magoados de Pork marejaram. Ah, se ao menos a sinhá Ellen estivesse ali! Ela entendia aquelas sutilezas e percebia o abismo que havia entre os deveres de um peão e os de um negro doméstico.

— I imbora, sinhazinha? Pra onde eu vô, sinhazinha Scarlett?

— Não sei nem me interessa. Mas qualquer pessoa em Tara que não quiser trabalhar pode ir procurar os ianques. Pode dizer isso às outras.

— Sim, sinhazinha.

— Agora, e o milho e o algodão, Pork?

— O mío? Vixe, sinhazinha, eles botô us cavalo pra pastá nu miará, i levo u qui eles num cumeu. I eles acabô c'os argodoá passano c'caquelas carreta di canhão. Só sobrô unzinho qui eles num viu na varge. Mas num vale a pena i lá buscá esse argodão, porque só tem três fardo.

Três fardos. Scarlett pensou nas dezenas de fardos que Tara produzia, e a cabeça lhe doeu mais. Três fardos. Era pouco mais do que colhiam os preguiçosos Slatterys. E, para piorar a situação, havia a questão dos impostos. O governo confederado aceitava o algodão em lugar de dinheiro para o pagamento de impostos, porém três fardos não cobriam as taxas. Mas isso pouco lhe importava, ou à Confederação, uma vez que todos os peões haviam fugido e não havia ninguém para colher o algodão.

Bem, também não vou pensar nisso, disse a si mesma. *Os impostos não são assunto de mulher. Papai tem que cuidar dessas coisas, mas papai… Não vou pensar nele agora. A Confederação pode esperar os impostos sentada. O que precisamos agora é de alguma coisa p*ara comer.

— Pork, você esteve em Twelve Oaks ou no sítio dos MacIntoshes para ver se ainda tem alguma coisa nas hortas?

— Não, sinhazinha! Nós num saiu di Tara. Os ianque podia pegá nós.

— Vou mandar Dilcey nos MacIntoshes. Talvez ela encontre alguma coisa por lá. E eu vou a Twelve Oaks.

— Cum quem, minina?

— Sozinha. Mammy tem que ficar com as meninas e o sr. Gerald não pode…

Pork protestou com uma veemência que a enfureceu. Em Twelve Oaks podia haver ianques ou negros malvados. Ela não podia ir sozinha.

— Estamos conversados, Pork. Diga a Dilcey para ir imediatamente. E você e Prissy saiam para buscar a porca com a ninhada dela — resumiu, girando nos calcanhares.

O velho chapéu de sol de Mammy, desbotado mas limpo, estava pendurado na varanda dos fundos. Scarlett colocou-a na cabeça, lembrando-se, como algo de outro mundo, do chapéu com a pluma verde que Rhett lhe trouxera de Paris. Pegou uma cesta grande de vime e começou a descer a escada dos fundos, sentindo a cabeça sacudir tanto a cada passo que parecia que sua espinha ia atravessar o crânio.

A estrada que levava ao rio estendia-se vermelha e seca entre os algodoais devastados. Sem nenhuma árvore para fazer sombra, o sol atravessava a chita acolchoada do chapéu de Mammy como se atravessasse uma tarlatana. A poeira que lhe entrava pelas narinas e pela garganta lhe dava a sensação de que suas membranas estourariam se ela falasse. O leito da estrada conservava sulcos e buracos deixados pelas carretas dos canhões puxadas por cavalos, enquanto as valas laterais tinham sido aprofundadas pela passagem das rodas. Dos pés de algodão, pisoteados pela cavalaria e pela infantaria que a artilharia obrigara a sair da estrada estreita, não sobrara nada. Aqui e ali, na estrada e nos campos, viam-se fivelas e pedaços de arreio de couro, cantis amassados por cascos e rodas de carreta, botões, quepes azuis, meias usadas, trapos ensanguentados, todo o lixo deixado por um exército em marcha.

Scarlett passou pelo grupo de cedros e pelo muro baixo de tijolos que marcavam o cemitério da família, procurando não pensar no túmulo novo ao lado das três sepulturas de seus irmãozinhos. Ah, Ellen… Continuou descendo a encosta empoeirada, passando pelo monte de cinzas e pela chaminé atarracada que sobraram da casa dos Slatterys. Desejou ardentemente que toda a família estivesse naquele monte de cinzas. Se não fosse pela nojenta daquela Emmie, que tinha tido um filho do administrador de Tara, Ellen não teria morrido.

Ela gemeu de dor ao sentir uma pedrinha entrando na bolha de seu pé. O que estava fazendo ali? Por que Scarlett O'Hara, a beldade do condado e o orgulho de Tara, estaria gramando aquela estrada esburacada quase descalça? Seus pezinhos eram feitos para dançar, não para mancar; seus sapatinhos, para mostrar a ponta por baixo de sedas alegres, não para se encher de pedrinhas e de terra. E ela, que nascera para ser mimada e servida, estava ali, doente e maltrapilha, levada pela fome a catar comida nas hortas da vizinhança.

No pé da colina corria o rio, sobre o qual se debruçava um emaranhado de árvores. Como era tranquilo e fresco ali embaixo! Ela se deixou cair na barranca baixa e, descalçando o que lhe restava de sapatos e meias, mergulhou os pés na água fria. Seria tão bom ficar ali o dia inteiro, longe dos olhos impotentes de Tara, lá onde só o farfalhar das folhas e o gorgolejar das águas lentas quebravam o silêncio. Os ianques haviam incendiado a ponte, mas ela conhecia uma pinguela sobre um ponto onde o rio era mais estreito, uns cem metros abaixo. Atravessou-a com cuidado e subiu os oitocentos metros para chegar a Twelve Oaks.

Lá estavam os 12 monumentais carvalhos, na mesma disposição da época dos índios, mas com as folhas crestadas pelo fogo e os galhos queimados e chamuscados. Dentro do círculo que formavam, repousavam as ruínas da casa de John Wilkes, os vestígios da mansão de elegantes colunas brancas que coroava a colina. O fosso onde fora o porão, as fundações de pedra enegrecidas e duas imponentes chaminés marcavam o sítio. Uma das colunas, meio chamuscada, caíra sobre a relva, amassando os pés de jasmim-do-cabo.

Scarlett sentou-se sobre ela, sentindo-se mal demais com aquele cenário para poder continuar. Aquela desolação tocou-lhe o coração como nenhuma outra. Ali estava o orgulho dos Wilkes, reduzido a pó a seus pés. Ali estavam os restos da simpática casa que sempre a acolhera e da qual, em seus sonhos fúteis, um dia desejou ser a senhora. Ali dançara, e flertara, e vira, com o coração dilacerado, como Melanie sorria para Ashley. Ali também, à sombra fresca das árvores, Charles Hamilton apertara sua mão arrebatadamente quando ela lhe dissera que se casaria com ele.

Ah, Ashley, pensou. *Tomara que você tenha morrido. Eu não suportaria que você v*isse isso.

Ashley ali se casara com sua noiva, mas seu filho e os filhos de seus filhos jamais trariam noivas a àquela casa. Nunca mais haveria casamentos ou nascimentos dentro daquele solar que tanto amara e desejara governar. A casa estava morta e, para Scarlett, era como se todos os Wilkes também estivessem mortos sob aquelas cinzas.

— Não vou pensar nisso agora. Agora eu não aguento. Penso mais tarde — disse em voz alta, desviando a vista.

Procurando a horta, contornou as ruínas que beiravam os canteiros de rosas antes tão bem cuidados pelas meninas Wilkes e agora pisoteados. Atravessou o quintal passando pelo fumeiro, pelo celeiro e pelos galinheiros reduzidos a cinzas. A cerca da horta tinha sido demolida, e os canteiros de verduras haviam tido o mesmo tratamento que os de Tara. A terra fofa guardava a marca das patas dos cavalos e das rodas pesadas, e os legumes estavam amassados no chão. Ali, nada havia para ela.

Voltou pelo quintal e desceu pelo caminho da senzala, com sua fileira silenciosa de cabanas caiadas de branco, dizendo “Olá”. Mas ninguém respondeu. Nem sequer um cachorro latiu. Evidentemente, os negros dos Wilkes haviam fugido ou acompanhado os ianques. Ela sabia que cada escravo possuía a própria horta e torcia para que elas tivessem sido poupadas.

Sua busca foi recompensada, mas o cansaço era grande demais para que sentisse prazer ao ver nabos ou repolhos, murchos por falta de rega, mas ainda resistindo, e pés esparsos de favas e vagens, amareladas mas comíveis. Sentou-se no chão e arrancou o que pôde com as mãos trêmulas até encher o cesto. Naquela noite, haveria uma boa refeição em Tara, apesar de faltar carne para cozinhar com os legumes. Talvez um pouco da banha que Dilcey estava usando como combustível pudesse ser aproveitada como tempero. Precisava se lembrar de lhe dizer que usasse os nós de pinho e reservasse a banha para cozinhar.

Ao dar com uma fileira de rabanetes na horta de uma das cabanas, viu que estava faminta. Um rabanete picante era exatamente o que seu estômago pedia. Mal se dando ao trabalho de limpá-lo na saia, comeu avidamente metade dele de uma bocada só. Duro e velho, era tão apimentado que lhe vieram lágrimas aos olhos. E caiu-lhe mal no estômago vazio, provocando-lhe um engulho que a levou a se deitar na terra macia e vomitar, exausta.

A leve morrinha de negros que emanava da cabana aumentou a náusea que Scarlett já não tinha forças para combater. Continuou vomitando, com a sensação de que as cabanas e as árvores giravam à sua volta.

Depois de um bom tempo, encostou o rosto na terra, sentindo-a macia e confortável como um travesseiro de plumas, e começou a devanear. Ela, Scarlett O'Hara, estava estirada no chão atrás de uma cabana de escravos, no meio de uma propriedade em ruínas, tão enjoada e tão fraca que nem conseguia se mexer, e ninguém sabia. Mesmo se alguém soubesse, não se importaria, pois as pessoas já tinham preocupações de sobra para ainda se preocuparem com ela. Tudo aquilo estava acontecendo com ela, Scarlett O'Hara, que nunca levantava um dedo para pegar uma meia no chão nem para amarrar os sapatos — Scarlett, que a vida inteira tivera quem a assistisse, tanto nas dorzinhas de cabeça quanto nos acessos de mau gênio.

Ali prostrada, não tinha forças para rechaçar as lembranças nem as preocupações que jorravam em sua mente, rodeando-a como urubus à espera da carniça. Já nem sequer conseguia dizer: "Penso em mamãe, em papai, em Ashley e nessa ruína mais tarde — sim, mais tarde, quando eu puder aguentar." Agora não podia, mas não tinha como não pensar neles. Os pensamentos rondavam-na, ameaçadores e dolorosos. Perdeu a conta das horas que passou ali deitada com o rosto no chão, sob o sol quente, lembrando-se de coisas e pessoas já mortas, de um modo de vida ultrapassado para sempre — e antevendo o futuro sombrio.

Quando afinal se levantou, encarou as ruínas de Twelve Oaks de cabeça erguida. De seu rosto, desaparecera para sempre o ar juvenil, gracioso e doce. O passado era passado. Os mortos estavam mortos. O luxo fácil de outrora ficara para trás. Nunca mais voltaria. E, ao posicionar no braço o cesto pesado, já tinha se posicionado diante da nova vida.

Não dava para retroceder. E ela ia em frente.

Durante cinquenta anos, por todo o Sul, encontravam-se mulheres amarguradas com saudades dos tempos idos e dos falecidos. Evocavam lembranças inúteis e dolorosas, que as ajudavam a suportar a pobreza com altivez. Mas Scarlett nunca olharia para o passado.

Contemplou as pedras enegrecidas e, pela última vez, viu Twelve Oaks erguer-se diante de seus olhos com o mesmo aspecto de antes: rica e altaneira,

simbolizando uma raça e um modo de vida. Depois pegou a estrada de volta para Tara, com o cesto pesado enganchado no braço.

Sentindo novamente o estômago lhe doer de fome, anunciou em voz alta:

— Diante de Deus, eu juro que os ianques não vão me vencer. Enfrentarei esta situação e, quando tudo isto terminar, nunca mais sentirei fome. Não. Nem eu nem ninguém da minha família. Mesmo que eu tenha de roubar ou matar, diante de Deus, eu juro que nunca mais passarei fome.

Nos dias que se seguiram, Tara poderia ser a ilha deserta de Crusoé, de tão tranquila e isolada. O mundo estava apenas a alguns quilômetros dali, mas era como se um oceano de ondas agitadas separasse Tara de Jonesboro, de Fayetteville, de Lovejoy, e até mesmo das fazendas vizinhas. Com a morte do velho pangaré, perderam o único meio de transporte que possuíam, e ninguém tinha tempo nem forças para gramar a pé a estrada vermelha.

Às vezes, quando se matava de trabalhar para arranjar comida e cuidar das três doentes, Scarlett se via apurando os ouvidos em busca de sons familiares: a risada estridente dos negrinhos nos alojamentos, o ranger das carroças voltando dos campos, o galope desenfreado do garanhão de Gerald pelo pasto, o chiado das rodas das charretes no caminho de entrada e as vozes alegres dos vizinhos que apareciam para uma tarde de prosa. Mas esforçava-se em vão. A estrada continuava deserta, sem nenhuma nuvem de poeira para anunciar a chegada de visitantes. Tara era uma ilha em um mar de verdes colinas onduladas e campos vermelhos.

Para lá daquele mar, começava o mundo onde famílias comiam e dormiam em segurança sob seus tetos. Para lá daquele mar, moças usando vestidos virados e revirados pelo avesso flertavam alegremente e cantavam “When This Cruel War Is Over”, como ela mesma havia feito apenas poucas semanas antes. Para lá daquele mar, havia uma guerra, com tiros de canhão, cidades incendiadas e homens apodrecendo nos hospitais impregnados de odores enjoativos. Para lá daquele mar, um exército descalço e precariamente fardado marchava, lutava e dormia sentindo a fome e o cansaço de quem já perdera a esperança. E, para lá daquele mar, as montanhas da Geórgia estavam azuis, fervilhando de ianques bem alimentados montados em cavalos lustrosos e cevados a milho.

Para lá de Tara, ficavam a guerra e o mundo. Mas na fazenda a guerra e o mundo só existiam como lembranças que deviam ser combatidas quando vinham à mente em momentos de exaustão. O mundo externo ficava em segundo plano diante das exigências de estômagos vazios, e a vida girava em torno de duas ideias relacionadas: comida e como arranjar o que comer.

Comida! Comida! Por que a memória do estômago era de mais longo alcance que a da mente? Scarlett conseguia não pensar nas tristezas, mas não conseguia deixar de pensar na fome. Todas as manhãs, naquele estado de sonolência que precedia o despertar, antes de pensar na guerra e na fome, esperava encolhidinha a chegada do cheiro apetitoso do bacon sendo frito e dos pãezinhos assando. E, no esforço que fazia para sentir aquele cheiro gravado em sua memória, acabava despertando.

Em Tara, as refeições constavam de maçã, inhame, amendoim e leite, mas nem esses ingredientes simples eram servidos em quantidade suficiente para saciar a fome. Três vezes por dia, ao vê-los na mesa, lembrava-se das refeições do passado, dos jantares à luz de vela e do cheiro delicioso da comida.

Quão pouco valor davam à comida naquela época! Quanto desperdício havia! Pães, pães de milho, biscoitos e waffles, encharcados de manteiga, tudo em uma refeição só. Presunto em uma ponta da mesa, frango frito na outra, couves nadando em um caldo gordo, montanhas de vagens em travessas de porcelana florida, abóbora frita, quiabo estufado, cenouras em molho branco bem consistente. E três sobremesas, para que cada um pudesse escolher a preferida: bolo de chocolate, manjar branco e bolo de libra coberto de creme batido. A lembrança daquelas refeições saborosas tinha o poder de lhe encher os olhos de lágrimas, o que a morte e a guerra não haviam conseguido. De transformar em náusea sua onipresente sensação de fome. Pois o apetite que Mammy sempre criticara nela, o apetite saudável de uma moça de 19 anos, quadruplicara com o trabalho duro e incessante a que nunca esteve habituada.

Não era só ela que tinha problemas de apetite em Tara. Para qualquer lado que se virasse, deparava-se com rostos famintos, de negros e brancos. Logo Carreen e Suellen sentiriam o apetite insaciável dos convalescentes de tifo. O pequeno Wade já resmungava em um tom monótono:

— Wade não gosta inhame. Wade com fome.

Os outros também reclamavam:

— Sinhá Scarlett, si eu num cumê mais, num vai dá prá dá mamá pr’essas criança.

— Sinhá Scarlett, sem tê mais cumida na barriga, num dá pra mim rachá lenha.

— Cabritinha, tô morreno pra cumê cumida di verdade.

— Filha, todo dia nós temos que comer inhame?

Só Melanie não reclamava. Cada dia mais magra e mais abatida, apenas contraía o rosto de dor, mesmo enquanto dormia.

— Não estou com fome, Scarlett. Dê a Dilcey a minha parte de leite, que ela precisa para amamentar os bebês. Gente doente perde o apetite.

Scarlett se irritava mais com a valentia delicada da cunhada do que com os choramingos dos outros. Com estes, podia gritar, e gritava, cheia de sarcasmo para calá-los, mas, diante do altruísmo de Melanie, não sabia o que fazer e sentia-se incomodada. Gerald, os negros e Wade agora se agarravam a Melanie, pois mesmo fraca ela era bondosa e compassiva, o que, naqueles dias, Scarlett não era.

Wade, especialmente, rondava o quarto de Melanie. Havia algum problema com ele, mas exatamente qual, Scarlett não tinha tempo para descobrir. Aceitando a afirmação de Mammy de que o menino tinha vermes, medicou-o com uma mistura de ervas secas e casca de árvore que Ellen sempre dava aos negrinhos. Mas o vermífugo só deixou a criança ainda mais pálida. Scarlett não pensava no filho como uma pessoa. Ele era apenas mais um problema, mais uma boca para alimentar. Um dia, quando passasse aquele momento crítico, brincaria com ele, contar-lhe-ia histórias e lhe ensinaria o abc, mas agora não tinha nem tempo nem disposição. E, como ele vinha sempre estorvá-la justamente quando ela estava exausta e preocupada, muitas vezes era ríspida com ele.

E irritava-se ao constatar que suas broncas provocavam tanto pavor naqueles olhinhos redondos, pois o menino ficava com uma expressão de bobo quando se assustava. Ela não se dava conta de que o pobrezinho convivia com cenas de terror fortes demais para qualquer adulto. O medo era uma constante na vida de Wade, abalando sua alma e fazendo-o acordar aos gritos no meio da noite. Um ruído inesperado ou uma palavra mais ríspida faziam-no estremecer, pois

associava barulhos e palavras duras aos ianques, que lhe inspiravam mais medo ainda que as assombrações de Prissy.

Até começarem os estrondos do cerco, só conhecera uma vida feliz e sossegada. Embora a mãe não lhe desse muita atenção, todos lhe faziam agrados e o tratavam com carinho. Até a noite em que, ao ser tirado da cama, deparara-se com o céu em chamas e o ar estremecendo com as explosões ensurdecedoras. Naquela noite e no dia seguinte, apanhara da mãe pela primeira vez e a ouvira explodir com ele. A vida na simpática casa de tijolinhos da rua Peachtree, a única que conhecera, desaparecera naquela noite, e ele nunca superaria essa perda. Na fuga de Atlanta, a única coisa que compreendera foi que os ianques estavam atrás dele. Desde então, vivia com medo de que os ianques o pegassem e o fizessem em pedacinhos. Sempre que Scarlett levantava a voz ao repreendê-lo, ele se apavorava, lembrando-se dos horrores da primeira vez que isso acontecera. Agora, os ianques e uma voz encolerizada estavam associados para sempre em seu espírito, e ele passou a ter medo da mãe.

Scarlett não pôde deixar de reparar que o menino começava a evitá-la, e isso a incomodava muito nos raros momentos em que suas intermináveis obrigações lhe davam tempo para pensar nesse assunto. Era pior ainda do que tê-lo agarrado o tempo todo à barra de suas saias, e sentia-se ofendida vendo-o se refugiar no quarto de Melanie, onde brincava quietinho com ela ou ouvia suas histórias. Wade adorava a “titia” que tinha uma voz doce, era só sorrisos para ele e nunca lhe dissera: “Cale essa boca, Wade! Você me dá dor de cabeça” ou “Fique quieto, Wade, pelo amor de Deus!”.

Embora não tivesse tempo nem disposição para agradá-lo, sentia ciúmes da cunhada. No dia em que o viu dar uma cambalhota na cama de Melanie e cair em cima dela, bateu nele.

— Você não tem nada melhor para fazer do que sacudir a titia quando ela está doente? Agora vá correndo lá para fora, brincar no quintal, e não volte mais aqui.

Mas Melanie esticou o braço enfraquecido e puxou para junto de si o menino, que chorava.

— Pronto, pronto, Wade. Você não tinha intenção de me sacudir, tinha? Ele não me incomoda, Scarlett. Deixe-o ficar comigo. Deixe-me tomar conta dele. É

a única coisa que posso fazer enquanto não ficar boa, e você anda muito ocupada para ainda ter que vigiá-lo.

— Não seja boba, Melly — disse Scarlett secamente. — Você não está melhorando como devia, e não vai ajudar nada ter o Wade caindo em cima da sua barriga. Agora, Wade, se eu tornar a pegá-lo na cama da titia, vou lhe mostrar o que é bom. E pare de fungar. Você vive fungando. Tente ser um homenzinho.

Wade saiu correndo aos soluços para se esconder embaixo da casa. Melanie mordeu o lábio e seus olhos marejaram. Mammy, que do corredor assistiu à cena, franziu a testa e suspirou. Mas ninguém enfrentava Scarlett naquela época. Todos temiam seus comentários ferinos, temiam aquela pessoa em que ela se transformara.

Scarlett agora reinava suprema em Tara e, como acontecia com tantos que ascendiam ao poder de uma hora para outra, todos os seus instintos tirânicos enrustidos vieram à tona. Não que, no fundo, fosse má. Era por insegurança que se mostrava dura com os outros, receando que percebessem suas limitações e não aceitassem sua autoridade. Ademais, não deixava de ser bom gritar com as pessoas e saber que tinham medo. Scarlett viu que isso lhe aliviava a tensão. Mas não deixava de ver que estava mudando de personalidade. Às vezes, quando suas ordens rudes faziam Pork esticar a beiçola e Mammy resmungar “Agora tem gente qui tá lá nas artura”, ela mesma se perguntava onde estavam suas boas maneiras. Toda a cortesia e toda a gentileza que Ellen se esforçara para lhe incutir haviam desaparecido com a mesma rapidez com que caíam as folhas das árvores no primeiro vento do outono.

Quantas vezes Ellen não lhe dissera “Seja firme, mas delicada, com os inferiores, especialmente com os pretos”? Mas, se ela fosse delicada, os negros passariam o dia sentados na cozinha, falando sem parar dos bons tempos em que um negro doméstico não tinha que fazer trabalho de peão.

— Ame suas irmãs e trate-as com carinho. Seja boa com os que sofrem — dizia Ellen. — Mostre compaixão por quem estiver enfrentando problemas.

No momento, não conseguia amar as irmãs. Elas eram apenas um peso morto em seus ombros. E quanto a tratá-las com carinho, não lhes dava banho? Não lhes penteava os cabelos e as alimentava, mesmo à custa de andar quilômetros a

pé para procurar legumes? Não estava aprendendo a ordenhar a vaca, apesar do medo que sentia quando o temível animal lhe sacudia os chifres? E quanto a ser boa, isso era perda de tempo. Se fosse muito boa, aquelas duas talvez quisessem ficar mais tempo de cama, e Scarlett precisava delas de pé o quanto antes, para contar com a ajuda de mais quatro mãos.

Elas convalesciam lentamente e continuavam de cama, esquálidas e fracas. Enquanto estiveram inconscientes, o mundo mudara. Os ianques tinham chegado, os escravos, fugido, e sua mãe morrera. Três acontecimentos incríveis que elas não conseguiam assimilar. Às vezes, pensavam ainda estar delirando, e que nada daquilo havia acontecido. Scarlett estava tão mudada que não podia ser real. Quando se debruçava sobre o pé da cama e descrevia, em linhas gerais, o trabalho que esperava delas depois que se restabelecessem, elas olhavam-na como se ela fosse um duende. Escapava-lhes à compreensão o fato de já não possuírem cem escravos trabalhando na fazenda, como também lhes escapava o fato de uma O'Hara ter de fazer trabalho manual.

— Mas, irmã — dizia Carreen, com a carinha infantil pálida de consternação —, eu não posso rachar lenha! Isso vai estragar as minhas mãos!

— Olhe as minhas — respondeu Scarlett, com um sorriso assustador, ao lhe estender suas palmas empoladas e calejadas.

— Você é horrível, falando com a Baby e comigo desse jeito! — exclamou Suellen. — Acho que está mentindo para nos assustar. Se mamãe estivesse aqui, não deixaria que falasse assim conosco! Rachar lenha, realmente!

Suellen olhava com antipatia para a irmã mais velha, certa de que Scarlett dizia aquelas coisas só por maldade. Suellen quase morrera e perdera a mãe. Sentia-se sozinha e aflita, querendo ser tratada com carinho e valorizada. Em vez disso, todos os dias, postada ali no pé da cama, Scarlett avaliava o progresso delas com um brilho antipático desconhecido nos olhos verdes inclinados, falando em fazer cama, preparar comida, carregar baldes de água e rachar lenha. E dava a impressão de que sentia prazer em dizer aquelas coisas horríveis.

Scarlett se comprazia, sim, com aquelas coisas. Tiranizava os negros e atormentava as irmãs não só porque o excesso de tensão e o cansaço a levavam a agir assim, mas também porque era uma forma de esquecer um pouco a

amargura que sentia ao constatar que a visão de mundo da mãe estava totalmente errada.

O que a mãe lhe ensinara não valia mais absolutamente nada, e isso a desolava e a intrigava. Não lhe passava pela cabeça que Ellen não tivesse tido a capacidade de prever a derrocada da sociedade em que criara as filhas, o fim de uma hierarquia social em cujo topo elas deviam saber se colocar. Não lhe passava pela cabeça que, quando Ellen lhe ensinava a ser gentil, delicada, honesta, bondosa, recatada e verdadeira, imaginava para ela um futuro tão tranquilo quanto fora sua própria vida. A vida era boa para as mulheres que desenvolviam essas qualidades, dizia.

Scarlett pensava desesperada: *Nada, absolutamente nada do que ela me ensinou me ajuda! Que me adianta ser boa agora? Que valor tem a gentileza? Seria melhor eu ter aprendido a arar ou colher o algodão feito um escravo. Ah, mamãe, você esta*va errada!

Não parou para pensar que o mundo organizado de Ellen desaparecera e fora substituído por um mundo brutal em que todos os padrões e todos os valores haviam mudado. Só via, ou julgava ver, que a mãe errara. Então ela mudara rapidamente para enfrentar aquele mundo novo para o qual não se julgava preparada.

Só não mudara seu sentimento por Tara. Nunca olhava para aquela sede branca ao voltar de um dia exaustivo sem se sentir feliz por retornar para casa. Nunca contemplava da janela as pastagens verdes e os campos vermelhos, ou a mata fechada da várzea, sem se emocionar com a beleza do que via. Seu amor àquela terra de colinas suaves de barro vermelho, aquela bela terra cor de sangue e de todos os tons de vermelho, que tão milagrosamente produzia arbustos verdes cobertos de pompons brancos, era a única parte de Scarlett que permanecia a mesma quando tudo mais mudava. Em nenhum lugar do mundo havia uma terra como aquela.

Ao olhar para Tara, compreendia, em parte, a razão das guerras. Rhett estava errado ao afirmar que os homens guerreavam por dinheiro. Não, eles guerreavam por mais terra, trabalhada pelo arado, por pastos verdes com a relva recém-cortada, por rios barrentos deslizando sem pressa e por casas brancas e frescas cercadas de magnólias. Era só por isso que valia a pena lutar, pela terra vermelha

que era sua e seria de seus filhos, que produziria algodão para os filhos deles e para os filhos dos filhos deles.

As terras pisoteadas de Tara eram tudo que lhe restava agora que sua mãe e Ashley estavam mortos e que Gerald ficara senil com o choque de perder do dia para a noite o dinheiro, os escravos, a segurança e a posição. Como se fosse algo de outro mundo, lembrou-se de uma conversa que tivera com o pai sobre a terra, admirando-se ao ver como pudera ser tão infantil e tão ignorante para não entender o que ele queria dizer ao afirmar que a terra era a única coisa no mundo pela qual valia a pena lutar.

“Pois é a única coisa no mundo que dura… e para qualquer pessoa com uma gota de sangue irlandês, a terra em que ela vive é como a mãe dela…” Era a única coisa no mundo pela qual valia a pena lutar e morrer.

Sim, Tara merecia que se lutasse para conservá-la. Assim, sem questionar, aceitou lutar. Ninguém lhe tiraria Tara. Ninguém a deixaria à mercê da caridade de parentes. Ela conservaria Tara, mesmo que tivesse de dobrar cada um ali.

Capítulo 26

Scarlett já estava em Tara havia duas semanas quando sua maior bolha supurou. Seu pé inchou tanto que não conseguia calçar um sapato, e era obrigada a pisar só com o calcanhar. Desesperou-se ao ver a ferida feia do dedão. E se gangrenasse como as feridas dos soldados e ela morresse, sem assistência médica? Por pior que estivesse a vida, não desejava deixá-la. E quem tomaria conta de Tara se ela morresse?

Quando lá chegara, tivera esperança de que Gerald voltasse ao seu estado normal e assumisse o comando, mas naquelas duas semanas a esperança desaparecera. Agora sabia que, gostando ou não, a fazenda e toda a sua gente estavam nas mãos inexperientes dela, pois Gerald passava os dias calado, sentado em sua cadeira, como se estivesse sonhando, sem tomar conhecimento de Tara, incrivelmente alheio a tudo, mas muito gentil. Aos seus pedidos de conselho, dava apenas como resposta: “Faça o que achar melhor, filha”, ou pior ainda, “Consulte sua mãe, princesa”.

Ele não mudaria. Scarlett agora enxergava esse fato, aceitando-o sem emoção: Gerald passaria o resto da vida de ouvido atento, esperando por Ellen. Vivia em uma fronteira confusa em que o tempo parara e Ellen estava sempre no quarto ao lado. A mola mestra de sua vida desaparecera com a morte dela, levando-lhe a segurança, a impudência e a energia incansável. Ellen era a plateia diante da qual fora representado o estrondoso drama de Gerald O’Hara. Agora a cortina descera para sempre, as luzes do palco estavam apagadas, e a plateia desaparecera de uma hora para a outra, enquanto o velho ator permanecia perplexo no palco vazio, esperando as deixas.

Naquela manhã, a casa estava sossegada, pois todos, menos Scarlett, Wade e as três doentes, estavam no pântano caçando a porca. Até Gerald se animara um pouco e atravessara os campos esburacados levando um rolo de corda em uma das mãos e apoiando-se no braço de Pork com a outra. Suellen e Carreen haviam

chorado até adormecerem, como faziam pelo menos duas vezes por dia quando pensavam em Ellen, lágrimas de pesar e fraqueza lhes escorrendo pelas faces encovadas. Naquele dia, pela primeira vez, Melanie usava dois travesseiros como apoio. Coberta por um lençol remendado, tinha um bebê aninhado em cada braço. O seu, com uma penugenzinha loura na cabeça, e o de Dilcey, com a carapinha preta. Wade, sentado no pé da cama, ouvia um conto de fadas.

Scarlett não suportava o silêncio de Tara, pois lhe lembrava o silêncio mortal da região desolada que atravessara naquela longa jornada de Atlanta até lá. Havia horas que a vaca e o bezerro não mugiam. Não havia passarinhos chilreando em frente à sua janela naquele dia, nem se ouvia cantar um só tordo daquela ruidosa família que se aninhava havia gerações no galho da magnólia. Arrastara uma cadeira para junto da janela que dava para a entrada, o relvado e o pasto vazio do outro lado da estrada, e sentara-se com as saias puxadas até as coxas e o queixo apoiado nos braços cruzados sobre o peitoril da janela. Tinha um balde de água do poço no chão ao seu lado, onde de vez em quando mergulhava o pé machucado, fazendo uma careta de dor.

Irritada, pressionou o queixo no braço. Justo quando mais precisava de toda a sua força, aquele dedo tinha que supurar. Aqueles idiotas nunca apanhariam a porca. Tinham levado uma semana para capturar os leitões, um por um, e agora, duas semanas depois, a porca continuava livre. Scarlett sabia que, se estivesse no mato com eles, arregaçaria as saias, pegaria a corda e laçaria a porca em um piscar de olhos.

Mas e depois de capturada — caso a capturassem? E depois que tivessem comido a porca e sua ninhada? A vida continuaria, assim como o apetite das pessoas. O inverno estava chegando e não haveria o que comer, nem mesmo os legumes que tinham sobrado nas hortas da vizinhança. Precisavam ter ervilhas secas, sorgo, farinha, arroz e… e… ah, muitas coisas. Sementes de milho e de algodão para plantar na primavera, e roupas novas. De onde viria tudo isso, e como pagaria?

Revistara em segredo os bolsos e o cofre de Gerald e encontrara maços de títulos da Confederação e três mil dólares em dinheiro também da Confederação. Isso mal dava para pagar uma refeição decente para todos, pensou com ironia, agora que o dinheiro da Confederação não valia nada. Mas, se tivesse dinheiro e

conseguisse encontrar comida, como levaria as compras para Tara? Por que Deus deixara o cavalo morrer? Até aquele pangaré que Rhett roubara faria toda a diferença para eles. Ah, aquelas mulas lustrosas que brincavam no pasto do outro lado da estrada, e os belos cavalos que puxavam a carruagem, a sua eguazinha, os pôneis das meninas e o garanhão de Gerald arrancando a relva no galope… Ah, qualquer um deles, até a mula mais teimosa!

Mas não importava — quando a ferida sarasse, iria a pé a Jonesboro. Seria a caminhada mais longa de sua vida, mas iria fazê-la. Mesmo se os ianques tivessem incendiado toda a cidade, com certeza acharia alguém que lhe dissesse onde encontrar comida. Pensou em Wade, com aquela carinha abatida. Ele vivia dizendo que não gostava de inhame e que queria uma coxa de galinha com arroz e molho.

De repente a claridade do jardim se anuviou, e ela viu as árvores toldadas por lágrimas. Scarlett deixou a cabeça cair sobre os braços, fazendo força para não chorar. Era inútil chorar agora. Só adiantava chorar quando havia por perto algum homem de quem se queria algum favor. Enquanto estava ali agachada, apertando os olhos para conter as lágrimas, sobressaltou-se ao ouvir um barulho de trote. Mas não levantou a cabeça. Imaginara ouvir aquele barulho várias vezes à noite naquelas duas semanas, assim como imaginara ouvir o farfalhar das saias de Ellen. Seu coração disparou, como sempre, nessas horas, antes de ela dizer a si mesma com severidade: “Não seja idiota.”

Mas o trote diminuiu muito naturalmente, passando a um ritmo de passeio marcado pelo rangido do cascalho. Era um cavalo — os Tarletons, os Fontaines! Ela ergueu os olhos depressa. Era um soldado da cavalaria ianque.

Automaticamente, escondeu-se atrás da cortina. Espiou-o fascinada através do pano, tão espantada que ficou sem ar nos pulmões ao suprimir um grito.

Sentado como um saco de batatas na sela, era um homem corpulento, de aspecto grosseiro e com uma barba malcuidada caindo sobre a jaqueta azul desabotoada. Os olhos miúdos e muito juntos, apertados contra a claridade do sol, observavam calmamente a casa, protegidos pela pala do apertado quepe azul. Enquanto ele desmontava sem pressa e jogava as rédeas sobre o poste, Scarlett voltou a respirar, com a sensação de ter levado um soco no estômago.

Um ianque, um ianque com uma pistola de cano longo na ilharga! E ela estava sozinha na casa com as três doentes e as crianças!

Enquanto ele subia o passeio com a mão no coldre, os olhinhos passeando de um lado para o outro, um caleidoscópio de imagens confusas girou na cabeça dela, histórias que tia Pittypat contara à meia-voz sobre ataques a mulheres desprotegidas, gargantas cortadas, casas incendiadas com mulheres agonizantes dentro, crianças atravessadas por baionetas por terem chorado, todos os inomináveis horrores associados à palavra “ianque”.

Seu primeiro impulso foi esconder-se dentro do armário. Depois pensou em meter-se embaixo da cama, descer voando pela escada dos fundos e correr para o mato, qualquer coisa para fugir dele. Então o ouviu subir com cautela os degraus da frente, depois entrar furtivamente no saguão, e se deu conta de que não dava para fugir. Paralisada de medo, acompanhou o som dos passos entrando de aposento em aposento no andar de baixo, as pisadas ficando mais fortes e mais ousadas já que não encontravam ninguém. Agora ele estava na sala de jantar e, em um instante, entraria na cozinha.

Ao pensar na cozinha, Scarlett sentiu uma raiva tão violenta que acabou com seu medo. A cozinha! Tinha deixado duas panelas no fogo, uma com maçãs e outra com uma miscelânea de legumes trazidos a duras penas de Twelve Oaks e da horta dos MacIntoshes — refeição que devia servir nove famintos e mal era suficiente para dois. Scarlett andava contendo o apetite havia horas, aguardando a volta dos outros. A ideia de o ianque comer a magra ceia deles deixou-a possessa.

Malditos sejam eles todos! Baixaram como uma praga de gafanhotos e deixaram Tara morrer lentamente de inanição. Agora voltavam para roubar o pouco que restava. Sentia o estômago se contorcer. Por Deus, aquele ianque não roubaria nunca mais.

Tirou o sapato gasto e, descalça, correu para o escritório, sem sequer sentir o dedo inflamado. Abriu de mansinho a primeira gaveta e pegou a pesada pistola que trouxera de Atlanta, a arma que Charles usara mas nunca disparara. Tirou uma bala da caixa de couro pendurada na parede embaixo do sabre e introduziu-a na pistola sem tremor na mão. Rápida e silenciosamente, correu para a galeria superior e desceu as escadas, apoiando-se nos balaústres com uma das mãos,

enquanto, com a outra, segurava a arma escondida nas pregas da saia, junto à coxa.

— Quem está aí? — gritou uma voz fanhosa. Scarlett parou no meio da escada. O sangue lhe latejava tão alto nos ouvidos que mal conseguia ouvi-lo. — Pare senão eu atiro! — disse a voz.

O homem estava agachado na porta da sala de jantar, tenso. Tinha em uma das mãos a pistola, e na outra a caixinha de costura de pau-rosa com o dedal de ouro, a tesoura de cabo de ouro e o esmeril em forma de bolota com a capinha de ouro. Scarlett sentiu as pernas geladas, mas tinha o rosto apoplético de raiva. A caixa de costura de Ellen na mão dele. Quis gritar "Largue isso! Largue isso, seu porco", mas as palavras não saíam. Só conseguia olhá-lo, debruçada na balaustrada, vendo-o descontrair o rosto e começar a esboçar um sorriso com uma expressão entre depreciativa e envolvente.

— Então tem gente em casa — disse ele, repondo a pistola no coldre e passando para o saguão até se colocar bem embaixo dela. — Está sozinha, moça?

Como um raio, ela se debruçou no corrimão e lhe encostou a arma na cabeça. Antes que ele tivesse tempo de levar a mão ao coldre, puxou o gatilho. O coice da arma a fez cambalear, enquanto o barulho do tiro lhe abalava os tímpanos e a fumaça lhe entrava pelas narinas. O homem tombou de costas no chão para dentro da sala de jantar com uma violência que fez estremecer os móveis. A caixinha lhe caiu das mãos, espalhando o conteúdo em volta dele. Como um autômato, Scarlett desceu as escadas, parou ao lado dele e ficou olhando o que restava daquele rosto barbado: um buraco ensanguentado no lugar do nariz, olhos vidrados, chamuscados de pólvora. Dois filetes de sangue escorriam pelo chão encerado: um saindo do rosto, outro, da nuca do homem.

Sim, ele estava morto. Não havia dúvida. Ela havia matado um homem.

A fumaça subia lentamente em volutas para o teto. Os filetes de sangue se alargavam em volta de seus pés. Ela ficou ali parada sem ter noção do tempo. No silêncio da manhã quente de verão, todos os ruídos e todos os cheiros pareciam amplificados: o latejar acelerado de seu coração, batendo como um tambor, o farfalhar das folhas da magnólia, o pio plangente de um passarinho do pântano e o perfume suave das flores do jardim.

Ela matara um homem. Ela, que procurava sempre não assistir à morte das presas nas caçadas e não suportava ouvir um porco grunhindo ao ser morto, nem um coelho gemendo em uma armadilha. *Um assassinato!*, pensou abatida. *Cometi um assassinato. Ah, isso não pode estar acontecendo comigo!* Seus olhos se dirigiram para a mão peluda no chão, tão perto da caixinha de costura. Subitamente, reanimou-se, invadida por uma alegria fria e feroz. Seria capaz de pisar com o calcanhar no rombo ensanguentado em que se transformara o nariz do infeliz e ainda sentir prazer no contato com aquele sangue quente. Com aquele tiro, vingara Tara — e Ellen.

Ouviu passos trôpegos acelerados no corredor superior. Depois de uma pausa, eles prosseguiram, fracos e arrastados, acompanhados de tinidos metálicos. Voltando à realidade, Scarlett viu Melanie no alto da escada, vestindo apenas a túnica esfarrapada que lhe servia de camisola, o braço mal tendo forças para aguentar o peso da espada de Charles. Melanie compreendeu todo o significado da cena que viu: o corpo fardado de azul na poça de sangue, a caixa de costura ao lado, Scarlett descalça e lívida segurando a pistola.

Em silêncio, ela fitou os olhos de Scarlett. Irradiava orgulho no rosto sempre meigo, e o apoio e uma alegria feroz no sorriso que se igualava à efervescência interna de Scarlett.

Puxa vida… ela é igual a mim! Entende como eu me sinto!, pensou Scarlett naquele longo momento. *Teria feito a me*sma coisa!

Vibrando, olhou para aquela moça frágil com quem sempre antipatizara e que só lhe inspirava desprezo. Agora, lutando contra a raiva que sentia da esposa de Ashley, brotava um sentimento de admiração e camaradagem. Viu, com uma clareza isenta de qualquer emoção mesquinha, que aquela vozinha doce e aqueles olhos meigos de Melanie ocultavam uma lâmina de aço indestrutível. Sentiu também que havia sinais de coragem no sangue calmo de Melanie.

— Scarlett! Scarlett! — esganiçavam-se as vozes fracas e assustadas de Suellen e Carreen por trás da porta fechada, enquanto Wade berrava:

— Titia! Titia!

Imediatamente, Melanie levou o indicador aos lábios pedindo silêncio e, pondo a espada no último degrau, atravessou o corredor superior e abriu a porta do quarto das doentes.

— Não se assustem, medrosinhas! — disse, brejeira. — Sua irmã estava tentando tirar a ferrugem da pistola de Charles, e a pistola disparou, quase matando a pobre coitada de susto!… Pronto, Wade Hampton, sua mamãe deixou a pistola do seu papai disparar! Quando você crescer, ela vai deixar você atirar com ela.

Como mente bem!, pensou Scarlett com admiração. *Eu não teria tido essa presença de espírito. Mas por que mentir? Eles têm que saber que eu* fiz isso.

Ao olhar mais uma vez para o cadáver, repugnou-se, já não sentindo raiva nem medo, e suas pernas começaram a tremer. Melanie, mordendo o lábio, tornou a se arrastar para o último degrau e começou a descer as escadas, segurando-se nos balaústres.

— Volte para a cama, sua maluca, você vai se matar! — gritou Scarlett, mas Melanie, seminua, continuou descendo até o saguão.

— Scarlett — sussurrou —, precisamos tirá-lo daqui e enterrá-lo. Ele pode ter vindo acompanhado, e se o encontrarem aqui… — Apoiou-se no braço de Scarlett.

— Deve ter vindo sozinho — disse Scarlett. — Não vi ninguém da janela lá do quarto. Ele deve ter desertado.

— Mesmo assim, ninguém deve ficar sabendo disso. Os negros podem falar, e os ianques virão atrás de você. Scarlett, precisamos escondê-lo antes que o pessoal volte do mato.

O tom de premência na voz de Melanie fez a cabeça de Scarlett funcionar.

— Eu poderia enterrá-lo no canto do jardim, embaixo do caramanchão… a terra está fofa onde Pork desenterrou o tonel de uísque. Mas como vou levá-lo até lá?

— Cada uma puxa por uma perna — sugeriu Melanie com firmeza.

Relutantemente, a admiração de Scarlett aumentou mais ainda.

— Você nem conseguiria arrastar um gato. Eu arrasto — cortou asperamente. — Volte para a cama. Você vai se matar. Se tentar me ajudar, carrego você lá para cima.

No rosto abatido de Melanie, abriu-se um sorriso meigo de compreensão.

— Você é muito querida, Scarlett — disse, roçando de leve os lábios no rosto da cunhada. E, antes que esta se recuperasse do susto, Melanie prosseguiu: — Se

conseguir arrastá-lo lá para fora, eu limpo a… a sujeira antes de o pessoal voltar para casa e, Scarlett…

— Sim?

— Acha que seria desonesto revistar a mochila dele? Talvez ele tenha alguma coisa para comer.

— Claro que não — concordou Scarlett, aborrecida por não ter tido essa ideia. — Reviste a mochila que eu procuro nos bolsos.

Inclinando-se com repugnância sobre o defunto, abriu os botões remanescentes da farda e pôs-se a examinar sistematicamente os bolsos.

— Meu Deus… — murmurou, puxando uma carteira gorda, enrolada em um trapo. — Melanie… Melly. Acho que está cheia de dinheiro.

Melanie não disse uma palavra. Sentou-se de repente no chão, recostando-se na parede.

— Olhe você — disse, vacilante. — Estou me sentindo meio fraca.

Scarlett arrancou o trapo e, com as mãos trêmulas, abriu as divisões da carteira.

— Veja, Melly… veja só!

Melanie olhou e arregalou os olhos. No mesmo bolo, havia um maço de notas verdes dos Estados Unidos e dinheiro dos confederados, separados por uma moeda de ouro de dez dólares e duas de cinco.

— Não pare para contar agora — disse Melanie quando Scarlett se pôs a tocar nas notas. — Não temos tempo…

— Você se dá conta, Melanie, de que esse dinheiro significa que vamos comer?

— Sim, sim, querida. Eu sei, mas agora não temos tempo. Você olha nos outros bolsos que eu revisto a mochila.

Scarlett não queria largar a carteira. Belos panoramas se descortinavam à sua frente — dinheiro de verdade, o cavalo do ianque, comida! Deus existia, afinal de contas, e Ele provia, mesmo que fosse por caminhos muito estranhos. Sentou-se no chão e ficou sorrindo, olhando para a carteira. Comida! Melanie arrancou-lhe a carteira das mãos…

— Depressa!

Nos bolsos só havia um toco de vela, um canivete, um naco de fumo de mascar e um pedaço de barbante. Melanie tirou da mochila um pacotinho de fumo, que cheirou como se fosse o mais agradável dos perfumes, bolachas e, extasiando-se, o retratinho de uma menina em uma moldura de ouro cravejada de pérolas barrocas, um broche, duas escravas de ouro com correntinhas penduradas, um dedal de ouro, um copinho de prata, tesouras de ouro para bordado, um solitário de brilhante e um par de brincos com pingentes de diamante em forma de pera, que mesmo os olhos leigos das duas podiam dizer que passavam de um quilate cada um.

— Um ladrão! — murmurou Melanie, afastando-se do corpo. — Scarlett, ele deve ter roubado isso tudo!

— Claro. E veio aqui esperando roubar mais de nós.

— Que bom que você o matou — disse Melanie, com um olhar duro. — Agora depressa, querida, leve-o daqui.

Scarlett abaixou-se, pegou o morto pelas botas e o puxou. Como pesava, e como se sentiu fraca de repente! E se não conseguisse arrastá-lo? Virando-se de costas para o corpo, prendeu uma bota embaixo de cada braço e puxou o peso para a frente. O peso veio, e ela repetiu o processo. O pé machucado, do qual na agitação nem se lembrava mais, de repente lhe doeu de forma tão lancinante que ela cerrou os dentes equilibrando-se nos calcanhares. Aos poucos, com a testa pingando de suor, conseguiu arrastá-lo pelo saguão, deixando um rastro de sangue pelo caminho.

— Se ele sangrar pelo jardim, não vai dar para esconder — suspirou. — Me dê a sua camisa para eu enrolar na cabeça dele, Melanie.

O rosto pálido de Melanie enrubesceu.

— Não seja boba, não vou olhar para você — disse Scarlett. — Se eu estivesse de anágua ou de calções, iria usá-los.

Agachando-se contra a parede, Melanie tirou pela cabeça a camisola esfarrapada e jogou-a para Scarlett, usando os braços para tentar esconder a nudez.

Graças a Deus, não sou tão pudica, pensou Scarlett, mais sentindo do que vendo o constrangimento de Melanie, enquanto enrolava o pano na cabeça deformada.

Com uma série de puxões, conseguiu levar o corpo para a varanda dos fundos. Parando para enxugar a testa, olhou para Melanie, encostada na parede apertando os joelhos contra o peito nu. Que bobagem de Melanie, preocupar-se com recato em uma hora daquelas, pensou Scarlett, irritada. Era por causa daquele seu jeito de estar sempre querendo ser muito correta que Scarlett a desprezava. Envergonhou-se desse pensamento. Afinal de contas, Melanie se arrastara da cama depois de tão pouco tempo de parida e fora socorrê-la carregando uma arma que mal tinha forças para segurar. Um ato que exigira coragem, o tipo da coragem que Scarlett honestamente sabia não ter, a fibra de aço e de seda que caracterizara Melanie na terrível noite da queda de Atlanta e na longa viagem para Tara. Era a mesma coragem intangível e discreta dos Wilkes que Scarlett não compreendia, mas aplaudia com relutância.

— Volte para a cama — disse por cima do ombro. — Senão você morre. Eu limpo tudo depois que tiver enterrado o corpo.

— Eu limpo com um dos tapetes de trapo — murmurou Melanie, olhando enojada para a poça de sangue.

— Bem, então se mate, que eu nem vou me importar! E, se o pessoal voltar antes de eu terminar, não deixe ninguém sair de casa. Diga que o cavalo apareceu aqui sabe-se lá de onde.

Tiritando ali sentada ao sol matinal, Melanie tapou os ouvidos para não ouvir a cabeça do homem batendo nos degraus da escada da varanda dos fundos.

Ninguém perguntou de onde tinha vindo o cavalo. Era óbvio que se desgarrara da batalha recente, e todos ficaram muito satisfeitos com ele. O ianque jazia na cova rasa que Scarlett abrira embaixo da parreira. As estacas que sustentavam a folhagem cerrada da videira estavam podres e, naquela noite, Scarlett desbastou-as com uma faca de cozinha até desabarem e a parreira ir ao chão, cobrindo a sepultura. Scarlett nunca sugeriu que repusessem aquelas estacas e, se os negros sabiam por quê, nada disseram.

Nenhum fantasma se levantou daquela cova para assombrá-la nas longas noites que passava em claro, cansada demais para dormir. Não sentia o menor remorso nem se horrorizava ao se lembrar do episódio. Perguntou-se por quê, sabendo que um mês antes teria sido incapaz daquela façanha. A jovem e bonita sra. Hamilton, com suas covinhas e seus brincos pingentes e seu jeitinho

indefeso, matando um homem com um tiro na cabeça e enterrando-o em uma cova aberta às pressas! Scarlett sorriu com certa morbidez, pensando na consternação que uma ideia dessas provocaria em seus conhecidos.

Não vou mais pensar nisso, decidiu. *É assunto encerrado, e eu seria uma boba se não o tivesse matado. Acho… acho que mudei um pouco desde que cheguei aqui, do contrário não teria f*eito isso.

Normalmente, não pensava naquele ato que, no entanto, ficara em seu subconsciente. Sempre que se defrontava com uma tarefa desagradável ou difícil, a lembrança aflorava, dando-lhe força: *Se já matei um homem, posso muito bem f*azer isso.

Mudara mais do que imaginava. A couraça que começara a se formar em volta de seu coração quando se viu deitada na horta de um escravo em Twelve Oaks aos poucos ia endurecendo.

Agora que tinha um cavalo, Scarlett poderia ir pessoalmente tentar saber o que havia acontecido com seus vizinhos. Desde que voltara, mil vezes se perguntara, desesperada: S*eremos os únicos habitantes que restaram no condado? Terão todos os outros morrido no incêndio de suas casas? Terão fugido para Macon?* Com a lembrança fresca das ruínas de Twelve Oaks, do sítio dos MacIntoshes e do casebre dos Slatterys, quase tinha medo de descobrir a verdade. Mas a certeza era melhor que a incerteza. Decidiu ir primeiro à fazenda dos Fontaines, não por serem os vizinhos mais próximos, mas sim porque o velho dr. Fontaine poderia lá estar. Melanie precisava de um médico. Não vinha se recuperando bem, e Scarlett estava preocupada com seu abatimento.

Assim, no primeiro dia em que o pé lhe permitiu calçar um sapato, Scarlett montou no cavalo do ianque. Com um pé apoiado no estribo encurtado e a outra perna passada em volta da parte mais alta da sela, em um arremedo de sela feminina, partiu pelos campos em direção a Mimosa, preparando-se para o caso de encontrá-la incendiada.

Para sua surpresa e alegria, viu a casa de estuque amarelo desbotado entre os pés de mimosa, com o aspecto de sempre. Quase chorou de alegria quando as três Fontaines saíram para recebê-la com gritos de felicidade.

Mas, passadas as primeiras exclamações da acolhida calorosa, quando entraram todas na sala de jantar Scarlett sentiu um frio na espinha. Os ianques não tinham chegado ali porque Mimosa ficava afastada da estrada principal. Por isso os Fontaines ainda possuíam o gado e as provisões. Mas havia em Mimosa o mesmo silêncio estranho que pairava sobre Tara, e sobre toda a região. Todos os negros, exceto quatro escravas domésticas, tinham fugido, com medo dos ianques que chegavam. Não havia um só homem na fazenda, a não ser que o filhinho de Sally, Joe, mal saído das fraldas, fosse contado como homem. Sozinhas na casa, estavam a avó Fontaine, já na casa dos setenta, sua nora, que sempre seria conhecida como Sinhá Moça, apesar de cinquentona, e Sally, que acabara de completar vinte anos. Viviam longe dos vizinhos, e desprotegidas, mas se tinham medo não demonstravam. Provavelmente, pensou Scarlett, porque Sally e Sinhá Moça tinham medo demais da avó frágil, porém indômita, para ousar se lamentar. A própria Scarlett tinha medo da velha senhora, com aquele olhar aguçado e aquela língua ferina, que ela já havia sentido no passado.

Apesar da ausência de vínculos de sangue e da grande diferença de idade, havia entre aquelas mulheres uma afinidade de espírito e de experiência. Todas as três trajavam roupas de luto caseiras, estavam esgotadas, tristes e preocupadas. E amarguradas. E, embora não fizessem careta nem reclamassem, a amargura transparecia em seus sorrisos e em suas palavras de boas-vindas. Afinal, seus escravos haviam fugido, seu dinheiro perdera o valor, o marido de Sally, Joe, morrera em Gettysburg, e Sinhá Moça também enviuvara, pois o jovem dr. Fontaine morrera de disenteria em Vicksburg. Os outros dois rapazes, Alex e Tony, estavam em algum lugar da Virgínia, não se sabia se mortos ou vivos; e o velho dr. Fontaine estava não se sabia onde com a cavalaria de Wheeler.

— E o velho idiota já tem 73 anos, embora tente esconder a idade. Está tão atacado de reumatismo quanto um porco está cheio de pulgas — dizia a avó, orgulhosa do marido, desmentindo as palavras ásperas com o brilho nos olhos.

— Alguém tem alguma notícia do que anda acontecendo em Atlanta? — perguntou Scarlett, depois que se instalaram confortavelmente. — Estamos completamente enterrados em Tara.

— Bem, menina — respondeu Sinhá Velha, assumindo o comando da conversa, como de praxe —, estamos na mesma situação que você. Não sabemos de nada, a não ser que Sherman finalmente dominou a cidade.

— Então dominou mesmo. O que ele vai fazer agora? Onde está sendo o combate?

— E como três mulheres no interior podem saber da guerra, quando estamos há semanas sem cartas nem jornais? — disse a velha senhora com azedume. — Um dos nossos escravos falou com um escravo que viu um escravo que esteve em Jonesboro. Fora isso, não soubemos de nada. O que dizem é que os ianques estão apenas ocupando Atlanta, descansando os homens e os cavalos, mas se isso é verdade ou não, você pode julgar tão bem quanto eu. Não que não precisassem de um descanso, depois do trabalho que lhes demos.

— E pensar que você está há tanto tempo em Tara e nós não sabíamos! — interrompeu Sinhá Moça. — Ah, não me desculpo por não ter dado um pulo lá a cavalo para ver! Mas, com a fuga dos pretos, há tanta coisa para fazer aqui que não dava para sair. Mesmo assim eu devia ter arranjado tempo. Não fui uma boa vizinha. Só que, claro, achamos que os ianques tinham posto fogo em Tara, como puseram em Twelve Oaks e na casa dos MacIntoshes, e que o seu pessoal tinha ido para Macon. Nunca imaginamos que você estivesse em casa, Scarlett.

— Bem, e como iríamos pensar de outra maneira, quando os pretos do sr. O'Hara passaram por aqui tão apavorados, dizendo que os ianques iam tocar fogo em Tara? — interrompeu a avó.

— E dava para ver… — começou Sally.

— Por favor, sou eu quem está contando a história — disse Sinhá Moça secamente. — Disseram também que os ianques estavam acampados em Tara e que o seu pessoal se preparava para ir para Macon. E, naquela noite, vimos o clarão do incêndio para os lados de Tara. Durou horas, e assustou tanto os idiotas dos nossos negros que todos eles fugiram. O que pegou fogo?

— Todo o nosso algodão… que valia 150 mil dólares — informou Scarlett com amargura.

— Dê graças por não ter sido a sua casa — disse a avó, apoiando o queixo na bengala. — Sempre se pode plantar mais algodão, mas uma casa não se planta. Por falar nisso, vocês já começaram a colher o algodão?

— Não — respondeu Scarlett —, e quase todos os pés estão destruídos. Imagino que não dê para tirar mais que três fardos dos que sobraram no campo da várzea. E de que vai adiantar isso? Todos os nossos peões fugiram e não há ninguém para fazer a colheita.

— Tenha dó, todos os nossos peões fugiram e não há ninguém para fazer a colheita — arremedou a avó, lançando um olhar irônico para Scarlett. — O que houve com as suas mãozinhas, moça, e com as das suas irmãs?

— Eu? Colher algodão? — exclamou Scarlett, espantada, como se a avó tivesse sugerido que cometessem um crime sórdido. — Como uma peoa? Como ralé branca? Como as Slatterys?

— Ralé branca, francamente! Como essa geração é mole e metida a aristocrata! Pois fique você sabendo, moça, que meu pai perdeu todo o dinheiro quando eu era menina, e nunca achei que me desmerecesse usar as mãos para fazer qualquer trabalho honesto, mesmo que fosse na terra, até papai conseguir ganhar mais para poder comprar mais negros. Já peguei no cabo da enxada e colhi algodão, e faço isso de novo se for preciso. E parece que vai ser. Ralé branca, francamente!

— Ah, mas, mãe Fontaine… — disse a nora, lançando olhares de súplica às duas moças, para que a ajudassem a desencrespar a velha senhora. — Isso foi há muito tempo, estamos em outra época, e os tempos mudaram.

— Os tempos nunca mudam quando há trabalho honesto que precise ser feito — declarou a perspicaz senhora, recusando-se a se deixar conter. — E me envergonho por sua mãe, Scarlett, ouvindo você falar aqui como se o trabalho honesto transformasse gente boa em gentinha. “Quando Adão cavoucava e Eva fiava”…

Para mudar de assunto, Scarlett perguntou depressa:

— E o que foi feito dos Tarletons e dos Calverts? Incendiaram as casas deles? Eles fugiram para Macon?

— Os ianques nunca chegaram até os Tarletons. A fazenda deles, como a nossa, não dá para a estrada principal. Mas estiveram nos Calverts e roubaram todo o gado e todas as aves da fazenda, e ainda fizeram todos os negros fugirem com eles… — começou Sally.

A avó interrompeu.

— Ha! Prometeram vestidos de seda e brincos de ouro a todas aquelas negras vagabundas… foi o que eles fizeram. E Cathleen Calvert contou que houve soldados que foram embora levando essas idiotas na garupa. Bem, tudo que elas vão ganhar vão ser bebezinhos mestiços, e não posso dizer que o sangue ianque vá melhorar a raça.

— Ah, mãe Fontaine!

— Não fique tão espantada, Jane. Somos todas casadas, não somos? E, Deus sabe, já vi bebezinhos mulatos antes.

— Por que não puseram fogo na casa dos Calverts?

— A casa foi poupada pelos sotaques combinados da segunda sra. Calvert e daquele administrador ianque dela, o Hilton — disse Sinhá Moça, que sempre se referia à ex-governanta como a "segunda sra. Calvert", embora a primeira tivesse morrido havia vinte anos.

— Somos leais simpatizantes da União — arremedou a velha senhora, fazendo uma voz anasalada. — Cathleen disse que os dois juraram de pés juntos que todos os Calverts eram ianques. E o sr. Calvert morto na Wilderness! E Raiford em Gettysburg e Cade na Virgínia com o Exército! Cathleen disse que ficou tão agoniada que preferia ter tido a casa incendiada, e que Cade explodiria quando voltasse e ficasse sabendo disso. Mas é nisso que dá casar-se com uma ianque, sem brio, sem dignidade, só querendo saber da própria pele… E como foi que eles não puseram fogo em Tara?

Scarlett custou um pouco a responder. Sabia que a próxima pergunta seria: "E como vai o seu pessoal? Como vai a sua querida mãe?" Sabia que não conseguiria lhes dizer que Ellen tinha morrido. Se pronunciasse essas palavras, ou mesmo pensasse nelas na presença daquelas mulheres simpáticas, cairia em prantos e não conseguiria parar de chorar. E não podia começar. Não chorara de verdade desde que chegara em casa e sabia que, se abrisse as comportas, sua coragem poupada a duras penas iria toda embora. Mas sabia também, olhando confusa para aquelas caras amigas, que, se escondesse a notícia da morte de Ellen, as Fontaines nunca a perdoariam. A avó, sobretudo, adorava Ellen e eram poucas as pessoas no condado por quem ela movia aqueles seus dedos magros.

— Bem, fale logo — insistiu a avó, lançando-lhe um olhar duro. — Não sabe, mocinha?

— Bem, olhe, eu só cheguei em casa no dia seguinte ao da batalha — disse depressa. — Os ianques já tinham todos ido embora. O papai… ele me disse que conseguiu que não pusessem fogo na casa porque o tifo estava deixando Suellen e Carreen em um estado de fraqueza tal que elas não podiam ser trasladadas.

— É a primeira vez que ouço falar em um ianque tendo uma atitude decente — comentou a avó, como se lhe incomodasse ouvir qualquer coisa positiva sobre os invasores. — E como vão as meninas agora?

— Ah, melhor, bem melhor, estão quase boas, mas muito fraquinhas — respondeu Scarlett. E, vendo a pergunta que temia pairando nos lábios da velha senhora, logo mudou de assunto. — Eu... Eu gostaria de saber se vocês poderiam nos emprestar alguma coisa para comer? Os ianques acabaram com o que tínhamos, como se fossem uma nuvem de gafanhotos. Mas, se a mesa da casa andar escassa, basta me dizer francamente e...

— Mande Pork com uma carroça, e nós lhe mandaremos metade do que temos: arroz, farinha de trigo e uns franguinhos — disse Sinhá Moça, com um súbito olhar penetrante para Scarlett.

— Ah, isso é exagero! Realmente, eu…

— Não diga nada. Não quero ouvir. Para que servem os vizinhos?

— Vocês são tão boas que eu… Mas já tenho que ir andando. O pessoal lá em casa já deve estar preocupado comigo.

A avó levantou-se bruscamente, pegando Scarlett pelo braço;

— Fiquem aí vocês duas — ordenou, empurrando Scarlett para a varanda dos fundos. — Tenho que dar uma palavrinha em particular com esta menina. Ajude-me a descer, Scarlett.

Sinhá Moça e Sally despediram-se, prometendo visitá-la em breve. Não se aguentavam de curiosidade para saber o que a avó tinha a falar com Scarlett, mas a menos que ela quisesse lhes contar nunca saberiam.

— As velhas são difíceis — sussurrou Sinhá Moça para Sally enquanto retomavam suas costuras.

Scarlett, parada com a mão no bridão do cavalo, sentiu-se deprimida.

— Agora — disse a avó, encarando-a de frente. — O que está havendo em Tara? O que você está escondendo?

Scarlett olhou naqueles experientes olhos penetrantes e viu que seria capaz de dizer a verdade, sem lágrimas. Ninguém podia chorar na presença da avó Fontaine sem a sua permissão expressa.

— Mamãe morreu — contou sem rodeios.

Sentiu aumentar a pressão da mão em seu braço e viu as pálpebras enrugadas piscarem sobre os olhos amarelados.

— Os ianques a mataram?

— Ela morreu de tifo. Morreu… um dia antes de eu chegar.

— Não pense mais nisso — disse a avó severamente, e Scarlett viu-a engolir em seco. — E o seu pai?

— Papai está… Papai não é o mesmo.

— Como assim? Fale. Ele está doente?

— Foi o choque… ele está muito estranho… não…

— Não me diga que ele não é o mesmo. Quer dizer que está perturbado da cabeça?

Era um alívio ouvir a verdade exposta de forma tão direta. Como era boa a velha senhora, não manifestando sentimentos que a fariam chorar.

— Sim — respondeu morosamente. — Ele perdeu o juízo. Está atordoado e às vezes parece nem lembrar que mamãe morreu. Ah, Sinhá Velha, é demais para mim vê-lo passar horas esperando por ela com a maior paciência, ele que sempre foi de uma impaciência infantil. Mas é pior quando lembra que ela morreu. Às vezes, depois de ter passado um bom tempo de ouvido atento esperando identificar os passos dela chegando, ele se levanta de um pulo e sai de casa. Vai até a sepultura dela, depois volta se arrastando, o rosto banhado em lágrimas, e fica repetindo, até me dar vontade de gritar, “Katie Scarlett, a sra. O’Hara morreu. Sua mãe morreu”. E é como se eu estivesse ouvindo pela primeira vez. Outras vezes, quando o ouço chamando por ela no meio da noite, eu me levanto e vou até o quarto dele dizer que mamãe está na senzala cuidando de um doente. Ele fica preocupado porque ela vive se esgotando para cuidar das pessoas. E é muito difícil levá-lo de volta para a cama. Parece criança. Ah, quem dera que o dr. Fontaine estivesse aqui! Sei que ele poderia fazer alguma coisa pelo papai! E Melanie também está precisando de um médico. Não está se recuperando do parto como deveria…

— Melly… teve um filho? E ela está com você?

— Está.

— O que Melly está fazendo com você? Por que não está em Macon com a tia e os outros parentes? Nunca achei que você gostasse muito dela, mocinha, embora ela fosse irmã de Charles. Vamos, quero que me conte tudo.

— É uma longa história, Sinhá Velha. Não quer voltar lá para dentro e se sentar?

— Eu aguento ficar em pé — disse a avó secamente. — E, se contar sua história na frente das meninas, elas vão abrir o berreiro, fazendo-a sentir pena de si mesma. Agora, vamos lá.

Scarlett começou hesitante, contando sobre o cerco e o estado de Melanie, mas no decorrer da narração, sob aquele olhar firme e penetrante, foi encontrando as palavras, fortes e terríveis. Tudo lhe voltou: o dia horrível e quente do nascimento do bebê, a agonia do medo, a briga e a deserção de Rhett. Falou da escuridão da noite, das fogueiras que podiam ser de amigos ou de inimigos, das chaminés finas que avistou pela manhã, dos corpos de homens e de cavalos estirados ao longo da estrada, da fome, da desolação e do medo de que Tara tivesse sido incendiada.

— Eu achava que, se conseguisse chegar em casa, mamãe daria jeito em tudo, e eu poderia me livrar do meu fardo. No caminho, achei que o pior já tinha me acontecido, mas quando soube da morte dela vi o que de fato era o pior.

Baixou os olhos, esperando que a avó falasse. O silêncio foi tão prolongado que ela se perguntou se a avó poderia não ter compreendido sua situação desesperadora. Finalmente a senhora falou. Scarlett estranhou aquele tom bondoso que nunca a ouvira usar com ninguém.

— Menina, é horrível quando uma mulher enfrenta o pior que lhe pode acontecer, porque, depois disso, nunca mais vai ter medo de nada. E é muito ruim para uma mulher não ter medo de nada. Pensa que não entendi o que você acabou de me contar… o que passou? Pois entendi muito bem. Quando eu tinha mais ou menos a sua idade, estive na guerra Creek, logo após o massacre do forte Mims… Sim — disse em uma voz distante —, mais ou menos a sua idade, pois isso faz uns cinquenta anos. E consegui me esconder no mato, de onde vi a nossa casa pegar fogo e os índios escalpelarem os meus irmãos. Só dava para eu

ficar ali deitada, rezando para que o clarão do fogo não denunciasse o meu esconderijo. Eles arrastaram a minha mãe para fora e a mataram a uns seis metros de onde eu estava. Escalpelaram-na também. E de vez em quando um índio ia cravar a machadinha de novo no crânio dela. Eu… eu era a queridinha da minha mãe, e fiquei ali, vendo aquilo tudo. De manhã, me pus a caminho para o assentamento mais próximo, que ficava a quase cinquenta quilômetros de lá. Levei três dias para chegar, atravessando os pântanos e as terras dos índios. Depois disso, acharam que eu iria enlouquecer… Foi lá que conheci o dr. Fontaine. Ele cuidou de mim… Ah, isso foi há cinquenta anos, como eu disse, e desde então nunca mais tive medo de nada, nem de ninguém, porque já tinha passado pelo pior que poderia me acontecer. Esse destemor me trouxe muitos problemas e muita infelicidade. Deus criou as mulheres para serem criaturas tímidas e inseguras, e uma mulher que não tem medo de nada causa estranheza… Scarlett, você sempre deve guardar uma coisa para temer… assim como deve guardar uma coisa para amar…

Sua voz morreu, e ela ficou ali parada, olhando para o dia em que, meio século atrás, tinha sentido medo. Scarlett se remexeu, impaciente. Achara que a avó entenderia e talvez lhe daria algum conselho para ajudá-la a resolver os problemas. Mas, como todo velho, começara a falar de coisas que tinham acontecido quando ela nem era nascida e não interessavam a ninguém. Scarlett arrependeu-se de ter se aberto com ela.

— Bem, vá para casa, menina, senão eles vão ficar preocupados com você — disse de repente. — Mande Pork com a carroça hoje à tarde… E não pense que algum dia pode se livrar do fardo. Porque não pode. Eu sei.

O verão indiano durou até novembro naquele ano. Os dias quentes foram dias alegres para todos em Tara. O pior já passara. Agora tinham um cavalo e podiam se deslocar montadas nele, e não só a pé. Comiam ovos estrelados no café da manhã e presunto frito na ceia para variar a monotonia dos inhames, dos amendoins e das maçãs secas. Em uma ocasião festiva, comeram até frango assado. A velha porca, que finalmente fora capturada, vivia feliz com a ninhada, confinada embaixo da casa. Às vezes grunhiam tão alto que ninguém conseguia conversar lá dentro, mas era um barulho agradável. Significava carne de porco

fresca para os brancos e miúdos para os negros quando chegasse o frio e o tempo de matar porcos, e significava comida no inverno para todos.

A visita de Scarlett às Fontaines a encorajara mais do que ela se dava conta. Só a constatação de que tinha vizinhos, de que algumas das amizades antigas da família e algumas casas velhas tinham sobrevivido, afastava o sentimento de solidão e de perda que a oprimiram nas primeiras semanas em Tara. E as Fontaines e as Tarletons, cujas fazendas não estavam no caminho do Exército, foram muito generosas, dividindo com ela o pouco que possuíam. No condado, havia a tradição de os vizinhos ajudarem uns aos outros, e ninguém quis aceitar um tostão de Scarlett, alegando que ela faria o mesmo por qualquer vizinho. Poderia pagar-lhes no ano seguinte, na mesma moeda, quando Tara voltasse a produzir.

Scarlett agora tinha comida para as pessoas de sua casa, um cavalo, o dinheiro e as joias tomadas do desertor ianque. Sua maior necessidade eram roupas novas. Sabia que seria arriscado mandar Pork para comprar roupas no sul, pois o cavalo poderia ser apreendido ou pelos ianques ou pelos confederados. Mas ao menos tinha dinheiro para comprar roupas, um cavalo e uma carroça para a viagem, e talvez Pork conseguisse fazer a viagem sem ser pego. Sim, o pior passara.

Todos os dias ao acordar, Scarlett agradecia a Deus pelo céu azul e pelo sol quente, pois cada dia de bom tempo adiava o momento inevitável em que haveria necessidade de roupas quentes. E, enquanto isso, o algodão ia se acumulando na senzala vazia, o único local de armazenagem que sobrara na fazenda. Havia mais algodão nos campos do que Pork calculara, provavelmente quatro fardos, e logo as cabanas estariam cheias.

Scarlett não pretendia colher com as próprias mãos o algodão, mesmo depois do último comentário da avó Fontaine. Era impensável que ela, uma O’Hara, agora a senhora de Tara, trabalhasse no campo. Isso a colocaria no mesmo nível das desgrenhadas sra. Slattery e Emmie. Sua intenção era deixar o trabalho braçal para os negros, enquanto ela e as convalescentes se ocupavam da casa, mas ali estava ela, enfrentando um sentimento de casta ainda mais forte que o dela. Pork, Mammy e Prissy protestaram veementemente contra a ideia de trabalhar no campo. Repetiam que eram negros domésticos e não peões. Mammy, em particular, declarou enfaticamente que nunca fora negra de quintal.

Nascera na mansão Robillard, não no alojamento dos escravos, e se criara no quarto da Sinhá Velha, dormindo em uma enxerga no pé da cama. Só Dilcey não falou nada, e fitou Prissy com um olhar firme que a fez se contorcer.

Scarlett recusou-se a dar ouvidos aos protestos e levou todos na carroça para o algodoal. Mas Mammy e Pork trabalhavam tão devagar e com tantos lamentos que ela despachou Mammy de volta para a cozinha e Pork para o mato e para os rios, com armadilhas para coelhos e gambás e linhas para os peixes. Colher algodão era uma tarefa degradante para Pork, mas caçar e pescar não eram.

Em seguida Scarlett experimentou as irmãs e Melanie no algodoal, mas o resultado não foi melhor. Melanie, depois de uma hora colhendo com eficiência e boa vontade debaixo de sol quente, desmaiou quietinha e precisou ficar uma semana de cama. Suellen, carrancuda e chorosa, também fingiu desmaiar, mas voltou a si reclamando como uma gata zangada quando Scarlett lhe despejou no rosto uma cabaça de água fria. Por fim, recusou-se terminantemente.

— Não vou trabalhar no campo como uma preta! Você não pode me obrigar. E se algum dos nossos amigos vier a saber disso? E se… se o sr. Kennedy souber? Ah, se mamãe soubesse disso…

— Se você, Suellen O'Hara, falar mais uma vez no nome da mamãe, eu lhe dou uma bofetada — gritou Scarlett. — Mamãe trabalhou mais que qualquer preto nesta fazenda e você sabe disso, srta. Pretensiosa!

— Não trabalhou mesmo! Pelo menos não no campo. E você não pode me obrigar. Vou fazer queixa para o papai e ele não vai me obrigar a trabalhar!

— Não se atreva a incomodar o papai com seus problemas! — exclamou Scarlett, indignada com a irmã e preocupada com Gerald.

— Eu a ajudo, maninha — interveio Carreen docilmente. — Trabalho por Sue e por mim. Ela ainda não está bem, e não devia apanhar sol.

— Obrigada, docinho — disse Scarlett, agradecida, mas olhou preocupada para a irmã caçula.

Carreen, que sempre tivera uma cútis delicada como as pétalas rosadas e alvas espalhadas pelo vento de primavera, embora já não fosse tão rosada, conservava a textura delicada do rosto suave e pensativo. Andava calada e um pouco atordoada desde que voltara a si e descobrira que a mãe morrera, que Scarlett virara uma megera, que o mundo mudara e que a pauta dos novos tempos era o

trabalho incessante. Não era da delicada índole de Carreen adaptar-se a mudanças. Ela simplesmente não conseguia compreender o que havia acontecido e circulava por Tara como uma sonâmbula, fazendo exatamente o que lhe mandavam. Parecia frágil, e era. Mas tinha boa vontade, era obediente e prestativa. Quando não estava cumprindo as ordens de Scarlett, tinha sempre um terço nas mãos e os lábios murmurando preces pela mãe e por Brent Tarleton. Não ocorria a Scarlett que Carreen havia sentido muito a morte de Brent e que não se refizera de sua dor. Para Scarlett, Carreen ainda era um bebê, criança demais para ter tido um caso de amor tão sério.

Em pé no algodoal, enquanto sentia as costas lhe doendo de tanto se curvar e as mãos calejadas pelas cápsulas secas, Scarlett desejou ter uma irmã que possuísse a energia e a força de Suellen com a boa índole de Carreen. Pois Carreen era diligente e séria no trabalho, mas depois de uma hora no batente ficava óbvio que era ela, e não Suellen, que não estava em condições de continuar colhendo. Então Scarlett também mandou Carreen de volta para casa.

Restavam com ela agora nas longas fileiras do algodoal apenas Dilcey e Prissy. Prissy colhia preguiçosa e espasmodicamente, sem parar de se queixar dos pés, das costas, das entranhas e do cansaço enquanto a mãe não pegasse um galho de algodoeiro e a surrasse até ela gritar. Depois disso, trabalhava um pouco melhor, tomando o cuidado de ficar longe do alcance da mãe.

Dilcey trabalhava incansavelmente, em silêncio, como uma máquina. Scarlett, com as costas doloridas e o ombro em carne viva de carregar a saca de algodão, achava que Dilcey valia o seu peso em ouro.

— Dilcey — dizia —, quando os bons tempos voltarem, não vou me esquecer de como trabalhou. Você tem sido excepcional.

A gigante de bronze não sorria nem se contorcia ao ouvir um elogio, como os outros negros. Apenas virava o rosto impassível para Scarlett e dizia com dignidade:

— Obrigada, sinhá. Mas sinhô Gerald e sinhá Ellen foro bons pra mim. Sinhô Gerald comprô a minha Prissy pra mim num ficá triste i eu num isqueço disso. Meu sangue é metade índio, i us índio num isquece quem é bão pra eles. Peço discurpa pela minha Prissy. Ela é muito imprestável. Saiu nêga qui nem u pai. U pai dela era muito cabeça di vento.

Apesar da dificuldade de conseguir que a ajudassem na colheita, e apesar do cansaço de executar pessoalmente o trabalho braçal, Scarlett animou-se ao ver o algodão ir lentamente passando do algodoal para as cabanas. O algodão dava segurança e estabilidade. Tara enriquecera com o algodão, assim como todo o Sul. Scarlett era sulista o suficiente para acreditar que ambos se reergueriam dos campos de terra vermelha.

Naturalmente, aquela quantidade de algodão que colhera deixava a desejar, mas já era alguma coisa. Renderia algum dinheiro confederado, que a ajudaria a poupar as notas verdes e o ouro da carteira do ianque até o momento em que precisassem ser gastos. Na próxima primavera, tentaria fazer o governo confederado devolver Big Sam e os outros peões recrutados. Se não conseguisse, usaria o dinheiro do ianque para alugar mão de obra dos vizinhos. Na primavera seguinte, ela plantaria, plantaria… Endireitou as costas cansadas e, olhando os campos que ganhavam o amarelado do outono, enxergou a viçosa safra do ano seguinte verdejando pela fazenda inteira.

Na próxima primavera! Talvez a guerra já tivesse acabado e os bons tempos tivessem voltado. E, a Confederação ganhando ou não os tempos seriam melhores. Qualquer coisa era melhor que a constante ameaça dos ataques de ambos os exércitos. Quando a guerra terminasse, daria para se viver decentemente com uma fazenda. Ah, se a guerra terminasse, já seria possível plantar as safras com alguma certeza de colhê-las.

Agora já havia esperança. A guerra não podia durar para sempre. Scarlett tinha aquele pouquinho de algodão, tinha comida, um cavalo, e uma reserva de dinheiro pequena, mas preciosa. Sim, o pior já passara!

Capítulo 27

Em uma tarde de meados de novembro, estavam todos reunidos em volta da mesa de jantar, deliciando-se com o resto da torta de mirtilo que Mammy preparara com farinha de milho e adoçara com sorgo. Fazia frio. O primeiro frio do ano. Pork, de pé atrás da cadeira de Scarlett, esfregando as mãos todo animado, perguntou:

— Num tá nu tempo di matá porco, sinhazinha?

— Você já sente o gosto dos miúdos, não sente? — disse Scarlett com um sorriso. — Bem, eu também já sinto o gosto de carne de porco fresca, e se o tempo continuar assim por mais alguns dias, vamos…

Melanie interrompeu, a colher já quase nos lábios:

— Ouça, querida! Vem vindo alguém!

— Alguém tá gritano — disse Pork, nervoso.

No ar límpido de outono, chegou nítido o som dos cascos disparados como um coração assustado, enquanto uma voz estridente de mulher gritava: “Scarlett! Scarlett!”

Todos à mesa se entreolharam antes de afastarem as cadeiras e se levantarem de um pulo. Apesar da estridência provocada pelo medo, reconheceram a voz de Sally Fontaine, que havia apenas uma hora estivera em Tara a caminho de Jonesboro. Agora, na correria para irem se aglomerar à porta, viram-na subindo a alameda como um pé de vento, montada em um cavalo coberto de espuma, com os cabelos soltos e o chapéu caído às costas. Com as rédeas soltas, acenava para trás, indicando o lado de onde viera.

— Os ianques estão chegando! Eu os vi! Na estrada! Os ianques…

Sem dó da boca do cavalo, bem na hora em que ele já ia saltar os degraus da escada da frente, puxou as rédeas, desviando-o para o relvado lateral, onde ele chegou com três passadas e cuja sebe de mais de um metro ela o fez saltar como se estivesse em uma caçada. Acompanhando com os olhos o galope do animal

que passava pelo quintal dos fundos e descia pelo caminho entre as cabanas da senzala, eles concluíram que Sally estava cortando caminho para Mimosa.

Por um momento, ficaram ali paralisados. Então Suellen e Carreen começaram a soluçar, apertando-se as mãos. O pequeno Wade, trêmulo e sem conseguir chorar, não se mexia. O que temia desde a noite em que deixara Atlanta tinha acontecido. Os ianques estavam vindo pegá-lo.

— Ianques? — disse Gerald, atordoado. — Mas eles já estiveram aqui.

— Mãe santíssima! — exclamou Scarlett, encontrando o olhar assustado de Melanie.

Em um piscar de olhos, relembrou os horrores da última noite em Atlanta, as casas destruídas pela região toda, as histórias de estupro, tortura e assassinatos. Reviu o soldado ianque no saguão com a caixinha de costura de Ellen na mão. Pensou: *Vou morrer. Vou morrer aqui mesmo. Achei que já tivéssemos deixado isso tudo para trás. Vou morrer. Não agu*ento mais.

Bateu os olhos no cavalo amarrado ao poste, pronto para ser montado por Pork, que devia levar um recado à casa dos Tarletons. Seu cavalo! O único! Os ianques iam tomá-lo, assim como tomariam a vaca e o bezerro. E mais a porca com as crias todas… Ah! Quantas horas de canseira eles levaram para capturar aquela porca e seus ágeis filhotes! E ainda levariam o galo e as galinhas poedeiras e os patos com que as Fontaines a presentearam. E as maçãs e os inhames da despensa. Mais a farinha e o arroz e as ervilhas secas. E o dinheiro da carteira do soldado ianque. Levariam tudo e os deixariam morrer de fome.

— Eles não vão ter o que é meu! — gritou, e todos se viraram espantados para ela, receando que tivesse perdido o juízo com a notícia. — Não vou passar fome! Eles não vão ter o que é meu!

— O que foi, Scarlett? O que foi?

— O cavalo! A vaca! Os porcos! Eles não vão ter o que é meu! Não vou deixar.

Virou-se imediatamente para os quatro negros aglomerados à porta com o rosto estranhamente cinéreo.

— O pântano — disse depressa.

— Qui panto?

— O pântano do rio, seus idiotas! Levem os porcos para o pântano. Vocês todos. Depressa. Pork, você e Prissy, arrastem-se para baixo da casa e tirem os porcos de lá. Suellen, você e Carreen encham os cestos de comida e carreguem tudo o que conseguirem para o mato. Mammy, torne a esconder a prataria no poço. E Pork! Pork, me ouça, não fique aí parado com essa expressão! Leve papai com você. Não me pergunte para onde! Para qualquer lugar! Vá com Pork, papai. O papai é bonzinho.

Mesmo naquela agitação toda, preocupava-se com a reação da mente perturbada de Gerald quando ele se deparasse com as fardas azuis. Parou torcendo as mãos, e os soluços apavorados do pequeno Wade, agarrado à barra da saia de Melanie, deixaram-na ainda mais em pânico.

— O que devo fazer, Scarlett? — Em meio à correria e à choradeira, Melanie conservava a voz calma, embora estivesse branca como papel, e toda trêmula. Aquela calma deu segurança a Scarlett, mostrando-lhe que todos esperavam suas ordens e sua orientação.

— A vaca e o bezerro estão no antigo pasto — disse depressa. — Pegue o cavalo e toque-os para o pântano e…

Antes que Scarlett terminasse a frase, Melanie desvencilhara-se de Wade, apanhara as saias ao descer a escada da frente e corria para o cavalo. Scarlett viu de relance as pernas finas e uma profusão de saias e roupas de baixo, e logo Melanie estava sentada na sela, com os pés pendurados sem chegar nos estribos. Tomou as rédeas e bateu com os calcanhares nos flancos do animal. Mas de repente o freou, contraindo o rosto, horrorizada.

— Meu filho! — gritou. — Ah, meu filho! Os ianques vão matá-lo! Me deem o meu filho!

Já tinha a mão na cabeça da sela, preparando-se para saltar, quando Scarlett lhe gritou:

— Vá em frente! Vá em frente! Pegue a vaca! Eu cuido do bebê! Vá, estou dizendo! Acha que eu deixaria que levassem o filho de Ashley? Vá!

Melly olhou para trás desesperada, mas deu com os calcanhares no cavalo e partiu em direção ao pasto, espalhando o cascalho do caminho de acesso.

Scarlett pensou: *Nunca esperei ver Melly Hamilton montar feito homem!* E correu para dentro de casa. Wade ia atrás dela, aos prantos, tentando segurá-la

pelas saias. Ao subir a escada, pulando de três em três degraus, viu Suellen e Carreen correndo para a despensa com os cestos pendurados nos braços, e Pork arrastando Gerald pelo braço em direção à varanda dos fundos, sem a menor delicadeza. Gerald ia resmungando, resistindo como uma criança.

Do quintal dos fundos, ouviu a voz estridente de Mammy:

— Ocê, Priss! Vai mi buscá us leitão lá imbaxo da casa. Ocê sabe qui sô munto gorda pra chegá lá. Dilcey, vem cá fazê essa minina imprestávi…

E eu que achei que fosse uma ótima ideia guardar os porcos embaixo da casa, para que não fossem roubados, pensou Scarlett, correndo para o quarto. *Meu Deus, por que não mandei fazer um chiqueiro para eles lá n*o pântano?

Abriu a gaveta superior da escrivaninha, tateando lá dentro atrás da carteira do ianque. Às pressas, tirou o solitário e os brincos de brilhante do cesto de costura onde os escondera e enfiou-os na carteira. Mas onde escondê-la? No colchão? No alto da chaminé? Jogá-la no poço? Enfiá-la no corpete? Não, aí nunca! Não daria para disfarçar o volume da carteira dentro da roupa e, se os ianques vissem, iam deixá-la nua para revistá-la.

Se fizerem isso, eu morro!, pensou, esgazeada.

Lá embaixo estava um pandemônio, com todo mundo correndo e chorando. Scarlett, mesmo naquele seu alvoroço, desejou que Melanie estivesse ali com ela. Melly, com sua voz calma e que fora tão corajosa no dia em que ela matara o ianque! Melly valia por três das outras. Melly… o que ela tinha dito? Ah, sim, o bebê!

Agarrada à carteira, Scarlett correu para o quarto onde o pequeno Beau dormia no moisés. Pegou-o nos braços, e ele acordou, agitando as mãozinhas cerradas e babando, sonolento.

Ela ouviu Suellen gritar:

— Vamos, Carreen! Vamos! Já temos bastante. Ah, irmã, depressa!

Do curral, chegavam grunhidos desesperados e resmungos indignados. Scarlett correu à janela e viu Mammy tentando correr pelo algodoal com um leitãozinho embaixo de cada braço. Atrás dela, Pork também carregava dois leitões enquanto empurrava Gerald, que ia arrastando a perna, balançando a bengala.

Debruçando-se para fora da janela, Scarlett gritou:

— Pegue a porca, Dilcey! Faça Prissy tirá-la de lá. Você pode tangê-la pelos campos.

Dilcey ergueu os olhos, tensa. Tinha o avental abarrotado de utensílios de prata para mesa. Apontou para baixo da casa.

— A porca modeu Prissy i ela tá presa lá imbaxo da casa.

Parabéns à porca, pensou Scarlett. Voltou correndo ao quarto para buscar as pulseiras, o broche, a miniatura e o copinho que achara com o ianque morto. Mas onde esconder tudo aquilo? Não era possível carregar a carteira com os objetos em um braço e o menino no outro e ela foi colocá-lo na cama.

Quando ele gemeu ao sair de seus braços, Scarlett teve uma ideia. Haveria melhor esconderijo do que na fralda de um bebê? Virou-o de bruços, puxou-lhe a camisola e enfiou a carteira dentro da fralda. O menino protestou mais alto contra esse tratamento, e ela lhe ajustou melhor o pano no corpinho enquanto ele esperneava.

Agora, pensou, respirando fundo, *para* o pântano!

Correu para o corredor do andar superior, carregando o menino em um braço e as joias no outro. De repente, estacou assustada, sentindo as pernas bambas. Como a casa estava sossegada! Que silêncio aflitivo! Teriam todos ido embora e a deixado? Ninguém esperara por ela? Sua intenção não fora ser deixada ali sozinha. Atualmente, tudo podia acontecer a uma mulher sozinha nas mãos dos ianques…

Sobressaltou-se ao ouvir um leve ruído e, ao se virar, viu agachado junto aos balaústres o filho de que se esquecera, com os olhos esgazeados de pavor. Ele tentava falar, mas não conseguia.

— Levante-se, Wade Hampton — ordenou, peremptória. — Levante-se e ande. Mamãe não pode levar você no colo agora.

O menino veio correndo como um bichinho assustado esconder o rosto nas saias da mãe. Ela sentiu as mãozinhas tentando segurar suas pernas por cima do pano. Começou a descer as escadas, com Wade pendurado nela, dificultando cada passo. Furiosa, disse:

— Me solte, Wade! Me solte e ande! — Mas o menino só se agarrou mais a ela.

Ao chegar no hall, o andar térreo inteiro veio ao seu encontro. Todos os móveis simples e amados pareciam sussurrar: “Adeus! Adeus!” Sentiu um nó na garganta. Pela porta entreaberta do escritório onde Ellen trabalhara com tanto afinco, viu uma ponta da velha escrivaninha. Viu a sala de jantar, com as cadeiras desalinhadas e restos de comida nos pratos. No chão, viu os tapetes de trapos tingidos e entrelaçados pela própria Ellen. E viu o retrato da avó Robillard, com o decote, o cabelo preso no alto da cabeça e as narinas recortadas, de modo a perpetuá-la com uma expressão bem-educada de sarcasmo. Tudo que fizera parte de suas lembranças mais remotas, profundamente enraizadas nela, dizia: “Adeus! Adeus, Scarlett O’Hara!”

Os ianques tocariam fogo em tudo… tudo.

Aquela era a última visão que guardaria da casa, a não ser pelo que poderia avistar escondida no mato ou no pântano, as chaminés altas envoltas em fumaça, o telhado em chamas desmoronando.

Não posso abandoná-los, pensou batendo queixo de medo. *Não posso deixá-los. O papai não os deixaria. Ele disse que teriam que queimar tudo com ele dentro de casa. Então eu também vou arder junto com vocês quando eles incendiarem a casa, pois não posso abandoná-los. Vocês são tudo o que* me resta.

Com essa decisão, parte de seu medo desapareceu, deixando em seu peito apenas a sensação de que a esperança e o medo estavam congelados. Ouviu vários cavalos chegando à alameda, bridões tinindo e sabres chocalhando nas bainhas. Uma voz dura ordenou:

— Desmontar!

Na mesma hora ela se abaixou para a criança ao seu lado e falou com uma voz premente, mas estranhamente delicada.

— Solte-me, Wade querido! Desça correndo as escadas, atravesse o quintal e vá para o pântano. Mammy e tia Melly estão lá. Vá correndo, meu amor, e não tenha medo.

Estranhando o tom de sua voz, o menino olhou para ela, que ficou apavorada com sua expressão de coelhinho apanhado em uma armadilha.

— Ah, Mãe santíssima! — rezou. — Não deixe que ele tenha uma convulsão! Não… não diante dos ianques. Eles não devem saber que estamos com medo. —

E, como o menino apenas se agarrava às suas saias com mais força ainda, disse claramente: — Seja um homenzinho, Wade. É só um bando de ianques desgraçados!

E desceu as escadas para recebê-los.

Sherman estava atravessando a Geórgia, de Atlanta para o mar. Para trás, ficaram as ruínas fumegantes de Atlanta, incendiada pelo exército azul antes da retirada. À sua frente, havia quinhentos quilômetros de território praticamente sem defesa, salvo por algumas milícias estaduais e pelos velhos e meninos da Guarda Estadual.

Era a região fértil do estado, pontilhada de fazendas, abrigando mulheres e crianças, velhos e negros. Em uma faixa de 130 quilômetros, os ianques estavam saqueando e incendiando o que encontravam. Havia centenas de casas em chamas, centenas de casas onde seus passos ressoavam. Mas, para Scarlett, observando a enxurrada de casacos azuis entrando pela sua porta, não se tratava de uma questão nacional. Era exclusivamente pessoal, um ato de maldade dirigido a ela e a todos os seus.

Permaneceu no pé da escadaria, com o bebê nos braços e Wade colado a ela, com a cabeça escondida em suas saias, enquanto os ianques invadiam a casa, esbarrando nela ao subir as escadas. Arrastavam móveis para a varanda da frente, furavam os estofados com baionetas e facas, revirando-os à procura de valores escondidos. Lá em cima, estavam rasgando colchões e camas de plumas. O hall ficou cheio de plumas que lhe caíam suavemente na cabeça. Uma raiva impotente dominou o resto de medo que havia em seu coração, enquanto assistia impotente à destruição de sua casa e ao saque de seus bens.

O sargento no comando era um homenzinho grisalho de pernas arqueadas e com um pedaço grande de fumo na boca. Foi o primeiro a se aproximar de Scarlett. Sem cerimônia, cuspiu no chão e em suas saias e disse resumidamente.

— Me dá o que está na sua mão, dona.

Ela se esquecera dos objetos que pretendera esconder e, com um sorriso sarcástico que esperou ser tão eloquente como o do retrato da avó Robillard, atirou tudo no chão e quase sentiu prazer ao ver a avidez com que avançaram nas coisas.

— Vou incomodá-la por esse anel e por esses brincos.

Scarlett segurou com mais força o bebê, que já estava vermelho de tanto gritar, e retirou os brincos de granada que Gerald dera de presente de casamento a Ellen. Depois, retirou o solitário de safira que ganhara de noivado de Charles.

— Num joga no chão. Me dá na mão — disse o sargento, estendendo as mãos. — Esses filhos da mãe já tão com munto. O que mais você tem? — perguntou, dirigindo os olhos sem disfarçar para o seu busto.

Por um momento, Scarlett fraquejou, já sentindo as mãos grosseiras lhe entrando pelo corpete e lhe apalpando as coxas.

— É só, mas acho que é costume despir as suas vítimas.

— Ah, vou acreditar na sua palavra — disse o sargento, bem disposto, tornando a cuspir no chão quando ela virou as costas.

Scarlett endireitou a criança e tentou acalmá-la. Tinha a mão em cima da carteira escondida na fralda, agradecendo a Deus por Melanie ter um filho e esse filho usar fralda.

Do andar de cima, ela ouvia o movimento das botas pesadas pelo chão, móveis sendo arrastados, louça e espelhos quebrando, as imprecações quando nada de valor era encontrado. Do jardim, vinham gritos:

— Corta o pescoço delas! Num deixa elas fugi!

E o desesperado cacarejar das galinhas, o grasnar dos patos e dos gansos. Sentiu-se angustiada ao ouvir um grunhido agonizante ser calado abruptamente por um tiro de pistola. Viu que a porca estava morta. Maldita Prissy! Fugira e abandonara o animal. Se ao menos os leitões estivessem a salvo! Se ao menos a família tivesse chegado sã e salva ao pântano! Mas não havia como saber.

Continuou postada no saguão, enquanto os soldados se alvoroçavam em volta dela, gritando e praguejando. Wade apertava sua saia, apavorado. Ela sentia o corpinho do filho tremer agarrado a ela, mas não conseguia lhe falar de uma forma tranquilizadora. Tampouco conseguia dizer uma palavra aos ianques, fosse de súplica, de protesto ou de raiva. Só conseguia agradecer a Deus por ainda ter forças nas pernas para andar e no pescoço para manter a cabeça erguida. Mas, quando um grupo de homens barbados desceu as escadas carregado de artigos roubados, entre eles a espada de Charles, ela gritou.

Aquela espada pertencia a Wade. Tinha sido do pai dele, e do pai do pai dele. Scarlett a dera ao menino em seu último aniversário, com grande pompa. Melanie chorara sem parar, lágrimas de orgulho e saudade. Beijava o sobrinho, dizendo que devia crescer para ser um soldado corajoso como o pai e o avô. Wade tinha muito orgulho do presente e muitas vezes subia na mesa em cima da qual a espada ficava pendurada, só para acariciá-la. Scarlett era capaz de suportar ver suas posses serem tiradas de sua casa por mãos estranhas, mas não isso… Não o orgulho do filho. Wade, que espiava protegido pelas saias da mãe, ao ouvi-la gritar, recobrou a coragem e a voz com um forte soluço. Estendendo a mão, gritou:

— Meu!

— Não podem levar isso! — disse Scarlett imediatamente, também estendendo a mão.

— Não posso, hein? — rebateu o soldadinho que segurava a espada, rindo descaradamente para ela. — Posso, sim! É uma arma de rebelde!

— Não é, não. É uma espada da guerra do México. Não pode tomá-la. É do meu filhinho. Foi do avô dele! Ah, capitão — exclamou, dirigindo-se ao sargento —, por favor, mande o soldado me devolver isso!

O sargento, feliz com a promoção, deu um passo à frente.

— Deixa eu ver essa espada, Bub — disse.

Com relutância, o soldadinho entregou-lhe a arma.

— O punho é de ouro maciço — observou o sargento.

Examinou-a, segurando-a na luz para ler a inscrição no punho.

— “Ao coronel William R. Hamilton” — decifrou. — “Do seu Estado-Maior. Pela Bravura. Buena Vista. 1847.”

— Ih, senhora — disse ele. — Eu também estive em Buena Vista.

— É mesmo? — respondeu Scarlett friamente.

— E não estive? E deixa eu lhe dizer que foi fogo. Ainda não vi nessa guerra uma batalha como aquela. Então esse sabre era do avô desse menininho?

— Era.

— Bem, o menino pode ficar com ele — disse o sargento, que estava bem satisfeito com a trouxa de joias e objetos que fizera com o lenço.

— Mas o punho é de ouro maciço — insistiu o soldado.

— Deixamos com ela de lembrança de nós — sorriu o soldado, mostrando os dentes.

Scarlett tomou a espada sem sequer dizer obrigada. Por que deveria agradecer a àqueles ladrões por devolverem o que era dela? Apertou a espada contra o peito enquanto o soldadinho discutia com o sargento.

— Juro por Deus que vou deixar uma lembrança minha para esses rebeldes — gritou finalmente, quando o sargento, perdendo a paciência, disse-lhe que fosse para o inferno e não lhe respondesse.

O baixinho retirou-se, irado, e Scarlett respirou mais aliviada. Não se falara em incendiar a casa. Não a mandaram sair de casa para que pudessem tocar fogo nela. Talvez… talvez… Os homens voltaram da busca ao andar superior e à área externa.

— Alguma coisa? — perguntou o sargento.

— Uma porca, umas galinhas e uns patos.

— Um pouco de milho, uns inhames e umas vagens. Aquela gata brava que vimos a cavalo deve ter dado o alarme, com certeza.

— A própria Paul Revere, hã?

— Bem, aqui não tem muita coisa, sargento. O que tinha, está aí com você. Vamos embora antes que a região inteira descubra que estamos chegando.

— Cavaro embaixo do fumero? Costumam enterrar coisa nele.

— Aqui num tem fumero.

— Já cavaro nas cabana dos preto?

— Só tem algodão nas cabanas. Tocamos fogo em tudo.

Rapidamente, Scarlett visualizou os longos dias que passara no algodoal, lembrou-se da dor nas costas, dos ombros em carne viva. Tudo em vão. O algodão se fora.

— A senhora não tá com muito mesmo, tá?

— O seu exército já esteve aqui antes — respondeu ela friamente.

— É verdade. Estivemos por estes lados em setembro — disse um dos homens, virando uma coisa na mão. — Eu tinha esquecido.

Scarlett reconheceu o dedal de ouro da mãe. Quantas vezes o vira reluzindo acima do bordado de Ellen. A visão do acessório lhe trouxe muitas lembranças da mão esguia que o usava. E lá estava ele, na palma calejada e suja daquele

estranho, que já ia levá-lo para o Norte. E ainda acabaria no dedo de uma ianque que se orgulharia de usar objetos roubados. O dedal de Ellen!

Scarlett abaixou a cabeça para evitar que o inimigo a visse chorar, e as lágrimas caíram na cabeça do bebê. Assim, com a vista toldada, viu os homens se encaminhando para a porta e ouviu o sargento dando ordens aos gritos. Eles iam embora, e Tara estava em segurança, mas a saudade de Ellen lhe doía tanto que não a deixava alegrar-se. Ouvir o tinido dos sabres e os passos dos cavalos lhe trouxe certo alívio. Ficou ali parada, inerte, sentindo uma fraqueza súbita diante daqueles homens que desciam a alameda, cada qual com o seu butim — roupas, cobertores, quadros, galinhas, patos e a porca.

Então sentiu um cheiro de queimado e virou-se, fraca demais para se importar com o algodão. Pelas janelas abertas da sala de jantar, viu a fumaça saindo das cabanas dos escravos. Fora-se o algodão. Fora-se o dinheiro dos impostos e parte do que seria usado para ajudá-los a atravessar aquele inverno severo. Não havia o que fazer em relação àquilo. A não ser assistir. Já vira algodão queimando, e sabia como era difícil apagar o fogo, mesmo com muitos homens trabalhando para isso. Graças a Deus, a senzala era bem longe da casa! Graças a Deus, naquele dia não havia vento para levar fagulhas ao telhado de Tara!

De repente, girou nos calcanhares e olhou horrorizada para a cozinha, onde ia dar a passagem coberta depois do saguão. Havia fumaça saindo da cozinha!

Deitou a criança no chão entre o saguão e a cozinha. Soltou-se das mãos de Wade, empurrando-o contra a parede. Irrompeu cozinha enfumaçada adentro, e logo recuou, tossindo, os olhos lacrimejando. Tapou o nariz com a saia, e tornou a entrar.

Com uma única janela por onde entrava a luz, o cômodo era escuro e não tinha ventilação. Estava tão enfumaçado que Scarlett não enxergava nada, mas ouvia o chiado e o crepitar das chamas. Protegendo a vista com a mão, apertou os olhos e viu uma trilha de fogo no chão da cozinha, a caminho das paredes. Alguém espalhara as brasas do fogão pela cozinha toda, e o fogo se propagava, célere, pelo assoalho de pinho altamente inflamável.

Foi correndo buscar um tapete de trapos na sala de jantar e, na pressa, derrubou duas cadeiras.

Nunca vou conseguir apagar o fogo… nunca, nunca! Ah, meu Deus, se tivesse alguém para me ajudar! Tara acabou… acabou! Ah, meu Deus! Foi isso que aquele desgraçado quis dizer quando falou que me deixaria uma coisa de lembrança! Ah, se eu tivesse deixado que levasse a espada!

Ao dobrar o corredor, viu o filho caído, abraçado à espada. De olhos fechados, tinha no rosto uma expressão de paz sobrenatural.

Meu Deus! Ele está morto! Eles o mataram de medo!, pensou agoniada, mas correu, passando por ele, até o balde de água potável que sempre ficava ao lado da porta da cozinha.

Mergulhou a ponta do tapete no balde e, tomando fôlego, entrou novamente na cozinha cheia de fumaça, batendo a porta às suas costas. Tossindo e cambaleando, ficou uma eternidade batendo com o tapete na trilha de fogo que se alastrava à sua frente. Por duas vezes, sua saia comprida pegou fogo, e ela abafou as chamas com as mãos. Sentia o desagradável cheiro de queimado de seus cabelos que tinham se soltado dos grampos e lhe caíam às costas. As chamas continuavam se alastrando em direção à parede da passarela coberta, serpentes de fogo que dançavam e saracoteavam. Exausta, convenceu-se de que não podia fazer nada.

Abriram a porta, e a corrente de ar avivou as chamas. Quando a porta bateu, em meio à fumaça que a cegava, Scarlett deparou-se com Melanie pisoteando as chamas, batendo nelas com uma coisa escura e pesada. A cunhada cambaleava e tossia. Em um relance, Scarlett viu-a lívida e franzina, apertando os olhos para se proteger da fumaça, enquanto tentava abafar o fogo com o tapete. Por mais uma eternidade, as duas lutaram lado a lado. Scarlett notou que o fogo perdia intensidade. De repente, Melanie virou-se para ela, gritou e, com todas as suas forças, deu-lhe uma pancada nos ombros que a derrubou e a fez ver tudo preto, em um turbilhão de fumaça. Quando Scarlett voltou a si, estava deitada na varanda dos fundos, com a cabeça confortavelmente deitada no colo de Melanie, e a luz da tarde lhe iluminando o rosto. A dor que sentia nas queimaduras das mãos, do rosto e dos ombros era intolerável. A fumaça continuava saindo da senzala em grossas nuvens, envolvendo as cabanas, e o cheiro de algodão queimado era fortíssimo. Ao ver que ainda saía fumaça da cozinha, Scarlett freneticamente procurou se levantar.

Mas voltou atrás quando a voz calma de Melanie falou:

— Fique deitada, querida. O fogo está apagado.

Ela ficou quieta por um instante, de olhos fechados, suspirando aliviada. Ouviu o gorgolejar úmido do bebê ali perto e o ruído tranquilizador dos soluços de Wade. Então ele não tinha morrido, graças a Deus! Abriu os olhos e fitou Melanie. A cunhada tinha os cachos chamuscados e o rosto negro de fuligem, mas seus olhos brilhavam de excitação, e ela sorria.

— Você parece uma crioula — murmurou Scarlett, afundando a cabeça naquele travesseiro macio.

— E você, um figurante de um espetáculo de menestréis — respondeu Melanie na mesma moeda.

— Por que teve que me bater?

— Porque, minha querida, suas costas estavam em chamas. Eu nunca imaginei que você fosse desmaiar, embora Deus seja testemunha de que as experiências de hoje podiam ter acabado com você… Voltei assim que deixei os animais em segurança no mato. Quase morri, pensando em você e no bebê sozinhos. Os ianques… fizeram mal a você?

— Se está perguntando se eles me estupraram, não — respondeu Scarlett, gemendo ao tentar se levantar. Embora o colo de Melanie fosse macio, o chão em que estava deitada não era nada confortável. — Mas roubaram tudo, tudo. Perdemos tudo… Bem, qual é o motivo desse seu ar de felicidade?

— Não perdemos uma à outra, nossos filhos estão bem e temos um teto sobre a nossa cabeça — disse Melanie com uma voz alegre. — E isso é tudo a que se pode aspirar no momento. Nossa, Beau está molhado! Acho que os ianques roubaram até as fraldas dele. Ele… Scarlett, o que é isso dentro da fralda dele?

Assustada, enfiou a mão ali e retirou a carteira. Primeiro, não demonstrou ter ideia do que era. Depois, caiu na gargalhada. Uma gargalhada alegre, que nada tinha de histeria.

— Só você para ter pensado nisso — exclamou, abraçando Scarlett pelo pescoço e beijando-a. — Você é a irmã mais surpreendente que eu já tive.

Scarlett não se furtou ao carinho porque estava cansada demais para lutar, porque as palavras elogiosas foram um bálsamo para seu espírito e porque ali

naquela cozinha escura e cheia de fumaça descobriu que passara a respeitar mais a cunhada e a sentir-se mais chegada a ela.

Isso eu digo em favor dela, pensou a contragosto, *Melanie está sempre presente quando se pre*cisa dela.

Capítulo 28

O tempo frio instalou-se de repente, com uma geada mortal. Ventos gelados entravam pelas soleiras das portas e sacudiam as vidraças, que tilintavam monotonamente. As árvores nuas despiram-se das últimas folhas, e só os pinheiros se mantinham vestidos, erguendo-se escuros contra o céu pálido. As estradas vermelhas congelaram, e a fome se propagou nas asas dos ventos por toda a Geórgia.

Scarlett lembrou-se da conversa com a avó Fontaine. Dois meses atrás, naquela tarde que agora parecia ter sido há anos, dissera à senhora que já havia passado pelo pior que lhe podia acontecer, e falara do fundo do coração. Agora aquele comentário lhe parecia uma hipérbole infantil. Antes da segunda passagem dos homens de Sherman por Tara, tinha sua pequena reserva de comida e dinheiro, vizinhos em melhor situação que ela, e o algodão para sustentá-la até a primavera. Agora, o algodão se fora, a comida se fora, o dinheiro não servia para nada, uma vez que não havia comida para se comprar, e os vizinhos estavam em situação pior que a sua. Pelo menos ela ainda tinha a vaca e o bezerro, uns porquinhos e o cavalo, enquanto os vizinhos só possuíam o que conseguiram esconder na mata e debaixo da terra.

De Fairhill, a casa dos Tarletons, só restaram as fundações, depois do incêndio. A sra. Tarleton e as quatro meninas estavam morando na casa do administrador. A casa dos Munroes, perto de Lovejoy, também fora arrasada. A ala de madeira de Mimosa ardera, e só o estuque da casa principal resistira, graças ao trabalho frenético das Fontaines e de seus escravos para combater as chamas com cobertores e colchas molhados. A casa dos Calverts fora outra vez poupada por intercessão de Hilton, o administrador ianque, mas não sobrara uma cabeça de gado nem uma só ave, ou mesmo uma espiga de milho na fazenda.

Em Tara, como em toda a região, o problema era comida. A maioria das famílias não possuía mais que as sobras da safra de inhame, seus amendoins e o

que conseguiam caçar nas florestas. O que tinham, compartilhavam com os amigos menos afortunados, como haviam feito em tempos mais prósperos. Mas logo chegou uma hora em que nada havia para compartilhar.

Em Tara, eles comiam coelho, gambá e bagre, quando Pork tinha sorte. Nos outros dias, um pouco de leite, nozes, bolotas assadas e inhames. Viviam com fome. Scarlett tinha a impressão de que, para onde se virasse, encontrava mãos estendidas e olhares de súplica. Aquela visão quase a levava à loucura, pois estava tão faminta quanto eles.

Mandou matar o bezerro, pois bebia muito do precioso leite. Naquela noite, comeram tanta carne fresca de vitela que todos passaram mal. Sabia que devia matar um dos porquinhos, mas ia adiando, esperando criá-los até se tornarem adultos. Abatidos agora, quase nada renderiam para se comer, mas, se poupados por alguns meses, renderiam muito mais. Toda noite, discutia com Melanie sobre a conveniência de entregar algum dinheiro a Pork e mandá-lo sair a cavalo para tentar comprar comida. Mas o medo de que tomassem de Pork o cavalo e o dinheiro as dissuadia. Não sabiam onde estavam os ianques. Tanto podiam estar a mil quilômetros dali como na outra margem do rio. Uma vez, no desespero, Scarlett já ia saindo a cavalo para buscar comida, mas a gritaria histérica de toda a família com medo dos ianques a fez desistir.

Pork ia longe procurar comida e, vez por outra, só voltava no dia seguinte. Scarlett não lhe perguntava por onde andara. Às vezes, voltava com caça, outras, com algumas espigas de milho ou um saco de ervilhas secas. Um dia, chegou com um galo velho, que disse ter encontrado no mato. A família comeu-o com um prazer culpado, sabendo muito bem que Pork o roubara, como roubara as ervilhas e o milho. Logo depois disso, certa noite, quando a casa toda já se deitara havia um bom tempo, ele bateu à porta de Scarlett e, timidamente, mostrou uma perna cravejada de chumbinho. Enquanto ela lhe enfaixava a coxa, ele explicou, sem jeito, que fora flagrado quando tentava entrar em um galinheiro em Fayetteville. Scarlett não perguntou de quem era o galinheiro, mas afagou o ombro de Pork, com lágrimas nos olhos. Os negros às vezes podiam ser irritantes, eram burros e preguiçosos, mas tinham uma lealdade que o dinheiro não comprava. Era o sentimento de que eles e os seus senhores brancos eram uma coisa só que os levava a arriscar a vida para que houvesse comida na mesa.

Em outras épocas, os furtos de Pork seriam considerados delitos graves, provavelmente exigindo umas vergastadas. Ela seria obrigada a, no mínimo, repreendê-lo seriamente.

— Lembre-se sempre, querida — dizia Ellen —, que cabe a você cuidar da saúde tanto moral quanto física dos pretos que Deus lhe confiou. Você precisa se dar conta de que eles são como crianças que precisam ser bem encaminhadas, e você sempre deve lhes dar o bom exemplo.

Mas agora Scarlett deixou esse conselho na gaveta de sua mente. O fato de estar encorajando o roubo, e um roubo que talvez estivesse sendo cometido contra pessoas em situação pior que a dela, já não era uma questão a ser analisada pela consciência. Na verdade, o aspecto moral da questão não lhe pesava muito. Em vez de puni-lo ou recriminá-lo, só lamentou que ele tivesse sido alvejado.

— Tem que ser mais cauteloso, Pork. Nós não queremos perdê-lo. O que faríamos sem você? Você tem sido muito bom e muito leal, e quando voltarmos a ter algum dinheiro, vou lhe comprar um relógio bem grande de ouro, e mandar gravar nele alguma coisa da Bíblia. “Parabéns ao criado bom e leal.”

Pork abriu um sorriso ao ouvir o elogio e esfregou com cuidado a perna enfaixada.

— Isso é munto bão, sinhazinha. I quando ispera tê esse dinhero?

— Não sei, Pork, mas ainda vou dar um jeito de arranjar — disse com um olhar vazio, mas tão amargurado que o negro ficou sem jeito. — Um dia, quando esta guerra terminar, vou ter rios de dinheiro. Então, nunca mais passarei fome nem frio. Todos nós vamos nos vestir bem e comer frango frito todos os dias e…

Então parou. A regra mais estrita de Tara, criada por ela mesma e aplicada com mão de ferro, proibia que se falasse das fartas refeições de outrora e do que gostariam de comer agora, se pudessem escolher.

Pork esgueirou-se do quarto, enquanto ela olhava ao longe, mal-humorada. Antigamente, em um tempo que não voltava mais, a vida era muito complicada, cheia de problemas intrincados e enrolados. Havia o problema de tentar conquistar o amor de Ashley e manter um monte de outros namorados em suspenso, insatisfeitos. Havia as pequenas falhas de conduta a esconder dos mais velhos, moças enciumadas a ridicularizar ou aplacar, feitios e tecidos de vestidos

a escolher, penteados diferentes a experimentar e, ah, tantas outras questões a decidir! Agora a vida era de uma simplicidade espantosa. O que importava era ter comida para não morrer de fome, roupas para não congelar e um teto sem muitas goteiras.

Foi nessa época que Scarlett começou a ter o pesadelo recorrente que a assombrou durante anos. Era sempre o mesmo, até nos detalhes, mas tornava-se cada dia mais assustador. E, mesmo quando estava acordada, angustiava-se com o medo de o sonho lhe voltar. Lembrava-se muito bem dos incidentes do dia em que o tivera pela primeira vez.

Chovera dias a fio. A casa estava fria e úmida, cheia de correntes de ar. A lenha molhada produzia muita fumaça e pouco calor. De desjejum, só havia leite, e depois mais nada, uma vez que os inhames tinham acabado e as armadilhas e as linhas de pesca de Pork nada haviam pegado. Um dos leitões teria que ser abatido no dia seguinte se quisessem ter o que comer. Rostos tensos e famintos, negras e brancas, voltavam-se para ela com um pedido mudo por comida. Ela teria que mandar Pork comprar alguma coisa, correndo o risco de perder o cavalo. Para piorar, Wade ardia em febre, com a garganta inflamada, e não havia médico nem remédios para ele.

Faminta, exausta de cuidar do filho, Scarlett entregou-o a Melanie enquanto se deitava para descansar um pouco. Com os pés gelados, revirava-se na cama sem conseguir dormir, apavorada e desesperada. Não parava de pensar: *O que devo fazer? Para onde devo me virar? Não tem ninguém no mundo que possa me ajudar? O que aconteceu com a segurança do mundo?* Por que não aparecia alguém forte para aliviá-la daqueles fardos? Ela não fora feita para carregá-los. Não sabia como carregá-los. E então entrou em um estado de sonolência agitada.

Estava em uma região agreste desconhecida, em meio a um nevoeiro tão cerrado que não enxergava um palmo à frente. O terreno onde pisava era instável. Era uma terra assombrada, onde pairava um silêncio assustador e onde ela estava perdida, apavorada como uma criança no escuro. Enregelada, faminta e cheia de medo do que o nevoeiro podia esconder, tentou gritar, mas não conseguiu. Da bruma, dedos estendiam-se para puxar sua saia e arrastá-la para dentro da terra fofa, que tremia. Eram dedos de mãos silenciosas, incansáveis, espectrais. Ela sentiu que em algum lugar ali naquela cerração encontraria um

abrigo, uma ajuda, um refúgio quente. Mas onde? Conseguiria alcançá-lo antes que as mãos a agarrassem e a arrastassem para as areias movediças?

De repente, estava correndo loucamente pelo nevoeiro, chorando e gritando, acenando com os braços, que só encontravam o vazio e a névoa. Onde estava o refúgio? Fugia-lhe, mas estava lá, escondido em algum lugar. Se pudesse alcançá-lo! Se pudesse alcançá-lo estaria em segurança! Mas o pânico lhe enfraquecia as pernas, a fome a fazia desfalecer. Deu um grito desesperado e acordou, deparando-se com Melanie, que, preocupada, sacudia-a para despertá-la.

O sonho voltava, invariavelmente, toda vez que se deitava de estômago vazio. O que acontecia quase sempre. Apavorava-a tanto que ela passou a ter medo de dormir, por mais que dissesse a si mesma que nada havia para temer em um sonho daqueles. Absolutamente nada… E, no entanto, a ideia de cair naquela região tão enevoada a apavorava tanto que começou a dormir com Melanie, que a despertava quando começava a gemer e se agitar, revelando que estava de novo nas garras do pesadelo.

Com a tensão, emagreceu e ficou abatida. Seu belo rosto redondo emaciou-se, e agora os ossos da face se destacavam, sublinhando os olhos verdes inclinados que a deixavam com um ar de gata faminta, à espreita.

Meu dia já parece um pesadelo sem essas coisas que eu sonho, pensou desesperada, e passou a guardar a ração diária para comer à noite antes de se deitar.

Na época do Natal, Frank Kennedy e um pequeno contingente do destacamento de provisões chegaram a Tara em uma tentativa vã de arranjar cereais e animais para o Exército. Era um grupo maltrapilho e de mau aspecto, montando em cavalos mancos e arquejantes cujo estado era visivelmente inadequado para um serviço mais ativo. Como seus animais, os homens haviam sido afastados do front por invalidez e, à exceção de Frank, todos tinham as juntas rígidas, ou não tinham um braço ou um olho. Como a maioria vestia sobretudos azuis de prisioneiros ianques, as pessoas em Tara pensaram, no primeiro momento, que os homens de Sherman haviam voltado.

Pernoitaram na fazenda. Dormiram no chão do salão, refestelando-se no tapete macio, pois fazia semanas que dormiam ao relento, sem colchão mais mole que agulhas de pinheiro e terra dura. Apesar das barbas imundas e dos andrajos, eram um grupo bem-educado e conversador. Sabiam contar piadas. Pródigos nos elogios, estavam felizes de passar a véspera de Natal em uma casa grande, cercados de mulheres bonitas, como nos velhos tempos. Recusaram-se a falar a sério sobre a guerra, contaram mentiras mirabolantes para divertir as moças, trazendo um pouco de leveza àquela casa saqueada e vazia, o primeiro sinal de festa visto ali em muito tempo.

— É quase como antigamente, quando dávamos festas, não é? — murmurou Suellen, toda feliz, para Scarlett.

Suellen, no sétimo céu por voltar a ter em casa um namorado para chamar de seu, mal tirava os olhos de Frank Kennedy. Scarlett admirou-se ao ver que a irmã, mesmo magra como ficara depois da doença, quase chegava a estar bonita. Tinha as faces coradas, e um brilho suave no olhar.

Ela deve gostar muito dele, pensou Scarlett, despeitada. *E acho que vai ficar quase humana se arranjar um marido, mesmo que seja esse velho morrinha* do Frank.

Carreen também estava mais alegrinha, sem aquele olhar de sonâmbula. Ao descobrir que um dos homens conhecera Brent Tarleton e estivera com ele no dia em que morrera, prometeu a si mesma que o chamaria para uma longa conversa depois da ceia.

Na ceia, Melanie surpreendeu a todos, saindo da timidez habitual e mostrando-se quase animada. Riu, brincou e chegou quase a ser coquete com um soldado caolho, que, encantado, retribuiu seus esforços com galanteios extravagantes. Scarlett sabia o esforço, tanto mental quanto físico, que isso lhe custava, pois Melanie era de uma timidez doentia na presença de homens. Além do mais, não estava nada bem. Insistia em dizer que era saudável e trabalhava até mais do que Dilcey, mas Scarlett sabia que ela estava doente. Quando levantava peso, ficava exangue e, após um esforço maior, procurava logo se sentar, como se as pernas já não a sustentassem. Mas naquela noite, como Suellen e Carreen, estava tentando de todas as maneiras fazer os soldados aproveitarem a véspera de Natal. Só a Scarlett a presença dos convidados não deu prazer.

O grupo havia contribuído com sua ração de milho seco e bacon para a ceia de ervilhas secas, maçãs cozidas e amendoins que Mammy colocou à frente deles na mesa. Declararam ter sido aquela a melhor refeição que faziam havia meses. Scarlett sentia-se desconfortável vendo-os comer. Não só se incomodava com cada garfada que levavam à boca como estava aflita, receando que descobrissem que Pork havia abatido um dos leitões na véspera mesmo. O leitão estava agora dependurado na despensa. Scarlett avisara a todos da casa que arrancaria os olhos de quem mencionasse aos convidados não só o pobrezinho, como também a presença de seus irmãos no cercado do mato. Aqueles homens famintos devorariam o bichinho inteiro em uma só refeição e, se soubessem dos porcos vivos, poderiam requisitá-los para o Exército. Estava também alarmada por causa da vaca e do cavalo, e preferia que estivessem escondidos no mato em vez de soltos no pasto da várzea. Se o departamento de provisões levasse seu gado, Tara não poderia atravessar o inverno. Não haveria como repor os animais. Quanto ao que o Exército iria comer, ela nem queria saber. Que o Exército alimentasse o Exército… se pudesse. Já era duro para ela alimentar sua própria gente.

Os homens contribuíram para a sobremesa com alguns “pães de vareta” que tiraram da mochila. Era a primeira vez que Scarlett via aquele item da dieta dos confederados que era motivo de piadas quase tanto quanto os piolhos. Tratava-se de espirais de alguma massa torrada que lembrava madeira. Os homens a desafiaram a comer um pedaço e, quando comeu, viu que, sob a casca, havia um miolo insosso de pão de milho. Os soldados faziam uma massa com sua ração de farinha de milho, água e, quando disponível, sal. Depois enrolavam essa massa nas varetas das espingardas e colocavam-na para assar nas fogueiras do acampamento. O pão era duro como rapadura e insípido como serragem. Depois de prová-lo, Scarlett imediatamente o devolveu, em meio a gargalhadas gerais. Quando seu olhar cruzou com o de Melanie, a expressão de ambas exprimia a mesma indagação: “Como podem continuar lutando se só têm isso para comer?”

A ceia foi bastante animada. O próprio Gerald, que presidia a mesa, conseguiu, mesmo naquele seu estado ausente, resgatar do que lhe sobrava de memória um pouco da atitude esperada de um anfitrião e esboçar um sorriso inseguro. Os homens conversavam. As mulheres sorriam e elogiavam. Scarlett ia

ser virar para pedir notícias de tia Pittypat a Frank Kennedy, mas esqueceu-se do que ia dizer quando viu a expressão no rosto dele.

Seus olhos haviam se afastado dos de Suellen e passeavam pela sala. Passaram pelo olhar infantil e intrigado de Gerald, pelo chão sem os tapetes, pelo console da lareira desprovido de enfeites, pelas molas bambas e pelos estofados rasgados pelas baionetas dos ianques, pelo espelho quebrado acima do aparador, pelas marcas na parede deixadas pelos quadros que os saqueadores tinham levado, pela louça da mesa, pelos vestidos velhos, mas decentemente remendados, das moças, pelo saco de farinha que virara um saiote para Wade.

Frank estava se lembrando da Tara que conhecera antes da guerra. E seu olhar exprimia mágoa e revolta, além de um sentimento de impotência. Ele amava Suellen, gostava de suas irmãs, respeitava Gerald e tinha verdadeiro afeto pela fazenda. Desde que Sherman irrompera pela Geórgia, Frank vira muitas cenas terríveis em suas andanças pelo estado à cata de provisões, mas nada lhe tocara tão fundo quanto Tara naquele momento. Queria fazer algo pelos O'Haras, especialmente por Suellen, e não havia o que pudesse fazer. Penalizado, balançava a cabeça e estalava a língua sem dar por si. Então, viu a expressão de orgulho ofendido de Scarlett e rapidamente baixou os olhos, constrangido.

As moças estavam ávidas por notícias. O serviço postal não funcionava desde a queda de Atlanta, havia quatro meses. Desde então, não se sabia onde estavam os ianques, como estava indo o Exército Confederado, o que acontecera com Atlanta e com os velhos amigos. Frank, que por dever de ofício percorria toda a região, era como um jornal — até melhor, pois, tendo parentes e conhecidos desde o norte de Macon até Atlanta, podia fornecer os pequenos detalhes sobre a vida alheia que os jornais sempre omitiam. Para disfarçar o constrangimento por ter sido surpreendido por Scarlett, pôs-se imediatamente a desfiar as notícias. Os confederados, disse-lhes, haviam retomado Atlanta após a retirada de Sherman, mas a cidade nada valia, pois Sherman a incendiara totalmente.

— Mas pensei que Atlanta tivesse ardido na noite em que saí de lá — exclamou Scarlett, perplexa. — Pensei que tivesse sido incendiada pelos nossos.

— Ah, não, srta. Scarlett! — exclamou Frank, espantado. — Nunca incendiaríamos uma de nossas cidades com a nossa gente dentro! O que viu pegando fogo foram os armazéns e os depósitos que não queríamos que caíssem

nas mãos dos ianques, assim como as fundições e o paiol. Mas foi só. Quando Sherman tomou a cidade, as casas e as lojas estavam em perfeito estado. E ele aquartelou seus homens nelas.

— Mas e a população? Ele… matou todo mundo?

— Matou muitos… mas não com balas — disse o soldado caolho em um tom lúgubre. — Assim que entrou em Atlanta, disse ao prefeito que a população toda tinha que sair da cidade, toda mesmo. E havia muitos velhos que não suportariam a viagem, assim como doentes que também não podiam ser removidos. E ele os removeu no meio da maior tempestade que já se viu, centenas e centenas deles. Largou-os no mato perto de Rough and Ready e mandou dizer ao general Hood para ir tirá-los de lá. A pneumonia e esse tipo de tratamento mataram muita gente.

— Mas por que ele fez isso? Essas pessoas não podiam lhes fazer nenhum mal — indignou-se Melanie.

— Ele falou que precisava da cidade como local de descanso para seus homens e seus cavalos — disse Frank. — Deixou-os lá até meados de novembro, depois foi embora. E tocou fogo na cidade inteira antes de partir e queimou tudo.

— Ah, com certeza não em tudo! — exclamaram as moças, consternadas.

Era inconcebível que a cidade movimentada que conheciam, tão populosa, tão cheia de soldados, tivesse desaparecido. Todas aquelas casas bonitas à sombra de árvores frondosas, todas aquelas grandes lojas e aqueles bons hotéis… não era possível que tivessem acabado! Melanie parecia prestes a cair em prantos, pois nascera lá e nunca tivera outro lar. Scarlett sentiu o coração apertado, porque Atlanta era o lugar que mais amava depois de Tara.

— Bem, quase tudo — emendou Frank depressa, perturbado com a expressão nos rostos delas.

Quis parecer alegre, pois achava que não valia a pena assustar as senhoras. Senhoras assustadas sempre o perturbavam e o deixavam desarvorado. Não conseguiu lhes contar o pior. Que elas ficassem sabendo por outra pessoa.

Não conseguiu lhes contar o que o Exército vira ao voltar para Atlanta: fileiras de propriedades das quais só restaram em pé as chaminés chamuscadas sobre as cinzas, montes de lixo meio queimado e de escombros obstruindo as ruas, árvores seculares quase mortas, com os galhos carbonizados derrubados pelo

vento frio. Lembrou-se de como aquela visão lhe fizera mal, e das imprecações dos confederados quando viram os despojos da cidade. Torceu para que as senhoras nunca ficassem sabendo dos horrores do saque do cemitério, pois nunca se recuperariam. Charles Hamilton e os pais de Melanie estavam sepultados lá. A visão daquele cemitério ainda provocava pesadelos em Frank. Na esperança de encontrar joias enterradas com os corpos, os soldados ianques haviam arrombado jazigos e exumado os cadáveres para roubá-los e arrancar dos caixões as placas de ouro e de prata com os nomes dos defuntos, os acabamentos e as alças de prata. Os esqueletos e os cadáveres, amontoados de qualquer maneira em meio aos caixões quebrados, jaziam expostos em um estado lastimável.

E Frank não conseguiu falar nos cachorros nem nos gatos. As senhoras davam muita importância aos animais de estimação. Mas os milhares de animais famintos, vagando perdidos pelas ruas depois que os donos foram tão desumanamente evacuados, chocaram-no tanto quanto o cemitério, pois ele adorava gatos e cães. Assustados, com frio e famintos, viraram animais selvagens, os fortes atacando os fracos, os fracos esperando os mais fracos morrerem para poderem comê-los. E no alto, rondando a cidade destruída, os urubus sinistros, com seu voo elegante, salpicavam o céu de inverno.

Frank deu tratos à bola para encontrar alguma informação atenuante que acalmasse as senhoras.

— Ainda sobraram umas casas em pé — disse. — As que ficavam em terrenos grandes, longe das outras, e não pegaram fogo. E as igrejas e a loja maçônica também escaparam. E umas poucas lojas também. Mas a parte comercial e tudo que havia ao longo das linhas férreas e em Five Points… bem, senhoras, essa parte da cidade está arrasada.

— Então aquele armazém que Charlie me deixou perto da linha do trem também se foi? — perguntou Scarlett, aflita.

— Se era perto da linha do trem, também não existe mais, mas… — De repente, ele sorriu. Por que não tivera essa ideia antes? — Animem-se, minhas senhoras! A casa da sua tia Pitty ainda está em pé. Meio danificada, mas continua em pé.

— Oh, e como escapou?

— Bem, é uma construção de tijolos, e é a única em Atlanta que tem telhado de ardósia. Isso evitou que as fagulhas a incendiassem, imagino. E é a última casa no lado norte da cidade, onde o incêndio não foi tão devastador. Bem, foi quase destruída pelos ianques que se aquartelaram ali. Chegaram até a usar os rodapés e o corrimão da escada como lenha, mas ora bolas! Está inteira. Quando vi a srta. Pitty semana passada em Macon…

— Você a viu? Como ela está?

— Ótima. Ótima. Quando lhe disse que a casa continuava em pé, resolveu voltar logo para ela. Isto é… se aquele preto velho, o Peter, deixar. Muita gente já voltou para Atlanta porque ficou aflita com Macon. Sherman não tomou Macon, mas todo mundo teme que a ofensiva de Wilson não demore, e ele é pior que Sherman.

— Mas que tolice eles voltarem, se não há casas! Onde vão morar?

— Srta. Scarlett, eles estão morando em tendas e em barracas e em cabanas feitas de troncos. E há seis ou sete famílias dividindo as casas que ainda estão em pé. Estão tentando reconstruir. Agora, srta. Scarlett, não diga que são tolos. Conhece o povo de Atlanta tão bem quanto eu. São extremamente apegados à cidade, quase tanto quanto os charlestonianos à deles. E vai ser preciso mais que os ianques e um incêndio para afastá-lo de lá. Os atlantenses são… me desculpe, srta. Melly… teimosos como mulas em relação à cidade. Não sei por quê, pois sempre a considerei uma cidade um pouco agressiva e insolente. Mas talvez seja pelo fato de eu ser um homem do interior e não gostar de nenhuma cidade grande. E vou lhes dizer uma coisa: os primeiros a voltar são os espertos. Os últimos não vão encontrar nem um tijolo de suas casas, pois todos estão catando material para reconstruir as próprias. Ainda anteontem, vi a sra. Merriwether e a srta. Maybelle com a escrava velha delas recolhendo tijolos em um carrinho de mão. E a sra. Meade me contou que está pensando em construir uma casa de madeira quando o marido voltar para ajudá-la. Diz que morou em uma casa de madeira quando chegou a Atlanta, que ainda se chamava Marthasville, e não se incomodaria de morar em outra. Claro que ela estava brincando, mas isso mostra o que pensam.

— Acho que eles têm muita força — disse Melanie com orgulho. — Não acha, Scarlett?

Scarlett fez que sim com a cabeça, feliz e orgulhosa com sua cidade de adoção. Como disse Frank, era um lugar agressivo, e por isso lhe agradava. Não era tacanha e atrasada como as outras, e tinha uma exuberância que se igualava à de Scarlett. *Sou como Atlanta*, pensou. *É preciso mais que os ianques ou um incêndio para* me abater.

— Se tia Pittypat está voltando para Atlanta, é melhor voltarmos para ficar com ela — disse Melanie, interrompendo seu raciocínio. — Ela vai morrer de medo lá sozinha.

— Ora, como posso deixar isto aqui, Melly? — perguntou Scarlett, irritada. — Se está tão aflita para ir, vá. Não vou prendê-la aqui.

— Ah, eu não quis dizer isso, querida — exclamou Melanie, corando de angústia. — Que cabeça a minha! Claro que você não pode deixar Tara e… e acho que tio Peter e Cookie podem tomar conta da titia.

— Não há nada que a impeça de voltar — ressaltou Scarlett, secamente.

— Você sabe que eu não deixaria você — respondeu Melanie. — E eu… morreria de medo sem você.

— Faça o que quiser. Além do mais, você não me veria voltando para Atlanta. Assim que reconstruírem algumas casas, Sherman vai voltar para tornar a incendiá-las.

— Ele não vai voltar — disse Frank, sem conseguir levantar a cabeça. — Já foi para o litoral. Savannah foi tomada esta semana, e dizem que os ianques estão indo para a Carolina do Sul.

— Savannah foi tomada?!

— Foi. Ora, minhas senhoras, Savannah não tinha como não cair. Não havia homens suficientes para defendê-la, apesar de terem usado todos os que encontraram disponíveis… todos os que conseguiam andar. Sabem que quando marcharam para Milledgeville, os ianques convocaram todos os cadetes de todas as escolas militares, não importava que idade tivessem, e até abriram as portas da penitenciária estadual para conseguir mais soldados? Sim, soltaram todo prisioneiro que estivesse disposto a combater, prometendo-lhe perdão se saísse vivo da guerra. Fiquei meio horrorizado de ver aqueles cadetes em formação ao lado de ladrões e assassinos.

— Soltaram os prisioneiros em cima de nós!

— Ora, srta. Scarlett, não fique nervosa. Eles estão bem longe daqui. E, além do mais, estão sendo bons soldados. Acho que ser ladrão não impede ninguém de ser bom soldado, impede?

— Eu acho isso maravilhoso — comentou Melanie calmamente.

— Pois eu não — disse Scarlett, categórica. — Já há ladrões de sobra por aqui, além dos ianques, e… — Controlou-se a tempo, mas os homens riram.

— Além dos ianques e do nosso destacamento de provisões — concluíram, e ela corou.

— Mas onde está o Exército do general Hood? — interrompeu Melanie depressa. — Com certeza ele podia ter segurado Savannah.

— Ora, srta. Melanie — reagiu Frank em tom de crítica —, o general Hood não esteve jamais nessa região. Anda combatendo no Tennessee, tentando expulsar os ianques da Geórgia.

— E com que sucesso! — exclamou Scarlett, sarcástica. — Deixou os desgraçados dos ianques nos invadirem quando só tínhamos para nos defender meninos de colégio, prisioneiros e a Guarda Estadual.

— Filha — disse Gerald se levantando. — Que falta de respeito! Sua mãe vai ficar triste.

— Os ianques são uns desgraçados — exclamou Scarlett, inflamada. — E nunca vou me referir a eles de outra maneira.

Com a menção a Ellen, houve um mal-estar geral, e a conversa morreu de repente. Melanie tornou a falar.

— Quando esteve em Macon, viu India e Honey Wilkes? Elas tinham alguma notícia de Ashley?

— Ora, srta. Melly, sabe que, se tivessem me dado alguma notícia de Ashley, na mesma hora eu me desabalaria até aqui para lhe contar — disse Frank em tom de censura. — Não, elas não sabiam de nada, mas… não se aflija por causa de Ashley, srta. Melly. Sei que não tem notícias dele há muito tempo, porém não se pode esperar que falem de uma pessoa presa, não é? E as prisões ianques não têm condições tão ruins quanto as nossas. Afinal, os ianques têm comida, remédios e cobertores de sobra. Eles não estão assim como nós, que não temos o suficiente para nos alimentarmos, quanto mais para alimentarmos nossos prisioneiros.

— Ah, os ianques têm de sobra — exaltou-se Melanie, amarga. — Mas não dão nada aos prisioneiros. Sabe que não dão, sr. Kennedy. Só está dizendo isso para eu me sentir melhor. Sabe que os nossos rapazes morrem de frio lá, e também morrem de fome. Morrem sem remédios nem assistência médica, simplesmente porque os ianques nos odeiam tanto! Ah, se conseguíssemos varrer todos os ianques da face da terra! Eu sei que Ashley está…

— Não diga isso! — exclamou Scarlett, com o coração na boca.

Enquanto ninguém dizia que Ashley estava morto, persistia em seu coração um fio de esperança de que estivesse vivo, mas, no momento em que alguém dissesse o contrário, ela achava que essa esperança morreria.

— Ora, sra. Wilkes, não se preocupe com seu marido — disse o caolho para acalmá-la. — Fui preso depois da primeira batalha de Manassas, e depois fui trocado. Na prisão, me davam do bom e do melhor para comer: frango frito e biscoitos…

— Acho que é mentira sua — disse Melanie com um leve sorriso. Era a primeira vez que Scarlett a via ser espirituosa com um homem. — O que me diz?

— Que é mesmo — respondeu o caolho, batendo na perna com uma gargalhada.

— Se passarem ao salão, eu canto umas canções de Natal para vocês — disse Melanie, feliz por mudar de assunto. — O piano foi a única coisa que os ianques não conseguiram carregar. Está muito desafinado, Suellen?

— Não poderia estar mais — respondeu Suellen, toda feliz, acenando com um sorriso para Frank.

Mas, ao saírem da sala, Frank ficou para trás e puxou Scarlett pela manga.

— Posso lhe dar uma palavrinha a sós?

Por um instante, ela ficou apavorada, achando que ele iria perguntar pelo gado e preparou-se para ter uma mentira deslavada na ponta da língua.

Quando todos se retiraram da sala e ficaram só os dois junto à lareira, toda aquela falsa alegria que Frank demonstrara na frente dos outros desapareceu de seu rosto, e ela viu que ele parecia um velho. Tinha a pele ressecada e queimada como as folhas que caíam no gramado de Tara, e as suíças ruivas estavam mais ralas, começando a ficar grisalhas. Ele as cofiou distraidamente, pigarreando de um jeito desagradável antes de começar.

— Sinto muitíssimo pela morte de sua mãe, srta. Scarlett.

— Por favor, não fale nisso.

— E seu pai… Anda assim desde…?

— Sim… ele não é mais o mesmo, como vê.

— Ele com certeza dava muito valor a ela.

— Ah, sr. Kennedy, por favor, não vamos falar…

— Me desculpe, srta. Scarlett. — Ele arrastava os pés, nervoso. — A verdade é que eu queria falar de um assunto com seu pai, e estou vendo que não adianta.

— Talvez eu possa lhe ajudar, sr. Kennedy. Sabe… agora sou o chefe da família.

— Bem, eu... — começou Frank, tornando a puxar nervosamente a barba. — A verdade é… Bem, srta. Scarlett, eu estava querendo pedir a ele a mão da srta. Suellen.

— Está querendo me dizer — exclamou Scarlett, espantada e achando graça — que ainda não tinha pedido? E está há tantos anos fazendo a corte a ela!

Ele corou e sorriu sem jeito, com ar de menino tímido e encabulado.

— Bem, eu… eu não sabia se ela me aceitaria. Sou bem mais velho que ela e… havia tantos rapazes bonitões rondando por Tara…

Hum!, pensou Scarlett. *Era a mim que rondavam,* não a ela!

— E ainda não sei se ela me aceita. Nunca lhe perguntei, mas ela deve saber o que sinto. Eu… eu pensei em primeiro pedir licença ao sr. O'Hara, contando a verdade a ele. Srta. Scarlett, agora eu não tenho um tostão. Já tive muito dinheiro, me desculpe por falar nisso, mas, no momento, tudo o que tenho é o meu cavalo e a roupa do corpo. Quando me alistei, vendi quase todas as minhas terras e investi todo o dinheiro em títulos da Confederação. E sabe quanto valem agora. Menos que o papel em que estão impressos. E, aliás, nem isso eu ainda tenho, porque foi tudo queimado quando os ianques incendiaram a casa da minha irmã. Sei que é audácia minha vir pedir a mão da srta. Suellen agora que estou sem nada, mas… bem, é assim. Fiquei pensando que não sabemos como vão acabar as coisas em relação a esta guerra. Para mim, parece que vai ser o fim do mundo. Não se pode ter certeza de nada… E achei que me daria um grande conforto moral, e talvez a ela, se ficássemos noivos. Isso seria uma coisa garantida. Eu só me casaria com ela quando pudesse sustentá-la, srta. Scarlett, e

não sei quando isso será. Mas, se dá algum valor ao amor verdadeiro, pode ter certeza de que, pelo menos nesse aspecto, a srta. Suellen vai ser rica.

O tom digno e singelo dessas suas últimas palavras comoveu Scarlett, mesmo enquanto ela achava graça na cena. Não conseguia entender como alguém podia amar Suellen. Considerava a irmã um poço de egoísmo, de reclamações e do que só conseguia descrever como maldade.

— Ora, sr. Kennedy — disse gentilmente —, está bem. Tenho certeza de que posso falar com meu pai. Ele sempre o teve em alta conta e sempre esperou que Suellen se casasse com o senhor.

— É mesmo? — exclamou Frank, radiante.

— Claro — respondeu Scarlett, disfarçando um sorriso ao se lembrar de como Gerald tantas vezes perguntara aos gritos a Suellen durante o jantar: “E então, mocinha! O seu namorado apaixonado ainda não se declarou? Vou ter que lhe perguntar quais são as suas intenções?”

— Vou pedi-la hoje — disse ele, com o rosto trêmulo ao agarrar-lhe a mão e apertá-la.

— Vou mandá-la falar com o senhor. — Scarlett sorriu, dirigindo-se ao salão.

Melanie começava a cantar. O piano estava desafinadíssimo, mas alguns acordes saíam melodiosos, e Melanie elevava a voz para puxar o coro: “Escutai, os anjos do arauto cantam!”

Scarlett parou. Parecia-lhe impossível que tivessem sido por duas vezes saqueados pela guerra, que estivessem vivendo em uma região arrasada, quase morrendo de fome, quando aquele doce e antigo hino de Natal estava sendo cantado. Bruscamente, virou-se para Frank.

— O que quis dizer quando falou que isto lhe parecia o fim do mundo?

— Vou ser bem franco — respondeu ele devagar —, mas não gostaria que alarmasse as outras senhoras com o que vou dizer. A guerra não pode continuar por muito mais tempo. Não há mais homens para preencher as fileiras, e as deserções aumentam… muito mais do que o Exército admite. Sabe, os homens não suportam estar longe quando sabem que suas famílias estão passando fome, e voltam para casa para tentar fazer o seu papel de provedor. Não posso condená-los, mas essa atitude enfraquece o Exército. E o Exército não pode lutar sem comer, e não há comida. Sei disso porque o meu trabalho é arranjar comida.

Tenho andado para cima e para baixo nesta região desde que retomamos Atlanta e não encontro comida que chegue nem para alimentar um passarinho. A situação é a mesma por quase quinhentos quilômetros daqui até Savannah. Os soldados estão morrendo de fome. Os trilhos foram arrancados. Não há mais rifles, e a munição está acabando. Não há couro para fazer sapatos… Então, veja bem, o fim está próximo.

Mas as ralas esperanças da Confederação tinham para Scarlett um peso menor do que a escassez de comida. Tencionara mandar Pork com a carroça, o cavalo, as moedas de ouro e o dinheiro dos Estados Unidos para vasculhar a região à cata de mantimentos e tecidos para fazer roupas. Mas se o que Frank dizia era verdade…

No entanto, Macon não havia caído. Devia haver comida em Macon. Assim que o destacamento de provisões estivesse suficientemente longe, ela mandaria Pork a Macon, mesmo correndo o risco de ter o precioso cavalo roubado. Tinha que arriscar.

— Bem, não vamos mais falar em assuntos desagradáveis esta noite, sr. Kennedy — disse. — Vá esperar na salinha de minha mãe, que já mando Suellen lá, para vocês poderem… bem, para poderem ter um pouco de privacidade.

Corando e sorrindo, Frank deixou a sala, enquanto Scarlett o acompanhava com o olhar.

Que pena ele não poder se casar com ela agora, pensou. *Seria menos uma boca para* alimentar.

Capítulo 29

No mês de abril, o general Johnston, a quem haviam devolvido o que sobrara de seu antigo comando, rendeu-se na Carolina do Norte, e a guerra acabou. Mas a notícia só chegou a Tara duas semanas depois. Havia coisas demais a fazer em Tara para perderem tempo saindo de lá para ouvir fofocas e, como os vizinhos andavam igualmente ocupados, quase não se visitavam, e as notícias demoravam a se espalhar.

A aração de primavera estava no auge, e as sementes de algodão e de hortaliças que Pork trouxera de Macon vinham sendo plantadas. Pork andava quase imprestável desde a viagem, mal cabendo em si de tanto orgulho por ter voltado são e salvo com a carroça cheia de roupas, sementes, aves, presuntos, bacon e farinha. Descrevia sem parar as vezes que escapara por um triz, mencionando os atalhos que pegara na volta para Tara, as estradas pouco frequentadas, os caminhos antigos, as trilhas. Passara cinco semanas fora, que foram angustiantes para Scarlett. Mas ela não o repreendeu na volta, pois estava feliz com o sucesso da viagem e satisfeita por ter recebido dele tanto dinheiro de troco. Desconfiava que o motivo daquela sobra toda era ele não ter comprado as aves nem a maior parte dos mantimentos. Pork ficaria envergonhado se tivesse gastado o dinheiro dela quando havia pelo caminho tantos galinheiros sem vigilância e tantos fumeiros dando sopa.

Agora que havia o que comer, todo mundo em Tara estava ocupado, tentando voltar a levar uma vida normal. Havia trabalho para todos, e muito, sempre. Os pés secos de algodão do ano anterior tinham que ser arrancados para dar lugar às novas sementes, e o cavalo teimoso, que nunca puxara um arado, arrastava-se de má vontade pelos campos. Era preciso capinar a horta para poder plantar as sementes, cortar lenha, começar a substituir os cercados e os vários quilômetros de cerca queimados pelos ianques. As armadilhas que Pork colocara para os coelhos tinham que ser visitadas duas vezes por dia, e as iscas, substituídas nos

anzóis deixados na água. Havia camas para fazer, muito chão para varrer, comida para preparar e pratos para lavar, porcos e galinhas a alimentar e ovos a recolher. A vaca precisava ser ordenhada antes de ser levada ao pasto perto do pântano, e sempre com alguém vigiando, pois os ianques ou os homens de Frank Kennedy poderiam voltar para pegá-la. Até o pequeno Wade tinha suas obrigações. Todas as manhãs, sentindo-se muito importante, ia de cesto na mão catar gravetos para acender o fogo.

Foram os rapazes Fontaines, os primeiros homens da região a voltarem da guerra, que trouxeram a notícia da rendição. Alex, que ainda tinha sapatos, veio a pé, e Tony, descalço, montado em uma mula em pelo. Tony sempre conseguia se dar melhor que os outros naquela família. Vinham todos mais morenos, após quatro anos de exposição ao sol e à chuva, mais magros e mais musculosos, e a barba preta que tinham deixado crescer na guerra lhes dava um aspecto de desconhecidos.

A caminho de Mimosa, e ansiosos por chegar em casa, detiveram-se apenas por um instante em Tara para cumprimentar as moças e lhes dar a notícia da rendição. Estava tudo acabado, disseram, sem demonstrar muita preocupação e sem querer falar no assunto. Só estavam interessados em saber se Mimosa fora incendiada. Descendo de Atlanta, passaram por uma chaminé atrás da outra onde antes se erguiam as casas dos amigos. Quase parecia demais esperar que a sua tivesse sido poupada. Suspiraram aliviados ao ouvir a boa notícia, e deram boas gargalhadas, batendo nas coxas quando Scarlett lhes contou da cavalgada louca de Sally e de seu salto perfeito sobre a sebe da propriedade.

— Ela é uma moça valente — disse Tony —, e foi uma desgraça para ela Joe ter sido morto. Vocês têm aí um pouco de fumo de mascar, Scarlett?

— Só tem bálsamo de campo. Papai fuma isso enrolado em palha de milho.

— Ainda não decaí tanto — respondeu Tony —, mas devo chegar lá.

— Dimity Munroe vai bem? — perguntou Alex, ansioso, porém meio constrangido, e Scarlett lembrou vagamente que ele tivera uma quedinha pela irmã mais moça de Sally.

— Vai, sim. Está morando com a tia em Fayetteville. Vocês sabem que a casa deles em Lovejoy foi incendiada. E o resto da família está em Macon.

— O que ele está querendo é perguntar se Dimity se casou com algum bravo coronel da Guarda Estadual — brincou Tony, e Alex olhou furioso para ele.

— Claro, ela não se casou — disse Scarlett, achando graça.

— Talvez fosse melhor se tivesse se casado — comentou Alex desanimado. — Que diabo… Me desculpe, Scarlett. Mas como um sujeito pode pedir uma moça em casamento quando todos os seus escravos foram libertados, seu gado se foi e ele não tem um tostão no bolso?

— Você sabe que Dimity não se importaria com isso — disse Scarlett, que podia se dar ao luxo de ser leal a Dimity e falar bem dela, pois Alex Fontaine nunca fora seu namorado.

— Com os diabos… Bem, lhe peço perdão de novo. Tenho que parar de praguejar senão vovó me tira o couro. Não vou pedir a uma moça para se casar com um miserável. Ela pode não se importar, mas eu me importo.

Enquanto Scarlett conversava com os amigos na varanda da frente, Melanie, Suellen e Carreen foram de mansinho para dentro de casa assim que ouviram a notícia da rendição. Depois que os rapazes partiram, cortando caminho pelos campos de Tara para chegar logo em casa, Scarlett entrou e ouviu as três chorando, sentadinhas no sofá da saleta de Ellen. Estava tudo acabado! O belo sonho luminoso que haviam amado e pelo qual haviam torcido, a Causa que levara seus amigos, seus namorados, seus maridos e deixara suas famílias na miséria. A Causa que tinham julgado que nunca se perderia estava perdida para sempre.

Mas Scarlett não chorou. Logo que soube da notícia pensou: *Graças a Deus! Agora não vão roubar a vaca. O cavalo está a salvo. Já podemos tirar a prataria do poço e comer de garfo e faca. Não vou ter medo de circular pela região procurando o q*ue comer.

Que alívio! Nunca mais iria sobressaltar-se ao ouvir o barulho de cavalos chegando. Nunca mais acordaria à noite, prendendo a respiração para apurar os ouvidos, sem saber se era realidade ou sonho a movimentação dos ianques a cavalo gritando ordens no pátio. E, o melhor de tudo, Tara estava a salvo! Agora seu pior pesadelo jamais se realizaria. Nunca teria que assistir do gramado à cena de sua casa em chamas desmoronando.

Sim, a Causa estava perdida, mas a guerra sempre lhe parecera uma insensatez. A paz era melhor. Nunca se deslumbrara quando a bandeira da Confederação era hasteada nem se arrepiara ao ouvir “Dixie”. Aguentara as privações, as obrigações de cuidar dos doentes, o medo do cerco e a fome dos últimos meses sem se apoiar no fanatismo que tornava aquelas coisas suportáveis para os outros, em nome da Causa. Estava tudo acabado, e ela não ia chorar por isso.

Tudo acabado! A guerra que parecera sem fim, a guerra que, sem ser chamada nem desejada, dividira sua vida em dois, e com um corte tão definido que era difícil lembrar-se dos dias despreocupados de antes. Conseguia recordar, sem emoção, a linda Scarlett com seus sapatinhos de pelica verde e seus babados recendendo a lavanda, mas perguntava-se se podia ser aquela mesma moça. Scarlett O’Hara, com o condado a seus pés, cem escravos para cumprir suas ordens, a riqueza de Tara como um muro em que se apoiava e pais amorosos ansiosos para satisfazer todos os seus desejos. A Scarlett mimada, sem preocupações, que nunca teve um desejo contrariado, a não ser no tocante a Ashley.

Em algum ponto da longa estrada que trilhara nestes quatro anos, a moça com seu sachê e seus sapatinhos desaparecera, deixando em seu lugar uma mulher de olhos verdes penetrantes, que contava tostões e não se esquivava das tarefas servis, uma mulher para quem nada sobrara dos destroços a não ser a terra vermelha indestrutível onde pisava.

Parada no vestíbulo, enquanto ouvia o choro das três, tinha a cabeça trabalhando.

*Vamos plantar mais algodão, muito mais. Vou mandar Pork amanhã a Macon para comprar mais sementes. Agora os ianques não vão queimar o meu algodão, nem as nossas tropas vão precisar dele. Meu Deus! O preço do algodão vai disparar es*te outono!

Entrou na saleta e, sem fazer caso das moças que choravam no sofá, sentou-se à escrivaninha, pegou a pena e pôs-se a calcular a quantidade de sementes de algodão que poderia comprar com o dinheiro que tinha em caixa.

A guerra terminou, pensou, largando a pena, invadida por um sentimento de euforia. A guerra tinha terminado, e Ashley… se estivesse vivo, logo voltaria

para casa! Quis saber se Melanie, enquanto chorava pela Causa perdida, pensara nisso.

*Logo receberemos uma carta… não, uma carta não. Não há como. Mas em breve… ah, ele vai dar um jeito de n*os avisar!

Contudo os dias viraram semanas e nada de notícias de Ashley. O serviço postal no Sul era precário, e nas regiões rurais, inexistente. De vez em quando, um viajante procedente de Atlanta de passagem por ali trazia um bilhete choroso de tia Pitty implorando para que Melanie e Scarlett voltassem. Mas nunca chegavam notícias de Ashley.

Depois da rendição, começou uma disputa constante entre Scarlett e Suellen por causa do cavalo. Agora que não havia mais o perigo dos ianques, Suellen queria visitar os vizinhos. Isolada e sentindo falta do alegre convívio social dos velhos tempos, desejava visitar os amigos, quanto mais não fosse, para ter certeza de que o resto da região tinha sofrido tanto quanto Tara. Mas Scarlett era inflexível. O cavalo era para o trabalho da fazenda: trazer madeira da floresta, puxar o arado e servir a Pork quando saía à cata de mantimentos. Aos domingos, conquistara o direito de descansar no pasto. Se Suellen quisesse fazer visitas, podia ir a pé.

Até então, Suellen nunca fizera uma caminhada de mais de cem metros. E essa perspectiva não lhe agradava nada. Então ficava em casa reclamando e repetindo a toda hora: “Ah, se mamãe estivesse aqui!” Ao que Scarlett lhe dera a bofetada prometida havia muito, e com tanta força que a derrubou na cama aos gritos, causando grande consternação a todos na casa. Depois disso, Suellen não reclamava tanto, pelo menos não na presença de Scarlett.

Scarlett realmente queria que o cavalo descansasse, mas a razão de não cedê-lo à irmã não era só essa. A outra tinha a ver com as visitas que fizera pela região no mês seguinte à rendição. A situação em que encontrou os velhos amigos e as antigas fazendas abalara-a mais do que ela queria admitir.

Os Fontaines, graças à corrida desenfreada de Sally, eram os que, embora longe de estarem prósperos, encontravam-se em condições melhores que os vizinhos — estes, todos em situação desesperadora. A avó Fontaine nunca se recuperara totalmente do ataque cardíaco que sofrera no dia do incêndio,

quando, sob sua liderança, usando o método de golpear as chamas até as abafar, os moradores conseguiram salvar a casa. O dr. Fontaine convalescia lentamente de um braço amputado. Alex e Tony estavam lidando canhestramente com o arado e com a enxada. Debruçaram-se sobre a cerca para apertar a mão de Scarlett quando foi cumprimentá-los, e riram de sua carroça desconjuntada, mas com amargura nos olhos negros, pois era de si mesmos também que riam. Ela propôs comprar deles sementes de milho, eles aceitaram e puseram-se a discutir assuntos da fazenda. Eles tinham doze galinhas, duas vacas, cinco porcos e a mula que haviam trazido da guerra. Um dos porcos acabara de morrer, e eles receavam perder os outros. Ouvindo aqueles ex-janotas, cuja maior preocupação na vida até então era escolher a gravata mais elegante, tratarem com seriedade o assunto dos porcos, Scarlett riu, e dessa vez havia amargura em sua risada.

Receberam-na com simpatia em Mimosa, insistindo em dar as sementes de milho em vez de vendê-las. O temperamento explosivo dos Fontaines se manifestou quando ela colocou sobre a mesa uma nota verde e eles se recusaram terminantemente a aceitar o pagamento. Scarlett pegou o milho, mas, discretamente, passou uma nota de um dólar para a mão de Sally. Sally era outra pessoa, bem diferente da moça que a recebera havia oito meses, quando voltara para Tara. Naquela época, apesar de pálida e tristonha, mostrava certo dinamismo. Agora esse dinamismo desaparecera, como se a rendição tivesse acabado com as suas esperanças.

— Scarlett — murmurou ao apertar a nota —, de que adiantou tudo isso? Por que fomos à luta? Ah, meu pobre Joe! Ah, coitadinho do meu filho!

— Não sei, nem me interessa saber, por que lutamos — disse Scareltt. — Nunca me interessou. A guerra é assunto de homem, não de mulher. No momento, a única coisa que me interessa é uma boa safra de algodão. Pegue esse dólar e compre uma roupinha para o Joe. Deus sabe que ele está precisado. Apesar de toda a gentileza de Alex e de Tony, não vou roubar o milho de vocês.

Os rapazes acompanharam-na até a carroça e a ajudaram a subir, cavalheirescamente, apesar de esfarrapados, sorridentes, mostrando aquela animação inconstante dos Fontaines. Mas, com a imagem de sua miséria gravada na retina, Scarlett estremeceu ao se afastar de Mimosa. Como estava farta da

pobreza e de contar tostões. Como seria bom conhecer pessoas ricas, que não precisassem se preocupar em saber de onde viria a próxima refeição!

Cade Calvert estava em casa, na fazenda Pine Bloom, e Scarlett, ao subir os degraus do velho casarão onde tantas vezes dançara em dias mais felizes, viu a morte estampada em seu rosto. Magro, ele tossia deitado na espreguiçadeira ao sol, com um xale sobre os joelhos, porém seu rosto iluminou-se ao vê-la. Estava apenas um pouco resfriado — disse, tentando levantar-se para cumprimentá-la. Ficara assim depois de dormir tantas vezes na chuva. Mas logo passaria, e ele poderia dar uma mão no trabalho da fazenda.

Cathleen Calvert, que saíra para o jardim ao ouvir vozes, olhou nos olhos de Scarlett por sobre a cabeça do irmão com uma expressão de desespero amargo, sem esconder o que sabia. Pine Bloom tinha um aspecto abandonado, invadida pelo mato, com pinheirinhos brotando nos pastos e a casa maltratada. Cathleen estava magra e abatida.

Os dois, com a madrasta ianque, as quatro meias-irmãs pequenas e Hilton, o administrador ianque, continuaram vivendo na casa silenciosa, cheia de ecos estranhos. Scarlett jamais gostara de Hilton, como jamais gostara do próprio administrador, Jonas Wilkerson. Mas, quando ele se adiantou, lépido e fagueiro, cumprimentando-a em pé de igualdade, gostou menos ainda. Antes, os dois administradores tinham o mesmo comportamento servil e impertinente, mas agora que o sr. Calvert e Raiford tinham morrido na guerra e que Cade estava doente, Hilton deixara cair todo o servilismo. A segunda sra. Calvert nunca soubera impor respeito aos criados negros, e não era de se esperar que se fizesse respeitar por um homem branco.

— O sr. Hilton foi muito bom ficando conosco durante toda essa época difícil — disse a sra. Calvert nervosamente, lançando olhares rápidos à enteada silenciosa. — Muito bom. Talvez tenha ouvido como, por duas vezes, ele salvou a nossa casa quando Sherman aqui esteve. Realmente não sei como teríamos nos virado sem ele. Sem dinheiro e com Cade…

O rosto pálido de Cade enrubesceu, e as longas pestanas de Cathleen velaram seus olhos enquanto os lábios se contraíam. Scarlett sabia quanto se roíam de raiva, impotentes, por dever favores ao administrador ianque. A sra. Calvert parecia prestes a chorar. Inadvertidamente, tinha cometido uma gafe. Vivia

cometendo gafes. Nunca conseguira entender os sulistas, apesar de fazer vinte anos que morava na Geórgia. Nunca sabia o que não dizer aos enteados e, independentemente do que dizia ou fazia, eles eram sempre educadíssimos com ela. Decidiu, no íntimo, que voltaria para os seus, no Norte, levando as filhas e deixando aqueles enigmáticos estrangeiros metidos a besta.

Depois daquelas visitas, Scarlett não teve vontade de estar com os Tarletons. Os quatro rapazes tinham morrido, a casa pegara fogo e a família se espremia na casa do administrador. Mas Suellen e Carreen imploraram e Melanie disse que não estariam seguindo as regras da boa vizinhança se não fossem dar as boas-vindas ao sr. Tarleton, que chegara da guerra. Assim, em um domingo, lá foram elas.

Foi a pior visita de todas.

Ao se aproximarem das ruínas da casa, viram Beatrice Tarleton trajando uma roupa de montaria surrada, com um chicote embaixo do braço, sentada na cerca do picadeiro, o olhar triste perdido no vazio. Sentado ao seu lado, o negrinho de pernas tortas que treinava seus cavalos parecia tão desolado quanto ela. No picadeiro, antes cheio de potros brincalhões e de plácidas matrizes, havia uma única mula, a que trouxera o sr. Tarleton para casa depois da rendição.

— Juro que não sei o que vou fazer de mim agora que os meus queridos se foram — disse a sra. Tarleton, descendo da cerca. Um estranho poderia achar que ela se referia aos quatro filhos falecidos, mas as meninas de Tara sabiam que eram os cavalos que tinha em mente. — Todos os meus lindos cavalos mortos. E, ai, a pobre da minha Nelly! Se ao menos eu tivesse a Nellie! E só tem o raio de uma mula no picadeiro. O raio de uma mula — repetiu, olhando indignada para o animal esquálido. — Não é um insulto à memória dos meus queridos puros-sangues ter uma mula no picadeiro deles? As mulas são criaturas bastardas, artificiais, e devia ser proibido criá-las.

Jim Tarleton, completamente disfarçado por uma barba hirsuta, saiu da casa do administrador para receber e beijar as meninas. Atrás dele, vieram suas quatro filhas de cabelos ruivos e vestidos remendados, tropeçando nos inúmeros perdigueiros malhados que correram para a porta, latindo, ao ouvirem vozes estranhas. O ar de alegria forçada de toda a família fez Scarlett sentir um frio na

espinha mais intenso do que o que lhe provocaram a amargura de Mimosa ou o mal-estar mortal de Pine Bloom.

Os Tarletons insistiram que as meninas ficassem para jantar, dizendo que recebiam pouquíssimos convidados atualmente e queriam saber das novidades. Scarlett não queria se demorar, pois se sentia oprimida com o clima do ambiente, mas, como Melanie e as outras estavam ansiosas por uma visita mais longa, ficaram todas para jantar, servindo-se parcimoniosamente do bacon e das ervilhas secas que lhes foram oferecidos.

Levaram na brincadeira a frugalidade da mesa, e as Tarletons falaram das roupas que improvisavam como se estivessem contando a mais engraçada das piadas. Melanie não ficou muito atrás, surpreendendo Scarlett com a animação com que contava as agruras de Tara, relevando as dificuldades. Scarlett mal conseguia falar. A sala parecia realmente vazia sem aqueles quatro rapagões fumando e implicando uns com os outros. Se lhe parecia vazia, ao resto da família, que as recebia ali com os rostos sorridentes, o que pareceria?

Carreen pouco falou durante a refeição, mas quando terminou foi chegando de mansinho para o lado da sra. Tarleton e lhe segredou alguma coisa no ouvido. A fisionomia da senhora mudou, e o sorriso frágil desapareceu de seus lábios quando envolveu com o braço a cinturinha de Carreen. As duas se retiraram da sala, e Scarlett, sentindo-se incapaz de aguentar mais tempo ali dentro, acompanhou-as. Elas seguiram pelo passeio do jardim, e Scarlett viu que se dirigiam ao cemitério. Bem, agora já não podia voltar para dentro de casa. Seria grosseria. Mas o que Carreen tinha na cabeça, arrastando a sra. Tarleton para a sepultura dos filhos, quando Beatrice fazia tanto esforço para se mostrar corajosa?

Havia duas placas de mármore novas no jazigo de tijolos à sombra dos cedros fúnebres — tão novas que ainda não tinham apanhado nem um pingo de chuva que as salpicasse de barro vermelho.

— Chegaram na semana passada — disse a sra. Tarleton com orgulho. — O sr. Tarleton foi a Macon e as trouxe na carroça.

Lápides! E quanto não deviam ter custado! De repente, Scarlett já não sentia tanta pena dos Tarletons. Quem era capaz de desperdiçar tanto dinheiro em lápides quando a comida estava tão cara, quase inacessível, não era digno de

pena. E as inscrições em cada lápide tinham várias linhas. Quanto mais caracteres inscritos, mais dinheiro custava. A família toda devia estar louca! E também custara caro trasladar os corpos dos três rapazes para casa. De Boyd, nunca encontraram sequer vestígios.

Entre as sepulturas de Brent e Stuart, havia uma lápide com a inscrição: “Foram adoráveis e simpáticos em vida, e a morte não os separou.”

Na outra lápide, estavam os nomes de Boyd e Tom, com uma inscrição em latim que começava com “Dulce et…”, mas isso nada significava para Scarlett, que conseguira fugir do latim da Academia Fayetteville.

Aquele dinheiro todo por lápides! Ora, eram loucos! Scarlett sentiu-se tão indignada quanto se tivessem esbanjado o dinheiro dela.

Os olhos de Carreen tinham um brilho estranho.

— Acho que está linda — disse baixinho, apontando para a primeira lápide.

Claro que Carreen a achava linda. Qualquer coisa sentimental a comovia.

— Sim — respondeu a sra. Tarleton, com voz suave —, achamos muito apropriado… eles morreram quase ao mesmo tempo, Stuart primeiro, depois Brent, que apanhou a bandeira que ele deixou cair.

Na volta para Tara, Scarlett permaneceu calada por algum tempo, pensando no que vira naquelas casas, sem querer lembrando-se do condado em todo seu esplendor, com os casarões cheios de hóspedes e o dinheiro correndo a rodo, as senzalas repletas de negros, e os pés carregadinhos de algodão nos algodoais impecáveis.

Em um ano, todos estes campos vão estar infestados de pinheirinhos, pensou, estremecendo ao olhar para a floresta em volta. *Sem os pretos, só vamos conseguir sobreviver. Não dá para tocar uma fazenda grande sem eles. Sem cultivo, os campos vão tornar a ser invadidos pelas florestas. Sem dar para plantar muito algodão, o que vamos fazer? O que será da gente do campo? Na cidade, as pessoas podem dar um jeito. Sempre deram. Mas, aqui no campo, vamos retroceder cem anos, voltando a ser como os pioneiros que moravam em casinhas, trabalhavam alguns hectares e apenas so*breviviam.

Não, pensou, desanimada. *Tara não vai ser assim. Nem que eu mesma tenha que arar a terra. Esta região toda, este estado todo pode virar mato, se quiserem, mas Tara, eu não vou deixar. E não pretendo desperdiçar dinheiro em*

lápides nem gastar meu tempo chorando sobre a guerra. Podemos nos virar de algum jeito. Sei que poderíamos nos virar se quase todos os homens não tivessem morrido. A perda dos escravos não é o pior disso tudo. É a perda dos homens, dos jovens. Tornou a pensar nos quatro Tarletons, em Joe Fontaine, em Raiford Calvert e nos irmãos Munroes e em todos os rapazes de Fayetteville e Jonesboro, cujos nomes lera nas listas de vítimas. *Se tivesse sobrado uma quantidade suficiente de homens, daria para nos virarmos de algum j*eito, mas…

Então teve outra ideia — e se tornasse a se casar? Claro, não queria casar-se uma segunda vez. Uma era suficiente. Além do mais, o único homem que ela jamais quis foi Ashley, que, se ainda estivesse vivo, já era casado. Mas e se ela quisesse se casar? Quem estaria vivo para se casar com ela? A ideia era apavorante.

— Melly — disse —, o que vai acontecer com as moças sulistas?

— Como assim?

— Isso mesmo. Quero saber o que vai acontecer com elas. Não vão ter com quem se casar. Ora, Melly, com todos os rapazes mortos, por todo o Sul milhares de jovens vão morrer solteironas.

— E nunca vão ter filhos — acrescentou Melanie, para quem aquela era a coisa mais importante.

Evidentemente, a ideia já passara pela cabeça de Suellen, que ia sentada na traseira da carroça, e de repente desatou a chorar. Desde o Natal, não tinha notícias de Frank Kennedy. Não sabia se por causa da interrupção do serviço postal, ou se simplesmente porque ele apenas se divertira com sua afeição e logo a esquecera. Ou, quem sabe, ele tivesse sido morto nos últimos dias da guerra, hipótese que seria mil vezes preferível ao esquecimento. Havia certa dignidade no amor morto em campo de batalha, como no caso de Carreen e India Wilkes, mas não havia nenhuma em um noivo que largava a noiva.

— Pelo amor de Deus, fique quieta! — disse Scarlett.

— Ah, você pode falar — soluçava Suellen —, porque se casou e teve um filho, e todo mundo sabe que muitos homens a queriam. Mas e eu? Você tem que ser má para me dizer dessa maneira que sou uma solteirona, quando eu não posso fazer nada. Você é má.

— Cale a boca! Você sabe como odeio gente que vive chorando. Sabe muito bem que o velho Suíças Ruivas não morreu e que vai voltar para se casar com você. Ele não tem nenhuma ideia melhor. Mas, no meu caso, eu preferia morrer solteirona a me casar com ele.

Durante algum tempo, todas ficaram mudas lá atrás na carroça. Carreen consolava a irmã com conversinhas, mas tinha o pensamento longe, nas trilhas que, durante três anos, percorrera a cavalo com Brent Tarleton a seu lado. Seus olhos brilhavam.

— Ah — disse Melanie com tristeza —, o que será do Sul sem os nossos bons rapazes? E o que viria a ser caso eles tivessem sobrevivido? Estamos precisando muito da coragem, da energia e da inteligência deles. Scarlett, todas nós que temos filhos precisamos criá-los para substituir os homens que morreram, para serem bravos como eles.

— Nunca mais haverá homens como eles — disse Carreen baixinho. — São insubstituíveis.

Fizeram o resto da viagem para casa em silêncio.

Pouco depois daquele dia, Cathleen Calvert surgiu em Tara ao cair da tarde. Tinha a sela feminina colocada no lombo da mula mais digna de pena que Scarlett já vira, um animal manco, de orelhas caídas, e o aspecto de Cathleen inspirava quase a mesma pena. Vinha com um vestido de chita desbotado, do tipo que só as criadas usavam, e o chapéu amarrado com um barbante sob o queixo. Parou em frente à varanda, mas não apeou. Scarlett e Melanie, que estavam apreciando o pôr do sol, desceram, então, os degraus para recebê-la. A moça estava quase tão pálida quanto Cade no dia em que Scarlett fora cumprimentá-los. Seu rosto, lívido, contraído e frágil, dava a impressão de que se quebraria se ela falasse. Mas manteve-se ereta, com a cabeça erguida, ao cumprimentá-las.

Scarlett lembrou-se do dia do churrasco dos Wilkes, quando ela e Cathleen conversaram sobre Rhett Butler. Como estava bonita e fresca, com aquele vestido vaporoso de organdi azul e rosas perfumadas na faixa da cintura, mais os sapatinhos de veludo preto amarrados no tornozelo. E não se via nenhum vestígio daquela moça na figura empertigada sentada na mula.

— Não vou saltar, obrigada — disse. — Só vim participar a vocês que vou me casar.

— O quê!

— Com quem?

— Cathy, que bom!

— Quando?

— Amanhã — respondeu Cathleen tranquilamente, em um tom que fez murcharem os sorrisos ansiosos do rosto delas. — Vim comunicar que vou me casar amanhã, em Jonesboro… mas não estou convidando vocês.

Elas digeriram aquilo em silêncio, olhando-a, intrigadas. Então Melanie perguntou:

— É com algum conhecido nosso, querida?

— Sim — disse Cathleen secamente. — É o sr. Hilton.

— O sr. Hilton?

— Sim, o sr. Hilton, nosso administrador.

Scarlett não conseguiu encontrar a voz nem para dizer “Oh!”, mas Cathleen, olhando para Melanie, falou em um tom surdo e ferino:

— Se você chorar, Melly, eu não aguento. Eu morro!

Melanie ficou muda, mas tocou carinhosamente no pé calçado naquele sapato feito em casa pendurado no estribo. Olhava para baixo.

— E não me toque! Também não aguento isso.

Melanie retirou a mão, mas sem erguer os olhos.

— Bem, tenho que ir. Só vim para dizer a vocês. — Sua dura expressão pálida estava de volta e ela pegou as rédeas.

— Como vai Cade? — perguntou Scarlett, sem saber o que dizer, e procurando desajeitadamente quebrar o silêncio.

— Está morrendo — disse Cathleen, lacônica. Sua voz não demonstrava sentimento algum. — E vai morrer com um pouco de conforto e paz, se depender de mim. Não vai precisar se preocupar, sabendo que vou ter quem cuide de mim quando ele se for. Sabem, minha madrasta e as crianças vão de vez para o Norte amanhã. Bem, tenho que ir andando.

Quando olhou para cima e viu o olhar duro de Cathleen, Melanie compreendeu, e ficou com os olhos cheios d’água. Cathleen tinha nos lábios o

sorriso contraído de uma criança corajosa esforçando-se para conter o choro. Aquilo tudo era muito confuso para Scarlett, que ainda não engolira a ideia de que Cathleen Calvert ia se casar com um administrador — Cathleen, a filha de um rico fazendeiro. Cathleen, que, depois dela, fora a moça do condado mais cheia de namorados.

Cathleen abaixou-se e Melanie pôs-se na ponta dos pés. Beijaram-se. Cathleen estalou as rédeas com força, e a mula velha começou a andar.

Melanie acompanhou-a com o olhar, enquanto as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Scarlett, de olhos arregalados, continuava perplexa.

— Melly, ela é louca? Você sabe que não pode estar apaixonada por ele.

— Apaixonada? Ah, Scarlett, nem sugira uma coisa dessas! Ah, coitada da Cathleen! Coitado do Cade!

— Ora bolas! — exclamou Scarlett, começando a se irritar.

Incomodava-a ver que Melanie parecia sempre entender melhor as situações do que ela. A situação de Cathleen parecia-lhe mais espantosa do que catastrófica. Claro que não era uma ideia agradável casar-se com um ianque da ralé, mas, afinal de contas, uma moça não podia viver sozinha em uma fazenda. Precisava de um marido para ajudá-la a administrá-la.

— Melly, é como eu disse outro dia. Falta homem, e as moças têm que se casar.

— Ah, não existe essa obrigação. Não é vergonha nenhuma ser solteira. Olhe a tia Pitty. Ah, eu preferia ver a Cathleen morta. É o fim dos Calverts. Imagine só o que ela… o que os filhos dela vão ser. Ah, Scarlett, mande Pork selar o cavalo depressa e vá atrás dela para lhe dizer que venha morar conosco.

— Meu Deus! — exclamou Scarlett, surpresa com a naturalidade com que Melanie oferecia Tara. Scarlett certamente não tinha a menor intenção de sustentar outra boca. E ia dizer isso, mas se calou ao ver o rosto abalado de Melanie. — Ela não viria, Melly — emendou. — Você sabe que não. É muito orgulhosa e acharia que estamos fazendo caridade.

— É verdade, é verdade — disse Melanie distraidamente, observando a nuvenzinha de poeira vermelha desaparecer na estrada.

Você já mora comigo há meses, pensou Scarlett cruelmente, olhando para a cunhada, *e nunca lhe ocorreu que está vivendo de caridade. E acho que nunca*

*lhe ocorrerá. Você é dessas pessoas que a guerra não mudou, e seguem em frente como se nada tivesse mudado… como se continuássemos ricos como Creso, tivéssemos comida de sobra e os hóspedes não fizessem diferença. Acho que, até morrer, vou ter você pendurada em mim. Mas não quero ter Cathlee*n também.

Capítulo 30

Naquele verão quente, depois que veio a paz, de uma hora para outra Tara saiu do isolamento. Durante meses, uma procissão de espantalhos barbados, esfarrapados, descalços e sempre famintos subia a ladeira vermelha de Tara para descansar nos degraus sombreados da frente, querendo comida e um lugar para passar a noite. Eram soldados confederados voltando para casa. O que sobrara do exército de Johnston fora por trem da Carolina do Norte a Atlanta. Despejados ali, os homens iniciaram a peregrinação a pé. Depois daquela leva, chegaram os cansados veteranos do exército da Virgínia. Em seguida, homens das tropas do Oeste, descendo a caminho de casas que talvez já não existissem, para encontrar famílias que podiam estar espalhadas ou mortas. A maioria vinha a pé. Alguns, mais afortunados, chegavam montados em cavalos e mulas esquálidos que os termos da rendição lhes permitiram conservar, animais que visivelmente jamais chegariam ao sul da Geórgia nem à longínqua Flórida.

Para casa eu vou! Para casa eu vou! Esse era o único pensamento na cabeça dos soldados. Uns iam calados e tristes, outros, alegres e fazendo pouco dos percalços, mas a ideia de que a guerra acabara e que estavam indo para casa era só o que os sustentava. Poucos estavam amargos. Deixavam a amargura para suas esposas e seus pais. Haviam lutado bravamente. Tinham sido vencidos. Estavam dispostos a se instalar em um canto para trabalhar pacificamente sob a proteção da bandeira pela qual haviam lutado.

Para casa eu vou! Não falavam em outra coisa, nem em batalhas, nem em ferimentos, nem na prisão, nem no futuro. Mais tarde, reviveriam as batalhas e descreveriam aos filhos e aos netos os truques, as incursões, os assaltos, a fome, as marchas forçadas e os ferimentos, mas agora, não. A alguns faltava um braço, uma perna ou uma vista. Muitos tinham cicatrizes que doeriam em tempo de chuva ainda que vivessem setenta anos, porém isso agora era irrelevante. Mais tarde seria diferente.

Velhos e moços, falantes ou taciturnos, fazendeiro rico ou arraia miúda, todos tinham duas coisas em comum: piolhos e disenteria. O soldado confederado já estava tão acostumado com suas parasitoses que nem pensava nelas. Chegava até a se coçar na frente das senhoras, sem se dar conta. Quanto à disenteria — "o fluxo do corpo", como diziam eufemisticamente as senhoras —, parecia não ter poupado ninguém, do praça ao general. Quatro anos praticamente passando fome, quatro anos de comida malfeita, crua ou meio putrefata, haviam afetado a todos, e cada soldado que parava em Tara ou começava a se recuperar desse mal ou vinha atacado por ele.

— Num tem ninguém bom da barriga nu Exército Confederado — observava Mammy, desanimada, suando à beira do fogão ao preparar um chá amargo de raízes de amoreira que era o remédio infalível de Ellen para tais problemas. — Pra mim, num foi us ianque qui venceu us nossos home. Foi as tripa deles. Num dá pra lutá c'as tripa virano água.

A todos, sem exceção, Mammy medicava, sem parar para fazer perguntas irrelevantes sobre o estado de seus órgãos, e todos, sem exceção, bebiam mansamente as mezinhas dela, mas torcendo a face, talvez se lembrando de outros rostos negros severos em lugares distantes e de outras mãos intransigentes segurando colheres de remédio.

Em termos de companhia, Mammy era igualmente firme. Nenhum soldado com piolho deveria entrar em Tara. Conduzia-os para trás de uma moita, despojava-os dos uniformes, dava-lhes uma bacia de água e uma barra de sabão de lixívia para que se lavassem e cobertores e colchas para que se cobrissem, enquanto fervia-lhes as roupas em seu caldeirão. Era inútil as meninas se exaltarem, argumentando que aquela conduta humilhava os soldados. Mammy respondia que humilhação maior seria para elas pegar piolho.

Quando os soldados começaram a chegar quase diariamente Mammy estrilava, opondo-se a alojá-los nos quartos. Sempre receava ter deixado escapar algum piolho. Em vez de discutir, Scarlett transformou em dormitório o salão com aquele tapete fofo. Mammy protestou com a mesma veemência, considerando um sacrilégio os soldados serem autorizados a dormir no tapete da sinhá Ellen, mas Scarlett foi firme. Eles precisavam dormir em algum lugar. E, nos meses que se seguiram à rendição, o tapete macio começou a dar sinais de

desgaste, acabando por ficar com a trama à mostra nos pontos em que o atrito dos sapatos e das esporas destruíra o pelo.

A cada soldado, elas perguntavam ansiosamente por Ashley. Suellen, controlando-se, sempre perguntava pelo sr. Kennedy. Mas nenhum dos soldados jamais ouvira falar em nenhum dos dois, nem estava propenso a falar dos desaparecidos. Todos se davam por satisfeitos de estar vivos e não queriam pensar nos milhares que jaziam em valas comuns e nunca voltariam para casa.

A família tentava levantar o ânimo de Melanie a cada uma daquelas decepções. Claro que Ashley não morrera na prisão. Se isso tivesse acontecido, algum capelão ianque teria escrito avisando. Claro que ia voltar para casa, mas sua prisão era muito longe. Ora, de trem a viagem levava dias, e se Ashley estivesse voltando a pé, como aqueles homens… Por que não escrevera? Bem, querida, você sabe como o correio está agora… tão precário e inconstante mesmo onde as rotas postais estão restabelecidas. Mas e… e se ele tivesse morrido a caminho? Ora, Melanie, alguma mulher ianque com certeza nos teria escrito para dar a notícia!… Mulheres ianques! Sim! Melly, *existem* boas mulheres ianques. Ah, sim, se existem! Deus não poderia ter feito uma nação inteira sem colocar nela umas mulheres boas! Scarlett, você se lembra daquela ianque simpática que conhecemos em Saratoga… Scarlett, conte a Melly sobre ela!

— Simpática, uma ova! — retrucou Scarlett. — Perguntou quantos cachorros nós tínhamos para correr atrás dos nossos pretos! Concordo com Melly. Nunca vi ianque nenhum, homem ou mulher, que fosse simpático. Mas não chore, Melly! Ashley vai voltar. É uma longa caminhada e talvez… talvez ele esteja descalço.

Contudo, ao imaginar Ashley descalço, Scarlett quase chorou. Que outros soldados andassem mancando, com os pés amarrados em sacos e tiras de tapetes, mas não Ashley. Ele tinha que chegar em casa empinando o cavalo, todo bem-vestido, as botas reluzindo, e com uma pluma no chapéu. Não podia ser mais degradante para ela imaginar Ashley reduzido ao estado dos outros soldados.

Em uma tarde de junho, quando a casa inteira, reunida na varanda dos fundos, assistia, na maior expectativa, ao corte da primeira melancia da temporada pelas mãos de Pork, ouviram-se passos de cavalo no cascalho da entrada. Prissy

dirigiu-se languidamente à porta da frente, enquanto os outros discutiam exaltados se deviam esconder a melancia ou guardá-la para o jantar, caso o visitante fosse um soldado.

Melly e Carreen achavam que a visita deveria receber um pedaço, e Scarlett, apoiada por Suellen e por Mammy, disse baixinho a Pork que fosse escondê-la depressa.

— Não sejam bobas, meninas! A melancia desse tamanho mal dá para nós, e se forem dois ou três soldados esfomeados não vamos sequer conseguir prová-la — disse Scarlett.

Pork aferrava-se à pequena fruta, sem saber o que seria decidido, quando ouviram Prissy gritar:

— Vixe Maria! Sinhá Scarlett! Sinhá Melly! Corre aqui!

— Quem é? — gritou Scarlett ao levantar-se de um pulo dos degraus e sair correndo pelo corredor, com Melly ao seu lado e as outras atrás.

Ashley!, pensou. *A*h, talvez…

— É o tio Peter! O tio Peter da srta. Pittypat.

Correram todos para a varanda da frente, e viram o velho déspota alto e grisalho da casa de tia Pitty descer de um pangaré de rabo comprido, em cujo lombo fora amarrado um pedaço de colcha. Em seu rosto largo, a dignidade habitual debatia-se com a alegria de rever velhos amigos, resultando na testa franzida enquanto a boca se abria como a de um velho cão desdentado e feliz.

Todos desceram a escada correndo para cumprimentá-lo, negros e brancos lhe apertando as mãos e lhe fazendo perguntas, mas a voz de Melly sobrepujou a de todos.

— Titia não está doente, está?

— Não, tá boa, graças a Deus — respondeu Peter, carrancudo, fitando primeiro Melly, depois Scarlett, que se sentiram culpadas sem saber por quê. — Tá boa, mas danada c’as sinhazinha, i eu tamém vô ficá.

— Por que, tio Peter?! O que…

— Ocês num pircisa procurá si discurpá. A sinhá Pitty num cansô d’iscrevê pr’ocês vortá pra casa? I eu vi ela iscrevê i vi ela chorano quand’ocês respondero qui tinha munto qui fazê nessa fazenda veia prá podê vortá.

— Mas, tio Peter…

— Cumé c’ocês dexa a sinhazinha sozinha quano ela tem tanto medo? Ocês sabe qu’ela nunca morô sozinha, i desde qui vortô di Macon só vive c’as perninha bamba. Ela mandô eu vim dizê pr’ocês qui num intende cumé c’ocês abandonaro ela nessa hora di aperto.

— Arre, sshh! — disse Mammy, azeda, pois não gostou de ouvir Tara ser chamada de “fazenda veia”. Tinha que ser um negro ignorante da cidade para chamar uma propriedade tão importante de “fazenda veia”. — I nós tamém num tá passano aperto? Num tá pircisano da sinhazinha Scarlett e da sinhá Melly, i pircisano munto? Cumé c’a sinhá Pitty num pede socorro pru irmão?

Tio Peter lançou-lhe um olhar que a fez murchar.

— Nós num si dá c’o sinhô Henry faz muntos anos, i nós tá veio pra começá agora. — Virou as costas para as moças, que tentavam conter o riso. — As sinhazinha divia di tê vergonha di dexá a sinhá Pitty sozinha, cum metade dus amigo dela morto i u resto em Macon, i ‘Tlanta cheia di sordado ianque i criôlo alforriado.

As duas aguentaram a reprimenda com a expressão séria enquanto conseguiram, mas quando pensaram em tia Pitty mandando tio Peter ir ralhar com elas e levá-las à força para Atlanta não se seguraram mais. Estouraram na gargalhada, apoiando-se uma na outra para não cair. Naturalmente, Pork, Dilcey e Mammy morreram de rir ao ouvir o detrator de sua amada Tara reduzido à sua insignificância. Suellen e Carreen deram risadinhas, e Gerald até esboçou um sorriso. O único que não riu foi Peter, que ficou trocando de pé, cada vez mais indignado.

— Qual é u seu pobrema, nêgo? — indagou Mammy com um sorriso. — Tá ficano munto veio pra cuidá da sua sinhazinha?

Peter indignou-se.

— Munto veio! Eu? Não, sinhora! Posso protegê sinhazinha Pitty como sempre protegi. Num protegi ela quando nós fugiu pra Macon? Num protegi ela quando os ianque chegaro im Macon i ela vivia dismaiano di medo? I num comprei esse pangaré pra trazê ela di vorta pra ‘Tlanta i protegi a prata du pai dela u tempo todo? — Peter empertigou-se todo ao se justificar. — Num tô falano di protegê. Tô falano da impressão qui dá.

— Impressão que dá?

— Tô falano da impressão qui dá pros otro, vê a srta. Pitty viveno sozinha. Us pessoal fala mal das dama solteira qui vive sozinha — prosseguiu Peter, e era óbvio para seus ouvintes que, para ele, Pittypat continuava sendo uma jovem gordinha e encantadora de 16 anos que devia ser protegida das más línguas. — I num vô dimiti qui us otro critica ela. Não, sinhora… I num vô dimiti vê ela fazê a casa di pensão só pra num ficá sozinha. Falei isso pra ela: "Num faz isso, qui a sinhazinha tem a sua família, i u seu lugá é cum ela." Falei. I agora a família dela tá renegano ela. A sinhazinha Pitty é uma criança i…

Ao ouvirem isso, Scarlett e Melly sentaram-se nos degraus, chorando de tanto rir. Por fim, Melly enxugou as lágrimas e disse:

— Pobre tio Peter! Sinto muito por ter rido. Sinto mesmo. Pronto! Perdoe-me. A sinhazinha Scarlett e eu não podemos voltar agora. Talvez eu vá em casa em setembro, depois da colheita do algodão. Titia mandou você até aqui só para nos levar montadas nesse saco de ossos?

Ao ouvir essa pergunta, Peter deixou cair o queixo, sentindo-se culpado e aflito. Encolheu depressa a proeminente beiçola como uma tartaruga guardando a cabeça sob a carapaça.

— Sinhá Melly, acho qui tô ficano veio, purqui já tav'isqueceno u qui ela mim mandô fazê, qui tamém é importante. Tô c'uma carta pr'ocê. Sinhazinha Pitty num confiô nem nu correio nem im mais ninguém pra trazê, só ni mim i…

— Uma carta? Para mim? De quem?

— Bão, é… a sinhazinha Pitty falô pra mim: "Ocê, Peter, dá isso cum jeito pra sinhazinha Melly", i eu falei…

Melly levantou-se dos degraus com a mão no coração.

— Ashley! Ashley! Ele morreu!

— Não, sinhá! Não, sinhá! — exclamou Peter, com uma voz esganiçada, ao procurar a carta no bolso do paletó rasgado. — Ele tá vivo! Essa cart'aqui é dele. Ele tá vortano. Ele… Meu Deus! Pega ela, Mammy! Deixa eu…

— Num incosta nela, seu veio maluco! — rosnou Mammy, pelejando para não deixar o corpo desfalecido de Melanie cair no chão. — Seu macaco beato! Dá a carta cum jeito! Ocê, Poke, pega os pé dela. Sinhazinha Carreen, sigura a cabeça dela. Vamo deitá ela nu sofá da sala.

Houve um tumulto enquanto todos, menos Scarlett, se acotovelavam aos gritos em volta da desfalecida Melanie e saíam correndo para buscar água e travesseiros dentro de casa. Só Scarlett e tio Peter permaneceram no passeio. Ela continuava paralisada, na mesma posição que assumira ao levantar-se de um pulo, e olhava para o velho sem forças que abanava a carta na mão, envergonhado, com ar de criança que tinha medo do pito da mãe.

Por um instante, ela não conseguiu falar nem se mexer. Embora sua razão gritasse "Ele não morreu! Ele está voltando!", a informação não a fez vibrar de alegria, apenas a deixou petrificada. A voz de tio Peter parecia vir de longe, queixosa, tranquilizadora.

— Sinhô Willie Burr, qui tem parentesco cum nós, trazeu a carta pra sinhazinha Pitty. Eles dois tava na merma prisão. Sinhô Willie arranjô um cavalo i chegô dipressa. Mas sinhô Ashley tá vino a pé i…

Scarlett arrancou-lhe a carta da mão. Estava endereçada a Melly com a letra da srta. Pitty, mas isso não a fez hesitar um só instante. Rasgou o envelope, e o bilhete anexo da tia caiu no chão. Ficou uma folha de papel dobrada, encardida graças à sujeira do bolso que a carregara, amassada e com os cantos rasgados. Na letra de Ashley, trazia a inscrição: "Sra. George Ashley Wilkes, aos cuidados da srta. Sarah Jane Hamilton, Atlanta ou Twelve Oaks, Jonesboro, Ga."

Com dedos trêmulos, abriu-a e leu:

"Meu amor, estou voltando para você…"

Lágrimas começaram a lhe escorrer pelo rosto, impedindo-a de ler, e seu coração se encheu tanto de alegria que ela teve a sensação de que ia explodir. Agarrada à carta, saiu correndo degraus acima, atravessou o saguão, passou pelo salão onde a casa inteira se atrapalhava debruçada sobre a inconsciente Melanie, e entrou no escritório de Ellen. Trancou a porta à chave e atirou-se no velho sofá de almofadas murchas chorando e rindo, cobrindo a carta de beijos.

— "Meu amor" — murmurou —, "estou voltando para você."

O bom senso lhes dizia que, a menos que tivesse criado asas, Ashley levaria semanas, ou até meses, para viajar de Illinois à Geórgia, mas assim mesmo os corações disparavam sempre que um soldado entrava na alameda de Tara. Cada espantalho barbudo poderia ser Ashley. E, se não fosse, talvez o soldado tivesse

notícias dele ou uma carta de tia Pittypat falando dele. Negros e brancos acorriam todos à porta cada vez que ouviam passos. Quando avistavam um uniforme, largavam a lenha, o pasto e o algodoal e iam voando. Depois que a carta chegou, o trabalho passou um mês praticamente parado. Ninguém queria estar fora de casa quando ele chegasse. Scarlett, menos que todos. E não podia insistir que os outros fossem diligentes no trabalho quando ela mesma estava sendo relapsa.

Mas as semanas se passavam e Ashley não chegava nem mandava notícias. Tara tornou a entrar na rotina. A saudade que se podia suportar tinha limite. Scarlett começou a recear que tivesse lhe acontecido alguma coisa no caminho. Rock Island era muito longe, e talvez ele estivesse fraco ou doente ao ser libertado. Sem dinheiro, estava atravessando uma região onde os confederados eram odiados. Se soubesse onde ele estava, podia lhe mandar dinheiro, e mandaria até o último tostão, deixando a família passar fome, para que ele pudesse voltar logo de trem.

“Meu amor, estou voltando para você.”

No primeiro momento da euforia com que leu aquelas palavras, registrou apenas que Ashley estava voltando para ela. Agora, à luz fria da razão, via que era para Melly que ele estava voltando, Melanie que atualmente circulava pela casa cantando. De vez em quando, Scarlett se perguntava por que Melanie não morrera de parto em Atlanta. Com isso, a situação seria perfeita. Após um intervalo decente, poderia se casar com Ashley e ser uma boa madrasta para Beau. Quando lhe ocorriam tais pensamentos, ela já não se apressava em rezar a Deus, dizendo-lhe que não falava sério. Deus já não a assustava mais.

Os soldados continuavam aparecendo. Vinham sozinhos, em duplas, às dezenas, e sempre com fome. Scarlett pensava, desesperada, que uma nuvem de gafanhotos seria preferível. Tornou a amaldiçoar o velho hábito da hospitalidade que florescera na época da fartura. A tradição não permitia que nenhum viajante, importante ou humilde, seguisse viagem sem um pernoite, sem comida para ele e para seu cavalo e sem receber todas as honras da casa. Ela sabia que aquele tempo passara, mas o restante da casa, assim como os soldados, não sabia. E cada soldado era recebido como se fosse um convidado há muito esperado.

Aquela procissão interminável acabou por endurecer o coração de Scarlett. Os homens estavam consumindo a comida destinada às bocas de Tara. Legumes sobre cujos canteiros ela cansara as costas, mantimentos que ela fora comprar muito longe dali. Estava muito difícil comprar comida, e o dinheiro da carteira do ianque não duraria para sempre. Agora só restavam umas poucas notas e duas moedas de ouro. Por que tinha que alimentar aquela horda de famintos? A guerra terminara. Nunca mais eles se colocariam entre ela e o perigo. Assim, deu ordens a Pork para que, havendo soldados na casa, fosse preparada uma mesa frugal. Essa norma vigorou até ela notar que Melanie, ainda não totalmente recuperada do parto de Beau, estava induzindo Pork a colocar em seu prato apenas amostras de comida e dar a sua parte aos soldados.

— Você tem que parar com isso, Melanie — ralhou. — Já não está muito bem e, se não comer mais, vai ficar de cama e vamos ter que cuidar de você. Deixe esses homens saírem com fome. Eles aguentam. Já aguentaram quatro anos e não vai lhes fazer mal aguentar mais um pouco.

Melanie virou-se para ela e, pela primeira vez, Scarlett viu naqueles olhos serenos uma expressão de pura emoção.

— Ah, Scarlett, não ralhe comigo! Não me proíba de fazer isso. Você não sabe como me ajuda. Toda vez que dou a minha parte a um pobre, penso que, na estrada, alguma mulher está dando a porção dela ao meu Ashley, ajudando-o a voltar para mim.

“Meu Ashley.”

“Meu amor, estou voltando para você.”

Scarlett virou as costas, sem dizer palavra. Depois disso, Melanie reparou que havia mais comida na mesa quando havia forasteiros, embora cada garfada que davam incomodasse Scarlett.

Quando os soldados chegavam passando mal demais para poder prosseguir, Scarlett, de muito má vontade, fazia-os ficar de cama. Cada doente representava mais uma boca para alimentar, e uma pessoa para cuidar dele, o que significava menos um par de braços para levantar cercas, trabalhar na enxada, capinar e arar. Um rapaz, em cujo rosto começava a despontar um buço louro, foi jogado na varanda da frente por um soldado que passava a cavalo rumo a Fayetteville. Esse soldado, encontrando-o inconsciente à beira da estrada, deitara-o em sua sela e o

levara para Tara, a casa mais próxima. As moças pensaram que era um dos cadetes da escola militar convocados quando Sherman se aproximara de Milledgeville, mas nunca souberam ao certo, pois o rapaz morreu sem recobrar a consciência, e não encontraram em seus bolsos informação alguma.

Um menino bonito, nitidamente um cavalheiro. E em algum lugar para sul uma mulher espreitava as estradas, querendo saber onde ele estava e quando voltaria para casa, assim como ela e Melly, com uma esperança obstinada nos corações, examinavam cada figura barbuda que subia a alameda da casa. Enterraram-no no cemitério da família, ao lado dos três pequenos O'Haras. Enquanto Pork enchia a sepultura de terra, Melanie chorava copiosamente, perguntando-se, no íntimo, se estranhos estariam fazendo o mesmo com o corpo de Ashley.

Will Benteen foi outro soldado que, como o menino desconhecido, chegou inconsciente e deitado na sela de um camarada. Will estava gravemente doente de pneumonia. Quando o colocaram na cama, as moças recearam que logo fosse se juntar ao menino no cemitério.

Tinha o rosto amarelado de um georgiano do sul infectado por malária, cabelo levemente avermelhado e olhos azuis desbotados que, mesmo durante o delírio, eram pacientes e meigos. Perdera a perna na altura do joelho e, ao coto, foi encaixado um tosco pedaço de pau. Via-se que era um sulista do povo, assim como se via que o menino sepultado dias antes pertencia à elite. Como tinham essa noção, as meninas não sabiam dizer. Certamente Will não chegara mais sujo nem mais cabeludo nem mais infestado de piolhos do que muitos dos fidalgos que apareceram em Tara. O linguajar que ele usava no delírio não era mais incorreto que o dos gêmeos Tarleton. Mas elas viram na mesma hora, com o instinto com que distinguiam um cavalo puro-sangue de um pangaré, que ele não pertencia à classe delas. O que não as impediu de se esforçarem para salvá-lo.

Magro após um ano de prisão ianque, exausto pela longa caminhada com a perna de pau mal encaixada, restavam-lhe poucas forças para combater a pneumonia. Passou dias gemendo na cama, tentando se levantar e sempre lutando as mesmas batalhas. Em nenhum momento chamou por mãe, mulher, irmã ou namorada, e essa omissão preocupou Carreen.

— Todo homem deve ter algum parente — disse. — E ele parece não ter ninguém no mundo.

Apesar da magreza, ele era forte, e o bom tratamento o recuperou. Chegou um dia em que seus olhos azul-claros, perfeitamente conscientes do ambiente em que estavam, detiveram-se em Carreen, sentada a seu lado recitando o terço, o sol da manhã refletindo-se em seus cabelos louros.

— Então a senhora não era um sonho, afinal de contas — disse ele, em uma voz normal. — Espero não ter lhe dado muito trabalho.

Sua convalescença foi longa. Ele ficava deitado, quieto, olhando as magnólias pela janela, sem dar muito trabalho a ninguém. Carreen gostava dele por seus silêncios tranquilos. Passava as longas tardes quentes sentada ao lado dele, calada, só a abaná-lo.

Naquela época, Carreen quase não tinha o que dizer enquanto, delicada como uma sombra, desempenhava as tarefas que estavam dentro das suas possibilidades. Rezava muito, pois quando Scarlett entrava em seu quarto sem bater sempre a encontrava ajoelhada ao lado da cama, o que a irritava. Achava que o tempo das rezas já passara. Se Deus tinha achado adequado castigá-las assim, não precisava de orações. Para Scarlett, a religião sempre fora um processo de toma lá, dá cá. Em troca de favores, prometia a Deus agir bem. Deus quebrara o compromisso várias vezes, no seu entendimento, e ela achava que não Lhe devia coisa alguma. Sempre que encontrava Carreen ajoelhada, em vez de dormindo a sesta ou remendando a roupa, achava que a irmã estava se esquivando das tarefas que lhe cabiam.

Disse isso a Will Benteen certa tarde, quando ele conseguiu ter forças para sentar-se em uma cadeira, e espantou-se quando ele retrucou em sua voz monótona.

— Deixe-a, srta. Scarlett. Isso a reconforta.

— Reconforta?

— Sim, ela está rezando por sua mãe e por ele.

— “Ele” quem?

Debaixo das pestanas louras, seus olhos azuis desbotados lançaram-lhe um olhar sem surpresa. Nada parecia surpreendê-lo ou animá-lo. Talvez nada mais pudesse surpreendê-lo depois de todas as coisas inesperadas que já vira. O fato

de Scarlett não saber o que ia no coração da irmã não lhe parecia estranho. Achava-o tão natural quanto o fato de que Carreen encontrara conforto conversando com ele, um estranho.

— O namorado dela, aquele Brent não-sei-de-quê morto em Gettysburg.

— Namorado dela? — contestou Scarlett secamente. — Namorado coisa nenhuma! Ele e o irmão eram meus namorados.

— Sim, ela me contou. Parece que quase todos os rapazes do condado eram seus namorados. Mas, assim mesmo, ele foi namorado dela depois que você não quis mais saber dele e, quando foi em casa na última licença, os dois ficaram noivos. Ela disse que ele foi o único rapaz de quem gostou, por isso lhe dá certo conforto rezar por ele.

— Ora, que bobagem! — disse Scarlett, sentindo uma pontinha de ciúmes.

Olhou curiosa para aquele homem magro, de ombros caídos, cabelo arruivado e olhar calmo e firme. Então ele sabia coisas a respeito de sua família que ela não se dera ao trabalho de descobrir. Então era por isso que Carreen vivia no mundo da lua, rezando o tempo todo. Bem, ela ia superar. Muitas moças superavam a morte de namorado, sim, e de maridos também. Ela com certeza já superara a morte de Charles. E conhecia uma moça em Atlanta que enviuvara três vezes durante a guerra e não perdera o interesse nos homens. Contou isso a Will, que balançou a cabeça.

— Não a srta. Carreen — disse ele, terminante.

Era agradável conversar com Will porque, apesar de não falar muito, ele era um ótimo ouvinte. Scarlett lhe contou seus problemas relacionados à capina e ao plantio, à engorda dos porcos e ao acasalamento da vaca. Ele lhe deu bons conselhos, pois possuíra uma fazendinha no sul da Geórgia e dois negros. Sabia que os escravos tinham sido libertados, que os pastos estavam infestados de mudinhas de pinheiro e que o mato ia invadindo tudo. A irmã, sua única parenta, mudara-se para o Texas com o marido muitos anos atrás, e ele ficara só no mundo. No entanto, aquelas coisas não pareciam preocupá-lo mais do que a perna que perdera na Virgínia.

Sim, Will era um conforto para Scarlett depois de dias difíceis em que os negros resmungavam, Suellen perturbava e chorava e Gerald perguntava muito

onde Ellen estava. Ela podia contar qualquer coisa a Will. Contou-lhe até do assassinato do ianque, e vibrou quando ele comentou laconicamente:

— Bom trabalho!

Toda a família acabou indo parar no quarto de Will para desabafar seus problemas… até Mammy, que a princípio não queria saber do coitado porque ele não era refinado e só tinha dois escravos.

Quando pôde começar a dar umas voltinhas pela casa, começou a tecer balaios de vime e a consertar o mobiliário destruído pelos ianques. Bom entalhador, fabricava brinquedos para Wade, que nunca possuíra nenhum antes e, por isso, estava sempre a seu lado. Com Will ali, Wade e os dois bebês podiam ser deixados em casa tranquilamente enquanto as mães se ocupavam dos seus afazeres. O hóspede tomava conta das crianças com a mesma competência de Mammy, e só Melly tinha mais jeito que ele para acalmar os bebezinhos, tanto o branco quanto o negro, quando choravam.

— A senhora foi boníssima comigo, srta. Scarlett — disse ele —, sendo eu um estranho, sem nenhum parentesco com qualquer um de vocês. Como lhe dei muito trabalho e muita preocupação, se não se incomodar fico aqui para ajudá-las no trabalho até pagar um pouco do que fizeram por mim. Nunca poderei pagar tudo, porque a vida é impagável.

Então ele ficou e, aos poucos, sem que se desse por isso, grande parte do peso de Tara passou dos ombros de Scarlett para os ombros ossudos de Will Benteen.

Era setembro, época da colheita do algodão. Will Benteen estava sentado nos degraus da frente, aos pés de Scarlett, aproveitando o sol da agradável tarde de início de outono. Discorria languidamente, com aquela sua voz monótona, sobre os preços exorbitantes do descaroçamento do algodão na nova descaroçadora perto de Fayetteville. Soubera que podia gastar 25 por cento menos se emprestasse o cavalo por duas semanas ao proprietário da máquina. Não quisera fechar o negócio antes de discutir o assunto com Scarlett.

Ela olhou para a figura magra encostada na coluna da varanda, mascando uma palha. Sem dúvida, como Mammy declarava a toda hora, Will fora enviado por Deus, e Scarlett muitas vezes se perguntava como Tara poderia ter vivido os últimos meses sem ele. O homem não falava muito, não demonstrava o menor

dinamismo, nunca parecia se interessar muito pelo que acontecia em volta, mas sabia tudo a respeito de todos em Tara. E fazia as coisas. Fazia-as em silêncio, com paciência e competência. Com uma perna só, trabalhava mais depressa que Pork. E conseguia fazer Pork trabalhar, o que, para Scarlett, era uma maravilha. Quando a vaca teve cólica e o cavalo foi acometido por uma doença misteriosa que ameaçava subtraí-lo para sempre, Will passou noites em claro ao lado dos animais e os salvou. O fato de ser bom negociante conquistou-lhe o respeito de Scarlett. Era capaz de sair de manhã levando um ou dois baldes de maçãs, batatas-doces e outros legumes e voltar com sementes, cortes de tecido, farinha e outros artigos indispensáveis que ela sabia que nunca teria conseguido comprar, embora fosse boa comerciante.

Aos poucos, ganhou status de membro da família, e dormia em um catre no quartinho de vestir contíguo ao quarto de Gerald. Não falava em sair de Tara, e Scarlett tinha o cuidado de não tocar nesse assunto, receando que ele fosse embora. Às vezes, achava que, se ele fosse alguém e tivesse um pouco de juízo, iria para casa, apesar de já não ter mais casa. Mas, mesmo pensando isso, rezava com fervor para que ele ficasse ali indefinidamente. Era muito conveniente ter um homem em casa.

Achava também que, se Carreen tivesse um mínimo de sensibilidade, veria que Will gostava dela. Scarlett ficaria eternamente grata a Will se ele lhe pedisse a mão de Carreen. Claro, antes da guerra, Will não seria um partido aceitável. Não pertencia à classe dos fazendeiros, apesar de não ser um branco pobre. Não passava de um sulista do povo, um sitiante, apenas medianamente instruído, propenso a cometer erros gramaticais e desconhecedor de grande parte das boas maneiras que as O’Haras estavam acostumadas a encontrar nos cavalheiros. Na verdade, Scarlett se perguntou se ele poderia ser considerado um cavalheiro, e decidiu que não. Melanie defendia-o com unhas e dentes, dizendo que um homem preocupado com seus semelhantes e de bom coração como Will não podia deixar de ser um cavalheiro. Scarlett sabia que Ellen teria desmaiado se pensasse na possibilidade de uma filha sua casar-se com um homem daqueles, mas a vida a fizera afastar-se demais dos ensinamentos de Ellen para que se preocupasse com isso. Os homens escasseavam, as moças tinham que se casar com alguém, e Tara precisava de um homem. Mas Carreen, cada vez mais

mergulhada no livro de orações e perdendo dia a dia o contato com o mundo real, tratava Will como um irmão, não lhe dando mais importância do que dava a Pork.

Se tivesse um mínimo de gratidão a mim pelo que fiz por ela, Carreen se casaria com ele e não o deixaria sair daqui, pensou Scarlett, indignada. *Mas não, ela tem que viver no mundo da lua pensando em um bobalhão que talvez nunca a tenha levad*o a sério.

E Will continuou em Tara. Por que razão, ela não sabia, contudo agradava-lhe o profissionalismo que ele demonstrava, como se lidasse com ela de homem para homem, e isso ajudava. Tratava o vago Gerald com profunda deferência, mas era em Scarlett que ele via o verdadeiro chefe da casa.

Ela aprovou o plano dele de alugar o cavalo, mesmo que a família tivesse de abrir mão temporariamente de seu meio de transporte. Isso desagradou sobretudo a Suellen, cuja maior alegria era acompanhar Will nas viagens de negócios a Jonesboro e Fayetteville. Endomingada com as melhores roupas da família, visitava velhos amigos e ouvia todas as fofocas do condado, sentindo-se outra vez a srta. O'Hara de Tara. Suellen nunca perdia uma oportunidade de sair da fazenda e se fazer de importante entre gente que não sabia que ela capinava o jardim e fazia as camas.

A srta. Nariz em Pé vai ter que ficar sem passear durante duas semanas, pensou Scarlett, *e vamos ter que aguentar o seu mau humor e os seus q*ueixumes.

Melanie foi ter com eles na varanda, com o filhinho no colo. Estendeu um cobertor velho no chão, e pôs o pequeno Beau para engatinhar. Desde a carta de Ashley, Melanie passava o tempo ora feliz da vida, cantando com o rosto iluminado, ora ansiosa, cheia de saudades. Mas, feliz ou deprimida, estava magérrima e excessivamente pálida. Fazia sem reclamar o trabalho que lhe competia, porém vivia sentindo-se mal. O velho dr. Fontaine diagnosticou seu caso como um problema de senhoras, endossando a opinião do dr. Meade de que ela nunca deveria ter tido Beau. E disse claramente que outro filho a mataria.

— Hoje, quando estive em Fayetteville — disse Will —, encontrei uma coisa muito simpática que trouxe para casa, achando que poderia interessá-las.

Sacou do bolso traseiro da calça uma carteira de chita, armada com cortiça, que Carreen fizera para ele. Da carteira, retirou uma nota de dinheiro cofederado.

— Se acha simpático o dinheiro confederado, Will, eu não acho —
disse Scarlett secamente, pois a visão daquelas notas a deixava doente. — Temos três mil dólares dessas notas no baú do papai, e Mammy está atrás de mim pedindo que eu a deixe usá-las para tapar as frestas das paredes do sótão e se livrar da corrente de ar. Acho que vou deixar. Pelo menos vão servir para alguma coisa.

— "Imperioso César, morto e reduzido a pó" — citou Melanie com um sorriso triste. — Não faça isso, Scarlett. Guarde-as para Wade. Um dia, ele vai se orgulhar delas.

— Bem, não sei nada sobre o imperioso César — disse Will pacientemente —, porém o que eu encontrei tem a ver com o que acabou de dizer sobre Wade, srta. Melly. É um poema, colado no verso desta nota. Sei que a srta. Scarlett não é muito de poesia, mas achei que essa a interessaria.

Virou a nota. No verso, uma tira de papel de embrulho grosseiro trazia uma inscrição em tinta caseira esmaecida. Will pigarreou e leu devagar, quase soletrando.

— O título é "Linhas no Verso de uma Nota Confederada" — disse.

"Já sem valor na terra de Deus
E nas águas que a levam…
Como penhor de uma nação que já morreu
Guarde-a, e mostre-a, amigo meu.
Mostre a quem quiser ouvir
A história contada nesta reles nota
De Liberdade, fruto do sonho de patriotas,
De uma nação nobre a se esvair."

— Ah, que lindo! Que emocionante! — exclamou Melanie. — Scarlett, você não deve dar o dinheiro para Mammy colar no sótão. Isso é mais que papel… como está no poema, é o "penhor de uma nação que já morreu."

— Ah, Melly, não seja sentimental! Papel é papel, e quase não temos mais. E estou farta de ouvir Mammy reclamando das frestas do sótão. Espero que,

quando Wade crescer, eu tenha muitas notas verdes para dar a ele em vez de lixo confederado.

Will, que estava usando a nota para estimular Beau a engatinhar no cobertor durante essa discussão, levantou a cabeça e usou as mãos para sombrear a vista ao olhar para a alameda.

— Temos companhia — disse, apertando os olhos para o sol. — Outro soldado.

Acompanhando o olhar dele, Scarlett viu uma cena familiar, um homem barbudo chegando lentamente pela alameda de cedros, vestido com trapos de uniformes azuis e cinzentos, cabisbaixo, e arrastando os pés, revelando cansaço.

— Achei que já estivéssemos livres dos soldados — disse. — Tomara que este não esteja com muita fome.

— Vai estar — afirmou Will, sucinto.

Melanie levantou-se.

— É melhor eu ir dizer a Dilcey para preparar mais um prato — disse —, e avisar a Mammy para não despir o coitado muito bruscamente e…

Parou tão de repente que Scarlett virou-se para ela. Melanie levara a mão magra à garganta, que apertava como se estivesse morrendo de dor. Scarlett viu as veias pulsarem rapidamente sob a pele branca. O rosto empalidecera mais ainda, e os olhos castanhos estavam mais arregalados que nunca.

Ela vai desmaiar, pensou Scarlett, levantando-se de um pulo e segurando-a pelo braço.

Mas, em um instante, Melanie empurrou sua mão e desceu os degraus. Voou pelo caminho de cascalho, leve como um passarinho, com as saias desbotadas arrastando-se atrás dela e os braços estendidos à frente. Então, a verdade atingiu Scarlett com a força de um murro. Encostou-se a uma coluna da varanda enquanto o homem erguia o rosto coberto por uma barba loura encardida e parava, olhando em direção à casa, como se o cansaço não lhe permitisse dar outro passo. Seu coração disparou, batendo descompassado, enquanto Melly, com gritos incoerentes, atirava-se nos braços do soldado imundo, cuja cabeça curvou-se sobre ela. Extasiada, Scarlett começou a correr, mas foi contida quando a mão de Will segurou-a pelas saias.

— Não estrague o momento — disse ele baixinho.

— Me solte, seu idiota! Me solte! É Ashley!

Ele não soltou.

— Afinal, ele é marido *dela*, não é? — perguntou Will calmamente.

Scarlett, com um misto de alegria e fúria impotente, olhou para ele e, nas profundezas daqueles olhos serenos, enxergou compreensão e pena.

MARGARET MITCHELL

VOLUME 2

E O VENTO LEVOU

TRADUÇÃO
Regina Lyra

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Parte 4

Capítulo 31

Em uma tarde fria de janeiro de 1866, sentada no escritório, Scarlett escrevia uma carta para tia Pitty, explicando em detalhes pela décima vez por que nem ela nem Melanie ou Ashley podiam voltar para Atlanta para morar em sua casa. Estava impaciente, porque sabia que a tia não leria mais do que as frases iniciais e depois tornaria a lhe escrever, choramingando: “Mas eu tenho medo de morar sozinha!”

Sentindo as mãos geladas, parou para esfregar uma na outra e afundar mais os pés no retalho da velha manta enrolada neles. As solas das pantufas praticamente já não existiam e haviam sido reforçadas com tiras de tapete, que mantinham seus pés fora do chão, mas pouco os aqueciam. Naquela manhã, Will levara o cavalo até Jonesboro para que fosse ferrado. Ocorreu a Scarlett que as coisas andavam de fato muito mal quando cavalos dispunham de sapato e as pessoas nada tinham para calçar.

Pegou a pena para retomar a carta, mas deixou-a de lado quando ouviu Will entrar pela porta dos fundos. Escutou o toc-toc da perna de pau no corredor que dava no escritório, e logo ele parou. Scarlett esperou por um instante que Will entrasse, mas quando isso não aconteceu chamou-o. Will entrou, as orelhas vermelhas de frio e o cabelo rosado em desalinho, e ficou parado olhando para ela, com um sorriso levemente divertido nos lábios.

— Srta. Scarlett — indagou —, quanto dinheiro exatamente a senhora tem?

— Por acaso está querendo casar comigo pelo meu dinheiro, Will? — perguntou Scarlett, de um jeito meio mal-humorado.

— Não, senhora, eu só queria saber.

Scarlett encarou-o com uma expressão inquiridora. Will não dava a impressão de falar sério, mas, por outro lado, ele nunca parecia falar sério. Ainda assim, ela percebeu que alguma coisa estava errada.

— Tenho dez dólares em ouro — respondeu. — O que sobrou do dinheiro daquele ianque.

— Bom, senhora, isso não chega.

— Não chega para quê?

— Não chega para os impostos — respondeu Will, que, claudicando até a lareira, inclinou-se e estendeu as mãos vermelhas em direção ao calor do fogo.

— Impostos? — repetiu Scarlett. — Deus do céu, Will! Já pagamos os impostos.

— Sim, mas dizem que a senhora não pagou o suficiente. Ouvi isso hoje em Jonesboro.

— Mas, Will, não estou entendendo. O que quer dizer com isso?

— Srta. Scarlett, detesto incomodá-la com mais problemas, quando a senhora já teve a sua cota, mas é preciso. Dizem que a senhora tem de pagar um bocado mais de impostos do que já pagou. Estão pondo a avaliação de Tara nas alturas, acima de qualquer outra fazenda do condado, garanto.

— Mas não podem nos obrigar a pagar mais impostos além do que já pagamos.

— Srta. Scarlett, a senhora não vai muito a Jonesboro, e ainda bem. Lá não é lugar para uma dama hoje em dia. Mas, se costumasse ir lá bastante, saberia que quem está dando as ordens atualmente é um bando de *scallawags*, Republicanos e *carpetbaggers* sem escrúpulos. Eles deixariam a senhora fula de raiva. Fora isso, também tem negros empurrando brancos para fora das calçadas e…

— Mas o que isso tem a ver com os nossos impostos?

— Já chego lá, srta. Scarlett. Não sei por quê, mas os patifes aumentaram os impostos sobre Tara de tal jeito que parece que produzimos mil fardos de algodão. Depois que escutei essas conversas, andei xeretando nas tabernas para ouvir os mexericos e descobri que alguém quer arrematar Tara por uma ninharia no leilão do xerife caso a senhora não consiga pagar os impostos extras. E todo mundo está cansado de saber que a senhora não pode pagar. Ainda não sei quem é que quer ficar com Tara. Não consegui descobrir. Mas desconfio que seja aquele sujeito covarde, o Hilton, que casou com a srta. Cathleen, sabe, porque ele riu de um jeito matreiro quando tentei arrancar alguma coisa dele.

Will se sentou no sofá e esfregou o coto da perna. Ele doía no tempo frio e a perna de pau não era bem acolchoada nem confortável. Scarlett lhe lançou um olhar enfurecido. O homem falava de um jeito tão natural sobre a sentença de morte de Tara! Vendida no leilão do xerife? Para onde iriam todos eles? E Tara na mão de outra pessoa? Não, isso era impensável!

Ela havia se empenhado tanto em fazer Tara produzir que dera pouca atenção ao que andava acontecendo no mundo lá fora. Agora que contava com Will e Ashley para tratar do que fosse necessário em Jonesboro e Fayetteville, raramente deixava a fazenda. E, assim como fizera ouvidos moucos para os comentários do pai sobre a guerra nos dias que a antecederam, pouca atenção prestara às conversas de Will e Ashley em volta da mesa depois do jantar sobre o início da Reconstrução.

Ah, claro que ela tinha conhecimento dos *scallawags* — os sulistas que lucravam bastante ao virar Republicanos — e dos *carpetbaggers* — os ianques que chegaram ao Sul como urubus, depois da rendição, com todos os seus pertences em uma única trouxa. E tivera algumas experiências desagradáveis com o Departamento de Libertos. Também ouvira falar que alguns dos negros libertos vinham ficando insolentes. Nisso ela mal acreditava, pois jamais vira um negro insolente na vida.

Havia, contudo, muitas coisas que Will e Ashley, de mútuo acordo, haviam mantido escondidas dela. Ao flagelo da guerra seguira-se o flagelo ainda pior da Reconstrução, mas os dois homens concordaram em não mencionar os detalhes mais alarmantes quando conversavam sobre a situação em casa. E, quando Scarlett se dava ao trabalho de escutá-los, a maior parte do que diziam entrava por um ouvido e saía pelo outro.

Ela ouvira Ashley dizer que o Sul estava sendo tratado como uma província conquistada e que a vingança era a política dominante dos conquistadores, mas esse era o tipo de constatação que não significava coisa alguma para Scarlett. Política era coisa de homem. Ela ouvira Will dizer que, para ele, o Norte não pretendia deixar o Sul se reerguer. Ora, pensou Scarlett, os homens precisam ter sempre alguma bobagem com que se preocupar. No que lhe dizia respeito, os ianques nunca a tinham atingido e não a atingiriam agora. O melhor a fazer era

trabalhar como o diabo e parar de se preocupar com o governo ianque. Afinal, a guerra acabara.

Scarlett não se deu conta de que todas as regras do jogo tinham mudado, e o trabalho honesto não mais recebia sua justa recompensa. A Geórgia estava agora praticamente sob lei marcial. Os soldados ianques espalhados por toda a região e o Departamento de Libertos detinham o comando absoluto de tudo e elaboravam as regras de acordo com a própria conveniência.

Esse departamento, organizado pelo governo federal para cuidar dos ex-escravos ociosos e eufóricos, vinha tirando os negros das fazendas aos milhares e levando-os para as aldeias e cidades. O departamento os alimentava e envenenava suas mentes contra seus antigos proprietários. O velho supervisor de Gerald, Jonas Wilkerson, dirigia o departamento local e tinha como assistente Hilton, o marido de Cathleen Calvert. Os dois engenhosamente disseminaram o boato de que os sulistas e os Democratas esperavam tão somente uma boa oportunidade para escravizar de novo os negros e que a única esperança deles de escapar desse destino era a proteção dada pelo departamento e pelo Partido Republicano.

Wilkerson e Hilton, além disso, diziam aos negros que eles eram tão bons quanto os brancos em tudo e que logo os casamentos entre brancos e negros seria permitido, assim que as propriedades de seus antigos donos fossem desmembradas e cada negro recebesse cerca de 20 hectares e uma mula. Incitavam os negros com histórias de crueldades cometidas pelos brancos e, em uma região há muito conhecida pela relação afetuosa entre escravos e senhores de terra, o ódio e a desconfiança começaram a crescer.

O departamento contava com o apoio dos soldados, e o Exército havia emitido várias ordens conflitantes relativas à conduta dos conquistados. Era fácil ser preso, até mesmo por desdenhar das autoridades do departamento. As ordens do Exército visavam escolas, saneamento, o tipo de botão que se usava no terno, a venda de mercadorias e quase tudo o mais. Wilkerson e Hilton detinham o poder de interferir em qualquer transação que Scarlett fizesse e de fixar os próprios preços em qualquer coisa que ela vendesse ou permutasse.

Felizmente, Scarlett tivera muito pouco contato com os dois homens, pois Will a convencera a deixá-lo lidar com a parte comercial enquanto ela

administrava a fazenda. Com seu temperamento afável, Will solucionara várias dificuldades desse tipo sem comunicá-las a ela. Will se dava bem com os *carpetbaggers* e os ianques — caso fosse preciso. Agora, porém, surgira um problema grande demais para que ele desse conta. O valor extra do imposto e o perigo de perder Tara eram assuntos que precisavam ser levados ao conhecimento de Scarlett — e imediatamente.

Ela o encarou com um olhar faiscante.

— Malditos ianques! — exclamou. — Já não chega terem nos deixado sem nada e agora querem soltar esses patifes em cima de nós?

A guerra acabara, a paz fora declarada, mas os ianques ainda podiam roubá-la, ainda podiam fazê-la passar fome, ainda podiam expulsá-la de casa. E, como uma boba, ela tinha pensado ao longo de vários meses desgastantes que, caso aguentasse até a primavera, tudo daria certo. Essa notícia acachapante trazida por Will, coroando um ano de trabalho extenuante e longa expectativa, era a gota d'água.

— Ah, Will, e eu que achei que todos os nossos problemas tinham acabado com o fim da guerra!

— Nada disso, srta. Scarlett — disse Will, erguendo o rosto anguloso de camponês e dirigindo a Scarlett um olhar firme. — Nossos problemas estão apenas começando.

— Quanto mais de impostos eles querem que paguemos?

— Trezentos dólares.

Ela emudeceu por um instante. Trezentos dólares! Se fossem três milhões daria no mesmo.

— Bem… — hesitou. — Ora… Temos então de levantar trezentos dólares, de um jeito ou de outro.

— Sim, senhora… E um arco-íris e uma ou duas luas.

— Mas, Will! Eles não podem leiloar Tara. Por que…

Os olhos claros e tranquilos de Will mostravam mais ódio e amargura do que ela pensara ser possível.

— Ah, não podem? Bem, eles podem e vão fazer isso com todo gosto! Srta. Scarlett, o país foi para o beleléu, me desculpe a linguagem. Esses *carpetbaggers* e *scallawags* podem votar, o que a maioria de nós, Democratas,

não pode fazer. Nenhum Democrata neste estado pode votar caso conste dos registros contábeis como devedor de mais de dois mil dólares em 65. Isso deixa de fora gente como seu pai, o sr. Tarleton, os McRaes e os meninos Fontaines. Ninguém que tenha sido coronel ou um posto mais alto na guerra pode votar e, srta. Scarlett, aposto que este estado tem mais coronéis do que qualquer outro estado da Confederação. E não pode votar quem ocupou cargo no governo confederado, o que deixa de fora todo mundo, dos notários aos juízes, e o campo está cheio de gente assim. A questão é que do jeito que os ianques redigiram aquele acordo de anistia, quem era alguém antes da guerra não pode votar. Nem gente letrada, nem gente da elite, nem gente rica.

"Ah! Eu até poderia votar, se tivesse prestado aquele maldito juramento. Não tinha um vintém em 65 e com certeza não era coronel nem ninguém notável. Mas não vou fazer o juramento deles. Nem morto! Se os ianques tivessem agido direito, eu prestaria o juramento de fidelidade, mas agora não. Posso ser reintegrado à União, mas não pela Reconstrução. Não vou fazer o juramento deles nem que jamais vote de novo… Mas a escória, como esse Hilton, pode votar, e patifes, como Jonas Wilkerson, e brancos pobres, como os Slatterys, e quem é joão-ninguém, como os Macintoshes, pode votar. E estão dando as cartas agora. E, se quiserem cair em cima de nós cobrando impostos extras uma dezena de vezes, eles podem. Assim como um preto pode matar um homem branco e não ser enforcado… — Will fez uma pausa, envergonhado, e a lembrança do que acontecera com uma mulher branca sozinha em uma fazenda isolada perto de Lovejoy surgiu na mente de ambos… — Esses crioulos podem fazer qualquer coisa contra nós que o Departamento de Libertos e os soldados vão protegê-los com armas e nós não podemos votar nem fazer nada a respeito."

— Votar! — gritou Scarlett. — Votar! Que diabos tem o voto a ver com isso tudo, Will? É de impostos que estamos falando… Will, todo mundo sabe que Tara é uma boa propriedade. Podemos hipotecá-la para conseguir o suficiente para pagar os impostos, se precisarmos.

— A senhora não é boba, mas às vezes fala como se fosse, srta. Scarlett. Quem tem dinheiro para emprestar com essa fazenda como garantia? Quem além dos *carpetbaggers* que estão tentando tirar Tara da senhora? Ora, todo mundo

tem terras. Todo mundo é proprietário pobre. Ninguém está interessado em terras.

— Tenho os brincos de brilhante que arranquei daquele ianque. Podíamos vendê-los.

— Srta. Scarlett, quem por aqui tem dinheiro para comprar brincos de brilhante? As pessoas não têm dinheiro para comprar nem carne de segunda, que dirá enfeites inúteis! Se a senhora tem dez dólares em ouro, juro que tem mais que a maioria.

Os dois voltaram a ficar calados, e Scarlett sentiu como se estivesse dando cabeçadas na parede. Em quantas paredes dera cabeçadas no último ano…

— O que nós vamos fazer, srta. Scarlett?

— Não sei — respondeu enfastiada, percebendo que não se importava. Essa nova parede era a gota d'água, e de repente o cansaço se abateu sobre ela até doer nos ossos. Por que trabalhar e lutar e se desgastar? No final de toda luta aparentemente a derrota a esperava para zombar dela.

— Não sei — repetiu. — Mas que o papai não saiba disso. Ele vai ficar preocupado.

— Pode deixar.

— Você contou a alguém?

— Não, vim direto falar com a senhora.

Sim, pensou Scarlett, todos sempre vinham direto a ela com más notícias, e ela estava cansada disso.

— Onde está o sr. Wilkes? Quem sabe ele não tem alguma sugestão?

Will voltou o olhar tranquilo para ela, que sentiu, como desde o primeiro dia depois da volta de Ashley, que ele sabia de tudo.

— Está no pomar cortando madeira. Ouvi o barulho do machado quando fui guardar o cavalo. Mas ele não tem mais dinheiro que nós.

— Posso falar com ele se eu quiser, não posso? — retrucou ela, pondo-se de pé e chutando para longe o retalho de manta em volta dos tornozelos.

Will não se ofendeu e continuou a esfregar as mãos diante do fogo.

— Melhor pôr seu xale, srta. Scarlett. Está muito frio lá fora.

Mas ela foi sem o xale, pois ele estava lá em cima e a necessidade de falar com Ashley e expor seus problemas era urgente demais para esperar.

Que sorte seria encontrá-lo sozinho! Nem uma única vez desde que ele chegara Scarlett conseguira trocar uma palavra a sós com Ashley. A família sempre se amontoava à volta dele; Melanie estava sempre ao seu lado, tocando-lhe a manga a toda hora para se assegurar de que ele estava mesmo lá. A visão daquele gesto de posse satisfeita despertava em Scarlett toda a animosidade ciumenta que hibernara durante os meses em que ela acreditara que Ashley estivesse morto. Agora decidira falar com ele a sós. Dessa vez, ninguém a impediria de falar com ele a sós.

Ela atravessou o pomar sob os galhos desnudos, e o capim úmido molhou-lhe os pés. Podia ouvir o barulho do machado de Ashley cortando os troncos trazidos do pântano. Substituir as cercas que os ianques tinham queimado tão despreocupadamente era um trabalho árduo e demorado. Tudo era trabalho árduo e demorado, pensou desanimada, e ela estava cansada disso, cansada, furiosa e farta de tudo isso. Se ao menos Ashley fosse seu marido, em vez de marido de Melanie, como seria bom ir ter com ele e deitar a cabeça em seu ombro e chorar e despejar as aflições e deixá-lo cuidar delas como achasse melhor.

Contornou um arvoredo de romãzeiras que sacudiam seus galhos nus sob o vento frio e o viu inclinado sobre o machado, enxugando a testa com as costas da mão. Ele vestia o que sobrara da calça cáqui e uma das camisas de Gerald, uma camisa que em tempos melhores só frequentava o Tribunal e churrascos, uma camisa com babados e pequena demais para o atual dono. Pendurara o paletó em um galho de árvore, pois o trabalho o fazia suar, e estava descansando quando ela se aproximou.

Ao ver Ashley maltrapilho e empunhando um machado, o coração de Scarlett disparou, cheio de amor por ele e de fúria contra o destino. Não aguentava vê-lo em andrajos, trabalhando, o seu Ashley charmoso e imaculado. As mãos dele não haviam sido feitas para o trabalho braçal, nem seu corpo para roupas que não fossem de casimira ou linho de qualidade. Deus o fizera para morar em uma mansão imponente, para falar com gente agradável, tocar piano e escrever coisas que soassem belas e desprovidas de sentido.

Podia tolerar a visão do próprio filho usando aventais feitos de aniagem e das meninas vestindo chita barata, podia tolerar que Will trabalhasse mais duro que qualquer peão, mas Ashley não. Ele era fino demais para tudo aquilo,

infinitamente amado por ela. Preferível seria que ela tivesse de cortar madeira com as próprias mãos a sofrer vendo Ashley fazê-lo.

— Dizem que Abe Lincoln começou a vida cortando madeira — disse Ashley quando ela se aproximou. — Imagine até onde posso almejar subir na vida!

Scarlett franziu a testa. Ele vivia falando esse tipo de coisa sobre as dificuldades que passavam. Para ela, aqueles assuntos eram mortalmente sérios, e às vezes quase se irritava com os tais comentários.

Abruptamente, despejou as novidades que Will lhe trouxera, concisamente, sentindo-se aliviada enquanto falava. Sem dúvida, Ashley teria alguma ajuda a oferecer. Ele nada disse, mas, vendo-a estremecer, pegou o paletó e o colocou sobre os ombros dela.

— Bem — disse ela finalmente —, não lhe ocorre que teremos de arranjar dinheiro em algum lugar?

— Sim — comandou ele —, mas onde?

— Estou perguntando a você — respondeu Scarlett, aborrecida. A sensação de alívio por transferir o fardo desapareceu. Mesmo que não pudesse ajudar, por que ele não dizia algo tranquilizador, mesmo que fosse apenas “Ah, sinto muito”?

Ashley sorriu.

— Nesses meses todos desde que voltei, só ouvi falar de uma pessoa, Rhett Butler, que realmente tem dinheiro — disse.

Tia Pittypat escrevera para Melanie na semana anterior contando que Rhett estava de volta a Atlanta com uma carruagem puxada por dois ótimos cavalos e com os bolsos cheios de dólares, que, no entanto, ela não achava que tivessem sido ganhos de forma honesta. Tia Pitty era da teoria, largamente partilhada em Atlanta, de que Rhett conseguira se safar com os míticos milhões do tesouro confederado.

— Não vamos falar dele — cortou Scarlett. — O sujeito é um rematado velhaco. O que vai ser de todos nós?

Ashley largou o machado e desviou o olhar, como se viajasse para alguma terra distante aonde ela não pudesse segui-lo.

— Fico me perguntando — disse —, fico me perguntando o que será de nós em Tara, mas também o que será de todos no sul.

Scarlett teve vontade de retrucar abruptamente “Que todos no sul vão para o inferno! E nós?”, mas permaneceu calada porque a sensação de cansaço voltara, mais forte que nunca. Ashley não estava ajudando em nada.

— No final, o que vai acontecer é o que sempre acontece quando uma civilização entra em colapso. Quem tem miolos e coragem supera, e os que não têm são levados pelo vento. Ao menos tem sido interessante, se não confortável, observar um Götterdämmerung.

— Um o quê?

— Um crepúsculo dos deuses. Infelizmente, nós, sulistas, pensávamos que éramos deuses.

— Pelo amor de Deus, Ashley Wilkes! Não fique aí falando bobagens quando nós é que vamos ser levados pelo vento!

Parte de seu desgaste exasperado pareceu entrar na mente de Ashley e despertá-lo dos devaneios, pois ele segurou as mãos dela com ternura e, virando as palmas para cima, olhou os calos.

— Estas são as mãos mais bonitas que conheço — disse, e beijou de leve cada palma. — São bonitas porque são fortes, e cada calo é uma medalha, Scarlett, cada bolha um prêmio por bravura e altruísmo. Elas ficaram calejadas por todos nós, seu pai, as meninas, Melanie, o bebê, os negros e eu. Minha querida, sei o que você está pensando. Está pensando “Aí está um sujeito insensato dizendo tolices sobre deuses mortos enquanto pessoas vivas correm perigo”. Não é verdade?

Ela assentiu, torcendo para que Ashley continuasse para sempre segurando suas mãos, mas ele as soltou.

— E você me procurou, esperando que eu a ajudasse. Bem, não posso.

Os olhos dele mostravam amargura quando ele os baixou para o machado e a pilha de troncos.

— Minha casa se foi, assim como todo o dinheiro que sempre considerei tão garantido que nunca me dei conta de que possuía. E não sirvo para nada neste mundo, porque o mundo a que eu pertencia não existe mais. Não posso ajudá-la, Scarlett, salvo aprendendo com tanta boa vontade quanto possível a ser um fazendeiro desajeitado. E isso não vai manter Tara no seu nome. Você acha que não percebo a angústia da nossa situação, morando aqui graças à sua caridade?

Ah, sim, Scarlett, à sua caridade. Nunca vou ser capaz de retribuir o que você fez por mim e pelos meus com a bondade do seu coração. Vejo isso com mais clareza a cada dia. E todo dia vejo mais claramente como sou impotente para lidar com o que se abateu sobre todos nós. Todo dia meu maldito alheamento da realidade torna mais difícil para mim encarar as novas realidades. Entende o que eu estou dizendo?

Ela assentiu. Não fazia uma ideia muito clara do que ele falava, mas se apegou cegamente às suas palavras. Era a primeira vez que ele lhe dizia o que pensava quando parecia estar tão distante dela. Isso a deixou animada, como se estivesse à beira de uma descoberta.

— É uma maldição… Essa falta de vontade de olhar de frente a realidade nua. Antes da guerra, a vida nunca havia sido mais real para mim do que um teatro de sombras. E eu preferia assim. Não me agrada que as coisas tenham contornos tão bem delineados. Gosto quando são levemente esfumaçados, meio nebulosos.

Ele emudeceu e sorriu ligeiramente, estremecendo um pouco quando o vento frio açoitou sua camisa.

— Em outras palavras, Scarlett, sou um covarde.

A conversa sobre teatro de sombras e contornos nebulosos não fazia sentido para ela, mas as últimas palavras foram ditas em uma língua que ela entendia. Sabia que eram falsas. Covardia não combinava com ele. Cada linha daquele corpo esbelto revelava gerações de homens corajosos e galantes, e Scarlett conhecia de cor seu histórico de guerra.

— O que? De jeito nenhum! Um covarde por acaso teria subido no canhão em Gettysburg e reunido os homens? Por acaso o general em pessoa escreveria uma carta para Melanie falando de um covarde? E…

— Isso não é coragem — rebateu Ashley, cansado. — O combate é como champanhe. Sobe à cabeça dos covardes tão rápido quanto à dos heróis. Qualquer tolo pode mostrar coragem no campo de batalha quando a alternativa é ser morto. Falo de outra coisa. E o meu tipo de covardia é infinitamente pior do que se eu tivesse corrido quando ouvi um tiro de canhão pela primeira vez.

Essas palavras foram ditas lentamente e com dificuldade, como se doesse dizê-las, e ele pareceu se distanciar e contemplar com o coração partido o que havia dito. Se as ouvisse de qualquer outro homem, Scarlett desprezaria tais

argumentos por considerá-los falsa modéstia ou desejo de elogio. Ashley, porém, lhe deu a impressão de falar sério, e ela não conseguiu decifrar a expressão em seus olhos — não era medo nem arrependimento, mas a antecipação de uma tensão inevitável e acachapante. O vento invernal açoitou-lhe os tornozelos úmidos e ela tornou a tremer, mas esse calafrio se deveu menos ao vento do que ao temor que as palavras dele despertaram em seu coração.

— Mas, Ashley, de que você tem medo?

— Ah, de coisas sem nome. Coisas que haveriam de parecer muito tolas postas em palavras. Acima de tudo, de ver a vida de repente ficar real demais, de entrar em contato próximo, próximo demais, com alguns dos fatos corriqueiros da existência. Não que me incomode de cortar troncos aqui na lama, mas me incomoda o que isso representa. Me incomoda, e muito, a perda da beleza da vida antiga que eu amava. Scarlett, antes da guerra, a vida era linda. Tinha glamour, tinha uma perfeição, uma completude e uma simetria dignas da arte grega. Talvez não fosse assim para todo mundo. Sei disso agora. Mas para mim, morando em Twelve Oaks, viver era uma beleza real. Eu pertencia àquela vida. Era uma parte dela. E agora acabou, e me sinto deslocado nesta nova vida, e com medo. Hoje sei que naquele tempo o que eu via era um teatro de sombras. Evitava tudo que não fosse nebuloso, pessoas e situações reais demais, vitais demais. Me ressentia de qualquer intrusão. Tentei evitar você também, Scarlett. Você era cheia de vida demais, real demais e eu, covarde o bastante para preferir sombras e sonhos.

— Mas… Mas… Melly?

— Melanie é o mais doce dos sonhos e uma parte do meu devaneio. Se não fosse a guerra, eu teria levado a minha vida trancafiado de bom grado em Twelve Oaks, feliz de ver a vida passar sem jamais fazer parte dela. Mas, quando veio a guerra, a vida como ela é se impôs a mim. A primeira vez que entrei em ação… foi em Bull Run, você se lembra… vi meus amigos de infância serem estraçalhados, escutei os cavalos moribundos guincharem e conheci a sensação tenebrosa de ver homens atingidos pelas minhas balas se curvarem e cuspirem sangue. Mas isso não foi o pior da guerra, Scarlett. O pior da guerra foi o tipo de pessoa com que precisei conviver.

“Eu me protegi delas a vida toda, escolhi com cuidado meus poucos amigos. Mas a guerra me mostrou que eu havia criado um mundo próprio habitado por personagens fantasiosos. Me mostrou como de fato são as pessoas, mas não me ensinou a conviver com elas. E tenho medo de jamais aprender. Agora, eu sei que para sustentar minha mulher e meu filho vou precisar abrir espaço no meio de gente com quem nada tenho em comum. Você, Scarlett, está pegando a vida à unha e adaptando-a à sua conveniência. Mas onde eu me encaixo em algum lugar no mundo? Estou com medo, acredite.”

Enquanto ouvia Ashley prosseguir, desolado, em um tom grave e envolvente, expressando uma emoção que ela não conseguia entender, Scarlett se apegava a palavras aqui e acolá, tentando extrair-lhes sentido. Mas as palavras lhe escapavam das mãos como pássaros selvagens. Alguma coisa o instigava, instigava com um aguilhão cruel, mas ela não atinava com o que podia ser.

— Scarlett, não sei exatamente quando percebi com clareza que o meu teatro de sombras havia acabado. Talvez tenha sido nos primeiros cinco minutos em Bull Run, quando vi o primeiro homem que matei cair no chão. Mas percebi que acabara e que eu já não podia mais ser um espectador. De repente me vi no palco, um ator, representando e fazendo gestos inúteis. Meu mundinho interior não existia mais, invadido por gente cujas ideias não eram as minhas, cujas ações me soavam tão estranhas quanto as de um hotentote. Atropelaram meu mundo com pés enlameados e não sobrou um único lugar onde eu pudesse me refugiar quando as coisas ficassem difíceis demais para suportar. Quando estava na prisão, eu pensava: quando a guerra acabar, posso voltar para a minha antiga vida e para os meus velhos sonhos e assistir novamente ao teatro de sombras. Mas, Scarlett, não há como voltar. E o que temos agora é pior do que a guerra, pior do que a prisão… E, para mim, pior do que a morte… Sabe, Scarlett, estou sendo punido por ter medo.

— Mas, Ashley — começou Scarlett, debatendo-se em um atoleiro de perplexidade —, se você tiver medo de morrermos de fome, ora… Ah, Ashley, vamos dar um jeito! Sei que vamos!

Por um instante, os olhos dele voltaram a fitá-la, arregalados e cristalinos, e havia admiração neles. Então, de repente, aqueles olhos ficaram vagos de novo, e ela se deu conta, com um peso no coração, de que ele não estivera pensando

em morrer de fome. Eles sempre pareciam duas pessoas conversando em línguas diferentes. Mas ela o amava tanto que, quando ele se ensimesmava, como fizera agora, era como se o sol quente estivesse se pondo, fazendo-a estremecer sob o sereno frio. Sua vontade era puxá-lo para si e abraçá-lo, convencê-lo de que ela era de carne e osso, e não algo com que ele sonhara ou que havia lido em algum livro. Se ao menos pudesse experimentar aquela sensação de unidade com Ashley pela qual ansiara desde aquele dia, tanto tempo atrás, quando ele voltara da Europa e, parado nos degraus de Tara, sorrira para ela…

— Passar fome não é agradável — disse Ashley. — Sei disso porque passei fome, mas não me mete medo. Tenho medo de enfrentar a vida sem a beleza morosa do nosso mundo que não existe mais.

Scarlett pensou, em desespero, que Melanie entenderia o significado daquelas palavras. Melly e Ashley viviam falando aquele tipo de bobagens, conversando sobre poesia e sonhos e raios de luar e poeira de estrelas. Ele não temia as coisas que Scarlett temia, não temia as cólicas de um estômago vazio, nem a avidez do vento invernal, nem ser despejado de Tara. Ele se encolhia diante de um medo que ela jamais conhecera e não podia imaginar. Pois, Deus do céu, o que havia a temer naquela ruína de mundo senão a fome e o frio e a perda do lar?

E ela tinha pensado que, se ouvisse com atenção, decifraria Ashley.

— Ah! — exclamou, e a decepção em sua voz era a de uma criança que abre um embrulho lindo e descobre que não há nada dentro. O tom de Scarlett levou Ashley a sorrir, pesaroso, como se pedisse desculpas.

— Desculpe, Scarlett, por falar assim. Não posso fazê-la entender porque você não sabe o que é medo. Seu coração é o de um leão e você não tem um pingo de imaginação. Invejo ambas as qualidades. Jamais terá problemas para enfrentar realidades e jamais há de querer fugir delas como eu.

— Fugir?

Era como se aquela fosse a única palavra inteligível dita por ele. Ashley, como ela, se cansara da luta e queria fugir. Sua respiração se acelerou.

— Ah, Ashley — exclamou —, você está errado. Eu também quero fugir. Estou tão cansada de tudo isso!

Descrente, ele arqueou as sobrancelhas, e Scarlett pousou uma das mãos, febril e urgente, em seu braço.

— Ouça — começou rapidamente, atropelando as palavras. — Estou cansada de tudo isso, acredite. Cansada até os ossos, não aguento mais. Lutei para arrumar comida e dinheiro, arranquei mato, capinei, colhi algodão e arei a terra até não suportar mais nem um minuto. Acredite, Ashley, o sul está morto! Morto! Os ianques e os pretos libertos e os *carpetbaggers* tomaram conta de tudo e não sobrou nada para nós. Ashley, vamos fugir!

Ele lhe lançou um olhar penetrante, baixando a cabeça para fitar diretamente seu rosto, agora rubro de emoção.

— Sim, vamos fugir… Largar tudo! Estou cansada de trabalhar para todos. Que outra pessoa cuide deles. Sempre existe alguém para cuidar de quem não pode cuidar de si mesmo. Ah, Ashley, vamos fugir, você e eu. Podemos ir para o México, estão recrutando oficiais para o Exército mexicano, e poderíamos ser bem felizes por lá. Eu faria qualquer coisa por você, Ashley. Sei que você não ama Melanie…

Ele começou a falar, com uma expressão de espanto no rosto, mas ela o interrompeu com mais uma torrente de palavras.

— Você me disse que me amava mais do que a ela naquele dia… Ah, você se lembra daquele dia! E eu sei que você não mudou! Dá para ver que você não mudou! E acabou de falar que Melanie não passa de um sonho… Ah, Ashley, vamos fugir! Posso fazer você muito feliz. E, de todo jeito — acrescentou, venenosa —, Melanie não pode… O dr. Fontaine disse que ela não pode ter mais filhos e eu poderia lhe dar…

Ela sentiu as mãos dele apertarem seus ombros com força bastante para doer e parou de falar, sem fôlego.

— Combinamos de esquecer aquele dia em Twelve Oaks.

— E você acha que eu poderia algum dia esquecer? Você esqueceu? Honestamente, você é capaz de dizer que não me ama?

Ashley respirou fundo e respondeu rapidamente.

— Não, eu não te amo.

— Mentira.

— Ainda que seja mentira — disse ele, com uma voz mortalmente calma —, esse não é um assunto para ser conversado.

— Você está dizendo…

— Acha que eu poderia fugir e deixar Melanie e o bebê, mesmo que odiasse os dois? Partir o coração de Melanie? Entregar ambos à caridade de amigos? Scarlett, você enlouqueceu? Não existe um pingo de lealdade no seu coração? Você não poderia deixar seu pai e as meninas. Eles são responsabilidade sua, assim como Melanie e Beau são responsabilidade minha, e, por mais cansada que esteja, eles estão aqui e você tem que aguentá-los.

— Eu poderia deixá-los… Estou farta deles… cansada deles…

Ele se inclinou para ela e, por um instante, Scarlett pensou, com o coração aos pulos, que fosse abraçá-la. Em vez disso, porém, Ashley afagou de leve seu braço e falou como alguém que consola uma criança.

— Sei que você está farta. Por isso fala desse jeito. Vem carregando um fardo que três homens talvez não aguentassem. Mas vou ajudá-la… Vou deixar de ser tão desajeitado…

— Só existe uma maneira de você me ajudar — disse ela, impaciente. — Me leve embora daqui e dê a nós dois a oportunidade de recomeçar em outro lugar, uma chance de sermos felizes. Não há nada que nos prenda aqui.

— Nada — respondeu ele, baixinho. — Nada… A não ser a honra.

Ela o fitou, perplexa e desejosa, e viu, como se pela primeira vez, que as curvas dos seus cílios eram douradas como trigo maduro, viu com quanta altivez sua cabeça se assentava sobre o pescoço desnudo e como os traços inconfundíveis da raça e da dignidade persistiam naquele corpo ereto e esbelto, mesmo envolto em farrapos grotescos. Seus olhares se encontraram, o dela ostensivamente suplicante, o dele, distante como lagos montanheses sob um céu de tempestade.

Ela viu ali a derrota do seu sonho insano, dos seus desejos tresloucados.

Tristeza e cansaço a abateram de repente, e ela pôs a cabeça entre as mãos e chorou. Ashley jamais a vira chorar. Jamais imaginara que mulheres tão destemidas tinham lágrimas, e uma onda de ternura e remorso o assaltou. Aproximou-se rapidamente e em um instante já a tinha nos braços, embalando-a para consolá-la, apertando sua cabeça de encontro ao coração e sussurrando:

— Minha querida! Minha corajosa Scarlett, não chore! Não precisa chorar!

Ele percebeu que ela mudou dentro do seu abraço e sentiu loucura e magia naquele corpo esbelto que segurava. Nos olhos verdes que o fitavam havia um

brilho cálido e suave. De repente, não estavam mais no inverno sombrio. Para Ashley, a primavera estava de volta, uma primavera branda e quase esquecida, com sussurros e murmúrios de folhas, uma primavera de sossego e indolência, de dias descuidados, em que os desejos da juventude latejavam em seu corpo. Os anos amargos que vieram depois se evaporaram. Eram vermelhos e trêmulos os lábios que se ofereciam aos seus, e ele a beijou.

Nos ouvidos de Scarlett, um estranho troar grave lembrou-lhe o som no interior das conchas, e acima desse som ela conseguia ouvir o coração bater descompassado. Seus corpos pareceram se fundir e, por um tempo atemporal, os dois foram um só enquanto os lábios famintos dele tomavam os dela, famintos, insaciáveis.

Quando finalmente ele a soltou, Scarlett cambaleou e segurou com força a cerca para se apoiar. Ergueu para ele os olhos flamejantes de paixão e triunfo.

— Você me ama, sim! Você me ama, sim! Confesse… Confesse!

As mãos dele continuavam pousadas em seus ombros, e ela sentiu que tremiam e amou aquele tremor. Inclinou-se ardentemente para ele, que, no entanto, a manteve afastada, fitando-a com olhos dos quais todo o distanciamento sumira, olhos atormentados por conflito e desespero.

— Não! — exclamou ele. — Não! Se você fizer isso, vou possuí-la agora, aqui.

O sorriso de Scarlett foi ardente e radiante, sem lembrança de tempo ou lugar ou de qualquer outra coisa que não os lábios dele nos dela.

De repente, ele a sacudiu, sacudiu-a tão forte que lhe desmanchou os cabelos, que se derramaram sobre os ombros, sacudiu-a como se estivesse enfurecido com ela… consigo mesmo.

— Não vamos fazer isso! — disse. — Estou lhe dizendo que não vamos fazer isso!

Parecia que seu pescoço se partiria se fosse sacudida de novo. Não podia enxergar por causa do cabelo e estava espantada com a atitude dele. Conseguiu se libertar e encarou-o. Viu pequenas gotas de suor em sua testa, e os punhos estavam cerrados como garras, como se ele estivesse sofrendo. Ele a encarou de volta, os olhos cinzentos penetrantes.

— É tudo culpa minha… Você não tem culpa, e jamais vai acontecer de novo, porque vou pegar Melanie e o bebê e ir embora.

— Ir embora? — gritou ela, angustiada. — Ah, não!

— Sim, eu juro por Deus! Você acha que vou ficar aqui depois disso? Sabendo que pode acontecer de novo…

— Mas, Ashley, você não pode ir embora. Por que ir embora? Você me ama…

— Você quer que eu diga? Muito bem, eu direi. Eu te amo.

Inclinou-se para ela com uma súbita selvageria que a fez recuar até a cerca.

— Amo você, a sua coragem e a sua teimosia e o seu fogo e a sua absoluta impiedade. De que tamanho é esse amor? Tão grande que um instante atrás eu teria ultrajado a hospitalidade desta casa que abrigou a mim e a minha família, teria esquecido a melhor esposa que um homem poderia ter… Um amor suficiente para possuir você na lama, como um…

Ela lutava contra o caos de pensamentos, e sentiu uma dor fria no coração, como se um pedaço afiado de gelo o tivesse perfurado. Disse, hesitante:

— Se você se sentiu assim… E não me possuiu… É porque não me ama.

— Jamais conseguirei fazê-la entender.

Os dois se calaram e se olharam. De repente, Scarlett estremeceu e viu, como se estivesse voltando de uma longa viagem, que era inverno e que os campos estavam nus e áridos, o capim queimado, e sentiu muito frio. Também viu que a velha expressão distante de Ashley, aquela que ela tão bem conhecia, voltara, e também era invernal e dura de mágoa e remorso.

Teria dado meia-volta e o deixado então, buscando o abrigo da própria casa para se esconder, mas estava por demais exausta para se mexer. Até falar era trabalhoso e exaustivo.

— Não sobrou nada — disse, afinal. — Não sobrou nada para mim. Nada para amar. Nada pelo que lutar. Você já está perdido e logo Tara estará.

Ele a olhou por um longo tempo e então, se abaixando, pegou um pequeno punhado de barro vermelho no chão.

— Sim, sobrou alguma coisa — respondeu, e o fantasma de um sorriso lhe aflorou aos lábios, um sorriso que zombava dele tanto quanto dela. — Algo que você ama mais do que a mim, embora talvez não saiba. Você ainda tem Tara.

Pegando-lhe a mão inerte, pôs ali o barro úmido e fechou os dedos dela à volta. Suas mãos não estavam febris agora, nem as dela. Scarlett olhou para o barro vermelho um instante e não viu qualquer significado ali. Olhou para Ashley e se deu conta vagamente de que havia nele uma integridade que as mãos apaixonadas dela, ou quaisquer outras, não tinham o direito de arrancar.

Ele jamais deixaria Melanie, por nada no mundo. Ainda que desejasse Scarlett até o final da vida, jamais a possuiria, e iria lutar para mantê-la à distância. Nunca mais ela penetraria aquela armadura. As palavras hospitalidade, lealdade e honra significavam mais para Ashley do que ela.

O barro era frio em sua mão e ela tornou a olhá-lo.

— Sim — falou. — Ainda tenho isto.

De início, as palavras não fizeram sentido, e o barro não passava de barro vermelho. Mas, sem aviso, assaltou-a a imagem do mar de terra vermelha que cercava Tara e a sensação de quanto amava aquela terra e lutara para conservá-la… E do tanto que teria de lutar se quisesse conservá-la dali em diante. Tornou a olhar para Ashley e se perguntou onde teria ido parar aquela onda de ardor. Continuava a pensar, mas não conseguia sentir coisa alguma, nem por ele nem por Tara, pois toda a sua emoção havia sido sugada.

— Você não precisa ir embora — disse ela com clareza. — Não vou permitir que vocês todos morram de fome simplesmente porque me atirei a seus pés. Não acontecerá de novo.

Virou-se, então, e começou a caminhar em direção à casa, cruzando os campos áridos, amarrando o cabelo em um coque na nuca. Ashley observou-a partindo e viu quando ela aprumou os ombros esbeltos. Aquele gesto lhe falou mais ao coração do que as palavras que ouvira da sua boca.

Capítulo 32

Ela continuava apertando na mão a bola de barro quando subiu a escada da frente. Havia propositalmente evitado a entrada dos fundos, pois os olhos perspicazes de Mammy com certeza perceberiam que havia algo de muito errado. Scarlett não queria ver Mammy nem qualquer outra pessoa. Achou que não conseguiria suportar ver ou conversar com alguém. Não sentia nenhuma vergonha, decepção ou amargura agora, apenas uma fraqueza nos joelhos e um vazio no coração. Apertava com tanta força o barro que ele escorria do seu punho fechado, e repetia vez após vez, como um papagaio:

— Ainda tenho isto. Sim, ainda tenho isto.

Nada mais era seu, nada, salvo aquela terra vermelha, aquela terra que pensara em jogar fora como um lenço rasgado, apenas poucos minutos atrás. Agora ela voltara a lhe ser cara, e Scarlett se perguntou, entorpecida, que loucura a possuíra a ponto de considerá-la tão insignificante. Se Ashley tivesse cedido, ela talvez partisse com ele, abandonando a família e os amigos sem olhar para trás. Mesmo nesse torpor, porém, sabia que o sofrimento de deixar aqueles morros vermelhos, as ravinas sulcadas e os altos pinheiros negros lhe partiria o coração. Voltaria a pensar neles, sedenta, até morrer. Nem mesmo Ashley conseguiria encher os espaços ocos em seu coração deixados pelo abandono de Tara. Quanta sabedoria havia em Ashley e como ele a conhecia bem! Simplesmente pusera a terra úmida em sua mão para chamá-la de volta à razão.

Estava no corredor se preparando para fechar a porta quando ouviu o ruído de cascos de cavalo e se virou para ver quem chegara. Receber visitas justo naquele momento era demais. Correria para o quarto pretextando uma dor de cabeça.

Mas, quando a carruagem se aproximou, o desejo de fugir foi substituído por espanto. Era uma carruagem nova, com o verniz tinindo, e os arreios eram novos também, ornamentados com metal polido aqui e acolá. Desconhecidos, decerto. Ninguém que ela conhecesse tinha dinheiro para tamanha extravagância.

Ficou parada à porta observando, o vento frio agitando sua saia em volta dos tornozelos molhados. Então a carruagem parou em frente à casa e Jonas Wilkerson saltou. Scarlett ficou tão surpresa ao ver o ex-feitor na boleia de um veículo tão luxuoso e vestindo um sobretudo tão esplêndido que, por um instante, não acreditou nos próprios olhos. Will lhe contara que
Wilkerson vinha ostentando abastança desde que conseguira o novo emprego no Departamento de Libertos. Ganhou um bocado de dinheiro, dissera Will, enredando os negros ou o governo, ou ambos, ou confiscando o algodão dos fazendeiros e jurando que ele pertencia ao governo confederado. Sem dúvida, não fizera dinheiro honestamente naqueles tempos difíceis.

E ali estava agora, saltando de uma carruagem elegante e ajudando a descer dela uma mulher vestida de um jeito extravagante. Scarlett viu de imediato que a cor do vestido era tão berrante que beirava a vulgaridade, mas, mesmo assim, seu olhar devorou avidamente a roupa. Fazia tanto tempo que não via figurinos novos e na moda… Muito bem! Então as anáguas não estão tão avantajadas este ano, pensou, registrando os detalhes da roupa de xadrez vermelho. E, ao observar o bolero de veludo preto, pensou: como estão curtos os casacos! E que chapéu! Os de aba dura deviam ter saído de moda, pois aquele era apenas uma coisa achatada de veludo vermelho empoleirada no alto da cabeça da mulher como uma panqueca endurecida. As fitas não se amarravam sob o queixo, como era com os de aba dura, mas na nuca, sob o volumoso apanhado de cachos que caíam da parte de trás do chapéu, cachos que Scarlett não pôde deixar de reparar que não eram nem da mesma cor nem da mesma textura que o cabelo da sua dona.

Quando a mulher pisou no chão e olhou para a casa, Scarlett notou algo familiar em seu rosto de coelho emplastado de pó de arroz.

— Nossa, é Emmie Slattery! — exclamou, tamanha a sua surpresa.

— Sim, senhora, sou eu — disse Emmie, jogando a cabeça para trás e sorrindo sedutoramente ao se dirigir para a escada.

Emmie Slattery! A vadia imunda de cabelo pintado de loiro, cujo bebê ilegítimo Ellen batizara. Emmie, que passou tifo para Ellen e a matou. Aquela mulher abominável toda empetecada, vulgar, aquela ralé branca, estava subindo as escadas de Tara, cheia de si e sorrindo, como se ali fosse o seu lugar. Scarlett

pensou em Ellen e, de súbito, seu coração vazio se encheu de uma fúria assassina tão grande que a fez estremecer como uma febre.

— Pare já aí, sua sirigaita ordinária! — gritou. — Saia daqui! Fora!

O queixo de Emmie caiu de repente, e ela olhou para Jonas, que se aproximou com a testa franzida, tentando manter a dignidade, a despeito da raiva.

— Você não pode falar desse jeito com a minha esposa — disse.

— Esposa? — repetiu Scarlett, soltando uma gargalhada cheia de desprezo. — Já era hora de você fazer dela sua esposa. Quem batizou seus outros moleques, depois que você matou a minha mãe?

Emmie emitiu um "Oh!" e recuou rapidamente, mas Jonas a impediu de fugir para a carruagem segurando com força seu braço.

— Viemos aqui fazer uma visita… Uma visita amigável — rosnou ele. — E para falar de negócio com velhos amigos…

— Amigos? — indagou Scarlett, em um tom que soou como uma chibatada. — Quando é que fomos amigos de gente da sua laia? Os Slatterys viveram da nossa caridade e retribuíram matando mamãe… E você… Você… Papai despediu você por conta do filho de Emmie e você sabe disso. Amigos! Saiam já daqui, ou eu chamo o sr. Benteen e o sr. Wilkes.

Ao ouvir tais palavras, Emmie soltou-se do marido e correu para a carruagem, entrando rapidamente e deixando ver de relance as botas de couro com biqueiras e arremates vermelhos.

Jonas agora tremia de fúria, uma fúria igual à de Scarlett, e o rosto flácido ficou vermelho como a cabeça de um peru pronto para a luta.

— Continua presunçosa e arrogante, não é? Pois bem, sei tudo sobre você. Sei que não tem sapato para calçar. Sei que seu pai ficou lerdo…

— Fora daqui!

— Ah, não vai cacarejar assim muito tempo. Sei que está falida. Sei que não pode sequer pagar os impostos. Vim aqui para lhe fazer uma oferta de compra. Uma oferta justa. Emmie demonstrou desejo de morar aqui. Mas, Deus do céu, não lhe darei um centavo agora! Essa irlandesa de nariz empinado vai descobrir quem dá as ordens quando a fazenda for leiloada por falta de pagamento dos impostos. E então eu a compro, de porteira fechada, com móveis e tudo o mais, e venho morar aqui.

Então o interessado em Tara era Jonas Wilkerson. Jonas e Emmie, que de algum jeito torto acharam por bem se vingar das humilhações do passado morando na casa onde haviam sido humilhados. Seus nervos latejavam de ódio como tinham latejado no dia em que enfiou o cano da pistola no rosto barbado do ianque e disparou. Como queria estar com aquela pistola agora!

— Vou pôr esta casa abaixo, pedra por pedra, e queimá-la e semear sal em cada hectare antes que um de vocês passe por esta porta — gritou. — Saiam daqui, estou mandando! Fora!

Jonas lhe lançou um olhar furioso, fez menção de dizer mais alguma coisa e depois voltou para a carruagem. Subiu e se sentou ao lado da esposa chorosa e fez a volta. Quando iam saindo, Scarlett sentiu vontade de cuspir neles. E cuspiu. Sabia que era um gesto vulgar, infantil, mas se sentiu melhor depois. Gostaria de ter feito isso enquanto eles ainda podiam vê-la.

Aqueles malditos amantes de negros ousando pisar ali e atirar nela a própria pobreza! Aquele perdigueiro jamais pretendera fazer uma proposta para comprar Tara. Apenas usara isso como desculpa para vir, junto com Emmie, se exibir para ela. Aqueles *scallawags* nojentos, aquela ralé branca abominável e pobretona, se gabando de virem morar em Tara!

Então, subitamente, o medo a assaltou e a raiva derreteu. Pelo manto do Senhor! Eles virão morar em Tara! Não havia nada a fazer para impedi-los de reivindicar cada espelho e cada mesa e cama, o mogno e o jacarandá polidos de Ellen e tudo que lhe era precioso, por mais conspurcado que estivesse pelas pilhagens dos ianques. E a prata Robillard, também. Não vou deixar, pensou Scarlett com veemência. Não. Nem se eu tiver de botar fogo em tudo! Emmie Slattery jamais porá os pés em um centímetro de assoalho em que mamãe pisou!

Fechou a porta e se apoiou nela. Estava muito amedrontada. Mais amedrontada até do que se sentira no dia em que o Exército de Sherman esteve na casa. Naquele dia, o pior a temer era que Tara fosse incendiada. Mas aquilo agora conseguia ser pior ainda — aquelas criaturas vulgares morando ali, se gabando para os amigos da mesma laia sobre como haviam posto os O’Hara para correr. Talvez até mesmo trouxessem negros para jantar e dormir. Will contara que Jonas fazia um grande estardalhaço quanto a ser igual aos negros, comia

com eles, visitava suas casas, levava-os para passear de carruagem, abraçava-lhes os ombros.

Quando pensava na possibilidade daquele derradeiro insulto a Tara, Scarlett sentia o coração bater tão forte que mal conseguia respirar. Tentou distrair as ideias daquele problema, procurar alguma saída, mas toda vez que botava os pensamentos em ordem novas ondas de raiva e medo a sacudiam. Tem de haver alguma saída, tem de haver alguém em algum lugar com dinheiro para emprestar. O dinheiro não podia simplesmente virar pó e se evaporar. Alguém devia ter dinheiro. Então, recordou as palavras desdenhosas de Ashley: "Somente uma pessoa, Rhett Butler… tem dinheiro."

Rhett Butler. Scarlett entrou rapidamente na sala e fechou a porta. O lusco-fusco das cortinas fechadas e do crepúsculo invernal se fechou sobre ela. Ninguém pensaria em procurá-la ali, e precisava de tempo para pensar sem ser incomodada. A ideia que acabava de lhe ocorrer era tão simples que se surpreendeu por não haver pensado naquilo antes.

— Vou conseguir dinheiro com Rhett. Vender a ele os brincos de brilhante. Ou pegar emprestado o dinheiro e deixar os brincos como garantia.

Por um instante, o alívio foi tamanho que ela sentiu fraqueza. Pagaria os impostos e riria na cara de Jonas Wilkerson. Mas logo em seguida dessa ideia maravilhosa veio uma constatação incontornável.

*Não é só este ano que vou precisar de dinheiro para os impostos. Tem o ano que vem e todos os anos da minha vida. Se eu pagar desta vez, vão aumentar mais ainda os impostos na próxima vez, até me expulsarem daqui. Se eu tiver uma boa colheita de algodão, vão taxá-la até que eu não ganhe nada ou quem sabe confiscá-la na hora e dizer que é algodão confederado. Os ianques e os patifes que se juntaram a eles me têm nas mãos. Toda a minha vida, até morrer, terei medo de ser pega, seja como for. Vou viver sempre apavorada e correndo atrás de dinheiro, vou trabalhar que nem uma condenada só para ver meu trabalho não valer nada e meu algodão ser roubado… Conseguir trezentos dólares para os impostos servirá apenas de tapa-buraco. O que quero é sair dessa situação difícil para poder dormir sem me preocupar com o que possa acontecer amanhã, e no mês que vem e no an*o que vem.

Sua cabeça estava trabalhando. Fria e logicamente, uma ideia cresceu em sua mente. Pensou em Rhett, um lampejo de dentes alvos contra a pele morena, os olhos sardônicos acariciando-a. Lembrou-se da noite de verão em Atlanta, próximo ao fim do cerco, quando, sentado na varanda da tia Pitty e meio escondido pela escuridão estival, ele pousou a mão quente em seu braço e disse: "Desejo você mais do que já desejei qualquer outra mulher… E esperei mais por você do que por qualquer outra."

Vou me casar com ele, pensou friamente. *E nunca mais vou precisar me preocupar com* dinheiro.

Ai, ideia abençoada, mais doce que a esperança de ir para o céu. Nunca mais se preocupar com dinheiro, saber que Tara estaria segura, que a família não passaria fome nem frio, que jamais precisaria dar cabeçadas em paredes!

Sentiu-se muito velha. Os acontecimentos da tarde a tinham drenado de toda a emoção: primeiro, a notícia espantosa dos impostos, depois Ashley e, por último, sua raiva assassina de Jonas Wilkerson. Não sobrara um átimo de emoção nela. Se toda a sua capacidade de sentir não estivesse por completo esgotada, algo lá no fundo haveria de protestar contra o plano que adquiria contornos em sua mente, pois odiava Rhett mais do que a qualquer outra pessoa no mundo. No entanto, nada conseguia sentir. Podia apenas pensar, e os pensamentos eram muito pragmáticos.

Falei coisas horríveis para ele naquela noite, quando nos largou na estrada, mas vou fazer com que se esqueça, pensou com desdém, ainda confiante em sua capacidade de encantar. *Minha candura será inquestionável quando eu estiver a seu lado. Vou fazer com que pense que sempre o amei e só estava nervosa e amedrontada naquela noite. Ora, os homens são tão presunçosos que acreditam em todo tipo de lisonjas… Não posso deixá-lo sequer sonhar que estamos com tamanhos problemas, não até fisgá-lo. Ah, não, ele não pode saber! Se tiver a mínima suspeita sobre a extensão da nossa pobreza, vai ver que é atrás do seu dinheiro que estou. Afinal, não há chance de que ele desconfie, já que nem a tia Pitty sabe do pior. E, depois que nos casarmos, ele terá de nos ajudar. Não poderá deixar a família da esposa pa*ssar fome.

Esposa. Sra. Rhett Butler. Uma pontada de repulsa, enterrada sob o raciocínio frio, se fez sentir de leve e depois passou. Scarlett lembrou-se dos

acontecimentos vergonhosos e desagradáveis da rápida lua de mel com Charles, daquelas mãos insistentes, dos seus modos desajeitados, das emoções incompreensíveis… E de Wade Hampton.

Não quero pensar nisso agora. Vou me preocupar depois do casamento…

Depois que se casasse com ele. A lembrança disparou um alarme. Um arrepio lhe desceu pela espinha. Lembrou-se novamente daquela noite na varanda da tia Pitty, lembrou-se de como perguntara a ele se aquilo era um pedido de casamento, lembrou-se da gargalhada odiosa de Rhett e do que ouvira: "Minha querida, não sou o tipo de homem que se casa."

E se continuasse assim? E se, a despeito de todo o charme e de todos os artifícios dela, ele se recusasse a ser seu marido? E — que pensamento terrível! — se a tivesse esquecido por completo e estivesse interessado por outra? "Desejo você mais do que já desejei qualquer mulher…"

Scarlett enterrou as unhas nas palmas das mãos quando cerrou os punhos. *Se ele tiver me esquecido, farei com que se lembre de mim. Farei com que volte a m*e desejar.

E, se não quisesse saber de casamento, mas continuasse a desejá-la, havia um jeito de conseguir o dinheiro. Afinal, ele já lhe propusera um dia ser sua amante.

Na penumbra da sala de estar, Scarlett travou uma breve batalha decisiva com os três pilares mais relevantes da sua alma — a lembrança de Ellen, os ensinamentos religiosos e o amor por Ashley. Sabia que a ideia que tivera pareceria horripilante à mãe, mesmo naquele Paraíso distante onde decerto se encontrava agora. Sabia que fornicação era um pecado mortal. E sabia que, amando Ashley como amava, seu plano equivalia a uma dupla prostituição.

Mas tudo isso foi sufocado ante a frieza impiedosa de sua mente e o ferrão do desespero. Ellen estava morta e talvez a morte ensejasse a compreensão de todas as coisas. A religião proibia a fornicação, punida com o fogo do inferno, mas se a Igreja achava que ela deixaria que alguma coisa a impedisse de salvar Tara e a própria família da miséria e da fome… Ora, isso era problema da Igreja. Ela não desistiria. Ao menos, não agora. E Ashley… Ashley não a queria. Sim, ele a queria. A lembrança daquela boca ardente na sua lhe confirmava isso. Mas jamais fugiria com ela. O estranho era que fugir com Ashley não lhe parecia pecado, mas com Rhett…

No crepúsculo sonolento da tarde invernal, ela chegou ao final da longa estrada que começara a trilhar na noite em que Atlanta caiu. Havia posto o pé naquela estrada como uma garota mimada, egoísta e inexperiente, cheia de juventude, palpitante de emoção e enfeitiçada pela vida. Agora, no final da estrada, nada sobrara daquela garota. A fome e o trabalho duro, o medo e a extenuação constante, o terror da guerra e o terror da Reconstrução tinham levado embora o ardor, a juventude e a ternura. Uma carapaça se formara em torno do seu âmago e, pouco a pouco, camada por camada, a carapaça fora endurecendo ao longo daqueles meses inacabáveis.

Mas até aquele dia duas esperanças a tinham sustentado. Nutrira a esperança de que, acabada a guerra, a vida gradualmente retomasse sua velha aparência. Nutrira a esperança de que a volta de Ashley devolvesse algum significado à vida. Ambas não mais existiam. A presença de Jonas Wilkerson na entrada de Tara a fizera perceber que, para todo o Sul, a guerra jamais acabaria. A luta mais implacável e as retaliações mais brutais estavam apenas começando. E Ashley seria para sempre refém das palavras, e não havia no mundo prisão pior que essa.

A paz a decepcionara, e Ashley a decepcionara, ambas as coisas no mesmo dia, e foi como se a última fissura na carapaça tivesse sido cimentada, a camada derradeira, sedimentada. Scarlett se tornara o que a avó Fontaine alertara: uma mulher que vira o pior e por isso nada tinha a temer. Nem a vida, nem a mãe, nem a perda do amor, nem a opinião pública. Apenas a fome e o pesadelo da fome podiam lhe causar medo.

Uma sensação curiosa de leveza, de liberdade, perpassou-a agora que finalmente escudara o coração contra tudo que a ligava aos velhos tempos e à antiga Scarlett. Tomara uma decisão e, graças a Deus, não sentia medo. Nada tinha a perder e estava decidida.

Se ao menos pudesse persuadir Rhett a se casar com ela, tudo seria perfeito. Mas se não conseguisse… Bem, arrumaria o dinheiro do mesmo jeito. Por um instante, perguntou-se com uma curiosidade impessoal o que era esperado de uma amante. Acaso Rhett insistiria em mantê-la em Atlanta, como diziam que mantinha a tal da Watling? Se a obrigasse a ficar em Atlanta, ele teria de pagar bem… O suficiente para compensar o que a sua ausência em Tara custaria. Scarlett ignorava por completo o lado oculto dos homens e não tinha como saber

exatamente o que tal acordo abrangeria. E se perguntou se teria um filho. Isso seria especialmente terrível.

Não vou pensar nisso agora. Pensarei depois. E empurrou a ideia inconveniente para o fundo do baú da sua mente, para que não atrapalhasse a decisão tomada. Diria à família naquela noite que iria a Atlanta tentar conseguir dinheiro emprestado, tentar hipotecar a fazenda, se necessário. Bastava, por ora, que soubessem disso. Até o dia fatídico em que descobrissem que não era bem assim.

Com um plano de ação, seu queixo se ergueu e os ombros se empertigaram. Sabia que as coisas não seriam fáceis. Antes, havia sido Rhett a pedir favores e ela, a detentora do poder. Agora, ela era uma pedinte e lhe faltava o poder para impor condições. *Mas não vou procurá-lo como uma pedinte. Vou como uma rainha que concede favores. Ele jama*is saberá.

Aproximou-se do espelho comprido entre as janelas e conferiu o reflexo, a cabeça altiva. E viu uma estranha no aço emoldurado em dourado. Foi como se estivesse se vendo de verdade pela primeira vez em um ano. Olhara-se no espelho todas as manhãs para conferir se o rosto estava limpo e o cabelo, penteado, mas sempre pressionada demais por outras questões para enxergar de fato. Mas essa estranha! Sem dúvida, aquela mulher de rosto encovado não podia ser Scarlett O'Hara! Scarlett O'Hara tinha um rosto bonito, coquete, vivaz. Aquele rosto para o qual olhava não era nadinha bonito e não tinha o charme de que ela tão bem se lembrava. Aquele rosto era pálido e tenso, e as sobrancelhas negras acima dos olhos verdes oblíquos se destacavam dolorosamente de encontro à pele alva, mais parecendo asas de um pássaro assustado. Havia naquele rosto uma expressão dura e acossada. *Não sou bonita o bastante para fisgá-lo!*, pensou, e o desespero voltou. *Estou magra… Nossa, horrivelme*nte magra!

Deu tapinhas nas bochechas e apalpou, freneticamente, as clavículas, sentindo cada uma se destacar através da roupa. E os seios eram tão pequenos… Quase tão pequenos quanto os de Melanie. Teria de usar enchimentos para que parecessem maiores, e sempre desprezara as moças que recorriam a tais subterfúgios. Enchimentos! Isso trouxe à tona outra questão. Suas roupas. Baixou os olhos para o vestido, abrindo entre as mãos as pregas remendadas.

Rhett gostava de mulheres bem-vestidas, na moda. Lembrou-se com saudade do vestido verde de babados que usara assim que tirou o luto, o vestido que combinava com o chapéu verde emplumado que ele lhe trouxera, e recordou também os elogios que dele recebera. Igualmente se lembrou, com uma raiva acentuada pela inveja, do vestido xadrez vermelho, das botas arrematadas de franjas e do chapéu de panqueca de Emmie Slattery. Eram vulgares, porém novos e na moda e com certeza chamavam atenção. E, ai, como ela queria chamar atenção! Sobretudo a de Rhett Butler! Se ele a visse vestindo roupas velhas, saberia que tudo ia mal em Tara. E ele não podia saber.

Que tolice pensar que podia ir a Atlanta e pô-lo na palma da mão, ela com aquele pescoço descarnado, olhos de gato faminto e vestida de andrajos! Se não conseguira arrancar dele um pedido de casamento no auge da beleza, quando possuía as roupas mais lindas, como esperava conseguir agora, feia e malvestida? Se as histórias da srta. Pitty fossem verdade, Rhett devia ter mais dinheiro do que qualquer outro em Atlanta e provavelmente podia escolher entre as mulheres mais bonitas, boas e más. *Bom,* pensou com amargura, *tenho uma coisa que a maioria das mulheres bonitas não tem… Determinação. E se me restasse um único vesti*do bonito…

Não havia em Tara um vestido bonito, ou um vestido que já não tivesse sido virado do avesso duas vezes e remendado.

É isso, pensou Scarlett, desconsolada, fixando o olhar no chão. Viu o tapete de veludo verde-musgo de Ellen, agora surrado e puído, rasgado e manchado por conta dos inúmeros homens que haviam dormido nele, e a visão deprimiu-a mais ainda, pois a fez perceber que Tara estava tão maltrapilha quanto ela. Todo o aposento penumbroso a deprimiu e, aproximando-se da janela, abriu as persianas e deixou que o último raio do sol de inverno entrasse na sala. Fechou a janela e encostou a cabeça na cortina de veludo, olhando através do pasto árido para os cedros escuros do cemitério.

Sentiu as cortinas de veludo verde-musgo felpudas e macias sob o queixo e esfregou nelas o rosto com gratidão, como uma gata. Então, de repente, olhou-as com atenção.

Um minuto depois, já estava arrastando uma mesa de tampo de mármore pela sala, as rodinhas enferrujadas rangendo em protesto. Pôs a mesa debaixo da

janela, ergueu a saia e subiu nela, ficando na ponta dos pés para alcançar o pesado pau da cortina, que estava quase fora do alcance. Puxou com tal impaciência que os pregos se soltaram da madeira e a cortina, com o pau e tudo, desabou com um baque.

Como em um passe de mágica, a porta da sala se abriu e o rosto largo e negro de Mammy ali surgiu, uma curiosidade ardente e uma surpresa profunda evidentes em cada ruga. Mammy olhou com desaprovação para Scarlett, empoleirada sobre o tampo da mesa, a saia acima dos joelhos, prestes a pular para o chão. Havia em seu rosto uma expressão de excitação e triunfo que imediatamente deixaram Mammy desconfiada.

— Qui c'ocê tá prontando c'os pano de janela da sinhá Ellen? — perguntou.

— O que você está aprontando escutando atrás da porta? — indagou Scarlett, pulando com agilidade para o chão e arrebanhando metros de veludo pesado e empoeirado.

— Num carece di iscutá pra sabê — retrucou Mammy, armando-se para o embate. — Ocê num tem nada qui mexê nus pano di janela da sinhá Ellen, rancando us prego da madêra i jogando tudim nu chão sujo. A sinhá Ellen tinha um bucado di ciúme desses pano i num ia gostá nadinha d'ocê bagunçano eles.

Scarlett pousou os olhos verdes em Mammy, olhos febrilmente matreiros, olhos que lembravam os da menina arteira dos bons e velhos tempos, cuja lembrança arrancava tantos suspiros de Mammy.

— Corra lá no sótão e traga a minha caixa de moldes, Mammy — disse ela, dando um leve empurrão na mulher mais velha. — Vou fazer um vestido novo.

Mammy ficou dividida entre a indignação ante a mera ideia de obrigar seu corpanzil de mais de noventa quilos a correr, ainda mais até o sótão, e o surgimento de uma suspeita pavorosa. Rapidamente arrancou de Scarlett os metros de cortina, apertando-os de encontro aos seios monumentais e flácidos como se fossem relíquias sagradas.

— Num vai ser c'as curtina da sinhá Ellen qui ocê vai fazê vistido ninhum, si é u qui tá pensano. Não inquanto eu rispirá!

Por um instante, a expressão que Mammy chamaria de "cabeça-dura" se instalou no rosto de sua jovem ama, para depois se transformar em um sorriso,

que para Mammy era praticamente irresistível. Mas o sorriso não enganou a velha, que sabia que com ele tudo que a moça pretendia era meramente manipulá-la, e, naquele caso, ela estava decidida a não se deixar manipular.

— Mammy, não seja má. Vou até Atlanta para conseguir dinheiro emprestado e preciso de um vestido novo.

— Pricisa coisa ninhuma di vistido novo. Muié ninhuma tem vistido novo. Todo mundo tá usano us veio i cum muito orguio. Num tem pruquê a fia da sinhá Ellen num podê usá um trapo si quisé i todo mundo respeitá ‘gual qui seda.

A expressão de cabeça-dura retornou. *Cruz credo, a sinhazinha Scarlett dispois que cresceu t*á *ficando mais qui nem u sinhô Gerald i menos qui nem a si*nhá Ellen!

— Bom, Mammy, você sabe que a tia Pitty escreveu contando que a srta. Fanny Elsing se casa este sábado e logicamente pretendo ir ao casamento. E vou precisar de um vestido novo.

— U vistido c’ocê visti vai sê bunito qui nem u da noiva. A sinhazinha Pitty falô qui us Elsing tão pobre di doê.

— Mas eu preciso de um vestido novo! Mammy, você não sabe como estamos precisando de dinheiro. Os impostos…

— Tá. Tô sabendo dos imposto, mas…

— Você sabe?

— Deus mi deu ovido, né não? Pra quê? Pr’ovi, né? Inda mais qui u sinhô Will nunca si dá u trabaio di fechá a porta.

Haveria algo que Mammy deixasse passar? Que não desse um jeito de escutar? Scarlett se perguntou como aquele corpo portentoso, que sacudia o assoalho ao andar, conseguia se locomover com tamanha sutileza, quando o propósito era xeretar.

— Ora, se você ouviu tudo isso, suponho que ouviu Jonas Wilkerson e aquelazinha da Emmie…

— Ovi, sim, sinhora — confirmou Mammy, com o olhar em brasa.

— Então não seja uma mula, Mammy. Não vê que preciso ir a Atlanta arrumar dinheiro para os impostos? Tenho de arranjar algum dinheiro. Preciso! — exclamou, batendo com um punho delicado no outro. — Pelo amor de Deus, Mammy, eles vão nos botar na rua, e então para onde iremos? Você vai discutir

comigo uma insignificância como as cortinas, agora que aquela sirigaita da Emmie Slattery, que matou a mamãe, pôs na cabeça vir morar nesta casa e dormir na cama em que a mamãe dormia?

Mammy alternou o peso de um pé para o outro, como um elefante impaciente. Teve uma leve sensação de estar sendo manipulada.

— Não, sinhazinha. Num quero vê a sirigaita na casa da sinhá Ellen nem nós tudo na estrada, mas… — Ela fitou Scarlett com súbita reprovação no olhar. — Di quem ocê qué rancá dinheiro pra pricisá tanto di vistido novo?

— Isso — respondeu Scarlett, se sentindo acuada — é da minha conta.

Mammy a encarou com uma expressão incisiva, exatamente como costumava fazer quando Scarlett era pequena e tentava, sem sucesso, achar desculpas plausíveis para suas travessuras. Parecia estar lendo a mente da ama, e Scarlett baixou os olhos involuntariamente, experimentando a primeira pontada de culpa pela conduta que pretendia adotar.

— Ocê pricisa d'um vistido novinho pra consigui u dinheiro imprestado. Isso aí num tá mi agradano. I tomém num disse donde vai vim u dinheiro.

— Não vou dizer nada — retrucou Scarlett, indignada. — É assunto meu. Você vai me devolver essa cortina e me ajudar a fazer o vestido?

— Vô, sinhazinha — respondeu Mammy baixinho, capitulando com uma presteza que deixou Scarlett bastante desconfiada. — Vô, judá ocê c'o vistido i acho qui nós pode fazê um cropete cum o forro di citim da cortina i debruá u'as calçola c'os resto di renda.

Entregando a cortina de veludo de volta a Scarlett, Mammy abriu um sorriso sonso.

— Sinhá Melly também vai pra Atranta c'ocê?

— Não — respondeu Scarlett secamente, começando a se dar conta do que estava por vir. — Vou sozinha.

— Ocê é qui pensa — rebateu a Mammy com firmeza —, pruqu'eu vô c'ocê i esse vistido novo. Num vô disgrudá d'ocê u tempo todim.

Scarlett teve um breve vislumbre da viagem a Atlanta e da sua conversa com Rhett, tendo ao fundo Mammy no papel de pau de cabeleira, como um enorme Cérbero negro. Sorriu novamente e pousou a mão no braço de Mammy.

— Mammy, querida, você é um amor se oferecendo para ir comigo e me ajudar, mas como o pessoal aqui há de dar conta sem você? Você sabe direitinho como administrar Tara.

— Tá! — exclamou Mammy — Num dianta vim cum essa cunversa mole pra cima di mim, sinhazinha. Cunheç'ocê, troquei suas frarda. Falei qui vô pra Atranta c'ocê i tô indo. A sinhá Ellen si rivira nu túmulo si sabe qui ocê vai sozinha pr'esse lugá cheio di ianque i criôlo livre i gente dessa laia.

— Mas vou me hospedar com a tia Pittypat — explicou Scarlett, nervosa.

— Sinhá Pittypat é uma boa muié i acha qui vê tudo, só qui num vê — disse a Mammy, antes de dar meia-volta com ar de quem concluiu uma entrevista e sair para o corredor. O assoalho tremeu quando ela gritou: — Prissy, fia! Sobe lá im cima i pega a caixa dus morde da sinhá Scarlett nu sótum i vê si acha a tisora sem perdê a noite todinha nisso.

Que baita enrascada, pensou Scarlett com desânimo, *pior do que ter um cão de caça atr*ás de mim.

Depois de tirar os pratos do jantar, Scarlett e Mammy abriram os moldes na mesa, enquanto Suellen e Carreen se ocuparam arrancando o forro de cetim das cortinas, e Melanie tirava a poeira do veludo com uma escova limpa. Gerald, Will e Ashley se sentaram, fumando, na sala, sorrindo ante aquele tumulto feminino. Um clima de excitação agradável, que aparentemente emanava de Scarlett, contaminou a todos, uma excitação que ninguém conseguia entender. O rosto de Scarlett estava corado, um brilho duro cintilava em seus olhos, e ela ria bastante. Seu riso agradava a todos, pois fazia meses que ninguém a ouvia rir de verdade. Gerald era o mais satisfeito. Seu olhar estava menos vago que de hábito ao seguir a filha azafamada pelo cômodo, e ele a afagava com aprovação quando ela passava por perto. As moças se mostravam animadas como se estivessem se preparando para um baile, arrancando e cortando e alinhavando qual modistas atarefadas com um vestido de festa.

Scarlett ia a Atlanta pegar dinheiro emprestado ou hipotecar Tara, se necessário. Mas o que era uma hipoteca, afinal? Scarlett dissera que poderia ser facilmente quitada com a colheita de algodão do ano seguinte e ainda sobrar dinheiro, e suas palavras haviam soado tão categóricas que ninguém pensou em

questioná-las. E, quando lhe perguntaram quem emprestaria o dinheiro, ela respondeu “a curiosidade matou o gato” de um jeito tão malicioso que todos riram e a provocaram quanto ao seu amigo milionário.

— Só pode ser o capitão Rhett Butler — disse Melanie maldosamente, e os outros explodiram em gargalhada ao ouvir tal absurdo, sabendo quanto Scarlett odiava o sujeito a quem sempre se referia como “aquele patife do Rhett Butler”.

Mas Scarlett não achou graça nisso, e Ashley, que havia rido, parou abruptamente ao ver a Mammy lançar um olhar breve e circunspecto para Scarlett.

Suellen, em um ímpeto de generosidade gerado pelo espírito festivo da ocasião, ofereceu a própria gola de renda irlandesa, bastante usada, mas ainda bonita, e Carreen insistiu para Scarlett usar suas sapatilhas em Atlanta, já que estavam em melhores condições que quaisquer outras em Tara. Melanie implorou a Mammy para deixar retalhos de veludo suficientes para revestir a aba dura do seu chapéu surrado e provocou acessos de riso ao dizer que o galo velho perderia suas lindas penas cor de bronze e verde-garrafa, a menos que fugisse imediatamente para o pântano.

Scarlett, observando os dedos velozes, ouviu as gargalhadas e encarou os outros com uma amargura e um desdém disfarçados.

Eles não fazem ideia do que está realmente acontecendo comigo, nem com eles próprios nem com o Sul. Ainda pensam, apesar de tudo, que nada terrível de verdade pode lhes acontecer por serem quem são, O’Haras, Wilkes, Hamiltons. Até os pretos pensam assim. Ah, como são tolos! Jamais se darão conta! Vão continuar pensando e vivendo como antes, e nada haverá de fazê-los mudar. Melly pode se vestir de trapos e colher algodão e até me ajudar a matar um homem, mas isso não a faz mudar. Ela continua sendo a tímida e nobre sra. Wilkes, a dama perfeita! E Ashley pode ver a morte e a guerra, ser ferido e preso e voltar para menos que nada e ainda ser o mesmo cavalheiro que era quando tinha Twelve Oaks como esteio. Will é diferente. Ele sabe como são de fato as coisas, mas, por outro lado, Will jamais teve muito para perder. E quanto a Suellen e Carreen… Ambas pensam que o problema é só passageiro. Não mudam para encarar as novas condições porque acham que em breve tudo isso vai passar. Acham que Deus fará um milagre especialmente para favorecê-las.

*Mas Ele não fará isso. O único milagre que há de acontecer por aqui é aquele que vou arrancar de Rhett Butler… Eles não vão mudar. Talvez não possam. Sou a única que mudou e não teria mudado se pudes*se evitar.

Mammy finalmente expulsou os homens da sala de jantar e fechou a porta, para as provas começarem. Pork ajudou Gerald a subir para se deitar, e Ashley e Will ficaram sozinhos sob a luz do lampião no saguão. Nenhum dos dois abriu a boca durante algum tempo, e Will mascava tabaco como um plácido animal ruminante. Sua expressão amena, porém, nada tinha de plácida.

— Essa viagem a Atlanta — falou por fim, devagar. — Não estou gostando. Nem um pouco.

Ashley olhou para Will rapidamente e depois desviou o olhar, sem nada dizer, mas se perguntando se Will estaria com a mesma terrível suspeita que o assombrava. Mas era impossível. Will não sabia o que acontecera no pomar naquela tarde e como aquilo levara Scarlett ao desespero. Will não podia ter reparado no rosto de Mammy quando o nome de Rhett Butler foi mencionado e, além disso, Will não tinha conhecimento da abastança de Rhett nem da sua reputação podre. Ao menos a impressão de Ashley era de que ele não tinha como saber daquilo, mas desde que viera para Tara percebera que Will, como Mammy, aparentemente sabia de coisas sem que lhe tivessem contado, pressentia os acontecimentos antes que ocorressem. Algo nefasto pairava no ar e, embora não soubesse exatamente do que se tratava, Ashley sabia ser impotente para proteger Scarlett. Ela não o olhara nos olhos sequer uma vez naquela noite, e o contentamento intenso e duro com que o tratara o assustou. As suspeitas que o atormentavam eram terríveis demais para expressar em palavras. Não tinha o direito de insultá-la pedindo-lhe que as confirmasse. Cerrou os punhos. Não tinha direito algum no que dizia respeito a Scarlett; naquela tarde perdera qualquer direito, para sempre. Não podia ajudá-la. Ninguém podia ajudá-la. Quando, porém, pensou em Mammy e na expressão decidida em seu rosto enquanto desmanchava as cortinas de veludo, ficou um pouco mais animado. Mammy tomaria conta de Scarlett, quer Scarlett quisesse ou não.

Fui a causa disso tudo, pensou, em desespero. *Eu a lev*ei a isso.

Lembrou-se da forma como ela empertigara os ombros ao se afastar, naquela tarde, lembrou-se da altivez teimosa da sua postura. Seu coração se apertou por

ela, despedaçado ante a própria impotência, inundado de admiração. Sabia que o vocabulário de Scarlett não continha a palavra destemor, sabia que ela o encararia sem entender caso lhe dissesse que a dela era a alma mais destemida que já conhecera. Sabia que ela não entenderia quantas ótimas qualidades ele lhe atribuía quando a via como destemida. Sabia que ela encarava de frente o que a vida lhe oferecia, que com força de vontade férrea enfrentava quaisquer obstáculos que encontrasse, que lutava com uma determinação que não admitia derrota e continuava a lutar mesmo ao se dar conta de que a derrota era inevitável.

No entanto, durante quatro anos, ele vira outros que se recusavam a admitir a derrota, homens que de bom grado iam ao encontro do desastre porque eram destemidos. E que mesmo assim acabaram derrotados.

Pensou, enquanto fitava Will no corredor cheio de sombras, que jamais vira tamanho destemor como o de Scarlett O’Hara, seguindo em frente para conquistar o mundo envolta nas cortinas de veludo da mãe e enfeitada com as penas do rabo de um galo.

Capítulo 33

Um vento frio soprava inclemente, e as nuvens que deslizavam no céu eram cinzentas como ardósia quando Scarlett e Mammy desembarcaram do trem em Atlanta na tarde seguinte. A estação ferroviária não fora reconstruída depois do incêndio da cidade e elas desceram entre cinzas e lama, a alguns metros de distância das ruínas enegrecidas que marcavam o local. Por força do hábito, Scarlett procurou o tio Peter e a carruagem da tia, já que sempre os encontrara à sua espera ao voltar de Tara para Atlanta, ao longo dos anos de guerra. Então repreendeu a si mesma com um suspiro ante a própria distração. Obviamente, Peter não fora buscá-la, pois ela não avisara tia Pitty de sua chegada e, além disso, em uma das últimas cartas da tia lembrou-se de ter lido uma menção lacrimosa à morte do velho pangaré que Peter comprara em Macon para levá-la de volta a Atlanta depois da rendição.

Olhou à volta para o espaço calcinado e devastado que cercava a estação, tentando localizar a carruagem de algum velho amigo ou conhecido que pudesse levá-las até a casa da tia Pitty, mas não encontrou nem negro nem branco que conhecesse. Provavelmente, a crer no que tia Pitty escrevera, os velhos amigos não dispunham mais de carruagem atualmente. As coisas andavam tão mal que era difícil alimentar e acomodar pessoas, quanto mais animais. A maioria dos amigos da tia Pitty se locomovia a pé, como ela própria, hoje em dia.

Viu um punhado de carroças sendo carregadas junto aos vagões de carga e várias charretes sujas de lama com desconhecidos de aparência rude segurando as rédeas, mas apenas duas carruagens. Uma era fechada, e na outra, aberta, havia uma mulher bem-vestida e um oficial ianque. Scarlett prendeu o ar subitamente quando seu olhar pousou no uniforme. Embora Pitty tivesse escrito que Atlanta estava ocupada e suas ruas, cheias de soldados, a primeira visão da farda azul a surpreendeu e assustou. Teve dificuldade para acreditar que a guerra acabara e que aquele homem não a perseguiria, roubaria e ofenderia.

A relativa ausência de pessoas em volta do trem a fez recordar aquela manhã de 1862 em que chegara a Atlanta como uma jovem viúva enlutada e ensandecida de tédio. Lembrou-se de como o lugar estava cheio de carroças, carruagens e ambulâncias e da algazarra dos condutores daqueles veículos gritando impropérios e das pessoas saudando umas às outras. Sentiu saudade da excitação sem compromisso dos dias da guerra e suspirou ao pensar em fazer a pé o longo caminho até a casa da tia Pitty. Mas restava a esperança de que, uma vez na rua Peachtree, encontrasse algum conhecido que lhes desse carona.

Enquanto olhava à volta, um negro encardido de meia-idade manobrou a carruagem fechada em sua direção e, inclinando-se na boleia, indagou:

— Carruage, sinhá? Dois tostão pra quarqué lugá di Atranta.

Mammy lançou a ele um olhar devastador.

— Carruage de alugué! Ô, nêgo, tá sabeno quem nós é?

Mammy era uma negra do campo, mas não havia sido sempre uma negra do campo e sabia que mulher casta alguma jamais entraria em uma condução alugada — sobretudo uma carruagem fechada — sem a companhia de um parente do sexo masculino. Nem mesmo a presença de uma criada negra satisfazia as convenções. Ela fitou Scarlett com desaprovação quando viu a patroa de olho comprido no veículo.

— Sai daí, sinhazinha! Carruage di alugué cum criôlo livre na boleia! Qui cumbinação dus inferno!

— Num sô ninhum criôlo livre — declarou o condutor, com veemência. — Minha dona é a veia sinhá Talbot i a carruage qui tô dá dinheiro pra nós cumê.

— Qui sinhá Talbot é essa?

— Sinhá Suzannah Talbot, de Milledgeville. Si mudamo pra cá depois qui mataro u veio dela.

— Ocê cunhece ela, sinhazinha?

— Não — respondeu Scarlett, decepcionada. — Conheço tão pouca gente de Milledgeville!

— ‘Tão nós vai a pé — disse Mammy, decidida. — Chispa, criôlo.

Pegou a bolsa de tapeçaria que continha o novo vestido de veludo, o chapéu e a camisola, enfiou debaixo do braço a trouxa bem-feita com os próprios pertences e acompanhou Scarlett através do terreno baldio lamacento. Scarlett

optou por não discutir, ainda que preferisse ir de carruagem, pois não queria briga com Mammy. Desde a tarde da véspera, quando Mammy a flagrara com as cortinas de veludo, havia nos olhos dela uma desconfiança que desagradava Scarlett. Seria difícil escapar da sua vigilância, e não pretendia botar fervura no sangue já quente de Mammy antes que fosse absolutamente necessário.

Enquanto caminhavam pela calçada estreita em direção à Peachtree, Scarlett sentiu desânimo e tristeza, pois Atlanta parecia um bocado devastada e diferente das suas lembranças. Passaram ao lado do que havia sido o Hotel Atlanta, em que Rhett e o tio Henry tinham morado, do qual não sobrara senão a casca, uma parte das paredes enegrecidas. Os armazéns, que antes margeavam os trilhos dos trens ao longo de meio quilômetro e abrigavam toneladas de material militar, não haviam sido reconstruídos, e as fundações retangulares tinham uma aparência lúgubre sob o céu escuro. Sem os prédios ladeando-os e sem a plataforma de embarque, os trilhos pareciam desnudos e expostos. Em algum lugar, em meio àquelas ruínas indistinguíveis umas das outras, ela viu o que restara do próprio armazém, parte do patrimônio que herdara de Charles. O tio Henry havia pagado os impostos do ano anterior para ela. Algum dia precisaria quitar aquela dívida. Mais uma coisa com que se preocupar.

Quando viraram a esquina e entraram na rua Peachtree e ela olhou na direção de Five Points, soltou um grito de espanto. Apesar do que Frank lhe contara sobre o incêndio devastador, Scarlett jamais imaginou que a destruição tivesse sido tão total. Em suas lembranças, a cidade que tanto amava ainda continuava cheia de prédios quase grudados uns nos outros e de casas luxuosas. Mas a rua Peachtree para a qual olhava agora estava tão desprovida de marcos de referência que lhe pareceu desconhecida, como se jamais a tivesse visto antes. Aquela rua lamacenta pela qual passara de carruagem mil vezes durante a guerra, ao longo da qual fugira de cabeça baixa e com as pernas trêmulas de medo enquanto as balas zuniam durante o cerco, aquela rua que ela vira no calor, na pressa e na angústia do dia da retirada, tinha uma aparência tão estranha que Scarlett sentiu vontade de chorar.

Embora muitos prédios novos houvessem brotado ao longo do ano após a retirada de Sherman da cidade incendiada e a volta dos confederados, ainda restavam vários terrenos baldios em torno de Five Points, onde monturos de

tijolos chamuscados e quebrados jaziam em meio a uma mistura de lixo, ervas daninhas mortas e mato crescido. Viam-se resquícios de um punhado de prédios dos quais Scarlett se lembrava, paredes de tijolos sem tetos através das quais passava a tênue claridade do dia, janelas sem vidro escancaradas, chaminés se destacando, solitárias. Aqui e acolá, conseguia localizar, satisfeita, uma loja conhecida que sobrevivera parcialmente às balas e ao fogo e fora restaurada, a recente tinta vermelha dos tijolos brilhando de encontro à fuligem das paredes antigas. Nas fachadas novas das lojas e nas janelas dos novos escritórios, Scarlett viu com gratidão os nomes de homens que conhecia, mas a maioria ela não reconheceu, sobretudo os das dezenas de médicos, advogados e comerciantes de algodão. No passado, ela conhecia praticamente todo mundo em Atlanta, e a visão de tantos nomes estranhos a deprimiu. Animou-se, contudo, ao ver novos prédios em construção em toda a rua.

Havia dezenas deles e vários com três andares! Por todo lado as construções se multiplicavam, pois, observando a extensão da rua na tentativa de se adaptar mentalmente à nova Atlanta, ela ouvia o som jovial de machados e serrotes, notava a presença de andaimes subindo e de homens em escadas carregando nos ombros cochos de tijolos. Sentiu os olhos marejarem ao contemplar a rua que tanto amava.

Eles a queimaram, pensou, *e a puseram no chão. Mas não decretaram seu fim. Você renascerá tão grande e petulante quanto já f*oi um dia!

Enquanto caminhava pela Peachtree, seguida pela bamboleante Mammy, Scarlett reparou que as calçadas estavam tão cheias quanto no auge da guerra, e na cidade que ressurgia reinava o mesmo clima de pressa e alvoroço que aquecera seu sangue quando chegara ali, tantos anos atrás, em sua primeira visita à tia Pitty. Aparentemente o mesmo número de veículos chafurdava nos buracos lamacentos, embora sem a presença das ambulâncias confederadas, e o mesmo número de cavalos e mulas se encontrava amarrado diante dos alpendres das lojas. A despeito do intenso movimento nas calçadas, os rostos que passavam lhe eram tão pouco familiares quanto as placas acima das portas, uma nova gente, muitos homens de aparência rude e mulheres vulgarmente vestidas. As ruas haviam escurecido com negros à toa encostados aos muros ou sentados no meio-

fio observando os veículos passarem com a curiosidade ingênua de crianças em um desfile circense.

— Esses criôlo liberto du campo — grunhiu Mammy. — Num viro nunca u'a carruage di luxo na vida. Bando di atrivido, isso sim.

Atrevidos, sim, concordou Scarlett, pois a olhavam de forma insolente. Esqueceu-se deles, porém, por conta do espanto de ver novamente as fardas azuis. A cidade fervilhava de soldados ianques, a cavalo, a pé, em carroças do Exército, vagando à toa pela rua e nos bares.

Jamais me habituarei a eles, pensou, cerrando os punhos. *Nunca!* Por cima do ombro, falou, então:

— Ande, Mammy, vamos sair dessa multidão.

— Tô indo assim qui botá essa ralé criôla pra fora do meu camin' — respondeu Mammy bem alto, balançando a sacola de tapeçaria na direção de um negro insolente que a provocava parado na sua frente, fazendo-o dar um pulo para o lado. — Num tô gostano dessa cidade aqui, sinhazinha. Tá cheia di ianque i di criôlo forgado qui num vale nada.

— Ela é mais agradável onde não há tanta gente. Quando atravessarmos Five Points vai melhorar.

As duas continuaram avançando com cuidado pelas pedras escorregadias que formavam uma espécie de ponte sobre a lama da rua Decatur e subiram a Peachtree, onde a multidão já se reduzira. Ao chegar à capela Wesley, onde Scarlett parara para tomar fôlego naquele dia em 1864, quando correra atrás do dr. Meade, ela olhou para a capela e riu alto, um riso breve e sombrio. Os velhos olhos sagazes de Mammy buscaram os dela com desconfiança e indagação, mas sua curiosidade não foi sanada. Scarlett se recordou com desprezo do terror que a possuíra naquele dia. Ela estivera dominada de medo, destroçada pelo medo, aterrorizada pelos ianques, apavorada com o iminente nascimento de Beau. Agora se perguntava como podia ter ficado tão amedrontada quanto uma criança com um estrondo. E como havia sido infantil a ponto de pensar que ianques, incêndio e derrota eram o pior que podia lhe acontecer! Que trivialidades aquelas, comparadas à morte de Ellen e ao alheamento de Gerald, além da fome, do frio, do trabalho extenuante e do pesadelo real da insegurança. Como seria fácil hoje mostrar coragem diante de um exército invasor, mas como era difícil

enfrentar o perigo que ameaçava Tara! Não, nunca mais temeria coisa alguma, exceto a pobreza.

Subindo a Peachtree vinha uma carruagem fechada, e Scarlett se aproximou do meio-fio para ver se conhecia o ocupante, pois faltavam ainda vários quarteirões para chegarem à casa da tia Pitty. Ela e Mammy se inclinaram para a frente quando a carruagem emparelhou com elas e Scarlett, com um sorriso pré-fabricado, quase abriu a boca para chamar quando viu a cabeça de uma mulher surgir, por um segundo, à janela — uma cabeça demasiado ruiva sob um elegante chapéu de pele. Scarlett deu um passo atrás quando o reconhecimento mútuo se estampou em ambos os rostos. Era Belle Watling, e Scarlett teve um vislumbre dela dilatando as narinas em desprezo antes que o rosto da mulher sumisse de vista. Estranho que o de Belle fosse o primeiro rosto familiar que ela encontrava ali.

— Quem qui é aquela? — indagou Mammy, desconfiada. — Cunhece ocê, mas num cumprimentô. Cruz credo, nunca vi cabelo daquela cor! Nem na famía Tarleton. Pra mim… bão, para mim é pintado!

— E é — concordou Scarlett brevemente, apressando o passo.

— Ocê cunhece uma muié di cabelo pintado? Quero sabê quem qui ela é.

— Ela é a prostituta da cidade — respondeu Scarlett, curtamente —, e dou a minha palavra que não a conheço, por isso cale a boca.

— Credemcruz! — exclamou Mammy baixinho, a boca aberta enquanto os olhos acompanhavam a carruagem com crescente curiosidade. Ela não via uma prostituta profissional desde que deixara Savannah com Ellen, mais de vinte anos antes, e desejou ardentemente ter prestado mais atenção em Belle.

— I vistida cheia de luxo, numa carruage di luxo i cum cocheiro i tudo — resmungou. — Num sei cumé qui Deus deixa muié da vida si dá tão bem i nós qui é gente di bem passá fome i andá discarço.

— Deus parou de pensar em nós há muitos anos — disse Scarlett, revoltada. — E não adianta dizer que a mamãe está se revirando no túmulo me ouvindo falar assim.

Sua vontade era de se sentir superior e virtuosa em relação a Belle, mas não podia. Se seu plano funcionasse, ela desceria ao mesmo nível de Belle e seria sustentada pelo mesmo homem. Embora não se arrependesse em absoluto da

decisão tomada, quando encarava a questão à luz da verdade sentia-se constrangida. *Não vou pensar nisso agora*, disse a si mesma e tornou a apressar o passo.

Passaram pelo terreno onde no passado ficava a casa dos Meades, e o que restava dela era apenas um par de degraus de pedra abandonados e um caminho que levava a lugar nenhum. Onde antes havia a casa dos Whitlings nada restava. Até as pedras das fundações e as chaminés de tijolos tinham desaparecido e dava para ver as marcas de roda das carroças que haviam transportado tudo aquilo. A casa de tijolos dos Elsings continuava de pé, com um telhado novo e um novo segundo andar. A casa dos Bonnells, porcamente remendada e com o telhado refeito com tábuas toscas em lugar de telhas, conseguia parecer habitável a despeito da aparência maltratada. Mas nem em uma nem na outra era possível ver um rosto na janela ou um morador na varanda, e Scarlett ficou grata. Não estava disposta a falar com pessoa alguma agora.

Então o novo telhado de ardósia da tia Pitty surgiu à vista, assim como os muros de tijolos vermelhos, e o coração de Scarlett bateu mais forte. Que bênção do Senhor a casa ter sido preservada da destruição total! Tio Peter vinha saindo, com uma cesta de compras pendurada no braço, e, quando viu Scarlett e Mammy se aproximando, um sorriso amplo e incrédulo iluminou-lhe o rosto negro.

Eu bem poderia dar um beijo nesse velho negro bobo, de tão feliz que estou de vê-lo, pensou Scarlett, alegremente. Chamou-o, então:

— Vá correndo buscar o vidro de sais da titia, Peter! Sou eu mesma!

Naquela noite, a inevitável canjica e as ervilhas secas apareceram na mesa de jantar da tia Pitty, e, enquanto comia, Scarlett jurou que aqueles dois pratos jamais apareceriam na mesa dela quando voltasse a ter dinheiro. E, independentemente do preço que precisasse pagar, ela voltaria a ter dinheiro, mais do que apenas o suficiente para pagar os impostos de Tara. De alguma forma, um dia ela teria muito dinheiro, nem que fosse preciso matar para isso.

Sob a luz amarelada do lampião da sala de jantar, Scarlett indagou a tia sobre suas finanças, com a vã esperança de que a família de Charles pudesse lhe emprestar o dinheiro de que precisava. As perguntas não foram propriamente sutis, mas Pitty, encantada de ter um parente com quem conversar, sequer

reparou na falta de sutileza do interrogatório. Mergulhou, em lágrimas, nos detalhes dos próprios infortúnios. Simplesmente não sabia onde tinham ido parar suas fazendas, os imóveis na cidade e o dinheiro, mas não restara coisa alguma. Ao menos era o que o tio Henry lhe dizia. Ele não conseguira pagar os impostos sobre o patrimônio da irmã. Pitty perdera tudo, com exceção da casa em que morava, e não lhe ocorreu que a casa nunca fora dela, mas de Melanie e Scarlett. Tio Henry mal tinha o bastante para pagar os impostos daquela casa. Todo mês lhe dava um dinheirinho para as despesas e, embora ela se sentisse muito humilhada aceitando dinheiro dele, não havia alternativa.

— O Mano Henry diz que não sabe como vai dar conta, com o fardo que carrega e os impostos nas alturas, mas, claro, provavelmente isso é mentira, já que ele tem montanhas de dinheiro e não me dá mais porque não quer.

Scarlett sabia que o tio Henry não estava mentindo. As poucas cartas que recebera dele com relação à propriedade de Charles demonstravam isso. O velho advogado vinha lutando bravamente para salvar a casa e o terreno que abrigara o armazém, de modo a poder salvar dos escombros alguma coisa para Wade e Scarlett. Ela sabia que ele assumira com enorme sacrifício o pagamento daqueles impostos em nome dela.

Claro que ele não tem dinheiro algum, pensou com tristeza. *Isso elimina tia Pitty e tio Henry da minha lista. Não sobrou ninguém exceto Rhett. Vou ter que ir em frente. Mas não preciso pensar nisso agora… Tenho que fazer tia Pitty falar de Rhett, para, como quem não quer nada, sugerir que ela o convide para uma visi*ta amanhã.

Sorriu e apertou as mãos gorduchas de Pitty entre as dela.

— Minha tia querida, já chega de falar de coisas preocupantes como dinheiro. Vamos esquecer esse assunto e falar de outros mais prazerosos. Precisa me contar todas as novidades sobre os nossos velhos amigos. Como estão a sra. Merriwether e Maybelle? Ouvi dizer que aquele zuavo da Maybelle voltou para casa são e salvo. E os Elsings? E o dr. Meade e a esposa?

Pittypat se animou com a mudança de assunto e no rosto infantil as lágrimas secaram. Forneceu relatórios detalhados sobre os antigos vizinhos, o que andavam fazendo, vestindo, comendo e pensando. Contou com expletivos de horror como, antes da volta para casa de René Picard, a sra. Merriwether e

Maybelle haviam sobrevivido fazendo tortas e as vendendo para os soldados ianques. Imagine só! Às vezes ficavam dezenas de ianques aglomerados no quintal delas, esperando as tortas assarem. Agora que tinha voltado, René ia diariamente até o acampamento ianque em uma carroça velha para vender bolos, tortas e biscoitos caseiros para os soldados. A sra. Merriwether vivia dizendo que, quando passasse a ganhar mais, abriria uma confeitaria no centro. Pitty não pretendia criticar, mas afinal… Se fosse com ela, acharia preferível passar fome a fazer negócio com os ianques. Jamais deixava de lançar um olhar de desprezo para qualquer soldado que encontrasse e atravessava a rua de um jeito tão insultante quanto possível, embora isso fosse um grande inconveniente em dias de chuva. Scarlett concluiu que nenhum sacrifício, ainda que implicasse enlamear os sapatos, era grande demais para demonstrar lealdade à Confederação, no que dizia respeito à srta. Pittypat.

A sra. Meade e o doutor haviam perdido a casa quando os ianques incendiaram a cidade e não tiveram nem dinheiro nem ânimo para reconstruí-la, agora que Phil e Darcy estavam mortos. A sra. Meade dissera que não queria mais ter uma casa, porque não faria sentido sem filhos e netos para morar com eles. Os dois estavam muito solitários e foram morar com os Elsings, que reconstruíram a parte danificada da própria casa. O sr. e a sra. Whitling também ocupavam um quarto ali, e a sra. Bonnell vinha pensando em se mudar para lá, caso conseguisse alugar a dela para um oficial ianque e a família.

— Mas como eles vivem assim amontoados? — perguntou Scarlett, espantada. — A sra. Elsing, Fanny, Hugh…

— A sra. Elsing e Fanny dormem na sala, e Hugh, no sótão — explicou Pitty, que conhecia os arranjos domésticos de todos os amigos. — Minha querida, odeio contar a você, mas… A sra. Elsing os chama de “hóspedes pagantes”, mas… — Pitty baixou a voz — …mas eles não passam de pensionistas. A sra. Elsing administra uma pensão! Não é horrível?

— Acho maravilhoso — retorquiu Scarlett, direta. — Quem dera eu tivesse “hóspedes pagantes” em Tara no ano passado, em lugar de pensionistas que não pagavam. Talvez a minha pobreza não fosse tão grande agora.

— Scarlett, como você pode dizer uma coisa dessas? Coitada da sua mãe, ela deve estar se revirando no túmulo só de pensar em cobrar pela hospitalidade de

Tara! Claro que a sra. Elsing foi obrigada a fazer isso. Mesmo que esteja se dedicando à alta costura e Fanny pintando porcelana e Hugh ganhando um dinheirinho vendendo lenha como mascate, eles não conseguem dar conta. Imagine, Hugh forçado a vender lenha como mascate! Quando estava predestinado a ser um grande advogado! Tenho vontade de chorar quando vejo a que foram reduzidos os nossos rapazes!

Scarlett pensou nos corredores de algodão sob o céu acobreado e brilhante em Tara e como suas costas doíam quando ela se inclinava para colhê-lo. Lembrou-se da sensação das alças do arado entre as palmas cheias de bolhas de suas mãos inexperientes e concluiu que Hugh Elsing não era merecedor de qualquer solidariedade especial. Que boba ingênua era a velha Pitty e, apesar de toda a ruína à sua volta, como havia sido poupada!

— Se ele não gosta de ser mascate, por que não exerce a advocacia? Ou não existe mais trabalho para advogado em Atlanta?

— Ora, claro que sim! É o que não falta. Praticamente todo mundo está processando todo mundo hoje em dia. Com tudo queimado e as linhas divisórias apagadas, ninguém sabe onde começam ou terminam suas terras. Mas não se pode cobrar pelos serviços porque ninguém tem dinheiro. Por isso, Hugh continua a ser mascate… Ah, quase esqueci! Escrevi contando? Fanny Elsing vai se casar amanhã e, claro, você tem que ir ao casamento. A sra. Elsing vai ficar encantada com a sua presença quando souber que você está na cidade. Espero, sinceramente, que tenha outra roupa além desta que está usando. Não que esta não seja uma gracinha, querida, mas… Bom, parece meio gasta. Ah, você tem um vestido bonito? Que ótimo, porque vai ser o primeiro casamento de verdade em Atlanta desde a rendição. Bolo e vinho e depois um baile, embora eu não faça ideia de como os Elsings vão pagar, já que ficaram tão pobres.

— Com quem Fanny vai se casar? Achei que depois que Dallas McLure foi morto em Gettysburg…

— Meu bem, não critique Fanny. Nem todos são fiéis aos mortos como você é ao coitado do Charles. Vejamos. Qual é o nome dele? Sou péssima para nomes… Tom alguma coisa. Conheci bem a mãe, estudamos juntas no Instituto LaGrange para Moças. Ela é uma Tomlinson de LaGrange, e a mãe dela era… Vejamos… Perkins? Parkins? Parkinson! Isso mesmo. De Sparta. Uma ótima família, mas

ainda assim… Ora, sei que não devia dizer isso, mas não entendo como Fanny se dispôs a casar com ele!

— Ele bebe ou…

— Não, nada disso! O caráter do rapaz é impecável, mas, sabe, ele foi ferido na parte inferior do corpo por uma granada que explodiu e isso causou um estrago nas pernas… Elas ficaram… Bem, odeio usar esse termo, mas elas ficaram destrambelhadas. A aparência é muito vulgar quando ele anda… Quer dizer, não é bonito. Não entendo por que ela vai casar com ele.

— As moças precisam se casar com alguém.

— Na verdade, não — disse Pitty, abespinhada. — Eu nunca precisei.

— Ora, titia. Não falei de você. Todos sabem como você era popular e continua a ser. E o juiz Carlton costumava lhe lançar olhares compridos até eu…

— Oh, Scarlett, pare com isso! Aquele velho bobão! — riu Pitty, novamente bem-humorada. — Mas, enfim, Fanny era tão popular que poderia ter encontrado pretendente melhor, e não acredito que ela ame esse Tom Não-Sei-do-Quê. Não acredito que tenha superado a morte de Dallas McLure, mas ela não é como você, que permaneceu totalmente fiel ao nosso querido Charlie, embora pudesse ter se casado dezenas de vezes. Melly e eu vivemos comentando a sua fidelidade à memória dele, embora todos dissessem que você não passava de uma garota coquete sem coração.

Scarlett passou por cima daquela confidência canhestra e habilidosamente conduziu Pitty de um para outro velho amigo, mas todo o tempo fervilhando de impaciência para levar a tia a falar de Rhett. Não poderia jamais perguntar diretamente sobre ele, tendo chegado há tão pouco tempo. Era bem capaz que a cabeça da idosa começasse a navegar por canais que melhor seria deixar intocados. Haveria tempo suficiente para despertar a desconfiança de Pitty, caso Rhett recusasse sua proposta de casamento.

Tia Pitty continuou tagarelando satisfeita, animada como uma criança que descobre ter plateia. As coisas em Atlanta andavam muito mal, disse ela, devido aos desmandos dos Republicanos. Não havia limites para o que aprontavam, e o pior era a forma como vinham plantando ideias na cabeça dos coitados dos negros.

— Minha querida, eles querem permitir que os pretos votem! Você já ouviu tolice maior? É verdade que, não sei, pensando bem, o tio Peter tem mais bom senso do que qualquer Republicano que já conheci e muito mais educação, mas, claro, tio Peter é bem-criado demais para querer votar. Só que a mera ideia alvoroçou os negros, que ficaram de cabeça virada. E alguns são muito insolentes. Ninguém está seguro na rua à noite, e até em plena luz do dia eles empurram senhoras da calçada para dentro da lama. E, se algum cavalheiro ousa protestar, a polícia o leva preso e… Por acaso eu lhe disse que o capitão Butler foi para a cadeia?

— Rhett Butler?

Mesmo sendo chocante a notícia, Scarlett agradeceu à tia Pitty por tê-la poupado de trazer o nome de Rhett à baila.

— Ele mesmo! — A excitação enrubesceu as bochechas de Pitty e ela se aprumou na cadeira. — Ele está na cadeia neste exato momento por matar um negro, talvez seja até enforcado! Imagine o capitão Butler enforcado!

Por um instante, a respiração de Scarlett lhe escapou dos pulmões em um grito sufocado e só lhe restou encarar, muda, a tia gorda tão obviamente encantada com o efeito das próprias palavras.

— Ainda não ficou provado, mas alguém matou esse preto que tinha insultado uma branca. E os ianques andam muito nervosos porque vários pretos convencidos foram mortos recentemente. Não conseguiram provar a culpa do capitão Butler, mas querem arrumar alguém para servir de exemplo, segundo diz o dr. Meade. De acordo com ele, se o enforcarem, será o primeiro ato honesto e saudável dos ianques, mas, por outro lado, não sei… E pensar que o capitão Butler esteve aqui na semana passada e me trouxe de presente a codorna mais formidável que jamais se viu. Ele perguntou por você e disse que teme ter cometido alguma ofensa durante o cerco, ofensa pela qual você jamais haverá de perdoá-lo.

— Quanto tempo ele ainda vai ficar na cadeia?

— Ninguém sabe. Talvez até que o enforquem, mas talvez não consigam provar que ele é culpado, no final das contas. Ainda assim, parece que os ianques não querem saber se as pessoas são culpadas ou não, desde que tenham alguém para enforcar. Estão tão nervosos… — E Pitty baixou a voz, usando um

tom misterioso — …com a Ku Klux Klan. A Klan também existe no condado? Minha querida, garanto que deve existir, e Ashley não conta para vocês, mulheres. Quem é da Klan não pode contar. Eles saem a cavalo à noite vestidos como fantasmas e vão atrás de *carpetbaggers* ladrões e de negros insolentes. Às vezes dão apenas um susto e exigem que eles saiam de Atlanta, mas quando têm suas ordens descumpridas eles os chicoteiam e… — o tom de voz de Pitty foi reduzido a um sussurro — às vezes chegam a matar, deixando os corpos onde possam ser facilmente encontrados com um cartaz da Klan pendurado… E os ianques estão muito zangados com isso e querem fazer de alguém um exemplo… Mas Hugh Elsing me disse que não acha que o capitão Butler será enforcado porque os ianques suspeitam de que ele saiba onde está o dinheiro e simplesmente não diz. Estão tentando fazê-lo falar.

— O dinheiro?

— Você não sabia? Não lhe escrevi a respeito? Minha querida, você se enterrou em Tara, não foi? A cidade simplesmente ferveu quando o capitão Butler voltou para cá com um belo cavalo e uma bela carruagem e os bolsos cheios de dinheiro, quando nenhum de nós sabia de onde tirar a próxima refeição. Todo mundo ficou furioso por um rematado especulador que sempre falou mal da Confederação ter tanto dinheiro quando nós estávamos tão pobres. Todo mundo queria saber como ele conseguiu preservar o próprio dinheiro, mas ninguém teve coragem de perguntar… Só eu. E ele riu e disse: “Não foi honestamente, pode ter certeza.” Você sabe como é difícil arrancar do sujeito algo que faça sentido.

— Mas é claro que ele ganhou dinheiro com o bloqueio…

— Claro que sim, meu doce, parte do dinheiro. Mas não chega a uma gota d’água perto do que ele tem. Todo mundo, inclusive os ianques, acredita que ele escondeu em algum lugar milhões de dólares em ouro do governo confederado.

— Milhões… em ouro?

— Bom, meu bem, onde foi parar o nosso ouro confederado? Alguém ficou com ele, e o capitão Butler pode ser um desses alguéns. Os ianques achavam que o presidente Davis o levou quando saiu de Richmond, mas quando capturaram o pobre coitado ele mal tinha um centavo. Simplesmente não havia dinheiro no

tesouro quando a guerra acabou, e todos acham que alguns furadores de bloqueios passaram a mão nele e estão mudos quanto ao paradeiro.

— Milhões… em ouro! Mas como…

— O capitão Butler não levou milhares de fardos de algodão para a Inglaterra e para Nassau para vendê-los em nome do governo confederado? — perguntou Pitty em um tom triunfante. — Não só o algodão dele, mas o do governo também? E você sabe quanto o algodão rendia na Inglaterra durante a guerra! O preço que pedissem por ele! O capitão era um agente independente atuando em nome do governo e se esperava que vendesse o algodão e comprasse armas e as trouxesse para nós. Ora, quando o bloqueio apertou, ele não pôde trazer as armas e, de todo jeito, não poderia ter gastado um centésimo do dinheiro do algodão com elas, logo havia milhões de dólares nos bancos ingleses depositados pelo capitão Butler e outros como ele, aguardando até o bloqueio afrouxar. E não me diga que eles depositaram esse dinheiro em nome da Confederação, depositaram no nome deles mesmos, e o dinheiro continua lá… Ninguém fala de outra coisa desde a rendição, e os furadores de bloqueios são seriamente criticados, e quando prenderam o capitão Butler pela morte desse preto, os ianques devem ter ouvido o boato, porque estão em cima dele para saber o paradeiro do dinheiro. Ora, todo o fundo confederado pertence agora aos ianques, ou é isso que os ianques acham. Mas o capitão Butler afirma que não sabe de nada… O dr. Meade diz que deviam enforcá-lo de todo jeito, embora o enforcamento seja piedoso demais para um ladrão e aproveitador… Meu bem, você está com uma expressão tão estranha! Acha que vai desmaiar? Eu a deixei nervosa com essa conversa? Sei que você já flertou com ele no passado, mas imaginei que já tivesse esquecido isso há muito tempo. Pessoalmente, nunca aprovei, porque ele é um tremendo velhaco…

— Ele não é meu amigo — disse Scarlett, com esforço. — Tivemos uma discussão durante o cerco, depois que você foi para Macon. Onde… Onde ele está?

— No quartel dos bombeiros, perto da praça pública!

— No quartel dos bombeiros?

Tia Pitty deu uma gargalhada.

— Sim, no quartel dos bombeiros. Os ianques usam o lugar agora como prisão militar. Estão acampados em barracas em volta da prefeitura, na praça, e o quartel fica logo no fim da rua. É lá que está o capitão Butler. E, Scarlett, ouvi ontem a coisa mais engraçada sobre ele. Esqueci quem me contou. Você sabe como ele sempre foi bem arrumado, não é? Um verdadeiro almofadinha. E lá no quartel dos bombeiros não lhe permitem tomar banho, e todo dia ele insiste em tomar banho. Pois bem, finalmente o tiraram da cela e levaram para a praça, onde fica um enorme cocho de cavalo em que o regimento todo tinha tomado banho com a mesma água. E lhe disseram que ele podia se lavar ali, mas ele recusou. Disse que preferia sua própria cepa de sujeira sulista à sujeira ianque e…

Scarlett continuou ouvindo a incessante tagarelice alegre, mas sem discernir as palavras. Em sua cabeça havia duas ideias apenas: Rhett tinha mais dinheiro do que ela jamais imaginara e estava preso. O fato de estar na cadeia e a possibilidade de ser enforcado alteravam um pouco a situação. De certa forma, para melhor. Pouco lhe importava que pudesse ser enforcado. Sua necessidade de dinheiro era urgente demais, desesperada demais, para que se importasse com o eventual destino do sujeito. Além disso, não discordava de todo da opinião do dr. Meade de que enforcá-lo seria demasiado piedoso para ele. Qualquer homem que deixasse uma mulher entre dois exércitos no meio da noite, tão somente para sair correndo e lutar por uma causa já perdida, merecia ser enforcado… Se conseguisse, sabe-se lá como, casar com Rhett ainda prisioneiro, todos aqueles milhões seriam seus, e seus apenas, caso o executassem. E, se o casamento não fosse possível, talvez arrancasse dele um empréstimo prometendo ser sua esposa quando o soltassem ou prometendo… Ah, prometendo qualquer coisa! E, se o enforcassem, seu dia de acertar as contas jamais chegaria.

Por um momento, sua imaginação alçou voo ao pensar que se tornaria viúva por meio da generosa intervenção do governo ianque. Milhões em ouro! Poderia reformar Tara e contratar empregados para plantar quilômetros e mais quilômetros de algodão. E teria roupas bonitas e tudo o que quisesse para comer, assim como Suellen e Carreen teriam também. E daria a Wade comida nutritiva para engordar suas bochechas encovadas e roupas quentes e uma governanta e mais tarde ele cursaria uma universidade… e não cresceria descalço e ignorante

como um caipira pobretão. E um bom médico cuidaria do papai. Quanto a Ashley… O que ela não faria por Ashley!

O monólogo da tia Pittypat se interrompeu subitamente quando ela respondeu "Sim, Mammy?", e Scarlett, voltando dos seus devaneios, viu Mammy de pé à porta da sala, as mãos debaixo do avental e os olhos com uma expressão alerta e grave. Perguntou-se por que Mammy estaria ali e quanto teria ouvido e observado. Provavelmente tudo, a julgar pelo brilho em seus olhos cansados.

— A sinhá Scarlett tá parecendo cansada. Acho mió ela deitá agora.

— Estou cansada — confirmou Scarlett, levantando-se e encarando Mammy com uma expressão infantil, fragilizada. — E acho que estou pegando um resfriado, também. Tia Pitty, você se incomoda se eu ficar de cama amanhã e não a acompanhar nas visitas? Posso fazê-las noutro dia e estou ansiosa para ir ao casamento de Fanny amanhã à noite. Se o meu resfriado piorar, não vou poder. E um dia de cama será um luxo para mim.

O olhar de Mammy ficou levemente preocupado ao pegar as mãos de Scarlett e examinar seu rosto. Decerto a patroa não parecia bem. A excitação mental cessara abruptamente, deixando-a pálida e trêmula.

— Ocê tá c'as mão gelada, sinhazinha. Vai já pra cama, qui eu faço um chá di safrão i isquento um tijolo pra fazê ocê suá.

— Como fui desatenta — exclamou a senhora gorducha, pulando da cadeira e dando uma palmadinha carinhosa no braço de Scarlett. — Fiquei falando que nem matraca, sem pensar em você. Meu anjo, fique de cama amanhã e repouse. Podemos falar de mexericos… Ah, nossa, não! Não posso ficar com você. Prometi visitar a sra. Bonnell amanhã. Ela está de cama com gripe, e a cozinheira dela também. Mammy, que bom que você está aqui. Precisa ir até lá comigo de manhã e me dar uma ajudinha.

Mammy botou Scarlett para subir as escadas, resmungando comentários sobre mãos frias e sapatos inadequados, enquanto Scarlett se mostrava dócil e contente. Se ao menos pudesse contornar mais um pouco a desconfiança de Mammy e tirá-la de casa pela manhã, tudo daria certo. Conseguiria ir até a prisão ianque conversar com Rhett. Enquanto subia a escada, o som longínquo de trovões se fez ouvir e, de pé no patamar de que tão bem se lembrava, ela pensou

em quanto aquele som se parecia com o dos canhões durante o cerco. Estremeceu, então. Trovões a fariam, para sempre, pensar em canhões de guerra.

Capítulo 34

O sol brilhava intermitentemente na manhã seguinte, e o vento forte que afastava com velocidade as nuvens escuras sacudia as vidraças e gemia de leve em torno da casa. Scarlett fez uma oração breve de agradecimento pelo fato de a chuva que caíra à noite ter cessado, pois ficara acordada a ouvi-la, sabendo que corria o risco de ver seu vestido de veludo e o novo chapéu destruídos por ela. Agora que podia ver réstias de sol, seu ânimo voltou. Mal conseguiu permanecer na cama, passar a impressão de fraqueza e fingir gemidos até que tia Pitty, Mammy e tio Peter saíssem para visitar a sra. Bonnell. Quando, finalmente, o portão da entrada se fechou e ela ficou sozinha em casa, salvo pela presença da cozinheira, que cantava na cozinha, levantou-se de um pulo e tirou do armário as roupas novas.

O sono a revigorara e lhe dera forças, e, da fria determinação no fundo do coração, ela extraiu coragem. Alguma coisa na expectativa de um embate inteligente com um homem — qualquer homem — a deixava à vontade e, depois de meses enfrentando inúmeros desalentos, a certeza de encarar, finalmente, um adversário incontestável, um adversário que ela podia desequilibrar por conta própria, lhe dava uma sensação de euforia.

Vestir-se sozinha foi difícil, mas ela deu conta do recado, e, assentando o chapéu, correu até o quarto da tia Pitty para se postar diante do espelho comprido. Como estava linda! As penas de galo acrescentavam um toque elegante, e o veludo verde-opaco do chapéu emprestava um brilho impressionante aos seus olhos, quase da cor de esmeraldas. E o vestido era incomparável, imponente, deslumbrante, mas igualmente digno de uma dama! Que maravilha ter outra vez um belo vestido. Como era bom saber que estava bonita e provocante, e impulsivamente se inclinou e beijou o próprio reflexo, rindo depois de tamanha tolice. Pegou o xale de Ellen Pailey para pôr nos ombros, mas as cores do velho quadrado desbotado destoaram do vestido verde-

musgo e lhe deram uma aparência meio decadente. Abrindo o armário da tia Pitty, retirou dele uma capa preta de casimira, um abrigo leve de outono que Pitty usava apenas aos domingos, e a vestiu. Prendeu nas orelhas furadas os brincos de brilhante que trouxera de Tara e jogou a cabeça para trás a fim de observar o efeito. Eles produziram um tilintar agradável e muito satisfatório, e lhe ocorreu a ideia de repetir o mesmo movimento quando estivesse com Rhett. Brincos dançantes sempre atraíam um homem e dotavam uma moça de um quê de sofisticação.

Pena que a tia Pitty não tivesse outro par de luvas além do que estava agora em suas mãos gorduchas! Mulher alguma podia se considerar uma dama de verdade sem luvas, mas Scarlett não possuía um único par desde que deixara Atlanta. E os longos meses de labuta em Tara haviam calejado suas mãos até deixá-las bem longe de bonitas. Bom, não dava para remediar esse assunto. Tomaria emprestado o regalo de pelo de foca da tia Pitty e as esconderia nele. Scarlett concluiu que o adereço provia o decisivo arremate de elegância. Ninguém que a visse agora desconfiaria de que a pobreza e a necessidade a espreitavam por sobre o ombro.

Era importante que Rhett não desconfiasse. Ele não podia pensar que ela fosse movida por outra coisa além de sentimentos ternos.

Desceu na ponta dos pés a escada e saiu de casa furtivamente enquanto a cozinheira continuava a cantar, despreocupada, na cozinha. Desceu apressada a rua Baker para evitar os olhares curiosos dos vizinhos e se sentou em um banco de embarque na rua Ivy defronte a uma casa incendiada, para esperar alguma carruagem ou charrete que lhe desse uma carona. O sol aparecia e sumia entre as nuvens deslizantes, iluminando a rua com uma falsa claridade que não emanava calor, e o vento esvoaçava a renda das suas calçolas. Fazia mais frio do que antecipara, e ela apertou a capa fina contra o corpo e estremeceu com impaciência. Justo quando se preparava para começar a fazer a pé o caminho que atravessava a cidade para chegar ao acampamento ianque, uma carroça caindo aos pedaços apareceu. Uma velha cujo lábio estava sujo de rapé e cujo rosto encarquilhado pelas intempéries era sombreado por um chapéu de sol em frangalhos segurava as rédeas de uma pobre mula cansada. Estava a caminho da

prefeitura e, de mau humor, concordou em dar carona a Scarlett. Ficou claro, porém, que o vestido, o chapéu e o regalo não lhe despertaram simpatia alguma.

Ela acha que sou uma meretriz, pensou Scarlett. *E talvez te*nha razão!

Quando, afinal, chegaram à praça principal e surgiu à vista a alta cúpula branca da prefeitura, ela agradeceu, saltou da carroça e observou a velha camponesa se afastar. Olhando à volta com atenção para ver se não era observada, beliscou as bochechas para colori-las e mordeu os lábios até doerem para avermelhá-los. Ajustou o chapéu e arrumou o cabelo, examinando depois os arredores da praça. O prédio de dois andares e tijolos vermelhos da prefeitura sobrevivera ao incêndio da cidade, mas parecia abandonado e malconservado sob o céu cinzento. Cercando totalmente o prédio e cobrindo o terreno quadrado do qual ele era o centro viam-se fileiras e mais fileiras de barracas militares de aparência precária e salpicadas de lama. Soldados ianques estavam por todo lado, e Scarlett olhou-os com desconfiança, parte da sua coragem desertando-a. Como conseguiria encontrar Rhett naquele campo inimigo?

Dirigiu o olhar para o final da rua, na direção do quartel dos bombeiros, e viu que os amplos portões arqueados se achavam fechados e pesadamente bloqueados. Duas sentinelas andavam para lá e para cá de cada lado do prédio. Rhett estava lá dentro, mas o que diria ela aos soldados ianques? E o que diriam eles a ela? Aprumou os ombros. Se não sentira medo de matar um ianque, não iria temer meramente falar com outro.

Começou a andar titubeante sobre as pedras da rua enlameada e seguiu em frente até que uma sentinela, cuja túnica azul estava abotoada até o queixo como proteção contra o vento, interceptou-a.

— O que deseja, minha senhora? — A voz dele tinha um estranho tom nasalado do Meio-Oeste, mas era educada e respeitosa.

— Quero falar com um homem aí dentro… Um prisioneiro.

— Bem, não sei — respondeu a sentinela, coçando a cabeça. — Eles são muito cuidadosos quanto a visitas e… — O homem se interrompeu e a encarou, preocupado. — Por favor, minha senhora! Não chore! Vá até o posto da guarda e pergunte aos oficiais. Vão deixá-la falar com ele, aposto.

Scarlett, que não pretendia chorar, abriu um sorriso para ele, e o homem se virou para outra sentinela que lentamente fazia sua ronda:

— Ei, você, Bill. Vem cá!

A segunda sentinela, um homem grandalhão engolfado por um sobretudo azul do qual ameaçadoras suíças negras emergiam, aproximou-se deles, chafurdando na lama.

— Leve essa senhora até o posto.

Scarlett agradeceu e seguiu a sentinela.

— Cuidado para não torcer o tornozelo nessas pedras — alertou o soldado, pegando-a pelo braço. — E é melhor levantar um pouco a saia para não sujá-la de lama.

A voz que vinha das suíças tinha o mesmo tom nasalado, mas era gentil e agradável, e a mão dele, firme e respeitosa. Ora, os ianques não pareciam nada malvados!

— Num frio destes, uma dama não deveria estar na rua — disse o acompanhante de Scarlett. — A senhora veio de longe?

— Ah, sim, vim do outro lado da cidade — respondeu ela, acalentada pela solicitude em sua voz.

— Isso não é tempo para uma dama sair de casa — comentou o soldado, em tom reprovador —, com toda essa gripe no ar. Cá estamos no posto de comando, senhora… Qual é o problema?

— Esta casa… Esta casa é o seu quartel-general?

Scarlett ergueu o olhar para a bonita residência antiga defronte à praça e quase chorou. Havia frequentado tantas festas naquela casa durante a guerra! Na época, fora um lugar alegre e bonito, mas agora… Uma enorme bandeira dos Estados Unidos tremulava acima.

— Qual é o problema?

— Nenhum… Só que… Só que eu conheci as pessoas que moravam aqui.

— Bom, é uma pena. Acho que eles mesmos não reconheceriam a casa se a vissem agora, pois foi destruída por dentro. Pode entrar, senhora, e peça para falar com o capitão.

Scarlett subiu os degraus, acariciando os corrimões brancos quebrados, e empurrou a porta da frente. O corredor estava escuro e tão frio quanto um cofre-forte, e uma sentinela tiritante se apoiava nas portas de sanfona fechadas do que havia sido, em tempos mais felizes, a sala de jantar.

— Eu queria falar com o capitão — disse Scarlett.

Ele abriu as portas e ela entrou no aposento, o coração acelerado, o rosto rubro de vergonha e excitação. Um odor sufocante que misturava fogo de lenha, fumaça de tabaco, couro, uniformes de lã molhados e corpos carentes de banho impregnava o ambiente. Ela teve uma impressão vaga de paredes nuas revestidas de papel rasgado, fileiras de jaquetas azuis e quepes militares pendurados em pregos, pedaços de lenha ardendo, uma mesa comprida coberta de documentos e um grupo de oficiais usando uniformes azuis com botões de metal.

Engolindo em seco, ela encontrou a própria voz. Não podia deixar aqueles ianques perceberem seu medo. Tinha de parecer — e ser — a mais linda e a mais despreocupada das mulheres.

— O capitão?

— Sou um capitão — respondeu um sujeito gordo, cuja túnica estava desabotoada.

— Desejo ver um prisioneiro, o capitão Rhett Butler.

— Butler de novo? Esse homem é um bocado popular — riu o capitão, tirando da boca um charuto mastigado. — A senhora é parente?

— Sou… Sou irmã dele.

O capitão tornou a rir.

— Ele tem um monte de irmãs, uma delas esteve aqui ontem.

Scarlett corou. Uma das criaturas com quem Rhett se divertia, provavelmente a vadia da Watling. E aqueles ianques achavam que ela fosse outra. Insuportável. Nem mesmo por Tara ficaria ali mais um minuto sendo insultada. Virou-se para a porta e estendeu com fúria a mão para o trinco, mas outro oficial surgiu rapidamente a seu lado. Estava bem barbeado, era jovem e tinha olhos gentis e alegres.

— Um instante, minha senhora. Não gostaria de sentar ali perto do fogo, onde está mais quente? Vou ver o que posso fazer a respeito. Como é seu nome? Butler se recusou a receber a… a senhora que veio ontem.

Scarlett afundou na cadeira que lhe foi oferecida, encarando o contrariado capitão gordo, e disse o seu nome. O jovem oficial solícito vestiu o sobretudo e saiu do aposento, enquanto os outros se afastaram para a extremidade da mesa, onde passaram a falar em voz baixa e folhear documentos. Scarlett esticou as

pernas na direção do fogo, agradecida, percebendo pela primeira vez como os pés estavam frios e arrependida de não ter posto um pedaço de papelão para cobrir o furo na sola de um dos sapatos. Passado um tempo, ouviu o murmúrio de vozes do lado de fora da porta e escutou a gargalhada de Rhett. A porta se abriu, uma corrente de ar gélido varreu a sala, e Rhett surgiu, sem chapéu, com uma capa desleixadamente a cobrir-lhe os ombros. Estava sujo e barbado e não usava gravata, mas parecia de alguma forma vistoso, a despeito do figurino inadequado, e os olhos escuros faiscaram alegremente ao vê-la.

— Scarlett!

Pegou as mãos dela entre as suas e, como sempre, Scarlett sentiu algo quente e vital e excitante naquele toque. Antes que se desse conta, ele se inclinou e a beijou no rosto, o bigode lhe fazendo cócegas. Quando sentiu o movimento assustado do seu corpo para se afastar, ele a segurou pelos ombros e disse:

— Minha irmãzinha querida!

Depois lhe deu um sorriso, como se deleitado pela impotência dela de resistir ao seu carinho. Não houve, por parte de Scarlett, como reprimir uma gargalhada pela liberdade tomada. Que patife! A cadeia não o mudara em nada.

O capitão gordo resmungava por trás do charuto com o oficial de olhar alegre.

— Isso é totalmente irregular. Ele devia estar no quartel dos bombeiros. Você conhece as ordens.

— Ah, por favor, Henry! A pobre senhora congelaria naquele celeiro.

— Tudo bem, tudo bem. A responsabilidade é sua.

— Eu lhes garanto, cavalheiros — disse Rhett, virando-se para o grupo, porém sem libertar os ombros de Scarlett —, que minha… irmã não me trouxe serrotes nem limas para ajudar na minha fuga.

Todos riram e Scarlett aproveitou para olhar à volta. Céus, será que teria de falar com Rhett diante de seis oficiais ianques? Seria ele um prisioneiro tão perigoso que não lhe permitiriam ficar fora de vista? Percebendo o olhar ansioso dela, o oficial solícito abriu uma porta e trocou sussurros com dois cabos que se puseram de pé assim que ele entrou, depois pegaram seus rifles e saíram para o corredor, fechando a porta ao passarem.

— Se quiserem podem se sentar aqui na sala dos ordenanças — falou o jovem capitão. — E não tente escapar por aquela porta. Os homens estão logo ali fora.

— Está vendo que sujeito desesperado eu sou, Scarlett? — disse Rhett. — Obrigado, capitão. É muita gentileza sua.

Inclinou-se despreocupado e, dando o braço a Scarlett, botou-a de pé e a obrigou a dirigir-se até a deplorável sala dos ordenanças. Ela jamais conseguiria recordar o aspecto do cômodo, exceto que era demasiado pequeno e escuro e pouco aquecido e que havia papéis escritos à mão pregados nas paredes mutiladas e cadeiras com assentos de couro de vaca ainda com pelos.

Depois de fechar a porta, Rhett se aproximou rapidamente e se inclinou sobre ela. Antecipando a intenção dele, Scarlett virou o rosto depressa, mas sorriu provocativamente para ele com os cantos dos olhos.

— Não posso mesmo beijá-la agora?

— Na testa, como um bom irmão — respondeu ela com recato.

— Não, obrigado. Prefiro esperar e torcer por coisa melhor. — Os olhos dele fitaram seus lábios e ali se demoraram. — Que bom você ter vindo me ver, Scarlett! É a primeira visita que recebo de um cidadão respeitável desde que fui encarcerado, e estar preso nos leva a agradecer por ter amigos. Quando você chegou à cidade?

— Ontem à tarde.

— E hoje de manhã já veio me ver? Ora, minha querida, você é mais que generosa.

Ele sorriu para ela, então, com a primeira expressão de genuíno prazer que Scarlett já vira em seu rosto. Ela sorriu internamente com euforia e baixou a cabeça fingindo constrangimento.

— Claro que vim assim que soube. Tia Pitty me contou ontem à noite, e eu… Eu simplesmente não consegui dormir pensando em como é horrível. Rhett, estou tão nervosa!

— Ora, ora, Scarlett!

A voz dele era suave, mas nela havia uma nota vibrante, e observando seu rosto moreno ela não viu ali um átimo do ceticismo, do humor jocoso que conhecia tão bem. Diante daquele olhar direto, ela baixou os olhos, genuinamente confusa. As coisas caminhavam melhor do que o esperado.

— Vale a pena estar preso para ver você de novo e ouvir coisas assim. Eu não acreditei quando me deram o seu nome. Veja, jamais esperei que você perdoasse

a minha conduta patriótica naquela noite na estrada próximo a Rough and Ready, mas imagino que esta visita signifique que você me perdoou.

Ela sentiu a raiva aflorar, mesmo após tanto tempo, quando pensou naquela noite, mas sufocou-a e jogou a cabeça para trás até os brincos tilintarem.

— Não, não o perdoei — falou, com expressão insolente.

— Outra esperança frustrada. E depois de ter me oferecido para defender meu país e lutar descalço na neve em Franklin e contrair a disenteria mais grave de que já se ouviu falar como recompensa!

— Não quero saber das suas… suas mazelas — emendou ela, ainda com uma careta, mas sorrindo com os olhos. — Ainda considero que você foi odioso naquela noite e não tenho a intenção de perdoá-lo jamais. Me abandonar sozinha daquele jeito, sujeita a todo tipo de perigo!

— Mas nada lhe aconteceu. Por isso, veja, minha confiança em você era justificada. Eu sabia que você voltaria em segurança para casa e que Deus protegesse qualquer ianque que atravessasse seu caminho!

— Rhett, por que afinal você fez uma coisa tão tola, por que se alistou no último minuto mesmo sabendo que íamos ser derrotados? E depois de tudo que falou sobre os idiotas que iam para a guerra e eram mortos!

— Scarlett, me poupe! Sinto uma vergonha enorme sempre que penso nisso.

— E eu fico feliz em saber que você sente vergonha da maneira como me tratou.

— Você me entendeu mal. Lamento dizer que a minha consciência está tranquila quanto a ter abandonado você. Quanto a me alistar, porém… Quando penso que me juntei ao Exército com botas engraxadas e um terno branco de linho e armado apenas de um par de pistolas de duelo… Quando penso naqueles quilômetros na neve gélida depois que gastei as botas e não tinha sobretudo nem coisa alguma para comer… Não entendo por que não desertei. Foi tudo pura insanidade. Mas está no sangue. Os sulistas jamais resistem a uma causa perdida. De toda forma, não importam os meus motivos. Já basta ter sido perdoado.

— Você não foi perdoado. Acho que é um grosseirão. — A última palavra, no entanto, ela acariciou, como se estivesse dizendo “querido”.

— Não minta. Você me perdoou. Moças respeitáveis não desafiam sentinelas ianques para ver um prisioneiro apenas em nome da caridade, nem aparecem

vestidas de veludo, penas e um regalo de pelo de foca para isso. Scarlett, como você está linda! Graças a Deus, não veio maltrapilha nem de luto! Não aguento mais ver mulheres vestindo roupas velhas e fora de moda e permanentemente enlutadas. Você parece saída da Rue de la Paix. Dê uma voltinha, querida, e me deixe ver você.

Então ele reparara no vestido. Claro que notaria aquele tipo de coisa, sendo quem era. Ela riu, levemente animada, e girou na ponta dos pés, os braços estendidos, as anáguas se erguendo para deixar entrever as calçolas arrematadas de renda. Os olhos negros a examinaram do chapéu aos pés em um olhar que nada deixou escapar, aquele velho olhar descarado e desnudante que sempre lhe causava arrepios.

— Você parece muito próspera e muito, muito arrumada. Quase apetitosa. Se não fosse pelo ianque lá fora… Mas está segura, minha querida. Sente-se. Não me aproveitarei de você como fiz da última vez que a vi. — Ele alisou o queixo com pseudo remorso. — Honestamente, Scarlett, você não acha que foi um tantinho egoísta aquela noite? Pense em tudo o que fiz por você, arrisquei a vida, roubei um cavalo, e que cavalo! Saí correndo para defender a Nossa Causa Gloriosa! E o que ganhei por esse esforço? Um punhado de palavras duras e um baita tapa na cara.

Ela se sentou. A conversa não caminhava exatamente na direção desejada. Ele parecera tão educado assim que a viu, tão genuinamente contente com sua visita. Quase dava para acreditar que era um ser humano e não o velhaco pervertido que ela tão bem conhecia.

— Você tem sempre que ganhar alguma recompensa pelo seu esforço?

— Ora, é claro! Sou um monstro de egoísmo, como você deve saber. Sempre espero pagamento pelo que dou.

Isso provocou um leve estremecimento nela, mas ela se recompôs e balançou de novo os brincos.

— Ora, você não é tão ruim assim, Rhett. Só gosta de se exibir.

— Minha nossa, como você mudou! — disse ele, rindo. — O que foi que a transformou em uma cristã? Eu me mantive informado sobre você através da srta. Pittypat, mas ela não me deu motivos para inferir que você tivesse

desenvolvido uma ternura feminina. Conte mais a seu respeito, Scarlett. O que andou fazendo desde a última vez que nos vimos?

A velha irritação e o antagonismo que ele despertava nela brotaram forte em seu coração e ela sentiu vontade de retrucar com palavras malcriadas. Em vez disso, porém, sorriu, e a covinha se formou em seu rosto. Ele puxara uma cadeira para perto, e ela pôs a mão com delicadeza em seu braço, de um jeito casual.

— Ah, eu tenho passado muito bem, obrigada, e tudo em Tara vai bem agora. Claro que foi um pesadelo logo após a passagem de Sherman, mas, afinal, ele não queimou a casa e os negros salvaram a maior parte do gado, levando-o para o pântano. E tivemos uma boa colheita no outono passado, vinte fardos. Claro que isso não é praticamente nada em comparação ao que Tara pode produzir, mas não contamos com muitos empregados. Segundo papai, naturalmente nos sairemos melhor no ano que vem. Mas, Rhett, hoje em dia o campo anda tão tedioso! Imagine, não há bailes nem churrascos, o único tópico de conversa são os tempos difíceis! Santo Deus, estou cheia disso tudo! Finalmente, na semana passada, não pude mais suportar, e papai disse que eu devia fazer uma viagem e me divertir. Por isso, vim para cá para mandar fazer uns vestidos e depois vou até Charleston visitar minha tia. Vai ser ótimo ir a bailes novamente.

Pronto, pensou com orgulho, *discursei com a dose certa de despreocupação! Não rica demais, mas com certeza n*ada pobre.

— Você fica linda de vestido de baile, minha querida, e sabe disso também, infelizmente! Suponho que o motivo real para essas visitas seja que você esgotou os cisnes do condado e está em busca de novos em paragens distantes.

Scarlett pensou, agradecida, que Rhett havia passado os últimos meses fora e só recentemente voltara para Atlanta. Do contrário jamais teria feito uma observação tão ridícula. Pensou brevemente nos cisnes do condado, os amargurados gêmeos Fontaines, agora maltrapilhos, nos pobretões irmãos Monroes, nos pretendentes de Jonesboro e Fayetteville, tão ocupados arando, cortando madeira e cuidando de animais doentes que haviam se esquecido de que coisas como bailes e flertes existiam. Descartou, porém, essa lembrança e riu com afetação, como se admitisse a veracidade do comentário.

— Fazer o quê? — falou ela em tom reprovador.

— Você é uma criatura desalmada, Scarlett, mas talvez isso faça parte do seu charme.

Ele sorriu do seu jeito costumeiro, curvando um canto da boca, mas ela sabia que era um elogio.

— Pois é claro — prosseguiu Rhett —, você sabe que tem mais charme do que a lei deveria permitir. Até eu já percebi, casca-grossa como sou. Muitas vezes me perguntei o que você tem que me faz sempre lembrar de você, já que conheci muitas mulheres mais bonitas e com certeza mais inteligentes e, sinto dizer, moralmente mais nobres e bondosas. De alguma forma, porém, sempre me lembrava de você. Até durante os meses após a rendição, quando estive na França e na Inglaterra, sem vê-la ou ouvir falar de você, aproveitando a sociedade cheia de mulheres bonitas, sempre me lembrava de você e ficava imaginando o que estaria fazendo.

Por um instante, indignou-se ao ouvi-lo falar que outras mulheres eram mais bonitas, mais inteligentes e bondosas que ela, mas a irritação temporária foi superada pelo prazer de saber que ele se lembrara dela e do seu charme. Então não a esquecera! Isso tornaria tudo mais fácil. E ele estava se comportando tão bem, quase como um cavalheiro, naquelas circunstâncias. Agora só precisava fazer o assunto girar em torno dele próprio, para que pudesse fazê-lo crer que também não o tinha esquecido, e depois…

Novamente apertou de leve o braço dele e fez surgir a covinha.

— Ah, Rhett, como você fala e fala, brincando com uma moça do interior como eu! Sei muitíssimo bem que você não pensou em mim uma única vez depois que foi embora naquela noite. Não há de me convencer que sempre pensou em mim com todas aquelas moças francesas e inglesas bonitas à sua volta. Mas não vim de tão longe para ouvir você me dizer tolices. Eu vim… Eu vim porque…

— Porque…

— Ah, Rhett, estou tão preocupada com você! Tão assustada por você! Quando vão deixá-lo sair deste lugar pavoroso?

Rapidamente, ele colocou a mão sobre a dela e apertou-a com força de encontro ao próprio braço.

— Sua preocupação lhe faz jus. Não há como saber quando vou sair daqui. Provavelmente quando esticarem um pouco mais a corda.

— A corda?

— Sim, imagino que só saio daqui na ponta de uma corda.

— Não vão mesmo enforcá-lo, vão?

— Enforcarão, caso consigam mais provas contra mim.

— Ah, Rhett! — exclamou ela, pondo a mão no coração.

— Você lamentaria? Se lamentar o bastante, mencionarei seu nome no meu testamento.

Seus olhos negros riram dela com audácia, e ele lhe apertou novamente a mão.

O testamento! Ela baixou depressa os olhos por medo de que a traíssem, mas não depressa o bastante, pois os dele brilharam, subitamente curiosos.

— Segundo os ianques, devo ter um belo testamento. Aparentemente existe um interesse considerável pelas minhas finanças no momento. Todo dia sou arrastado para ficar diante de um conselho de inquisição onde me fazem perguntas tolas. Ao que tudo indica, os boatos dão conta de que fugi com o ouro místico da Confederação.

— Bem… Você fez isso?

— Que pergunta insidiosa! Você sabe tão bem quanto eu que a Confederação imprimia folhetos e não dinheiro.

— Onde você conseguiu todo o seu dinheiro? Foi especulando? Tia Pittypat disse…

— Que perguntas mais indiscretas você faz!

Maldito! Claro que ele estava com o dinheiro. De tão agitada, ela achou difícil falar ternamente com ele.

— Rhett, estou muito preocupada por você estar aqui. Será que não há chance de você sair?

— *Nihil desperandum* é o meu mote.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer “talvez”, minha doce ignoramus.

Ela adejou os cílios espessos ao erguer os olhos para ele e fez o mesmo ao baixá-los.

— Ah, você é esperto demais para se deixar enforcar! Sei que vai encontrar um jeito de passar a perna neles e sair daqui! E quando isso acontecer…

— E quando isso acontecer? — perguntou ele baixinho, aproximando-se mais.

— Bem, eu… — começou ela, conseguindo se mostrar sedutoramente confusa e enrubescida. O rubor não foi difícil, pois estava sem fôlego e o coração batia qual um tambor. — Rhett, lamento tanto o que eu… O que eu disse a você naquela noite… Sabe, lá em Rough and Ready. Eu estava… com tanto medo e tão nervosa e você foi tão… tão… — Baixando os olhos, viu a mão morena dele apertar mais forte a dela. — E achei… Achei naquela hora que nunca o perdoaria! Mas quando a tia Pitty me contou ontem que você… que talvez o enforcassem… De repente eu fiquei, eu fiquei… — Olhou-o nos olhos com uma expressão de súplica, transmitindo a angústia de um coração partido. — Ah, Rhett, eu morreria se enforcassem você! Não aguentaria! Sabe, eu…

E porque não mais era capaz de suportar o brilho ardente que iluminava os olhos dele, Scarlett baixou novamente os dela, adejando os cílios.

Logo estarei aos prantos, pensou em um frenesi de admiração e euforia. *Devo me permitir chorar? Será que pareceria mai*s natural?

Ele disse rapidamente:

— Meu Deus, Scarlett, você não pode estar dizendo… — E as mãos dele se fecharam sobre as dela com tamanha força que causaram dor.

Ela cerrou os olhos com força, tentando provocar lágrimas, mas se lembrou de erguer de leve o rosto para que Rhett pudesse beijá-la sem dificuldade. Em um instante os lábios dele pousariam nos dela, aqueles lábios rudes e insistentes cuja súbita lembrança a deixou trêmula. Mas ele não a beijou. Estranhamente desapontada, Scarlett entreabriu os olhos e arriscou espiá-lo. Viu a cabeça morena inclinada sobre suas mãos e, enquanto observava, ele ergueu uma delas e a beijou e, tomando a outra, pousou-a brevemente no próprio rosto. Esperando violência, aquele gesto delicado e enamorado a espantou. Perguntou-se qual seria a expressão dele naquele instante, mas era impossível saber, já que Rhett mantinha a cabeça baixa.

Desviou rapidamente o olhar, pois ele podia erguer os olhos de repente e flagrar sua expressão. Sabia que a sensação de triunfo que a tomara de assalto decerto estaria patente em seu rosto. Logo ele a pediria em casamento, ou ao

menos declararia o seu amor, e então… Enquanto o observava por entre o véu dos próprios cílios, ele virou as palmas das mãos dela para cima, a fim de beijá-las também e, subitamente, engoliu em seco. Baixando o olhar, Scarlett viu a própria mão, viu-a como de fato era, pela primeira vez em um ano, e um medo gélido e nauseante a engolfou. Aquela era a mão de uma estranha, não a mão macia, alva, delicada e inerme de Scarlett O'Hara. Aquela mão fora calejada pelo trabalho, queimada pelo sol, salpicada de sardas. As unhas estavam quebradas e irregulares, calos grosseiros cobriam-lhe as palmas e havia uma bolha semicicatrizada no polegar. A cicatriz vermelha que a gordura fervente deixara no mês anterior era feia e chamativa. Contemplou aquela mão horrorizada e, sem pensar, rapidamente fechou o punho.

Ainda assim, Rhett não ergueu a cabeça. Scarlett continuava sem poder ver seu rosto. Ele forçou o punho a se abrir e examinou a palma de sua mão, pegando a outra e segurando ambas em silêncio, sem deixar de olhá-las.

— Olhe para mim — falou ele, erguendo finalmente a cabeça e com uma voz muito calma. — E tire essa expressão de donzela do rosto.

Involuntariamente os olhos dela encontraram os dele, insolência e confusão estampados em seu rosto. Ele tinha as sobrancelhas negras erguidas e os olhos faiscavam.

— Então, você tem passado muito bem em Tara, não é mesmo? Ganhou tanto dinheiro com o algodão que pode viajar por aí. O que essas mãos andam fazendo? Arando?

Ela tentou libertar as mãos, mas ele as segurava com força, passando os polegares sobre os calos.

— Essas não são as mãos de uma dama — disse Rhett, largando-as bruscamente.

— Ora, cale a boca! — gritou Scarlett, sentindo um intenso alívio momentâneo por poder expressar seus sentimentos. — Não é da conta de ninguém o que faço com minhas mãos!

Como sou boba, pensou com veemência. *Eu devia ter pegado emprestado ou então roubado as luvas da tia Pitty, mas não me dei conta da aparência horrível das minhas mãos. Claro que ele haveria de notar. E agora perdi a calma e provavelmente estraguei tudo. E pensar que ele estava a ponto de se* declarar!

— Sem dúvida suas mãos não são da minha conta — concordou Rhett friamente, recostando-se na cadeira com indolência, uma expressão indecifrável no rosto.

Então ele se faria de difícil. Bom, teria de aguentar impassível, por mais que lhe desagradasse, se pretendia sair vitoriosa daquele embate. Talvez se o lisonjeasse…

— Acho muito grosseiro da sua parte falar mal das minha pobres mãozinhas. Só porque fui cavalgar na semana passada sem luvas e as machuquei…

— Cavalgar, uma ova! — exclamou ele, sem alterar o tom. — Você tem trabalhado com essas mãos, trabalhado como uma preta. Qual é a resposta? Por que mentiu para mim dizendo que tudo vai bem em Tara?

— Ora, Rhett…

— Que tal admitir a verdade? Qual o objetivo real da sua visita? Quase fui convencido pelo seu ar coquete de que você tinha algum sentimento por mim e lamentava a minha sorte.

— Ah, eu lamento! De verdade…

— Não, não lamenta. Podem me executar em uma forca mais alta que a de Hamã, pelo que lhe diz respeito. Isso está escrito tão claramente no seu rosto quanto o trabalho está escrito em suas mãos. Você queria algo de mim e queria tanto a ponto de encenar esse espetáculo. Por que não foi sincera e me disse o que era? Seria muito mais provável que conseguisse, pois se há uma virtude que valorizo é a franqueza. Mas não, você tinha de vir tilintar seus brincos, fazer beicinho e se insinuar como uma prostituta para um cliente potencial.

Ele não alteou a voz nas últimas palavras nem as enfatizou de alguma outra forma, mas para Scarlett elas soaram como uma chibatada, e com desespero ela viu ruir a esperança de convencê-lo a lhe propor casamento. Se Rhett tivesse explodido de raiva e vaidade ferida ou a repreendesse, como outros homens fariam, talvez fosse possível lidar com a situação. Mas a calma mortal de sua voz a amedrontou, deixou-a completamente perdida quanto ao que fazer. A despeito de ele ser um prisioneiro e os ianques estarem no aposento vizinho, de repente lhe ocorreu que Rhett Butler era um homem perigoso para quem o desafiasse.

— Suponho que a minha memória ande defeituosa. Eu devia ter me lembrado de que você é exatamente como eu, que jamais dá ponto sem nó. Agora,

vejamos. O que você tinha na manga, sra. Hamilton? Não é possível que estivesse tão equivocada a ponto de achar que eu lhe proporia matrimônio.

Com o rosto vermelho, ela não respondeu.

— Não pode ter esquecido que eu disse várias vezes que não sou homem de casar.

Quando ela continuou muda, ele disse com uma violência repentina:

— Não esqueceu, estou certo? Responda.

— Não esqueci — disse ela, acabrunhada.

— Que jogadora você é, Scarlett — retrucou Rhett, com desprezo. — Apostou que o fato de eu estar encarcerado e longe de qualquer companhia feminina me poria em tal estado que eu pularia em cima de você como uma truta sobre um verme.

E foi o que você fez, pensou Scarlett, furiosa por dentro. *E se não fossem as mi*nhas mãos…

— Agora estamos de posse de boa parte da verdade. Temos tudo, menos o seu motivo. Veja se pode me contar a verdade sobre o motivo por que queria me levar ao altar.

Ela ouviu uma nota suave, quase provocativa, na voz dele e se animou. Talvez nem tudo estivesse perdido, afinal. Claro que a esperança de casamento caíra por terra, mas, mesmo em seu desespero, estava feliz. Havia alguma coisa naquele homem impassível que a assustava, e agora a ideia de casar-se com ele se tornara assustadora. Mas talvez, se fosse esperta e usasse as preferências e as lembranças dele, pudesse lhe arrancar um empréstimo.

— Ah, Rhett, você pode me ajudar tanto… Basta ser bonzinho.

— Não há nada de que eu goste mais do que ser… bonzinho.

— Rhett, em nome da nossa velha amizade, eu gostaria de lhe pedir um favor.

— Então, finalmente, a dama com mãos de camponesa me dirá qual é sua missão real. Temo que “visitar os doentes e encarcerados” não seja um papel que lhe assente. O que você quer? Dinheiro?

A assertividade da pergunta fulminou quaisquer esperanças de abordar a questão de um jeito indireto e sentimental.

— Não seja malvado, Rhett — adulou ela. — Quero, sim, algum dinheiro. Quero que me empreste trezentos dólares.

— A verdade, finalmente. Fala de amor e pensa em dinheiro. Nada mais feminino! Você está muito necessitada de dinheiro?

— Ah, si… Bem, nem tanto, mas não me faria mal.

— Trezentos dólares. Isso é muito dinheiro. Para que precisa deles?

— Para pagar os impostos de Tara.

— Então, quer algum dinheiro emprestado. Bom, já que está falando como negociante, falarei também. O que você vai me dar em caução?

— Dar em quê?

— Em caução. O bem que servirá de garantia para o meu investimento. Claro que não desejo perder todo esse dinheiro. — A voz dele era enganadoramente suave, quase sedosa, mas ela não reparou. Talvez tudo desse certo afinal.

— Meus brincos.

— Não estou interessado em brincos.

— Uma hipoteca sobre Tara.

— E o que eu faria com uma fazenda?

— Ora, você poderia… Você poderia… Tara é uma boa fazenda. E você não perderia o dinheiro. Eu lhe pagaria com a próxima colheita de algodão.

— Não tenho tanta certeza disso. — Ele se reclinou na cadeira e pôs as mãos nos bolsos. — O preço do algodão vem caindo. São tempos difíceis e o dinheiro está curto.

— Ah, Rhett, você está me provocando! Sei que você tem milhões!

Quando ele a examinou de cima a baixo, dançava em seus olhos uma malícia cálida.

— Então tudo vai bem e você não precisa tanto de dinheiro. Fico feliz em saber. Gosto de ouvir que tudo vai bem com velhos amigos.

— Ah, Rhett, pelo amor de Deus… — começou ela, em desespero, a coragem e o controle fraquejando.

— Abaixe a voz. Não quer que os ianques escutem, espero. Alguém já lhe disse que você tem olhos de gato… de um gato no escuro?

— Rhett, pare! Eu lhe conto tudo. Preciso muito do dinheiro. Eu… Eu menti sobre tudo estar bem. Tudo vai muito mal. Papai está… Ele não é mais o mesmo. Anda abatido desde que a mamãe morreu e não pode me ajudar em nada. Parece uma criança. E não temos um único lavrador para plantar e colher o algodão e

somos treze bocas para comer. E os impostos… são tão altos! Rhett, eu lhe conto tudo. Durante mais de um ano estivemos a um triz de morrer de fome. Ah, você não sabe! Não pode saber! Nunca tínhamos o suficiente para comer, e é terrível acordar com fome e ir dormir com fome. E não temos roupas quentes, e as crianças estão sempre com frio e doentes e…

— Onde você arrumou este vestido bonito?

— Foi feito com as cortinas da mamãe — respondeu ela, desesperada demais para encobrir a vergonha com uma mentira. — Eu consegui aguentar passar fome e frio, mas agora… Agora os *carpetbaggers* aumentaram os nossos impostos. E querem o pagamento imediatamente. E não tenho nada além de uma moeda de ouro de cinco dólares. Preciso do dinheiro dos impostos! Não está vendo? Se eu não pagar, vou… Vamos perder Tara e não podemos perdê-la! Não posso entregá-la!

— Por que não me contou tudo isso de início, em vez de fazer de alvo o meu coração suscetível… sempre frágil no que diz respeito a mulheres bonitas? Não, Scarlett, não chore. Você já usou todos os truques, menos esse, e acho que seria demais para mim. Meus sentimentos já estão dilacerados pela decepção de descobrir que era o meu dinheiro e não o meu charme que você queria.

Ela lembrou que ele costumava dizer verdades nuas e cruas a seu próprio respeito quando falava zombeteiramente — zombando de si mesmo assim como dos outros — e imediatamente o encarou. Será que ele de fato se magoara? Será que realmente gostava dela? Estaria mesmo a ponto de pedi-la em casamento quando viu suas mãos? Ou estaria apenas tentando enredá-la para repetir a mesma proposta que lhe fizera duas vezes? Se gostasse realmente dela, talvez fosse possível amolecê-lo. Mas seus olhos negros a examinaram sem enamoramento, e ele riu baixinho.

— Não gostei da caução que me ofereceu. Não sou fazendeiro. O que mais você tem para me oferecer?

Ora, finalmente! A hora era agora! Tomando fôlego, Scarlett fitou-o sem pestanejar, despida de qualquer vestígio dos ares sedutores e provocantes de pouco antes, preparada para lidar com o que mais temera.

— Eu… Tenho a mim mesma.

— Sério?

O rosto dela assumiu uma expressão decidida e os olhos ficaram cor de esmeralda.

— Você se lembra daquela noite na varanda da tia Pitty, durante o cerco? Você disse… disse que me desejava.

Rhett se recostou despreocupadamente na cadeira e estudou o rosto tenso dela com uma expressão inescrutável. Algo cintilou em seus olhos, mas ele permaneceu calado.

— Você disse… disse que jamais desejara tanto uma mulher quanto desejava a mim. Se ainda me quer, pode me ter. Rhett, faço qualquer coisa que você mandar, mas, pelo amor de Deus, me dê o dinheiro! Minha palavra é a garantia. Juro. Não deixarei de honrá-la. Posso pôr isso no papel, se você quiser.

Ele a olhou de forma estranha, ainda inescrutável, e enquanto prosseguia, apressada, ela não soube dizer se aquela expressão era de curiosidade ou de repulsa. Se ao menos ele dissesse alguma coisa, qualquer coisa! Sentiu o rosto enrubescer.

— Preciso do dinheiro logo, Rhett. Vão nos botar na rua e aquele maldito feitor do papai será o dono da fazenda e…

— Espere aí. O que a faz pensar que eu ainda a desejo? O que a faz pensar que você vale trezentos dólares? A maioria das mulheres não é tão cara.

Ela corou até a raiz dos cabelos e sua humilhação foi total.

— Por que você está fazendo isso? Por que não aceita a perda da fazenda e vai morar com a srta. Pittypat? A casa é metade sua.

— Por Deus! — exclamou ela. — Você é louco? Não posso perder Tara. É meu lar. Não vou perdê-la. Não enquanto me restar um fio de vida!

— Os irlandeses — disse ele, tornando a pousar as duas pernas frontais da cadeira no chão e tirando as mãos dos bolsos — são a raça mais maldita que existe. Dão valor demais a muitas coisas que não têm essa importância toda. Terras, por exemplo. E cada centímetro de terra é exatamente igual ao outro. Agora, deixe-me esclarecer esse assunto, Scarlett. Você me trouxe uma proposta comercial. Eu lhe darei trezentos dólares e você vai ser minha amante.

— Sim.

Agora que aquela palavra repulsiva fora pronunciada, ela se sentiu de certa forma mais à vontade, e de novo a esperança ressurgiu. Ele dissera “eu lhe

darei”. Nos olhos dele Scarlett viu um brilho diabólico, como se algo o estivesse divertindo muito.

— No entanto, quando cometi a afronta de lhe fazer essa mesma proposta, você me expulsou da casa. Também me chamou de um monte de coisas muito pesadas e mencionou, de passagem, que não queria um “bando de filhos”. Não, minha querida, não estou esfregando isso na sua cara. Só me intrigam as peculiaridades da sua mente. Você não faria isso por puro prazer, mas fará para manter o lobo ao largo da sua porta. O que comprova a minha teoria de que virtude é meramente uma questão de preço.

— Ah, Rhett, chega de sermão! Se quer me insultar, vá em frente, insulte, mas me dê o dinheiro!

Respirava com mais facilidade agora. Sendo quem era, Rhett obviamente queria atormentá-la e ofendê-la tanto quanto possível para fazê-la pagar por humilhações passadas e pela recente tentativa de engodo. Bom, ela podia aguentar. Podia aguentar qualquer coisa. Tara valia tudo aquilo. Por um instante, teve a impressão de ser verão e o céu vespertino estar azul acima do verdejante gramado de Tara, onde estava deitada, olhando para os castelos ondulantes de nuvens, sentindo nas narinas o aroma dos botões alvos e ouvindo o zumbido de abelhas atarefadas. Fim de tarde, azáfama: o som distante das carroças voltando dos campos vermelhos em espiral. Tara valia tudo aquilo, valia mais.

Ergueu a cabeça e indagou:

— Você vai me dar o dinheiro?

Ele parecia estar se divertindo e quando falou foi com uma suave brutalidade na voz.

— Não, não vou.

Por um instante, a mente dela não foi capaz de se ajustar às palavras.

— Eu não poderia, mesmo se quisesse. Não tenho um centavo comigo. Não tenho um único dólar em Atlanta. Possuo algum dinheiro, sim, mas não aqui. Não direi onde nem quanto. Mas, se eu tentasse lhe dar um documento para sacá-lo, os ianques cairiam em cima de mim como abelhas no mel e nem eu nem você poríamos a mão nele. O que acha disso?

O rosto dela adquiriu uma tonalidade verde doentia, sardas de repente se destacaram em seu nariz, e a boca contorcida lembrou a de Gerald mortalmente

enfurecido. Pôs-se de pé em um salto, com um grito incoerente que fez emudecer de repente o murmúrio de vozes no aposento contíguo. Rápido como uma pantera, Rhett se aproximou e lhe tapou a boca com a mão forte, e com o braço apertou sua cintura. Ela lutou loucamente para se soltar, tentando morder-lhe a mão, chutar-lhe as pernas, gritar de raiva, desespero, ódio e orgulho ferido. Inclinou-se e torceu o corpo de todas as maneiras contra aquele braço de ferro, o coração quase explodindo, o espartilho apertado cortando a respiração. Ele a prendia com enorme força, enorme rudeza, e a mão que lhe tapava a boca apertava com crueldade suas mandíbulas. O rosto dele empalideceu sob o bronzeado, e os olhos ficaram duros e ansiosos quando ele a ergueu totalmente do chão, apertou-a de encontro ao peito e sentou-se na cadeira, segurando-a firme no colo.

— Querida, pelo amor de Deus! Pare! Cale a boca! Não grite. Eles entrarão aqui em um minuto se você gritar. Acalme-se, por favor. Por acaso quer que os ianques a vejam assim?

Ela passara do ponto de se importar com quem a visse, passara do ponto de qualquer coisa, com exceção do desejo violento de matá-lo, mas começava a ficar zonza. Não conseguia respirar; ele a estava sufocando; o espartilho parecia uma garra de ferro a apertá-la; os braços que a imobilizavam a faziam tremer de ódio e fúria, impotente. Então, a voz dele ficou distante e abafada e seu rosto girou em uma bruma nauseante, cada vez mais espessa, até que ela não mais o enxergava — não enxergava mais nada.

Quando fez movimentos débeis para voltar a si, estava cansada até os ossos, fraca, confusa. Viu-se deitada na cadeira, sem chapéu, com Rhett dando tapinhas em seu pulso, os olhos negros examinando, ansiosos, o rosto dela. O jovem capitão solícito tentava fazê-la beber de um cálice de conhaque, mas deixara a bebida escorrer até o seu pescoço. Os outros oficiais rodeavam, impotentes, sussurrando e gesticulando.

— Eu acho… acho que desmaiei — disse Scarlett, e a voz soou tão distante que a assustou.

— Beba isso — comandou Rhett, pegando o cálice e o empurrando de encontro aos lábios dela.

Recuperando a memória, ela o encarou, mas o cansaço era demasiado para lhe permitir sentir raiva.

— Por favor, por mim — insistiu Rhett.

Ela tomou um gole e engasgou, começando a tossir, mas ele voltou a encostar o cálice em sua boca, fazendo-a engolir o líquido forte, que de repente ardeu em sua garganta.

— Acho que ela melhorou, cavalheiros, e eu lhes agradeço muito. A notícia de que vou ser executado foi demais para ela.

O grupo de uniforme azul se entreolhou com expressão envergonhada, e após muitos pigarros todos saíram. O jovem capitão parou à porta.

— Se eu puder fazer mais alguma coisa…

— Não, obrigado.

O capitão saiu, fechando a porta.

— Beba um pouco mais — disse Rhett.

— Não.

— Beba.

Ela tomou outro gole e o calor começou a se espalhar pelo corpo e a aos poucos a energia voltou às pernas trêmulas. Empurrou o copo e tentou se levantar, mas ele a impediu.

— Tire as mãos de mim. Vou embora.

— Ainda não. Espere um minuto. Você pode desmaiar de novo.

— Prefiro desmaiar na rua do que aqui com você.

— Mesmo assim não vou deixar que você desmaie na rua.

— Me deixe ir embora. Odeio você.

Um leve sorriso voltou ao rosto dele ao som dessas palavras.

— Isso faz mais o seu tipo. Já deve estar se sentindo melhor.

Ela ficou deitada um instante, mais calma, tentando invocar a raiva em seu auxílio, tentando recuperar a energia. Mas estava cansada demais. Cansada demais para odiar ou para se importar de verdade com alguma coisa. A derrota lhe pesava como chumbo. Havia apostado tudo e perdido tudo. Nem mesmo o orgulho restara. Aquele era o beco sem saída de sua última esperança. O fim de Tara, o fim de todos eles. Por muito tempo ficou ali deitada com os olhos fechados, ouvindo a respiração dele a seu lado, e o calor do conhaque foi

tomando seu corpo gradualmente, provendo uma energia falsa e aquecendo-a. Quando, afinal, abriu os olhos e encarou o rosto dele, a raiva já retornara. Quando suas sobrancelhas arqueadas se uniram na testa franzida, o velho sorriso de Rhett voltou.

— Agora você está melhor. Dá para saber pela sua expressão.

— Claro que estou bem. Rhett Butler, você é um patife asqueroso, o pior que já vi! Sabia muito bem o que eu diria assim que comecei a falar e sabia que não me daria o dinheiro. E me deixou ir em frente. Podia ter me poupado…

— Poupado você e deixar de ouvir aquilo tudo? Acho que não. Tenho tão pouca distração aqui. Não sei há quanto tempo não ouço coisas tão gratificantes. — Então ele soltou sua repentina gargalhada zombeteira. Ao ouvi-la, Scarlett ficou de pé em um salto, pegando depressa o chapéu.

Imediatamente ele a segurou pelos ombros.

— Ainda não. Você está bem o bastante para conversar com bom senso?

— Me solte!

— Já vi que está. Então, me diga. Eu era o único trunfo que você tinha na manga? — Os olhos dele estavam atentos e alertas, observando cada mudança na expressão dela.

— Como assim?

— Eu era o único homem com quem você tentaria essa manobra?

— Por acaso isso é da sua conta?

— Mais do que você imagina. Há outros homens na sua lista? Me diga!

— Não.

— Incrível. Não consigo imaginá-la sem cinco ou seis na reserva. Sem dúvida, surgirá alguém para aceitar sua proposta interessante. Tenho tanta certeza disso que vou lhe dar um pequeno conselho.

— Não quero seus conselhos.

— Ainda assim, darei. Conselhos, aparentemente, são a única coisa que posso lhe dar no momento. Ouça, porque é um bom conselho. Quando tentar arrancar algo de um homem, não se deve ser tão incisiva como você foi comigo. Tente ser mais sutil, mais sedutora. Vai conseguir resultados melhores. Você costumava entender disso à perfeição. Mas ainda agora, quando você me ofereceu a sua… a sua caução para o meu dinheiro, sua expressão foi dura como pedra. Já vi olhares

como o seu em homens que seguravam uma pistola a vinte passos de mim, e não é uma visão agradável. Não inspira ardor no coração masculino. Não é assim que se lida com os homens, minha querida. Você está destreinada.

— Não preciso que você me diga como me comportar — respondeu Scarlett, pondo o chapéu com ar cansado. Perguntou-se como ele era capaz de fazer piada com uma corda no pescoço e diante das condições lamentáveis dela. Sequer reparou que as mãos de Rhett, cerradas em punho, estavam enfiadas nos bolsos, como se a própria impotência o extenuasse.

— Anime-se — disse ele, enquanto a via amarrar as fitas do chapéu. — Você pode vir assistir ao meu enforcamento, o que vai fazê-la se sentir muito melhor. Vai zerar todos os ressentimentos que lhe causei, até mesmo este. E vou incluí-la no meu testamento.

— Obrigada, mas talvez não o enforquem até ser tarde demais para pagar os impostos — retrucou Scarlett, com uma crueldade que era páreo para a dele. E também era verdade.

Capítulo 35

Chovia quando ela saiu do prédio, e o céu estava cor de betume. Os soldados na praça haviam se abrigado em suas barracas e as ruas estavam desertas. Não se podia ver um único veículo, e ela concluiu que teria de fazer o longo caminho até em casa a pé.

O calor do conhaque se evaporou enquanto caminhava. O vento frio a fez tremer e as gotas de chuva açoitavam seu rosto qual agulhas gélidas. A água rapidamente penetrou na fina capa da tia Pitty até transformá-la em dobras ensopadas de tecido em volta do seu corpo. Scarlett sabia que o vestido de veludo estava se estragando e que as penas de galo no chapéu pareciam tão ensopadas e murchas quanto quando seu antigo dono as usava no quintal molhado de Tara. As pedras da calçada haviam se quebrado, e em longos trechos nenhuma restara. Nesses pontos, a lama chegava aos tornozelos e os sapatos dela afundavam ali como se fosse um pântano, chegando mesmo a lhe caírem dos pés. Toda vez que Scarlett se inclinava para recuperá-los, a bainha da saia roçava na lama. Nem se preocupou em evitar as poças, pisando diretamente nelas e arrastando a saia como podia. Dava para sentir o corpete molhado e as calçolas frias grudadas aos tornozelos, mas ela passara do ponto de se preocupar com o destino infeliz do figurino no qual apostara tanto. Estava enregelada, desolada e desesperada.

Como poderia voltar para Tara e enfrentar a todos depois de seu discurso destemido? Como lhes diria que precisavam todos ir… para algum lugar? Como aguentaria deixar tudo, os campos vermelhos, os pinheiros garbosos, os escuros vales pantanosos, o cemitério tranquilo onde Ellen jazia sob a sombra densa dos cedros?

O ódio a Rhett Butler ardia em seu coração enquanto ela avançava pelas ruas escorregadias. Que velhaco! Torceu para que o enforcassem de fato e ela jamais precisasse vê-lo de novo, agora que ele sabia de seus infortúnios e de sua

humilhação. Claro que poderia ter arrumado o dinheiro para ela, se quisesse. Ah, enforcamento era piedoso demais para o patife! Graças a Deus, não podia vê-la agora, com as roupas pingando, o cabelo emaranhado e tiritando de frio. Como devia estar horrível, e como ele riria disso!

Os negros por que passava lhe lançavam olhares insolentes e riam entre si enquanto ela apressava o passo, escorregando e derrapando na lama, parando, arfando para calçar novamente os sapatos. Como ousavam rir, aqueles macacos? Como ousavam lançar olhares para Scarlett O'Hara de Tara? Gostaria de mandar chicotear todos até que o sangue lhes escorresse pelas costas. Que demônios eram os ianques para libertá-los, deixá-los livres para zombar dos brancos!

Ao descer a rua Washington, viu uma paisagem tão sombria quanto seu coração. Não havia o movimento e a animação que notara na rua Peachtree. No passado, muitas casas bonitas se situavam ali, mas poucas tinham sido reconstruídas. Fundações chamuscadas e chaminés solitárias enegrecidas, agora chamadas de "Sentinelas de Sherman", surgiam com frequência desanimadora. Caminhos cheios de mato levavam ao que antes eram residências — velhos gramados pródigos em ervas daninhas, cocheiras para carruagens onde se viam nomes conhecidos, estacas para atrelar cavalos que jamais tornariam a servir para amarrar rédeas. Vento frio e chuva, lama e árvores desnudas, silêncio e desolação. Como estavam molhados os seus pés e como era longa a jornada para casa!

Ouviu o ruído de cascos às suas costas e se afastou da beira da calçada estreita para evitar que a capa da tia Pittypat levasse mais respingos de lama. Um cavalo e uma charrete subiam lentamente a rua, e ela se virou para ver quem segurava as rédeas, decidida a pedir carona caso se tratasse de uma pessoa branca. A chuva não permitia que enxergasse direito a charrete que se aproximava, mas ela viu o condutor lançar um olhar por cima da lona que se estendia da parte frontal até seu queixo. Havia algo familiar no rosto dele e, quando ela desceu da calçada para ver melhor, o homem tossiu constrangido e uma voz bem conhecida exclamou em um tom satisfeito e atônito:

— Decerto não pode ser a srta. Scarlett!

— Ah, sr. Kennedy — exclamou ela em resposta, atravessando depressa a rua e encostando na roda lamacenta, indiferente aos danos adicionais que poderia

causar à capa. — Nunca na vida fiquei tão feliz de encontrar alguém!

O homem enrubesceu de prazer ante a óbvia sinceridade daquelas palavras, rapidamente deu uma cusparada de tabaco do lado oposto da charrete e pulou agilmente para o chão. Apertou com entusiasmo a mão dela e, segurando a lona, ajudou-a a subir na charrete.

— Srta. Scarlett, o que faz por aqui sozinha? Não sabe que está perigoso ultimamente? E com a roupa toda ensopada! Venha, enrole a manta nos pés.

Enquanto ele se ocupava dela, como uma galinha com seus pintinhos, Scarlett se entregou ao luxo de ser cuidada. Que bom ter um homem para mimá-la, consolá-la e repreendê-la, mesmo se tratando de Frank Kennedy, que mais parecia uma solteirona de calças. Era especialmente reconfortante depois do tratamento brutal que recebera de Rhett Butler. E, nossa, que reconfortante ver um rosto do condado à tamanha distância de casa! Frank estava bem vestido, ela notou, e a charrete também era nova. O cavalo dava a impressão de ser jovem e bem alimentado, mas Frank parecia acabado para a idade, bem mais velho do que quando estivera em Tara com seus homens. Magro, rosto encovado e olhos amarelados e baços entre as dobras de pele flácida. A barba ruiva nunca fora tão rala, e estava salpicada de baba de tabaco e tão emaranhada que dava a impressão de que ele enfiava as unhas nela sem parar. Mas parecia animado e satisfeito, em contraste com as rugas de dor e preocupação e desânimo que Scarlett via nos rostos de todo mundo.

— É um prazer vê-la — disse Frank, calorosamente. — Não sabia que se encontrava na cidade. Encontrei a srta. Pittypat na semana passada e ela não me falou que a senhora vinha. Por acaso… por acaso alguém de Tara veio também?

Ele estava pensando em Suellen, o bobalhão.

— Não — respondeu Scarlett, enrolando a manta quentinha no corpo e tentando puxá-la até o pescoço. — Vim sozinha. Não avisei tia Pitty.

Frank estalou a língua para o cavalo e o animal seguiu em frente, com cuidado, pela rua escorregadia.

— Todos em Tara vão bem?

— Ah, sim, mais ou menos.

Precisava pensar em algum tópico de conversa, mas estava tão difícil falar. A cabeça pesava com a derrota recente, e tudo que desejava era deitar naquele

cobertor quente e dizer a si mesma: “Não vou pensar em Tara agora. Pensarei mais tarde, quando já não doer tanto.” Se pudesse fazê-lo começar a falar de algum assunto que o ocupasse durante todo o caminho até em casa, não precisaria senão murmurar “Que bom” e “O senhor com certeza é esperto” de quando em vez.

— Sr. Kennedy, estou tão surpresa em vê-lo. Sei que agi mal não mantendo contato com os velhos amigos, mas não sabia que o senhor estava aqui em Atlanta. Achei que tinham me dito que estava em Marietta.

— Tenho negócios lá, muitos negócios — disse ele. — A srta. Suellen não lhe contou que me estabeleci em Atlanta? Não lhe falou do meu armazém?

Lembrou-se vagamente de Suellen comentar sobre Frank e um armazém, mas jamais prestava muita atenção no que Suellen dizia. Já era suficiente saber que Frank estava vivo e algum dia a livraria de Suellen.

— Não, eu não soube de nada — mentiu. — O senhor tem um armazém? Como deve ser esperto!

Ele deu a impressão de ter ficado meio magoado ao saber que Suellen não espalhara a notícia, mas se animou com o elogio.

— Sim, tenho um armazém, e muito bom, na verdade. Não paro de ouvir que sou um comerciante nato — respondeu, lisonjeado, com o risinho curto e discreto que para Scarlett sempre soara irritante.

Bobalhão presunçoso, pensou ela.

— Ah, o senhor seria um sucesso em qualquer coisa que decidisse fazer, sr. Kennedy. Mas como foi que conseguiu abrir o armazém? Quando nos encontramos no Natal há dois anos, o senhor disse que não tinha um centavo.

Frank pigarreou roucamente, coçou as suíças e abriu seu sorriso tímido e nervoso.

— Bom, é uma longa história, srta. Scarlett.

Louvado seja o Senhor!, pensou ela. *Quem sabe ela não o ocupa até chegarmo*s em casa.

Em voz alta, disse:

— Me conte tudo!

— Lembra-se da última vez que estivemos em Tara, tentando conseguir suprimentos? Bem, não muito depois, me alistei. Para lutar de verdade. Já estava

farto do comissariado. Não havia muita serventia para um comissário, srta. Scarlett, porque mal conseguíamos qualquer coisa para o Exército, e achei que o lugar para um homem capacitado era o campo de batalha. Bem, lutei com a cavalaria durante um tempo até levar uma bala no ombro.

A expressão no rosto dele era de orgulho, e Scarlett comentou:

— Que horror!

— Ora, não foi tão ruim, apenas um ferimento — retorquiu Frank, minimizando o ocorrido. — Me mandaram para um hospital ao sul e, quando eu já estava praticamente bom, sofremos os ataques ianques. Nossa, aquilo, sim, foi dureza. Não soubemos com muita antecedência e todos que podiam andar ajudaram a carregar os estoques do Exército e o equipamento hospitalar até os trilhos de trem para transportá-los. Tínhamos acabado de encher um trem quando os ianques entraram por um extremo da cidade enquanto saíamos pelo outro o mais depressa possível. Credo, foi uma visão muito triste a nossa, sentados no teto do trem vendo os ianques queimarem os suprimentos que precisamos deixar na estação. Srta. Scarlett, eles queimaram quase meio quilômetro de material que havíamos empilhado ao longo dos trilhos. Conseguimos salvar apenas a própria pele.

— Que horror!

— Sim, a palavra é essa. Um horror. Nossos homens tinham voltado para Atlanta, e por isso o nosso trem foi mandado para cá. Bem, srta. Scarlett, não demorou muito para a guerra acabar e… Bem, havia muita louça, catres e colchões e cobertores e ninguém para reclamá-los. Supus, corretamente, que pertencessem aos ianques. Creio que foram esses os termos da rendição, não é mesmo?

— Humm — disse Scarlett, distraída. Estava aquecida agora, e um pouco sonolenta.

— Até hoje não sei se agi corretamente — prosseguiu Frank, em um tom meio queixoso. — Mas imaginei que aquelas coisas não serviriam de nada para os ianques. Eles provavelmente queimariam tudo. E a nossa gente tinha pagado caro por aquilo, e achei que ainda devia pertencer à Confederação ou aos confederados. Está me entendendo?

— Humm.

— Fico feliz que concorde comigo, srta. Scarlett. De certa forma, não paro de pensar nisso. Um monte de gente me diz: “Esqueça esse assunto, Frank”, mas não posso. Não conseguiria andar de cabeça erguida se achasse que o que fiz foi errado. A senhorita acha que agi certo?

— Claro — respondeu Scarlett, perguntando-se sobre o que o bobalhão estaria falando. Algum tipo de dilema de consciência. Um homem velho como Frank Kennedy já deveria ter aprendido a não se importar com coisas desimportantes. Mas ele vivia nervoso e preocupado e era cheio de manias.

— Fico feliz de ouvir isso da senhorita. Depois da rendição, eu tinha uns dez dólares em prata e nada mais neste mundo. A senhorita sabe o que eles fizeram em Jonesboro e com a minha casa e o meu armazém lá. Eu simplesmente fiquei perdido. Mas usei os dez dólares para botar um telhado num velho armazém em Five Points e levei o equipamento do hospital para lá e comecei a vender. Todo mundo precisava de camas, louça e colchões, e eu vendia barato, porque considerava aquilo tão meu quanto dos outros. Mas ganhei dinheiro e comprei mais material e o armazém prosperou. Acho que sou capaz de ganhar muito dinheiro com ele se as coisas melhorarem.

Assim que ouviu a palavra “dinheiro”, a atenção de Scarlett se voltou para ele, totalmente alerta.

— O senhor disse que ganhou dinheiro?

Visivelmente, ele se animou com o interesse dela. Poucas mulheres, com exceção de Suellen, haviam lhe oferecido algo além de cortesia perfunctória, e era uma lisonja ver uma ex-beldade como Scarlett bebendo cada palavra saída da sua boca. Diminuiu o passo do cavalo para que não chegassem ao destino antes de terminar a história.

— Não sou nenhum milionário, srta. Scarlett, e, considerando o dinheiro que eu possuía antes, o que tenho agora é pouco. Mas ganhei mil dólares este ano. Claro que quinhentos foram para pagar o novo estoque e o aluguel. Mas lucrei quinhentos dólares limpinhos e, como as coisas estão decerto melhorando, devo lucrar dois mil no ano que vem. Com certeza poderei usá-los, porque, veja bem, tenho uma outra carta na manga.

A conversa sobre dinheiro atiçara, e muito, o interesse dela, que velou os olhos com os cílios espessos e compridos e se aproximou um pouco mais dele.

— Como assim, sr. Kennedy?

Ele riu e bateu com as rédeas no lombo do cavalo.

— Suponho que esteja entediando a senhorita, falando de negócios. Uma moça bonita assim não precisa entender nada de negócios.

O velho bobalhão.

— Ah, sei que sou uma boboca quando se trata de negócios, mas estou muito interessada! Por favor, me conte tudo e me explique o que eu não entender.

— Bem, minha outra carta é uma serraria.

— Uma o quê?

— Uma serraria, para cortar madeira e aplainá-la. Não comprei ainda, mas vou comprar. Um sujeito chamado Johnson, lá perto da Peachtree, tem uma e está ansioso para vender. Precisa de dinheiro já, por isso pretende vender e administrar o negócio para mim por um salário semanal. É uma das poucas serrarias nesta região, srta. Scarlett. Os ianques destruíram a maioria. E quem for proprietário de uma serraria será dono de uma mina de ouro, pois atualmente se dita o preço da madeira. Os ianques queimaram tantas casas aqui e acolá que as pessoas não têm onde morar e parece que todo mundo só pensa em reconstruir. Não há madeira que chegue e a pressa é enorme. Tem montanhas de pessoas chegando a Atlanta agora, todos do interior, que não conseguem tocar as fazendas sem os negros, e mais os ianques e os
carpetbaggers que surgem como moscas na tentativa de chupar mais ainda os nossos ossos. Vou lhe dizer que logo Atlanta vai se tornar uma cidade grande. E essa gente vai precisar de madeira para as casas, por isso vou comprar essa serraria assim que receber umas dívidas aí. A esta altura no ano que vem, devo estar mais folgado de dinheiro. Acho… Acho que a senhorita sabe por que estou tão ansioso para ganhar dinheiro rapidamente, não?

Ele corou e riu outra vez. *Está pensando em Suellen*, pensou Scarlett com repulsa.

Por um instante, considerou pedir-lhe emprestados os trezentos dólares, mas rejeitou a ideia. Ele ficaria constrangido; decerto gaguejaria; daria desculpas, mas não faria o empréstimo. Trabalhara duro de modo a poder casar-se com Suellen na primavera e, se abrisse mão do dinheiro, o casamento seria adiado indefinidamente. Ainda que se aproveitasse da solidariedade dele e da sua noção

de dever quanto à futura família e conseguisse a promessa de um empréstimo, Suellen jamais permitiria. Suellen vinha ficando cada vez mais preocupada com o fato de estar se tornando praticamente uma solteirona e moveria céus e terras para evitar que algo postergasse seu casamento.

O que havia, afinal, naquela reclamona chorosa para deixar esse velho bobão tão ansioso para lhe dar um ninho macio? Suellen não merecia um marido amoroso e os lucros de um armazém e uma serraria. Assim que pusesse as mãos em um tantinho de dinheiro, Sue viraria uma convencida de marca maior e não contribuiria com um único centavo para a manutenção de Tara. Não Suellen! Ela acharia que nada tinha a ver com isso e não se importaria se Tara fosse leiloada por conta do não pagamento dos impostos ou incendiada até não sobrar nada, desde que tivesse roupas bonitas e um "sra." antes do nome.

Enquanto pensava no futuro garantido de Suellen e na precariedade do seu próprio futuro e do de Tara, sentiu a raiva arder diante da injustiça da vida. Rapidamente desviou o olhar para a rua lamacenta, para que Frank não visse sua expressão. Perderia tudo que tinha, enquanto Sue… De repente, uma decisão brotou em sua mente.

Suellen não teria Frank, seu armazém e sua serraria!

Suellen não merecia nada daquilo. Scarlett ficaria com tudo. Pensou em Tara e se lembrou de Jonas Wilkerson, venenoso como uma cobra, ao pé da escada da varanda, e se agarrou à última tábua de salvação. Rhett fora um fracasso, mas o Senhor lhe mandara Frank.

Mas será que consigo fisgá-lo? Os dedos se fecharam quando ela olhou distraidamente para a chuva. *Poderei fazê-lo esquecer Sue e me pedir em casamento bem depressa? Se consegui que Rhett chegasse tão perto, sei que consigo fisgar Frank.* Seus olhos o percorreram. *Sem dúvida, ele não é nenhuma beldade*, pensou com frieza, *e tem dentes ruins e o hálito fede e é velho o bastante para ser meu pai. Além disso, é nervoso, tímido e bem-intencionado, e não conheço nenhuma qualidade mais nociva que um homem possa ter. Ao menos, porém, é um cavalheiro, e acredito que eu possa viver com ele melhor do que com Rhett. Decerto, posso manipulá-lo com mais facilidade. De todo jeito, pedintes não podem ser* exigentes.

O fato de Frank ser noivo de Suellen não lhe despertou qualquer conflito de consciência. Depois do total colapso moral que a empurrara para Atlanta e para Rhett, apropriar-se do pretendente da irmã parecia uma questão insignificante com a qual não precisava se importar no momento.

Com o surgimento de uma nova esperança, suas costas se aprumaram e ela esqueceu os pés molhados e o frio. Olhou de forma tão direta para Frank, com os olhos quase entrefechados, que o sujeito ficou meio alarmado, levando-a a baixar o olhar depressa, recordando as palavras de Rhett: "Já vi olhares como o seu em homens que seguravam uma pistola… Não inspiram ardor no coração masculino".

— Qual o problema, srta. Scarlett? Está com frio?

— Sim — respondeu ela, afetando desamparo. — Importa-se… — hesitou timidamente. — Importa-se se eu puser minha mão no bolso do seu casaco? Está tão frio, e o meu regalo ficou ensopado.

— Bom… Bom… Claro que não! E a senhorita não está de luvas! Minha nossa, como fui rude e desatento, falando pelos cotovelos quando a senhorita deve estar congelada e desejosa de se aquecer em uma lareira! Eia, Sally! A propósito, srta. Scarlett, me empolguei falando de mim mesmo e não perguntei sequer o que estava fazendo naquele lugar e com este tempo.

— Estive no quartel-general ianque — respondeu Scarlett, sem pensar. As sobrancelhas ruças de Frank se arquearam de espanto.

— Mas, srta. Scarlett! Os soldados… Por quê…

Maria, Mãe de Deus, me deixe inventar uma ótima mentira, rezou rapidamente. Seria péssimo se Frank suspeitasse que ela estivera com Rhett. Frank considerava Rhett o pior dos velhacos e achava perigoso mulheres decentes falarem com ele.

— Eu fui lá… Fui lá para ver se… Se algum oficial gostaria de comprar bordados meus para enviar para as esposas. Bordo muito bem.

Ele se recostou, atônito, no assento, a indignação lutando contra a perplexidade.

— A senhorita foi até os ianques… Mas, srta. Scarlett, não devia ter feito isso! Nossa… sem dúvida o seu pai não sabe! Sem dúvida, a srta. Pittypat…

— Ah, eu morro se o senhor contar a ela! — exclamou com ansiedade verdadeira e explodiu em lágrimas.

Foi fácil chorar porque estava morrendo de frio e infeliz, mas o efeito foi assombroso. Frank não teria ficado mais envergonhado ou impotente se ela tivesse começado a se despir. Estalou a língua várias vezes, murmurando "Nossa! Nossa!", e fez gestos fúteis em direção a ela. Uma ideia ousada passou pela cabeça dele: deitar a cabeça da srta. Scarlett em seu ombro e consolá-la, mas jamais fizera isso com mulher alguma e mal sabia como proceder. Scarlett O'Hara, tão destemida e bonita, chorando ali na sua charrete. Scarlett O'Hara, a mais orgulhosa dos orgulhosos, tentando vender bordados aos ianques. O coração dele se apertou.

Ela continuou soluçando, vez por outra dizendo poucas palavras, e Frank concluiu que as coisas não iam bem em Tara. O sr. O'Hara ainda "não era ele mesmo", e não havia comida suficiente para tanta gente. Por isso, ela fora a Atlanta tentar ganhar algum dinheiro para si mesma e o filho. Frank estalou de novo a língua e de repente viu que a cabeça dela estava em seu ombro. Não sabia exatamente como fora parar lá. Tinha quase certeza de que não havia sido obra sua, mas a cabeça estava ali e ali estava Scarlett soluçando desconsoladamente de encontro ao seu peito magro, uma sensação nova e excitante para Frank. Ele afagou timidamente o ombro dela, de leve para começar, e quando não foi repelido, tornou-se mais ousado e afagou com firmeza. Que mulher doce, indefesa, delicada ela era. E que coragem e tolice tentar por conta própria ganhar dinheiro com a agulha. Mas negociar com os ianques… Isso já era demais.

— Não vou contar à srta. Pittypat, mas a senhorita tem de me prometer que não fará nada semelhante de novo. A ideia da filha do seu pai…

Os olhos verdes de Scarlett buscaram os dele com aflição.

— Mas, sr. Kennedy, preciso fazer alguma coisa. Preciso cuidar do meu filho, coitadinho, e não há quem cuide de nós.

— A senhorita é uma moça corajosa — declarou ele —, mas não vou admitir que faça esse tipo de coisa. Sua família morreria de vergonha.

— Vou fazer o quê, então? — Os olhos marejados se ergueram para ele, como se ela soubesse que ele tudo sabia e estivesse ansiosa por suas palavras.

— Bem, não sei dizer neste exato momento. Mas vou pensar numa solução.

— Ah, eu sei que vai! O senhor é tão inteligente… Frank.

Ela nunca antes o chamara pelo prenome, e o som causou nele uma agradável surpresa. A pobrezinha devia estar tão nervosa que sequer percebera o deslize. Sentiu-se muito generoso e muito protetor. Se houvesse algo que pudesse ser feito pela irmã de Suellen O'Hara, decerto ele o faria. Puxou do bolso um lenço vermelho e o entregou a ela, que enxugou os olhos e começou a sorrir tremulamente.

— Sou uma pobre bobalhona — desculpou-se. — Por favor, me perdoe.

— A senhorita não é uma bobalhona. É uma mulher corajosa e está tentando aguentar uma carga pesada. Infelizmente, não creio que a srta. Pittypat vá ser de grande ajuda. Eu soube que ela perdeu a maior parte do patrimônio, e o próprio sr. Henry Hamilton anda mal financeiramente. Mas, srta. Scarlett, lembre-se do seguinte: quando a srta. Suellen e eu nos casarmos, haverá sempre um lugar para a senhora e para Wade Hampton sob o nosso teto.

Aquela era a hora! Sem dúvida, os santos e anjos a protegiam, já que tinham lhe dado oportunidade tão divina. Conseguiu parecer atônita e envergonhada e abrir a boca como se fosse falar e depois fechá-la de chofre.

— Não me diga que não sabia que serei seu cunhado na primavera — disse ele com um risinho nervoso. Então, vendo os olhos dela marejarem, indagou, alarmado: — O que houve? A srta. Sue não está doente, está?

— Ah, não! Não!

— Há algo errado. Por favor, me conte.

— Ah, não posso! Eu não sabia! Pensei que com certeza ela lhe escrevera… Ah, que maldade!

— O que foi, srta. Scarlett?

— Ah, Frank, não foi minha intenção deixar escapar, mas achei, claro, que você soubesse… Que ela tivesse escrito…

— Escrito o quê? — Ele tremia agora.

— Céus, fazer isso com um homem bom como você!

— O que foi que ela fez?

— Ela não lhe escreveu? Ah, talvez tenha ficado envergonhada. Devia mesmo se envergonhar! Nossa, tenho uma irmã horrível!

Àquela altura, Frank sequer conseguia verbalizar as perguntas. Ficou apenas olhando para ela, pálido, segurando frouxamente as rédeas.

— Ela vai se casar com Tony Fontaine no mês que vem. Ah, Frank, lamento muito. Lamento ser a portadora da notícia. Ela se cansou de esperar e teve medo de virar uma solteirona.

Mammy estava de pé na varanda quando Frank ajudou Scarlett a descer da charrete. Evidentemente já esperava há algum tempo, pois o pano que lhe enrolava a cabeça estava úmido e o velho xale que apertava firmemente ao corpo mostrava pingos de chuva. O rosto negro enrugado espelhava raiva e apreensão, e o lábio estava mais protuberante do que Scarlett jamais vira. Deu uma espiada rápida em Frank e, quando viu de quem se tratava, o rosto se alterou — prazer, espanto e algo próximo a culpa se estamparam nele. Aproximou-se de Frank para cumprimentá-lo, sorrindo e fazendo uma leve reverência quando ele lhe apertou a mão.

— Qui bão vê gente lá da terra — disse ela. — Como vai indo, sinhô Frank? Eta, u sinhô tá todo bacana! Si eu sabia qui a sinhá Scarlett tava cum o sinhô, num tinha mi preocupado. Ia sabê qui ela tava bem cuidada. Quando cheguei i vi qui ela num tava, mi deu uma zonzera pió qui im galinha sem cabeça di maginá ela sozinha nessa cidade cum tudo esses nêgo livre nas rua. Pru que num disse qui ia saí, meu bem? I risfriada inda pur cima!

Scarlett piscou furtivamente para Frank, que, apesar de perturbado com o que acabara de ouvir, sorriu, sabendo que ela contava com o seu silêncio e pretendia torná-lo parte de uma agradável conspiração.

— Corra lá em cima e separe roupas secas para mim, Mammy — disse Scarlett. — E me faça um chá quente.

— Sinhô du céu! Seu vistido novo tá ‘ruinado — resmungou Mammy. — Vô perdê um tempão secando ele i iscovando pr’ocê podê usá nu casamento hoje.

Quando ela entrou na casa, Scarlett chegou mais perto de Frank e sussurrou:

— Venha jantar hoje à noite. Estamos tão solitárias. E depois iremos ao casamento. Seja o nosso acompanhante! E, por favor, não conte nada à tia Pittty sobre… sobre Suellen. Isso a deixaria arrasada e não quero que ela saiba que a minha irmã…

— Ah, não! Não vou contar! — concordou rapidamente Frank, encolhendo-se ante a mera ideia.

— Você foi tão doce comigo hoje e me fez tanto bem… Me sinto corajosa de novo.

Apertou a mão dele em despedida e lhe dirigiu todo o arsenal de sedução contido em seus olhos.

Mammy, que aguardava logo após a entrada, lançou-lhe um olhar enigmático e a seguiu, bufando, escada acima até o quarto. Manteve o silêncio enquanto despia a patroa das roupas molhadas e as pendurava em cadeiras, e depois a acomodou na cama. Quando apareceu com uma xícara de chá fumegante e um tijolo quente enrolado em uma flanela, baixou os olhos para Scarlett, com o tom de voz mais próximo do apologético que Scarlett já ouvira:

— Cabritinha, cumé c'ocê num contô pra sua veia Mammy u qui ia fazê? Aí eu num ia pricisá vim lá di longe pra Atranta. Tô veia dimais i gorda dimais pra corrê di lá pra cá.

— Como assim?

— Meu bem, ocê num mi ingana. Ti cunheço. I eu vi a cara do sinhô Frank inda agorinha i eu vi a sua cara i eu sei lê ocê qui nem padre lê a Bíbria. I ovi aquilo c'ocê falô cuchichando da sinhá Suellen. Si eu subesse qui era atrás do sinhô Frank c'ocê tava, eu ficava im casa qui é o meu lugá.

— Bem — começou Scarlett, aninhando-se embaixo dos cobertores, ciente de que era inútil tentar desviar o faro de Mammy. — Quem você pensou que fosse?

— Fia, eu num sabia, mas num gostei da sua cara onte. I lembrei qui a sinhá Pitty tinha iscrivido pra sinhá Melly qui aquele velhaco du tal di Butler tava cheio di dinheiro. Eu num isqueço u qui iscuto. Mas o sinhô Frank é um cavalero, mermo num seno bunito.

Scarlett lançou um olhar penetrante para Mammy, que o retribuiu com uma onisciência tranquila.

— O que você pretende fazer a respeito? Abrir o bico para Suellen?

— Vô ajudá ocê a agradá u sinhô Frank como eu pudé — disse Mammy, puxando o cobertor até o queixo de Scarlett.

Scarlett ficou deitada quieta enquanto Mammy se ocupava no quarto, aliviada por não haver necessidade de palavras entre as duas. Nenhuma explicação fora

pedida, nenhuma reprovação explicitada. Em Mammy, Scarlett encontrara uma realista mais inflexível que ela mesma. Os olhos sábios da idosa enxergavam em profundidade, enxergavam com clareza, com a objetividade do selvagem e da criança, inabaláveis pela consciência quando o perigo ameaça o seu filhote. Scarlett era o bebê da Mammy e o que o seu bebê queria, ainda que pertencesse a um terceiro, Mammy o ajudaria a conseguir. Os direitos de Suellen e de Frank Kennedy sequer lhe ocuparam a mente, exceto para fazê-la rir para si mesma. Scarlett estava em apuros e fazendo o melhor possível, e Scarlett era filha da srta. Ellen. Mammy a apoiava sem um átimo de hesitação.

Scarlett sentiu o incentivo silencioso e, quando o tijolo quente sob os pés a aqueceu, a esperança que bruxuleara durante a gélida volta para casa virou chama e a incendiou interiormente, fazendo o coração bombear o sangue em suas veias de forma latejante. A força voltava enfim, e uma excitação irrefreável lhe despertou a vontade de rir alto. *Ainda não fui derrotada*, pensou, exultante.

— Me dê o espelho, Mammy — pediu.

— Num tira u cubertô dus ombro — comandou Mammy, entregando a ela o espelho, com um sorriso nos lábios grossos.

Scarlett olhou o próprio reflexo.

— Estou branca como um fantasma — falou —, e o meu cabelo parece pelo de cavalo.

— Pudia tá mais bunita, sim.

— Humm… A chuva está muito forte?

— Ocê sabe qui tá chuveno canivete.

— Bom, mesmo assim você vai precisar ir até o centro para mim.

— Nem pensá qui vô nessa chuva.

— Vai, sim, ou vou eu.

— Que c’ocê qué qui num pode isperá? Acho qui já aprontô bastante pr’um dia, né não?

— Quero — respondeu Scarlett, examinando cuidadosamente o próprio rosto no espelho — um vidro de água de colônia. Você pode lavar o meu cabelo e enxaguar com colônia. E compre também um vidro de geleia de semente de marmelo para deixá-lo bem liso.

— Num vô lavá seu cabelo nesse tempo nem ocê vai botá colônia ninhuma nele qui nem muié da vida. Não inquanto eu tivé viva.

— Ah, vou, sim. Pegue na minha bolsa aquela moeda de ouro de cinco dólares e corre lá na cidade. E… Mammy, já que vai lá, me traga um potinho de rouge.

— Cumé? — indagou Mammy, desconfiada.

Scarlett encarou Mammy com uma indiferença que estava longe de sentir. Não havia como saber até onde ela podia ser provocada.

— Não importa. Só peça um potinho de rouge.

— Num vô comprá coisa qui num sei u qui é.

— Bom, é pintura, já que está tão curiosa. Pintura para o rosto. Não fique aí inchando que nem um sapo. Vá logo.

— Pintura — bufou Mammy. — Pintura pru rosto! Ocê inda num passou da idade di levá uma coça! Tô pra lá di abismada! Ocê imbirutô di vez! Sinhá Ellen tá si rivirano no túmlo gorinha! Pintá u rosto feito uma…

— Você sabe muito bem que a avó Robillard pintava o rosto e…

— É, i só tinha um cropete qui di tanto torcê dispôs di inxaguá derfomô i nós via us peito dela tudim, mas num qué dizê qui ocê vai fazê iguá! Tinha um bucado di sem-vergonhice no tempo da veia, mas us tempo muda, né não?

— Em nome do Pai! — gritou Scarlett, perdendo a paciência e se livrando das cobertas. — Pode voltar agorinha mesmo para Tara!

— Ocê num pode mi mandá di volta sem eu querê. Sô livre — rebateu Mammy com veemência. — I num arredo u pé daqui, viu? Trata di vortá pra cama. Qué pegá pneumonia já, já? Larga esse espartio. Anda, meu bem. Sinházinha, num vô a lugá ninhum cum esse tempo. Meu Deus! Ocê tá gualzinha ao seu pai! Vorta já pra cama… Num posso i comprá pintura não! Vô morrê di vergonha cum todo mundo sabendo qui é pra minha minina. Sinhá Scarlett, ocê é tão bunita qui num carece di pintura ninhuma. Meu bem, só muié da vida usa isso aí.

— Ora, elas conseguem o que querem, não?

— Credencruz! Cabritinha, num fala ‘sas bobage! Larga essas meia moiada, num posso dexá ocê i comprá essas coisa. Sinhá Ellen ia vim puxá minha perna di noite. Vorta pra cama. Eu vô. Vai vê acho uma loja onde num cunhecem nós.

Naquela noite, na casa da sra. Elsing, quando Fanny já estava legalmente casada e o velho Levi e os outros músicos se preparavam para o baile, Scarlett olhou à volta, satisfeita. Como era excitante pisar em uma festa de verdade outra vez. Também lhe agradara ser recebida com tanto carinho. Quando entrou de braço dado com Frank, todos correram para cumprimentá-la com beijos, apertos de mão, dizendo quanta falta ela fizera e que jamais deveria voltar para Tara. Os homens pareciam galantemente esquecidos do esforço dela para partir seus corações em outras épocas, e as moças também fingiam não se lembrar de que ela fizera de tudo para roubar seus namorados. Até a sra. Merriwether, a sra. Whiting, a sra. Meade e as outras matriarcas, que a tinham tratado com tanta frieza nos últimos dias da guerra, se esqueceram da conduta imprópria de Scarlett e da própria desaprovação, recordando apenas o sofrimento partilhado pela derrota em comum e o fato de ela ser sobrinha de Pitty e viúva de Charles. Beijaram-na e lamentaram, chorosas, o falecimento de sua mãe, e pediram notícias detalhadas do pai e das irmãs. Todos perguntaram sobre Melanie e Ashley, exigindo saber por que os dois não haviam, também, voltado para Atlanta.

A despeito do prazer ante as boas-vindas, Scarlett sentiu um leve desconforto, que tentou disfarçar, um desconforto quanto à aparência de seu vestido de veludo. Continuava úmido até o joelho, e ainda mostrava manchas na barra, apesar dos esforços desesperados de Mammy e de Cookie com uma chaleira fervendo, uma escova de cabelo limpa e sacudidelas frenéticas diante do fogo. Scarlett temia que alguém notasse seu estado lastimável e percebesse que aquele era seu único vestido bonito. Animou-se um pouco com o fato de que muitos dos vestidos das demais convidadas se encontravam em condições piores ainda. Eram muito velhos e denunciavam os vários remendos cuidadosos. Ao menos o dela estava inteiro e era novo, embora úmido — na verdade, era o único vestido novo da festa, com exceção do vestido de noiva de cetim branco usado por Fanny.

Recordando o que lhe dissera a tia Pitty sobre as finanças dos Elsings, perguntou-se de onde viera o dinheiro para o vestido de cetim, para a comida e a bebida, e a decoração e os músicos. Aquilo não devia ter saído barato. Dinheiro emprestado, provavelmente, ou então todo o clã Elsing contribuíra para dar a

Fanny aquele casamento caro. Uma festa daquelas, na opinião de Scarlett, era tão extravagante quanto as lápides dos irmãos Tarletons, e ela sentiu a mesma irritação e falta de solidariedade que sentira diante dos túmulos dos dois. A época em que o dinheiro podia ser jogado fora com descuido já passara. Por que aquelas pessoas insistiam em se comportar como nos velhos tempos, agora que os velhos tempos pertenciam ao passado?

Livrou-se, no entanto, dessa momentânea irritação. O dinheiro não era dela e não queria estragar o prazer da noite se irritando com as tolices de terceiros.

Descobriu que conhecia bastante bem o noivo, pois seu nome era Tommy Welburn, de Sparta, e ela cuidara de um ferimento em seu ombro em 1863, quando ele era um jovem bonito de um metro e oitenta que abandonara a faculdade de medicina para se alistar na cavalaria. Agora parecia um velho, de tão envergado que o deixara o ferimento no quadril. Andava com alguma dificuldade, e, como observara tia Pitty, as pernas destrambelhadas lhe davam uma aparência muito vulgar. Ainda assim, ele dava a impressão de ignorar por completo a própria aparência ou não se preocupar com ela, portando-se como quem não pede favor a ninguém. Abrira mão de qualquer esperança de continuar os estudos e era agora um empreiteiro, comandando uma equipe de irlandeses que estava construindo o hotel novo. Scarlett conjeturou como conseguia desenvolver um trabalho tão pesado na sua condição, mas não fez perguntas, percebendo com amargor que praticamente tudo era possível quando a necessidade obrigava.

Tommy e Hugh Elsing e aquela criatura simiesca, René Picard, ficaram conversando com ela enquanto cadeiras e móveis eram empurrados para junto das paredes a fim de abrir espaço para a dança. Hugh não mudara nada desde a última vez que Scarlett o vira, em 1862. Continuava a ser o rapaz magro e sensível com o mesmo topete castanho-claro caindo-lhe na testa e as mesmas mãos delicadas e inúteis de que ela se lembrava tão bem. René, porém, mudara desde a licença que tirara no Exército, quando se casara com Maybelle Merriwether. Ainda tinha a centelha gaulesa nos olhos negros e aquela alegria de viver típica dos zuavos, mas apesar da risada fácil havia algo duro em seu rosto que não existia no início da guerra. E o ar de elegância arrogante que lhe dava seu impressionante uniforme zuavo desaparecera por completo.

— Faces que lembrram rosas, olhos como esmerraldas! — disse ele, beijando a mão de Scarlett e reconhecendo o mérito do rouge em seu rosto. — Bonita como da prrimeirra vez que a vi na bazarr. Lembrra-se? Jamais esqueci que você jogou o aliança no meu cesta. Ha, aquilo foi corrajoso! Mas non pensei que fosse levarr tanto tempo parra ganhar outrro aliança!

Seus olhos brilharam de malícia e ele cutucou Hugh nas costelas com o cotovelo.

— E eu nunca pensei que você fosse dirigir uma carroça de tortas, Renny Picard — retorquiu Scarlett. Em lugar de se envergonhar por ter sua ocupação degradante exposta dessa maneira, Picard se mostrou satisfeito e soltou uma ruidosa gargalhada, dando uma palmada nas costas de Hugh.

— Touché! — exclamou. — A belle mère, madame Merriwether, me obrrigou a fazerr isso, o prrimeirro trrabalho da minha vida, eu, René Picard, que deverria envelhecerr crriando cavalos de corrida, tocando violino! Agorra, dirrijo a carroça e gostarr disso! Madame belle mère consegue obrrigar um homem a fazerr qualquer coisa. Deverria ter sido generral. Podíamos terr ganhado o guerra, hein, Tommy?

Vejam só!, pensou Scarlett. *Imagine gostar de dirigir uma carroça de tortas quando sua família era dona de dez milhas às margens do rio Mississippi e de uma mansão em Nov*a Orleans!

— Se tivéssemos nossas sogras conosco, teríamos derrotado os ianques em uma semana — concordou Tommy, desviando os olhos para a figura esbelta e imbatível da nova sogra. — O único motivo por que duramos tanto foi termos nossas mulheres na retaguarda, sem desistir.

— Nossas mulheres que *jamais* desistirão — emendou Hugh, com um sorriso orgulhoso, mas um pouco melancólico. — Não há uma única aqui esta noite que tenha se rendido, independentemente do que seus compatriotas fizeram em Appomattox. É muito mais duro para elas do que foi para nós. Ao menos nos desforramos na batalha.

— E elas no ódio — acrescentou Tommy. — Não é, Scarlett? As mulheres se incomodam mais que nós ao ver o que foi feito de seus companheiros. Hugh deveria ser um juiz; René deveria estar tocando violino para as cabeças coroadas

da Europa… — Ele baixou a cabeça quando René ameaçou lhe desferir um soco. — E eu deveria ser médico, e agora…

— Só prrecisamos de tempo! — exclamou René. — Parra eu virrar o Prríncipe das Tortas no Sul! E o Hugg aqui, o Rei da Lenha, e você, querrido Tommy, serrá prroprrietárrio de escrravos irlandeses, em vez de escrravos negrros. Quanta mudança… Quanta diversão! E a senhorrita Scarlett e a senhorra Melly? Ordenharrão vacas e colherrão algodão?

— De jeito nenhum! — disse Scarlett com frieza, incapaz de entender a aceitação tranquila de René diante das dificuldades. — Nossos pretos fazem isso.

— Eu ouvi dizerr que a senhorra Melly deu ao filho o nome "Beauregard". Pode dizerr a ela que eu, René, aprrovo e acho que, aforra "Jesus", não existe nome melhorr.

E, embora houvesse um sorriso em seus lábios, os olhos faiscaram de orgulho à menção do herói destemido da Louisiana.

— Bem, temos "Robert Edward Lee" — observou Tommy. — E, apesar de não querer desmerecer a reputação do velho Beau, meu primeiro filho será "Bob Lee Welburn".

René riu e deu de ombros.

— Vou lhe contarr um piada, mas que é um histórria real. E você vai verr o que os zuavos pensam do nosso brravo Beauregard e do seu generral Lee. No trrem perto de Nova Orrleans, um rapaz da Virgínia, um comandado do generral Lee, encontrra um zuavo dos trropas de Beauregard. E o rapaz da Virginia fala, fala, fala que o generral Lee faz isso, diz aquilo. E o zuavo escuta com educação e frranze o testa, como quem tenta se lembrrar e enton diz: "Ah, oui! O generral Lee! Lembrrei! O homem de quem o generral Beauregard fala ton bien!"

Scarlett tentou, educadamente, partilhar as gargalhadas, mas não conseguia ver o sentido da história, além de ver que os zuavos eram tão metidos a besta quanto o pessoal de Charleston e Savannah. Ademais, sempre achara que o filho de Ashley ganhara seu nome em homenagem ao pai.

Os músicos, após as afinações e alguns acordes preliminares, atacaram "Old Dan Tucker", e Tommy se virou para ela.

— Quer dançar, Scarlett? Não posso lhe fazer companhia, mas Hugh ou René…

— Não, obrigada, ainda estou de luto pela minha mãe — respondeu ela, rapidamente. — Vou apreciar sentada.

Seus olhos localizaram Frank Kennedy, ao lado da sra. Elsing, e lhe fizeram sinal para aproximar-se.

— Vou me sentar ali naquele canto, se você puder me trazer algo para beber e comer. E podemos ter uma boa conversa — disse a ele, enquanto os outros três se afastavam.

Quando ele se apressou para ir buscar uma taça de vinho e uma fatia de bolo fina como papel, Scarlett sentou-se no extremo da sala de estar e com cuidado arrumou a saia para que as manchas piores não ficassem à mostra. Os acontecimentos humilhantes da manhã com Rhett foram obliterados de sua mente pela excitação de ver tanta gente e tornar a ouvir música. Amanhã voltaria a pensar na conduta de Rhett, e a lembrança do ocorrido e a própria vergonha a fariam ferver de novo. Amanhã se perguntaria se causara algum impacto no coração magoado e confuso de Frank. Mas não naquela noite. Naquela noite, a vida pulsava até nas pontas dos dedos, cada sentido alerta e os olhos cintilando de esperança.

Olhou de onde estava sentada para o enorme salão e observou os dançarinos, lembrando-se de como aquele salão era bonito quando chegou a Atlanta pela primeira vez, durante a guerra. Na época, o piso de madeira brilhava como vidro e lá no teto o lustre com centenas de microprismas refletia cada raio de luz das dezenas de velas que o compunham, espalhando-os como faíscas de diamantes e safiras pelo salão. Os velhos retratos nas paredes eram imponentes e graciosos e contemplavam os convidados com uma expressão de hospitalidade cálida. Entre os sofás de pau-rosa, macios e convidativos, destacava-se um que ocupava o lugar de honra naquela mesma alcova onde ela agora se sentava. Havia sido o lugar predileto de Scarlett nas festas. Daquele ponto, tinha-se a vista agradável da sala de estar e da sala de jantar logo depois, da mesa oval de mogno, que acomodava vinte pessoas, e das vinte cadeiras de pés finos recatadamente encostadas às paredes, do enorme console e aparador cheios de pesada prataria, candelabros de sete braços, taças, galheteiros, decantadores e copinhos de cristal.

Scarlett se sentara tantas vezes naquele sofá nos primeiros anos da guerra, sempre com um algum oficial bem-apessoado a seu lado, e escutara violino e contrabaixo, acordeão e banjo, e ouvira os ruídos excitantes dos pés dos dançarinos deslizando no piso encerado.

Agora, o lustre estava apagado, torto, e a maioria dos prismas fora quebrada, como se os ocupantes ianques tivessem transformado sua beleza em alvo para botas. Agora, um lampião a óleo e um punhado de velas iluminavam o aposento, e o fogo que crepitava na ampla lareira provia a maior parte da claridade. Sua luz vacilante mostrava quão irreparavelmente o velho assoalho fosco estava riscado e lascado. Quadrados no papel de parede desbotado indicavam que um dia retratos já haviam ocupado lugar ali, e grandes rachaduras no gesso recordavam o dia durante o cerco em que uma granada explodira na casa, arrancando partes do telhado e do segundo andar. A antiga mesa de mogno pesada, sobre a qual se viam o bolo e os decantadores, ainda se impunha na sala de jantar vazia, mas estava arranhada, e suas pernas quebradas mostravam sinais de reparos malfeitos. O aparador, a prataria e as cadeiras esguias não mais existiam. As cortinas adamascadas, que antes cobriam as janelas francesas em arco no fundo do aposento, também haviam sumido, permanecendo apenas o que sobrara das cortinas de renda, limpas, porém obviamente remendadas.

Substituindo o sofá circular de que Scarlett tanto gostava havia agora um banco bem pouco confortável. Ela sentou-se nele, tão graciosamente quanto possível, desejando que a saia estivesse em condições que lhe permitissem dançar. Seria tão bom voltar a dançar. Mas, claro, podia avançar muito mais com Frank naquele local reservado do que dançando quadrilha, e ela ouviria fascinada enquanto ele falasse e o encorajaria a voos mais altos de loucura.

A música, ainda assim, era convidativa. A sapatilha batia melancólica no chão, em compasso com o pé grandalhão do velho Levi, que dedilhava um banjo estridente e comandava a coreografia da quadrilha. Os dançarinos andavam e batiam os pés no chão quando as duas fileiras se aproximavam uma da outra, depois recuavam, giravam e criavam arcos com os braços.

“O Veio Dan Tucker s’imbriagô”

“Todo mundo girando seus par!”

“Caiu na fuguera e a lenha chutô!”

“As damas em roda!”

Depois dos meses exaustivos e tediosos em Tara, era bom ouvir música de novo e o som de pés dançando, era bom ver rostos conhecidos e amigos rindo à luz mortiça, contando velhas piadas e relembrando bordões, brincando, flertando. Era como voltar à vida depois de ter estado morta. Quase parecia que os dias luminosos de cinco anos antes estavam de volta. Se fechasse os olhos, para não ver os vestidos reformados e gastos e as botas e sapatilhas remendadas, se não evocasse mentalmente os rostos dos rapazes ausentes da quadrilha, era quase possível pensar que nada mudara. Mas, quando olhou e observou os velhos agrupados em volta do decantador na sala de jantar, as senhoras enfileiradas junto às paredes, conversando por trás de mãos que não abanavam leques, e os jovens que giravam e saltavam ao som da música, ocorreu-lhe de repente, de um jeito assustador e frio, que tudo estava muitíssimo mudado, como se aquelas figuras familiares fossem fantasmas.

Pareciam as mesmas, mas eram diferentes. Como assim? Seria meramente porque estavam cinco anos mais velhas? Não, era mais que o mero passar do tempo. Algo nelas se perdera, algo no seu mundo se perdera. Cinco anos antes, uma sensação de segurança as envolvia tão suavemente que sequer podia ser percebida. Sob seu abrigo, aquelas pessoas haviam florescido. Agora, o abrigo deixara de existir e com ele se fora a velha euforia, a velha sensação de haver algo delicioso e excitante logo ali na esquina, o velho encanto do antigo estilo de vida.

Scarlett sabia que ela mesma mudara, mas não tanto quanto os demais, e isso a confundia. Sentada e observando os outros, sentiu-se uma estranha em seu meio, tão estranha e solitária como se viesse de outro mundo, falasse uma língua que ninguém entendesse e não compreendesse a deles. Soube, então, que aquela era a mesma sensação que tinha com Ashley. Com ele e com gente como ele — praticamente todos em seu mundo: sentia-se excluída de alguma coisa que não conseguia entender.

Os rostos estavam pouco mudados e os modos, exatamente iguais, mas ela teve a impressão de que aquilo era a única coisa que restava de seus velhos amigos. Uma dignidade atemporal, uma galanteria atemporal ainda os revestia e os revestiria até a morte, mas eles levariam uma amargura imorredoura para o

túmulo, uma amargura profunda demais para expressar em palavras. Eram pessoas brandas, resistentes, cansadas, que foram derrotadas e não reconheciam a derrota, que foram derrubadas, porém permaneciam convictamente eretas. Estavam arrasadas e impotentes, cidadãos de províncias conquistadas. Encaravam o estado que amavam, viam-no pisoteado pelos inimigos, patifes que zombavam da lei, seus ex-escravos eram uma ameaça, seus homens eram privados de direitos, suas mulheres eram insultadas. E se lembravam das sepulturas.

Tudo em seu antigo mundo mudara, com exceção das velhas fórmulas. Os velhos hábitos continuavam, precisavam continuar, pois somente as fórmulas lhes restavam. Apegavam-se firmemente às coisas mais familiares dos velhos tempos, às maneiras aristocráticas, à cortesia, à trivialidade prazerosa nos contatos humanos e, acima de tudo, à atitude protetora dos homens com suas mulheres. Fiéis à tradição em que haviam sido criados, os homens eram corteses e ternos e quase conseguiam criar a sensação de protegerem suas mulheres de tudo que fosse grosseiro e inconveniente para os olhos femininos. Esse era, pensou Scarlett, o auge do absurdo, pois pouca coisa havia agora que mesmo as mulheres mais enclausuradas não tivessem visto e sabido nos últimos cinco anos. Tinham cuidado dos feridos, fechado olhos moribundos, suportado a guerra, o incêndio e a devastação, conhecido o terror, a fuga e a fome.

No entanto, independentemente do que haviam visto, das tarefas subalternas que tivessem feito e ainda teriam de fazer, todos continuaram a ser damas e cavalheiros, a realeza no exílio — amargurados, alheios, indiferentes, gentis uns com os outros, duros como diamante, tão brilhantes e delicados como o lustre quebrado acima de suas cabeças. Os velhos tempos não mais existiam, mas aquelas pessoas trilhariam seus caminhos como se continuassem existindo, com charme, ociosamente, determinadas a não correr e disputar centavos como faziam os ianques, determinadas a não abrir mão dos velhos hábitos.

Scarlett sabia que também estava muito mudada. Do contrário não poderia ter feito o que fizera desde a última vez que pisara em Atlanta; do contrário não estaria agora pensando em fazer o que pretendia desesperadamente fazer. Mas havia uma diferença entre a couraça deles e a dela, e que diferença era essa, exatamente, ela não saberia, no momento, dizer. Talvez fosse o fato de que não

havia nada que ela não estivesse disposta a fazer, e havia muitas coisas que aquela gente preferia morrer a fazer. Talvez fosse o fato de que, apesar da desesperança, eles ainda sorriam para a vida, baixando a cabeça graciosamente e seguindo adiante. E disso Scarlett não era capaz.

Não podia ignorar a vida. Precisava vivê-la, e era brutal demais, hostil demais, para que sequer tentasse contemplar tal dureza com um sorriso. Da doçura e da coragem e do orgulho inflexível dos amigos, Scarlett não via vestígios. Via apenas uma tola arrogância que observava fatos, mas sorria e se recusava a encará-los de frente.

Enquanto contemplava os dançarinos, corados pela quadrilha, perguntou-se se as coisas os afetavam como afetavam a ela, amantes mortos, maridos aleijados, crianças passando fome, terra escapando das mãos, telhados amados sobre a cabeça de estranhos. Mas é claro que sim! Scarlett conhecia as circunstâncias a que estavam sujeitos quase tanto quanto conhecia as próprias. As perdas haviam sido as mesmas, as privações eram as dela, os problemas, idênticos. Ainda assim, as reações diferiam. Os rostos que via agora no salão não eram rostos; eram máscaras, máscaras excelentes que jamais seriam tiradas.

Por outro lado, se estavam sofrendo de forma tão aguda quanto ela o peso das circunstâncias brutais — e isso era fato —, como conseguiam manter aquele ar de alegria e despreocupação? Por que, com efeito, sequer tentavam? Estava além da sua compreensão e era vagamente irritante. Não conseguiria ser como eles. Não conseguia passar em revista os escombros do mundo com um ar de despreocupação casual. Sentia-se caçada como uma raposa, com o coração explodindo, tentando alcançar um esconderijo antes que os perdigueiros a pegassem.

Subitamente, odiou-os todos por serem diferentes dela, por carregarem suas perdas com um ar que jamais poderia assumir, que jamais almejaria assumir. Odiou aqueles desconhecidos sorridentes, de pés ligeiros, aqueles tolos orgulhosos que tinham orgulho do que haviam perdido, aparentemente orgulhosos da perda. As mulheres se comportavam como damas, embora tarefas subalternas constituíssem seu cotidiano e elas não soubessem de onde viria o próximo vestido. Damas, todas elas! Mas Scarlett não conseguia sentir-se uma dama, apesar do vestido de veludo e do cabelo perfumado, apesar de todo o

orgulho das suas origens e o orgulho da fortuna que um dia lhe pertencera. O contato árido com a terra vermelha de Tara descascara o seu verniz aristocrata, e ela sabia que jamais tornaria a sentir-se uma dama até que em sua mesa houvesse prataria, cristais e comida de primeira qualidade, até que os estábulos abrigassem seus cavalos e carruagens, até que mãos negras e não mãos brancas colhessem o algodão de Tara.

Ah!, pensou com raiva, respirando fundo. *Essa é a diferença! Embora estejam pobres, elas ainda se sentem como damas e eu, não. As bobocas aparentemente não se dão conta de que não se pode ser uma dama sem* dinheiro!

Mesmo diante dessa breve epifania, Scarlett percebeu vagamente que, por mais tolas que fossem as outras, a atitude delas era a correta. Ellen teria pensado assim. Isso a perturbou. Sabia que devia se sentir como aquela gente, mas não era capaz. Sabia que devia acreditar piamente, como eles, que uma dama de nascença seria para sempre uma dama, mesmo reduzida à pobreza, mas era incapaz de se convencer a acreditar nisso agora.

Toda a vida ouvira zombarias dirigidas aos ianques porque suas pretensões a pertencer à elite se baseavam em riqueza, não em nascimento. Mas naquele preciso momento, embora fosse uma heresia, ela só podia concluir que os ianques estavam certos a esse respeito, por mais errados que estivessem sobre todo o resto. Era preciso dinheiro para ser uma dama. Sabia muito bem que Ellen teria desmaiado se ouvisse tais palavras da própria filha. Nenhum nível de penúria faria com que Ellen sentisse vergonha. Vergonha! Sim, era isso que Scarlett sentia. Vergonha de estar pobre e condenada a mudanças humilhantes e à miséria e ao trabalho que competia aos negros fazer.

Estremeceu de irritação. Talvez aquelas pessoas tivessem razão e ela, não, mas mesmo assim aqueles tolos orgulhosos não olhavam adiante, como ela fazia, retesando cada nervo, arriscando até mesmo a honra e a reputação para conseguir de volta o que fora perdido. Muitos consideravam indigno permitir-se correr atrás de dinheiro. Os tempos eram duros e difíceis. Exigiam uma luta dura e difícil de quem desejasse superá-los. Scarlett sabia que a tradição familiar forçosamente impediria muitas daquelas pessoas de travar essa luta — com o objetivo descarado de ganhar dinheiro. Todas elas consideravam extremamente vulgar a tentativa de ganhar dinheiro e até mesmo falar a respeito. Claro que

havia exceções. A sra. Merriwether e suas tortas e René dirigindo a carroça para vendê-las. E Hugh Elsing cortando e vendendo lenha e Tommy como empreiteiro. E Frank tendo a iniciativa de abrir um armazém. Mas e quanto à maioria? Os fazendeiros cultivariam uns poucos hectares e viveriam na pobreza. Os advogados e médicos voltariam às suas profissões e aguardariam os clientes que talvez jamais aparecessem. E os demais, os que haviam vivido de renda? O que aconteceria com eles?

Ela, porém, não seria pobre pelo resto da vida. Não ia ficar sentada esperando pacientemente por um milagre. Mergulharia de cabeça na vida e dela arrancaria o que pudesse. O pai começara como um jovem imigrante pobre e chegara a proprietário dos muitos hectares de Tara. O que ele fizera, ela podia fazer. Não era como aquela gente que apostara tudo em uma Causa, porque a Causa valia qualquer sacrifício. Eles extraíam sua coragem do passado, ela extraía do futuro. Frank Kennedy, no momento, era o seu futuro. Ao menos tinha o armazém e dinheiro vivo. E, se Scarlett pudesse casar-se com ele e pôr a mão naquele dinheiro, resolveria o problema de Tara por mais um ano. Depois disso… Frank compraria a serraria. Ela vira com os próprios olhos a rapidez com que a cidade estava se reconstruindo, e quem pudesse abrir um negócio de madeira agora, quando a concorrência estava tão pequena, contaria com uma mina de ouro.

Ocorreram-lhe, das profundezas da mente, as palavras que Rhett dissera nos primeiros anos da guerra a respeito do dinheiro que ganhara no bloqueio. Scarlett não se dera ao trabalho de entendê-las na época, mas agora tudo fazia mais sentido e ela se perguntou se havia sido apenas a própria juventude ou mera idiotice que a tinha impedido de lhes dar o devido valor.

“Há tanto dinheiro a ganhar nos destroços de uma civilização quanto na sua reconstrução.”

Foram estes os destroços que ele previu, pensou, *e estava certo. Há muito dinheiro a ser ganho por quem não tiver medo de trabalhar — ou de se apo*ssar dele.

Viu Frank atravessar o salão em sua direção, com uma taça de vinho de amora na mão e um pedaço de bolo em um pires, e forçou-se a sorrir.Não lhe passou pela cabeça indagar se Tara valia o sacrifício de se casar com Frank. Sabia que sim, e jamais pensou duas vezes a respeito.

Sorriu para Frank enquanto tomava o vinho, ciente de que seu rosto estava mais sedutoramente corado do que o de qualquer das dançarinas. Afastou a saia para abrir espaço para Frank se sentar a seu lado e abanou o lenço, despreocupada, de modo que o aroma suave da água de colônia pudesse chegar ao nariz dele. Estava orgulhosa da colônia, pois nenhuma outra mulher no salão se perfumara, e Frank havia reparado. Em um ímpeto de ousadia, ele lhe dissera em um sussurro que ela tinha a cor e a fragrância de uma rosa.

Se ao menos ele não fosse tão tímido! Frank a fazia lembrar-se de um velho coelho tímido do mato. Se ao menos fosse galante e ardente como os rapazes Tarletons ou mesmo tivesse o rude descaramento de Rhett Butler! No entanto, caso possuísse tais qualidades, Frank provavelmente seria sensível o bastante para perceber o desespero que espreitava por debaixo de seus cílios recatadamente palpitantes. Sendo como era, ele não entendia as mulheres o suficiente para sequer imaginar o que ela estava tramando. Uma sorte, sem dúvida, mas que em nada contribuía para aumentar seu respeito por ele.

Capítulo 36

Scarlett casou-se com Frank Kennedy duas semanas mais tarde, após um namoro relâmpago em que ela, corando, lhe confidenciou tê-la deixado por demais sôfrega para resistir ao seu ardor por mais tempo.

Ele não sabia que durante aquelas duas semanas ela havia andado para lá e para cá no quarto à noite, cerrando os dentes ante a vagareza com que ele registrava as insinuações e encorajamentos e rezando para que uma carta inoportuna de Suellen não o alcançasse e arruinasse seus planos. Agradeceu a Deus o fato de a irmã ser a pior das correspondentes, adorando receber cartas e detestando escrevê-las. Mas sempre havia o risco, sempre um risco, pensava Scarlett nas longas horas noturnas, enquanto ficava para lá e para cá no quarto frio com o xale desbotado de Ellen enrolado no corpo sobre a camisola. Frank não sabia que ela recebera uma carta lacônica de Will, contando que Jonas Wilkerson fizera uma nova visita a Tara e, ao ouvir que ela estava em Atlanta, armara uma cena até que Will e Ashley o pusessem para fora aos bofetões. A carta lhe recordara algo de que ela tinha plena ciência: o tempo estava ficando cada vez mais curto para o pagamento dos impostos extras. Um desespero feroz a movia ao ver os dias passarem, e o seu desejo era pegar nas mãos a ampulheta e impedir a areia de escorrer.

Mas tão bem escondia seus sentimentos, tão bem encenava seu papel, que Frank de nada desconfiou, nada viu, salvo o que transparecia na superfície — a bela e indefesa jovem viúva de Charles Hamilton, que o recebia toda noite na sala de estar da srta. Pittypat e o escutava, arfante de admiração, enquanto ele discorria sobre os planos futuros para o armazém e sobre o montante de dinheiro que pretendia ganhar quando conseguisse comprar a serraria. Sua solidariedade terna e o interesse que brilhava em seus olhos por cada palavra proferida eram um bálsamo para a ferida que a suposta deserção de Suellen abrira nele. Seu coração estava magoado e confuso ante a conduta de Suellen, e sua vaidade, a

vaidade tímida e suscetível de um solteirão de meia-idade consciente de não ser considerado atraente pelas mulheres, ficara profundamente ferida. Não podia escrever para Suellen reprovando-a pela infidelidade; encolhia-se diante da mera ideia. Mas podia consolar seu coração falando dela para Scarlett. Sem dizer uma única palavra desleal sobre Suellen, Scarlett conseguia lhe dizer que entendia quanto a irmã o tratara mal e qual era o tratamento que ele merecia receber de uma mulher que realmente o valorizasse.

A sra. Hamilton era uma gracinha de pessoa, de rosto rosado, alternando suspiros de melancolia, quando pensava em suas tristes provações, e risadas tão alegres e doces como o tilintar de sininhos de prata, quando ele contava piadas leves para animá-la. O vestido verde, agora impecavelmente limpo por Mammy, realçava seu corpo esbelto e a cinturinha perfeita. E como era sedutora a fragrância suave impregnada em seu lenço e no cabelo! Era uma pena uma dama tão encantadora ficar só e desamparada em um mundo cuja dureza ela sequer compreendia. Sem marido, sem irmão nem pai que a protegesse. Para Frank, o mundo era um lugar cruel demais para uma mulher sozinha e, com essa noção, Scarlett silenciosa e veementemente concordava.

Ele passou a visitá-la toda noite, pois a atmosfera na casa de Pitty era agradável e tranquila. O sorriso de Mammy quando lhe abria a porta era o sorriso reservado a pessoas de estirpe. Pitty lhe servia café batizado com conhaque e ficava a rodeá-lo, e Scarlett bebia suas palavras. Às vezes, à tarde, Scarlett o acompanhava em passeios na charrete, quando ele ia tratar de negócios. Aqueles passeios eram ocasiões alegres, porque ela fazia um bocado de perguntas tolas — *como cabe a uma mulher*, dizia Frank a si mesmo, com aprovação. Não conseguia refrear o riso diante da ignorância dela sobre negócios, e Scarlett também ria, dizendo:

— Ora, claro que você não pode esperar que uma boboca como eu entenda de negócios como os homens.

Ela o fazia sentir-se, pela primeira vez em sua vida de solteirão maduro, um homem íntegro e forte moldado por Deus em uma forma mais nobre que a dos outros homens, destinado a proteger mulheres bobinhas e impotentes.

Quando finalmente os dois se encontravam no altar, a mão confiante dela na dele e os cílios baixos e curvilíneos sombreando-lhe o rosto rosado, Frank ainda

não sabia como tudo acontecera. Sabia apenas que fizera algo romântico e excitante pela primeira vez na vida. Ele, Frank Kennedy, tinha arrebatado aquela criatura encantadora e a acolhido em seu abraço forte. Era uma sensação estonteante.

Nenhum amigo ou parente esteve presente na cerimônia de casamento. Desconhecidos pegos na rua foram as testemunhas. Scarlett insistira nisso, e ele cedera com relutância, pois gostaria que a irmã e o cunhado de Jonesboro estivessem a seu lado. E uma recepção com brindes à noiva na casa da srta. Pitty, com amigos queridos, teria sido para ele uma felicidade. Mas Scarlett sequer quis falar no assunto e nem mesmo admitiu a presença da srta. Pitty.

— Só nós dois, Frank — implorou, apertando seu braço. — Como se tivéssemos fugido para casar. Eu sempre quis fugir para me casar! Por favor, meu amor, por mim!

Foi aquela expressão amorosa, ainda tão nova aos seus ouvidos, e as lágrimas cintilantes que marejaram os olhos verde-claros quando ela os ergueu para ele que o venceram. Afinal, um homem tinha de fazer concessões à sua noiva, sobretudo quanto à cerimônia do casamento, pois as mulheres davam muita importância àquelas coisas sentimentais.

E, antes que se desse conta, Frank estava casado.

Frank, intrigado com a cativante urgência, deu a Scarlett os trezentos dólares, relutantemente a princípio, porque isso significava o fim da sua esperança de comprar de imediato a serraria. Mas ele não podia deixar a própria família ser despejada, e seu desapontamento logo passou ao vê-la radiantemente feliz e sumiu de vez diante da forma amorosa como ela “compensou” sua generosidade. Nunca antes uma mulher o “compensara”, e ele acabou concluindo que o dinheiro tinha sido bem gasto, afinal.

Scarlett despachou Mammy imediatamente para Tara com o triplo objetivo de entregar o dinheiro a Will, anunciar seu casamento e trazer Wade para Atlanta. Passados dois dias, recebeu um curto bilhete de Will, que ela passou a levar para todo lado e ler e reler com alegria crescente. Nele, Will dizia que os impostos estavam pagos e que Jonas Wilkerson “reagira muito mal” à notícia, mas não fizera até então novas ameaças. Will encerrava o bilhete desejando felicidades à

recém-casada, uma declaração formal e lacônica em que não expressou opinião alguma. Scarlett sabia que Will entendia o que ela fizera e o porquê e não a culpava nem elogiava. Mas e o que pensaria Ashley?, perguntava-se febrilmente. *O que ele deve estar pensando de mim agora, depois do que eu lhe disse há tão pouco tempo no poma*r de Tara?

Recebeu também uma carta de Suellen, muito mal escrita, violenta, abusiva, manchada de lágrimas, uma carta tão cheia de veneno e de observações verdadeiras a respeito do seu caráter que tornava impossível chegar um dia a perdoar a remetente. Mas nem as palavras de Suellen conseguiram ofuscar a felicidade de ver Tara a salvo, ao menos de um perigo imediato.

Foi difícil registrar que Atlanta, e não Tara, era agora seu lar permanente. Em seu desespero para conseguir o dinheiro dos impostos, nada, a não ser Tara e o destino ameaçador que a aguardava, havia ocupado sua mente. Mesmo na hora do casamento, Scarlett não parara para pensar que o preço que estava pagando pela segurança do lar era o exílio permanente dele. Agora que o fato estava consumado, ela se dava conta disso com uma onda de saudade difícil de afastar. Mas estava feito. Selara um acordo e pretendia cumpri-lo. E sua gratidão a Frank por ele ter salvado Tara era tamanha que sentia um afeto caloroso pelo marido e uma determinação igualmente calorosa de jamais deixar que ele se arrependesse de tê-la desposado.

As damas de Atlanta conheciam a situação dos vizinhos apenas um tantinho menos do que as próprias e estavam muito mais interessadas nas alheias. Todas sabiam que durante anos Frank Kennedy havia mantido um “entendimento” com Suellen O’Hara. Na verdade, ele dissera, encabulado, que contava casar-se na primavera. Por esse motivo, a onda de mexericos, suposições e profunda desconfiança que se seguiu ao anúncio do discreto casamento dele com Scarlett não surpreendeu. A sra. Merriwether, que jamais permitia, se pudesse evitar, que sua curiosidade demorasse muito para ser saciada, indagou ostensivamente de Frank o que ele pretendia casando-se com uma irmã quando se comprometera com a outra. Depois relatou à sra. Elsing que a resposta que recebera não passara de um olhar confuso. Nem mesmo a sra. Merriwether, destemida alma que era, ousou abordar Scarlett sobre o assunto. Scarlett parecia bem recatada e doce ultimamente, mas havia uma satisfação complacente em seus olhos que

aborrecia os que a cercavam e um ar de poucos amigos que ninguém ousava desafiar.

Ela sabia que Atlanta estava cheia de rumores, mas não se importava. Afinal, nada havia de imoral em casar-se com um homem. Tara estava segura. Que falassem. Muitas outras questões ocupavam sua mente. A mais importante era convencer Frank, com tato, de que seu armazém devia gerar mais dinheiro. Após o susto que levara com Jonas Wilkerson, Scarlett jamais relaxaria até que ela e Frank juntassem dinheiro para o futuro. E, mesmo se nenhuma emergência surgisse, Frank precisaria ganhar mais dinheiro para que houvesse o suficiente para os impostos do ano seguinte. Além disso, o que ele dissera sobre a serraria não lhe saía da cabeça. Poderiam ganhar muito dinheiro com uma serraria. Qualquer um poderia, com a madeira sendo vendida por preços absurdos. Preocupava-se em silêncio porque o dinheiro de Frank não fora suficiente para pagar os impostos de Tara e comprar a serraria ao mesmo tempo. E decidiu que ele teria de ganhar mais dinheiro com o armazém, e rapidamente, para ser capaz de comprar aquela serraria antes que alguém lhe passasse à frente. Sabia que se tratava de uma pechincha.

Se fosse homem, ela compraria aquela serraria nem que precisasse hipotecar o armazém para levantar o dinheiro. Mas, quando sugeriu delicadamente a ideia a Frank, no dia seguinte ao casamento, ele sorriu e lhe pediu para não preocupar sua cabecinha linda com questões de negócios. Ele chegou mesmo a ficar surpreso por ela saber o que era uma hipoteca e, a princípio, achou divertido. Logo, porém, a diversão passou, e nos primeiros dias de casado surgiu uma sensação de espanto. Certa vez, incautamente, ele mencionara que “umas pessoas” (tomara o cuidado de não citar nomes) lhe deviam dinheiro, mas não podiam pagar no momento e ele não estava disposto, claro, a pressionar velhos amigos cavalheiros. Frank se arrependeu do comentário, pois, daquele dia em diante, Scarlett passou a questioná-lo a esse respeito a toda hora. As perguntas eram feitas com um charme infantil, por mera curiosidade, segundo ela, de saber quem lhe devia e de quanto eram as dívidas. Frank se esquivava de responder. Tossia, nervoso, e gesticulava e repetia seus comentários irritantes sobre a linda cabecinha dela.

Começara a perceber que aquela mesma linda cabecinha era “uma boa cabeça para cifras”. Na verdade, uma cabeça muito melhor que a dele, e essa percepção era inquietante. Ficou estarrecido ao descobrir que ela podia somar uma longa fileira de algarismos mentalmente com rapidez enquanto ele precisava de lápis e papel quando se tratava de mais de três números. E as frações também não apresentavam dificuldade para Scarlett. Para Frank, havia algo impróprio no fato de uma mulher entender de frações e de negócios, e em sua opinião, se uma mulher tivesse o infortúnio de possuir uma capacidade tão incompatível com a natureza feminina, deveria fingir não tê-la. Agora já não gostava de falar de negócios com ela como gostava antes do casamento. Antes, achava que tudo aquilo estava além da compreensão de Scarlett e era agradável lhe explicar as coisas. Agora, percebia que ela entendia bem demais tudo aquilo, e a habitual indignação masculina ante a duplicidade das mulheres acometeu-o. A isso se somou, ainda, a habitual decepção masculina com a descoberta de que mulheres tinham cérebro.

Exatamente quão rápido, depois de casado, Frank descobriu o artifício usado por Scarlett para levá-lo ao altar ninguém jamais soube. Talvez a verdade tenha brotado quando Tony Fontaine, obviamente solteiríssimo, esteve em Atlanta a trabalho. Talvez tenha lhe sido dita de forma mais direta nas cartas da irmã, em Jonesboro, atônita com o casamento. Sem dúvida, não foi por intermédio da própria Suellen que ele soube. Ela nunca lhe escreveu, e decerto Frank não poderia escrever-lhe explicando. De que serviriam explicações, agora que o casamento se realizara? Ele se contorcia por dentro ao pensar que Suellen jamais saberia a verdade e acharia sempre que havia sido insensivelmente rejeitada. Todos deviam achar o mesmo e criticá-lo, o que o deixava em uma posição constrangedora. E não havia como redimir-se, pois um homem não podia sair por aí dizendo ter perdido a cabeça por uma mulher — e um cavalheiro não podia alardear o fato de que a esposa lhe montara uma armadilha com mentiras.

Scarlett era sua esposa e uma esposa tinha direito à lealdade do marido. Ademais, Frank não conseguia crer que ela se casara com ele friamente, sem sentir nem um pingo de afeto. Sua vaidade masculina não permitiria que uma ideia dessas ocupasse sua mente durante muito tempo. Era mais agradável pensar que ela se apaixonara tão repentinamente por ele que se dispusera a mentir para

fisgá-lo. Mas era tudo muito intrigante. Frank sabia não ser um grande partido para uma mulher com metade da sua idade e ainda por cima bonita e inteligente, mas era um cavalheiro e manteve em segredo sua perplexidade. Scarlett era sua esposa e ele não podia insultá-la fazendo-lhe perguntas constrangedoras, que, afinal, não remediariam o problema.

Não que quisesse propriamente remediar o problema, pois considerava seu casamento feliz. Scarlett era a mulher mais encantadora e excitante do mundo, e o marido a considerava perfeita em tudo, salvo pelo fato de ser tão teimosa. Logo no início do casamento ele aprendeu que, desde que Scarlett tivesse o que queria, a vida podia ser muito agradável, mas quando a contrariavam… Quando faziam sua vontade, ela era alegre como uma criança, ria um bocado, fazia brincadeiras bobinhas, sentava-se no joelho dele e lhe puxava a barba até fazê-lo sentir-se vinte anos mais moço. Podia ser inesperadamente doce e atenciosa, aquecendo seus chinelos na lareira antes da sua chegada à noite, preocupando-se afetuosamente com seus pés molhados e suas gripes intermináveis, lembrando sempre que a sua parte predileta da galinha era a moela e que ele gostava de três colheres de açúcar no café. Sim, a vida era muito doce e aconchegante com Scarlett — desde que seus desejos fossem satisfeitos.

Quando o casamento completou uma quinzena, Frank pegou *influenza*, e o dr. Meade botou-o de cama. No primeiro ano da guerra, Frank passara dois meses no hospital com pneumonia e desde então vivia apavorado com a hipótese de uma recaída, motivo pelo qual enfiou-se de bom grado sob três cobertores e tomou um suadouro ajudado pelos chás bem quentes que Mammy e a tia Pitty lhe levavam de hora em hora.

A doença se arrastou e Frank foi ficando cada vez mais preocupado com o armazém à medida que os dias passavam. O lugar estava entregue ao balconista, que o visitava em casa toda noite para fazer o relatório das transações do dia, mas Frank não se satisfazia com isso. Angustiou-se até que Scarlett, que aguardava apenas uma oportunidade como aquela, pôs a mão fria em sua testa e disse:

— Ora, meu amor, não quero vê-lo preocupado. Vou até a cidade conferir como andam as coisas.

E lá se foi ela, sorrindo enquanto repelia os débeis protestos do marido. Ao longo das três semanas do recente casamento, ela ansiara febrilmente por ver os livros contábeis do marido e descobrir de fato como ia a situação financeira. Que sorte ele estar de cama!

O armazém ficava perto de Five Points, seu novo telhado cintilando de encontro aos tijolos chamuscados das velhas paredes. Um toldo de madeira cobria a calçada até o meio-fio, apoiado por compridas barras de ferro onde cavalos e mulas estavam amarrados pelas rédeas, suas cabeças baixas contra a chuva e a neblina frias, os lombos protegidos por cobertores e colchas rasgados. O interior do armazém se parecia com o da Bullard, em Jonesboro, salvo que não havia desocupados à volta do fogão-aquecedor esculpindo madeira e cuspindo tabaco mascado nas caixas de areia. O armazém era maior que o Bullard e muito mais escuro. O toldo de madeira bloqueava a maior parte da claridade do dia invernal e o interior era sombrio e inóspito, com apenas uma réstia de luz vinda dos pequenos basculantes salpicados de moscas mortas, no alto das paredes laterais. O chão era coberto por serragem lamacenta, e por todo lado havia pó e sujeira. Logo na entrada, tinha-se a impressão de certa ordem, com as prateleiras que se erguiam até as sombras do teto cheias de cortes de tecido coloridos, louças, utensílios de cozinha e artigos de armarinho. Nos fundos, porém, atrás da divisória, reinava o caos.

Ali não havia assoalho, e as várias mercadorias que compunham o estoque se amontoavam de forma caótica sobre a terra batida. Na semiescuridão, Scarlett viu caixas e fardos de mercadorias, arados e arreios e selas e caixões de pinho barato. Móveis de segunda mão, variando de látex barato até mogno e pau-rosa, empilhavam-se na penumbra, e os estofados finos, mas gastos, de brocado e crina de cavalo brilhavam de um jeito incompatível com o cenário decadente. Conjuntos de urinóis, bacias e jarras se espalhavam pelo chão, e em volta das quatro paredes viam-se latões fundos, tão escuros que Scarlett precisou iluminá-los diretamente com o lampião para descobrir que continham sementes, pregos, cadeados e ferramentas de carpintaria.

Seria de supor que um homem tão fresco e cheio de manias de solteirão como Frank mantivesse as coisas mais arrumadas, pensou, limpando com o lenço as mãos enegrecidas. *Este lugar é um chiqueiro. Que jeito de administrar um*

*armazém! Se ao menos ele tirasse o pó dessa mercadoria e a pusesse na entrada, onde pudesse ser vista, as vendas seriam muito mai*s rápidas.

E, se o estoque estava naquelas condições, dava para imaginar a contabilidade!

Vou dar uma olhada nos livros agora, decidiu, pegando o lampião e se dirigindo para a parte da frente do armazém. Willie, o jovem balconista, relutou em lhe entregar o enorme livro com a capa suja. Obviamente, apesar de jovem, o rapaz partilhava a opinião de Frank de que mulheres não deviam se meter nos negócios. Mas Scarlett calou-lhe a boca com uma palavra dura e o mandou sair para almoçar. Sentiu-se melhor quando ele partiu, pois sua desaprovação a irritara, e, sentando-se sobre um dos pés em uma cadeira furada junto ao aquecedor, abriu o livro volumoso no colo. Era hora do almoço, e as ruas estavam desertas. Nenhum freguês entrou e ela ficou com o armazém exclusivamente para si.

Virou as páginas devagar, examinando com atenção as fileiras de nomes e números escritos na caligrafia cursiva de Frank. Viu exatamente o que esperara e franziu a testa diante daquela prova mais recente do parco tino comercial do marido. No mínimo quinhentos dólares em dívidas, algumas há meses vencidas, estavam registradas em nome de gente que ela conhecia bem, os Merriwethers e os Elsings, entre outros nomes familiares. A julgar pelos comentários depreciativos a respeito do dinheiro que "o pessoal" lhe devia, ela imaginara que os montantes fossem pequenos. Mas isso!

Se não podem pagar, por que continuam comprando?, pensou, irritada. *E, se Frank sabe que não podem pagar, por que continua vendendo a eles? Muitos pagariam se fossem obrigados. Os Elsings com certeza podem pagar, já que conseguiram dar a Fanny um vestido novo de cetim e um casamento caro. O que acontece é que Frank tem um coração mole demais, e as pessoas se aproveitam. Ora, se tivesse cobrado metade desse dinheiro, podia ter comprado a serraria e facilmente me dado o dinheiro dos impost*os também.

Pensou então: *Imagine Frank tentando administrar uma serraria! Pelo manto do Senhor! Se toca um armazém como se fosse uma instituição de caridade, como supõe que vai ganhar dinheiro com uma serraria? O xerife há de leiloá-la em um mês. Ora, posso administrar este armazém melhor que ele! E também*

*tocaria uma serraria muito melhor, mesmo não entendendo nada do comércio d*e madeira!

A ideia de que uma mulher pudesse lidar com negócios tão bem ou melhor que um homem era estarrecedora, uma ideia revolucionária para Scarlett, criada na tradição de que os homens eram oniscientes e as mulheres não muito brilhantes. Claro que descobrira que aquilo não era de todo verdade, mas a ficção atraente ainda ocupava sua mente. Jamais pusera aquela ideia notável em palavras. Ficou ali sentada quieta, com o livro pesado no colo, a boca ligeiramente aberta de surpresa, pensando que durante os meses difíceis em Tara havia feito o trabalho de um homem e o fizera muito bem. Tinha sido criada para crer que uma mulher sozinha não era capaz de coisa alguma, mas havia administrado a fazenda sem homens para ajudá-la até a chegada de Will. *Ora, ora*, observou para si mesma, *acredito que as mulheres são capazes de administrar tudo no mundo sem a ajuda dos homens, salvo ter filhos, e Deus sabe que mulher alguma em seu juízo perfeito teria filhos se pudes*se evitar.

Com a percepção de que era tão capaz quanto um homem, uma onda de orgulho e um desejo violento de provar sua tese a dominaram. Ganharia dinheiro para si mesma, como os homens faziam. Dinheiro que seria dela, dinheiro que não precisaria pedir e do qual não teria de prestar contas a homem algum.

— Quem dera eu tivesse dinheiro suficiente para comprar aquela serraria — disse em voz alta e suspirou. — Com certeza eu faria dela um sucesso. E jamais deixaria sequer uma farpa ser vendida a crédito.

Suspirou outra vez. Não havia como conseguir dinheiro, por isso a ideia estava fora de questão. Frank simplesmente teria de cobrar o que lhe era devido e comprar a serraria. Aquela era uma forma garantida de ganhar dinheiro, e quando ele comprasse a serraria ela sem dúvida acharia um jeito de torná-lo mais profissional do que havia sido com o armazém, na maneira de administrá-la.

Arrancou uma página em branco do livro contábil e começou a copiar a lista dos devedores que há vários meses não pagavam. Abordaria o assunto com Frank assim que chegasse em casa. Faria com que ele entendesse que aquela gente precisava pagar suas contas mesmo sendo velhos amigos, mesmo que ele se sentisse constrangido de pressioná-los. Isso provavelmente deixaria Frank

nervoso, pois era tímido e ansioso pela aprovação dos amigos. De tão sensível, haveria de preferir perder o dinheiro a agir como um comerciante e cobrá-lo.

E provavelmente diria a ela que ninguém tinha dinheiro para pagar as dívidas. Ora, talvez fosse verdade. A pobreza decerto não era novidade para Scarlett. Mas quase todos tinham guardado alguma prataria ou joias ou alguma propriedadezinha. Frank poderia receber bens em lugar de dinheiro vivo.

Já podia até ouvir os resmungos de Frank quando sugerisse essa alternativa. Ficar com as joias e as propriedades dos amigos! *Bom, que resmungue quanto quiser. Vou lhe dizer que ele pode estar disposto a continuar pobre em prol da amizade, mas eu não estou. Frank jamais chegará a lugar algum se não desenvolver alguma iniciativa. E ele vai chegar a algum lugar! Tem de ganhar dinheiro, nem que eu precise usar as calças na família para obrigá*-lo a isso.

Escrevia rapidamente, o rosto contorcido pelo esforço, a língua presa entre os dentes, quando a porta da frente se abriu e uma forte corrente de vento frio varreu o armazém. Um homem alto entrou com uma passada leve como a de um índio, e, erguendo os olhos, ela viu que era Rhett Butler.

Ele estava resplandecente em roupas novas e um sobretudo com uma garbosa capa jogada por cima dos ombros largos. Segurava o chapéu de copa alta em uma reverência exagerada quando os olhos dela encontraram os dele, e pousou a mão livre no peito da imaculada camisa pregueada. Os dentes alvos cintilavam em contraste com o rosto moreno, e o olhar atrevido esquadrinhou-a.

— Minha cara sra. Kennedy — cumprimentou, aproximando-se dela. — Minha caríssima sra. Kennedy! — repetiu, dando uma risada alegre.

A princípio ela se assustou, como se um fantasma tivesse invadido o armazém. Depois, pousando no chão o pé sobre o qual se sentara, Scarlett retesou a coluna e lhe lançou um olhar frio.

— O que você veio fazer aqui?

— Estive com a srta. Pittypat e soube do seu casamento. Por isso me apressei em vir parabenizá-la.

A lembrança da humilhação sofrida nas mãos dele a fez enrubescer de vergonha.

— Não sei como você tem a audácia de me encarar! — exclamou.

— Ao contrário! Como você tem a audácia de me encarar?

— Oh, você é o mais…

— Por que não deixamos que as trombetas anunciem uma trégua? — sugeriu ele, sorrindo, um sorriso alvo e faiscante que continha audácia, mas nenhuma vergonha pelas próprias ações ou reprovação às dela. A contragosto, ela teve de sorrir também, mas foi um sorriso irônico, desconfortável.

— Que pena que não enforcaram você!

— Outros partilham o seu sentimento, temo eu. Vamos, Scarlett, relaxe. Está com uma careta de quem engoliu uma vara, e isso não lhe cai bem. Sem dúvida já teve tempo para se recuperar da minha… da minha brincadeirinha.

— Brincadeira? Jamais vou me recuperar disso!

— Ah, vai, vai, sim. Só está encenando essa indignação porque acha que é apropriada e respeitável. Posso me sentar?

— Não.

Ele se sentou em uma cadeira ao lado de Scarlett e sorriu, satisfeito.

— Eu soube que você não pôde esperar sequer duas semanas por mim — disse Rhett, com um suspiro jocoso. — Como são volúveis as mulheres!

Quando não obteve resposta, continuou:

— Me diga, Scarlett, cá entre nós, amigos íntimos de velha data, não seria mais recomendável esperar que me soltassem? Ou serão os encantos do matrimônio com o velho Frank Kennedy mais sedutores do que uma relação ilícita comigo?

Como sempre acontecia quando a zombaria dele despertava sua fúria, a fúria lutou com o riso ante tamanho atrevimento.

— Não diga absurdos.

— Você se importa de satisfazer a minha curiosidade sobre uma questão que me incomoda já há algum tempo? Acaso não sentiu qualquer repugnância feminina, nenhum leve desconforto, por se casar não com um, mas com dois homens pelos quais não tinha amor e nem mesmo afeição? Ou terei sido mal informado sobre a delicadeza das mulheres sulistas?

— Rhett!

— Está aí a minha resposta. Sempre achei que as mulheres têm uma fibra e uma resistência desconhecidas do homem, a despeito da bela ideia que me incutiram na infância de que as mulheres são criaturas frágeis, ternas e sensíveis.

Afinal, porém, segundo o código continental de etiqueta, é de muito mau tom maridos e esposas se amarem. De muito mau gosto, com efeito. Sempre achei que os europeus tinham razão nesse aspecto. Case-se por conveniência e ame por prazer. Um sistema confortável, não acha? Você está mais próxima do velho mundo do que eu pensava.

Como seria bom gritar para ele: “Não me casei por conveniência!” Infelizmente, porém, Rhett acertara em cheio e qualquer demonstração de inocência ferida só acarretaria mais observações mordazes.

— Quanta falação… — disse ela friamente, antes de perguntar, ansiosa por mudar de assunto: — Como saiu da prisão?

— Ah, isso! — respondeu Rhett, com um gesto evasivo. — Nada de muito complicado. Fui solto hoje de manhã. Empreguei um delicado sistema de chantagem com um amigo em Washington que ocupa um posto bem alto nos conselhos do governo federal. Um sujeito esplêndido, um dos leais patriotas da União do qual eu costumava comprar mosquetes e anáguas de crinolina para a Confederação. Quando meu incômodo infortúnio foi levado à sua atenção da maneira correta, ele se apressou a usar sua influência e fui libertado. Influência é tudo, Scarlett. Lembre-se disso quando for presa. Influência é tudo, e culpa e inocência não passam de uma mera questão acadêmica.

— Garanto que você não era inocente.

— Não, agora que estou livre dos trabalhos forçados, admito francamente que sou tão culpado quanto Caim. Realmente matei o preto. Ele foi insolente com uma dama, e o que mais poderia fazer um cavalheiro sulista? E, já que estou confessando, devo admitir que atirei em um soldado da cavalaria ianque depois de um desentendimento em uma taverna. Não fui acusado de tal pecadilho, portanto talvez outro pobre diabo tenha sido enforcado em meu lugar.

A indiferença sobre seus homicídios era tamanha que gelou o sangue de Scarlett. Palavras de indignação moral subiram-lhe aos lábios, mas subitamente ela se lembrou do ianque que jazia debaixo do emaranhado de videiras em Tara. Ele não pesara em sua consciência mais do que uma barata na qual tivesse pisado. Não tinha o direito de julgar Rhett quando era tão culpada quanto ele.

— E, como, ao que parece, estou me abrindo com você, devo lhe dizer, sob a mais estrita confidencialidade… ou seja, não conte para a srta. Pittypat!… que,

com efeito, eu tinha aquele dinheiro, depositado em segurança em um banco em Liverpool.

— O dinheiro?

— Sim, o dinheiro sobre o qual os ianques estavam tão curiosos. Scarlett, não foi apenas por maldade que não lhe dei o dinheiro que você me pediu. Se eu assinasse uma ordem de saque, eles poderiam seguir o rastro e duvido que você visse um centavo. Minha única esperança residia em nada fazer. Eu sabia que o dinheiro estava seguro, pois se o pior acontecesse, se localizassem o dinheiro e tentassem tirá-lo de mim, eu daria o nome de cada patriota ianque que me vendeu balas e maquinaria durante a guerra. Então a coisa toda ia feder, porque alguns são figurões em Washington agora. Na verdade, foi a ameaça que fiz de aliviar a minha consciência que me tirou da prisão. Eu…

— Quer dizer que você… Você realmente tem o ouro confederado?

— Não todo. Minha nossa, não! Deve haver cinquenta ou mais furadores de bloqueios com um bocado de dólares escondidos em Nassau, na Inglaterra e no Canadá. Seremos bastante impopulares entre os confederados que não foram tão espertos quanto nós. Consegui perto de meio milhão. Agora pense, Scarlett, meio milhão de dólares, se você tivesse podido refrear sua natureza impulsiva e não se metesse noutro casamento!

Meio milhão de dólares. Scarlett sentiu uma onda de mal-estar quase físico ao pensar em tanto dinheiro. Era difícil crer que houvesse tanto dinheiro naquele mundo amargo e assolado pela pobreza. Tanto dinheiro, tanto, tanto dinheiro, e pertencia a outra pessoa, alguém que não levava isso a sério nem precisava dele. E ela contava apenas com um marido doente e idoso e aquela lojinha suja, chinfrim, para separá-la de um mundo hostil. Não era justo que um desalmado como Rhett Butler tivesse tanto e ela, que aguentava um fardo tão pesado, tivesse tão pouco. Ela o odiava, sentado ali em seu figurino de dândi, zombando dela. Pois bem, não iria aumentar aquele convencimento elogiando sua esperteza. Ansiava maldosamente por encontrar palavras ferinas com as quais atingi-lo.

— Suponho que você considere honesto ficar com o dinheiro confederado. Bem, não é. É roubo, pura e simplesmente, e você sabe disso. Eu não carregaria esse peso na minha consciência.

— Ora! As uvas estão verdes hoje! — exclamou Rhett, contorcendo o rosto. — E de quem, exatamente, estou roubando?

Ela ficou muda, tentando pensar de quem, afinal. No frigir dos ovos, ele fizera apenas o mesmo que Frank havia feito, em uma escala menor.

— Metade do dinheiro é honestamente meu — prosseguiu ele —, honestamente ganho com a ajuda de honestos patriotas da União dispostos a liquidar a União pelas costas, com cem por cento de lucro sobre suas mercadorias. Parte dele eu ganhei com o meu pequeno investimento em algodão, no início da guerra, o algodão que comprei barato e vendi por dois dólares o quilo quando as fábricas britânicas estavam implorando por ele. Uma outra parte obtive especulando com alimentos. Por que eu deixaria os ianques colherem os frutos do meu trabalho? Mas o resto de fato pertence à Confederação. Veio do algodão confederado que consegui passar pelo bloqueio e vender em Liverpool a preços exorbitantes. O algodão me foi dado em boa-fé para comprar couro e rifles e maquinaria. E foi recebido por mim em boa-fé para efetuar tais compras. Minhas ordens eram para deixar o ouro nos bancos ingleses, em meu próprio nome, a fim de que o meu crédito fosse bom. Você provavelmente se lembra de que, quando o bloqueio apertou, não consegui fazer partir ou atracar um único navio em qualquer porto confederado, razão pela qual o dinheiro ficou na Inglaterra. O que me restava fazer? Sacar todo aquele ouro dos bancos ingleses, como um bobalhão, e tentar levá-lo até Wilmington? E deixar os ianques se apoderarem dele? Foi culpa minha o bloqueio ter apertado? Foi culpa minha nossa Causa ter fracassado? O dinheiro pertencia à Confederação. Ora, não há mais Confederação agora, embora não pareça, a ouvir o que alguns dizem. A quem devo entregar o dinheiro? Ao governo ianque? Eu odiaria que me considerassem um ladrão.

Tirando uma caixa de couro do bolso, ele extraiu dela um comprido charuto e o cheirou com aprovação, ao mesmo tempo que a observava com pseudoansiedade, como se aguardasse aflito suas próximas palavras.

Que a peste o leve depressa, pensou Scarlet. *Ele está sempre um passo à minha frente. Tem sempre algo errado nos seus argumentos, mas jamais consigo defini*r o que é.

— Você poderia — sugeriu ela, com dignidade — distribuí-lo aos necessitados. A Confederação não existe mais, porém existem muitos confederados passando fome com suas famílias.

Ele jogou a cabeça para trás e riu grosseiramente.

— Você nunca é mais encantadora ou extravagante do que quando expressa alguma hipocrisia como essa — disse ele, francamente divertido. — Fale sempre a verdade, Scarlett. Você não sabe mentir. Os irlandeses são os piores mentirosos do mundo. Seja honesta. Você jamais se importou com a falecida e pranteada Confederação e se importa menos ainda com os confederados famintos. Protestaria aos gritos se eu sequer sugerisse doar aquele dinheiro, a menos que eu começasse dando a você a parte do leão.

— Não quero o seu dinheiro — começou ela, tentando aparentar uma frieza digna.

— Não quer, hein? Sua mão está coçando para pegá-lo. Se eu lhe mostrasse uma moeda de 25 centavos, você pularia em cima dela.

— Se veio aqui me ofender e rir da minha pobreza, desejo-lhe um bom dia — retorquiu Scarlett, tentando tirar o pesado livro contábil do colo a fim de poder ficar de pé e tornar seu discurso mais veemente. Na mesma hora, Rhett se levantou e, inclinando-se sobre ela, riu enquanto a obrigava a permanecer sentada.

— Quando você vai aprender a não perder o prumo quando ouve a verdade? Não se importa a mínima de falar a verdade sobre os outros. Por que, então, se incomoda tanto quando ouve a verdade sobre você? Não estou ofendendo ninguém. Acho que aquisitividade é uma belíssima qualidade.

Scarlett não tinha certeza sobre o significado de aquisitividade, mas como ele parecia aprová-la ela se acalmou.

— Não vim aqui tripudiar sobre a sua pobreza, mas para desejar a você felicidade duradoura no casamento. Falando nisso, o que a sua irmã Suellen achou da sua apropriação indébita?

— Minha o quê?

— Seu ato de roubar-lhe o noivo debaixo do seu nariz.

— Eu não…

— Bem, não entremos em discussão quanto ao termo. O que ela disse?

— Não disse nada — respondeu Scarlett. Os olhos dele dançaram ao reconhecerem a mentira.

— Quanto altruísmo dela! Agora, falemos da sua pobreza. Decerto tenho o direito de saber, depois da sua visitinha na prisão não faz muito tempo. Frank tem tanto dinheiro quanto você esperava?

Não havia como escapar ao descaramento dele. Ou aguentava ou lhe pedia para sair. E agora não queria que ele fosse embora. As palavras que dizia eram espinhosas, mas eram os espinhos da verdade. Rhett sabia o que ela fizera e por que fizera e não parecia desprezá-la por isso. E, embora suas perguntas fossem desagradavelmente diretas, pareciam brotar de um interesse amistoso. Era a única pessoa a quem ela podia dizer a verdade, o que seria um alívio, já que há muito tempo não contava a ninguém a verdade sobre si mesma e suas motivações. Toda vez que dizia o que pensava, todos ficavam espantados. Falar com Rhett se comparava a uma única coisa: a sensação de bem-estar e conforto que um par de chinelos velhos provia após uma noite dançando com sapatos apertados.

— Você não conseguiu o dinheiro dos impostos? Não me diga que o lobo ainda espreita à porta de Tara. — Havia um tom diferente em sua voz.

Ela ergueu os olhos para encontrar os dele e viu ali uma expressão que a espantou e confundiu, a princípio, e que depois a levou, subitamente, a sorrir, um sorriso doce e encantador que raramente iluminava seu rosto nos últimos tempos. Que patife perverso era ele, mas como podia ser gentil às vezes! Sabia agora que o verdadeiro motivo para aquela visita não era provocá-la, mas se certificar de que ela conseguira o dinheiro de que precisava tanto. Sabia agora que ele a procurara tão logo fora solto, sem dar a perceber a mínima pressa, para lhe emprestar o dinheiro caso ainda precisasse dele. Mesmo assim a atormentaria e insultaria e negaria ser esse o propósito, caso fosse confrontado. Realmente era impossível entendê-lo. Será que se importava com ela mais do que se dispunha a admitir? Ou seria outro o motivo? Provavelmente a última hipótese, pensou ela. Mas quem haveria de saber? Seu comportamento era tão estranho às vezes.

— Não — respondeu ela. —, o lobo já não espreita à porta. Eu… Eu consegui o dinheiro.

— Mas não sem uma luta, garanto. Você conseguiu se refrear até pôr no dedo a aliança de casada?

Ela tentou não sorrir ante o resumo preciso da própria conduta, mas não foi de todo bem-sucedida. Ele voltou a se sentar, esticando confortavelmente as pernas.

— Bom, me fale da sua pobreza. Por acaso Frank, o brutamontes, enganou você a respeito da própria situação? Ele deveria levar uma surra por se aproveitar de uma mulher indefesa. Vamos, Scarlett, conte tudo. Não me esconda nada. Sem dúvida conheço o que há de pior em você.

— Ah, Rhett, você é o pior… não sei o quê! Não, ele não me enganou propriamente, mas… — De repente tornou-se um prazer se abrir. — Rhett, se Frank se dispusesse a cobrar o que lhe devem, eu não me preocuparia com coisa alguma. Mas, Rhett, cinquenta pessoas estão devendo a ele, que não quer pressioná-las. Ele é tão sensível… Diz que um cavalheiro não pode tratar assim outro cavalheiro. E talvez leve meses para vermos o dinheiro, se é que o veremos um dia.

— E daí? Vocês não têm o suficiente para comer até que ele cobre?

— Sim, mas… Na verdade, eu poderia fazer uso de algum dinheiro neste momento. — O olhar dela se iluminou ao pensar na serraria. Talvez…

— Para quê? Mais impostos?

— Isso é da sua conta?

— Sim, porque você está prestes a me pedir um empréstimo. Ah, eu conheço todas as abordagens. E vou emprestá-lo a você. E, minha cara sra. Kennedy, sem aquela caução sedutora que me ofereceu há pouco tempo. A menos, claro, que você insista…

— Você é o mais grosseiro…

— Em hipótese alguma. Eu apenas quis lhe tirar um peso da cabeça. Sei que se preocupa com isso. Não muito, mas um pouco. E estou disposto a lhe emprestar o dinheiro. Mas desejo saber como vai gastá-lo. Tenho esse direito, suponho. Se for para comprar vestidos bonitos ou uma carruagem, aceite-o com a minha bênção. Mas, se for para comprar um novo par de culotes para Ashley Wilkes, lamento retirar a oferta do empréstimo.

Ela sentiu uma raiva tão repentina que chegou a gaguejar antes de lhe ocorrerem as palavras.

— Ashley Wilkes jamais levou um centavo meu! Eu não conseguiria fazê-lo aceitar um centavo, mesmo que estivesse faminto! Você não o entende, não vê como é honrado, orgulhoso! Claro que não pode entendê-lo, sendo quem você é…

— Não comecemos a nos ofender. Eu poderia lhe dar alguns rótulos que seriam páreo para os que você tem em mente para mim. Não se esqueça de que tenho me mantido a par da sua vida através da srta. Pittypat, e essa cara senhora conta tudo que sabe a qualquer pessoa que se disponha a ouvi-la. Sei que Ashley mora em Tara desde que chegou de Rock Island. Sei que você até mesmo suporta ter a esposa dele por perto, o que deve ser bem extenuante.

— Ashley é…

— Ah, sim — interrompeu Rhett com um gesto negligente. — Ashley é por demais sublime para a minha compreensão terrena. Mas, por favor, lembre-se de que fui uma testemunha interessada da sua terna cena com ele em Twelve Oaks, e algo me diz que ele não mudou de lá para cá. Nem você. Se me lembro bem, ele não foi tão sublime assim naquele dia. E não acho que esteja fazendo por onde ser mais sublime agora. Por que não pega a família e vai procurar trabalho fora de Tara? Claro que não passa de um capricho meu, mas não pretendo emprestar a você um centavo para Tara para ajudar a sustentá-lo. Nos círculos masculinos, existe um nome muito desagradável para os homens que permitem que mulheres os sustentem.

— Como se atreve a dizer essas coisas? Ele tem trabalhado como um lavrador! — A despeito de toda a raiva, o coração de Scarlett se apertou com a lembrança de Ashley cortando madeira.

— E vale o próprio peso em ouro, ouso dizer. Que ajuda ele deve ser com o esterco e…

— Ele…

— Ah, sim, eu sei. Digamos que ele faz o melhor possível, mas não imagino que seja de grande ajuda. Você nunca há de transformar um Wilkes em lavrador, ou em qualquer outra coisa útil. Essa raça é puramente ornamental. Agora, baixe sua crista e ignore meus comentários rudes sobre o pobre e honrado Ashley. É curioso como essas ilusões persistem até em mulheres tão cabeça-dura como você. Quanto dinheiro quer e para quê?

Quando ela não respondeu, ele repetiu:

— Para que você quer o dinheiro? E veja se consegue me dizer a verdade. Vai funcionar tão bem quanto uma mentira. Na verdade, melhor, pois se mentir para mim com certeza vou descobrir. Imagine como será vergonhoso. Nunca se esqueça, Scarlett, de que aguento tudo de você, o fato de não gostar de mim, seu mau gênio, todas as suas artimanhas maldosas, mas mentiras, não. Então, para que quer o dinheiro?

Furiosa como estava com o ataque de Rhett a Ashley, ela daria tudo para cuspir nele e jogar a oferta de dinheiro orgulhosamente em sua expressão zombeteira. Chegou quase a fazer isso, mas a mão fria do bom senso a impediu. Engoliu a raiva sem muita graça e tentou adotar uma expressão de dignidade. Ele se recostou na cadeira, esticando as pernas em direção ao fogareiro.

— Se tem uma coisa no mundo que me diverte mais que qualquer outra — observou Rhett — é ver sua luta mental quando uma questão de princípios entra em conflito com algo prático como dinheiro. Claro que sei que seu lado pragmático sempre há de vencer, mas continuo atento para ver se a sua natureza mais nobre não triunfará um dia. E, quando esse dia chegar, faço as malas e vou embora de Atlanta para sempre. Existem mulheres demais cujas naturezas mais nobres sempre triunfam… Bom, voltemos aos negócios. Quanto você quer e para quê?

— Não sei exatamente de quanto preciso — respondeu Scarlett, de mau humor. — Mas quero comprar uma serraria… E acho que consigo por um preço baixo. E vou precisar de duas carroças e duas mulas. Duas boas mulas, aliás. E um cavalo e uma charrete para meu uso.

— Uma serraria?

— Sim, e se você me emprestar o dinheiro, dou a você a metade em sociedade.

— O que eu faria com uma serraria?

— Ganharia dinheiro! Podemos ganhar montanhas de dinheiro. Ou pago juros sobre o seu empréstimo… O que é uma boa taxa de juros?

— Cinquenta por cento é considerado uma boa taxa.

— Cinquenta… Ora, você está brincando! Pare de rir, seu demônio. Falo sério.

— Por isso estou rindo. Fico pensando se alguém com exceção de mim percebe o que se passa na sua cabeça, por trás desse rostinho enganosamente doce.

— Quem se importa? Ouça, Rhett, e veja se não lhe parece um bom negócio. Frank me falou desse homem que tem uma serraria pequena na rua Peachtree e que quer vendê-la. Está precisando de dinheiro vivo com urgência e vai vendê-la barato. Não há muitas serrarias por aqui agora, e do jeito como as pessoas estão reconstruindo… Ora, podíamos vender madeira por preços nas alturas. O homem quer ficar e administrar o lugar mediante um salário. Frank me contou. Frank compraria o negócio se tivesse o dinheiro. Acho que pretendia comprá-lo com o dinheiro que me deu para pagar os impostos.

— Coitado do Frank! O que ele vai dizer quando você contar que comprou a serraria e lhe passou a perna? E como vai explicar que lhe emprestei o dinheiro sem comprometer a sua reputação?

Scarlett não pensara nisso, de tão concentrada nos lucros da serraria.

— Ora, eu simplesmente não conto a ele.

— Ele vai saber que a serraria não caiu do céu.

— Eu conto a ele… Sim, eu digo que vendi meus brincos de brilhante. E dou os brincos a você. Vai ser minha cau… essa coisa aí.

— Eu não aceitaria seus brincos.

— Não quero os brincos. Não gosto deles. Na verdade, não são meus.

— De quem são?

Mentalmente, Scarlett voltou rapidamente à tarde quente na calmaria campestre em torno de Tara e ao morto de uniforme azul estirado no corredor.

— Foram deixados para mim…. Por alguém que está morto. São meus, sim. Fique com eles. Não quero os brincos. Prefiro trocá-los pelo dinheiro.

— Deus do céu! — exclamou ele, impaciente. — Você nunca pensa em nada que não seja dinheiro?

— Não — respondeu ela, com franqueza, encarando-o com os olhos verdes faiscantes. — E, se você tivesse passado o que passei, também não pensaria. Descobri que dinheiro é a coisa mais importante no mundo e juro por Deus que jamais pretendo ficar sem ele de novo.

Lembrou-se do sol quente, da terra vermelha macia sob a cabeça, do odor dos negros na choupana por trás das ruínas de Twelve Oaks, lembrou-se do refrão nas batidas do seu coração: “Nunca passarei fome de novo. Nunca passarei fome de novo.”

— Algum dia vou ter dinheiro, montanhas de dinheiro, para poder comer o que quiser. Então, nunca mais haverá na minha mesa canjica ou ervilhas secas. E terei roupas bonitas e todas elas de seda…

— Todas?

— Todas — respondeu curtamente, sem sequer enrubescer diante da sugestão implícita. — Vou ter dinheiro suficiente para que os ianques jamais me tomem Tara. E vou mandar fazer um novo telhado para Tara e um novo celeiro e terei boas mulas para arar e mais algodão do que você jamais viu. E Wade nunca saberá o que significa não ter o que se precisa. Nunca! Wade terá tudo no mundo. E toda a minha família nunca mais sentirá fome. Falo sério. Você não entende, seu cão egoísta. Jamais foi ameaçado de despejo pelos *carpetbaggers*. Nunca sentiu frio, vestiu farrapos e teve de trabalhar como um escravo para não morrer de fome!

— Passei oito meses no Exército confederado — disse ele, calmamente. — Não conheço lugar melhor para morrer de fome.

— O Exército! Ha! Você nunca precisou colher algodão nem arrancar mato. Você… Não ria de mim!

As mãos dele seguraram novamente as dela diante daquela exclamação em um tom mais alto.

— Eu não estava rindo de você, mas da diferença entre o que você aparenta ser e o que é de fato. E me lembrei da primeira vez que a vi, no churrasco dos Wilkes. Você usava um vestido verde e sapatilhas verdes, e os homens a cercavam como moscas e você parecia um bocado convencida. Aposto que não sabia então quantos centavos há em um dólar. Só uma ideia ocupava a sua cabeça e essa ideia era seduzir Ash…

Ela libertou as mãos das dele.

— Rhett, se vai continuar falando, pelo menos pare de falar de Ashley Wilkes. Sempre haveremos de brigar por causa dele, pois você não pode entendê-lo.

— Suponho que para você ele seja um livro aberto — disse Rhett maldosamente. — Não, Scarlett, se vou lhe emprestar o dinheiro, me reservo o direito de discutir Ashley Wilkes nos termos que me aprouverem. Abro mão do direito de receber juros sobre o empréstimo, mas não abro mão desse direito. E existem muitas coisas sobre aquele jovem que me apeteceria saber.

— Não tenho de discutir Ashley com você — retrucou ela.

— Tem, sim! Do contrário, não abro a bolsa, viu? Um dia, quando for rica, você terá o poder de fazer o mesmo com outras pessoas… É óbvio que ainda gosta dele…

— Não gosto.

— Ah, é óbvio demais pela forma como corre em sua defesa. Você…

— Não vou ficar de braços cruzados ouvindo zombarias sobre os meus amigos.

— Bem, deixemos isso de lado por enquanto. Ele ainda gosta de você ou Rock Island fez com que a esquecesse? Ou talvez tenha aprendido a apreciar a joia de esposa que tem, não?

À menção de Melanie, Scarlett começou a respirar mais rápido e mal conseguiu evitar despejar a história toda e dizer que apenas a honra mantinha Ashley ao lado dela. Chegou a abrir a boca, mas depois desistiu.

— Ah, quer dizer que ele ainda não tem bom senso suficiente para apreciar a sra. Wilkes? E o rigor da prisão não reduziu seu ardor por você?

— Não vejo necessidade de abordar esse assunto.

— Eu quero abordar esse assunto — disse Rhett. Ela ouviu na voz dele um subtom que não entendeu, mas do qual não gostou. — E acredite, vou abordá-lo e espero que você me dê respostas. Então ele ainda está apaixonado por você?

— E se estiver? — exclamou Scarlett, espicaçada. — Não quero discutir Ashley com você porque você não o entende nem entende o tipo de amor que ele sente. O único tipo de amor que você conhece é… bom, é o tipo que existe entre você e criaturas como aquela Watling.

— Ah — murmurou Rhett —, quer dizer que sou capaz apenas de prazeres carnais?

— Ora, você sabe que é verdade.

— Bem, eu entendo a sua hesitação em discutir esse assunto comigo. Minhas mãos e lábios impuros maculam a pureza do amor dele.

— Sim… Algo do gênero.

— Estou interessado nesse amor puro…

— Não seja desagradável, Rhett Butler. Se você é vil o bastante para achar que fizemos algo de errado…

— Ah, essa ideia jamais me passou pela cabeça. Daí o meu interesse. Por que, exatamente, vocês não fizeram nada de errado?

— Se você acha que Ashley faria…

— Bem, então foi Ashley e não você que lutou para preservar a pureza. Olha, Scarlett, você não devia se trair tão facilmente.

Scarlett fitou o rosto tranquilo e enigmático dele, confusa e indignada.

— Não falaremos mais disso e não quero o seu dinheiro. Por isso, saia!

— Ah, você quer o meu dinheiro, sim, e já que chegamos até aqui por que parar? Sem dúvida não pode fazer mal discutir um idílio tão casto… já que nada de errado aconteceu. Então, Ashley ama o seu intelecto, sua alma, sua nobreza de caráter?

Scarlett se crispou ao ouvir tais palavras. Claro que Ashley a amava precisamente por essas qualidades. A consciência disso é que tornava a vida suportável, a consciência de que Ashley, comprometido com a honra, a amava de longe pelas belas coisas profundamente enraizadas nela, que somente ele era capaz de ver. Só que aquelas características não pareciam tão belas quando expostas à luz por Rhett, sobretudo naquela voz enganosamente suave que encobria o sarcasmo.

— Sinto ter recuperado os meus ideais juvenis de que um amor assim possa existir neste mundo perverso — prosseguiu ele. — Quer dizer que não existe sequer um quê de carne nesse amor dele por você? Esse amor seria o mesmo caso você fosse feia e não tivesse essa pele tão alva? E se não tivesse esses olhos verdes que levam um homem a imaginar qual seria a sua reação se ele a tomasse nos braços? E um jeito de balançar os quadris capaz de seduzir qualquer homem com menos de noventa anos? E esses lábios que são… Bom, não posso deixar que meus instintos carnais se imponham. Ashley não vê nada disso? Ou vê e mesmo assim nada sente?

De forma involuntária, a mente de Scarlett voltou àquele dia no pomar, quando os braços de Ashley a envolveram, trêmulos, quando sentiu sua boca quente na dela, como se nunca mais fosse soltá-la. O rubor lhe coloriu o rosto ante a lembrança, algo que não passou despercebido por Rhett.

— Muito bem — disse ele, e uma nota vibrante, quase de raiva, tingiu sua voz. — Entendi. Ele ama exclusivamente a sua mente.

Quanta ousadia dele meter os dedos sujos na única coisa bela e sagrada em sua vida, fazendo-a parecer vil! Friamente, com determinação, Rhett derrubava a última de suas reservas, e a informação que desejava estava próxima.

— Isso mesmo! — exclamou ela, voltando a arquivar a lembrança dos lábios de Ashley.

— Minha querida, ele nem sabe da existência da sua mente. Se tivesse sido atraído por ela, não precisaria lutar contra você, como provavelmente fez para manter esse amor tão… digamos, "sagrado". Poderia sossegar tranquilo, pois, afinal, um homem é capaz de admirar a mente e a alma de uma mulher e continuar a ser um cavalheiro honrado e fiel à esposa. Mas deve ser difícil para ele compatibilizar a honra dos Wilkes com a cobiça que tem pelo seu corpo.

— Você julga o caráter de todos com base no seu, que é vil!

— Ah, nunca neguei cobiçá-la, se é o que está sugerindo. Mas, graças a Deus, questões de honra não me afligem. O que quero, eu conquisto, se puder, por isso não luto com anjos nem com demônios. Que inferno paradisíaco você deve ter criado para Ashley! Quase sinto pena dele.

— Eu…Eu faço da vida dele um inferno?

— Sim, você! Você é uma tentação constante, mas, como a maioria de seus pares, ele prefere o que por aqui chamam de honra a qualquer porção de amor. E me parece que o pobre diabo agora não tem nem amor nem honra para aquecê-lo!

— Tem amor!… Quer dizer, ele me ama!

— Será? Então me responda o seguinte e encerramos o expediente por hoje e você pode pegar o dinheiro e jogá-lo no esgoto, se quiser.

Rhett ficou de pé e jogou o charuto fumado pela metade na escarradeira. Havia em seus movimentos a mesma liberdade pagã e a energia contida que

Scarlett notara na noite da queda de Atlanta, algo sinistro e levemente ameaçador.

— Se ele a ama, por que diabos permitiu a sua vinda a Atlanta para conseguir o dinheiro dos impostos? Antes de deixar a mulher que eu amo fazer isso, eu…

— Ele não sabia! Não fazia ideia de que eu…

— Por acaso não lhe ocorre que ele deveria saber? — Havia uma selvageria mal reprimida em sua voz. — Se a amasse como você diz que ele ama, Ashley deveria saber direitinho o que você faria no auge do desespero. Deveria tê-la matado em lugar de deixá-la vir até aqui… E procurar a mim, ainda por cima! Deus do céu!

— Mas ele não sabia!

— Se não adivinhou mesmo sem terem lhe dito, jamais saberá coisa alguma sobre você e a sua mente preciosa.

Como ele era injusto! Como se Ashley soubesse ler mentes! Como se Ashley pudesse tê-la impedido, ainda que soubesse o motivo da viagem! De súbito, porém, percebeu que ele poderia tê-la impedido. Caso tivesse detectado, aquele dia no pomar, a mais tênue sugestão da parte dele de que um dia as coisas pudessem ser diferentes, a ideia de procurar Rhett jamais lhe teria passado pela cabeça. Uma palavra de ternura ou mesmo uma carícia na despedida, quando ela embarcou no trem, a teriam refreado. Mas ele só falara de honra. No entanto… Será que Rhett tinha razão? Será que Ashley sabia dos seus planos? Rapidamente afastou da cabeça o pensamento desleal. Claro que ele não desconfiara. Ashley jamais desconfiaria que ela fosse capaz de sequer pensar em fazer algo imoral. Ashley era bom demais para imaginar tais coisas. Rhett só pretendia estragar o amor dela. Pretendia destruir o que lhe era mais precioso. Um dia, pensou com maldade, quando o armazém estivesse andando bem e a serraria florescendo e ela tivesse dinheiro, Rhett Butler haveria de pagar pela dor e pela humilhação que lhe causava agora.

Ele a olhava de cima, ligeiramente divertido. A emoção que o incendiara se fora.

— O que isso lhe importa, afinal? — indagou Scarlett. — É assunto meu e de Ashley, não seu.

Ele deu de ombros.

— Só uma coisa. Tenho uma admiração profunda e impessoal pela sua resistência, Scarlett, e não gosto de ver seu ânimo esmagado sob tantas responsabilidades. Tara é uma missão para homens. Além disso, tem o seu pai. Ele jamais poderá ajudá-la. E as moças e os pretos. E você agora arrumou um marido e provavelmente a srta. Pittypat também. Já são encargos demais sem Ashley Wilkes e a família dele nas suas costas.

— Ele não está nas minhas costas. Ele ajuda…

— Ah, por Deus! — interrompeu ele, impaciente. — Já chega disso. Ele não ajuda em nada. Está nas suas costas e continuará aí ou nas costas de outro, até morrer. Pessoalmente, já estou cheio dele como tópico de conversa… Quanto dinheiro você quer?

Palavras ferinas subiram aos lábios de Scarlett. Depois daqueles insultos, depois de arrancar dela as coisas que lhe eram mais preciosas e pisar nelas sem piedade, Rhett ainda achava que ela aceitaria seu dinheiro!

Mas as palavras não foram ditas. Como seria bom desdenhar sua oferta e botá-lo para fora do armazém! Porém apenas os muito ricos e os muito seguros podiam se dar a tal luxo. Enquanto fosse pobre, teria de suportar cenas como aquela. Mas quando ficasse rica — ai, que pensamento maravilhoso! —, quando ficasse rica, não aguentaria coisa alguma que lhe desagradasse, não dispensaria coisa alguma que desejasse nem seria sequer educada com quem não lhe desse prazer.

Vou mandar todo mundo para o inferno, pensou, *e Rhett Butler será o* primeiro!

O prazer que sentiu com essa ideia fez seus olhos verdes faiscarem e um meio sorriso lhe aflorar aos lábios. Rhett também sorriu.

— Você é uma pessoa bonita, Scarlett — disse ele. — Sobretudo quando medita diabolicamente. E, só pela visão dessa covinha, compro para você uma dúzia de mulas, se lhe apetecer.

A porta da frente se abriu e o jovem balconista entrou, palitando os dentes com uma pena. Scarlett se levantou, enrolou-se no xale e amarrou firmemente as fitas do chapéu sob o queixo. Sua decisão estava tomada.

— Você está livre esta tarde? Pode vir comigo agora? — indagou.

— Aonde?

— Quero que vá comigo até a serraria. Prometi a Frank que não sairia da cidade na charrete sozinha.

— Até a serraria nesta chuva?

— Sim, quero comprar a serraria agora, antes que você mude de ideia.

Ele deu uma gargalhada tão alta que o garoto atrás do balcão levou um susto e o olhou com curiosidade.

— Esqueceu-se de que é casada? A sra. Kennedy não pode se dar ao luxo de ser vista a caminho do campo com aquele depravado do Butler, que não é recebido nas melhores residências. Esqueceu-se da sua reputação?

— Reputação uma ova! Quero aquela serraria antes que você mude de ideia ou Frank descubra que eu a estou comprando. Não seja molenga, Rhett. Qual o problema de uma chuvinha? Vamos logo.

Aquela serraria! Frank gemia toda vez que pensava nela, amaldiçoando-se por tê-la mencionado a Scarlett. Já era ruim o bastante ela ter vendido os brincos ao capitão Butler (logo a quem!) e comprado a serraria sem sequer consultar o próprio marido, mas pior ainda era não a ter entregado a ele para administrar. Isso não ficava bem. Dava a impressão de que não confiava nele ou na sua competência.

Frank, em comum com todos os homens que conhecia, achava que uma esposa devia ser guiada pela sabedoria superior do marido, devia aceitar integralmente suas opiniões e não emitir as dela. Ele teria cedido aos caprichos da maioria das mulheres. Mulheres eram criaturinhas tão engraçadas que não fazia mal satisfazer seus pequenos caprichos. Dócil e gentil por natureza, não era do seu feitio negar muita coisa a uma esposa. Teria ficado feliz em gratificar as noções tolas de uma pessoinha gentil e reprovar carinhosamente suas extravagâncias e burrice. Mas as coisas sobre as quais teimava Scarlett eram impensáveis.

A serraria, por exemplo. Foi o espanto da sua vida escutá-la responder, com um terno sorriso, que pretendia administrá-la. “Eu mesma vou assumir o negócio de madeira”, foi o que ela disse. Frank jamais esqueceria o horror daquele momento. Entrar nos negócios sozinha? Impensável. Não havia mulher alguma tocando negócios em Atlanta. Na verdade, Frank jamais ouvira falar de mulheres

nos negócios em lugar algum. Quando eram tão desafortunadas a ponto de precisar ganhar algum dinheiro de modo a ajudar a família naqueles tempos difíceis, as mulheres agiam de forma femininamente discreta — fazendo tortas, como a sra. Merriwether, ou pintando porcelana, costurando e recebendo hóspedes, como a sra. Elsing e Fanny, ou dando aulas particulares, como a sra. Meade ou aulas de música como a sra. Bonnell. Aquelas senhoras ganhavam dinheiro, mas ficavam em casa, como convinha a uma mulher. Mas deixar a proteção do próprio lar e se aventurar no mundo árido dos homens, competir com eles, ombrear-se com eles, ficar exposta a ofensas e mexericos… sobretudo não sendo forçada a isso, quando tinha um marido totalmente capaz de prover seu sustento!

Frank tivera a esperança de que fosse apenas uma provocação inocente ou uma brincadeira, uma brincadeira de gosto questionável, mas logo descobriu que ela falara sério. Estava, sim, administrando a serraria. Levantava mais cedo que ele para subir de charrete a rua Peachtree e muitas vezes voltava bem depois de ele fechar o armazém e chegar à casa da tia Pitty para jantar. Fazia a viagem de vários quilômetros até a serraria apenas com o tio Peter emburrado, e a mata estava cheia de negros libertos e da escória ianque. Frank não podia acompanhá-la, já que o armazém consumia todo o seu tempo, mas quando protestou ouviu apenas:

— Se eu não ficar de olho naquele safado matreiro do Johnson, ele rouba a minha madeira para vender e botar o dinheiro no bolso — disse ela. — Quando achar um sujeito capaz de administrar a serraria para mim, não vou precisar ir lá com tanta frequência. Aí posso ficar na cidade vendendo madeira.

Vender madeira na cidade! Isso era o pior. Frequentemente ela tirava um dia de folga na serraria para vender madeira como mascate, e, nesses dias, Frank gostaria de se esconder no quartinho sombrio no fundo do armazém para não ter de encarar pessoa alguma. A esposa vendendo madeira!

E todo mundo falava horrores dela. Provavelmente dele também, por permitir que a esposa se comportasse de uma forma não feminina. Ele sentia vergonha de confrontar os fregueses no balcão e ouvi-los dizer “Vi a sra. Kennedy ainda há pouco lá no…”. Ninguém poupava esforços para lhe contar o que ela fazia. Todo mundo andava falando do que acontecera no local onde vinha sendo construído o

novo hotel. Scarlett fora até lá justo quando Tommy Wellburn estava comprando madeira de outro homem e descera da charrete em meio aos rudes pedreiros irlandeses que trabalhavam nas fundações do prédio para dizer curtamente a Tommy que o estavam roubando. Acrescentou que a madeira dela era melhor e mais barata e, para provar, fez de cabeça um cálculo que envolveu várias cifras, bem na frente de todos. Já era ruim ela ter se metido no meio de operários rudes e desconhecidos, mas pior ainda foi, sendo mulher, exibir publicamente seus talentos matemáticos. Quando Tommy aceitou o cálculo e lhe fez a encomenda, Scarlett não bateu imediata e docilmente em retirada, mas permaneceu ali, conversando com Johnnie Gallegher, o capataz dos operários irlandeses, um gnomo de péssima reputação. A cidade passara semanas falando disso.

Para coroar, ela estava efetivamente ganhando dinheiro com a serraria, e homem nenhum se sentiria à vontade com uma esposa bem-sucedida em uma atividade tão imprópria para mulheres. Ela também não entregava a ele o dinheiro, nem ao menos em parte, para investir no armazém. A maior fatia ia para Tara, e Scarlett escrevia cartas intermináveis para Will Benteen instruindo-o a respeito de como gastá-la. Além disso, segundo disse a Frank, quando os reparos em Tara chegassem ao fim, se um dia chegassem, ela pretendia emprestar o dinheiro com a garantia de hipotecas.

— Valha-me Deus! — gemia Frank toda vez que pensava nisso. Uma mulher não devia sequer saber o que era uma hipoteca.

Scarlett andava cheia de planos ultimamente, e para Frank cada um parecia pior que o anterior. Chegou mesmo a falar em abrir um *saloon* no imóvel que abrigava seu armazém antes de ser incendiado por Sherman. Frank não era abstêmio, mas protestou veementemente contra a ideia. Ser proprietário de *saloon* era um mau negócio, um negócio infeliz, quase tão ruim quanto alugar para um bordel. Exatamente o motivo de ser ruim ele não conseguiu explicar a ela, e aos seus argumentos canhestros ela respondeu “Uma ova!”.

— *Saloons* são bons inquilinos, tio Henry sempre disse. Pagam o aluguel em dia e, veja bem, Frank, eu podia construir um *saloon* barato com madeira de segunda que não posso vender e conseguir um bom aluguel. Com esse dinheiro, mais o da serraria e o que eu conseguisse com as hipotecas, daria para comprar mais serrarias.

— Meu bem, você não precisa de mais serrarias! — exclamou Frank, espantado. — O que devia fazer era vender a que tem. É um desgaste para você e um problema manter os pretos libertos trabalhando lá…

— Pretos libertos, sem dúvida, são inúteis — concordou Scarlett, ignorando por completo a sugestão da venda. — O sr. Johnson diz que quando chega de manhã nunca sabe se terá ou não todos os empregados. Não se pode mais depender dos pretos. Trabalham um ou dois dias e depois somem até gastarem o salário, e todos os empregados podem ir embora da noite para o dia. Quanto mais vejo essa emancipação, mais criminosa a considero. Acabou com os pretos. Milhares nem estão trabalhando, e os que conseguimos botar para trabalhar na serraria são tão preguiçosos e inconstantes que não valem a pena. E, se lhes dizemos uma palavrinha mais pesada, ou pior, se lhes damos um safanão para o próprio bem de suas almas, o Departamento de Libertos já pula em cima de nós com a rapidez de um raio.

— Docinho, você não está deixando o sr. Johnson bater naqueles…

— Claro que não — garantiu ela, impaciente. — Não acabei de dizer que os ianques me jogariam na prisão se eu fizesse isso?

— Aposto que seu pai jamais bateu em um preto na vida — disse Frank.

— Bom, só uma vez. Num cavalariço que não escovou o cavalo dele depois de um dia de caçada. Mas, Frank, as coisas eram diferentes naquela época. Pretos libertos são outra história, e umas boas chicotadas lhes fariam muito bem.

Frank não só se espantava com as opiniões e planos da esposa, mas também com a mudança ocorrida nos poucos meses desde o casamento. Aquela não era a pessoa doce, delicada e feminina que desposara. No curto período de namoro, ele pensara que jamais conhecera uma mulher mais sedutoramente feminina em suas reações à vida, ignorante, tímida e indefesa. Agora, todas as suas reações eram masculinas. A despeito das faces rosadas, das covinhas e dos belos sorrisos, ela falava e agia como homem. A voz era ríspida e decidida, e suas decisões, instantâneas, sem qualquer indecisão feminina. Sabia o que queria e corria atrás pelo caminho mais curto, como um homem, não pelas vias tortuosas e disfarçadas peculiares às mulheres.

Não que Frank nunca tivesse visto mulheres dominadoras. Atlanta, como todas as cidades sulistas, tinha sua cota de matronas que ninguém ousava

desafiar. Ninguém mais dominadora do que a corpulenta sra. Merriwether, mais imperativa que a frágil sra. Elsing, mais ardilosa para conseguir seus propósitos do que a sra. Whiting com seus cabelos brancos e voz doce. Mas, independentemente dos artifícios empregados por aquelas senhoras a fim de satisfazer seus objetivos, os artifícios eram sempre femininos. Todas faziam questão de se curvar às opiniões dos homens, fossem ou não guiadas por elas. Eram educadas o bastante para parecer seguir o que os homens diziam, e era isso que interessava. Scarlett, porém, não era guiada por ninguém salvo ela mesma e se portava de um jeito masculino nos negócios, dando à cidade munição para mexericos.

E, pensou Frank, infeliz, *provavelmente falam de mim também, por permitir que ela aja de forma tão inapropriada para u*ma mulher.

Depois, tinha aquele tal de Butler. Suas visitas frequentes à casa da tia Pitty eram a pior de todas as humilhações. Frank nunca gostara dele, mesmo antes da guerra, quando faziam negócios. Muitas vezes amaldiçoou o dia em que levara Rhett a Twelve Oaks e o apresentara aos amigos. Desprezava-o pelo sangue-frio com que especulara durante a guerra e pelo fato de não ter se alistado no Exército. Os oito meses de serviço militar com a Confederação só eram do conhecimento de Scarlett, pois Rhett lhe implorara, com um temor zombeteiro, para não revelar tal "vergonha" a ninguém. Acima de tudo, Frank o desprezava por ficar com o ouro confederado, quando homens honestos como o almirante Bullock e outros diante da mesma situação haviam entregado milhares de dólares ao tesouro federal. No entanto, gostasse Frank ou não, Rhett era um visitante assíduo.

Para todos os efeitos, suas visitas eram para a srta. Pitty, ingênua o bastante para acreditar nisso e se pavonear com a atenção recebida. Frank, porém, tinha uma sensação desconfortável de que a srta. Pitty não era a isca que o atraía. O pequeno Wade gostava muito de Rhett, embora fosse tímido com a maioria das pessoas, chegando a chamá-lo de tio, o que deixava Frank aborrecido. E Frank não conseguia esquecer que Rhett havia sido *escort* de Scarlett durante a guerra e que não faltaram mexericos sobre os dois na época. Imaginava que houvesse mexericos ainda piores agora. Nenhum dos seus amigos tinha coragem de mencionar nada daquilo, apesar de falarem abertamente sobre a conduta de

Scarlett com relação à serraria. Mas não dava para lhe passar despercebido o fato de que ele e Scarlett eram convidados com menos frequência para jantares e festas e que cada vez menos gente os visitava. Scarlett não gostava da maioria dos vizinhos e vivia por demais ocupada com a serraria para encontrar os poucos de que gostava, e a falta de visitas não a incomodava. Mas a Frank sim, e muito.

Toda a vida, Frank fora refém da frase "O que os vizinhos hão de pensar?" e se via impotente diante do espanto causado pela inobservância recorrente das convenções por parte da esposa. Sentia que todos desaprovavam Scarlett e o desdenhavam por permitir que ela "se dessexualizasse". Sua esposa fazia muita coisa que um marido não deveria permitir, na opinião de Frank, mas, se a mandasse parar, discutisse ou mesmo a criticasse, uma tempestade se abatia sobre ele.

Valha-me Deus!, pensava, desamparado. *Ela é capaz de se enfurecer mais rápido e ficar furiosa por mais tempo do que qualquer mulher que já* conheci!

Mesmo quando as coisas estavam ótimas, era incrível como a esposa afetuosa e brincalhona que cantarolava pela casa podia tão completa e rapidamente se transformar em uma pessoa inteiramente diferente. Bastava que ele dissesse: "Docinho, se eu fosse você, eu não…" para a tempestade começar.

As sobrancelhas escuras se juntavam na mesma hora, formando um ângulo agudo sobre o nariz, e Frank se acovardava, quase visivelmente. Com o temperamento de um tártaro e a fúria de um gato selvagem, em tais ocasiões ela não parecia se importar com o que dizia nem com o tamanho da mágoa que causava. Nuvens sombrias pairavam sobre a casa quando isso ocorria. Frank saía cedo para o armazém e ficava lá até tarde. Pitty corria para o quarto como um coelho fugindo para a toca. Wade e tio Peter se refugiavam na cocheira, e Cookie se recolhia à cozinha e se abstinha de levantar a voz para louvar a Deus em hinos. Apenas a Mammy aguentava os acessos de Scarlett com serenidade, e a Mammy tivera muitos anos de treino com Gerald O'Hara e suas explosões.

Scarlett não escolhera ter pavio tão curto e realmente queria ser uma boa esposa para Frank, pois gostava dele e era grata pela ajuda para salvar Tara, mas o marido exauria sua paciência com enorme frequência e de maneiras variadas.

Jamais poderia respeitar um homem que a deixasse atropelá-lo e a atitude tímida, hesitante, que ele assumia em qualquer situação desagradável, fosse com

ela ou com terceiros, a irritava profundamente. Poderia, porém, ignorar tais coisas e até ser feliz, agora que alguns dos problemas financeiros estavam solucionados, não fosse a exasperação frequente dos muitos incidentes que demonstravam que Frank não era um bom homem de negócios nem queria que ela fosse um bom homem de negócios.

Como esperado, ele se recusara a cobrar as contas vencidas até que ela praticamente o obrigou, e então o fez cheio de desculpas e sem convicção. Aquela experiência foi a prova decisiva de que a família Kennedy jamais teria além do suficiente para viver, a menos que ela pessoalmente ganhasse o dinheiro que estava decidida a ter. Sabia agora que Frank se satisfaria em ir levando com sua lojinha suja até o final da vida. Aparentemente, ele não se dava conta de quanto era instável a segurança que tinham nem de quão importante era ganhar mais dinheiro naqueles tempos turbulentos, quando dinheiro era a única proteção contra novas calamidades.

Frank poderia ter sido um comerciante bem-sucedido nos dias tranquilos antes da guerra, mas era irritantemente arcaico, na opinião dela, e muitíssimo teimoso quanto a desejar tudo à maneira antiga, agora que a maneira antiga e os velhos tempos não existiam mais. Faltava-lhe o mínimo da agressividade necessária naqueles novos dias amargos. Ora, ela tinha agressividade e pretendia usá-la, gostasse ele ou não. Precisavam de dinheiro e ela estava ganhando dinheiro, e aquele era um trabalho árduo. O mínimo que Frank podia fazer, no entender de Scarlett, era não interferir em seus planos, que estavam dando resultado.

Com a sua inexperiência, administrar a nova serraria não era fácil, e a concorrência ficara maior do que a princípio, motivo pelo qual em geral ela chegava em casa cansada, preocupada e de mau humor. E, quando Frank tossia de um jeito constrangido e dizia “Docinho, eu não faria isso”, ou “Se eu fosse você, docinho, não faria aquilo”, era quase impossível, e muitas vezes inevitável, explodir em um ataque de fúria. Se ele não tinha iniciativa para sair e ganhar dinheiro, por que vivia encontrando defeitos nela? E as coisas com que implicava eram tão tolas! Que diferença fazia se em tempos como aqueles ela se comportava de um jeito nem um pouco feminino? Sobretudo quando sua serraria nem um pouco feminina vinha gerando um dinheiro de que tanto precisavam, ela, a família e Tara, bem como Frank também.

Frank queria paz e sossego. A guerra na qual lutara com tanta devoção acabara com sua saúde, lhe custara a fortuna e fizera dele um velho. Não chorava nenhuma daquelas perdas e, após quatro anos de guerra, tudo que pedia da vida era paz e sossego, rostos amorosos à sua volta e a aprovação dos amigos. Logo descobriu que a paz doméstica tinha seu preço, e esse preço era deixar que Scarlett fizesse o que quisesse, não importando o que fosse. Assim, por estar cansado, ele comprou a paz sob as condições dela. Às vezes, achava que valia a pena para vê-la sorrir quando lhe abria a porta nos entardeceres frios, beijando-o na orelha ou no nariz ou algum outro lugar impróprio; para sentir sua cabeça se aninhar, sonolenta, em seu ombro à noite, sob as cobertas quentes. A vida doméstica podia ser muito agradável quando Scarlett fazia o que queria. Mas a paz obtida era oca, apenas superficial, pois ele a adquirira em troca de tudo que sempre considerou certo na vida de casado.

Uma mulher devia prestar mais atenção ao lar e à família e não deambular como um homem, pensava ele. *Se ao menos tivesse* um bebê…

Sorria ao pensar em um bebê, e pensava em um bebê com grande frequência. Scarlett havia sido bastante incisiva quanto a não querer filhos, mas, por outro lado, raramente os bebês esperavam convite para nascer. Frank sabia que muitas mulheres falavam que não queriam filhos, mas por tolice e medo. Se tivesse um bebê, Scarlett o amaria e ficaria em casa cuidando dele, como as outras mães. Então, seria forçada a vender a serraria e os problemas dele acabariam. Todas as mulheres precisavam de filhos para torná-las plenamente felizes, e Frank sabia que Scarlett não era feliz. Por mais ignorante que fosse quanto às mulheres, ele não era cego a ponto de não ver que a esposa era infeliz às vezes.

Vez por outra, ele acordava à noite e ouvia o som discreto de lágrimas abafadas no travesseiro. Na primeira vez, ele acordara com a cama estremecendo com os soluços dela e indagara alarmado:

— O que foi, docinho?

Para receber em resposta um grito zangado:

— Ah, me deixe em paz!

Sim, um bebê a faria feliz e desviaria sua mente de coisas em que não lhe cabia se meter. Às vezes Frank suspirava, achando que capturara um pássaro

tropical, cheio de cor e brilho, quando uma cambaxirra o satisfaria do mesmo jeito. Na verdade, bem melhor.

Capítulo 37

Foi em uma noite fria e úmida em abril que Tony Fontaine chegou de Jonesboro em um cavalo espumando e semimorto de exaustão e foi bater à porta deles, acordando Frank e Scarlett, que sentiram o coração lhes subir à boca. Então, pela segunda vez em quatro meses, ela foi forçada a sentir agudamente as consequências da Reconstrução, todas as suas implicações, e foi forçada a entender melhor o que Will havia querido dizer com a frase "Nossos problemas estão apenas começando", forçada a saber que as palavras diretas de Ashley no pomar varrido pelo vento em Tara eram verdade: "O que temos agora é pior que a guerra, pior que a prisão, pior que a morte."

A primeira vez que Scarlett encarou a Reconstrução foi quando soube que Jonas Wilkerson, com a ajuda dos ianques, poderia despejá-la de Tara. Mas a visita de Tony fez com que percebesse tudo de uma forma muito mais terrível. Tony chegou sob a escuridão e a chuva torrencial, e poucos minutos depois partiu para sempre sob a escuridão, mas no breve intervalo entre a chegada e a partida ele abriu a cortina que encobria uma cena de horror renovado, cortina esta que Scarlett percebeu, impotente, que jamais seria novamente fechada.

Naquela noite tempestuosa, quando o visitante esmurrou a porta com urgência, ela ficou no alto da escada, apertando o robe contra o corpo. Olhando para o corredor abaixo, teve um vislumbre do rosto moreno de Tony antes que ele se inclinasse e apagasse a vela na mão de Frank.

Desceu correndo, então, para lhe apertar a mão fria e úmida e o ouviu sussurrar:

— Estão atrás de mim… A caminho do Texas… Meu cavalo está quase morto e eu, morto de fome. Ashley disse que você… Não acenda a vela! Não acorde os pretos… Não quero lhes criar problemas, se puder evitar.

Com as telas da cozinha fechadas e todas as cortinas baixadas até os peitoris, ele permitiu uma única luz e conversou com Frank em frases rápidas e

entrecortadas, enquanto Scarlett se ocupava providenciando-lhe uma refeição.

Tony não usava sobretudo e estava ensopado até os ossos. Não tinha chapéu, e o cabelo negro se grudava ao crânio pequeno. Mas a marotice dos irmãos Fontaines, uma marotice ameaçadora naquela noite, brilhou em seus olhinhos quando ele bebeu de um só gole o uísque que ela lhe deu. Scarlett agradeceu a Deus por tia Pitty roncar tranquilamente no andar de cima. Decerto surtaria se visse aquela aparição.

— Menos um filho da… um *scallawag* — disse Tony, estendendo o copo para ser servido de outra dose. — Cavalguei a toda disparada e vou ser esfolado se não sair daqui logo, mas valeu a pena. Minha nossa, valeu! Vou tentar chegar ao Texas e me fingir de morto por lá. Ashley estava comigo em Jonesboro e me disse para recorrer a vocês. Preciso de outro cavalo, Frank, e de algum dinheiro. Meu cavalo está quase morto… Galopou sem parar o caminho todo… E fui um idiota de sair de casa hoje como um morcego sai do inferno, sem casaco, sem chapéu, sem um centavo. Não que haja muito dinheiro na nossa casa.

Ele riu e atacou, faminto, o pão de milho dormido e o refogado de nabo frio sobre o qual a gordura congelara em forma de flocos brancos espessos.

— Fique com o meu cavalo — disse Frank, calmamente. — Só tenho dez dólares comigo, mas se puder esperar até de manhã…

— O fogo do inferno está ardendo, não posso esperar! — respondeu Tony, enfática mas jovialmente. — Com certeza eles estão nos meus calcanhares. Não consegui abrir uma grande vantagem. Se Ashley não tivesse me arrastado dali e me obrigado a montar no meu cavalo, eu ficaria lá que nem um idiota e já estaria morto agora. Bom sujeito, o Ashley.

Então Ashley estava envolvido naquele quebra-cabeças assustador. Scarlett estremeceu e levou a mão à garganta. Teriam os ianques capturado Ashley? Por que Frank não pedira para ouvir a história toda? Por que se mostrara tão frio, tão casual? Foi difícil fazer os próprios lábios perguntarem:

— Ora… Quem…

— O antigo feitor do seu pai… Aquele maldito Jonas Wilkerson.

— Você… Ele está morto?

— Minha nossa, Scarlett O’Hara! — exclamou Tony com irritação. — Quando me disponho a cortar alguém, você não acha que fico satisfeito em

cutucá-lo com o lado rombudo da faca, acha? Não, cortei o sujeito em pedacinhos.

— Ótimo — comentou Frank, casualmente. — Nunca gostei daquele homem.

Scarlett fitou o marido. Aquele não era o Frank dócil que conhecia, o marido nervoso que puxava os pelos da barba e quem ela aprendera ser tão fácil assediar. Havia nele certa frieza e determinação que o levava a enfrentar a emergência sem palavras desnecessárias. Ele era um homem e Tony era um homem e aquela situação de violência era assunto de homem em que uma mulher não devia se meter.

— Mas Ashley… Por acaso…

— Não. Ele queria matar Wilkerson, mas eu lhe disse que esse direito era meu, porque Sally é minha cunhada, e finalmente Ashley entendeu. Foi comigo a Jonesboro, para o caso de Wilkerson me pegar primeiro. Mas não acho que o velho Ash vá ter problemas por causa disso. Espero. Você tem um pouco de geleia para pôr neste pão? E dá para preparar uma trouxinha para eu levar?

— Vou gritar se você não me contar tudo.

— Espere até eu ir embora e então grite, se precisar. Vou contar enquanto Frank sela o cavalo. Aquele maldito, Wilkerson, já criou problemas demais. Você sabe o que aprontou para você com os impostos. Foi só uma das suas maldades. Mas o pior era o jeito como ele mantinha os pretos em polvorosa. Se alguém me dissesse que eu viveria para ver o dia em que odiaria os pretos, juro que eu não ia acreditar! Malditas as suas almas negras, eles acreditam em tudo que esses patifes lhes dizem e esquecem tudo que fizemos por eles. Agora os ianques andam falando em deixar os pretos votarem. E não vão nos deixar votar. Ora, mal existe um punhado de Democratas no condado todo que não esteja impedido de votar, agora que excluíram todos que lutaram no Exército Confederado. E, se derem aos negros o direito de votar, estamos acabados. Que diabo, é o nosso estado! Não pertence aos ianques! Pelo amor de Deus, Scarlett, é intolerável! E não será tolerado! Daremos um jeito, nem que seja preciso uma outra guerra. Logo teremos juízes pretos, legisladores pretos… Gorilas saídos da selva…

— Por favor, rápido… Me conte! O que você fez?

— Me passa outro pedaço de pão antes de embrulhar. Bem, correu um boato de que Wilkerson tinha ido um tantinho longe demais com essa coisa da igualdade dos negros. Ah, sim, ele fala disso com aqueles crioulos o tempo todo. Teve a audácia… a audácia de… — gaguejou Tony, constrangido. — A audácia de dizer que os crioulos têm direito… têm direito a ter mulher branca.

— Ah, não, Tony!

— Sim, juro por Deus! Não espanta que você fique enojada. Mas o fogo do inferno está ardendo, Scarlett, não pode ser novidade para você. Isso está sendo dito a eles aqui em Atlanta.

— Eu… Eu não sabia.

— Bem, Frank deve ter escondido de você. De todo jeito, depois disso, todos concordamos que iríamos visitá-lo discretamente à noite e cuidar dele, mas antes que conseguíssemos… Lembra daquele negro insolente, Eustis, que era nosso capataz?

— Sim.

— Pois ele chegou na porta da cozinha hoje quando Sally estava fazendo o almoço e… Não sei o que disse a ela. Acho que jamais saberei, mas a ouvi gritar e corri até a cozinha e lá estava ele, bêbado como um gambá, o filho de uma prostituta… Mil desculpas, Scarlett, saiu sem querer.

— Continue.

— Dei um tiro nele e, quando mamãe veio correndo para cuidar de Sally, peguei meu cavalo e parti para Jonesboro atrás de Wilkerson. O culpado foi ele. O maldito crioulo idiota jamais teria pensado nisso, não fosse Wilkerson. E, quando passei por Tara, encontrei Ashley, e claro que ele foi comigo. Me pediu para eu deixar que ele cuidasse de Wilkerson, por conta do que tinha havido com você, mas eu recusei, por ser o meu encargo, já que Sally é viúva do meu irmão. Discutimos durante todo o caminho. E quando chegamos à cidade, juro, Scarlett, você acredita que eu não tinha levado a pistola? Larguei no estábulo. Estava tão furioso que esqueci…

Ele fez uma pausa para dar uma dentada no pão duro, e Scarlett estremeceu. A fúria assassina dos irmãos Fontaines era lendária no condado muito antes da abertura daquele capítulo.

— Por isso tive de ir atrás dele com a minha faca. Encontrei-o na taverna. Encurralei o sujeito, enquanto Ashley segurava os outros, e voei em cima dele depois de dizer por quê. Bom, acabou antes que eu me desse conta — disse Tony, pensativo. — Só me lembro de Ashley me botar no cavalo e me dizer para procurar vocês. Ashley se sai bem em um aperto. Ele não perde a cabeça.

Frank entrou e entregou a Tony o sobretudo em seus braços. Era seu único casaco pesado, mas Scarlett não protestou. Ela parecia tão alheia àquele assunto, aquele assunto puramente masculino.

— Mas, Tony… Precisam de você em casa. Sem dúvida, se você voltasse e explicasse…

— Frank, você se casou com uma tola — disse Tony com uma careta, vestindo o sobretudo. — Ela acha que os ianques hão de recompensar um homem por manter os negros longe das suas mulheres. Vão, sim, com um julgamento de fachada e a forca. Me dê um beijo, Scarlett. Frank não há de se importar, e talvez eu não a veja de novo. O Texas fica muito longe. Não terei coragem de escrever, por isso façam com que o pessoal lá de casa saiba que cheguei até aqui a salvo.

Scarlett se deixou beijar, e os dois homens saíram na chuva e ficaram um tempo conversando na varanda dos fundos. Então ela ouviu um súbito ruído de cascos e Tony se foi. Entreabrindo a porta, viu Frank levando um cavalo cambaleante e sem fôlego até a cocheira. Fechou novamente a porta e se sentou, com os joelhos trêmulos.

Sabia agora o significado da Reconstrução, sabia tão bem quanto se a casa estivesse cercada por selvagens despidos, acocorados só de tanga. Agora, vinham-lhe à mente muitas coisas às quais prestara pouca atenção recentemente, conversas que escutara, mas às quais não dera ouvidos, diálogos entre homens, interrompidos ante a presença dela, pequenos incidentes que haviam parecido insignificantes na época, os alertas inúteis de Frank para que não fosse para a serraria apenas com o frágil tio Peter para protegê-la. Agora tudo se encaixava em um quadro apavorante.

Os negros estavam no topo e tinham para bancá-los as baionetas ianques. Ela podia ser morta, podia ser estuprada, e muito provavelmente nada seria feito a respeito. E qualquer um que a vingasse seria enforcado pelos ianques, enforcado

sem direito a julgamento por um juiz e um júri. Os oficiais ianques que nada sabiam de lei e se importavam ainda menos com as circunstâncias do crime podiam encenar um julgamento e pôr uma corda em volta do pescoço de um sulista.

O que podemos fazer?, pensou Scarlett, torcendo as mãos agoniada por um medo impotente. *O que podemos fazer com os demônios que enforcariam um bom rapaz como Tony apenas por matar um preto bêbado e um* scallawag *velhaco para proteger suas* mulheres?

"É intolerável!", gritara Tony, e com razão. Mas o que podiam fazer, salvo tolerar, impotentes como estavam? Sentiu-se demasiado abalada e, pela primeira vez na vida, teve uma visão das pessoas e dos acontecimentos como coisas apartadas dela, viu claramente que Scarlett O'Hara, amedrontada e indefesa, não era tudo. Havia milhares de mulheres como ela, em todo o Sul, amedrontadas e indefesas. E milhares de homens que haviam deposto suas armas em Appomattox, que as haviam empunhado de novo e estavam prontos a arriscar o pescoço sem pestanejar para proteger essas mulheres.

Algo no rosto de Tony se refletira no de Frank, uma expressão que ela vira recentemente nos rostos de outros homens em Atlanta, um olhar que notara, mas não se dera ao trabalho de analisar. Era uma expressão muitíssimo diferente da impotência cansada que vira nos rostos de homens que chegavam da guerra após a rendição. Aqueles não davam a mínima para coisa alguma além de voltar para casa. Agora se importavam com outra coisa, os nervos dormentes voltavam à vida e o ânimo antigo começava a arder. Importavam-se novamente, com uma amargura fria e impiedosa. E, como Tony, pensavam: "Isso é intolerável!"

Ela vira homens sulistas, discretos e perigosos nos dias antes da guerra, se tornarem inquietos e duros nos últimos dias desesperadores da luta. Mas nos rostos dos dois homens que tinham se encarado por sobre a chama de uma vela, pouco antes, havia algo diferente, algo que a animara, mas também a assustara — uma fúria indizível, uma determinação inquebrantável.

Pela primeira vez, sentiu uma irmandade com quem a cercava, sentiu-se compartilhar seus medos, sua amargura, sua determinação. Não, não seria tolerado! O Sul era belo demais para se render sem luta, amado demais para ser pisado por ianques que odiavam os sulistas o suficiente para apreciar atropelá-

los, um lar caro demais para ser entregue a negros ignorantes embriagados de uísque e liberdade.

Ao pensar na repentina chegada de Tony e sua rápida partida, sentiu-se próxima dele, pois recordou a velha história de quando o pai deixara a Irlanda, partindo de chofre à noite, após um homicídio que nem ele nem sua família consideravam um homicídio. O sangue de Gerald pulsava em suas veias, sangue violento. Lembrou-se da alegria ardente que sentira ao matar o saqueador ianque. Nas veias de todos eles corria o sangue violento, perigosamente à flor da pele, espreitando logo abaixo do exterior gentilmente cortês. Todos eles, todos os homens que conhecia, mesmo Ashley, com seu olhar sonhador, e o velho Frank, nervoso, eram assim por dentro — homicidas, violentos quando a necessidade exigia. Até Rhett, velhaco sem escrúpulos que era, matara um negro por ser "insolente com uma dama".

Quando Frank entrou, ensopado de chuva e tossindo, ela ficou de pé em um salto.

— Ah, Frank, quanto tempo isso vai durar?

— Enquanto os ianques nos odiarem tanto, docinho.

— E ninguém pode fazer nada?

Frank passou a mão cansada na barba.

— Estamos fazendo algumas coisas.

— O quê?

— Por que falar delas antes de conseguirmos algum resultado? Talvez leve anos. Talvez… Talvez o Sul vá ser sempre assim.

— Ah, não!

— Docinho, vamos dormir. Você deve estar gelada. Está tremendo.

— Quando tudo isso vai acabar?

— Quando pudermos votar de novo, docinho. Quando todo homem que lutou pelo Sul puder pôr um voto na urna para um sulista e um Democrata.

— Um voto? — gritou ela, desesperada. — De que adianta um voto, agora que os pretos perderam a cabeça? Que os ianques os envenenaram contra nós?

Frank continuou a explicar, com toda a paciência, mas a ideia de que votos pudessem solucionar o problema era demasiado complicada para Scarlett

acompanhar. Estava pensando com gratidão que Jonas Wilkerson jamais voltaria a ser uma ameaça a Tara, e pensava também em Tony.

— Pobres Fontaines! — exclamou. — Só restou Alex, e há tanto a fazer em Mimosa. Por que Tony não teve juízo bastante para… Para fazer o que fez à noite, quando ninguém saberia de quem se tratava? Bem melhor ele faria ajudando a arar a terra na primavera do que lá longe no Texas.

Frank a abraçou. Em geral, era cauteloso ao fazer isso, como se antecipasse ser impacientemente empurrado, mas naquela noite havia em seus olhos uma expressão distante e seu braço na cintura dela era firme.

— Há coisas mais importantes agora do que arar a terra, docinho. E assustar os pretos e dar uma lição nos *scallawags* são duas delas. Enquanto restarem bons rapazes como Tony, acho que não teremos que nos preocupar demais com o Sul. Vamos dormir.

— Mas, Frank…

— Se permanecermos unidos e não cedermos uma polegada aos ianques, venceremos um dia. Não preocupe essa cabecinha linda com isso, docinho. Deixe os homens se preocuparem por você. Talvez não vejamos isso na nossa vida, mas com certeza há de acontecer um dia. Os ianques vão se cansar de nos perseguir quando virem que não conseguem sequer nos abalar, e então teremos um mundo decente onde viver e criar nossos filhos.

Ela pensou em Wade e no segredo que há alguns dias carregava em silêncio. Não, ela não queria os filhos criados naquele charco de ódio e incerteza, de amargura e violência espreitando logo abaixo da superfície, de pobreza, dificuldades avassaladoras e insegurança. Jamais desejou que seus filhos conhecessem tais coisas. Queria um mundo seguro e ordenado no qual pudesse olhar para a frente e saber que havia um futuro garantido para eles, um mundo onde seus filhos só conhecessem maciez e conforto e boas roupas e comida de primeira qualidade.

Frank achava que isso seria conquistado pelo voto. Voto? Que diferença fazia votar? As pessoas de bem no Sul jamais recuperariam o direito de votar. Havia somente uma coisa no mundo que funcionava como uma muralha contra qualquer calamidade que o destino trouxesse: dinheiro. Pensou febrilmente que

eles precisavam ter dinheiro, montes de dinheiro, para servir de segurança contra o desastre.

Abruptamente, disse a ele que estava esperando um bebê.

Durante semanas após a fuga de Tony, a casa de tia Pitty foi submetida a repetidas revistas por grupos de soldados ianques. Invadiam a casa a qualquer hora e sem aviso. Adentravam os cômodos fazendo perguntas, abrindo armários, remexendo em cestos de roupas, olhando embaixo das camas. As autoridades militares tinham ouvido que Tony havia sido aconselhado a procurar a casa da srta. Pitty e estavam convencidas de que ele ainda se encontrava escondido lá ou em algum outro lugar na vizinhança.

Em consequência, tia Pitty mergulhou cronicamente no que tio Peter chamava de “desatino”, sem saber quando seu quarto seria invadido por um oficial e um pelotão de homens. Nem Frank nem Scarlett haviam mencionado a rápida visita de Tony, de modo que a idosa não tinha como revelar coisa alguma, mesmo que se sentisse inclinada a fazê-lo. Foi totalmente honesta em suas afirmações afobadas de que a última vez em que vira Tony fora no período natalino de 1862.

— E — acrescentava, arfante, para os soldados ianques, esforçando-se para ser prestativa — ele estava bastante alcoolizado na ocasião.

Scarlett, enjoada e indisposta no primeiro estágio de gravidez, alternava entre um ódio passional às jaquetas azuis que invadiam sua propriedade e muitas vezes levavam com eles qualquer coisa que lhes agradasse, e um medo igualmente passional de que Tony pudesse causar a ruína de todos eles. As prisões estavam cheias de gente que havia sido presa por motivos bem mais insignificantes. Ela sabia que, se uma gota de verdade fosse provada contra eles, não só ela e Frank, mas também a inocente Pitty iriam para a cadeia.

Durante algum tempo, Washington viveu uma agitação acerca do confisco de todo o “patrimônio rebelde” para pagar a dívida de guerra dos Estados Unidos, e essa agitação causara uma apreensão angustiada em Scarlett. Agora, além disso, Atlanta fervilhava com boatos insanos sobre o confisco do patrimônio de violadores da lei militar, e Scarlett temia que ela e Frank perdessem não só a liberdade como também a casa, o armazém e a serraria. E, mesmo que seu

patrimônio não fosse confiscado pelos militares, daria no mesmo se Frank fosse preso, pois quem iria cuidar dos negócios na sua ausência?

Odiou Tony por lhes causar tamanho problema. Como pudera fazer aquilo com amigos? E como Ashley podia tê-lo mandado procurá-los? Jamais na vida ajudaria alguém se isso significasse atrair os ianques para si como um enxame de vespas. Não, trancaria a porta para impedir a entrada de qualquer um que precisasse da sua ajuda. Com exceção, claro, de Ashley. Ao longo de semanas após a breve visita de Tony, ela despertava de um sono agitado a qualquer ruído vindo da rua, temendo que fosse Ashley tentando fugir para o Texas por causa da ajuda dada a Tony. Ela não sabia como andavam as coisas com ele, pois não ousara escrever para Tara contando a visita noturna de Tony. Suas cartas poderiam ser interceptadas pelos ianques e criar problemas também na fazenda. No entanto, quando semanas se passaram sem que chegassem notícias ruins, o casal deduziu que Ashley de alguma forma se safara. E, finalmente, os ianques pararam de aborrecê-los.

No entanto, mesmo esse alívio não livrou Scarlett do estado de pavor que se instalara quando Tony batera à porta, um pavor pior do que o medo trêmulo das bombas do cerco, pior até do que o terror infundido pelos homens de Sherman nos últimos dias da guerra. Era como se a aparição de Tony naquela noite chuvosa e terrível houvesse erguido cortinas piedosas dos seus olhos, forçando-a a enxergar a verdadeira incerteza da sua vida.

Olhando à volta naquela fria primavera de 1866, Scarlett se deu conta do que ela e todo o Sul tinham de encarar. Podia planejar e esquematizar, podia trabalhar mais arduamente do que jamais haviam trabalhado seus escravos, podia conseguir superar todas as dificuldades, podia à força de muita determinação solucionar problemas para os quais sua vida pregressa não a treinara. Mas, apesar de todo o trabalho, sacrifício e habilidade, seus pequenos recursos adquiridos a custo tão alto corriam o risco de lhe serem surrupiados a qualquer instante. E, se isso acontecesse, não lhe restavam direitos nem reparações a cobrar judicialmente, salvo nos mesmos tribunais de justiça sumária de que Tony falara com tanta amargura, as cortes marciais com seus poderes arbitrários. Somente os negros gozavam de direitos ou podiam almejar reparação atualmente. Os ianques haviam prostrado o Sul e pretendiam mantê-lo assim. O

Sul fora vergado por uma gigantesca e maligna mão, e os que um dia tinham comandado eram hoje mais impotentes do que seus ex-escravos.

A Geórgia estava ocupada por um enorme efetivo militar, e Atlanta mais ainda. Os comandantes dos soldados ianques em várias cidades detinham poder absoluto, até mesmo de vida e morte, sobre a população civil, e faziam uso dele. Podiam prender, e prendiam, os cidadãos por qualquer delito, ou por delito nenhum, confiscavam suas propriedades, enforcavam-nos. Podiam assediar, e os assediavam e atormentavam com regulamentos conflitantes quanto à operação de seus negócios, os salários que precisavam pagar a seus empregados, o que dizer em declarações públicas e privadas e o que escrever em jornais. Determinavam como, quando e onde despejar o lixo e decidiam que músicas as filhas e esposas de ex-confederados podiam cantar, transformando "Dixie" ou "Bonnie Blue Flag" em uma ofensa apenas ligeiramente mais leve do que traição. Decidiram que ninguém poderia retirar uma carta do correio sem fazer o juramento de lealdade à União e, em alguns casos, chegavam a proibir a emissão de licenças de casamento até que o casal fizesse o odiado juramento.

Os jornais foram de tal forma amordaçados que nenhum protesto público podia ser convocado contra as injustiças ou depredações dos militares, e os protestos individuais eram silenciados com sentenças de prisão. As cadeias estavam cheias de cidadãos proeminentes, que lá ficavam sem esperança de serem julgados em breve. Os julgamentos por júri e a concessão de *habeas corpus* haviam sido praticamente suspensos. Os tribunais civis ainda funcionavam, de certa maneira, mas ao bel-prazer dos militares, que podiam interferir, e interferiam, nos veredictos, fazendo com que os cidadãos que tinham o infortúnio de serem presos ficassem basicamente à mercê das autoridades militares. E muitos eram presos. A mera suspeição de uma crítica contra o governo, a suspeita de cumplicidade com a Ku Klux Klan ou a queixa prestada por um negro de que um homem branco se mostrara arrogante com ele já bastavam para jogar um cidadão no xadrez. Provas e indícios não eram necessários. A denúncia era suficiente. E, graças à incitação do Departamento de Libertos, sempre se conseguia encontrar negros dispostos a apresentá-las.

Os negros ainda não haviam obtido o direito de votar, mas o Norte estava convencido de que eles deviam votar e igualmente convencido de que esse voto

seria favorável ao Norte. Com isso em mente, faziam de tudo pelos negros. Os soldados ianques lhes davam apoio em qualquer coisa que quisessem fazer, e o caminho mais curto para um branco se meter em apuros era prestar qualquer queixa contra um negro.

Os ex-escravos eram agora os senhores da criação e, com a ajuda dos ianques, os mais primitivos e ignorantes se encontravam no topo. Os de melhor classe, desdenhando a liberdade, sofriam tanto quanto seus senhores brancos. Milhares de empregados domésticos, a casta mais alta da população escrava, permanecia com seus patrões brancos, fazendo trabalhos braçais aos quais não se dignariam nos velhos tempos. Muitos lavradores leais também se negavam a lançar mão da nova liberdade, mas as hordas de “ralé negra liberta”, os causadoras da maior parte do tumulto, vinham sobretudo da classe dos lavradores.

Na época da escravidão, aqueles negros de casta baixa haviam sido desprezados pelos negros domésticos e pelos negros de quintal como criaturas de pouco valor. Assim como fizera Ellen, outras sinhás de fazenda em todo o Sul haviam submetido os negrinhos a treinamento e seleção a fim de escolher os melhores para ocupações de maior responsabilidade. Aqueles designados para trabalhar no campo eram os menos dispostos ou capacitados a aprender, os menos energéticos, os menos honestos e confiáveis, os mais viciosos e primitivos. E agora essa classe, a mais baixa no ordenamento social negro, estava tornando a vida insuportável para o Sul.

Auxiliados pelos aventureiros inescrupulosos que operavam o Departamento de Libertos e estimulados por um fervor de ódio nortista, quase religioso em seu fanatismo, os antigos lavradores se viram, de repente, elevados ao pedestal dos poderosos. Ali se comportavam como seria de se esperar de criaturas de parca inteligência. Como macacos ou criancinhas soltas entre objetos valiosos cujo valor lhes escapa à compreensão, correndo qual selvagens, fosse pelo mero prazer de destruir ou simplesmente devido à própria ignorância.

Para dar crédito aos negros, inclusive aos menos inteligentes, seria justo dizer que poucos eram motivados pela maldade e esses poucos costumavam ser “negros ruins” mesmo na época da escravidão. Como classe, porém, eram infantis em termos de mentalidade, facilmente manipulados, e de longa data habituados a receber ordens. Agora tinham um novo conjunto de senhores, o

departamento e os *carpetbaggers*, e suas ordens eram: “Vocês valem tanto quanto qualquer homem branco, portanto ajam assim. Logo que puderem votar no Partido Republicano, hão de ter o patrimônio dos homens brancos, que já é, para todos os efeitos, de vocês. Apropriem-se dele, se puderem!”

Fascinados por aquelas histórias, eles passaram a encarar a liberdade como um inacabável piquenique, um churrasco diário, um carnaval de ócio, roubo e insolência. Os negros do campo rumaram para as cidades, deixando os distritos rurais sem mão de obra para a colheita. Atlanta se encheu e, ainda assim, eles continuavam a chegar às centenas, preguiçosos e perigosos em consequência das novas doutrinas que lhes eram ensinadas. Como se amontoavam em choupanas miseráveis, a varíola, o tifo e a tuberculose grassavam entre eles. Acostumados aos cuidados de suas patroas quando ficavam doentes na época da escravidão, não sabiam como tratar de si mesmos nem de seus doentes. Contando com seus senhores nos velhos tempos para cuidar dos idosos e dos bebês, agora lhes faltava senso de responsabilidade para lidar com seus indefesos. E o departamento estava por demais interessado em questões políticas para fornecer a assistência que os donos das fazendas proviam no passado.

Crianças negras abandonadas corriam como animais assustados pela cidade até que brancos de bom coração as acolhessem nas cozinhas para criá-los. Negros idosos do campo, desertados pelos filhos, confusos e cheios de pânico na cidade movimentada, sentavam-se nos meios-fios e imploravam às senhoras que passavam:

— Sinhá, faz favô d’iscrevê pru meu sinhô lá im Fayette qui eu tô aqui. Pra ele vim levá esse nêgo veio pra casa di novo. Num ganhei nadim cum essa tal liberdade!

O Departamento de Libertos, assoberbado com a quantidade de ex-escravos que lhe caiu no colo, se apercebeu tarde demais de uma parcela do erro e tentou devolvê-los aos seus antigos donos. Prometeu aos negros que se voltassem seriam trabalhadores livres, protegidos por contratos especificando diárias a serem pagas. Os negros idosos voltaram para as fazendas satisfeitos, tornando-se um fardo maior que nunca para os fazendeiros agora miseráveis que não achavam coragem para pô-los na rua. Os jovens, contudo, permaneceram em

Atlanta. Não desejavam ser trabalhadores de espécie alguma, em lugar algum. Por que trabalhar se a barriga estava cheia?

Pela primeira vez na vida, os negros conseguiam todo o uísque que lhes apetecia. Na época da escravidão, isso era algo que jamais provavam, salvo no Natal, quando cada um recebia uma "golada" juntamente com o presente. Agora tinham não só os agitadores do departamento e os *carpetbaggers* para estimulá-los, mas também a incitação do uísque, e as transgressões passaram a ser inevitáveis. Nem a vida nem o patrimônio estavam a salvo deles, e os brancos, sem a proteção da lei, viviam aterrorizados. Os homens eram insultados nas ruas por negros bêbados; casas e celeiros eram incendiados à noite; cavalos, gado e galinhas, roubados em plena luz do dia. Cometiam-se crimes de todo tipo e poucos criminosos eram levados à justiça.

Mas tais ignomínias e perigos em nada se comparavam ao risco que corriam as mulheres brancas — muitas privadas da proteção masculina pela guerra —, que moravam sozinhas nos distritos periféricos e em estradas ermas. Foi o grande número de transgressões contra mulheres, e a constante preocupação com a segurança de esposas e filhas levou os homens sulistas à fúria fria e frenética e provocou o surgimento da Ku Klux Klan da noite para o dia. E era contra essa organização noturna que os jornais do Norte gritavam mais alto, sem se darem conta da necessidade trágica que causara seu nascimento. O Norte queria perseguir e enforcar todos os membros da Klan, porque eles se empenhavam em punir os crimes com as próprias mãos em uma época em que os devidos processos da lei e da ordem haviam sido desmantelados pelos invasores.

Ali estava o espetáculo estarrecedor de metade de uma nação tentando, à ponta de baionetas, impor à outra metade o domínio dos negros, muitos deles saídos há uma geração apenas das selvas da África. O voto devia ser dado a eles, mas negado à maioria de seus antigos donos. O Sul precisava ser mantido de joelhos, e privar os brancos de seus direitos era um caminho para mantê-lo assim. Muitos dos que haviam lutado pela Confederação, ocupado cargos nela ou prestado ajuda ou apoio a ela não tinham direito a votar, não podiam participar da seleção das autoridades públicas e estavam por inteiro sob o poder de um domínio forasteiro. Muitos homens, considerando friamente as palavras e o exemplo do general Lee, quiseram fazer o juramento, ganhar de volta a

cidadania e esquecer o passado. Mas não lhes foi permitido. Outros, aos quais foi dada permissão, recusaram-se com veemência, desdenhando jurar lealdade a um governo que deliberadamente os sujeitava a crueldades e humilhações.

Scarlett tinha vontade de gritar quando ouvia a frase: “Eu teria feito esse maldito juramento logo após a rendição se eles tivessem agido corretamente. Posso suportar a reintegração, mas, pelo amor de Deus, não posso suportar a Reconstrução!”

Ao longo daqueles dias e noites cheios de ansiedade, Scarlett se viu dilacerada pelo medo. A constante ameaça de negros sem lei e dos soldados ianques não lhe saía da cabeça, o perigo do confisco a perseguia, mesmo em sonhos, e havia o temor de coisas ainda piores. Deprimida pela própria impotência e a dos amigos e a do Sul inteiro, não espantava que com frequência recordasse naquela época as palavras que Tony Fontaine dissera tão apaixonadamente:

— Pelo amor de Deus, Scarlett, é intolerável! E não será tolerado!

A despeito da guerra, do incêndio e da Reconstrução, Atlanta voltara a ser uma cidade florescente. Sob vários aspectos, o lugar se assemelhava à movimentada cidade jovem dos primeiros dias da Confederação. O único problema era que os soldados que enchiam as ruas usavam o tipo errado de uniforme, o dinheiro estava nas mãos das pessoas erradas e os negros viviam ociosos, enquanto seus antigos senhores lutavam para sobreviver e passavam fome.

Abaixo da superfície havia sofrimento e medo, mas as aparências eram a de uma cidade florindo, sendo rapidamente reconstruída a partir de ruínas, uma cidade agitada, apressada. Atlanta dava a impressão de estar sempre com pressa, independentemente das circunstâncias. Savannah, Charleston, Augusta, Richmond, Nova Orleans jamais teriam pressa. Era de mau tom e próprio dos ianques ter pressa. Naquele período, porém, Atlanta se mostrou mais carente de bom tom e mais “ianquizada” do que jamais havia sido ou voltaria a ser. Com “gente nova” chegando aos magotes de todas as direções, as ruas viviam apinhadas e barulhentas. As carruagens reluzentes das esposas dos oficiais ianques e *carpetbaggers* novos-ricos espirravam lama nas charretes dilapidadas dos moradores antigos, e os novos lares espalhafatosos dos desconhecidos abastados se apertavam entre os dos velhos residentes empobrecidos.

A guerra havia em definitivo decretado a importância de Atlanta nos negócios do Sul, e a cidade até então obscura era agora amplamente conhecida. As rodovias, pelas quais Sherman lutara durante um verão inteiro e matara milhares de homens, estimulavam agora a vida da cidade cuja existência haviam gerado. Atlanta era o centro de atividades de uma extensa região, como fora antes da destruição, e vinha recebendo um enorme fluxo de novos cidadãos, alguns bem-vindos, outros indesejáveis.

Os *carpetbaggers* invasores fizeram de Atlanta seu quartel-general e nas ruas se ombreavam com representantes das famílias mais antigas do Sul, igualmente recém-chegados à cidade. Famílias dos distritos rurais que haviam sido incendiados durante a marcha de Sherman, agora incapazes de obter seu sustento na ausência de escravos para cultivar o algodão, se mudaram para Atlanta. Mais gente chegava diariamente do Tennessee e das Carolinas, onde a mão da Reconstrução era ainda mais pesada do que na Geórgia. Muitos irlandeses e alemães que haviam se alistado no Exército da União apenas pelo pagamento se estabeleceram em Atlanta após terem baixa. As esposas e as famílias dos ocupantes ianques, cheias de curiosidade sobre o Sul após quatro anos de guerra, surgiram para engrossar a população. Aventureiros de todo tipo acorreram, esperando fazer fortuna, e os negros do campo continuavam a chegar às centenas.

Atlanta borbulhava — totalmente aberta, como uma cidadezinha de fronteira, sem se esforçar para encobrir seus vícios e pecados. *Saloons* brotavam da noite para o dia, dois, e às vezes três, no mesmo quarteirão, e quando escurecia as ruas se enchiam de bêbados, negros e brancos, cambaleando da parede até o meio-fio e de volta à parede. Rufiões, batedores de carteira e prostitutas espreitavam nos becos escuros e nas ruas mal iluminadas. Casas de apostas funcionavam a todo vapor, e dificilmente uma noite se passava sem que se ouvissem tiros ou ecos de alguma briga de faca. Cidadãos respeitáveis se escandalizaram ao descobrir que Atlanta tinha um grande e bem-sucedido bairro da luz vermelha, maior e mais bem-sucedido agora do que durante a guerra. Ao longo de toda a noite, pianos se faziam ouvir por detrás das cortinas fechadas, e canções picantes e gargalhadas espalhafatosas chegavam à rua, pontuadas por gritos e tiros de pistola ocasionais. As moradoras dessas casas eram mais ousadas dos que as prostitutas da época da

guerra e ostensivamente se punham à janela chamando os transeuntes. Nas tardes de domingo, as belas carruagens fechadas das madames daquele bairro desfilavam nas ruas principais, levando moças com seus melhores figurinos para tomar ar por trás das cortinas de seda abaixadas.

Belle Watling era a mais notória das madames. Era a proprietária de uma nova casa, um prédio grande de dois andares que fazia com que as casas vizinhas parecessem cubículos mal ajambrados. No térreo funcionava um bar comprido, elegantemente ornamentado com quadros a óleo nas paredes, e uma orquestra negra tocava todas as noites. O andar superior, diziam, continha os móveis mais finamente estofados e pesadas cortinas de renda, além de espelhos importados com molduras douradas. As mocinhas — uma dúzia delas — que decoravam a casa eram bonitas, ainda que bastante maquiadas, e se comportavam melhor do que as de outras casas. Pelo menos, a polícia raramente era chamada ao estabelecimento de Belle.

Sobre essa casa as matronas de Atlanta trocavam sussurros furtivos e contra ela os pastores pregavam com cautela, chamando-a de antro de iniquidade e lhe dirigindo censuras. Todos sabiam que uma mulher como Belle não podia ter ganhado dinheiro suficiente para abrir um estabelecimento tão luxuoso. Precisava ter um patrocinador, e rico ainda por cima. E Rhett Butler jamais tivera a decência de esconder suas relações com ela, o que tornava óbvio que ele, e nenhum outro, devia ser esse patrocinador. A própria Belle ostentava uma aparência próspera quando brevemente vislumbrada em sua carruagem fechada conduzida por um mestiço atrevido. Quando passava, atrás de um belo par de cavalos, todos os meninos na rua que conseguiam fugir das mães corriam para vê-la e sussurrar, excitados: “É ela! A Belle! Vi o cabelo vermelho dela!”

Lado a lado com as casas marcadas pelos bombardeios e remendadas com pedaços de madeira velha e tijolos chamuscados, as belas casas dos *carpetbaggers* e daqueles que haviam lucrado com a guerra começavam a subir, com telhados de mansarda, frontões e torreões, janelas com vitrais e vastos gramados. Noite após noite, naquelas residências recém-construídas, as janelas resplandeciam com luz a gás, e o som de música e dança impregnava o ar. Mulheres vestidas com seda colorida e engomada desfilavam pelas longas varandas na companhia de homens em roupas de gala. Estourava-se champanhe,

e sobre toalhas de mesa rendadas serviam-se jantares que incluíam em profusão presunto ao molho de vinho, pato prensado, patê de *foie gras*, frutas exóticas da estação ou fora dela.

Atrás das portas em frangalhos das velhas casas, a pobreza e a fome imperavam — mais amargas ainda devido à polidez corajosa com que eram enfrentadas, mais pungentes ainda devido à aparência externa de indiferença orgulhosa diante de privações materiais. O dr. Meade podia contar histórias desagradáveis sobre as famílias despejadas de mansões para pensões e de pensões para quartos miseráveis em becos estreitos. O médico tinha muitas pacientes sofrendo de “coração fraco” e “declínio”. Ele sabia, e elas sabiam que ele sabia, que a inanição gradativa era o problema. Podia falar da tuberculose que acometia famílias inteiras e de pelagra, no passado uma moléstia existente apenas entre os brancos pobres, mas que agora surgia nas melhores famílias de Atlanta. E havia bebês com perninhas raquíticas e mães que não podiam amamentar. Antes, o velho médico fazia questão de agradecer reverentemente a Deus por cada criança que trazia ao mundo. Agora já não achava que a vida fosse tamanha bênção. Era um mundo duro para bebezinhos e muitos morriam nos primeiros meses de vida.

Luzes brilhantes e vinho, violinos e dança, brocado e casimira nas mansões chamativas e, logo virando a esquina, fome contínua e frio constante. Arrogância e insensibilidade nos conquistadores, resistência amarga e ódio nos conquistados.

Capítulo 38

Scarlett via tudo isso, vivia com essa preocupação de dia e a levava para a cama à noite, sempre temendo o que pudesse acontecer em seguida. Sabia que ela e Frank já constavam da lista negra dos ianques por causa de Tony e corriam o risco de ver a tragédia se abater sobre eles a qualquer momento. No entanto, agora, mais que nunca, não podia se dar ao luxo de ser rebaixada de novo — não agora com um bebê a caminho, com a serraria apenas começando a dar lucro e Tara dependendo dela para ter dinheiro até a colheita do algodão no outono. Imagine se perdesse tudo! Imagine se precisasse começar do zero tão somente com suas armas frágeis contra aquele mundo louco! Ter de usar os lábios vermelhos e os olhos verdes e seu cérebro astuto contra os ianques e contra tudo que os ianques representavam. Consumida pelo pavor, achava preferível se matar a tentar construir um novo começo.

Na ruína e no caos daquela primavera de 1866, ela voltou suas energias exclusivamente para extrair lucro da serraria. Havia dinheiro em Atlanta. A onda da Reconstrução lhe dava a oportunidade desejada e ela sabia que podia ganhar dinheiro se ao menos conseguisse ficar longe da prisão. Mas, não cansava de repetir para si mesma, teria de se portar com cautela, mostrar-se à vontade, enfrentar docilmente os insultos, admitir injustiças, jamais ofendendo alguém, negro ou branco, capaz de prejudicá-la. Odiava os insolentes negros libertos tanto quanto qualquer um e se crispava de fúria toda vez que ouvia suas observações insultuosas e as gargalhadas estridentes quando passava. Jamais, contudo, lhes lançava sequer um olhar de desprezo. Odiava os *carpetbaggers* e os *scallawags*, que enriqueciam com facilidade enquanto ela lutava, mas nada dizia para reprová-los. Ninguém em Atlanta nutria maior repulsa por aquela gente, pois o mero vislumbre de um uniforme azul já a deixava zonza de raiva, mas, mesmo na privacidade do lar, mantinha-se calada a esse respeito.

Não serei uma tola falastrona, pensava friamente. *Que outros partam seus corações recordando os velhos tempos e os homens que jamais retornarão. Que outros ardam de fúria quanto ao domínio dos ianques e à perda do direito ao voto. Que outros sejam encarcerados por expressarem suas opiniões e que morram enforcados por fazerem parte da Ku Klux Klan.* (Ah, que nome temível esse, quase tão aterrador para Scarlett quanto para os negros.) *Que outras mulheres se orgulhem do fato de seus maridos pertencerem à Klan. Graças a Deus Frank jamais se misturou com isso! Que outros se encham de rancor, conspirem e planejem visando ao que não podem evitar. O que importa o passado em comparação ao tenso presente e ao futuro duvidoso? O que importa o voto quando pão, teto e se manter longe da prisão são os problemas reais? Por favor, meu Deus, me mantenha a salvo de apuros* até junho!

Só até junho! Àquela altura, Scarlett sabia que seria obrigada a se enclausurar na casa da tia Pitty e lá ficar até o nascimento da criança. As pessoas já a andavam criticando por aparecer em público naquele estado. Nenhuma dama se exibia durante a gravidez. Frank e Pitty viviam lhe pedindo para não se expor — e expô-los — a constrangimentos, e ela lhes prometera que pararia de trabalhar em junho.

Só até junho! Em junho, a serraria teria de estar suficientemente bem para andar sozinha. Em junho seria necessário que ela tivesse dinheiro bastante para prover uma mínima proteção contra infortúnios. Tanto a fazer e tão pouco tempo! Queria que houvesse mais horas no dia e contava os minutos enquanto se esforçava febrilmente em sua busca por dinheiro e mais dinheiro ainda.

Porque ela atiçava o tímido Frank, o armazém vinha rendendo mais ultimamente, e ele chegara até a cobrar algumas das dívidas antigas. Mas era na serraria que ela depositava suas esperanças. Atlanta, uma planta gigante que fora cortada na raiz, voltara agora a crescer com brotos mais vigorosos, folhagem mais espessa e mais ramos. A demanda por material de construção era bem maior do que a oferta. Os preços da madeira, dos tijolos e das pedras estavam nas alturas, e a serraria funcionava desde o amanhecer até os lampiões se acenderem.

Uma parte do dia ela passava na serraria, xeretando tudo, fazendo o possível para vigiar a ladroagem que não tinha dúvida de que acontecia. Na maior parte

do tempo, porém, saía pela cidade, visitando construtores, empreiteiros e carpinteiros, chegando mesmo a procurar desconhecidos que ouvira dizer que estariam programando construções futuras e convencendo-os a prometer comprar dela e somente dela.

Logo se tornou uma figura conhecida nas ruas de Atlanta, sentada em sua charrete ao lado do velho cocheiro negro de aparência digna e expressão desaprovadora, uma manta a cobri-la até o queixo, as mãos pequenas enluvadas e cruzadas no colo. Tia Pitty lhe fizera uma bela manta verde que encobria seu corpo e um chapéu-panqueca verde que lhe realçava os olhos, e Scarlett sempre usava esse figurino sedutor em suas visitas de negócios. Um leve toque de rouge nas bochechas e um aroma ainda mais leve de colônia tornavam-na uma visão encantadora, desde que não descesse da charrete e mostrasse a barriga. E raramente isso era necessário, pois ela sorria e acenava, e os homens se aproximavam rapidamente da charrete e muitas vezes ficavam sob a chuva, e sem chapéu, para discutir negócios com ela.

Scarlett não foi a única a perceber a possibilidade de ganhar dinheiro com madeira, mas não temia a concorrência. Sabia, conscientemente orgulhosa da própria esperteza, que em nada ficava a dever aos demais. Era bem filha de Gerald, e o instinto comercial astuto que herdara estava agora aguçado pela necessidade.

No início os outros comerciantes riram dela, riram com desdém bem-humorado da mera ideia de uma mulher negociante. Mas agora não riam mais. Xingavam Scarlett mentalmente quando a viam passar. O fato de ser uma mulher costumava atuar a seu favor, pois em certas ocasiões ela conseguia parecer tão indefesa e sedutora a ponto de amolecer corações. Conseguia, sem qualquer dificuldade, dar a impressão de uma dama tímida, porém corajosa, em uma posição incômoda, uma senhora desamparada que provavelmente morreria de fome se não comprassem sua madeira. Quando, no entanto, essa aparência educada não gerava resultados, ela se mostrava uma profissional fria e propositalmente vendia por menos que os concorrentes, mesmo com prejuízo pessoal, se isso significasse um novo freguês. Não estava acima de vender madeira de qualidade inferior pelo preço de madeira boa se achasse que não seria descoberto o engodo e não tinha escrúpulos quanto a difamar os outros

comerciantes. Afetando relutância em revelar a verdade desagradável, suspirava e dizia aos fregueses potenciais que a madeira dos concorrentes estava cara demais, era podre, cheia de nós ocos e, de maneira geral, de uma qualidade deplorável.

Na primeira vez em que mentiu dessa maneira, sentiu-se constrangida e culpada — constrangida porque a mentira brotou muito fácil e naturalmente dos seus lábios e culpada porque um pensamento lhe ocorreu como um raio: o que sua mãe diria?

Não havia dúvida sobre o que Ellen diria a uma filha que contasse mentiras e se envolvesse em práticas desonestas. Ficaria atônita e incrédula e proferiria palavras gentis que doeriam apesar da delicadeza; falaria de honra e honestidade e verdade e dever com o próximo. Por um instante, Scarlett se retraiu ao imaginar a expressão no rosto da mãe. Mas a imagem sumiu, apagada pelo impulso forte, inescrupuloso e ganancioso nascido nos dias difíceis em Tara e agora fortalecido pela atual incerteza da vida. Assim, ela superou esse marco, como superara outros no passado — lamentando com um suspiro não ser como Ellen gostaria que ela fosse, dando de ombros e repetindo seu mote infalível: “Penso nisso depois.”

Jamais, porém, voltou a pensar em Ellen com relação a suas práticas comerciais, jamais voltou a se arrepender de quaisquer recursos usados para passar a perna em outros negociantes de madeira. Sentia-se segura mentindo sobre eles. O cavalheirismo sulista a protegia. Uma dama sulista podia mentir a respeito de um cavalheiro, mas um cavalheiro sulista não podia mentir sobre uma dama, ou, pior ainda, chamá-la de mentirosa. Aos demais madeireiros não restava alternativa além de bufar interiormente e declarar com veemência no seio de suas famílias que adorariam que a sra. Kennedy fosse um homem por apenas cinco minutos.

Um branco pobre que tocava uma serraria na rua Decatur efetivamente tentou empregar com Scarlett as mesmas armas, dizendo sem rodeios que ela era mentirosa e trapaceira. Só que isso lhe fez mais mal do que bem, pois todos ficaram horrorizados de ouvir um branco pobre falando coisas tão chocantes sobre uma dama de boa família, mesmo que a dama se conduzisse de forma tão pouco feminina. Scarlett aguentou tais comentários com dignidade muda e, com

o passar do tempo, voltou sua atenção integral para ele e seus fregueses. Baixou tanto o preço da própria madeira em comparação ao do infeliz e vendeu, gemendo por dentro, madeira de tamanha qualidade para provar a própria probidade, que não demorou para que o sujeito fosse à bancarrota. Então, para horror de Frank, ela comprou a serraria do falido pelo preço que determinou.

Tendo obtido o negócio, surgiu o problema complexo de encontrar um homem confiável para administrá-la. Ela não queria alguém como o sr. Johnson. Sabia que, apesar da sua vigilância, ele continuava a vender madeira pelas suas costas, mas lhe pareceu que seria fácil achar o tipo certo de administrador. Não estavam todos pobres de causar dó? E nas ruas não se viam multidões de homens, alguns ex-ricos, desempregados? Não se passava um dia sem que Frank desse dinheiro a algum antigo soldado esfaimado ou sem que Pitty e Cookie fizessem uma trouxinha de comida para mendigos de rosto encovado.

Mas Scarlett, por algum motivo que não era capaz de entender, não queria nenhum desses. *Não quero homens que não encontraram algo para fazer depois de um ano,* pensava. *Se ainda não se adaptaram à paz, não poderiam se adaptar a mim. E todos parecem tão acovardados e derrotados! Não quero um homem que se sinta derrotado. Quero alguém inteligente e cheio de energia, como Renny ou Tommy Wellburn ou Kells Whiting ou um dos irmãos Simmons, ou… alguém dessa cepa. Eles não têm aquela expressão não-dou-a-mínima-para-nada que os soldados adquiriram depois da rendição. Ao contrário, parecem se importar um bocado com um bocado* de coisas.

Para sua surpresa, porém, os irmãos Simmons, que tinham começado uma olaria, e Kells Whiting, que andava vendendo uma fórmula feita na cozinha da mãe que garantia alisar o mais encarapinhado cabelo de negro em seis aplicações, sorriram educadamente, agradeceram o convite e recusaram. O mesmo aconteceu com a dezena de outros que abordou. Chegou até a aumentar o salário oferecido, mas em vão. Um dos sobrinhos da sra. Merriwether observou com impertinência que, embora não tivesse apreço especial por guiar uma carroça, a carroça era sua e ele preferia chegar a algum lugar obedecendo às próprias ordens do que às de Scarlett.

Certa tarde, Scarlett parou sua charrete ao lado da carroça de tortas de René Picard e abordou René e o aleijado Tommy Wellburn, que pegara uma carona

para casa com o amigo.

— Olhe aqui, Renny, por que você não vem trabalhar para mim? Administrar uma serraria é um bocado mais respeitável do que dirigir uma carroça de tortas. Acho que você devia se envergonhar.

— Eu não terr vergonha de nada — afirmou René, rindo. — Quem é respeitável agorra? Fui respeitável toda a minha vida, até que guerra me fez serr livrre como os prretos! Nunca mais querrro ser digno e cheio de tédio. Livrre como um passarrrinho! Adorro minha carroça de torta. Adorro minha mula. Adorro os querridos ianques que comprram as tortas da sra. Belle Mère. Não, Scarlett, prreciso ser o Rei das Tortas. É o meu destino! Como Napoleão, eu sigo minha estrrela! — disse ele, fazendo um floreio dramático com o chicote.

— Mas você não foi criado para vender tortas, assim como Tommy não foi criado para labutar com um bando de pedreiros irlandeses sem educação. Meu tipo de trabalho é mais…

— E suponho que você foi criada para tocar uma serraria — disse Tommy, com os cantos da boca encurvados. — Posso imaginar a pequena Scarlett no colo da mãe repetindo a lição "Nunca venda madeira boa se puder conseguir melhor preço pela ruim".

René caiu na gargalhada, seus olhinhos símios cintilando de júbilo enquanto dava palmadas nas costas deformadas de Tommy.

— Não seja atrevido — repreendeu Scarlett friamente, pois não vira graça no comentário de Tommy. — Claro que não fui criada para administrar uma serraria.

— Não pretendi ser atrevido, mas você está administrando uma serraria, tendo ou não sido criada para isso. E administrando bem. Ora, nenhum de nós, pelo que sei, está fazendo o que pretendia neste momento, mas acho que nos sairemos bem mesmo assim. É pobre a pessoa e pobre a nação que fica sentada chorando porque a vida não é exatamente como esperavam que fosse. Por que não chama algum empreendedor *carpetbagger* para trabalhar para você, Scarlett? Deus sabe que o campo está cheio deles.

— Não quero um *carpetbagger*. Eles roubam tudo que não esteja incandescente ou pregado ao chão. Se valessem alguma coisa teriam ficado onde

estavam, em vez de vir para cá roer nossos ossos. Quero um homem bom, de boa família, que seja inteligente e honesto e disposto…

— Você não quer muita coisa. E não vai conseguir, com o salário que está oferecendo. Todos com essa descrição, afora os aleijados, já têm o que fazer. Podem ser pregos redondos em buracos quadrados, mas todos arrumaram o que fazer. Preferem uma atividade em que sejam os próprios patrões a trabalhar para uma mulher.

— Trocando em miúdos, os homens não têm muito juízo, não é mesmo?

— Talvez, mas eles têm um bocado de orgulho — disse Tommy com expressão séria.

— Orgulho! Orgulho tem um gosto ótimo, principalmente quando é crocante e colocamos merengue em cima — retrucou Scarlett, malcriada.

Os dois homens riram, meio a contragosto, e Scarlett teve a impressão de que haviam se juntado para desaprová-la. O que Tommy tinha dito era verdade, pensou, passando em revista mentalmente os homens que abordara e os que pretendia abordar. Todos estavam ocupados, ocupados com alguma coisa, trabalhando duro, mais duro do que jamais tinham suposto possível antes da guerra. Não faziam o que queriam, talvez, ou o que era mais fácil, ou o que haviam sido criados para fazer, mas estavam fazendo alguma coisa. Os tempos eram difíceis demais para os homens serem exigentes. E se estavam lamentando esperanças perdidas, saudosos de estilos de vida perdidos, ninguém sabia, salvo eles mesmos. Batalhavam agora em uma nova guerra, uma guerra mais dura do que a anterior. E se importavam com a vida outra vez, com a mesma urgência e a mesma violência que os movia antes que a guerra partisse suas vidas ao meio.

— Scarlett — disse Tommy, constrangido. — Odeio ter de lhe pedir um favor depois de ser atrevido com você, mas vou pedi-lo mesmo assim. Talvez possa ajudá-la também. Meu cunhado, Hugh Elsing, não está indo muito bem vendendo lenha como mascate. Todos, menos os ianques, vão atrás da própria lenha. E sei que as coisas andam complicadas para toda a família Elsing. Eu… Eu faço o que posso, mas preciso manter Fanny e também tenho minha mãe e duas irmãs viúvas lá em Sparta para cuidar. Hugh é um bom sujeito e você queria um bom sujeito, e ele é de boa família, como você sabe, e é honesto.

— Mas… Bom, Hugh não tem muita iniciativa. Se tivesse, haveria de conseguir sucesso com a lenha.

Tommy deu de ombros.

— Você tem um jeito duro de ver as coisas, Scarlett, mas pense sobre Hugh. Você pode ter de procurar um bocado e arrumar coisa pior. Acho que a honestidade e a força de vontade dele superam a falta de iniciativa.

Scarlett não respondeu, pois não queria ser demasiado rude. No entanto, em sua opinião, poucas qualidades, se existia alguma, podiam superar a falta de iniciativa.

Após garimpar sem sucesso a cidade e rejeitar as importunas investidas de vários *carpetbaggers* ansiosos, finalmente Scarlett decidiu aceitar a sugestão de Tommy e convidar Hugh Elsing. Ele fora um oficial cativante e habilidoso durante a guerra, mas dois graves ferimentos e quatro anos de luta haviam aparentemente drenado toda a sua iniciativa, levando-o a enfrentar os rigores da paz com a mesma perplexidade de uma criança. Ultimamente mostrava nos olhos uma expressão de cachorro perdido quando saía pela cidade como mascate vendendo lenha e não era em absoluto o tipo de homem que ela pretendera contratar.

Ele é burro, pensou. *Não entende patavina de negócios e aposto que não sabe somar dois mais dois. E duvido que um dia aprenda. Mas ao menos é honesto e não vai me* trapacear.

No momento Scarlett tinha pouco uso para honestidade, mas quanto menos a valorizava em si, mais começava a valorizá-la nos outros.

É uma pena que Johnnie Gallegher esteja comprometido com Tommy Wellburn naquela obra de construção, pensou. *Ele é precisamente o tipo de homem que eu quero. Duro como prego e escorregadio como uma serpente, mas será honesto se eu lhe pagar para ser. Eu o entendo e ele me entende, e juntos poderíamos trabalhar muito bem. Talvez eu consiga contratá-lo quando terminarem o hotel, mas até lá terei de me virar com Hugh e o sr. Johnson. Se eu encarregar Hugh da nova serraria e deixar o sr. Johnson na velha, posso ficar na cidade e cuidar das vendas enquanto eles cuidam da madeira e do transporte. Até conseguir Johnnie, terei de me arriscar a ser roubada pelo sr. Johnson, caso eu fique o tempo todo na cidade. Se pelo menos ele não fosse um*

ladrão! Creio que vou fazer um depósito de madeira na metade daquele terreno que herdei de Charles. Se Frank não chiasse tanto com a ideia de eu transformar a outra metade em um saloon*! Bom, vou construir um* saloon *assim que tiver algum dinheiro guardado, quer ele aceite ou não. Se Frank não fosse tão suscetível! Meu Deus, se eu não fosse ter um bebê justo agora! Logo vou estar tão grande que será impossível sair na rua. Meu Deus, se eu não fosse ter um bebê! E, meu Deus, se os malditos ianques me deixassem e*m paz! Se…

Se! Se! Se! Havia tantos "se" na vida e jamais certeza alguma sobre coisa alguma, jamais qualquer sensação de segurança, sempre o pavor de perder tudo e sentir frio e fome de novo. Claro que Frank estava ganhando um pouco de dinheiro agora, mas vivia sofrendo de resfriados e vira e mexe era obrigado a ficar de cama dias a fio. Imagine se ficasse inválido! Não, não podia contar com Frank para muita coisa. Não devia contar com coisa alguma nem com ninguém a não ser ela mesma. E o que podia ganhar parecia tão miseravelmente pouco! Ai, o que faria se os ianques lhe tirassem tudo? Se! Se! Se!

Metade do que ganhava mensalmente ia para Will em Tara, parte para Rhett, como pagamento pelo empréstimo, e o resto ela juntava. Avarento algum jamais contou seu ouro com mais frequência que ela, e avarento algum jamais teve mais medo de perdê-lo. Não botava o dinheiro no banco, pois o banco podia falir ou os ianques podiam confiscá-lo. Por isso levava o que podia com ela, enfiado no corpete, e escondia pequenos maços de notas pela casa, sob tijolos soltos na lareira, no seu saco de retalhos, entre as páginas da Bíblia. E a paciência ia ficando cada vez menor conforme se passavam as semanas, pois cada dólar que economizava podia ser apenas mais um a perder se o pior acontecesse.

Frank, Pitty e os criados aguentavam seus rompantes com uma boa vontade enlouquecedora, atribuindo a má disposição à gravidez, jamais se dando conta da verdadeira causa. Frank sabia que mulheres grávidas não deviam ser contrariadas e, botando no bolso o orgulho, nada mais disse sobre o trabalho da esposa nas serrarias e suas perambulações pela cidade naquele estado, o que nenhuma dama ousaria fazer. A conduta de Scarlett era um constrangimento constante, mas ele se considerava capaz de tolerá-la um pouco mais. Depois do nascimento do bebê, sabia que ela voltaria a ser a mesma moça doce e feminina

que ele namorara. Ainda assim, apesar de tudo que fazia para acalmá-la, os chiliques continuaram, e era comum vê-la agir como uma possessa.

Aparentemente, ninguém percebia o motivo da sua possessão, o que a impelia como a uma louca. Tratava-se de um ímpeto para pôr em ordem os negócios antes de precisar se enclausurar, para ter tanto dinheiro quanto possível caso o dilúvio se abatesse novamente sobre ela, para ter uma proteção robusta em dinheiro vivo contra a maré crescente do ódio ianque. Dinheiro era a obsessão que dominava sua mente naqueles dias. Nas raras vezes em que pensava no bebê, era com uma raiva desconcertante em relação à intempestividade da sua chegada.

*Morte, impostos e partos! Não existe hora conveniente para n*ada disso!

Atlanta já se escandalizara bastante quando Scarlett, uma mulher, começou a administrar a serraria, mas com o passar do tempo a cidade concluiu que não havia limite para o que ela era capaz de fazer. Seu jeito incisivo de negociar chocava, sobretudo por ser ela filha de uma Robillard, e era positivamente indecente a forma como ela continuava a andar pelas ruas quando todos sabiam que estava grávida. Nenhuma branca respeitável — e quase nenhuma negra — saía de casa a partir da primeira suspeita de uma gravidez, e a sra. Merriwether declarou, com indignação, que pelo jeito como Scarlett se comportava não estava descartada a hipótese de que parisse o bebê na rua.

Mas todas as críticas anteriores à sua conduta foram superadas pela onda de mexericos que agora tomava conta da cidade. Scarlett no momento não só interagia com os ianques como aparentava realmente gostar disso!

A sra. Merriwether e muitos outros sulistas também vinham fazendo negócios com os recém-chegados do Norte, mas a diferença era que não gostavam disso e deixavam bem claro esse desgosto. E Scarlett gostava, ou dava a impressão de gostar, o que era igualmente ruim. Havia, com efeito, tomado chá com as esposas dos oficiais ianques em suas casas! Na verdade, fizera praticamente de tudo, salvo convidá-los para a própria casa, e a cidade apostava que até isso faria, não fossem a tia Pitty e Frank.

Scarlett sabia dos rumores pela cidade, mas não se importava, não podia se dar ao luxo de importar-se. Continuava a odiar os ianques tão ferozmente quanto

no dia em que tentaram incendiar Tara, mas podia disfarçar esse ódio. Sabia que, se quisesse ganhar dinheiro, teria de arrancá-lo dos ianques e aprendera que lisonjeá-los com sorrisos e palavras amáveis era o caminho mais seguro para conquistá-los como clientes da serraria.

Um dia, quando fosse muito rica e o dinheiro estivesse escondido onde os ianques não pudessem encontrá-lo, ela lhes diria exatamente o que pensava deles, lhes diria quanto os odiava e quanto eles lhe causavam repulsa e desprezo. Que alegria teria! Mas até que essa hora chegasse, não passava de bom senso se dar bem com eles. E, se isso era hipocrisia, que Atlanta se fartasse.

Scarlett descobriu que ficar amiga dos oficiais ianques era tão fácil quanto atirar em pássaros no chão. Exilados solitários de uma terra hostil, muitos ansiavam por interagir com mulheres da elite em uma cidade em que as mulheres respeitáveis afastavam a saia quando cruzavam com eles e davam a impressão de querer lhes lançar cusparadas. Apenas as prostitutas e as negras tinham palavras gentis para lhes dizerem. Mas Scarlett obviamente era uma dama, e uma dama de família, por mais que trabalhasse, e os ianques se entusiasmavam com seu sorriso cintilante e o brilho agradável em seus olhos verdes.

Com frequência quando se via na charrete conversando com eles, forçando as covinhas a se mostrarem, a repulsa lhe brotava tão forte que era difícil não xingá-los diretamente. Refreava-se, porém, tendo descoberto que o manipular não dava mais trabalho do que lhe deram, no passado, os homens sulistas. Só que agora não se tratava de diversão, mas de necessidade profissional. O papel que desempenhava era o de uma doce e refinada dama sulista em apuros. Com um ar de modéstia digna, conseguia manter suas vítimas à distância que lhes era adequada, mas com uma graciosidade de modos que deixava um traço simpático nas lembranças que os oficiais ianques guardavam da sra. Kennedy.

Essa simpatia foi muito lucrativa — exatamente como Scarlett pretendia que fosse. Muitos dos oficiais da guarnição, sem saber quanto tempo ficariam estacionados em Atlanta, haviam mandado buscar as esposas e famílias. Como os hotéis e pensões andavam lotados, começaram a construir pequenas casas, e ficavam satisfeitos de poder comprar madeira da encantadora sra. Kennedy, que os tratava com mais educação do que qualquer outro morador da cidade. O

mesmo aconteceu com os *carpetbaggers* e os *scallawags*, que estavam construindo belas residências, lojas e hotéis com sua nova abastança e achavam mais agradável fazer negócios com ela do que com os ex-soldados confederados, corteses, mas cuja cortesia era mais formal e fria do que o ódio ostensivo.

Assim, por ser atraente e charmosa, além de se passar por indefesa e desamparada às vezes, era com satisfação que prestigiavam sua serraria e o armazém de Frank igualmente, sentindo que deviam ajudar uma mulherzinha valente que, pelo que se via, tinha apenas um marido indolente para sustentá-la. E Scarlett, vendo o negócio crescer, sentiu que estava garantindo não só o presente, com o dinheiro ianque, mas também o futuro, com amigos ianques.

Manter seu relacionamento com os oficiais ianques no patamar desejado foi mais fácil do que esperava, pois todos se mostravam deslumbrados com as damas sulistas, mas Scarlett não demorou para descobrir que suas esposas constituíam um problema que ela não antecipara. Contato com as mulheres ianques não era o que buscava. Ficaria feliz de evitá-las, mas não podia, pois as esposas dos oficiais se mostraram decididas a conhecê-la. Nutriam uma curiosidade ávida pelo Sul e pelas mulheres sulistas, e Scarlett lhes deu a primeira oportunidade de satisfazê-la. Outras mulheres em Atlanta não queriam ter nada a ver com elas e chegavam a se recusar a cumprimentá-las na igreja, e quando os negócios levaram Scarlett a suas casas foi como se uma prece tivesse sido atendida. Muitas vezes, quando Scarlett parava a charrete na porta de um lar ianque para falar sobre estacas e telhas com o dono da casa, a esposa se juntava à conversa e insistia para que ela entrasse para tomar chá. Scarlett raramente recusava, por mais desagradável que fosse a ideia, pois sempre esperava ter a oportunidade de sugerir com muito tato que fizessem compras no armazém de Frank. Seu autocontrole, porém, passou por vários testes, devido às perguntas pessoais que faziam e por causa da atitude arrogante e condescendente que tinham com relação a tudo no Sul.

Encarando *A cabana do pai Tomás* como uma revelação superada apenas pela Bíblia, as mulheres ianques queriam saber sobre os perdigueiros que todo sulista criava para seguir o rastro de escravos fujões. E jamais acreditavam em Scarlett quando ela contava que vira um perdigueiro uma única vez na vida e que era um cãozinho pequeno e dócil e não um mastim enorme e feroz. Perguntavam

também sobre os ferros em brasa usados pelos fazendeiros para marcar o rosto dos escravos e a chibata de sete caudas com que os espancavam até a morte. Outro interesse que na opinião de Scarlett era doentio dizia respeito ao concubinato dos escravos, algo que a incomodava, especialmente em vista do imenso aumento no número de bebês mulatos em Atlanta desde a chegada dos soldados ianques.

Qualquer outra mulher de Atlanta morreria de raiva por ter de escutar tanta ignorância preconceituosa, mas Scarlett conseguia se controlar. Para ajudá-la havia o fato de que as ianques lhe despertavam mais desprezo que ódio. Afinal, eram ianques e ninguém esperava coisa melhor de ianques. Por isso, os insultos impensados ao estado da Geórgia, seu povo e caráter moral entravam por um ouvido e saíam pelo outro e não chegavam a lhe causar mais que um bem disfarçado risinho irônico, até a ocorrência de um incidente que a deixou fula de raiva e lhe demonstrou, se é que precisava de prova, como era grande o abismo entre o Norte e o Sul e como seria totalmente impossível cruzá-lo.

Enquanto voltava para casa com tio Peter, certa tarde, Scarlett passou pela casa em que se amontoavam as famílias de três oficiais que estavam construindo suas residências com madeira comprada na serraria dela. As três esposas se achavam na calçada e lhe fizeram um aceno para parar. Vindo até a charrete, cumprimentaram-na com sotaques que sempre a faziam pensar que era possível perdoar quase tudo nos ianques, salvo suas vozes.

— Você é exatamente quem eu queria encontrar, sra. Kennedy — disse uma mulher alta e magra do Maine. — Eu queria informações sobre esta cidade infeliz.

Scarlett engoliu o insulto a Atlanta com o desprezo que ele merecia e abriu seu melhor sorriso.

— E o que deseja saber?

— Minha babá, Bridget, voltou para o Norte. Disse que não ficava nem mais um dia aqui convivendo com “nigrinhos”, como ela chama. E as crianças estão me enlouquecendo! Por favor, me diga como faço para conseguir outra babá. Não sei onde procurar.

— Não deve ser difícil — disse Scarlett, rindo. — Se você puder encontrar uma preta recém-chegada do campo que não tenha sido doutrinada pelo

Departamento de Libertos, há de ter o melhor tipo de criada possível. Fique aqui no seu portão e pergunte a todas as pretas que passarem e garanto que…

As três mulheres explodiram em exclamações indignadas.

— Você acha que eu entregaria meus bebês a uma crioula? — gritou a mulher do Maine. — Quero uma boa moça irlandesa.

— Lamento dizer que você não vai achar criados irlandeses em Atlanta — respondeu Scarlett, em um tom frio. — Pessoalmente, nunca vi um criado branco nem gostaria de ter um na minha casa. E — prosseguiu, sem conseguir evitar um leve sarcasmo na voz — garanto que os pretos não são canibais e são muito confiáveis.

— Nossa Senhora, não! Eu não poria um negro na minha casa. Que ideia!

— Eu não confiaria neles fora da minha vista, e quanto a deixar que lidem com meus bebês…

Scarlett pensou nas mãos gentis e enrugadas de Mammy, calejadas pelos anos de serviços prestados a Ellen, a ela e a Wade. O que entendiam aquelas estranhas sobre mãos negras, quão queridas e confortadoras podiam ser, como sabiam intuitivamente como serenar, consolar, acarinhar? Riu, então, um riso curto.

— Estranho vocês se sentirem assim, já que foram vocês que os libertaram.

— Santo Deus! Não eu, meu bem — riu a mulher do Maine. — Nunca tinha visto um preto até vir para o Sul no mês passado e espero nunca mais ver outro. Eles me dão arrepios. Não confiaria em um deles…

Já havia alguns instantes que Scarlett se dera conta de que o tio Peter respirava mais pesado e suas costas estavam eretas enquanto mantinha os olhos fixos nas orelhas do cavalo. Sua atenção para ele foi reforçada quando a mulher do Maine explodiu de súbito em uma gargalhada e o apontou para as amigas:

— Olhem só o crioulo velho inchar que nem um sapo. Aposto que ele é um velho animal de estimação para você, não? Vocês, sulistas, não sabem tratar os crioulos, só sabem mimá-los.

Peter engoliu em seco e a testa enrugada mostrou vários sulcos, mas manteve os olhos fixos à frente. Jamais ouvira o termo “crioulo” usado por uma pessoa branca para se referir a ele. Por outros negros, sim, mas jamais por uma pessoa branca. E ser chamado de indigno de confiança e “velho animal de estimação”, ele, Peter, o esteio digno da família Hamilton há tantos anos!

Scarlett sentiu, mais que viu, o queixo negro começar a tremer por conta do orgulho ferido, e uma raiva mortal a assaltou. Ouvira com desprezo calmo aquelas mulheres desmerecerem o Exército Confederado, difamarem Jeff Davis e acusarem os sulistas de matar e torturar seus escravos. Se lhe fosse proveitoso, teria tolerado insultos contra sua própria virtude e honestidade. Mas a consciência de que elas haviam ferido o leal negro velho com seus comentários idiotas incandesceu-a como um fósforo em um pavio de pólvora. Por um instante, olhou para a grande pistola no cinto de Peter e as mãos coçaram para pegá-la. Aqueles conquistadores insolentes, ignorantes, arrogantes mereciam ser mortos. Mas, trincando os dentes até lhe doerem os maxilares, recordou a si mesma que ainda não chegara a hora de dizer aos ianques exatamente o que pensava deles. Um dia, sim, Deus do céu! Mas ainda não.

— Tio Peter é um membro da família — disse, com voz trêmula. — Boa tarde. Vamos, Peter.

Peter desceu o chicote no lombo do cavalo tão repentinamente que o animal assustado deu um salto para a frente e, enquanto a charrete balançava, Scarlett ouviu a mulher do Maine dizer em um tom atônito:

— Da família dela? Vocês não acham que ela quis dizer parente, acham? Ele é excessivamente preto.

*Malditos ianques! Deviam ser varridos da face da Terra. Se um dia eu conseguir dinheiro suficiente, vou cuspir na cara deles t*odos! Vou…

Olhou de soslaio para Peter e viu que uma lágrima lhe descia pelo rosto. No mesmo instante uma onda de ternura, de dor pela humilhação dele, a engolfou, fazendo seus olhos marejarem. Era como se alguém tivesse sido insensivelmente cruel com uma criança. Aquelas mulheres haviam ferido tio Peter — Peter, que passara pela Guerra Mexicano-Americana com o velho coronel Hamilton, Peter, que segurara o patrão morto no colo, que criara Melly e Charles e cuidara da tola e fútil Pittypat, que a “portegeu” quando ela se refugiou e “diquiriu” um cavalo para trazê-la de volta de Macon, atravessando o campo devastado após a rendição. E elas tinham dito que não confiavam em crioulos!

— Peter — disse, com a voz falhando, enquanto pousava a mão no braço fino dele. — Me envergonho de ver você chorando. Não ligue para elas! Não passam de malditas ianques!

— Falaro na minha frente qui nem si eu fosse uma mula i num intendesse, qui nem si eu fosse um ‘fricano i num subesse u qui tavam falano — disse Peter com uma enorme fungada. — I mi chamaro di criôlo i nunca ninhum branco mi chamou di criôlo, i mi chamaro di bichinho d’istimação i falaro qui num si pode confiá im criôlo! Num podê confiá ni mim! U veio coroné tava morrendo i mi disse: “Peter, cuida das minha criança. Cuida da sinhazinha Pittypat, causo qui ela num tem mais miolo qui um gafanhoto.” I eu tumei conta dela direitim esses ano tudo…

— Ninguém, com exceção do anjo Gabriel, teria feito melhor — concordou Scarlett em um tom tranquilizador. — Simplesmente não teríamos sobrevivido sem você.

— Brigado, sinhá. Sei c’ocê sabe, mas aquelas ianque lá num sabe, nem qué sabê. Que qui essa gente tem qui si metê nus nosso negócio, sinhá Scarlett? Eles num intende nós confederado.

Scarlett nada disse, pois ainda fervia com o ódio que não havia despejado nas mulheres ianques. Os dois voltaram para casa em silêncio. As fungadas de Peter pararam e seu lábio inferior começou a se projetar de forma alarmante. Sua indignação crescia, agora que a mágoa inicial diminuíra.

Que diabo de gente esquisita esses ianques!, pensou Scarlett. *Aquelas mulheres acham que, porque é negro, tio Peter não tem ouvidos para escutar nem sentimentos tão aguçados quanto os delas para serem feridos. Elas não sabem que os negros têm de ser tratados com delicadeza, como se fossem crianças, orientados, elogiados, mimados, repreendidos. Não entendem os negros, nem o relacionamento entre eles e seus ex-donos. Mesmo assim fizeram uma guerra para libertá-los. E, depois de libertá-los, não querem ter nada a ver com eles, salvo usá-los para aterrorizar os sulistas. Não gostam deles, não confiam neles, não os entendem, mas vivem gritando que os sulistas não lidavam bem* com eles.

Não confiar em um negro! Scarlett confiava mais neles do que na maioria dos brancos, certamente muito mais do que confiava em qualquer ianque. Havia nos negros uma lealdade, uma resistência, um amor inquebrantável que dinheiro algum podia comprar. Ela pensou nos poucos negros leais que permaneceram em Tara durante a invasão ianque, quando podiam ter fugido ou se juntado aos

soldados para viver sem trabalhar. Mas que tinham ficado. Pensou em Dilcey labutando nos campos de algodão a seu lado, em Pork arriscando a vida em galinheiros vizinhos para que a família tivesse o que comer, em Mammy acompanhando-a até Atlanta para impedi-la de fazer bobagens. Pensou nos criados dos vizinhos que ficaram lealmente ao lado de seus patrões brancos, protegendo as patroas enquanto os homens lutavam no front, refugiando-se com seus donos durante os tempos terríveis da guerra, cuidando dos feridos, enterrando os mortos, consolando os enlutados, trabalhando, mendigando, roubando para botar comida em suas mesas. E mesmo agora, com o Departamento de Libertos prometendo todo tipo de maravilhas, eles continuavam fiéis a seus brancos e trabalhando ainda mais duro do que na época da escravidão. Os ianques, porém, não entendiam essas coisas e jamais as entenderiam.

— Mas eles o libertaram — disse em voz alta.

— Não, sinhá! Libertaro coisa ninhuma. I eu num ia deixá essa ralé mi libertá — retrucou Peter, indignado. — Eu inda sou da sinhazinha Pitty i quano eu morrê ela vai m'interrá nu túmlo dos Hamilton, qui é o meu lugá… Sinhazinha Pitty vai ficá danada quano eu contá c'ocê deixô as muié ianque mi insultá.

— Eu não fiz isso! — exclamou Scarlett, surpresa.

— Fez, sim, sinhá Scarlett — insistiu Peter, projetando ainda mais o beiço. — U caso é qui nem ocê nem eu tinha nada qui si metê c'os ianque, intão elas num ia mi insultá. Si ocê num tivesse falado cum elas, elas num ia podê mi tratá qui nem u'a mula ô um 'fricano. I ocê tamém num mi defendeu.

— Defendi, sim! — rebateu Scarlett, incomodada com a crítica. — Por acaso não disse a elas que você é um membro da família?

— Isso num é defendê, isso é fato — disse Peter. — Sinhá Scarlett, ocê num tem nada qui si metê c'os ianque. Num tem dama ninhuma fazeno isso. Nunca ocê ia vê a sinhazinha Pitty nem limpano us sapato dessa gente. I ela num vai gostá quano subé u qui falaro di mim.

A crítica de Peter doeu mais que qualquer coisa que Frank ou tia Pitty ou os vizinhos diziam, e tanto a aborreceu que a vontade foi sacudir o negro velho até suas gengivas banguelas baterem uma na outra. O que ele disse não era mentira, mas dava raiva ouvir isso de um negro e ainda por cima um negro da família.

Não ser tida em alta conta por um criado era a coisa mais humilhante para uma sulista.

— Um veio d'istimação! — grunhiu Peter. — Num acho qui a sinhazinha Pitty vai deixá eu levá ocê pra lá i pra cá dispois disso. Ah, num vai!

— Tia Pitty vai querer que você me leve aonde eu quiser, como sempre — disse Scarlett, irritada. — Por isso, chega dessa conversa.

— Vô arrumá uma dor nas costa — avisou Peter, emburrado. — Num tô nem consiguino ficá sentado di tanta dor. Minha sinhazinha num vai querê qui eu vô guiá charrete cum essa dor… Sinhá Scarlett, num vai sê bão pr'ocê ficá si meteno c'os ianque si até us parente num aprova.

Esse era um resumo bastante exato da situação, e Scarlett se recolheu a um silêncio enfurecido. Sim, os conquistadores a aprovavam e a família e os amigos, não. Ela sabia de tudo que andavam falando na cidade a seu respeito. E agora até Peter a desaprovava, a ponto de não gostar de ser visto em público na sua companhia. Foi a gota d'água.

Até então, não se importara com a opinião pública, não se importara e a desprezara. As palavras de Peter, porém, fizeram com que um ressentimento feroz lhe ardesse no peito, puseram-na na defensiva, levaram-na, de repente, a sentir tanto desagrado pelos vizinhos quanto sentia pelos ianques.

Por que lhes importa o que faço?, pensou. *Devem achar que me agrada negociar com os ianques e trabalhar como uma lavradora. Só estão dificultando mais ainda um trabalho que já suficientemente difícil para mim. Mas não me importo com o que pensam. Não posso me dar a esse luxo. Algum dia, poré*m… Um dia…

Ah, um dia! Quando houvesse segurança no mundo outra vez, ela poderia se sentar relaxada, cruzar os braços e ser uma grande dama, como Ellen havia sido. Estaria indefesa e protegida, como convinha a uma dama, e todos a aprovariam. Ah, como seria digna quando tivesse novamente dinheiro! Então poderia se permitir ser generosa e delicada, como era Ellen, e preocupada com os outros e com a etiqueta. Não seria movida pelo medo, dia e noite, e sua vida seria algo plácido e sem pressa. Teria tempo para brincar com os filhos e lhes tomar as lições. Haveria longas tardes amenas e visitas das amigas. Em meio ao farfalhar de tafetás e o rítmico estalar dos abanos de folhas de palmeira, ela serviria chá e

sanduíches e bolos deliciosos, e os mexericos inofensivos preencheriam várias horas. E se mostraria muito generosa com aqueles que estivessem atravessando dificuldades, levaria cestas para os pobres, sopa e geleia para os doentes e convidaria os menos afortunados para “tomar ar” em sua bela carruagem. Haveria de ser uma dama nos verdadeiros moldes sulistas, como a mãe fora no passado. Então, todos a amariam como haviam amado Ellen e elogiariam seu altruísmo e a chamariam de “Dama Benfeitora”.

O prazer desses devaneios quanto ao futuro não foi diminuído pela consciência de que lhe faltava uma vontade real para ser altruísta ou caridosa. Tudo que queria era a reputação de possuir tais qualidades. Mas a rede do seu cérebro era aberta demais, primitiva demais, para filtrar essas pequenas diferenças. Bastava saber que um dia, quando tivesse dinheiro, todos a aprovariam.

Um dia! Mas não agora. Não agora, a despeito do que qualquer um pudesse falar dela. Agora não havia tempo para ser uma grande dama.

A profecia de Peter se cumpriu à risca. Tia Pitty teve mesmo um ataque, e a dor nas costas dele piorou tanto da noite para o dia que não lhe permitiu mais conduzir a charrete. Dali em diante, Scarlett passou a conduzi-la sozinha, e os calos que começavam a lhe sumir das mãos rapidamente ressurgiram.

Assim passaram os meses da primavera, as chuvas frias de abril cedendo lugar ao bálsamo cálido do verdejante mês de maio. As semanas eram cheias de trabalho e preocupações, além das limitações crescentes da gravidez, com os velhos amigos cada vez mais distantes e a família cada vez mais gentil, mais irritantemente solícita e totalmente cega a suas reais motivações. Durante aqueles dias de ansiedade e luta, uma única pessoa compreensiva e confiável habitava seu mundo, e essa pessoa era Rhett Butler. Estranho que justo ele ocupasse tal posição, por ser tão instável quanto areia movediça e tão perverso quanto um demônio recém-saído do inferno. Mas Rhett se mostrou solidário, e solidariedade ela jamais recebera de alguém e jamais esperara receber dele.

Com frequência ele se ausentava da cidade em viagens misteriosas a Nova Orleans, viagens nunca explicadas, mas que Scarlett tinha certeza, sentindo um leve ciúme, de estarem ligadas a uma mulher — ou mais de uma. Depois da

recusa de tio Peter em conduzir a charrete, porém, Rhett passou a ficar em Atlanta por períodos cada vez maiores.

Na cidade, ele passava a maior parte do tempo jogando nos aposentos do segundo andar do *saloon* Girl of the Period ou no bar de Belle Watling, lado a lado com os ianques e *carpetbaggers* mais abastados, montando esquemas para ganhar dinheiro, o que levava os moradores locais a lhe votarem mais ódio do que a seus companheiros de copo. Não mais a visitava em casa, provavelmente em respeito aos sentimentos de Frank e Pitty, que ficariam indignados com uma visita masculina para Scarlett em seu estado delicado. Mas ela o encontrava acidentalmente quase todos os dias. Dia sim e outro também, ele se aproximava a cavalo da sua charrete enquanto ela atravessava trechos ermos da rua Peachtree e da rua Decatur, onde se situavam as serrarias. Rhett sempre parava e os dois conversavam, e às vezes ele amarrava o cavalo à traseira da charrete e a acompanhava em suas visitas. Ultimamente, Scarlett vinha se cansando mais depressa do que gostaria de admitir e agradecia em silêncio quando ele assumia a charrete. Rhett sempre se despedia antes de entrarem na cidade, mas toda Atlanta sabia desses encontros, que davam aos mexeriqueiros algo novo a acrescentar à longa lista de afrontas de Scarlett às convenções.

Vez por outra ela se indagava se aqueles encontros seriam mesmo acidentais. Foram se tornando mais numerosos com o passar das semanas e com a escalada da tensão na cidade quanto às atrocidades dos negros. Mas por que ele a procurava, justo agora quando sua aparência estava pior que nunca? Certamente não nutria qualquer pretensão de seduzi-la, se é que já tivera alguma, e Scarlett começava a duvidar até disso. Há meses ele não se referia à sua cena constrangedora na prisão ianque. Não mencionava Ashley e seu amor por ele, nem fazia comentários grosseiros e de mau tom sobre “cobiçá-la”. Ela achou melhor deixar o assunto morrer, motivo pelo qual não pediu qualquer explicação sobre os encontros frequentes. E finalmente decidiu que, por ele ter pouco a fazer além de jogar, e porque contava com poucos amigos de verdade em Atlanta, Rhett a procurava apenas para ter companhia.

Fosse qual fosse o motivo, a companhia dele era muito bem-vinda. Ele ouvia suas queixas sobre fregueses perdidos e faturas não pagas, sobre as trapaças do sr. Johnson e a incompetência de Hugh. Rhett aplaudia seus triunfos, enquanto

Frank meramente sorria com indulgência e Pitty, aturdida, dizia “Valha-me Deus!”. Também tinha certeza de que com frequência ele lhe arrumava negócios, já que conhecia intimamente todos os ianques e *carpetbaggers* ricos, mas sempre negava tê-la ajudado. Scarlett sabia como ele era e jamais o julgara confiável, mas seu ânimo sempre melhorava ao vê-lo surgir em seu cavalo negro na curva de uma estrada sombria. Quando subia na charrete e pegava as rédeas das mãos dela, fazendo alguma observação impertinente, Scarlett se sentia jovem e alegre e atraente de novo, apesar de todas as preocupações e da barriga cada vez maior. Podiam conversar sobre quase tudo, e ela não precisava esconder seus motivos ou suas opiniões sinceras e jamais lhes faltava assunto, como acontecia quando conversava com Frank — ou mesmo com Ashley, para ser honesta. Mas claro que em todas as conversas com Ashley havia tantas coisas que não podiam ser ditas, de modo a preservar a honra, que a mera força delas inibia outros comentários. Era um conforto ter um amigo como Rhett, agora que, por algum motivo inexplicável, ele decidira comportar-se bem. Um grande conforto, na verdade, já que tinha poucos amigos atualmente.

— Rhett — perguntou de rompante, pouco depois do ultimato de tio Peter —, por que o pessoal desta cidade me trata tão mal e fala tanto de mim? É difícil saber de quem falam mais, se de mim ou dos *carpetbaggers*! Eu cuido da minha vida e não faço nada de errado e…

— Se você não fez nada de errado foi porque não teve ainda oportunidade, e talvez eles tenham alguma ideia disso.

— Oh, estou falando sério! Eles me deixam furiosa. Tudo que fiz foi tentar ganhar um dinheirinho e…

— Tudo que você fez foi ser diferente das outras mulheres, e fez isso muito bem. Como eu já lhe disse, esse é um pecado imperdoável em qualquer sociedade. Ser diferente é ser condenado! Scarlett, o mero fato de você ter feito da serraria um sucesso é um insulto a cada homem malsucedido. Lembre-se, o lugar de uma mulher bem-criada é no lar, e ela não deve saber nadinha desse mundo competitivo e brutal.

— Mas, se eu tivesse ficado em casa, não teria mais nenhuma casa para ficar.

— A inferência é que você deveria ter morrido de fome de boa vontade e com orgulho.

— Ah, conversa fiada! Mas veja a sra. Merriwether. Ela vende tortas para os ianques e isso é pior do que administrar uma serraria. E a sra. Elsing costura para fora e tem pensionistas, e Fanny pinta uma louça horrorosa que ninguém quer e todo mundo compra para ajudá-la, e…

— Você não está entendendo, querida. Elas não são bem-sucedidas e por isso não afrontam o orgulho ardente dos homens sulistas. Os homens podem continuar dizendo "Pobres tolinhas, como se esforçam! Ora, deixe que pensem que estão ajudando". Além disso, as senhoras que você citou não gostam de ter de trabalhar. Fazem questão de que todos saibam que só estão trabalhando até que apareça algum homem que as livre desse encargo nem um pouco feminino. Assim, todo mundo sente pena delas. Mas você obviamente gosta de trabalhar e obviamente não vai deixar homem algum tocar seu negócio para você. Assim, ninguém consegue sentir pena de você. E Atlanta jamais há de perdoá-la por isso. É tão bom sentir pena de alguém…

— Eu gostaria que você falasse sério às vezes.

— Você alguma vez já ouviu o provérbio oriental "Os cães ladram, mas a caravana passa"? Deixe que ladrem, Scarlett. Acho que nada vai deter a sua caravana.

— Mas por que eles se incomodam por eu ganhar um dinheirinho?

— Você não pode ter tudo, Scarlett. Ou ganha dinheiro da sua maneira nem um pouco feminina e tolera olhares canhestros em todo lugar que vai, ou se conforma em ser pobre e refinada com montes de amigos. Você fez a sua escolha.

— Não vou ser pobre — disse ela, rapidamente. — Mas… Mas esta é a escolha correta, não?

— Se é dinheiro o que você mais quer.

— Sim, eu quero dinheiro mais que tudo neste mundo.

— Então, você fez a única escolha possível. Mas há uma punição a cumprir, como acontece com a maioria das coisas que você quer. Solidão.

Isso a emudeceu por um instante. Era verdade. Quando parava para pensar a respeito, estava um pouco solitária, sim — solitária de companhia feminina. Durante os anos da guerra, tivera Ellen para visitar quando ficava triste. E, desde a morte de Ellen, sempre houvera Melanie, embora ela e Melanie nada tivessem

em comum, salvo o trabalho pesado em Tara. Agora não havia ninguém, pois tia Pitty nada entendia da vida fora do seu reduzido círculo de mexericos.

— Eu acho… Eu acho — começou, hesitante — que sempre fui solitária no que diz respeito a mulheres. Não é apenas o fato de eu trabalhar que faz com que as senhoras de Atlanta não gostem de mim. Elas não gostam de mim, ponto. Mulher alguma jamais gostou, com exceção da mamãe. Nem as minhas irmãs. Não sei por quê, mas mesmo antes da guerra, mesmo antes de me casar com Charlie, as mulheres sempre pareceram não aprovar nada do que eu fazia…

— Você se esquece da sra. Wilkes — interrompeu Rhett, e seus olhos brilharam com malícia. — Ela sempre a aprovou em tudo. Ouso dizer que aprovaria qualquer coisa que você fizesse, com exceção de matar.

Até matar ela aprovou, pensou Scarlett sombriamente, e riu com desdém.

— Ah, Melly! — exclamou, acrescentando depois, arrependida: — Decerto não é mérito meu o fato de Melly ser a única mulher a me aprovar, pois ela tem menos bom senso do que uma pata choca. Se tivesse algum… — interrompeu-se, meio confusa.

— Se tivesse algum, se daria conta de algumas coisinhas que não aprovaria — concluiu Rhett. — Bem, você sabe mais a esse respeito que eu.

— Danem-se a sua memória e a sua falta de modos!

— Vou ignorar sua grosseria injustificada com o silêncio que ela merece e voltar ao nosso assunto anterior. Decida-se: se você for diferente, ficará isolada, não apenas das pessoas da sua idade, mas daquelas da geração dos seus pais e da geração dos seus filhos também. Essas pessoas jamais a entenderão e ficarão espantadas com o que quer que você faça. Mas seus avós provavelmente se orgulhariam e diriam: “Quem sai aos seus não degenera”, e seus netos suspirarão com inveja e dirão: “Que velha sapeca a vovó deve ter sido!”, e tentarão imitá-la.

Scarlett riu, um pouco divertida.

— Às vezes você acerta no alvo! Veja a minha avó Robillard. Mammy costumava me comparar a ela sempre que eu aprontava. Vovó era fria como gelo e rígida quanto à própria educação e à dos outros, mas se casou três vezes e vários duelos foram travados por sua causa e ela usava rouge e os vestidos decotados mais chocantes e… Bom, ela… Ela não usava muita coisa por baixo dos vestidos.

— E você a admirava profundamente, por mais que tentasse ser como a sua mãe! Meu avô Butler era pirata.

— Não brinque! Pirata daqueles de prancha e tudo?

— Me atrevo a dizer que ele fazia as pessoas andarem na prancha se isso lhe rendesse algum dinheiro. De todo jeito, ele ganhou o suficiente para deixar meu pai muito bem. Mas a família sempre se referiu a ele, cautelosamente, como um "capitão do mar". Foi morto em uma briga de bar muito antes do meu nascimento. Sua morte foi, desnecessário dizer, um grande alívio para os filhos, pois o velho cavalheiro passava a maior parte do tempo bêbado e, quando tomava uns goles, costumava esquecer que era um capitão do mar aposentado e contar reminiscências de arrepiar o cabelo dos filhos. No entanto, eu o admirava e tentei imitá-lo bem mais do que meu pai jamais tentou, pois papai era um cavalheiro afável de hábitos nobres e pródigo em adágios piedosos… e tudo isso prova o que eu disse. Tenho certeza de que seus filhos não hão de aprová-la, Scarlett, mais do que a sra. Merriwether e a sra. Elsing e seus pimpolhos a aprovam agora. Seus filhos serão provavelmente criaturas frouxas, melindrosas, como são em geral os filhos de gente calejada. E, para piorar as coisas, você, como quase todas as mães, provavelmente está decidida a que eles jamais passem pelas agruras que você passou. E está errado. As agruras endurecem ou amolecem as pessoas. Assim sendo, só lhe resta esperar pela aprovação dos seus netos.

— Fico pensando como serão nossos netos!

— Por acaso está sugerindo com "nossos" que você e eu teremos netos em comum? Atenção, sra. Kennedy!

Repentinamente consciente do erro cometido, Scarlett enrubesceu. Não foram apenas as palavras brincalhonas dele que a envergonharam, mas a súbita consciência do próprio estado. Nenhum dos dois jamais havia tocado no assunto da sua gravidez, e ela sempre mantivera a manta enrolada no corpo quase até o queixo na presença dele, mesmo em dias mais quentes, confortada, como ficavam as mulheres, pela crença de que assim coberta não mostrava a gravidez. De repente se sentiu furiosa com a própria condição e envergonhada por ele ter conhecimento dela.

— Desça já desta charrete, seu verme pervertido! — exigiu, em uma voz trêmula.

— De jeito algum farei isso — retrucou Rhett calmamente. — Vai escurecer antes de você chegar em casa e há uma nova colônia de pretos morando em tendas e choças perto do riacho logo ali à frente. Pretos maus, me disseram, e não vejo por que você dar à impulsiva Klan um motivo para vestirem seus camisolões e pegarem seus cavalos esta noite.

— Desça! — gritou Scarlett, puxando as rédeas.

De súbito, a náusea a assaltou. Ele parou o cavalo rapidamente, entregou a ela dois lenços limpos e segurou sua cabeça para fora da charrete com alguma habilidade. O sol vespertino, se pondo entre as árvores com folhas recém-nascidas, pareceu girar por instantes em um redemoinho amarelo e verde. Quando a náusea passou, ela pôs a cabeça entre as mãos e chorou de pura mortificação. Não apenas vomitara diante de um homem — em si um dos piores contratempos para uma mulher —, como, ao fazê-lo, o fato humilhante da gravidez se tornara evidente. Sentiu que jamais poderia encará-lo de novo. O horror de ter acontecido justamente com Rhett, que não tinha respeito por mulher alguma! Chorou, então, esperando algum comentário grosseiro e jocoso, que jamais poderia perdoar.

— Não seja tola — disse ele, em voz baixa. — E você é uma tola se estiver chorando de vergonha. Ora, Scarlett, não seja infantil. Lógico que você deve saber que, como não sou cego, eu estava a par da sua gravidez.

Ela exclamou “Ah” em um tom surpreso e cobriu com a mão o rosto escarlate. A própria palavra a horrorizou. Frank sempre se referia à sua gravidez como “o seu estado”. Gerald preferia a metáfora delicada “produzindo herdeiros” quando precisava abordar tais assuntos, e as senhoras da sociedade se referiam à gravidez como sendo “um estado interessante”.

— É muita infantilidade sua achar que eu não sabia, apesar de estar sempre abafada debaixo dessa manta quente. Claro que eu sabia. Por que imagina que eu tenho sido…

Ele parou subitamente e um silêncio se instalou. Pegando as rédeas, ele estalou a língua para o cavalo. Continuou falando baixo e aquela ladainha soou

prazerosa aos ouvidos dela, e parte do rubor em seu rosto escondido desapareceu.

— Não pensei que você pudesse se chocar tanto, Scarlett. Achei que fosse uma pessoa sensata e estou decepcionado. Será possível que ainda guarde algum recato em seu peito? Lamento não ter agido como um cavalheiro ao mencionar o assunto. E acho que não sou um cavalheiro, já que mulheres grávidas não me envergonham como seria de esperar. Acho possível tratá-las como criaturas normais e não olhar para o chão ou para o céu ou para qualquer outro lugar no universo que não seja o diâmetro de suas cinturas e depois lançar aqueles olhares furtivos que sempre considerei o máximo da indecência. Por que eu faria isso? É uma condição perfeitamente normal. Os europeus são muito mais sensatos que nós. Cumprimentam as futuras mães pelos futuros bebês. Embora eu não recomende chegar tão longe, me parece muito mais sensata essa atitude do que a nossa tentativa de ignorar o fato. É uma condição normal, e as mulheres deveriam se orgulhar dela, em lugar de se esconderem atrás de portas fechadas como se tivessem cometido algum crime.

— Orgulho! — exclamou Scarlett em uma voz estrangulada. — Orgulho… Argh!

— Você não se orgulha de estar esperando um filho?

— Ai, meu Deus, não! Eu… Eu odeio bebês!

— Odeia… o bebê de Frank?

— Não… O bebê de qualquer um.

Por um momento, ela se sentiu novamente enjoada diante daquele ato falho, mas ele prosseguiu tão tranquilo como se não tivesse registrado.

— Então somos diferentes. Eu gosto de bebês.

— Gosta? — gritou ela, erguendo os olhos, tão surpresa que esqueceu a vergonha. — Como você é mentiroso!

— Gosto de bebês e gosto de crianças pequenas, antes que comecem a crescer e se habituem a pensar como adultos e aprendam a mentir, enganar e ser sujas como adultos. Isso não deve ser uma novidade para você. Com certeza não escondo o quanto gosto de Wade, embora ele não seja o menino que deveria ser.

Isso é verdade, pensou Scarlett, de repente maravilhada. Ele aparentemente gostava de brincar com Wade e lhe levava presentes com frequência.

— Agora que trouxemos à luz esse assunto pavoroso e você admitiu estar para ter um bebê em algum momento de um futuro não muito distante, vou dizer uma coisa que venho querendo dizer há semanas. Duas coisas, na verdade. A primeira é que é perigoso você andar sozinha de charrete. Você sabe disso. Já lhe disseram várias vezes. Se não lhe importa pessoalmente ser ou não estuprada, seria bom levar em conta as consequências. Por causa da sua teimosia, você pode se meter em uma situação que obrigue seus galantes compatriotas locais a vingá-la enforcando um punhado de pretos. E isso fará com que os ianques caiam em cima deles e alguém provavelmente será enforcado. Por acaso lhe ocorreu que talvez um dos motivos das senhoras não gostarem de você seja o fato de que a sua conduta poder custar o pescoço de seus filhos e maridos? E, além disso, se a Ku Klux acabar com mais negros ainda, os ianques vão apertar o cerco a Atlanta de um jeito que fará a conduta de Sherman parecer angelical. Sei do que estou falando, pois sou unha e carne com os ianques. É vergonhoso dizer, mas eles me tratam como um deles e os escuto falar abertamente. Pretendem esmagar a Ku Klux nem que isso signifique queimar a cidade inteira de novo e enforcar todos os homens maiores de dez anos. Isso vai prejudicá-la, Scarlett. Talvez perca dinheiro. E não há como prever quanto tempo leva para apagar um incêndio na campina, uma vez começado. Confisco de propriedade, aumento de impostos, multas para mulheres suspeitas… Ouvi todas essas sugestões. A Ku Klux…

— Você conhece alguém da Ku Klux? Tommy Wellburn, ou Hugh ou…

Rhett deu de ombros, impaciente.

— Como eu saberia? Sou um renegado, um vira-casaca, um *scallawag*. Você acha provável que eu saiba? Mas conheço homens dos quais os ianques suspeitam, e um movimento em falso deles os levará à forca. Embora eu saiba que você não vai se arrepender de pôr a corda no pescoço dos seus vizinhos, acredito que vá lamentar a perda de suas serrarias. Vejo, pela expressão teimosa em seu rosto, que não acredita em mim e minhas palavras estão caindo em ouvidos moucos. Por isso, tudo que me cabe dizer é: tenha essa sua pistola à mão… E, quando eu estiver na cidade, tentarei me pôr à disposição para acompanhá-la.

— Rhett, você realmente… É para me proteger que…

— Sim, minha querida, é o meu muito apregoado cavalheirismo que me leva a proteger você. — O brilho zombeteiro começou a iluminar seus olhos e todos os sinais de seriedade se apagaram em seu rosto. — E por quê? Por causa do meu profundo amor por você, sra. Kennedy. Sim, em silêncio tenho andado faminto e sedento por você e a idolatrado à distância, mas, como sou um homem honrado, como o sr. Ashley Wilkes, escondi tudo isso de você, que é, ora, a esposa de Frank, e a honra impediu que eu me declarasse. Mas, assim como a honra do sr. Wilkes sofre rachaduras às vezes, a minha rachou-se agora e estou lhe revelando a minha paixão secreta e…

— Ah, pelo amor de Deus, chega! — interrompeu Scarlett, aborrecida como sempre ficava quando ele a fazia parecer uma tola convencida, e não querendo que Ashley e sua honra se tornassem o tópico de mais conversas. — Qual era a outra coisa que ia me dizer?

— Como assim? Você muda de assunto quando estou desnudando um coração amoroso, porém dilacerado? Bom, a outra coisa é a seguinte… — O brilho zombeteiro se apagou do seu olhar e o rosto ficou sério e preocupado. — Quero que você tome uma providência quanto a esse cavalo. Ele é teimoso e tem uma boca dura como ferro. Cansa guiá-lo, não cansa? Ora, se ele resolve sair correndo, você não conseguirá pará-lo. E, se virar em uma vala, seu bebê pode morrer e você também. Precisa arrumar o freio mais pesado que puder ou me deixar trocá-lo por um cavalo mais manso com uma boca mais sensível.

Ela fitou o rosto tranquilo e sem malícia dele e de repente a irritação desapareceu, assim como sumira a vergonha depois da conversa sobre a gravidez. Ele havia sido gentil, pouco antes, a fim de deixá-la à vontade quando seu desejo era morrer. E estava sendo ainda mais gentil agora e muito solícito quanto ao cavalo. Sentiu uma onda de gratidão por ele e se perguntou por que não podia ser sempre assim.

— O cavalo é difícil de guiar, sim — concordou docilmente. — Às vezes sinto dores nos braços a noite toda de tanto puxá-lo. Faça o que achar melhor, Rhett.

Os olhos dele brilharam maldosamente.

— Muito doce e feminino da sua parte, sra. Kennedy. Muito diferente da sua habitual veia dominadora. Muito bem, não é preciso mais que habilidade para transformá-la em uma dócil criatura.

Ela franziu o cenho e a irritação voltou.

— Desça já desta charrete ou vou bater em você com o chicote. Não sei por que o suporto… por que tento ser gentil. Você não tem educação, não tem moral. Não é mais que um… Bom, desça já. Falo sério.

Mas, depois que ele desceu e desamarrou o cavalo da traseira da charrete e ficou parado sob o crepúsculo sorrindo de modo implicante, Scarlett não conseguiu se impedir de sorrir também ao se afastar.

Sim, Rhett era grosseiro, traiçoeiro, perigoso no trato e não dava para saber quando a arma inofensiva que entregava, incauta, em suas mãos se transformaria na mais letal de todas. Mas, no final da contas, ele era tão estimulante quanto… ora, quanto um furtivo copo de conhaque.

Ao longo daqueles meses, Scarlett aprendera a utilidade do conhaque. Quando chegava em casa no final da tarde, molhada de chuva, cheia de cãibras e doída das muitas horas na charrete, nada a consolava salvo a ideia da garrafa escondida na primeira gaveta da sua escrivaninha, trancada para não ser descoberta pelos olhos xeretas de Mammy. O dr. Meade não pensara em avisá-la que uma mulher no seu estado não devia beber, pois jamais lhe ocorrera que uma senhora decente fosse beber algo mais forte que vinho de muscadina. Com exceção, claro, de uma taça de champanhe em um casamento ou um ponche quente quando acamada com uma gripe. Naturalmente, havia mulheres desafortunadas que bebiam, para a eterna desgraça de suas famílias, assim como havia mulheres loucas ou divorciadas, ou que acreditavam, junto com a srta. Susan B. Anthony, que as mulheres deviam ter o direito de votar. No entanto, por mais que desaprovasse Scarlett, o médico jamais suspeitou que ela bebesse.

Scarlett descobrira que uma dose de conhaque puro antes do jantar a ajudava imensamente, e ela podia mascar café ou gargarejar com água de colônia para disfarçar o bafo. Por que todos se importavam tanto de as mulheres beberem se os homens podiam beber, e bebiam, até cair, quando queriam? Às vezes, quando Frank roncava a seu lado e o sono não vinha, quando se revirava na cama, temendo a pobreza, apavorada com os ianques, sentindo saudades de Tara e ansiando por Ashley, ela chegava a achar que enlouqueceria, não fosse a garrafa de conhaque. E, quando o calor agradável, familiar, começava a correr em suas veias, os problemas começavam a sumir. Depois de três doses, ela sempre

conseguia dizer a si mesma: “Pensarei nessas coisas amanhã, quando conseguir suportá-las melhor.”

Mas havia noites em que nem o conhaque acalmava a ânsia em seu coração, a ânsia que era ainda mais forte do que o medo de perder as serrarias, a ânsia de ver Tara de novo. Atlanta, com seu barulho, seus novos prédios, os rostos desconhecidos, as ruas estreitas atopetadas de cavalos, charretes e multidões de pessoas, às vezes parecia sufocá-la. Amava Atlanta, mas… Ah, a paz calmante e o silêncio campestre de Tara, por mais difícil que vida pudesse ser! E estar perto de Ashley, vê-lo simplesmente, ouvir sua voz, ser amparada pela certeza do seu amor! Cada carta de Melanie dizendo que estavam bem, cada bilhete de Will falando da preparação da terra, do plantio, do algodão que crescia nos campos a fazia ansiar de novo por voltar para casa.

Vou para casa em junho. Não poderei fazer nada aqui depois de junho. Vou passar uns dois meses em casa, pensava, e seu coração se animava. Ela foi, de fato, para casa em junho, mas não como ansiara ir, pois no início daquele mês chegou um breve bilhete de Will avisando que Gerald falecera.

Capítulo 39

O trem atrasou muito, e o longo crepúsculo de um azul intenso se espalhava sobre o campo quando Scarlett desembarcou em Jonesboro. A claridade amarelada dos lampiões iluminava as lojas e casas que haviam restado na cidade, mas eram poucas. Aqui e acolá, viam-se amplas lacunas entre os prédios da rua principal, onde residências tinham sido bombardeadas ou queimadas. Casas em ruínas com buracos de bala em seus telhados e paredes estilhaçadas a encaravam, silenciosas e soturnas. Uns poucos cavalos selados e parelhas de mulas se encontravam amarrados na entrada do armazém Bullard. A estrada de barro poeirento estava vazia e sem vida, e os únicos sons na cidade eram uns poucos apupos e gargalhadas de bêbados que vazavam para o ar parado do entardecer de um *saloon* no final da rua.

A estação não fora reconstruída desde o incêndio na batalha e em seu lugar havia apenas um abrigo de madeira sem laterais para proteger das intempéries. Scarlett se dirigiu a ele e se sentou em um dos barris vazios que evidentemente faziam as vezes de bancos. Lançou olhares para um e outro lado da rua, procurando Will Benteen, que deveria estar ali para esperá-la. Com certeza devia ter imaginado que ela pegaria o primeiro trem que conseguisse após receber a mensagem lacônica sobre a morte de Gerald.

Partira tão apressada que só levara na pequena sacola uma camisola e uma escova de dentes, deixando para trás até mesmo uma muda de roupa de baixo. Sentia-se desconfortável no vestido preto apertado que lhe emprestara a sra. Meade, pois não tivera tempo de providenciar roupas de luto. A sra. Meade estava magra agora, e a gravidez de Scarlett, já avançada àquela altura, tornava o vestido duplamente desconfortável. Mesmo sofrendo com a morte de Gerald, ela não ignorava que sua aparência não era das melhores e, baixando os olhos, examinou o corpo com desgosto. Suas curvas não mais existiam, e o rosto e os tornozelos estavam inchados. Até então, não se importara muito com a própria

aparência, mas agora que encontraria Ashley em menos de uma hora incomodava-se muito. Mesmo em sua dor, retraiu-se ao pensar em encará-lo carregando no ventre o filho de outro homem. Ela o amava e ele a ela, e aquela criança indesejável agora lhe parecia uma prova de infidelidade a esse amor. Ainda assim, por mais que lhe desgostasse que Ashley a visse sem a cinturinha fina e a leveza no andar de antes, disso não havia como escapar.

Bateu impacientemente com o pé no chão. Will deveria estar ali. Claro que ela podia ir até a Bullard e perguntar sobre o seu paradeiro ou pedir a alguém para levá-la a Tara. Mas não queria ir até a Bullard. Era noite de sábado e provavelmente metade dos homens do condado estava lá. Não lhe apetecia exibir seu estado envergando aquele vestido preto que mal lhe cabia e que acentuava, em lugar de disfarçar, seu corpo. Igualmente não queria ouvir as condolências gentis que choveriam sobre ela. Não queria solidariedade. Tinha medo de chorar à simples menção do nome do pai. E não iria chorar. Sabia que, se começasse, seria como na vez em que chorara escondendo o rosto na crina do cavalo, na noite pavorosa da queda de Atlanta, quando Rhett a largou na estrada escura nos arredores da cidade e ela derramou lágrimas terríveis que partiram seu coração e que não conseguira estancar.

Não, não iria chorar! Sentiu o bolo na garganta começar a se formar de novo, como vinha acontecendo com frequência desde a chegada da notícia, mas chorar não adiantaria, apenas a deixaria mais confusa e frágil. Por que, afinal, Will ou Melanie ou as irmãs não haviam escrito avisando que o pai estava doente? Teria tomado o primeiro trem para Tara a fim de cuidar dele, levaria um médico de Atlanta se necessário. Gente tola! Todos eles! Será que não conseguiam resolver coisa alguma sem ela? Não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo, e o bom Deus sabia que o melhor que podia fazer para todos era ficar em Atlanta.

Remexeu-se sobre o barril, cada vez mais nervosa e inquieta com a demora de Will. Onde estaria ele? Foi quando ouviu o ruído de passos sobre as pedras dos trilhos atrás de si e, virando o rosto, viu Alex Fontaine caminhando em direção a uma carroça, com uma saca de cereais no ombro.

— Santo Deus! É você, Scarlett? — exclamou ele, largando a saca e correndo para cumprimentá-la, o rosto amargurado reluzindo de prazer. — Que bom ver

você! Esbarrei em Will no ferreiro, arrumando as ferraduras do cavalo. O trem estava atrasado e ele achou que daria tempo. Quer que eu vá buscá-lo?

— Por favor, Alex — respondeu Scarlett, sorrindo, apesar da tristeza. Era reconfortante rever um rosto conhecido.

— Oh… Bem… Scarlett — começou Alex, sem jeito, ainda segurando a mão dela. — Sinto muitíssimo pelo seu pai.

— Obrigada — respondeu ela, desejando que ele não tivesse dito aquilo. As palavras a fizeram recordar de forma muito nítida o rosto corado de Gerald e sua voz de trovão.

— Se lhe serve de consolo, Scarlett, todos nós estamos muito orgulhosos dele — prosseguiu Alex, soltando a mão dela. — Ele… Bem, consideramos que ele morreu como um soldado e pela causa de um soldado.

Ora, o que ele queria dizer com aquilo?, pensou, confusa. Um soldado? Alguém havia lhe dado um tiro? Teria, como Tony, se metido em uma briga com os *scallawags*? Mas não queria ouvir mais nada. Choraria, caso Alex falasse sobre o pai, e não podia chorar, não antes de estar segura na carroça com Will e já no campo, onde nenhum estranho a visse. Will não contava, era como um irmão.

— Alex, não quero falar sobre isso — pediu apenas.

— Não a culpo nem um pouco, Scarlett — disse Alex, enquanto o sangue que nutria a raiva coloria seu rosto. — Se fosse com a minha irmã, eu… Bem, Scarlett, eu jamais falei mal de mulher alguma, mas pessoalmente acho que alguém devia aplicar umas boas chicotadas em Suellen.

De que tolices ele estava falando?, perguntou-se Scarlett. *O que teria Suellen a ver com tu*do aquilo?

— Todo mundo por aqui pensa o mesmo sobre ela, lamento dizer. Will é o único que a defende… E, claro, a srta. Melanie, mas essa é uma santa e não vê maldade em ninguém e…

— Eu disse que não quero falar mais disso — repetiu friamente, mas Alex não pareceu se convencer. Dava a impressão de entender a sua grosseria e isso era irritante. Scarlett não estava disposta a ouvir maledicências sobre a própria família da boca de um estranho, não queria que ele soubesse que ela ignorava o que acontecera. Por que Will não lhe contara todos os detalhes?

Gostaria que Alex não a olhasse com tanta atenção. Percebeu que ele se dera conta do seu estado e isso a constrangeu. Mas o que Alex estava pensando enquanto a fitava sob o crepúsculo era que seu rosto mudara tão totalmente que sequer sabia como a reconhecera. Talvez fosse por causa da gravidez. As mulheres ficam parecendo o diabo naquele estado. E, claro, Scarlett devia estar sofrendo por conta do velho O'Hara. Era a filha predileta. Mas… Não, a mudança era mais profunda que isso. Na verdade, ela estava melhor do que na última vez que a vira. Ao menos agora parecia estar fazendo três refeições completas ao dia. E aquela expressão de animal acuado sumira, em parte, do seu olhar. Agora, os olhos, que antes eram medrosos e desesperados, estavam duros. Havia um quê de domínio, determinação e convicção em sua postura, mesmo quando sorria. Provavelmente dava a Frank uma boa vida de casado! Sim, ela mudara. Não que tivesse deixado de ser bonita, mas toda aquela suavidade encantadora e doce não mais existia em seu rosto, e o jeito lisonjeiro de encarar um homem como se ele fosse mais sábio que Deus Todo-Poderoso desaparecera por completo.

Ora, não estavam todos mudados, afinal? Alex baixou os olhos para as roupas grosseiras e seu rosto estampou as habituais rugas de amargura. Às vezes à noite, quando o sono não vinha, pensava em como a mãe conseguiria fazer a cirurgia e como o coitadinho do filho do falecido Joe iria estudar e como ele próprio arrumaria dinheiro para uma outra mula, e seu desejo era de que a guerra ainda estivesse em curso e assim continuasse para sempre. Não sabiam a sorte que tinham então. Sempre havia o que comer no Exército, mesmo que fosse só pão de milho, sempre havia alguém para dar ordens e nem um pingo daquela sensação torturante de enfrentar problemas insolúveis. Nada havia no Exército para se preocupar, salvo ser morto. E ainda havia Dimity Munroe. Alex queria casar-se com ela, mas sabia ser impossível, com tanta gente dependendo dele para sobreviver. Ele a amara durante muito tempo, mas agora as rosas começavam a fenecer em seu rosto e a alegria a abandonar seus olhos. Se ao menos Tony não tivesse fugido para o Texas. Um outro homem em casa faria toda a diferença do mundo. Seu adorável irmão caçula perdera as estribeiras e agora vivia, sem tostão, em algum lugar do Oeste. Sim, todos estavam mudados. E por que não? Suspirou ruidosamente.

— Não lhe agradeci pelo que você e Frank fizeram por Tony — falou. — Foram vocês que o ajudaram a fugir, não? Muita bondade da sua parte. Eu soube, por gente que ouviu dizer, que ele estava em segurança no Texas. Tive medo de escrever e perguntar a vocês… Mas você ou Frank emprestaram algum dinheiro a ele? Eu gostaria de pagar…

— Ah, Alex, por favor! Agora não! — exclamou Scarlett. Pela primeira vez, não deu importância ao dinheiro.

Alex emudeceu por um instante.

— Vou buscar Will para você — falou. — E estaremos todos amanhã no enterro.

Enquanto ele pegava a saca de cereais e virava as costas, uma carroça com rodas vacilantes saiu de uma rua lateral e se aproximou dos dois. Will gritou da boleia:

— Desculpe o meu atraso, Scarlett.

Descendo sem jeito da carroça, ele se dirigiu mancando até ela e, se inclinando, deu-lhe um beijo no rosto. Will jamais a beijara, jamais deixara de acrescentar “srta.” ao nome dela e, embora surpresa, Scarlett sentiu o coração se aquecer de prazer. Ele a ergueu com cuidado por sobre a roda e a colocou na carroça, que, após uma olhada, Scarlett constatou ser a mesma na qual fugira de Atlanta. Como teria sobrevivido tanto tempo? Will devia cuidar muito bem dela. A recordação deixou-a meio enjoada, pois lhe trouxe a lembrança daquela noite. Ainda que significasse tirar os sapatos dos pés ou comida da mesa da tia Pitty, providenciaria para que houvesse uma nova carroça em Tara e para que aquela fosse queimada.

De início, Will não disse palavra, e Scarlett agradeceu por isso. Jogando o chapéu de palha maltratado na parte traseira da carroça, ele estalou a língua para o cavalo e deu a partida. Will nada mudara, continuava magrelo e desengonçado, com seu cabelo rosado e os olhos com a mesma expressão de paciência de um burro de carga.

Saíram da cidade e entraram na estrada de barro que levava a Tara. No céu ainda levemente rosado, nuvens macias como algodão se tingiam de dourado e verde pastel. A quietude do crepúsculo campestre os envolveu, reconfortante como uma prece. Como conseguira sobreviver todos aqueles meses, pensou

Scarlett, longe do cheiro fresco do ar do campo, da terra arada e do bálsamo das noites de verão? A terra vermelha úmida cheirava tão bem, tão familiar, tão amistosa que lhe deu vontade de descer e pegar um punhado na mão. A madressilva esparramada pelas margens vermelhas da estrada em emaranhados verdejantes exalava a fragrância penetrante de sempre após a chuva, o perfume mais doce do mundo. Um bando de andorinhas revoou de repente acima deles e, vez por outra, um coelho assustado atravessava correndo a estrada, o rabo branco balançando como uma pluma de edredom. Quando passaram entre os campos arados onde os ramos verdes despontavam, teimosos, da terra vermelha, Scarlett viu, satisfeita, que o algodão crescia bem. Como tudo aquilo era lindo! A suave bruma cinzenta nos vales pantanosos, a terra vermelha e o algodão crescendo, as encostas com seus sinuosos campos verdejantes e os pinheiros negros por trás de tudo, como muros de visom. Como conseguira ficar tanto tempo em Atlanta?

— Scarlett, antes que eu lhe conte sobre o sr. O'Hara, e quero lhe contar tudo antes de você chegar em casa, quero pedir sua opinião sobre um assunto. Suponho que agora você seja a chefe da casa.

— Do que se trata, Will?

Ele dirigiu o olhar sóbrio e sereno para ela e disse:

— Da sua aprovação para eu me casar com Suellen.

Scarlett se agarrou ao assento, tão surpresa que quase caiu de costas. Casar com Suellen! Jamais havia pensado que alguém fosse se casar com Suellen, depois que lhe roubara Frank Kennedy. Quem haveria de querer Suellen?

— Minha nossa, Will!

— Deduzo que você não se importa, então, certo?

— Me importar? Não, mas… Ora, Will, você me deixou sem palavras! Você se casar com Suellen? Sempre achei que tivesse uma queda por Carreen.

Will manteve os olhos no cavalo e balançou as rédeas. Seu perfil não se alterou, mas Scarlett detectou um leve suspiro.

— Talvez eu tivesse — disse ele.

— E ela o recusou?

— Jamais propus casamento a ela.

— Ora, Will, você é um tolo. Fale com ela. Ela vale duas Suellens!

— Scarlett, tem muita coisa que você não sabe a respeito de Tara. Não nos deu o privilégio da sua atenção nesses últimos meses.

— Não dei mesmo, não é? — fulminou ela. — O que acha que ando fazendo em Atlanta? Passeando de carruagem e frequentando bailes? Não tenho lhe mandado dinheiro todos os meses? Não paguei os impostos e consertei o telhado e não comprei o novo arado e as mulas? Por acaso…

— Não vire uma fúria e desperte seu lado irlandês — interrompeu Will, impassível. — Se alguém sabe o que você vem fazendo, esse alguém sou eu. Você trabalha por dois homens.

Levemente aplacada, ela indagou:

— Então, o que você quis dizer?

— Bom, você manteve o teto sobre as nossas cabeças e comida na despensa, não nego, mas não deu muita bola para o que se passava na cabeça de ninguém aqui em Tara. Não a culpo, Scarlett, é o seu jeito. Você nunca se interessou muito pelo que se passa na cabeça dos outros. O que estou tentando lhe dizer é que nunca falei com a srta. Carreen sobre isso porque sempre soube que não adiantaria. Ela é como uma irmã caçula para mim e acho que fala comigo com mais sinceridade do que com qualquer outra pessoa no mundo. Mas nunca superou aquele rapaz que morreu e nunca há de superar. E é bom que eu lhe diga logo que ela pretende entrar num convento lá em Charleston.

— Você está brincando?

— Bom, eu sabia que você ia levar um susto, mas só quero lhe pedir que não discuta com ela por isso nem a repreenda ou ria dela. Deixe que ela vá. É tudo que ela quer agora. Seu coração está partido.

— Pelo manto do Senhor! Muita gente está de coração partido e não sai correndo para um convento. Olhe para mim. Eu perdi um marido.

— Mas seu coração não se partiu — retrucou Will calmamente, pegando uma palha do chão da carroça, botando-a na boca e mascando-a lentamente. A observação emudeceu Scarlett. Como sempre, quando ouvia a verdade, por mais desagradável que fosse, a honestidade básica a obrigava a reconhecê-la como verdade. Ficou muda por um instante, tentando se habituar à ideia de Carreen como freira. — Prometa que não vai brigar com ela.

— Tudo bem, prometo.

Olhou, então, para ele com uma nova compreensão e algum espanto. Will amara Carreen o bastante para tomar seu lado e facilitar as coisas para ela. Mesmo assim, queria se casar com Suellen.

— Bom, o que é isso com Suellen, então? Você não a ama, ama?

— Ah, sim, de certa forma — respondeu ele, tirando a palha da boca e examinando-a como se fosse de enorme interesse. — Suellen não é tão má quanto você pensa, Scarlett. Acho que nos daremos muito bem. O único problema dela é que precisa de um marido e alguns filhos, como toda mulher.

A carroça sacolejou na estrada acidentada e por alguns minutos, enquanto os dois ficaram calados, a cabeça de Scarlett trabalhou a todo vapor. Devia haver algo mais do que isso, algo mais profundo, mais importante, para levar Will, o Will tranquilo e ajuizado, a querer se casar com uma rabugenta como Suellen.

— Você não me disse o verdadeiro motivo, Will. Se sou a chefe da família, tenho o direito de saber.

— Tem razão, e acho que você vai entender. Não posso ir embora de Tara. Tara é um lar para mim, Scarlett, o único lar de verdade que conheci e amo cada pedra deste lugar. Trabalhei aqui em Tara como se ela fosse minha. E, quando investimos trabalho em alguma coisa, nós passamos a amá-la. Entendeu?

Ela entendia, e seu coração se encheu de grande afeição por ele ao ouvi-lo dizer que também amava o que ela mais amava na vida.

— E pensei o seguinte: seu pai se foi e Carreen vai ser freira. Vamos sobrar apenas nós dois, e eu não poderia morar em Tara sem me casar com Suellen. Você sabe que as pessoas falam, não?

— Mas… Will, ainda restam Melanie e Ashley…

À menção de Ashley, Will se virou para ela e a encarou, os olhos claros indecifráveis. Scarlett teve a velha sensação de que ele sabia de tudo sobre ela e Ashley, entendia tudo e não censurava nem aprovava.

— Logo eles irão embora.

— Embora? Para onde? Tara é o lar deles tanto quanto o seu.

— Não, não é o lar deles. É precisamente isso que anda atormentando Ashley. Não é o lar dele e ele não acha que esteja ganhando o próprio sustento. É um péssimo fazendeiro e está ciente disso. Deus sabe que ele se esforça ao máximo, mas não nasceu para ser fazendeiro e você sabe disso tão bem quanto eu.

Quando corta lenha, é bem capaz de cortar o pé fora. Não consegue manter o arado em linha reta, coisa que até Beau consegue, e o que não sabe sobre plantio dá para encher um livro inteiro. Não é culpa dele. Só não foi criado para isso. E o deixa louco ser um homem e estar vivendo em Tara graças à caridade de uma mulher sem dar muito em troca.

— Caridade? Por acaso ele disse…

— Não, nunca disse uma palavra. Você conhece Ashley. Mas eu sei. Ontem à noite, quando estávamos velando seu pai, eu lhe contei que tinha pedido Suellen em casamento e que ela aceitou. Então Ashley falou que era um alívio, porque estava se sentindo muito mal morando em Tara e sabia que ele e a srta. Melly precisariam ficar, agora que o sr. O'Hara se foi, para que o pessoal não começasse a falar de mim e de Suellen. Foi quando me disse que pretende ir embora de Tara e arrumar um trabalho.

— Trabalho? Que tipo de trabalho? Onde?

— Não me disse exatamente o que vai fazer, mas falou que ia para o Norte. Tem um amigo ianque em Nova York que lhe escreveu sobre um emprego em um banco.

— Ah, não! — gritou Scarlett, com o coração apertado. Ao ouvir o grito, Will a encarou com a mesma expressão de antes.

— Talvez fosse melhor, no final das contas, que ele fosse mesmo para o Norte.

— Não! Não! Eu não acho.

A cabeça fervilhava. Ashley não podia se mudar para o Norte! Talvez nunca mais o visse! Mesmo que não se encontrassem há meses, não estivessem a sós desde aquela malfadada cena no pomar, não se passara um único dia sem que pensasse nele, sem que se alegrasse por ele estar sob seu teto. Jamais mandara um dólar para Will que não lhe desse o prazer de saber que tornaria a vida de Ashley mais fácil. Claro que ele não era bom fazendeiro. Ashley fora criado para coisas melhores, pensou com orgulho. Nascera para comandar, para morar em uma mansão, montar cavalos de raça, ler poesia e dizer aos negros o que fazer. O fato de não mais haver mansões nem cavalos nem negros e restarem poucos livros nada mudava. Ashley não fora criado para arar nem cortar lenha. Não admirava que quisesse ir embora de Tara.

Mas ela não o deixaria partir da Geórgia. Se necessário, obrigaria Frank a lhe dar emprego no armazém, a despedir o rapaz que trabalhava como balconista. Não! O lugar de Ashley também não era atrás de um balcão. Um Wilkes balconista! Jamais! Tinha de haver outra coisa… Ora, a serraria, claro! O alívio com tal ideia foi tamanho que ela sorriu. Mas será que ele aceitaria uma oferta feita por ela? Consideraria igualmente uma caridade? Precisava dar um jeito de levá-lo a achar que estaria fazendo um favor a ela. Despediria o sr. Johnson e poria Ashley no comando da velha serraria enquanto Hugh administraria a nova. Ia explicar a Ashley que a saúde frágil de Frank e a pressão do trabalho no armazém o impediam de ajudá-la e usaria a gravidez como mais um motivo para lhe pedir auxílio.

Faria com que Ashley percebesse de alguma forma que ela não podia prescindir da sua ajuda agora. E lhe daria metade dos rendimentos da serraria se ele assumisse — qualquer coisa só para tê-lo perto dela, qualquer coisa para ver aquele sorriso brilhante lhe iluminar o rosto, qualquer coisa pela oportunidade de flagrar uma expressão descuidada em seus olhos que lhe mostrasse quanto ele ainda a amava. Mas, prometeu a si mesma, jamais tentaria novamente impeli-lo a dizer palavras de amor, jamais tentaria novamente fazê-lo descartar aquela honra tola a que dava mais valor do que ao amor. De alguma maneira, teria de lhe comunicar com delicadeza essa sua nova resolução. Do contrário ele poderia recusar, temendo uma nova cena terrível como havia sido a última.

— Posso arrumar algo para ele fazer em Atlanta — disse.

— Bom, esse assunto é entre você e Ashley — disse Will, pondo a palha de novo na boca. — Eia, Sherman, vamos! Ouça, Scarlett, tem uma outra coisa que quero lhe pedir antes de lhe contar sobre seu pai. Não quero que você parta para cima de Suellen. O que ela fez está feito, e arrancar-lhe o couro não há de trazer o sr. O’Hara de volta. Além disso, ela honestamente achou que estava fazendo o melhor.

— Eu queria lhe perguntar que história é essa sobre Suellen. Alex falou de forma enigmática e disse que ela merecia ser chicoteada. O que ela fez?

— Sim, o pessoal está um bocado furioso com ela. Todos que encontrei esta tarde em Jonesboro estão dispostos a acabar com ela da próxima vez que a virem, mas talvez superem essa raiva. Agora, me prometa que não vai investir

contra Suellen. Não quero saber de briga esta noite, com o sr. O'Hara morto na sala.

Ele não quer saber de briga!, pensou Scarlett, indignada. *Fala como se Tara já f*osse dele!

Então pensou em Gerald, morto na sala, e de repente começou a chorar, a soluçar amargamente. Will pôs o braço à sua volta, puxou-a para perto de modo a consolá-la e nada disse.

Enquanto prosseguiam lentamente e aos trancos pela estrada que começava a ficar escura, Scarlett, com a cabeça pousada no ombro de Will e o chapéu torto, não se recordava do Gerald dos últimos dois anos, o cavalheiro idoso e alheio que vivia de olho nas portas aguardando uma mulher que jamais chegaria. Lembrava-se, sim, do velho viril, cheio de energia, dono de uma basta cabeleira branca e uma alegria espalhafatosa, das suas botas pisando forte, das piadas canhestras, da generosidade ímpar. Lembrava-se de que, quando era criança, ele lhe parecia o homem mais maravilhoso do mundo, aquele pai fanfarrão que a levava à frente dele na sela quando pulava cercas, que lhe aplicava palmadas quando ela se comportava mal e depois chorava ao vê-la chorar e lhe dava alguns centavos para fazê-la parar. Lembrava-se de quando ele chegava de viagens a Charleston e Atlanta carregado de presentes que jamais eram apropriados, e também se lembrou, com um leve sorriso por entre as lágrimas, de quando ele aparecia em casa já de manhãzinha, vindo da feira do condado em Jonesboro, caindo de bêbado, pulando cercas, a voz animada a plenos pulmões cantando "The Wearin' o' the Green". E do seu olhar envergonhado ao encarar Ellen na manhã seguinte. Bem, ele estava com Ellen agora.

— Por que você não me escreveu dizendo que o papai estava doente? Eu teria vindo o mais rápido…

— Ele não ficou doente, nem um minuto. Tome o meu lenço, querida, e eu conto tudo a você.

Scarlett assoou o nariz no pano que lhe foi entregue, pois não levara sequer um lenço com ela, e de novo encostou a cabeça no ombro de Will. Como Will era bom. Nada o perturbava.

— Bom, Scarlett, é o seguinte: você tem nos mandado dinheiro o tempo todo e Ashley e eu, bem… Nós pagamos os impostos e compramos a mula e sementes

e alguns porcos e galinhas. A srta. Melly se virou muitíssimo bem com as galinhas, sim, senhora. É uma mulher formidável a srta. Melly. Bom, de todo jeito, depois de comprarmos coisas para Tara não sobrou muito para o supérfluo, mas ninguém reclamou. Afora Suellen.

"A srta. Melanie e a srta. Carreen ficam em casa e usam as roupas velhas como se tivessem orgulho delas, mas você conhece Suellen, Scarlett. Ela jamais se habituou a passar sem o que quer. Era uma pedra no sapato dela ter de usar vestidos velhos toda vez que eu a levava a Jonesboro ou a Fayetteville. Ainda mais que algumas daquelas senho…, mulheres *carpetbaggers* viviam se exibindo com vestidos da moda. As esposas desses malditos ianques que dirigem o Departamento de Libertos se vestem nos trinques! Ora, parece uma questão de honra para as senhoras do condado vestir as piores roupas para ir à cidade, só para mostrar que não se importam e que se orgulham de usá-las. Mas não para Suellen. Ela também cismou de querer um cavalo e uma carruagem. Reclamou que você tinha uma."

— Não é uma carruagem, é uma charrete velha — retrucou Scarlett, indignada.

— Bom, não importa. Aliás, é bom que eu lhe diga que Suellen nunca superou seu casamento com Frank Kennedy, e não sei se a culpo. Você sabe que foi um golpe meio sujo para dar na própria irmã.

Scarlett ergueu a cabeça do ombro dele, furiosa como uma cobra pronta a dar o bote.

— Golpe sujo? Agradeço se você morder essa sua língua, Will Benteen! Tenho culpa de Frank ter preferido ficar comigo e não com ela?

— Você é uma moça esperta, Scarlett, e imagino que possa tê-lo estimulado a fazer essa escolha. As moças sempre podem fazer isso. Mas aposto que você deu um jeito de enredá-lo. Quando quer, você sabe convencer alguém, mas o fato é que ele era namorado de Suellen. Ela tinha recebido uma carta dele uma semana antes de você ir para Atlanta e ele foi doce como mel e falou que os dois iam se casar assim que ele juntasse um dinheirinho. Sei disso porque ela me mostrou a carta.

Scarlett ficou muda porque sabia que era tudo verdade e não lhe ocorreu coisa alguma para dizer. Jamais esperara que justamente Will fosse julgá-la. Além do

mais, a mentira que contara a Frank nunca havia pesado muito em sua consciência. Se uma garota não conseguia segurar um namorado era porque merecia perdê-lo.

— Ora, Will, não seja cruel — disse ela. — Se Suellen tivesse se casado com Frank, você acha que ela gastaria um centavo com Tara ou com algum de nós?

— Eu disse que você sempre consegue o que quer — respondeu Will, virando-se para ela com um leve sorriso. — Não, não acho que veríamos um tostão do velho Frank. Mas não há como contornar a questão, foi um golpe sujo, e se você acha que o fim justifica os meios o problema não é meu. Quem sou eu para reclamar? Mas de todo jeito, Suellen vive enfurecida desde então. Acho que ela não sentia nada de mais pelo velho Frank, mas ficou com a vaidade meio ferida e vive dizendo que você tem roupas boas e uma carruagem e mora em Atlanta enquanto ela vive enterrada aqui em Tara. Ela adora fazer visitas e ir a festas, você sabe, e usar roupas bonitas. Não a culpo. As mulheres são assim.

"Bom, faz um mês mais ou menos, eu a levei a Jonesboro para fazer visitas enquanto cuidava dos meus assuntos, e no caminho de volta ela veio muda como se tivesse perdido a língua, mas dava para ver que estava a ponto de explodir de animação. Achei que tinha descoberto que alguém ia ter um… Que tinha ouvido algum mexerico interessante, e não dei muita atenção. Ela passou uma semana inteira muito empolagada e não disse muita coisa. Foi visitar a srta. Cathleen Calvert… Scarlett, você ia chorar se visse a srta. Cathleen. Coitada, antes estivesse morta do que casada com aquele ianque pusilânime, o Hilton. Sabia que ele hipotecou a casa e a perdeu e os dois vão ser despejados?"

— Não, não sabia e nem quero saber. Quero saber do papai.

— Estou chegando lá — disse Will, com paciência. — Quando ela voltou, me falou que todos tínhamos julgado mal o tal do Hilton. Chamou o sujeito de sr. Hilton e falou que ele era um homem inteligente, mas nós rimos. Então, ela passou a levar seu pai para passear durante a tarde, e várias vezes quando estava voltando do campo eu a vi sentada com ele no muro em volta do cemitério, falando em um tom agitado e gesticulando. E o pobre coitado simplesmente a olhava meio confuso e balançava a cabeça. Você sabe como ele andava, Scarlett. Estava ficando cada dia mais alheio, como se mal soubesse onde estava e quem éramos nós. Uma vez, eu a vi apontando para o túmulo da sua mãe e o velho

começou a chorar. E quando ela voltou para casa, toda feliz e animada, passei um sermão e falei grosso: “Srta. Suellen, por que diabos você anda atormentando o coitado do seu pai e falando da sua mãe com ele? Na maior parte do tempo ele não se dá conta de que ela morreu e você fica esfregando isso no nariz dele.” Ela jogou a cabeça para trás, riu e disse: “Cuide da sua vida. Um dia, vocês todos vão me agradecer pelo que estou fazendo.” A srta. Melanie me contou ontem à noite que Suellen lhe falou dos planos que tinha, mas que não fazia ideia de que Suellen estivesse falando sério. Disse que não contou a nenhum de nós porque só de pensar nisso já ficava nervosa.

— De pensar no quê? Que tal ir direto ao ponto? Estamos a meio caminho de casa. Quero saber do papai.

— Estou tentando lhe contar — disse Will —, e estamos tão perto que acho melhor dar uma paradinha até eu terminar.

Ele largou as rédeas e o cavalo parou e bufou. Haviam parado ao lado da cerca viva que já quase virara mato e que demarcava a propriedade MacIntosh. Olhando por baixo das árvores escuras, Scarlett foi capaz de discernir as altas chaminés fantasmagóricas que ainda se erguiam acima das ruínas silenciosas. Desejou que Will tivesse escolhido outro lugar para parar.

— Bem, trocando em miúdos, a ideia de Suellen era fazer os ianques pagarem pelo algodão que queimaram e pelo gado que afugentaram e pelas cercas e celeiros que derrubaram.

— Os ianques?

— Você não soube? O governo ianque vem pagando indenizações por todas as propriedades destruídas pertencentes aos simpatizantes da União no Sul.

— Claro que eu soube — disse Scarlett. — Mas o que isso tem a ver conosco?

— Um bocado, na opinião de Suellen. Nesse dia em que a levei a Jonesboro, ela esbarrou na sra. MacIntosh e, enquanto mexericavam, Suellen reparou nas roupas bem-feitas da sra. MacIntosh e não se conteve e perguntou a respeito. A sra. MacIntosh ficou toda convencida e disse como o marido havia entrado com uma queixa contra o governo federal por ter destruído a propriedade de um leal simpatizante da União que jamais dera ajuda e conforto de qualquer tipo à Confederação.

— Eles nunca deram ajuda e conforto a ninguém — rebateu Scarlett. — Escoceses-irlandeses!

— Talvez seja verdade. Não os conheço. De todo jeito, o governo deu a eles, bem… Esqueço quantos milhares de dólares. Mas foi uma quantia bem generosa. Isso acendeu uma luz na cabeça de Suellen. Ela ruminou a semana toda a ideia e não nos disse nada, porque sabia que iríamos rir. Mas tinha de falar com alguém, por isso foi à casa da srta. Cathleen, e daquela maldita ralé branca, Hilton, que deu a ela novas ideias. Falou que seu pai sequer nasceu neste país, que não lutou na guerra e não tinha filhos para lutarem, que nunca ocupou cargos na Confederação. Disse que poderia enfatizar o fato de que o sr. O'Hara era um leal simpatizante da União. Encheu-a dessas balelas e ela voltou para casa e começou a azucrinar o sr. O'Hara. Scarlett, aposto minha alma que seu pai nem dava conta do que ela estava dizendo a maior parte do tempo. Era com isso que Suellen contava, que ele fosse fazer o juramento sem sequer se dar conta.

— Papai fazer o Juramento de Lealdade à União?! — exclamou Scarlett.

— Bom, ele andava muito fraco da cabeça nesses últimos meses e acho que ela estava contando com isso. Veja bem, nenhum de nós desconfiou de nada. Sabíamos que ela estava armando alguma, mas não que estava usando a sua falecida mãe para censurá-lo porque as filhas estavam vestindo farrapos quando ele podia arrancar cento e cinquenta mil dólares dos ianques.

— Cento e cinquenta mil dólares... — murmurou Scarlett, seu horror ao juramento fraquejando.

Quanto dinheiro! E em troca de uma mera assinatura de um juramento de lealdade ao governo dos Estados Unidos, um juramento declarando que o signatário sempre apoiou o governo e jamais deu ajuda e conforto a seus inimigos. Cento e cinquenta mil dólares! Tanto dinheiro por uma mentira tão pequena! Bem, não podia culpar Suellen. Santo Deus! O que teria querido dizer Alex com aplicar-lhe chicotadas? Por que o condado estava querendo acabar com ela? Idiotas, todos eles. O que ela, Scarlett, não faria com tanto dinheiro! O que não faria qualquer um dos moradores do condado com esse dinheirão! E qual a importância de uma mentira tão pequena? Afinal, qualquer coisa que se pudesse arrancar dos ianques era dinheiro limpo, independentemente de como fosse arrancado.

— Ontem, por volta de meio-dia, quando Ashley e eu estávamos cortando madeira, Suellen pegou esta carroça, botou seu pai aqui dentro e os dois foram para a cidade sem dizer nada a ninguém. A sra. Melly suspeitou do que se tratava, mas rezou para que algo fizesse Suellen mudar de ideia e não disse nada a mais ninguém. Simplesmente não conseguia imaginar como Suellen pudesse fazer uma coisa dessas.

"Hoje eu soube o que aconteceu. Aquele pusilânime do Hilton tinha alguma influência sobre outros *scallawags* e Republicanos na cidade, e Suellen concordou em dar a eles uma parte do dinheiro, não sei quanto, se eles meio que dessem força ao fato de o sr. O'Hara ser um homem leal à União e ao fato de ser irlandês e não ter lutado no Exército e tudo o mais, e assinassem cartas de recomendação. Seu pai só precisava fazer o juramento, assinar o papel e enviar para Washington.

"Eles leram em voz alta bem rápido o juramento e ele não disse nada e foi tudo bem até a hora da assinatura. Aí, o velho meio que caiu em si por um minuto e balançou a cabeça. Acho que não sabia realmente o que era aquilo, mas não gostou, e Suellen sempre lidou com ele de um jeito inadequado. Bom, isso a fez ter um ataque de nervos depois de tanto trabalho para chegar até ali. Ela o levou embora da repartição e ficou andando com ele para baixo e para cima de carroça, falando que a sua mãe estava chorando na cova por ele deixar as filhas sofrerem, quando podia lhes prover conforto. Me disseram que o seu pai ficou ali na carroça chorando que nem bebê, como acontece toda vez que ouve o nome dela. Todo mundo na cidade viu, e Alex Fontaine foi até lá saber o que estava acontecendo, mas Suellen o botou para correr e o mandou cuidar da própria vida. Ele ficou furioso.

"Não sei de onde ela tirou a ideia, mas a certa altura da tarde comprou uma garrafa de conhaque e levou o sr. O'Hara de volta à repartição e começou a servir a ele a bebida. Scarlett, faz mais de um ano que não temos bebida alcoólica em Tara, só um pouco de vinho de amora e vinho feito em casa pela Dilcey, e o sr. O'Hara não está habituado a beber. Ele ficou totalmente embriagado e, depois que Suellen brigou e insistiu durante algumas horas, ele cedeu e disse que assinaria o que ela quisesse. Trouxeram de novo o juramento e, quando ele já ia assinar, Suellen cometeu um erro. Ela disse: 'Muito bem.

Acho que os Slatterys e os MacIntoshes não vão mais se fazer de convencidos conosco agora!’ Veja, Scarlett, os Slatterys tinham pedido uma indenização bem alta por aquele casebre que os ianques queimaram, e o marido de Emmie fez o pedido chegar a Washington para eles.

“Me disseram que, quando Suellen mencionou esses nomes, seu pai meio que se aprumou e olhou para ela, zangado. Não estava mais alheio e disse: ‘Os Slatterys e os MacIntoshes assinaram um papel como este?’ Suellen ficou nervosa e disse ‘sim’, depois ‘não’, e gaguejou e ele gritou bem alto: ‘Diga logo: esses malditos protestantes Orange e aquele maldito branco pobretão assinaram um papel como este?’ E o tal de Hilton falou com aquela voz sebosa: ‘Sim, senhor, eles assinaram e levaram um monte de dinheiro, como o senhor vai levar.’

“Então, o velho soltou um rugido de fazer tremer as paredes. Alex Fontaine me disse que ouviu lá do *saloon* no final da rua. E depois seu pai falou com um sotaque muito marcado: ‘E vocês pensaram que um O’Hara de Tara ia andar na mesma trilha imunda de um maldito protestante Orange e de um maldito branco pobretão?’ Depois rasgou o papel em dois e atirou em Suellen, gritando ‘Você não é filha minha!’ e saiu do escritório num abrir e fechar de olhos.

“Alex disse que viu quando ele veio para a rua parecendo um touro bravo. Que o velho parecia o mesmo de antes, pela primeira vez desde a morte da sua mãe. Disse que estava bêbado e berrando impropérios a plenos pulmões. Alex disse que nunca tinha ouvido palavrões como aqueles. O cavalo de Alex estava bem ali e o seu pai montou nele e sem adeus disparou numa nuvem de poeira tão espessa que dava para sufocar, praguejando sem cessar.

“Bom, por volta do entardecer, Ashley e eu estávamos sentados na escada da entrada, olhando a estrada e um bocado preocupados. A srta. Melly estava lá em cima, chorando sem nos dizer nada. De repente, ouvimos um barulhão na estrada e alguém gritando como se estivesse caçando raposa, e Ashley disse: ‘Que estranho! Parece o sr. O’Hara quando costumava ir a cavalo nos visitar antes da guerra.’

“Foi quando o vimos lá para os lados do pasto. Deve ter pulado a cerca bem ali. E saiu cavalgando a toda morro acima, cantando a plenos pulmões, como se a vida fosse cor-de-rosa. Eu não sabia que o seu pai tinha aquela baita voz.

Estava cantando ‘Peg in a Low-backed Car’ e batendo no cavalo com o chapéu e o cavalo correndo que nem doido. Não puxou a rédea quando chegou perto do topo e nós vimos que ele ia pular a cerca do pasto e demos um salto, mortos de medo, e ele gritou: ‘Olha, Ellen! Me veja pular esta!’ Mas o cavalo parou diante da cerca e não pulou. E o seu pai passou por cima dele. Não sofreu nadinha. Já estava morto quando chegamos lá. Acho que quebrou o pescoço.”

Will esperou um minuto para que ela falasse e, quando isso não aconteceu, pegou as rédeas.

— Eia, Sherman! — comandou, e o cavalo tomou o caminho de casa.

Capítulo 40

Scarlett dormiu pouco naquela noite. Quando veio a aurora e o sol começou a surgir acima dos pinheiros negros dos morros a leste, ela se levantou da cama desfeita e, sentando-se em um banquinho junto à janela, deitou a cabeça cansada no braço e olhou por sobre o celeiro e o pomar de Tara para os campos de algodão. Tudo estava fresco e orvalhado e silencioso e verde, e a visão dos campos de algodão trouxe um pouco de consolo e serenidade ao seu coração ferido. Tara, ao nascer do sol, parecia amada, bem cuidada e em paz, embora seu dono estivesse morto. O galinheiro de madeira atarracado recebera um reboco de barro como proteção contra ratazanas e doninhas, bem como caiação, assim como o estábulo. A horta com seus canteiros de milho, abóboras amarelas, vagens e nabos parecia bem capinada e muito bem cercada com estacas de carvalho. O pomar não tinha mato algum, e apenas margaridas cresciam sob os longos corredores de árvores. O sol destacava com um brilho suave as maçãs e os rosados pêssegos aveludados meio escondidos entre as folhas verdes. Abaixo ficavam os corredores sinuosos de algodão, imóveis e verdes sob o dourado do sol nascente. Patos e galinhas rumavam, gingando desengonçados, para os campos, já que sob os arbustos na terra fofa arada se escondiam as minhocas e lesmas mais suculentas.

O coração de Scarlett se aqueceu com afeto e gratidão por Will, que fizera tudo aquilo. Mesmo sua lealdade a Ashley não podia fazê-la crer que fosse dele a responsabilidade por grande parte daquele bem-estar, pois o florescimento de Tara não era obra de um fazendeiro-aristocrata, mas do “pequeno fazendeiro” esforçado, incansável, que amava a sua terra. Era uma fazenda de “dois vinténs”, não a propriedade senhorial de antanho, com os pastos cheios de mulas e cavalos de raça e campos de algodão se estendendo até onde a vista alcançava. Mas o que havia ali era bom e os hectares hoje improdutivos poderiam ser retomados

quando as coisas melhorassem, e se mostrariam ainda mais férteis após aquele descanso.

Will fizera mais que meramente cultivar uns poucos hectares. Mantivera diligentemente ao largo os dois inimigos dos fazendeiros da Georgia: os brotos de pinheiro e as sarças da amoreira. Eles não haviam se apossado da horta e do pasto, nem da plantação de algodão e do gramado, espalhando-se insolentemente pelas varandas de Tara, como vinha ocorrendo em inúmeras fazendas em todo o estado.

O coração de Scarlett pulou uma batida quando pensou em como Tara chegara perto de voltar a ser um matagal. Ela e Will tinham feito um bom trabalho. Tinham evitado ataques dos ianques, dos *carpetbaggers* e da natureza. E, o melhor de tudo, Will lhe dissera que depois que colhessem o algodão no outono, ela não precisaria mais mandar dinheiro — a menos que algum *carpetbagger* cobiçasse Tara e elevasse os impostos às alturas. Scarlett sabia que Will teria dificuldades sem a sua ajuda, mas admirava e respeitava a sua independência. Enquanto ocupara a posição de empregado contratado, aceitara receber dinheiro dela, mas agora que se tornaria cunhado e chefe da casa, pretendia depender do próprio esforço. Sim, Will havia sido uma bênção de Deus.

Pork cavara a sepultura na véspera, junto ao túmulo de Ellen, e ali estava, segurando a pá, perto do barro vermelho úmido que logo devolveria ao seu lugar. Scarlett, atrás dele sob a sombra de um cedro de galhos baixos e retorcidos, se protegia do sol forte da manhã de junho e tentava desviar o olhar da cova vermelha à sua frente. Jim Tarleton, o pequeno Hugh Munroe, Alex Fontaine e o neto caçula do velho McRae vinham, em ritmo lento e desajeitado, descendo o caminho que saía da casa, carregando o caixão de Gerald pousado sobre duas tábuas de carvalho. Em seguida, a uma distância respeitosa, acompanhava o cortejo um grande grupo de vizinhos e amigos, pobremente vestidos e em silêncio. Conforme se aproximavam da trilha ensolarada que atravessava a horta, Pork pousou a cabeça sobre o cabo da pá e chorou. Scarlett viu, então, indiferentemente surpresa, que a carapinha que era negra como breu quando ela partira para Atlanta poucos meses antes estava agora grisalha.

Agradeceu, cansada, a Deus por ter chorado todas as lágrimas na noite anterior, de modo a poder agora ficar empertigada e com os olhos secos. O som do choro de Suellen, logo às suas costas, a irritou profundamente e a obrigou a cerrar os punhos para não ceder ao impulso de se virar e dar um tapa naquele rosto inchado. Sue fora a causa da morte do pai, intencionalmente ou não, e devia ter a decência de se controlar na frente dos vizinhos hostis. Nem uma única pessoa falara com ela naquela manhã ou lhe lançara um olhar de solidariedade. Haviam beijado Scarlett em silêncio, apertado sua mão, murmurado palavras gentis para Carreen e até mesmo para Pork, mas todos ignoraram Suellen como se ela não estivesse ali.

Para os presentes, ela fizera pior que assassinar o pai. Tentara traí-lo, forçando-o a ser desleal ao Sul. E para aquela comunidade unida e sombria, era como se ela tivesse tentado trair a honra de todos. Destruíra a aparência sólida que o condado mostrava ao mundo. Com a sua tentativa de arrancar dinheiro do governo ianque, ela se equiparara aos *carpetbaggers* e aos *scallawags*, inimigos mais odiados do que os soldados ianques jamais haviam sido. Ela, integrante de uma família confederada tradicional e proeminente, uma família de fazendeiros, passara para o lado dos inimigos e, ao fazê-lo, envergonhara todas as famílias do condado.

Os enlutados estavam fervendo de indignação e acabrunhados de tristeza, sobretudo três deles — o velho McRae, amigo de Gerald desde que viera de Savannah tantos anos antes, a avó Fontaine, que o amava por ser o marido de Ellen, e a sra. Tarleton, que lhe fora mais próxima do que qualquer outro vizinho, pois, como costumava dizer, Gerald era o único homem do condado que sabia distinguir um garanhão de um castrado.

Ver os rostos fechados daqueles três na sala mal-iluminada onde Gerald jazia antes do enterro despertou certa apreensão em Ashley e Will, e os dois se retiraram para o escritório de Ellen para confabular.

— Alguém ali vai falar alguma coisa sobre Suellen — disse Will abruptamente, mordendo a palha que levou à boca e cortando-a ao meio. — Eles acham que têm o direito de dizer alguma coisa. Talvez tenham, não me cabe decidir. Mas, Ashley, estejam eles certos ou errados, já que nós dois somos os homens da família, teremos de responder à altura, e então vai haver problema.

Ninguém pode fazer nada com o velho McRae porque ele é surdo que nem uma porta e não vai ouvir os outros mandarem que cale a boca. E você sabe que não existe no mundo de Deus quem impeça a avó Fontaine de falar o que pensa. Quanto à sra. Tarleton… Você reparou que ela revira aqueles olhinhos ruços toda vez que olha para Sue? Está de orelha em pé e mal pode esperar. Se disserem alguma coisa, vamos precisar reagir, e já temos problemas suficientes em Tara para ainda arrumar encrenca com os vizinhos.

Ashley suspirou, preocupado. Conhecia o humor dos vizinhos melhor que Will e se lembrava de que metade das brigas e algumas trocas de tiros na época anterior à guerra se deviam ao hábito do condado de falar algumas palavras diante dos caixões de vizinhos falecidos. Os discursos costumavam ser extremamente elogiosos, mas nem sempre. Às vezes palavras ditas com o maior respeito acabavam mal interpretadas por parentes extenuados dos mortos e mal a terra se amontoava sobre o caixão, os problemas começavam.

Na ausência de um padre, coube a Ashley presidir o rito fúnebre com a ajuda do livro de orações de Carreen, uma vez que a assistência dos pastores metodista e batista de Jonesboro e Fayetteville havia sido delicadamente dispensada. Carreen, católica mais devota que as irmãs, ficara muito nervosa por Scarlett não ter levado com ela um padre de Atlanta e apenas se acalmou um pouco quando lhe recordaram que quando o padre fosse a Tara casar Will e Suellen, lhe pediriam para rezar sobre o túmulo de Gerald. Fora Carreen quem vetara os pastores protestantes vizinhos e entregara o assunto nas mãos de Ashley, marcando em seu livro as passagens para a leitura. Ashley, encostado na velha escrivaninha, estava ciente de que a missão de impedir problemas era dele e, sabendo como era curto o pavio do condado, se viu perdido quanto a como proceder.

— Não tem saída, Will — disse, desalinhando o cabelo lustroso. — Não posso derrubar a avó Fontaine nem o velho McRae, nem tapar a boca da sra. Tarleton. E o mínimo que eles vão dizer é que Suellen é uma assassina e uma traidora e que se não fosse ela o sr. O’Hara ainda estaria vivo. Maldito seja esse costume de discursar em enterros. É uma barbárie.

— Ouça, Ashley — disse Will, devagar. — Não tenho a intenção de deixar ninguém falar contra Suellen, pensem eles o que quiserem. Deixe comigo.

Quando você terminar a leitura e as orações, diga o seguinte: “Se alguém desejar dizer algumas palavras…” E olhe bem para mim, para que eu seja o primeiro.

Scarlett, porém, vendo a dificuldade dos carregadores do caixão para passar pela entrada estreita que levava ao cemitério, nem pensava na ocorrência de problemas após o enterro. Pensava, sim, com um aperto no coração, que ao enterrar Gerald enterrava um dos últimos elos que a ligava aos velhos tempos de felicidade e irresponsabilidade.

Finalmente, os carregadores pousaram o caixão próximo à sepultura e ficaram de pé flexionando os dedos doloridos. Ashley, Melanie e Will se aproximaram e se postaram atrás das irmãs O’Hara. Os vizinhos mais chegados se posicionaram com dificuldade às suas costas, e os demais ficaram atrás do muro de tijolos. Scarlett, vendo efetivamente o grupo pela primeira vez, se surpreendeu com a quantidade de presenças. Com os meios de transporte tão limitados, era muita gentileza tanta gente ter comparecido. Havia umas cinquenta ou sessenta pessoas, algumas vindas de tão longe que ela se perguntou como teriam sabido com antecedência suficiente para estar ali. Famílias inteiras de Jonesboro e Fayetteville e Lovejoy apareceram, levando com elas alguns criados negros. Muitos pequenos fazendeiros residentes no outro lado do rio estavam lá, bem como roceiros do meio do mato e um punhado de moradores do pântano. Esses homens do pântano eram esbeltos gigantes barbudos, vestindo roupas tecidas em casa, usando chapéus de pele na cabeça, carregando rifles com desenvoltura, o tabaco de mascar imóvel na bochecha. As esposas os acompanhavam, os pés descalços afundando na terra macia, os lábios inferiores mostrando resíduos de rapé. Seus rostos, sob os chapéus de sol, eram encovados e macilentos, mas impecavelmente limpos, e seus recém-passados vestidos de saco tiniam de goma.

Os vizinhos mais íntimos estavam todos lá. A avó Fontaine, murcha, enrugada e amarelada como um velho pássaro trocando de penas, se apoiava na bengala, e atrás dela, Sally Munroe Fontaine e a jovem srta. Fontaine tentavam em vão, com sussurros insistente e puxões na sua saia, fazerem a idosa se sentar no muro de tijolos. Seu marido, o velho doutor, não estava presente. Morrera dois meses antes e boa parte da maliciosa alegria de viver se apagara dos olhos da anciã. Cathleen Calvert Hilton comparecera sozinha, como competia a alguém cujo marido ajudara a provocar a tragédia, e o chapéu de sol desbotado escondia os

olhos fixos no chão. Scarlett viu, com espanto, que o vestido de percal ostentava manchas de gordura e que as mãos da mulher tinham sardas e estavam sujas, e sob as unhas havia linhas negras. Nada ali denotava uma origem refinada. Cathleen parecia uma roceira ou pior ainda. Sua aparência era de branca pobretona, indolente, desleixada, insignificante.

Não demora vai estar usando rapé, se é que já não está, pensou Scarlett, horrorizada. *Senhor, que d*ecadência!

Estremeceu, desviando os olhos de Cathleen quando se deu conta de como era estreito o abismo entre a elite e os brancos pobres.

Não fosse por um bocado de iniciativa, eu estaria assim, pensou, e se encheu de orgulho ao perceber que ela e Cathleen haviam recomeçado com as mesmas ferramentas após a rendição — as mãos vazias e o que tinham na cabeça.

Não me saí tão mal, pensou, erguendo o queixo e sorrindo.

Mas suprimiu, imediatamente, o sorriso ao ver o olhar escandalizado que lhe lançou a sra. Tarleton. Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar e, depois de fazer uma expressão de censura na direção de Scarlett, ela voltou a fixar a atenção em Suellen, com a expressão dura de quem deseja mal a outrem. Atrás dela e do marido estavam as quatro irmãs Tarleton, cujos cachos vermelhos eram notas indecorosas na ocasião solene, os olhos ruços ainda parecendo os olhos de jovens animais cheios de vitalidade, atentos e perigosos.

Pés se imobilizaram, chapéus foram removidos, mãos se juntaram em prece e saias se aquietaram quando Ashley deu um passo à frente com o desgastado Livro de Orações de Carreen nas mãos. Baixou a cabeça por um instante, com a luz do sol se refletindo no cabelo dourado. Um profundo silêncio se abateu sobre o grupo, tão profundo que o sussurro áspero do vento nas folhas de magnólia soou claro aos ouvidos de todos e a distante repetição do canto de um rouxinol pareceu insuportavelmente alta e triste. Ashley começou a ler as preces e todas as cabeças baixaram enquanto a sua voz lindamente modulada e ressonante recitava as palavras breves e dignas.

Ah, pensou Scarlett, com o coração apertado. *Como é linda a voz dele! Se alguém precisava fazer isso pelo papai, fico feliz que seja Ashley. Prefiro que seja ele e não um padre. Prefiro que papai seja enterrado por alguém da família do que por um* estranho.

Quando chegou à parte das orações referente às almas do Purgatório, que Carreen havia marcado para ser lida, Ashley fechou o livro abruptamente. Somente Carreen percebeu a omissão e ergueu os olhos, perplexa, quando ele começou a recitar o Pai-Nosso. Ashley sabia que os presentes jamais tinham ouvido falar do Purgatório e os que tinham encarariam a leitura como uma afronta pessoal, se ele insinuasse, ainda que em uma oração, que um homem tão bom quanto o sr. O'Hara não iria direto para o Céu. Assim, em respeito à opinião pública, achou por bem pular qualquer menção ao Purgatório. O grupo se uniu com fervor para rezar o Pai-Nosso, mas as vozes se reduziram quando começou a Ave-Maria. Jamais haviam ouvido essa prece e se olharam furtivamente quando as irmãs O'Hara, Melanie e os criados de Tara responderam: "Rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte, amém."

Ashley então ergueu a cabeça e ficou ali parado, indeciso. Os vizinhos o observavam ansiosos, enquanto se posicionavam mais confortavelmente para ouvir uma longa sessão de discursos. Aguardavam que ele desse prosseguimento à cerimônia, não tendo ocorrido a qualquer dos presentes que ele chegara ao fim das orações católicas. Os enterros no condado eram sempre longos. Os ministros batistas e metodistas que os oficiavam não tinham orações pré-determinadas, mas improvisavam na medida do que demandavam as circunstâncias e raramente concluíam antes que todos os presentes estivessem em lágrimas e as parentes do falecido externassem os próprios sentimentos aos gritos. Os vizinhos ficariam espantados, ofendidos e indignados caso aquelas breves orações constituíssem a cerimônia toda em honra do amado amigo, e ninguém sabia melhor disso que Ashley. O assunto seria discutido nas mesas de jantar durante semanas e o condado concluiria que as irmãs O'Hara não haviam demonstrado o devido respeito pelo pai.

Por isso, depois de dirigir um olhar de desculpas a Carreen, baixando novamente a cabeça, ele começou a recitar, de cor, o rito episcopal de sepultamento que costumava ler quando os escravos eram enterrados em Twelve Oaks.

— "Sou a Ressurreição e a Vida… E quem acredita em Mim jamais perecerá."

As palavras não lhe ocorreram prontamente e ele falava devagar, vez por outra emudecendo um instante, à espera de que as frases brotassem em sua memória.

Mas essa citação pausada tornou as palavras mais significativas e os enlutados, que até então estavam com os olhos secos, começaram a lançar mão de seus lenços. Como praticamente todos ali eram batistas e metodistas empedernidos, a impressão foi de que se tratava de uma cerimônia católica, o que os levou a repensar a ideia de que o rito católico era frio e papista. Scarlett e Suellen, igualmente ignorantes, acharam as palavras bonitas e confortadoras. Apenas Melanie e Carreen se deram conta de que um devoto irlandês católico estava sendo entregue ao descanso eterno segundo o rito da Igreja Protestante. E Carreen, atônita demais diante do luto e da mágoa pela traição de Ashley, não interveio.

Quando terminou, Ashley abriu bem os olhos cinzentos e encarou os presentes. Depois de uma pausa, seu olhar cruzou com o de Will e ele disse:

— Alguém aqui presente deseja dizer umas palavras?

A sra. Tarleton se agitou, nervosa, mas antes que pudesse agir, Will deu um passo à frente e, junto à cabeceira do caixão, começou a falar.

— Amigos — disse em seu habitual tom sereno —, vocês talvez pensem que estou dando um passo além das minhas pernas falando em primeiro lugar, logo eu, que não conhecia o sr. O'Hara até cerca de um ano atrás, quando todos aqui foram seus amigos durante vinte anos ou mais. Mas a minha desculpa é que, se ele tivesse vivido mais um mês, eu ganharia o direito de chamá-lo de pai.

Uma onda de surpresa varreu a audiência. Todos eram educados demais para cochichar, mas se remexeram e se viraram para Carreen, cuja cabeça estava baixa. Era bem conhecida a total devoção de Will a ela. Percebendo a direção de todos os olhares, Will prosseguiu como se não tivesse notado.

— Assim, como vou me casar com a srta. Suellen logo que o padre vier de Atlanta, achei que talvez isso me desse o direito de falar em primeiro lugar.

A última parte do discurso se perdeu em meio a um zumbido sibilante que permeou toda a audiência, um zumbido zangado como o de uma abelha. Havia naquele som indignação e desapontamento. Todos gostavam de Will, todos o respeitavam pelo que fizera por Tara. Todos sabiam que a sua afeição era por Carreen, de modo que a notícia de que iria se casar com a pária da vizinhança em vez da irmã caiu mal. O bom e velho Will se casando com aquela cobra venenosa da Suellen O'Hara!

Por um instante pairou no ar uma tensão. Os olhos da sra. Tarleton começaram piscar e seus lábios, a formar palavras silenciosas. No silêncio, a voz ruidosa do velho McRae pôde ser ouvida implorando ao neto que lhe contasse o que fora dito. Will encarou a todos, ainda com expressão serena, mas havia algo em seus olhos claros que os desafiava a dizer uma palavra que fosse contra sua futura esposa. Durante um instante, a balança oscilou entre a afeição honesta que todos nutriam por Will e o desprezo que sentiam por Suellen. E Will venceu. Prosseguiu, então, como se a pausa que havia feito fosse natural.

— Não conheci o sr. O'Hara em seu apogeu, como todos vocês conheceram. Conheci pessoalmente apenas um cavalheiro formidável que era um tantinho alheio. Mas eu soube por vocês tudo sobre como ele costumava ser. E quero dizer o seguinte: ele foi um irlandês batalhador e um cavalheiro sulista tão leal à Confederação quanto o mais leal confederado que já existiu. Não existe melhor combinação que essa. E não é provável que vejamos muitos como ele, porque a época que gerou homens assim também morreu. Ele nasceu em um país estrangeiro, mas o homem que estamos hoje enterrando era mais georgiano que qualquer um de nós, que lamentamos a sua morte. Ele viveu a nossa vida, amou a nossa terra e, se pensarmos bem, morreu pela nossa Causa, exatamente como morreram os soldados. Foi um de nós e tinha nossas qualidades e nossos defeitos e nossa força e nossas fraquezas. Tinha nossas qualidades no sentido de que nada podia detê-lo quando decidia alguma coisa e não tinha medo de coisa alguma que calçasse sapato de couro. Não havia nada *vindo de fora* que pudesse acabar com ele.

"Não teve medo do governo inglês quando quiseram enforcá-lo. Simplesmente desapareceu. E quando veio para este país sem nada, nem por isso se assustou. Trabalhou e ganhou dinheiro. E não teve medo de se estabelecer em uma terra ainda em parte selvagem, de onde os índios tinham acabado de ser expulsos. Transformou o que era floresta em uma grande fazenda. E, quando veio a guerra e o dinheiro começou a faltar, não teve medo de ficar pobre de novo. E quando os ianques chegaram e com eles o risco de morrer queimado ou à bala, ele também não se abalou nem foi vencido. Simplesmente fincou o pé e se impôs. Por isso digo que ele tinha nossas qualidades. Não existe nada *de fora* que possa acabar com nenhum de nós.

“Mas ele tinha nossas fraquezas também, pois podia ser abatido pelo que vem de dentro. Quero dizer que o que o mundo todo foi incapaz de fazer, seu próprio coração fez. Quando a sra. O’Hara morreu, o coração dele morreu também e ele foi abatido. E o que víamos andando por aqui não era ele.”

Will fez uma pausa e seus olhos percorreram serenamente o grupo de presentes. Todos estavam de pé sob o sol quente como se reféns de um encantamento, e qualquer raiva que tivessem sentido de Suellen estava esquecida. Os olhos de Will pousaram por um instante em Scarlett e se apertaram nos cantos brevemente, como se internamente lhe enviassem um consolo sorridente. Scarlett, que vinha lutando contra as lágrimas iminentes, se sentiu de fato consolada. Will falava com bom senso, em vez de falar um monte de conversa fiada sobre encontros em outro mundo, um mundo melhor, e sobre sujeitar a própria vontade à de Deus. E Scarlett sempre encontrara conforto e força no bom senso.

— E não quero que nenhum de vocês o desmereça por ter baqueado. Vocês e eu também somos como ele. Temos as mesmas fraquezas e fracassos. Nada que caminha pode acabar conosco, como também não podia acabar com ele, nem ianques, nem *carpetbaggers*, nem tempos difíceis, nem impostos altos e nem mesmo a falta do que comer. Mas aquela fraqueza que existe em nossos corações pode acabar conosco num abrir e fechar de olhos. Nem sempre é a perda de alguém que amamos, como aconteceu com o sr. O’Hara. A mola propulsora é diferente de pessoa para pessoa. E quero dizer o seguinte: para aqueles cuja mola propulsora esteja avariada é preferível a morte. Não há lugar para eles no mundo hoje em dia, e eles serão mais felizes mortos… Por isso estou lhes dizendo que não há razão para sofrer pelo sr. O’Hara agora. A hora do luto foi lá atrás, quando Sherman chegou e ele perdeu a sra. O’Hara. Agora que o seu corpo se foi para se juntar ao coração, não vejo razão para lamentarmos, a menos que sejamos um bocado egoístas. E digo isso como alguém que o amou como se fosse um pai… Não haverá mais discursos, se vocês não se importarem. A família está abalada demais para ouvi-los e não seria caridoso com ela.

Will parou e, virando-se para a sra. Tarleton, disse em tom baixo:

— Por acaso eu poderia lhe pedir para levar Scarlett para casa, sra. Tarleton? Não é saudável para ela ficar tanto tempo debaixo do sol. E a avó Fontaine

também não me parece muito bem, com todo o respeito.

Surpresa com o desvio abrupto do discurso fúnebre para si, Scarlett corou de vergonha quando todos os olhos se voltaram para ela. Por que Will tinha de alardear sua já óbvia gravidez? Dirigiu-lhe um olhar indignado, mas a expressão plácida de Will aplacou-a.

"Por favor", seu olhar dizia, "eu sei o que estou fazendo."

Ele já era o dono da casa e, não querendo fazer uma cena, Scarlett se virou, impotente, para a sra. Tarleton, que, repentinamente distraída, como pretendera Will, de seus pensamentos sobre Suellen para o tópico sempre fascinante da maternidade, fosse animal ou humana, pegou o braço de Scarlett.

— Venha para casa, meu bem.

Seu rosto assumiu uma expressão de interesse generoso, atento, e Scarlett tolerou ser guiada por entre o grupo que se afastou, abrindo um caminho estreito para a sua passagem. Houve um murmúrio solidário quando ela passou e várias mãos se estenderam para tocar seu ombro e consolá-la. Ao se aproximar da avó Fontaine, a velha senhora estendeu uma garra esquálida.

— Me dê seu braço, menina — disse, acompanhando o comando com um olhar feroz para Sally e para a jovem Fontaine: — Não, vocês não. Não quero vocês.

Passaram devagar pelo grupo enlutado, que se fechou atrás delas, e subiram o caminho que levava à casa, a mão solícita da sra. Tarleton tão firme sob o cotovelo de Scarlett que quase a erguia do chão a cada passo.

— Ora, por que Will fez aquilo? — indagou Scarlett, zangada, assim que se afastaram e não podiam mais ser ouvidas. — Ele praticamente disse: "Olhem para Scarlett! Ela vai ter um bebê!"

— E você vai, não? — retrucou a sra. Tarleton. — Will agiu bem. Seria uma bobagem você ficar debaixo do sol quente, podendo desmaiar e perder a criança.

— Will não estava preocupado com a perda do bebê — disse a avó Fontaine, meio ofegante, enquanto se esforçava para vencer a escadaria da casa. Em seu rosto havia um sorriso sagaz. — Will é esperto. Não quis deixar que eu ou você, Beetrice, ficássemos junto ao túmulo. Teve medo do que diríamos e sabia que esse era o único jeito de se livrar de nós… E mais que isso. Ele não quis que Scarlett ouvisse a terra cair em cima do caixão. E tem razão. Lembre-se, Scarlett:

desde que não se ouça esse barulho, as pessoas não morrem para nós. Mas, depois que ouvimos… Bom, é o som mais terrivelmente decisivo no mundo… Me ajude a subir, menina, e me dê a mão, Beetrice. Scarlett precisa do seu braço tanto quanto de uma muleta, e eu não estou no meu auge, como bem observou Will… Will sabia que você era a favorita do seu pai e não quis piorar as coisas para você. Achou que não seria tão horrível para suas irmãs. Suellen tem a vergonha para sustentá-la e Carreen tem a Deus. Mas você não conta com nada, não é mesmo, menina?

— Não — respondeu Scarlett, ajudando a idosa a subir os degraus, levemente surpresa ante a verdade que discernira na velha voz esganiçada. — Nunca tive nada para me sustentar, com exceção da mamãe.

— Mas quando a perdeu, você descobriu que podia andar com as próprias pernas, não foi? Bom, tem gente que não pode. Seu pai era uma dessas pessoas. Will tem razão. Não lamente. Ele não conseguiria ir em frente sem Ellen e está mais feliz agora. Assim como eu estarei mais feliz quando reencontrar o velho doutor.

Falou sem demonstrar nenhum desejo de consolo, e as duas não a consolaram. Falou tão alegre e naturalmente como se o marido estivesse vivo em Jonesboro e uma curta viagem de charrete pudesse promover o encontro dos dois. A avó Fontaine era velha demais e experiente demais para temer a morte.

— Mas… A senhora também pode andar com as próprias pernas — disse Scarlett.

A velha senhora lhe lançou um olhar cintilante como o de um passarinho.

— Sim, mas é tremendamente desconfortável às vezes.

— Olhe só, vovó — interrompeu a sra. Tarleton —, a senhora não devia falar assim com Scarlett. Ela já está um bocado nervosa. Já fez uma viagem até aqui, já ficou apertada nesse vestido, já sofreu a perda do pai e o calor, já passou o suficiente para correr o risco de abortar sem essa conversa de sofrimento e luto.

— Pelo manto do Senhor! — exclamou Scarlett, irritada. — Não estou nervosa! E não sou uma daquelas idiotas adoentadas que têm abortos!

— Nunca se sabe — retorquiu a sra. Tarleton, com onisciência. — Perdi meu primeiro bebê quando vi um touro atacar um dos nossos pretos e… Você se

lembra da minha égua castanha, Nellie? Bem, ela era a égua mais saudável que já se viu, mas era nervosa e inquieta e se eu não a vigiasse, ela…

— Chega, Beetrice — disse a avó. — Scarlett não corre o risco de abortar. Vamos nos sentar na entrada, onde é mais fresco. Bate uma brisa gostosa aqui. Agora, vá buscar um copo de leitelho para nós, se houver na cozinha… Ou dê uma olhada na despensa para ver se tem vinho. Uma taça não me faria mal. Vamos ficar sentadas aqui até o pessoal vir se despedir.

— Scarlett devia se deitar — insistiu a sra. Tarleton, examinando-a de cima a baixo, com a expressão de quem é especialista em avaliar uma gravidez até o minuto final da sua duração.

— Vá logo — disse a avó, empurrando-a de leve com a bengala. A sra. Tarleton se dirigiu à cozinha, jogando o chapéu despreocupadamente sobre o console e passando a mão no úmido cabelo ruivo.

Scarlett recostou-se na cadeira e abriu os dois últimos botões da blusa apertada. Estava fresco e sombreado no hall de teto alto e a corrente de ar que circulava dos fundos para a frente da casa era refrescante após o calor do sol. Olhou dali para a sala de estar, onde Gerald ficara até a hora do enterro e, evitando com esforço pensar no pai, olhou para o retrato da avó Robillard pendurado acima da lareira. O retrato, com marcas de baioneta, onde a avó aparecia com o cabelo preso em um coque alto, com os seios semi-expostos e uma insolência indiferente, teve, como sempre, um efeito tonificante sobre ela.

— Não sei o que mais abalou Beetrice Tarleton, se foi perder os filhos ou os cavalos — disse a avó Fontaine. — Ela nunca se importou muito com Jim nem com as meninas, você sabe. É uma daquelas pessoas de que Will falou. Sua mola propulsora quebrou. Às vezes me pergunto se ela não vai pelo mesmo caminho que o seu pai. Jamais se sentiu feliz a menos que cavalos ou humanos estivessem parindo bem debaixo do seu nariz e nenhuma das meninas se casou ou tem alguma perspectiva de arrumar marido aqui no condado. Por isso, ela não tem nada com que ocupar a mente. Se não fosse essa dama inata que é, seria totalmente vulgar… Will falou a verdade quando disse que vai se casar com Suellen?

— Falou — disse Scarlett, encarando diretamente a idosa.

Nossa, como se lembrava da época em que morria de medo da avó Fontaine! Bem, crescera desde então e não demoraria muito para mandá-la para o inferno se viesse se meter nos assuntos de Tara.

— Ele poderia arrumar coisa melhor — disse a avó, honestamente.

— É mesmo? — retrucou Scarlett, com arrogância.

— Desça do seu pedestal, mocinha — rebateu a idosa com azedume. — Não vou atacar sua preciosa irmã, embora talvez fizesse isso, se tivesse ficado lá no cemitério. O que eu quis dizer é que com a escassez de homens na vizinhança, Will poderia se casar com praticamente qualquer moça. Tem as quatro gatas selvagens da Beetrice, as irmãs Munroe e as McRae…

— Ele vai se casar com Suellen e pronto.

— Suellen tem sorte por ficar com ele.

— Tara tem sorte por ficar com ele.

— Você ama este lugar, não?

— Sim.

— Ama tanto que não se importa de casar a sua irmã fora da classe dela, desde que tenha um homem à mão para cuidar de Tara?

— Classe? — exclamou Scarlett, espantada com a ideia. — Classe? Que diferença faz isso agora, desde que uma moça arrume um marido para cuidar dela?

— Essa é uma pergunta discutível. Tem gente que diria que você está falando com bom senso. Outros achariam que está baixando padrões que jamais deveriam ser baixados um centímetro. Will decerto não pertence à elite, e parte da sua família pertencia.

Os olhinhos penetrantes fitaram o retrato da avó Robillard.

Scarlett pensou em Will, magricela, comum, ameno, permanentemente mascando uma palha, toda a sua aparência enganosamente desprovida de energia, como a maioria dos roceiros. Não tinha como ascendência uma longa linhagem de abastança, proeminência e sangue nobre. O primeiro membro da família de Will a pisar no solo da Geórgia podia até ter sido um dos devedores de Oglethorpe ou um servo feudal. Will não frequentara a universidade. Na verdade, quatro anos em uma escola da roça era toda a instrução que havia tido. Era honesto e era leal, paciente e trabalhador esforçado, mas certamente não

pertencia à elite. Sem dúvida, pelos padrões Robillard, Suellen iria baixar de nível.

— Então, você aprova a entrada de Will na família?

— Sim — respondeu Scarlett, com veemência, pronta para avançar na velha quando ouvisse as primeiras palavras de reprovação.

— Pode me beijar — falou a vovó, para surpresa de Scarlett, sorrindo da maneira mais aprovadora. — Nunca gostei muito de você até agora, Scarlett. Você sempre foi dura como uma noz, mesmo na infância, e não gosto de mulheres duras, à exceção de mim mesma. Mas gosto do jeito como você enfrenta as coisas. Não faz tempestade com o que não pode ser evitado, mesmo quando é desagradável. Pula suas cercas corretamente, como um bom caçador.

Scarlett sorriu, insegura, e pousou os lábios obedientemente na bochecha murcha que lhe foi oferecida. Era agradável voltar a ouvir palavras de aprovação, mesmo sem fazer ideia direito do seu significado.

— Tem um bocado de gente por aqui que terá coisas a dizer sobre você permitir que Suellen se case com um roceiro, por mais que gostem de Will. Vão dizer na mesma frase que homem bom ele é e como é terrível para uma O'Hara ter um casamento inferior. Mas não deixe que isso incomode você.

— Jamais me incomodei com o que as pessoas falam.

— Foi o que me disseram. — Um quê de acidez tingiu o tom da idosa. — Bem, não se importe com o que o pessoal possa dizer. Provavelmente será um ótimo casamento. Claro que Will sempre será um roceiro, e o casamento não há de melhorar em nada a sua gramática. E mesmo que ele ganhe um monte de dinheiro, jamais emprestará brilho ou fulgor a Tara, como fez o seu pai. Roceiros não têm brilho para emprestar. Mas ele é um cavalheiro de coração. Tem os instintos certos. Ninguém senão um cavalheiro inato teria posto o dedo na nossa ferida como ele fez ainda agora ali no cemitério. O mundo todo não pode nos derrubar, mas nós podemos derrubar a nós mesmos, ansiando demais por coisas que já não temos, e recordando demais, também. Sim, Will vai fazer bem a Suellen e a Tara.

— Então a senhora aprova o fato de eu permitir o casamento?

— Meu Deus, não! — A voz idosa estava cansada e amarga, mas vigorosa também. — Aprovar a entrada de um roceiro em uma das famílias tradicionais?

Argh! Por acaso eu aprovaria a cruza de cavalos mestiços com puros-sangues? Ora, roceiros são boas pessoas, firmes, honestos, mas…

— Mas a senhora disse que achava que seria um casamento bem-sucedido! — exclamou Scarlett, confusa.

— Ah, eu acho que é bom para Suellen se casar com Will. Na verdade, se casar com qualquer um, porque ela precisa muito de um marido. E onde mais arrumaria alguém? E onde mais você arrumaria um bom administrador para Tara? Mas isso não significa que a situação me agrade mais que a você.

Mas a mim agrada, sim, pensou Scarlett, tentando entender o que a velha queria dizer. *Fico feliz com esse casamento. Por que ela acha que eu me importo? Está dando como certo que me importo* como ela.

Sentiu-se confusa e meio envergonhada, como sempre acontecia quando alguém lhe atribuía suas próprias emoções e razões, supondo que as partilhasse.

A vovó se abanou com sua folha de palmeira e prosseguiu:

— Não aprovo o casamento, assim como você não aprova, mas sou prática, assim como você. E, quando se trata de alguma coisa desagradável, mas que não pode ser evitada, não vejo sentido algum em gritar e esbravejar. Não é assim que se enfrenta os altos e baixos da vida. Sei disso porque minha família e a do velho doutor tiveram mais que a sua cota de altos e baixos. E o nosso mote é: "Não se desespere, sorria e aguarde a hora certa." Sobrevivemos a um bocado de coisas desse jeito, sorrindo e aguardando a nossa hora, e viramos especialistas em sobrevivência. Tivemos de virar. Sempre apostamos nos cavalos errados. Fomos enxotados da França com os huguenotes, da Inglaterra com os *cavaliers*, da Escócia com Charles Stuart, fomos enxotados do Haiti pelos pretos e agora fomos vencidos pelos ianques. Mas sempre acabamos por cima depois de uns poucos anos. Sabe por quê?

Ela inclinou a cabeça para o lado e Scarlett achou que não havia nada com que ela se parecesse mais do que com um velho e sábio papagaio.

— Não, decerto não sei — respondeu educadamente. Mas estava entediada, tão entediada como no dia em que a avó resolvera contar suas lembranças da rebelião de Creek.

— Bom, pelo seguinte motivo: baixamos a cabeça diante do inevitável. Não somos trigo, somos trigo sarraceno. Quando chega uma tempestade, ela arrasa o

trigo maduro porque é seco e não se verga com o vento. Mas o trigo sarraceno maduro se verga. E depois que o vento passa, ele volta a ficar quase tão ereto e forte quanto antes. Não somos o tipo de gente empertigada. Somos bem flexíveis quando bate um vento forte, porque sabemos que vale a pena sê-lo. Quando surgem os problemas, nos curvamos ao inevitável sem queixas, e trabalhamos e sorrimos e aguardamos a nossa hora. E nos unimos aos inferiores e tiramos deles o que podemos. E quando nos fortalecemos o bastante, chutamos aqueles em cujas cabeças subimos. Isso, menina, é o segredo da sobrevivência. — Depois de uma pausa, ela acrescentou: — E eu o lego a você.

A velha deu uma risada, como se as próprias palavras a divertissem, a despeito do veneno nelas contido. Adotou uma expressão de quem esperava algum comentário de Scarlett, que não achou nada para dizer, pois não vira nenhum sentido naquelas palavras.

— Não, senhor — prosseguiu a velha senhora —, nossa gente se verga, mas volta a se erguer, e isso é mais do que se pode dizer de muita gente aqui de perto. Veja Cathleen Calvert. Você sabe das origens dela. A pobretona branca! Muito inferior ao homem com quem se casou. Veja os McRaes. Esmagados, indefesos, sem saber o que fazer, sem saber como fazer coisa alguma. Sequer tentam. Passam o tempo todo choramingando pelos velhos tempos. E veja… Bem, veja quase todo mundo neste condado, com exceção do meu Alex, da minha Sally e de você e Jim Tarleton e suas filhas e alguns outros. O restante afundou porque não tinha flexibilidade alguma, porque não teve a iniciativa de se aprumar de novo. Nunca tiveram nada, salvo dinheiro e negros, e agora que o dinheiro e os negros se foram, eles serão roceiros na próxima geração.

— A senhora se esqueceu dos Wilkes.

— Não, não me esqueci. Só achei educado não mencioná-los, visto que Ashley é um convidado sob este teto. Mas já que você trouxe o nome deles à baila… Olhe para eles! India, por exemplo, que pelo que sei já é uma solteirona acabada, toda convencida de que é viúva porque Stu Tarleton foi morto e sem fazer esforço algum para esquecê-lo e tentar arrumar outro homem. Claro que ela está velha, mas podia arranjar um viúvo com família grande, se tentasse. E a coitada da Honey, que foi sempre uma tola louca por homens, com tanto juízo quanto uma pata choca. Quanto a Ashley, veja no que deu!

— Ashley é um homem muito bom — começou Scarlett, com ardor.

— Nunca disse que não era, mas está tão impotente quanto uma tartaruga de casco para cima. Se a família Wilkes superar estes tempos difíceis o mérito há de ser de Melly, não de Ashley.

— Melly! Meu Deus, vovó! Do que a senhora está falando? Morei com Melly tempo suficiente para saber que ela é doente e medrosa e não tem iniciativa para afugentar um ganso.

— E por que diabos alguém iria querer afugentar um ganso? Sempre me pareceu uma perda de tempo. Ela pode não afugentar um ganso, mas afugenta o mundo ou o governo ianque ou qualquer outra coisa que ameace o seu precioso Ashley ou o filho ou suas noções de etiqueta. O jeito dela não é o seu, Scarlett, nem o meu. É o jeito como sua mãe agiria se estivesse viva. Melly me lembra da sua mãe quando era jovem… E talvez ela consiga recuperar a família Wilkes.

— Ah, Melly é uma tolinha bem-intencionada. Mas a senhora está sendo muito injusta com Ashley. Ele é…

— Que nada! Ashley foi criado para ler livros e nada mais. Isso não ajuda um homem a sair de apuros sérios, como os que todos estamos enfrentando agora. Pelo que sei, ele é o pior lavrador do condado! Agora, compare-o ao meu Alex! Antes da guerra, Alex era o almofadinha mais imprestável do mundo e jamais pensou em algo além de uma gravata nova ou se embebedar e atirar em alguém e correr atrás de garotas que não eram as melhores do mundo. Mas olhe para ele agora! Aprendeu a ser fazendeiro porque precisou aprender. Do contrário, morreria de fome e nós também. Agora cultiva o melhor algodão do condado. Sim, mocinha! É um bocado melhor que o algodão de Tara! E sabe o que fazer com porcos e galinhas. É um ótimo rapaz, apesar do mau gênio. Sabe como aguardar sua hora e mudar com as mudanças e quando toda essa tragédia de Reconstrução acabar, você verá o meu Alex ficar tão rico quanto o pai e o avô dele. Mas Ashley…

Scarlett começou a se irritar com as observações contra Ashley.

— Isso tudo me parece bobagem — disse friamente.

— Pois não deveria — retorquiu a avó Fontaine, encarando-a com um olhar penetrante. — Pois é exatamente o que você vem fazendo desde que foi para Atlanta. Ah, sim! Sabemos o que você faz, mesmo vivendo enterrados aqui no

mato. Você também mudou com as mudanças. Soubemos como puxa o saco dos ianques e da ralé branca e dos *carpetbaggers* novos-ricos para arrancar dinheiro deles. Você não perde tempo com escrúpulos, pelo que sei. Bom, vá em frente, digo eu. E arranque cada centavo que puder deles, mas quando tiver dinheiro suficiente, chute-os na cara, porque já não vão mais ser úteis. Não deixe de fazer isso e fazer direito, porque ter ralé grudada em você pode levá-la à ruína.

Scarlett olhou para a velha e franziu a testa com o esforço de digerir as palavras, que continuavam a não fazer muito sentido. Ainda estava zangada por ouvir Ashley ser comparado a uma tartaruga com o casco virado para cima.

— Acho que a senhora se engana a respeito de Ashley — falou abruptamente.

— Scarlett, você não está sendo inteligente, só isso.

— Essa é a sua opinião — retrucou Scarlett, com grosseria, desejando que fosse permitido partir o queixo de velhas.

— Ah, você é inteligente quando se trata de dólares e centavos. É o jeito masculino de ser inteligente. Mas, como mulher, não tem a mínima inteligência. Não é nem um tiquinho esperta em relação às pessoas.

Os olhos de Scarlett começaram a cuspir fogo e as mãos a se abrir
e fechar.

— Eu enfureci você, não foi? — indagou a idosa, sorrindo. — Bom, era precisamente isso que eu queria.

— Ah, é? E por que, posso saber?

— Tive boas e muitas razões.

A avó Fontaine afundou na cadeira, e Scarlett de repente se deu conta de que ela parecia muito cansada e incrivelmente velha. As mãozinhas em forma de garras que se fechavam em volta do leque eram amarelas e sem vida como as de um defunto. A raiva sumiu do coração de Scarlett quando um pensamento lhe ocorreu. Inclinou-se e pegou uma das mãos da idosa entre as suas.

— A senhora é uma doce mentirosa. — falou. — Não falou uma coisa séria em toda essa ladainha. Só ficou falando para me distrair do papai, não é?

— Não se engane comigo! — disse a idosa, mal-humorada, puxando com força a mão. — Em parte por esse motivo, em parte porque o que eu lhe falei é verdade e você é burra demais para perceber.

Mas ela sorriu de leve e não pôs veneno algum nas palavras. O coração de Scarlett se esvaziou da raiva por conta de Ashley. Que bom que a avó Fontaine não tinha falado sério!

— Obrigada, de todo jeito. Foi gentileza sua conversar comigo, e fico feliz de saber que concordamos quanto a Will e Suellen, mesmo que… Mesmo que muitos outros desaprovem.

A sra. Tarleton chegou da cozinha, trazendo dois copos de leitelho. Ela desempenhava mal todas as tarefas domésticas, e os copos estavam transbordando.

— Tive de ir lá fora para conseguir achar — explicou. — Bebam rápido, porque o pessoal já está voltando do cemitério. Scarlett, você vai mesmo deixar Suellen se casar com Will? Não que ele não seja até bom demais para ela, mas é um roceiro e…

Os olhos de Scarlett encontraram os da avó Fontaine. Uma fagulha nos da idosa encontrou resposta nos dela.

Capítulo 41

Encerradas as últimas despedidas e depois que os derradeiros ruídos de rodas e cascos de cavalo cessaram, Scarlett entrou no escritório de Ellen e dali retirou um objeto reluzente que escondera na noite da véspera entre papéis amarelados no escaninho da escrivaninha. Ao ouvir Pork fungando na sala de jantar enquanto botava a mesa para o jantar, chamou-o. Ele atendeu ao chamado, com uma expressão de desamparo no rosto que lembrava a de um perdigueiro perdido e sem dono.

— Pork — disse Scarlett, séria. — Se você chorar mais uma vez, eu… Eu vou chorar também. Você precisa parar.

— Sim, sinhazinha. Eu inté qui tento, mas quando eu tento eu penso no sinhô Gerald…

— Não pense, então. Posso aguentar as lágrimas de qualquer um, mas as suas, não. É isso — disse com a voz embargada. — Entende? Eu não aguento as suas lágrimas porque sei o quanto você o amava. Assoe o nariz, Pork. Tenho um presente para você.

Um leve interesse brilhou nos olhos de Pork enquanto ele assoava o nariz ruidosamente, mas na verdade era mais cortesia do que interesse.

— Lembra a noite em que você levou um tiro roubando o galinheiro de alguém?

— Cruz credo, sinhá Scarlett! Eu nunca…

— Roubou, sim, não adianta mentir para mim sobre isso tanto tempo depois. Você se lembra de que eu disse que ia lhe dar um relógio para premiar a sua lealdade?

— Me alembro, sim. Achei que a sinhá tinha isquicido.

— Não, não esqueci. Aqui está o relógio.

Estendeu, então, a mão que segurava um relógio de ouro maciço, gravado em relevo, do qual pendia uma corrente cheia de sinetes.

— Deus Pai, sinhá Scarlett! — exclamou Pork. — Esse aí é o relógio do sinhô Gerald! Vi ele olhá pra esse relógio um mião de vez!

— Tem razão, é o relógio do papai, Pork, e eu o estou dando a você. Tome.

— Ah, não, sinhora! — disse o negro, recuando assustado. — Isso aí é o relógio dum sinhô branco, inda mais do sinhô Gerald. Qui história é essa di mi dá ele, sinhá Scarlett? Esse relógio é do sinhozinho Wade Hampton por direito!

— Ele pertence a você. O que Wade Hampton fez pelo papai? Por acaso tratou dele quando ele ficou doente e fraco? Por acaso deu banho nele, vestiu e lhe fez a barba? Por acaso ficou ao seu lado quando os ianques chegaram? Por acaso roubou para ele? Não seja tolo, Pork. Se alguém merece um relógio, esse alguém é você, e sei que papai aprovaria. Tome.

Pegando a mão negra, ela pousou o relógio na palma. Pork contemplou-o com reverência, e aos poucos a satisfação iluminou seu rosto.

— Pra mim di verdade, sinhá?

— De verdade.

— Bom… Brigado, sinhá.

— Quer que eu leve para Atlanta para mandar gravar?

— Cumé essa coisa di gravá? — indagou Pork, em um tom desconfiado.

— É escrever o seu nome atrás dele, como… Como “Para Pork dos O’Haras. Criado fiel e dedicado”.

— Não… Brigado, sinhá. Num carece di gravá. — Pork deu um passo atrás, agarrando com firmeza o relógio.

Um pequeno sorriso brincou nos lábios de Scarlett:

— O que foi, Pork? Não confia que eu vá trazê-lo de volta?

— Confio, sinhá, mas… I si mudá di ideia?

— Eu não faria isso.

— É, mas pode vendê. Deve valê um bucado.

— Você acha que eu venderia o relógio do papai?

— Sim, sinhá… Si pricisasse do dinheiro…

— Você devia apanhar por isso, Pork. Estou pensando em pegar o relógio de volta.

— Num tá, não, sinhora. — O primeiro sorriso desbotado do dia se insinuou no rosto triste de Pork. — Cunheço a sinhora. I, sinhá Scarlett…

— O que foi, Pork?

— Si a sinhá tratasse os branco c'a metade da bondade qui trata os nêgo, garanto qui o mundo ia trata a sinhora mió.

— O mundo me trata bem o suficiente — disse ela. — Agora vá procurar o sr. Ashley e diga que eu quero vê-lo agorinha mesmo.

Ashley estava sentado na cadeira de Ellen, diante da escrivaninha, o corpo alto fazendo a frágil peça de mobília parecer diminuta, enquanto recebia de Scarlett a oferta de participação em metade dos lucros da serraria. Sequer uma vez seus olhos encontraram os dela, e ele não a interrompeu. Ficou contemplando as mãos, virando-as lentamente para cima e examinando primeiro as palmas e depois os dorsos, como se jamais as tivesse visto. A despeito do trabalho árduo, elas continuavam com a mesma aparência esbelta e delicada e eram incrivelmente bem cuidadas para pertencerem a um fazendeiro.

Sua cabeça baixa e seu silêncio a perturbaram um pouco, e ela redobrou o esforço para tornar a serraria atraente. Acrescentou também todo o charme de que dispunha, no sorriso e nos olhares, mas de nada adiantou, visto que ele não ergueu os olhos. Se ao menos a olhasse… Ela não fez menção à notícia que Will lhe dera de que Ashley estava decidido a se mudar para o Norte, falando com uma suposição ostensiva de que não existia qualquer obstáculo à concordância dele com seu plano. Ashley permaneceu calado e, finalmente, ela também emudeceu. A postura determinada dos ombros dele a alarmou. Decerto ele não recusaria! Que motivo teria para recusar?

— Ashley — recomeçou, e depois fez uma pausa. Não pretendera usar a própria gravidez como argumento, se encolhera ante a ideia de Ashley vê-la assim inchada e feia, mas como suas outras formas de persuasão aparentemente não estavam funcionando resolveu usá-la, bem como o seu desamparo, como último trunfo.

— Você tem de ir para Atlanta. Preciso muito da sua ajuda agora, porque não posso cuidar das serrarias. Talvez fique meses sem trabalhar, porque… Veja bem… Ora, porque…

— Por favor! — disse ele, com certa grosseria. — Pelo amor de Deus, Scarlett!

Levantando-se, ele foi de repente até a janela e se manteve de costas para ela, observando o solene desfile de patos no pátio em frente ao celeiro.

— É por isso… É por isso que você não me olha? — indagou ela, agoniada. — Sei que pareço…

Virando-se de chofre, ele a olhou com tamanha intensidade nos olhos cinzentos que a fez levar as mãos à garganta.

— Que se dane a sua aparência! — disse ele, com uma violência repentina. — Sabe que para mim você sempre está bonita.

A felicidade a inundou a ponto de lhe marejar os olhos.

— Obrigada por me dizer isso! Porque eu estava com vergonha de que me visse…

— Você estava com vergonha? E por que motivo? Sou eu que devia ter vergonha, e tenho. Se não fosse a minha burrice, você não estaria nesse estado. Jamais teria se casado com Frank. Eu nunca devia ter deixado que fosse para Atlanta no inverno passado. Como fui tolo! Eu devia ter visto… Visto que você estava desesperada, tão desesperada que… Eu devia… Eu devia… — Seu rosto mostrou abatimento.

O coração de Scarlett disparou. Ele se arrependera de não ter fugido com ela!

— O mínimo que tinha de fazer era sair e roubar na estrada ou matar para conseguir o dinheiro do imposto para você, que nos abrigou como mendigos. Oh, eu errei em tudo!

O coração dela se contraiu, decepcionado, e parte da felicidade se foi, pois aquelas não eram as palavras que esperara ouvir.

— Eu teria partido, de todo jeito — falou, cansada. — Não poderia deixar você agir dessa maneira. E, seja como for, está feito agora.

— Sim, está feito agora — concordou ele, com amargura. — Você não me deixaria agir de modo desonroso, mas vendeu-se a um homem que não amava… E carrega o filho dele para que a minha família e eu não passemos fome. E foi bondoso da sua parte abrigar a minha impotência.

Havia uma nota em seu tom que revelava uma ferida aberta, em carne viva, e suas palavras levaram vergonha ao olhar dela; algo que foi rapidamente flagrado e fez a expressão dele se suavizar.

— Você não acha que eu a culpo, acha? Pelo amor de Deus, Scarlett, não! Você é a mulher mais corajosa que já conheci. Estou culpando a mim mesmo.

Ashley se virou e tornou a olhar pela janela, e os ombros que ela encarou já não pareciam tão empertigados. Scarlett aguardou um bom tempo em silêncio, esperando que Ashley voltasse a falar da sua beleza, esperando ouvir mais palavras que pudesse guardar com carinho. Fazia muito tempo que não o via e vinha vivendo de lembranças que já estavam desgastadas. Sabia que ele ainda a amava. O fato era óbvio, em cada expressão, em cada palavra amarga, autocondenatória, no ressentimento por ela estar carregando o filho de Frank. Desejava ardentemente ouvi-lo dizer isso, desejava falar alguma palavra que provocasse uma confissão, mas não teve coragem. Lembrou-se da promessa feita, no verão anterior no pomar, de que jamais voltaria a se jogar em cima dele. Com tristeza, se deu conta de que essa promessa teria de ser cumprida para manter Ashley por perto. Qualquer coisa que dissesse que traísse seu amor ou desejo, um olhar que implorasse um abraço, e tudo estaria perdido. Ashley com certeza partiria para Nova York. E ele não podia ir embora.

— Ah, Ashley, não se culpe! Que culpa você tem? Você vai comigo para Atlanta, não vai?

— Não.

— Mas, Ashley — a voz começou a falhar, tamanha a angústia e a decepção —, eu estou contando com você. Preciso muito de você. Frank não pode me ajudar. Está tão ocupado com o armazém! Se você não for, não sei onde vou achar outra pessoa! Todo mundo que é competente em Atlanta está ocupado com os próprios negócios, e os outros são tão incapazes…

— Não adianta, Scarlett.

— Quer dizer que prefere ir para Nova York e viver com os ianques a ir para Atlanta?

— Quem lhe contou? — Virando-se, ele a encarou, uma leve irritação franzindo-lhe a testa.

— Will.

— Sim, resolvi ir para o Norte. Um velho amigo que fez o Grand Tour comigo antes da guerra me ofereceu um emprego no banco do pai. É melhor assim,

Scarlett. Não serei de serventia para você. Não entendo nada de atividade madeireira.

— Mas sabe menos ainda sobre atividade bancária! E é muito mais difícil! E sei que serei muito mais tolerante com a sua inexperiência do que os ianques!

Ele se retraiu, e ela percebeu que dissera a coisa errada. Voltando-se para a janela uma vez mais, disse:

— Não desejo tolerância. Quero andar com as minhas próprias pernas, depender do meu próprio valor. O que fiz com a minha vida até agora? Está na hora de me tornar alguém… Ou fracassar por conta dos meus defeitos. Já fui seu pensionista por tempo demais.

— Mas estou lhe oferecendo participação na serraria, Ashley! Você vai estar sobre as próprias pernas, porque… Ora, o negócio vai ser metade seu.

— Dá no mesmo. Não estou comprando a participação. Estou recebendo a participação de presente. E já ganhei presentes demais de você, Scarlett… Comida e abrigo e até mesmo roupas para mim, Melanie e o bebê. E não lhe dei nada em troca.

— Ah, claro que deu! Will não poderia…

— Consigo cortar lenha muito bem agora.

— Ah, Ashley! — exclamou Scarlett, desesperada, os olhos se enchendo de lágrimas ao ouvir o tom jocoso na voz dele. — O que aconteceu com você depois que eu fui embora? Você fala de um jeito tão duro e amargo! Não costumava falar assim.

— O que aconteceu? Uma coisa incrível, Scarlett. Andei pensando. Acho que não fiz isso desde a rendição até você partir. Vivi em um estado de abstração e me parecia suficiente ter o que comer e uma cama onde dormir. Mas quando você foi para Atlanta, carregando o encargo de um homem, me vi como muito menos que um homem, muito menos, na verdade, que uma mulher. Não é agradável viver com essas ideias e não pretendo mais viver com elas. Outros homens voltaram da guerra com menos do que voltei, e olhe para eles agora. Por isso vou para Nova York.

— Mas… Não estou entendendo! Se é trabalho o que você quer, por que Atlanta não serve tanto quanto Nova York? E a minha serraria…

— Não, Scarlett. Essa é a minha última oportunidade. Vou para o Norte. Se eu for para Atlanta e trabalhar para você, estarei perdido para sempre.

A palavra "perdido… perdido… perdido" ressoou amedrontadora no coração dela, como um sino dobrando em luto. Seus olhos procuraram os dele, que, no entanto, estavam bem abertos e cristalinos, olhando através dela para algum destino que lhe era desconhecido, incompreensível.

— Perdido? Como assim? Você fez alguma coisa pela qual os ianques de Atlanta possam prendê-lo? Quero dizer, a ajuda que deu a Tony para fugir, ou…. Ah, Ashley, você não está envolvido com a Klan, está?

O olhar distante voltou a fitá-la, rapidamente, e ele sorriu um sorriso breve, que não lhe alcançou os olhos.

— Eu tinha me esquecido de como você é literal. Não é dos ianques que tenho medo. Eu quis dizer que, se for para Atlanta e aceitar a sua ajuda de novo, enterro de vez qualquer esperança de voltar a andar sozinho.

— Ah — suspirou ela, aliviada —, é só isso!

— Sim — confirmou ele, voltando a sorrir, o sorriso mais gelado do que antes. — Só isso. Só o meu orgulho masculino, o meu respeito próprio e, se quiser chamar assim, a minha alma imortal.

— Mas — disse ela, mudando de estratégia — você pode ir comprando aos poucos a serraria e depois…

— Scarlett — interrompeu ele, com veemência —, eu já disse que não! Existem outros motivos.

— Que motivos?

— Você conhece os meus motivos melhor que ninguém.

— Ah… Aquilo? Mas… Não haverá problemas — garantiu imediatamente. — Eu prometi, você sabe, lá no pomar, no inverno passado, e vou cumprir a promessa e…

— Então você confia mais em você do que eu em mim. Eu não contaria comigo para manter uma promessa assim. Não deveria dizer isso, mas preciso que você entenda. Scarlett, não vou tocar mais nesse assunto. Acabou. Quando Will e Suellen se casarem, eu vou para Nova York.

Seus olhos, arregalados e tempestuosos, encontraram os dela por um instante e depois ele atravessou rapidamente o cômodo. Logo, sua mão segurou a maçaneta

da porta. Scarlett o encarou em desespero. O encontro se encerrara e ela perdera. Repentinamente fraca por causa do nervosismo e do luto da véspera e da decepção de agora, o controle se foi e ela gritou:

— Ah, Ashley!

Atirando-se, então, no sofá surrado, explodiu em soluços ruidosos.

Ouviu os passos vacilantes dele se aproximando e a voz impotente chamando seu nome. Houve um ruído de passos velozes atravessando o corredor vindo da cozinha, e Melanie irrompeu no cômodo, com uma expressão alarmada.

— Scarlett… O bebê está…?

Scarlett afundou a cabeça no estofado empoeirado e voltou a gritar:

— Ashley… Ele é tão mau! Tão horrivelmente mau… Tão detestável!

— Ah, Ashley, o que foi que fez a ela? — Melanie se ajoelhou no chão ao lado do sofá e abraçou Scarlett. — O que você disse? Como teve coragem! Pode apressar o bebê! Pronto, querida, ponha a cabeça no ombro da Melanie! O que houve?

— Ashley… Ele é tão teimoso e detestável!

— Ashley, estou surpresa com você! Deixá-la nervosa assim e no estado em que se encontra e com o sr. O'Hara recém-enterrado!

— Não brigue com ele! — gritou Scarlett, de forma ilógica, erguendo a cabeça repentinamente do ombro de Melanie, com o cabelo negro embaraçado escapando da rede e o rosto riscado de lágrimas. — Ele tem o direito de fazer o que achar melhor!

— Melanie — disse Ashley, pálido —, me deixe explicar. Scarlett teve a gentileza de me oferecer emprego em Atlanta como gerente de uma de suas serrarias…

— Gerente! — gritou Scarlett, indignada. — Eu lhe ofereci participação de cinquenta por cento e ele…

— E eu disse a ela que já tomei providências para irmos para o Norte e ela…

— Oh — exclamou Scarlett, voltando a soluçar —, eu falei do quanto preciso dele…Não consigo ninguém para gerenciar a serraria… Que vou ter um bebê… E ele se recusou a ir! E agora… Agora vou ter de vender a serraria e sei que não vou conseguir vender por um preço justo e vou perder dinheiro e talvez até passemos fome, mas ele não dá a mínima… Como é mau!

Enterrou novamente a cabeça no ombro de Melanie e parte da angústia real se foi quando um lampejo de esperança brilhou em seu íntimo. Podia sentir que no coração devoto de Melanie ela tinha uma aliada, sentia a indignação de Melanie por ver alguém, ainda que fosse o seu amado marido, fazer Scarlett chorar. Melanie voou sobre Ashley como uma pequena pomba decidida e o enfrentou pela primeira vez na vida.

— Ashley, como você pôde recusar? Depois de tudo que ela fez por nós! Como você nos faz parecer ingratos! E ela tão desamparada agora com o beb… Que falta de cavalheirismo! Ela nos ajudou quando precisamos de ajuda e agora você nega ajuda a ela em um momento de necessidade!

Scarlett olhou de soslaio para Ashley e viu surpresa e incerteza em seu rosto quando ele fitou os indignados olhos negros de Melanie. Ela ficou igualmente surpresa ante o vigor do ataque de Melanie, pois sabia que para ela o marido estava acima de censuras e que suas decisões só ficavam a dever às de Deus.

— Melanie… — começou Ashley, fazendo depois com as mãos um gesto de impotência.

— Ashley, como você pode hesitar? Pense no que ela fez por nós… Por mim! Eu teria morrido em Atlanta, quando Beau nasceu, se não fosse por ela! E ela… Sim, ela matou um ianque para nos defender. Sabia disso? E trabalhou como uma escrava até que você e Will voltassem, apenas para botar comida nas nossas bocas. E quando penso nela arando e colhendo algodão… Ah, minha querida! — Aproximando-se de Scarlett, beijou o cabelo desalinhado, demonstrando uma lealdade feroz. — E agora, na primeira vez em que ela nos pede ajuda…

— Você não precisa me dizer o que ela faz por nós.

— E, Ashley, pense! Além de ajudá-la, pense como seria para nós morar em Atlanta, junto aos nossos, e não ter de viver com os ianques! A titia e o tio Henry e todos os nossos amigos estão lá, e Beau vai arrumar montes de amiguinhos e frequentar a escola. Se formos para o Norte, não poderemos deixá-lo ir à escola e conviver com crianças ianques e fazer piqueniques com a turma! Precisaremos de uma tutora, e não sei como iríamos pagar…

— Melanie — interveio Ashley, a voz mortalmente tranquila —, você quer tanto assim ir para Atlanta? Não disse nada sobre isso quando conversamos sobre a ida para Nova York. Jamais sugeriu…

— Ah, mas quando falamos sobre a ida para Nova York eu pensei que não houvesse nada para você em Atlanta e, além do mais, não cabia a mim opinar. É dever de uma esposa ir para onde vai o marido. Mas, agora que Scarlett precisa de nós e tem um emprego que só você pode ocupar, podemos voltar para casa! Para casa! — Sua voz estava eufórica quando ela abraçou Scarlett. — E vou rever Five Points e a rua Peachtree e… Ah, que saudade! E talvez tenhamos a nossa própria casinha! Não me importo se for pequena e modesta, mas… Um lar só nosso!

Os olhos de Melanie brilharam de entusiasmo e felicidade, e Ashley e Scarlett a encararam, ele com curiosidade e espanto e ela, surpresa e meio envergonhada. Jamais lhe ocorrera que Melanie sentisse tanta falta de Atlanta e desejasse voltar, que desejasse ter um lar só seu. Parecia tão contente em Tara que foi uma surpresa para Scarlett vê-la tão saudosa de casa.

— Ah, Scarlett, quanta bondade a sua planejar tudo isso para nós! Você sabia como eu tinha saudade de casa!

Como sempre, quando confrontada com o hábito de Melanie de achar motivos nobres onde nobreza alguma existia, Scarlett se envergonhou e se irritou, de repente incapaz de encontrar o olhar de Ashley ou o de Melanie.

— Podíamos conseguir uma casinha para nós. Você se dá conta de que estamos casados há cinco anos e nunca tivemos um lar?

— Vocês podem ficar conosco na casa da tia Pitty. Lá é o seu lar — murmurou Scarlett, brincando com uma almofada e mantendo os olhos baixos para esconder o triunfo que se instalava neles ao sentir que a maré virara a seu favor.

— Não, mas obrigada assim mesmo, querida. Isso nos faria ficar amontoados. Vamos conseguir uma casa. Ah, Ashley, diga sim!

— Scarlett — pediu Ashley em uma voz monocórdia —, olhe para mim.

Assustada, ela o fitou, encontrando amargura nos olhos cinzentos dele e uma expressão que denotava cansaço de futilidades.

— Scarlett, irei para Atlanta… Não posso lutar com vocês duas.

Ele se virou e saiu da sala. Parte do triunfo no coração dela foi maculado por um medo incômodo. O olhar de Ashley ao falar fora o mesmo de quando ele dissera que estaria para sempre perdido se fosse para Atlanta.

Após o casamento de Suellen e Will e a partida de Carreen para o convento em Charleston, Ashley, Melanie e Beau foram para Atlanta, levando Dilcey para cozinhar e cuidar das crianças. Prissy e Pork foram deixados em Tara até que Will arranjasse outros negros para ajudá-lo na lavoura, e então eles também iriam para a cidade.

A pequena casa de tijolos que Ashley conseguiu para a família ficava na rua Ivy, logo atrás da casa da tia Pitty, e os dois quintais dos fundos se encontravam, separados apenas por uma cerca-viva malcuidada. Melanie a escolhera principalmente por esse motivo. Ela disse na primeira manhã após seu retorno a Atlanta, enquanto ria, animada, e abraçava Scarlett e tia Pitty, que ficara longe dos seus entes queridos durante tanto tempo que jamais estaria suficientemente perto deles de novo.

A casa já tivera dois andares, mas o piso superior fora destruído por bombas durante o cerco e o proprietário, de volta após a rendição, não tivera dinheiro para reconstruí-lo. Contentara-se em pôr um novo telhado sobre o que restara do primeiro piso, o que deu ao imóvel uma aparência atarracada e desproporcional de uma casinha de brinquedo feita de caixas de sapato. A casa ficava suspensa do solo, construída sobre um porão grande, e a longa escadaria que levava à entrada a fazia parecer levemente ridícula. O aspecto atarracado do lugar, porém, era parcialmente remediado por dois belos carvalhos antigos que proviam sombra e uma magnólia salpicada de brotos brancos, junto à escada frontal. O gramado era extenso e verdejante, circundado por uma cerca-viva malcuidada, onde nasciam madressilvas de aroma doce. Aqui e acolá na grama, surgiam brotos de rosas de velhos caules esmagados e murtas rosadas e brancas floresciam valentes, como se a guerra não lhes tivesse passado por cima e os cavalos ianques não houvessem pisoteado seus ramos.

Scarlett concluiu que era a residência mais feia que já vira, mas, para Melanie, Twelve Oaks em todo o seu esplendor não havia sido mais bonita. Era um lar, e ela, Ashley e Beau finalmente estavam juntos sob um teto só deles.

India Wilkes voltou de Macon, onde ela e Honey estavam desde 1864, e foi morar com o irmão, amontoando os ocupantes da casa modesta. Mas Ashley e Melanie a receberam de braços abertos. Os tempos haviam mudado, o dinheiro

era escasso, mas nada alterara a regra da vida no Sul que ditava que as famílias abriam espaço com satisfação para parentes indigentes ou solteironas.

Honey se casara e, como dizia India, com alguém de classe inferior, um homem rude oriundo do Mississippi que fincara raízes em Macon. Ele tinha um rosto corado e uma voz ruidosa, além de um jeito espalhafatoso. India não aprovara o casamento e, não tendo aprovado, não foi feliz na casa do cunhado. Recebeu com alegria a notícia de que Ashley agora tinha seu próprio lar, o que lhe permitia retirar-se do ambiente desagradável e também a poupava da visão perturbadora da irmã tão euforicamente feliz com um homem indigno dela.

O restante da família achava que a risonha e simplória Honey se saíra muito melhor do que o esperado e considerava um espanto que tivesse fisgado algum homem. O marido era um cavalheiro e tinha algumas posses; para India, porém, nascida na Geórgia e criada segundo as tradições da Virgínia, qualquer pessoa que não tivesse raízes no litoral leste era um bárbaro. Provavelmente o marido de Honey ficou tão feliz em se livrar da sua companhia quanto ela de deixar a dele, pois India não era alguém de fácil convívio, nos últimos tempos.

A pecha de solteirona se grudara nela em definitivo. Tinha 25 anos e aparentava a idade, por isso não havia mais razão para tentar ser atraente. Os olhos pálidos desprovidos de cílios encaravam o mundo de forma direta e intransigente e os lábios finos estavam sempre arrogantemente cerrados. Havia agora nela um ar de dignidade e orgulho que, curiosamente, lhe caía melhor do que a doçura juvenil e determinada dos seus dias em Twelve Oaks. Sua posição na sociedade era quase a de uma viúva. Todos sabiam que Stuart Tarleton iria desposá-la se não tivesse sido morto em Gettysburg e, portanto, a ela se atribuía o respeito devido a uma mulher que fora desejada, ainda que não desposada.

Os seis cômodos da casinha da rua Ivy foram logo modestamente mobiliados com os móveis mais baratos de pinho e carvalho à venda no armazém de Frank, pois, como não tinha um tostão e era obrigado a comprar a crédito, Ashley recusou tudo que não fosse o mais barato e adquiriu apenas o absolutamente necessário. Isso constrangeu Frank, que gostava de Ashley, e incomodou Scarlett. Os dois teriam de boa vontade dado de presente aos recém-chegados os melhores mognos e paus-rosa entalhados existentes no armazém, mas os Wilkes recusaram com obstinação. A casa, tremendamente feia e desprovida de

decoração, deixou Scarlett mortificada, e ela odiava ver Ashley morando em cômodos sem tapetes e sem cortinas. Mas ele não parecia reparar no ambiente e Melanie, em seu próprio lar pela primeira vez desde o casamento, estava tão feliz que de fato se orgulhava do lugar. Scarlett teria se sentido humilhada se os amigos a vissem sem cortinas, tapetes, almofadas e sem o número adequado de cadeiras e xícaras e colheres. Mas Melanie fazia as honras da casa como se cortinas de veludo e sofás de brocado a decorassem.

Apesar de toda essa felicidade evidente, Melanie não estava bem. O pequeno Beau lhe custara a saúde, e o trabalho duro que fizera em Tara desde que o filho nascera lhe minara mais ainda a força. De tão magra, os ossos pequenos despontavam sob a pele alva. Vista de longe, caminhando no quintal dos fundos com o menino, parecia uma menininha, pois a cintura era inacreditavelmente fina e ela praticamente não tinha curvas. Faltava-lhe busto e os quadris eram tão estreitos quanto os de Beau. Como não tinha vaidade nem o bom senso (segundo a opinião de Scarlett) de costurar babados na parte de cima do corpete, nem enchimentos abaixo do espartilho, a magreza era bastante óbvia. Como o corpo, o rosto estava magro demais e demasiado pálido, e as sobrancelhas sedosas, arqueadas e delicadas como as antenas de uma borboleta, se destacavam, excessivamente negras, na pele descorada. No rosto pequeno, os olhos eram grandes demais para serem bonitos, as olheiras escuras fazendo com que parecessem enormes, mas a expressão que havia neles não se alterara desde os dias despreocupados da adolescência. A guerra e a dor constante e o trabalho árduo não haviam conseguido apagar aquela tranquilidade doce. Eram os olhos de uma mulher feliz, uma mulher em torno da qual tempestades podiam rugir sem sequer balançar a essência serena do seu ser.

Como ela é capaz de manter os olhos assim?, pensava Scarlett, observando-a com inveja. Sabia que os seus às vezes pareciam os de uma gata faminta. O que Rhett dissera mesmo certa vez sobre os olhos de Melanie? Alguma bobagem sobre eles serem como velas… Ah, sim, como duas boas ações em um mundo cruel. Sim, eram como velas, velas escudadas de qualquer vento, duas luzes suaves brilhando com a felicidade de estar novamente em casa entre amigos.

A casinha vivia cheia de visitas. Melanie era querida desde pequena, e a cidade fez romaria para lhe dar as boas-vindas. Todos levavam presentes para a

casa, enfeites, quadros, uma ou duas colheres de prata, fronhas de linho, guardanapos, tapetinhos de retalhos, pequenos objetos que haviam salvado de Sherman e guardado com carinho, mas que agora, segundo juravam, não tinham serventia alguma para eles.

Os velhos que haviam lutado no México com o pai dela apareciam para visitá-la levando outros para conhecer "a filha meiga do coronel Hamilton". As velhas amigas da mãe a cercavam de atenção, pois Melanie nutria uma deferência respeitosa pelos mais velhos, que era muito confortante para matronas naquela época turbulenta, quando os jovens aparentavam ter esquecido as boas maneiras. Suas contemporâneas, as jovens esposas, mães e viúvas, a amavam por ter sofrido o mesmo que elas sem ter ficado amarga e por estar sempre disposta a ouvi-las com simpatia. Os jovens também faziam visitas, simplesmente, como costumava acontecer com os jovens, porque se divertiam lá e encontravam os amigos que queriam encontrar.

Em torno da pessoa educada e modesta que era Melanie, rapidamente cresceu um círculo de jovens e velhos que representava o que havia de melhor na sociedade de Atlanta pré-guerra, todos pobres de dinheiro, todos orgulhosos das famílias, obstinados do tipo mais resistente. Foi como se a sociedade de Atlanta, espalhada e dizimada pela guerra, reduzida pela morte, insegura com as mudanças, tivesse encontrado nela um núcleo inflexível em torno do qual se reagrupar.

Melanie era jovem, mas possuía todas as qualidades que aqueles remanescentes combativos valorizavam, pobreza e orgulho da pobreza, coragem resignada, alegria, hospitalidade, gentileza e, acima de tudo, fidelidade às velhas tradições. Melanie se recusava a mudar, se recusava até mesmo a admitir que houvesse qualquer motivo para mudar em um mundo em mutação. Sob seu teto, os velhos tempos pareciam ressuscitar e as pessoas se animavam e se sentiam ainda mais desdenhosas da maré de impetuosidade e ostentação que movia os *carpetbaggers* e os Republicanos novos-ricos.

Quando encaravam seu rosto jovem e nele viam a fidelidade inflexível aos velhos tempos, eles podiam esquecer, momentaneamente, os traidores no seio da própria classe, que estavam provocando raiva, medo e sofrimento. E havia muitos deles. Eram homens de boas famílias, levados pela pobreza ao desespero,

que haviam tomado o lado do inimigo, virando Republicanos e aceitando emprego dos conquistadores para que suas famílias não precisassem recorrer à caridade. Havia jovens ex-soldados, desprovidos de coragem para enfrentar os longos anos necessários para amealhar fortuna. Esses jovens, seguindo o exemplo de Rhett Butler, caminhavam de mãos dadas com os *carpetbaggers* em esquemas escusos para ganhar dinheiro.

Os piores de todos os traidores eram as filhas de algumas das famílias mais proeminentes de Atlanta. Essas moças, que haviam chegado à maturidade após a rendição, guardavam apenas lembranças pueris da guerra e lhes faltava a amargura que alimentava os mais velhos. Não tinham perdido maridos nem namorados. Recordavam pouca coisa da abastança e do esplendor do passado — e os oficiais ianques eram bonitos, bem-vestidos e despreocupados. E ofereciam bailes esplêndidos e cavalgavam animais de raça e simplesmente idolatravam as moças sulistas! Tratavam-nas como rainhas e tomavam cuidado para não ferir seu orgulho suscetível e, afinal, por que não se relacionar com eles?

Os ianques eram muito mais atraentes do que os cisnes locais, que vestiam andrajos e transpiravam seriedade e trabalhavam tanto que pouco tempo lhes sobrava para diversão. Por isso houve algumas fugas para casar com noivos ianques, situações que partiram o coração de famílias de Atlanta. Irmãos esbarravam com irmãs na rua e não se dirigiam a elas, e alguns pais e mães jamais mencionavam o nome das filhas. Recordando essas tragédias, um terror gélido corria nas veias daqueles cujo mote era “Não se renda” — um terror cuja mera visão do rosto suave, mas decidido, de Melanie dissipava. Melanie era, conforme diziam as matronas, um exemplo excelente e íntegro para as jovens da cidade. E, porque não ostentava suas virtudes, as jovens não se ressentiam dela.

Jamais ocorreu a Melanie que ela estivesse se tornando a líder de uma nova sociedade, achava apenas que as pessoas eram gentis indo vê-la e querendo que ela participasse dos pequenos círculos de costura, clubes de cotilhão e sociedades musicais. Atlanta sempre fora uma cidade musical e amava a boa música, a despeito dos comentários desdenhosos das cidades vizinhas do Sul relativos à falta de cultura da cidade. Havia agora uma ressurreição entusiasmada do interesse, que crescia à medida que os tempos ficavam mais difíceis e mais

tensos. Era mais fácil esquecer os insolentes rostos negros nas ruas e os uniformes azuis dos ocupantes quando se ouvia música.

Melanie se sentiu um pouco constrangida quando se viu encabeçando o recém-criado Círculo Musical das Noites de Sábado. Não conseguia atinar com a promoção a esse posto, salvo pelo fato de que podia acompanhar qualquer um ao piano, mesmo as srtas. McLure, que eram desafinadas, mas cantavam em dueto.

A verdade era que Melanie havia diplomaticamente conseguido fundir As Senhoras Harpistas, o Coral dos Cavalheiros e a Sociedade das Jovens Bandolinistas e Violonistas ao Círculo Musical das Noites de Sábado, fazendo com que Atlanta tivesse agora música de qualidade para ouvir. Com efeito, a interpretação do Círculo de “The Bohemian Girl” foi considerada por muitos bem superior a interpretações profissionais ouvidas em Nova York e Nova Orleans. Foi após a adição das Senhoras Harpistas ao grupo, orquestrada por Melanie, que a sra. Merriwether disse à sra. Meade que Melanie deveria ser a diretora do Círculo. Se conseguira lidar com as Harpistas, conseguiria lidar com qualquer um, declarou a sra. Merriwether, que tocava órgão para o coro da Igreja Metodista e, como organista, devotava pouco respeito a harpas e harpistas.

Melanie também foi designada secretária tanto da Associação pelo Embelezamento dos Túmulos dos Nossos Mortos Gloriosos quanto do Círculo de Costura para as Viúvas e os Órfãos da Confederação. Essa nova honra lhe foi atribuída depois de uma excitante reunião conjunta dessas sociedades que por pouco não terminou em violência e no rompimento de laços de amizade de toda uma vida. Surgira no encontro a pergunta sobre remover ou não o mato das sepulturas dos soldados da União próximas às de soldados confederados. A aparência malcuidada dos túmulos ianques inviabilizava todo o esforço das senhoras de embelezar os dos seus próprios defuntos. Imediatamente, as brasas incandescentes sob os corpetes justos se transformaram em chamas, e as duas organizações se dividiram e se encararam com hostilidade. O Círculo de Costura era a favor da remoção do mato e as Senhoras do Embelezamento se opuseram com veemência.

A sra. Meade expressou a opinião do último grupo, ao dizer:

— Arrancar o mato das sepulturas ianques? Por dois centavos, eu arrancaria todos os ianques e os jogaria no lixão da cidade!

Ao ouvir tais palavras, as duas associações se exaltaram e cada uma das senhoras deu a própria opinião, sem que ninguém ouvisse. A reunião acontecia na sala de estar da sra. Merriwether, e o avô Merriwether, que fora banido para a cozinha, relatou posteriormente que o barulho fora igualzinho ao dos tiros de abertura da batalha de Franklin. E, acrescentou ainda, lhe pareceu ser mais seguro estar presente na batalha de Franklin do que no encontro das senhoras.

Sabe-se lá como, Melanie se dirigiu ao centro da turba excitada e, sabe-se lá como, fez com que ouvissem a sua voz, habitualmente suave, acima do tumulto. O coração lhe batia na garganta de tão amedrontada por ousar falar com a plateia indignada e, embora em voz trêmula, ela repetiu várias vezes “Senhoras! Por favor!” até conseguir silêncio.

— Quero dizer… Isto é, pensei bastante e… Não só devemos arrancar todo o mato, mas também devemos plantar flores ali… Eu não sei o que todas pensam, mas sempre que levo flores ao túmulo do meu querido Charlie, ponho algumas no túmulo de um ianque desconhecido que fica ao lado. Ele parece tão… Tão abandonado!

A excitação voltou, mais alta ainda, e dessa vez as duas organizações se fundiram e disseram em uníssono:

— Em túmulos ianques! Ah, Melly, como você fez isso!

— E eles mataram Charlie!

— Eles quase a mataram!

— Ora, os ianques podiam ter matado Beau quando ele nasceu!

— Eles tentaram incendiar Tara!

Melanie segurou o encosto da cadeira para se apoiar, quase esmagada sob o peso de uma desaprovação que jamais experimentara antes.

— Senhoras! — gritou, suplicante. — Por favor, me deixem concluir! Sei que não tenho o direito de opinar nesse assunto, pois nenhum dos meus entes queridos foi morto, com exceção de Charlie, e sei onde ele jaz, graças a Deus! Mas existem muitas entre nós aqui hoje que não sabem onde seus filhos e maridos e irmãos estão enterrados e…

A voz lhe faltou e fez-se um silêncio mortal na sala.

Os olhos flamejantes da sra. Meade se anuviaram. Ela fizera uma longa viagem até Gettysburg depois da batalha para trazer de volta o corpo de Darcy,

mas ninguém foi capaz de lhe dizer onde ele estava enterrado. Em algum lugar, em alguma vala rapidamente aberta no território do inimigo. E a boca da sra. Allan tremeu. O marido e o irmão tinham participado da investida malsucedida de Morgan em Ohio, e a última informação que tivera de ambos foi de que haviam tombado às margens do rio quando a cavalaria ianque atacou. A sra. Allan não sabia onde jaziam. O filho da sra. Allison morrera na prisão de um campo nortista e ela, a mais pobre dos pobres, não pôde levar seu corpo de volta para casa. Outras apenas tinham lido na lista de mortos: "Desaparecido — supostamente morto", e nessas palavras estava a última notícia que jamais receberiam sobre os homens que haviam visto partir para a guerra.

Todas se voltaram para Melanie com expressões que diziam: "Por que você está abrindo essas feridas de novo? É uma ferida que jamais cicatriza, a de não saber onde eles estão enterrados."

A voz de Melanie se fortaleceu no silêncio reinante.

— Seus túmulos estão em algum lugar no território ianque, exatamente como os túmulos ianques estão aqui. Já pensaram como seria horrível saber que alguma mulher ianque disse para arrancá-los e…

A sra. Meade emitiu um som baixo e pavoroso.

— Mas como seria bom saber que alguma boa mulher ianque… E deve haver *algumas* boas mulheres ianques… Não dou a mínima para o que dizem, eles não podem ser todos maus! Como seria bom saber que elas arrancam mato das sepulturas dos nossos homens e levam flores para eles, mesmo sendo inimigos. Se Charlie tivesse morrido no Norte, me confortaria saber que alguém… E não dou a mínima para o que algumas de vocês pensam a meu respeito. — A voz falhou de novo. — Vou me retirar de ambos os clubes e… Vou arrancar mato de todas as sepulturas ianques que encontrar e plantar flores, também… E desafio quem quiser a me impedir!

Com esse derradeiro desafio, Melanie explodiu em lágrimas e tentou chegar, cambaleando, até a porta.

O avô Merriwether, seguro no confinamento masculino do *saloon* Girl of the Period, uma hora depois, relatou ao tio Henry Hamilton que após tais palavras todas choraram e abraçaram Melanie e no final foi uma festa de carinho e escolheram Melanie, para diretora de ambas as organizações.

— E elas vão arrancar o mato. O diabo foi Dolly dizer que eu bem que posso ajudar porque não tenho o que fazer. Não tenho nada contra os ianques, e acho que a srta. Melly tem razão e aquelas gatas bravas estão erradas. Mas a ideia de arrancar mato nesta altura da minha vida e com o meu lumbago…

Melanie fazia parte do conselho de administração feminina do Lar dos Órfãos e ajudava na coleta de livros para a recém-criada Associação Bibliotecária Juvenil. Mesmo os Tespianos, que encenavam peças amadoras uma vez por mês, queriam a sua participação. Sua timidez a impedia de aparecer no palco iluminado por lampiões de querosene, mas ela fazia fantasias até de saco de aniagem quando esse era o único material disponível. Foi de Melanie o voto decisivo no Círculo de Leitura de Shakespeare determinando que as obras do bardo deveriam ser alternadas com as do sr. Dickens e as do sr. Bulwer-Lytton e não com os poemas de Lord Byron, como sugerira um jovem membro solteiro — e demasiado animado, na opinião de Melanie — do Círculo.

Nas noites do final do verão, sua casa pequena e mal-iluminada estava sempre cheia de convidados. Jamais as cadeiras eram suficientes e com frequência as senhoras se sentavam na escada da varanda da frente com homens à volta nos corrimões, sentados em engradados, ou no gramado abaixo. Às vezes, quando via convidados acomodados na grama, tomando chá, a única bebida que os Wilkes tinham recursos para comprar, Scarlett se perguntava como Melanie se permitia expor a própria pobreza tão ostensivamente. Até conseguir mobiliar a casa da tia Pitty como costumava ser antes da guerra e poder servir às visitas vinho de qualidade e presunto cozido e pernil de cervo, Scarlett não tinha a intenção de receber convidados, sobretudo convidados importantes como os de Melanie.

O general John B. Gordon, o grande herói da Geórgia, era uma visita frequente, juntamente com a família. O padre Ryan, o padre poeta da Confederação, jamais deixava de aparecer quando se encontrava em Atlanta. Encantava os presentes com seu humor fino e raramente precisava de grande insistência para recitar seu “Sword of Lee” ou o imortal “Conquered Banner”, que sempre levava as senhoras às lágrimas. Alex Stephens, o ex-vice-presidente da Confederação, frequentava a casa sempre que estava na cidade e, quando corria a notícia de que ele estava lá, todos acorriam e se sentavam durante horas

sob o feitiço do frágil inválido de voz cristalina. Em geral uma dúzia de crianças se fazia presente, a cabeça balançando sonolenta no colo dos pais, várias horas depois do habitual horário de dormir. Nenhuma família queria que os filhos perdessem a chance de dizer no futuro que haviam sido pessoalmente beijados pelo grande vice-presidente ou apertado a mão que ajudara a conduzir a Causa. Todos os indivíduos importantes que iam à cidade encontravam o caminho até o lar dos Wilkes e muitas vezes passavam a noite lá. Isso enchia a pequena casa atarracada, obrigava India a dormir em um colchão no chão do cubículo que era o quarto de Beau e fazia Dilcey atravessar o quintal dos fundos para pedir ovos emprestados para o café da manha à cozinheira da tia Pitty, mas Melanie os recebia com a mesma graça que o faria em uma mansão.

Não, nunca ocorreu a Melanie que as pessoas a cercassem como a um amado bastião familiar. Por isso, ela ficou atônita e constrangida quando o dr. Meade, após uma noite agradável em que ele se dispôs nobremente a ler as falas de Macbeth, beijou sua mão e fez comentários na voz usada no passado para falar da Nossa Causa Gloriosa:

— Minha cara srta. Melly, é sempre um privilégio e um prazer estar em sua casa, pois você, e senhoras da mesma cepa, são o coração de todos nós, tudo que nos restou. Eles levaram a flor da nossa masculinidade e o riso das nossas jovens. Arruinaram a nossa saúde, arrancaram nossas vidas pela raiz e perturbaram nossos hábitos. Arrasaram a nossa prosperidade, nos atrasaram cinquenta anos e puseram um fardo pesado demais nos ombros dos nossos jovens, que deveriam estar na escola, e dos nossos velhos, que deveriam estar dormindo ao sol. Mas voltaremos a nos erguer, pois temos corações como o seu para nos servirem de escora. E, desde que os tenhamos, os ianques podem ficar com o resto!

Até o corpo de Scarlett atingir proporções tamanhas que nem mesmo o enorme xale preto de tia Pitty fosse capaz esconder seu estado, ela e Frank frequentemente atravessavam o quintal dos fundos para participar dos encontros das noites de verão na varanda de Melanie. Scarlett sempre se sentava bem afastada da luz, escondida nas sombras protetoras onde não só passava

despercebida, mas podia, sem ser flagrada, observar o rosto de Ashley a seu bel-prazer.

Era apenas Ashley que a atraía até a casa, pois as conversas a entediavam e entristeciam, sempre seguindo um padrão estabelecido: primeiro, os tempos difíceis; depois, a situação política; e por fim, inevitavelmente, a guerra. As senhoras reclamavam do preço alto de tudo e perguntavam aos cavalheiros se eles achavam que um dia os bons tempos voltariam. E os cavalheiros oniscientes sempre respondiam que com certeza voltariam. Era apenas questão de tempo. As dificuldades eram apenas passageiras. As senhoras sabiam que os cavalheiros estavam mentindo e os cavalheiros sabiam que as damas sabiam que eles estavam mentindo. Mas mentiam alegremente mesmo assim e as damas fingiam acreditar. Todos sabiam que os tempos difíceis tinham chegado para ficar.

Depois de encerrarem o tópico dos tempos difíceis, as senhoras falavam da crescente insolência dos negros e das afrontas dos *carpetbaggers* e da humilhação que era ver os ianques à toa por todo lado. Acaso os cavalheiros achavam que os ianques algum dia terminariam a reconstrução da Geórgia? Os cavalheiros tranquilizadores achavam que a Reconstrução terminaria logo, logo — ou seja, assim que os Democratas pudessem votar de novo. As senhoras eram educadas o bastante para não indagar quando isso se daria. E, uma vez encerrado esse tema, tinha início a conversa sobre a guerra.

Toda vez que dois ex-confederados se encontravam, fosse onde fosse, jamais havia outro tópico de conversa, e onde uma dezena ou mais se reuniam, a conclusão inevitável era de que a guerra voltaria a ser travada. E sempre a palavra “se” desempenhava o papel principal na conversa.

“Se a Inglaterra tivesse nos reconhecido…” “Se Jeff Davis tivesse encomendado todo o algodão e conseguido fazê-lo chegar à Inglaterra antes que o bloqueio apertasse…” “Se Longstreet tivesse obedecido ordens em Gettysburg…” “Se Jeb Stuart não estivesse ausente naquele ataque, quando Marse Bob precisou dele…” “Se não tivéssemos perdido Stonewall Jackson…” “Se Vicksburg não tivesse caído…” “Se pudéssemos ter aguentado mais um ano…” E sempre: “Se não tivessem substituído Johnston por Hood…” ou “Se tivessem entregado o comando a Hood, em Dalton, em lugar de entregar a Johnston…”

Se! Se! A algaravia letárgica adquiria um ritmo mais rápido e excitado conforme a conversa progredia na tranquila escuridão — soldados da infantaria, da cavalaria, canhoneiros, evocando lembranças dos dias em que a vida estava sempre na maré alta, recordando o ardor feroz do meio do verão enquanto estavam no crepúsculo do inverno de suas vidas.

Eles não falam de outra coisa, pensava Scarlett. *Não falam senão da guerra. E jamais falarão de outra coisa senão da guerra, até* morrerem.

Olhava à volta, via garotinhos deitados no colo dos pais, ofegantes, os olhos brilhando, enquanto ouviam histórias de investidas no meio da noite e ataques insanos de cavalaria e de bandeiras plantadas no campo inimigo. Pareciam ouvir tambores e cornetas e o grito dos rebeldes, ver homens com os pés em chagas passando na chuva carregando bandeiras rasgadas.

*E essas crianças também jamais falarão de outra coisa. Vão achar que foi estupendo e glorioso lutar contra os ianques e voltar cego e aleijado, ou nem voltar. Todos gostam de recordar a guerra, falar dela. Mas eu não. Não gosto sequer de pensar nela. Esqueceria tudo se pudesse… Ai, se ao menos e*u pudesse!

Escutava arrepiada Melanie contar histórias de Tara, tornando Scarlett uma heroína por enfrentar os invasores e salvar a espada de Charles, louvando a forma como Scarlett apagara o incêndio. Scarlett não sentia prazer nem orgulho ao recordar tais coisas. Não queria pensar nelas em absoluto.

Ah, por que não podem esquecer? Por que não podem olhar para a frente e não para trás? Fomos tolos em lutar essa guerra. E quanto antes a esquecermos, melhor estaremos.

Mas aparentemente ninguém queria esquecer, com exceção dela. Por isso Scarlett ficou satisfeita quando pôde genuinamente dizer a Melanie que se envergonhava de comparecer, mesmo ficando na sombra. Essa explicação foi prontamente compreendida por Melanie, hipersensível como era a tudo relacionado ao parto. Melanie desejava ardentemente outro filho, mas tanto o dr. Meade quanto o dr. Fontaine lhe avisaram que outro bebê custaria sua vida. Assim, apenas semirresignada com o seu destino, ela passava a maior parte do tempo com Scarlett, aproveitando de maneira indireta uma gravidez que não era sua. Para Scarlett, que mal desejava o bebê a caminho e se irritava com a sua

inoportuna chegada, aquela atitude parecia o auge da burrice sentimental. Mas sentia um prazer culpado com o fato de a ordem médica tornar impossível qualquer intimidade real entre Ashley e a esposa.

Scarlett encontrava Ashley com frequência agora, mas jamais a sós. Ele ia até sua casa toda noite quando voltava da serraria para fazer o relatório do trabalho do dia, mas Frank e tia Pitty costumavam estar presentes, ou pior ainda, Melanie e India. Só lhe era possível fazer perguntas profissionais e sugestões, antes de agradecer: “Foi muita gentileza sua vir até aqui. Boa noite.”

Se ao menos não fosse ter um bebê! Ali estava uma oportunidade divina para ir com ele toda manhã para a serraria, pelos bosques ermos, longe de olhares bisbilhoteiros, onde poderiam se imaginar de volta ao condado nos dias letárgicos de antes da guerra.

Não, ela não tentaria obrigá-lo a dizer uma única palavra de amor! Não iria se referir ao amor de forma alguma. Fizera um juramento a si mesma de que jamais voltaria ao tema. Mas, talvez, se ficassem a sós uma vez mais, quem sabe ele deixasse cair aquela máscara de cortesia impessoal que vinha usando desde a sua chegada a Atlanta. Talvez voltasse a ser o Ashley de antes, o Ashley que ela conhecera antes do churrasco, antes que qualquer palavra de amor fosse dita entre eles. Se não podiam ser amantes, podiam voltar a ser amigos e ele aqueceria o coração frio e solitário dela no calor da sua amizade.

Se eu pudesse ter logo esse bebê e acabar com isso, pensava, impaciente, *eu iria com ele todos os dias e poderíamos* conversar…

Não era apenas o desejo de estar com Ashley que a fazia se contorcer de impaciência impotente diante do próprio confinamento. As serrarias precisavam dela. Vinham dando prejuízo desde que Scarlett se afastara da supervisão ativa e deixara para Hugh e Ashley esse encargo.

Hugh era extremamente incompetente, por mais esforço que fizesse. Um mau comerciante e um administrador pior ainda. Qualquer um conseguia pechinchar com ele. Se um empreiteiro velhaco decidisse dizer que a madeira era de qualidade inferior e não valia o preço cobrado, Hugh achava que tudo que cabia a um cavalheiro era pedir desculpas e baixar o preço. Quando soube por quanto ele vendera trezentos metros de assoalho, Scarlett irrompeu em lágrimas de raiva. A madeira para assoalho de melhor qualidade que a serraria jamais

produzira e ele praticamente a dera de presente! Além disso, era inábil com as equipes de operários. Os negros insistiam em ser pagos diariamente e quase sempre se embebedavam com o salário recebido e não apareciam para trabalhar na manhã seguinte. Nessas ocasiões, Hugh era forçado a caçar novos operários e a serraria demorava a abrir. Com essas dificuldades, Hugh ficava sem ir à cidade para vender a madeira vários dias seguidos.

Vendo os lucros escorrerem por entre os dedos de Hugh, Scarlett arrancava os cabelos ante a própria impotência e a burrice dele. Assim que o bebê nascesse e ela voltasse ao trabalho, ia se livrar de Hugh e contratar outra pessoa. Qualquer um se sairia melhor. E ela jamais se meteria com negros libertos. Como alguém conseguia realizar qualquer trabalho com negros libertos, se eles abandonavam o posto o tempo todo?

— Frank — disse ela, após uma reunião tempestuosa com Hugh a respeito dos operários faltosos —, decidi arrendar prisioneiros para trabalhar nas serrarias. Um tempo atrás, conversei com Johnnie Gallegher, o capataz de Tommy Wellburn, sobre os problemas que estamos enfrentando para conseguir que os pretos trabalhem, e ele me perguntou por que eu não arrendava prisioneiros. Me pareceu uma boa ideia. Ele disse que posso subcontratá-los por uma ninharia e lhes dar qualquer porcaria para comer. E que posso conseguir que eles trabalhem como eu quiser sem que o Departamento de Libertos fique de olho em mim, metendo o bedelho no que não lhes diz respeito. E, assim que o contrato de John Gallegher com Tommy acabar, vou chamá-lo para administrar a serraria de Hugh. Qualquer homem que dê conta de botar para trabalhar aquela cambada de irlandeses que ele comanda sem dúvida há de conseguir que os presos trabalhem um bocado.

Presos! Frank emudeceu, atônito. Arrendar prisioneiros era o pior de todos os esquemas insanos que Scarlett já sugerira, pior até mesmo do que a ideia de construir um saloon.

Ao menos parecia pior para Frank e o círculo conservador que ele frequentava. Esse novo sistema de arrendar prisioneiros tivera início devido à pobreza do estado depois da guerra. Incapaz de sustentar os presos, o Estado os estava arrendando para os necessitados de grandes equipes de operários na construção de estradas, na extração de resinas e em madeireiras. Embora Frank e

seus tranquilos amigos paroquianos percebessem a necessidade do arranjo, eles o deploravam mesmo assim. Muitos sequer aprovavam a escravidão e achavam que aquilo era bem pior do que a escravidão havia sido.

E Scarlett queria arrendar presos! Frank sabia que, se ela pusesse em prática seu plano, ele jamais voltaria a andar de cabeça erguida. Era bem pior do que ser dona e administradora das serrarias, bem pior do que tudo que já fizera antes. Suas objeções anteriores sempre vinham em conjunto com o refrão "O que as pessoas vão dizer?", mas essa… Essa ia além do medo da opinião pública. Para Frank, tratava-se de um tráfico de corpos humanos, similar à prostituição, um pecado que ele levaria na alma caso permitisse que a esposa o cometesse.

Apoiado em sua convicção de que aquilo era errado, Frank ganhou coragem para proibir Scarlett de fazer tal coisa, e tão fortes foram seus argumentos que ela, espantada, se calou. Finalmente, para acalmá-lo, ela decidiu dizer, com docilidade, que não havia falado sério. Estava apenas tão farta de Hugh e dos negros libertos que perdera o prumo. Secretamente, continuou pensando no assunto e o levando a sério. O trabalho dos presos resolveria um dos seus problemas mais graves, mas se Frank ia ficar tão inflamado…

Ela suspirou. Se ao menos uma das serrarias estivesse dando lucro, seria suportável, mas Ashley vinha se saindo apenas um pouco melhor do que Hugh.

A princípio, ela ficara surpresa e decepcionada por Ashley não ter de imediato dominado o negócio e feito a serraria dobrar o lucro que dava sob a administração dela. Ele era tão inteligente e lera tantos livros que não havia motivo para que não tivesse um sucesso brilhante e ganhasse um monte de dinheiro. Mas o sucesso dele não foi maior que o de Hugh. Sua inexperiência, a total ausência de tino comercial e seus escrúpulos para fechar contratos igualavam os de Hugh.

O amor de Scarlett rapidamente encontrou desculpas para isso e ela não via os dois sob a mesma ótica. Hugh era apenas irremediavelmente burro, enquanto Ashley era meramente novato nos negócios. Ainda assim, irrefreável, veio a constatação de que Ashley jamais conseguia fazer um cálculo rápido de cabeça e fornecer um preço correto, como ela. E às vezes Scarlett se perguntava se um dia ele aprenderia a distinguir tábuas de assoalho de peitoris. E, por ser um cavalheiro e pessoalmente confiável, acreditava em qualquer patife que

aparecesse e teria várias vezes sofrido prejuízos se ela não tivesse intervindo, cheia de tato. E se ele gostasse de alguém — e aparentemente gostava de um bocado de gente! — vendia madeira a crédito, sem sequer pensar em averiguar se o comprador dispunha de dinheiro no banco ou de alguma propriedade. Era tão ruim quanto Frank nesse aspecto.

Mas decerto iria aprender! E, enquanto aprendia, ela o tratava com uma indulgência afetuosa e maternal e mostrava enorme paciência com seus erros. Toda noite, quando ele a visitava em casa, cansado e desencorajado, Scarlett se mostrava incansável em suas sugestões úteis, oferecidas com a maior diplomacia. Mas, por mais que o encorajasse e animasse, havia nos olhos dele uma expressão mortalmente vazia. Ela não conseguia decifrá-la e isso a assustava. Ashley estava diferente, muito diferente do homem que costumava ser. Se ao menos pudessem conversar a sós, talvez ela conseguisse descobrir o motivo.

A situação lhe causou muitas noites insones. Ela se preocupava com Ashley, tanto por saber que ele estava infeliz, como porque essa infelicidade não o ajudava a se tornar um bom comerciante de madeira. Era uma tortura ter suas duas serrarias nas mãos de dois homens sem tino comercial como Hugh e Ashley; era de cortar o coração ver os concorrentes roubarem seus melhores fregueses, depois de ter trabalhado tanto e planejado cuidadosamente durante todos aqueles meses. Ah, se ao menos pudesse voltar ao trabalho! Tomaria Ashley pela mão e sem dúvida ele aprenderia. E Johnnie Gallegher poderia tocar a outra serraria, e ela faria as vendas e tudo daria certo. Quanto a Hugh, se quisesse continuar trabalhando para ela poderia dirigir a carroça de entregas, pois não servia para mais que isso.

Claro que Gallegher dava a impressão de ser um homem inescrupuloso, apesar da sua inteligência, mas… Quem mais ela arrumaria? Por que os outros que eram inteligentes e honestos tinham sido tão resistentes a trabalhar para ela? Se ao menos um deles estivesse trabalhando para ela agora no lugar de Hugh, sua preocupação seria bem menor, mas…

Tommy Wellburn, a despeito das costas estropiadas, era o empreiteiro mais ocupado da cidade e estava plantando dinheiro, pelo que se dizia. A sra. Merriwether e René prosperavam e agora haviam aberto uma padaria no centro.

René administrava o armazém com genuína avareza francesa e o avô Merriwether, feliz por escapar do seu canto junto ao fogareiro, passara a dirigir a carroça de tortas de René. Os irmãos Simmons, de tão assoberbados, vinham operando sua olaria com três turnos de operários por dia. E Kells Whiting andava fazendo um bom dinheiro com o alisador de cabelo, pois dizia aos negros que eles jamais teriam permissão para votar nos Republicanos com o cabelo pixaim.

O mesmo acontecia com todos os homens inteligentes que Scarlett conhecia: os médicos, os advogados, os proprietários de lojas. A apatia que os abatera imediatamente após a guerra sumira por completo e eles estavam ocupados demais fazendo as próprias fortunas para ajudá-la a fazer a dela. Os que não andavam ocupados demais eram os do tipo de Hugh… ou de Ashley.

Que dificuldade era tentar administrar um negócio e ter um filho ao mesmo tempo!

Jamais terei outro, decidiu com firmeza. *Não vou ser como todas as mulheres e ter um bebê por ano. Deus do céu, isso significaria ficar afastada das serrarias seis meses por ano! E vejo agora que não posso me dar ao luxo de me afastar delas nem um único dia. Simplesmente direi a Frank que não vou ter ma*is filhos.

Frank queria uma família grande, mas de algum jeito ela o convenceria. A decisão estava tomada. Aquele seria seu último filho. As serrarias eram muito mais importantes.

Capítulo 42

Scarlett teve uma menina, uma coisinha pequena e careca, feia como um macaco pelado e incrivelmente parecida com Frank. Ninguém, com exceção do pai, era capaz de ver algo de bonito nela, mas os vizinhos foram caridosos o bastante para dizer que todos os bebês feios embelezavam depois. Deram-lhe o nome de Ella Lorena, Ella em homenagem à avó Ellen e Lorena porque era o nome feminino da moda na época, tanto quando Robert E. Lee e Stonewall Jackson estavam na moda para meninos, e Abraham Lincoln e Emancipation para bebês negros.

Ela nasceu no meio de uma semana em que uma excitação febril tomou conta de Atlanta e o clima ficou tenso com a expectativa de uma tragédia. Um negro havia sido acusado de estupro e efetivamente preso, mas antes que fosse levado a julgamento a cadeia foi atacada pela Ku Klux Klan e ele, enforcado sem alarde. A Klan agira para poupar a vítima até então anônima de depor no julgamento aberto. Para não deixá-la alardear a própria vergonha, o pai e o irmão teriam sido capazes de matá-la, motivo pelo qual o linchamento do negro soou como uma solução preferível — na verdade a única solução decente possível — aos moradores da cidade. As autoridades militares, porém, ficaram enfurecidas. Não viram razão por que a moça se incomodaria de depor publicamente.

Os soldados efetuaram prisões a torto e a direito, jurando varrer a Klan mesmo se fosse preciso prender todos os homens brancos de Atlanta. Os negros, assustados e com uma expressão feia, cochichavam sobre retaliar incendiando casas. Pairavam boatos de que os ianques fariam enforcamentos por atacado, caso os culpados fossem encontrados, e de uma rebelião orquestrada pelos negros contra os brancos. O pessoal da cidade ficava em casa, atrás de portas trancadas e venezianas fechadas, os homens temendo sair para trabalhar e deixar suas mulheres e filhos desprotegidos.

Scarlett, exausta na cama, febril, silenciosamente agradecia a Deus o fato de Ashley ter juízo demais para pertencer à Klan e por Frank ser demasiado velho e sem energia para tal. Seria pavoroso saber que os ianques podiam chegar e prendê-los a qualquer momento! Por que os jovens desmiolados da Klan não se convenciam de que as coisas já iam mal o bastante e paravam de atiçar os ianques daquele jeito? Provavelmente a moça não tinha sido estuprada. Provavelmente apenas levara um susto e, por sua causa, um monte de homens talvez perdesse a vida.

Nesse clima, tão extenuante quanto observar um pavio lento chegar a um barril de pólvora, Scarlett recuperou rapidamente as forças. O vigor saudável que a impelira a superar os dias difíceis em Tara cumpriu seu papel, e duas semanas após o nascimento de Ella Lorena ela já estava bem o bastante para se sentar e reclamar da própria inatividade. Em três semanas se pôs de pé, declarando precisar visitar as serrarias, ociosas naquele período, porque tanto Hugh quanto Ashley temiam deixar suas famílias sozinhas.

Então veio o golpe.

Frank, cheio de orgulho com a paternidade recente, reuniu coragem suficiente para proibir Scarlett de sair de casa enquanto a situação estivesse tão perigosa. Suas ordens não a teriam preocupado e ela seguiria em frente a despeito delas se o marido não houvesse posto o cavalo e a charrete na cocheira de aluguel e ordenado que ambos não fossem entregues a quem quer fosse, salvo a ele mesmo. Para piorar as coisas, ele e Mammy revistaram pacientemente a casa enquanto Scarlett estivera de cama e descobriram os maços de dinheiro escondidos. Frank os depositara no banco em seu próprio nome, impedindo a esposa de sequer alugar algum transporte.

Scarlett investiu furiosa contra Frank e Mammy, mas acabou por implorar e finalmente gritar uma manhã toda como uma enfurecida criança contrariada. A despeito de tudo isso, porém, só ouvia: “Ora, docinho! Você é só uma garotinha doente” e “Sinhá Scarlett, si ocê num pará de gritá, seu leite vai azedá e o nenê vai sinti cólica, pode acriditá”.

Furiosa, Scarlett atravessou correndo o quintal dos fundos e foi até a casa de Melanie, onde desabafou a raiva a plenos pulmões, declarando que iria a pé às serrarias, que sairia por Atlanta contando a todos que verme era o seu marido,

que não seria tratada como uma criança teimosa e retardada. Levaria uma pistola e atiraria em quem quer que a ameaçasse. Já atirara em um homem e adoraria, sim, adoraria, atirar noutro. Ela iria…

Melanie, que temia se aventurar até a varanda da própria casa, ficou apavorada com tais ameaças.

— Oh, você não pode se arriscar! Eu morreria se algo acontecesse com você! Por favor…

— Pois eu vou! Eu vou! Vou a pé…

Melanie encarou-a e viu que aquilo não era a histeria de uma mulher ainda fragilizada pelo parto. Havia a mesma determinação obstinada no rosto de Scarlett que Melanie vira com frequência no rosto de Gerald O'Hara quando decidido a fazer alguma coisa. Enlaçou a amiga pela cintura e a abraçou com força.

— É tudo culpa minha, por não ser corajosa como você e segurar Ashley em casa comigo todo esse tempo, quando ele deveria estar na serraria. Meu Deus! Sou uma grande covarde! Querida, vou dizer a Ashley que não tenho medo algum e vou à sua casa ficar com você e tia Pitty para ele poder voltar a trabalhar e…

Nem mesmo para si mesma Scarlett admitiria achar que Ashley não seria capaz de dar conta da situação sozinho, e gritou:

— Você não vai fazer nada disso! De que adianta Ashley ir trabalhar se ficar preocupado com você o tempo todo? Todos são tão detestáveis! Até o tio Peter se recusa a ir comigo! Mas não me importo! Vou sozinha. Vou a pé o caminho todo e pego uma equipe de pretos em algum lugar lá fora…

— Ah, não! Não faça isso! Algo horrível pode acontecer com você. Dizem que o assentamento de Shantytown, na estrada Decatur, está cheio de pretos malvados, e você teria de passar por lá. Deixe-me pensar… Querida, prometa que não vai fazer nada hoje e eu vejo se tenho uma ideia. Prometa que vai para casa se deitar. Você parece extenuada. Prometa.

Porque estava demasiado exaurida pela raiva para fazer outra coisa, Scarlett concordou emburrada e foi para casa, arrogantemente recusando qualquer oferta de paz dos familiares.

Naquela tarde, uma figura estranha passou mancando pela cerca de Melanie e atravessou o quintal dos fundo de Pitty. Sem dúvida, era um daqueles homens aos quais Mammy e Dilcey se referiam como “aquela corja qui a sinhá Melly pega na rua e dêxa dormi no porão”.

Havia três cômodos no porão da casa de Melanie, que antes serviam de aposentos para criados e de adega. Agora, Dilcey ocupava um deles, e os dois outros viviam sendo usados por uma série de miseráveis e esfarrapados que se revezavam. Ninguém, exceto Melanie, sabia de onde vinham e para onde iam e ninguém sabia onde ela os recolhia. Talvez os negros tivessem razão e ela os recolhesse nas ruas, mas, assim como os poderosos e os semipoderosos eram atraídos para a sua pequena sala de estar, os desafortunados descobriam o caminho até o seu porão, onde recebiam comida, cama e farnéis para levar com eles. Em geral, os ocupantes dos cômodos eram ex-soldados confederados do tipo mais rude, iletrado, sem-teto, sem família, percorrendo as estradas meio sem rumo, na esperança de encontrar trabalho.

Com frequência, camponesas morenas e envelhecidas e seus filhos louros e calados passavam a noite lá, mulheres que a guerra enviuvara, privara de suas fazendas, e que buscavam parentes desgarrados. Às vezes, a vizinhança se escandalizava com a presença de estrangeiros que falavam pouco ou nada de inglês, que tinham sido atraídos para o Sul com histórias mirabolantes de fazer fortuna facilmente. Certa vez um Republicano dormira lá. Pelo menos, foi o que disse Mammy, que garantia poder farejar um Republicano tanto quanto um cavalo era capaz de farejar uma cobra. Mas ninguém acreditou nela, porque devia haver algum limite mesmo para a caridade de Melanie. Ao menos era o que todos esperavam.

Sim, pensou Scarlett, sentada na varanda lateral sob o sol pálido de novembro, com o bebê no colo. *Ele é um dos cães coxos de Melanie*. *Aliás, é c*oxo mesmo!

O homem que atravessou o quintal dos fundos tinha uma perna de pau, como Will Benteen. Era alto, magro, velho, com uma careca suja meio rosada e uma barba grisalha tão comprida que podia ser enfiada no cinto. Tinha mais de sessenta anos, a julgar pelo rosto duro, marcado, mas seu corpo não mostrava a flacidez da idade. Era magricela e desengonçado, mas, mesmo com a perna de pau, se movia rápido como uma cobra.

Subiu a escada e aproximou-se dela e, antes mesmo que falasse, revelando um sotaque que não se ouvia nos vales, Scarlett percebeu que era oriundo das montanhas. Apesar das roupas sujas e rasgadas, havia nele, como acontecia com a maioria dos montanheses, um ar de orgulho silencioso que não permitia liberdades nem tolerava tolices. A barba tinha manchas de tabaco mascado e o grande chumaço que lhe inchava o queixo fazia o rosto parecer deformado. O nariz era fino e adunco, as sobrancelhas, bastas e com as pontas enroscadas e tufos de cabelo lhe saíam das orelhas, fazendo lembrar as orelhas de um lince. Sob uma das sobrancelhas via-se uma órbita oca, da qual descia uma cicatriz pela bochecha, traçando uma diagonal pela barba abaixo. O outro olho era pequeno, desbotado e frio, um olho que não piscava nem expressava remorso. Na cintura da calça, via-se uma pistola pesada ostensivamente exibida, e do cano da bota surrada se projetava a ponta do cabo de uma faca.

Ele devolveu o olhar de Scarlett com frieza e cuspiu para o outro lado do corrimão antes de falar. Havia desdém em seu único olho, não dirigido pessoalmente a ela, mas ao sexo feminino em geral.

— A sra. Wilkes me mandou trabalhar para você — disse. A fala era enferrujada, como se não tivesse o hábito de usá-la, as palavras eram ditas devagar, quase com dificuldade. — Meu nome é Archie.

— Lamento, mas não tenho trabalho para o senhor, sr. Archie.

— Archie é meu primeiro nome.

— Desculpe. Qual é o seu sobrenome?

Ele tornou a cuspir:

— Isso é problema meu. Archie serve.

— Não me importa o seu sobrenome! Não tenho nada para você fazer.

— Acho que tem, sim. A sra. Wilkes ficou nervosa de ouvir que a senhora queria sair por aí sozinha que nem boba e me mandou aqui para dirigir a charrete.

— É mesmo? — exclamou Scarlett, indignada, tanto com a grosseria do homem quanto com a impertinência de Melly.

O olho solitário com uma expressão de animosidade impessoal a encarou.

— Sim. Uma mulher não tem nada que incomodar os homens quando eles tentam tomar conta dela. Se a senhora está a fim de sair por aí, eu levo. Odeio

pretos. E ianques também.

Transferindo o naco de tabaco para a outra bochecha e sem esperar convite, sentou-se então no degrau mais alto.

— Não vou dizer que gosto de levar mulheres por aí, mas a sra. Wilkes é boa pra mim, me deixa dormir no porão e me mandou aqui pra fazer isso.

— Mas… — começou Scarlett, impotente, antes de parar e olhar para ele. Passado um instante, deu um sorriso. Não gostava da aparência daquele velho mal-encarado, mas sua presença simplificaria as coisas. Com ele a seu lado, ela poderia ir até a cidade, às serrarias, visitar fregueses. Ninguém questionaria a sua segurança e só aquela aparência já bastava para evitar o risco de um escândalo.

— Combinado — disse ela. — Quer dizer, se o meu marido concordar.

Depois de uma conversa em particular com Archie, Frank deu seu consentimento relutante e mandou um aviso para a cocheira de aluguel para liberar o cavalo e a charrete. Ficou magoado e decepcionado com o fato de a maternidade não ter mudado Scarlett, mas, já que ela estava decidida a voltar a suas malditas serrarias, Archie era uma bênção divina.

Assim começou o relacionamento que, a princípio, espantou Atlanta. Archie e Scarlett formavam uma dupla improvável, o velho truculento e sujo com a perna de pau para fora da parte fronteira da charrete e a jovem bonita, finamente vestida, com a testa permanentemente franzida em reflexão. Podiam ser vistos a qualquer hora e em qualquer lugar dentro e próximo de Atlanta, raramente se falando, obviamente não se gostando, mas ligados por uma necessidade mútua, ele, de dinheiro, ela, de proteção. Ao menos, diziam as senhoras da cidade, era melhor do que andar por aí se exibindo com o tal do Butler. Perguntavam-se com curiosidade por onde andaria Rhett, que deixara abruptamente a cidade três meses antes e ninguém, nem mesmo Scarlett, conhecia seu paradeiro.

Archie era um homem calado, jamais falava sem que lhe dirigissem a palavra e em geral respondia com grunhidos. Toda manhã vinha do porão de Melanie e se sentava na escada da frente da casa de Pitty, mascando e cuspindo até que Scarlett saísse e Peter trouxesse a charrete do estábulo. Tio Peter tinha dele um medo levemente menor do que do diabo e da Klan, e até Mammy andava em volta do velho em silêncio e com cautela. Archie odiava negros, e ambos sabiam e o temiam. Ele reforçara a pistola e a faca com mais uma pistola, e sua fama

correu rapidamente entre a população negra. Jamais precisou sacar uma arma ou sequer levar a mão ao cinto. O efeito moral bastava. Nenhum negro ousava nem mesmo rir quando Archie pudesse escutar.

Certa vez, Scarlett lhe perguntou por curiosidade por que ele odiava os negros e se surpreendeu ao ouvi-lo explicar, pois, via de regra, toda pergunta era respondida com “Isso é problema meu”.

— Odeio eles como toda a gente da montanha odeia eles. Nunca gostamos deles e nunca tivemos um preto. Foram eles que começaram a guerra. Odeio eles por isso também.

— Mas você lutou na guerra.

— Acho que isso é privilégio de um homem. Odeio os ianques também, mais do que odeio os pretos. Quase tanto quanto odeio mulheres faladeiras.

Eram grosserias explícitas como essa que causavam uma raiva silenciosa em Scarlett e a faziam desejar livrar-se dele. Mas o que faria sem Archie? De que outro jeito conseguiria tal liberdade? Ele era grosseiro e sujo e, vez por outra, muito fedorento, mas cumpria seu papel. Levava-a para as serrarias e de volta para casa, bem como para as rondas dos fregueses, cuspindo e olhando para o vago, enquanto ela falava e dava ordens. Se descia da charrete, ele descia atrás dela e seguia seus passos. Quando ela se misturava aos operários rudes, aos negros ou soldados ianques, raramente ele estava a mais de um passo do seu cotovelo.

Logo Atlanta se habituou a ver Scarlett e seu guarda-costas e, com o hábito, as senhoras começaram a invejar a sua liberdade de movimento. Desde o linchamento da Klan, as senhoras haviam sido praticamente enclausuradas, sequer indo às compras na cidade, a menos que houvesse no mínimo um grupo de meia dúzia. Sociáveis por natureza, elas botaram no bolso o orgulho e começaram a pedir Archie emprestado a Scarlett. E, sempre que não precisava dele, ela fazia a gentileza de disponibilizá-lo para o uso de outras senhoras.

Logo Archie se tornou uma instituição e as mulheres competiam pelo seu tempo livre. Raramente uma manhã se passava sem que uma criança ou um criado negro chegasse na hora do café da manhã com um bilhete dizendo: “Se você não for usar o Archie esta tarde, por favor, ceda-o a mim. Quero levar flores ao cemitério.” “Preciso ir à modista.” “Gostaria que Archie levasse a tia

Nelly para pegar ar.” “Preciso fazer uma visita na rua Peters e o vovô não está se sentindo bem o bastante para me levar. Será que Archie…”

Ele levava todas, criadas, matronas e viúvas, e por todas mostrava o mesmo desprezo intransigente. Era óbvio que não gostava de mulheres, com exceção de Melanie, mais do que gostava de negros e ianques. Espantadas a princípio com a sua grosseria, as senhoras finalmente se habituaram e, como ele era tão calado, salvo por intermitentes explosões de cusparadas de tabaco, elas o ignoravam tanto quanto ignoravam os cavalos que ele guiava, e se esqueciam da sua existência. Na verdade, a sra. Merriwether chegou a contar à sra. Meade todos os detalhes do resguardo da sobrinha antes que se lembrasse da presença de Archie no banco dianteiro da carruagem.

Em nenhuma outra ocasião uma situação tal seria possível. Antes da guerra, ele sequer seria admitido na cozinha das senhoras. Receberia comida na porta dos fundos e iria embora cuidar da vida. Agora, porém, sua presença tranquilizadora era bem-vinda. Rude, iletrado, sujo, Archie era uma muralha entre as senhoras e o terror da Reconstrução. Não era amigo nem criado, mas um guarda-costas contratado, protegendo as mulheres enquanto seus homens trabalhavam de dia ou se ausentavam à noite.

Scarlett tinha a impressão de que, depois que Archie começara a trabalhar para ela, Frank se ausentava à noite com muita frequência. Dizia que os livros contábeis do armazém precisavam ser escriturados e que o movimento crescera agora e não lhe restava tempo para a contabilidade durante o expediente. E havia amigos doentes que ele tinha de visitar. Depois veio a organização dos Democratas que se reunia toda quarta-feira à noite para encontrar maneiras de recuperar o voto, e Frank jamais perdia uma reunião. Scarlett achava que aquela organização pouco fazia exceto louvar os méritos do general John B. Gordon acima dos de qualquer outro general, salvo o general Lee, e programar uma nova guerra. Decerto ela não via qualquer progresso quanto à recuperação do voto. Mas Frank obviamente gostava das reuniões, já que ficava fora até altas horas naquelas noites.

Ashley também visitava os doentes e igualmente frequentava as reuniões dos Democratas e em geral se ausentava nas mesmas noites que Frank. Nessas ocasiões, Archie escoltava Pitty, Scarlett, Wade e a pequena Ella na travessia do

quintal dos fundos até a casa de Melanie, e as duas famílias passavam a noite juntas. As senhoras costuravam enquanto Archie, deitado no sofá da sala, roncava, as costeletas grisalhas estremecendo a cada ronco. Ninguém o convidara a esticar-se no sofá, que era a melhor peça da mobília da casa, e as senhoras gemiam por dentro toda vez que ele ali se aboletava, plantando a bota em cima do belo estofamento. Mas ninguém ousava repreendê-lo, sobretudo depois de ouvi-lo comentar que era uma sorte ter sono fácil, pois do contrário o som de mulheres cacarejando como um bando de galinhas decerto o levaria à loucura.

Scarlett às vezes imaginava de onde teria vindo Archie e como era sua vida antes de se instalar no porão de Melly, mas jamais fez tais perguntas. Havia algo naquele rosto sombrio e caolho que desencorajava a curiosidade. Tudo que ela sabia era que a voz dele fazia lembrar as montanhas ao norte e que ele estivera no Exército e havia perdido tanto a perna quanto o olho pouco antes da rendição. Foram palavras ditas em um acesso de fúria contra Hugh Elsing que extraíram a verdade sobre o passado de Archie.

Certa manhã, o velho a levara até a serraria de Hugh e ela a encontrara fechada, os negros ausentes e Hugh sentado, desanimado, debaixo de uma árvore. A equipe de operários não aparecera e ele não sabia o que fazer. Scarlett estava de péssimo humor e não teve escrúpulos de descontar em Hugh, pois acabara de receber uma grande encomenda de madeira — com urgência, ainda por cima. Gastara energia e charme e negociação para conseguir tal encomenda, e agora a serraria estava parada.

— Me leve à outra serraria — ordenou a Archie. — Sim, eu sei que vai demorar e não almoçaremos, mas para que lhe pago? Tenho de mandar o sr. Wilkes parar o que estiver fazendo e providenciar essa madeira. Aposto que os operários dele também não estão trabalhando. Pelo fogo do inferno! Nunca vi um pateta igual a Hugh Elsing! Vou me livrar dele, assim que o tal Johnnie Gallegher terminar as lojas que está construindo. Não me importa se Gallegher lutou no Exército ianque! Ele vai trabalhar. Não existe irlandês preguiçoso. E já cansei de escravos libertos. Não se pode depender deles. Vou contratar Johnnie Gallegher e arrendar alguns prisioneiros. Ele vai conseguir fazer com que trabalhem. Ele…

Archie se virou para ela, fitando-a com o olho malévolo, e quando falou havia uma raiva gélida em sua voz enferrujada.

— O dia em que a senhora arrendar presos vai ser o dia em que eu peço as contas.

Scarlett se espantou.

— Santo Deus! Por quê?

— Entendo tudo sobre arrendamento de prisioneiro. Chamo isso de matança de preso. Comprar gente como se fosse mula. Tratar essa gente pior que mula. Bater, fazer passar fome, matar. E quem se importa? O Estado não se importa. Recebe o dinheiro do arrendamento. O pessoal que arrenda os presos não se importa. Tudo que querem é dar a eles comida barata e arrancar deles todo o trabalho possível. Diabos, senhora. Nunca achei que mulher era boa coisa e agora acho menos ainda.

— E isso é da sua conta?

— Me parece — respondeu Archie laconicamente, e depois de uma pausa completou: — Fui preso por quase quarenta anos.

Scarlett ofegou e, por um instante, se encolheu no banco da charrete. Aquela, então, era a resposta para o enigma de Archie, para a sua recusa em dar o sobrenome ou local de nascimento ou qualquer outra pista do seu passado, a resposta para a dificuldade de falar e para odiar tanto o mundo. Quarenta anos! Devia ter ido para a prisão jovem. Quarenta anos! Ora, recebera uma sentença de prisão perpétua e essas eram para…

— Foi um… Foi homicídio?

— Sim — respondeu Archie, curtamente, enquanto balançava as rédeas. — Minha esposa.

Os olhos de Scarlett piscaram rapidamente de medo. A boca por baixo da barba pareceu se mover, como se ele estivesse sorrindo, divertido, do medo dela.

— Não vou matar a senhora, se é isso que lhe mete medo. Só existe um motivo para matar uma mulher.

— Você matou sua esposa!

— Ela estava dormindo com o meu irmão. Ele fugiu. Não me arrependo de ter matado ela. Mulheres vadias merecem morrer. A lei não tem o direito de pôr um homem na cadeia por isso, mas me pôs.

— Mas… Mas como você saiu? Fugindo? Recebeu perdão?

— Pode chamar de perdão. — As sobrancelhas espessas e grisalhas se uniram como se o esforço de juntar as palavras fosse demasiado. — Lá nos idos de 64, quando Sherman chegou, eu estava no presídio de Milledgeville já fazia quarenta anos. E o guarda reuniu todos os presos e disse que os ianques iam vim e queimar e matar. Olha, se tem coisa que eu odeio mais que um crioulo ou uma mulher é um ianque.

— Por quê? Você… Você conheceu algum ianque?

— Não, mas ouvi falar deles. Ouvi dizer que eles não conseguem não se meter na vida dos outros. Odeio gente que se mete na vida dos outros. O que eles tinham de fazer na Geórgia, libertando nossos pretos e queimando as nossas casas e matando o nosso gado? Bom, o guarda disse que o Exército precisava muito de mais soldados e os presos que se alistassem seriam soltos depois da guerra, se sobrevivessem. Mas nós, com prisão perpétua, os assassinos, o Exército não queria. Nósíamos pra outra cadeia. Só que eu disse pro guarda que eu não era como a maioria dos perpétuos. Só estava lá porque matei minha esposae ela merecia morrer. E eu queria lutar contra os ianques. E o guarda viu o meu lado da coisa e me deixou sair com os outros.

Archie fez uma pausa e grunhiu.

— Foi engraçado. Eles me botaram na cadeia por ter matado e agora iam me deixar sair com uma arma na mão e um perdão gratuito pra matar mais. Foi bem bom ser um homem livre de novo com um rifle na mão. Os presos de Milledgeville lutaram bem e mataram, e um monte morreu. Não conheci nenhum que desertou. E quando veio a rendição, nós fomo soltos. Perdi essa perna aqui e esse olho aqui. Mas não me arrependi.

— Ah —disseScarlett debilmente.

Tentou recordar o que ouvira sobre a libertação dos presos de Milledgeville em uma última tentativa desesperada de frear o exército de Sherman. Frank falara a esse respeito naquele Natal de 1864. O que ele tinha dito mesmo? Suas lembranças daquele período, porém, eram demasiado caóticas. Mais uma vez, ela sentiu o terror inominável daqueles dias, ouviu os canhões do cerco, viu a fila de carroças pingando sangue nas estradas rubras, viu a Guarda Estadual marchando para o front, os cadetes novinhos e as crianças, como Phil Meade, e

os velhos como tio Henry e o avô Merriwether. E os presos também haviam marchado, para morrer no crepúsculo da Confederação, para congelar na neve e sob o granizo na última campanha no Tennessee.

Por um breve momento, ela pensou em como era tolo aquele velho por lutar por um estado que roubara quarenta anos da sua vida. A Geórgia levara sua juventude e seus anos de apogeu por um crime que, para ele, não fora um crime, e mesmo assim ele lhe dera uma perna e um olho. As palavras amargas ditas por Rhett nos primeiros dias da guerra lhe vieram à mente, e ela se lembrou de ouvi-lo dizer que jamais lutaria por uma sociedade que fizera dele um proscrito. Mas quando a emergência se apresentou, ele partiu para a luta por aquela mesma sociedade, assim como fizera Archie. Aparentemente, todos os homens sulistas, da classe alta ou da baixa, eram tolos sentimentais e se importavam menos com a própria vida do que com palavras sem significado.

Olhando para as velhas mãos deformadas de Archie, para as duas pistolas e a faca, sentiu novamente medo. Haveria outros ex-prisioneiros à solta, como Archie, assassinos, párias, ladrões, perdoados por seus crimes em nome da Confederação? Ora, qualquer desconhecido na rua podia ser um assassino! Se Frank algum dia soubesse a verdade sobre Archie, o mundo desabaria. Ou se tia Pitty… Mas o espanto mataria Pitty. Quanto a Melanie… Scarlett quase desejava poder contar a ela a verdade sobre Archie. Bem feito para ela por pegar aquele lixo e impingi-lo às amigas e parentes.

— Fico… Fico feliz por você ter me contado, Archie. Não vou… Não contarei a ninguém. Seria um grande espanto para a sra. Wilkes e para as outras senhoras, se elas soubessem.

— É. A sra. Wilkes sabe. Contei para ela na noite que ela me deixou dormir no porão. Não acha que eu ia deixar uma dama boa como ela me botar dentro de casa sem saber, né?

— Que Deus nos proteja! — exclamou Scarlett, atônita.

Melanie sabia que o homem era um assassino e, ainda por cima, assassino de uma mulher, e não o expulsara de casa. Confiara a ele o filho, a tia e a cunhada, além de todas as amigas. E ela, a mais frágil das mulheres, não tivera medo de ficar sozinha com ele em casa.

— A sra. Wilkes é muito sensata pra uma mulher. Ela me achou direito. Pensa que um mentiroso continua mentindo, que um ladrão continua roubando, mas ninguém mata mais que uma vez na vida. E acha que quem lutou pela Confederação apagou tudo de mal que já fez. Só que eu não acho que fiz nada errado quando matei minha esposa… É, a sra. Wilkes é muito sensata para uma mulher… E vou lhe dizer, no dia em que a senhora arrendar prisioneiros, eu não trabalho mais pra senhora.

Scarlett não fez comentários, mas pensou: *Quanto antes você for embora, melhor para mim. Um* assassino!

Como Melly podia ter sido tão… Tão… Ora, não havia palavras para o que Melanie fizera ao acolher aquele velho rufião e não contar às amigas que ele era um infrator. Desde quando servir no Exército apagava todos os pecados passados? Melanie confundiu guerra com batismo! Mas também, Melly era uma bobalhona quando se tratava de Confederação, veteranos e tudo que lhes dizia respeito. Scarlett amaldiçoou intimamente os ianques e acrescentou mais uma cruzinha contra eles na sua lista negra. Eram responsáveis por uma situação que obrigava uma mulher a manter um assassino a seu lado para protegê-la.

Voltando para casa com Archie sob o crepúsculo gélido, Scarlett viu um aglomerado de cavalos selados, charretes e carroças do lado de fora do *saloon* Girl of the Period. Ashley estava montado em seu cavalo, com uma expressão alerta no rosto; os irmãos Simmons acenavam enfaticamente de dentro da sua charrete; Hugh Elsing, a franja castanha lhe caindo nos olhos, gesticulava freneticamente. A carroça de tortas do avô Merriwether se encontrava no centro do emaranhado e, ao se aproximar, Scarlett viu que Tommy Wellburn e o tio Henry Hamilton se apertavam no banco com o velho.

Espero que o tio Henry não volte para casa nessa geringonça, pensou Scarlett com irritação. *Devia se envergonhar de ser visto nela. Não é que não tenha um cavalo para andar. Só faz isso para poder ir com o vovô toda noite* ao saloon.

Quando chegou mais perto do grupo, parte da tensão coletiva contagiou-a, por mais insensível que fosse, e seu coração se apertou de medo.

Ah! Espero que ninguém mais tenha sido estuprada! Se a Klan linchar mais um preto que seja, os ianques vão acabar com todos nós!

Então falou para Archie:

— Encoste aí. Tem alguma coisa errada.

— A senhora não vai parar na porta de um *saloon* — disse Archie.

— Você me ouviu. Encoste. Boa noite a todos. Ashley… Tio Henry… Aconteceu alguma coisa? Vocês estão com uma expressão tão…

O grupo se virou para ela, erguendo os chapéus e sorrindo, mas havia nos olhos de todos uma excitação pulsante.

— Pode ser coisa boa ou ruim — rosnou tio Henry. — Depende de como se olha. Para mim, o Legislativo não podia ter feito diferente.

O Legislativo?, pensou Scarlett, aliviada. Tinha pouco interesse pelo Legislativo, achando que seus feitos pouco a afetavam. O que a amedrontava era pensar que os soldados ianques podiam novamente atacar.

— O que foi agora?

— Recusaram-se firmemente a ratificar a emenda — disse o avô Merriwether, com orgulho na voz. — Isso vai mostrar aos ianques…

— E o pau vai comer… Me desculpe, Scarlett — disse Ashley.

— Oh, a emenda? — indagou Scarlett, tentando parecer inteligente.

A política estava além da sua compreensão e raramente perdia tempo pensando nisso. Uma Décima Terceira Emenda havia sido ratificada pouco antes, ou talvez fosse a Décima Sexta Emenda, mas o que significava ratificação ela não fazia ideia. Os homens sempre ficavam em polvorosa quanto a essas coisas. Um pouco da sua falta de compreensão estampou-se em seu rosto, e Ashley sorriu.

— É a emenda que permite que os pretos votem, você sabe — explicou ele. — Foi submetida ao Legislativo e eles se recusaram a ratificar.

— Que tolice a deles! Vocês sabem que os ianques vão nos obrigar a engoli-la!

— Foi o que eu quis dizer quando falei que o pau vai comer — concordou Ashley.

— Estou orgulhoso do Legislativo, orgulhoso da sua coragem! — gritou tio Henry. — Os ianques não podem nos obrigar a engolir, se não aceitarmos.

— Podem e farão isso. — A voz de Ashley era calma, mas havia preocupação em seus olhos. — E as coisas ficarão ainda mais difíceis para nós.

— Ah, Ashley, com certeza não! As coisas não podem ficar piores do que estão!

— Podem, sim. As coisas podem ficar ainda piores. Imagine um Legislativo preto! Um governador preto! Imagine se tivermos um governo militar pior do que temos agora!

Os olhos de Scarlett se arregalaram de medo quando um vislumbre de compreensão a assaltou.

— Tenho tentado pensar no que seria melhor para a Geórgia, melhor para todos nós — disse Ashley, com expressão desanimada. — Se é mais sábio lutar contra tudo isso, como fez o Legislativo, provocar o Norte a revidar e fazer todo o Exército ianque investir sobre nós para impor o voto negro, queiramos ou não. Ou… engolir o nosso orgulho como pudermos, ceder com elegância e superar o assunto tão facilmente quanto possível. Vai acabar dando no mesmo. Estamos impotentes. Temos de dançar conforme a música que eles decidirem tocar. Talvez seja melhor fazer isso sem chiar.

Scarlett mal ouviu as palavras dele e com certeza o registro pleno delas lhe escapou. Ela sabia que Ashley, como sempre, estava encarando os dois lados de uma questão. Ela via apenas um lado: como aquele tapa no rosto dos ianques poderia afetá-la.

— Vai se tornar radical e votar nos Republicanos, Ashley? — provocou o avô Merriwether.

Fez-se um silêncio tenso. Scarlett viu a mão de Archie fazer um movimento brusco em direção à pistola e depois parar. Archie achava, e com frequência dizia, que o vovô era um velho fanfarrão, e não pretendia deixá-lo insultar o marido da srta. Melanie, ainda que o marido da srta. Melanie estivesse dizendo bobagens.

A perplexidade sumiu de repente dos olhos de Ashley e uma fúria feroz a substituiu. Antes, porém, que ele falasse, tio Henry investiu contra o vovô.

— Seu miser… seu safa… Desculpe, Scarlett… Seu idiota, não diga isso ao Ashley!

— Ashley pode cuidar de si, não precisa que você o defenda — reagiu o vovô, com frieza. — E ele está falando como um *scallawag*. Ceder, uma ova! Desculpe, Scarlett.

— Não acreditava na secessão — disse Ashley, com a voz trêmula de raiva. — Mas quando a Geórgia se separou fiquei do seu lado. E não acreditava em guerra, mas lutei na guerra. E não acredito em enlouquecer mais os ianques, mas se o Legislativo decidiu fazer isso vou apoiá-lo. Eu…

— Archie — disse tio Henry abruptamente —, leve a srta. Scarlett para casa. Aqui não é lugar para ela. Política não é assunto para mulheres, e logo vai sair palavrão. Vá, Archie. Boa noite, Scarlett.

Enquanto atravessavam a rua Peachtree, o coração de Scarlett disparava de medo. Será que o ato tolo do Legislativo teria algum efeito sobre a sua segurança? Enraiveceria de tal modo os ianques que ela correria o risco de perder as serrarias?

— Muito bem — resmungou Archie. — Eu já tinha ouvido falar em coelhos cuspindo na cara de buldogues, mas nunca tinha visto até hoje. Os legisladores bem que podiam ter dado um hurra para Jeff Davis e a Confederação que daria no mesmo pra nós. Esses ianques amantes de negros já decidiram que os negros vão ser nossos patrões. Mas nós temos de admirar eles!

— Admirar? Raios me partam! Admirar? Deviam ser fuzilados! Vão fazer os ianques caírem em cima de nós, que nem abelha no mel. Não podiam simplesmente rati… radi…fazer o que tinham de fazer e acalmar os ianques em lugar de provocá-los de novo? Os ianques vão nos fazer ajoelhar cedo ou tarde, tanto faz.

Archie fitou-a com um olhar gelado.

— Ajoelhar sem brigar? As mulheres têm tanto orgulho quanto as cabras.

Quando Scarlett arrendou dez prisioneiros, cinco para cada serraria, Archie cumpriu a ameaça e se recusou a continuar trabalhando para ela. Nem os pedidos de Melanie nem as promessas de um salário melhor por parte de Frank o convenceram a pegar de novo as rédeas. Ele de boa vontade escoltava Melanie e Pitty e India e as amigas pela cidade, mas não Scarlett. Sequer conduzia as carruagens das outras se Scarlett estivesse presente. Era uma situação embaraçosa ter o velho pária posando de juiz para ela, e mais embaraçoso ainda era saber que a família e os amigos concordavam com ele.

Frank lhe implorou para não dar aquele passo. Ashley, a princípio, rejeitou a ideia e foi convencido, relutante, apenas após lágrimas e súplicas e promessas de que quando as coisas melhorassem ela contrataria negros libertos. Os vizinhos foram tão ostensivos em sua desaprovação que Frank, Pitty e Melanie começaram a ter dificuldade para andar de cabeça erguida. Até Peter e Mammy declararam que não trazia sorte trabalhar com prisioneiros e que nada de bom viria disso. Todos diziam que era errado se aproveitar da desgraça e do infortúnio alheios.

— Vocês nunca reprovaram o trabalho escravo! — gritava Scarlett, indignada.

Ah, mas isso era diferente. Os escravos não eram desgraçados nem desafortunados. Os negros viviam muito melhor quando escravizados do que agora, libertados, e se ela não acreditava bastava olhar à volta! Como de hábito, porém, a oposição só teve como efeito tornar Scarlett mais determinada a seguir adiante. Demitiu Hugh do seu posto de gerente da serraria, botou-o dirigindo uma carroça de madeira e fechou os últimos detalhes da contratação de Johnnie Gallegher.

Ele parecia ser a única pessoa que Scarlett conhecia que aprovava os presos. Assentiu brevemente com sua cabeça de petardo e disse que era uma manobra inteligente. Scarlett, olhando para o pequeno ex-jóquei, plantado firmemente em suas curtas pernas tortas, o rosto de gnomo com expressão dura e profissional, pensou: *Quem quer que o deixasse montar seus cavalos não tinha em alto apreço o lombo deles. Eu não o deixaria chegar nem perto de um* dos meus.

Mas não lhe pareceu um problema encarregá-lo de um bando de prisioneiros.

— E vou ter carta branca com o bando? — indagou ele, com os olhos frios como ágata cinzenta.

— Carta branca. Tudo que peço é que mantenha a serraria funcionando e entregue a minha madeira quando eu quiser e na quantidade que eu quiser.

— Pode deixar — disse Johnnie, laconicamente. — Vou avisar ao sr.Wellburn que estou saindo.

Quando ele se afastou em meio ao grupo de pedreiros, carpinteiros e carregadores, Scarlett sentiu alívio e recobrou o ânimo. Johnnie era sem dúvida o homem que ela queria. Durão e calejado, não estava ali para brincar. “Irlandês bronco e presunçoso”, chamara-o Frank, com desdém, mas exatamente por esse

motivo Scarlett o valorizava. Sabia que um irlandês determinado a chegar a algum lugar era um homem valioso, independentemente de suas características pessoais. E sentia uma proximidade maior com ele do que com muitos homens da sua própria classe social, pois Johnnie conhecia o valor do dinheiro.

Na sua primeira semana na serraria, ele satisfez todas as expectativas, pois teve mais sucesso com os cinco prisioneiros do que Hugh jamais tivera com a equipe de dez negros libertos. Mais que isso, ele permitiu a Scarlett mais tempo livre do que em qualquer outro momento desde que chegara a Atlanta no ano anterior, porque não lhe agradava a presença dela na serraria, algo que lhe disse com franqueza.

— Fique com as vendas e me deixe encarregado da madeira — falou curtamente. — Um acampamento de prisioneiros não é lugar para uma dama e, se ninguém mais lhe disse isso, Johnnie Gallegher está lhe dizendo agora. Estou entregando a sua madeira, não estou? Bom, não pretendo ser incomodado diariamente como o sr. Wilkes. Ele precisa disso, eu não.

Portanto, com relutância, Scarlett se manteve afastada da serraria de Johnnie, temendo que se a visitasse com demasiada frequência ele pudesse se demitir, e isso seria devastador. Seu comentário sobre Ashley precisar de supervisão a magoara, pois havia ali mais verdade do que ela gostaria de admitir. Ashley não vinha se saindo muito melhor com os prisioneiros do que com os ex-escravos antes, embora não fosse capaz de dizer por quê. Ademais, ele dava a impressão de sentir vergonha de usar o trabalho dos prisioneiros e ultimamente lhe dirigia pouco a palavra.

Scarlett se afligia com a mudança que se operara em Ashley. Flagrara alguns cabelos brancos em sua cabeça e uma postura cansada em seus ombros. E ele raramente sorria. Não parecia mais o Ashley charmoso por quem se apaixonara tantos anos antes. Parecia, sim, um homem corroído por uma dor dificilmente suportável, e uma expressão sombria lhe endurecia a boca, confundindo e torturando Scarlett. Ela queria deitar à força a cabeça dele em seu ombro, acariciar o cabelo grisalho e implorar com veemência: “Me diga o que tanto o preocupa! Eu dou um jeito! Vou consertar o que houver de errado!”

Mas o ar formal e distante dele a mantinha afastada.

Capítulo 43

Era um dos raros dias de dezembro em que o calor do sol era tão forte quanto durante o verão. Folhas vermelhas secas ainda podiam ser vistas no carvalho da entrada da casa de Pitty e um verde-amarelado desbotado ainda persistia na grama ressecada. Scarlett, com o bebê nos braços, saiu para a varanda lateral e se sentou em uma cadeira de balanço sob uma nesga de sol. Estava usando um novo vestido verde de viscose debruado com metros e metros de passamanaria preta trançada e uma nova touca de renda que tia Pitty fizera para ela. Tanto uma peça quanto a outra lhe caíam bem, e Scarlett estava alegremente ciente disso. Como era bom recuperar a beleza, depois daqueles longos meses de aparência horrível!

Enquanto ninava o bebê, cantarolando baixinho, ouviu o som de cascos subindo a rua e, espiando, curiosa, através do emaranhado de videiras na varanda, viu Rhett Butler se aproximar da casa.

Ele estivera fora de Atlanta durante meses, desde pouco antes da morte de Gerald, desde muito antes do nascimento de Ella Lorena. Sentira falta dele, mas agora desejou ardentemente que houvesse um jeito de evitar encontrá-lo. Na verdade, a visão do seu rosto moreno encheu-lhe o coração de um pânico culpado. Uma questão envolvendo Ashley lhe pesava na consciência e ela não queria discuti-la com Rhett, mas sabia que ele forçaria a discussão, por menos que ela se dispusesse a isso.

Ele parou no portão e desceu com leveza do cavalo e Scarlett pensou, observando-o com nervosismo, que ele se parecia imensamente com uma ilustração em um livro que Wade vivia insistindo para que ela lesse em voz alta.

*Tudo que falta são os brincos e o facão entre os dentes. Ora, pirata ou não, ele não vai cortar a minha garganta hoje, se eu pud*er evitar.

Quando ele se aproximou, ela o cumprimentou lançando-lhe seu sorriso mais doce. Que sorte estar usando o vestido novo e a touca atraente que tanto a

embelezavam! Quando os olhos dele a passaram rapidamente em revista, ficou claro que sua opinião foi a mesma.

— Um recém-nascido! Ora, Scarlett, que surpresa! — Ele riu, inclinando-se para afastar a manta do rostinho feio de Ella Lorena.

— Não seja tolo — disse ela, corando. — Como vai, Rhett? Você ficou fora um tempão.

— Fiquei. Deixe-me pegar o bebê, Scarlett. Ah, eu sei segurar bebês. Tenho muitos talentos estranhos. Bem, ele com certeza se parece com Frank. Só faltam as costeletas, mas há tempo para isso.

— Espero que não. É uma menina.

— Menina? Melhor ainda. Meninos são uma chatice. Jamais tenha outro menino, Scarlett.

Sentiu na ponta da língua a resposta malcriada de que nunca mais pretendia ter bebês, meninos ou meninas, mas controlou-se a tempo e sorriu, buscando rapidamente algum tópico de conversa que adiasse o mau momento em que o assunto que temia viria à tona para discussão.

— Fez uma boa viagem, Rhett? Para onde foi dessa vez?

— Ah… Cuba… Nova Orleans… outros lugares. Aqui, Scarlett, pegue o bebê. Ela está começando a babar e eu não consigo pegar o lenço. É um amor de bebê, tenho certeza, mas está molhando o peito da minha camisa.

Ela pegou a criança de volta no colo e Rhett se acomodou preguiçosamente de encontro ao corrimão e tirou um charuto da cigarreira de prata.

— Você vai a toda hora a Nova Orleans — disse ela, fazendo beicinho. — E nunca me diz o que faz por lá.

— Sou um homem trabalhador, Scarlett. Talvez os meus negócios me levem a Nova Orleans.

— Trabalhador! Você! — exclamou, rindo de forma impertinente. — Você nunca trabalhou. É preguiçoso demais. Só faz financiar os
c*arpetbaggers* em seus roubos e ficar com metade do lucro, além de subornar oficiais ianques para que o incluam em esquemas para arrancar dinheiro de nós, contribuintes.

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

— E você adoraria ter dinheiro suficiente para subornar oficiais e fazer o mesmo!

— A mera ideia… — começou ela, já se irritando.

— Mas quem sabe você ainda consiga ganhar o bastante para partir para o suborno em larga escala um dia. Talvez enriqueça com aqueles prisioneiros que arrendou.

— Ah — disse ela, levemente desconcertada —, como você descobriu tão depressa?

— Cheguei ontem à noite e fiquei até tarde no *saloon* Girl of the Period, onde se sabe todas as novidades da cidade. É um criadouro de mexericos, melhor do que os círculos de costura femininos. Todos me disseram que você arrendou um bando de prisioneiros e encarregou aquele anão feioso, Gallegher, de botá-los para trabalhar até morrer.

— Mentira — exclamou ela, com raiva. — Ele não vai botá-los para trabalhar até morrer. Vou me certificar disso.

— Vai mesmo?

— Claro que sim! Como você se atreve sequer a insinuar uma coisa dessas?

— Ah, peço mil desculpas, sra. Kennedy! Sei que seus motivos estão acima de qualquer censura. No entanto, Johnnie Gallegher é o mais rematado e frio valentão que existe. É melhor ficar de olho nele para não ter problemas quando houver inspeção.

— Você cuida da sua vida, que eu cuido da minha — retrucou Scarlett, indignada. — E não quero mais falar de prisioneiros. Todo mundo está sendo detestável sobre isso. Meus operários são assunto meu… E você ainda não me contou o que faz em Nova Orleans. Tem ido tanto lá que todos dizem… — Interrompeu-se, então, ao se dar conta de que não pretendera ir tão longe.

— Dizem o quê?

— Bem… Que você tem uma namorada por lá. Que vai se casar. Vai mesmo, Rhett?

Já estava curiosa a esse respeito há tanto tempo que não conseguiu frear a pergunta objetiva. Sentia uma pontadinha de ciúme ante a ideia de Rhett se casar, embora não soubesse o motivo disso.

Os olhos tranquilos dele ficaram de repente alertas e encontraram os dela, encarando-a até um rubor colori-la.

— Isso a incomodaria muito?

— Ora, eu odiaria perder a sua amizade — respondeu Scarlett castamente e, tentando demonstrar desinteresse, baixou a cabeça para ajeitar a manta em torno da cabeça de Ella Lorena.

Ele riu de repente, um riso curto, e disse:

— Olhe para mim, Scarlett.

Ela ergueu o olhar, contra a vontade, o rubor se acentuando.

— Você pode dizer a seus amigos curiosos que quando eu me casar será porque não consegui a mulher que eu queria de nenhuma outra forma. E jamais desejei uma mulher o bastante para me casar com ela.

Agora, sim, ele a deixara confusa e envergonhada, pois lhe veio a recordação da noite naquela mesma varanda, durante o cerco, quando ele lhe disse “Não sou homem de casar” e, casualmente, sugeriu que ela se tornasse sua amante. Recordou-se também do dia terrível na cadeia, e a lembrança a envergonhou. Um sorriso lento e malicioso se espalhou no rosto de Rhett ao ler tudo isso nos olhos dela.

— Mas vou satisfazer sua curiosidade vulgar, já que fez uma pergunta tão objetiva. Não é uma namorada o que me atrai a Nova Orleans. É uma criança, um menininho.

— Um menininho! — A surpresa dessa informação inesperada varreu a confusão.

— Sim, ele é legalmente meu pupilo e minha responsabilidade. Estuda em Nova Orleans. Vou lá com frequência para vê-lo.

— E levar presentes? — *Então é assim que ele sabe de que tipo de presente W*ade gosta!

— Sim — respondeu Rhett, relutante.

— Nossa! Ele é bonito?

— Bonito demais para o próprio bem.

— É um menino bonzinho?

— Não. É um pestinha. Gostaria que nunca tivesse nascido. Meninos são criaturas problemáticas. Tem mais alguma coisa que você gostaria de saber?

De repente, ele pareceu zangado e o rosto se anuviou, como se estivesse arrependido de falar daquele assunto.

— Bom, não, já que você não quer me contar mais nada… — respondeu ela com altivez, embora estivesse ansiosa por mais informações. — Mas não consigo imaginar você no papel de tutor — falou, rindo, na esperança de desconcertá-lo.

— Suponho que não. Sua visão é um bocado limitada.

Nada mais disse, fumando seu charuto em silêncio. Ela buscou algum comentário tão grosseiro quanto o dele, mas não encontrou.

— Eu agradeceria se você não comentasse isso com ninguém — pediu ele, finalmente. — Embora eu imagine que pedir a uma mulher para ficar de boca calada é pedir o impossível.

— Posso guardar um segredo — rebateu Scarlett, com a dignidade ferida.

— Pode? É bom descobrir talentos insuspeitados nos amigos. Agora, chega de beicinho, Scarlett. Lamento se fui grosseiro, mas você mereceu por ficar xeretando. Me dê um sorriso e sejamos agradáveis durante um ou dois minutos antes que eu aborde um assunto desagradável.

Ai, Deus!, pensou ela. *Agora ele vai falar sobre Ashley e a serraria!* E ela se apressou a sorrir e mostrar a covinha, para distraí-lo.

— Por onde mais você andou, Rhett? Não ficou em Nova Orleans esse tempo todo, ficou?

— Não, passei o último mês em Charleston. Meu pai morreu.

— Ah, sinto muito.

— Não sinta. Garanto que ele não lamentou morrer e eu com certeza não lamento que esteja morto.

— Que coisa horrível de dizer, Rhett!

— Seria muito pior se eu fingisse lamentar, não seria? Nunca nos gostamos. Não me lembro de uma única ocasião em que o velho não tenha me desaprovado. Sou parecido demais com o pai dele, que ele desaprovava ardorosamente. E, conforme fui ficando mais velho, essa desaprovação se transformou em desafeto, algo que, admito, pouco fiz para reverter. Tudo que o meu pai queria que eu fizesse e fosse era muito chato. Finalmente, ele me jogou no mundo sem um tostão ou treino para ser qualquer outra coisa que não um

cavalheiro de Charleston, um bom atirador e um excelente jogador de pôquer. E encarou como afronta pessoal o fato de eu não ter morrido de fome, mas usado a minha habilidade no pôquer maravilhosamente bem para viver como um rei. Ficou tão insultado por um Butler se tornar um jogador que, quando voltei para casa pela primeira vez, proibiu minha mãe de me ver. E durante toda a guerra, quando eu furava o bloqueio saindo de Charleston, minha mãe precisava mentir e ir me encontrar às escondidas. Claro que isso não aumentou o meu amor por ele.

— Ah, eu não sabia!

— Ele era o que se rotula de um cavalheiro de classe da velha escola, o que significa ser ignorante, cabeça-dura, intolerante e incapaz de pensar diferente do que pensam os outros cavalheiros da velha escola. Todos o admiravam muitíssimo por ter me excluído e me consideravam morto. “Se o teu olho direito te ofende, arranca-o fora.” Fui o olho direito dele, o primogênito, e ele me arrancou por vingança.

Ele sorriu de leve, o olhar embrutecido pela lembrança.

— Bom, eu poderia perdoar tudo isso, mas não perdoo o que ele fez com a mamãe e a minha irmã desde o final da guerra. Elas viraram praticamente indigentes. A casa da fazenda foi queimada e plantação de arroz virou pântano. A casa na cidade foi tomada por falta de pagamento dos impostos e elas moram em dois cômodos que não prestam nem para os negros. Mandei dinheiro para mamãe, mas meu pai devolveu. É dinheiro sujo, você sabe! E várias vezes fui a Charleston e dei dinheiro escondido à minha irmã, mas ele sempre descobria e criava um pandemônio até transformar a vida dela num inferno, coitada. Não sei como viviam… Ou melhor, sei, sim. Minha mãe abriu mão de tudo que podia, embora não tivesse muito, e ele continuou a não aceitar nada de mim… Dinheiro de especulação não dá sorte, você sabe! E a caridade dos amigos. Sua tia Eulalie é muito boa e uma das maiores amigas da minha mãe. Tem dado roupas a elas e… Santo Deus! Minha mãe vivendo da caridade pública!

Poucas vezes ela o vira sem máscara, o rosto estampando um ódio genuíno pelo pai e preocupação com a mãe.

— Tia Lalie! Mas, Rhett, ela não tem grande coisa além do que eu mando para ela!

— Ah, então é daí que vem! Quanta falta de educação, minha cara, gabar-se disso diante da minha humilhação. Preciso reembolsá-la!

— Aceito com prazer — disse Scarlett, a boca de repente formando um sorriso, correspondido por Rhett.

— Ah, Scarlett, como a expectativa de embolsar um dólar faz seus olhinhos brilharem! Você garante que não tem nas veias um pouco de sangue escocês ou judeu misturado ao irlandês?

— Não seja abominável! Não tive a intenção de jogar em você o que eu disse sobre a tia Lalie, mas, honestamente, ela acha que eu sou um banco. Fica me escrevendo pedindo mais e Deus sabe que já tenho a minha cota sem precisar sustentar metade de Charleston. Do que o seu pai morreu?

— Inanição da elite, acho… E espero. Bem feito para ele. Estava disposto a deixar que a mamãe e Rosemary morressem de fome com ele. Agora que morreu, posso ajudá-las. Comprei uma casa para as duas na esplanada e haverá criados para cuidar delas. Mas, é claro, não poderão dizer que o dinheiro é meu.

— Por quê?

— Minha querida, decerto você conhece Charleston! Já esteve lá. Minha família pode ser pobre, mas tem uma reputação a zelar. E será impossível caso descubram que por trás disso tem dinheiro de jogo, de especulação e de *carpetbaggers*. Não, elas espalharam a notícia de que o papai deixou um enorme seguro de vida… Que vivia como mendigo e morreu de fome para manter os pagamentos em dia para que depois de morrer elas tivessem como se sustentar. Assim, ele será considerado um cavalheiro da velha escola com mais classe ainda… Na verdade, um mártir para a família. Espero que esteja se revirando no túmulo só de saber que a mamãe e Rosemary estão bem confortáveis agora, apesar dos seus esforços… De certa forma, lamento que tenha morrido, porque ele queria morrer… Ficou tão feliz de morrer…

— Por quê?

— Ah, na verdade ele morreu quando Lee se rendeu. Você conhece o tipo. Nunca se adaptou realmente aos novos tempos e passava a vida falando sobre os bons e velhos tempos.

— Rhett, será que todos os velhos são assim? — Ela se lembrou de Gerald e do que Will dissera a seu respeito.

— Meu Deus, não! Veja o seu tio Henry e aquele gato velho, o sr. Merriwether, para citar apenas dois. Eles firmaram um novo contrato de vida quando marcharam para o front com a Guarda Estadual e me parece que remoçaram e ficaram mais espevitados desde então. Encontrei o velho Merriwether hoje de manhã dirigindo a carroça de tortas de René e amaldiçoando o cavalo como se fosse um cocheiro do Exército. Me disse que se sente dez anos mais moço desde que escapou de casa e dos cuidados da nora e passou a dirigir a carroça. E o seu tio Henry adora duelar com ianques no tribunal e fora dele e defender a viúva e o órfão, sem cobrar, suponho, contra os *carpetbaggers*. Se não tivesse havido uma guerra, ele estaria aposentado há tempos cuidando do reumatismo. Voltaram a ser jovens porque são úteis de novo e se sentem necessários. E gostam destes novos tempos que dão aos velhos uma outra oportunidade. Mas existe um monte de gente, gente jovem, que é como o meu pai e o seu. Não podem e não querem se adaptar, e isso me leva ao assunto desagradável que quero conversar com você, Scarlett.

Sua guinada abrupta desconcertou-a tanto que ela gaguejou:

— O que… O que… — E interiormente gemeu: *Ai, Senhor! Agora vem. Será que consigo a*molecê-lo?

— Eu não deveria esperar honestidade nem retidão nos negócios com você, conhecendo-a como conheço. Mas, tolamente, confiei em você.

— Não entendi.

— Acho que entendeu, sim. De todo jeito, você parece muito culpada. Quando estava vindo para cá, pela rua Ivy, faz pouco, quem você imagina que me acenou por trás de uma cerca viva? A sra. Ashley Wilkes! Claro que parei e conversei com ela.

— É mesmo?

— Sim, e tivemos uma prosa bem agradável. Ela me falou que sempre quis que eu soubesse como me achava corajoso por ter lutado pela Confederação, ainda que na undécima hora.

— Ah, conversa fiada! Melly é uma boboca. Podia ter morrido naquela noite em que você se portou tão heroicamente.

— Suponho que consideraria ter dado a vida por uma boa causa. E, quando lhe perguntei o que estava fazendo em Atlanta, ela fez uma expressão surpresa

por eu ignorar e me disse que estão morando aqui agora e que você fez a gentileza de oferecer sociedade ao sr. Wilkes na serraria.

— Bem, e daí? — indagou, curtamente, Scarlett.

— Quando lhe emprestei o dinheiro para comprar a serraria impus uma condição, com a qual você concordou, que era a de que ele não fosse para o sustento de Ashley Wilkes.

— Você está sendo muito insultuoso. Já paguei o empréstimo e sou dona da serraria. O que faço com ela é assunto meu.

— Importa-se de me dizer como ganhou o dinheiro com que pagou o empréstimo?

— Ganhei vendendo madeira, claro.

— Ganhou com o dinheiro que lhe emprestei para você começar o negócio. Foi assim. Meu dinheiro está sendo usado para sustentar Ashley. Você é uma mulher sem honra e se não tivesse pagado o empréstimo eu teria imenso prazer em cobrá-lo agora e mandar leiloar publicamente seus bens se você não pagasse.

As palavras foram ditas com leveza, mas a raiva brilhava em seu olhar.

Scarlett rapidamente levou o combate para o território inimigo.

— Por que você tem tamanho ódio de Ashley? Acho que é ciúme.

Teve vontade de morder a língua, tão logo fechou a boca, pois Rhett jogou a cabeça para trás e riu até o próprio rubor deixá-la mortificada.

— Acrescentemos presunção à desonra — disse ele. — Você jamais vai superar ter sido a beldade do condado, vai? Sempre achará que é a rainha do baile e que todo homem que a vê morre de amores por você.

— Não mesmo! — gritou ela, com veemência. — Mas não consigo entender por que você tem tanto ódio de Ashley, e essa é a única explicação que me ocorre.

— Bom, pense noutra alternativa, minha linda sedutora, pois essa é a explicação errada. E quanto a odiar Ashley… Não o odeio mais do que gosto dele. Na verdade, a única coisa que sinto por ele e gente do seu tipo é pena.

— Pena?

— Sim, e certo desprezo. Agora, trate de inchar como um peru e me dizer que ele vale mil canalhas da minha laia e que eu não devia me atrever a ser tão

insolente a ponto de sentir pena ou desprezo por ele. E, quando terminar de inchar, eu lhe explico o que pretendi dizer, se você estiver interessada.

— Pois bem, não estou.

— Mas vou explicar assim mesmo, pois não suporto vê-la continuar a nutrir sua ilusão agradável de que sinto ciúmes. Tenho pena dele porque ele deveria estar morto e não morreu. E sinto desprezo porque ele não sabe o que fazer consigo mesmo agora que o seu mundo acabou.

Havia algo familiar na ideia expressada por Rhett. Scarlett se lembrou vagamente de ouvir palavras semelhantes, mas não lhe ocorreu quando nem onde. Não pensou muito nisso, porque sua raiva ferveu.

— Se fosse por você, todos os homens decentes do Sul estariam mortos!

— E, se fosse por eles, acho que os do tipo de Ashley prefeririam estar mortos. Mortos com lápides bonitas acima da cova dizendo: "Aqui jaz um soldado da Confederação, morto em prol do Sul", ou "*Dulce et decorum est*…" ou qualquer outro epitáfio popular.

— Não vejo por quê!

— Você nunca vê coisa alguma que não esteja em letras garrafais e seja esfregada no seu nariz, não é mesmo? Se estivessem mortos, seus problemas teriam terminado, não haveria questões a encarar, questões sem solução. Além disso, suas famílias se orgulhariam deles durante inúmeras gerações. E ouvi dizer que os mortos são felizes. Você supõe que Ashley Wilkes seja feliz?

— Ora, é claro… — começou ela, antes de se lembrar da expressão nos olhos de Ashley ultimamente. Parou, então.

— Ele está feliz, ou Hugh Elsing, ou o dr. Meade? Estarão mais felizes do que estavam o meu pai ou o seu?

— Bom, talvez não tão felizes quanto poderiam estar, pois perderam todo o dinheiro.

Ele riu.

— Não foi a perda do dinheiro, querida. Foi a perda do mundo deles, o mundo em que se criaram. São como peixes fora d'água ou gatos com asas. Foram criados para serem determinadas pessoas, para fazerem determinadas coisas, para ocuparem determinados nichos. E essas pessoas e coisas e nichos desapareceram para sempre quando o general Lee chegou a Appomattox. Ah,

Scarlett, não seja tão burra! O que existe para Ashley Wilkes fazer, agora que não tem mais lar e a fazenda lhe foi tomada por não pagar os impostos e cavalheiros de elite estão valendo dez tostões a resma? Pode trabalhar com a cabeça ou com as mãos? Aposto que você perdeu dinheiro aos montes desde que ele assumiu a serraria.

— Não perdi!

— Que ótimo. Posso dar uma olhada na sua contabilidade num desses domingos à tarde quando você estiver disposta?

— Você pode ir para o inferno e não quando estiver disposto. Por mim, pode ir agora mesmo.

— Querida, já fui ao inferno e descobri que o diabo é um sujeito muito sem graça. Não volto lá de novo, nem mesmo por você… Você pegou meu dinheiro quando precisou desesperadamente e usou-o. Fizemos um trato quanto a como ele seria usado e você rompeu esse trato. Lembre-se, minha doce trapaceira, que chegará o dia em que você há de querer pegar mais dinheiro emprestado comigo. Vai querer que eu seja seu banco, cobrando juros incrivelmente baixos, para que você possa comprar mais serrarias, mais mulas e construir mais *saloons*. E aí vamos ver o que vai conseguir.

— Quando eu precisar de dinheiro, pego emprestado no banco, obrigada — retorquiu ela, com frieza, embora o peito arfasse de fúria.

— Sério? Tente. Eu possuo muitas ações do banco.

— É mesmo?

— Sim, tenho interesse por algumas atividades honestas.

— Existem outros bancos…

— Muitos. E, se eu puder dar um jeito, você vai cortar um dobrado para conseguir um centavo deles. Mas pode procurar um dos agiotas *carpetbaggers*, se quiser dinheiro.

— Com todo o prazer.

— Vai procurá-los, mas com pouco prazer quando se inteirar dos juros que eles cobram. Meu anjo, existem punições no mundo dos negócios para trapaça. Você devia ter jogado limpo comigo.

— Você é um homem exemplar, não? Rico e poderoso, mas não deixa de espezinhar os que estão por baixo, como Ashley e eu!

— Não se coloque na classe dele. Você não está por baixo. Nada a deixa por baixo. Mas ele está e continuará assim a menos que alguém com muita energia o apoie, lhe dê direção e proteção enquanto ele viver. Não pretendo que o meu dinheiro seja usado em benefício de alguém assim.

— Não se incomodou em me ajudar quando eu estava por baixo…

— Você era um risco positivo, minha querida, um risco interessante. Por quê? Porque não se impôs como dependente de seus parentes do sexo masculino nem ficou chorando pelos velhos tempos. Saiu e batalhou e agora a sua fortuna está firmemente plantada sobre o dinheiro roubado da carteira de um morto e o dinheiro roubado da Confederação. Tem a seu crédito assassinato, furto ao cônjuge, tentativa de fornicação, mentira, negociações duvidosas e todo tipo de tramoia que não resiste a uma investigação. Coisas admiráveis, todas elas. Demonstram que você é uma pessoa cheia de energia e determinação e um bom risco para investimento. É divertido ajudar quem se ajuda. Eu emprestaria dez mil dólares sem sequer uma promissória àquela matrona velha, a sra. Merriwether. Ela começou com uma cesta de tortas, e veja onde chegou! Uma padaria que emprega uma dúzia de funcionários. O vovô está feliz com sua carroça de entregas e aquele zuavo preguiçoso trabalha duro e gosta disso… Ou àquele pobre diabo, Tommy Wellburn, que faz o trabalho de dois, e faz bem feito, com o corpo de meio homem, ou… ora, não preciso continuar e entediá-la.

— Você me causa tédio, sim, me entedia mortalmente — disse Scarlett, friamente, esperando aborrecê-lo e distraí-lo do infeliz assunto de Ashley. Mas ele apenas deu um riso curto e se recusou a aceitar o desafio.

— Gente assim vale a pena ajudar. Mas Ashley Wilkes… Argh! Essa cepa não tem uso nem valor num mundo virado do avesso como o nosso. Sempre que o mundo vira, esses são os primeiros a perecer. E por que não? Eles não merecem sobreviver porque não lutam… Não sabem lutar. Não é a primeira vez que o mundo vira do avesso e não será a última. Já aconteceu antes e acontecerá de novo. E, quando acontece, todo mundo perde tudo e todo mundo é igual. E então, todos começam de novo do zero, sem nada. Isto é, nada, salvo a sagacidade dos seus cérebros e a força de suas mãos. Mas alguns, como Ashley, não têm sagacidade nem força, ou, se têm, não as usam por escrúpulos. Por isso afundam e têm mesmo que afundar. É a lei natural, e o mundo está melhor sem

eles. Porém existe sempre um punhado que supera e, com o tempo, consegue voltar ao que era antes que o mundo virasse do avesso.

— Você foi pobre! Acabou de dizer que o seu pai jogou você no mundo sem um tostão! — disse Scarlett, furiosa. — Seria de imaginar que entendesse e se solidarizasse com Ashley!

— Eu entendo — retorquiu Rhett —, mas jamais me solidarizaria. Depois da rendição, Ashley tinha muito mais do que eu tinha quando fui expulso de casa. Ao menos ele tinha amigos que o acolheram, enquanto eu era Ismael. Mas o que Ashley fez consigo mesmo?

— Se você está se comparando a ele, seu presunçoso… Ele não é como você, graças a Deus! Não mancharia as próprias mãos como você fez, ganhando dinheiro com os *carpetbaggers* e *scallawags* e ianques. Ele tem honra e escrúpulos!

— Mas não o bastante para recusar ajuda e dinheiro de uma mulher.

— O que mais ele faria?

— Quem sou eu para dizer? Só sei o que eu fiz, tanto quando fui expulso de casa quanto hoje. Só sei o que outros homens fizeram. Vimos as oportunidades, algumas honestas, outras escusas, e continuamos a tirar o melhor proveito possível. Mas os Ashleys deste mundo têm as mesmas chances e não as aproveitam. Simplesmente não são espertos, Scarlett, e só os espertos merecem sobreviver.

Ela mal ouviu o que ele disse, pois agora lhe voltava a lembrança exata que lhe escapara alguns minutos antes. Lembrou-se do vento frio que varria o pomar de Tara e de Ashley de pé junto a uma pilha de toras, os olhos contemplando o nada. E ele tinha dito… O quê? Alguma palavra estrangeira engraçada que cheirava a blasfêmia, e falara do fim do mundo. Ela não entendera o significado então, mas agora uma compreensão perplexa começava a surgir, acompanhada de um mal-estar, de um cansaço.

— Ora, Ashley disse…

— Sim?

— Uma vez em Tara ele disse alguma coisa sobre o… sobre o crepúsculo dos deuses e sobre o fim do mundo e algumas outras bobagens do gênero.

— Ah, o *Götterdämmerung*! — Os olhos de Rhett cintilaram com interesse. — E o que mais?

— Ah, não lembro exatamente. Não prestei muita atenção. Mas… Sim, alguma coisa sobre os fortes superarem e os fracos serem derrotados.

— Então ele sabe. Isso torna tudo ainda mais difícil para ele. A maioria não sabe e nunca saberá. Passa a vida toda se perguntando para onde foi o encantamento perdido. Esses simplesmente sofrem, num silêncio orgulhoso e incompetente. Mas Ashley entende. Sabe que foi derrotado.

— Não, não foi! Não enquanto eu estiver viva!

Rhett fitou-a com tranquilidade e seu rosto moreno nada demonstrou.

— Scarlett, como você conseguiu que ele concordasse em vir para Atlanta e assumir a serraria? Ele relutou muito?

Ela teve uma rápida lembrança da cena com Ashley depois do enterro de Gerald e tirou-a da cabeça.

— Ora, claro que não — respondeu, indignada. — Quando lhe expliquei que precisava da sua ajuda, porque não podia confiar naquele patife que administrava a serraria, e que Frank era ocupado demais para me ajudar e eu ia ter… Bom, havia Ella Lorena. Ele ficou satisfeito de me ajudar.

— Doces são as utilidades da maternidade! Então foi assim que você o convenceu. Bom, você o tem onde o queria agora, pobre diabo, tão preso a você pela obrigação quanto qualquer dos seus prisioneiros estão às correntes. E eu desejo felicidades aos dois. Mas, como falei no início dessa conversa, você nunca mais vai tirar de mim um único centavo para qualquer um de seus arranjos nem um pouco femininos, minha dama de duas caras.

Ela se encheu de raiva, mas também de decepção. Já fazia algum tempo que planejava pedir algum dinheiro emprestado a Rhett para comprar um lote no centro e abrir um armazém de madeira.

— Posso passar sem o seu dinheiro — gritou. — Estou tendo lucro com a serraria de Johnnie Gallegher, bastante lucro, agora que não uso mais pretos libertos, e também tenho algum dinheiro investido em hipotecas e o armazém vem dando lucro com as vendas aos pretos.

— Eu soube. Quanta esperteza a sua enganar os indefesos e a viúva e o órfão e o ignorante. Mas, se precisa roubar, Scarlett, por que não rouba dos ricos e

fortes em vez de roubar dos pobres e fracos? De Robin Hood até hoje isso é considerado altamente moral.

— Porque — respondeu Scarlett de imediato — é um bocado mais fácil e seguro roubar, como você chama, dos pobres.

Ele riu sem fazer ruído, os ombros sacudindo.

— Você é uma tremenda velhaca honesta, Scarlett.

Uma velhaca! Estranho que o termo magoasse. Ela não era uma velhaca, disse a si mesma com veemência. Ao menos não era isso que desejava ser. Queria ser uma grande dama. Por um instante, a cabeça voltou no tempo e ela viu a mãe se movendo com um suave farfalhar de saias e uma leve fragrância de sachê, as mãos pequenas sempre ocupadas a servir os outros, amada, respeitada, querida. E de repente seu coração se apertou.

— Se está tentando me demonizar — falou, cansada —, não adianta. Eu sei que não tenho sido tão… tão escrupulosa quanto deveria, ultimamente. Nem tão bondosa e agradável como fui criada para ser. Mas não consigo evitar, Rhett. Honestamente, não consigo. Que outra coisa eu poderia ter feito? O que teria acontecido comigo, com Wade, com Tara e todos nós se eu tivesse… se eu tivesse sido gentil quando aquele ianque apareceu em Tara? E deveria ter… Mas não quero nem pensar nisso. E, quando Jonas Wilkerson ia se apropriar do meu lar, suponha que eu tivesse sido bondosa e cheia de escrúpulos. Onde estaríamos todos agora? E, se eu fosse doce e simplória e não insistisse com Frank para cobrar as dívidas, nós… Bom. Talvez eu seja velhaca, mas não serei velhaca para sempre, Rhett. Mas ao longo desses últimos anos… Mesmo agora… Que outra coisa eu poderia ter feito? Como deveria ter agido? Senti que estava tentando remar com um bote lotado numa tempestade. Já era tão difícil não afundar que não dava para me incomodar com coisas sem importância, coisas de que eu podia dispor facilmente sem que me fizessem falta, como boas maneiras e… bom, coisas desse tipo. Tive medo demais que o meu barco virasse e por isso joguei fora as coisas que me pareceram menos importantes.

— Orgulho, honra, verdade, virtude e generosidade — enumerou Rhett em um tom sedoso. — Você tem razão, Scarlett. Não são importantes quando um barco está afundando. Mas olhe à volta para seus amigos. Ou eles estão levando seus

barcos para o porto em segurança com a carga intacta ou estão contentes de ir a pique com todas as bandeiras tremulando.

— Eles são um bando de tolos — respondeu ela. — Há um tempo para tudo. Quando eu tiver muito dinheiro, também serei tão boa quanto lhe aprouver, um candor de pessoa. Vou poder me dar a esse luxo.

— Vai poder se dar ao luxo, mas não vai se dar. É difícil recuperar cargas jogadas ao mar e, quando acontece, em geral os danos são irreparáveis. Temo que, quando puder se dar ao luxo de pescar a honra e a virtude e a generosidade que jogou no mar, você descobrirá que o mar as transformou. E não terá sido, lamento, em algo melhor e único…

Ele se levantou de chofre e pegou o chapéu.

— Você já vai?

— Sim. Não está aliviada? Deixo-a com o que sobrou da sua consciência.

Fez uma pausa e baixou os olhos para o bebê, estendendo um dedo para a menina pegar.

— Suponho que Frank esteja explodindo de orgulho, não?

— Claro.

— Deve ter um monte de planos para a filha, certo?

— Bom, você sabe como os homens são tolos quanto aos bebês.

— Então diga a ele… — começou Rhett, mas se interrompeu, com uma expressão estranha no rosto. — Diga a ele que, se pretende ver os planos para a filha se concretizarem, é melhor que fique em casa com mais frequência do que está ficando agora.

— Como assim?

— Só diga a ele para ficar em casa.

— Ah, criatura vil! Insinuar que o pobre do Frank…

— Santo Deus! — exclamou Rhett, explodindo em uma gargalhada. —Eu não insinuei que ele está correndo atrás de mulheres! Frank! Santo Deus!

E desceu a escada rindo.

Capítulo 44

Ventava e fazia frio naquela tarde de março, e Scarlett puxou a manta até quase o pescoço enquanto atravessava a estrada Decatur em direção à serraria de Johnnie Gallegher. Andar sozinha na charrete era arriscado ultimamente, e ela sabia disso, mais arriscado que nunca, pois agora os negros haviam escapado totalmente ao controle. Como profetizara Ashley, o pau comera desde que o Legislativo se recusara a ratificar a emenda. A recusa veemente equivaleu a um tapa no rosto do Norte furioso e a retaliação não tardou. O Norte estava decidido a forçar o voto negro no estado e, para tal fim, a Geórgia foi declarada em rebelião e posta sob a mais estrita lei marcial. A própria existência da Geórgia como estado havia sido anulada e ela se tornara, com a Flórida e o Alabama, "Distrito Militar Número Três", sob o comando de um general federal.

Se havia insegurança e medo antes disso, agora a situação estava duplamente pior. Os regulamentos militares que soavam tão severos no ano anterior pareciam amenos agora, em comparação aos emitidos pelo general Pope. Diante da expectativa do domínio negro, o futuro parecia sombrio e sem esperança, e o estado amargurado fervia e se contorcia, impotente. Quanto aos negros, sua nova importância lhes subiu à cabeça, e, quando se deram conta de ter o apoio do Exército ianque, suas investidas aumentaram. Ninguém estava a salvo deles.

Naquela época amedrontadora e turbulenta, Scarlett estava assustada, mas determinada, e ainda fazia o circuito sozinha, com a pistola de Frank escondida no estofado da charrete. Silenciosamente amaldiçoava o Legislativo por lhes infligir esse desastre pior. De que servira aquela bela postura, aquele gesto que todos tachavam de corajoso? Tudo só piorara um bocado.

Ao se aproximar da trilha margeada de árvores desnudas que levava ao vale ribeirinho onde ficava o assentamento Shantytown, ela atiçou o cavalo para apressá-lo. Sempre se sentia pouco à vontade ao passar por aquele amontoado sujo e sórdido de tendas militares descartadas e barracos miseráveis. O local

tinha uma reputação pior do que qualquer outro dentro de Atlanta ou nos seus arredores, pois ali moravam, em meio à imundície, negros marginais, prostitutas negras e um punhado de brancos pobres da pior laia. Dizia-se que ali se refugiavam criminosos negros e brancos, o que fazia com que o local fosse o primeiro ponto revistado pelos soldados ianques quando procuravam alguém. Tiroteios e facadas ocorriam com tanta regularidade que as autoridades raramente se davam ao trabalho de investigar e geralmente deixavam a cargo dos próprios ocupantes resolverem suas disputas escusas. Havia na mata um alambique que fabricava um uísque de milho de baixa qualidade e, à noite, os barracos à margem do riacho se enchiam dos gritos e palavrões de bêbados.

Até mesmo os ianques admitiam tratar-se de um lugar pestilento que deveria ser destruído, mas não tomavam providências nesse sentido. A indignação era grande entre os habitantes de Atlanta e Decatur, obrigados a usar a estrada para transitar entre as duas cidades. Os homens passavam por Shantytown com as armas soltas nos coldres e mulheres de bem jamais faziam tal caminho voluntariamente, ainda que sob a proteção de seus homens, pois era certo topar com prostitutas negras bêbadas sentadas ao longo da estrada vituperando insultos e gritando palavrões.

Enquanto contou com Archie a seu lado, Scarlett jamais deu importância a Shantytown, porque nem mesmo a negra mais insolente ousaria rir na presença dela. Mas, depois de ser forçada a dirigir a charrete sozinha, houve uma série de acontecimentos desagradáveis, insanos. As vadias negras davam a impressão de desafiá-la sempre que passava. Não havia coisa alguma a fazer, salvo ignorá-las e fumegar de raiva. Sequer podia se consolar desabafando seus problemas com os vizinhos ou a família porque os vizinhos diriam, triunfantes, “Ora, o que mais você esperava?”, e a família voltaria a reprová-la e tentaria retê-la. E não era sua intenção encerrar as viagens.

Graças a Deus não havia nenhuma esfarrapada na estrada naquele dia! Quando passou pela trilha que levava ao acampamento, ela olhou com desagrado para o grupo de barracos atarracados no descampado à luz do sol vespertino. Um vento gélido soprava e, ao passar, Scarlett sentiu nas narinas um odor que mesclava fumaça de madeira, porco frito e latrinas sujas. Prendendo a

respiração, sacudiu as rédeas com força no lombo do cavalo e seguiu depressa, fazendo a curva na estrada.

No exato momento em que começava a respirar aliviada, o coração lhe subiu à garganta com um medo repentino, quando um negro enorme saiu sorrateiramente de trás de um grande carvalho. Ficou amedrontada, mas não de modo a perder o controle e, em um instante, freou o cavalo e pegou a pistola de Frank.

— O que você quer? — gritou com toda a autoridade que conseguiu reunir. O negro grandalhão se abaixou atrás do carvalho, e a voz que respondeu estava assustada.

— Deus, sinhá Scarlett, num atira no Big Sam!

Big Sam! Por um instante, ela não conseguiu registrar as palavras. Big Sam, o capataz de Tara, que ela vira pela última vez na época do cerco. Que diabos…

— Saia daí e me deixe ver se você é mesmo o Sam!

Com relutância, ele se esgueirou do esconderijo, uma figura maltrapilha gigantesca, descalça, vestindo uma calça de brim e uma jaqueta do uniforme azul da União demasiado curta e apertada para seu corpanzil. Quando viu que se tratava realmente de Big Sam, Scarlett enfiou de novo a pistola no estofado e sorriu com prazer.

— Ah, Sam! Que bom ver você!

Sam se aproximou da charrete correndo, revirando os olhos de alegria e mostrando os dentes alvos em um sorriso. Apertou a mão estendida com duas mãos negras que mais pareciam presuntos. A língua cor de melancia para fora da boca, o corpo todo balançando e suas contorções animadas faziam dele uma figura tão absurda quanto a de um mastim saltitante.

— Nossa! Coisa boa vê arguém da família ôtra vez! — exclamou ele, apertando a mão de Scarlett até ela achar que os ossos se partiriam. — Cumé qui a sinhazinha ficô ruim assim di andá cum arma, sinhá Scarlett?

— Tem muita gente má por aí, hoje em dia, Sam. Sou obrigada a andar com a arma. Que diabos você está fazendo num lugar como Shantytown, logo você, um negro respeitável? E por que não foi à cidade me ver?

— Nossa, sinhazinha, eu num moro em Shantytown. Só tô por aqui um tempim. Num morava nesse lugá por nada nu mundo. Nunquinha na vida vi uns

nêgo tão ruim. I eu num sabia qui a sinhá tava im Atranta. Pensei qui tava im Tara. I eu tava cum ideia di i pra casa im Tara assim qui desse.

— Você está morando em Atlanta desde o cerco?

— Não, sinhá! Andei viajano! — Ele soltou a mão de Scarlett, que ela abriu e fechou para ver se os ossos estavam intactos. — Lembra a úrtima vez qui a sinhá viu eu?

Scarlett lembrou-se do dia de calor antes do início do cerco, quando ela e Rhett estavam na carruagem e um grupo de negros liderado por Big Sam passou marchando em direção às trincheiras, cantando "Go Down, Moses". Ela assentiu.

— Bão, trabaiei qui nem cão abrino vala e incheno saco di areia inté us confederado saí di Atranta. O capitão cavaiero qui mi botô nu comando, mataro ele i num tinha ninguém pra dizê pro Big Sam u qui fazê. Aí m'iscondi nu mato. I pensei di tenta chegá im Tara, mas foi quano ovi qui tinham botado fogo im tudim por lá. I eu num tinha jeito di vortá i sinti medo qui us patruiero mi pegasse, causo qui eu num tinha passe. Aí viero us ianque i um cavaiero ianque, qui era coroné, gostô di mim i mi levô pra cuidá da casa i das bota dele.

"Sim, sinhora! E foi bem bão ficá di criado qui nem Pork, eu qui num sô mais qui um lavradô. Craro qui eu num disse pru coroné qui era lavradô… Bão, sinhá Scarlett, us ianque são inguinorante! Ele num viu a diferença! Por isso fiquei cum ele i fui pra Savannah junto quano u generá Sherman chegô lá, i cruiz-credo, sinhá Scarlett, nunquinha eu vi aquele tanto di gente qui vi nu camim até Savannah! Gente robano, queimano… Eles queimaro Tara, sinhá Scarlett?"

— Puseram fogo nela, mas nós apagamos.

— Munto bão sabê, sinhá. Tara é minha casa, tô quereno vortá. Quano a guerra cabô, u coroné falô: "Ocê, Sam, ocê vai vortá pru Norte cumigo. Vô ti pagá bem." Eu sô qui nem us otro nêgo tudo, quiria ixprimentá essa tar liberdade, antes di vortá pra casa. Daí fui cum u coroné pru Norte. Nós foi pra Washington, Nove York e inté Bosto, adonde u coroné mora. É, sinhá, sô um nêgo viajado! Sinhá Scarlett, tem mais casa i carruage nas rua ianque qui água nu mar! Mi dava medo u tempo todim di sê 'trupelado!

— Você gostou do Norte, Sam?

Sam coçou a cabeça de carapinha.

— Gostei não. Num gostei. U coroné é um homi bão, ele intende us nêgo, mas a muié dele num é assim não. Ela mi chamô di sinhô quano mi cunheceu. Vredade, sinhá. Quase caí durim nu chão quano ovi. O coroné disse pra mi chamá di Sam, daí ela chamô. Mas esses ianque quano mi via pela primera vez tudo mi chamava de "Sinhô O'Hara", i mi mandava sentá cum eles, como si eu era tão bão qui nem eles i eu já sô veio dimais pra aprendê. Eles tudo mi tratava qui nem qui fosse irguá a eles, sinhá Scarlet, mas nu fundo eles num gostava di mim, eles num gosta di nêgo. I tamém tinham medo di mim, causo qui eu sô grandão. I ficava tudo preguntano du cão bravo qui corria atrás di mim i das chicotada qui eu levava. Cruz, sinhá Scarlett, eu nunca levei chicotada! A sinhá sabe qui u sinhô Gerald num ia deixá ninguém batê num nêgo caro qui nem eu!

"Quano eu contei qui a sinhá Ellen era boa c'os nêgo i qui cuidô di mim uma semana quano tive pneumonia, eles num acriditô. I, sinhá Scarlett, eu tinha tanta sodade da sinhá Ellen i di Tara até qui num guentei mais i uma noite eu risorvi vortá pra casa i peguei u trem di carga até Atranta. Si a sinhá compra passage pra mim vortá para Tara, gradeço. Quero vê a sinhá Ellen i u sinhô Gerald di novo. Já cansei dessa tar liberdade. Quero arguém pra mi dizer u qui fazê i u qui num fazê, pra cuidá di mim quano eu ficá doente. I si eu tivé pneumonia ôtra vez? Aquela ianque lá ia cuidá di mim? Não, sinhá, ia nada! Ia mi chamá di sinhô, mas num ia cuidá. Mas a sinhá Ellen, ela cuida si eu ficá doente… Qui foi, sinhá Scarlett?

— Papai e mamãe morreram, Sam.

— Morrero? Tá brincano cumigo, sinhá Scarlett? Isso num é jeito di mi tratá!

— Não estou brincando, é verdade. A mamãe morreu quando os homens de Sherman chegaram em Tara, e o papai… O papai se foi em junho agora. Ah, Sam, não chore, por favor! Se você chorar, eu choro também. Não chore, Sam! Não vou aguentar. Não falemos disso agora. Outra hora eu conto tudo a você… A srta. Suellen está em Tara e ela se casou com um homem muito bom, o sr. Will Benteen. E a srta. Carreen foi para um… — Scarlett se interrompeu. Jamais seria capaz de explicar para o gigante choroso o que era um convento. — Ela está morando em Charleston agora. Mas Pork e Prissy estão em Tara… Tome, Sam, assoe o nariz. Você quer mesmo voltar para casa?

— Quero, mas num vai sê qui nem eu pensei, cum a sinhá Ellen i…

— Sam, você gostaria de ficar aqui em Atlanta e trabalhar para mim? Preciso de um cocheiro e preciso muito, com tantos homens malvados por aí hoje em dia.

— Verdade. A sinhá pricisa, sim. Já tava na minha ideia dizê qui num é bão saí por aí sozinha, sinhá Scarlett. A sinhá num sabe como esses criôlo tá ruim agora, mais ainda us qui mora aqui im Shantytown. Num é siguro pra sinhora. Só fiquei im Shantytown dois dia, mas ovi eles falá da sinhora. I onte, quano a sinhá passô, essas criôla vadia ficô suviano pra sinhá, eu vi qui era a sinhá, mas foi tão rápido qui num consigui i atrás. Mas dei uma currida nelas tudim, ah, si dei! A sinhá num reparô qui hoje num tem ninhuma aqui?

— Reparei e agradeço muito, Sam. Então, que tal você ser meu cocheiro?

— Brigado, sinhá Scarlett, mas prifiro vortá pra Tara.

Big Sam baixou os olhos e com o dedão descalço fez marcas sem sentido na terra. Havia em sua expressão um constrangimento furtivo.

— Ora, por quê? Eu vou lhe pagar bem. Você precisa ficar comigo.

O rosto negro grandalhão, simplório e tão fácil de ler quanto o de uma criança se ergueu para ela, e havia medo ali. Ele se aproximou e, inclinando-se sobre a lateral da charrete, sussurrou:

— Sinhá Scarlett, priciso saí di Atranta. Priciso i pra Tara adonde num vão mi achá. Eu… Eu matei um homi.

— Um preto?

— Não, um branco. Um sordado ianque, i eles tão mi prucurano. Por isso tô aqui im Shantytown.

— Como isso aconteceu?

— Ele tava bebo i falô uma coisa qui eu num pudia inguli i botei as mão nu pescoço dele i… Num quis matá ele não, sinhá Scarlett, mas a minha mão é forte pra daná i loguinho ele tava morto. Fiquei cum tanto medo i sem sabê u qui fazê! Por isso vim pra cá m’iscondê i quano vi a sinhá onte, falei: “Deus é Pai! É a sinhá Scarlett! Ela vai cuidá di mim. Num vai dexá us ianque mi pegá. Vai mi mandá di vorta pra Tara.”

— Você disse que eles estão atrás de você? Sabem que foi você?

— Sim, sinhora, eu sô grande, num tem como mi confundi. Acho qui sô u nêgo maió di Atranta. Eles veio aqui onte di noite, mas uma neguinha

m’iscondeu num barraco lá nu mato i falô pra eles qui eu fugi.

Scarlett ficou pensativa um instante. Não se alarmou nem ficou nervosa por Sam ter cometido assassinato, mas sentiu decepção por não poder contar com ele como cocheiro. Um negro grandalhão como Sam seria um guarda-costas tão bom quanto Archie. Bom, precisava mandá-lo para Tara em segurança, pois as autoridades não podiam prendê-lo. Ele era um negro muito valioso para ser enforcado. Ora, Tara nunca tivera um capataz melhor! Não ocorreu a Scarlett que ele estivesse livre. Ainda lhe pertencia, como Pork, Mammy, Peter, Cookie e Prissy. Continuava a ser “alguém da família”, e como tal precisava ser protegido.

— Vou mandar você para Tara hoje à noite — disse, afinal. — Sam, preciso ir a um lugar, mas volto antes do pôr do sol. Esteja aqui me esperando quando eu voltar. Não conte a ninguém aonde você vai e se tiver um chapéu use-o para esconder o rosto.

— Tenho chapéu não.

— Tome aqui uma moeda. Compre um chapéu de um desses pretos vadios e me encontre aqui.

— Tá bão, sinhá Scarlett — concordou Sam, o rosto estampando alívio por mais uma vez ter alguém para lhe dizer o que fazer.

Scarlett foi em frente, refletindo. Will decerto daria as boas-vindas a um bom lavrador em Tara. Pork jamais servira para muita coisa no campo e continuaria assim. Com Sam em Tara, Pork poderia ir para Atlanta e se juntar a Dilcey, conforme ela lhe prometera depois da morte de Gerald.

Quando alcançou a serraria, o sol estava se pondo e já passava da hora em que ela costumava estar em casa. Johnnie Gallegher estava parado à porta do casebre miserável que funcionava como cozinha do pequeno acampamento. Sentados em um tronco em frente ao barraco de alvenaria que lhes servia de dormitório estavam quatro dos cinco prisioneiros que Scarlett designara para a serraria de Johnnie. Seus uniformes sujos fediam a suor, e as correntes rangiam entre seus tornozelos a cada movimento lento e havia um quê de apatia e desespero em todos eles. Era um grupo magro, com aparência doentia, pensou Scarlett, observando-os atentamente e recordando que quando os arrendara, tão pouco tempo antes, eles formavam uma equipe saudável. Sequer ergueram os olhos quando ela desceu da charrete, mas Johnnie correu em sua direção,

descuidadamente arrancando o chapéu. O rosto pequeno e moreno estava duro como uma noz quando ele a cumprimentou.

— Não estou gostando da aparência dos homens — disse Scarlett abruptamente. — Não parecem bem. Onde está o outro?

— Diz que está doente — respondeu Johnnie laconicamente. — Ficou no dormitório.

— Doente de quê?

— De preguiça, basicamente.

— Vou vê-lo.

— Não faça isso. Ele deve estar pelado. Vou cuidar dele. Amanhã ele volta ao trabalho.

Scarlett hesitou e viu um dos prisioneiros erguer a cabeça, exausto, e lançar para Johnnie um olhar de ódio intenso antes de baixar os olhos novamente.

— Você anda chicoteando esses homens?

— Ora, sra. Kennedy, se me permite, quem toca esta serraria? A senhora me botou no comando e me disse para tocar o negócio. Disse que eu teria carta branca. Não tem queixas a meu respeito, tem? Não estou lhe dando duas vezes o lucro que lhe dava o sr. Elsing?

— Está — confirmou Scarlett, que, no entanto, sentiu um arrepio como se alguém tivesse pisado em sua sepultura.

Havia algo sinistro naquele acampamento com seus casebres miseráveis, algo que não existia quando o encarregado era Hugh Elsing. Havia uma solidão, um isolamento, que a congelou. Aqueles prisioneiros estavam tão distantes de tudo, tão absolutamente a mercê de Johnnie Gallegher que, se ele decidisse chicoteá-los ou de outra forma maltratá-los, ela jamais saberia. Os prisioneiros teriam medo de se queixar a ela, temendo punição pior depois da sua partida.

— Os homens estão magros. Você está lhes dando comida suficiente? Deus sabe que gasto um bocado de dinheiro com a comida deles para engordá-los como porcos. Só de farinha e carne de porco foram trinta dólares no mês passado. O que eles estão jantando?

Aproximou-se da cozinha improvisada e espiou o interior. Uma mulata gorda, inclinada sobre um fogão velho e enferrujado, fez uma meia mesura ao ver Scarlett e continuou a mexer em uma panela em que cozinhava feijão. Scarlett

sabia que Johnnie Gallegher vivia com ela, mas preferiu ignorar o fato. Viu que à exceção do feijão e de uma frigideira com pão de milho não havia coisa alguma sendo preparada.

— Você não tem alguma outra coisa para esses homens?

— Não, sinhora.

— Nenhuma carne para botar no feijão?

— Não, sinhora.

— Não tem toucinho no feijão? Feijão não presta sem toucinho. Não é nutritivo. Por que não tem toucinho?

— O sinhô Johnnie falô qui num dianta botá carne.

— Você vai pôr toucinho nisso. Onde ficam os mantimentos?

A mulata revirou os olhos assustados na direção de um pequeno armário que servia de despensa, e Scarlett escancarou a porta do móvel. Havia uma barrica aberta de fubá no chão, um pequeno saco de farinha, meio quilo de café, um pouco de açúcar, um pote grande de sorgo e dois presuntos. Um deles, na prateleira, havia sido assado recentemente e lhe faltavam apenas umas duas fatias. Scarlett virou-se furiosa para Johnnie Gallegher e encontrou seu frio olhar zangado.

— Onde estão as cinco sacas de farinha que mandei na semana passada? E a saca de açúcar e a de café? E mandei também cinco presuntos e cinco quilos de costela e Deus sabe quantos de inhame e batata. Muito bem, onde estão? Você não pode ter consumido tudo em uma semana, nem que desse aos homens cinco refeições por dia. Você vendeu! Foi isso, seu ladrão! Vendeu meus mantimentos e botou o dinheiro no bolso e dá de comer a esses homens feijão e pão de milho. Não espanta que estejam tão magros. Saia da minha frente.

Passando por ele como um raio, chegou até a porta.

— Você aí, no final… Sim, você! Venha cá!

O homem se levantou e se dirigiu, vacilante, até Scarlett, as correntes rangendo. Ela viu que os tornozelos estavam vermelhos e em carne viva por conta do atrito com o ferro.

— Quando foi a última vez que você comeu presunto?

O homem olhou para o chão.

— Fale!

O homem continuou calado e com medo. Finalmente ergueu o olhar, fitou Scarlett diretamente com expressão suplicante e baixou os olhos de novo.

— Está com medo de falar, é? Muito bem, vá até a despensa e tire o presunto da prateleira. Rebecca, dê a ele a sua faca. Leve o presunto lá para fora e divida com os outros. Rebecca, faça biscoitos e café para os homens. E sirva muito sorgo. Vamos lá, quero ver isso.

— A farinha i u café são du sinhô Johnnie — resmungou Rebecca, amedrontada.

— Do sr. Johnnie uma ova! Suponho que o presunto também seja só dele. Faça o que eu mandei. Mexa-se. Johnnie Gallegher, venha até a charrete comigo.

Saiu pisando forte pelo quintal sujo e subiu na charrete, reparando com uma satisfação sombria que os homens estavam atracados ao presunto, comendo vorazmente. Davam a impressão de temer que a comida lhes fosse arrancada a qualquer momento.

— Você é um rematado patife! — gritou Scarlett furiosa, enquanto Johnnie se mantinha parado à frente da charrete, com o chapéu empurrado para trás, desnudando a testa franzida. — E pode ir logo me dando o dinheiro dos meus mantimentos. No futuro, vou trazê-los todo dia, em lugar de encomendar por mês. Aí você não vai poder me roubar.

— No futuro não estarei aqui — retrucou Johnnie Gallegher.

— Está dizendo que vai se demitir?

Por um instante, a língua de Scarlett ardeu para gritar “Já vai tarde!”, mas a fria mão da cautela a impediu. Se Johnnie se demitisse, o que ela faria? Ele vinha dobrando a quantidade de madeira que Hugh produzia. E, justo agora, ela recebera uma grande encomenda, a maior de todas, e ainda por cima uma encomenda urgente. Precisava levar essa madeira para Atlanta. Se Johnnie fosse embora, quem ela iria botar no comando da serraria?

— Sim, vou embora. A senhora me botou aqui com carta branca e me disse que tudo que queria de mim era tanta madeira quanto eu conseguisse produzir. Não me disse como tocar o negócio então e não pretendo deixar que me diga agora. Como produzo a madeira não é assunto seu. Não pode se queixar de que não cumpri a minha parte do acordo. Ganhei dinheiro para a senhora e mereci o meu salário e mais o que tirei por fora, também. E agora a senhora aparece aqui,

interferindo, fazendo perguntas e tirando a minha autoridade na frente dos homens. Como espera que eu mantenha a disciplina depois disso? E qual é o problema se os homens levam uma chicotada de vez em quando? Essa escória preguiçosa merece coisa pior. E daí se não comem direito nem são mimados? Não merecem nada melhor. Ou a senhora cuida da sua vida e me deixa cuidar da minha, ou vou embora hoje à noite.

O rosto pequeno e duro dele estava mais fechado que nunca, e Scarlett se viu em um dilema. Se Johnnie fosse embora à noite, o que ela faria? Não podia passar a noite ali vigiando os prisioneiros!

Algo em seus olhos revelou esse temor, pois a expressão do homem se alterou sutilmente, desanuviando em parte o seu semblante. Sua voz soou cordata quando ele disse:

— Está ficando tarde, sra. Kennedy, é melhor ir para casa. Não vamos nos desentender por uma coisa insignificante dessas, não é? Digamos que a senhora desconte dez dólares do meu próximo salário e ficamos quites.

Os olhos de Scarlett se voltaram involuntariamente para o grupo miserável que devorava o presunto, e ela pensou no homem doente deitado no barracão frio. Precisava se livrar de Johnnie Gallegher, um ladrão e um sujeito cruel. Não havia como saber o que ele fazia com os prisioneiros na ausência dela. Por outro lado, porém, era esperto e, sem dúvida, ela precisava de um homem esperto. Bem, não poderia dispensá-lo agora, que estava ganhando dinheiro para ela. Teria apenas que cuidar para que os prisioneiros recebessem as rações adequadas no futuro.

— Vou descontar vinte dólares do seu salário — acrescentou curtamente — e volto aqui para conversarmos melhor amanhã de manhã.

Pegou as rédeas para partir. Sabia, porém, que não haveria mais conversa alguma. Sabia que o assunto estava encerrado e sabia que Johnnie sabia.

Conforme se dirigia para a estrada Decatur, a consciência travou um embate com a ganância. Estava consciente de não poder expor vidas humanas aos caprichos daquele anão brutal. Se ele causasse a morte de qualquer um dos prisioneiros, ela seria igualmente culpada, pois o mantivera no comando após descobrir suas brutalidades. Por outro lado… Bom, por outro lado, os homens não deveriam ter se deixado condenar. Se infringiram a lei e foram presos,

mereciam aquele destino. Esse pensamento em parte aliviou-lhe a consciência, mas enquanto seguia caminho os rostos magros dos prisioneiros não lhe saíam da cabeça.

Ah, penso nisso mais tarde, decidiu, trancando o pensamento no seu depósito de madeira mental.

O sol se pusera por completo quando Scarlett chegou à curva da estrada acima de Shantytown, e a mata ao redor estava escura. Com o sumiço do sol, um frio cortante se instalara no mundo crepuscular e um vento gelado soprava na mata escura, fazendo os ramos desnudos estalarem e as folhas mortas farfalharem. Ela jamais ficara fora até tão tarde sozinha e se sentiu desconfortável, desejando estar em casa.

Big Sam não estava à vista e, quando freou a charrete para aguardá-lo, ela se preocupou com a sua ausência, temendo que os ianques já o tivessem prendido. Foi quando ouviu passos subindo a trilha que vinha do acampamento e um suspiro de alívio lhe escapou dos lábios. Sem dúvida haveria de repreender Sam por deixá-la esperando.

Mas não foi Sam quem surgiu na curva.

Um homem branco esfarrapado e um negro atarracado com ombros e peito iguais aos de um gorila surgiram das sombras. Rapidamente, Scarlett chicoteou o lombo do cavalo e agarrou a pistola. O cavalo começou a trotar e de repente parou quando o branco ergueu a mão.

— A senhora pode me dar um dinheiro? — disse ele. — Estou morto de fome.

— Saia da minha frente — respondeu ela, mantendo a voz tão calma quanto possível. — Não tenho dinheiro algum. Vamos!

Com um movimento rápido, a mão do homem segurou o freio do cavalo.

— Agarre ela! — gritou para o negro. — Provavelmente tem dinheiro no corpete!

O que veio em seguida foi como um pesadelo para Scarlett, e tudo aconteceu muito depressa. Ela ergueu com rapidez a pistola e algum instinto aconselhou-a a não atirar no homem branco por medo de acertar o cavalo. Quando o negro se aproximou correndo da charrete, o rosto contorcido em um ricto indecente, ela atirou à queima-roupa nele. Se acertou o alvo ou não, Scarlett jamais soube, mas

no instante seguinte a pistola lhe foi arrancada com um safanão que quase quebrou seu pulso. O negro estava a seu lado, tão próximo que era possível sentir seu fedor quando ele tentou puxá-la da charrete. Com a mão livre, ela lutou loucamente, arranhando o rosto do sujeito até sentir sua mão avantajada na garganta e, com um ruído cortante, seu corpete foi rasgado do pescoço até a cintura. Então a mão negra apalpou seus seios e um terror e uma repulsa que ela jamais sentira a tomaram de assalto e ela gritou como uma louca.

— Faz ela calar a boca! Tira ela da charrete! — gritou o branco, e a mão negra subiu para o seu rosto e tapou-lhe a boca. Scarlett mordeu com toda a selvageria que pôde e depois tornou a gritar, e por entre os gritos ouviu o branco praguejar e se deu conta da presença de um terceiro homem na estrada escura. A mão negra destampou-lhe a boca e o negro deu um salto quando Big Sam investiu contra ele.

— Corre, sinhá Scarlett — gritou Sam, atracado com o negro. Scarlett, então, tremendo e gritando, agarrou as rédeas e chicoteou o cavalo. O animal deu um salto e partiu, e ela sentiu as rodas da charrete passarem em cima de algo macio, resistente. Era o branco, caído na estrada onde Sam o derrubara.

Enlouquecida de medo, ela chicoteou novamente o cavalo, que engatou um ritmo que fazia a charrete chacoalhar e balançar. Em meio ao terror, Scarlett se deu conta de pés correndo às suas costas e gritou para o cavalo andar mais rápido. Se aquele gorila negro a pegasse de novo, estaria morta antes mesmo que ele pusesse as mãos nela.

Uma voz gritou atrás dela:

— Sinhá Scarlett! Para aí!

Sem relaxar, ela olhou, trêmula, por sobre o ombro e viu Big Sam correndo pela estrada atrás da charrete, as pernas compridas trabalhando como se movidas mecanicamente. Ela puxou as rédeas quando o viu se aproximar, e ele pulou para dentro da charrete, o corpanzil imprensando-a contra a lateral oposta. Suor e sangue escorriam pelo rosto de Sam quando ele indagou, ofegante:

— A sinhá tá firida? Eles firiro a sinhá?

Ela não conseguiu responder, mas, observando a direção do olhar do negro e a maneira rápida com que ele o desviou, percebeu que a blusa estava aberta até a

cintura e o peito nu, parcialmente à mostra. Com mão trêmula, tentou juntar os dois lados do corpete e, baixando a cabeça, começou a soluçar aterrorizada.

— Mi dá as rédia — disse Sam, arrancando-as da mão dela. — Pra casa, vambora!

O chicote estalou e o cavalo assustado saiu em um galope insano que por pouco não jogou a charrete na vala.

— Acho qui matei aquele macaco preto, mas num esperei pra tê certeza. Mas, si ele firiu a sinhá, vorto lá pra garanti qui morreu.

— Não, não… Vamos em frente, rápido — soluçou Scarlett.

Capítulo 45

Naquela noite, quando Frank depositou-a, juntamente com tia Pitty e as crianças, na casa de Melanie e saiu com Ashley, Scarlett quase explodiu de raiva e de mágoa. Como ele podia ir a uma reunião política justo naquela noite? Uma reunião política! Na mesma noite em que ela fora atacada, quando tudo podia ter lhe acontecido! Era muita insensibilidade e muito egoísmo da parte dele. Mas, por outro lado, ele encarara todo o incidente com uma calma de enlouquecer, desde que Sam entrara na casa carregando-a no colo, a blusa aberta até a cintura. Não cofiara a barba sequer uma vez quando ela contara, chorando, a história. Apenas lhe perguntara:

— Docinho, você está ferida… Ou apenas assustada?

O ódio, misturado às lágrimas, a impediu de responder e Sam interveio para dizer que ela estava apenas assustada.

— Cheguei lá antes qui eles fizesse mais qui rasgá u vistido.

— Você é um bom homem, Sam, e não vou esquecer o que fez. Se eu puder ajudar…

— Pode, sinhô, pode mi mandá pra Tara rapidim. Os ianque tá atrás de mim.

Frank ouvira tal declaração com toda a calma também e não fizera perguntas. Sua expressão era a mesma que ela vira na noite em que Tony apareceu de madrugada, como se aquele fosse um assunto exclusivamente para homens, a ser tratado com um mínimo de palavras e emoções.

— Vá para a charrete. Mando o Peter levar você até Rough and Ready esta noite e lá você pode se esconder no mato até amanhecer e depois pegar o trem para Jonesboro. Vai ser mais seguro… Agora pare de chorar, docinho. Já passou, e você não está ferida. Srta. Pitty, pode buscar os seus sais? E, Mammy, pegue um copo de vinho para a sra. Scarlett.

Scarlett explodira em um novo acesso de choro, dessa vez um choro de raiva. Queria consolo, indignação, ameaças de vingança. Teria preferido que o marido

avançasse sobre ela, dizendo que fora aquilo que lhe avisara que podia acontecer… Qualquer coisa, menos aquela aceitação tão casual do perigo por que passara, como se fosse algo trivial. Ele foi bondoso e meigo, claro, mas de um jeito distante, como se tivesse coisa mais importante em que pensar.

E essa coisa mais importante, afinal, era uma mísera reunião política!

Ela mal acreditou quando ele lhe disse para trocar de roupa e se aprontar para ser deixada na casa de Melanie para passar a noite. Decerto sabia como havia sido terrível a sua experiência, sabia que ela não haveria de querer passar a noite na casa de Melanie quando o corpo cansado e os nervos abalados exigiam o conforto da própria cama e das cobertas — com um tijolo fumegando para aquecer os pés e uma xícara de uísque quente com mel e limão para espantar seu medo. Se realmente a amasse, nada o afastaria do lado dela justamente naquela noite. Ficaria em casa, pegaria sua mão e lhe diria mil vezes que morreria caso algo lhe tivesse acontecido. E, quando ele voltasse e os dois ficassem a sós, com certeza ela lhe diria tudo isso.

A pequena sala de estar de Melanie parecia tão serena como de hábito nas noites em que Frank e Ashley saíam e as mulheres se reuniam para costurar. O aposento estava aquecido e alegre à luz da lareira. O lampião na mesa lançava uma claridade reconfortante nas quatro cabeças inclinadas sobre os trabalhos de costura. Quatro saias balançavam recatadamente, oito pés se apoiavam com delicadeza sobre banquetas baixas. A respiração tranquila de Wade, Ella e Beau podia ser ouvida vinda da porta aberta do quarto das crianças. Archie estava sentado em um banco ao lado do aquecedor, a bochecha distendida pelo tabaco, lixando, atarefado, um pedaço de madeira. O contraste entre o velho sujo e peludo e as quatro damas impecáveis e educadas era tão grande quanto se ele fosse um velho cão de guarda ameaçador e elas, quatro gatinhas filhotes.

A voz suave de Melanie, tingida de indignação, contava, incansável, o mais recente destempero por parte das Senhoras Harpistas. Incapazes de concordar com o Coral dos Cavalheiros quanto ao programa do próximo recital, as senhoras haviam aguardado Melanie naquela tarde para anunciar sua intenção de abandonar o Círculo Musical. Fora necessária toda a diplomacia para convencê-las a rever tal decisão.

Scarlett, exasperada, queria gritar: “Ah, que se danem as Senhoras Harpistas!” Queria falar sobre a própria experiência terrível. Estava explodindo para relatá-la em detalhes, a fim de amenizar o próprio medo amedrontando as outras. Queria contar como havia sido corajosa, apenas para assegurar a si mesma, com o som das próprias palavras, de que tinha sido realmente corajosa. Mas, toda vez que Scarlett trazia à baila o assunto, Melanie, com destreza, desviava a conversa para outros tópicos inócuos. Isso irritava Scarlett quase além do tolerável. Elas eram quase tão detestáveis quanto Frank.

Como podiam se manter tão calmas e plácidas quando ela escapara de um destino tão terrível? Sequer demonstravam uma mera cortesia ao lhe negar o alívio de desabafar.

Os acontecimentos da tarde a tinham abalado mais do que lhe apetecia admitir, até para si mesma. Toda vez que se lembrava daquele rosto negro maligno a espreitá-la das sombras da estrada ao crepúsculo, ela voltava a tremer. Quando pensava na mão negra em seu peito e o que poderia ter acontecido se Big Sam não tivesse aparecido, ela baixava mais a cabeça e fechava com força os olhos. Quanto mais tempo ficava ali calada no cômodo sereno, tentando costurar, ouvindo a voz de Melanie, mais seus nervos se retesavam. Tinha a impressão de que a qualquer momento iria, de fato, ouvi-los arrebentar com o mesmo ruído sibilante de uma corda de banjo quando se rompe.

O barulho de Archie com a lixa a aborrecia, e ela o olhou de testa franzida. De repente, lhe pareceu estranho que ele estivesse ali sentado lixando um pedaço de madeira. Em geral ficava escarrapachado no sofá nas noites em que montava guarda, dormindo e roncando tão violentamente que a barba comprida saltava a cada ronco trovejante. Mais estranho ainda era o fato de que nem Melanie nem India lhe sugerissem estender um papel no chão para aparar as raspas de madeira. Ele já fizera um bom estrago no capacho da lareira, mas elas aparentemente não haviam notado.

Enquanto era observado por Scarlett, Archie se virou de repente para o fogo e deu uma cusparada de baba de tabaco com tamanha veemência que India, Melanie e Pitty pularam de susto, como se uma bomba houvesse explodido.

— Você *precisa* expectorar tão ruidosamente? — interpelou India, em um tom que denotava aborrecimento nervoso. Scarlett olhou-a espantada, pois India era

de hábito extremamente contida.

Archie enfrentou seu olhar.

— Acho que sim — respondeu friamente e cuspiu de novo. Melanie olhou para India com a testa franzida.

— Sempre agradeci o fato de papai não mascar — começou Pitty, e Melanie, com a testa mais franzida ainda, virou-se para ela e falou com uma aspereza até então desconhecida de Scarlett:

— Oh, titia, já chega! Você é tão sem tato!

— Meu Deus! — exclamou Pitty, largando a costura no colo e adotando uma expressão magoada. — Devo dizer que não sei o que vocês têm esta noite. Você e India estão inquietas e tensas como dois velhos.

Ninguém respondeu. Melanie sequer se desculpou pela grosseria, voltando à costura com certa rispidez.

— Você está dando pontos enormes — declarou Pitty, com certa satisfação. — Vai precisar desmanchar todos. O que está havendo com você?

Mas Melanie continuou sem responder.

Estaria havendo alguma coisa com elas?, perguntou-se Scarlett. Será que de tão concentrada em seu medo não reparara? Sim, a despeito das tentativas de Melanie para fazer com que a noite não se distinguisse das outras cinquenta que haviam passado juntas, havia uma diferença no ar, um nervosismo que não podia se dever exclusivamente ao susto e ao espanto diante do ocorrido à tarde. Scarlett olhou de soslaio para suas companheiras e interceptou um olhar de India que a desconcertou, pois era uma espécie de longo escrutínio que continha em suas profundezas algo mais forte que ódio, algo mais insultuoso que desprezo.

Como se eu fosse culpada pelo que aconteceu, pensou, com indignação.

India desviou o olhar para Archie, toda e qualquer irritação ausente do seu semblante agora, com uma expressão de inquirição ansiosa. Mas ele não a encarou. No entanto, olhou para Scarlett, lançando-lhe o mesmo olhar duro que India lhe dirigira.

O silêncio se instalou, monótono, na sala quando Melanie não retomou a conversa, e no silêncio Scarlett ouviu o vento aumentar do lado de fora. De repente, a noite passou a ser profundamente desagradável. Começava agora a sentir a tensão no ar e se perguntou se estivera presente durante todo o tempo, e

ela, demasiado nervosa para perceber. O rosto de Archie estampava uma expressão de alerta e os tufos de pelos que lhe saíam das orelhas pareciam eriçados como os de um lince. Havia um desconforto severamente reprimido em Melanie e India que as fazia levantar a cabeça da costura a cada ruído de cascos na estrada, a cada gemido dos galhos nus sob o vento uivante, a cada farfalhar das folhas secas varrendo o gramado. Elas se assustavam cada vez que um pedaço de lenha incandescente estalava, como se ouvissem passos furtivos.

Algo estava errado, e Scarlett se perguntou o que seria. Havia alguma coisa fora do lugar e ela não sabia do que se tratava. Um olhar para o rosto gorducho e ingênuo de tia Pitty, contorcido em uma expressão magoada, lhe disse que a idosa ignorava o motivo tanto quanto ela. Mas Archie, Melanie e India sabiam. No silêncio, Scarlett quase podia sentir os pensamentos de India e Melanie se agitarem, tão inquietos como esquilos em uma gaiola. Elas sabiam de alguma coisa, estavam à espera de alguma coisa, apesar do esforço para darem a tudo a aparência costumeira. E aquele desconforto interior contagiou Scarlett, deixando-a mais nervosa que antes. Manejando sua agulha de uma forma canhestra, enfiou-a no polegar e com um gritinho de dor e irritação, que assustou as outras, apertou com força o dedo até surgir uma gota vermelha brilhante.

— Estou nervosa demais para costurar — declarou, jogando no chão a roupa que remendava. — Estou nervosa o suficiente para gritar. Quero ir para casa, deitar na minha cama. E Frank sabia disso e não deveria ter saído. Ele fala, fala, fala sobre proteger as mulheres contra os pretos e *carpetbaggers* e, quando chega a hora de dar essa proteção, onde ele está? Em casa, cuidando de mim? Não, absolutamente, está por aí com vários outros homens que nada fazem além de falar e…

Seus olhos inquietos pousaram no rosto de India e ela se interrompeu. India respirava depressa e os olhos claros e sem cílios estavam grudados no rosto de Scarlett com uma frieza mortal.

— Se não fosse um grande incômodo, India — disse ela, com sarcasmo —, eu ficaria imensamente grata se você me dissesse por que passou a noite toda me encarando. Por acaso fiquei verde ou algo assim?

— Não será incômodo algum. Direi com prazer — respondeu India, os olhos cintilando. — Odeio ver você menosprezar um homem bom como o sr. Kennedy,

sendo que, se você soubesse…

— India! — exclamou Melanie, em forma de alerta, as mãos apertando a costura.

— Acho que conheço meu marido melhor do que você — rebateu Scarlett.

A ideia de uma briga, a primeira briga declarada com India na vida, fez seu ânimo melhorar e o nervosismo passar. Os olhos de Melanie encontraram os de India, e, com relutância, a mulher se calou. Mas quase instantaneamente voltou a falar em um tom gélido de ódio:

— Você me dá náuseas, Scarlett O'Hara, falando sobre ser protegida! Você não dá a mínima para ser protegida! Se não se expusesse, como fez todos esses meses, desfilando pela cidade, se exibindo para homens desconhecidos, na esperança de ser admirada por eles! O que aconteceu com você hoje à tarde foi merecido, e se existisse justiça teria sido pior.

— Oh, India, já chega! — gritou Melanie.

— Deixe que ela fale — gritou Scarlett. — Estou me divertindo. Eu sempre soube que ela me odiava e era hipócrita demais para admitir. Se achasse que alguém iria admirá-la estaria andando nua na rua de manhã à noite.

India pôs-se de pé, o corpo esbelto tremendo ante o insulto.

— Eu a adeio, sim — falou em uma voz clara, porém trêmula. — Mas não foi por hipocrisia que me calei, mas por algo que você não compreende nem possui: cortesia, boa educação. A percepção de que, se não nos juntarmos todos e afogarmos nossas pequenas mágoas, não conseguiremos vencer os ianques. Mas você… Você fez o que pôde para reduzir o prestígio das pessoas decentes, trabalhando e envergonhando um bom marido, dando aos ianques e à escória o direito de rir de nós e fazer observações insultuosas sobre a nossa falta de classe. Os ianques não sabem que você não é nem nunca foi uma de nós. Os ianques não têm sensibilidade suficiente para saber que você não tem classe alguma. E, quando saiu pela mata se expondo a ataques, você expôs todas as mulheres de bem na cidade a ataques ao provocar os pretos e a ralé branca que não prestam. E pôs em risco a vida dos nossos homens porque eles terão que…

— Meu Deus, India! — gritou Melanie e, mesmo cheia de ódio, Scarlett ficou pasma ao ouvi-la tomar o santo nome de Deus em vão. — Já chega! Ela não sabe, e ela… Já chega! Você prometeu…

— Meninas! — implorou a srta. Pitty, os lábios tremendo.

— O que eu não sei? — gritou Scarlett, furiosa, agora de pé, encarando India, em sua fria indignação, e Melanie, suplicante.

— Galinhas cacarejando — falou Archie, de repente, e sua voz continha desprezo. Antes que alguém pudesse refutá-lo, a cabeça grisalha se ergueu subitamente e ele se levantou depressa. — Alguém está chegando. E não é o sr. Wilkes. Chega de cacarejo.

Havia uma autoridade viril em sua voz e as mulheres se calaram de súbito, a raiva abandonando rapidamente seus rostos, quando ele atravessou a sala claudicando.

— Quem está aí? — indagou antes mesmo que o visitante batesse à porta.

— O capitão Butler. Me deixe entrar.

Melanie atravessou a sala com tamanha rapidez que a saia levantou, revelando as calçolas até os joelhos e, antes que Archie pudesse segurar a maçaneta, ela escancarou a porta. Rhett Butler entrou, com o chapéu preto bem enterrado na cabeça, e a capa, açoitada pelo vento forte, caindo em dobras à sua volta. Pela primeira vez, não fez caso das boas maneiras. Sequer tirou o chapéu ou cumprimentou as outras pessoas presentes. Só teve olhos para Melanie, e falou de forma abrupta, sem cumprimentos.

— Para onde eles foram? Me diga logo, é questão de vida ou morte.

Scarlett e Pitty, assustadas e confusas, se entreolharam espantadas e, como uma esguia gata velha, India foi até Melanie.

— Não diga nada a ele — gritou de imediato. — Ele é um espião, um scallawag!

Rhett sequer olhou na direção dela.

— Depressa, sra. Wilkes! Talvez ainda dê tempo.

Melanie parecia paralisada de terror e só conseguia encará-lo.

— Que diabos… — começou Scarlett.

— Cala essa boca — comandou Archie, curtamente. — A senhora também, sra. Melly. Fora daqui, maldito scallawag.

— Não, Archie, não! — gritou Melanie, pousando a mão trêmula no braço de Rhett, como se quisesse protegê-lo de Archie. — O que houve? Como você… Como você soube?

No rosto moreno de Rhett, a impaciência travava uma batalha com a cortesia.

— Santo Deus, sra. Wilkes, eles todos estão sob suspeita desde o começo… Só que eles têm sido bastante espertos… Até agora! Como eu sei? Estava jogando pôquer com dois oficiais ianques bêbados e eles deixaram escapar. Os ianques sabiam que haveria problema esta noite e se prepararam. Os tolos caíram em uma armadilha.

Por um momento, foi como se Melanie vacilasse sob o impacto de um golpe pesado, e o braço de Rhett envolveu sua cintura para lhe devolver o equilíbrio.

— Não diga a ele! Ele está tentando enredá-la! — gritou India, os olhos cravados em Rhett. — Não ouviu quando ele disse que esteve com oficiais ianques esta noite?

Rhett continuou sem olhá-la, totalmente concentrado no rosto pálido de Melanie.

— Me diga. Para onde eles foram? Existe um ponto de encontro?

A despeito do medo e da incompreensão, Scarlett achou que jamais vira um rosto mais vago e sem expressão que o de Rhett, mas evidentemente Melanie viu algo mais, algo que lhe infundiu confiança. Aprumou o corpo pequeno e se libertou do braço que a segurara e falou baixinho, mas com voz trêmula.

— Saindo da estrada Decatur, perto de Shantytown. Eles se encontram no celeiro da velha fazenda Sullivan, a que foi parcialmente queimada.

— Obrigado. Vou a galope. Quando os ianques chegarem, nenhuma de vocês sabe de nada.

Ele saiu tão apressado, a capa preta se confundindo com a noite, que as quatro mal se deram conta de que ele estivera ali até ouvirem o barulho de cascalho e o ruído de um cavalo galopando a toda disparada.

— Os ianques vêm aqui? — gritou Pitty. E, com os pezinhos cedendo sob o seu peso, desabou no sofá, amedrontada demais para chorar.

— O que está havendo? O que ele quis dizer? Se não me contarem, vou enlouquecer! — Segurando Melanie pelos ombros, Scarlett a sacudiu com violência, como se apenas pela força pudesse lhe extrair uma resposta.

— Quis dizer? Ele quis dizer que você provavelmente foi a causa da morte de Ashley e do sr. Kennedy! — A despeito da agonia do medo, havia uma nota de triunfo na voz de India. — Pare de sacudir Melly. Ela vai desmaiar.

— Não, não vou — sussurrou Melanie, agarrada às costas de uma cadeira.

— Meu Deus, meu Deus! Não estou entendendo! Matar Ashley? Por favor, alguém me diga…

A voz de Archie, como uma dobradiça empoeirada, cortou as palavras de Scarlett.

— Sentem já! — ordenou curtamente. — Peguem as costuras. Costurem como se nada tivesse acontecido. Os ianques podem estar vigiando esta casa desde a noitinha. Sentem, estou mandando, e costurem.

Tremendo, todas obedeceram, até mesmo Pitty, que pegou uma meia e segurou-a com dedos trêmulos, enquanto os olhos, assustados como os de uma criança, observavam o círculo em busca de explicação.

— Onde está Ashley? O que houve com ele, Melly? — perguntou Scarlett.

— Onde está o seu marido? Você não tem interesse em saber? — indagou India, os olhos claros cheios de uma malícia insana enquanto amassava e alisava a toalha rasgada que estava remendando.

— India, por favor! — Melanie conseguira controlar a voz, mas seu rosto pálido, abalado, e os olhos torturados mostravam a extenuação que a dominava. — Scarlett, talvez devêssemos ter lhe contado, mas… Mas você passou por tanta coisa hoje à tarde que nós… Que Frank achou que não… E você sempre se opôs tanto à Klan…

— A Klan…

A princípio, Scarlett disse a palavra como se jamais a tivesse ouvido e não entendesse o seu significado, mas depois…

— A Klan! — quase gritou. — Ashley não pertence à Klan! Frank não pode pertencer à Klan! Ele me prometeu!

— Claro que o sr. Kennedy faz parte da Klan e Ashley também, e todos os homens que conhecemos — disse India. — Eles são homens, não são? São homens brancos e sulistas. Você devia se orgulhar dele em vez de obrigá-lo a se esgueirar porta afora como se fosse algo vergonhoso e…

— Vocês sabiam o tempo todo e eu não…

— Tínhamos medo de deixá-la nervosa — disse Melanie, sentida.

— Então é aonde eles vão quando supostamente estão em reuniões políticas? Ah, ele me prometeu! Agora os ianques vão vir aqui e vão me tirar as serrarias e

o armazém e jogá-lo na prisão…Ah, o que Rhett Butler quis dizer?

Os olhos de India encontraram os de Melanie, cheios de pavor. Scarlett ficou de pé, atirando a costura no chão.

— Se vocês não me disserem, eu vou até a cidade para descobrir. Vou perguntar a todo mundo até…

— Sentada — comandou Archie, fixando o olhar em Scarlett. — Eu vou dizer. Como a senhora saiu por aí esta tarde e se meteu em apuros por conta própria, o sr. Wilkes e o sr. Kennedy e os outros homens saíram agora à noite para matar aquele negro e aquele branco, se conseguirem encontrar eles, e varrer aquela escória toda de Shantytown. E, se o que o *scallawag* disse é verdade, os ianques desconfiaram ou souberam por alguém e mandaram soldados para pegá-los. E os nossos homens caíram numa armadilha. E, se o que Butler disse não é verdade, então ele é um espião e vai entregar todo mundo para os ianques, que vão matá-los do mesmo jeito. E, se ele entregar, eu mato ele, ainda que seja a última coisa que faça na vida. E, se eles não forem mortos, vão ter de ir embora para o Texas e ficar escondidos por lá e talvez não voltem nunca. Tudo por culpa sua. Suas mãos estão sujas de sangue.

A raiva apagou o medo do rosto de Melanie quando ela viu a compreensão se estampar lentamente no semblante de Scarlett e em seguida, rapidamente, o horror. Melanie se levantou e pôs a mão no ombro da amiga.

— Mais uma palavra, e você sai desta casa, Archie — falou com severidade. — Não é culpa dela. Ela só fez… Só fez o que achou que devia fazer. E os nossos homens fizeram o que acharam que deviam fazer. As pessoas fazem o que precisam fazer. Não pensamos do mesmo modo nem agimos do mesmo modo e é errado… É errado julgar os outros por nós mesmos. Como você e India podem dizer coisas tão cruéis quando o marido dela, assim como o meu, pode estar… pode estar…

— Silêncio! — interrompeu Archie, baixinho. — Senta, senhora. Cavalos.

Melanie afundou em uma cadeira, pegou uma das camisas de Ashley e, baixando a cabeça, inconscientemente começou a rasgar os babados em pequenas tiras.

O som de cascos se intensificou quando os cavalos se aproximaram trotando. Ouviu-se o barulho do tilintar dos freios, do atrito do couro e de vozes

masculinas. Quando os cascos pararam em frente à casa, uma voz se elevou acima das outras em um comando e dentro de casa se ouviram passos tomando a direção da varanda dos fundos. Foi como se mil olhos inimigos espreitassem pelas janelas sem cortinas, e as quatro mulheres, com o coração cheio de medo, baixaram a cabeça e empunharam as agulhas. O coração de Scarlett gritou em seu peito: *Eu matei Ashley! Eu o matei!* E naquele momento insano ela sequer pensou que podia ter matado Frank também. Não havia espaço em sua mente para qualquer imagem com exceção da de Ashley, estirado aos pés dos cavaleiros ianques, o cabelo louro sujo de sangue.

Quando a batida seca e breve soou, ela olhou para Melanie e viu uma nova expressão se instalar no rosto pequeno e tenso, uma expressão tão vazia quanto a que vira pouco antes no semblante de Rhett Butler, a expressão inescrutável de um jogador de pôquer blefando com apenas um par na mão.

— Archie, abra a porta — disse Melanie calmamente.

Enfiando a faca na bota e afrouxando a pistola na cintura da calça, Archie mancou até a porta e a escancarou. Pitty soltou um gritinho, como um camundongo que sente a ratoeira se fechar, quando viu, parado à entrada, um oficial ianque e um pelotão de uniformes azuis. Mas as outras nada disseram. Scarlett viu, com uma leve sensação de alívio, que conhecia aquele oficial. Era o capitão Tom Jaffery, um dos amigos de Rhett. Ela lhe vendera madeira para a construção da sua casa. Sabia que se tratava de um cavalheiro. Talvez, sendo um cavalheiro, não as arrastasse para a prisão. Ele a reconheceu de imediato e, tirando o chapéu, se inclinou, meio envergonhado.

— Boa noite, sra. Kennedy. E qual das senhoras é a sra. Wilkes?

— Eu sou a sra. Wilkes — respondeu Melanie, pondo-se de pé e, apesar da pouca altura, se impondo com dignidade. — A que devo esta intrusão?

Os olhos do capitão varreram rapidamente o cômodo, pousando por um instante em cada rosto, passando depressa de seus rostos para a mesa e a chapeleira, como se buscasse sinais de presenças masculinas.

— Eu gostaria de falar com o sr. Wilkes e com o sr. Kennedy, por favor.

— Eles não estão — respondeu Melanie, com uma nota gelada na voz suave.

— A senhora tem certeza?

— Não duvide da palavra da sra. Wilkes — interveio Archie, a barba se eriçando.

— Peço desculpas, sra. Wilkes. Não tive a intenção de desrespeitá-la. Se a senhora me der a sua palavra, não revistarei a casa.

— O senhor tem a minha palavra, mas reviste, se quiser. Eles foram a uma reunião no centro, no armazém do sr. Kennedy.

— Não estão no armazém. Não houve reunião esta noite — retrucou o capitão em tom grave. — Aguardaremos lá fora até que retornem.

Ele fez uma rápida mesura e saiu, fechando a porta. De dentro da casa, ouviu-se uma ordem firme, abafada pelo vento:

— Cerquem a casa. Um homem em cada janela e cada porta.

A ordem seguida de um tropel. Scarlett freou um grito de pânico ao ver, vagamente, rostos barbudos espiando pelas janelas. Melanie sentou-se e com mão firme pegou um livro na mesa. Era um exemplar em frangalhos de *Les Misérables*, o livro que encantava os soldados confederados, que o liam junto à fogueira e sentiam um prazer macabro em chamá-lo de "Lee's Misérables".[3] Abriu na metade e começou a ler em uma voz monótona e límpida.

— Costurem — comandou Archie em um sussurro rouco, e as três mulheres, movidas pela voz monocórdia de Melanie, pegaram suas costuras e baixaram a cabeça.

Quanto tempo Melanie leu sob aquele círculo de olhos vigilantes, Scarlett jamais soube, mas lhe pareceram horas. Ela não ouviu uma única palavra da leitura. Agora começava a pensar em Frank, além de em Ashley. Então era essa a explicação para a sua calma aparente no início da noite! Ele lhe prometera que jamais se envolveria com a Klan. Ah, aquele era precisamente o tipo de problema que ela temera enfrentar! Todo o trabalho do ano anterior teria sido à toa. Todas as suas lutas e labutas na chuva e no frio teriam sido à toa. E quem imaginaria que aquele velho e apático do Frank se envolveria naqueles atos impulsivos da Klan? Naquele instante mesmo, ele poderia estar morto. E se não estivesse, e os ianques o pegassem, seria enforcado. E Ashley também!

Enterrou as unhas nas palmas das mãos até que quatro meias-luas vermelhas aparecessem. Como Melanie podia continuar lendo tão calmamente quando Ashley corria o risco de ser enforcado? Quando podia já estar morto? Mas algo

na voz suave e tranquila que transmitia as agruras de Jean Valjean a acalmou, impediu-a de ficar de pé em um salto e gritar.

Sua mente voltou à noite em que Tony Fontaine os procurara, caçado, exaurido, sem dinheiro. Se não tivesse alcançado a casa deles e recebido dinheiro e um cavalo saudável, já estaria há muito enforcado. Se Frank e Ashley já não estivessem mortos, a posição deles seria a mesma de Tony, só que pior. Com a casa cercada por soldados, os dois não podiam voltar para pegar dinheiro e roupas sem serem capturados. E provavelmente todas as casas da rua tinham agora uma patrulha similar de ianques, o que os impediria de buscar a ajuda de amigos. Era até capaz de estarem agorinha mesmo galopando a toda na escuridão a caminho do Texas.

Mas Rhett… Quem sabe Rhett os encontrara a tempo. Rhett sempre tinha muito dinheiro no bolso. Talvez lhes emprestasse o suficiente para se safarem. Mas aquilo era estranho. Por que Rhett se importaria com a segurança de Ashley? Sem dúvida não gostava dele, sem dúvida nutria desprezo por ele. Então, por quê… Mas esse enigma foi engolido por um medo renovado quanto à segurança de Ashley e Frank.

Ah, a culpa é toda minha!, gemeu interiormente. *India e Archie falaram a verdade. É tudo culpa minha. Mas nunca pensei que um deles fosse tolo o bastante para se juntar à Klan! E nunca achei que alguma coisa fosse de fato acontecer comigo! Mas eu não podia fazer diferente. Melly falou a verdade. As pessoas precisam fazer o que precisam fazer. E eu precisava manter as serrarias funcionando! Eu precisava ter dinheiro! E agora provavelmente vou perder tudo e, de alguma forma, a culp*a é minha!

Passado um bom tempo, a voz de Melanie falseou, foi sumindo e emudeceu. Ela virou a cabeça na direção da janela e olhou como se não houvesse soldados ianques a observá-la do outro lado do vidro. As outras levantaram a cabeça, chamadas à atenção pela postura atenta, e também ficaram alertas.

Ouviu-se o barulho de patas de cavalo e de cantoria, amortecido pelas janelas e portas fechadas, carregado pelo vento, mas ainda assim, reconhecível. Era a mais odiosa das canções odiosas, a canção sobre os homens de Sherman… “Marching through Georgia”, e quem a cantava era Rhett Butler.

Mal terminara as primeiras estrofes quando duas outras vozes, vozes de bêbados, o atropelaram, vozes tolas e enfurecidas que tropeçavam e embolavam nas palavras. Houve um rápido comando do capitão Jaffery na varanda da frente, seguido por passos velozes. Mas, antes mesmo que esses sons fossem ouvidos, as senhoras se entreolharam espantadas. Pois as vozes bêbadas fazendo coro com Rhett eram as de Ashley e Hugh Elsing.

O volume de vozes aumentou na frente da casa, a do capitão Jaffery breve e indagadora, a de Hugh, estridente como uma risada idiota, a de Rhett grave e despreocupada e a de Ashley, estranha, irreal, gritando: "Que diabos! Que diabos!"

Esse não pode ser Ashley, pensou Scarlett, desorientada. *Ele nunca fica bêbado! E Rhett… Ora, Rhett quando se embriaga fica cada vez mais mudo… nunca faz uma algazar*ra dessas!

Melanie se pôs de pé e, como ela, Archie se levantou. Ouviu-se a voz firme do comandante:

— Esses dois homens estão presos.

A mão de Archie se fechou sobre o cabo da pistola.

— Não — sussurrou Melanie com firmeza. — Não, deixe comigo.

Havia em seu rosto a mesma expressão que Scarlett vira naquele dia em Tara quando Melanie ficara no topo da escada olhando para o ianque morto, o pulso frágil curvado com o peso do sabre — uma alma meiga e tímida levada pelas circunstâncias a adotar a cautela e a fúria de uma tigresa. Melanie abriu a porta da frente.

— Traga-o para dentro, capitão Butler — chamou em um tom claro, cheio de veneno. — Suponho que o embebedou de novo. Traga-o para dentro.

Lá de fora, da entrada escura açoitada pelo vento, o capitão ianque disse:

— Lamento, sra. Wilkes, mas seu marido e o sr. Elsing estão presos.

— Presos? Por quê? Por estarem bêbados? Se bebedeira desse prisão em Atlanta, toda a tropa ianque viveria na cadeia. Bom, capitão Butler, traga-o para dentro. Isto é, se o senhor conseguir andar.

A mente de Scarlett não funcionava como deveria, e por um instante nada fez sentido. Ela sabia que nem Rhett nem Ashley estavam bêbados e sabia também que Melanie tinha consciência disso. No entanto, Melanie, em geral tão gentil e

refinada, gritava como uma megera, e ainda por cima na frente dos ianques, que ambos estavam demasiado bêbados para caminhar.

Ouviu-se uma curta discussão, entremeada por palavrões, e pés vacilantes subiram a escada. À porta, surgiu Ashley, pálido, a cabeça pendendo para o lado, o cabelo lustroso desalinhado, o corpo alto envolto, do pescoço aos joelhos, na capa preta de Rhett. Hugh Elsing e Rhett, com equilíbrio precário, o sustentavam, um de cada lado, e era óbvio que ele teria caído não fosse a ajuda dos dois. Atrás vinha o capitão ianque, no rosto um misto de desconfiança e curiosidade. Ficou de pé diante da porta aberta enquanto seus homens, intrigados, espiavam por sobre seu ombro. O vento frio varreu a casa.

Scarlett, amedrontada e confusa, lançou um olhar para Melanie e depois para Ashley, antes que entendesse parcialmente o que estava acontecendo. Ia gritando "Mas ele não pode estar bêbado!" quando mordeu a língua. Deu-se conta de estar assistindo a uma encenação desesperada da qual vidas dependiam. Sabia que não fazia parte dela, assim como tia Pitty, mas os outros, sim, e ofereciam deixas uns aos outros como atores em um drama bem ensaiado. Entendeu apenas em parte, mas o suficiente para se manter calada.

— Sente-o na cadeira — disse Melanie, indignada. — E o senhor, capitão Butler, saia já desta casa! Como se atreve a aparecer aqui depois de deixá-lo nesse estado novamente?

Os dois homens acomodaram Ashley em uma cadeira de balanço e Rhett, trôpego, se apoiou nas costas da cadeira para recobrar o equilíbrio e dirigiu-se ao capitão, com voz magoada.

— Esse é o agradecimento que recebo por evitar que a polícia o pegue e o traga para casa. E ele gritou e tentou me arranhar, ainda por cima!

— E você, Hugh Elsing, me dá vergonha! O que há de dizer a coitada da sua mãe? Bêbado e na rua com um… Um *scallawag* amigo de ianques, como o capitão Butler! Ah, sr. Wilkes, como foi capaz de uma coisa dessas?

— Melly, eu não estou tão bêbado… — resmungou Ashley, que, depois dessas palavras, caiu para a frente na mesa, a cabeça escondida entre os braços.

— Archie, leve-o para o quarto e o ponha na cama… como de há-
bito — comandou Melanie. — Tia Pitty, corra lá e prepare a cama e… — De

repente, explodindo em lágrimas, acrescentou: — Ah, como ele pôde fazer isso? Ele me prometeu!

Archie já estava com o braço sob o ombro de Ashley, e Pitty, assustada e indecisa, pôs-se de pé. O capitão interveio, então:

— Não toquem nele. Ele está preso. Sargento!

Quando o sargento entrou na sala, com o rifle preparado, Rhett, nitidamente tentando se manter em pé, pôs a mão no braço do capitão e, com dificuldade, concentrou nele o olhar.

— Tom, por que vai prendê-lo? Ele não está tão bêbado assim. Eu já o vi pior.

— Bêbado uma ova — exclamou o capitão. — Por mim, ele pode estar caído na sarjeta. Não sou policial. Ele e o sr. Elsing estão presos por cumplicidade em um ataque da Klan em Shantytown esta noite. Um crioulo e um branco foram mortos. O sr. Wilkes foi o líder do crime.

— Esta noite? — indagou Rhett, soltando uma gargalhada. Riu tanto que se sentou no sofá, segurando a cabeça entre as mãos. — Não, não esta noite, Tom — disse ele, quando conseguiu falar. — Esses dois estavam comigo, desde as oito horas, quando supostamente participavam de uma reunião.

— Com você, Rhett? Mas… — O capitão franziu a testa e lançou um olhar indeciso para Ashley, que roncava, e sua esposa, que soluçava. — Mas… Onde vocês estavam?

— Não me agrada dizer — respondeu Rhett, olhando para Melanie com uma expressão de bêbado travesso.

— É melhor dizer!

— Vamos lá fora na varanda e eu lhe conto onde estávamos.

— Vai me contar agora.

— Detesto dizer isso na frente das senhoras. Se as damas me fizerem a gentileza de sair da sala…

— Não saio — gritou Melanie, passando o lenço com raiva nos olhos. — Tenho o direito de saber. Onde esteve o meu marido?

— Na casa de entretenimento de Belle Watling — respondeu Rhett, com ar constrangido. — Ele estava lá, junto com Frank Kennedy e o dr. Meade e… E vários outros. Foi uma festa. Uma ótima festa. Champanhe. Moças…

— Na… com Belle Watling?

A voz de Melanie subiu de tom até falhar, denotando um sofrimento tal que todos os olhos se voltaram, assustados, para ela. A mão subiu ao peito e, antes que Archie pudesse ampará-la, Melanie desmaiou. Um tumulto se seguiu. Archie pegou Melanie nos braços, India correu até a cozinha para providenciar um copo d'água, Pitty e Scarlett começaram a abaná-la freneticamente e a bater em seus pulsos, enquanto Hugh Elsing não parava de gritar:

— Agora você conseguiu! Você conseguiu!

— Agora a cidade toda vai saber — vociferou Rhett. — Espero que esteja satisfeito, Tom. Nenhuma esposa em Atlanta há de dirigir a palavra ao marido amanhã.

— Rhett, eu não imaginei… — Embora um vento gélido estivesse soprando pela porta aberta às suas costas, o capitão suava. — Olhe aqui! Você jura que eles estavam na… na casa de Belle?

— Diabos, juro! — rosnou Rhett. — Vá perguntar à própria Belle, se não acredita em mim. Agora me deixe levar a sra. Wilkes para o quarto. Eu a carrego, Archie. Srta. Pitty, vá na frente com o lampião.

Rhett pegou o corpo inerte de Melanie dos braços de Archie.

— Bote o sr. Wilkes na cama, Archie. Nunca mais quero pôr os olhos ou as mãos nele depois desta noite.

A mão de Pitty tremia tanto que o lampião ameaçava a segurança da casa, mas ela o segurou e saiu trotando na direção do quarto escuro. Archie, com um rosnado, passou um braço sob Ashley e o ergueu do chão.

— Mas… Eu preciso prender esses homens!

Rhett virou-se para o capitão no corredor mal iluminado.

— Prenda-os pela manhã, então. Eles não poderão fugir nesse estado… E eu nunca soube que fosse ilegal se embriagar em uma casa de entretenimento. Deus do céu, Tom, há cinquenta testemunhas para provar que eles estavam com Belle.

— Há sempre cinquenta testemunhas para provar que um sulista estava onde ele não estava — disse o capitão morosamente. — Venha comigo, sr. Elsing. Vou deixar o sr. Wilkes em liberdade provisória sob a palavra do…

— Sou irmã do sr. Wilkes. Assumirei a responsabilidade por ele se apresentar à Justiça — interrompeu India, com frieza. — O senhor pode se retirar agora? Já criou problemas suficientes para uma noite.

— Lamento profundamente — desculpou-se o capitão, inclinando-se constrangido. — Só espero que eles possam comprovar sua presença na… na casa da sra. Watling. Por favor, diga ao seu irmão que ele precisa comparecer diante do oficial encarregado amanhã de manhã para interrogatório, sim?

India retribuiu friamente o cumprimento e, pondo a mão na maçaneta da porta, indicou sem palavras que a partida imediata de todos seria bem-vinda. O capitão e o sargento saíram de costas, acompanhados de Hugh Elsing, e ela bateu a porta. Sem sequer olhar para Scarlett, foi rapidamente até cada uma das janelas e fechou as cortinas. Scarlett, com os joelhos trêmulos, segurou-se na cadeira em que Ashley se sentara para manter o equilíbrio. Baixando os olhos para ela, viu que havia ali uma mancha escura e úmida, maior que a palma da sua mão.

— India — sussurrou. — India, Ashley está… Está ferido.

— Sua boba! Você achou mesmo que ele estava bêbado?

India baixou a última cortina e se dirigiu a passos velozes até o quarto, com Scarlett em seus calcanhares, o coração na boca. O corpo espadaúdo de Rhett barrava a entrada, mas, por cima do seu ombro, Scarlett viu Ashley, pálido, deitado imóvel na cama. Melanie, estranhamente lépida para alguém que desmaiara tão recentemente, cortava sua camisa empapada de sangue com uma tesourinha de costura. Archie segurava o lampião acima da cama para prover iluminação, e um de seus dedos deformados sentia o pulso de Ashley.

— Ele está morto? — gritaram ambas as moças em uníssono.

— Não, apenas desmaiou por causa da perda de sangue. O ferimento foi no ombro.

— Por que você o trouxe para cá, seu idiota? — gritou India. — Me deixe passar! Por que você o trouxe para cá para ser preso?

— Ele estava fraco demais para viajar. Não havia outro lugar aonde levá-lo, srta. Wilkes. Além disso… A senhorita quer que ele se transforme num exilado, como Tony Fontaine? Quer que uma dezena de seus vizinhos vá morar no Texas sob nomes fictícios pelo resto de suas vidas? Há uma chance de que possamos livrá-los todos se Belle…

— Me deixe passar!

— Não, srta. Wilkes. A senhorita tem uma tarefa. Precisa ir buscar um médico. Não o dr. Meade. Ele está envolvido nisso e provavelmente se

explicando para os ianques neste exato minuto. Consiga algum outro médico. Tem medo de sair sozinha à noite?

— Não — respondeu India, os olhos claros cintilando. — Não tenho medo — garantiu India, pegando a capa com capuz de Melanie, pendurada em um gancho no corredor. — Vou buscar o velho dr. Dean. — A excitação sumiu da sua voz e, com esforço, ela se obrigou a ficar calma. — Desculpe tê-lo chamado de espião e bobo. Não tinha entendido. Fico profundamente grata pelo que fez por Ashley… Mas continuo a desprezá-lo, mesmo assim.

— Aprecio a franqueza… E lhe agradeço por ela. — Rhett fez uma mesura e seu lábio esboçou um sorriso divertido. — Agora, vá rápido e por ruas secundárias e quando voltar não entre na casa se vir sinais de soldados nas redondezas.

Scarlett, tentando enxergar além de Rhett, sentiu o coração se acelerar novamente ao ver os olhos de Ashley se abrirem. Melanie pegou uma toalha dobrada que estava no toucador, junto à bacia, e a pressionou contra o ombro ensanguentado, enquanto ele sorria débil e tranquilizadoramente para ela. Scarlett percebeu o olhar penetrante de Rhett fixo nela, consciente de que em seu rosto a emoção era evidente, mas não se importou. Ashley sangrava, talvez estivesse morrendo, e ela, que o amava, havia aberto aquele buraco de bala em seu ombro. Queria correr até a cama, atirar-se nela e abraçá-lo, mas os joelhos tremiam tanto que não foi capaz de entrar no quarto. Com a mão a lhe tapar a boca, observou enquanto Melanie apertava uma toalha limpa de encontro ao ombro do marido, pressionando-a com força, como se pudesse forçar o sangue a voltar para seu corpo. Mas a toalha se avermelhou como se por um passe de mágica.

Como era possível que um homem sangrasse tanto e continuasse vivo? Mas, graças a Deus, não havia sangue em seus lábios…ah, aquelas gotas vermelhas e espumantes, prenunciando a morte, que ela conhecia tão bem desde o dia pavoroso da batalha na Peachtree em que os feridos haviam morrido no gramado da tia Pitty com as bocas cheias de sangue.

— Aguente firme — disse Rhett, e havia em sua voz uma nota dura, levemente jocosa. — Ele não vai morrer. Agora vá pegar o lampião e segurá-lo para a sra. Wilkes. Preciso que Archie vá providenciar umas coisas.

Archie olhou para Rhett.

— Não vou receber ordens de você — disse curtamente, mudando o pedaço de tabaco de uma bochecha para outra.

— Você vai fazer o que ele mandar — disse Melanie, com autoridade — e rápido. Faça tudo que o capitão Butler disser. Scarlett, pegue o lampião.

Scarlett se adiantou e aceitou o lampião, segurando-o com ambas as mãos para impedir que caísse. Os olhos de Ashley estavam novamente fechados. Seu peito nu subia e descia devagar e um filete vermelho escapava por entre os dedos delgados e frenéticos de Melanie. Ouviu vagamente quando Archie atravessou mancando o quarto em direção a Rhett e ouviu as palavras dele em voz baixa e rápida. A mente estava tão concentrada em Ashley que entendeu apenas:

— Pegue o meu cavalo… amarrado lá fora… Galope como um raio.

Archie resmungou alguma pergunta e Scarlett ouviu a resposta de Rhett:

— A velha fazenda Sullivan. Você vai encontrar os camisolões enfiados na chaminé maior. Queime tudo.

— Tá — rosnou Archie.

— E tem dois… Dois homens no celeiro. Bote os dois em cima do cavalo, como conseguir, e leve para o terreno baldio atrás da casa de Belle… O terreno entre a casa e os trilhos da ferrovia. Cuidado. Se alguém o vir, você vai para a forca como todos nós. Ponha os dois lá no terreno e as pistolas perto deles… nas mãos deles. Tome, leve as minhas.

Scarlett, olhando para o outro lado do aposento, viu Rhett enfiar a mão sob as abas do paletó e tirar dois revólveres que Archie pegou e enfiou na cintura.

— Dispare um tiro de cada. Tem de parecer um caso simples de tiroteio, entendeu?

Archie assentiu como se entendesse perfeitamente e um involuntário brilho de respeito brilhou em seu olho frio. Mas a compreensão passou ao largo de Scarlett. A última meia hora havia sido tão assustadora que a seu ver nada jamais seria simples e claro. No entanto, Rhett aparentava estar no comando pleno daquela situação confusa e isso já era um consolo.

Archie se virou para sair, mas deu meia-volta e seu único olho fitou, indagador, o rosto de Rhett.

— Ele?

— Sim.

Archie rosnou e cuspiu no chão.

— O pau vai comer — falou enquanto atravessava o corredor mancando em direção à porta dos fundos.

Alguma coisa no último diálogo em voz baixa fez surgir um novo medo e uma nova desconfiança no peito de Scarlett, como uma bolha gelada que não parava de crescer. Quando a bolha estourou…

— Onde está Frank? — exclamou.

Rhett atravessou rapidamente o aposento até a cama, o corpo avantajado se movendo com a mesma agilidade e sutileza do de um gato.

— Tudo a seu tempo — respondeu e sorriu brevemente. — Segure firme esse lampião, Scarlett. Você não vai querer queimar o sr. Wilkes.Srta. Melly…

Melanie ergueu os olhos como um bom soldado aguardando um comando, e a situação estava tão tensa que não lhe ocorreu que pela primeira vez Rhett a chamara pelo apelido que apenas os parentes e velhos amigos usavam.

— Desculpe, eu quis dizer sra. Wilkes…

— Ah, capitão Butler, não se desculpe! Eu me sentiria honrada se o senhor me chamasse de “Melly”, sem o “senhora”! Sinto como se fosse meu… meu irmão ou… ou meu primo. Como é bondoso e esperto! Como vou poder lhe agradecer um dia?

— Obrigado — disse Rhett, e por um instante se mostrou quase constrangido. — Eu jamais chegaria a tanto, mas srta. Melly — prosseguiu em um tom apologético —, lamento ter dito que o sr. Wilkes estava na casa de Belle Watling. Lamento tê-lo envolvido e aos outros em uma tal… uma tal… Mas precisei pensar depressa quando saí daqui e esse foi o único plano que me ocorreu. Sabia que a minha palavra seria aceita porque tenho muitos amigos entre os oficiais ianques. Eles me prestam a honra dúbia de me considerar quase um igual, porque conhecem a minha… Vamos chamar de “impopularidade” entre meus conterrâneos. E, veja, eu estava jogando pôquer no bar de Belle mais cedo esta noite. Uma dezena de oficiais ianques pode corroborar o fato. E Belle e as moças com satisfação hão de mentir de face limpa e dizer que o sr. Wilkes e os outros estavam… Estavam no andar de cima a noite toda. E os ianques acreditarão. São homens estranhos. Não imaginam que mulheres na…na profissão delas são

capazes de grande lealdade ou patriotismo. Os ianques não aceitariam a palavra de uma única senhora respeitável de Atlanta quanto ao paradeiro dos homens que supostamente estavam na reunião de hoje, mas aceitarão a palavra de… de moças da vida. E acho que, com a palavra de honra de um *scallawag* e uma dezena dessas moças, talvez consigamos salvar a pele desses homens.

Um sorriso sardônico surgiu em seu rosto durante as últimas palavras, mas ele se apagou quando Melanie se virou para ele com uma expressão de enorme gratidão.

— Capitão Butler, como o senhor é inteligente! Eu não me importaria se o senhor dissesse que eles estavam no próprio inferno esta noite, se isso os salvasse! Pois sei e todos que nos interessam sabem que meu marido jamais pisou num lugar horrível como aquele.

— Bem… — começou Rhett, constrangido. — Na verdade, ele esteve na casa de Belle hoje.

Melanie se aprumou com frieza.

— O senhor jamais me fará acreditar em tamanha mentira!

— Por favor, srta. Melly, deixe-me explicar! Quando saí da fazenda Sullivan esta noite, encontrei o sr. Wilkes ferido e com ele estavam Hugh Elsing e o dr. Meade e o velho Merriwether…

— Não aquele idoso! — exclamou Scarlett.

— Os homens nunca são velhos demais para fazer tolices. E o seu tio Henry…

— Piedade, Senhor! — gritou tia Pitty.

— Os outros se espalharam após o encontro com os soldados, e o grupo que permaneceu junto foi para a fazenda Sullivan a fim de esconder os camisolões na chaminé e ver se o ferimento do sr. Wilkes era grave. Se não fosse esse ferimento, eles já estariam a caminho do Texas a esta altura, todos eles, mas o sr. Wilkes não tinha condições de cavalgar para muito longe e não quiseram deixá-lo para trás. Era necessário provar que haviam estado num lugar diferente e, por isso, eu os levei por vias secundárias até a casa de Belle Watling.

— Ah, entendi. Peço perdão pela minha grosseria, capitão Butler. Vejo agora que era necessário levá-los até lá, mas… Ah, capitão Butler, vocês devem ter sido vistos entrando na casa!

— Ninguém nos viu. Usamos uma entrada particular nos fundos que dá para os trilhos da ferrovia. Está sempre escura e trancada.

— Então como…?

— Eu tenho uma chave — respondeu Rhett, laconicamente, e seus olhos fitaram diretamente os de Melanie.

Quando o impacto pleno do significado foi registrado, Melanie ficou tão envergonhada que começou a mexer na bandagem até que ela escorregasse da ferida.

— Não tive a intenção de me meter… — falou em uma voz abafada, o rosto pálido enrubescendo, enquanto pressionava a toalha contra o ferimento.

— Lamento ter de contar uma coisa dessas a uma dama.

Então é verdade!, pensou Scarlett. *Ele realmente vive com aquela criatura abominável! Ele é proprietário da* casa dela!

— Estive com Belle e expliquei a ela. Nós lhe demos uma lista dos homens envolvidos e ela e as moças vão testemunhar que todos passaram a noite lá. Depois, para tornar a nossa saída mais óbvia, Belle chamou os dois marginais que mantêm a ordem no estabelecimento e mandou que nos arrastassem escada abaixo, brigando, passando pelo bar, e nos jogassem na rua como bêbados brigões que estavam criando tumulto.

Ele sorriu ao lembrar.

— O dr. Meade não foi muito convincente como bêbado. Sentiu-se ferido em sua dignidade até mesmo por estar num lugar daqueles. Mas o seu tio Henry e o velho Merriwether se saíram admiravelmente. O palco perdeu dois grandes atores quando ambos decidiram não seguir a carreira artística. Ao que parece, gostaram da encenação. Temo que o seu tio Henry tenha ganhado um olho roxo devido à dedicação do sr. Merriwether ao seu papel. Ele…

A porta dos fundos se abriu e India entrou, seguida pelo velho dr. Dean, o longo cabelo branco desalinhado e a maleta de couro preto surrada escondida sob a capa. Ele cumprimentou de cabeça, mas sem palavras, os presentes e rapidamente tirou a bandagem do ombro de Ashley.

— Alto demais para pôr em risco o pulmão — disse o médico. — Se não atingiu a clavícula, não é muito grave. Me arranjem muitas toalhas, senhoras, e algodão, se tiverem, e um pouco de conhaque.

Rhett pegou o lampião que Scarlett segurava e o pôs sobre a mesa enquanto Melanie e India se apressavam a cumprir as instruções do dr. Dean.

— Você não pode fazer nada aqui. Venha para a sala, perto do fogo. — Pegou Scarlett pelo braço e a tirou do quarto. Havia nele uma delicadeza nova, tanto em sua mão quanto em sua voz. — Você teve um dia péssimo, não?

Ela se deixou levar até a sala e, embora tivesse parado em frente ao fogo, começou a tremer. A bolha da desconfiança em seu peito crescera mais ainda. Era mais que uma suspeita. Era quase uma certeza, uma certeza terrível. Olhou para o rosto impassível de Rhett e, por um instante, não conseguiu falar.

— Frank esteve… Esteve na casa de Belle?

— Não.

O tom de Rhett foi seco.

— Archie o está levando para o terreno baldio atrás da casa de Belle. Ele está morto. Levou um tiro na cabeça.

3 A autora criou um trocadilho entre o título do livro *Les Misérables* (*Os miseráveis*), e Lee’s Misérables (Os miseráveis de Lee). (N.E.)

Capítulo 46

Poucas famílias no extremo norte da cidade dormiram naquela noite, por conta do infortúnio da Klan, e o estratagema de Rhett se espalhou rapidamente em passos silenciosos enquanto a silhueta fugaz de India Wilkes se esgueirava por quintais, sussurrava com urgência em portas de cozinhas e tornava a sair para a escuridão e a ventania. E em seu rastro ela deixou medo e esperança desesperada.

Vistas de fora, as casas pareciam escuras e silenciosas e mergulhadas no sono, mas, lá dentro, vozes cochicharam com veemência até o amanhecer. Não apenas os envolvidos nos acontecimentos noturnos, mas todos os membros da Klan estavam prontos para a fuga, e em quase todos os estábulos ao longo da rua Peachtree cavalos permaneceram selados no escuro, pistolas em coldres e comida em alforjes. Tudo que impediu um êxodo por atacado foi a mensagem sussurrada por India:

— O capitão Butler diz para não fugir. As estradas estarão vigiadas. Ele combinou com aquela criatura, a Watling…

Em aposentos escuros, os homens cochichavam:

— Mas por que eu acreditaria naquele maldito *scallawag* do Butler? Pode ser uma armadilha!

E as vozes femininas imploravam:

— Não fujam! Se salvou Ashley e Hugh, ele pode salvar todo mundo. Se India e Melanie confiam nele…

E eles confiaram e ficaram na cidade porque não havia outra alternativa.

Mais cedo naquela noite, os soldados haviam batido em uma dezena de portas e aqueles que não puderam ou não quiseram dizer onde tinham estado foram presos. René Picard e um dos sobrinhos da sra. Merriwether e os irmãos Simmons e Andy Bonnell foram alguns que passaram a noite na cadeia. Eles haviam participado da malfadada investida, mas se separaram dos demais após o

tiroteio. Galopando a toda velocidade para casa, foram presos antes de tomar conhecimento do plano de Rhett. Felizmente todos responderam, quando interrogados, que seus paradeiros naquela noite não eram da conta dos malditos ianques. Foram, então, trancafiados para de novo passar por interrogatórios na manhã seguinte. O velho Merriwether e o tio Henry Hamilton declararam sem constrangimento terem passado a noite na casa de entretenimento de Belle Watling e, quando o capitão Jaffery observou, com irritação, que eram velhos demais para tal lazer, quiseram se engalfinhar com ele.

A própria Belle Watling atendeu o capitão Jaffery, e antes que ele pudesse explicar sua missão, gritou que a casa já estava fechada. Um grupo de bêbados brigões havia chegado no início da noite e começado uma briga, quebrando o lugar, inclusive os espelhos mais finos e, de tal maneira assustou as moças que o expediente se encerrara mais cedo. Mas, se o capitão Jaffery quisesse uma bebida, o bar continuava aberto…

O capitão Jaffery, perfeitamente ciente dos risinhos dos seus homens, e sentindo, impotente, estar dando murro em ponta de faca, declarou, raivoso, que não queria nem as moças nem uma bebida e exigiu de Belle os nomes de seus clientes destruidores. Ah, sim, Belle os conhecia. Eram frequentadores assíduos. Iam lá todas as quartas e se autointitulavam Democratas das Quartas, embora ela não soubesse, nem quisesse saber, o que isso significava. E, se não pagassem pelos danos aos espelhos no salão de cima, ela iria processá-los. Seu estabelecimento era respeitável e… Ah, os nomes? Belle, sem hesitação, recitou os nomes de 12 suspeitos. O capitão Jaffery sorriu, azedo.

— Esses malditos rebeldes estão organizados de maneira tão eficiente quanto o nosso Serviço Secreto — falou. — Você e as suas moças terão de comparecer diante do oficial encarregado amanhã.

— Ele vai obrigá-los a pagar espelhos novos?

— Que se danem os seus espelhos! Faça com que Rhett Butler pague por eles. Ele é o proprietário, não?

Antes do amanhecer, todas as famílias de ex-confederados na cidade estavam a par de tudo. E seus negros, aos quais nada havia sido dito, também sabiam de tudo, pelo sistema telegráfico negro de mexericos que desafiava a compreensão branca. Todos sabiam os detalhes do ataque, da morte de Frank Kennedy e do

aleijado Tommy Wellburn e de como Ashley fora ferido ao levar embora o corpo de Frank.

Parte do sentimento de ódio agudo que as mulheres tinham por Scarlett por conta da sua cota na tragédia foi mitigada pelo fato de seu marido estar morto e ela saber disso sem poder admitir que sabia, e sequer ter o amargo consolo de reclamar seu corpo. Até que a luz da manhã revelasse os corpos e as autoridades a notificassem, ela não podia saber de coisa alguma. Frank e Tommy, pistolas nas mãos, jaziam em meio ao mato em um terreno baldio. E os ianques diriam que um matara o outro em uma briga cujo pivô fora uma moça da casa de Belle. A solidariedade foi grande por Fanny, esposa de Tommy, que acabara de ter um bebê, mas ninguém podia sair na escuridão para vê-la e consolá-la, pois havia um pelotão de ianques cercando a casa, à espera do retorno de Tommy. Outro pelotão cercava a casa de tia Pitty, à espera de Frank.

Antes do amanhecer, circularam notícias de que o inquérito militar teria lugar naquele dia. Os moradores da cidade, com os olhos injetados pela falta de sono e por conta da espera ansiosa, sabiam que a segurança de alguns de seus cidadãos mais proeminentes dependia de três coisas: da capacidade de Ashley Wilkes de ficar em pé nas próprias pernas e comparecer diante da comissão militar, como se não lhe afligisse nada mais sério que uma ressaca, da palavra de Belle Watling de que aqueles homens haviam passado a noite em sua casa e da palavra de Rhett Butler atestando que estivera com eles.

A cidade se contorcia ante esses dois! Belle Watling! Dever a vida dos seus homens a ela! Era intolerável! Mulheres que ostensivamente atravessavam a rua ao ver Belle se perguntavam se ela levaria isso em conta e tremiam de medo ao imaginar que sim. Os homens se sentiam menos humilhados que as mulheres por dever a vida a Belle, pois muitos a consideravam boa pessoa. Mas se incomodavam de dever suas vidas e a liberdade a Rhett Butler, um especulador e um *scallawag*. Belle e Rhett, a mais conhecida moça da vida das redondezas e o homem mais odiado da cidade. E ficariam devendo a ambos.

Outra coisa que os enchia de fúria impotente era a consciência de que ianques e *carpetbaggers* ririam deles. Ah, como ririam! Doze dos cidadãos mais proeminentes descobertos como frequentadores assíduos da casa de entretenimento de Belle Watling! Dois deles assassinados em uma briga por

causa de uma vadia barata, outros expulsos do lugar bêbados demais para serem tolerados até mesmo por Belle, e alguns na cadeia, recusando-se a admitir ter estado onde todos sabiam que tinham estado!

Atlanta tinha motivos para temer que os ianques rissem. Os ianques haviam se encolhido tempo demais sob a frieza e o desprezo sulistas e agora explodiam em hilaridade. Oficiais acordaram companheiros para espalhar a notícia. Maridos acordaram esposas ao alvorecer e lhes contaram tanto quanto seria decente contar às mulheres. E as mulheres, vestindo-se rapidamente, bateram às portas das vizinhas e compartilharam a história. As senhoras ianques ficaram encantadas e riram até chorar. Esses eram o cavalheirismo e a galanteria sulistas! Talvez aquelas mulheres que tanto empinavam o nariz e rechaçavam qualquer tentativa de amizade deixassem de ser tão arrogantes, agora que todos sabiam onde os maridos passavam o tempo quando supostamente estavam em reuniões políticas. Reuniões políticas! Muito engraçado!

Mas, mesmo enquanto riam, expressavam sua pena de Scarlett e sua tragédia. Afinal, Scarlett era uma dama, e uma das poucas em Atlanta que tratavam bem os ianques. Já ganhara a simpatia deles pelo fato de precisar trabalhar, pois o marido não podia ou não queria sustentá-la de maneira adequada. Embora o marido fosse péssimo, era horrível a pobrezinha descobrir a sua infidelidade. E duplamente horrível que a sua morte ocorresse simultaneamente com essa descoberta. Afinal, um mau marido era melhor do que marido nenhum, e as senhoras ianques decidiram ser especialmente gentis com Scarlett. Quanto às outras, porém, a sra. Meade, a sra. Merriwether, a sra. Elsing, a viúva de Tommy Wellburn e, acima de tudo, a sra. Ashley Wilkes, ririam em suas caras toda vez que as encontrassem. Isso lhes ensinaria a agir com alguma cortesia.

Boa parte dos cochichos ouvidos nas salas escuras da zona norte da cidade naquela noite tratou do mesmo assunto. As senhoras de Atlanta disseram com veemência aos maridos que não davam a mínima para o que pensavam os ianques. Mas, por dentro, sentiam que sofrer tortura nas mãos de apaches seria infinitamente preferível a sofrer a provação dos risinhos ianques e não poder contar a verdade sobre seus maridos.

O dr. Meade, transtornado e com a dignidade ultrajada por conta da posição em que Rhett o colocara e aos outros, disse à sra. Meade que, não fosse o fato de

que agindo assim implicaria os outros, preferiria confessar e ser enforcado a dizer que estivera na casa de Belle.

— É um insulto à senhora, sra. Meade — afirmou, bufando.

— Mas todos sabem que o senhor não esteve lá para… para…

— Os ianques não. Terão de acreditar nisso se quisermos salvar nossos pescoços. E hão de rir. A mera ideia de que alguém acredite e ria me enfurece. E insulta a senhora… Minha querida, eu sempre lhe fui fiel.

— Sei disso — disse a sra. Meade, sorrindo e dando a mão para o doutor no escuro. — Mas eu preferia que fosse realmente verdade a ver um fio de cabelo seu em perigo.

— Sra. Meade, sabe o que está dizendo? — exclamou o médico, pasmo ante o realismo insuspeitado da esposa.

— Sei, sim. Perdi Darcy e perdi Phil e você é tudo que eu tenho e, a perdê-lo, eu preferiria saber que o senhor vive permanentemente naquele lugar.

— A senhora perdeu o juízo! Não sabe o que está dizendo!

— Seu velho tolo — disse a sra. Meade com ternura e descansou o rosto no braço do marido.

O dr. Meade ruminou em silêncio sua fúria e acariciou o rosto da mulher, antes de explodir de novo:

— E ficar devendo àquele Butler! Seria mais fácil enfrentar a forca! Não, nem mesmo lhe devendo a vida eu posso ser educado com ele. Sua insolência é monumental e a falta de vergonha quanto ao seu oportunismo faz meu sangue ferver. Dever a minha vida a um homem que jamais serviu o Exército…

— Melly disse que ele se alistou depois da queda de Atlanta.

— Mentira. A sra. Melly acredita em qualquer patife. E o que não consigo entender é por que ele está fazendo tudo isso, se dando a esse trabalho. Odeio dizer, mas… Bom, sempre correram boatos a respeito dele e da sra. Kennedy. Eu os vi voltando de passeios com demasiada frequência ano passado. Ele deve estar fazendo isso por causa dela.

— Se fosse por causa de Scarlett, ele não levantaria um dedo. Ficaria feliz de ver Frank Kennedy ser enforcado. Acho que é por causa de Melly…

— Sra. Meade, a senhora não está querendo insinuar que algum dia houve algo entre aqueles dois!

— Não seja tolo! Mas ela sempre gostou imensamente dele, desde que o capitão Butler tentou libertar Ashley durante a guerra. E devo dizer a favor dele que nunca o vi sorrir daquele jeito sorrateiro quando está com ela. É sempre muito agradável e atencioso… Um homem totalmente diferente. Dá para ver pelo jeito como se comporta com Melly que ele poderia ser um homem decente, se quisesse. Meu palpite sobre o motivo para estar fazendo isso é… Doutor, o senhor não vai gostar do meu palpite.

— Não gosto de coisa alguma que diga respeito a esse assunto!

— Bem, eu acho que em parte é por Melly, mas principalmente porque ele achou que seria uma grande piada conosco. Nós o odiamos tanto e demonstramos isso tão claramente que agora ele nos pôs numa situação constrangedora em que ou vocês dizem que estavam na casa daquela Watling e envergonham a si mesmos e às esposas perante os ianques, ou falam a verdade e são enforcados. E ele sabe que estamos todos agora lhe devendo um favor e devendo um favor à sua… à sua amante, e que quase preferimos ser enforcados a lhes dever favores. Ah, garanto que ele está adorando.

O médico gemeu.

— Ele de fato pareceu estar se divertindo quando nos levou para o andar de cima daquele lugar.

— Doutor — começou a sra. Meade, hesitante —, como é lá?

— O que foi que disse, sra. Meade?

— A casa dela. Como é a casa dela? Ela tem lustres de cristal? E cortinas de veludo vermelho e dezenas de espelhos dourados do teto até o chão? E as moças… Estavam despidas?

— Deus do céu! — gritou o médico, atônito, pois jamais lhe ocorrera que a curiosidade de uma mulher casta quanto a suas irmãs não castas fosse tão intensa. — Como pode fazer perguntas tão imodestas? Não a estou reconhecendo. Vou lhe dar um sedativo.

— Não quero um sedativo. Quero saber. Ora, esta é a minha única chance de saber como é uma casa de má reputação! Não seja tão mau a ponto de não me contar!

— Não reparei em coisa alguma. Garanto que fiquei tão envergonhado de me ver num lugar daqueles que não reparei — disse o médico, mais perturbado ante

a revelação inesperada do caráter da esposa do que ficara com todos os acontecimentos anteriores daquela noite. — Se me der licença, vou tentar dormir um pouco.

— Vá dormir, então — disse ela, em um tom desapontado. Então, enquanto o médico se inclinava para tirar as botas, a voz dela se fez ouvir no escuro, com animação renovada: — Imagino que Dolly tenha arrancado tudo do velho Merriwether e possa me contar depois.

— Santo Deus, sra. Meade! Está me dizendo que mulheres de bem conversam sobre essas coisas entre si…

— Ah, vá dormir — respondeu a sra. Meade.

Geou no dia seguinte, mas, conforme o crepúsculo invernal foi chegando, as partículas de gelo pararam de cair e um vento frio passou a soprar. Envolta em sua capa, Melanie atravessou confusa o caminho da entrada da sua casa, seguindo um cocheiro negro que a chamara para ir ter com uma carruagem fechada que a aguardava diante do portão. Quando se aproximou da carruagem, a porta se abriu e ela viu uma mulher no interior mal iluminado do veículo.

Chegando mais perto e espiando para dentro, Melanie indagou:

— Quem é? Não quer entrar? Está tão frio…

— Por favor, entre aqui e se sente comigo um instante, sra. Wilkes — falou uma voz levemente familiar, uma voz envergonhada, lá de dentro da carruagem.

— Ah, é a senhorita… a sra. Watling! — exclamou Melanie. — Eu queria tanto encontrá-la! Por favor, vamos entrar!

— Não posso, sra. Wilkes — a voz de Belle Watling soou escandalizada. — Por favor, entra aqui um minuto.

Melanie subiu na carruagem e o cocheiro fechou a porta. Sentou-se ao lado de Belle e estendeu o braço para pegar-lhe a mão.

— Como vou poder lhe agradecer pelo que a senhorita fez hoje? Como vamos todos poder lhe agradecer?

— Sra. Wilkes, a senhora não devia ter me mandado aquele bilhete de manhã. Não que eu não tenha ficado orgulhosa de receber um bilhete da senhora, mas os ianques poderiam pegar. E dizer que ia me visitar para agradecer… Ora, sra. Wilkes, a senhora deve ter perdido o juízo! Que ideia! Vim aqui assim que

escureceu para dizer que não pode nem pensar numa coisa dessas. Ora, a senhora… Não seria nem um pouco adequado.

— Não seria adequado que eu visitasse uma mulher bondosa e lhe agradecesse por salvar a vida do meu marido?

— Ah, sra. Wilkes! A senhora sabe do que eu estou falando!

Melanie ficou calada um instante, envergonhada com a insinuação. De alguma forma, aquela mulher bonita, discretamente vestida, sentada na carruagem escura, não tinha a aparência nem os modos de uma mulher de má reputação, de madame de um bordel. Parecia… Sim, soava meio vulgar e matuta, mas bondosa e de bom coração.

— A senhora foi maravilhosa hoje diante do oficial encarregado, sra. Watling. A senhora e as outras… as suas… as moças, sem dúvida, salvaram a vida dos nossos homens.

— O sr. Wilkes é que foi maravilhoso. Não sei como ele conseguiu ficar em pé e contar sua história, ainda por cima parecendo tão calmo. Ontem estava sangrando como um porco quando eu vi. Ele vai ficar bem, sra. Wilkes?

— Sim, obrigada. O médico disse que é apenas um ferimento superficial, embora tenha havido uma grande perda de sangue. Hoje de manhã ele estava… Bem, tomou uma boa dose de conhaque, pois do contrário não conseguiria se sair tão bem. Mas foi a senhorita que os salvou. Quando ficou furiosa e falou sobre os espelhos quebrados, a senhorita foi tão… tão convincente.

— Obrigada. Mas eu… eu achei que o capitão Butler se saiu muito bem, também — disse Belle, com um orgulho tímido na voz.

— Ah, ele foi maravilhoso! — exclamou Melanie, com ardor. — Os ianques não tiveram como não acreditar no testemunho dele. Como foi inteligente no episódio todo. Jamais poderei lhe agradecer… ou à senhorita! Quanta gentileza e bondade de ambos!

— Agradeço muito, sra. Wilkes. Foi um prazer. Eu… eu espero que não tenha envergonhado a senhora quando falei que o sr. Wilkes vai sempre ao meu estabelecimento. Ele nunca, a senhorita sabe…

— Sim, eu sei. Não, não me envergonha nem um pouco. Sou apenas grata à senhorita.

— Aposto que as outras senhoras não são gratas a mim — disse Belle, subitamente venenosa. — E aposto que também não são gratas ao capitão Butler. Aposto que ficaram com mais ódio dele ainda. Aposto que a senhorita é a única que vai me agradecer. Aposto que elas não vão nem me olhar nos olhos quando me virem na rua. Mas eu não me importo. Não me incomodaria se todos os maridos delas fossem enforcados. Mas me incomodaria com o sr. Wilkes. Sabe, eu não me esqueci de como a senhora foi bondosa comigo durante a guerra, com o dinheiro para o hospital. Nunca nenhuma senhora desta cidade foi bondosa comigo como a senhora e não esqueço um gesto assim. E pensei na senhora ficando viúva com um filhinho, se o sr. Wilkes fosse enforcado e… Ele é um bom menino, o seu filho, sra. Wilkes. Eu tenho um filho e por isso…

— É mesmo? Ele mora…

— Ah, não! Ele não vive aqui em Atlanta, não. Jamais morou aqui. Está no colégio. Não vejo ele desde que era pequeno. Eu… bom, de todo jeito, quando o capitão Butler me pediu para mentir por todos aqueles homens, eu quis saber os nomes deles e, quando soube que o sr. Wilkes era um deles, não pestanejei. Disse às minhas meninas: “Arranco o couro de vocês todas se não fizerem questão de dizer que passaram a noite com o sr. Wilkes.”

— Ah! — exclamou Melanie, mais constrangida ainda pela referência inesperada de Belle às suas “meninas”. — Ah, isso foi… Isso foi muita bondade sua… E delas, também.

— Não mais do que a senhora merece — respondeu Belle, calorosamente. — Mas não ia fazer por qualquer um. Se fosse o marido daquela sra. Kennedy, eu não ia levantar um dedo, por mais que o capitão Butler quisesse.

— Por quê?

— Bem, sra. Wilkes, gente que faz o que eu faço sabe um monte de coisas. Seria uma surpresa e um espanto para um bocado de damas educadas se tivessem alguma ideia do que sabemos delas. E ela não é boa, sra. Wilkes. Ela matou o marido e aquele bom rapaz Wellburn, do mesmo jeito que se tivesse atirado. Ela que causou tudo isso, andando aí por Atlanta sozinha, provocando os pretos e a ralé que não presta. Ora, nenhuma das minhas meninas…

— A senhorita não devia falar mal da minha cunhada — interrompeu Melanie, em tom gélido.

Belle pousou a mão no braço de Melanie, para acalmá-la, e depois retirou-a rapidamente.

— Não seja fria comigo, por favor, sra. Wilkes. Eu não aguentaria, depois de ter sido tão boa e meiga. Esqueci que a senhora gosta dela e lamento o que eu disse. Sinto muito que o coitado do sr. Kennedy tenha morrido. Era um homem bom. Eu costumava comprar coisas para a minha casa no armazém dele, e ele sempre me tratou bem. Mas a sra. Kennedy… Bem, ela não pertence à mesma turma que a senhora. É uma mulher muito fria e não consigo pensar de outro jeito… Quando vão enterrar o sr. Kennedy?

— Amanhã de manhã. E você está errada sobre a sra. Kennedy. Neste exato minuto ela está prostrada de dor.

— Pode ser — disse Belle com evidente descrença. — Bom, preciso ir andando. Tenho medo de que alguém reconheça esta carruagem se eu ficar mais tempo aqui, e isso não vai ser bom para a senhora. E, sra. Wilkes, se algum dia me encontrar na rua, não precisa… Não precisa falar comigo. Eu vou entender.

— Terei orgulho de falar com você. Orgulho de lhe dever um favor. Espero… Espero que nos encontremos de novo.

— Não — disse Belle. — Isso não seria adequado. Boa noite.

Capítulo 47

Scarlett, sentada em seu quarto, ciscava no prato do jantar que Mammy lhe levara e ouvia o vento uivar na noite lá fora. A casa estava assustadoramente silenciosa, mais silenciosa ainda do que enquanto Frank fora velado na sala, algumas horas antes. Durante o velório, houvera passos leves e vozes apressadas, batidas abafadas na porta da frente, vizinhos transmitindo condolências, e soluços ocasionais da irmã de Frank, que viera de Jonesboro para o enterro.

Agora, porém, a casa mergulhara no silêncio. Embora a porta do quarto estivesse aberta, Scarlett não conseguia ouvir som algum vindo do andar inferior. Wade e o bebê continuavam na casa de Melanie desde que o corpo de Frank chegara, e ela sentia falta do ruído dos pezinhos do menino e dos balbucios de Ella. Uma trégua se instalara na cozinha e nenhum eco de discussão entre Peter, Mammy e Cookie chegava ao quarto. Até mesmo tia Pitty, lá embaixo na biblioteca, abrira mão de se balançar na cadeira de balanço que rangia em deferência ao luto de Scarlett.

Ninguém invadira seu espaço, na crença de que ela quisesse ficar sozinha com a própria dor, mas ficar sozinha era a última coisa que Scarlett desejava. Se a dor fosse a sua única companheira, ela poderia ter suportado, como a suportara em outras ocasiões. No entanto, além da sensação atônita de perda causada pela morte de Frank, havia medo, remorso e o tormento de uma consciência abruptamente despertada. Pela primeira vez na vida, ela se arrependia de coisas que fizera, arrependia-se delas com um acachapante medo supersticioso que a levava a lançar olhares de soslaio para a cama em que se deitara com Frank.

Matara Frank. Matara-o tanto quanto o dedo que puxara o gatilho. Ele lhe implorara que não saísse sozinha, mas ela não escutou. E agora estava morto por causa da sua teimosia. Deus a puniria por isso. Mas em sua consciência pesava algo maior e mais ameaçador do que ter causado a morte dele, algo que jamais a

perturbara até olhar o rosto do marido no caixão. Vira naquele rosto imóvel um quê patético e indefeso que lhe lançara acusações. Deus a puniria por ter se casado com ele, que amava Suellen de verdade. Scarlett teria de se encolher no banco dos réus e responder pela mentira que lhe contara na volta do acampamento ianque em sua charrete.

Seria inútil argumentar agora que o fim justificava os meios, que fora levada a montar uma armadilha para Frank, que o destino de gente demais dependia dela para que considerasse os direitos e a felicidade dele ou de Suellen. A verdade se impunha soberana e a amedrontava. Casara-se com frieza e usara Frank com frieza. E o fizera infeliz durante os últimos seis meses, embora pudesse tê-lo feito muito feliz. Deus a puniria por não ter sido mais bondosa com o marido — a puniria por todas as impertinências, insistências e surtos de fúria e observações cruéis, por afastar seus amigos e envergonhá-lo operando as serrarias e construindo o *saloon* e arrendando prisioneiros.

Ela o fizera muito infeliz e sabia disso, mas Frank suportara tudo como um cavalheiro. A única coisa que lhe dera alguma felicidade genuína tinha sido presenteá-lo com Ella. E Scarlett sabia que, se pudesse ter evitado o nascimento de Ella, a menina jamais teria nascido.

Estremeceu, temerosa, desejando que Frank estivesse vivo, para poder ser boa com ele, tão boa a ponto de compensar tudo. Ah, se ao menos Deus não parecesse tão furioso e vingativo! Se ao menos não estivesse tão sozinha!

Se ao menos Melanie estivesse com ela, poderia serenar seus medos. Mas Melanie estava em casa, cuidando de Ashley. Por um instante, Scarlett pensou em chamar Pittypat para ficar entre ela e a própria consciência, mas hesitou. Pitty provavelmente pioraria a situação, pois estava em luto genuíno por Frank. Ele fora mais seu contemporâneo do que de Scarlett, e Pitty lhe era dedicada. Frank satisfizera à perfeição a necessidade de Pitty de ter “um homem na casa”, pois a cobria de presentinhos e de fofocas inofensivas, de piadas e histórias, lia o jornal para a idosa à noite e lhe explicava os assuntos do dia, enquanto ela remendava suas meias. Ela o mimava e planejava pratos especiais para as refeições e o paparicava durante seus inumeráveis episódios de gripe. Agora, sentia uma falta aguda dele e não parava de repetir enquanto enxugava os olhos inchados de chorar: “Se ao menos ele não tivesse saído com a Klan!”

Se ao menos houvesse alguém que pudesse consolá-la, acalmar seus medos, explicar-lhe o que eram aqueles temores confusos que faziam seu coração se apertar com um pesar tão doentio! Se ao menos Ashley… mas deixou o pensamento de lado. Quase matara Ashley, assim como matara Frank. E se Ashley um dia soubesse a verdade sobre as mentiras que contara a Frank para fisgá-lo, soubesse como ela fora má com Frank, jamais conseguiria amá-la novamente. Ashley era tão honrado, tão verdadeiro, tão bom e via tudo com tanta retidão e clareza! Se soubesse toda a verdade, ele entenderia. Ah, sim, ele entenderia muito bem! Mas jamais voltaria a amá-la. Como ela poderia viver caso essa fonte secreta da sua força, o amor dele, lhe fosse tomada? Mas que alívio seria botar a cabeça em seu ombro e chorar e abrir seu coração culpado!

A casa silenciosa com o clima de morte a pairar por todo lado lhe impunha uma solidão tamanha que parecia impossível suportá-la mais tempo sem auxílio. Levantou-se com cuidado, entrefechou a porta e então remexeu na última gaveta da cômoda, debaixo da roupa íntima. Dali tirou a garrafa de conhaque “contra chilique” da tia Pitty que tinha escondido e segurou-a junto ao lampião. Estava quase pela metade. Decerto não bebera tanto desde a noite anterior! Serviu uma dose generosa no copo de água e bebeu de uma só vez. Teria de pôr a garrafa de volta no armário de bebidas antes do amanhecer, cheia de água até a boca. Mammy procurara por ela pouco antes do enterro, quando os carregadores do caixão pediram uma bebida, e o ambiente na cozinha já andava pesado com as suspeitas entre Mammy, Cookie e Peter.

O conhaque provocou uma ardência agradável. Nada melhor que isso quando necessário. Na verdade, conhaque quase sempre era bom, muito melhor do que vinho insípido. Por que diabos era adequado para uma mulher beber vinho e não destilados? A sra. Merriwether e a sra. Meade haviam farejado seu hálito de forma bem óbvia no enterro e ela vira o olhar triunfante trocado entre ambas. Harpias!

Serviu-se de outra dose. Não faria diferença se ficasse meio tonta aquela noite, pois iria cedo para a cama e gargarejaria com água de colônia antes que Mammy a despisse. Gostaria de poder ficar total e irresponsavelmente bêbada, como Gerald costumava ficar na Feira do Condado. Talvez então pudesse esquecer o rosto encovado de Frank acusando-a de arruinar-lhe a vida e depois matá-lo.

Perguntou-se se todos na cidade achavam que ela o matara. Indubitavelmente, os presentes ao enterro haviam sido frios com ela. As únicas pessoas que mostraram alguma solidariedade genuína haviam sido as esposas dos oficiais ianques com quem fazia negócios. Bom, pouco importava o que a cidade falasse sobre ela. Como isso parecia irrelevante em comparação às contas que haveria de prestar a Deus!

Tomou outro gole ao lembrar-se disso, estremecendo quando o conhaque lhe desceu pela garganta. Sentia-se aquecida agora, mas ainda incapaz de tirar Frank da cabeça. Como os homens eram idiotas quando diziam que a bebida produzia esquecimento! A menos que bebesse até cair, continuaria a ver o rosto de Frank como o vira da última vez que ele lhe implorara para não sair sozinha na charrete: tímido, reprovador, pisando em ovos.

A aldrava da porta da frente produziu uma batida surda que espalhou um eco pela casa silenciosa, e Scarlett ouviu os passos arrastados da tia Pìtty atravessando o corredor para abrir a porta. Depois veio o som de cumprimentos e um murmúrio indistinto. Na certa eram vizinhos, para falar do enterro ou levando um manjar branco. Pitty gostaria disso. Extraía um prazer grande e melancólico de conversas com visitas portando pêsames.

Perguntou-se com indiferença quem seria, antes de ouvir uma familiar voz masculina, ressonante e arrastada, acima dos sussurros lamentosos de Pitty. Alegria e alívio a invadiram. Era Rhett. Não via seu rosto desde que ele lhe dera a notícia da morte de Frank e agora descobria, no fundo do coração, que ele era a única pessoa capaz de ajudá-la naquela noite.

— Acho que ela vai querer me ver — afirmou Rhett, e as palavras flutuaram até o andar de cima.

— Mas ela está deitada agora, capitão Butler, e não deseja ver ninguém. Coitadinha, está prostrada. Ela…

— Acho que vai querer me ver. Por favor, diga a ela que vou partir amanhã e talvez fique um bom tempo fora. É muito importante.

— Mas… — balbuciou Pitty.

Scarlett correu para o corredor, observando, com certo espanto, que os joelhos estavam um pouco vacilantes, e se debruçou sobre o corrimão.

— Já vou descer, Rhett — falou.

Teve um vislumbre do rosto gorducho da tia Pittypat olhando para cima, os olhos de coruja cheios de surpresa e desaprovação. *Agora, toda a cidade há de saber que agi inapropriadamente no dia do enterro do meu marido,* pensou Scarlett, enquanto corria para o quarto e ajeitava o cabelo. Abotoou o corselete preto até o queixo e prendeu a gola com o broche de luto de Pittypat. *Não estou muito bonita*, pensou, inclinando-se para o espelho. *Pálida e assustada demais.* Estendeu a mão para o cofrinho onde escondia o rouge, mas desistiu. A coitada da Pittypat ficaria de fato alarmada se ela descesse corada e viçosa. Pegando o vidro de água de colônia, encheu a boca, gargarejou e depois cuspiu na bacia do toucador.

Correu escada abaixo em direção aos dois, que continuavam de pé no corredor, pois Pittypat, de tão surpresa com a atitude de Scarlett, se esquecera de convidar Rhett a sentar-se. Rhett estava decorosamente vestido de preto, com a camisa de pregas engomada, e seus modos se adequavam perfeitamente a tudo que o protocolo exigia de um velho amigo em uma visita de solidariedade a um enlutado. Na verdade, de tão perfeito, beirava o burlesco, embora Pittypat não tivesse notado. Pediu as desculpas adequadas por incomodar Scarlett e lamentou que em sua pressa de concluir os negócios antes de sair da cidade tivesse sido incapaz de comparecer ao enterro.

O que foi que deu nele para vir aqui?, perguntou-se Scarlett. *Tudo que está dizend*o é falso.

— Odeio perturbá-la neste momento, mas tenho um assunto de negócios para tratar que não vai poder esperar. Algo que o sr. Kennedy e eu vínhamos planejando…

— Eu não sabia que o senhor e o sr. Kennedy tinham negócios juntos — disse Pittypat, quase indignada com o fato de que Frank pudesse ter atividades que ela ignorasse.

— O sr. Kennedy era um homem de múltiplos interesses — respondeu Rhett, respeitoso. — Podemos passar à sala?

— Não! — exclamou Scarlett, olhando para as portas de correr fechadas. Ela ainda podia ver o caixão naquele cômodo. Esperava nunca mais precisar entrar ali. Pitty, ao contrário do habitual, entendeu, embora sem grande discrição.

— Usem a biblioteca. Eu preciso… Preciso subir e retomar minhas costuras. Santo Deus, tenho negligenciado tanto meus afazeres esta semana…

Ela subiu a escada com um olhar desaprovador por sobre o ombro, que nem Scarlett nem Rhett notaram. Ele se afastou para que Scarlet passasse à sua frente para entrar na biblioteca.

— Que negócio você e Frank estavam fazendo? — indagou ela, abruptamente.

Ele se aproximou mais e sussurrou:

— Negócio nenhum. Eu só quis tirar a srta. Pitty do caminho. — Fez uma pausa e chegou mais perto. — Não adianta, Scarlett.

— Como?

— A água de colônia.

— Não faço ideia do que você está falando.

— Tenho certeza de que faz, sim. Você anda bebendo um bocado.

— E daí? Por acaso é da sua conta?

— A personificação da cortesia, mesmo no auge do luto. Não beba sozinha, Scarlett. Sempre descobrem e isso acaba com a reputação. Além do mais, é um mau negócio beber sozinho. Qual é o problema, meu bem?

Ele a levou até o sofá de pau-rosa e ela se sentou, calada.

— Posso fechar a porta?

Ela sabia que, se visse a porta fechada, Mammy se escandalizaria, faria um sermão e resmungaria dias a fio, mas seria pior ainda se Mammy ouvisse aquela conversa sobre bebida, tendo em vista o sumiço da garrafa de conhaque. Assentiu, então, e Rhett fechou as portas de correr. Quando voltou e se sentou a seu lado, os olhos escuros examinando o rosto dela, a sombra da morte se apagou diante da vitalidade que ele irradiava, e o cômodo pareceu novamente agradável e familiar e a claridade, rosada e acolhedora.

— Qual é o problema, meu bem?

Ninguém no mundo poderia usar aquela expressão afetuosa de um jeito tão acariciador quanto Rhett, mesmo de brincadeira, mas ela não teve a impressão de que ele estivesse brincando agora. Ergueu os olhos atormentados e, por algum motivo, encontrou consolo na expressão neutra que viu em seu rosto. Não entendeu por quê, pois ele era uma pessoa muito imprevisível e destituída de sensibilidade. Talvez porque, como Rhett dizia com frequência, os dois fossem

parecidos. Às vezes, ela achava que todos que conhecera na vida eram estranhos, com exceção de Rhett.

— Não pode me contar? — perguntou ele, pegando-lhe a mão com uma ternura rara. — É mais do que simplesmente a perda de Frank? Está precisando de dinheiro?

— Dinheiro? Meu Deus, não! Ah, Rhett, tenho tanto medo.

— Não seja covarde, Scarlett, você nunca teve medo na vida.

— Ah, Rhett, estou com medo!

As palavras vinham mais rápido do que podia dizê-las. Para ele, podia contar. Podia contar qualquer coisa a Rhett. Ele era tão mau que não a julgaria. Que maravilha conhecer alguém mau e desonrado e enganador e mentiroso, quando o mundo estava cheiro de gente que não mentiria para salvar a própria alma e que preferia morrer a ir de encontro à honra.

— Tenho medo de morrer e ir para o inferno.

Se ele risse, ela morreria naquele minuto. Mas ele não riu.

— Você está perfeitamente saudável… E talvez não exista inferno, afinal.

— Ah, Rhett, existe, sim! Você sabe que existe!

— Sei que existe, mas fica bem aqui na terra. Não após a morte. Não há nada depois da morte, Scarlett. Você está vivendo o seu inferno agora.

— Ah, Rhett, isso é blasfêmia!

— Mas incrivelmente confortador. Me diga, por que você vai para o inferno?

Ele brincava agora, dava para ver o brilho em seus olhos, mas ela não se importou. Era um bálsamo agarrar-se àquelas mãos tão quentes e fortes.

— Rhett, eu não devia ter me casado com Frank. Foi errado. Ele era namorado de Suellen e amava a ela, não a mim. Mas eu lhe menti e disse que Suellen ia se casar com Tony Fontaine. Ah, como eu pude fazer isso?

— Então foi assim! Eu sempre quis saber.

— Depois transformei a vida dele num calvário. Obriguei-o a fazer todo tipo de coisa que ele não queria, como cobrar contas atrasadas de pessoas que realmente não tinham como pagar. E ele ficou tão magoado quando assumi as serrarias, construí o *saloon* e quando arrendei prisioneiros. Mal conseguia manter a cabeça erguida de tão envergonhado. E, Rhett, eu o matei. Matei, sim!

Eu não sabia que ele fazia parte da Klan. Nunca sonhei que tivesse tanta iniciativa, mas devia ter sabido. E o matei.

— "O grande oceano de Netuno será capaz de lavar o sangue das minhas mãos?"

— O quê?

— Não importa. Continue.

— Continuar? Isso é tudo. Não chega? Casei com ele, causei a infelicidade dele e o matei. Ah, meu Deus! Não sei como pude fazer isso! Menti e me casei com ele. Tudo pareceu tão certo na ocasião, mas agora vejo como foi errado. Rhett, não me vejo fazendo essas coisas todas. Fui muito má com ele, mas não sou má de verdade. Não fui criada assim. Mamãe… — Ela se interrompeu e engoliu em seco. Evitara pensar em Ellen o dia todo, mas não conseguia bloquear sua imagem agora.

— Muitas vezes me perguntei como ela seria. Para mim, você puxou ao seu pai.

— A mamãe era… Ah, Rhett, pela primeira vez agradeço que ela esteja morta para não poder me ver. Ela não me criou para ser má. Era tão boa com todos, tão prestativa. Ia preferir morrer de fome a fazer o que fiz. E eu queria tanto ser como ela em todos os aspectos e não sou nadinha parecida. Não pensei nisso… tinha tanta coisa em que pensar… mas eu queria ser como ela, não como o papai. Eu o adorava, mas ele era tão… tão imprudente. Rhett, às vezes eu tentava de verdade ser boa e gentil com Frank, mas aí o pesadelo voltava e me assustava tanto que eu tinha de sair correndo para arrancar dinheiro das pessoas, fosse ele meu ou não.

Lágrimas escorriam, irrefreáveis, pelo rosto de Scarlett e ela apertou a mão dele com tanta força que suas unhas se enterraram na pele.

— Que pesadelo? — A voz dele soou calma e tranquilizadora.

— Ah, eu me esqueci de que você não sabe. Bem, justo quando eu tentava ser boa com os outros e dizer a mim mesma que dinheiro não era tudo, eu ia dormir e sonhava que estava de volta a Tara logo após a morte de mamãe, logo depois da passagem dos ianques. Rhett, você nem imagina… Fico gelada só de pensar. Vejo tudo queimado e quieto e não há nada para comer. Ah, Rhett, no meu sonho, eu estou faminta de novo.

— Continue.

— Estou faminta e todos, papai e as meninas e os pretos, estão morrendo à míngua e não param de repetir: “Estamos com fome.” Meu estômago dói de tão vazio e tenho medo. Na minha cabeça só penso “Se eu sair dessa, nunca mais sentirei fome”, e depois o sonho vira uma bruma cinzenta e estou correndo, correndo na bruma, correndo tanto que o meu coração está prestes a explodir e alguma coisa me persegue, não consigo respirar, mas continuo achando que, se conseguir chegar lá, estarei salva. Mas não sei aonde estou tentando chegar. E aí acordo gelada de pavor e com um medo enorme de sentir fome outra vez. Quando acordo do sonho, tenho a impressão de que não há dinheiro no mundo suficiente para impedir que eu sinta medo de passar fome de novo. E Frank era tão cheio de dedos para abordar certos assuntos e tinha tão pouca iniciativa que me deixava maluca e eu perdia a paciência. Acho que ele não entendia, e eu não conseguia fazer com que entendesse. Continuei a achar que um dia eu o compensaria, quando tivéssemos dinheiro e eu perdesse o medo de passar fome. E agora ele morreu e é tarde demais. Ah, parecia tão certo quando eu fiz, e era tudo tão errado! Se eu pudesse voltar atrás, faria tudo diferente.

— Pronto, pronto — disse ele, desvencilhando-se da mão dela e tirando do bolso um lenço impecável. — Enxugue o rosto. Não faz sentido você se consumir desse jeito.

Ela pegou o lenço e enxugou o rosto molhado, sentindo algum alívio, como se tivesse passado parte do próprio fardo para os ombros largos dele. Rhett parecia muito capaz e sereno, e até mesmo o mais leve movimento de seus lábios era um conforto, como se provasse que a agonia e a confusão dela não eram necessárias.

— Está melhor agora? Então vamos ao âmago da questão. Você diz que, se voltasse atrás, faria tudo diferente. Mas faria mesmo? Pense. Faria?

— Bem…

— Não, você tornaria a fazer o que fez. Havia outra alternativa?

— Não.

— Então, o que você lamenta?

— Fui muito má e agora ele está morto.

— E, se não estivesse, você continuaria a ser má. Do jeito que vejo as coisas, você não lamenta de verdade ter se casado com Frank, o assediado e

involuntariamente provocado sua morte. Você só lamenta porque tem medo de ir para o inferno. Estou certo?

— Bom… isso soa muito confuso.

— Sua ética é consideravelmente confusa também. Você está na exata posição de um ladrão que é pego com a boca na botija e não lamenta ter roubado, mas lamenta imensamente ir para a cadeia.

— Um ladrão…

— Ora, não seja tão literal. Em outras palavras, se você não pensasse nessa bobagem de estar condenada ao fogo eterno do inferno, acharia que Frank já foi tarde.

— Oh, Rhett!

— Ora, vamos! Você está se confessando e tanto pode confessar a verdade quanto contar uma mentira decorosa. A sua… A sua consciência a incomodou assim quando você se ofereceu para, digamos, abrir mão daquela joia que é mais valiosa que a vida por trezentos dólares?

O conhaque lhe subira à cabeça, e ela se sentiu inquieta e com vontade de rir. De que adiantava mentir para ele? Rhett sempre conseguia ler sua mente.

— Eu não pensava muito em Deus naquela época… nem no inferno. E quando pensava… Bom, sempre achei que Deus entenderia.

— Mas não imagina que Deus vá entender por que você se casou com Frank?

— Rhett, como você pode falar tanto em Deus, se não acredita que Ele existe?

— Mas você acredita em um Deus da Ira e isso é o que importa no momento. Por que o Senhor não entenderia? Você lamenta ainda ser dona de Tara e não haver *carpetbaggers* morando lá? Lamenta não estar faminta e esfarrapada?

— Ah, não!

— Bom, havia outra alternativa além de você se casar com Frank?

— Não.

— Ele não foi obrigado a se casar com você, foi? O homem tem livre arbítrio. E Frank não foi obrigado a permitir que você o assediasse para fazer o que ele não queria, foi?

— Bom…

— Scarlett, por que se preocupar com isso? Se tivesse que fazer tudo de novo, você seria levada a mentir e ele, a se casar com você. Continuaria a se expor ao

perigo e ele precisaria vingá-la. Se Frank tivesse se casado com sua irmã Sue, talvez ela não causasse a morte dele, mas provavelmente o faria duas vezes mais infeliz do que você fez. Não podia ter acontecido de outro jeito.

— Mas eu podia ter sido melhor para ele.

— Podia, sim… Se você fosse outra pessoa. Mas você nasceu para abusar de qualquer um que permitir. Os fortes são feitos para abusar e os fracos para ceder ao abuso. A culpa é de Frank por não batido em você com um chicote… Você me surpreende, Scarlett, por desenvolver uma consciência tão tarde na vida. Oportunistas como você não deveriam ter uma.

— O que é um opor… Como foi que você chamou?

— Uma pessoa que tira vantagem das oportunidades.

— Isso é errado?

— Sempre foi considerado censurável, sobretudo por aqueles que tiveram as mesmas oportunidades e não as aproveitaram.

— Ah, Rhett, você está brincando e eu achei que fosse ser delicado comigo!

— Estou sendo… para o meu jeito. Scarlett, querida, você está tonta. Esse é o seu problema.

— Você tem a audácia de…

— Sim, tenho. Você está prestes a ter o que vulgarmente chamam de “ataque de choro” e por isso vou mudar de assunto e animá-la, contando uma novidade que há de diverti-la. Na verdade, foi por isso que vim aqui hoje, para contar essa novidade antes de partir.

— Para onde você vai?

— Para a Inglaterra, e posso ficar por fora meses. Esqueça a sua consciência, Scarlett. Não tenho intenção de discutir mais o bem-estar da sua alma. Não quer saber o que tenho a contar?

— Mas… — começou ela, debilmente, e se interrompeu.

Por conta do conhaque, que estava esfumaçando as arestas do remorso, e das palavras jocosas porém reconfortantes de Rhett, o pálido espectro de Frank estava voltando para as sombras. Talvez Rhett tivesse razão. Talvez Deus entendesse. Recuperou-se o suficiente para tirar a ideia da cabeça e decidir: *Penso nis*so amanhã.

— O que é? — indagou com esforço, assoando o nariz no lenço dele e afastando o cabelo que lhe caíra no rosto.

— É o seguinte — respondeu Rhett, com um largo sorriso. — Eu ainda a desejo mais do que a qualquer outra mulher que já conheci, e agora que Frank se foi achei que você gostaria de saber disso.

Scarlett soltou as mãos dele e ficou de pé em um pulo.

— Eu… Você é o homem mais mal-educado do mundo. Imagine vir aqui justamente neste momento com a sua imundície… Eu deveria saber que você jamais há de mudar. E Frank ainda quente! Se tivesse um pingo de decência, você iria embora…

— Fale baixo, ou a srta. Pittypat virá aqui num minuto — disse ele, sem se levantar, mas estendendo os braços e segurando-a por ambos os pulsos. —Temo que você não tenha me entendido.

— Não entendi? Entendi muito bem — disse ela, resistindo ao gesto dele. — Me solte e saia daqui. Nunca ouvi nada de maior mau gosto…

— Pare. Estou lhe pedindo em casamento. Seria mais convincente se eu ficasse de joelhos?

— Ah! — exclamou Scarlett, ofegante, e desabou no sofá.

Encarou-o, de boca aberta, perguntando-se se o conhaque estaria lhe pregando uma peça e recordando, inconscientemente, o mote de Rhett: “Minha querida, não sou homem de casar.” Ou ela estava bêbada ou ele enlouquecera. Mas Rhett não parecia louco. Parecia tão calmo como se discorresse sobre o tempo, e sua fala não estava especialmente arrastada.

— Sempre pretendi tê-la, Scarlett, desde o dia em que a conheci em Twelve Oaks, quando você atirou aquele vaso, praguejou e provou que não era uma dama. Sempre pretendi tê-la, de um jeito ou de outro. Mas, como você e Frank ganharam algum dinheiro, sei que jamais a atrairia com propostas interessantes de empréstimos e garantias. Por isso terei de me casar com você.

— Rhett Butler, essa é mais uma de suas piadas infames?

— Desnudo minha alma e você desconfia! Não, Scarlett, esta é uma declaração de absoluta boa-fé. Admito que não é do maior bom gosto, a esta altura, mas tenho uma ótima desculpa para minha falta de educação. Vou partir amanhã para uma viagem demorada e temo que, se eu esperar até a volta, você

se case com outro homem que tenha algum dinheiro. Por isso pensei: por que não eu e o meu dinheiro? Com efeito, Scarlett, não posso passar a vida toda esperando a minha vez entre um e outro de seus casamentos.

Ele falava sério. Sem dúvida. Ela sentiu a boca seca enquanto assimilava tal noção e, engolindo em seco, olhou-o nos olhos tentando encontrar alguma pista. Havia riso ali, mas também algo mais, algo que ela nunca vira, um brilho incompreensível. Ele parecia à vontade, despreocupado, mas ela sentiu estar sendo observada com a mesma atenção que um gato dedicava a uma toca de rato. Havia uma sensação de poder refreado efervescendo por baixo daquela calma que a desconcertou, inspirando um leve temor.

Ele efetivamente havia lhe proposto casamento; fizera o impensável. Um dia, ela planejara como o atormentaria caso isso acontecesse. Um dia achara que, se ele lhe dissesse tais palavras, ela o humilharia e o faria experimentar o seu poder, regalando-se ao fazê-lo. Agora, ele as dissera e os planos sequer lhe ocorriam, pois ele não estava à sua mercê mais do que sempre estivera. Na verdade, era ele que segurava as rédeas da situação, de forma tão completa que a deixou como uma garota agitada pela primeira proposta de casamento de sua vida e só lhe restou enrubescer e gaguejar.

— Eu… Eu jamais me casarei de novo.

— Ah, casará, sim. Você nasceu para ser casada. Por que não comigo?

— Mas, Rhett… Eu não o amo.

— Isso não deveria ser um empecilho. Não me consta que houvesse amor em seus outros dois projetos.

— Ah, como você pode dizer isso? Sabe que eu gostava de Frank!

Rhett nada disse.

— Gostava, sim!

— Bom, não falemos disso. Vai pensar na minha proposta durante a minha ausência?

— Rhett, não gosto de coisas que se arrastam. Prefiro lhe dizer logo. Vou voltar para Tara em breve, e India Wilkes vai ficar aqui com a tia Pittypat. Quero ficar em casa por um bom tempo e… E eu não quero me casar nunca mais.

— Tolice. Por quê?

— Ora… não importa por quê. Só não gosto de ser casada.

— Mas, minha pobre menina, você nunca foi realmente casada. Como pode saber? Admito que não deu sorte, casou-se uma vez por despeito e na outra por dinheiro. Alguma vez você já pensou em se casar… apenas para se divertir?

— Diversão! Não fale bobagens. Não é divertido ser casada.

— Não? Por quê?

Um pouco de calma retornara e com ela toda a ousadia natural que o conhaque trouxera à tona.

— É divertido para os homens, embora só Deus saiba por quê. Mas tudo que uma mulher tira do casamento é algo para comer e um bocado de trabalho e a obrigação de aguentar as tolices de um homem… e um bebê por ano.

Ele riu tão alto que o som ecoou no silêncio e Scarlett ouviu a porta da cozinha se abrir.

— Shhh! Mammy tem um ouvido de tísico e não é decente rir tão pouco tempo depois de… Pare de rir. Você sabe que é verdade. Diversão! Conversa fiada!

— Eu disse que você não deu sorte, e o que acabou de dizer só prova isso. Você se casou com um garoto e com um velho. E, para culminar, aposto que a sua mãe lhe disse que as mulheres precisam aguentar “essas coisas” por causa da alegria compensadora de maternidade. Bom, isso não está certo. Por que não tentar se casar com um ótimo jovem de má reputação e que tem jeito com as mulheres? Vai ser divertido.

— Você é grosseiro e presunçoso, e acho que esta conversa já foi longe demais. É muito… Muito vulgar.

— E um bocado interessante também, não? Garanto que você jamais conversou sobre a relação matrimonial com um homem, nem mesmo com Charles ou Frank.

Ela franziu a testa. Rhett sabia demais. Perguntou-se onde aprendera tudo o que sabia sobre as mulheres. Não era decente.

— Não faça essa cara. Marque a data, Scarlett. Não insisto num casamento imediato por conta da sua reputação. Esperemos um período decente. A propósito, quanto tempo leva um “período decente”?

— Eu não aceitei me casar com você. Não é decente sequer conversar sobre esse assunto no momento.

— Eu já lhe disse por que estou falando nisso. Vou partir amanhã e sou um amante ardente demais para refrear por mais tempo a minha paixão. Mas talvez eu tenha sido demasiado precipitado em meu arroubo.

Em um repente que a assustou, ele deslizou do sofá para se ajoelhar e, com uma das mãos delicadamente pousada sobre o coração, recitou depressa:

— Me perdoe por lhe dar um susto com a impetuosidade dos meus sentimentos, minha cara Scarlett, quero dizer, minha cara sra. Kennedy. Não pode ter escapado à sua atenção que já faz algum tempo que esta amizade que tenho pela senhora amadureceu e se tornou um sentimento mais profundo, mais puro, mais sagrado. Ousarei dizer-lhe como se chama? Ah! É o amor que me torna tão ousado!

— Levante-se — suplicou ela. — Você parece um idiota. Imagine se Mammy entra agora e o vê?

— Ela há de ficar atônita e incrédula ante os primeiros sinais da minha nobre educação — disse Rhett, pondo-se de pé. — Vamos, Scarlett, você não é uma menininha para me repelir com desculpas tolas sobre decência e congêneres. Diga que se casará comigo quando eu voltar ou, com Deus por testemunha, não partirei. Ficarei por aqui e farei serenatas sob a sua janela toda noite e cantarei a plenos pulmões e haverei de comprometê-la de modo que não lhe reste senão se casar comigo para salvar a sua reputação.

— Rhett, por favor, seja sensato. Não quero me casar com ninguém.

— Não? Não está me contando o motivo real. Não pode ser timidez juvenil. O que é?

De repente, ela pensou em Ashley, viu-o tão nitidamente como se estivesse a seu lado, o cabelo dourado, os olhos sonhadores, cheio de dignidade, tão completamente diferente de Rhett. Ele era o verdadeiro motivo por que não queria se casar de novo, embora não tivesse nada contra Rhett e às vezes gostasse dele de verdade. Pertencia a Ashley, desde sempre e para sempre. Jamais pertencera a Charles ou a Frank, jamais poderia realmente pertencer a Rhett. Cada pedaço dela, quase tudo que já fizera, que já lutara para conseguir e tudo que conquistara pertencia a Ashley, fora feito porque o amava. Ashley e Tara, era a eles que pertencia. Os sorrisos, as risadas, os beijos que dera a Charles e em Frank eram de Ashley, embora ele jamais os tivesse reclamado e

jamais fosse reclamá-los. No âmago do seu ser residia o desejo de se guardar para ele, embora soubesse que ele jamais a possuiria.

Não percebeu que sua expressão mudara, que aquele devaneio lhe adoçara o semblante de uma forma que Rhett nunca vira antes. Ele fitou aqueles olhos verdes bem abertos e enevoados e olhou para a curva terna daqueles lábios e por um instante perdeu o fôlego. Então seus lábios se curvaram violentamente em um dos cantos e ele vociferou com uma impaciência apaixonada:

— Scarlett O'Hara, você é uma tola!

Antes que ela pudesse desviar a mente de suas divagações remotas, os braços dele a envolveram, fortes e decididos como na estrada escura que a levara a Tara, tanto tempo antes. Novamente experimentou a sensação de impotência, de rendição atordoada à onda crescente de calor que a tornava inerte. E o rosto calmo de Ashley Wilkes ficou borrado e se afogou no nada. Rhett reclinou a cabeça dela sobre o próprio braço e a beijou, com suavidade a princípio e depois com uma brusca intensidade que a fez agarrar-se a ele como se à única coisa sólida em um mundo estonteante. A boca insistente afastava os seus lábios trêmulos, enviando tremores irrefreáveis a todos os nervos, produzindo sensações que ela jamais soubera ser capaz de vivenciar. E, antes de ser tomada por uma tontura irresistível que a fez girar e girar, Scarlett percebeu que estava retribuindo o beijo.

— Pare, por favor… Vou desmaiar! — sussurrou, tentando debilmente desviar o rosto.

Ele a pressionou com força de encontro ao ombro e ela teve um vislumbre da expressão em seu rosto. Os olhos arregalados reluziam e o tremor nos braços dele a amedrontou.

— Quero fazê-la desmaiar. Vou fazê-la desmaiar. Isso a espera há anos. Nenhum dos tolos que você conheceu a beijou assim… Beijou? Seu precioso Charles, ou Frank, ou o pateta do Ashley…

— Por favor…

— Eu disse o pateta do Ashley. Cavalheiros, todos eles… O que entendem de mulheres? O que sabiam sobre você? Eu a conheço.

Mais uma vez, ela sentiu os lábios dele nos seus e se rendeu sem luta, fraca demais para sequer desviar o rosto, sem o desejo de desviá-lo, o coração a

sacudi-la com suas batidas, assaltada pelo medo da força dele e da própria fraqueza. O que Rhett faria depois? Ela desmaiaria se ele não parasse. Se ao menos ele parasse… Se ele nunca parasse.

— Diga que sim! — pediu ele, a boca próxima à dela e os olhos tão perto que pareciam enormes, do tamanho do mundo. — Diga que sim, ora, ou…

Ela sussurrou "sim" antes mesmo de pensar. Foi como se ele pusesse a palavra em sua boca e ela a dissesse involuntariamente. Mas, ao dizê-la, uma calma repentina se instalou em seu espírito, a cabeça parou de girar e até mesmo a tonteira do conhaque diminuiu. Ela prometera se casar com ele, embora não tivesse a intenção de prometer. Mal sabia como isso acontecera, mas não lamentava. Agora soava muito natural ter dito sim, quase por intervenção divina, uma força maior que a sua regendo-lhe a vida, solucionando seus problemas.

Ele arfou ao ouvi-la e se inclinou como se fosse beijá-la de novo, e os olhos dela se fecharam e a cabeça se inclinou para trás. Mas Rhett recuou e ela ficou levemente decepcionada. Sentia-se estranha sendo beijada daquele jeito, mas havia algo excitante também.

Ele ficou imóvel por um tempo, segurando a cabeça dela de encontro ao ombro e, como se forçados a tanto, os braços pararam de tremer. Afastando-se um pouco, Rhett a olhou. Ela abriu os olhos e viu que aquele brilho amedrontador se apagara em seu rosto. Por algum motivo, porém, não conseguiu encará-lo e baixou os olhos, assaltada por uma confusão desconcertante.

Quando ele falou, foi com uma voz muito calma:

— Você falou sério? Não quer voltar atrás?

— Não.

— Não é só porque eu… Porque eu… Como é mesmo a expressão? Eu a "arrebatei" com o meu… Com o meu ardor?

Ela não pôde responder, pois não sabia o que dizer, nem podia olhá-lo nos olhos. Pondo a mão sob seu queixo, Rhett ergueu o rosto dela.

— Eu lhe disse certa vez que posso aguentar qualquer coisa vinda de você, menos uma mentira. E agora quero a verdade. Por que você disse "sim"?

As palavras continuavam a faltar, mas, com o retorno de certa compostura, ela manteve os olhos recatadamente baixos e forçou os cantos da boca a produzirem um sorriso.

— Olhe para mim. É o meu dinheiro?

— Nossa, Rhett! Que pergunta!

— Olhe para mim e não tente me engambelar. Não sou Charles, nem Frank nem um dos seus rapazes do interior para me deixar seduzir pelos seus artifícios. É o meu dinheiro?

— Bom… Em parte.

— Em parte?

Ele não deu a impressão de se aborrecer. Respirou fundo e com esforço apagou dos olhos a ansiedade que as palavras dela haviam posto ali, uma ansiedade que Scarlett estava por demais confusa para ver.

— Bom — titubeou, sem querer —, o dinheiro ajuda, como você sabe, Rhett, e Frank não deixou tanto assim. Por outro lado… Bom, Rhett, nós nos damos bem, você sabe. E não conheço outro homem capaz de aguentar ouvir a verdade de uma mulher, e seria bom ter um marido que não me ache uma boba e espere que eu conte mentiras… E… ora, eu gosto de você.

— Gosta de mim?

— Bem — disse ela com irritação —, se declarasse estar perdidamente apaixonada por você, eu estaria mentindo e, além disso, você iria saber.

— Às vezes acho que você leva a honestidade longe demais, querida. Não crê que, mesmo sendo mentira, seria conveniente dizer “eu o amo, Rhett”, mesmo não sentindo isso?

Aonde ele quereria chegar?, perguntou-se Scarlett, cada vez mais confusa. Parecia tão estranho, ansioso, magoado, zombeteiro. Afastando dela as mãos, enfiou-as fundo nos bolsos da calça, e ela viu quando as fechou em punhos.

Ainda que me custe um marido, vou dizer a verdade, pensou decidida, o sangue fervendo como sempre quando ele a provocava.

— Rhett, seria uma mentira e por que precisamos de toda essa tolice? Gosto de você, como já disse. Você sabe disso. Já me falou uma vez que não me amava, mas que tínhamos um bocado em comum. Somos patifes, foi o que você…

— Meu Deus! — sussurrou ele, desviando o olhar. — Ser pego na minha própria armadilha!

— O que você disse?

— Nada. — Olhando para ela, Rhett riu, mas não de forma agradável. — Marque a data, minha querida — disse, rindo outra vez, e se inclinou para beijar-lhe as mãos. Ela ficou aliviada ao vê-lo aparentemente de bom humor de novo e sorriu também.

Ele brincou com a mão dela um instante e sorriu.

— Por acaso em algum dos seus romances você já se deparou com a situação esdrúxula da esposa desinteressada que se apaixona pelo próprio marido?

— Você sabe que não leio romances — respondeu Scarlett e, tentando retribuir o humor jocoso, acrescentou: — Aliás, você disse uma vez que era o auge do mau gosto maridos e esposas se amarem.

— Eu disse uma vez baboseiras demais — retorquiu ele, pondo-se abruptamente de pé.

— Não pragueje.

— Você vai ter de se habituar e aprender a praguejar também. Vai precisar se acostumar a todos os meus maus hábitos. Será parte do preço por… gostar de mim e botar suas lindas patinhas no meu dinheiro.

— Ora, não precisa ter um ataque só porque eu não menti para deixá-lo todo cheio de si. Você não está apaixonado por mim, está? Por que eu tenho de estar apaixonada por você?

— Não, minha querida. Não estou apaixonado por você mais do que você por mim e, se estivesse, você seria a última pessoa a quem eu diria. Deus tenha piedade do homem que venha realmente a amá-la. Você há de partir seu coração, minha gatinha cruel e destrutiva, que é tão descuidada e segura que sequer se dá ao trabalho de aparar as garras.

Ele a pôs de pé e a beijou novamente, mas dessa vez seus lábios estavam diferentes, pois não havia preocupação em não machucá-la — na verdade, parecia ser esse o seu desejo: machucá-la, insultá-la. Seus lábios deslizaram para o pescoço e por fim ele os pressionou contra o tafetá que lhe cobria os seios, com tamanha força e por tanto tempo que ela sentiu a respiração dele lhe queimar a pele. Suas mãos lutaram, então, empurrando-o para longe com recato indignado.

— Pare! Quanta audácia!

— Seu coração está disparado como o de uma lebre — disse ele, zombeteiro. — Acelerado demais para um mero afeto, eu diria, se fosse convencido. Alise suas penas eriçadas. Você só está fingindo esses ares virginais. Me diga o que quer que eu lhe traga da Inglaterra. Um anel? De que tipo?

Ela oscilou momentaneamente entre o interesse pelas últimas palavras e um desejo feminino de prolongar a cena com fúria e indignação.

— Oh, um anel de brilhante. E, Rhett, dos grandes.

— Para você poder esfregar no nariz dos seus amigos pobretões e dizer: "Olhem o que eu fisguei!" Muito bem, você vai ganhar um grande, tão grande que os seus amigos menos afortunados possam cochichar que é mesmo muito vulgar usar pedras tão grandes.

Abruptamente, ele atravessou a sala e ela o seguiu, confusa, até a porta fechada.

— O que houve? Aonde você vai?

— Para casa, terminar de fazer as malas.

— Ah, mas…

— Mas o quê?

— Nada. Espero que faça uma boa viagem.

— Obrigado.

Ele abriu a porta e saiu para o corredor. Scarlett foi atrás, meio perdida, levemente desapontada diante de um anticlímax inesperado. Ele vestiu o sobretudo e pegou as luvas e o chapéu.

— Escrevo para você. Me avise se mudar de ideia.

— Você não vai…

— Sim? — Ele parecia impaciente para ir embora.

— Não vai me dar um beijo de despedida? — sussurrou, atenta aos ouvidos da casa.

— Não acha que já nos beijamos o suficiente para uma noite? — retrucou ele, e sorriu para ela. — Pensar que uma jovem casta, bem criada… Bom, eu lhe disse que seria divertido, não disse?

— Ah, você é impossível! — disse ela, furiosa, sem se importar em ser ouvida por Mammy. — E não me importo se nunca mais voltar.

Ela se virou e saiu correndo para a escada, esperando sentir a mão quente dele no braço para detê-la. Mas Rhett apenas abriu a porta e uma corrente de ar frio penetrou no corredor.

— Mas eu vou voltar — disse ele, e saiu, deixando-a no primeiro degrau da escada com os olhos na porta fechada.

O anel que Rhett trouxe da Inglaterra era grande de fato, tão grande que Scarlett tinha vergonha de usar. Adorava joias espalhafatosas e caras, mas tinha a sensação desconfortável de que todos estavam comentando, com razão, que aquele anel era vulgar. A pedra central era um brilhante de quatro quilates e, à volta, havia várias esmeraldas. Chegava à falange do dedo e dava a impressão de pesar toneladas na mão. Scarlett desconfiava de que Rhett se dera ao enorme trabalho de mandar fazê-lo sob medida e, por pura maldade, exigira que fosse o mais chamativo possível.

Até que Rhett voltasse a Atlanta e o anel estivesse em seu dedo, ela não contou a ninguém, nem mesmo à família, as suas intenções, e quando anunciou o noivado uma tempestade de mexericos desabou. Depois do episódio da Klan, Rhett e Scarlett passaram a ser, com exceção dos ianques e *carpetbaggers*, os cidadãos mais impopulares da cidade. Todos desaprovavam Scarlett desde os dias distantes em que ela abandonara o luto por Charlie Hamilton. A desaprovação crescera devido à conduta nem um pouco feminina na administração das serrarias, à falta de recato ao se exibir estando grávida e a muitas outras coisas. No entanto, quando ela provocou a morte de Frank e de Tommy e pôs em risco a vida de uma dezena de outros homens, o desafeto se transformou em condenação pública.

Quanto a Rhett, ele desfrutava do ódio da cidade desde as suas especulações durante a guerra e não se fizera mais querido a seus compatriotas por suas alianças com os Republicanos desde então. Porém, por incrível que pudesse parecer, foi o fato de salvar a vida de alguns dos homens mais proeminente de Atlanta que despertou o ódio mais inflamado das senhoras da cidade.

Não que elas lamentassem que seus maridos estivessem vivos, mas se ressentiam de dever as vidas deles a um homem como Rhett e a um artifício tão vergonhoso. Durante meses, se contorceram diante do escárnio e do riso ianque e

achavam e diziam que, se Rhett quisesse realmente o bem da Klan, teria lidado com o caso de forma mais decorosa. Diziam que ele havia deliberadamente lançado mão de Belle Watling para botar as pessoas de bem da cidade em uma situação lamentável. E por isso não merecia nem agradecimentos por salvar os homens nem perdão pelos antigos pecados.

Essas mulheres, tão solicitamente bondosas, tão suscetíveis à solidariedade, tão incansáveis em tempos de tensão, podiam ser implacáveis como Fúrias com qualquer renegado que violasse uma única pequena lei em seu código tácito. Esse código era simples. Reverenciar a Confederação, honrar os veteranos, ser leal a velhas formalidades, orgulhar-se da pobreza, estender a mão aos amigos e odiar sem trégua os ianques. Scarlett e Rhett haviam violado cada cláusula desse código.

Os homens cujas vidas Rhett salvara tentaram, por decência e senso de gratidão, manter caladas as esposas, mas pouco sucesso tiveram. Antes do anúncio do futuro casamento, os dois já eram suficientemente impopulares, mas as pessoas ainda se mostravam educadas com ambos de uma maneira formal. Agora, até mesmo tal cortesia não era mais possível. A notícia do noivado foi como uma explosão, inesperada e destruidora, sacudindo a cidade, e mesmo as mulheres mais moderadas falavam abertamente o que pensavam. Casar-se menos de um ano após o falecimento do marido que ela matara! E casar-se com aquele tal de Butler, dono de um bordel e que participava com os ianques e os *carpetbaggers* de todo tipo de esquema escuso! Em separado, os dois podiam ser tolerados, mas a combinação explosiva de Scarlett e Rhett foi indigesta demais. Vulgares e vis, os dois! Deviam ser expulsos da cidade!

Atlanta talvez pudesse ter sido mais tolerante com o casal se a notícia do noivado não coincidisse com o momento em que o ódio dos cidadãos respeitáveis pelos companheiros *carpetbaggers* e *scallawags* de Rhett estava no auge. O sentimento público contra os ianques e todos os seus aliados estava no ápice no preciso instante em que a cidade soube do noivado, pois o último baluarte da resistência georgiana ao domínio ianque acabara de cair. A longa campanha que começara quando Sherman rumou para o sul, vindo de além de Dalton, quatro anos antes, finalmente chegara ao clímax, e a humilhação do estado se completou.

Três anos de Reconstrução haviam se passado e foram três anos de terrorismo. Todos pensavam que as condições já estivessem as piores possíveis, mas agora a Geórgia descobrira que a pior parte da Reconstrução apenas começara.

Durante três anos, o governo federal tentara impor ideias forasteiras e um domínio forasteiro sobre a Geórgia e, com um Exército para forçar o cumprimento dos comandos, conseguira em grande parte ser bem-sucedido. No entanto, somente o poder dos militares sustentava o novo regime. O estado estava sob o domínio ianque, mas não por espontânea vontade. Os líderes da Geórgia haviam se mantido em luta pelo direito do estado de se autogovernar segundo suas próprias ideias. Haviam continuado a resistir a todas as tentativas de obrigá-los a se curvar e aceitar os ditames de Washington como lei estadual.

Oficialmente, o governo da Geórgia jamais capitulara, mas a luta fora inútil, uma luta perdida. Foi uma batalha incapaz de triunfar, mas que ao menos adiara o inevitável. Vários outros estados sulistas já contavam com negros iletrados em altos cargos públicos e câmaras dominadas por negros e *carpetbaggers*. A Geórgia, porém, devido a sua teimosa resistência, até então escapara da degradação definitiva. Durante a maior parte dos três anos, a capital do estado permanecera sob o controle de brancos e Democratas. Com os soldados ianques por todo lado, as autoridades estaduais pouco podiam fazer senão protestar e resistir. Seu poder era nominal, mas ao menos tinham sido capazes de manter o governo estadual nas mãos de georgianos nativos. Agora, o último bastião caíra.

Assim como Johnston e seus homens tinham sido forçados a recuar passo a passo de Dalton para Atlanta, quatro anos antes, os Democratas da Geórgia foram forçados a recuar, pouco a pouco, a partir de 1865. O poder do governo federal sobre as questões estaduais e as vidas de seus cidadãos era constantemente reforçado. Força foi acrescentada à força e editos militares em número crescente tornaram a autoridade civil mais e mais impotente. Por fim, quando a Geórgia passou ao status de província militar, ordenou-se o acesso dos negros às urnas, fosse isso permitido ou não pelas leis estaduais.

Uma semana antes de Scarlett e Rhett anunciarem o noivado, tivera lugar uma eleição para governador. Os Democratas sulistas apresentaram como candidato o general John B. Gordon, um dos cidadãos mais amados e celebrados da Geórgia. Seu opositor era um Republicano chamado Bullock. A eleição durou três dias,

em vez de um. Trens foram despachados de cidade em cidade cheios de negros, que votaram em todos os distritos ao longo do caminho. Naturalmente, Bullock vencera.

Se a captura da Geórgia por Sherman causou amargura, a captura definitiva da capital do estado por *carpetbaggers*, ianques e negros provocou uma intensidade de amargura jamais vista antes no estado. Atlanta e a Geórgia ferveram, enfurecidas.

E Rhett Butler era amigo do odiado Bullock!

Scarlett, com seu habitual desinteresse por tudo que não estivesse diretamente sob o próprio nariz, mal sabia da existência de uma eleição. Rhett não tomara parte nela e suas relações com os ianques em nada diferiam do que sempre haviam sido. Mas o fato era que Rhett era um *scallawag* e um amigo de Bullock. E, se o casamento se realizasse, Scarlett também se tornaria uma *scallawag*. Atlanta não estava disposta a ser tolerante ou caridosa com pessoa alguma do campo inimigo e, quando chegou a notícia do noivado, a cidade recordou tudo de ruim concernente ao casal — e nada de bom.

Scarlett sabia que a cidade fervilhava, mas não se deu conta da extensão do sentimento público até a sra. Merriwether, impelida pelo seu círculo paroquial, assumir a tarefa de falar com ela, para o seu próprio bem.

— Porque a sua querida mãe está morta e porque a srta. Pitty não é uma mãe de família, não se qualificando portanto a… bom, a falar com você sobre um assunto desses, sinto que preciso alertá-la, Scarlett. O capitão Butler não é o tipo de homem para ser marido de qualquer mulher de boa família. Ele é um…

— Ele conseguiu salvar o pescoço do avô Merriwether e o do seu sobrinho também.

A sra. Merriwether bufou. Fazia pouco mais de uma hora que tivera uma conversa irritante com o vovô. O velho observara que ela não devia valorizar muito a vida dele, já que não sentia um pingo de gratidão por Rhett Butler, mesmo que o homem fosse um *scallawag* e um patife.

— Ele só fez isso para nos pregar uma peça, Scarlett, para nos envergonhar diante dos ianques — prosseguiu a sra. Merriwether. — Você sabe tanto quanto eu que o homem é um vigarista. Sempre foi e agora está pior ainda. Simplesmente não é o tipo de homem a ser recebido por gente decente.

— Não? É estranho, sra. Merriwether. Ele esteve em sua sala com frequência durante a guerra. E deu a Maybelle o vestido branco de cetim do casamento, não foi? Ou minha memória falhou?

— As coisas eram diferentes durante a guerra, e gente de bem se associou com vários homens que não eram… Tudo pelo bem da Causa e muito correto, também. Você decerto não está pensando em se casar com um homem que não se alistou no Exército, que zombou dos que se alistaram, está?

— Ele também se juntou ao Exército. Lutou durante oito meses. Foi na última campanha e lutou em Franklin e estava com o general Johnston quando ele se rendeu.

— Não soube disso — falou a sra. Merriwether com uma expressão descrente. — Mas não foi ferido — acrescentou, triunfante.

— Muitos não foram.

— Todos que eram alguém foram feridos. Não conheço um só que não tenha sido ferido.

Scarlett se sentiu espicaçada.

— Então, acho que todos os homens que a senhora conhece são tolos que não sabem se esquivar de um temporal… ou de balas. Deixe-me lhe dizer uma coisa, sra. Merriwether, e a senhora pode compartilhá-la com suas amigas mexeriqueiras: vou me casar com o capitão Butler e não me importaria caso ele tivesse lutado no lado ianque.

Quando a digna matrona saiu da casa bufando de raiva, Scarlett percebeu que tinha agora uma inimiga declarada em lugar de uma amiga desaprovadora. Mas não se importou. Nada que a sra. Merriwether pudesse dizer ou fazer a atingiria. Ela não se importava com nada que ninguém dissesse —
com exceção de Mammy.

Scarlett tolerara o desfalecimento de Pitty ao ouvir a novidade e se preparou para ver Ashley de repente parecer velho e evitar seu olhar ao lhe desejar felicidades. Ficara divertida e irritada com as cartas de tia Pauline e tia Eulalie, em Charleston, devastadas de horror ante a notícia, proibindo o casamento, afirmando que ele não só arruinaria a posição social da sobrinha, como também a delas próprias. Chegou mesmo a rir quando Melanie, com uma ruga de preocupação na testa, disse, com lealdade:

— Claro que o capitão Butler é um homem muito melhor do que a maioria das pessoas imagina e que foi muito bondoso e esperto na maneira como salvou Ashley. E, afinal, ele de fato lutou pela Confederação. Mas, Scarlett, quem sabe seria melhor não tomar essa decisão de forma tão apressada?

Não, ela não se importava com nada que ninguém dizia, com exceção de Mammy. As palavras de Mammy foram as que a deixaram mais zangada e causaram a maior mágoa.

— Já vi ocê fazê um bucado de coisa qui ia magoá a sinhá Ellen, si ela subesse. I essas coisa mi incomodaro pra burro. Mas essa agora é a pió. Casá cum ralé! Sim, sinhora, falei ralé! Nem vem dizê qui ele é di boa famía. Num faz diferença. Ralé vem di cima i di baixo, i ele é ralé! Sim, sinhá Scarlett. Eu vi ocê robá o sinhozinho Charles da sinhá Honey, sem gostá nem um tantinho dele. I vi ocê robá o sinhô Frank da sua própia irmã. Num abri a boca pra falá di um monte di coisa c'ocê fez, como vendê madeira ruim como si fosse boa i minti dus otro comerciante di madera i andá sozinha na charrete, se mostrano prus nêgo liberto i fazeno u sinhô Frank levá um tiro i num dano di cumê prus coitado dus prisionêro pra eles ficá im pé. Num abri a boca nem sabeno qui a sinhá Ellen lá da terra prometida tava dizeno: "Mammy, Mammy, ocê num tá cuidano direito da minha fia!" Sim, sinhora, eu vi tudim i guentei, mas num vô guentá essa agora, sinhá Scarlett. Ocê num pode casá cum ralé. Não inquanto eu rispirá.

— Vou me casar com quem eu bem quiser — respondeu Scarlett friamente. — Acho que você esqueceu qual é o seu lugar, Mammy.

— Ah, só mi faltava! S'eu num digo isso pr'ocê, quem há di dizê?

— Tenho pensado muito, Mammy, e decidi que o melhor que você tem a fazer é voltar para Tara. Vou lhe dar algum dinheiro e…

Mammy se empertigou com toda a dignidade.

— Eu sô livre, sinhá Scarlett. Ocê num pode mi mandá pra onde eu num quero i. I só vorto pra Tara si ocê fô junto cumigo. Num vô deixá a fia da sinhá Ellen i num tem coisa nu mundo qui vai mi fazê i. I eu num vô deixá us neto da sinhá Ellen pra ninhuma ralé di padrasto criá, tomém. Tô aqui i aqui vô ficá!

— Não vou permitir que você fique na minha casa e seja grosseira com o capitão Butler. Vou me casar com ele e assunto encerrado.

— Tem muito mais coisa pra falá — retrucou Mammy, devagar, e em seus olhos brilhou a luz da batalha. — Nunca pensei di falá ‘sas coisa pras fia da sinhá Ellen. Mas, sinhá Scarlett, m’iscuta. Ocê num passa di uma mula cum arreio di cavalo. Nós pode lustrá us pé di u’a mula i botá um monte di brilho nus arreio i prendê ela numa carruage bunita, mas ela continua mula iguarzinha. Num ingana ninguém. C’ocê é assim. Tem vistido di seda, tem serraria, tem armazém, tem dinheiro i si porta qui nem um bom cavalo, mas continua mula iguarzinha. Tomém num ingana ninguém. I esse Butler aí vem di gente boa i tá todo iscovado qui nem um cavalo di currida, mas é uma mula cum arreio di cavalo, iguarzinho ocê.

Mammy lançou um olhar penetrante para a patroa. Scarlett, sem achar o que dizer, estremeceu de fúria.

— Si ocê diz qui vai casá cum ele, ocê vai, caso qui ocê é teimosa iguarzinho seu pai. Mas, lembra, sinhá Scarlett, eu vô ficá. Vô ficá bem aqui i vê u qui ‘contece.

Sem esperar resposta, Mammy deu meia-volta e saiu e, nem se tivesse dito “Em Filipos nos veremos”, seu tom poderia ter sido mais sinistro.

Enquanto passavam a lua de mel em Nova Orleans, Scarlett contou a Rhett o que ouvira de Mammy. Para sua surpresa e indignação, Rhett riu da conversa sobre mulas com arreios de cavalo.

— Jamais ouvi uma verdade profunda expressa de forma tão sucinta — disse ele. — Mammy é uma velha alma inteligente e uma das poucas pessoas que conheço cujo respeito e boa vontade eu gostaria de ter. Sendo uma mula, porém, suponho que jamais terei nem uma coisa nem outra. Ela chegou mesmo a recusar a moeda de ouro de dez dólares que na minha euforia de noivo tentei lhe dar de presente depois do casamento. Vi muito pouca gente que não amolecesse diante de dinheiro vivo. Mas ela me encarou e me agradeceu, dizendo que não era uma preta matuta liberta e não precisava do meu dinheiro.

— Por que será que ela fala assim? Por que tanto falatório a meu respeito? É problema meu com quem me caso e quantas vezes me caso. Sempre cuidei da minha vida. Por que os outros não cuidam das deles?

— Querida, o mundo pode perdoar praticamente tudo, salvo gente que cuida da própria vida. Mas por que você fica miando como uma gata escaldada? Já

falou mil vezes que não dá a mínima para o que falam de você. Por que não prova? Sabe que se expôs com tamanha frequência à crítica por causa de assuntos menores que não pode esperar escapar dos mexericos em um assunto tão importante. Você sabia que iam falar caso se casasse com um vigarista como eu. Se eu fosse um vigarista pobre da ralé, as pessoas não ficariam tão enfurecidas, mas um vigarista rico, próspero… Claro que é imperdoável.

— Eu gostaria que você falasse sério às vezes!

— Estou falando sério. É sempre irritante para os santos ver os pecadores florescerem como uma árvore na primavera. Anime-se, Scarlett! Você não me disse uma vez que o principal motivo para querer um monte de dinheiro era para mandar todo mundo para o inferno? Agora é a sua chance.

— Mas era você quem eu mais queria mandar para o inferno — respondeu Scarlett, rindo.

— Ainda quer me mandar para o inferno?

— Bom, não com tanta frequência como antes.

— Faça isso sempre que quiser, se a deixar feliz.

— Não me deixa especialmente feliz — disse Scarlett, inclinando-se para beijá-lo despreocupadamente. Seus olhos escuros examinaram brevemente os dela em busca de algo que não encontraram, e Rhett deu um riso curto.

— Esqueça Atlanta. Esqueça a gataria velha. Eu trouxe você a Nova Orleans para diverti-la e pretendo vê-la se divertir.

Parte 5

Capítulo 48

Ela se divertiu, de fato, mais do que lembrava ter se divertido desde a primavera que antecedeu a guerra. Nova Orleans era um lugar estranho, glamoroso, e Scarlett o aproveitou com o prazer eufórico de um condenado à prisão perpétua que ganhara o perdão. Os *carpetbaggers* estavam saqueando a cidade, muitos indivíduos honestos eram despejados de seus lares e não sabiam de onde tirar a próxima refeição, e um negro ocupava o cargo de vice-governador. Mas a Nova Orleans que Rhett mostrou a Scarlett era o lugar mais alegre que ela já vira. As pessoas que conheceu pareciam ter todo o dinheiro que queriam e nenhuma preocupação. Rhett apresentou-a a dezenas de mulheres, mulheres bonitas em roupas cintilantes, mulheres de mãos macias que não mostravam vestígios de trabalho árduo, mulheres que riam de tudo e jamais falavam de estúpidas coisas sérias ou dos tempos difíceis. E os homens que conheceu… Como eram interessantes! E como eram diferentes dos homens de Atlanta — e como disputavam entre si para dançar com ela e lhe fazer os elogios mais extravagantes, como se ela fosse uma jovem beldade.

Aqueles homens tinham a mesma expressão dura e alerta de Rhett. Seus olhos estavam sempre atentos, como os de alguém que viveu tempo demais em perigo para ser descuidado. Aparentavam não ter passado nem futuro, e educadamente desencorajavam Scarlett quando, para puxar conversa, ela lhes perguntava o que faziam ou onde estavam antes de irem para Nova Orleans. Isso, em si, era estranho, pois em Atlanta todo recém-chegado respeitável se apressava a mostrar suas credenciais, a mencionar com orgulho a terra natal e a família, a traçar os labirintos tortuosos de parentesco em todo o Sul.

Mas aqueles homens constituíam um grupo taciturno, de palavras cautelosas. Às vezes, quando Rhett estava sozinho com eles e Scarlett na sala ao lado, ela ouvia gargalhadas e fragmentos de conversa insignificantes, pedaços de palavras, nomes esquisitos… Cuba e Nassau nos dias do bloqueio, corrida do ouro e

reivindicação ilegal de propriedade das minas, contrabando de armas e obstrucionismo, Nicarágua e William Walker e como ele morrera em um paredão em Trujillo. Certa vez, sua entrada repentina encerrara abruptamente uma conversa sobre o que acontecera aos membros do grupo de guerrilheiros de William Quantrill, e ela entreouviu os nomes de Frank e Jesse James.

Mas todos eram bem-educados, finamente vestidos e evidentemente a admiravam, tornando irrelevante para Scarlett que tivessem optado por viver unicamente no presente. O que de fato importava era serem amigos de Rhett e terem casas enormes e belas carruagens e levarem o casal para passear, convidá-lo para jantares e darem festas em sua homenagem. E Scarlett gostava muito deles. Rhett ficou satisfeito quando ela lhe disse isso.

— Achei que gostaria — respondeu ele, rindo.

— Por que não? — indagou, desconfiada como sempre ao vê-lo rir.

— São todos de segunda classe, ovelhas negras, vigaristas. Todos são aventureiros ou aristocratas *carpetbaggers*. Todos ganharam dinheiro especulando com comida, como o seu amado marido, ou com contratos dúbios do governo ou de maneira nebulosa passível de investigação.

— Não acredito. Você está brincando. Eles são as pessoas mais respeitáveis…

— As pessoas mais respeitáveis da cidade estão morrendo de fome — disse Rhett. — E morando educadamente em casebres, onde duvido que eu fosse recebido. Veja, minha querida, eu me envolvi em alguns esquemas nefastos aqui durante a guerra e essas pessoas têm uma memória infernal! Scarlett, você é uma alegria constante para mim. Escolhe, infalivelmente, as pessoas erradas e as coisas erradas.

— Mas eles são seus amigos!

— É que eu gosto de vigaristas. Passei a juventude como jogador num barco e entendo gente desse tipo. Mas não sou cego ao que eles são. Enquanto você… — interrompeu-se para rir de novo. — Você não tem instinto para gente, não discrimina entre a ralé e a elite. Às vezes acho que as únicas grandes damas a quem se associou foram sua mãe e a srta. Melly, e nenhuma das duas parece ter deixado uma marca.

— Melly! Ora, ela é sem graça como um sapato velho, e as roupas que usa sempre caem mal e ela jamais tem duas palavras a dizer por conta própria!

— Me poupe do seu ciúme, madame. Uma grande dama não precisa ser bela nem vestir roupas bonitas!

— Pois sim! Me aguarde, Rhett Butler, e eu lhe mostro. Agora que eu… Que nós temos dinheiro, vou ser a maior dama que você já viu!

— Aguardarei com interesse — respondeu ele.

Mais excitante do que as pessoas que ela conheceu foram os vestidos que Rhett lhe comprou, supervisionando ele próprio a escolha de cores, materiais e modelos. As crinolinas não estavam mais na moda, e os belos novos estilos tinham as saias repuxadas da frente para as costas e drapeadas sobre enchimentos nos quais se destacavam guirlandas de flores, laços e cascatas de renda. Ela se lembrou das anáguas modestas dos anos da guerra e sentiu-se um pouco envergonhada com as novas saias que inegavelmente realçavam seu abdome. E os lindos chapeuzinhos que, na verdade, não tinham nada de chapéus, mas eram pequeninos adornos usados sobre um dos olhos e carregados de frutas e flores, plumas dançantes e fitas esvoaçantes! (Se ao menos Rhett não tivesse sido tão tolo a ponto de queimar os cachos falsos que ela levara para dar volume ao cabelo liso que arrematava a parte de trás daqueles chapeuzinhos!). E a roupa íntima delicada feita em conventos! Como era linda, e quantos conjuntos ela tinha agora! Camisolas e combinações do linho mais fino debruadas de bordados e preguinhas minúsculas. E os sapatos de cetim que Rhett lhe dera! Tinham saltos de sete centímetros e fivelas cintilantes. E meias de seda, uma dúzia de pares e nenhuma com reforço de algodão em cima! Quanta riqueza!

Ela comprou presentes para a família despreocupadamente. Um filhotinho de são Bernardo para Wade, que sempre quisera um cachorro, um gatinho persa para Beau, uma pulseira de coral para a pequena Ella, um colar pesado com pingentes de opala para tia Pitty, uma coleção completa de Shakespeare para Melanie e Ashley, um belo uniforme para o tio Peter, incluindo uma cartola de cocheiro feita de seda e com uma pluma, cortes de fazenda para Dilcey e Cookie, presentes caros para todos em Tara.

— E o que você comprou para Mammy? — indagou Rhett, examinando a pilha de presentes espalhados na cama do quarto do hotel, e levando o cãozinho e o gato para o quarto de vestir.

— Nadinha. Ela foi insuportável. Por que eu lhe daria um presente se nos chamou de mulas?

— Por que você se ressente tanto de ter ouvido a verdade, querida? Tem de levar um presente para Mammy. Cortaria o coração dela se não levasse. E corações como o dela são valiosos demais para serem partidos.

— Não dou a mínima. Ela não merece.

— Então eu vou comprar. Lembro que a minha Mammy sempre dizia que quando fosse para o Céu queria ir usando uma anágua de tafetá tão dura que ficaria em pé sozinha e tão farfalhante que o Senhor pensaria ter sido feita de asas de anjo. Vou comprar para Mammy uns metros de tafetá vermelho e mandar fazer uma anágua assim.

— Ela não vai aceitar um presente seu. Há de preferir morrer a usá-lo.

— Não duvido, mas vou levar assim mesmo.

As lojas de Nova Orleans eram tão finas e excitantes que fazer compras com Rhett foi uma aventura. Jantar com ele também, uma aventura ainda mais empolgante do que ir às compras, pois ele sabia o que pedir e como devia ser preparado. Os vinhos, licores e champanhes de Nova Orleans eram novos e empolgantes para ela, familiarizada apenas com licor de amoras e vinhos caseiros, além do conhaque “para chiliques” da tia Pitty. E, nossa, os pratos que Rhett pedia! O melhor de tudo em Nova Orleans era a comida. Recordando os amargos dias de fome em Tara e a sua penúria mais recente, Scarlett achava que jamais comeria o bastante daqueles pratos refinados. Mariscos e camarões à moda zuava, codornas ao vinho e ostras em massa folhada e muito molho branco, cogumelos, molejas e fígado de peru, peixe assado no vapor com limão. Jamais lhe faltava apetite, pois, quando se lembrava dos fatídicos amendoins e ervilhas e batatas doces em Tara, a vontade era de se empanturrar de novo com os pratos zuavos.

— Você come como se cada refeição fosse a última — dizia Rhett. — Não raspe o prato, Scarlett. Garanto que tem mais na cozinha. Você só precisa pedir ao garçom. Se não parar de comer como um glutão, vai ficar gorda como uma cubana e eu peço o divórcio.

Mas ela apenas lhe mostrava a língua e pedia outro doce, coberto de chocolate e recheado de merengue.

Como era divertido gastar quanto dinheiro quisesse e não contar centavos nem achar que era preciso poupar para pagar impostos ou comprar mulas. Como era divertido encontrar gente alegre e rica e não aristocratas pobres como o pessoal de Atlanta. Como era divertido usar vestidos de brocado que realçavam a cintura e o pescoço e os braços, além de revelar um tantinho mais que o devido dos seios, e se saber admirada pelos homens. E como era divertido comer tudo que quisesse sem ter que ouvir os outros dizerem que isso não era adequado a uma dama. E como era divertido tomar tanto champanhe quanto desejasse. Na primeira vez, ela bebeu demais e ficou envergonhada ao acordar com uma dor de cabeça lancinante e a lembrança vexatória de cantar "Bonnie Blue Flag" durante todo o caminho até o hotel, pelas ruas de Nova Orleans e em uma carruagem aberta. Jamais vira uma dama sequer ficar tonta, e a única bêbada que vira na vida tinha sido aquela criatura Watling, no dia da queda de Atlanta. Mal sabia como encarar Rhett, tamanha a sua humilhação, mas o episódio aparentemente apenas o divertiu. Tudo que ela fazia aparentemente o divertia, como se fosse uma gatinha travessa.

Era excitante sair com Rhett, pois ele era muito bonito. Por algum motivo, jamais dera atenção à aparência dele antes, e em Atlanta todos se preocupavam em demasia com os malfeitos do seu atual marido para falar sobre isso. Em Nova Orleans, porém, dava para ver os olhares de outras mulheres o seguirem e o modo como elas se agitavam quando ele se inclinava para beijar-lhes a mão. A percepção de que outras mulheres se sentiam atraídas pelo marido, e talvez a invejassem, deixou-a subitamente orgulhosa de ser vista ao lado dele.

Ora, formamos um bonito casal, pensava Scarlett com prazer.

Sim, como profetizara Rhett, o casamento podia ser bem divertido. Não só era divertido, como também ela estava aprendendo várias coisas. Era estranho, pois Scarlett achava que nada mais aprenderia com a vida. Agora se sentia como uma criança, diariamente à beira de uma nova descoberta.

Primeiro, aprendeu que o casamento com Rhett era algo muito diferente do que havia sido o casamento com Charles ou com Frank. Eles a respeitavam e tinham medo do seu gênio. Imploravam seus favores e, se lhe conviesse, ela os prestava. Rhett não a temia e muitas vezes ela achou que também não a respeitava muito. Ele fazia o que queria e, se ela não gostasse, ria dela. Não o

amava, mas sem dúvida Rhett era uma pessoa excitante para conviver. O mais excitante era que mesmo em seus arroubos de paixão, por vezes temperados com crueldade, outras vezes com uma irritante expressão de divertimento, ele sempre parecia se refrear, sempre aplicando rédea curta às próprias emoções.

Deve ser porque não me ama de verdade, pensava ela, satisfeita com o estado de coisas. *Eu o odiaria se algum dia ele se soltasse totalmente*. Mesmo assim, a existência dessa possibilidade lhe despertava uma curiosidade excitante.

Vivendo com Rhett, ela descobriu muita coisa nova sobre ele, embora sempre tivesse achado que o conhecia bem. Descobriu que a sua voz podia ser sedosa como o pelo de um gato em um instante e no outro, áspera e cheia de arestas. Ele era capaz de contar, com aparente sinceridade e aprovação, histórias de coragem, honra, virtude e amor nos lugares exóticos que visitara, e emendá-las com casos picantes do mais frio cinismo. Ela sabia que homem algum devia contar tais histórias à esposa, mas elas a entretinham e faziam eco a um lado seu mais chulo e mundano. Rhett podia ser um amante ardente, quase terno, e quase imediatamente um demônio zombeteiro que acendia o pavio curto dela e sentia prazer na explosão. Scarlett descobriu que seus elogios sempre tinham algum veneno e suas manifestações mais ternas podiam ser suspeitas. Na verdade, naquelas duas semanas em Nova Orleans, ela descobriu tudo a seu respeito, salvo quem ele era de verdade.

Houve manhãs em que ele dispensou a empregada e lhe levou pessoalmente a bandeja do café e lhe deu a comida na boca como a uma criança, pegando a escova da sua mão e lhe penteando o cabelo escuro e comprido até que estivesse bem liso e sedoso. Em outras manhãs, porém, ela era despertada com rudeza do sono profundo quando ele arrancava todas as cobertas da cama e fazia cócegas em seus pés descalços. Às vezes, ele ouvia com interesse atencioso os detalhes dos seus negócios, assentindo e aprovando a sagacidade dela. Em outras, ele chamava suas transações meio dúbias de exploração, assalto e extorsão. Levava-a ao teatro e a aborrecia ao sussurrar que Deus provavelmente não aprovaria tais distrações, e a igrejas, onde, *sotto vocce*, falava obscenidades engraçadas e depois a censurava por rir. Estimulava-a a dizer o que pensava e a ser petulante e audaciosa. Ela aprendeu com ele a potência das palavras duras e de expressões sardônicas e passou a usá-las para exercer poder sobre os outros. Mas não tinha

o senso de humor do marido, que amenizava sua malícia, nem o sorriso com que ele zombava de si mesmo até quando estava zombando dos outros.

Ele a fazia brincar e ela quase se esquecera do que era isso. A vida havia sido tão séria e tão amarga! Ele sabia brincar e a arrastava junto. Mas jamais brincava como um menino; era um homem e, fizesse o que fizesse, ela nunca se esquecia disso. Não conseguia olhá-lo do alto da superioridade feminina, sorrindo como sempre sorriram as mulheres dos homens que continuavam, no fundo, a serem meninos.

Isso a aborrecia um pouco, sempre que parava para pensar. Seria agradável sentir-se superior a Rhett. Podia desmerecer todos os outros homens que conhecera com um semidesdenhoso "Como é infantil!". O pai, os gêmeos Tarletons que adoravam provocar e implicar, os cabeludos Fontaines com suas fúrias infantis, Charles, Frank, todos os que lhe fizeram a corte durante a guerra — todos, na verdade, salvo Ashley. Apenas Ashley e Rhett escapavam à sua compreensão, pois ambos eram adultos e lhes faltavam os elementos comuns aos rapazotes.

Ela não entendia Rhett, nem se dava ao trabalho de entendê-lo, embora houvesse coisas a seu respeito que vez por outra a confundiam. A maneira como a fitava às vezes, quando supunha que ela estivesse distraída. Virando-se rapidamente, com frequência o flagrava a observá-la com uma expressão alerta, ansiosa e expectante no olhar.

— Por que está me olhando assim? — indagou certa vez. — Parece um gato de olho na toca do rato!

Mas o rosto dele mudou depressa e a resposta foi apenas uma gargalhada. Logo ela esqueceu e não ocupou mais a cabeça com aquilo nem com qualquer outra coisa relativa a Rhett. Ele era demasiado imprevisível para que tentasse decifrá-lo e a vida era muito boa — salvo quando pensava em Ashley.

Rhett a mantinha ocupada demais para que pensasse em Ashley com frequência. Pouco se lembrava dele durante o dia, mas à noite, cansada de dançar ou quando a cabeça rodava depois de muito champanhe… Aí pensava em Ashley. Quase sempre quando se deitava sonolenta nos braços de Rhett, com o luar iluminando a cama, ela pensava como a vida seria perfeita se fossem os

braços de Ashley a envolvê-la, se fosse Ashley que mergulhasse o rosto em seus cabelos e os enrolasse em volta do pescoço.

Uma vez, quando isso aconteceu, ela suspirou e virou a cabeça na direção da janela. Passado um instante, sentiu o braço pesado em que apoiava o pescoço endurecer como ferro e ouviu a voz de Rhett no silêncio:

— Que Deus condene a sua alma infiel a queimar no inferno por toda a eternidade!

E, pondo-se de pé, vestiu-se e saiu do quarto, a despeito dos protestos surpresos e das perguntas dela. Reapareceu na manhã seguinte enquanto Scarlett tomava café no quarto, desgrenhado, bastante bêbado e em seu humor mais sarcástico, e não deu desculpas nem prestou contas da própria ausência.

Scarlett não fez perguntas e foi bastante fria, conforme convinha a uma esposa ferida, e quando terminou a refeição vestiu-se sob o olhar injetado dele e foi às compras. Rhett não estava quando ela voltou e só tornou a aparecer na hora do jantar.

Jantaram em silêncio, e o pavio de Scarlett estava curto, pois era o último jantar em Nova Orleans e ela pretendia regalar-se com a lagosta, o que não era possível sob aquele olhar. Ainda assim, comeu muito bem e bebeu uma boa quantidade de champanhe. Talvez tenha sido essa combinação que lhe trouxe de volta o velho pesadelo, pois ela acordou suando frio e soluçando. Estava em Tara de novo e Tara era pura devastação. A mãe morrera e com ela toda a força e a sabedoria do mundo. Não havia a quem recorrer, em quem confiar. E algo terrível a perseguia… E ela correu, correu até o coração estar prestes a explodir, correu até se ver cercada por uma bruma espessa, enquanto gritava, buscando cegamente aquele porto seguro anônimo, desconhecido, existente em algum lugar no interior da bruma.

Quando acordou, Rhett estava inclinado sobre ela, e sem dizer uma palavra a pegou nos braços como a uma criança e a segurou com força, seus músculos rijos confortando-a, seus murmúrios incompreensíveis serenando-a, até que parasse de soluçar.

— Ah, Rhett, eu estava com tanto frio e com tanta fome e tão cansada… E não conseguia encontrar. Corri e corri na bruma, mas não encontrei.

— Encontrou o quê, meu bem?

— Não sei. Ai, como eu queria saber…

— É aquele seu antigo sonho?

— É, sim!

Delicadamente, ele a deitou na cama, tateou no escuro e acendeu uma vela. Sob a luz, o rosto dele, com os olhos injetados e rugas de preocupação, pareceu indecifrável como uma pedra. A camisa, aberta até a cintura, desnudava o peito moreno de pelos escuros. Scarlett, ainda tremendo de medo, pensou em como ele era forte e inquebrantável e sussurrou:

— Me abrace, Rhett.

— Minha querida! — disse ele, sem pestanejar, e, pegando-a no colo, sentou-se em uma poltrona, apertando o corpo dela contra o seu.

— Ah, Rhett, é horrível sentir fome.

— Deve ser horrível sonhar que se está faminto depois de um jantar de sete pratos, incluindo aquela enorme lagosta. — Ele sorriu, mas os olhos eram ternos.

— Rhett, eu só corro e corro e procuro e jamais consigo achar o que estou procurando. Está sempre escondido na bruma. Sei que, se puder encontrar, ficarei para sempre segura e jamais sentirei frio ou fome de novo.

— É uma pessoa ou uma coisa o que você procura?

— Não sei. Nunca pensei nisso, Rhett. Você acha que um dia eu vou sonhar que encontro esse porto seguro?

— Não — respondeu ele, acariciando-lhe o cabelo. — Acho que não. Os sonhos não são assim. Mas acho que, quando se habituar a viver segura, aquecida e bem alimentada na sua vida cotidiana, você vai parar de ter esse sonho. E, Scarlett, vou providenciar para que você viva segura.

— Você é tão bom, Rhett.

— Obrigado pelas migalhas da sua mesa, minha rica senhora. Scarlett, eu quero que você diga a si mesma toda manhã quando acordar: “Jamais sentirei fome de novo e nada de mal há de me acontecer enquanto Rhett estiver aqui e o governo dos Estados Unidos se aguentar.”

— O governo dos Estados Unidos? — indagou ela, sentando-se, espantada, o rosto ainda molhado de lágrimas.

— O dinheiro ex-confederado tornou-se agora uma dama respeitável. Investi a maior parte em títulos do governo.

— Pelo manto do Senhor! — exclamou Scarlett, sentando-se no colo de Rhett, esquecida do pavor recente. — Está me dizendo que emprestou seu dinheiro aos ianques?

— Por uma boa taxa de juros.

— Não me importo se a taxa é de cem por cento! Precisa vender esses títulos imediatamente. Que ideia é essa de deixar os ianques usarem o seu dinheiro?!

— E o que devo fazer com ele? — perguntou Rhett com um sorriso, notando que os olhos dela já não estavam arregalados de pavor.

— Ora… Comprar imóveis em Five Points. Aposto que você consegue comprar Five Points toda, com o dinheiro que tem.

— Obrigado, mas eu não quero Five Points. Agora que o governo *carpetbagger* realmente assumiu o controle da Geórgia, não dá para saber o que vem por aí. Eu não arriscaria nada para bancar aquele enxame de sanguessugas que infesta a Geórgia, vindo do norte, do sul, do leste e do oeste. Estou no barco com eles, como cabe a um bom *scallawag*, mas não confio neles. E não vou investir em imóveis. Prefiro títulos. Pode-se escondê-los. Não dá para esconder imóveis com muita facilidade.

— Você acha… — começou Scarlett, empalidecendo ao pensar nas serrarias e no armazém.

— Não sei. Mas não faça essa expressão apavorada, Scarlett. Nosso charmoso novo governador é muito meu amigo. Só que as coisas estão bastante incertas agora e não quero grande parte do meu dinheiro atrelada a imóveis.

Ele a transferiu para um dos joelhos e, recostando-se, estendeu a mão para um charuto e o acendeu. Ela ficou sentada, com os pés descalços balançando no ar, observando o movimento dos músculos no peito moreno dele, os medos esquecidos.

— E já que estamos falando de imóveis, Scarlett — disse Rhett —, vou construir uma casa. Você pode ter vencido Frank pela insistência para morar na casa da srta. Pitty, mas não vai vencer a mim. Não creio que eu aguente os chiliques dela três vezes ao dia e, além disso, acho que o tio Peter me mataria antes de me ver morando sob o teto sagrado dos Hamiltons. A srta. Pitty pode pedir a India Wilkes para ficar com ela a fim de manter ao largo o bicho-papão. Quando voltarmos para Atlanta, vamos ficar na suíte nupcial do Hotel National

até a casa estar pronta. Antes de sairmos de Atlanta, andei sondando o preço daquele terreno grande na Peachtree, o que é perto da mansão Leyden, sabe qual?

— Ah, Rhett, que maravilha! Eu quero mesmo uma casa toda minha. Uma casa bem grande.

— Ao menos, então, estamos de acordo nisso. Que tal uma bela casa de estuco branco com acabamentos de ferro fundido, como essas em estilo zuavo daqui?

— Ah, não, Rhett. Não quero nada tão antiquado quanto essas casas de Nova Orleans. Sei direitinho o que eu quero. Está na última moda, porque vi um retrato na… Deixe ver… Foi naquela *Harper's Weekly* que eu estava lendo. Foi inspirada num chalé suíço.

— Um o quê suíço?

— Um chalé.

— Soletre.

Ela soletrou.

— Ah — disse ele, cofiando o bigode.

— Era linda. Tinha um teto alto de mansarda e uma cerca de ripas de madeira e uma torre de cada lado. E as torres tinham janelas com vidros vermelhos e azuis. Era tão moderna…

— Suponho que tivesse as balaustradas da varanda decoradas com arabescos?

— Tinha.

— E uma franja de madeira rendada saindo do telhado da varanda,
não é?

— Sim. Você deve ter visto um desses.

— Vi, mas não na Suíça. Os suíços são um povo muito inteligente e atento à beleza arquitetônica. Você realmente quer uma casa assim?

— Ah, sim!

— Eu tive a esperança de que o convívio comigo pudesse melhorar o seu gosto. Por que não uma casa zuava ou uma colonial com seis colunas brancas?

— Já disse que não quero nada de mau gosto e antiquado. E dentro vamos botar papel de parede vermelho e cortinas de veludo vermelho em todas as portas de correr e, sim, montes de móveis caros de nogueira e tapetes

imponentes e fofos e…Ah, Rhett, todo mundo vai morrer de inveja quando vir a nossa casa!

— É de fato necessário que todos fiquem com inveja? Bom, se você quiser, todos vão morrer de inveja. Mas, Scarlett, por acaso lhe ocorreu que não é de bom gosto mobiliar com tanto luxo uma casa quando todos estão tão pobres?

— Eu quero desse jeito — respondeu ela, com teimosia. — Quero que todos que me trataram mal se sintam mal. E vou dar grandes festas que farão as pessoas se arrepender de ter dito coisas tão desagradáveis.

— Mas quem irá às nossas festas?

— Todo mundo, é claro.

— Duvido. A Velha Guarda morre, mas jamais se rende.

— Ah, Rhett, como você fala! Quando se tem dinheiro, todo mundo gosta de nós.

— Não os sulistas. É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que o dinheiro de especuladores entrar nos melhores salões. E quanto aos *scallawags*… ou seja, você e eu, querida… Teremos sorte se não nos cuspirem. Mas, se quiser tentar, eu dou meu apoio, meu bem, e com certeza vou me divertir imensamente com a sua campanha. Pode usar o dinheiro que quiser na casa e em tudo o mais que lhe apetecer. E, se quiser joias, tudo bem, mas quem vai escolher sou eu. Seu gosto é execrável, querida. E tudo que quiser para Wade ou Ella. E, se Will Benteen não conseguir bom resultado com o algodão, estou disposto a colaborar e ajudar a manter aquele elefante branco no condado de Clayton pelo qual você tem tanta paixão. Muito justo, não?

— Claro, você é muito generoso.

— Mas ouça bem. Nem um centavo para o armazém e nem um centavo para aquela sua fábrica de lenha.

— Ah — exclamou Scarlett, o rosto se anuviando. Durante toda a lua de mel ela aguardara o momento de trazer à baila a questão dos mil dólares de que precisava para comprar mais 15 metros de terreno para aumentar do depósito de madeira. — Você sempre se gabou de ter a cabeça aberta e não se importar com o que dizem sobre eu ser dona de um negócio, mas no fundo é como todo homem; tem medo de que os outros digam que sou eu quem manda em casa.

— Nunca haverá dúvida na cabeça de ninguém quanto a quem manda na família Butler — garantiu Rhett. — Não me importo com o que os tolos dizem. Na verdade, sou mal-educado o bastante para me orgulhar de ter uma esposa inteligente. Quero que você continue administrando o armazém e as serrarias. São suas crias. Quando Wade crescer, ele não vai se sentir bem sendo sustentado pelo padrasto e aí pode assumir os seus negócios. Mas nem um centavo meu irá para isso.

— Por quê?

— Porque não me interessa contribuir para o sustento de Ashley Wilkes.

— Vai começar de novo?

— Não, mas você quis saber os meus motivos e eu lhe disse. E tem mais: não pense que você pode me enrolar na contabilidade e mentir sobre o preço de roupas e sobre quanto precisa para administrar a casa, de modo a poder usar o dinheiro para comprar mais mulas ou uma outra serraria para Ashley. Pretendo supervisionar e checar com cuidado as suas despesas e sei o preço das coisas. Ah, não se ofenda. Você seria capaz disso. Não me surpreenderia. Na verdade, eu não me surpreenderia com nada vindo de você, quando se trata de Tara ou de Ashley. Nada tenho contra Tara, mas preciso impor um limite quanto a Ashley. Estou mantendo você à rédea larga, querida, mas não se esqueça de que também uso freio e esporas.

Capítulo 49

A sra. Elsing aguçou o ouvido na direção do corredor. Escutando os passos de Melanie se perderem na cozinha, onde o barulho de pratos e talheres antecipava que algo seria servido, virou-se e falou baixo para as senhoras sentadas na sala com as cestas de costura no colo.

— Da minha parte, não pretendo visitar Scarlett, nem agora nem nunca — declarou, a elegância gélida do seu rosto mais fria que de hábito.

As outras associadas ao Círculo de Costura para as Viúvas e os Órfãos da Confederação imediatamente puseram de lado as agulhas e aproximaram suas cadeiras de balanço umas das outras. Todas andavam explodindo de vontade de falar de Scarlett e de Rhett, mas a presença de Melanie impedira a abordagem do assunto. No dia anterior, o casal voltara de Nova Orleans e agora ocupava a suíte nupcial do Hotel Nacional.

— Hugh disse que temos de fazer uma visita de cortesia, já que o capitão Butler salvou a vida dele — prosseguiu a sra. Elsing. — E a coitada da Fanny concorda com ele e diz que vai visitá-los também. Eu falei: “Fanny, se não fosse por Scarlett, Tommy estaria vivo agora. É um insulto à memória dele visitá-la.” E Fanny não se deu por rogada e respondeu: “Não vou visitar Scarlett. Vou visitar o capitão Butler. Ele fez o possível para salvar Tommy e não foi culpa dele ter fracassado.”

— Como esses jovens são tolos! — disse a sra. Merriwether. — Visitá-los, arre! — O peito avantajado inchou de indignação ante a lembrança da reação grosseira de Scarlett ao seu conselho sobre o casamento com Rhett. — A minha Maybelle é tão boba quanto a sua Fanny. Disse que ela e René vão visitá-los porque o capitão Butler impediu que René fosse enforcado. E eu disse que, se não fosse o fato de Scarlett ficar se exibindo, René jamais teria corrido perigo algum. E o pai Merriwether pretende fazer a visita e fala como se estivesse gagá e diz que é grato àquele patife, ainda que eu não seja. Juro que, desde que esteve

na casa daquela criatura Watling, o pai Merriwether vem agindo de um jeito lamentável. Visitá-los, arre! Eu sem dúvida não vou. Scarlett virou uma pária quando se casou com um homem daqueles. Ele já era suficientemente ruim quando especulava durante a guerra e ganhava dinheiro com a nossa fome, mas agora que é unha e carne com os *carpetbaggers* e *scallawags* e amigo, sim, amigo, desse odioso governador Bullock… Visitá-los, arre!

A sra. Bonnell soltou um suspiro. Era uma matrona gorducha e morena, de rosto animado.

— Só vão visitá-los uma vez, Dolly, por cortesia. Não sei se os culpo. Ouvi dizer que todos os homens que estiveram juntos naquela noite pretendem visitá-los, e acho que estão certos. Para mim é difícil pensar que Scarlett é filha da mãe dela. Frequentei o colégio com Ellen Robillard em Savannah e nunca conheci uma moça mais encantadora. Eu gostava muito dela. Se ao menos o pai não tivesse sido o contra o seu casamento com o primo, Philippe Robillard… Não havia realmente nada de errado com o rapaz; os garotos precisam dar vazão aos seus instintos. Mas Ellen teve de fugir e se casar com o velho O'Hara e ter uma filha como Scarlett. Sinceramente, sinto que preciso visitá-los uma vez, em memória de Ellen.

— Tolice sentimental! — retorquiu a sra. Merriwether com vigor. — Kitty Bonnel, você vai visitar uma mulher que se casou pouco mais de um ano após a morte do marido? Uma mulher…

— E ela, com efeito, matou o sr. Kennedy — interrompeu India. Seu tom foi sereno, mas ácido. Sempre que pensava em Scarlett, lhe era difícil sequer ser educada, pois nunca deixava de se lembrar de Stuart Tarleton. — E eu sempre achei que havia mais coisa entre ela e o tal de Butler do que se suspeitava, bem antes de matarem o sr. Kennedy.

Antes que as senhoras pudessem se recuperar da surpresa e do espanto ante tal afirmação e ante o fato de ser uma solteirona a fazê-la, Melanie surgiu na entrada da sala. Tão entretidas estavam todas nos mexericos que não tinham ouvido seus passos delicados e agora, confrontadas pela anfitriã, pareciam colegiais pegas pela professora aos cochichos. O alarme se juntou à consternação ao verem a mudança na expressão de Melanie, corada pela raiva digna, os olhos meigos cuspindo fogo e as narinas trêmulas. Ninguém jamais vira Melanie furiosa.

Nenhuma das presentes a considerava capaz de sentir ódio. Todos a amavam, mas a achavam a mais doce, a mais maleável das jovens, deferente com os mais velhos e destituída de opiniões próprias.

— Como se atreve, India? — indagou em uma voz baixa e trêmula. — Aonde vai levá-la o seu ciúme? Que vergonha!

O rosto de India empalideceu, mas ela manteve a cabeça erguida.

— Não retiro o que disse — falou curtamente, mas em ebulição por dentro.

Ciumenta, eu?, pensou. Relembrando Stuart Tarleton e Honey e Charles, não teria bons motivos para sentir ciúmes de Scarlett? Não teria bons motivos para odiá-la, sobretudo agora que desconfiava que Scarlett de alguma forma enredara Ashley em sua teia?*Tem muita coisa que eu podia lhe contar sobre Ashley e sua preciosa* Scarlett…

India estava dividida entre o desejo de proteger Ashley com seu silêncio e libertá-lo partilhando todas as suas suspeitas com Melanie e o resto do mundo. Isso obrigaria Scarlett a afrouxar qualquer que fosse o controle que detivesse sobre Ashley. Mas a hora não era aquela. Nada tinha de concreto, apenas suspeitas.

— Não retiro nada do que eu disse — repetiu.

— Então é uma bênção que você não esteja mais morando debaixo do meu teto — retrucou Melanie em tom gelado.

India ficou de pé em um salto, o rosto pálido enrubescendo.

— Melanie, você é minha cunhada, não vai brigar comigo por causa daquela assanhada…

— Scarlett também é minha cunhada — emendou Melanie, enfrentando o olhar de India diretamente, como se fossem desconhecidas. — E mais cara para mim do que qualquer irmã de sangue. Se você anda tão esquecida dos favores que ela me fez, eu não ando. Ela ficou ao meu lado durante todo o cerco, quando podia ter voltado para casa, quando até a tia Pitty fugiu para Macon. Ela fez o parto do meu bebê quando os ianques já estavam praticamente em Atlanta e assumiu o encargo de levar a mim e a Beau naquela terrível viagem para Tara quando podia ter me largado em um hospital para os ianques me prenderem. E cuidou de mim e me alimentou, mesmo estando cansada e mesmo passando fome. Por eu estar doente e fraca, o melhor colchão de Tara era o meu. Quando

consegui andar, fiquei com o único par de sapatos que havia em Tara. Você pode esquecer o que ela fez por mim, India, mas eu não posso. E, quando Ashley voltou para casa, doente, desencorajado, sem lar, sem um centavo no bolso, ela o acolheu como a um irmão. E, quando achamos que teríamos de nos mudar para o Norte e nosso coração estava partido por deixar a Geórgia, Scarlett lhe deu a serraria para administrar. E o capitão Butler salvou a vida de Ashley por pura bondade do seu coração. Decerto não devia coisa alguma a Ashley! E eu sou grata, grata a Scarlett e ao capitão Butler. Mas você, India! Como pôde esquecer os favores que Scarlett fez a mim e a Ashley? Como pode valorizar tão pouco a vida do seu irmão a ponto de levantar suspeitas sobre o homem que o salvou? Se ficasse de joelhos perante o capitão Butler e Scarlett, não lhes agradeceria o bastante.

— Ora, Melly — começou a sra. Merriwether, com impertinência, pois recobrara a compostura —, isso não é jeito de falar com India.

— Eu também ouvi o que você falou de Scarlett — disse Melanie, voltando as baterias contra a idosa parruda com a postura de um duelista que, tendo arrancado a espada de um oponente prostrado, se virava, faminto, para o outro. — E a senhora também, sra. Elsing. A ideia que vocês fazem dela em suas mentes mesquinhas não me interessa, pois isso é problema de vocês. Mas o que dizem a seu respeito na minha casa ou onde eu possa ouvir é da minha conta, sim. Como podem sequer pensar essas coisas terríveis, quanto mais dizê-las? Valorizam tão pouco os seus homens a ponto de preferir que estivessem mortos em lugar de vivos? Não têm um pingo de gratidão pelo homem que os salvou e que os salvou pondo em risco a própria vida? Os ianques podiam muito bem achar que ele era um membro da Klan, se toda a verdade viesse à tona! Podiam tê-lo enforcado. Mas ele se arriscou pelos homens de vocês. Pelo seu sogro, sra. Merriwether, pelo seu genro e pelos seus dois sobrinhos, também. E pelo seu irmão, sra. Bonnell, e pelo seu filho e seu genro, sra. Elsing. Vocês são uma ingratas, isso sim! Exijo uma desculpa de todas.

A sra. Elsing pôs-se de pé, enfiando a costura na caixa, com os lábios franzidos.

— Se alguém me dissesse que você podia ser tão grosseira, Melly… Não, não vou me desculpar. India tem razão. Scarlett é uma assanhada volúvel. Não me

esqueço de como ela agiu durante a guerra. E não posso esquecer como ela se comportou como a ralé branca desde que arrumou um pouco de dinheiro.

— O que você não pode esquecer — interrompeu Melanie, fechando em punho as mãos pequenas — é que ela demitiu Hugh por ele não ser esperto o bastante para administrar a serraria.

— Melly! — gemeu um coro de vozes.

A sra. Elsing ergueu a cabeça com veemência e se dirigiu à porta. Com a mão na maçaneta, parou e se virou.

— Melly — falou em um tom mais ameno —, meu bem, isso parte o meu coração. Fui a melhor amiga da sua mãe e ajudei o dr. Meade a fazer o seu parto e a amei como se você fosse minha filha. Caso se tratasse de algo importante, não seria tão difícil ouvi-la falar assim, mas em se tratando de uma mulher como Scarlett O'Hara, que não bateria a pestana antes de lhe passar a perna, do mesmo jeito como faria conosco…

Lágrimas afloraram aos olhos de Melanie após as primeiras palavras da sra. Elsing, mas o rosto endureceu quando a idosa concluiu.

— Quero que fique entendido — disse — que qualquer uma de vocês que não vá visitar Scarlett não precisa jamais vir me visitar de novo.

Houve um murmúrio alto de vozes, um alarido confuso, quando as senhoras se levantaram. A sra. Elsing deixou cair a caixa de costura no chão e voltou à sala, a franja postiça fora do lugar.

— Não vou tolerar! — gritou. — Não vou tolerar! Você perdeu o juízo, Melly, e não sabe o que faz. Vai continuar minha amiga e eu vou continuar sua amiga. Me recuso a deixar que isso nos separe.

Estava chorando agora e, de repente, Melanie se viu em seus braços, chorando também, mas declarando entre soluços que falara sério. Várias das outras explodiram em lágrimas, e a sra. Merriwether, assoando ruidosamente o nariz, abraçou tanto a sra. Elsing quanto Melanie. Tia Pitty, que fora uma testemunha petrificada de toda a cena, de repente foi ao chão em um dos poucos episódios genuínos de desmaio que já tivera. Entre lágrimas e confusão, e beijos e correrias em busca de sais aromáticos, restou apenas um rosto sereno e um par de olhos secos. India Wilkes partiu sem que ninguém se desse conta.

O avô Merriwether, ao se encontrar com o tio Henry Hamilton no *saloon* Girl of the Period, várias horas depois, relatou o ocorrido pela manhã, conforme ouvira da sra. Merriwether. Contou a história com satisfação, pois ficara encantado de saber da existência de alguém com coragem para enfrentar sua temível nora. Ele, com certeza, jamais tivera.

— Bom, o que aquele bando de bobocas finalmente resolveu fazer? — indagou tio Henry, com irritação.

— Não sei ao certo — respondeu o avô —, mas me parece que Melly ganhou de lavada esse primeiro *round*. Aposto que todas farão ao menos uma visita. O pessoal respeita um bocado essa sua sobrinha, Henry.

— Melly é uma tola, e as senhoras têm razão. Scarlett é mesmo uma sirigaita assanhada e até hoje não entendo por que Charlie se casou com ela — disse tio Henry com expressão tristonha. — Mas Melly também tem razão, de certa forma. É no mínimo decente que as famílias dos homens salvos pelo capitão Butler o visitem. No frigir dos ovos, não tenho muita coisa contra Butler. Ele provou ser um bom homem na noite em que salvou nossas vidas. Scarlett é que é como uma pedra no meu sapato. É inteligente demais para o próprio bem. Bem, eu preciso visitá-los. *Scallawag* ou não, Scarlett é minha sobrinha por casamento, afinal. Eu pretendia ir lá hoje à tarde.

— Vou com você, Henry. Dolly com certeza terá um ataque quando souber que eu fui. Espere só eu tomar mais um gole.

— Não, vamos tomar um gole da bebida do capitão Butler. Devo dizer a seu favor que ele sempre serviu bebida de qualidade.

Rhett dissera que a Velha Guarda jamais se renderia, e estava certo. Sabia quão pouca relevância havia nas parcas visitas recebidas e sabia por que elas haviam sido feitas. As famílias dos homens que tinham participado do fiasco da Klan efetivamente os visitaram, no início, mas com óbvia raridade depois. E não convidaram os Butler para visitar suas casas.

Rhett disse que ninguém teria aparecido não fosse por medo de padecer nas mãos de Melanie. De onde ele tirara essa ideia Scarlett não soube dizer, mas ignorou-a com o desprezo merecido. Que possível influência podia exercer Melanie sobre gente como a sra. Elsing e a sra. Merriwether? Que não a

tivessem visitado mais pouco a preocupava; na verdade, suas ausências mal foram notadas, já que a suíte do casal vivia cheia de convidados de outro tipo. “Gente nova” era como os residentes tradicionais de Atlanta se referiam a eles, quando não lhes davam rótulos menos corteses.

Havia um bocado de “gente nova” hospedada no Hotel Nacional, que, como Rhett e Scarlett, aguardava o término da construção de suas casas. Eram pessoas alegres, abastadas, muito parecidas com os amigos de Rhett em Nova Orleans, elegantemente vestidas, liberais com seu dinheiro e vagas quanto aos próprios antecedentes. Todos os homens eram Republicanos e estavam “em Atlanta a negócios relacionados ao governo estadual”. Exatamente que negócios Scarlett não sabia dizer nem se dava ao trabalho de descobrir.

Rhett podia ter lhe dito exatamente do que se tratava — o mesmo tipo de negócios que os abutres tinham com animais moribundos. Farejavam a morte à distância e eram infalivelmente atraídos para ela, para se empanzinarem. Não existia a possibilidade de a Geórgia ser governada pelos próprios cidadãos, o estado estava impotente e os aventureiros não paravam de chegar.

As esposas dos *scallawags* e *carpetbaggers* amigos de Rhett visitavam em massa o casal, bem como a “gente nova” que Scarlett conhecera ao vender madeira para suas casas. Rhett dizia que, tendo feito negócios com eles, ela devia recebê-los e, depois de tê-los recebido, ela constatou que eram boa companhia. Usavam roupas lindas e jamais falavam da guerra ou dos tempos difíceis, limitando suas conversas à moda, aos escândalos e ao carteado. Scarlett, que jamais jogara cartas antes, adotou o uíste com prazer, tornando-se boa jogadora em pouco tempo.

Sempre que estava no hotel, havia uma multidão de jogadores de uíste em sua suíte. Mas era raro ela ficar no hotel ultimamente, pois estava demasiado ocupada na construção da casa nova para ser importunada por visitas. Nos últimos tempos não se importava muito se tinha ou não visitas. Queria postergar as atividades sociais para quando a casa ficasse pronta e ela pudesse posar como a dona da maior mansão de Atlanta, a anfitriã das festas mais elaboradas da cidade.

Ao longo dos compridos dias de verão, ela viu a construção de tijolos vermelhos e telhas cinzentas se erguer majestosa para se impor sobre todas as

outras casas da rua Peachtree. Esquecida do armazém e das serrarias, Scarlett passava todo o seu tempo no terreno, discutindo com carpinteiros, brigando com pedreiros, apoquentando o empreiteiro. Enquanto as paredes subiam rapidamente, ela pensava com satisfação que, pronta, a casa seria maior e mais bonita do que qualquer outra da cidade, mais imponente ainda do que a vizinha mansão James, que acabara de ser comprada para servir de residência oficial do governador Bullock.

A mansão do governador não fazia vergonha em termos de ornamentos em balaustradas e beirais, mas os intrincados entalhes em madeira da casa de Scarlett faziam-na parecer de brinquedo. A mansão tinha um salão de baile, mas ele parecia uma mesa de bilhar em comparação ao salão enorme que ocupava todo o terceiro andar da casa de Scarlett. Na verdade, sua casa tinha mais de tudo que havia na mansão ou em qualquer outra residência da cidade; mais abóbadas e torreões e torres e balcões e para-raios e muito mais janelas com vitrais coloridos.

Uma varanda circundava a casa toda, e quatro lances de escada nos quatro lados do prédio levavam a ela. A área externa era ampla e verdejante, e ali se viam bancos rústicos e um caramanchão de ferro, chamado, como demandava a moda, de “gazebo”, e que haviam garantido a Scarlett ser em puro estilo gótico, além de duas grandes estátuas de ferro, uma delas representando um cervo e a outra um mastim, com as dimensões de um pônei. Para Wade e Ella, meio zonzos com o tamanho, o esplendor e a penumbra moderna da nova casa, aqueles dois animais de metal eram as únicas notas calorosas.

Por dentro, a casa foi mobiliada conforme o desejo de Scarlett, com carpetes vermelhos espessos, de parede a parede, cortinas de veludo vermelho nas portas e o último grito em móveis de nogueira preta envernizada e entalhada onde quer que houvesse espaço para entalhes, e estofados com crina de cavalo tão macia que as senhoras tinham que se acomodar neles com muito cuidado para não escorregar. Por todo lado nas paredes havia espelhos com molduras douradas e espelhos de corpo inteiro — tantos quantos, segundo comentou Rhett indolentemente, ornamentavam o estabelecimento de Belle Watling. Entre eles viam-se gravuras em aço com molduras pesadas, algumas medindo dois metros e meio de comprimento, especialmente encomendadas por Scarlett em Nova York.

As paredes eram revestidas de papel escuro, o pé-direito era muito alto, e a casa vivia na penumbra, pois as cortinas demasiado drapeadas e com puxadores cor de ameixa encobriam praticamente toda a claridade do sol.

No conjunto, era uma residência de tirar o fôlego, e Scarlett, pisando nos tapetes macios e afundando no abraço das camas de plumas, lembrava-se dos chãos frios e dos colchões de palha de Tara e ficava satisfeita. Achava que tinha a casa mais bonita e elegantemente decorada que já vira, mas Rhett dizia ser um pesadelo. No entanto, se a deixava feliz, tudo bem para ele.

— Até um estranho que não conhecesse nadinha sobre nós saberia que esta casa foi construída com dinheiro escuso — disse Rhett. — Sabe, Scarlett, dinheiro ganho de forma escusa nunca dá em boa coisa, e esta casa é prova disso. É o tipo de casa que um aproveitador construiria.

Mas Scarlett, esbanjando orgulho e felicidade e cheia de planos para as festas que daria quando estivessem totalmente acomodados na casa, apenas puxava a orelha do marido, brincalhona, e dizia:

— Conversa fiada! Como você fala!

Sabia, àquela altura, que Rhett adorava baixar-lhe a crista e estragar sua alegria sempre que possível, se ela desse atenção às suas implicâncias. Caso o levasse a sério, seria obrigada a brigar com ele e não lhe interessavam disputas, pois sempre saía derrotada. Por isso raramente ouvia o que ele dizia, e o que era forçada a ouvir, tentava encarar como piada. Ao menos, foi o que fez durante algum tempo.

Durante a lua de mel e a maior parte da estadia no Hotel Nacional, os dois viveram juntos amistosamente. Pouco depois da mudança para a casa nova, porém, e de Scarlett ter se cercado de novos amigos, brigas sérias começaram a ocorrer entre o casal. Eram brigas rápidas, de curta duração, pois parecia impossível manter uma briga longa com Rhett, que ficava impassível diante das palavras dela, aguardando uma chance de atingi-la em um de seus pontos fracos. Ela brigava; Rhett, não. Ele apenas dava sua opinião inequívoca sobre Scarlett, suas ações, sua casa e seus novos amigos. E algumas daquelas opiniões eram de uma natureza tal que impedia que ela as ignorasse ou as tratasse como meras piadas.

Por exemplo, quando decidiu mudar o nome do Armazém Kennedy para outro mais edificante, Scarlett pediu ao marido para pensar em algo que incluísse a palavra “empório”. Rhett sugeriu “Empório Burla” garantindo-lhe que seria um nome mais compatível com o tipo de mercadoria vendida no armazém. Ela achou que soava imponente e chegou mesmo a mandar pintar a placa, antes que Ashley Wilkes, constrangido, a pusesse a par do verdadeiro significado do termo. E Rhett gargalhara da sua fúria.

E a forma como ele tratava Mammy! Esta jamais cedera um milímetro em sua postura de considerá-lo uma mula com arreios de cavalo. Era educada, mas fria com Rhett. Sempre o chamava de “capitão Butler”, jamais “sinhô Rhett”. Sequer fizera uma mesura quando Rhett lhe dera de presente a anágua vermelha e também jamais a usou. Mantinha Ella e Wade longe de Rhett sempre que possível, a despeito do fato de Wade adorar o tio Rhett e de Rhett obviamente gostar do menino. No entanto, em vez de despedir Mammy ou de ser curto e grosso com ela, Rhett a tratava com a maior deferência, com muito mais cortesia do que dirigia a qualquer uma das senhoras pertencentes ao novo círculo de amizades da esposa. Sempre pedia permissão a Mammy para levar Wade para cavalgar e a consultava antes de comprar bonecas para Ella. E Mammy mal era educada com ele.

Scarlett achava que Rhett devia ser firme com Mammy, como convinha ao chefe da casa, mas Rhett apenas ria e dizia que Mammy era a verdadeira chefe da casa.

Enfurecia Scarlett ao dizer com frieza que estava se preparando para sentir muita pena dela, alguns anos mais tarde, quando o domínio Republicano cessasse na Geórgia e os Democratas voltassem ao poder.

— Quando os Democratas tiverem um governador e um Legislativo próprio, todos os seus novos e vulgares amigos Republicanos serão varridos do tabuleiro de xadrez e mandados de volta a suas funções de garçons e faxineiros. E você vai ficar pendurada na broxa, sem amigo nenhum, nem Democrata, nem Republicano. Bom, não se preocupe com o amanhã.

Scarlett ria, e com alguma razão, pois, na ocasião Bullock se encontrava seguro na cadeira de governador, 27 negros estavam no Legislativo e milhares de eleitores Democratas da Geórgia estavam privados do direito a votar.

— Os Democratas jamais voltarão. Tudo que conseguem é deixar os ianques cada vez mais furiosos e adiar o dia da sua volta. Tudo que fazem é encher a boca e sair por aí à noite com a Klan.

— Eles vão voltar. Conheço os sulistas. Conheço os georgianos. São durões e teimosos. Se precisarem lutar outra guerra para voltar, lutarão. Se precisarem comprar votos negros, como fizeram os ianques, eles comprarão. Se precisarem botar dez mil mortos para votar, como fizeram os ianques, todos os cadáveres da Geórgia estarão nas urnas. As coisas vão indo tão mal sob a chefia benevolente do nosso bom amigo Rufus Bullock que a Geórgia há de vomitá-lo.

— Rhett, não use palavras tão vulgares! — reclamou Scarlett. — Você fala como se eu não fosse me alegrar de ver os Democratas voltarem! E você sabe que isso não é verdade! Eu ficaria muito feliz de vê-los de volta. Você acha que gosto de ter esses soldados por aí, me lembrando de… Acha que eu gosto… Nossa, também sou da Geórgia! Gostaria de ver os Democratas voltarem. Mas eles não voltarão. Jamais. E, mesmo que voltassem, como isso afetaria os meus amigos? Eles continuariam ricos, não?

— Se conservassem o dinheiro, mas duvido da capacidade de qualquer um deles para conservar o dinheiro durante mais de cinco anos, tendo em vista a rapidez com que o gastam. O que entra fácil sai fácil. O dinheiro que têm não lhes ajudará. Assim como o meu dinheiro não lhe ajudou. Com certeza ainda não transformou você em cavalo, certo, minha doce mula?

A briga que se seguiu a essa última observação durou dias. Após o quarto dia de Scarlett fazendo uma expressão feia e de suas óbvias exigências mudas de um pedido de desculpas, Rhett foi para Nova Orleans, levando Wade com ele, sob os protestos de Mammy, e por lá ficou até o ataque de fúria de Scarlett passar. Mas o fato de não ter conseguido amolecê-lo deixou nela um ferrão.

Quando ele voltou de Nova Orleans, leve e sereno, Scarlett engoliu a raiva como pôde, empurrando-a para o fundo da mente para ser ruminada em uma ocasião futura. Não queria se incomodar com nada desagradável no momento. Queria ser feliz, pois a cabeça estava ocupada com os preparativos da primeira festa que daria na casa nova. Seria uma enorme recepção noturna com palmeiras decorativas e uma orquestra, as varandas cobertas por toldos e um cardápio de dar água na boca. Para a festa, ela pretendia convidar todos que conhecia em

Atlanta, os velhos amigos e os novos, que ela conhecera desde a volta da lua de mel. A excitação com a festa baniu da sua lembrança, em boa parte, as alfinetadas de Rhett, e ela se sentia feliz como nunca enquanto programava a recepção.

Ah, como era divertido ser rica! Dar festas sem se preocupar com as despesas! Comprar a mobília mais cara, vestidos e comida e nunca pensar nas contas. Como era maravilhoso poder enviar cheques para tia Pauline e tia Eulalie em Charleston e para Will em Tara! Ai dos tolos invejosos que diziam que dinheiro não era tudo! Como Rhett foi perverso quando disse que o dinheiro não lhe ajudara em nada!

Scarlett expediu convites para todos os amigos e conhecidos, os velhos e os novos, até mesmo para aqueles de quem não gostava. Não abriu exceção nem para a sra. Merriwether, que havia sido quase grosseira quando a visitou no Hotel Nacional, ou para a sra. Elsing, que fora de uma frieza indizível. Convidou a sra. Meade e a sra. Whiting, que Scarlett sabia não gostarem dela e que ficariam constrangidas por não terem roupas apropriadas para um evento tão elegante. Sim, porque a festa de inauguração da casa, ou "sarau", como era moda chamar então tais recepções, meio jantares, meio bailes, era de longe o evento mais elaborado que Atlanta já vira.

Naquela noite, a casa e as varandas se encheram de convidados que tomaram ponche de champanhe e comeram seus rissóis e ostras e dançaram ao som da orquestra cuidadosamente escondida por uma parede de palmeiras e seringueiras. Mas nenhum membro do que Rhett rotulara de "Velha Guarda" compareceu, salvo Melanie e Ashley, tia Pitty e tio Henry, o dr. e a sra. Meade e o avô Merriwether.

Muitos da Velha Guarda tinham relutantemente decidido comparecer ao "sarau". Alguns aceitaram por causa da atitude de Melanie, outros por considerar que deviam a própria vida e a de parentes a Rhett. No entanto, dois dias antes da festa, correu um boato em Atlanta de que o governador Bullock fora convidado. A Velha Guarda demonstrou sua desaprovação por meio de uma saraivada de cartões lamentando a impossibilidade de aceitar o gentil convite de Scarlett. E o

pequeno grupo de velhos amigos que compareceu despediu-se constrangido, porém decidido, assim que o governador pisou na casa.

Scarlett ficou tão perturbada e enfurecida ante tais grosserias que a festa literalmente perdeu a graça para ela. Seu elegante “sarau”! Planejara com tanta dedicação, e no fim contara poucos velhos amigos e nenhum velho inimigo desfrutando aquela maravilha! Depois que o último convidado se foi, já de madrugada, ela teria chorado e feito uma cena se não temesse que Rhett fosse rolar de rir, se não temesse ver escrito “eu bem que avisei” em seus negros olhos brilhantes, ainda que não dissesse tais palavras. Por isso engoliu a fúria, de má vontade, e fingiu indiferença.

Somente para Melanie, na manhã seguinte, ela se permitiu o luxo de explodir.

— Você me ofendeu, Melly Wilkes, e fez com que Ashley e os outros me ofendessem! Você sabe que eles jamais iriam embora tão cedo se você não os arrastasse. Ah, eu vi! Assim que eu levei o governador Bullock para apresentá-lo a vocês, todos correram que nem lebres!

— Eu não acreditei… Não pude acreditar que ele fosse realmente comparecer — respondeu Melanie, infeliz. — Embora todos tivessem dito…

— Todos? Então todo mundo anda afiando a língua e mexericando a meu respeito? — gritou Scarlett, furiosa. — Você de fato está me dizendo que se soubesse que o governador estaria presente também não iria?

— Não — respondeu Melanie, em voz baixa e com o olhar fixo no chão. — Querida, eu simplesmente não poderia ter ido.

— Pelas chamas do inferno! Então me ofenderia como todos os outros!

— Ah, por piedade! — exclamou Melly, genuinamente nervosa. — Eu não tive a intenção de magoá-la. Você é minha irmã, querida, a viúva do meu Charles e eu…

Pousou timidamente a mão no braço de Scarlett, mas ela se afastou, desejando com ardor poder rugir tão alto quanto Gerald costumava rugir no auge da fúria. Mas Melanie encarou sua fúria, e quando olhou nos olhos verdes atormentados da cunhada, que tinha os ombros esbeltos aprumados com dignidade, curiosamente em desacordo com o rosto e o corpinho infantis, a realidade a assaltou.

— Sinto muito, minha querida, mas não posso encontrar o governador Bullock ou qualquer outro Republicano ou *scallawag*. Não os encontrarei, nem na sua casa nem em outra qualquer. Não, mesmo que eu tenha de… Que eu tenha de… — Melanie invocou a pior coisa em que pôde pensar: — Nem que eu tenha de ser grosseira.

— Você está criticando os meus amigos?

— Não, minha querida, mas eles são seus amigos, não meus.

— Você está me criticando por receber o governador na minha casa?

Encurralada, Melanie continuou, mesmo assim, a olhar Scarlett nos olhos, sem titubear.

— Minha querida, o que você faz é sempre por um bom motivo, e eu a amo e confio em você e não cabe a mim criticar. E não permitirei que ninguém a critique na minha frente. Mas… Ah, Scarlett! — De repente, palavras começaram a lhe escapar da boca, palavras rápidas e veementes, e um ódio inflexível se insinuou na voz baixa: — Você consegue esquecer o que essa gente fez conosco? Consegue esquecer a morte de Charlie e a saúde de Ashley comprometida e o incêndio de Twelve Oaks? Ah, Scarlett, você não pode ter esquecido aquele homem horrível que matou enquanto ele segurava a caixa de costura da sua mãe! Não pode ter esquecido a passagem dos homens de Sherman por Tara e como eles roubaram até a sua roupa de baixo! E como tentaram pôr fogo na casa e chegaram até a pegar a espada do meu pai! Ah, Scarlett, você convidou para a sua festa as pessoas que nos roubaram e nos torturaram e quase nos mataram de fome! Foram essas pessoas que deram poder aos negros, que estão nos roubando e impedindo os nossos homens de votar! Eu não esqueço. Nunca esquecerei. Não deixarei que o meu Beau esqueça e vou ensinar meus netos a odiarem essa gente. E os netos dos meus netos também, se Deus me deixar viver esse tempo todo! Scarlett, como você pôde esquecer?

Melanie fez uma pausa para tomar fôlego, e Scarlett a encarou, esquecida da própria raiva devido ao susto ante a nota trêmula de violência na voz de Melanie.

— Você me acha uma boba? — indagou com impaciência. — Claro que lembro! Mas tudo isso é passado, Melly. Cabe a nós extrair o melhor das coisas, e é o que estou tentando fazer. O governador Bullock e alguns dos melhores Republicanos podem nos ajudar um bocado, se soubermos lidar bem com eles.

— Não existem bons Republicanos — retrucou Melanie em um tom monocórdio. — E não quero a ajuda deles. E não pretendo extrair o melhor das coisas… se forem coisas ianques.

— Santo Deus, Melly, por que fazer tamanha tempestade?

— Ah! — gritou Melanie, com expressão arrependida. — Falei demais! Scarlett, não tive a intenção de magoar você nem de criticar. Cada um pensa do seu jeito e todos têm direito à própria opinião. Ora, minha querida, eu a amo e você sabe disso e nada que você faça jamais me fará mudar. E você ainda me ama, não? Não provoquei o seu ódio, provoquei? Scarlett, eu não suportaria que algo estremecesse a nossa relação, depois de tudo por que passamos juntas! Diga que está tudo bem.

— Conversa fiada, Melly, que tempestade em copo d'água! — disse Scarlett, mal-humorada, mas sem repelir a mão que envolvera sua cintura.

— Pronto, estamos de bem outra vez — falou Melanie, conciliatoriamente, mas acrescentando com doçura: — Quero que nos visitemos, querida, como sempre. Só me avise os dias em que Republicanos e *scallawags* estarão presentes e nesses dias eu fico em casa.

— Para mim é absolutamente indiferente que você me visite ou não — falou Scarlett, pondo o chapéu e tomando o rumo de casa. Sua vaidade ferida ficou satisfeita com a expressão magoada no rosto de Melanie.

Nas semanas seguintes à sua primeira festa, Scarlett se esforçou um bocado para manter sua suposta indiferença pela opinião pública. Quando não recebeu visitas dos velhos amigos, com exceção de Melanie e Pitty e tio Henry e Ashley, nem convites para seus modestos saraus, sentiu-se genuinamente confusa e magoada. Não se dera ao trabalho, afinal, de enterrar velhas desavenças e mostrar àquela gente que não guardava ressentimento pelos mexericos e difamações? Sem dúvida, eles deviam saber que ela não gostava mais do governador Bullock do que eles, mas que era conveniente ser cortês com o sujeito. Que idiotas! Se todos fossem corteses com os Republicanos, a Geórgia sairia rapidamente do apuro em que se encontrava.

Não se dava conta de que com um único golpe cortara para sempre o frágil laço que ainda a unia aos velhos tempos, aos velhos amigos. Nem mesmo a

influência de Melanie poderia consertar o rompimento daquela rede. E Melanie, aturdida, de coração partido, mas ainda leal, não tentou consertá-la. Ainda que Scarlett tivesse querido voltar ao que era antes, aos velhos amigos, não havia mais como. A cidade lhe dera as costas de maneira irredutível. O ódio que cercava o governo Bullock a cercava também, um ódio que continha pouco fogo e fúria, mas que era frio e implacável. Scarlett apostara no inimigo e, qualquer que fosse o seu berço e suas conexões familiares, achava-se agora na categoria dos vira-casacas, dos amantes de negros, uma traidora, uma Republicana — e uma scallawag.

Passado um tempo tenebroso, a indiferença fingida de Scarlett cedeu lugar à indiferença genuína. Ela jamais fora de se preocupar muito com as inconstâncias da conduta humana nem de permanecer muito tempo cabisbaixa se uma linha de ação fracassasse. Logo deixou de se importar com o que os Elsings, os Withings, os Bonnells, os Meades e os demais pensavam dela. Felizmente, Melanie a visitava, levando Ashley, e Ashley era entre todos o mais importante. E havia outras pessoas bem mais interessantes do que aquelas galinhas velhas. A qualquer momento que lhe apetecesse ela podia encher a casa de convidados que seriam muito mais divertidos, estariam muito mais bem-vestidos do que aqueles velhos tolos melindrosos e puritanos que a desaprovavam.

Aquelas pessoas haviam acabado de chegar a Atlanta. Algumas eram conhecidas de Rhett, outras, seus associados nos assuntos misteriosos aos quais ele se referia como “meros negócios, querida”. Havia casais que Scarlett conhecera durante a estadia no Hotel Nacional e também funcionários nomeados pelo governador Bullock.

O grupo que ela frequentava agora era heterogêneo. Dele faziam parte os Gelerts, que haviam morado em uma dezena de estados diferentes e que, aparentemente, tinham partido de cada um deles a toda velocidade devido à descoberta de seus esquemas escusos; os Conningtons, cuja ligação com o Departamento de Libertos em um estado distante gerara muito lucro às custas dos negros ignorantes aos quais supostamente deviam dar proteção; os Deals, fornecedores de sapatos “de papelão” ao governo confederado até que precisaram passar o último ano da guerra na Europa; os Hundons, que contavam com fichas policiais em várias cidades, mas mesmo assim participavam de

concorrências bem-sucedidas em contratos estaduais; os Carahans, cuja vida começara em um cassino e agora apostavam mais alto na construção de ferrovias inexistentes com o dinheiro do governo estadual; os Flahertys, que haviam comprado sal a um centavo a libra em 1861 e ganharam uma fortuna quando o sal subiu para cinquenta centavos em 1863; e os Barts, proprietários do maior bordel em uma metrópole do Norte durante a guerra e que agora frequentavam os melhores círculos da sociedade *car*petbagger.

Tais eram os amigos íntimos de Scarlett agora, mas entre os que frequentavam suas grandes recepções se incluíam outros com certa cultura e refinamento, muitos de excelentes famílias. Além da elite *carpetbagger*, indivíduos importantes do Norte estavam se mudando para Atlanta, atraídos pela incessante atividade comercial da cidade naquele período de reconstrução e expansão. Famílias ianques abastadas mandavam os filhos jovens para o Sul como pioneiros na nova fronteira, e oficiais ianques após a desmobilização estabeleceram residência permanente na cidade por cuja captura tanto haviam lutado. A princípio, sendo estrangeiros em uma cidade estranha, ficavam satisfeitos de aceitar convites para as festas luxuosas da rica e hospitaleira sra. Butler, mas logo se afastavam do seu grupo. Eram gente boa, e bastava um breve convívio com os *carpetbaggers* e o domínio *carpetbagger* para se tornarem tão ressentidos destes quando se ressentiam os nativos da Geórgia. Muitos se tornaram Democratas e mais sulistas que os sulistas genuínos.

Outros deslocados do círculo de Scarlett nele permaneciam apenas porque não eram bem-vindos em outro lugar. Teriam preferido as salas de estar tranquilas da Velha Guarda, mas a Velha Guarda não queria saber de nenhum deles. Desse grupo faziam parte mestres-escolas ianques que chegaram ao Sul imbuídos do desejo de estimular o progresso dos negros e *scallawags* que haviam nascido bons Democratas, mas que trocaram de lado após a rendição.

Difícil dizer que classe era mais cordialmente odiada pelos cidadãos nativos, se os mestres-escolas ianques, com sua falta de pragmatismo, ou os *scallawags*, mas provavelmente a balança pendia mais para os últimos. Os primeiros podiam ser ignorados com “Ora, o que esperar de ianques amantes de pretos? Claro que eles pensam que os pretos são tão bons quanto eles!”. Mas para os georgianos que haviam se tornado Republicanos por puro interesse não havia desculpa.

“Estamos conformados de passar fome, vocês deviam se conformar também” era o sentimentoda Velha Guarda. Muitos soldados ex-confederados, cientes do medo frenético dos homens que tinham visto suas famílias passarem necessidade, eram mais tolerantes com os ex-camaradas que trocaram de lado a fim de alimentar seus parentes. Mas isso não se dava com as mulheres da Velha Guarda, e as mulheres constituíam o poder implacável e inflexível por trás do trono social. A Causa Perdida era mais forte, mais cara agora em seus corações do que jamais fora no auge da glória. Tornara-se um fetiche. Tudo que lhe dizia respeito era sagrado, as sepulturas dos homens que tinham morrido por ela, os campos de batalha, as bandeiras rasgadas, os sabres cruzados em seus vestíbulos, as cartas desbotadas enviadas do front, os veteranos. Essas mulheres não davam ajuda, consolo ou guarida ao antigo inimigo, e agora Scarlett era considerada inimiga.

Essa sociedade híbrida, unida pelas exigências da situação política, só tinha uma coisa em comum: o dinheiro. Como a maioria de seus membros jamais tivera 25 dólares de uma vez em toda a vida anterior à guerra, todos agora viviam uma orgia de consumo como Atlanta jamais vira.

Com as rédeas políticas nas mãos dos Republicanos, a cidade entrou em uma era de desperdício e ostentação em que o verniz do refinamento recobria com uma camada muito fina o vício e a vulgaridade. Jamais o abismo entre os muito ricos e os muito pobres havia sido tão grande. Os que estavam no topo não se incomodavam com os menos afortunados. Com exceção dos negros, claro. Esses mereciam o melhor do melhor. As melhores escolas e acomodações, roupas e entretenimento, pois representavam o poder na política, e cada voto negro contava. Mas o povo recém-empobrecido de Atlanta podia morrer de fome e cair na rua sem que os novos-ricos Republicanos batessem uma pestana.

Na crista dessa onda de vulgaridade, Scarlett singrava triunfante, recém-casada, deslumbrante em suas roupas finas, com o dinheiro de Rhett solidamente a bancá-la. Aquela época lhe caía bem; vulgar, berrante, ostentosa, repleta de mulheres excessivamente produzidas, de casas excessivamente decoradas, com joias em demasia, cavalos em demasia, comida em demasia, uísque em demasia. Quando parava para pensar no assunto, o que ocorria com raridade, Scarlett sabia que nenhuma de suas novas amigas poderia ser chamada de dama pelos

rígidos padrões de Ellen. Mas ela rompera com os padrões de Ellen com reiterada frequência desde aquele dia distante em que na sala de estar de Tara decidira ser amante de Rhett, e agora não era comum sentir a consciência pesar.

Talvez aqueles novos amigos não fossem, estritamente falando, damas e cavalheiros, mas, assim como os amigos de Rhett de Nova Orleans, eram muito divertidos! Muito mais divertidos do que os amigos discretos, religiosos, leitores de Shakespeare dos velhos tempos de Atlanta. E, com exceção do breve interlúdio da lua de mel, há tanto tempo ela não se divertia… Nem tinha qualquer sensação de segurança. Segura agora, queria dançar, jogar, chamar atenção, empanzinar-se de comida e vinho de qualidade, vestir sedas e cetins e afundar em camas de plumas e em estofados finos. Encorajada pela tolerância divertida de Rhett, libertada agora das restrições da infância, libertada até mesmo do recente medo da pobreza, permitia-se o luxo com o qual tanto sonhara — o de fazer exatamente o que desejasse e mandar para o inferno quem disso não gostasse.

Deixava-se embriagar pela agradável sensação peculiar àqueles cujas vidas são um tapa deliberado na face da sociedade constituída — o jogador, o vigarista, a aventureira de boa família, todos os que sabiam usar o cérebro. Dizia e fazia precisamente o que queria, e em pouquíssimo tempo sua insolência extrapolou todos os limites.

Não hesitava em exibir arrogância para os novos amigos Republicanos e *scallawags*, mas com nenhuma outra classe era mais grosseira ou insolente do que com os oficiais ianques da ocupação e suas famílias. De toda a massa heterogênea de gente que chegara a Atlanta, os militares eram os únicos que ela se recusava a receber ou tolerar. Fazia absoluta questão de ser mal-educada com eles. Melanie não era a única incapaz de esquecer o significado de um uniforme azul. Para Scarlett, aquele uniforme azul e aqueles botões dourados para sempre significariam o medo do cerco, o medo da fuga, os saques e incêndios, a pobreza desesperada e o trabalho estafante em Tara. Agora que era rica e estava segura sendo amiga do governador e de muitos Republicanos importantes, podia insultar todos os uniformes azuis que visse. E insultava.

Rhett certa vez preguiçosamente lhe relembrou que a maioria dos convidados masculinos que se reuniam sob o teto deles havia usado aquele mesmo uniforme

azul não muito tempo antes, mas ela respondeu que um ianque não parecia um ianque a menos que vestisse um uniforme azul. Ao que Rhett retrucou: “Coerência, és uma joia”, e deu de ombros.

Scarlett, odiando aquele azul brilhante que eles usavam, gostava mais ainda de menosprezá-los por saber que isso os incomodava tanto. As famílias dos oficiais ocupantes tinham razão de reagirem assim, pois a maioria era tranquila, bem-educada, solitária em uma terra hostil, ansiando por voltar para casa no Norte, sentindo certa vergonha da ralé cujo domínio era sua função defender — uma classe infinitamente melhor do que a dos amigos de Scarlett. Naturalmente, as esposas dos oficiais ficavam confusas ao ver a deslumbrante sra. Butler acolher com afeto mulheres vulgares como a ruiva Bridget Flaherty e se esforçar tanto para humilhá-las.

Mas até mesmo as que eram acolhidas com afeto por Scarlett precisavam aguentar um bocado na mão dela. No entanto, faziam isso com satisfação. Para aquelas mulheres, Scarlett representava não só abastança e elegância, mas também o velho regime, com seus sobrenomes tradicionais, famílias tradicionais, velhas tradições com as quais desejavam ardentemente se identificar. As famílias tradicionais a que tanto ansiavam pertencer podiam ter expulsado Scarlett do seu convívio, mas as damas da nova aristocracia não sabiam disso. Sabiam apenas que o pai de Scarlett fora um grande senhor de escravos, sua mãe, uma Robillard de Savannah, e o marido era Rhett Butler de Charleston. E isso lhes bastava. Scarlett significava a chave para a sociedade tradicional à qual elas queriam acesso, a sociedade que as desdenhava, não retribuía suas visitas e as cumprimentava com frieza em igrejas. Com efeito, Scarlett era mais que a chave de acesso a essa sociedade. Para aquela mulheres, vindas de passados obscuros, ela *era* essa sociedade. Sendo elas mesmas damas de imitação, não percebiam os fingimentos de Scarlett mais do que percebiam os seus. Julgavam-na por si mesmas e suportavam muita coisa nas mãos dela, seu convencimento, seus caprichos, seus humores, a arrogância, a grosseria indisfarçada e a franqueza a respeito de seus defeitos.

Haviam vindo do nada, e muito tarde, e eram tão inseguras que se sentiam duplamente ansiosas para parecer refinadas, temendo mostrar mau gênio ou dar respostas merecidas e serem consideradas menos damas por isso. A todo custo

precisavam ser damas. Fingiam delicadeza, candura e inocência. Quem as ouvia falar imaginava que não tivessem pernas, necessidades naturais ou conhecimento do mundo cruel. Ninguém suporia que a ruiva Bridget Flaherty, cuja pele alva parecia imune ao sol e cujo sotaque era pesadíssimo, roubara as economias escondidas do pai para partir para os Estados Unidos e ser camareira em um hotel de Nova York. Ninguém que observasse os ares delicados de Sylvia (ex-Sadie Belle) Connington e Mamie Bart diria que a primeira crescera no sobrado do *saloon* do pai no Bowery e cuidava do bar nos horários de pico e que a última, segundo diziam, saíra do bordel do próprio marido. Não, elas eram agora cândidas criaturas protegidas.

Os homens, embora tivessem ganhado dinheiro, tiveram mais dificuldade em aprender novas maneiras ou talvez fossem menos pacientes com as exigências da nova elite. Bebiam sem moderação nas festas de Scarlett e, em geral, após uma recepção, um ou dois convidados inesperados ficavam para dormir. Esses homens não bebiam como os amigos de juventude de Scarlett. Ficavam embriagados, idiotas, desagradáveis ou obscenos. Ademais, por mais escarradeiras que ela espalhasse pela casa, os tapetes sempre amanheciam com marcas de baba de tabaco.

Scarlett desprezava aquelas pessoas, mas elas a divertiam. Por conta disso, enchia a casa com elas. E, por causa desse desprezo, mandava-as para o inferno toda vez que a aborreciam. Mas todos aguentavam.

Chegavam até mesmo a aguentar Rhett, o que era mais difícil, pois Rhett não se deixava enganar pelas aparências, algo que não escondia. Não hesitava em despi-los verbalmente, mesmo debaixo do próprio teto, sempre de um jeito que inviabilizava respostas. Não sentindo vergonha da forma como ganhara sua fortuna, ele fingia que os outros também não sentiam vergonha dos seus passados e raramente perdia a oportunidade de abordar assuntos que, por mútuo consenso, todos achavam melhor educadamente esquecer.

Nunca havia como saber quando ele diria, afavelmente, tomando uma taça de ponche: “Ralph, se tivesse bom senso, eu teria ganhado dinheiro vendendo ações de minas de ouro a viúvas e órfãos, como você fez, em lugar de rompendo bloqueios. É muito mais seguro”, “Ora, Bill, eu soube que você comprou cavalos novos. Andou vendendo mais alguns milhares de títulos de ferrovias

inexistentes? Muito bem, garoto!", "Parabéns, Amos, por conseguir aquele contrato estadual. Pena que precisou molhar tantas mãos para isso".

As senhoras o achavam odioso e insuportavelmente vulgar. Os homens diziam, pelas suas costas, que ele era um velhaco e um safado. A nova Atlanta não gostava mais de Rhett do que a velha Atlanta, e ele fazia tão pouco esforço para reverter aquele quadro quanto fizera no passado. Seguia seu caminho, divertido, desdenhoso, impermeável às opiniões alheias, tão cortês que a sua cortesia era em si uma afronta. Para Scarlett, ele continuava a ser um enigma, mas um enigma que não mais lhe ocupava a cabeça. Ela estava convencida de que nada jamais o agradava nem agradaria; que ou ele havia desejado muito alguma coisa que não conseguira ou jamais desejara coisa alguma e não gostava de nada. Ele ria de tudo que ela fazia, encorajava suas extravagâncias e insolências, zombava de suas pretensões — e pagava as contas.

Capítulo 50

Rhett jamais se desviava do jeito tranquilo, imperturbável, com que se comportava, mesmo nos momentos mais íntimos. Mas Scarlett nunca perdeu a sensação de que ele a observava disfarçadamente. Sabia que se virasse a cabeça de repente flagraria em seus olhos aquela expressão especulativa, de antecipação, aquela expressão de uma paciência quase terrível que lhe era incompreensível.

Às vezes, ele era uma pessoa de convívio muito fácil, a despeito do hábito infeliz de não permitir que alguém na sua presença agisse com falsidade, mentisse ou fizesse discursos retóricos. Ele a ouvia falar do armazém e das serrarias e do *saloon*, dos prisioneiros e do gasto para alimentá-los e lhe dava conselhos sagazes e racionais. Sua energia para dançar e frequentar as festas que ela adorava era incansável, e o seu repertório de histórias picantes, infindável. Ele a regalava com aquelas histórias nas infrequentes noites que passavam a sós depois do jantar, diante de um cálice de conhaque e uma xícara de café. Ela descobriu que ele lhe dava qualquer coisa que pedisse, respondia a qualquer coisa que perguntasse, desde que fosse direta, e lhe recusava qualquer coisa que tentasse obter por vias indiretas, insinuações propositais e estratégias femininas. Rhett tinha o hábito desconcertante de enxergar através dela e gargalhar com grosseria.

Contemplando a indiferença tranquila com que ele em geral a tratava, Scarlett muitas vezes se perguntava, sem curiosidade genuína, por que escolhera casar-se com ela. Os homens se casavam por amor ou para ter um lar e filhos ou, então, por dinheiro, mas ela sabia que Rhett não se casara com ela por qualquer desses motivos. Decerto não a amava. Referia-se à linda casa dela como um pesadelo arquitetônico e dizia que preferia morar em um hotel bem administrado do que em uma residência. E jamais sugerira filhos, como Charles e Frank fizeram.

Certa vez, tentando ser coquete, ela lhe perguntou o motivo e ficou furiosa quando ele respondeu, com um brilho brincalhão no olhar:

— Casei com você para ter um bichinho de estimação, minha querida.

Não, ele não se casara com ela por nenhum dos motivos habituais que levavam um homem a casar-se com uma mulher. Casara-se com ela unicamente porque a desejava e não conseguiria tê-la de outro jeito. Admitira isso na noite em que a pedira em casamento. Desejava-a, assim como desejara Belle Watling. Não era uma ideia agradável. Na verdade, não passava de um insulto ostensivo. Mas ela deixara isso de lado, como aprendera a fazer diante de todos os fatos desagradáveis. Haviam fechado um acordo e estava bastante satisfeita com o que lhe coubera. Esperava que também ele estivesse, mas não se preocupava muito com isso.

Certa tarde, porém, quando consultava o dr. Meade a respeito de uma perturbação digestiva, ela se viu diante de um fato desagradável que não podia deixar de lado. Foi com uma raiva genuína que adentrou o quarto no fim da tarde e disse a Rhett que estava grávida.

Recostado em uma *chaise longue*, vestindo um robe de chambre de seda e envolvido em uma nuvem de fumaça, ele a encarou de forma penetrante enquanto a ouvia. Mas nada disse. Observou-a em silêncio, mas havia tensão na sua postura enquanto aguardava que ela prosseguisse, tensão que
Scarlett não notou. Indignação e desespero a impediam de pensar no que quer que fosse.

— Você sabe que eu não quero mais filhos! Jamais quis filhos. Toda vez que as coisas estão indo bem, eu tenho de ter um filho. Ah, não fique sentado aí rindo! Você também não quer. Ai, minha Nossa Senhora!

Se esperava que ela dissesse alguma coisa, não eram aquelas palavras que ele desejara ouvir. O rosto se anuviou de leve e os olhos ficaram vagos.

— Ora, por que não o dá à srta. Melly? Você não me disse que ela é tonta a ponto de querer outro bebê?

— Ah, eu podia matar você! Não vou ter este bebê, não vou!

— Não? Por favor, continue.

— Ora, existem coisas que podem ser feitas. Não sou a idiota caipira de antigamente. Agora sei que uma mulher não precisa ter filhos se não quiser! Tem

coisas…

Ele se pôs de pé e a segurou pelo pulso, impelido por um medo que se estampou em sua fisionomia.

— Scarlett, sua doida, me diga a verdade! Você fez alguma coisa?

— Não, não fiz, mas vou fazer. Não pense que vou estragar meu corpo de novo, justo quando recuperei minha cintura e estou me divertindo e…

— De onde você tirou essa ideia? Quem anda lhe dizendo coisas?

— Mamie Bart… Ela…

— A madame do prostíbulo com certeza conhece esses truques. Aquela mulher nunca mais bota os pés nesta casa, entendido? Afinal, a casa é minha e eu mando aqui. Não quero que você volte a falar com ela.

— Eu faço o que quiser. Me solte. Por que você se importa?

— Não me importa que você tenha um filho ou vinte, mas me importo com a sua vida.

— Minha vida? Por acaso vou morrer?

— Sim, morrer. Acho que Mamie Bart não lhe falou do risco que uma mulher corre quando faz uma coisa dessas, falou?

— Não — respondeu Scarlett com relutância. — Ela só me disse que isso resolve tudo direitinho.

— Santo Deus, eu mato essa mulher! — gritou Rhett, com uma expressão de fúria no rosto.

Ele baixou os olhos para o rosto manchado de lágrimas de Scarlett e o ódio sumiu, mas a expressão continuou dura. De repente, pegando-a no colo, sentou-a na cadeira, prendendo-a em seu abraço, com força, como se temesse que ela lhe escapasse.

— Ouça, meu bem, não vou deixar que você arrisque sua vida, entendeu? Santo Deus, eu também não quero filhos, mas posso sustentá-los. Não estou disposto a ouvir você dizer mais tolices, e se tiver a audácia de tentar… Scarlett, já vi uma moça morrer assim. Não passava de uma… Mas era boa moça, de todo jeito. Não é uma boa maneira de morrer. Eu…

— Nossa, Rhett! — exclamou ela, distraída da própria infelicidade pela emoção na voz do marido. Nunca o vira tão emocionado. —Onde… Quem…

— Foi em Nova Orleans… Faz anos. Eu era jovem e impressionável — explicou, baixando a cabeça e afundando os lábios no cabelo dela. — Teremos o seu bebê, Scarlett, nem que eu precise algemar você ao meu pulso durante os próximos nove meses.

Ela se sentou no colo dele e o encarou com franca curiosidade. Sob aquele olhar, o semblante dele voltou à serenidade e à indiferença, como se por um passe de mágica. As sobrancelhas se ergueram e o canto da boca se curvou.

— Eu significo tanto assim para você? — indagou Scarlett, os olhos semicerrados.

Ele lançou-se um olhar direto, como se calculasse o quanto de sedução havia por trás da pergunta. Registrando o real significado da atitude, respondeu de forma casual:

— Ora, significa, sim. Veja, eu investi um bocado de dinheiro em você e odiaria perdê-lo.

Melanie saiu do quarto de Scarlett, exausta da tensão, mas com lágrimas de felicidade pelo nascimento da menina. Rhett estava nervoso no corredor, cercado por pontas de charuto que tinham aberto buracos no tapete fino.

— Pode entrar agora, capitão Butler — disse ela, timidamente.

Rhett passou por ela correndo e entrou no quarto, e Melanie teve um breve vislumbre da sua figura inclinada sobre o pequeno bebê nu no colo de Mammy, antes que o dr. Meade fechasse a porta. Então afundou em uma cadeira, o rosto enrubescido de vergonha por ter, involuntariamente, testemunhado um momento tão íntimo.

Ah, pensou. *Quanta ternura! Como o capitão Butler ficou preocupado! E não tomou um único gole esse tempo todo! Que delicadeza a dele. Tantos cavalheiros já estão embriagados no momento em que os filhos nascem. Imagino que esteja seriamente necessitado de uma bebida. Será que me atrevo a sugerir? Não, seria muita indiscrição da mi*nha parte.

Afundou mais na cadeira, e as costas, que ultimamente só faziam doer, pareciam prestes a se partir ao meio na altura da cintura. Que sorte de Scarlett ter o capitão Butler do outro lado da porta enquanto dava à luz o bebê! Se ao menos tivesse tido Ashley a seu lado naquele dia pavoroso em que Beau nasceu, talvez

não tivesse sofrido tanto. Ai, se aquela menininha por trás daquela porta fechada fosse dela e não de Scarlett! *Ah, como sou má*, pensou, culpada. *Estou cobiçando o bebê dela, e Scarlett foi tão boa comigo. Perdão, Senhor. Eu não queria de fato o bebê de Scarlett… Mas gostaria tanto de te*r um bebê!

Colocando uma pequena almofada para apoiar as costas, pensou avidamente em ter a própria filha. O dr. Meade, porém, jamais mudara de opinião acerca daquele assunto. E, embora ela de boa vontade se dispusesse a arriscar a vida por outro filho, Ashley não queria sequer ouvir falar disso. Uma filha. Como Ashley amaria uma filha!

Uma filha! Santo Deus! Sentou-se alarmada. *Eu não disse ao capitão Butler que é uma menina. E claro que ele esperava um menino. Q*ue horror!

Melanie sabia que, para uma mulher, tanto um filho quanto uma filha eram bem-vindos, mas para um homem, sobretudo para um homem tão voluntarioso como o capitão Butler, uma menina seria um golpe, não cairia bem para a sua masculinidade. Ah, como era agradecida por Deus ter permitido que seu único filho fosse um menino! Sabia que se fosse a esposa do temido capitão Butler teria com gratidão morrido no parto em lugar de lhe apresentar uma menina como filho primogênito.

Mas Mammy, saindo sorridente do quarto, tranquilizou-a — e ao mesmo tempo a fez pensar que tipo de homem realmente era o capitão Butler.

— Quano eu tava dando banho na neném ‘gorinha — disse ela —, eu pidi discurpa pru sinhô Rhett di num sê minino. Sabe u qui ele falô, sinhá Melly? Falô “cala essa boca, Mammy! Quem qué um minino? Mininos num têm graça. Só arruma pobrema. As minina é qui têm graça. Eu num trocava ‘sá minina aqui por uma dúzia di minino”. Dispois tento tirá ela di mim, peladinha qui nem ela tava, i eu bati na mão dele i falei “Si comporte, sinhô Rhett! Vô ficá esperando u sinhô ganhá um minino i aí vô dá risada quano u sinhô gritá de aligria”. Ele riu i balançô a cabeça i falô “Mammy, ocê é uma boba. Mininos num serve pra nada. Num sô prova disso?”. Sim, sinhá Melly, ele si comportô qui nem um cavalero — concluiu Mammy, satisfeita. Não passou despercebido para Melanie que a conduta de Rhett havia contribuído bastante para redimi-lo aos olhos de Mammy. — Vai vê eu mi inganei c’o sinhô Rhett. Qui dia mais filiz pra mim

hoje, sinhá Melly. Troquei as fralda di três geração di mininas Robillard, qui dia mais filiz!

— Sim, Mammy, um dia muito feliz! Os dias mais felizes são os da chegada dos bebês!

Para um morador da casa, não foi um dia feliz. Repreendido e praticamente ignorado, Wade Hampton vagava infeliz pela sala de jantar. Bem cedinho de manhã, Mammy o acordara abruptamente, o vestira com rapidez e o mandara, junto com Ella, para a casa de tia Pitty para tomar o café. A única explicação que recebeu foi a de que a mãe estava doente e o barulho de suas brincadeiras poderia incomodá-la. A casa da tia Pitty estava tumultuada, pois a notícia da doença de Scarlett pusera a idosa de cama, assistida por Cookie, e o café da manhã foi uma refeição pífia preparada por Peter para as crianças. Conforme a manhã chegava ao fim, o medo começou a atormentar Wade. E se a mamãe morresse? As de outros meninos já haviam morrido. Ele já vira carros fúnebres saindo das casas e ouvira seus amiguinhos chorando. E se a mamãe morresse? Wade adorava a mãe quase tanto quanto a temia, e a ideia de a levarem em um carro fúnebre puxado por cavalos negros com plumas nos arreios fazia seu peito doer tanto que ele mal conseguia respirar.

Ao meio-dia, quando Peter estava ocupado na cozinha, Wade escapou pela porta da frente e correu para casa tão depressa quanto lhe permitiram as perninhas curtas, o medo servindo de combustível. Tio Rhett ou tia Melly ou Mammy com certeza lhe diriam a verdade. Mas tio Rhett e tia Melly não estavam à vista, e Mammy e Dilcey corriam para baixo e para cima nas escadas com toalhas e bacias de água quente e não notaram sua presença no corredor. Vindo lá de cima, ele podia ouvir vez ou outra a voz do dr. Meade, quando uma porta se abria. Uma vez ouviu a mãe gemer e explodiu em soluços. Sabia que ela ia morrer. Para se consolar, tentou chamar a atenção do gato cor de mel empoleirado no parapeito ensolarado da janela do corredor. Mas Tom, com seus muitos anos e propenso a se irritar com perturbações, balançou o rabo e chiou baixinho.

Finalmente, Mammy, descendo as escadas da frente, com o avental amassado e manchado e o pano de cabeça fora do lugar, o viu e o repreendeu. Ela sempre havia sido o pilar de Wade, e a expressão feia dela o fez estremecer.

— Ocê é u minino mais levado qu'eu já vi — falou. — Num mandei ocê pra casa da tia Pitty? Vorta já pra lá!

— A mamãe vai… Ela vai morrer?

— Ocê é a criança mais trapaiada qui eu já vi! Morrê? Credincruz, não! Sinhô, esses minino é puro tormento! Num sei pruquê o Sinhô manda minino pras pessoa. Chispa daqui já!

Mas Wade ficou. Recolheu-se atrás da cortina da porta do corredor, não de todo convencido pelas palavras de Mammy. As observações sobre a natureza problemática dos meninos o magoaram, pois ele sempre tentara ao máximo ser bonzinho. Tia Melly desceu depressa a escada, meia hora depois, pálida e cansada, mas sorrindo para si mesma. Pareceu surpresa ao ver o rosto tristonho do sobrinho à sombra das cortinas. Em geral, tia Melly tinha todo o tempo do mundo para dedicar a ele. Jamais repetia o que a mãe dizia com grande frequência: "Não me incomode agora, estou com pressa" nem "Saia daqui, Wade, estou ocupada".

Mas naquela manhã, ela falou:

— Wade, você está sendo teimoso. Por que não ficou na casa da tia Pitty?

— A mamãe vai morrer?

— Pelo amor de Deus, Wade! Não seja bobinho — repreendeu, para depois tranquilizá-lo: — O dr. Meade lhe trouxe um lindo bebezinho, uma gracinha de irmã para brincar com você. Se for bem bonzinho, vai poder vê-la à noite. Agora vá brincar e não faça barulho.

Wade entrou de fininho na sala de jantar silenciosa, seu mundinho inseguro periclitando. Será que não havia lugar para um menino de sete anos preocupado naquele dia ensolarado em que os adultos estavam agindo tão estranhamente? Sentou-se no parapeito da janela e mordiscou uma folha de taioba que crescia em uma caixa ao sol. Era tão apimentada que seus olhos marejaram e ele começou a chorar. A mamãe provavelmente estava morrendo, ninguém lhe prestava atenção e, para culminar, todos corriam para baixo e para cima por causa de um novo bebê — uma menina. Wade tinha pouco interesse por bebês, menos ainda por meninas. A única menina que conhecia bem era Ella e, até agora, ela nada fizera para ganhar seu respeito ou afeto.

Passado um bom tempo, o dr. Meade e tio Rhett desceram a escada e ficaram conversando em voz baixa no corredor. Depois que a porta se fechou atrás do médico, tio Rhett veio rapidamente até a sala de jantar e se serviu de uma boa dose de bebida, antes de ver Wade. Wade se encolheu esperando ouvir de novo que era teimoso e precisava voltar para a casa de tia Pitty, mas em vez disso tio Rhett sorriu. Wade nunca o vira sorrir assim nem parecer tão feliz e, encorajado, desceu do parapeito e correu até ele.

— Você ganhou uma irmã — disse Rhett, abraçando-o. — Minha nossa, é o bebê mais lindo que já se viu! Ora, por que você está chorando?

— A mamãe…

— Sua mãe está jantando como uma esfomeada, comendo galinha e arroz, molho e café, e vamos fazer sorvete para ela daqui a pouco e você pode comer também e até repetir, se quiser. Depois vou lhe mostrar sua irmã.

Tremendamente aliviado, Wade tentou ser educado quanto à nova irmã, mas fracassou. Todos estavam interessados naquela menina. Ninguém dava mais a mínima para ele, nem mesmo tia Melly ou tio Rhett.

— Tio Rhett — começou —, as pessoas gostam mais de meninas do que de meninos?

Rhett pousou o copo e encarou profundamente o rostinho de Wade. Uma compreensão instantânea surgiu em seu olhar.

— Não, não posso dizer que gostem — respondeu com seriedade, como se tivesse refletido bastante sobre o assunto. — É só que as meninas dão mais trabalho que os meninos e as pessoas costumam se preocupar mais com gente trabalhosa do que com quem não é.

— Mammy acabou de dizer que os meninos são trapalhões.

— Bem, Mammy está nervosa. Ela não quis dizer isso.

— Tio Rhett, você preferia ter tido um menininho em vez de uma menina? — indagou Wade, esperançoso.

— Não — respondeu Rhett depressa e, vendo a decepção no rosto do menino, prosseguiu: — Ora, por que eu haveria de querer um menino, se já tenho um?

— Tem? — disse Wade, a boca escancarada ante tal informação. —Onde ele está?

— Bem aqui — respondeu Rhett, pegando a criança e sentando-a sobre o joelho. — Você já basta para mim, filho.

Por um instante, a segurança e a felicidade por ser querido foram tão grandes que Wade quase chorou de novo. Engolindo o choro, enterrou a cabeça no peito de Rhett.

— Você é o meu menino, não é?

— Dá para ser… Bom, dá para ser o menino de dois homens? — indagou Wade; a lealdade pelo pai que jamais conhecera lutando com o amor pelo homem que o abraçava com tamanha compreensão.

— Sim — respondeu Rhett com firmeza. — Assim como você pode ser o menino da sua mãe e o menino da tia Melly também.

Wade digeriu a afirmação, que fez sentido. Sorriu e se aconchegou timidamente de encontro ao braço de Rhett.

— Você entende os meninos pequenos, não é, tio Rhett?

O rosto de Rhett voltou a mostrar suas linhas duras e o lábio estremeceu.

— Sim — disse com amargura. — Eu entendo os meninos pequenos.

Por um momento, o medo de Wade voltou, medo e uma sensação repentina de ciúmes. Tio Rhett não estava pensando nele, mas em outra pessoa.

— Você não tem nenhum outro menininho, tem?

Rhett botou Wade no chão.

— Vou tomar uma bebida e você também, Wade, a sua primeira bebida, um brinde à sua nova irmã.

— Você não tem nenhum outro… — começou Wade, até ver Rhett estender a mão para a garrafa de vinho tinto e a excitação de se ver incluído no ritual de adultos o distrair. — Ah, não posso, tio Rhett! Prometi para a tia Melly que não vou beber até me formar na universidade e ela vai me dar um relógio se eu cumprir a promessa.

— E eu lhe dou a corrente para pendurá-lo, a que estou usando, se você quiser — disse Rhett, de novo sorrindo. — A tia Melly tem toda a razão, mas ela estava falando de destilados, não de vinho. Você precisa aprender a beber como um cavalheiro, filho, e este é um ótimo momento para isso.

Com habilidade, ele diluiu o vinho com água do sifão até que o líquido estivesse rosado e entregou o copo a Wade. Naquele momento, Mammy entrou

na sala de jantar. Trocara de roupa e vestia agora seu vestido preto de domingo, e tanto o avental quanto o pano de cabeça estavam imaculadamente limpos e passados. Conforme caminhava com seu andar pesado, ouviu-se um farfalhar de seda por baixo das saias. Seu rosto não mostrava mais sinal de preocupação e as gengivas praticamente banguelas estavam expostas em um sorriso amplo.

— Presente di niversário, sinhô Rhett! — disse ela.

Wade, que ia levando o copo aos lábios, parou. Sabia que Mammy jamais gostara do seu padrasto. Nunca a ouvira chamá-lo de outra coisa senão "capitão Butler", e sua conduta sempre fora digna, porém fria em relação ao patrão. E ali estava ela, radiante e educada, chamando-o de "sinhô Rhett"! Tudo estava do avesso hoje!

— Você prefere rum a vinho tinto, suponho, não? — indagou Rhett, estendendo a mão para o armário de bebidas e pegando uma garrafa atarracada. — Ela é uma nenenzinha linda, não é mesmo, Mammy?

— Si é! — respondeu Mammy, estalando os beiços e aceitando o copo.

— Você já viu outra mais bonita?

— Bão, a sinhá Scarlett era quase tão bunita assim neném, mas nem tanto.

— Tome outro, Mammy. E, Mammy — o tom foi sério, mas os olhos cintilaram —, que farfalhar é esse que estou ouvindo?

— Credo, sinhô Rhett, né nada não, só minha 'nágua di seda vremeia! — Mammy riu até o corpanzil estremecer.

— Só a sua anágua vermelha! Não acredito. Você faz um barulho que parece um monte de folhas secas se esfregando. Deixe-me ver. Levante a saia.

— Sinhô Rhett, o sinhô é mau! Ô, meu Deus!

Mammy deu um risinho e recuou. De uma distância de um metro, castamente ergueu o vestido alguns centímetros e mostrou o babado de uma anágua de tafetá vermelho.

— Você demorou um tempão para estrear — resmungou Rhett, mas seus olhos negros riam e dançavam.

— Foi, sim, tempo dimais.

Em seguida, Rhett disse algo que Wade não entendeu.

— Acabou a mula com arreio de cavalo?

— Sinhô Rhett, a sinhá Scarlett num divia tê contado! U sinhô num ficô cum raiva d’eu, ficô?

— Não, não fiquei. Só queria saber. Tome outro copo, Mammy. A garrafa toda. Beba, Wade! Façamos um brinde!

— À maninha! — exclamou Wade e tomou tudo de um só gole. Engasgou-se e teve soluço, e os outros dois riram e lhe deram palmadas nas costas.

A partir do momento em que a filha nasceu, a conduta de Rhett deixou todos os observadores perplexos e alterou muitas opiniões cristalizadas a seu respeito, opiniões que tanto a cidade quanto Scarlett precisaram aposentar. Quem imaginaria que logo ele se mostraria tão declaradamente orgulhoso da paternidade? Sobretudo tendo em vista a constrangedora circunstância de o seu primogênito ser do sexo feminino.

A novidade da paternidade não foi passageira, o que provocou inveja nas mulheres cujos maridos mostravam indiferença pela prole muito antes de os filhos serem batizados. Rhett parava as pessoas na rua para contar detalhes do miraculoso progresso da filha, sem sequer preceder suas observações com o prefácio hipócrita, mas educado: “Sei que todo mundo acha o próprio filho inteligente, mas…” Considerava a filha maravilhosa, incomparável a outras crianças, e não escondia isso. Quando a nova babá deixou que a bebê chupasse um pedaço de toucinho, o que provocou na menina o primeiro episódio de cólica, a conduta de Rhett fez pais e mães experientes explodirem em gargalhadas. Mandou chamar às pressas o dr. Meade e dois outros médicos e com dificuldade foi impedido de bater na pobre babá com um chicote. A babá foi demitida e desde então uma série delas passou pela casa, ficando no máximo uma semana. Nenhuma era suficientemente boa para satisfazer as exigências precisas que Rhett estabelecera.

Mammy também via com maus olhos as babás que entravam e saíam, pois tinha ciúmes de qualquer negra desconhecida e não via motivos para não cuidar, ela mesma, do bebê, de Wade e de Ella. Mas Mammy já dava sinais do peso da idade e o reumatismo vinha limitando seus movimentos. Rhett não tinha coragem de enumerar essas razões a fim de justificar a contratação de outra babá. Dizia, em vez disso, que um homem na sua posição não podia se dar ao

luxo de ter apenas uma babá. Não ficava bem. Empregaria duas outras para pegar no pesado e a deixaria como Mammy da casa. Isso ela entendeu muito bem. Um número maior de criados era um crédito para a sua posição, assim como para a de Rhett. Mas, como disse com firmeza ao patrão, não iria admitir que negras libertas invadissem seus domínios. Por isso, Rhett mandou buscar Prissy em Tara. Conhecia seus defeitos, mas, afinal, ela era uma negra da família. E tio Peter surgiu com uma sobrinha-neta chamada Lou que pertencera a um dos primos da srta. Pitty.

Mesmo antes de estar totalmente recuperada, Scarlett percebeu a preocupação de Rhett com o bebê, e ficava meio aborrecida e envergonhada com o orgulho que ele exibia diante das visitas. Tudo bem que um homem amasse seus filhos, mas ela sentia haver algo pouco másculo na exibição desse amor. Rhett deveria ser indiferente e descuidado, como os outros homens.

— Você está fazendo papel de bobo — disse, irritada —, e não vejo por quê.

— Não? Bom, não me espanta. O motivo é que ela é a primeira pessoa que me pertence totalmente.

— Ela pertence a mim também.

— Não, você tem outros dois filhos. Ela é minha.

— Pelas chamas do inferno! — exclamou Scarlett. — Eu tive o bebê, não tive? Além disso, meu bem, eu pertenço a você.

Rhett encarou-a por sobre os cabelos negros da filha e sorriu de forma estranha.

— Verdade, minha querida?

Apenas a entrada de Melanie encerrou uma daquelas brigas rápidas e calorosas que ultimamente pareciam brotar com tanta facilidade. Scarlett engoliu a raiva e observou Melanie pegar o bebê. O nome que havia sido acordado para a menina era Eugenie Victoria, mas naquela tarde Melanie involuntariamente a chamara por um nome que pegou, assim como “Pittypat” apagara qualquer lembrança de Sarah Jane.

Rhett, inclinando-se sobre a criança, dissera:

— Os olhos delas vão ser verde-ervilha.

— Não mesmo — exclamou Melanie, indignada, esquecida de que os de Scarlett eram quase desse tom. — Vão ser azuis, como os do sr. O’Hara, azuis

como a bandeira *bo*nnie blue.

— Bonnie Blue Butler — riu Rhett, pegando a menina no colo e examinando atentamente seus olhinhos. E Bonnie foi o nome que lhe coube, e até mesmo os pais não se lembravam de lhe terem dado o nome de duas rainhas.

Capítulo 51

Quando finalmente teve permissão para sair de casa, Scarlett mandou que Lou lhe apertasse o espartilho até que os cordões não mais suportassem. Então passou a fita métrica em volta da cintura. Cinquenta e um centímetros! Gemeu em voz alta. Era isso o que uma gravidez fazia com o corpo! Sua cintura estava tão grossa quanto a de tia Pitty, tão grossa quanto a de Mammy.

— Aperte mais, Lou. Veja se consegue que fique com 47,5, ou não vou conseguir entrar em nenhum dos meus vestidos.

— Vai rebentá us cordão — respondeu Lou. — A cintura grossô, sinhá Scarlett, num tem u qui fazê pra diminuí.

Tem o que fazer, sim, pensou Scarlett, enquanto rasgava com selvageria as costuras do vestido para acomodar os centímetros necessários. *Nunca mais ter*ei filhos.

Claro que Bonnie era bonita e um crédito para ela, e Rhett adorava a menina, mas não teria outro bebê. Como faria para evitá-lo ela não sabia, pois não conseguia manipular Rhett, como fizera com Frank. Rhett não a temia. Provavelmente seria difícil, já que ele agia de forma tão tola em relação a Bonnie e provavelmente iria querer um filho homem no ano seguinte, por mais que dissesse que afogaria qualquer menino que ela lhe desse. Bom, não lhe daria nem menino nem menina. Três filhos já bastavam para qualquer mulher.

Depois de refazer as costuras desfeitas, passar o vestido e abotoá-lo em Scarlett, Lou chamou a carruagem e a patroa partiu para o depósito de madeira. Animou-se ao sair e esqueceu a cintura, pois iria se encontrar com Ashley no depósito para examinarem a contabilidade. E, se tivesse sorte, talvez ficassem a sós. Ela não o via desde bem antes do nascimento de Bonnie. Não quisera vê-lo, estando tão obviamente grávida. E sentira muita saudade do contato diário com ele, ainda que sempre houvesse outras pessoas presentes. Sentira falta da atividade profissional enquanto estava enclausurada. Claro que agora não

precisava trabalhar. Podia vender as serrarias e investir o dinheiro em nome de Wade e Ella, mas isso significaria ficar praticamente sem encontrar Ashley, salvo em ocasiões sociais formais, com uma multidão à volta. E trabalhar ao lado de Ashley era seu maior prazer.

Chegando ao depósito, viu com interesse como estavam altas as pilhas de madeira e quantos fregueses se encontravam ali, conversando com Hugh Elsing. Viu também seis parelhas de mulas e carroças sendo carregadas pelos condutores negros. *Seis parelhas*, pensou, orgulhosa. *E fiz tudo iss*o sozinha!

Ashley veio até a porta do pequeno escritório, os olhos brilhando de satisfação por vê-la de novo, e ajudou-a a descer da carruagem e entrar no escritório como se fosse uma rainha.

Parte do prazer, porém, ficou comprometida quando ela examinou os livros da serraria e comparou os números aos de Johnnie Gallegher. Ashley mal conseguira pagar os custos, e Johnnie tinha a seu crédito uma soma notável. Ela evitou dizer qualquer coisa enquanto olhava as duas páginas, mas Ashley leu sua expressão.

— Scarlett, lamento. Tudo que posso dizer é que eu gostaria que você me deixasse empregar pretos libertos em lugar de arrendar prisioneiros. Acredito que eu poderia me sair melhor.

— Pretos! Ora, o salário deles nos quebraria. Prisioneiros custam pouco. Se Johnnie consegue esse lucro com eles…

Os olhos de Ashley se perderam além dos ombros de Scarlett, fitando algo que ela não podia ver, e o brilho de satisfação se apagou no olhar dele.

— Não consigo lidar com os prisioneiros como Johnnie Gallegher lida. Não posso espoliar esses homens.

— Pelo manto do Senhor! Johnnie lida muito bem. Ashley, você tem o coração mole demais. Devia fazer com que eles trabalhassem mais. Johnnie me contou que, quando um molengão quer escapar do trabalho, ele diz que está doente, e você lhe dá um dia de folga. Santo Deus, Ashley! Não é assim que se ganha dinheiro. Umas duas chicotadas curam qualquer doença que não seja uma perna quebrada…

— Scarlett! Scarlett! Pare! Não suporto ouvir você falar assim — gritou Ashley, voltando a olhar para ela com uma dureza que a calou. — Você não se

dá conta de que eles são gente? Alguns estão doentes, mal alimentados, infelizes… Meu Deus, não suporto ver como ele a embruteceu, você que sempre foi tão meiga.

— Quem me embruteceu?

— Eu tenho de falar e não tenho esse direito. Mas preciso falar. O seu… Rhett Butler. Ele envenena tudo que toca. E fez isso com você, que sempre foi tão doce, tão generosa, tão delicada, ainda que explosiva. Endureceu você, embruteceu-a com o convívio.

— Ah — murmurou Scarlett, a culpa brigando com a alegria por Ashley se importar tanto com ela, ainda achá-la meiga. Graças a Deus, ele achava que Rhett era culpado da sua avareza. Claro que Rhett nada tinha a ver com aquilo, e a culpa cabia a ela, mas, afinal, mais um ponto negativo para Rhett não lhe faria mal.

— Se fosse qualquer outro homem no mundo, eu não me importaria tanto, mas Rhett Butler! Eu vi o que ele fez com você. Sem que percebesse, ele moldou suas ideias para fazerem jus às dele. Ah, sim, eu sei que não devia dizer isso… Rhett salvou a minha vida, mas juro por Deus que gostaria que tivesse sido outro, não ele! E não tenho o direito de falar com você desse jeito…

— Ah, Ashley, você tem o direito… Só você, mais ninguém!

— Estou dizendo que não suporto ver seu bom caráter distorcido por ele, saber que a sua beleza e o seu encanto estão nas mãos de um homem que… Quando penso em você sendo tocada por ele, eu…

Ele vai me beijar!, pensou Scarlett, em êxtase. *E a culpa não será minha!* Aproximou-se de Ashley, mas ele recuou de repente, como se percebesse que falara demais, que dissera coisas que jamais pretendera dizer.

— Peço humildemente desculpas, Scarlett. Eu… Eu insinuei que o seu marido não é um cavalheiro, e com minhas próprias palavras provei que eu é que não sou. Ninguém tem o direito de criticar o marido para a esposa. Não tenho justificativa, salvo que… Salvo que… — A voz falhou, e seu rosto se contorceu. Scarlett aguardou sem fôlego. — Não tenho desculpa alguma.

Durante todo o caminho de volta, a cabeça dela não parou de funcionar. Desculpa alguma, salvo — salvo que a amava! E imaginá-la nos braços de Rhett despertava uma fúria nele que Scarlett jamais julgara possível. Bem, podia

entender isso. Se não fosse o fato de saber que o relacionamento dele com Melanie era, necessariamente, o mesmo de um irmão e uma irmã, a sua vida seria um tormento. E os abraços de Rhett a endureciam, a embruteciam! Ora, se Ashley pensava assim, ela podia muito bem passar sem esses abraços. Imaginou como seria romântico se ambos fossem fisicamente fiéis um ao outro, ainda que casados com terceiros. A ideia tomou conta da sua mente e lhe deu prazer. Ademais, havia o lado pragmático. Significaria não ter mais filhos.

Quando chegou em casa e dispensou a carruagem, parte da euforia que a ocupara desde que ouvira Ashley começou a diminuir ante a perspectiva de dizer a Rhett que queria quartos separados e tudo que aquele arranjo implicasse. Seria difícil. Além disso, como diria a Ashley que repelira Rhett devido a seus desejos? Qual a vantagem de um sacrifício se ninguém tomasse conhecimento dele? Que fardo eram o recato e a delicadeza! Se ao menos pudesse falar com Ashley com a mesma franqueza que usava com Rhett! Ora, paciência. Insinuaria de alguma forma a verdade a Ashley.

Subiu a escada e, abrindo a porta do quarto das crianças, encontrou Rhett sentado junto ao berço, com Ella no colo e Wade lhe mostrando o conteúdo do próprio bolso. Que bênção Rhett gostar de crianças e se divertir tanto com elas! Alguns padrastos eram tão azedos com os enteados!

— Quero falar com você — disse ela, seguindo para o quarto do casal.

Melhor acabar logo com o assunto enquanto estava imbuída da decisão de não ter mais filhos e enquanto o amor de Ashley lhe dava forças.

— Rhett — falou abruptamente depois que ele entrou e fechou a porta. — Resolvi que não quero mais ter filhos.

Se a declaração inesperada o espantou, ele não demonstrou. Dirigiu-se a uma cadeira e, se sentando, inclinou-a para trás.

— Querida, como eu já disse antes do nascimento de Bonnie, é irrelevante para mim que você tenha um filho ou vinte.

Quanta perversidade dele escapar tão bem do assunto, como se sua indiferença para a chegada de filhos nada tivesse a ver com a sua concepção.

— Acho que três já basta. Não pretendo ter um filho por ano.

— Três me parece um número adequado.

— Você sabe muito bem… — começou ela, o constrangimento lhe ruborizando as bochechas. — Você sabe o que isso significa?

— Sei. Você se dá conta de que posso me divorciar de você com base na sua recusa aos meus direitos maritais?

— Você é baixo o bastante para pensar numa coisa dessas — disse Scarlett, aborrecida porque a conversa não estava caminhando como planejara. — Se tivesse algum cavalheirismo, você… Você seria generoso como… Bom, veja Ashley Wilkes. Melanie não pode ter mais filhos e ele…

— Ashley, o rematado cavalheiro — disse Rhett, com os olhos faiscando estranhamente. — Por favor, prossiga com o seu discurso.

Scarlett engasgou, pois o discurso chegara ao fim e nada mais tinha a dizer. Agora via como havia sido tola ao ter a esperança de solucionar uma questão tão importante de forma amigável, sobretudo com um porco egoísta como Rhett.

— Você esteve no depósito de madeira esta tarde, não foi?

— O que isso tem a ver?

— Você gosta de cães, não gosta, Scarlett? Prefere que fiquem em canis ou à solta?

A alusão escapou a ela quando a onda de raiva e decepção a engolfou.Ele se levantou com agilidade e, se aproximando, pôs a mão sob o queixo da esposa e levantou-lhe o rosto com violência.

— Como você é infantil! Viveu com três homens e continua sem entender nada sobre a natureza masculina. Parece pensar que eles são velhas corocas passadas do climatério.

Beliscou-lhe a bochecha, brincalhão, e afastou a mão. Uma sobrancelha negra se ergueu quando ele lhe lançou um olhar demorado e indiferente.

— Scarlett, entenda o seguinte: se você e a sua cama ainda tivessem encantos para mim, não haveria tranca ou estratégias que me mantivessem ao largo. E eu não teria vergonha alguma do que fizesse, pois celebramos um acordo, acordo que sempre cumpri e que você está rompendo agora. Fique com a sua castidade, minha querida.

— Você está me dizendo — disse ela, com indignação — que não se importa…

— Você se cansou de mim, não foi? Ora, os homens se cansam com mais facilidade que as mulheres. Conserve a sua santidade, Scarlett. Não será um sacrifício para mim. Não faz diferença — disse ele, dando de ombros e rindo. — Felizmente o mundo está cheio de camas, e a maioria delas, cheia de mulheres.

— Você quer dizer que seria mesmo tão…

— Minha doce ingênua! Claro! É um espanto que eu não tenha pulado a cerca até agora. Nunca achei que fidelidade fosse uma virtude.

— Vou trancar a minha porta todas as noites.

— Para que se dar a esse trabalho? Se eu a desejasse, nenhuma tranca me impediria de entrar.

Ele se virou, como se o assunto estivesse encerrado, e saiu do quarto. Scarlett ouviu-o voltando ao quarto das crianças, onde foi recebido de braços abertos por elas. Sentou-se, então, de supetão. Conseguira o que queria. Aquilo era o que ela queria e o que Ashley queria. Mas não se sentia feliz. Sua vaidade fora ferida e ela ficou mortificada por Rhett ter encarado tudo com tamanha tranquilidade, por ele não desejá-la, por botá-la no nível de outras mulheres em outras camas.

Torceu para imaginar uma forma delicada de contar a Ashley que ela e Rhett não seriam mais marido e mulher de verdade. Mas sabia que não era possível. Tudo estava terrivelmente confuso agora e se arrependeu por abordar o assunto. Sentiria falta das longas conversas divertidas na cama com Rhett quando a brasa do seu charuto brilhava no escuro. Sentiria falta do conforto dos seus braços quando acordasse aterrorizada pelos sonhos onde corria sob a bruma fria.

De repente, sentiu-se profundamente infeliz e, deitando a cabeça no braço da cadeira, chorou.

Capítulo 52

Em uma tarde chuvosa, quando Bonnie acabara de fazer um ano, Wade vagava tristonho pela sala de estar, vez por outra chegando até a janela e achatando o nariz no vidro molhado. Era um menino esbelto, frágil, pequeno para os seus oito anos, quieto, quase tímido, que jamais falava, salvo quando solicitado. Estava entediado e obviamente sem ter o que fazer para se distrair, já que Ella brincava no canto com as suas bonecas, Scarlett estava sentada diante da escrivaninha falando sozinha enquanto somava algarismos em uma coluna comprida, e Rhett, deitado no chão, balançava a corrente do relógio, quase ao alcance da mãozinha de Bonnie.

Depois de ouvi-lo pegar vários livros e deixá-los cair ruidosamente e emitir profundos suspiros, Scarlett se virou para ele com irritação.

— Por favor, Wade! Vá brincar lá fora.

— Não posso. Está chovendo.

— Sério? Não reparei. Bom, faça alguma coisa. Está me deixando nervosa, andando para lá e para cá. Vá dizer a Pork para chamar a carruagem e levar você para brincar com Beau.

— Beau saiu — respondeu Wade com um suspiro. — Foi à festa de aniversário de Raoul Picard.

Raoul era o caçula de Maybelle e René Picard — um pestinha detestável, pensava Scarlett, mais parecido com um macaco do que com uma criança.

— Ora, você pode visitar quem quiser. Vá falar com Pork.

— Ninguém está em casa — respondeu Wade. — Todos foram à festa.

As palavras não ditas — “todos, menos eu” — pairaram no ar, mas Scarlett, a cabeça nos livros contáveis, não deu atenção.

Rhett sentou-se no chão e indagou:

— Por que você não está na festa também, filho?

Wade se aproximou do padrasto, arrastando os pés com expressão infeliz.

— Porque não fui convidado, senhor.

Rhett entregou o relógio nas mãozinhas destrutivas de Bonnie e se pôs de pé.

— Largue essas malditas contas, Scarlett. Por que Wade não foi convidado para essa festa?

— Pelo amor de Deus, Rhett! Não me incomode agora. Ashley fez a maior confusão com essas contas… Ah, essa festa? Bom, acho que não há nada de extraordinário no fato de Wade não ter sido convidado, e eu não o deixaria ir caso o convidassem. Não se esqueça de que Raoul é neto da sra. Merriwether e seria mais fácil a sra. Merriwether receber um preto liberto na sua sagrada sala de estar do que um de nós.

Rhett, observando o rosto de Wade com olhar meditativo, viu o menino se encolher.

— Venha cá, filho — falou, puxando o garoto para perto. — Você gostaria de estar nessa festa?

— Não, senhor — respondeu corajosamente Wade, porém baixando o olhar.

— Hum. Me diga, Wade, você vai às festas de Joe Whiting ou de Frank Bonnell, ou de… Ora, de algum dos seus amiguinhos?

— Não, senhor. Não me convidam para muitas festas.

— Wade, você está mentindo — disse Scarlett, se virando. —Você foi a três na semana passada, a dos filhos dos Barts, dos Gelerts e dos Hundons.

— Uma coleção de mulas com arreios de cavalo — disse Rhett, a voz baixando para um murmúrio suave. — Você se divertiu nessas festas? Fale.

— Não, senhor.

— Por que não?

— Eu… eu não sei. Mammy… Mammy diz que eles são ralé branca.

— Vou escalpelar Mammy agorinha mesmo! — gritou Scarlett, pondo-se de pé em um salto. — E quanto a você, Wade, falando assim dos amigos da mamãe…

— O menino falou a verdade, assim como Mammy — disse Rhett. — Mas, é claro, você nunca seria capaz de reconhecer a verdade se cruzasse com ela na rua… Não se preocupe, filho. Não precisa ir a nenhuma outra festa se não quiser. Tome — falou, tirando uma nota do bolso —, diga a Pork para preparar a

carruagem e levar você ao centro. Compre umas balas, um monte de balas. O suficiente para lhe dar uma bela dor de barriga.

Wade, satisfeito, embolsou a nota e olhou ansioso para a mãe em busca de confirmação. Ela, porém, com as sobrancelhas franzidas, fitava Rhett, que pegara Bonnie do chão e a embalava no colo, o rostinho da menina encostado no do pai. Scarlett não conseguia interpretara expressão do marido, mas havia um quê de medo e autoacusação nos olhos dele.

Wade, encorajado pela generosidade do padrasto, aproximou-se timidamente:

— Tio Rhett, posso perguntar uma coisa?

— Claro — respondeu Rhett, um pouco ansioso, aproximando mais do peito a filha. — O que é, Wade?

— Tio Rhett, você… você lutou na guerra?

Os olhos de Rhett, atentos, encararam Wade com atenção, mas a voz que respondeu foi serena.

— Por que está perguntando isso, filho?

— Bom, Joe Whiting disse que não, e Frankie Bonnell também.

— Ah, e o que você disse a eles?

Wade pareceu infeliz.

— Eu… Eu disse…disse que não sabia. — E acrescentou imediatamente: — Mas que não me importava. E bati neles. Você lutou na guerra, tio Rhett?

— Sim — respondeu Rhett com uma violência repentina. — Lutei na guerra, servi o Exército durante oito meses. Lutei desde Lovejoy até Franklin, no Tennessee. E estava com Johnston quando ele se rendeu.

Wade inchou de orgulho, mas Scarlett riu.

— Achei que você tinha vergonha do seu histórico de guerra. Não me pediu para manter segredo sobre isso?

— Chega — disse ele curtamente. — Isso basta para você, Wade?

— Claro que sim, senhor! Eu sabia que o senhor tinha lutado na guerra. Sabia que não tinha ficado com medo, como eles disseram. Mas… Por que o senhor não lutou com os pais dos meninos?

— Porque os pais dos outros meninos eram tão idiotas que precisaram ficar na infantaria. Eu fui de West Point e me puseram na artilharia, Wade, não na Guarda Estadual. É preciso um bocado de juízo para lutar na artilharia, Wade.

— Aposto que sim — concordou Wade, com expressão eufórica. — O senhor foi ferido, tio Rhett?

Rhett hesitou.

— Conte a ele da sua disenteria — zombou Scarlett.

Rhett cuidadosamente pôs a filha no chão e puxou a camisa e a camiseta que usava por baixo para fora da calça.

— Venha cá, Wade, e eu lhe mostro onde fui ferido.

Wade obedeceu, empolgado, e olhou para onde apontava o dedo de Rhett. Uma comprida cicatriz atravessava o peito moreno, chegando até o abdome musculoso. Era a lembrança de uma briga de faca nos campos dourados da Califórnia, mas Wade não sabia disso. Respirou animado e feliz.

— Acho que o senhor foi quase tão corajoso quanto o meu pai, tio Rhett.

— Quase, mas não tanto — disse Rhett, tornando a pôr as camisas para dentro da calça. — Agora vá gastar seu dólar e tirar o couro de qualquer garoto que diga que não lutei na guerra.

Wade saiu rodopiando alegremente e chamando Pork, e Rhett tornou a pegar sua bebê no colo.

— Por que todas essas mentiras, meu galante soldado? — indagou Scarlett.

— Um menino precisa se orgulhar do pai… Ou do padrasto. Não posso permitir que sinta vergonha na frente daqueles outros pestinhas. Crianças são criaturas cruéis.

— Ah, conversa fiada!

— Nunca imaginei o que isso significava para Wade — disse Rhett, devagar. — Nunca imaginei como ele sofria. E não vai ser assim com Bonnie.

— Assim como?

— Você acha que vou deixar a minha Bonnie se envergonhar do pai? Que vou deixar que seja excluída das festas quando tiver nove ou dez anos? Você acha que vou permitir que ela seja humilhada por coisas que não são culpa dela, mas minha e sua?

— Ah, as festas das crianças!

— Das festas das crianças saem as festas de debutantes. Você acha que vou deixar a minha filha crescer excluída de tudo que é decente em Atlanta? Me recuso a mandá-la estudar no Norte porque não será aceita aqui ou em

Charleston ou em Savannah ou em Nova Orleans. E não vou admitir que seja forçada a se casar com um ianque ou com um estrangeiro porque nenhuma família sulista decente se disponha a recebê-la, pois a mãe foi uma tola e o pai um velhaco.

Wade, que voltara até a porta, escutava com interesse, mas sem entender direito.

— Bonnie pode se casar com Beau, tio Rhett.

A raiva sumiu do rosto de Rhett quando ele se virou para encarar o menino, e ele pesou as palavras com aparente seriedade, como sempre fazia ao lidar com as crianças.

— É verdade, Wade. Bonnie pode se casar com Beau Wilkes, mas com quem você vai se casar?

— Ah, não vou me casar com ninguém — respondeu Wade, confiante, eufórico por conversar de homem para homem com a única pessoa, com exceção da tia Melly, que jamais o reprovava e sempre o encorajava. — Vou para Harvard e serei advogado, como o meu pai, e depois serei um soldado corajoso como ele.

— Eu gostaria que Melly ficasse de boca calada — exclamou Scarlett. — Wade, você não vai para Harvard, que é uma escola ianque, e eu não vou deixar você estudar numa escola ianque. Você vai para a Universidade da Geórgia e depois que se formar vai cuidar do armazém para mim. E quanto a seu pai ser um soldado corajoso…

— Chega — interrompeu Rhett, que não deixara de notar o brilho nos olhos de Wade ao falar do pai que não conhecera. — Cresça e seja um homem corajoso como seu pai, Wade. Tente ser igualzinho a ele, pois ele foi um herói, e não deixe que lhe digam o contrário. Ele se casou com a sua mãe, não foi? Isso demonstra um bocado de heroísmo. E vou providenciar para que você vá para Harvard e se torne advogado. Agora, vá chamar Pork para levar você ao centro.

— Vou lhe agradecer se me deixar lidar com meus filhos — reclamou Scarlett quando Wade obedientemente saiu da sala.

— Você é péssima nisso. Já estragou todas as chances de Ella e de Wade, mas não vou permitir que faça o mesmo com Bonnie. Bonnie vai ser uma princesinha e todo mundo há de querer recebê-la. Não haverá lugar a que ela não possa ir.

Santo Deus, você acha que vou deixar que ela cresça e conviva com a escória que enche esta casa?

— Eles são bons o bastante para você…

— E bons demais para você, querida. Mas não para Bonnie. Você acha que vou permitir que ela se case com algum membro desse bando de renegados com que você passa o seu tempo? Irlandeses oportunistas, ianques, ralé branca, *carpetbaggers* novos-ricos… Minha Bonnie, com seu sangue Butler e sua linhagem Robillard…

— Os O'Haras…

— Os O'Haras podem ter sido reis da Irlanda um dia, mas seu pai não passava de um oportunista esperto. E você não é melhor… Por outro lado, a culpa é minha também. Passei a vida como um morcego saído do inferno, jamais dando a mínima para o que fazia, porque nada me importava. Mas Bonnie importa. Deus, como fui tolo! Bonnie não será recebida em Charleston não importa o que minha mãe ou suas tias Eulalie e Pauline tenham sido… e é óbvio que não será recebida aqui a menos que façamos algo rapidamente…

— Ah, Rhett, você leva isso tão a sério que é até engraçado. Ora, com o nosso dinheiro…

— Que se dane o nosso dinheiro! Todo o nosso dinheiro não pode comprar o que eu quero para ela. Mil vezes prefiro que Bonnie seja convidada para comer pão dormido na casa miserável dos Picard ou no celeiro caindo aos pedaços da sra. Elsing do que ser a beldade de um baile Republicano presidencial. Scarlett, você foi muito boba. Deveria ter garantido para seus filhos um lugar na sociedade anos atrás… Mas não fez isso. Sequer se deu ao trabalho de manter a posição que tinha. E é demais esperar que tome jeito a esta altura. Você almeja demais ganhar dinheiro e gosta demais de abusar das pessoas.

— Considero tudo isso uma tempestade em copo d'água — disse Scarlett, com frieza, arrumando seus papéis para indicar que, no que lhe dizia respeito, a discussão estava encerrada.

— Só contamos com a sra. Wilkes para nos ajudar, e você faz o possível para afastá-la e ofendê-la. Ah, por favor, me poupe das suas observações sobre a pobreza e as roupas sem graça dela. Ela é a alma e o centro de tudo que brilha

em Atlanta. Agradeço a Deus por ela existir. A sra. Wilkes vai me ajudar a dar um jeito nisso.

— Fazendo o que, posso saber?

— O quê? Vou cultivar todas as megeras da Velha Guarda desta cidade, sobretudo a sra. Merriwether, a sra. Elsing, a sra.Whiting e a sra. Meade. Se precisar rastejar para toda essa gataria velha que me odeia, rastejarei. Aceitarei docilmente a frieza com que me tratarem e me mostrarei arrependido do meu passado sórdido. Contribuirei para as malditas obras de caridade delas e frequentarei suas malditas igrejas. Reconhecerei e me gabarei do meu serviço à Confederação e, na pior das hipóteses, me juntarei à maldita Klan… embora eu não creia que um Deus misericordioso fosse pôr uma penitência tão pesada em meus ombros. E não hesitarei em recordar aos tolos cujos pescoços salvei que eles são meus devedores. E você, minha senhora, se absterá por gentileza de desmanchar meu trabalho pelas minhas costas, executando hipotecas de qualquer uma das pessoas que eu cortejar ou vendendo a elas madeira podre ou insultando-as de outras maneiras. E o governador Bullock nunca mais porá os pés nesta casa, entendido? E ninguém desse bando de ladrões elegantes com que você anda também. Se os convidar, contrariando minha ordem, passará a vergonha de não haver anfitrião em casa. Se eles vierem a esta casa, estarei no bar de Belle Watling contando a quem quer que se disponha a ouvir que me recuso a ficar sob o mesmo teto que eles.

Scarlett, que fora ficando enfurecida com as palavras dele, riu brevemente.

— Então, o apostador e especulador vai ser respeitável! Bom, seu primeiro passo para a respeitabilidade deveria ser a venda da casa de Belle Watling.

Foi um tiro no escuro. Ela jamais tivera certeza absoluta de que Rhett fosse o proprietário da casa. Ele riu de repente, como se lesse a mente de Scarlett.

— Obrigado pela sugestão.

Nem se tivesse tentado, Rhett teria podido escolher época mais difícil para recuperar a respeitabilidade. Jamais antes ou depois os termos Republicano e *scallawag* personificaram tanto ódio, pois então a corrupção do regime

carpetbagger estava no auge. E, desde a rendição, o nome de Rhett ficara inexoravelmente ligado aos ianques, Republicanos e *s*callawags.

Os habitantes de Atlanta haviam pensado com uma fúria impotente, em 1866, que nada poderia ser pior do que o domínio militar rígido que tinham então, mas agora, com Bullock, viam que tinham se equivocado. Graças ao voto negro, os Republicanos e seus aliados se encontravam firmemente entrincheirados e espezinhavam a minoria desprovida de poder, porém ativa nos protestos.

Espalhou-se entre os negros a notícia de que havia apenas dois partidos políticos mencionados na Bíblia, os publicanos e os pecadores. Nenhum negro queria pertencer a um partido constituído totalmente de pecadores, por isso todos se apressaram a cerrar fileiras com os Republicanos. Seus novos senhores os faziam votar repetidas vezes, elegendo brancos pobres e *scallawags* para altos postos e elegendo até mesmo alguns negros. Esses negros ocupavam cadeiras no Legislativo, onde passavam a maior parte do tempo comendo amendoim e calçando e descalçando os sapatos novos dos pés desabituados. Poucos sabiam ler ou escrever. Tinham acabado de sair dos campos de algodão e bambuzais, mas detinham o poder de votar impostos e títulos de dívidas, bem como verbas enormes para si mesmos e seus amigos Republicanos. E votavam. O estado vacilava sob impostos pagos com raiva, pois os contribuintes sabiam que a maior parte do dinheiro destinado a finalidades públicas estava indo para bolsos privados.

Cercando por completo a capital do estado, havia uma multidão de incorporadores, especuladores, interessados em contratos públicos e outros que esperavam lucrar com a orgia de gastos. Muitos vinham ficando despudoradamente ricos. Não encontravam a menor dificuldade em obter o dinheiro do estado para construir ferrovias que jamais eram construídas, para comprar veículos e máquinas que jamais eram comprados, para erguer prédios públicos que existiam apenas na mente daqueles incorporadores.

Emitiam-se títulos no valor de milhões. A maioria era ilegal e fraudulenta, mas eram emitidos mesmo assim. O secretário do tesouro, que era Republicano, mas honesto, protestava contra a emissão ilegal e se recusava a assiná-la, mas ele e outros que tentavam coibir os abusos nada podiam fazer contra a maré predominante.

A ferrovia estatal havia sido um dia um bem valioso, mas agora era deficitária, e suas dívidas chegavam à cifra de um milhão. Já não era uma ferrovia, mas um enorme canal onde os porcos comiam e chafurdavam. Muitas autoridades eram nomeadas por motivos políticos, independentemente do seu conhecimento do funcionamento de ferrovias, e havia três vezes o número necessário de funcionários empregados; os Republicanos viajavam de graça com passes, multidões de negros passeavam de graça pelo estado para votar e revotar nas mesmas eleições.

A má administração da estrada estadual enfurecia especialmente os contribuintes, pois dos lucros advindos da estrada saía o dinheiro para as escolas gratuitas. No entanto, como não havia lucro, mas apenas prejuízo, não havia escolas gratuitas. Poucos tinham recursos para mandar os filhos para escolas pagas e uma geração inteira crescia ignorante para espalhar as sementes da falta de instrução ao longo dos anos seguintes.

Contudo, muito maior que a raiva com o desperdício, a má administração e a corrupção era o ressentimento do povo com a péssima forma como o governador representava o seu estado no Norte. Quando a Geórgia se rebelou contra a corrupção, o governador correu para o Norte, foi ao Congresso e denunciou as atrocidades contra os negros, os preparativos da Geórgia para uma outra rebelião e mostrou a necessidade de um domínio militar duro no estado. Nenhum georgiano desejava problema com os negros, e tentavam evitá-los. Ninguém queria outra guerra, ninguém desejava ser governado à ponta de uma baioneta nem precisava disso. Tudo que a Geórgia queria era ser deixada em paz para que o estado pudesse se recuperar. Mas com a utilização do que veio a ser conhecido como a “fábrica de calúnias” do governador, o Norte via apenas um estado rebelde que precisava de mão de ferro, e a mão de ferro lhe foi imposta.

Foi uma gloriosa farra para o bando que segurava a corda em torno do pescoço da Geórgia. Havia uma orgia de rapinagem e, acima de tudo, um cinismo frio sobre a roubalheira ostensiva nos cargos de comando, que era difícil de assistir. Protestos e tentativas de resistência não deram em nada, pois o governo estadual vinha sendo apoiado pelo poder do Exército dos Estados Unidos.

Atlanta amaldiçoava o nome de Bullock e seus *scallawags* e Republicanos, além do nome de qualquer um que mantivesse conexões com eles. E Rhett tinha conexões com eles. Participara com eles, segundo se dizia, em todos os seus esquemas. Agora, porém, se virava contra a corrente na qual navegara tão pouco tempo antes e começava a nadar arduamente contra ela.

Prosseguiu em sua campanha lentamente, com sutileza, sem levantar as suspeitas de Atlanta com o espetáculo de um leopardo tentando trocar de pele da noite para o dia. Evitava seus companheiros dúbios e não mais era visto na companhia de oficiais ianques, *scallawags* e Republicanos. Comparecia às manifestações Democratas e ostensivamente votou no Partido Democrata. Abriu mão do carteado com altas apostas e se manteve relativamente sóbrio. Quando ia — se ia — à casa de Belle Watling, fazia isso à noite e com discrição, como era comum entre cidadãos mais respeitáveis, em lugar de deixar o próprio cavalo amarrado em frente à porta durante a tarde, alardeando a sua presença no interior da casa.

E a congregação da Igreja Episcopal quase caiu de seus bancos quando ele entrou devagarinho, atrasado para o culto, segurando a mão de Wade. A congregação se espantou tanto com a presença de Wade quanto com a de Rhett, já que o menino supostamente era católico. Ao menos, a mãe era. Ou se supunha que fosse. Mas ela não punha o pé na igreja fazia anos, pois a religião já não fazia parte da sua vida, assim como vários outros ensinamentos que recebera de Ellen. Todos achavam que Scarlett negligenciava a educação religiosa do filho, e a opinião que tinham de Rhett melhorou devido à sua tentativa de remediar a situação, ainda que ele levasse o garoto à igreja episcopal e não à católica.

Rhett podia ser sério e encantador quando optava por refrear a língua e evitar que a malícia se insinuasse em seu olhar. Há anos não fazia tal opção, mas decidiu fazê-la agora, adotando seriedade e charme e até mesmo escolhendo coletes de tons mais sóbrios. Não foi difícil obter atitudes amigáveis dos homens que deviam a ele os próprios pescoços e que teriam demonstrado gratidão muito antes, se Rhett não agisse como se essa gratidão fosse algo insignificante. Agora, Hugh Elsing, René, os irmãos Simmons, Andy Bonnell e os outros o achavam agradável, hesitante em se impor e constrangido quando os ouvia falar da dívida que tinham com ele.

— Não foi nada — protestava. — No meu lugar, vocês teriam feito a mesma coisa.

Rhett contribuiu generosamente para o fundo destinado aos reparos da igreja episcopal e fez uma doação vultosa, porém não tanto a ponto de parecer vulgar, para a Associação pelo Embelezamento dos Túmulos dos Nossos Mortos Gloriosos. Procurou pessoalmente a sra. Elsing para lhe entregar a contribuição e com constrangimento lhe implorou que mantivesse em segredo a doação, sabendo muito bem que tal pedido a impeliria a espalhar a notícia. A sra. Elsing odiou aceitar o dinheiro dele — "dinheiro de especulação" —, mas a associação precisava muito de recursos.

— Não vejo por que justamente o senhor queira contribuir — comentou com azedume.

Quando Rhett lhe contou com o devido tom sóbrio que fora levado a contribuir em memória de ex-companheiros de armas, mais corajosos, porém menos afortunados que ele, que agora jaziam em túmulos anônimos, o queixo aristocrático da sra. Elsing caiu. Dolly Merriwether lhe disse que Scarlett havia contado que o capitão Butler servira o Exército, mas lógico que ela não acreditara. Ninguém acreditou.

— O senhor no Exército? Qual foi o seu pelotão… O seu regimento?

Rhett informou.

— Ah, a artilharia! Todos que eu conheço lutaram na cavalaria ou na infantaria. Ora, isso explica… — interrompeu-se, desconcertada, esperando ver malícia no olhar dele. Mas Rhett apenas baixou os olhos e se entreteve com a corrente do relógio.

— Eu teria gostado de lutar na infantaria — falou, ignorando por completo a insinuação da idosa —, mas quando souberam que fui de West Point, embora não tenha me formado, sra. Elsing, por causa de uma brincadeira juvenil, me mandaram para a artilharia, a artilharia regular, não a miliciana. Precisavam de homens com conhecimento especializado naquela última campanha. A senhora sabe como foram pesadas as baixas, muitos soldados da artilharia morreram. Era muito solitário lutar na artilharia. Não encontrei uma alma que eu conhecesse. Não creio que tenha visto um único morador da Geórgia durante todo o meu período de serviço.

— Muito bem! — disse a sra. Elsing, confusa. Se ele lutara no Exército, ela cometera um erro. Fizera muitos comentários maldosos sobre a covardia do capitão e agora se sentia culpada. — Muito bem! E por que não contou a ninguém sobre isso? O senhor age como se tivesse vergonha de ter lutado na guerra.

Rhett encarou-a diretamente, o rosto sem expressão.

— Sra. Elsing — falou com sinceridade —, acredite quando digo que sinto mais orgulho dos meus préstimos à Confederação do que de qualquer outra coisa que fiz ou farei. Sinto… Sinto…

— Por que, então, guarda segredo a respeito?

— Eu me envergonhava de mencionar, em vista de… Em vista de minhas ações anteriores.

A sra. Elsing relatou a contribuição e a conversa, em detalhes, à sra. Merriwether.

— E, Dolly, dou a minha palavra, quando ele falou sobre sentir vergonha, os olhos se encheram de lágrimas! Sim, lágrimas! Eu mesma quase chorei.

— Baboseira! — exclamou a sra. Merriwether, descrente. — Não acredito que os olhos dele se encheram de lágrimas nem que ele lutou no Exército. E posso descobrir com a maior facilidade. Se ele esteve na artilharia, posso saber a verdade, pois o coronel Carleton, que era o comandante, se casou com a filha de uma das irmãs do meu avô e eu vou escrever para ele.

A sra. Merriwether escreveu para o coronel Carleton e, consternada, recebeu uma resposta elogiando os serviços de Rhett em termos categóricos. Um artilheiro nato, um soldado corajoso e um cavalheiro estoico, um homem modesto que sequer aceitou o posto de oficial de carreira quando lhe foi oferecido.

— Muito bem! — exclamou a sra. Merriwether, mostrando a carta à sra. Elsing. — Pode me passar uma carraspana! Talvez tenhamos feito mau juízo do vigarista por não ter se alistado. Talvez devêssemos ter acreditado quando Scarlett e Melanie disseram que ele se alistou no dia em que a cidade caiu. De todo jeito, ele é um *scallawag* e um vigarista e eu não gosto dele!

— Por algum motivo… — começou, hesitante, a sra. Elsing — Por algum motivo, não acho que ele seja tão ruim. Um homem que lutou pela Confederação

não pode ser totalmente mau. Scarlett é que é ruim. Sabe, Dolly, eu acho mesmo que ele… Bem, que ele tem vergonha de Scarlett, mas é cavalheiro demais para demonstrar.

— Vergonha! Conversa! Os dois são farinha do mesmo saco. De onde foi que você tirou essa ideia estapafúrdia?

— Não é estapafúrdia — rebateu a sra. Elsing, indignada. — Ontem, debaixo de chuva torrencial, ele estava com as três crianças, a bebezinha inclusive, veja só, na carruagem passeando para cima e para baixo na rua Peachtree, e me deu uma carona até em casa. E quando falei "Capitão Butler, o senhor perdeu o juízo para deixar essas crianças na friagem? Devia levá-las para casa!", ele ficou mudo, mas constrangido. Aí a Mammy disse: "A casa tá cheia di ralé branca i é mió pras criança ficá na chuva du qui im casa!"

— E o que ele disse?

— Ia dizer o quê? Olhou feio para Mammy e ignorou. Você sabe que Scarlett ofereceu uma grande festa ontem à tarde com todas essas mulheres vadias. Acho que ele não queria que beijassem a filhinha.

— Muito bem! — exclamou a sra. Merriwether, vacilando, mas ainda obstinada. Na semana seguinte, porém, também ela capitulou.

Rhett agora tinha uma mesa no banco. O que ele fazia ali os confusos funcionários do banco ignoravam, mas era dono de uma fatia grande demais do patrimônio para que protestassem contra a sua presença. Depois de um tempo, esqueceram-se do motivo das objeções passadas, já que ele era calado e bem-educado e realmente entendia um pouco sobre atividade bancária e investimentos. De toda forma, passava o dia sentado à sua mesa, parecendo concentrado e competente, pois desejava estar em pé de igualdade com os demais cidadãos respeitáveis da cidade que trabalham e trabalhavam muito.

A sra. Merriwether, que queria expandir sua padaria de sucesso, tentara conseguir um empréstimo de dois mil dólares no banco, dando a própria casa como garantia. O empréstimo havia sido negado, pois a casa já tinha duas hipotecas. A idosa estava saindo zangada do banco quando foi parada por Rhett, que, informado do problema, disse, preocupado:

— Deve haver algum engano, sra. Merriwether. Algum engano terrível. Logo a senhora, que não devia se preocupar com garantia! Ora, eu lhe emprestarei o

dinheiro apenas pela sua palavra! Qualquer pessoa capaz de construir o negócio que a senhora construiu é o risco mais positivo do mundo! O banco quer emprestar dinheiro para pessoas assim. Vamos, sente aqui na minha cadeira, que eu vou providenciar.

Quando voltou, Rhett sorriu com simpatia e disse que tinha havido um engano, exatamente como imaginara. Os dois mil dólares já estavam disponíveis para quando ela desejasse sacá-los. Quanto à casa… Será que ela podia simplesmente assinar aquele documento?

A sra. Merriwether, cheia de indignação e ofendida, furiosa por ter de aceitar aquele favor de um homem que detestava e em quem não confiava, não se mostrou muito pródiga em agradecimentos.

Mas Rhett não reparou. Quando a levou até a porta, falou:

— Sra. Merriwether, sempre admirei muito a sua experiência e me pergunto se a senhora poderia me dar um conselho.

As plumas do chapéu da velha mal se mexeram quando ela assentiu.

— O que a senhora fazia quando a sua Maybelle era pequena e chupava o dedo?

— Como?

— A minha Bonnie chupa o dedo. Não consigo fazê-la parar.

— Precisa fazer — disse a sra. Merriwether com vigor. — Vai deformar a boquinha dela.

— Eu sei! Eu sei! E ela tem uma boca linda. Mas não sei o que fazer.

— Ora, Scarlett deve saber — disse a sra. Merriwether. — Ela já teve dois filhos.

Rhett baixou os olhos para o sapato e soltou um suspiro.

— Tentei pôr sabão debaixo das unhas — disse ele, ignorando a observação sobre Scarlett.

— Sabão! Argh! Sabão não presta para nada. Pus quinino no dedão de Maybelle e vou lhe dizer, capitão Butler, ela parou de chupar o dedo rapidinho.

— Quinino! Eu jamais pensaria nisso! Não sei como agradecer, sra. Merriwether. Eu estava preocupado.

Ele sorriu para ela de forma tão amável, tão agradecida, que a sra. Merriwether ficou ali parada, confusa, um instante. Mas, quando se despediu,

sorriu também. Detestou admitir para a sra. Elsing que julgara mal o sujeito, mas era uma pessoa honesta e disse que devia haver algo de bom em um homem que amava a filha. Que pena que Scarlett não se interessasse por uma menina tão linda como Bonnie! Era meio patético um homem tentar criar sozinho uma menininha! Rhett sabia muito bem como encenar o espetáculo, e se a reputação de Scarlett ficasse enxovalhada, pouco se lhe dava.

Assim que a criança começou a andar, ele a levava para todo lado, na carruagem ou na parte da frente da sela. Quando chegava em casa do banco, à tarde, levava-a para caminhar na rua Peachtree, segurando-lhe a mão, reduzindo as passadas longas para acompanhar os passinhos miúdos da filha, pacientemente respondendo às mil e uma perguntas dela. As pessoas sempre ficavam nos gramados ou nas varandas na hora do crepúsculo e, sendo Bonnie uma menina bonita e afável, com seus cachos negros e olhos azuis brilhantes, poucos conseguiam resistir a falar com ela. Rhett jamais participava daquelas conversas, mas postava-se a seu lado, transpirando orgulho paternal e satisfação com a atenção prestada à filha.

Atlanta tinha boa memória e era desconfiada e resistente com relação a mudanças. Era uma época difícil e havia ressentimento contra qualquer um que tivesse mantido algum tipo de contato com Bullock e sua turma. Mas Bonnie combinava o melhor do charme de Scarlett e de Rhett e foi a pequena brecha pela qual Rhett penetrou a muralha de gelo da cidade.

Bonnie crescia rapidamente e cada dia ficava mais evidente que Gerald O’Hara era seu avô. Ela tinha pernas curtas e rechonchudas e enormes olhos de um azul irlandês e um queixinho quadrado típico de quem estava determinado a conseguir o que queria. Tinha o humor impulsivo de Gerald, que expressava em ataques de gritos, esquecidos tão logo seus desejos eram satisfeitos. E, desde que o pai estivesse por perto, eles eram sempre rapidamente satisfeitos. Ele a mimava, a despeito das tentativas de Mammy e de Scarlett para impedir, pois em tudo ela o agradava, salvo por uma coisa: medo do escuro.

Até os dois anos de idade, ela pegava no sono prontamente no quarto que dividia com Wade e Ella. Então, sem motivo aparente, começara a soluçar quando Mammy saía do quarto levando o lampião. Daí passou a acordar a altas

horas da noite, gritando de terror, assustando os irmãos e alarmando todos na casa. Certa vez, o dr. Meade precisou ser chamado e Rhett se aborreceu quando o ouviu diagnosticar pesadelos apenas. Tudo que se podia extrair da menina era uma única palavra: “Escuro”.

Scarlett tinha tendência a se irritar com a filha e prescrever palmadas. Não deixava um lampião aceso no quarto, como queria a menina, pois dessa forma Wade e Ella não conseguiam dormir. Rhett, preocupado, mas carinhoso, tentando obter mais informações da filha, dizia que se ela apanhasse ele pessoalmente bateria em Scarlett.

O resumo da ópera foi que Bonnie acabou saindo do quarto das crianças e levada para o que Rhett agora ocupava sozinho. Colocaram sua caminha ao lado da cama grande do pai e um lampião sombreado ficava aceso na mesinha a noite toda. A cidade fervilhou quando a notícia correu. Por algum motivo, havia algo impróprio em uma filha dormir no quarto do pai, ainda que tivesse apenas dois anos de idade. Scarlett foi atingida pelos mexericos de duas maneiras. Primeiro, por ficar indubitavelmente provado que ela e o marido dormiam em quartos separados, algo que em si já era chocante. Segundo, todos achavam que, se a menina tinha medo de dormir sozinha, seu lugar seria ao lado da mãe. E Scarlett não estava disposta a explicar que não conseguia dormir com claridade nem que Rhett não permitiria que a filha dormisse com ela.

— Você jamais acordaria, a menos que ela gritasse, e aí você provavelmente lhe daria um tapa — disse ele curtamente.

Scarlett se irritava com a atenção dada pelo marido aos terrores noturnos de Bonnie, mas se achava capaz de remediar as coisas de alguma forma e devolver a menina ao quarto das crianças. Toda criança tinha medo de escuro e a única cura para isso era a firmeza. Rhett estava apenas sendo perverso, fazendo-a parecer uma péssima mãe, tão somente para fazê-la pagar por tê-lo banido do quarto de casal.

Ele jamais pusera o pé no quarto dela e sequer mexera na maçaneta desde a noite em que ouvira que ela não queria mais filhos. Desde então e até que começasse a ficar em casa por conta dos medos de Bonnie, com mais frequência ele estivera ausente do que presente à mesa do jantar. Às vezes passava a noite toda fora e Scarlett, deitada insone com a porta do quarto trancada, ouvindo o

relógio marcar as horas do alvorecer, se perguntava onde o marido estaria. Lembrava-se das palavras “Existem outras camas, minha querida!”. Embora a ideia a fizesse se contorcer, nada havia a fazer a respeito. Ela nada podia dizer que não deslanchasse uma cena em que com certeza ele mencionaria a porta trancada e a possível conexão de Ashley com isso. Sim, a tolice de deixar Bonnie dormir em um quarto claro — no quarto claro dele — não passava de uma forma de vingança.

Scarlett não se deu conta da importância que ele dava às tolices de Bonnie nem da profundidade da sua dedicação à menina até uma noite pavorosa. A família jamais esqueceria aquela noite.

Naqueledia, Rhett se encontrara com um antigo furador de bloqueios e os dois haviam tido muito a conversar. Onde transcorrera aquela conversa acompanhada de drinques, Scarlett não sabia, mas desconfiava ter sido, claro, na casa de Belle Watling. Rhett não voltou para casa à tarde para levar Bonnie para a caminhada nem apareceu para jantar. Bonnie, que aguardara na janela, impaciente, a tarde toda, ansiosa para mostrar ao pai uma estropiada coleção de besouros e baratas, foi finalmente posta na cama por Lou, entre gritos e protestos.

Se Lou se esqueceu de acender o lampião ou se ele se apagou durante a noite ninguém soube ao certo, mas quando Rhett finalmente chegou em casa, já bastante embriagado, o tumulto estava no auge e os gritos de Bonnie o alcançaram no estábulo. Ela havia acordado no escuro, chamando por ele, e ele não estava. Todos os horrores indizíveis que habitavam sua imaginação infantil a assaltaram. Nem todo o consolo nem os lampiões acesos providenciados por Scarlett e pelos criados a acalmaram e Rhett, subindo a escada três degraus de cada vez, surgiu, parecendo ter visto a Morte.

Quando, afinal, segurou-a nos braços e, ouvindo seus soluços, reconheceu uma única palavra, “Escuro”, ele se virou furioso para Scarlett e os negros:

— Quem apagou o lampião? Quem a deixou sozinha no escuro? Prissy, vou escalpelá-la por isso, sua…

— Credincruz, sinhô Rhett! Num fui eu! Foi a Lou!

— Deusducéu, sinhô Rhett, eu…

— Cale a boca. Você sabe quais são as minhas ordens. Pelo amor de Deus, eu… Saia daqui! E não volte. Scarlett, dê algum dinheiro a ela e mande-a

embora antes que eu desça. Todo mundo para fora, já!

Os negros fugiram, inclusive a coitada da Lou, soluçando no avental. Mas Scarlett ficou. Era duro ver a filha favorita se acalmar nos braços de Rhett, quando gritara de forma tão dolorosa nos dela. Era duro ver aquele bracinho envolver o pescoço do pai e ouvir aquela vozinha entrecortada contar o que a assustara, quando ela, Scarlett, não conseguira extrair coerência alguma da filha.

— Então, ele se sentou no seu peito — disse Rhett com ternura. — Era grande?

— Aham! Muito grande. E tinha garra.

— Ah, garras também. Bom. Vou ficar de vigia a noite toda e se ele voltar eu mato com um tiro.

A voz de Rhett era interessada e tranquilizadora, e os soluços de Bonnie cessaram. A voz da menina foi ficando menos entrecortada conforme ela descrevia o monstro que a visitara em uma linguagem que só o pai entendia. A irritação crescia em Scarlett enquanto Rhett discutia o assunto como se fosse real.

— Pelo amor de Deus, Rhett…

Mas ele fez sinal pedindo silêncio. Quando Bonnie finalmente adormeceu, Rhett a botou na cama e cobriu-a com o lençol.

— Vou escalpelar viva aquela preta — falou em um tom baixo. — A culpa também é sua. Por que não veio ver se o lampião estava aceso?

— Não seja bobo, Rhett — sussurrou Scarlett. — Ela fica desse jeito porque você faz todas as suas vontades. Um monte de crianças tem medo de escuro, mas superam. Wade tinha medo, mas eu não dava trela. Se você a deixar gritar uma ou duas noites…

— Deixá-la gritar! — Scarlett chegou a pensar que apanharia dele. — Ou você é uma tonta ou é a mulher mais desumana que já vi.

— Não quero que ela cresça nervosa ou covarde.

— Covarde! Pelo fogo do inferno! Não existe um pingo de covardia nela! Mas você não tem imaginação nenhuma e, claro, não entende a tortura que passa quem tem, sobretudo uma criança. Se algo com garras e chifres viesse se sentar no seu peito, você mandaria sair de cima de você, não mandaria? Pois sim!

Lembre, madame, que eu já vi você acordar miando como uma gata escaldada porque sonhou que corria no meio da bruma. E nem faz tanto tempo assim!

Scarlett ficou desconcertada, porque não gostava de pensar naquele sonho. Além disso, sentia vergonha de lembrar que Rhett a confortara de um jeito muito parecido àquele que usara com Bonnie. Por isso partiu para um ataque diferente.

— Você só faz mimá-la…

— E pretendo continuar a mimar. Se eu fizer isso, ela vai superar e esquecer o assunto.

— Então — emendou Scarlett com azedume —, se você pretende fazer papel de babá, é melhor tentar voltar para casa à noite e sóbrio, aliás, para variar.

— Voltarei para casa cedo, mas bêbado de cair, se me der na telha.

Com efeito, dali em diante Rhett voltava cedo, chegando bem antes da hora de Bonnie ir para a cama. Sentava-se a seu lado, segurando sua mão até que o sono a fizesse soltá-la. Só então ele descia, na ponta dos pés, depois de se assegurar de que o lampião estivesse aceso e a porta escancarada para que a ouvisse chamar se acordasse assustada. Pretendia nunca mais deixar que a filha voltasse a ter medo do escuro. A casa toda tinha perfeita ciência do lampião, e Scarlett, Mammy, Prissy e Pork com frequência subiam sem fazer ruído para se certificar de que continuava aceso.

Ele voltava para casa sóbrio, também, mas não por causa de Scarlett. Durante meses bebera um bocado, embora jamais ficasse realmente bêbado, e uma noite o cheiro de uísque estava especialmente forte em seu hálito. Pegando Bonnie no colo, ergueu-a para o ombro e perguntou:

— Tem um beijinho aí para o seu queridinho?

Ela torceu o narizinho arrebitado e se contorceu para descer do colo.

— Não — respondeu com franqueza. — Ruim.

— O quê?

— Cheiro ruim. O tio Ashley não tem cheiro ruim.

— Ora, quem diria! — retrucou, contrafeito, botando-a no chão. — Nunca imaginei encontrar um defensor da temperança logo na minha casa!

Dali em diante, porém, passou a limitar a bebida a uma taça de vinho após o jantar. Bonnie, a quem sempre era permitido beber as últimas gotas do copo, não achava em absoluto o cheiro de vinho ruim. Em consequência, o inchaço que já

começava a disfarçar as linhas marcadas do seu rosto aos poucos sumiu e os círculos sob os olhos negros já não eram tão pronunciados. Porque Bonnie gostava de cavalgar com ele na mesma sela, Rhett passava mais tempo ao ar livre e o bronzeado começou a colorir seu rosto, deixando-o mais moreno que nunca. Parecia mais saudável e ria mais e voltou a parecer o fascinante jovem furador de bloqueios que tanto excitara Atlanta no início da guerra.

Pessoas que nunca gostaram dele passaram a sorrir quando ele passava com a garotinha empoleirada na frente da sela. Mulheres que até então acreditavam jamais estarem seguras com ele, começaram a parar para conversar na rua e admirar Bonnie. Até mesmo as senhoras mais severas sentiam que um homem capaz de falar sobre doenças e problemas da infância como ele falava não podia ser de todo mau.

Capítulo 53

Era aniversário de Ashley, e Melanie ia fazer uma festa surpresa naquela noite. Todos sabiam da festa, menos Ashley. Até Wade e o pequeno Beau estavam a par e tinham prometido segredo, o que os enchia de orgulho. Todos em Atlanta que eram queridos haviam sido convidados e compareceriam. O general Gordon e a família tinham aceitado o convite, Alexander Stephens estaria presente, caso sua saúde sempre incerta permitisse, e até Bob Toombs, a "ave da tempestade" da Confederação, era esperado.

Durante toda a manhã, Scarlett, Melanie, India e tia Pitty correram pela casa modesta, instruindo os negros na tarefa de pendurar as cortinas recém-lavadas, polir a prataria, encerar o chão e preparar, mexer e provar as iguarias. Scarlett jamais vira Melanie tão animada nem tão feliz.

— Veja, querida, Ashley não tem uma festa de aniversário desde… desde… Lembra do churrasco em Twelve Oaks? O dia em que soubemos que o presidente Lincoln estava convocando voluntários? Bom, ele não tem uma festa de aniversário desde então. E trabalha tanto e chega em casa tão cansado à noite que sequer há de se lembrar de que hoje é seu aniversário. E imagine como vai ficar surpreso quando, depois do jantar, todo mundo aparecer!

— Como que a senhora vai fazer com a iluminação do gramado pro sr. Wilkes não ver quando vier pra casa jantar? — indagou Archie, mal-humorado.

Ele passara a manhã observando os preparativos, interessado, mas sem querer admitir. Jamais ficara nos bastidores de uma grande festa, e aquela era uma experiência nova. Fez comentários francos sobre as mulheres correndo por todo lado como se a casa estivesse pegando fogo só porque haveria visitas, mas nem cavalos selvagens teriam conseguido arrastá-lo dali. As lanternas de papel colorido que a sra. Elsing e Fanny haviam feito e pintado para a ocasião o interessavam em especial, pois ele jamais vira "esses troços" antes. Haviam sido escondidas em seu quarto no porão e ele as examinara minuciosamente.

— Nossa! Não pensei nisso! — disse Melanie. — Archie, que bom que você lembrou. Ai, meu Deus! O que eu faço agora? Elas precisam ser presas aos galhos e ramos das árvores e temos de botar velinhas dentro, que devem estar acesas quando os convidados chegarem. Scarlett, você pode mandar Pork aqui para isso enquanto estivermos jantando?

— Sra. Wilkes, a senhora tem mais juízo que muita mulher, mas se atrapalha bem depressa — disse Archie. — Aquele preto bobão, Pork, não tem serventia aqui com aqueles troços. Vai botar fogo em tudo loguinho. Elas são… bem bonitas — admitiu. — Pode deixar que eu penduro enquanto a senhora e o sr. Wilkes jantam.

— Ah, Archie, quanta gentileza sua! — Melanie voltou os olhos cheios de uma gratidão e de uma dependência infantis para Archie. — Não sei o que eu faria sem você. Será que podia pôr as velas nas lanternas agora para ir adiantando o expediente?

— É, pode ser — respondeu Archie, mal-humorado, antes de se dirigir, mancando, às escadas do porão.

— Não existe melhor maneira de matar um gato do que engasgá-lo com manteiga — comentou Melanie, rindo, quando o homem com costeletas já sumira de vista. — Minha intenção sempre foi mandar Archie pendurar as lanternas, mas você sabe como ele é. Nunca faz o que lhe pedem. E agora conseguimos tirá-lo dos nossos calcanhares durante um tempinho. Os pretos têm medo dele e não fazem coisa alguma quando o veem por perto, bafejando em seus pescoços.

— Melly, eu não ficaria com esse marginal na minha casa — falou Scarlett, irritada. Odiava Archie tanto quanto ele a ela, e os dois mal se falavam. A casa de Melanie era a única em que ele permanecia quando Scarlett estava presente. E mesmo lá, Archie a encarava com desconfiança e desprezo. — Ele vai lhe arrumar problemas, escreva o que estou dizendo.

— Ah, ele é inofensivo, se o elogiarmos e fingirmos que dependemos dele — retorquiu Melanie. — E é tão dedicado a Ashley e a Beau que sempre me sinto segura por tê-lo por perto.

— Você quer dizer que ele é dedicado a você, Melly — disse India, o rosto frio relaxando com um sorriso levemente caloroso, quando seu olhar pousou

com afeto sobre a cunhada. — Acho que você é a primeira pessoa que aquele velho malfeitor amou desde que a esposa… desde a esposa. Imagino que ele adoraria que alguém lhe ofendesse para que ele pudesse matar essa pessoa e mostrar o respeito que tem por você.

— Nossa! Você fala cada coisa, India! — disse Melanie, enrubescendo. — Ele me acha uma absoluta pateta, e você sabe disso.

— Bom, eu não vejo por que a opinião daquele roceiro fedorento tem alguma importância — falou Scarlett, abruptamente. Só de pensar como Archie tivera a audácia de julgá-la na questão dos prisioneiros já a deixava enfurecida. — Agora, preciso ir andando. Tenho de ver o almoço e depois passar no armazém e pagar os funcionários e passar no depósito e pagar os carroceiros e Hugh Elsing.

— Ah, você vai ao depósito? — indagou Melanie. — Ashley vai ao depósito no fim da tarde falar com Hugh. Será que você pode segurá-lo lá até as cinco? Se ele chegar mais cedo em casa, com certeza vai nos pegar terminando o bolo ou algo assim e lá se vai a surpresa.

Scarlett sorriu por dentro, o bom humor de volta.

— Pode deixar — respondeu.

Quando falou, os olhos claros sem cílios de India encontraram os dela, incisivos. *Ela sempre olha para mim de forma tão estranha quando falo de Ashley*, pensou Scarlett.

— Bom, segure-o lá o máximo que você puder depois das cinco — repetiu Melanie. — Depois, India pode passar para pegá-lo… Scarlett, por favor, chegue cedo hoje à noite. Não quero que você perca um minuto da festa.

Voltando para casa, Scarlett pensou, aborrecida: *Ela não quer que eu perca um minuto da festa? Então por que não me convidou para receber os convidados com ela, India e* tia Pitty?

De hábito, Scarlett não se importaria de receber ou não os convidados nas festas insignificantes de Melanie, mas aquela era a maior que ela já dera e também se tratava do aniversário de Ashley, e Scarlett ansiava estar ao lado dele para receber as pessoas. Mas sabia o motivo de não ter sido convidada para tanto. Mesmo que não soubesse, o comentário de Rhett sobre o assunto havia sido suficientemente franco.

— Uma *scallawag* receber os convidados quando todos os ex-confederados e Democratas importantes estarão presentes? Suas ideias são tão encantadoras quanto patetas. Você só foi convidada para a festa por causa da lealdade da srta. Melly.

Scarlett se vestiu com um cuidado maior que o habitual naquela tarde para ir ao armazém e ao depósito de madeira, escolhendo o novo vestido de tafetá *changeant* verde-musgo, que parecia lilás dependendo da luz, e o novo chapéu verde-claro cercado de plumas verde-escuras. Como o chapéu cairia melhor se Rhett a deixasse cortar uma franja e frisá-la na testa! Mas ele declarara que rasparia sua cabeça se ela teimasse em fazer isso. E ultimamente o marido vinha agindo de forma tão atroz que era bem capaz de cumprir o prometido.

A tarde estava bonita, ensolarada, porém não demasiado quente, luminosa, mas não de doer os olhos, e a brisa morna que agitava as árvores ao longo da rua Peachtree fazia as plumas do chapéu de Scarlett dançarem. Seu coração também dançava, como sempre quando ia se encontrar com Ashley. Talvez, se acertasse as contas com os carroceiros e Hugh logo, eles fossem para casa e a deixassem a sós com Ashley no pequeno escritório no meio do depósito de madeira. As oportunidades de ficar a sós com ele eram por demais infrequentes atualmente. E pensar que Melanie lhe pedira para segurá-lo no depósito! Engraçado!

O coração estava feliz quando chegou ao armazém, e ela pagou Willie e os outros balconistas sem sequer perguntar como haviam sido os negócios do dia. Era sábado, o melhor dia da semana para o armazém, já que era quando todos os fazendeiros faziam compras, mas ela não fez perguntas.

No caminho para o depósito de madeira, Scarlett parou uma dezena de vezes para falar com senhoras *carpetbaggers* em esplêndidas carruagens —
não tão esplêndidas quanto a dela, pensou com prazer — e com vários homens que cruzaram o barro vermelho da rua para, chapéu na mão, cumprimentá-la. Era uma bela tarde, ela estava feliz, bonita e o seu percurso era como o de uma rainha em desfile. Devido a esses atrasos, chegou mais tarde ao depósito do que pretendera e encontrou Hugh e os carroceiros sentados sobre uma pilha baixa de madeira a aguardá-la.

— Ashley está?

— Sim, no escritório — respondeu Hugh, a expressão habitualmente preocupada se apagando em seu rosto ao ver o olhar feliz, dançante, da patroa. — Ele está tentando… Quero dizer, ele está examinando os livros.

— Ah, ele não precisa se preocupar com isso hoje — disse Scarlett, antes de baixar o tom para acrescentar: — Melly me mandou aqui para segurá-lo até que a casa esteja pronta para a festa hoje à noite.

Hugh sorriu, pois iria à festa também. Gostava de festas e supunha que Scarlett também, a julgar pela sua expressão. Ela pagou os carroceiros e Hugh e, se afastando abruptamente, dirigiu-se ao escritório, demonstrando com clareza que não precisava de companhia. Ashley recebeu-a à porta e ficou sob o sol vespertino, o cabelo reluzindo e um leve sorriso nos lábios.

— Ora, Scarlett, o que você está fazendo por aqui a esta hora? Por que não ficou na minha casa ajudando Melly a preparar a festa surpresa?

— Puxa, Ashley Wilkes! — exclamou, indignada. — Não era para você saber! Melly vai ficar muito desapontada se você não se mostrar surpreso.

— Ah, eu não vou deixar que ela saiba que eu sei. Serei o homem mais surpreso de Atlanta — respondeu Ashley, com um sorriso nos olhos.

— Diga, quem foi o estraga-prazeres que lhe contou?

— Praticamente todos os homens que Melly convidou. O general Gordon foi o primeiro. Disse que sabe por experiência própria que as mulheres costumam dar festas surpresa bem nos dias quando os homens resolvem polir e limpar as armas da casa. Depois, o avô Merriwether me alertou. Disse que a sra. Merriwether fez uma festa surpresa para ele uma vez e ela foi a mais surpresa de todos, porque ele andava tratando o reumatismo por conta própria com uma garrafa de uísque, e ficou tão bêbado que não conseguiu se levantar da cama e… Ah, todos os homens que já tiveram festas surpresa me deram a notícia.

— Que maldade! — disse Scarlett, mas também teve de sorrir.

Ele parecia o antigo Ashley, que ela conhecera em Twelve Oaks, quando sorria assim. E era tão raro vê-lo sorrir ultimamente… O ar estava doce, o sol tão ameno, o rosto de Ashley tão alegre, a conversa tão espontânea que o coração dela batia feliz. Inchou em seu peito até efetivamente doer de prazer, doer como se lhe pesassem lágrimas quentes de felicidade não derramadas. De repente ela se sentiu de novo com 16 anos e feliz, um pouco ofegante e excitada. Teve o

impulso insano de arrancar o chapéu e jogá-lo para o ar, gritando “Hurra!”. Pensou, então, em como Ashley levaria um susto se fizesse isso e subitamente riu, riu, riu, até seus olhos se encherem de lágrimas. Ele riu também, jogando para trás a cabeça, achando que ela ria da traição amigável dos homens que haviam revelado o segredo de Melanie.

— Entre, Scarlett. Estou examinando os livros.

Ela entrou na sala pequena, iluminada pelo sol vespertino, e se sentou na cadeira defronte à escrivaninha. Ashley, seguindo-a, sentou-se na beirada da mesa rústica, as pernas balançando despreocupadamente.

— Ah, não vamos mexer com contabilidade hoje, Ashley! Não vou me incomodar com isso. Quando ponho um chapéu novo, parece que os números somem da minha cabeça.

— Vale a pena que sumam, quando se trata de um chapéu tão bonito como esse — elogiou ele. — Scarlett, você fica cada dia mais bonita!

Deslizando da mesa e rindo, ele pegou as mãos dela e afastou-as para poder ver o vestido:

— Você está tão bonita! Acho que jamais vai envelhecer!

Quando sentiu o toque dele, ela se deu conta de que, inconscientemente, era exatamente isso que esperava que acontecesse. Durante toda aquela tarde feliz, esperara o calor das mãos dele, a ternura dos seus olhos, uma palavra para demonstrar que ele se importava com ela. Aquela era a primeira vez que os dois ficavam totalmente a sós desde o dia frio no pomar de Tara, a primeira vez que suas mãos se tocavam sem ser em gestos formais, e ao longo de meses infindáveis ela aguardara, faminta, um contato mais próximo. Mas agora…

Que estranho que o toque das mãos dele não a excitasse! Antes, a mera proximidade a deixava trêmula. Agora, sentia apenas uma amizade cálida e contentamento. Suas mãos não ficaram febris em contato com as dele e seu coração experimentou uma serenidade feliz. Isso a confundiu, desconcertou-a um pouco. Ele continuava a ser o seu Ashley, seu brilhante e fulgurante querido, e ela o amava mais que à vida. Por que, então…

Mas espantou esse pensamento da cabeça. Já bastava estarem juntos, ele segurando suas mãos e sorrindo, como amigos, sem tensão nem ardor. Parecia um milagre isso ser possível, quando pensava em todas as coisas não ditas que

pairavam entre ambos. Os olhos dele fitaram os dela, cristalinos e brilhantes, sorrindo como antes, do jeito que ela tanto amava, sorrindo como se jamais tivesse havido entre eles senão felicidade. Não existia barreira entre os olhos dos dois agora, não havia distância incômoda. Ela riu.

— Ah, Ashley, estou ficando velha e decrépita.

— Até parece! Não, Scarlett, quando você tiver sessenta anos, ainda vai continuar igualzinha para mim. Sempre hei de me lembrar de você como naquele dia do nosso último churrasco, sentada debaixo de um carvalho com uma dezena de rapazes à volta. Lembro até da sua roupa, um vestido branco coberto de florzinhas verdes com um xale de renda branca nos ombros, calçando sapatilhas verdes com arremates pretos e usando um gigantesco chapéu com fitas verdes. Conheço esse vestido de cor, porque na prisão, quando as coisas estavam muito mal, eu puxava as minhas lembranças e as contemplava como se fossem retratos, recordando cada detalhe…

Ele se interrompeu bruscamente e o brilho ansioso se apagou em seu rosto. Soltou com delicadeza as mãos dela e Scarlett aguardou suas próximas palavras.

— Percorremos um longo caminho, nós dois, desde aquele dia, não é mesmo, Scarlett? Atravessamos estradas que nunca imaginamos atravessar. Você, de forma rápida, direta, e eu, lenta e relutantemente.

Ashley se sentou novamente na mesa e fitou-a, e o sorriso aos poucos retornou ao seu rosto. Mas não foi o mesmo sorriso que a enchera de felicidade pouco antes. Foi um sorriso sombrio.

— Sim, você veio rapidamente, me arrastando pelas rodas da sua carruagem. Scarlett, às vezes me pergunto o que teria acontecido comigo sem você.

Scarlett passou imediatamente a defendê-lo de si mesmo, ainda mais porque, de forma traiçoeira, lhe ocorreram as palavras de Rhett sobre aquela mesma questão.

— Mas eu nunca fiz nada por você, Ashley. Sem mim, você seria precisamente o mesmo. Um dia você seria um homem rico, um grande homem como haverá de ser.

— Não, Scarlett, nunca tive as aspirações de um grande homem. Acho que, se não fosse por você, eu teria caído no ostracismo, como a coitada da Cathleen Calvert e tantos outros que um dia tiveram sobrenomes importantes, tradicionais.

— Ah, Ashley, não fale assim. Você parece tão triste.

— Não, não estou triste. Não mais. Já… Já estive triste. Agora, estou apenas…

Ele parou, e Scarlett de repente entendeu o que ele estava pensando. Era a primeira vez que entendia o que ele pensava quando seus olhos ficavam cristalinos, ausentes. Quando tinha no coração a fúria do amor, a mente de Ashley lhe era inacessível. Agora, com a amizade serena entre ambos, ela penetrava um pouco em sua mente, entendia um pouco o que se passava ali. Ele não estava mais triste. Ficara infeliz após a rendição, e quando ela lhe implorara para se mudar para Atlanta. Agora, estava apenas conformado.

— Odeio ouvir você falar assim, Ashley — reprovou com veemência. — Você parece Rhett falando. Ele vive insistindo nesse tipo de conversa e numa coisa que ele chama de sobrevivência dos mais aptos, até me dar vontade de gritar de tédio.

Ashley sorriu.

— Você já parou para pensar, Scarlett, que Rhett e eu somos basicamente iguais?

— Ah, não! Você é bom, é honrado, e ele… — Interrompeu-se, confusa.

— Somos, sim. Descendemos do mesmo tipo de gente, fomos criados dentro do mesmo padrão, criados para pensar da mesma forma. E, em algum ponto da estrada, optamos por direções diferentes. Ainda pensamos igual, mas reagimos de forma diferente. Por exemplo, nem eu nem ele acreditávamos na guerra, mas eu me alistei e lutei e ele ficou de fora até quase o final. Ambos sabíamos que a guerra era errada. Ambos sabíamos que era uma batalha perdida. Eu me dispus a lutar uma batalha perdida. Ele, não. Às vezes acho que ele tinha razão, mas então…

— Ah, Ashley, quando você vai parar de ver os dois lados das coisas? — indagou ela. Mas não foi de um jeito impaciente, como aconteceria no passado. — Ninguém chega a lugar algum vendo ambos os lados.

— É verdade, mas… Scarlett, aonde exatamente você quer chegar? Canso de me perguntar. Veja, eu nunca quis chegar a lugar algum. Só queria ser eu mesmo.

Aonde ela queria chegar? Que pergunta tola. Dinheiro e segurança, claro. Ainda assim… A cabeça deu um nó. Tinha dinheiro e tanta segurança quanto se

podia esperar em um mundo inseguro. Mas, pensando bem, isso não era suficiente. Agora que parava para analisar, as duas coisas não a tinham feito especialmente feliz, embora a tivessem deixado menos angustiada, menos temerosa do futuro. *Se eu tivesse dinheiro e segurança e você, então teria chegado ao lugar que queria,* pensou, olhando para Ashley cheia de ansiedade. Mas não disse essas palavras, com medo de quebrar o encanto entre ambos, com medo de que a mente dele se fechasse novamente para ela.

— Você só quer ser você mesmo? — riu, um pouco pesarosa. — Não ser eu mesma sempre foi o meu maior problema! Quanto a aonde quero chegar, bem, acho que consegui. Eu queria ser rica, segura e…

— Mas, Scarlett, algum dia lhe ocorreu que eu não me importo de ser ou não rico?

Não, jamais lhe ocorrera que alguém não quisesse ser rico.

— Então, o que você quer?

— Eu não sei, agora. Já soube, mas meio que esqueci. Mais que tudo, quero ser deixado em paz, não ser atormentado por gente de quem não gosto, levado a fazer o que não quero. Talvez… Talvez eu queira os velhos tempos de volta e eles nunca voltarão, e sou assombrado pela lembrança daquela época e do mundo desabando na minha cabeça.

Scarlett cerrou os lábios, obstinada. Não era que não soubesse do que ele estava falando. O próprio tom da sua voz evocou outros tempos, como nenhuma outra coisa seria capaz de evocar, fez seu coração doer de repente, quando ela também recordou. Mas desde o dia em que se deitara doente e desolada no jardim de Twelve Oaks e dissera “Não vou olhar para trás”, ela se determinara a deixar para trás o passado.

— Gosto mais dos tempos de hoje — disse ela, mas sem encará-lo. — Tem sempre alguma coisa acontecendo, festas e tudo o mais. Tudo tem brilho. Os velhos tempos eram tão tediosos.

*Ah, dias preguiçosos e crepúsculos serenos no campo! A risada alta e gostosa vinda da casa! O calor dourado que a vida tinha então e a certeza reconfortante do que o amanhã traria! Como posso con*tradizê-lo?

— Gosto mais dos tempos de hoje — repetiu, mas com voz trêmula.

Ele desceu da mesa, rindo baixinho, descrente. Pondo a mão sob o queixo dela, ergueu seu rosto para fitá-lo.

— Ah, Scarlett, como você mente mal! Sim, a vida tem brilho agora…de certa forma. Esse é o problema. Os velhos tempos não tinham brilho, mas tinham encanto, beleza, um glamour despreocupado.

Indecisa, ela baixou os olhos. O som da voz dele e o toque da sua mão suavemente destrancaram portas que ela trancara para sempre. Atrás daquelas portas ficara a beleza dos velhos tempos, e Scarlett sentiu crescer em seu íntimo uma profunda nostalgia. Sabia, porém, que, por maior que fosse, aquela beleza precisava continuar atrás das portas. Ninguém podia seguir em frente sob o peso de lembranças dolorosas.

A mão de Ashley soltou seu queixo, e ele pegou uma das mãos dela e a fechou entre as suas, segurando-a com delicadeza.

— Você lembra… — disse ele, e um alerta soou na mente dela: *Não olhe para trás! Não olhe* para trás!

Mas ela o ignorou, enlevada em uma onda de felicidade. Finalmente o entendia, finalmente suas mentes se encontravam. Aquele momento era por demais precioso, ainda que depois viesse a sofrer.

— Você lembra… — disse ele, e sob o encanto daquela voz, as paredes nuas do pequeno escritório sumiram e os anos se abriram e os dois cavalgavam juntos pelas pradarias em uma primavera há muito passada.

Enquanto ele falava, sua mão apertava mais a dela, e na voz de Ashley havia a magia triste de canções há muito esquecidas. Ela podia ouvir o tilintar alegre dos arreios enquanto passavam por baixo das árvores a caminho do piquenique dos Tarletons, ouvir as próprias risadas sem sentido, ver o sol se refletir no cabelo dourado dele e reparar na elegância natural e orgulhosa com que ele montava. Havia música na sua voz, a música de violinos e banjos que animava os bailes na casa branca que se fora. Havia os latidos distantes no pântano escuro sob as frias luas outonais e o cheiro de tigelas de gemada, decoradas com cedrinho no Natal e sorrisos em rostos negros e brancos. E os velhos amigos voltaram a tropel, rindo como se não estivessem mortos há tantos anos: Stuart e Brent, com suas pernas compridas e cabelo ruivo e suas piadas bobocas, Tom e Boyd, com a energia de cavalos jovens, Joe Fontaine com os intensos olhos negros e Cade e

Raiford Carlvert, que se moviam com elegância lânguida. E John Wilkes, também; e Gerald, corado pelo conhaque; e um sussurro e uma fragrância que era Ellen. Acima de tudo pairava uma sensação de segurança, a certeza de que o futuro só poderia trazer a mesma felicidade trazida pelo presente.

A voz dele se calou e ambos se olharam nos olhos durante um longo momento silencioso, tendo entre si a juventude ensolarada perdida que haviam tão impensadamente compartilhado.

Agora sei por que você não pode ser feliz, pensou Scarlett com tristeza. *Nunca o entendi antes. Nunca entendi por que eu também não era totalmente feliz. Mas… Nossa, estamos falando como velhos!*, pensou, com uma surpresa atônita. *Gente velha relembrando cinquenta anos atrás. E não somos velhos! É que tanta coisa aconteceu desde então. Tudo mudou tanto que parece foi há cinquenta anos. Mas não som*os velhos!

Quando, porém, olhou para Ashley, ele não parecia jovem nem fulgurante. Baixara a cabeça e olhava, ausente, para a mão dela ainda presa nas dele, e Scarlett viu que o cabelo que um dia fora brilhante estava bastante grisalho, prateado como a lua em águas paradas. De alguma forma, a beleza reluzente se fora daquela tarde de abril, assim como do coração de Scarlett, e a doçura triste da recordação era amarga como fel.

Eu não devia ter permitido que ele me fizesse olhar para trás, pensou, em desespero. *Eu tinha razão quando disse que jamais olharia para trás. Dói demais, enche seu coração até você não poder fazer outra coisa senão olhar para trás. Esse é o problema de Ashley. Ele não consegue mais olhar para a frente. Não consegue ver o presente, teme o futuro, e por isso olha para trás. Eu nunca tinha entendido. Nunca entendi Ashley até agora. Ah, Ashley, meu querido, você não devia olhar para trás! Para que serve isso? Eu não devia ter deixado você me levar a falar dos velhos tempos. É isso que acontece quando voltamos o olhar para a felicidade, esta dor, esta saudade, este descont*entamento.

Ficou em pé, a mão ainda na dele. Precisava ir embora. Não podia ficar e pensar nos velhos tempos e ver o rosto de Ashley, cansado, triste e sombrio como estava gora.

— Percorremos um longo caminho desde aquela época, Ashley — disse, tentando manter a voz firme, tentando lutar contra o aperto na garganta. — Tínhamos grandes expectativas, não tínhamos? — E acrescentou, apressada: — Ah, Ashley, nada saiu como esperávamos!

— Nunca sai — disse ele. — A vida não tem a obrigação de nos dar o que esperamos. Pegamos o que temos e agradecemos por não ser pior do que é.

O coração dela se apertou de repente, cansado, como se recordasse a longa estrada trilhada desde então. Surgiu em sua mente a lembrança da Scarlett O'Hara que adorava namorados e vestidos bonitos e que pretendia, um dia, quando tivesse tempo, ser uma grande dama como Ellen.

Sem aviso, seus olhos se encheram de lágrimas que lhe escorreram devagar pelo rosto, e ela ficou parada olhando para ele, como uma criança confusa e magoada. Ashley nada disse, mas a tomou ternamente nos braços, deitou sua cabeça em seu ombro e, inclinando-se, encostou o rosto no dela. Scarlett relaxou de encontro a ele e seus braços o envolveram. O conforto dos braços de Ashley secou suas lágrimas repentinas. Ah, como era bom aquele abraço, sem paixão, sem tensão, como era bom estar ali como uma amiga querida. Somente Ashley, que partilhava suas lembranças e dividira com ela a juventude e o presente, era capaz de entender.

Ouviu o som de passos lá fora, mas não deu atenção, achando que fossem os carroceiros indo para casa. Ficou ali um instante, ouvindo as batidas lentas do coração de Ashley. De repente, ele se desvencilhou dela, aturdindo-a com a violência do gesto. Ela ergueu o rosto, surpresa, mas os olhos dele fitavam outra coisa, fitavam a porta.

Scarlett se virou e viu India, pálida, os olhos claros faiscando, e Archie, malévolo como um papagaio de um olho só. Atrás dos dois estava a sra. Elsing.

Scarlett jamais se lembraria de como saiu do escritório. Mas foi de imediato, depressa, por ordem de Ashley, deixando-o em uma confabulação soturna com Archie na salinha, e India e a sra. Elsing do lado de fora, de costas para ela. Vergonha e medo apressaram sua volta para casa e, mentalmente, Archie, com sua barba patriarcal, assumiu as proporções de um anjo vingador saído diretamente das páginas do Velho Testamento.

A casa estava vazia e quieta no crepúsculo de abril. Todos os criados haviam comparecido a um enterro e as crianças brincavam no quintal dos fundos de Melanie. Melanie…

Melanie! Scarlett congelou ao pensar nela enquanto subia a escada para o quarto. Melanie saberia daquilo. India dissera que contaria. Ah, India se rejubilaria ao contar, sem se importar de manchar o nome de Ashley, sem se importar de ferir Melanie, se com isso pudesse prejudicar Scarlett! E a sra. Elsing falaria também, ainda que nada tivesse visto, já que estava atrás de India e de Archie na entrada do escritório do depósito. Mas iria falar, mesmo assim. A notícia seria do conhecimento da cidade toda na hora do jantar. Todos, até mesmo os negros, estariam a par antes do café da manhã do dia seguinte. Na festa, à noite, as mulheres se juntariam nos cantos e cochichariam discretamente com prazer malicioso. Scarlett Butler desabou do seu pedestal! E a história só faria crescer. Não haveria como impedir. Não pararia nos fatos concretos, ou seja, Ashley a abraçava enquanto ela chorava. Antes do anoitecer, estariam dizendo que ela fora flagrada cometendo adultério. *E tudo tinha sido tão inocente, tão doce!*, pensou Scarlett, agoniada. *Se nos pegassem naquele Natal que ele passou em casa de licença, quando eu lhe dei um beijo de despedida… Se nos pegassem no pomar em Tara quando lhe implorei para fugir comigo… Ah, se nos pegassem em qualquer uma das vezes em que realmente nos cabia culpa, não seria tão ruim! Mas agora! Agora! Quando me deixei abraçar c*omo amiga…

Mas ninguém acreditaria. Não haveria amiga alguma para defendê-la, voz alguma se levantaria para dizer: “Não acredito que ela estivesse fazendo algo de errado.” Ela indignara os velhos amigos por tempo demais para encontrar entre eles um defensor. Os novos amigos, sofrendo em silêncio suas insolências, aceitariam de bom grado uma chance de difamá-la. Não, todos acreditariam em qualquer coisa a seu respeito, embora pudessem lamentar que um homem tão bom quanto Ashley Wilkes se envolvesse em um caso tão sujo. Como sempre, culpariam a mulher e dariam de ombros para a culpa do homem. E naquele caso teriam razão. Ela se jogara nos braços dele.

Ah, ela podia suportar a rejeição, o desprezo, os sorrisos maliciosos, qualquer coisa que a cidade dissesse, se preciso… Mas não Melanie! Ah, não Melanie!

Não sabia por que se importava mais com esse fato do que com todo o resto. Estava por demais amedrontada e esmagada por uma sensação de velha culpa para entender. Mas explodiu em lágrimas ao imaginar o olhar de Melanie quando India lhe contasse que flagrara Ashley acariciando Scarlett. E o que faria Melanie então? Abandonaria Ashley? O que mais poderia fazer que fosse minimamente digno? *E que faremos Ashley e eu?*, pensou freneticamente, as lágrimas correndo pelo rosto. *Ah, Ashley vai morrer de vergonha e me odiar por lhe causar esse dissabor.* De repente, as lágrimas pararam quando um medo mortal assaltou seu coração. E Rhett? O que ele faria?

Talvez não ficasse sabendo. Como era mesmo aquele ditado, aquele ditado cínico? "O marido é sempre o último a saber." Talvez ninguém lhe contasse. Um homem precisaria de muita coragem para dar aquela notícia a Rhett, pois Rhett tinha a reputação de atirar primeiro e fazer perguntas depois. *Por favor, meu Deus, que ninguém tenha coragem suficiente para contar a ele!* Mas ela se lembrou do rosto de Archie no escritório do depósito, o olho frio, claro, sem remorso, cheio de ódio por ela e por todas as mulheres. Archie não temia a Deus nem homem algum e odiava mulheres fáceis. Odiava a ponto de matar uma delas. E dissera que contaria a Rhett. E contaria a despeito de tudo que Ashley fizesse para dissuadi-lo. A menos que Ashley o matasse, Archie contaria a Rhett, achando ser esse o seu dever cristão.

Scarlett tirou a roupa e se deitou na cama, a cabeça rodando. Se ao menos pudesse trancar a porta do quarto e ficar naquele lugar seguro por todo o sempre e jamais tornar a ver pessoa alguma… Talvez Rhett não descobrisse naquela noite. Ela diria que estava com dor de cabeça e indisposta para ir à festa. De manhã já teria pensado em alguma desculpa para dar, alguma defesa que pudesse se sustentar.

— Não vou pensar nisso agora — falou, desesperada, enterrando o rosto no travesseiro. — Não vou pensar nisso agora. Penso mais tarde, quando puder suportar.

Ouviu os criados voltarem ao cair da noite e lhe pareceu que estavam calados enquanto preparavam o jantar. Ou seria a sua consciência culpada? Mammy chegou até a porta do quarto e bateu, mas Scarlett mandou-a embora, dizendo que não queria jantar. O tempo passou e finalmente ela ouviu Rhett subir a

escada. Aguardou tensa que ele chegasse ao corredor do andar de cima, reuniu suas forças para um confronto, mas ele foi direto para o próprio quarto. Scarlett respirou com mais facilidade. Ele não soubera. Graças a Deus ainda respeitava seu pedido gelado para jamais pôr os pés em seu quarto outra vez, pois se ele a visse agora sua expressão a entregaria. Precisava se recompor o bastante para lhe dizer que estava demasiado indisposta para comparecer à festa. Bom, havia tempo para se acalmar. Ou não? Desde aquele terrível momento à tarde, a vida parecera intemporal. Ouviu Rhett andar pelo quarto durante um bom tempo, falando de quando em vez com Pork, mas continuava sem coragem para ir encará-lo. Ficou deitada quieta no escuro, tremendo.

Depois de bastante tempo, ele bateu à sua porta e ela respondeu, tentando controlar a voz:

— Entre.

— Estou mesmo sendo convidado a entrar no santuário? — indagou ele, abrindo a porta. Estava escuro e não dava para ver o seu rosto. Também não conseguiu ler coisa alguma na voz dele, que entrou e fechou a porta.

— Está pronta para a festa?

— Sinto muito, mas estou com dor de cabeça — disse, achando estranho que a voz soasse tão natural. Graças a Deus pelo escuro! — Acho que não vou. Vá você e peça desculpas a Melanie por mim.

Fez-se uma longa pausa, e ele falou bem devagar, propositalmente mordaz, no escuro.

— Como você é medrosa, sua vadiazinha covarde.

Ele sabia! Deitada e tremendo, ela foi incapaz de falar. Ouviu seus movimentos no escuro acendendo um fósforo, e o quarto se iluminou. Aproximando-se da cama, ele a olhou. Ela viu que ele usava roupas de noite.

— Levante-se — disse, e nada havia em sua voz. — Vamos à festa. Vai ter que se apressar.

— Ah, Rhett, não posso. Veja…

— Estou vendo. Levante-se.

— Rhett, Archie teve a audácia…

— Archie teve a audácia. Um homem muito corajoso, Archie.

— Você devia tê-lo matado por falar mentiras…

— Tenho o hábito estranho de não matar pessoas que dizem a verdade. Não há tempo para discussões agora. Levante-se.

Ela se sentou na cama, apertando o penhoar no corpo, os olhos examinando o semblante dele, fechado e impassível.

— Eu não vou, Rhett. Não posso, até que esse… Esse mal-entendido seja esclarecido.

— Se você não mostrar o rosto esta noite, jamais será capaz de mostrá-lo nesta cidade enquanto viver. E, embora eu possa aguentar uma esposa rameira, não aguentarei uma covarde. Você vai à festa, mesmo que todos, de Alex Stephens para baixo, a desfeiteiem, e a sra. Wilkes nos peça para ir embora.

— Rhett, me deixe explicar.

— Não quero ouvir. Não há tempo. Vista-se.

— Eles entenderam tudo errado… India e a sra. Elsing e Archie. E os três me odeiam. India me odeia tanto que chegaria a contar mentiras sobre o próprio irmão para me fazer passar vergonha. Se você me deixar explicar…

Minha Nossa Senhora, pensou em agonia, *e se ele disser "Por favor, explique!" o que eu digo? Como posso* explicar?

— Eles contaram mentiras para todo mundo. Não posso ir.

— Você vai — disse ele — nem que eu tenha que arrastá-la pelos cabelos e plantar a minha bota no seu traseiro encantador a cada passo do caminho.

Havia um brilho gélido nos olhos dele quando a pôs de pé com um puxão. Pegou o espartilho e jogou-o para ela.

— Vista. Eu amarro. Ah, sim, sei amarrar direitinho. Não, não vou chamar Mammy para ajudá-la e deixar que você tranque a porta e fique aqui escondida como a covarde que é.

— Não sou covarde! — gritou ela, a raiva vencendo o medo. — Eu…

— Ah, me poupe da sua saga sobre atirar em ianques e enfrentar o Exército de Sherman. Você é uma covarde… entre outras coisas. Se não por você mesma, você vai à festa por Bonnie. Como será possível que estrague mais ainda as oportunidades dela? Vista o espartilho, rápido.

Ela despiu depressa o penhoar e ficou apenas de combinação. Se ao menos ele a olhasse e visse como ela ficava bonita de combinação, talvez a expressão amedrontadora sumisse do seu rosto. Afinal, não a via de combinação há

séculos. Mas ele não olhou. Estava no quarto de vestir, avaliando rapidamente os vestidos. Tirou do armário o vestido novo de seda jade, generosamente decotado, cuja saia repuxada para trás era drapeada sobre um enorme enchimento arrematado por um grande ramo de rosas de veludo cor-de-rosa.

— Use este — falou Rhett, jogando o vestido na cama e se aproximando dela. — Nada de recato hoje, nada cinza ou lavanda como convém a uma senhora respeitável. Sua bandeira deve estar presa ao mastro, pois obviamente você a esconderia se não estivesse. E muito rouge. Garanto que a mulher que os fariseus flagraram em adultério não tinha a metade da sua palidez. Vire-se.

Pegando os cordões do espartilho nas mãos, ele os puxou com tamanha força que ela gritou, assustada, humilhada, envergonhada com uma atitude tão inesperada.

— Dói, não é mesmo? — disse ele, com uma risada curta, e ela não pôde ver seu rosto. — Pena que não seja o seu pescoço.

Na casa de Melanie, as luzes brilhavam em todos os cômodos e a música podia ser ouvida de longe na rua. Quando pararam defronte, o som agradável e esfuziante de muita gente se divertindo os recebeu. A casa estava lotada de convidados, que ocupavam as varandas, e muitos se espalhavam pelos bancos do quintal iluminado por lanternas.

Não posso entrar… Não posso, pensou Scarlett, sentada na carruagem, apertando o lenço amarfanhado entre as mãos. *Não posso. Não vou. Vou pular daqui e fugir para algum lugar, voltar para Tara. Por que Rhett me obrigou a vir? O que as pessoas vão fazer? O que Melanie vai fazer? Como vai estar a expressão dela? Ah, não posso encará-la.* Vou fugir.

Como se lesse sua mente, a mão de Rhett segurou seu braço com força suficiente para causar um hematoma, a força rude de um estranho descuidado.

— Nunca soube de um irlandês que fosse covarde. Onde está a sua tão apregoada coragem?

— Rhett, por favor, me deixe ir para casa e explicar.

— Você tem uma eternidade para explicar e apenas uma noite para ser mártir em um anfiteatro. Desça, minha querida, e me deixe ver os leões devorá-la. Desça.

Ela seguiu em frente, apoiada a um braço duro e firme como granito que lhe passava um tantinho de coragem. Ora, ela podia enfrentar aquela gente, e enfrentaria. O que eram todos eles senão um bando de gatos uivando e afiando as garras, com inveja dela? Iria lhes mostrar. Não dava a mínima para o que pensavam. Só para Melanie… Só para Melanie.

Estavam na varanda da frente e Rhett distribuía cumprimentos e mesuras à direita e à esquerda, chapéu na mão, a voz serena e suave. A música parou quando entraram, e a multidão de gente lhe deu a impressão de vir a seu encontro, como um troar de ondas, e depois se afastar, deixando no ar um ruído cada vez menor. Será que todos iriam ignorá-la? Ora, pelo manto do Senhor, que assim fosse! Ergueu o queixo e sorriu, os cantos dos olhos se franzindo.

Antes que pudesse falar com os que estavam mais próximos à porta, alguém se adiantou em meio aos muitos convidados. Fez-se um silêncio repentino que apertou seu coração. Então viu Melanie se aproximar com passinhos apressados, ansiosa para receber Scarlett à porta, para falar com ela antes de qualquer outra pessoa. Seus ombros estreitos estavam aprumados, e o queixo pequeno se projetava, indignado, e a julgar por sua expressão, não parecia esperar nenhum outro conviva, salvo Scarlett. Pondo-se ao lado da cunhada, envolveu-a pela cintura.

— Que vestido lindo, querida — disse na voz suave e cristalina de sempre. — Posso lhe pedir um favor? India não pôde vir e me ajudar. Você faria a gentileza de receber os convidados comigo?

Capítulo 54

Segura em seu quarto de novo, Scarlett se atirou na cama, sem se importar com o vestido de tafetá, com o enchimento nem com as rosas. Durante algum tempo ficou deitada quieta, recordando os minutos passados entre Melanie e Ashley recebendo os convidados. Que horror! Preferiria enfrentar novamente o Exército de Sherman a repetir aquela cena! Um pouco depois, levantou-se da cama e andou de um lado para outro, despindo-se enquanto isso.

A reação à tensão atingiu-a, por fim, e ela começou a tremer. Grampos caíram de suas mãos e, quando tentou dar as cem escovadelas habituais no cabelo, bateu com as costas da escova na têmpora, causando dor. Uma dezena de vezes foi na ponta dos pés até a porta para detectar ruídos no andar de baixo, mas a impressão era de que tudo lá era uma caverna escura e silenciosa.

Rhett a mandara para casa sozinha na carruagem quando a festa acabou e ela agradeceu a Deus pelo indulto. Ele ainda não chegara. Felizmente, não chegara. Não poderia encará-lo aquela noite, envergonhada, assustada, tremendo. Mas onde ele estaria? Provavelmente na casa daquela criatura. Pela primeira vez, Scarlett ficou feliz com a existência de alguém como Belle Watling. Feliz com a existência de outro lugar que não essa casa para abrigar Rhett até que seu humor ferino, assassino, arrefecesse. Era errado ficar feliz em saber que o marido estava na casa de uma prostituta, mas não havia como evitar. Ela ficaria quase feliz se ele estivesse morto, caso isso significasse não precisar vê-lo naquela noite.

Amanhã… Ora, amanhã seria outro dia. Amanhã pensaria em alguma desculpa, alguma contra-acusação, algum jeito de fazer dele o culpado. Amanhã, a lembrança daquela noite não a estaria atormentando a ponto de fazê-la tremer. Amanhã, ela não estaria tão assombrada pela lembrança do rosto de Ashley, seu orgulho maculado e sua vergonha — vergonha causada por ela, vergonha na qual o papel dele era tão pequeno. Será que o seu querido e honrado Ashley a odiaria agora por ela tê-lo envergonhado? Claro que a odiaria, agora que ambos tinham

sido salvos pela dignidade indignada de Melanie, pelo amor e pela evidente confiança que mostrara na voz ao cruzar a sala encerada para dar o braço a Scarlett e encarar os convidados curiosos, maldosos e dissimuladamente hostis. Com que competência Melanie impedira o escândalo, postando Scarlett a seu lado durante toda aquela noite pavorosa! Todos haviam se mostrado levemente frios, meio confusos, mas educados.

Ah, a ignomínia de se escudar atrás das saias de Melanie contra aqueles que a odiavam, que a teriam feito em pedaços com seus cochichos. Ser escudada pela confiança cega de Melanie, justamente de Melanie!

Scarlett estremeceu como se a ideia lhe desse calafrios. Precisava de um gole, vários goles, antes de poder se deitar e esperar adormecer. Vestiu um penhoar por cima da camisola e saiu no corredor escuro, os chinelinhos abertos no calcanhar fazendo barulho no silêncio absoluto. Estava a meio caminho da escada quando olhou na direção da porta fechada da sala de jantar e viu, por baixo da porta, uma linha de claridade. O coração parou um segundo. Será que a sala estava iluminada quando ela chegou e não reparara por estar nervosa? Ou, afinal, Rhett chegara em casa? Poderia ter entrado sem fazer ruído pela porta da cozinha. Se Rhett estivesse em casa, ela voltaria na ponta dos pés para o quarto sem seu conhaque, por mais que precisasse dele. Assim, não teria de encará-lo. Uma vez no quarto, se veria a salvo, pois podia trancar a porta.

Estava inclinada tirando os chinelinhos, de modo a poder subir sem fazer ruído, quando a porta da sala de jantar se abriu abruptamente e Rhett surgiu ali, sua silhueta delineada pela luz de velas atrás dele. Parecia enorme, maior do que jamais o vira, um aterrorizador vulto sem rosto que cambaleava de leve.

— Por favor, junte-se a mim, sra. Butler — falou, e a voz estava um pouco pastosa.

Bebera muito, a julgar pelas aparências, e Scarlett jamais o vira bêbado, por mais que bebesse. Fez uma pausa, indecisa, em silêncio, e o braço dele se agitou em um gesto de comando.

— Venha cá, mulher! — disse com rudeza.

Devia estar muito bêbado, pensou ela com o coração aos pinotes. Normalmente, quanto mais bebia, mais educado ficava. Era mais jocoso, as

palavras eram mais ferinas, mas a forma como as dizia jamais deixava de ser meticulosa — demasiado meticulosa.

De forma alguma posso deixar que saiba que estou com medo de enfrentá-lo, pensou e, fechando bem o penhoar no pescoço, desceu a escada com a cabeça erguida e os saltos dos chinelinhos ecoando na madeira.

Ele se afastou para deixá-la entrar e fez uma mesura afetada, zombaria que a fez se retrair. Scarlett notou que ele não estava de paletó e que a gravata pendia, desatada, de cada lado do colarinho desabotoado. A camisa aberta permitia entrever o peito. O cabelo estava desalinhado e os olhos, injetados e estreitos. Uma vela ardia sobre a mesa, uma luz débil que projetava sombras monstruosas no teto alto do cômodo e fazia o aparador e os consoles enormes parecerem animais imóveis agachados. Sobre a mesa, na bandeja de prata, via-se a garrafa de conhaque destampada, cercada de copos.

— Sente-se — ordenou ele, seguindo-a para dentro da sala.

Agora um novo tipo de medo surgia, um medo que transformava seu pânico de encará-lo em algo muito pequeno. Ele se portava e falava e agia como um estranho. Aquele era um Rhett mal-educado que ela jamais vira antes. Jamais em tempo algum, mesmo nos momentos mais íntimos, ela o vira ser mais que indiferente. Mesmo furioso, era frio e satírico e, de hábito, o uísque intensificava tais características. De início, isso a irritava e ela tentara quebrar aquela indiferença, mas acabou por reconhecer que era bastante conveniente. Durante anos, pensara que nada significava muito para ele, que Rhett considerava tudo na vida, Scarlett inclusive, uma piada irônica. Mas, ao fitá-lo por sobre a mesa, percebeu com um aperto no estômago que, finalmente, alguma coisa o incomodara, incomodara muito.

— Não há motivo para você não tomar seu drinque noturno, mesmo que eu seja suficientemente mal-educado para estar em casa — disse ele. — Quer que eu lhe sirva?

— Eu não queria um drinque — disse Scarlett, tensa. — Ouvi um barulho e vim…

— Não ouviu coisa alguma. Você não teria descido se achasse que eu estava em casa. Daqui eu a ouvi andar de um lado para o outro lá em cima. Deve estar precisando muito de um gole. Tome.

— Eu não…

Pegando a garrafa, ele encheu um copo até a boca, sem se preocupar em não derramar.

— Tome — disse, enfiando o copo na mão dela. — Você está tremendo. Ah, não se finja de ultrajada. Sei que você bebe escondido e sei o quanto. Já faz tempo que pretendo lhe dizer para parar com esse fingimento e beber abertamente, se desejar. Você acha que eu dou a mínima se você gosta de conhaque?

Ela pegou o copo molhado, amaldiçoando Rhett em silêncio. Ele a lia como se fosse um livro. Sempre a lera e era o único homem no mundo do qual ela gostaria de esconder seus verdadeiros pensamentos.

— Eu já disse para beber.

Ela ergueu o copo e bebeu o conteúdo com um movimento abrupto do braço, o pulso firme, como Gerald sempre fazia com seu uísque puro, bebeu de um gole sem pensar em quanto isso a faria parecer experiente e vulgar. O gesto não passou despercebido a Rhett, cuja boca se curvou no canto.

— Sente-se e teremos uma conversa agradável sobre a festa elegante a que comparecemos hoje.

— Você está bêbado — disse ela com frieza —, e eu vou dormir.

— Estou muito bêbado e pretendo ficar mais bêbado ainda antes que a noite acabe. Mas você não vai dormir, ainda não. Sente-se.

A voz ainda guardava um resquício do seu ritmo arrastado habitual, mas, por baixo das palavras, ela sentiu a violência lutando para vir à tona, uma violência cruel como uma chicotada. Vacilou, indecisa, e ele se pôs a seu lado, a mão apertando-lhe com força o braço. Rhett deu-lhe um pequeno safanão e ela se sentou com um gritinho de dor. Agora estava com medo, um medo maior do que já sentira em toda a vida. Quando ele se inclinou, ela percebeu que seu rosto se anuviara e ruborizara e que os olhos ainda estampavam aquele brilho amedrontador. Havia algo ali que não reconheceu, não entendeu, algo mais profundo que ódio, mais forte que dor, algo que o impelia até que os olhos reluziam como carvões em brasa. Rhett a olhou durante um bom tempo, tanto que o olhar desafiador dela titubeou e foi vencido. Então ele afundou em uma cadeira na frente dela e se serviu de novo. Scarlett pensava rápido, tentando

elaborar uma linha de defesa, mas até ele falar ela não saberia o que dizer, pois não sabia exatamente que acusação lhe seria feita.

Rhett bebeu devagar, observando-a por cima do copo, e ela retesou os músculos na tentativa de parar de tremer. Por alguns instantes, a expressão dele não se alterou, mas por fim riu, ainda fitando-a, e ao ouvir o riso ela não conseguiu controlar o tremor.

— Foi uma comédia divertida esta noite, não?

Ela nada disse, flexionando os dedos dos pés dentro das chinelinhas na tentativa de parar de tremer.

— Uma comédia agradável em que não faltou um só personagem. A aldeia se uniu para apedrejar a mulher pecadora, o marido traído apoiando a esposa como cabe a um cavalheiro, a esposa traída agindo com espírito cristão e jogando o manto da sua reputação imaculada sobre a coisa toda. E o amante…

— Por favor.

— Não faço favores. Não esta noite. É divertido demais. E o amante parecendo um maldito idiota e desejando estar morto. Qual é a sensação, minha querida, de contar com a mulher que você odeia a seu lado encobrindo os seus pecados? Sente-se.

Ela se sentou.

— Você não passou a gostar mais dela por isso, suponho. Está se perguntando se ela sabe de tudo que se passou entre você e Ashley, se perguntando por que terá feito isso, se sabe, ou se fez apenas para resguardar a si mesma. E está pensando que ela é uma boba por ter feito o que fez, mesmo tendo salvado seu couro, mas…

— Não vou ouvir…

— Sim, vai ouvir. E vou lhe dizer uma coisa para amenizar a sua preocupação. A srta. Melly é uma boba, mas não o tipo de boba que você imagina. Ficou óbvio que alguém contou a ela, mas ela não acreditou. Mesmo se visse, não acreditaria. É honrada demais para conceber que haja desonra em quem ela ama. Não sei que mentira Ashley Wilkes terá contado a ela, mas qualquer lorota serviria, pois a srta. Melly ama o marido e ama você. Não consigo ver por que ela ama você, mas é assim. Que essa seja uma das cruzes que caiba a você carregar.

— Se você não estivesse tão bêbado e ofensivo, eu explicaria tudo — disse Scarlett, recobrando alguma dignidade. — Mas agora…

— Não estou interessado em suas explicações. Conheço a verdade melhor que você. Pelo amor de Deus, se levantar dessa cadeira de novo… E o que acho mais divertido do que a comédia desta noite é o fato de que, enquanto você me negava tão virtuosamente os prazeres da sua cama, devido aos meus muitos pecados, no fundo você andou cometendo adultério no coração com Ashley Wilkes. "Adultério no coração." Bela frase, não? Há muitas belas frases naquele livro, não é mesmo?

— Que livro? Que livro? — A cabeça dela rodava, tolamente, sem concentração, enquanto os olhos varriam a sala, notando o brilho fosco da prataria sob a luz mortiça e como eram escuros e assustadores os cantos do aposento.

— E fui banido porque meus ardores grosseiros eram demasiados para o seu refinamento, porque você não queria mais filhos. Como isso me fez mal, minha querida! Como me magoou! Por isso, saí e encontrei consolo e deixei você com o seu refinamento. E você passou esse tempo correndo atrás do sofredor sr. Wilkes. Raios me partam, qual é o problema dele? Não consegue ser mentalmente fiel à esposa nem fisicamente infiel. Por que não se decide? Você não faria objeções a ter filhos dele, faria? E apresentá-los como meus, certo?

Ela se pôs de pé em um salto, com um grito, e Rhett se levantou, com aquele riso suave que lhe gelava o sangue. Empurrou-a de volta para a cadeira com suas mãos grandes e morenas e se inclinou sobre ela.

— Observe minhas mãos, querida — disse, abrindo e fechando ambas diante dos olhos dela. — Eu poderia fazê-la em pedaços com elas sem dificuldade, e faria, caso assim você tirasse Ashley da cabeça. Mas não adiantaria. Por isso, acho que vou tirá-lo da sua cabeça para sempre deste jeito: vou pôr as minhas mãos uma de cada lado da sua cabeça e esmagar seu crânio como uma noz, e assim vou apagá-lo.

As mãos dele mergulharam sob os cabelos soltos dela, acariciando com força e erguendo seu rosto. O rosto que a encarou era o de um estranho, de um estranho com a voz pastosa de um bêbado. A Scarlett jamais faltara coragem

animal e, diante do perigo, essa coragem ardeu em suas veias, endurecendo-lhe a espinha, estreitando seus olhos.

— Seu bêbado idiota — disse. — Tire essas mãos de mim.

Para sua surpresa, ele obedeceu, e sentando-se na beirada da mesa serviu-se de novo.

— Sempre admirei seu ânimo, minha querida. Nunca mais que agora, quando se vê encurralada.

Ela apertou mais o penhoar de encontro ao corpo. Ah, se pudesse correr para o quarto e virar a chave na porta pesada e ficar sozinha. De algum jeito, precisava afastá-lo, forçá-lo à submissão, aquele Rhett que nunca vira antes. Levantou-se sem pressa, embora os joelhos tremessem, apertou o penhoar em volta dos quadris e jogou o cabelo para trás, deixando o rosto livre.

— Não estou encurralada — disse, desafiadora. — Você nunca há de me encurralar, Rhett Butler, ou me amedrontar. Você não passa de um animal bêbado que passou tanto tempo com mulheres libertinas que não entende coisa alguma a não ser libertinagem. Não consegue entender Ashley nem a mim. Viveu na imundície tempo demais para reconhecer outra coisa. Tem inveja de algo que não consegue entender. Boa noite.

Virou-se despreocupadamente e começou a se dirigir para a porta quando uma gargalhada a interrompeu. Scarlett se virou e ele veio cambaleante a seu encontro. Santo Deus, se ao menos aquela gargalhada terrível parasse! O que havia de engraçado em tudo aquilo? Quando Rhett se aproximou, ela recuou em direção à porta e se viu de encontro à parede. Ele pôs as mãos sobre ela e prendeu-a à parede pelos ombros.

— Pare de rir.

— Estou rindo porque morro de pena de você.

— Pena? De mim? Tenha pena de você mesmo.

— Sim, eu juro. Tenho pena de você, minha querida, minha bobinha querida. Isso dói, não é? Você não suporta riso nem pena, estou certo?

Ele parou de rir, apoiando-se com tanta força em seus ombros a ponto de doer. O rosto se alterou e ele se aproximou tanto que o forte cheiro de uísque em seu hálito a fez virar a cabeça.

— Inveja, eu? — disse. — E por que não? Ah, sim, tenho inveja de Ashley Wilkes. Por que não? Ah, não tente falar e explicar. Eu sei que você tem sido fisicamente fiel a mim. Era o que queria me dizer? Ah, eu sempre soube disso. Todos esses anos. Como sei? Ah, eu conheço Ashley Wilkes e a sua cepa. Sei que é honrado e um cavalheiro. E isso, minha querida, é mais do que posso dizer de você. Ou de mim, aliás. Não somos cavalheiros e não temos honra, não é mesmo? Por isso temos tanto sucesso.

— Me solte. Não vou ficar aqui ouvindo insultos.

— Não estou insultando você, mas elogiando sua virtude física. E isso não me enganou nadinha. Você acha que os homens são todos idiotas, Scarlett. Nunca vale a pena menosprezar a força e a inteligência do seu oponente. Acha que eu não sei que você deitou em meus braços e fingiu que eu era Ashley Wilkes?

O queixo dela caiu e o medo e a perplexidade se estamparam nitidamente em seu rosto.

— Muito agradável isso. Bastante fantasmagórico, na verdade. Como serem três numa cama onde deveria haver dois apenas.

Ele balançou os ombros dela de leve, deu um soluço e sorriu jocosamente.

— Ah, sim, você foi fiel a mim porque Ashley não a quis. Mas, diabos, eu não negaria a ele o seu corpo. Sei quão pouco os corpos significam, sobretudo os femininos. Mas nego a ele o seu coração e a sua cabeça, querida, sua cabeça dura, inescrupulosa e obstinada. Ele não quer a sua mente, o tolo, e eu não quero o seu corpo. Posso comprar barato a mulher que eu quiser. Mas quero a sua mente e o seu coração, e jamais os terei, assim como você jamais terá a mente de Ashley. E é por isso que tenho pena de você.

— Pena… de mim?

— Sim, pena por você ser tão criança, Scarlett. Uma criança pedindo a lua. O que faria uma criança com a lua se a conseguisse? E o que você faria com Ashley? Sim, tenho pena de você… pena de vê-la jogar a felicidade fora com ambas as mãos e tentar pegar algo que jamais a faria feliz. Sinto pena porque você é tão boba que não sabe que nunca pode haver felicidade salvo quando dois iguais se juntam. Se eu morresse, se a srta. Melly morresse e você tivesse o seu precioso amante honrado, acha que seria feliz com ele? Com o diabo, não! Você jamais o conheceria, jamais saberia o que está pensando, jamais o entenderia

mais do que entende música e poesia e livros ou qualquer coisa que não sejam dólares e centavos. Enquanto nós, cara esposa do meu peito, poderíamos ser plenamente felizes se você tivesse um dia nos dado meia oportunidade, pois somos muito parecidos. Somos os dois velhacos, Scarlett, e não temos limites quando queremos alguma coisa. Podíamos ter sido felizes, pois eu a amei e eu a conheço, Scarlett, até os ossos, de um jeito que Ashley jamais poderá conhecer. E ele nos desprezaria se soubesse… Mas não, você tem de passar a vida toda atrás de um homem que não é capaz de entender. E eu, minha querida, continuarei a ir atrás de vadias. E ouso dizer que nos daremos melhor do que a maioria dos casais.

Ele a libertou abruptamente e se dirigiu cambaleante até a garrafa. Durante um momento, Scarlett ficou presa ao chão, os pensamentos indo e vindo em sua mente de forma tão rápida que lhe era impossível retê-los o suficiente para examiná-los. Rhett havia dito que a amava. Teria falado sério? Ou seria aquela mais uma de suas piadas horríveis? E Ashley… a lua… pedindo a lua. Correu depressa para o corredor escuro como se demônios a perseguissem. Ah, se pudesse chegar ao quarto! Torceu o tornozelo e um chinelinho quase caiu. Quando parou para tirá-lo de todo, frenética, Rhett, correndo sem fazer ruído, como um índio, alcançou-a no escuro. O hálito quente tocou seu rosto e suas mãos a envolveram por baixo do penhoar, diretamente na pele nua.

— Você me empurrou para outras camas enquanto o perseguia. Pelo amor de Deus, esta noite seremos apenas dois na minha cama.

Ele a levantou do chão e a tomou nos braços e começou a subir a escada. Com a cabeça de encontro ao peito dele, Scarlett ouviu as batidas pesadas do coração do marido. Ele a machucou e ela gritou, um grito abafado, assustado. Escada acima na escuridão profunda, um, dois degraus, e ela estava apavorada. Ele era um estranho insano e aquela era uma escuridão de breu que ela não conhecia, mais escura que a morte. Ele era como a morte, carregando-a em braços que machucavam. Ela gritou, sufocada de encontro a ele, e Rhett parou de repente. Girando-a nos braços, ele se inclinou e a beijou com uma selvageria e uma completude que varreu tudo da sua cabeça, menos a escuridão em que se afogava e aqueles lábios nos seus. Ele tremia, como se exposto a um vento forte, e seus lábios, descendo em direção ao ponto em que o penhoar se abrira, pousaram na

pele macia. Ele murmurava coisas que Scarlett não entendia, seus lábios evocavam sensações jamais vividas. Ela era escuridão e ele era escuridão e nunca existira nada antes de agora, apenas a escuridão e os lábios dele na sua pele. Ela tentou falar e novamente sentiu a boca de Rhett na sua. De repente, experimentou uma sensação arrebatadora que jamais provara antes; júbilo, medo, loucura, excitação, entrega a braços fortes demais, lábios sedentos demais, um destino que se movia depressa demais. Pela primeira vez na vida encontrara alguém mais forte que ela, alguém que não podia assediar nem subjugar, alguém que a estava assediando e subjugando. Sem saber como, seus braços envolveram o pescoço dele e seus lábios tremeram sob os de Rhett e os dois voltaram a subir de novo a escada na escuridão, uma escuridão macia, um turbilhão envolvente.

Quando acordou na manhã seguinte, ele já saíra, e não fosse pelo travesseiro amassado a seu lado Scarlett acharia que os acontecimentos da noite anterior não passavam de um sonho absurdo. Enrubesceu ao recordar e, puxando as cobertas até o pescoço, ficou ali banhada pelo sol, tentando organizar as imagens confusas na cabeça.

Duas coisas se destacavam: vivera anos com Rhett, dormira com ele, comera com ele, brigara com ele e dera à luz a filha dele. Não o conhecia, no entanto. O homem que a carregara pela escada escura acima era um estranho com cuja existência sequer sonhara. E agora, embora tentasse se obrigar a odiá-lo, a sentir indignação, não conseguia. Ele a humilhara, a ferira, a usara brutalmente ao longo de uma selvagem noite de loucura e ela havia adorado.

Ah, devia se sentir envergonhada, se encolher ante a mera lembrança da escuridão ardente! Uma dama, uma dama de verdade, jamais ergueria a cabeça após uma noite daquelas. Porém, mais forte que a vergonha era a lembrança da euforia, do êxtase da rendição. Pela primeira vez na vida, sentira-se viva, sentira uma paixão tão absoluta e primitiva quanto o medo que experimentara na noite em que fugira de Atlanta, tão estonteantemente doce quanto o ódio gélido de quando atirara no ianque.

Rhett a amava! Ao menos dissera que a amava, e como podia duvidar disso agora? Que estranho e confuso, e como era incrível que a amasse, aquele

desconhecido selvagem com quem vivera dentro de tamanha frieza. Não tinha muita certeza de como se sentia com aquela revelação, mas uma ideia lhe brotou e a fez repentinamente rir. Ele a amava e, logo, ela o tinha finalmente. Quase se esquecera do seu desejo anterior de seduzi-lo para que, apaixonado, Rhett ficasse refém do seu chicote dominador. Agora, esse desejo voltou e lhe deu enorme satisfação. Por uma noite, ele a tivera à disposição, mas agora ela conhecia o ponto fraco da sua armadura. Daquele dia em diante ela o tinha onde o queria. Suportara seu sarcasmo durante um bocado de tempo, mas agora poderia fazê-lo dar piruetas a seu bel-prazer.

Quando pensou em encontrá-lo frente a frente à sóbria luz do dia, um constrangimento nervoso em que havia também um prazer excitante a envolveu.

— Estou nervosa como uma noiva — pensou. — E por causa de Rhett!

O pensamento a fez rir como uma mocinha.

Mas Rhett não apareceu para o almoço, nem estava em seu lugar na mesa do jantar. A noite passou, uma longa noite durante a qual ela permaneceu acordada até de madrugada, os ouvidos atentos ao ruído da chave dele na fechadura. Mas ele não chegou. Quando o segundo dia se passou sem notícias, Scarlett se desesperou de decepção e medo. Foi ao banco, mas não o encontrou lá. Foi ao armazém e foi bastante rude com todos, pois, cada vez que a porta se abria para a entrada de um freguês, erguia os olhos ansiosamente, na esperança de que fosse Rhett. Foi ao depósito de madeira e implicou com Hugh até que ele se escondesse atrás de uma pilha de madeira. Mas Rhett não a procurou lá.

Não podia se humilhar a ponto de perguntar aos amigos se o haviam visto. Não podia verificar com os criados se tinham notícias dele. Mas percebeu que eles sabiam alguma coisa que ela desconhecia. Os negros sempre sabiam de tudo. Mammy andara incomumente calada nos últimos dois dias. Observava Scarlett com o canto do olho e nada dizia. Quando a segunda noite se passou, Scarlett decidiu ir à polícia. Talvez Rhett tivesse sofrido um acidente, talvez o cavalo o tivesse derrubado e ele estivesse caído desamparado em alguma vala. Talvez… Ah, que pensamento horrível. Talvez estivesse morto.

Na manhã seguinte, quando já tomara o café e estava no quarto pondo o chapéu, ela ouviu passos rápidos na escada. Quando afundou na cama debilmente agradecida, Rhett entrou no quarto. Estava recém-barbeado, de

cabelo cortado e sóbrio, mas com os olhos injetados e o rosto inchado de bebida. Acenou em um gesto distante e disse:

— Ah, olá!

Como um homem podia dizer "Ah, olá" depois de sumir dois dias sem explicação? Como podia se portar tão casualmente tendo a lembrança da noite que passaram juntos? Não podia, a menos que… a menos que… Um pensamento terrível brotou em sua cabeça. A menos que noites como aquela fossem habituais para ele. Por um instante, Scarlett não conseguiu falar e todos os gestos e sorrisos sedutores que pensara usar com ele foram esquecidos. Rhett sequer se aproximou para lhe dar o habitual beijo protocolar, mas ficou olhando para ela com um sorriso e um charuto aceso na mão.

— Onde… Onde você esteve?

— Não me diga que não sabe! Achei que sem dúvida toda a cidade soubesse a esta altura. Talvez todos saibam, menos você. Você conhece o ditado: "A esposa é sempre a última a saber."

— Como assim?

— Achei que depois que a polícia bateu na casa de Belle anteontem à noite…

— Belle… Aquela… Aquela mulher! Você estava com…

— Claro. Onde mais eu haveria de estar? Espero que não tenha se preocupado comigo.

— Você saiu da minha ca… Ah!

— Ora, ora, Scarlett! Não se finja de esposa enganada. Você com certeza sabe de Belle há muito tempo.

— Você saiu daqui para lá depois de… depois de…

— Ah, aquilo — disse ele, com um gesto descuidado. — Esqueci a educação. Peço desculpas pela minha conduta no nosso último encontro. Eu estava muito bêbado, como sem dúvida você sabe, e me deixei seduzir pelos seus encantos… Preciso enumerá-los?

De repente, ela teve vontade de chorar, de deitar na cama e soluçar sem parar. Ele não mudara, nada mudara, e ela fora uma boba, uma burra, convencida, idiota completa, achando que ele a amava. Tudo havia sido uma brincadeira repulsiva de bêbado. Ele a possuíra e usara quando estava embriagado, assim como usaria qualquer uma das moças da casa de Belle. E agora estava de volta,

ofensivo, sardônico, fora de alcance. Engoliu as lágrimas e se recompôs. Ele nunca, jamais, saberia o que ela pensara. Como riria se soubesse! Bem, não saberia jamais. Ergueu os olhos e flagrou aquela velha e indecifrável expressão vigilante no semblante dele — alerta, ansiosa, como se dependente das palavras seguintes que ouviria dela, esperando que fossem… O que será que esperava? Que ela fizesse papel de boba e choramingasse e lhe desse motivo para rir? Nem pensar! As sobrancelhas se uniram, franzidas na testa.

— Claro que eu desconfiava da sua relação com aquela criatura.

— Desconfiava apenas? Por que não me perguntar e satisfazer a curiosidade? Eu lhe diria. Estou vivendo com Belle desde o dia em que você e Ashley Wilkes decidiram que teríamos quartos separados.

— Você tem a audácia de se gabar na minha frente, na frente da sua esposa, de que…

— Ah, me poupe da sua indignação moral. Você jamais deu a mínima para o que eu fizesse, desde que pagasse as contas. E sabe que não tenho sido um anjo ultimamente. E quanto a você ser minha esposa… Isso não tem acontecido desde o nascimento de Bonnie, não é mesmo? Você foi um mau investimento, Scarlett. Belle provou ser um investimento melhor.

— Investimento? Quer dizer que você deu a ela…

— Eu a estabeleci nos negócios, essa é a definição apropriada, creio. Belle é uma mulher inteligente. Eu queria vê-la progredir e tudo de que precisava era dinheiro para começar um negócio próprio. Você devia saber os milagres que uma mulher é capaz de fazer com um pouco de dinheiro. Olhe para si mesma.

— Você me compara a…

— Bem, vocês são ambas mulheres de negócios obstinadas e ambas bem-sucedidas. Belle ganha de você, é claro, por ser uma alma de bom coração, de boa índole…

— Por favor, saia deste quarto.

Ele se dirigiu até a porta, uma sobrancelha erguida com curiosidade. Como podia insultá-la tanto?, pensou Scarlett com raiva e mágoa. Esforçava-se para magoá-la e humilhá-la e ela se encolheu ao pensar como ansiara pela sua volta, enquanto o tempo todo ele estivera bêbado e brigando com a polícia em uma casa de prostituição.

— Saia deste quarto e nunca mais entre aqui. Eu lhe disse isso uma vez e você não foi cavalheiro o bastante para entender. Daqui em diante, trancarei a porta.

— Não se dê esse trabalho.

— Vou trancar. Depois da forma como você agiu há duas noites… Tão bêbado, tão nojento…

— Ora, ora, minha querida! Nojento não, com certeza!

— Saia!

— Não se preocupe. Já vou. E prometo jamais incomodá-la de novo. É definitivo. E acabo de lembrar que eu ia lhe dizer que, se a minha conduta foi infame demais para você suportar, deixarei que peça o divórcio. Basta me entregar Bonnie que não contestarei o pedido.

— Não me passaria pela cabeça desgraçar a família com um divórcio.

— Você a desgraçaria com a maior rapidez se a srta. Melly morresse, não? Fico zonzo só de pensar com que rapidez você se divorciaria de mim.

— Você vai sair ou não?

— Sim, vou. Foi o que vim lhe dizer. Vou para Charleston e Nova Orleans e… Ah, vai ser uma viagem bem longa. Parto hoje.

— Ah!

— E Bonnie vai comigo. Mande aquela tonta da Prissy arrumar as coisinhas dela. Vou levar Prissy também.

— Você jamais vai tirar a minha filha desta casa.

— Minha filha também, sra. Butler. Sem dúvida não a incomoda que Bonnie vá a Charleston visitar a avó, não é?

— A avó, uma ova! Acha que vou deixar você levar esse bebê e ficar bêbado todas as noites e muito provavelmente levá-la a casas como a daquela Belle…

Rhett atirou com violência no chão o charuto aceso, que queimou o tapete, e o cheiro de lã chamuscada subiu para as narinas de ambos. Em um segundo, postou-se ao lado dela, o rosto cheio de fúria.

— Se você fosse homem, eu lhe quebraria o pescoço por isso. Como não é, tudo que posso fazer é mandá-la calar essa boca maldita. Você acha que eu não amo Bonnie, que eu a levaria… a minha filha! Santo Deus, sua tola! Quanto a você, chega de fingir ser tão dedicada à maternidade.As gatas são melhores mães que você! O que você já fez por seus filhos? Wade e Ella morrem de medo da

mãe e, se não fosse por Melanie Wilkes, jamais saberiam o significado de amor e afeição. Mas Bonnie, a minha Bonnie! Você acha que não posso cuidar dela melhor que você? Acha que algum dia hei de deixar que você a persiga e lhe tire a iniciativa como fez com Wade e Ella? De jeito nenhum! Mande fazer as malas dela, e que esteja pronta daqui a uma hora ou tenha certeza de que o que aconteceu há duas noites será pouco perto do que vai acontecer. Sempre me pareceu que umas boas chicotadas lhe fariam um bem imenso.

Rhett girou nos calcanhares antes que ela dissesse uma palavra e saiu do quarto a passos largos. Ela o ouviu atravessar o corredor em direção ao quarto de brinquedos e abrir a porta. Ouviu a alegria com que as vozes das crianças o receberam e a de Bonnie, se impondo sobre a de Ella, indagar:

— Papai, por onde você andava?

— Caçando um coelho para tirar a pele e enrolar nela a minha Bonnie. Dê um beijo no seu queridinho, Bonnie. E você também, Ella.

Capítulo 55

— Minha querida, não quero explicação nenhuma sua e não vou ouvir explicação alguma — disse Melanie com firmeza enquanto pousava delicadamente a mão pequena sobre os lábios atormentados de Scarlett e calava suas palavras. — Você insulta a si mesma, a Ashley e a mim ao sequer pensar que poderia haver a necessidade de explicações entre nós. Ora, nós três sempre fomos… Sempre fomos como soldados combatendo o mundo juntos durante tantos anos que me envergonho de você pensar que mexericos de ociosos possam se interpor entre nós. Você acha que eu acredito que você e o meu Ashley…. Que ideia! Percebe que eu a conheço melhor do que qualquer outra pessoa no mundo? Acha que me esqueci de todas as coisas maravilhosas, altruístas que você fez por Ashley, por Beau e por mim… Tudo, desde salvar a minha vida a impedir que morrêssemos de fome! Acha que sou capaz de me lembrar de você andando na terra batida atrás do cavalo daquele ianque, descalça e com as mãos cheias de bolhas, para que eu e o bebê tivéssemos o que comer, e acreditar nessas coisas horríveis que dizem de você? Não quero ouvir uma palavra sua, Scarlett O'Hara. Nem uma palavra.

— Mas… — Scarlett começou e parou.

Rhett partira uma hora antes com Bonnie e Prissy, e além de vergonha e raiva Scarlett sentia também desolação. O ônus adicional da própria culpa com relação a Ashley e à defesa de Melanie era mais do que podia suportar. Se Melanie tivesse acreditado em India e em Archie, se a tivesse ignorado ou mesmo a recebido com frieza, ela conseguiria manter a cabeça erguida e revidar com todas as armas do seu arsenal. Agora, porém, com a lembrança de Melanie se pondo entre ela e a ruína social, como uma espada reluzente, com confiança e o brilho da luta em seus olhos, não lhe parecera honesto senão confessar. Sim, desabafar tudo desde aquele remoto começo na varanda ensolarada de Tara.

Fora levada por uma consciência que, embora reprimida durante muito tempo, podia ainda se impor, uma ativa consciência católica. “Confesse seus pecados e faça penitência por eles com arrependimento e contrição”, lhe dissera Ellen centena de vezes e, naquela crise, os ensinamentos religiosos da mãe retornaram e agarraram-se a ela. Confessaria, sim, confessaria tudo, cada olhar e cada palavra, aquelas poucas carícias, e então Deus amenizaria sua dor e lhe daria paz. E, como penitência, suportaria a terrível visão da expressão de Melanie passando de amorosa para incrédula e horrorizada. Ah, era uma penitência demasiado dura, pensou, angustiada, ter de passar o resto da vida recordando a expressão de Melanie, sabendo que Melanie estava a par de toda a mesquinharia, de toda a maldade, da deslealdade e da hipocrisia que havia na cunhada.

No passado, a ideia de jogar a verdade em Melanie e ver o colapso do seu paraíso ilusório havia sido tentadora, um gesto que compensaria tudo que viesse a perder por isso. Agora, porém, tudo mudara da noite para o dia, e nada havia que desejasse menos. Não sabia por quê. Era demasiado grande o tumulto de ideias conflitantes em sua cabeça para que as examinasse. Sabia apenas que, assim como no passado desejava que a mãe a visse como casta, generosa, pura de coração, agora desejava apaixonadamente manter a boa opinião que Melanie tinha dela. Sabia apenas que não se importava com o que mundo pensasse a seu respeito ou para o que Ashley ou Rhett pensassem a seu respeito, mas Melanie não podia pensar de forma diferente do que sempre pensara.

Morria de medo de contar a Melanie a verdade, mas um de seus raros instintos honestos se impunha, um instinto que não lhe permitiria fingir diante da mulher que lutara suas batalhas por ela. Por isso, correra para encontrar Melanie naquela manhã, tão logo Rhett e Bonnie saíram de casa.

No entanto, ao ouvir as primeiras palavras titubeantes “Melly, preciso explicar o que houve…”, Melanie imperativamente a calou. Scarlett, olhando envergonhada nos olhos escuros que cintilavam com amor e raiva, soube com um aperto no coração que jamais teria a paz e a serenidade que se seguiriam à confissão. Melanie cortara para sempre aquela linha de ação com suas primeiras palavras. Com uma das poucas emoções adultas já sentidas na vida, Scarlett se deu conta de que aliviar o próprio coração torturado seria o mais puro egoísmo. Ela se livraria do peso e o poria no coração de uma pessoa inocente e confiante.

Tinha uma dívida com Melanie pela sua defesa, e tal dívida só poderia ser quitada com o silêncio. Que compensação cruel seria destruir a vida de Melanie com o conhecimento indesejado da infidelidade do marido e, ainda por cima, com a participação da amiga querida!

Não posso contar a ela, pensou, infeliz. *Nunca, nem mesmo que a minha consciência me mate*. Lembrou-se, sem causa aparente, da observação feita por Rhett, bêbado: "Ela não pode conceber desonra em alguém que ame… Essa será a sua cruz."

Sim, seria a sua cruz até morrer manter aquele tormento calada, usar a camisa de onze varas da vergonha, senti-la machucar a cada olhar e gesto ternos de Melanie ao longo dos anos, refrear para sempre o impulso de gritar: "Não seja tão boa! Não lute por mim! Não mereço!"

Se ao menos você não fosse tão tola, se não fosse uma tola tão doce, confiante e simplória não seria tão difícil, pensou com desespero. *Carreguei muitos fardos pesados, mas esse será o mais pesado e mais acachapante* de todos.

Melanie sentava-se de frente para ela, em uma cadeira baixa, os pés plantados com firmeza em uma banqueta tão alta que seus joelhos apontavam para cima como os de uma criança, uma postura que jamais teria assumido caso a raiva não a tivesse dominado a ponto de esquecer as convenções. Segurava nas mãos um trabalho de crochê e manejava a agulha brilhante para a frente e para trás com a fúria de quem empunha um florete em um duelo.

Se estivesse possuída de uma tal raiva, Scarlett bateria com ambos os pés no chão e urraria como Gerald em seus melhores dias, clamando a Deus para testemunhar a maldita duplicidade e velhacaria da humanidade e proferindo ameaças de retaliação de gelar o sangue. Mas apenas pela agulha rápida e pelas sobrancelhas delicadas franzidas em direção ao nariz Melanie dava sinais de que borbulhava internamente. A voz era tranquila e as palavras mais bem enunciadas que de hábito. Mas as palavras duras que proferiu lhe eram estranhas, pois Melanie raras vezes emitia uma opinião e jamais usava palavras pouco generosas. Scarlett se deu conta de repente de que os Wilkes e os Hamiltons eram capazes de sentir uma fúria igual ou maior que a dos O'Haras.

— Estou um bocado cansada de ouvir críticas a você, minha querida — disse Melanie —, e essa foi a gota d'água e vou fazer algo a respeito. Tudo isso

aconteceu porque as pessoas têm raiva de você, por conta da sua inteligência e do seu sucesso. Você se saiu bem no que até muitos homens fracassam. Agora, não se aborreça comigo, querida, por eu dizer isso. Não quis dizer que você agiu de jeito pouco feminino ou que rejeitou o próprio sexo, como muita gente disse. Porque isso não aconteceu. Simplesmente essa gente não a entende e não aceita que mulheres sejam inteligentes. Mas a sua inteligência e o seu sucesso não dão a ninguém o direito de dizer que você e Ashley… Com os diabos!

A suave veemência da última exclamação seria, nos lábios de um homem, uma blasfêmia sem significado dúbio. Scarlett a encarou, alarmada por uma explosão tão sem precedentes.

— E me trazerem as mentiras imundas que inventaram… Archie, India, a sra. Elsing! Como tiveram a audácia? Claro que a sra. Elsing não veio, não teve coragem. Mas sempre odiou você, minha querida, por ser mais popular do que Fanny. E ficou tão indignada por você ter demitido Hugh da administração da serraria… Mas você fez bem em demiti-lo. Ele não passa de um ser insignificante, imprestável! — Sem demora, Melanie dispensou o amiguinho de infância e namorado de adolescência. — Eu me culpo com relação a Archie. Não devia ter dado guarida àquele vigarista. Todos me avisaram, mas eu não ouvi. Ele não gostava de você por conta dos prisioneiros, mas quem lhe deu o direito de criticá-la? Um assassino, e assassino de uma mulher, ainda por cima! E, afinal, depois de tudo que fiz por ele, vir aqui e me dizer… Eu não deveria ter a mínima pena se Ashley o matasse. Bem, mandei-o embora com a pulga atrás da orelha, pode crer! E ele saiu da cidade.

“Quanto a India, que grande bisca! Querida, não deixei de reparar desde que vi vocês duas juntas que ela sentia inveja de você e a odiava porque você é muito mais bonita e tinha tantos namorados. E a odiava especialmente por causa de Stuart Tarleton. E ficou tão acabrunhada com a morte de Stuart que… Bem, detesto dizer isso sobre a irmã de Ashley, mas acho que a cabeça dela entortou de tanto pensar! Não existe outra explicação para o que fez… Eu lhe disse para nunca mais pisar nesta casa e que se eu a ouvisse fazer uma insinuação tão vil eu… Eu a chamaria de mentirosa publicamente!”

Melanie parou de falar e de repente o ódio sumiu do seu rosto e a dor o substituiu. Melanie tinha aquela lealdade passional pelo clã típica dos

georgianos, e a ideia de uma briga de família partia seu coração. Por um instante, ela vacilou, mas Scarlett era mais querida, Scarlett vinha em primeiro lugar em seu coração, e ela prosseguiu lealmente:

— Ela sempre teve ciúmes porque eu amava mais a você, minha querida. Jamais entrará nesta casa de novo e eu não porei os pés onde quer que ela seja recebida. Ashley concorda comigo, mas seu coração foi partido quando viu a própria irmã contar uma ta…

À menção do nome de Ashley, os nervos tensos de Scarlett não suportaram e ela explodiu em lágrimas. Será que continuaria para sempre a partir o coração dele? Seu único pensamento era fazê-lo se sentir feliz e seguro, mas a cada curva aparentemente o feria. Arruinara-lha a vida, acabara com seu orgulho e respeito próprio, quebrara sua paz interior, a serenidade baseada na integridade. E agora o afastara da irmã que ele tanto amava. Para salvar a própria reputação e a felicidade da esposa, India precisou ser sacrificada, rotulada de solteirona mentirosa, ciumenta… India, que tinha razão em nutrir todas as suspeitas que já tivera e dizer cada palavra de acusação que proferira. Sempre que olhasse nos olhos de India, Ashley veria brilhar ali a verdade, a verdade e a censura e o frio desprezo que os Wilkes eram mestres em ostentar.

Sabendo que Ashley valorizava a honra acima da vida, Scarlett sabia que ele devia estar mortificado. Como ela, fora forçado a se escudar atrás das saias de Melanie. Embora se desse conta da necessidade daquilo e soubesse que a culpa por aquela falsa posição cabia majoritariamente a ela mesma, ainda assim… Ainda assim, como mulher, Scarlett o respeitaria mais caso ele tivesse matado Archie e admitido tudo para Melanie e para o mundo. Sabia estar sendo injusta, mas sentia-se por demais infeliz para matutar sobre conceitos tão complexos. Algumas palavras de desprezo de Rhett lhe ocorreram e ela se perguntou se, com efeito, Ashley havia feito o papel masculino naquela confusão. E, pela primeira vez, uma parcela do brilho reluzente que o envolvera desde que se apaixonara por ele começou a desbotar imperceptivelmente. A mácula da vergonha que a conspurcava manchou-o também. Tentou lutar contra essa ideia com determinação, mas só conseguiu chorar mais ainda.

— Não! Não! — exclamou Melanie, largando o crochê e se sentando no sofá para puxar a cabeça de Scarlett para o consolo do seu ombro. — Eu não deveria

ter falado nisso e deixado você tão nervosa. Sei como deve se sentir péssima e jamais tocaremos nesse assunto de novo. Não, nem uma com a outra, nem com mais ninguém. Será como se jamais tivesse acontecido. Mas — acrescentou com certo veneno — vou mostrar a India e à sra. Elsing o que é o quê. Não podem achar que têm o direito de sair por aí espalhando mentiras sobre o meu marido e a minha cunhada. Vou dar um jeito para que nenhuma das duas consiga andar de cabeça erguida em Atlanta. E qualquer pessoa que acredite nelas será minha inimiga.

Scarlett, antecipando com pesar a longa série de anos à frente, percebeu ser a causa de uma rixa que dividiria a cidade e a família por várias gerações.

Melanie foi fiel à palavra. Nunca mais tocou no assunto com Scarlett nem com Ashley. Aliás, jamais o discutiu com pessoa alguma. Manteve um ar de indiferença fria que rapidamente podia se transformar em formalidade gélida se alguém sequer ousasse insinuar a questão. Durante as semanas seguintes à sua festa surpresa, enquanto Rhett se encontrava misteriosamente ausente e a cidade se agitava freneticamente com mexericos, excitação e partidarismo, não deu trégua aos detratores de Scarlett, fossem eles velhos amigos ou parentes. Não falava, agia.

Ficou ao lado de Scarlett como um carrapato. Obrigou Scarlett a ir ao armazém e ao depósito de madeira, como de hábito, toda manhã, e a acompanhava. Insistiu para que saísse de carruagem à tarde, embora pouco quisesse Scarlett se expor aos atentos olhares curiosos dos moradores da cidade. E Melanie ia a seu lado; levava-a para visitas em tardes formais, delicadamente impondo-a em salões onde Scarlett não se sentava havia mais de dois anos. E Melanie, com uma expressão de “quem-me-quer-bem-ama-o-meu-cão”, conversava com anfitriãs atônitas.

Fazia Scarlett chegar cedo nessas ocasiões e permanecer até a última visita ter ido embora, dessa forma privando as senhoras da oportunidade de discorrer e especular em grupo, algo que provocou certa indignação. Essas visitas eram um tormento para Scarlett, que não se recusava, contudo, a acompanhar Melanie. Odiava sentar-se entre mulheres que secretamente se perguntavam se ela havia, de fato, cometido adultério. Odiava estar ciente de que aquelas mulheres não lhe

dirigiriam a palavra, não fosse o fato de adorarem Melanie e não quererem perder sua amizade. Mas Scarlett sabia que, tendo-a recebido uma vez, não poderiam excluí-la depois.

Não era de espantar que devido à opinião geral sobre Scarlett poucos baseassem sua defesa ou crítica na integridade pessoal dela. “Eu não poria a minha mão no fogo por Scarlett” era a atitude universal. Fizera inimigos demais para contar com muitos defensores agora. Suas palavras e ações haviam causado ressentimento em demasiados corações para que muitos se importassem se aquele escândalo a prejudicaria ou não. Mas todos se importavam muitíssimo em não magoar Melanie ou India, e a tempestade rugia em torno delas e não de Scarlett, centrada em uma pergunta: “India mentiu?”

Os que optavam pelo lado de Melanie apontavam em triunfo para o fato de que ela vivia ao lado de Scarlett ultimamente. Acaso uma dama com os nobres princípios de Melanie defenderia a causa de uma mulher culpada, sobretudo quando se tratava do próprio marido? Não, com certeza! India não passava de uma solteirona biruta que odiava Scarlett e mentira sobre ela, além de induzir Archie e a sra. Elsing a crerem em suas mentiras.

Por outro lado, indagavam os partidários de India, se Scarlett não era culpada, onde estava o capitão Butler? Por que não ficou ao lado da esposa, emprestando-lhe a força da sua aprovação? Essa era uma pergunta impossível de responder e, conforme as semanas passavam e o boato se espalhava de que Scarlett estava grávida, o grupo a favor da India assentia, satisfeito. O bebê não podia ser do capitão Butler, diziam. Durante tempo demais o fato do afastamento do casal fora de conhecimento público. Durante tempo demais a cidade se escandalizara com os quartos separados.

Assim fervilhavam os mexericos, dividindo a cidade, dividindo também o clã unido dos Hamiltons, Wilkes, Burrs, Whitmans e Winfields. Todos os participantes da conexão familiar eram forçados a tomar partido. Não havia território neutro. Melanie com dignidade fria e India com amargor azedo providenciavam para que não houvesse. Mas, independentemente do lado que defendessem os parentes, todos se ressentiam por Scarlett ter sido a causa do rompimento da família. Ninguém achava que ela valesse isso. E, independentemente do lado que defendessem, os parentes deploravam que India

tivesse optado por lavar a roupa suja tão publicamente envolvendo Ashley em escândalo tão degradante. Agora, porém, que o estrago havia sido feito, muito acorreram em sua defesa e tomaram seu lado contra Scarlett, assim como outros, por amarem Melanie, ficaram com ela e Scarlett.

Meia Atlanta era aparentada ou se dizia aparentada com Melanie e India. As ramificações de primos, primos em segundo grau, primos por casamento e primos por afinidade eram tão intrincadas e abrangentes que ninguém, com exceção de um georgiano nativo, tinha como destrinchá-las. Sempre se tratara de uma tribo-clã, apresentando-se ao mundo em tempos de crise como uma falange inquebrantável, fossem quais fossem suas opiniões particulares sobre a conduta de determinado parente. Com exceção da guerrilha travada por tia Pitty contra tio Henry, que durante anos foi motivo de hilaridade na família, nunca houvera uma ruptura ostensiva nas relações harmoniosas. Todos eram pessoas tranquilas, caladas, reservadas, sequer adeptas das implicâncias amistosas características da maioria das famílias de Atlanta.

Agora, porém, estavam divididas, e a cidade tinha o privilégio de assistir primos de quinto e sexto graus tomando partido no escândalo mais devastador que Atlanta já sediara. Isso criou grande dificuldade e testou o tato e tolerância da metade da cidade sem vínculo familiar com as envolvidas, pois a disputa India-Melanie causou uma cisão em praticamente todas as organizações sociais. Os Talianos, o Círculo de Costura para as Viúvas e os Órfãos da Confederação, a Associação pelo Embelezamento dos Túmulos dos Nossos Mortos Gloriosos, o Círculo Musical das Noites de Sábado, a Sociedade do Cotilhão Noturno das Senhoras, a Biblioteca dos Rapazes, foram todos envolvidos, assim como as quatro igrejas com suas sociedades de auxílio e obras missionárias. Muito cuidado se tomava para evitar juntar membros de facções inimigas nos mesmos comitês.

Nas tardes sem eventos, as matronas de Atlanta ficavam em casa angustiadas das quatro às seis, temendo que Melanie e Scarlett aparecessem para uma visita enquanto India e seus leais apoiadores estivessem presentes.

De toda a família, a coitada da tia Pitty era quem mais sofria. Pitty, que não desejava senão viver confortavelmente cercada pelo amor dos parentes, se

sentiria muito feliz, no caso em questão, de ficar em cima do muro, mas nem uma nem outra parte lhe permitiam tomar tal posição.

India morava com tia Pitty e, se Pitty se pusesse ao lado de Melanie, como era seu desejo, se mudaria. E, se India a deixasse, o que a pobre Pitty haveria de fazer? Não podia morar sozinha. Teria de hospedar um estranho ou fechar a casa e ir morar com Scarlett. Pitty tinha a leve sensação de que o capitão Butler não seria muito favorável a esse arranjo. Ou precisaria ir morar com Melanie e dormir no cubículo que servia de quarto para Beau.

Pitty não amava India de paixão, pois ela a intimidava com seu jeito seco e seu nariz empinado, além das convicções extremadas. No entanto, India possibilitava a Pitty manter seu estilo de vida confortável, e a idosa era sempre movida mais pelo conforto pessoal do que por princípios morais. Por esse motivo, India continuava lá.

Sua presença na casa, contudo, situou tia Pitty no olho do furacão, pois tanto Scarlett quanto Melanie consideravam que com isso ela se punha ao lado de India. Scarlett sumariamente se recusou a contribuir com dinheiro para o sustento da tia enquanto India estivesse sob seu teto. Ashley mandava dinheiro para India toda semana e toda semana India, orgulhosa e silenciosamente o devolvia, para grande desgosto e preocupação da idosa. As finanças na casa de tijolos vermelhos estariam em situação deplorável não fosse pela intervenção de tio Henry, e Pitty se sentia humilhada por aceitar dinheiro do irmão.

Pitty gostava mais de Melanie do que de qualquer outra pessoa no mundo, com exceção de si mesma, e agora Melly agia como uma estranha fria e educada. Embora praticamente morasse no quintal dos fundos, ela jamais cruzava a cerca viva, o que antes fazia uma dezena de vezes ao dia. Pitty a visitava e chorava e declarava seu amor e devoção, mas Melanie sempre se recusava a abordar o assunto e jamais retribuía as visitas.

Pitty estava plenamente ciente do que devia a Scarlett — quase a própria vida. Decerto naquele período sombrio após a guerra, quando precisara optar entre Henry e morrer de fome, Scarlett providenciara para que tivesse o seu teto, comida, roupas e a dignidade de andar de cabeça erguida diante da sociedade de Atlanta. E, desde que se casara e se mudara para a própria casa, Scarlett tinha sido a generosidade em pessoa. E o capitão Butler, tão assustador e fascinante!

Era comum, após suas visitas com Scarlett, Pitty encontrar bolsas novinhas em folha cheias de notas em seu console, ou lenços de renda enrolados em moedas de ouro, casualmente deixados em sua caixa de costura. Rhett sempre jurava nada saber dessas coisas e a acusava, em termos pouco corteses, de ter um admirador secreto, em geral citando o barbudo avô Merriwether.

Sim, Pitty devia amor a Melanie, segurança a Scarlett e o que a India? Nada, exceto que a sua presença lhe permitia manter a vida agradável que levava e evitava a necessidade de tomar decisões. A situação era muito angustiante e também muito vulgar, e Pitty, que jamais tomara uma decisão sozinha em toda a vida, simplesmente deixava tudo continuar como estava e, por esse motivo, passava um bocado de tempo chorando sem consolo.

No final, alguns acreditaram sinceramente na inocência de Scarlett, não devido à sua virtude, mas porque Melanie acreditava nisso. Alguns nutriam alguma reserva mentalmente, mas eram corteses com Scarlett e a visitavam porque amavam Melanie e queriam manter seu afeto. Os defensores de India cumprimentavam Scarlett com frieza e uns poucos a ignoravam de forma ostensiva. Esses a constrangiam e enfureciam, mas ela se deu conta de que, não fosse o apoio de Melanie e sua ação rápida, a cidade lhe teria virado as costas e a transformado em proscrita.

Capítulo 56

Rhett passou três meses fora, e durante esse tempo Scarlett não recebeu uma palavra dele. Não sabia onde estava nem quanto tempo levaria para voltar. Com efeito, não fazia ideia se um dia retornaria. Durante todo o período, ela seguiu a própria rotina de cabeça erguida e com o coração partido. Não se sentia bem fisicamente, mas, obrigada por Melanie, ia ao armazém diariamente e tentava manter um interesse superficial pelas serrarias. Mas pela primeira vez o armazém perdera a graça para ela e, embora os negócios rendessem três vezes mais do que no ano anterior e o dinheiro não parasse de entrar, ela não conseguia se interessar pelo assunto e era impaciente e grosseira com os funcionários. A serraria de Johnnie Gallegher ia de vento em popa e o depósito de madeira vendia todo o estoque rapidamente, mas nada que Johnnie fizesse ou dissesse a agradava. Johnnie, tão irlandês quanto ela, finalmente se enfureceu com suas implicâncias e ameaçou se demitir após uma longa discussão que terminou com "que a sua vida seja curta, senhora, e que vá direto para o inferno". Scarlett precisou aplacá-lo com o mais abjeto dos pedidos de desculpas.

Jamais ia à serraria de Ashley, nem ao escritório do depósito, quando achava que ele estaria lá. Sabia que ele a evitava, sabia que sua presença constante na casa dele, por conta dos convites inescapáveis de Melanie, eram um tormento. Nunca conversavam a sós, e ela vivia desesperada para lhe fazer perguntas. Queria saber se ele a odiava agora e exatamente o que contara a Melanie, mas Ashley a mantinha ao largo e, em silêncio, lhe implorava para não tocar no assunto. Ver o seu rosto envelhecido, anuviado pelo remorso, era um fardo a mais, e o fato de a serraria dele dar prejuízo toda semana, uma irritação extra que ela não podia verbalizar.

A impotência de Ashley frente à situação corrente a irritava. Scarlett não sabia o que ele poderia fazer para melhorar as coisas, mas sentia que lhe cabia tomar

alguma providência. Rhett tomaria. Rhett sempre tomava uma providência, ainda que fosse a coisa errada, e involuntariamente ela o respeitava por isso.

Agora que o primeiro surto de raiva por Rhett e suas ofensas passara, Scarlett começava a sentir falta dele, uma falta que aumentava mais e mais à medida que os dias passavam sem notícias. Do redemoinho de enlevo, raiva e mágoa e orgulho ferido por ter sido abandonada, brotou a tristeza que pousou em seu ombro como um corvo negro. Sentia falta dele, falta do seu toque leve quando contava casos que a faziam rolar de rir, do sorriso sardônico que reduzia os problemas às proporções adequadas, sentia falta até mesmo das suas zombarias que provocavam nela revides furiosos. Acima de tudo sentia falta dele para ouvi-la. Rhett era maravilhoso nesse aspecto. Ela podia lhe contar sem um pingo de vergonha e com orgulho como tirava o couro das pessoas, e recebia aplausos, quando a mera menção dessas histórias para outros causava espanto.

Estava solitária sem Rhett e sem Bonnie. A saudade da filha era maior do que julgara possível. Recordando as últimas palavras cruéis que Rhett lhe havia dito sobre Wade e Ella, tentava preencher seu tempo vazio com eles. Mas não adiantava. As palavras de Rhett e as reações dos filhos lhe abriram os olhos para uma verdade surpreendente, desagradável. Durante a primeira infância de cada filho, ela estivera demasiado ocupada, demasiado preocupada com questões financeiras, demasiado incisiva e facilmente irritável para ganhar a confiança ou a afeição deles. E agora era tarde demais ou lhe faltava paciência ou sabedoria para entrar em seus coraçõezinhos protegidos.

Ella! Scarlett se aborrecia ao perceber que Ella era uma criança tola, mas não havia como negar. A menina não conseguia se concentrar em coisa alguma por mais tempo do que um pássaro ficava pousado em um galho e, mesmo quando a mãe tentava lhe contar histórias, Ella se dispersava, interrompendo-a com perguntas que nada tinham a ver com a história e esquecendo o que perguntara muito antes de Scarlett conseguir fornecer a explicação. Quanto a Wade… Talvez Rhett tivesse razão. Talvez Wade a temesse. Isso era estranho e a magoava. Por que seu próprio filho, seu único filho, teria medo dela? Quando tentava extrair dele alguma coisa em uma conversa, o menino a olhava com os olhos castanhos e doces de Charles e se encolhia e mexia os pés, constrangido.

Com Melanie, ao contrário, ele falava sem parar e levava no bolso desde iscas para peixes até barbantes velhos para lhe mostrar.

Melanie tinha jeito com crianças, impossível negar. Beau era a criança mais bem comportada e adorável de Atlanta. Scarlett se dava melhor com ele do que com o próprio filho, porque Beau não se sentia inseguro com relação aos adultos e se sentava no colo dela sem convite sempre que a via. E que lourinho lindo ele era, igualzinho a Ashley! Se ao menos Wade fosse como Beau… Claro que Melanie podia se dedicar tanto a ele porque tinha apenas um filho e não precisava se preocupar e trabalhar como Scarlett. Ao menos, era assim que tentava se justificar, mas a honestidade a obrigava a admitir que Melanie adorava crianças e teria adorado uma dúzia de filhos. E a afeição transbordante que havia nela chovia sobre Wade e as crianças da vizinhança.

Scarlett jamais se esqueceria do susto que levou no dia em que passou na casa de Melanie para pegar Wade e ouviu, antes mesmo de chegar à porta, o som da voz do filho em uma ótima imitação do grito dos Rebeldes — Wade que era mudo como um ratinho em casa. E em seguida ao grito de Wade veio o assovio estridente de Beau. Ao entrar na sala de estar, viu os dois atacando o sofá com espadas de madeira. Ambos haviam corrido envergonhados ao vê-la chegar, e Melanie se levantara, rindo e segurando grampos e cachos desalinhados, de onde estava agachada atrás do sofá.

— É Gettysburg — explicou. — E eu sou os ianques e sem dúvida levei a pior. Esse é o general Lee — falou, apontando para Beau —, e este, o general Pickett — acrescentou, passando um braço em volta do ombro de Wade.

Sim, Melanie tinha um jeito com crianças que Scarlett jamais entenderia.

Ao menos, pensou, *Bonnie me ama e gosta de brinc*ar comigo.

A honestidade, porém, a obrigava a admitir que Bonnie preferia infinitamente Rhett. E talvez ela jamais visse Bonnie de novo. Ao que lhe constava, Rhett podia estar na Pérsia ou no Egito e talvez pretendesse permanecer por lá para sempre.

Quando soube pelo dr. Meade que estava grávida de novo, Scarlett ficou atônita, pois esperava um diagnóstico de mero enjoo ou tensão nervosa. Então voltou mentalmente àquela noite de paixão e o rosto enrubesceu com a

lembrança. Um filho brotara daqueles momentos de êxtase supremo, ainda que a lembrança desse êxtase desbotasse devido ao que se seguira. E pela primeira vez ela se alegrou com a perspectiva da maternidade. Tomara que fosse um menino. Um bom menino, não uma criaturinha sem ânimo como Wade. Como cuidaria bem dele! Agora que tinha tempo para dedicar ao bebê e o dinheiro para amenizar seu caminho, como seria feliz! Impulsivamente pensou em escrever para Rhett aos cuidados da mãe em Charleston para contar. Deus do Céu, ele precisava voltar agora! E se ficasse fora até o nascimento do bebê?! Ela jamais poderia justificar essa ausência! Mas, se lhe escrevesse, ele acharia que ela o queria de volta e se divertiria. E ele jamais podia pensar que Scarlett o desejava ou precisava dele.

Ficou muito feliz por ter detido o impulso quando a primeira notícia de Rhett chegou em uma carta de tia Pauline, em Charleston, onde, aparentemente, Rhett visitava a mãe. Que alívio saber que continuava nos Estados Unidos, embora a carta da tia a tivesse enfurecido. Rhett levara Bonnie para visitar tia Pauline e tia Eulalie, e a carta só continha elogios.

“Que coisinha mais linda! Quando crescer, ela certamente será uma beldade. Suponho, porém, que você saiba que qualquer homem que a corteje passará por maus bocados com o capitão Butler, pois nunca vi um pai tão dedicado. Querida, preciso lhe confessar: até conhecer o seu capitão Butler, eu achava que o seu casamento com ele havia sido um péssimo enlace, porque, é claro, ninguém em Charleston ouve nada de bom sobre ele e todos sentem pena da família. Na verdade, Eulalie e eu ficamos na dúvida sobre se devíamos ou não recebê-lo… Mas afinal, a garotinha é nossa sobrinha-neta. Quando ele chegou, ficamos agradavelmente surpresas e nos demos conta de quão não cristão é dar ouvidos a mexericos de quem não tem o que fazer. Porque o capitão Butler é encantador. E muito bonito, também, achamos, e muito sério e cortês. E tão dedicado a você e à filha.

Agora, querida, preciso lhe falar de algo que nos chegou aos ouvidos, algo em que Eulalie e eu nos recusamos a crer de início. Já tínhamos ouvido, é claro, que você às vezes cuidava do armazém que o sr. Kennedy lhe deixou. Tínhamos ouvido boatos, mas, é claro, nós os refutamos. Concluímos que naqueles primeiros tempos depois da guerra talvez fosse necessário, devido às

circunstâncias. Mas agora essa conduta não é mais necessária, já que sei que o capitão Butler se encontra em boa situação e é, ademais, plenamente capaz de administrar para você qualquer negócio ou propriedade em seu nome. Precisávamos saber se tais boatos eram verdadeiros e fomos obrigadas a fazer ao capitão Butler perguntas diretas, o que nos incomodou bastante.

Com relutância ele nos contou que você passa as manhãs no armazém e não permite que ninguém mais faça a contabilidade. Também mencionou que você possui alguma participação em uma serraria ou em algumas serrarias (não o pressionamos a respeito, pois ficamos aflitas com essa informação, que até então desconhecíamos) que exigem que se desloque de charrete sozinha ou na companhia de um rufião, que, segundo nos assegurou o capitão Butler, é um assassino. Pudemos ver como isso lhe aperta o coração e achamos que ele deve ser um marido muitíssimo indulgente, na verdade um marido demasiado indulgente. Scarlett, você precisa parar. Sua mãe não está aqui para exigir isso e preciso agir em nome dela. Pense como seus filhinhos hão de se sentir quando crescerem e perceberem que você atuou no comércio! Como ficarão mortificados de saber que você se expôs aos insultos de homens rudes e ao risco de mexericos irresponsáveis cuidando das serrarias. Muito pouco feminino…”

Scarlett atirou longe a carta sem terminar de ler e soltou um impropério. Dava para ver tia Pauline e tia Eulalie sentadas a julgá-la na casa caindo aos pedaços na esplanada com pouco a impedir que morressem de fome, além do que ela, Scarlett, lhes enviava todo mês. Pouco feminino? Santo Deus, se não tivesse sido pouco feminina, tia Pauline e tia Eulalie provavelmente não teriam um teto sobre a cabeça naquele exato momento. E o maldito do Rhett, que lhes contou sobre o armazém, a contabilidade e as serrarias! Relutante? Ela sabia muito bem quanta satisfação devia ter sentido em se exibir para as damas idosas como um cavalheiro cortês, sério e encantador, o pai e marido dedicado. Como devia ter adorado perturbá-las com a descrição das atividades da esposa no armazém, nas serrarias, no *saloon*. Que demônio de homem! Por que a perversidade lhe dava tanto prazer?

Logo, porém, até essa raiva virou apatia. Boa parte do entusiasmo vivaz sumira recentemente da sua vida. Se ao menos pudesse recuperar a excitação e o

brilho que sentira por Ashley… Se ao menos Rhett voltasse para casa e a fizesse rir.

Sem aviso, lá estavam eles de volta em casa. O primeiro sinal do retorno foi o ruído de bagagem sendo depositada no corredor da frente e o som da voz de Bonnie gritando:

— Mamãe!

Scarlett saiu do quarto correndo até a escada e viu a filha esticando as perninhas gorduchas na tentativa de subir os degraus. Um conformado gatinho listrado estava apertado contra seu peito.

— A vovó me deu ele — gritou a menina, empolgada, segurando o bichano pelo cangote.

Scarlett a pegou no colo e a beijou, agradecida porque a presença da criança a poupava de ter seu primeiro encontro com Rhett a sós. Olhando por cima da cabeça da filha, viu-o na entrada lá embaixo pagando o motorista. Ele ergueu os olhos, viu-a e tirou o chapéu em um gesto largo, acrescentando uma mesura. Quando encontrou seus olhos escuros, Scarlett sentiu o coração dar um salto. Pouco importava o que ele era, o que fizera. Estava em casa e ela se sentia feliz.

— Onde está a Mammy? — perguntou Bonnie, contorcendo-se no colo de Scarlett, que, com relutância, pôs a filha no chão.

Seria mais difícil do que previra receber Rhett com a dose certa de indiferença e ainda lhe contar sobre o novo bebê! Examinou seu rosto enquanto ele subia a escada, aquele rosto moreno e despreocupado, tão impermeável, tão neutro. Não, iria esperar para contar. Não podia fazer isso de imediato. Mas, por outro lado, notícias daquele tipo deviam ser dadas em primeiro lugar a um marido, pois um marido sempre ficava feliz em ouvi-las. Contudo Scarlett não achava que Rhett ficaria feliz.

Ficou parada no alto da escada, apoiada na balaustrada e se perguntou se ele a beijaria. Mas ele não beijou. Disse apenas:

— Está pálida, sra. Butler. O rouge anda escasso?

Nem uma palavra, ainda que insincera, sobre sentir falta dela. E podia ao menos tê-la beijado na testa diante de Mammy, que após fazer uma mesura

estava levando Bonnie pelo corredor para o quarto das crianças. Apenas ficou a seu lado no alto da escada, avaliando-a sem interesse.

— Esse abatimento poderia significar que você sentiu falta de mim? — indagou ele e, embora os lábios sorrissem, os olhos permaneceram sérios.

Então, aquela seria a sua atitude. Ia ser odioso como sempre. De repente, o bebê que carregava se tornou um fardo nauseante em lugar de algo que carregava com satisfação, e o homem diante dela, segurando o chapéu-panamá de encontro ao quadril, seu mais cruel inimigo, a causa de todos os seus problemas. Havia veneno em seus olhos quando ela respondeu, veneno demasiado inequívoco para passar despercebido, e o sorriso se apagou do rosto dele.

— Se estou pálida, a culpa é sua e não porque senti a sua falta, seu convencido. É porque… — Ai, não pretendera contar daquele jeito, mas as palavras quentes lhe afloraram aos lábios e Scarlett atirou-as nele, sem se importar de ser ouvida pelos criados. — É porque vou ter um filho!

Ele engoliu em seco de repente e os olhos rapidamente a examinaram. Deu um passo rápido em sua direção como se fosse pousar a mão em seu braço, mas ela se desvencilhou e, diante do ódio em seu rosto, o semblante dele endureceu.

— Ora! — falou com frieza. — E quem é o pai felizardo? Ashley?

Ela agarrou a balaustrada até que o leão entalhado lhe machucasse a mão. Mesmo conhecendo-o tão bem, não antecipara aquele insulto. Claro que estava brincando, mas existiam brincadeiras monstruosas demais para serem suportadas. Gostaria de enfiar as unhas afiadas nos olhos dele e apagar aquele brilho esquisito.

— Seu velhaco! — começou, a voz tremendo com uma raiva doentia. — Você… Você sabe que é seu. E eu não o quero mais do que você o quer. Não… Mulher alguma quer os filhos de um velhaco como você. Eu queria… Ai, Deus, eu queria que ele fosse de qualquer um, menos seu!

Viu quando o rosto moreno dele mudou de repente, a raiva e algo cujo significado lhe escapou fazendo-o se contorcer como se tivesse sido picado.

Pronto!, pensou com um ardente prazer furioso. *Pronto! Agora* eu o feri!

Mas a velha máscara impassível voltou a lhe cobrir o rosto e ele cofiou um lado do bigode.

— Anime-se — disse ele, lhe dando as costas e começando a subir a escada. — Talvez você sofra um aborto.

Por um instante de tonteira, pensou no significado da gravidez, a náusea que a assaltava, a espera entediante, a perda das curvas do corpo, as horas de sofrimento, coisas de que homem algum jamais se dava conta. E ele ousava brincar. Ela iria lhe enfiar as unhas. Nada exceto a visão de sangue naquele rosto moreno amenizaria a dor em seu coração. Partiu para cima dele, ágil como um gato, mas, com um leve movimento imprevisto, ele se esquivou, erguendo o braço para evitá-la. Scarlett estava de pé na beira do último degrau recém-encerado da escada e quando seu braço, com todo o peso do corpo por trás, bateu no dele, ela perdeu o equilíbrio. Ainda tentou segurar a balaustrada, mas não conseguiu. Caiu de costas, sentindo uma pontada lancinante de dor nas costelas quando chegou ao chão. E, demasiado tonta para se equilibrar, foi rolando escada abaixo.

Era a primeira vez que Scarlett ficava doente, salvo pelos partos, e de alguma forma eles não contavam. Não ficara desamparada nem temerosa então, como estava agora, fraca, cheia de dor e confusa. Sabia que estava pior do que lhe diziam, debilmente percebia que corria risco de vida. A costela quebrada doía muito quando ela respirava, o rosto tinha hematomas e a cabeça também, e o corpo todo estava entregue a demônios que a cutucavam com tridentes em brasa e a serravam com facas rombudas e a deixavam, durante curtos intervalos, tão sem força que lhe era impossível recompor-se antes que o sofrimento voltasse. Não, seus partos não tinham sido assim. Ela conseguira fazer refeições fartas duas horas depois do nascimento de Wade, Ella e Bonnie, mas agora a ideia de qualquer coisa que não água lhe dava náuseas.

Como era fácil ter filhos e como era difícil não tê-los! Estranho como sentira sofrimento, mesmo em meio à dor, ao saber que não pariria aquele filho. Mais estranho ainda que ele teria sido o primeiro realmente desejado. Tentou recordar por que o desejara, mas a mente estava cansada demais. A mente estava cansada demais para pensar em qualquer coisa, salvo no medo da morte. A morte partilhava o quarto com ela e não havia força em seu corpo para confrontá-la, para lutar contra ela, e isso a amedrontava. Queria alguém forte a seu lado para

lhe segurar a mão e manter a morte ao largo até recuperar energia suficiente para se encarregar disso por conta própria.

A raiva fora engolfada pela dor e ela queria Rhett. Mas ele não estava presente e Scarlett não conseguia se obrigar a chamá-lo.

Sua última lembrança dele era a sua expressão quando a pegara no colo lá embaixo, no final da escada, no corredor escuro, com o rosto pálido que expressava apenas o medo tenebroso que ecoou na voz rouca que gritou por Mammy. E depois ela tinha uma vaga lembrança de ser carregada para o andar de cima, antes de perder a consciência. Depois veio a dor, e mais dor, e o quarto cheio de vozes e o choro soluçante de tia Pitty e as ordens bruscas do dr. Meade e pés que subiam correndo a escada e atravessavam o corredor dos quartos sem fazerem ruído. E depois, como um raio de sol ofuscante, a percepção da morte e do medo, que de repente a levaram a gritar um nome, embora o grito não fosse mais que um sussurro.

Mas aquele sussurro desamparado causou uma reação instantânea, e em algum lugar da escuridão ao lado da cama a voz suave de quem chamara lhe respondeu em um tom confortador:

— Estou aqui, minha querida, não saí daqui o tempo todo.

A morte e o medo recuaram devagar quando Melanie pegou sua mão e a encostou suavemente em seu rosto frio. Scarlett tentou virar a cabeça para ver o rosto da amiga, mas não pôde. Melly ia ter um bebê e os ianques estavam chegando. A cidade ardia em chamas e ela precisava se apressar. Mas Melly ia ter um bebê e ela não podia sair correndo. Tinha de ficar até o bebê nascer e se fortalecer, porque Melly precisava da sua força. Melly estava sofrendo tanto… Havia tridentes em brasa e facas rombudas e ondas de dor recorrentes. Precisava segurar a mão de Melly.

Mas o dr. Meade chegara, afinal, chegara ainda que os soldados estivessem precisando muito dele, pois o ouviu dizer:

— Delirando. Onde está o capitão Butler?

Escureceu e depois clareou, e às vezes ela estava tendo um bebê e às vezes era Melanie que gritava, mas o tempo todo Melly ficou ali, e as mãos dela eram frias e ela não tentou fazer gestos ansiosos e inúteis nem soluçou como tia Pitty. Sempre que abria os olhos, Scarlett dizia “Melly” e a voz respondia. E, em geral,

começava a sussurrar “Rhett… Eu quero o Rhett” e se lembrava, como em um sonho, que Rhett não a queria, que o rosto de Rhett estava escuro como o de um índio e os dentes brancos sorriam de um jeito sarcástico. Ela o queria e ele não a queria.

Uma vez, ela disse “Melly?”, e a voz de Mammy respondeu:

— Sô eu, fia.

E pôs uma compressa fria em sua testa, e ela gritou, frenética “Melly… Melanie” vez após vez, mas durante um bom tempo Melanie não apareceu. Porque Melanie estava sentada na beira da cama de Rhett, e Rhett, bêbado e aos prantos, estava esparramado no chão, com a cabeça no colo dela.

Todas as vezes que saía do quarto de Scarlett, Melly o via sentado na cama, com a porta escancarada, observando a porta do outro lado do corredor. No quarto em desordem havia guimbas de charuto por todo lado e pratos intocados de comida. Na cama desarrumada ela o via sentado, barbado e repentinamente encovado, fumando sem parar. Jamais lhe perguntava nada quando a via. Ela sempre parava à porta um segundo e dizia “Lamento, ela piorou” ou “Não, ainda não chamou você. Veja, ela está delirando” ou “Não perca a esperança, capitão Butler. Me deixe lhe trazer um café ou algo para comer. O senhor vai adoecer”.

O coração de Melly sempre doía de pena, embora ela estivesse quase cansada e sonolenta demais para sentir alguma coisa. Como as pessoas podiam dizer tantas coisas ruins sobre ele — dizer que não tinha coração, que era mau e traía Scarlett, quando ela o via definhar, via o tormento em seu rosto? Por mais cansada que estivesse, sempre tentava ser mais generosa que de hábito quando o punha a par das notícias do quarto da enferma. Ele parecia uma alma penada à espera de julgamento, uma criança em um mundo repentinamente hostil. Mas todos pareciam crianças para Melanie.

Quando, porém, finalmente, chegou feliz à porta do quarto dele para dizer que Scarlett melhorara, Melly não estava preparada para o que encontrou. Havia uma garrafa de uísque pela metade na mesinha de cabeceira e o aposento todo cheirava a álcool. Ele a fitou com um olhar vidrado e os músculos do queixo tremeram apesar do esforço para cerrar os dentes.

— Ela está morta?

— Ah, não. Está muito melhor.

Ele disse “Ah, meu Deus” e pôs a cabeça entre as mãos. Ela viu os ombros largos estremecerem com um espasmo nervoso e, enquanto o observava com pena, a pena se transformou em terror porque percebeu que ele chorava. Melanie jamais vira um homem chorar e ainda por cima um homem como Rhett, tão impassível, tão zombeteiro, tão eternamente seguro de si.

Assustou-a o som desesperado de soluços que vinha dele. Pensou, aterrorizada, que ele estava embriagado, e Melanie tinha medo de embriaguez. Mas, quando Rhett ergueu a cabeça, permitindo-lhe um vislumbre dos seus olhos, Melanie entrou rapidamente no quarto, fechou sem ruído a porta e se aproximou dele. Jamais vira um homem chorar, mas consolara muitas crianças. Quando pôs de leve a mão em seu ombro, os braços dele repentinamente abraçaram suas saias. Antes que se desse conta, ela estava sentada na cama e ele no chão, com a cabeça em seu colo, e os braços e mãos a apertavam tanto que chegavam a machucá-la.

Ela acariciou os cabelos negros com delicadeza dizendo:

— Pronto, pronto! Ela vai ficar boa.

Ao ouvi-la, ele afundou mais o rosto em seu colo e começou a falar rapidamente, roucamente, como se falasse para uma tumba que jamais revelaria seus segredos, balbuciando a verdade pela primeira vez na vida, desnudando-se sem piedade para Melanie. Ela de início demonstrou total incompreensão, se mostrou totalmente maternal. Ele falava em espasmos, enterrando a cabeça nas dobras de sua saia. Às vezes as palavras saíam incompreensíveis, abafadas; noutras, eram claras demais para os ouvidos de Melanie, palavras duras, amargas, de confissão e aviltamento, contando coisas que ela jamais ouvira sequer uma mulher mencionar, coisas secretas que levaram o sangue quente da castidade a colorir seu rosto e deixá-la grata por não poder olhá-lo nos olhos.

Ela lhe acariciou a cabeça como costumava fazer com Beau e disse:

— Chega, capitão Butler! O senhor não deve me contar essas coisas! O senhor está fora do seu juízo, já chega!

Mas a voz dele continuou naquela torrente ensandecida de desabafos, enquanto suas mãos se agarravam ao vestido dela como se ali estivesse sua esperança de viver.

Acusou-se de feitos que Melanie não entendeu; balbuciou o nome de Belle Watling e depois a sacudiu com violência enquanto gritava:

— Eu matei Scarlett, matei Scarlett. A senhora não entende. Ela não queria esse filho e…

— O senhor não está raciocinando direito! Não querer um filho? Ora, toda mulher quer…

— Não! Não. A senhora quer filhos, mas ela não. Não os meus filhos…

— Por favor, pare!

— A senhora não entende. Ela não queria um bebê e eu a forcei. Esse… Esse bebê foi culpa minha. Não andávamos dormindo juntos…

— Chega, capitão Butler! Não é adequado…

— E eu estava bêbado e louco e quis magoá-la… Porque ela me magoara. E eu queria… E consegui. Mas ela não me queria. Jamais me quis. Nunca me quis e eu tentei… Tentei tanto…

— Ah, por favor!

— E eu não sabia desse bebê até o dia… O dia da queda. Ela não sabia onde eu estava para me escrever e contar… Mas não teria escrito se soubesse. Eu lhe digo… Digo que teria vindo direto para casa… Se tivesse sabido… Quisesse ela ou não que eu voltasse…

— Ah, sim, eu sei que o senhor viria!

— Meu Deus, andei doido essas semanas, doido e bêbado! E, quando ela me contou, ali na escada… O que eu fiz? O que eu disse? Eu ri e falei: “Anime-se. Talvez você sofra um aborto.” E ela…

Melanie empalideceu de repente, e seus olhos se esbugalharam de pavor, baixando para a cabeça morena atormentada em seu colo. O sol da tarde entrava pela janela aberta e subitamente ela viu, como se pela primeira vez, como eram grandes, morenas e fortes as mãos dele. Sem querer, ela recuou. Aquelas mãos pareciam tão predadoras, tão impiedosas, mas, ainda assim, agarradas à sua saia, tão indefesas, tão desamparadas.

Seria possível ele ter ouvido e levado a sério aquela mentira absurda sobre Scarlett e Ashley e sentido ciúmes? Era verdade que partira da cidade imediatamente após o escândalo… Não, não podia ser isso. O capitão Butler vivia partindo abruptamente para viajar. Não acreditaria nos mexericos. Era

sensato demais. Se essa fosse a causa do problema, não teria tentado matar Ashley? Ou, ao menos, exigido uma explicação?

Não, não devia ser isso. Apenas andara bebendo e estava doente de tensão, com a cabeça zonza, como um homem delirante, perdido em fantasias. Os homens não enfrentavam a tensão tão bem quanto as mulheres. Alguma coisa o perturbara, talvez tivesse brigado superficialmente com Scarlett e atribuísse à rusga um peso exagerado. Talvez parte do relato horrível fosse verdade, mas não tudo, era impossível. Decerto não a última parte! Nenhum homem poderia dizer aquilo a uma mulher a quem amasse com paixão, como aquele homem amava Scarlett. Melanie jamais vira o mal, jamais vira crueldade, e agora que os encarava pela primeira vez, achava-os por demais inconcebíveis. Ele estava bêbado e doente. E crianças doentes não deviam ser contrariadas.

— Pronto, pronto! — falou, acalentadora. — Eu entendo.

Ele ergueu a cabeça com violência e a fitou com olhos injetados, livrando-se das mãos dela.

— Não, meu Deus, a senhora não entende! Não pode entender! É boa demais para entender. Não acredita em mim, mas é tudo verdade e sou um patife. Sabe por que fiz isso? Eu estava louco de ciúmes. Ela nunca gostou de mim e eu achei que podia fazê-la gostar. Mas ela nunca gostou. Nunca me amou. Ela ama…

O olhar passional, ébrio, encontrou o dela e ele parou, de boca aberta, como se pela primeira vez se desse conta de quem o ouvia. O rosto dela estava branco e tenso, mas o olhar era firme e meigo e cheio de pena e descrença. Havia uma serenidade luminosa ali, e a inocência no fundo das pupilas castanhas o açoitou como um tapa na cara, drenando parte do álcool do seu cérebro, freando as palavras insanas, insensíveis, antes que fossem ditas. A voz se transformou em murmúrio, os olhos se desviaram dos dela, as pálpebras estremeceram enquanto ele lutava para recobrar a sanidade.

— Sou um velhaco — murmurou, tornando a deitar a cabeça cansada no colo de Melanie. — Mas nem tão velhaco a esse ponto. E, se eu lhe dissesse, a senhora não acreditaria em mim, não é? É boa demais para acreditar em mim. Jamais conheci alguém tão bom assim. A senhora não acreditaria em mim, acreditaria?

— Não, não acreditaria — confirmou Melanie em um tom confortador, voltando a lhe acariciar o cabelo. — Ela vai ficar boa. Pronto, capitão Butler! Não chore! Ela vai ficar boa.

Capítulo 57

F oi uma mulher pálida e magra que Rhett embarcou no trem para Jonesboro, um mês depois. Wade e Ella, que a acompanhariam na viagem, estavam calados e pouco à vontade ante o rosto pálido e imóvel da mãe. Encolhiam-se junto a Prissy, pois, mesmo para suas cabecinhas infantis, havia algo sinistro na atmosfera fria e impessoal entre a mãe e o padrasto.

Embora muito fraca, Scarlett estava voltando para Tara. Achava que sufocaria se ficasse mais um dia em Atlanta, com a cabeça cansada se obrigando a percorrer o desgastado círculo vicioso de ideias fúteis acerca da situação caótica em que vivia. O corpo estava doente e a mente exausta, e ela, imóvel como uma criança perdida em um pesadelo em que nada havia para servir de guia.

Assim como fugira de Atlanta diante de um exército invasor no passado, fugia de novo agora, empurrando as preocupações para o fundo do baú mental com a velha defesa contra o mundo: “Não vou pensar nisso agora. Não aguento. Pensarei nisso amanhã em Tara. Amanhã é outro dia.” Tinha a impressão de que, se voltasse para a quietude e os campos verdejantes de algodão em casa, todos os seus problemas sumiriam e de algum jeito ela seria capaz de moldar os próprios pensamentos fragmentados em algo com que pudesse conviver.

Rhett observou o trem até perdê-lo de vista e seu rosto estampava uma expressão de amargura especulativa que não era agradável. Suspirou, dispensou a carruagem e, montando no cavalo, desceu a rua Ivy em direção à casa de Melanie.

Era uma manhã amena, e Melanie estava sentada na varanda sombreada, a cesta de costura transbordando de meias para cerzir. Confusão e desânimo a dominaram quando ela viu Rhett apear do cavalo e jogar as rédeas por sobre o braço da estátua de um menino negro em ferro fundido que ficava na calçada. Ela não o vira a sós desde aquele dia pavoroso, quando Scarlett estava gravemente doente e ele… Bom, tão gravemente bêbado. Melanie odiava pensar

até mesmo nessa palavra. Falara com ele apenas superficialmente durante a convalescença de Scarlett e nessas ocasiões tivera dificuldade de encará-lo. No entanto, Rhett se portara de forma impessoal, como de hábito, nesses encontros, e jamais, quer pela expressão ou por palavras, demonstrara que aquela cena ocorrera entre ambos. Ashley lhe dissera certa vez que os homens com frequência esqueciam coisas ditas e feitas no curso de uma embriaguez, e Melanie rezava com fervor para que a memória do capitão Butler o tivesse abandonado naquela ocasião. Sentia que seria preferível morrer a descobrir que ele se lembrava do próprio desabafo. A timidez e o constrangimento a assaltaram e ondas de rubor coloriram seu rosto enquanto ele se aproximava da varanda. Mas talvez estivesse ali somente para saber se Beau podia passar o dia com Bonnie. Sem dúvida, não teria o mau gosto de lhe agradecer a ajuda naquele dia!

Ela se levantou para recebê-lo, reparando, surpresa como sempre, como ele era ágil para um homem da sua estatura.

— Scarlett já foi?

— Sim, Tara há de lhe fazer bem — respondeu ele, sorrindo. — Às vezes acho que ela é como o gigante Anteu que se fortalecia toda vez que tocava a Mãe Terra. Não é bom para Scarlett ficar tempo demais longe daquele pedaço de barro vermelho que ela adora. Ver o algodão crescendo será mais benéfico do que todos os tônicos que o dr. Meade possa prescrever.

— Não quer se sentar? — convidou Melanie, as mãos agitadas.

Ele era tão grande e másculo… Criaturas excessivamente másculas sempre a desconcertavam. Pareciam irradiar uma força e uma vitalidade que a faziam sentir-se menor e mais fraca do que era. Rhett tinha a aparência tão imponente e portentosa… E os músculos pesados nos ombros eram visíveis sob o casaco de linho branco de um jeito que a amedrontava. Parecia impossível que tivesse visto toda aquela força e insolência desmoronarem. E segurara no colo aquela cabeça morena!

Nossa!, pensou, nervosa, corando novamente.

— Srta. Melly — começou ele, com delicadeza —, minha presença a incomoda? Seria preferível que eu fosse embora? Por favor, seja franca.

Ah!, pensou Melanie. *Ele lembra. E sabe como isso me* perturba!

Encarou-o, suplicante, e de repente o constrangimento e a confusão se dissiparam. Os olhos dele eram tão serenos, tão bondosos e compreensivos que ela se perguntou como pudera ser tão boba a ponto de ficar alarmada. Rhett parecia cansado e, Melanie notou com surpresa, bastante triste. Como podia ter pensado que ele seria mal-educado o bastante para abordar assuntos que ambos preferiam esquecer?

Pobrezinho, ele tem andado tão preocupado com Scarlett, pensou, e conseguindo dar um sorriso, disse:

— Sente-se, por favor, capitão Butler.

Ele se sentou pesadamente e observou-a retomar a costura.

— Srta. Melly, vim lhe pedir um grande favor e… — começou com um sorriso constrangido — e solicitar sua ajuda num engodo que, sei, não há de lhe agradar.

— Um… Um engodo?

— Sim. Na verdade, vim falar de negócios com a senhora.

— Minha nossa. Sendo assim, é melhor falar com o sr. Wilkes. Sou uma pateta quando se trata de negócios. Não sou esperta como Scarlett.

— Infelizmente, Scarlett é esperta demais para o próprio bem — rebateu Rhett —, e sobre isso mesmo é que quero conversar com a senhora. Sabemos como ela andou doente. Quando voltar de Tara, vai retornar a todo vapor para o armazém e para aquelas serrarias, que eu explodiria de bom grado. Temo pela saúde dela, srta. Melly.

— Sim, ela trabalha demais. O senhor precisa fazê-la parar e cuidar de si mesma.

Ele riu.

— A senhora sabe como ela é teimosa. Eu nem tento argumentar. Scarlett é como uma criança voluntariosa e não me deixa ajudá-la, não deixa pessoa alguma ajudá-la. Tentei convencê-la a vender a participação que tem nas serrarias, mas foi em vão. E agora, srta. Melly, vamos aos negócios. Sei que Scarlett venderia a parte dela nas serrarias ao sr. Wilkes e a mais ninguém, e quero que o sr. Wilkes a compre.

— Ah, minha nossa! Seria ótimo, mas… — Melanie se interrompeu e mordeu o lábio.

Não podia falar de questões financeiras com um estranho. Não sabia como, mas, apesar do que Ashley ganhava na serraria, os dois pareciam nunca ter dinheiro suficiente. Preocupava-a o fato de economizarem tão pouco. Não sabia onde ia parar o dinheiro. Ashley lhe dava o bastante para administrar a casa, mas quando havia despesas extras com frequência se viam apertados. Claro que as contas do médico eram caras, e os livros e móveis que Ashley encomendara em Nova York custaram dinheiro. E o casal alimentava e vestia todos os sem-teto que dormiam em seu porão. E Ashley jamais conseguia recusar um empréstimo a qualquer um que tivesse servido ao Exército Confederado. E…

— Srta. Melly, quero lhe emprestar o dinheiro — disse Rhett.

— É muita gentileza sua, mas jamais conseguiríamos reembolsá-lo.

— Não quero reembolso. Não se zangue comigo, srta. Melly! Por favor, deixe-me terminar. Já me sentirei reembolsado sabendo que Scarlett não vai se exaurir viajando quilômetros até as serrarias diariamente. O armazém já será suficiente para mantê-la ocupada e feliz… A senhora entende?

— Bem… Entendo — disse Melanie, hesitante.

— A senhora quer que o seu menino tenha um pônei, não? E quer que ele vá para Harvard e que faça o Grand Tour da Europa, certo?

— Ah, é claro — exclamou Melanie, o rosto se iluminando como sempre à menção de Beau. — Quero que ele tenha tudo, mas… Bem, todos estão tão pobres atualmente que…

— O sr. Wilkes pode ganhar muito dinheiro com as serrarias um dia — disse Rhett —, e eu gostaria de ver Beau aproveitar todas as vantagens que merece.

— Ah, capitão Butler, como o senhor tem talento para a persuasão! — exclamou Melanie, sorrindo. — Apelando para o meu orgulho de mãe! Posso lê-lo como a um livro aberto.

— Espero que não — falou Rhett, e pela primeira vez seus olhos brilharam. — Então, vai permitir que eu lhe empreste o dinheiro?

— Mas onde entra o engodo?

— Precisamos ser conspiradores e enganar tanto Scarlett quanto o sr. Wilkes.

— Ai, Deus! Eu não poderia!

— Se Scarlett souber que estou conspirando pelas costas dela, mesmo que seja para o seu bem… Ora, a senhora conhece o gênio dela! E temo que o sr. Wilkes

vá recusar qualquer empréstimo que eu lhe ofereça. Por isso, nem um nem outro pode saber de onde vem o dinheiro.

— Ah, mas eu tenho certeza de que o sr. Wilkes não recusaria se entendesse a situação. Ele gosta tanto de Scarlett.

— Sei que gosta — concordou Rhett —, mas mesmo assim recusaria. A senhora sabe como os Wilkes são orgulhosos.

— Ai, meu Deus! — exclamou Melanie, consternada. — Eu gostaria… Sinceramente, capitão Butler, eu não conseguiria enganar o meu marido.

— Nem mesmo para ajudar Scarlett? — Rhett demonstrou estar muito magoado. — Logo ela, que gosta tanto da senhora!

Lágrimas brilharam nos olhos de Melanie.

— O senhor sabe que eu faria qualquer coisa por ela. Jamais, jamais poderei compensar a metade do que ela fez por mim. O senhor sabe disso.

— Sim — concordou ele, curtamente. — Sei o que ela fez pela senhora. Não seria possível dizer ao sr. Wilkes que o dinheiro lhe foi deixado no testamento de algum parente?

— Ah, capitão Butler, não tenho um único parente com dinheiro!

— Então se eu enviar o dinheiro pelo correio para o sr. Wilkes, sem que ele saiba quem enviou, a senhora providenciaria para que ele comprasse as serrarias em vez de… Bem, em vez de dá-lo a ex-confederados indigentes?

A princípio ela se mostrou magoada pelas últimas palavras, como se estivesse ali implícita alguma crítica a Ashley, mas ele sorriu de um jeito tão compreensivo que ela retribuiu o sorriso.

— Claro que sim.

— Combinado, então? Será o nosso segredo?

— Mas eu nunca escondi coisa alguma do meu marido!

— Tenho certeza disso, srta. Melly.

Quando o fitou, ela pensou como estivera sempre certa a respeito dele e quão equivocadas tantas pessoas estavam. Gente que dissera que ele era cruel e debochado e mal-educado e até mesmo desonesto. Embora muita gente boa estivesse agora admitindo que se enganara. Muito bem! Ela soube desde o início que ele era um homem bom. Jamais recebera da sua parte senão o tratamento mais generoso, prestativo, respeitoso e altamente compreensivo. E como ele

amava Scarlett! Quanto carinho naquele gesto de, por vias tortuosas, poupá-la dos próprios encargos!

Em um impulso irrefreável de emoção, ela falou:

— Scarlett é muito sortuda de ter um marido tão bom para ela!

— A senhora acha? Penso que infelizmente ela não concordaria se a ouvisse. Além disso, quero ser bom para a senhora também, srta. Melly. Estou lhe dando mais do que estou dando a Scarlett.

— A mim? — indagou Melanie, confusa. — O senhor quer dizer a Beau.

Ele pegou o chapéu e ficou de pé. Por um instante fitou aquele rosto comum, em formato de coração, com o pronunciado bico de viúva e os sérios olhos escuros. Um rosto tão ingênuo, um rosto sem qualquer defesa contra a vida.

— Não, não a Beau. Estou tentando lhe dar algo mais que isso, se a senhora conseguir imaginar.

— Não, não consigo — respondeu ela, novamente confusa. — Não há nada no mundo mais precioso para mim do que Beau, salvo Ashley… Salvo o sr. Wilkes.

Rhett nada disse e a encarou com expressão impassível.

— O senhor é extremamente generoso de querer fazer coisas por mim, capitão Butler, mas, de verdade, tenho muita sorte. Tenho tudo no mundo que uma mulher pode desejar.

— Que ótimo — disse Rhett, repentinamente sombrio. — E pretendo providenciar para que continue assim.

Quando Scarlett voltou de Tara, a palidez doentia sumira do seu rosto e as bochechas estavam mais gorduchas e levemente rosadas. Os olhos verdes brilhavam alertas de novo, e ela riu pela primeira vez em semanas quando, com Wade e Ella, encontrou Rhett e Bonnie a esperá-los na estação — um riso meio aborrecido e surpreso. Rhett levava duas penas de peru na aba do chapéu e Bonnie, usando um vestido lamentavelmente rasgado, que era o seu melhor, estampava nas bochechas riscas diagonais azuis e tinha uma pena de pavão da metade da sua altura enfiada nos cachos. Evidentemente, uma brincadeira de índios fora interrompida pela hora de chegada do trem e era óbvio pela expressão de impotência no rosto de Rhett e pela indignação de Mammy que

Bonnie se recusara a ter a roupa consertada, ainda que fosse se encontrar com a mãe.

— Minha pequena maltrapilha! — disse Scarlett, beijando a filha e oferecendo o rosto para ser beijado por Rhett.

Havia muita gente na estação, o que a obrigou a estimular tal carinho. Não pôde deixar de notar, por mais envergonhada que estivesse pela aparência de Bonnie, que todos sorriam observando pai e filha, sorrisos não de troça, e sim de aprovação e gentileza genuínas. Todos sabiam que a caçula de Scarlett tinha o pai na palma da mão, e Atlanta aprovava, encantada. O imenso amor de Rhett pela filha muito fizera pela sua recuperação perante a opinião pública.

A caminho de casa, Scarlett esbanjou notícias do condado. O tempo quente e seco estava fazendo o algodão crescer tão rapidamente que quase dava para ouvir, mas Will dizia que os preços estariam baixos no outono. Suellen engravidara de novo — notícia que deu soletrando, para que as crianças não entendessem —, e Ella demonstrara um humor incomum ao morder a primogênita de Suellen, embora, segundo Scarlett, a pequena Susie tivesse feito por merecer a mordida, já que era igualzinha à mãe. Mas Suellen se enfurecera e brigara com Scarlett como nos velhos tempos. Wade matara sozinho uma serpente d’água. Randa e Camila Tarleton estavam dando aula na escola, o que parecia piada, não? Nenhum dos Tarletons jamais conseguiu sequer escrever “gato”! Betsy Tarleton se casara com um sujeito de um braço só de Lovejoy, e os dois e Hetty e Jim Tarleton tinham uma boa plantação de algodão em Fairhill. A sra. Tarleton tinha agora uma égua parideira e um potro e vivia feliz como se fosse dona de um milhão de dólares. E a velha casa dos Calverts estava apinhada de negros. E eles eram os donos de verdade! Tinham comprado a propriedade no leilão judicial. O lugar estava dilapidado, dava vontade de chorar. Ninguém sabia o paradeiro de Cathleen e do marido imprestável. E Alex ia se casar com Sally, a viúva do irmão! Veja bem, depois de morarem sob o mesmo teto durante anos! Todos falavam que era um casamento de conveniência porque o pessoal andava fazendo mexericos sobre eles morarem sozinhos depois da morte da Velha Sinhá e da Sinhá Moça. E isso partiu o coração de Dimity Munroe. Mas foi bem feito. Se tivesse iniciativa, ela teria fisgado outro noivo há muito tempo, em lugar de esperar que Alex ganhasse o suficiente para casar com ela.

Scarlett continuou a tagarelar animadamente, mas deixando de fora muitas coisas sobre o condado, coisas dolorosas de lembrar. Percorrera o condado com Will, tentando não recordar quando aqueles milhares de hectares férteis eram verdejantes de algodão. Agora, praticamente todas as plantações haviam se transformado novamente em floresta e uma quantidade desanimadora de mato e pinheiros anões se espalhara em volta das ruínas silentes e por cima de velhos campos de algodão. Apenas um em uma centena de hectares de antes estava sendo cultivado. Era como andar em uma terra morta.

— Este trecho só volta daqui a cinquenta anos, se voltar um dia — dissera Will. — Tara é o melhor sítio do condado, graças a você e a mim, Scarlett, mas é um sítio, não uma fazenda. E a propriedade dos Fontaines vem logo atrás de Tara e depois a dos Tarletons. Não estão ganhando muito dinheiro, mas se viram e têm iniciativa. O resto do pessoal, porém, o resto das fazendas…

Não, Scarlett não queria se lembrar da aparência do condado deserto, que parecia ainda mais triste comparado ao movimento e à prosperidade de Atlanta.

— Aconteceu alguma coisa por aqui? — perguntou quando finalmente chegaram em casa e se sentaram na varanda da frente.

Falara rápida e continuamente durante todo o percurso, temendo que um silêncio se instalasse. Não trocara uma palavra a sós com Rhett desde o dia em caíra da escada e não estava nem um pouco ansiosa para ficar a sós com ele agora. Não sabia como o marido se sentia em relação a ela. Embora tivesse sido a gentileza em pessoa durante a sua malfadada convalescença, fora a gentileza de um estranho impessoal. Ele antecipara seus desejos, impedira as crianças de incomodá-la e supervisionara o armazém e as serrarias. Mas nunca dissera “sinto muito”. Ora, talvez não sentisse. Talvez ainda pensasse que o filho jamais nascido não era dele. Como dizer o que lhe ia na cabeça por trás daquele rosto moreno impassível? Mas Rhett demonstrara uma disposição de ser cortês pela primeira vez em todo o casamento, bem como um desejo de deixar a vida correr como se jamais tivesse havido qualquer incidente desagradável entre eles… Como se, pensava Scarlett com tristeza, jamais tivesse havido qualquer coisa entre eles. Bom, se era isso que ele queria, ela também podia representar o papel que lhe cabia.

— Está tudo bem? — repetiu. — Você recebeu as novas telhas para o armazém? Trocou as mulas? Pelo amor de Deus, Rhett, tire essas penas do chapéu. Você parece um idiota e é provável que vá com elas ao centro sem lembrar de tirá-las.

— Não — disse Bonnie, pegando o chapéu do pai, defensivamente.

— Tudo andou muito bem por aqui — respondeu Rhett. — Bonnie e eu nos divertimos à beça e acho que o cabelo dela não viu um pente desde que você viajou. Não chupe as penas, meu amor, o gosto é horrível. Sim, as telhas estão no lugar e eu fiz um ótimo negócio com as mulas. Não, não há novidades. Tudo correu tediosamente.

Então, como um adendo, acrescentou:

— O honrado Ashley esteve aqui ontem à noite. Queria saber se eu achava que você lhe venderia a sua serraria e a parte que você tem na dele.

Scarlett, que se balançava na cadeira de balanço e se abanava com um leque de pena, parou abruptamente.

— Vender? Onde diabos Ashley arrumou o dinheiro? Você sabe que eles nunca têm um centavo. Melanie gasta tão rápido quanto ele ganha.

Rhett deu de ombros.

— Sempre a achei uma pessoa frugal, mas, por outro lado, não sou tão bem informado sobre os detalhes íntimos da família Wilkes quanto você parece ser.

A cutucada lembrou o velho estilo de Rhett e Scarlett se aborreceu.

— Vá brincar, querida — disse a Bonnie. — A mamãe quer conversar com o papai.

— Não — disse Bonnie, decidida, subindo no colo do pai.

Scarlett franziu o cenho encarando a filha, e Bonnie fez uma careta tão parecida com as de Gerald O’Hara que Scarlett quase riu.

— Deixe que ela fique — falou Rhett, à vontade. — Quanto a onde ele arrumou o dinheiro, parece que um doente de varíola de quem ele cuidou em Rock Island lhe enviou. Sinto uma fé renovada na natureza humana por saber que a gratidão ainda existe.

— Quem foi? Alguém que conhecemos?

— A carta era anônima e veio de Washington. Ashley ficou sem saber quem podia ter mandado. Mas pessoas com o altruísmo de Ashley saem pelo mundo

fazendo tantas boas ações que não se pode esperar que se lembrem de todas.

Não fosse pela surpresa ante a riqueza inesperada de Ashley, Scarlett teria aceitado o desafio, embora durante a estadia em Tara tivesse decidido que jamais voltaria a se permitir brigar com Rhett por conta de Ashley. O terreno em que se encontrava naquela questão era inseguro demais e, até que soubesse exatamente a quantas andava com ambos os homens, ela não pretendia baixar a guarda.

— Ele quer comprar a minha parte?

— Sim, mas claro que eu lhe disse que você não venderia.

— Eu adoraria que você me deixasse cuidar dos meus negócios.

— Ora, você sabe que não abriria mão das serrarias. Eu lhe disse que ele sabia tão bem quanto eu que você não aguentaria deixar de meter o bedelho em tudo e que, se vendesse a ele a sua parte, não poderia mais controlar como ele toca os próprios negócios.

— Você teve a audácia de dizer isso a ele?

— Por que não? É verdade, não é? Acredito que ele tenha concordado plenamente, mas, claro, foi demasiado cavalheiro para fazer isso às claras.

— É mentira! Vou vender as serrarias a ele! — gritou Scarlett, furiosa.

Até aquele momento, não lhe passara pela cabeça abrir mão das serrarias. Tinha vários motivos para mantê-las e o valor monetário era o menor deles. Podia tê-las vendido por valores vultosos em qualquer momento dos últimos anos, mas recusara todas as ofertas. As serrarias eram a prova tangível do que fizera, sem ajuda e apesar das dificuldades, e se orgulhava delas e de si mesma. Acima de tudo, não queria vendê-las por serem o único caminho aberto até Ashley. Se as serrarias escapassem ao seu controle, raramente veria Ashley e provavelmente jamais o veria a sós. E precisava se encontrar com ele a sós. Não podia continuar assim por mais tempo, perguntando-se quais seriam os sentimentos dele por ela agora, se todo o seu amor morrera de vergonha desde aquela noite terrível da festa de Melanie. No curso dos negócios, poderia encontrar oportunidades para conversas sem que parecesse que o estava perseguindo. E com o tempo seria capaz de recuperar fosse qual fosse o terreno que perdera em seu coração. Mas se vendesse as serrarias…

Não, não queria vender, mas, instigada pela ideia de que Rhett a expusera a Ashley de forma tão real e sob uma luz tão prejudicial, tomara uma decisão

instantânea. Ashley teria as serrarias e por um preço tão baixo que não conseguiria deixar de ver como ela era generosa.

— Vou vender! — gritou, furiosa. — Agora, o que você acha disso?

Um levíssimo brilho de triunfo iluminou os olhos de Rhett quando ele se abaixou para amarrar o cordão do sapato da filha.

— Acho que você vai se arrepender — disse ele.

Ela já estava arrependida das palavras impulsivas. Se tivessem sido ditas a qualquer um que não Rhett, voltaria atrás sem qualquer pudor. Por que agira assim? Olhou para Rhett com a testa franzida de raiva e viu que ele a fitava com seu velho olhar atento, de um gato que vigiava a toca do rato. Quando a viu franzir a testa, riu de repente, os dentes alvos brilhando. Scarlett teve uma sensação estranha de que havia sido empurrada para aquela posição.

— Você teve algo a ver com isso? — perguntou, irritada.

— Eu? — As sobrancelhas se ergueram com uma surpresa zombeteira. — Achei que me conhecesse melhor. Eu não saio pelo mundo promovendo boas ações, se tiver como evitar.

Naquela noite, ela vendeu as serrarias e toda a sua participação nelas a Ashley. Não sofreu prejuízo com a transação, pois Ashley se recusou a aproveitar a primeira oferta modesta e fez questão de honrar o maior lance já oferecido pelo negócio. Quando os documentos já estavam assinados e as serrarias já se encontravam irrevogavelmente na posse de Ashley, e Melanie servia pequenas taças de vinho para Rhett e o marido, comemorando a ocasião, Scarlett se sentiu desolada, como se tivesse vendido um dos filhos.

As serrarias lhe eram caras, eram seu orgulho, o fruto de suas pequenas mãos avaras. Começara com uma pequena serraria naquele período sombrio em que Atlanta mal se erguia das ruínas e cinzas, e a penúria a olhava de frente. Lutara e conspirara e as nutrira durante os tempos difíceis quando o confisco ianque espreitava, quando o dinheiro era curto e homens espertos eram postos contra a parede. E, agora que Atlanta começava a secar suas cicatrizes e prédios eram erguidos por todo lado e recém-chegados aportavam aos magotes diariamente, tinha duas ótimas serrarias, dois depósitos de madeira, uma dúzia de parelhas de mulas e a mão de obra de prisioneiros para operar o negócio a baixo custo.

Despedir-se delas era como fechar para
sempre uma porta de parte da própria vida, uma parte dura, mas de que se recordava com uma satisfação nostálgica.

Construíra aquele negócio e agora o vendera e se sentia oprimida pela certeza de que, sem ela à frente, Ashley perderia tudo — tudo que ela batalhara para construir. Ashley confiava em qualquer um e ainda mal diferenciava um pedaço de pau de uma tábua de madeira. E agora não poderia contar com a vantagem dos conselhos dela — tudo porque Rhett a chamara de mandona.

Maldito Rhett!, pensou e, enquanto o observava, a convicção de que o marido estava por trás de tudo cresceu. Exatamente como e por quê, ela não sabia dizer. Ele estava falando com Ashley, e as palavras despertaram sua atenção.

— Suponho que você vá devolver imediatamente os prisioneiros — falou Rhett.

Devolver os prisioneiros? Por que essa ideia de devolvê-los? Rhett sabia muito bem que os lucros consistentes das serrarias se deviam à mão de obra barata dos prisioneiros. E por que Rhett falava com tanta segurança sobre como seriam as ações futuras de Ashley? O que ele sabia sobre o outro?

— Sim, vou devolvê-los imediatamente — respondeu Ashley, evitando o olhar atônito de Scarlett.

— Você perdeu o juízo? — disse ela. —Vai perder o dinheiro do arrendamento e, além disso, que tipo de mão de obra você vai conseguir?

— Vou usar pretos libertos — respondeu Ashley.

— Pretos libertos! Conversa fiada! Você sabe quanto vão custar os salários deles e ainda por cima terá os ianques nos seus calcanhares a todo minuto para checar se eles comem galinha três vezes ao dia e se você os põe na cama sob edredons toda noite. E, se der umas chicotadas num preto preguiçoso, há de ouvir os gritos dos ianques lá de Dalton e acabar na prisão. Nossa, usar prisioneiros é o único…

Melanie baixou os olhos para as próprias mãos entrelaçadas no colo. Ashley parecia infeliz, mas obstinado. Durante um momento ficou calado. Então, seu olhar cruzou com o de Rhett e foi como se ali encontrasse compreensão e encorajamento — algo que não passou despercebido de Scarlett.

— Não vou usar o trabalho de prisioneiros, Scarlett — garantiu Ashley calmamente.

— Ora, senhor! — exclamou Scarlett, sem fôlego. — E por que não? Está com medo de que as pessoas falem de você como falam de mim?

Ashley ergueu a cabeça.

— Não tenho medo do que as pessoas dizem, desde que eu esteja certo. E nunca achei que o trabalho de prisioneiros fosse uma coisa correta.

— Mas por que…

— Não posso ganhar dinheiro com o trabalho forçado e a desgraça dos outros.

— Mas você tinha escravos!

— Eles não eram desgraçados. E, além disso, eu os teria alforriado quando papai morreu, caso a guerra já não os tivesse libertado. Isto aqui é diferente, Scarlett. O sistema permite muitos abusos. Talvez você não saiba, mas eu sei. Sei muito bem que Johnnie Gallegher matou ao menos um deles em seu acampamento, talvez mais de um. Quem se importa com um prisioneiro a mais ou a menos? Ele disse que o homem morreu numa tentativa de fuga, mas não foi o que ouvi. E sei que ele obriga quem está muito doente a trabalhar. Chame de superstição, se quiser, mas não creio que a felicidade possa brotar de dinheiro ganho com o sofrimento de outros.

— Pelo manto do Senhor! Você está dizendo… Nossa, Ashley, você engoliu tudo que o reverendo Wallace matraqueou a respeito de dinheiro sujo?

— Não precisei engolir, eu já acreditava nisso muito antes dos sermões dele.

— Então deve achar que todo o meu dinheiro é sujo — disse Scarlett, começando a se enfurecer —, porque usei prisioneiros e tenho um saloon e…

Interrompeu-se de repente. O casal Wilkes parecia constrangido e Rhett ostentava um amplo sorriso. *Maldito*, pensou Scarlett com veemência. *Ele acha que estou me metendo de novo onde não sou chamada, e Ashley acha o mesmo. Ai, como eu gostaria de bater a cabeça de um contra a cabeça do outro!* Engoliu a raiva e tentou adotar um ar de dignidade distante, mas com pouco sucesso.

— Lógico que é irrelevante para mim — falou.

— Scarlett, não pense que a estou criticando! Não é isso. Apenas vemos as coisas de um modo diferente e o que é bom para você pode não ser para mim.

De repente, ela desejou que estivessem a sós, que Rhett e Melanie se encontrassem no extremo da terra, para poder gritar bem alto: “Mas eu quero ver as coisas do modo que você vê! Me diga o que você quer dizer para que eu entenda e seja como você!”

Com Melanie presente, porém, tremendo de nervosismo por conta da cena, e Rhett com expressão matreira rindo para ela, só lhe restou dizer com o máximo possível de frieza e virtude ofendida:

— Sem dúvida é o seu negócio, Ashley, e longe de mim querer lhe dizer como administrá-lo. Mas devo confessar que não entendo sua atitude nem suas observações.

Ah, se estivessem a sós, de modo que não fosse obrigada a lhe dizer palavras tão frias, palavras que o deixavam infeliz!

— Eu a ofendi, Scarlett, e não tive essa intenção. Você precisa acreditar e me perdoar. Não há nada de enigmático no que eu falei. Apenas acredito que dinheiro que é ganho de algumas maneiras raramente traz felicidade.

— Mas você se engana! — exclamou ela, incapaz de se conter por mais tempo. — Olhe para mim! Você sabe como eu ganhei dinheiro. Sabe como as coisas eram antes! Lembra daquele inverno em Tara em que fazia tanto frio que precisamos usar tapetes como sapatos e não havia comida bastante e nos perguntávamos como iríamos dar educação a Beau e a Wade. Você lem…

— Sim, me lembro — disse Ashley, cansado. — Mas preferia ter esquecido.

— Bem, você não pode dizer que éramos felizes assim, pode? E olhe para nós agora! Você tem uma bela casa e um bom futuro. E existe por acaso casa mais linda que a minha ou roupas mais bonitas ou cavalos melhores? Ninguém põe uma mesa mais bem-posta ou dá recepções mais finas, e meus filhos têm tudo que querem. Ora, como consegui o dinheiro para tornar isso possível? Caiu do céu? Não, senhor. Prisioneiros e aluguéis de saloon e…

— E não se esqueça do ianque que você matou — disse Rhett baixinho. — Ele realmente lhe possibilitou um começo.

Scarlett se virou para o marido, com palavras furiosas nos lábios.

— E o dinheiro fez você muito, muito feliz, não foi, minha querida? — concluiu ele, venenosamente doce.

Scarlett se interrompeu, de boca aberta, e seu olhar buscou rapidamente os dos outros três. Melanie estava a ponto de chorar de vergonha. Ashley parecia repentinamente indiferente e distante, e Rhett a observava por cima do charuto, levemente divertido. Ela ia começar a gritar “Claro que o dinheiro me fez feliz!”.

Mas por algum motivo as palavras ficaram entaladas na garganta.

Capítulo 58

No período que se seguiu à sua enfermidade, Scarlett percebeu uma mudança em Rhett, mudança que não sabia dizer se lhe agradava. Ele estava mais sóbrio, calado e preocupado. Jantava em casa mais vezes, se mostrava mais gentil com os criados e mais afetuoso com Wade e Ella. Jamais se referia a coisa alguma do passado de ambos, fosse ou não agradável, e silenciosamente parecia desafiá-la a abordar tais assuntos. Scarlett não engolia a isca, pois era mais fácil deixar as coisas como estavam e a vida correr tranquilamente, ao menos na superfície. A cortesia impessoal do marido que começara durante sua convalescença continuava, e ele não a provocava com sua fala suave nem a espicaçava com sarcasmo. Ela percebia agora que, embora costumasse enfurecê-la com comentários maliciosos que causavam nela reações veementes, ele agira assim por se importar com o que ela fazia e dizia. Agora era difícil saber se isso tudo lhe era totalmente indiferente. Rhett era educado e desinteressado, e Scarlett sentia falta do antigo interesse, por mais perverso que fosse, sentia falta dos velhos tempos de provocações e revides.

Ele era mais agradável com ela agora, quase como se fosse uma estranha; no entanto, da mesma forma como a seguiam no passado, seus olhos agora seguiam Bonnie, como se o fluxo apressado da sua vida estivesse contido em um canal estreito. Às vezes Scarlett imaginava que, se Rhett tivesse lhe dedicado metade da atenção e da ternura que despejava sobre Bonnie, a vida teria sido diferente. Às vezes, era difícil sorrir quando ouvia: “Como o capitão Butler idolatra essa menina!” Mas se não sorrisse todos achariam estranho e Scarlett odiava admitir, ainda que para si mesma, que sentia ciúmes de uma menininha, sobretudo sendo essa menininha sua filha predileta. Scarlett sempre desejou ser a primeira nos corações dos que a cercavam e nada mais óbvio do que o fato de que Rhett e Bonnie seriam sempre a prioridade um do outro.

Rhett com frequência chegava em casa tarde, mas chegava sóbrio. Muitas vezes, ela o ouvia assoviar baixinho quando atravessava o corredor, passando pela porta fechada do quarto. Às vezes, trazia outros homens com ele, tarde da noite, e todos se sentavam na sala de jantar em torno de uma garrafa de conhaque. Esses homens não eram os mesmos com quem ele costumava beber no primeiro ano de casado. Nenhum abonado *carpetbagger*, *scallawag* ou Republicano frequentava a casa a convite dele. Scarlett, na ponta dos pés, chegava até a balaustrada do andar de cima e, espantada, muitas vezes ouvia as vozes de René Picard, Hugh Elsing, dos irmãos Simmons e de Andy Bonnell. E o avô Merriwether e tio Henry estavam sempre presentes. Certa vez, para sua imensa surpresa, chegou a ouvir a voz do dr. Meade. E todos eles já haviam achado que enforcamento seria pouco para Rhett!

Na cabeça de Scarlett, aquele grupo ficaria para sempre associado à morte de Frank, e os horários tardios de Rhett ultimamente a faziam recordar mais ainda a época que antecedera o ataque da Klan em que Frank perdera a vida. Scarlett se lembrava com pavor da observação de Rhett de que até mesmo se juntaria à maldita Klan para se tornar respeitável, embora esperasse que Deus não lhe pusesse nos ombros fardo tão pesado. Imagine se Rhett, como Frank…

Certa noite, quando ele demorou mais que de hábito, ela não conseguiu mais se conter. Quando ouviu o ruído da sua chave na fechadura, vestiu um penhoar e, saindo para o corredor iluminado por um lampião a gás, confrontou-o na escada. A expressão ausente e reflexiva em seu rosto transformou-se em surpresa ao vê-la parada ali.

— Rhett, eu preciso saber! Preciso saber se você… Se é a Klan… É por isso que você fica na rua até tão tarde? Você entrou para…

À luz bruxuleante do lampião, ele a fitou sem curiosidade e depois sorriu.

— Você está um bocado atrasada. Não existe mais Klan em Atlanta. Provavelmente nem na Geórgia. Você anda ouvindo histórias horríveis sobre a Klan dos seus amigos *scallawags* e *carp*etbaggers.

— Não existe Klan? Você está mentindo para tentar me acalmar?

— Minha querida, quando foi que eu tentei acalmá-la? Não, não existe mais Klan. Nós concluímos que ela fazia mais mal do que bem, porque apenas mantinha os ianques em polvorosa e dava mais munição para a fábrica de

calúnias de sua excelência, o governador Bullock. Ele sabe que só consegue se manter no poder enquanto for capaz de convencer o governo federal e os jornais ianques de que a Geórgia é um caldeirão de rebeldes e que há um membro da Klan escondido atrás de cada árvore. Para se manter no poder, ele tem inventado histórias de ataques da Klan que não existem, tem falado de Republicanos leais pendurados pelos polegares e de negros honestos linchados como estupradores. Mas está atirando contra um alvo inexistente e sabe disso. Agradeço a sua preocupação, mas a Klan deixou de ser ativa pouco depois de eu ter deixado de ser um *scallawag* e me tornado um humilde Democrata.

A maior parte do que ele disse sobre o governador Bullock entrou por um ouvido de Scarlett e saiu pelo outro, pois, mentalmente, o que lhe enchia a cabeça era o alívio por não haver mais Klan. Rhett não seria morto como Frank; ela não perderia o armazém nem o dinheiro dele. Mas uma palavra daquelaconversa lhe chamara a atenção. Ele dissera “nós”, unindo-se naturalmente àqueles que um dia chamara de “Velha Guarda”.

— Rhett — perguntou de repente —, você tem algo a ver com o desmantelamento da Klan?

Ele lhe lançou um olhar longo e seus olhos começaram a dançar.

— Meu amor, tive, sim. Ashley Wilkes e eu somos os principais responsáveis.

— Ashley… e você?

— Sim, parece uma frase feita, mas, realmente, a política forja estranhas amizades. Nem Ashley nem eu gostamos muito um do outro como amigos, mas… Ashley nunca acreditou na Klan por ser contra qualquer tipo de violência. E eu nunca acreditei por ser uma tremenda tolice e não o jeito certo de conseguir o que queremos. É a receita ideal para manter os ianques em cima de nós até o Juízo Final. Ashley e eu conseguimos convencer os extremistas de que observar, aguardar e trabalhar adiantaria mais do que camisolões e cruzes em brasa.

— Você está dizendo que os rapazes realmente seguiram seus conselhos, mesmo…

— Mesmo eu tendo sido especulador? Um *scallawag*? Amigo dos ianques? Você se esquece, sra. Butler, de que agora sou um Democrata respeitável, dedicado até a última gota de sangue a retomar o nosso amado estado das mãos de seus violentadores! Meu conselho era bom e eles o seguiram. Meu conselho

em outras questões políticas é igualmente bom. Temos uma maioria Democrata no Legislativo agora, não temos? E logo, meu amor, alguns dos nossos amigos Republicanos estarão atrás das grades. Eles andam meio vorazes ultimamente, de um jeito um tantinho ostensivo demais.

— Você ajudaria a botá-los na cadeia? Ora, eles foram seus amigos! Eles o puseram naquele negócio dos títulos da ferrovia em que você ganhou rios de dinheiro!

Rhett deu um repentino sorriso, seu velho sorriso jocoso.

— Ah, não lhes desejo mal, mas estou do outro lado agora e, se puder ajudar de alguma forma a botá-los no lugar que merecem, farei isso. E como meu crédito será reforçado! Conheço o bastante dos bastidores desses negócios para ser muito valioso quando o Legislativo começar a investigá-los, e, ao que tudo indica, esse dia não deve estar muito longe. Vão investigar o governador também, e prendê-lo, se puderem. É melhor você avisar seus amigos Gelerts e Hundons para se prepararem para deixar a cidade de uma hora para outra, porque, se pegarem o governador, hão de pegá-los também.

Durante tempo demais Scarlett vira os Republicanos, bancados pela força do Exército ianque, deterem o poder na Geórgia para acreditar nas palavras de Rhett. O governador estava por demais entrincheirado para qualquer Legislativo alcançá-lo, quanto menos prendê-lo.

— Como você fala… — comentou ela.

— Se ele não for preso, ao menos não será reeleito. Teremos um governo Democrata na próxima eleição, para variar.

— E suponho que você vai ter algo a ver com isso, não? — indagou Scarlett com sarcasmo.

— Terei, sim, querida. Já estou tendo. Por isso chego tão tarde em casa. Estou trabalhando mais do que jamais trabalhei com uma pá na corrida do ouro, tentando organizar a eleição. E… sei que isso há de incomodá-la, sra. Butler, mas venho contribuindo com um bocado de dinheiro para a organização também. Lembra quando você me disse, há anos, no armazém de Frank, que era desonesto da minha parte ficar com o ouro confederado? Finalmente passei a concordar com você, e o ouro confederado está sendo gasto para devolver o poder aos confederados.

— Você está jogando dinheiro no ralo!

— O quê? Você chama o Partido Democrata de ralo? — Os olhos dele zombaram dela e depois ficaram sem expressão. — Não me importa a mínima quem ganhe essa eleição. O que me importa é que todos saibam que trabalhei e gastei dinheiro nela. E que isso será lembrado como um ponto a favor de Bonnie no futuro.

— Quase tive medo, ouvindo a sua conversa pia, de você ter mudado de ideia, mas vejo que não há mais sinceridade da sua parte em relação aos Democratas do que no resto.

— Não houve nenhuma mudança de ideia, meramente uma mudança de vida. Talvez seja possível apagar as manchas de um leopardo, mas ele continuará sendo um leopardo.

Bonnie, despertada pelas vozes no corredor, chamou, sonolenta, mas imperiosamente:

— Papai!

E Rhett passou por Scarlett em direção à filha.

— Rhett, espere um instante. Tem mais uma coisa que quero lhe dizer. Você precisa parar de levar Bonnie com você para reuniões políticas à tarde. Não fica bem. A ideia de uma garotinha nesse tipo de lugar! E faz você ficar com expressão de bobo. Nunca imaginei que você a levasse até o tio Henry comentar comigo, como se eu soubesse…

Rhett deu meia-volta, e sua expressão era dura.

— Como você pode interpretar como errado uma garotinha sentar no colo do pai enquanto ele conversa com amigos? Pode até ser bobo para você, mas não tem nada de bobo. As pessoas hão de se lembrar durante anos de Bonnie sentada no meu colo enquanto eu ajudava a expulsar os Republicanos do estado. As pessoas hão de se lembrar durante anos… — A expressão dele se suavizou e uma luz brilhou em seus olhos. — Você sabia que, quando perguntam a Bonnie de quem ela gosta mais, ela responde: “Do papai e dos Demogatos”? E, quando perguntam quem ela mais detesta, ela diz “Os *callywags*”? As pessoas, graças a Deus, não esquecem esse tipo de coisa.

O tom de voz de Scarlett subiu vertiginosamente:

— E suponho que você lhe diga que sou uma *scall*awag, não?

— Papai! — chamou a vozinha, indignada agora, e Rhett, ainda rindo, atravessou o corredor para ir ter com a filha.

No mês de outubro, o governador Bullock renunciou ao cargo e fugiu da Geórgia. Malversação de recursos públicos, desperdício e corrupção alcançaram tais níveis durante seu governo que o edifício desabou sob o próprio peso. Mesmo o seu partido ficou dividido, tamanha foi a indignação pública. Os Democratas tinham maioria no Legislativo agora, e isso significava uma só coisa: sabendo que iria ser investigado e temendo o impeachment, Bullock não esperou. Rápida e secretamente debandou, providenciando para que sua renúncia não se tornasse pública até que estivesse em segurança no Norte.

Quando foi anunciada, uma semana após a fuga, Atlanta explodiu de euforia e felicidade. Os moradores encheram as ruas, os homens rindo e apertando as mãos para comemorar, as mulheres trocando beijinhos e chorando. Todos deram festas, e o corpo de bombeiros ficou assoberbado combatendo as chamas oriundas de fogueiras improvisadas pela garotada em júbilo.

Quase livres do perigo! A Reconstrução por um fio! Sim, o governador em exercício também era Republicano, mas a eleição estava chegando em dezembro e ninguém duvidava de qual seria o resultado. E quando ela chegou, apesar das tentativas frenéticas dos Republicanos, a Geórgia mais uma vez ganhou um governador Democrata.

Houve novamente alegria e euforia, mas de um tipo diverso do que a cidade sentira quando Bullock pegou a estrada. Agora, era uma alegria mais sóbria, uma sensação mais profunda de gratidão, e as igrejas se enchiam enquanto os pastores reverentemente davam graças a Deus pela libertação do estado. Havia orgulho, também, misturado à alegria e à euforia, orgulho porque a Geórgia voltara a pertencer ao seu próprio povo, a despeito do que o governo em Washington pudesse fazer, a despeito do Exército, dos *carpetbaggers*, dos *scallawags* e dos Republicanos nativos.

Sete vezes, o Congresso aprovara leis esmagadoras contra o estado para mantê-lo como província conquistada, três vezes o Exército deixara de lado a lei civil. Os negros foram marionetes no Legislativo, forasteiros gananciosos administraram mal o governo, indivíduos da iniciativa privada enriqueceram às

custas dos recursos públicos. A Geórgia, indefesa, sofrera tormentos e abusos, fora subjugada. Agora, porém, a despeito de tudo, a Geórgia voltara a pertencer a si mesma e pelo esforço do seu próprio povo.

A repentina derrubada dos Republicanos não alegrou a todos. Houve consternação nas fileiras dos *scallawags*, dos *carpetbaggers* e dos Republicanos. Os Gelerts e os Hundons, evidentemente cientes da partida de Bullock antes que a renúncia viesse a público, deixaram abruptamente a cidade, retornando à obscuridade de onde haviam saído. Os *carpetbaggers* e *scallawags* que permaneceram ficaram inseguros, amedrontados e se reuniam para obter consolo, imaginando o que a investigação legislativa desenterraria com relação a seus próprios negócios. Já não eram insolentes. Pareciam atônitos, confusos e temerosos. As senhoras que visitavam Scarlett não paravam de repetir:

— Quem diria que ia acabar assim? Achávamos que o governador era todo-poderoso. Achávamos que fosse ficar. Achávamos…

Scarlett também ficou perturbada com a reviravolta, apesar dos alertas de Rhett sobre a direção que as coisas tomariam. Não que ela lamentasse a partida de Bullock e o retorno dos Democratas. Embora ninguém fosse acreditar, também ela se sentia feliz com o fim do domínio ianque, depois de tanto tempo. Lembrava-se com muita nitidez da própria luta durante os primeiros dias da Reconstrução, do seu medo de que os soldados e os *carpetbaggers* confiscassem seu dinheiro e suas propriedades. Lembrava-se da sua impotência e do pânico diante da própria impotência e do ódio aos ianques que haviam imposto aquele sistema espoliador no Sul. E jamais deixara de odiá-los. No entanto, na tentativa de extrair o melhor da situação, alinhara-se aos conquistadores. Embora não os apreciasse, cercara-se deles, se afastara dos velhos amigos e do velho estilo de vida. E agora o poder dos conquistadores estava no fim. Ela apostara na continuidade do regime Bullock e perdera a aposta.

Ao olhar em volta, naquele Natal de 1871, o Natal mais feliz que o estado tinha em mais de dez anos, Scarlett ficou aflita. Não podia deixar de perceber que Rhett, no passado o homem mais execrado de Atlanta, era agora um dos mais populares, pois havia humildemente rejeitado suas heresias republicanas e doado tempo, dinheiro, trabalho e perspicácia a fim de ajudar a Geórgia a lutar pela recuperação. Quando passava a cavalo na rua, sorrindo e tocando o chapéu,

com aquela trouxinha azul que era Bonnie empoleirada na sua sela, todos sorriam de volta, falavam com entusiasmo e admiração e olhavam com afeto a garotinha. Enquanto ela, Scarlett…

Capítulo 59

Não havia dúvida na cabeça de pessoa alguma de que Bonnie Butler estava fora de controle e precisava de mão firme, mas, como era a predileta de todos, ninguém tinha coragem de mostrar a firmeza necessária. Escapara ao controle pela primeira vez durante os meses em que viajara com o pai. Quando visitara Nova Orleans e Charleston com Rhett, tinha permissão para ficar acordada até quando quisesse e dormia no colo do pai em teatros, restaurantes e mesas de jogo. Depois disso, apenas à força ia para a cama no mesmo horário em que se deitava a obediente Ella. Durante a viagem, Rhett a deixava usar qualquer vestido que quisesse e, desde então, fazia cenas quando Mammy tentava vesti-la com laços e aventais em lugar de tafetá azul e golas de renda.

Aparentemente, não havia jeito de recuperar o terreno que havia sido perdido naquele período fora de Atlanta e mais tarde durante a doença de Scarlett e sua recuperação em Tara. Conforme Bonnie crescia, Scarlett tentava discipliná-la, tentava impedir que fosse teimosa e mimada demais, porém com pouco sucesso. Rhett sempre apoiava a filha, por mais tolos que fossem seus desejos ou absurdo o seu comportamento. Ele a encorajava a falar e a tratava como adulta, ouvindo suas opiniões com aparente seriedade e fingindo segui-las. Em consequência, Bonnie interrompia os mais velhos quando lhe apetecia e contradizia o pai e lhe passava sermões. Ele apenas ria e não permitia que Scarlett sequer lhe desse um peteleco na mão para repreendê-la.

Se não fosse tão doce e meiga, ela seria impossível, pensava Scarlett desanimada, percebendo que tinha uma filha tão voluntariosa quanto ela própria. *Ela adora Rhett, que poderia fazer com que se comportasse melhor, se* quisesse.

Mas Rhett não mostrava disposição para fazer Bonnie se comportar. O que quer que ela fizesse era certo e, se quisesse a lua, podia tê-la, caso ele fosse capaz de alcançá-la. O orgulho do pai da beleza da filha, de seus cachos, das covinhas, dos gestos graciosos, não tinha limites. Ele adorava a ousadia da filha,

sua iniciativa e o peculiar jeito meigo que a menina tinha de mostrar o amor que sentia por ele. Apesar de todos os seus caprichos e da constante teimosia, Bonnie era uma criança tão adorável que faltava a Rhett coragem para freá-la. O pai era um deus para a menina, o centro do seu diminuto universo, e isso era por demais precioso para pôr em risco por causa de reprimendas.

Bonnie vivia grudada a Rhett como uma sombra. Acordava-o mais cedo do que ele gostaria, sentava-se a seu lado na mesa, comendo alternadamente do prato dele e do próprio, cavalgava na mesma sela e não permitia que pessoa alguma que não o pai a despisse e pusesse para dormir na caminha a seu lado.

Divertia e emocionava Scarlett ver com que mão de ferro a filhinha governava o pai. Quem imaginaria que justo Rhett levaria tão a sério a paternidade? Mas às vezes uma pontada de ciúme cutucava Scarlett, porque Bonnie, mesmo aos quatro anos, entendia Rhett melhor do que ela jamais o entendera e podia manipulá-lo melhor do que ela jamais pudera.

Quando Bonnie fez quatro anos, Mammy começou a resmungar sobre a falta de decoro de uma menina cavalgar “qui nem minino na sela do pai, c’o vistido voando sorto”. Rhett prestou atenção na observação, como fazia com todas as observações de Mammy a respeito da educação de meninas. O resultado foi um pequeno pônei marrom e branco com a crina e o rabo compridos e sedosos e uma diminuta sela com arremates prateados. Teoricamente, o pônei era das três crianças e Rhett comprou uma sela para Wade também. Wade, porém, preferia muito mais o seu cão São Bernardo, e Ella tinha medo de todos os animais. Assim, o pônei se tornou propriedade exclusiva de Bonnie e foi batizado de “Sr. Butler”. O único problema com o afeto possessivo de Bonnie era não poder ainda montar com uma perna de cada lado, como o pai, mas, depois que ele comentou como montar de lado era muito mais difícil, ela se contentou e aprendeu rapidamente. O orgulho de Rhett da postura e da agilidade das mãos da filha foi imenso.

— Imagine quando ela for crescida o bastante para caçar — gabava-se. — Ninguém chegará a seus pés. Vou levá-la para a Virgínia então, onde se caça de verdade. E para o Kentucky, onde os bons cavaleiros são valorizados.

Quando chegou a hora de comprar o paletó de montaria, como sempre, Bonnie impôs sua escolha de cores e, como sempre, escolheu azul.

— Mas, meu amor! Não esse veludo azul! Veludo azul é para vestidos de festa — disse Scarlett, rindo. — Um belo paletó preto de casimira é o que usam as meninas. — Vendo a filha franzir a testa, completou: — Pelo amor de Deus, Rhett, diga a ela que não é conveniente e que vai sujar logo!

— Ora, deixe que ela use veludo azul. Se sujar, mando fazer outro — respondeu Rhett tranquilamente.

Assim, Bonnie ganhou seu paletó de montaria de veludo azul e uma saia que cobria o flanco do pônei, além de um chapéu preto com uma pluma vermelha, porque a tia Melly contava histórias da pluma de Jeb Stuart que seduziram a imaginação da menina. Quando o dia estava bonito, os dois podiam ser vistos cavalgando na rua Peachtree, Rhett manejando seu parrudo cavalo preto para acompanhar o passo do pônei gorducho. Às vezes, saíam a galope pelas estradas tranquilas nos arredores da cidade, assustando as galinhas, os cachorros e as crianças, Bonnie atiçando o Sr. Butler com o chicote, seus cachos em desalinho, e Rhett freando o cavalo preto com mão firme para que a filha achasse que o Sr. Butler estava ganhando a corrida.

Quando se deu por satisfeito com a postura da filha na sela, com o domínio das suas mãozinhas e sua total falta de medo, Rhett decidiu que era hora de lhe ensinar a saltar os pequenos obstáculos que as patas atarracadas do Sr. Butler lhe permitiriam enfrentar. Para tanto, mandou erguer um obstáculo no quintal dos fundos e pagava a Wash, um dos sobrinhos de tio Peter, 25 centavos por dia para ensinar o Sr. Butler a saltar. Começaram com uma barra a cinco centímetros do solo e aos poucos atingiram a altura de trinta centímetros.

O arranjo foi recebido com desaprovação pelos três maiores interessados: Wash, o Sr. Butler e Bonnie. Wash tinha medo de cavalos e apenas mediante o valor principesco que lhe foi oferecido concordou em fazer o pônei teimoso saltar dezenas de vezes por dia; o Sr. Butler, que aguentava com serenidade ter o rabo puxado por sua pequena proprietária e os cascos examinados constantemente, sentia que o Criador dos pôneis não havia pretendido que seu corpo gorducho pulasse obstáculos; e Bonnie, que não suportava ver qualquer outra pessoa montar seu pônei, demonstrou grande impaciência durante o aprendizado do Sr. Butler.

Quando Rhett finalmente concluiu que o pônei já aprendera o suficiente para que Bonnie pudesse lhe ser confiada, a excitação da menina não teve limites. Seu primeiro salto mereceu todos os elogios e, dali em diante, passear a cavalo com o pai não mais a seduzia. Scarlett não podia senão rir do orgulho e entusiasmo de pai e filha. Achava, contudo, que, uma vez passada a novidade, Bonnie descobriria outros interesses e a vizinhança voltaria a ter alguma paz. Mas a graça não se perdeu. Havia uma trilha gasta que ia da árvore no extremo do quintal dos fundos até o obstáculo, e durante toda a manhã o quintal se enchia de gritos excitados. O avô Merriwether, que atravessara o país em 1849, dizia que os gritos pareciam os de um apache após um escalpelamento bem-sucedido.

Depois da primeira semana, Bonnie implorou para que o obstáculo fosse alteado, e ele já estava a 45 centímetros do solo.

— Quando você tiver seis anos — disse Rhett. — Aí vai ser grande o bastante para saltar mais alto e vou comprar um cavalo maior para você. As pernas do Sr. Butler não são suficientemente compridas.

— São, sim! Saltei as roseiras da tia Melly, e elas são grandíssimas!

— Não, você vai ter de esperar — insistiu Rhett, usando de firmeza para variar. Mas a firmeza aos poucos foi sendo amenizada ante a insistência incessante e os chiliques de raiva.

— Está bem, está bem — disse ele, rindo, certa manhã, e alteou a barra. — Se você cair não chore nem me culpe!

— Mãe! — gritou Bonnie, erguendo a cabeça na direção do quarto de Scarlett. — Mãe! Olha pra mim! O papai deixou!

Scarlett, que penteava o cabelo, chegou à janela e sorriu para a figurinha excitada, esdrúxula em seu sujo paletó de montaria azul.

Preciso realmente providenciar outro paletó de montaria, pensou. *Embora só Deus saiba como vou conseguir que ela abra mão desse, por mais sujo q*ue esteja.

— Olha, mãe!

— Estou olhando, querida — disse Scarlett, sorrindo.

Quando Rhett ergueu a criança e a sentou sobre o pônei, Scarlett gritou em um ímpeto de orgulho ao ver as costas eretas e a postura orgulhosa da cabeça da filha:

— Você está linda, meu tesouro!

— Você também — retribuiu Bonnie, generosa, e, cutucando as costelas do Sr. Butler com o salto da bota, galopou pelo quintal em direção à árvore.

— Olha só, mãe, vou saltar! — gritou, usando o chicote.

*Olha, v*ou saltar!

Do fundo do baú da memória de Scarlett, soou um alarme. Havia uma espécie de ameaça naquelas palavras. O que seria? Por que não lembrava? Baixou o olhar para a filhinha, encarapitada com tanta leveza no pônei galopante, e a testa se franziu quando um arrepio lhe apertou o peito. Bonnie vinha a toda velocidade, os cachos negros balançando, os olhos azuis faiscando.

São os olhos do papai, pensou Scarlett. *Olhos azuis de irlandês, e ela é igualzinha a el*e em tudo.

E, com a imagem de Gerald, a lembrança que ela se esforçava para evocar surgiu de repente, como a claridade de um relâmpago de verão, fazendo parar seu coração e iluminando, por um instante, todo o campo com um brilho sobrenatural. Ela ouviu uma voz irlandesa cantando, ouviu o barulho dos cascos rápidos subindo o morro do pasto em Tara, ouviu uma voz afoita, muito parecida com a voz da filha: “Olha, Ellen! Me veja pular esta!”

— Não! — gritou ela. — Não! Ah, Bonnie, pare!

Justo quando Scarlett se debruçou na janela, ouviu-se um assustador ruído de madeira quebrada, o grito rouco de Rhett, e no chão ela viu um borrão indistinto de veludo azul e cascos emborcados. Então o Sr. Butler ficou em pé sobre as pernas curtas e saiu trotando com a sela vazia.

Na terceira noite após a morte de Bonnie, Mammy subiu lentamente os degraus que levavam à cozinha de Melanie. Estava vestida de preto, desde os enormes sapatos masculinos, cortados na ponta para deixar livres os dedos dos pés, até o pano de cabeça. Os olhos enevoados estavam injetados e inchados, e o sofrimento era aparente em cada linha do corpanzil. Seu rosto estava contraído com o espanto triste de um velho macaco, mas o queixo mostrava determinação.

Trocou umas poucas palavras com Dilcey, que anuiu com bondade, como se um armistício não verbal tivesse sido declarado na velha rixa. Dilcey pousou os pratos que segurava e passou em silêncio pela despensa para chegar à sala de

jantar. Em um segundo, Melanie apareceu na cozinha, com o guardanapo na mão e ansiedade no rosto.

— A srta. Scarlett não está…

— A sinhá Scarlett vai indo, igual nós tudo — respondeu Mammy. — Num quero pertubá sua janta, sinhá Melly. Posso isperá pra dizê u qui tá na minha cabeça.

— O jantar pode esperar — retrucou Melanie. — Dilcey, termine de servir. Mammy, venha comigo.

Mammy a seguiu, atravessando o corredor e passando pela sala de jantar, onde Ashley se sentava à cabeceira, com Beau a seu lado e os dois filhos de Scarlett em frente, fazendo ruídos com as colheres de sopa. As vozes alegres de Wade e Ella enchiam o cômodo. Para eles uma estadia tão longa na casa da tia Melly era como um piquenique. Tia Melly sempre era tão boa e mais ainda agora. A morte da irmãzinha caçula afetara muito pouco os dois. Bonnie caíra do pônei e a mamãe tinha chorado um bom tempo, e tia Melly os levara para a casa dela para brincar no quintal com Beau e comer bolo sempre que quisessem.

Melanie levou Mammy até a pequena sala de estar cheia de livros, fechou a porta e fez sinal para que ela se sentasse no sofá.

— Eu ia dar um pulo lá depois do jantar — falou. — Agora que a mãe do capitão Butler chegou, suponho que o enterro seja amanhã.

— U interro. Taí o pobrema — disse Mammy. — Sinhá Melly, nós tá c'um baita pobrema i vim pedi sua ajuda. Tá tudo compricado dimais da conta, meu bem, dimais da conta.

— A srta. Scarlett desmoronou? — indagou Melanie, preocupada. — Mal a vi desde que Bonnie… Ela fica no quarto e o capitão Butler nunca está em casa e…

De repente, lágrimas rolaram pelo rosto negro de Mammy. Melanie, sentando-se a seu lado, afagou-lhe o braço e, passado um instante, Mammy enxugou os olhos com a barra da saia negra.

— A sinhora tem qui vim ajudá nós, sinhá Melly. Tô fazeno u qui posso, mas num dianta.

— A srta. Scarlett…

Mammy se empertigou.

— Sinhá Melly, a sinhora cunhece a sinhá Scarlett qui nem eu. U qui ela precisa guentá, u bom Deus dá força pra ela guentá. Isso agora cabô c'o coração dela, mas ela guenta. Vim aqui causo du sinhô Rhett.

— Eu tentei tantas vezes encontrá-lo, mas sempre que fui lá ele tinha ido ao centro ou estava trancado no quarto com… E Scarlett parecia um fantasma e não queria falar… Conte tudo, Mammy. Você sabe que, se eu puder, vou ajudar.

Mammy enxugou o nariz com as costas da mão.

— A sinhá Scarlett guenta u qui Deus manda, causo qui já guentô um mucado, mas u sinhô Rhett… Sinhá Melly, ele nunca pricisô guentá nada qui num quis guentá, nadim. Foi pru causo dele qui vim aqui.

— Mas…

— Sinhá Melly, a sinhora tem qui vim cumigo lá im casa, hoje di noite. — Havia urgência na voz de Mammy. — Quem sabe u sinhô Rhett num iscuta a sinhá. Sempre atentô pra sua 'pinião.

— Ah, Mammy, como assim? O que você está querendo dizer?

Mammy aprumou os ombros.

— Sinhá Melly, u sinhô Rhett perdeu a cabeça. Num qué dexá nós interrá a sinhazinha.

— Perdeu a cabeça? Ah, Mammy, não!

— Num tô mintindo, juro por Deus. Ele num vai dexá nós interrá aquela criança. Falô na minha cara, inda agorinha.

— Mas ele não pode… Ele não está…

— Eu num disse qui ele perdeu a cabeça?

— Mas por quê…

— Sinhá Melly, vô conta tudim. Num divia, mas a sinhá é da famía, só posso contá pra sinhora. Vô conta tudim. A sinhá sabe u tanto qui u sinhô Rhett adorava a fia. Nunca vi home, nêgo nem branco, tão incantado cum fio ninhum. Ficô doidim quano u dotô Meade falou qui u pescocim dela tava quebrado. Pegô u revorve i saiu i matô aquele pôni na horinha i, credo, pensei qui ia si mata tomém. Eu tava pelejano c'a sinhá Scarlett, qui tinha dismaiado, i us vizim tudo entrano i saino, i u sinhô Rhett botô a sinhazinha nu colo sem nem mi dexá lavá u rostim machucado dela. I quano a sinhá Scarlett vortô du dismaio eu pensei qui Deus é pai i eles ia si consolá.

Novamente, as lágrimas começaram a lhe escorrer pelo rosto, mas dessa vez Mammy sequer tentou enxugá-las.

— Qui nada! Quano vortô du dismaio, ela intrô na sala onde qui ele tavac'aminina nu colo i falô: "Mi dá u meu bebê qui ocê matô."

— Ah, não! Não é possível!

— Falô, sim. Ela falô: "Ocê matô ela." I eu sinti tanta pena du sinhô Rhett qui cumecei a chorá, causo qui ele paricia um cachorro surrado. Daí, eu falei: "Dá essa criança para Mammy dela. Num vô dimiti briga na presença da minha sinhazinha." I levei a minina imbora pru quarto dela i lavei rostim dela. I iscutei us dois falano i u qui eles falaro gelô meu sangue. A sinhá Scarlett chamô ele di sassino causo qui ele dexô a fia sartá tão arto i ele disse qui a sinhá Scarlett nunca s'importô nadim c'a sinhazinha Bonnie nem fio ninhum…

— Chega, Mammy! Não me conte mais nada. Não é certo você me contar essas coisas! — exclamou Melanie, enquanto a mente se recusava a encarar o quadro pintado pelas palavras de Mammy.

— Eu sei qui num divia tá contano isso pra sinhora, mas tô pricisano disabafá i num dô conta di pará. Dispois ele mermo levô ela prus homi qui apronta difunto i tornô a trazê i botô ela na caminha nu quarto dele. Aí, quano a sinhá Scarlett falô qui u lugá da minina era dentro du caxão i na sala, quase qui u sinhô Rhett bate nela. I falô assim, frio qui nem gelo: "O lugá dela é nu meu quarto." I disse pra mim: "Mammy, vê pra ela ficá aqui inté eu vortá." Dispois saiu nu cavalo i num vorto inté iscurecê. Aí, vi logo qui tinha bibido, bibido muito, mas num tava diferente di sempre. Foi logo entrano sem falá c'a sinhá Scarlett nem c'a sinhá Pitty nem as visita, correu pra cima, abriu a porta do quarto i gritô pra mim. Curri lá em cima i mal vi ele du lado da caminha, causo qui tava escuro c'as curtina fechada. I ele diz pra mim, arreliado: "Abre as curtina, qui tá iscuro aqui", i eu abri i ele olhô pra mim i, juro, sinhá Melly, qui fiquei de perna bamba, causo qui ele tava isquisito. Falô assim: "Vai pegá u'as vela, um monte di vela, tudim aceso, i num quero as curtina fechada. Ocê num sabe qui a sinhazinha Bonnie tem medo du iscuro?"

O olhar horrorizado de Melanie encontrou o de Mammy, e ela assentiu apavorada.

— Ele falou assim mermo: "A sinhazinha Bonnie tem medo di iscuro."

Mammy estremeceu.

— Quano vortei c'as vela, u'as 12 vela, ele falô "Sai!", trancô a porta, i ficô lá sentado c'a sinhazinha, i num abriu pra sinhá Scarlett nem quano ela bateu i gritô cum ele. I tá assim faz dois dia. Ele num fala di interro i di manhã tranca a porta i sai de casa nu cavalo pra cidade. Vorta quano iscurece, bebo qui nem gambá, i si tranca lá di novo, sem cumê i sem drumi. I agora a mãe dele, a veia sinhá Butler, chegô di Chaston pru interro, mais a sinhá Suellen i u sinhô Will, di Tara, mas u sinhô Rhett num falô cum ninguém. Ah, sinhá Melly, tá tudo horrível! I vai piorá, i us pessoá vai fazê iscândalo. I agora di noite — prosseguiu Mammy, fazendo uma pausa para enxugar o nariz com a mão —, agora di noite, a sinhá Scarlett barrô ele nu corredô quano ele chegô i intrô nu quarto junto i falô: "U interro vai sê manhã di manhã." I ele disse: "Ixprimenta fazê isso i eu ti mato."

— Ai, ele deve ter perdido o juízo!

— Sim, sinhá. Despois, eles falaro baixim, num ovi tudo, mas ele falô di novo du medo da sinhazinha d'iscuro. I a sinhá Scarlett disse: "Ocê num presta pra falá assim dispois di matá ela pra satisfazê u próprio orgúio", i ele: "Ocê num tem piedade?", i ela: "Não, nem tenho fia tomém. I cansei di vê ocê agino qui nem doido dispois qui a Bonnie morreu. Ocê é a vregonha da cidade. Bebe u tempo todim i, si pensa qui num sei adonde vai, tá inganado. Fica lá na casa da tar di Belle Watling."

— Ah, Mammy, não!

— Sim, sinhá. Foi u qui ela falô. I, sinhá Melly, é verdade. Us nêgo sabe das coisa um tantão mais dipressa qui us branco i eu sei qui é lá qui ele fica, mas num conto pra ninguém. I ele num negô. Falô: "É lá mermo qui eu vô i ocê num dá a mínima. U'a casa di tolerança é um bom refujo du inferno qui tá aqui. I a Belle tem o mió coração du mundo. Num mi acusa di matá minha fia."

— Ah! — exclamou Melanie, de coração apertado.

Sua própria vida era tão agradável, tão protegida, tão envolvida por pessoas que a amavam, tão cheia de bondade, que o que Mammy lhe contara era quase impossível de entender ou de imaginar ser verdade. No entanto, uma lembrança se insinuou em sua mente, uma imagem que ela rapidamente afastou, da mesma forma como afastaria a ideia da nudez de outra pessoa. Rhett falara de Belle

Watling no dia em que chorara com a cabeça em seu colo. Mas ele amava Scarlett. Decerto ela não se enganara naquele dia. E, claro, Scarlett o amava. O que se interpusera entre os dois? Como marido e esposa podiam se fazer em pedacinhos com facas tão afiadas?

Mammy retomou pesadamente seu relato:

— Passado um tempo, a sinhá Scarlett saiu du quarto, branca qui nem cera, mas dicidida, i mi viu im pé lá i disse: “U interro vai sê amanhã, Mammy.” I passô qui nem fantasma. Meu coração deu um sarto, pruquê u qui a sinhá Scarlett diz, ela faz. I u qui u sinhô Rhett diz, ele faz tomém. I ele disse qui vai matá ela si tive interro. I eu tô passada dos nervo, sinhá Melly, i a minha consciença tá pesada. Sinhá Melly, fui eu qui botei medo d’iscuro na minina.

— Ora, Mammy, isso não tem importância… Não mais.

— Tem sim, sinhá. Esse qui é u pobrema. I mi dei conta qui era mió eu contá pru sinhô Rhett, causo qui tá na minha consciença, mermo si ele mi matasse. Intão, entrei no quarto dipressa, pra mó dele num trancá, i disse: “Sinhô Rhett, vim confessá.” I ele si virô qui nem um cão raivoso: “Sai!”, i eu nunca sinti tanto medo, credo! Mas falei: “Faz favô, sinhô Rhett, deix’eu contá. Pode mi matá. Fui eu qui botei medo d’iscuro na sinhazinha.” Intão, sinhá Melly, abaxei a cabeça i isperei a sova. Mas ele num disse nadim. I eu falei: “Num foi por mal. Mas a minina num tumava cuidado nem tinha medo de nada i vivia fugino dispois di todo mundo drumi pra andá pela casa discarça, i eu tinha medo dela si machucá. Aí falei qui nu iscuro tinha fantasma i bicho-papão.”

“Sabe o qui ele fez, intão, sinhá Melly? Chegou ni mim c’os oio cheio di carim i botô a mão no meu braço. Nunca tinha feito isso antes. I disse: ‘Ela era corajosa, num era? Tirano u medo du iscuro, num tinha medo di nadim.’ I quando desandei a chorá ele falô: ‘Chora não, Mammy. Gostei d’ocê mi contá. Sei qui ocê adora a minha Bonnie i, causo disso, num faz mal. U qui conta é o coração.’ Bão, aquilo mi animô, i eu tumei corage i disse: ‘Sinhô Rhett, i u interro?. Ele virô pra mim, danado di raiva, c’osoio saindo fumaça i falô: ‘Meu Deus! Achei qu’ocê mi intendia, mermo us otro num intendeno! Ocê acha qu’eu vô mandá minha fia pru iscuro qui mete tanto medo nela? Tô ovindo direitim u jeito qui ela gritava quano acordava nu iscuro!’ Sinhá Melly, ali eu vi qui ele

tinha perdido a cabeça. Tava bebum, pricisano drumi, cumê, mas num era só isso. Tava loco. M'impurrô pra fora i gritô: 'Sai daqui já!'

"Eu desci lá pra baixo i pensei nele falano qui num ia tê interro, i na sinhá Scarlett falano qui u interro vai sê amanhã, i ele falano qui ia dá tiro. I us parente na casa, i as vizinha tudo cacarejano qui nem um bando di galinha, i aí pensei na sinhá Melly. A sinhá pricisa ir lá judá nós."

— Ah, Mammy eu não posso me intrometer.

— Si a sinhá num pode, quem há di podê?

— Mas o que eu faria, Mammy?

— Sinhá Melly, num sei não. Mas a sinhora pricisa fazê arguma coisa. Podia falá c'o sinhô Rhett i vai vê ele iscuta. Ele respeita muito a sinhora. Vai vê a sinhá num sabe, mas ele respeita. Vivo ovindo ele dizê qui a sinhora é a única dama qui ele cunhece.

— Mas…

Melanie ficou de pé, confusa, o coração se apertando ante a ideia de confrontar Rhett. Ficou gelada só de pensar em discutir com um homem enlouquecido de dor como descrevera Mammy. A ideia de entrar naquele quarto todo iluminado onde jazia a garotinha que ela tanto amava partia-lhe o coração. O que poderia fazer? O que poderia dizer a Rhett para amenizar sua dor e fazê-lo recuperar o juízo? Durante um momento, ficou indecisa, enquanto ouvia do outro lado da porta a risada do filho. Como uma faca gélida no coração lhe veio a imagem dele morto. Imaginou o corpo do filho, frio e imóvel, deitado lá em cima, o riso contente calado para sempre.

— Ah — exclamou em voz alta, apavorada, e mentalmente apertou-o de encontro ao coração. Sabia como Rhett estava se sentindo. Se Beau tivesse morrido, como conseguiria enterrá-lo, sob o vento e a chuva e no escuro? — Ah, pobre capitão Butler! Vou vê-lo agora mesmo.

Voltou depressa à sala de jantar, trocou algumas palavras em voz baixa com Ashley e surpreendeu o filho apertando-o em um abraço e beijando com paixão seus cachos louros.

Saiu sem chapéu, ainda apertando na mão o guardanapo do jantar, com passadas largas demais para as pernas idosas de Mammy acompanharem. Entrando na casa de Scarlett, fez uma breve mesura para os presentes na

biblioteca, para a assustada srta. Pittypat, a velha e imponente sra. Butler, para Will e Suellen. Subiu rapidamente a escada, com Mammy ofegante em seus calcanhares. Fez uma pausa curta diante da porta fechada de Scarlett, mas Mammy sibilou:

— Num faz isso, sinhá Melly.

Atravessou o corredor, mais lentamente agora, e parou diante do quarto de Rhett. Vacilou um instante, como se preferisse fugir. Então, tomando coragem, como um jovem soldado entrando na batalha, bateu na porta e pediu baixinho:

— Por favor, me deixe entrar, capitão Butler. É a sra. Wilkes. Quero ver Bonnie.

A porta foi rapidamente aberta, e Mammy, recuando para as sombras do corredor, viu a figura enorme e sombria de Rhett delineada pela claridade feérica de velas. Ele estava cambaleante, e Mammy sentiu cheiro de bebida em seu bafo. Ele olhou para Melly um instante e depois, pegando-a pelo braço, puxou-a para dentro do quarto e fechou a porta.

Mammy se esgueirou até uma cadeira ao lado da porta e nela afundou, cansada, o corpo sem formas mal cabendo no assento. Ficou imóvel, chorando em silêncio e rezando. De vez em quando, erguia a barra da saia e enxugava os olhos. Por mais que aguçasse o ouvido, não ouvia palavra alguma vinda do quarto, apenas um som grave de sussurros.

Depois de um tempo interminável, uma fresta de porta se abriu e o rosto de Melly, pálido e tenso, surgiu.

— Me traga um bule de café, depressa, e alguns sanduíches.

Quando o diabo exigia, Mammy podia ser célere como uma esbelta negra de 16 anos, e sua curiosidade para entrar no quarto de Rhett a fez agir mais rápido ainda. Sua esperança, porém, virou decepção quando Melly mal abriu a porta e pegou a bandeja. Durante um bom tempo, Mammy aguçou os ouvidos treinados, mas nada conseguiu escutar, salvo o barulho dos talheres na porcelana e o som abafado da voz de Melanie. Ouviu, então, o rangido da cama quando um corpo pesado desabou nela e o ruído de botas caindo no chão. Passado um intervalo, Melanie apareceu à porta, mas, por mais que tentasse, Mammy não conseguiu ver nada do quarto atrás dela. Melanie parecia cansada e havia lágrimas brilhando em seus cílios, mas o rosto estava novamente sereno.

— Vá dizer à srta. Scarlett que o capitão Butler está disposto a aceitar que o enterro se realize amanhã de manhã — sussurrou.

— Lovado seja u Sinhô! — exclamou Mammy. — Cumé qui…

— Não fale tão alto. Ele está pegando no sono. E, Mammy, por favor, diga à srta. Scarlett que vou passar a noite toda aqui e me traga um pouco de café. Traga para cá.

— Para este quarto?

— Sim, prometi ao capitão Butler que, se ele dormisse, eu ficaria velando Bonnie a noite toda. Agora, vá falar com a srta. Scarlett, para que ela não se preocupe mais.

Mammy começou a atravessar o corredor, seu peso fazendo o assoalho estremecer, o coração aliviado cantando “Aleluia! Aleluia!”. Fez uma pausa diante da porta de Scarlett, na mente um misto de gratidão e curiosidade.

*Cumé qui a sinhá Melly conseguiu, num sei. Os anjo ajudô, acho. Vô falá c’a sinhá Scarlett du interro amanhã, mas acho mió dexá di fora qui a sinhá Melly vai fica c’a minina. A sinhá Scarlett num vai gostá na*dim disso.

Capítulo 60

Havia algo de errado com o mundo, um equívoco sombrio, amedrontador, que permeava tudo, como uma bruma escura e impenetrável, se fechando em torno de Scarlett. O equívoco era ainda mais profundo do que a morte de Bonnie, pois agora a primeira angústia insuportável começava a se transformar em uma aceitação resignada da perda sofrida. Mas aquela sensação sobrenatural de tragédia iminente persistia, como se algo sombrio e encapuzado estivesse pousado em seu ombro, como se a terra sob seus pés pudesse virar areia movediça quando ela se mexesse.

Jamais conhecera esse tipo de medo. Durante toda a vida, tivera os pés firmemente plantados no bom senso, e as únicas coisas que temera eram as que podia ver: ofensa, fome, pobreza, a perda do amor de Ashley. De um jeito não analítico, tentava agora analisar e não conseguia. Perdera a filha predileta, mas podia aguentar, de alguma forma, como aguentara outras perdas dilacerantes. Tinha saúde, tanto dinheiro quanto poderia querer, e ainda tinha Ashley, embora o visse cada vez menos ultimamente. Mesmo a tensão entre ambos desde o dia da malfadada festa surpresa de Melanie não a preocupava, pois sabia que ia passar. Não, não temia a dor nem a fome nem a perda do amor. Tais medos jamais a tinham acachapado como aquela sensação de equívoco — um medo infeccioso, curiosamente semelhante àquele do seu velho pesadelo, uma bruma espessa, ondulante, dentro da qual ela corria com o coração explodindo, uma criança perdida em busca de um porto seguro fora do seu alcance.

Lembrou-se de como Rhett sempre havia sido capaz de espantar seus medos fazendo-a rir. Lembrou-se do conforto do seu largo peito moreno e dos seus braços fortes. Por isso, virou-se para ele com olhos que efetivamente o enxergaram pela primeira vez em semanas. E a mudança que viu chocou-a. Aquele homem não riria nem iria confortá-la.

Durante algum tempo após a morte de Bonnie, ela sentira raiva demais dele, ficara demasiado preocupada com a própria dor para fazer mais que falar educadamente diante dos criados. Andara ocupada demais recordando o som dos passinhos apressados da filha e do seu riso borbulhante para pensar que também ele deveria estar recordando, e com uma dor ainda maior que a dela. Ao longo daquelas semanas, os dois haviam se cruzado e falado de forma tão cortês quanto dois estranhos se cruzando nos corredores impessoais de um hotel, partilhando o mesmo teto, a mesma mesa, mas jamais compartilhando os pensamentos.

Agora que estava assustada e sozinha, ela teria rompido aquela barreira, se pudesse, mas descobriu que ele a mantinha ao largo, como se não desejasse trocar qualquer palavra com ela que não fosse superficial. Agora que sua raiva se amenizara, Scarlett queria dizer a ele que o considerava inocente da morte de Bonnie. Queria chorar em seus braços e dizer que também ela sentira um orgulho excessivo do talento de amazona da filha e fora excessivamente indulgente com os caprichos da menina. Agora, de boa vontade se humilharia e admitiria que só o acusara por conta da própria dor, esperando aliviá-la se o magoasse. Mas jamais parecia haver um momento oportuno. Ele a fitava com olhos vazios que não abriam uma chance para que ela falasse. E desculpas quando eram adiadas se tornavam cada vez mais duras de pedir, e finalmente se tornavam impossíveis.

Perguntou-se por quê. Rhett era seu marido, e entre eles havia o elo inquebrantável de duas pessoas que tinham partilhado a mesma cama, gerado e posto no mundo uma filha amada e providenciado para que essa filha, cedo demais, fosse enterrada no escuro. Só nos braços do pai daquela filha ela poderia encontrar consolo, na troca de lembranças e de dor que talvez machucasse, no início, mas ajudaria a curar. Agora, porém, do jeito como estavam as coisas entre eles, ela preferia buscar os braços de um total desconhecido.

Rhett raramente estava em casa. Quando acontecia de jantarem juntos, em geral ele estava bêbado. Não bebia como antigamente, tornando-se cada vez mais educado e sarcástico conforme a bebida o dominava, dizendo coisas divertidas e maliciosas que a levavam a rir sem querer. Agora ficava mudo, morosamente bêbado, e conforme a noite avançava a embriaguez aumentava. Às vezes, já de madrugada, ela o ouvia chegar a cavalo no quintal dos fundos e

bater à porta do alojamento dos criados para que Pork o ajudasse a subir a escada de serviço e o pusesse na cama. Pô-lo na cama! Rhett, que sempre bebera mais que todo mundo sem bater uma pestana e no final botava os amigos na cama.

Andava desalinhado agora, quando antes sempre se arrumara à perfeição, e era preciso que, escandalizado, Pork o convencesse a trocar a camisa para jantar. Seu rosto denunciava o uísque, e a linha marcada do queixo orgulhoso vinha sendo obscurecida por um inchaço doentio, e sob os olhos injetados havia bolsas de gordura. O corpo grandalhão com seus músculos fortes parecia flácido e a cintura começava a engrossar.

Com frequência ele simplesmente não aparecia em casa, nem mesmo mandava recado de que dormiria fora. Claro que devia estar roncando ebriamente em algum quarto em cima de um *saloon*, mas Scarlett sempre achava que seu pouso era a casa de Belle Watling naquelas ocasiões. Certa vez, vira Belle no armazém, uma mulher vulgar e avantajada agora, quase sem beleza alguma. No entanto, a despeito da maquiagem e das roupas espalhafatosas, ela era atualmente uma matrona de aparência quase maternal. Em lugar de baixar os olhos ou encarar em desafio, como outras mulheres fáceis quando confrontadas por senhoras respeitáveis, Belle olhou-a de igual para igual, com uma expressão intensa, quase de piedade, que fez Scarlett corar.

Mas não podia acusá-lo agora, não podia investir furiosamente contra ele, exigir fidelidade ou tentar constrangê-lo, assim como não podia se obrigar a pedir desculpas por acusá-lo de provocar a morte de Bonnie. Dominava-a uma apatia atônita, uma infelicidade incompreensível, uma infelicidade mais profunda do que tudo que já sentira antes. Estava solitária e não se lembrava de jamais ter estado tão solitária. Talvez nunca tivesse tido tempo para ser tão solitária. Estava solitária e com medo e não havia pessoa alguma a quem recorrer, exceto Melanie. Pois agora até Mammy, seu porto seguro, voltara para Tara. Permanentemente.

Mammy não deu explicações para partir. Seus velhos olhos cansados fitaram Scarlett com tristeza ao lhe pedir dinheiro para a passagem de trem. Às lágrimas e aos pedidos de Scarlett para que ficasse, respondeu apenas:

— Acho qui a sinhá Ellen tá dizeno pra mim: “Mammy, vorta pra casa. Seu trabaio aqui cabô.” I eu vou vortá pra casa.

Rhett, que ouvira a conversa, deu o dinheiro para Mammy e um tapinha em seu braço.

— Tem razão, Mammy. A sra. Ellen tem razão. Seu trabalho aqui foi feito. Vá para casa. Se precisar de alguma coisa, é só me avisar.

E, quando Scarlett recomeçou, indignada, a reclamar, ele a interrompeu:

— Já chega, sua tola! Deixe que ela parta! Por que alguém haveria de querer ficar nesta casa… agora?

Havia um brilho tão selvagem em seus olhos quando ele disse isso que Scarlett se encolheu, amedrontada.

— Dr. Meade, o senhor acha que ele pode… Pode ter perdido o juízo? — indagou mais tarde ao médico, a quem procurou devido à própria sensação de impotência.

— Não — respondeu o médico —, mas ele está bebendo como louco e vai se matar se continuar assim. Ele adorava aquela menina, Scarlett, e suponho que beba para esquecê-la. Não, mocinha, meu conselho é você lhe dar outro bebê o mais rápido possível.

Ha!, pensou Scarlett com amargura ao sair do consultório. Era mais fácil falar do que fazer. Teria de bom grado outro filho, vários outros, se isso apagasse aquela expressão dos olhos de Rhett e preenchesse os espaços doídos em seu próprio coração. Um menino com a beleza morena de Rhett e uma outra menininha. Ah, uma outra menininha, bonita e alegre e cheia de riso, não como a boboca da Ella. Por que Deus não levara Ella, já que precisava lhe tirar uma das filhas? Ella não lhe servia de consolo, agora que Bonnie se fora. Mas Rhett não parecia querer outros filhos. Ao menos jamais ia a seu quarto, agora que a porta nunca ficava trancada, mas sim convidativamente escancarada. Aparentemente ele não se importava. Não parecia se importar com coisa alguma, salvo para o uísque e para aquela ruiva desleixada.

Estava amargo agora, enquanto no passado era agradavelmente brincalhão; brutal, enquanto no passado suas investidas eram temperadas com humor. Depois da morte de Bonnie, muitas senhoras da vizinhança, conquistadas pelo seu jeito charmoso com a filha, se mostraram ansiosas para serem gentis e o paravam na rua para lhe dar condolências ou falavam com ele por cima de suas

cercas vivas, afirmando entenderem seu luto. Agora, porém, que Bonnie, a razão do seu bom comportamento, se fora, o bom comportamento também deixou de existir. Ele despachava as senhoras e suas condolências bem-intencionadas rapidamente, com grosseria.

No entanto, por mais estranho que fosse, as senhoras não se ofendiam. Entendiam ou pensavam entender. Quando ele voltava para casa ao crepúsculo, quase bêbado demais para se equilibrar na sela, desdenhando dos que lhe dirigiam a palavra, as senhoras diziam “Coitadinho!” e redobravam seus esforços para serem gentis e bondosas. Sentiam muita pena dele, de coração partido e voltando para casa onde não encontraria conforto na companhia de Scarlett.

Todos sabiam como ela era fria e desalmada. Todos se chocaram com a aparente facilidade com que ela se recuperou da morte de Bonnie, jamais se dando conta do esforço por trás daquela aparente recuperação. Scarlett tinha a antipatia da cidade e, ao menos daquela vez, aceitaria de bom grado a solidariedade de velhos amigos.

Agora, nenhum de seus velhos amigos a visitava, com exceção da tia Pitty, Melanie e Ashley. Apenas os novos amigos apareciam em suas carruagens chamativas, ansiosos para consolá-la, para distraí-la com mexericos sobre outros novos amigos pelos quais ela não se interessava a mínima. Toda essa “gente nova” não significava nada! Não a conheciam. Jamais a conheceriam. Não faziam ideia do que era a sua vida antes que conquistasse a atual eminência segura em sua mansão na rua Peachtree. Não gostavam de falar sobre a própria vida antes de poderem se vestir de brocados e passear de carruagens puxadas por belos cavalos. Não conheciam as lutas, as privações de Scarlett e tudo que levava aquela casa grandiosa, as roupas bonitas, a prataria e as recepções a valerem a pena. Não sabiam. Não se importavam. Essa gente saída de Deus-sabe-onde parecia viver sempre na superfície de tudo, não tinha lembranças da guerra, da fome e da luta, não tinha raízes em comum plantadas nas profundezas da mesma terra vermelha.

Agora em sua solidão, ela teria apreciado passar as tardes com Maybelle ou Fanny, ou com a sra. Elsing ou a sra.Whiting, ou mesmo com aquela velha guerreira inflexível da sra. Merriwether. Ou a sra. Bonnell ou… Ou qualquer

uma das velhas amigas e vizinhas. Elas haviam vivenciado a guerra, o terror e os incêndios, haviam perdido entes queridos prematuramente; haviam passado fome e vestido farrapos, com o lobo à espreita o tempo todo. E reconstruído fortunas a partir de ruínas.

Seria um conforto sentar com Maybelle, recordar que Maybelle enterrara um bebê, morto na luta insana antes da rendição. A presença de Fanny lhe traria consolo, por saber que ambas haviam perdido maridos nos dias sombrios da lei marcial. Seria uma diversão macabra rir com a sra. Elsing, relembrando a expressão da velha chicoteando o cavalo para atravessar Five Points no dia da queda de Atlanta, o produto do saque do comissariado ameaçando cair da charrete. Seria prazeroso comparar histórias com a sra. Merriwether, agora bem-estabelecida em sua padaria, seria agradável dizer: “Lembra como as coisas ficaram feias logo depois da rendição? Lembra quando não sabíamos de onde viria o nosso próximo par de sapatos? E olhe para nós agora!”

Sim, seria agradável. Scarlett entendia agora por que, quando dois ex-confederados se encontravam, a conversa sobre a guerra transcorria com tanto orgulho, tanta nostalgia. Aquela tinha sido uma época de teste para seus corações, mas eles a superaram. Eram veteranos. Também ela era veterana, mas não dispunha de interlocutores com os quais tornar a lutar velhas batalhas. Ah, voltar a encontrar seus iguais, aqueles que passaram pelas mesmas coisas e sabiam o quanto sofreram… E, no entanto, como essas coisas tinham se tornado uma grande parte deles!

Porém, de alguma maneira, essas pessoas haviam lhe escapado. Scarlett se deu conta de que a culpa era dela. Jamais se importara com isso até agora… Agora que Bonnie estava morta e ela vivia solitária e com medo, vendo do outro lado da mesa de jantar lustrosa um estranho moreno e decadente se desintegrando diante dos seus olhos.

Capítulo 61

Scarlett estava em Marietta quando recebeu o telegrama urgente de Rhett. Um trem partiria para Atlanta em dez minutos e ela embarcou nele, sem bagagem, salvo a bolsa de mão, deixando Wade e Ella no hotel com Prissy.

Atlanta ficava a apenas trinta quilômetros de distância, mas o trem se arrastou durante a tarde úmida de outono, parando em cada estação para pegar passageiros. Em pânico com a mensagem de Rhett, louca para chegar a seu destino, Scarlett quase gritava a cada parada. Pela estrada ia o trem, como um cágado, atravessando florestas serenamente douradas, passando por morros castanhos ainda marcados pelos sinuosos parapeitos de defesa, por antigos posicionamentos de artilharia e crateras onde crescera mato, pela estrada em que os homens de Johnston haviam recuado com tanta amargura, lutando a cada passo do caminho. Cada estação, cada entroncamento cujo nome o maquinista gritava, aludia a uma batalha, ao local de uma luta. No passado isso teria despertado lembranças de horror em Scarlett, mas agora ela não dispunha de tempo para tanto.

A mensagem de Rhett dizia: “Sra. Wilkes enferma. Volte imediatamente.”

O crepúsculo a aguardava quando o trem parou em Atlanta, e uma garoa fina encobria a cidade. Os lampiões a gás nas ruas luziam desbotados, bolhas amarelas sob a bruma. Rhett a esperava na estação com a carruagem. A mera visão do seu rosto assustou-a mais do que o telegrama. Ela jamais o vira tão sem expressão.

— Ela não… — disse Scarlett.

— Não, ainda está viva — respondeu Rhett, ajudando-a a subir na carruagem. — Para a casa da sra. Wilkes e o mais rápido que você puder — ordenou ao cocheiro.

— O que houve com ela? Eu não sabia que estava doente. Parecia bem na semana passada. Por acaso foi um acidente? Ah, Rhett, não é tão sério quanto você…

— Ela está morrendo — disse Rhett, com uma voz tão inexpressiva quanto seu rosto. — Quer ver você.

— Não, Melly não! Ah, Melly não! O que houve?

— Ela teve um aborto.

— Um… um abor… Mas, Rhett, ela… — balbuciou Scarlett. Essa informação coroou o horror da notícia e a deixou sem fôlego.

— Você não sabia que ela ia ter um bebê?

Scarlett sequer conseguiu abanar a cabeça.

— Bom, suponho que não. Acho que ela não contou a ninguém. Queria fazer uma surpresa, mas eu sabia.

— Você sabia? Não acredito que ela tenha lhe contado!

— Não precisou me contar. Eu percebi. Ela tem andado muito feliz nesses últimos dois meses. Vi logo que não podia ser outra coisa.

— Mas, Rhett, o médico avisou que outra gravidez a mataria!

— E matou — confirmou Rhett. Dirigindo-se ao cocheiro, disse: — Pelo amor de Deus, não dá para ir mais depressa?

— Mas, Rhett, ela não pode estar morrendo! Eu… eu não morri, e eu…

— Ela não tem a sua força. Nunca teve força alguma. Jamais teve outra coisa senão coração.

A carruagem parou diante da casinha atarracada, e Rhett ajudou Scarlett a descer. Trêmula, assustada, com uma repentina sensação de solidão, ela agarrou o braço do marido.

— Você vai entrar, Rhett?

— Não — respondeu ele, voltando para a carruagem.

Scarlett subiu correndo os degraus da entrada, atravessou a varanda e escancarou a porta. Lá dentro, sob a luz amarela do lampião, estavam Ashley, tia Pitty e India. Scarlett pensou: *O que India está fazendo aqui? Melanie lhe disse para jamais pôr os pés nesta casa de novo.* Os três se levantaram ao vê-la entrar, tia Pitty mordendo os lábios para que parassem de tremer, India encarando a recém-chegada com uma expressão de dor profunda e sem ódio. Ashley parecia

anestesiado como um sonâmbulo e, quando se aproximou e pousou a mão no braço de Scarlett, falou como um sonâmbulo:

— Ela pediu para ver você. Ela pediu para ver você.

— Posso vê-la agora? — indagou Scarlett, virando-se para a porta fechada do quarto de Melanie.

— Não, o dr. Meade está lá dentro. Fico feliz por você ter vindo, Scarlett.

— Vim o mais rápido que pude — disse ela, tirando o chapéu e a capa. — O trem… Ela não está de fato… Me diga que ela está melhor, Ashley! Fale comigo! Não faça essa cara! Ela não está realmente…

— Ela não para de pedir para ver você — disse Ashley, olhando-a nos olhos.

No olhar dele estava a resposta para a pergunta. Durante um momento, o coração de Scarlett parou, e depois um medo estranho, mais forte que ansiedade, mais forte que sofrimento, começou a se instalar em seu peito. *Não pode ser verdade*, pensou com veemência, tentando afastar o medo. *Médicos erram. Não vou pensar que é verdade, senão grito. Preciso pensar em ou*tra coisa.

— Não acredito! — gritou em um rompante, olhando para os três rostos abatidos, como se os desafiasse a contradizê-la. — E por que Melanie não me contou? Eu jamais teria ido para Marietta se soubesse!

Os olhos de Ashley despertaram, atormentados.

— Ela não contou a ninguém, Scarlett, sobretudo não a você. Teve medo de que você a repreendesse se soubesse. Queria esperar três… até que se sentisse segura, e depois fazer uma surpresa para todo mundo, rir e dizer que os médicos estavam errados. E estava tão feliz. Você sabe como ela ama bebês… Quanto queria uma menininha. E tudo caminhou muito bem até… E aí, sem motivo algum…

A porta do quarto de Melanie se abriu sem ruído e o dr. Meade saiu, fechando-a ao passar. Ficou parado um instante, a barba grisalha enterrada no peito, e olhou para os quatro repentinamente congelados. Seu olhar pousou por último em Scarlett. Quando se aproximou, ela viu que havia sofrimento nos olhos do médico, e também antipatia e desprezo que encheram de culpa seu coração amedrontado.

— Então, finalmente você chegou — disse ele.

Antes que ela pudesse responder, Ashley se encaminhou até a porta fechada.

— Não, ainda não é a sua vez — disse o dr. Meade. — Ela quer falar com Scarlett.

— Doutor — adiantou-se India, pousando a mão na manga do médico. Embora monocórdia, seu tom implorava mais alto que as palavras. — Deixe-me vê-la um instante. Estou aqui desde cedinho, esperando, mas ela… Deixe-me vê-la só um instante. Quero lhe dizer… Preciso dizer… Que me enganei sobre uma coisa.

Não olhou para Ashley nem para Scarlett quando falou, mas o dr. Meade pousou um olhar gélido em Scarlett.

— Vou ver, India — respondeu brevemente. — Mas só se me der a sua palavra de que não vai drenar toda a energia dela dizendo que se enganou. Ela sabe disso, e só vai desgastá-la ouvir você se desculpar.

Pitty começou timidamente:

— Dr. Meade…

— Srta. Pitty, a senhora sabe que iria gritar e desmaiar.

Pitty empinou o corpo pequeno e parrudo e enfrentou o olhar do médico. Seus olhos estavam secos e havia dignidade em seu rosto.

— Está bem, daqui a pouco — disse o médico, com mais delicadeza. — Venha, Scarlett.

Os dois atravessaram o corredor pé ante pé até a porta fechada, e o dr. Meade pôs a mão pesadamente no ombro de Scarlett.

— Agora, mocinha — sussurrou rapidamente —, nada de histeria nem confissões no leito de morte, senão eu juro que enforco você! Não adianta fazer essa expressão de inocente. Você me entendeu. A srta. Melly vai morrer serenamente e você não vai aliviar a sua consciência lhe contando coisa alguma sobre Ashley. Jamais machuquei uma mulher até hoje, mas se você disser alguma coisa agora… Vai ter de se haver comigo.

Abriu a porta sem dar tempo a Scarlett para responder e a empurrou para dentro do quarto, fechando a passagem depois. O quartinho, decorado com mobília barata de nogueira, estava na penumbra, com o lampião sombreado por um jornal. Era pequeno e recatado como o de uma adolescente, a cama estreita de cabeceira baixa, as cortinas simples repuxadas para as laterais, os tapetes de retalhos limpos e desbotados. Tudo era muito diferente do luxo reinante no

quarto de Scarlett, com a mobília entalhada, cortinas de brocado cor-de-rosa e o carpete com estampa de rosas.

Melanie, deitada na cama sob as cobertas, parecia murcha e sem curvas como uma garotinha. Duas tranças negras emolduravam o rosto, e os olhos fechados estavam envoltos por círculos roxos gêmeos. Ao vê-la, Scarlett parou petrificada, encostando-se à porta. A despeito da parca iluminação do quarto, pôde ver que o rosto de Melanie estava amarelo como cera. Faltava ali sangue vital, e o nariz parecia extremamente afilado. Até então, Scarlett nutrira a esperança de que o dr. Meade estivesse equivocado. Mas agora ela sabia. Nos hospitais, durante a guerra, vira demasiados rostos com aquela aparência para desconhecer o que inevitavelmente pressagiavam.

Melanie estava morrendo, mas, por um instante, a mente de Scarlett recusou-se a registrar o fato. Melanie não podia morrer. Sua morte era impossível. Deus não a deixaria morrer sendo tão necessária para Scarlett. Jamais lhe ocorrera que precisasse de Melanie, mas agora a verdade surgia e reverberava nas profundezas de sua alma. Dependera de Melanie, mesmo quando dependia de si mesma, sem jamais se dar conta. Agora Melanie estava morrendo e Scarlett sabia que não poderia seguir em frente sem ela. Agora, enquanto se aproximava na ponta dos pés da figura imóvel na cama, com o coração tomado de pânico, percebia que Melanie fora sua espada e seu escudo, seu conforto e sua força.

Preciso segurá-la! Não posso deixá-la ir!, pensou e afundou na cadeira ao lado da cama com um leve farfalhar das saias. Rapidamente agarrou a mão inerte sobre a coberta e voltou a se assustar ao verificar como estava fria.

— Sou eu, Melly — falou.

Os olhos de Melanie se entreabriram e depois, como se tivesse se assegurado de que efetivamente era Scarlett quem estava ali, ela tornou a fechá-los. Após uma pausa, Melly tomou fôlego e sussurrou:

— Você me promete?

— Ah, o que você quiser!

— Beau… Cuide dele.

Scarlett só pôde assentir, com um aperto na garganta, e delicadamente apertou a mão que segurava para mostrar sua concordância.

— Eu o dou a você — disse a doente, com um resquício de sorriso. — Eu já o dei a você, lembra?… Antes que nascesse.

Se ela lembrava? Como poderia ter esquecido? Quase como se aquele dia pavoroso fosse hoje, sentiu o calor sufocante da tarde de setembro, recordou o medo tenebroso dos ianques, ouviu os passos dos soldados em retirada, lembrou-se da voz de Melanie lhe implorando para ficar com o bebê, caso morresse… lembrou-se também de como odiara Melanie naquele dia e torcera para que morresse.

Eu a matei, pensou, em uma agonia supersticiosa. *Tantas vezes desejei que morresse e Deus me ouviu e está me c*astigando.

— Ah, Melanie, não fale assim! Você sabe que vai sair dessa…

— Não. Prometa.

Scarlett engoliu em seco.

— Você sabe que prometo. Vou cuidar dele como se fosse meu.

— Universidade? — indagou a voz monocórdia de Melanie.

— Sim, claro! Harvard, Europa e tudo que ele quiser… e um pônei… e aulas de música… Por favor, Melly, faça um esforço! Tente!

O silêncio se instalou de novo, e no rosto de Melanie surgiram sinais de uma batalha para reunir forças para tornar a falar.

— Ashley — disse ela. — Ashley e você… — A voz falseou e ela se calou.

À menção do nome de Ashley, o coração de Scarlett parou, frio como granito. Melanie soubera o tempo todo. Scarlett descansou a cabeça sobre o cobertor, e um soluço preso apertou sua garganta com mão de ferro. Melanie sabia. Scarlett estava além da vergonha agora, além de qualquer sentimento senão um remorso violento por ter magoado aquela criatura doce ao longo de tantos anos. Melanie sempre soubera… No entanto nunca deixara de ser uma amiga leal. Ai, se ela pudesse tornar a viver aqueles anos! Jamais permitiria que seus olhos encontrassem os de Ashley.

Meu Deus, rezou brevemente, *por favor, deixe que ela viva! Vou compensá-la. Serei boa para ela. Jamais voltarei a falar com Ashley enquanto viver, se o Senho*r a curar!

— Ashley — repetiu Melanie, debilmente, e seus dedos tocaram a cabeça baixa de Scarlett.

O polegar e o indicador não tinham mais força que os de um bebê, pousados no cabelo de Scarlett, que entendeu o gesto, entendeu que Melanie queria que ela erguesse o olhar. Mas não lhe foi possível, não era possível encarar Melanie e ler em seus olhos que ela sempre soubera.

— Ashley — sussurrou Melanie de novo, e Scarlett se aprumou. Quando olhasse no rosto de Deus no Dia do Juízo Final e lesse em Seus olhos sua condenação, não seria tão ruim quanto agora. Sua alma se retraiu, mas ela ergueu a cabeça.

Viu apenas os mesmos amorosos olhos escuros, encovados e sonolentos com a morte, a mesma boca meiga, penosamente lutando contra a dor para respirar. Não havia reprovação ali, não havia acusação nem medo… Apenas uma ansiedade que talvez ela não achasse força para expressar em palavras.

Por um instante também, Scarlett ficou demasiado atônita para sequer sentir alívio. Então, quando apertou mais a mão de Melanie, uma onda de gratidão a Deus a engolfou e, pela primeira vez desde a infância, Scarlett recitou mentalmente uma prece humilde e altruísta.

Obrigada, meu Deus. Sei que não mereço, mas obrigada por não permitir que ela soubesse.

— O que tem Ashley, Melly?

— Você… Você vai cuidar dele?

— Claro.

— Ele se resfria… Se resfria com tanta facilidade.

Fez-se uma pausa.

— Cuide… Cuide dos negócios dele… Está entendendo?

— Sim, entendi. Vou cuidar.

Melanie fez um grande esforço.

— Ashley não é… pragmático.

Somente a morte seria capaz de arrancar tal deslealdade de Melanie.

— Cuide dele, Scarlett, mas… Mas não deixe jamais que ele saiba.

— Cuidarei dele e dos negócios também, e jamais deixarei que ele saiba. Apenas vou lhe sugerir algumas coisas.

Melanie conseguiu dar um leve sorriso, mas foi um sorriso triunfante, quando seus olhos encontraram novamente os de Scarlett. O olhar que trocaram selou o

acordo que passava a proteção de Ashley Wilkes contra um mundo demasiado duro de uma mulher para outra e garantia que o orgulho masculino dele não seria jamais ferido pela constatação desse fato.

Agora toda a luta cessara no rosto cansado, como se, com a promessa de Scarlett, a serenidade reinasse.

— Você é tão inteligente… tão corajosa… Sempre foi tão boa para mim…

Ante essas palavras, o soluço subiu à garganta de Scarlett e ela tapou a boca com a mão. Ia agora chorar como uma criança e gritar: "Sou um demônio! Fiz tanto mal a você! Nunca fiz nada por você! Foi tudo por Ashley!"

Pôs-se de pé abruptamente, enterrando os dentes no polegar para recuperar o controle. Recordou as palavras de Rhett: "Ela ama você. Essa será a sua cruz." A cruz estava mais pesada agora. Já bastava que tivesse tentado de tudo para tirar Ashley de Melanie, mas agora era pior ainda, pois Melanie, que confiara cegamente nela em vida, a cobria com o mesmo amor e confiança na hora da morte. Não, não podia falar. Não poderia sequer repetir: "Faça um esforço para viver." Precisava deixá-la partir serenamente, sem luta, sem lágrimas, sem pesar.

A porta foi entreaberta e o dr. Meade surgiu na entrada do quarto, gesticulando imperiosamente. Scarlett se inclinou sobre a cama, engolindo as lágrimas e, pegando a mão de Melanie, encostou-a no próprio rosto.

— Boa noite — falou com uma voz mais firme do que imaginara possível.

— Prometa… — sussurrou a doente, muito baixinho agora.

— O que você quiser, minha querida.

— O capitão Butler… Seja boa para ele. Ele ama tanto você.

Rhett?, pensou Scarlett, confusa, e as palavras nada significaram para ela.

— Sim, tem razão — confirmou automaticamente e, plantando de leve um beijo na mão de Melanie, pousou-a de novo na cama.

— Diga às senhoras para entrarem imediatamente — sussurrou o médico, enquanto Scarlett saía.

Através das lágrimas, ela viu India e Pitty entrarem no quarto atrás do médico, segurando as saias para impedir que farfalhassem. A porta se fechou e a casa ficou em silêncio. Ashley não estava à vista. Scarlett encostou a cabeça na

parede, como uma criança teimosa mandada para o cantinho, e passou a mão na garganta dolorida.

Atrás daquela porta, Melanie estava partindo, e com ela ia-se a força da qual dependera sem saber durante tanto anos. Por que, santo Deus, por que não se dera conta antes do quanto amava Melanie e precisava dela? Mas quem haveria de pensar na pequenina e simplória Melanie como uma fortaleza? Melanie, que era doentiamente tímida diante de estranhos, que não erguia a voz para emitir uma opinião própria por medo da desaprovação das matronas. Melanie, a quem faltava coragem para espantar uma galinha? E no entanto…

Mentalmente, Scarlett voltou nos anos até aquela tarde tórrida em Tara quando a fumaça cinzenta pairava acima de um corpo vestido com um uniforme azul e Melanie parou no topo da escada empunhando o sabre de Charles. Lembrou-se de pensar então: *Que boboca! Melly nem conseguiria manejar essa espada!* Mas agora sabia que, se a necessidade se impusesse, Melanie teria descido aquela escada e matado o ianque… Ou sido morta por ele.

Sim, Melanie estava lá naquele dia, com uma espada na mão pequena, pronta para lutar por ela. E agora, quando olhava tristemente para trás, Scarlett percebia que Melanie sempre estivera a seu lado com uma espada na mão, discreta como sua própria sombra, amando-a, lutando por ela com uma lealdade cega e apaixonada, combatendo ianques, incêndios, fome, pobreza, a opinião pública e até mesmo seus amados parentes.

Scarlett sentiu a coragem e a autoconfiança se esvaírem ao se dar conta de que a espada que a defendera do mundo fora embainhada para sempre.

Melly é a única amiga que já tive, pensou com desânimo. *A única mulher, com exceção de mamãe, que realmente me amou. Ela é como a mamãe. Todo mundo que a conhece se agarra à* sua saia.

De repente foi como se Ellen estivesse morrendo atrás daquela porta fechada, partindo do mundo pela segunda vez. De repente, Scarlett se viu novamente em Tara com o mundo desabando em sua cabeça, destroçada pela certeza de não poder enfrentar a vida sem a força poderosa dos fracos, dos meigos, dos ternos de coração.

Ficou parada no corredor, hesitante, amedrontada, e a claridade brilhante do fogo na lareira da sala projetava sombras compridas nas paredes que a cercavam. O silêncio da casa era total e a empapou como uma chuvinha gélida. Ashley! Onde estava Ashley?

Foi até a sala buscá-lo como um animal com frio busca o calor, mas não o encontrou. Precisava achá-lo. Descobrira a força de Melanie, bem como sua dependência da cunhada, apenas para perdê-la no instante da descoberta, mas ainda restava Ashley. Ashley era forte, sábio e confortador. Em Ashley e em seu amor havia uma força sobre a qual apoiar sua fraqueza, coragem para enfrentar o medo, consolo para a sua dor.

Ele deve estar no quarto, pensou, e, atravessando o corredor na ponta dos pés, bateu de leve. Não houve resposta, e ela empurrou a porta. Ashley, diante da cômoda, olhava um par de luvas remendadas de Melanie. Primeiro pegou uma e a examinou como se jamais a tivesse visto. Depois pousou-a delicadamente, como se fosse feita de vidro, e pegou a outra.

— Ashley! — chamou Scarlett, com voz trêmula, e ele se virou devagar e a fitou.

O distanciamento sonolento sumira dos seus olhos cinzentos, que estavam bem abertos e reveladores. Neles havia um medo semelhante ao dela, um desamparo maior do que o que a assaltava, uma perplexidade mais profunda do que tudo que Scarlett jamais vira. A sensação de pavor que a possuíra no corredor cresceu ao ver o rosto dele e ela se aproximou.

— Estou assustada — falou. — Ah, Ashley, me abrace. Estou tão assustada!

Ele não se mexeu, mas a encarou, apertando a luva com ambas as mãos. Scarlett tocou-lhe o braço e sussurrou:

— O que é isso?

Os olhos de Ashley a examinaram com atenção, caçando, caçando alguma coisa que não encontrou. Finalmente falou com uma voz que não era a dele:

— Eu estava pensando em você. Ia correr para encontrá-la, correr como uma criança em busca de consolo… Então encontro uma criança mais assustada correndo para mim.

— Não, você não pode estar assustado. Nada jamais assustou você. Mas eu… Você sempre foi tão forte…

— Se fui forte, era porque ela me dava apoio — disse Ashley, com voz vacilante, enquanto olhava a luva e a alisava. — E… E toda a força que um dia eu tive está se esvaindo com ela.

Havia na voz baixa uma nota de tamanho desespero que Scarlett retirou a mão que pousara no braço dele e recuou. E, no pesado silêncio que se fez entre ambos, sentiu que realmente o entendia pela primeira vez na vida.

— Afinal… — falou devagar. — Afinal, Ashley, você a ama, não é?

Ele respondeu com esforço:

— Ela é o único sonho que tive que viveu e respirou e não morreu ao encarar a realidade.

Sonhos!, pensou Scarlett, a velha irritação retornando. *Com ele são sempre sonhos! Bom sen*so jamais!

Com o coração pesado e um pouco de amargura, disse em voz alta:

— Você foi tão tolo, Ashley. Como não viu que ela valia um milhão de Scarletts?

— Scarlett, por favor! Se você soubesse o que tenho passado desde que o médico…

— O que você tem passado! Por acaso acha que eu… Ah, Ashley, você deveria ter visto, anos atrás, que amava a ela e não a mim! Por que não viu? Tudo teria sido tão diferente, tão… Ah, você devia ter percebido, em lugar de me deixar em suspenso, com a sua ladainha sobre honra e sacrifício! Se tivesse me dito, anos atrás, eu teria… Teria ficado arrasada, mas de alguma forma eu aguentaria. Mas você esperou até agora, até Melly estar morrendo, para descobrir, e agora é tarde demais para fazer alguma coisa. Ah, Ashley, espera-se que os homens saibam essas coisas, não as mulheres! Você devia ter visto claramente que a amava todo o tempo e só me queria do jeito… do jeito que Rhett deseja a tal de Watling!

Ele sentiu o peso das palavras, mas fitou-a nos olhos, implorando silêncio, consolo. Toda a sua expressão admitia a verdade do que ela dissera. A mera forma como seus ombros estavam caídos mostrava que a sua autopunição era mais cruel do que qualquer castigo que Scartlett pudesse lhe infligir. Ficou calado ali, agarrado à luva, como se ela fosse a mão compreensiva de um amigo e, no silêncio que se seguiu às suas palavras, ela sentiu a indignação desaparecer

e uma piedade mesclada com desprezo substituí-la. Sua consciência a censurou. Estava chutando um homem caído e indefeso… e prometera a Melanie cuidar dele.

E logo depois de fazer essa promessa, eu disse coisas cruéis que o magoaram e não tenho, nem ninguém tem, necessidade de dizê-las. Ele sabe a verdade e isso o está matando, pensou, desolada. *Ele não é adulto. É uma criança, como eu, morta de medo de perdê-la. Melly sabia o que ia acontecer, Melly o conhecia muito melhor que eu. Por isso pediu que eu cuidasse dele e de Beau, sem fazer diferença entre os dois. Como Ashley vai poder enfrentar isso? Eu posso. Posso enfrentar qualquer coisa. Já precisei enfrentar tanta coisa. Mas ele não… Ele não consegue enfrentar coisa alguma* sem ela.

— Desculpe, meu querido — falou com delicadeza, estendendo os braços. — Sei como você está sofrendo, mas lembre-se de que ela não sabia de nada… Deus foi bom conosco.

Ele se aproximou rapidamente e seus braços a envolveram cegamente. Scarlett ficou na ponta dos pés para encostar o rosto quente no dele e com uma das mãos afagou sua nuca.

— Não chore. Ela ia querer que você fosse corajoso. Vai querer vê-lo daqui a pouquinho e você precisa ser corajoso. Ela não pode ver que andou chorando, porque isso a deixaria preocupada.

Ele a apertou com força tamanha que respirar ficou difícil e disse em seu ouvido com voz estrangulada:

— O que eu vou fazer? Não posso… Não posso viver sem ela!

Nem eu, pensou Scarlett, querendo afastar a imagem dos longos anos por vir sem Melanie. Mas recuperou o controle. Ashley dependia dela, Melanie dependia dela. Certa vez, sob o luar em Tara, bêbada e exausta, ela pensara "Fardos eram feitos para ombros fortes o suficiente para carregá-los". Ora, seus ombros eram fortes e os de Ashley não. Aprumou-os para suportar a carga e, com uma calma que estava longe de sentir, beijou o rosto molhado dele sem paixão nem desejo, mas apenas com uma delicadeza tranquila.

— Vamos conseguir… de alguma forma.

Uma porta se abriu com violência repentina e o dr. Meade chamou com uma urgência clara:

— Ashley! Rápido!

Meu Deus, ela se foi!, pensou Scarlett. *E Ashley não conseguiu se despedir! M*as talvez…

— Rápido — gritou ela, dando um empurrão em Ashley, já que ele parecia petrificado. — Rápido!

Abriu a porta e o fez sair. Impelido por essas palavras, ele correu pelo corredor, ainda segurando com força a luva. Ela ouviu seus passos rápidos durante um instante e depois uma porta se fechando.

— Meu Deus! — disse Scarlett e, se dirigindo lentamente até a cama, sentou-se e pôs a cabeça entre as mãos.

De repente sentiu-se exausta, mais cansada do que jamais se sentira em toda a vida. Com o som da porta sendo fechada, o nervosismo sob o qual vinha agindo, o nervosismo que lhe dera força, subitamente cedeu. Sentiu-se fisicamente exausta e vazia de qualquer emoção. Agora não havia dor nem remorso, medo nem espanto. Estava cansada e sua mente trabalhava entorpecida, mecanicamente, como o relógio sobre a lareira.

Daquele entorpecimento, um pensamento surgiu. Ashley não a amava e jamais a amara de verdade, e tal percepção não a magoou. Deveria magoar. Ela devia estar desolada, de coração partido, pronta para gritar contra o destino. Dependera daquele amor durante tanto tempo… Ele a sustentara em tantos momentos sombrios… Ainda assim, lá estava a verdade. Ele não a amava e ela não se importava. Ela não o amava e nada que ele fizesse ou dissesse poderia magoá-la.

Deitou-se na cama e pousou a cabeça cansada no travesseiro. Inútil tentar lutar contra a ideia, inútil dizer a si mesma: “Eu o amo. Amei durante anos. O amor não pode se transformar em apatia em um minuto.”

Mas podia mudar, e mudara.

Ele nunca existiu, salvo na minha imaginação, pensou, cansada. *Amei algo que inventei, algo tão sem vida quanto Melly agora, fiz um belo conjunto de roupas e me apaixonei por ele. E quando Ashley apareceu, tão bonito, tão diferente, eu o vesti com essas roupas e o obriguei a usá-las quer lhe servissem ou não. E não vi quem ele realmente era. Continuei amando as roupas bonitas… e não aman*do Ashley.

Agora conseguia olhar para todos aqueles longos anos e se ver no vestido verde florido, sob o sol de Tara, seduzida pelo jovem cavaleiro de cabelo louro que brilhava como um elmo de prata. Podia ver tão claramente agora que tudo fora apenas uma fantasia infantil, não mais importante do que os brincos de água-marinha que convencera Gerald a lhe dar. Pois, assim que se tornaram seus, eles perderam o valor, como tudo, com exceção de dinheiro, perdia o valor uma vez em sua posse. E assim também ele teria se tornado barato, se naqueles primeiros dias remotos ela tivesse tido a satisfação de recusar seu pedido de casamento. Se houvesse descoberto que Ashley estava à sua mercê, se o visse ficar apaixonado, importuno, ciumento, mal-humorado, suplicante, como os outros rapazes, a paixonite aguda que a possuíra teria passado, esvanecendo-se tão levemente como a bruma sob a luz do sol e a brisa quando ela encontrasse um novo pretendente.

Como fui boba, pensou com amargura. *E agora tenho de pagar por isso. O que desejei com tanta frequência aconteceu. Desejei a morte de Melly para que eu pudesse tê-lo. E agora ela está morta e eu o tenho e não o quero. Sua maldita honra o levará a me perguntar se quero me divorciar de Rhett e me casar com ele. Casar com ele? Nem que me fosse oferecido numa bandeja de prata! Mas mesmo assim vou tê-lo nas minhas costas a vida toda. Enquanto eu viver, precisarei cuidar de Ashley para que não morra de fome e não seja magoado pelos outros. Será somente mais um filho agarrado à minha saia. Perdi meu amante e ganhei outro filho. E, se não tivesse prometido a Melly, eu… Eu não me importaria de nunca mais pôr os o*lhos nele.

Capítulo 62

Ela ouviu vozes sussurrando do lado de fora, e chegando à porta viu os negros assustados reunidos no corredor dos fundos; Dilcey com os braços cansados sob o peso de Beau, adormecido, tio Peter chorando, e Cookie enxugando seu largo rosto molhado no avental. Os três a olharam, silenciosamente indagando o que se esperava que fizessem agora. Ela olhou na direção da sala e viu India e tia Pitty mudas, de mãos dadas, e ao menos dessa vez India não ostentava sua costumeira arrogância. Como os negros, elas a fitaram suplicantes, esperando suas instruções. Scarlett se aproximou da sala e as duas a cercaram.

— Ah, Scarlett, o que… — começou tia Pitty, com a boca gorducha e infantil tremendo.

— Não falem comigo ou vou gritar — disse Scarlett. Os nervos extenuados tornavam sua voz áspera e as mãos estavam fechadas em punho. A ideia de falar de Melanie agora, de tomar as providências inevitáveis que se seguiam a uma morte, lhe apertou novamente a garganta. — Não quero ouvir uma única palavra de qualquer uma de vocês.

Diante da nota autoritária em sua voz, as duas recuaram, com expressões de mágoa impotente em seus rostos.

Não posso chorar na frente delas, pensou Scarlett. *Não posso desmontar agora ou elas começarão a chorar também, e os pretos então começarão a gritar e todos enlouqueceremos. Preciso me compor. Tenho muito a fazer. Providenciar o enterro e para que a casa esteja limpa, estar aqui para falar com as pessoas que vão chorar no meu ombro. Ashley não vai conseguir fazer essas coisas, Pitty e India, idem. Preciso assumir. Ah, que fardo pesado! Sempre foi um fardo pesado e sempre esse fardo é* de outro!

Viu os rostos magoados de India e Pitty e se arrependeu. Melanie não gostaria que ela fosse ríspida com seus entes queridos.

— Desculpe se fui ríspida — falou com dificuldade. — É só que… Que lamento ter sido ríspida, titia. Vou até a varanda um instante. Preciso ficar sozinha. Depois eu volto e nós…

Com um afago no ombro de tia Pitty ao passar, retirou-se rapidamente para a varanda, sabendo que se ficasse mais um minuto naquela sala seu controle iria por água abaixo. Precisava estar só. E precisava chorar, ou seu coração se partiria.

Foi até a varanda escura e fechou a porta. O ar úmido era fresco em seu rosto. A chuva parara, e o silêncio era total, salvo por um ocasional pingo de água dos beirais. O mundo fora envolvido por uma bruma espessa, uma bruma levemente gelada que levava no hálito o cheiro do ano moribundo. Todas as casas do outro lado da rua estavam no escuro, salvo uma, e a luz vinda de um lampião na janela, iluminando a calçada, lutava debilmente com a cerração, partículas douradas flutuando à volta. Era como se o mundo todo estivesse envolto em um cobertor imóvel de fumaça cinzenta. E o mundo todo estava parado.

Encostou a cabeça em um dos pilares da varanda e se preparou para chorar, mas as lágrimas não brotaram. Aquela era uma calamidade profunda demais para lágrimas. O corpo estremeceu. Ainda reverberavam em sua mente as quedas das duas fortalezas inexpugnáveis da sua vida, reduzidas com estrondo a pó em torno dela. Ficou ali um tempo, tentando invocar seu velho encantamento: “Penso nisso tudo amanhã, quando aguentarei melhor.” Mas o encantamento perdera seu poder. Precisava pensar em duas coisas agora: Melanie e o quanto a amava e precisava dela; Ashley e a cegueira obstinada que a fizera recusar-se a vê-lo como ele era de verdade. E sabia que pensar nos dois iria doer do mesmo jeito amanhã e em todos os amanhãs da sua vida.

Não posso entrar lá de novo e falar com eles agora, pensou. *Não posso encarar Ashley esta noite e consolá-lo. Não esta noite! Amanhã venho cedinho e faço o que precisar ser feito, digo o que precisar dizer como consolo. Mas não esta noite. Não posso. Vou* para casa.

A casa ficava a apenas cinco quarteirões de distância. Não esperaria que Peter, soluçando, arreasse a charrete, não esperaria para que o dr. Meade a levasse para casa. Não aguentaria as lágrimas de um nem a censura do outro. Desceu rapidamente os degraus escuros da entrada sem o casaco nem o chapéu e saiu

para a noite brumosa. Virou a esquina e começou a subir a longa ladeira em direção à rua Peachtree, caminhando em um mundo ainda úmido, e até seus passos eram silenciosos como um sonho.

Enquanto subia a ladeira, o peito apertado com lágrimas que se recusavam a brotar, uma sensação irreal a assaltou, a sensação de que estivera naquele mesmo lugar penumbroso e gélido antes, sob um conjunto semelhante de circunstâncias… não uma, mas várias vezes. *Que tolice*, pensou com desconforto, apressando o passo. Os nervos estavam lhe pregando peças. Mas a sensação persistiu, sorrateiramente penetrando em sua mente. Olhou à volta indecisa, e a sensação cresceu, sobrenatural, porém familiar, e a cabeça se ergueu de súbito como a de um animal que farejava o perigo. É porque estou exausta, tentou justificar. *E a noite está tão estranha, tão cheia de bruma. Nunca vi uma bruma tão cerrada assim, exceto*… exceto!

Soube então, e o medo apertou seu coração. Sabia agora. Em uma centena de pesadelos, fugira em meio a uma cerração como aquela, atravessando um campo assombrado sem pontos de referência, sob o manto de uma bruma densa, povoado por fantasmas e sombras ameaçadores. Estaria sonhando de novo ou seu sonho se tornara realidade?

Por um instante, a realidade se evaporou e ela se viu perdida. A sensação do velho pesadelo a dominava, mais forte que nunca, e o coração disparou. Estava novamente entre a morte e a imobilidade, como já estivera no passado, em Tara. Tudo que importava no mundo desaparecera, a vida estava em ruínas e o pânico uivava em seu coração como um vento gélido. O horror que espreitava na bruma e que era a bruma apossou-se dela. E Scarlett começou a correr. Como correra uma centena de vezes em sonho, corria agora, voando cegamente para não sabia onde, impelida por um pavor anônimo, buscando na bruma cinzenta a segurança que estava em algum lugar.

Pela rua escura ela fugiu, de cabeça baixa, o coração aos pinotes, o ar noturno molhando-lhe os lábios, as árvores acima a ameaçá-la. Em algum lugar, em algum lugar naquela terra selvagem de imobilidade úmida, havia um refúgio. Subiu velozmente a ladeira interminável, as saias molhadas se enrolando nos tornozelos, os pulmões prestes a explodir, o espartilho apertado imprensando as costelas contra o coração.

Então, diante de seus olhos surgiu uma luz, uma fileira de luzes, mortiças e trêmulas, mas nem por isso menos reais. Em seu pesadelo jamais vira luzes, apenas a bruma cinzenta. A mente se agarrou àquelas luzes. Luz significava segurança, gente, realidade. De repente parou de correr, juntou as mãos com força, lutando para escapar ao pânico, os olhos fixos na fileira de lampiões a gás que sinalizara para seu cérebro que aquela era a rua Peachtree, em Atlanta, e não o mundo cinzento do sono e dos fantasmas.

Sentou-se, ofegante, em um degrau para embarque em carruagens, tentando dominar os nervos, que mais pareciam cordas lhe escapando rapidamente por entre as mãos.

Eu estava correndo… Estava correndo como uma pessoa ensandecida!, pensou, o corpo trêmulo, e o medo diminuiu enquanto o coração aos pulos a deixava mareada. *Mas para onde eu estava* correndo?

A respiração vinha mais fácil agora, e ela se sentou com a mão pressionada contra as costelas e olhou para a rua Peachtree. Lá, no alto da ladeira, ficava sua casa. Dava a impressão de haver luzes em todas as janelas, luzes que desafiavam a bruma a lhes embotar o brilho. Sua casa! Era real! Olhou para a sombra distante do esqueleto da casa, agradecida, saudosa, e algo semelhante à calma se apossou do seu espírito.

Sua casa! Era para onde queria ir. Era para lá que havia corrido. Para casa, para Rhett!

Dar-se conta disso foi como se livrar de correntes que lhe atavam o corpo, e com elas foi-se o medo que assombrara seus sonhos desde a noite em que chegara aos tropeços a Tara para descobrir que o mundo acabara. No final da estrada para Tara, descobrira que a segurança se fora, toda a força, toda a sabedoria, toda a ternura amorosa, toda a compreensão a haviam desertado… tudo que, personificado em Ellen, havia sido o bastião da sua juventude. E, embora tivesse adquirido segurança material depois daquela noite, em seus sonhos continuara a ser uma criança amedrontada, buscando a segurança perdida daquele mundo perdido.

Agora sabia que o porto seguro que buscara nos sonhos, o lugar calidamente seguro que estivera sempre escondido na bruma não era Ashley… Ah, não, jamais Ashley! Não havia mais calor nele do que em um pântano, nem mais

segurança do que encontraria na areia movediça. Era Rhett… Rhett, que possuía braços fortes para abraçá-la, um peito largo no qual apoiar sua cabeça cansada, uma risada zombeteira para reduzir suas preocupações às proporções adequadas. E total compreensão, porque ele, como ela, via a verdade como verdade, livre de noções fantasiosas de honra, sacrifício ou da crença nobre na natureza humana. Ele a amava! Por que não se dera conta de que ele a amava, a despeito de todas as declarações insultuosas em contrário? Melanie conseguira ver isso e no seu último fôlego dissera: "Seja boa para ele."

Ah!, pensou. *Ashley não é o único cego tolo. Eu devia* ter visto.

Durante anos, apoiara-se no muro de pedra do amor de Rhett e tomara-o como certo, assim como fizera com o amor de Melanie, gabando-se de extrair sua força de si mesma. E, assim como percebera, no início da noite, que Melanie estivera a seu lado em seus momentos de amargura contra a vida, agora sabia que Rhett ficara na retaguarda, calado, amando-a, compreendendo-a, pronto para ajudar. Rhett no bazar, lendo a impaciência em seu olhar e convidando-a para a quadrilha, Rhett ajudando-a a se livrar dos grilhões do luto, Rhett conduzindo-a por entre os incêndios e explosões na noite da queda de Atlanta, Rhett lhe emprestando o dinheiro que lhe permitiu deslanchar, Rhett que a confortava quando os pesadelos a faziam acordar chorando de medo no meio da noite… Ora, nenhum homem faria isso sem amar uma mulher apaixonadamente!

As árvores pingavam umidade, mas ela não sentia. A bruma a cercava por todos os lados, mas ela não dava atenção. Pois quando pensou em Rhett, com seu rosto moreno, os dentes alvos e os olhos escuros e alertas, um tremor agitou seu corpo.

Eu amo Rhett, pensou e, como sempre, aceitou a verdade com pouco espanto, como uma criança aceitando um presente. *Não sei há quanto tempo eu o amo, mas é verdade. E, se não fosse por Ashley, eu teria percebido há muito tempo. Nunca consegui ver o mundo porque Ashley ficava n*o caminho.

Ela o amava, salafrário, velhaco, sem escrúpulos nem honra… Ao menos sem aquilo que Ashley considerava honra. *Que se dane a honra de Ashley!*, pensou. *A honra de Ashley sempre me decepcionou. Sim, desde o início, quando ele continuou a me cortejar, mesmo sabendo que sua família queria que se casasse com Melanie. Rhett jamais me decepcionou, mesmo naquela noite pavorosa da*

festa de Melanie, quando deveria ter me estrangulado. Mesmo quando me largou na estrada na noite da queda de Atlanta, porque sabia que eu estava segura. Sabia que eu daria conta, de alguma forma. Mesmo quando agiu como se fosse me obrigar a pagar para conseguir dele o dinheiro, no acampamento ianque. Ele não teria me possuído. Ele me amou o tempo todo e fui tão má com ele. Vez após vez, eu o magoei e ele foi orgulhoso demais para demonstrar. E quando Bonnie morreu… Ah, como pude?

Ficou de pé e olhou para a casa na colina. Pensara, meia hora antes, que tinha perdido tudo no mundo, salvo o dinheiro, tudo que a fazia gostar de viver: Ellen, Gerald, Bonnie, Mammy, Melanie e Ashley. Precisara perdê-los para perceber que amava Rhett… Que o amava porque ele era forte e inescrupuloso, passional e mundano, como ela.

Vou dizer tudo a ele, pensou. *Ele há de entender. Sempre entendeu. Vou lhe dizer como fui tola e o quanto o adoro e vou compensá-l*o de tudo.

De repente, sentiu-se forte e feliz. Não estava com medo do escuro nem da bruma e soube com o coração leve que jamais sentiria aquele medo de novo. Por mais que a bruma pudesse cercá-la no futuro, conhecia agora o seu refúgio. Pôs-se a caminhar rapidamente pela rua em direção à própria casa, e os quarteirões lhe pareceram extremamente compridos. Muito, muito compridos. Ergueu as saias até o joelho e começou a correr. Dessa vez, porém, não corria do medo, corria porque os braços de Rhett a esperavam no final da rua.

Capítulo 63

A porta da frente estava entreaberta, e ela entrou, ofegando, e parou um instante sob os prismas de cristal do lustre. Apesar de todo o brilho, a casa estava muito silenciosa, não com o silêncio sereno do sono, mas com um silêncio vigilante, cansado, levemente sinistro. Viu de imediato que Rhett não estava no salão nem na biblioteca, e o coração se entristeceu. E se ele tivesse saído? Se estivesse com Belle ou em qualquer outro lugar onde passava as várias noites em que não aparecia para jantar? Ela não esperara por isso.

Começou a subir a escada em busca dele, quando viu que a porta da sala de jantar estava fechada. O coração se contraiu de leve, com vergonha ante a visão daquela porta fechada, recordando as muitas noites do último verão quando Rhett se sentara ali sozinho, bebendo até se embriagar, e Pork fora insistir para que fosse se deitar. Aquilo havia sido culpa dela, mas tudo mudaria agora. Tudo seria diferente… *Mas, por favor, Deus, que ele não esteja bêbado demais hoje. Se estiver bêbado demais não vai acreditar em mim, há de rir e isso partirá me*u coração.

Sem fazer ruído, abriu um tantinho a porta e espiou lá dentro. Rhett estava sentado na sua cadeira diante da mesa com uma garrafa cheia à frente, tampada, o copo sem ter sido usado. Graças a Deus, estava sóbrio. Ela abriu então a porta, refreando o impulso de correr até o marido. Quando, porém, ele ergueu o olhar para fitá-la, algo ali a fez parar, congelada, e calou as palavras em seus lábios.

Ele a encarou com seus olhos escuros, pesados de cansaço, olhos em que não havia vestígio de brilho. Embora ela estivesse com o cabelo desalinhado, com o peito arfando e com as saias sujas de lama até o joelho, o rosto dele não estampou surpresa nem curiosidade, assim como seus lábios não se curvaram em zombaria. Estava afundado na cadeira, a roupa amarfanhada na altura da cintura mais grossa, toda a sua figura traduzindo a ruína de um corpo bem feito e o embrutecimento de um rosto forte. Bebida e devassidão haviam deixado sua

marca no perfil numismático, que agora já não era o rosto de um jovem príncipe pagão em uma moeda de ouro recém-cunhada, mas o de um César decadente, esgotado, gravado no cobre desgastado pelo excesso de uso. Olhou de um jeito sereno, quase bondoso, para Scarlett de pé à porta com a mão no coração, e isso a assustou.

— Entre e sente-se — disse. — Ela morreu?

Scarlett assentiu e se aproximou, hesitante, do marido, a incerteza tomando forma em sua mente diante daquela nova expressão no rosto dele. Sem se levantar, Rhett afastou com o pé uma cadeira da mesa, na qual ela desabou. Queria que não tivesse havido menção a Melanie tão de imediato. Não lhe apetecia falar da cunhada agora, reviver a agonia da última hora. Tinha todo o resto da vida para falar de Melanie. E lhe parecia agora, impelida por um desejo feroz de gritar "Eu te amo", que só existia aquela noite, aquela hora, para dizer a Rhett o que tinha na cabeça. Algo em seu rosto, porém, a freou e a levou a sentir-se repentinamente envergonhada de falar de amor quando o corpo de Melanie ainda estava quente.

— Bem, que Deus a tenha — disse Rhett, gravemente. — Foi a única pessoa genuinamente boa que conheci.

— Ah, Rhett! — exclamou Scarlett com pesar, pois aquelas palavras evocaram vividamente demais tudo de bom que Melanie fizera por ela. — Por que você não ficou lá comigo? Foi horrível… e eu precisava tanto de você!

— Eu não teria aguentado — respondeu ele com simplicidade, e por um momento se calou. Então, com dificuldade falou baixinho: — Que grande dama ela foi.

Seu olhar sombrio se fixou além de Scarlett e era o mesmo que ela vira à luz das chamas na noite da queda de Atlanta, quando ouviu que ele iria se juntar ao Exército que batia em retirada — a surpresa de um homem que se conhecia plenamente, mas descobria em si mesmo lealdades e emoções inesperadas e se sentia um pouco ridículo ante a descoberta.

Os olhos sombrios se concentraram além dos ombros de Scarlett, como se ele estivesse vendo Melanie silenciosamente atravessar a sala até a porta. Na expressão de despedida em seu rosto não havia luto, não havia dor, mas apenas

uma indagação especulativa de si mesmo, apenas um frêmito pungente de emoções mortas desde a infância, quando ele repetiu:

— Uma grande dama.

Scarlett estremeceu e a chama se apagou em seu coração, o calor agradável, o esplendor que a mandara para casa com asas nos pés. Ela captou de certa forma o que ia na mente de Rhett enquanto ele se despedia da única pessoa que respeitara no mundo e, novamente, se viu desolada e com uma terrível sensação de perda que não mais era pessoal. Não podia entender ou analisar totalmente os próprios sentimentos, mas era quase como se também ela tivesse sido tocada por saias farfalhantes em uma derradeira carícia. Via, através dos olhos de Rhett, o falecimento não de uma mulher, mas de uma lenda — a mulher delicada, discreta, porém dona de uma vontade férrea, sobre quem o Sul construíra seu lar na guerra e para cujos braços orgulhosos e amorosos voltara na derrota.

Rhett tornou a olhar para ela e sua voz mudou. Agora era leve e fria.

— Então ela morreu. Isso facilita as coisas para você, não?

— Ah, como você pode falar assim? — exclamou, ferida, lágrimas instantâneas brotando em seus olhos. — Você sabe como eu a amava!

— Não, não posso dizer que eu sabia. É uma revelação inesperada e um crédito para você o fato de ter aprendido a valorizá-la, afinal, levando-se em conta a sua paixão por ralé branca.

— Como você pode falar assim? Claro que eu a valorizava! Você não. Não a conhecia como eu! Não tem a capacidade necessária para entendê-la… Saber como era boa…

— Sério? Talvez não.

— Ela pensava em todo mundo, menos nela mesma… Suas derradeiras palavras foram sobre você.

Um sentimento genuíno brilhou no olhar dele quando a fitou.

— O que ela disse?

— Ah, não agora, Rhett.

— Me diga.

A voz era controlada, mas a mão que segurou seu pulso causou dor. Ela não queria dizer, não era assim que pretendia abordar a questão do próprio amor, mas a mão que segurou seu pulso era urgente.

— Ela disse… Disse “Seja boa para o capitão Butler. Ele ama tanto você”.

Rhett a encarou e largou seu pulso. As pálpebras lhe velaram os olhos, deixando o rosto moreno sem expressão. De repente, levantou-se e, se aproximando da janela, abriu as cortinas e olhou com atenção, como se houvesse algo para ver lá fora além da bruma ofuscante.

— Ela disse algo mais? — indagou, sem se virar.

— Me pediu para cuidar de Beau, e eu concordei, como se fosse meu filho.

— O que mais?

— Ela disse… Ashley… Me pediu para cuidar de Ashley também.

Ele se calou um instante e depois riu baixinho.

— Muito conveniente ter a permissão da esposa, não?

— Como assim?

Ele se virou e, mesmo confusa, ela ficou surpresa por não ver zombaria em seu rosto. Também não encontrou ali mais interesse do que veria no rosto de um homem assistindo ao último ato de uma comédia não muito divertida.

— Acho que o que eu quis dizer é muito claro. A srta. Melly está morta. Você decerto tem todas as provas necessárias para se divorciar de mim e nenhum resquício de reputação a ser prejudicada por um divórcio. E não lhe sobrou religião, logo a Igreja não fará diferença. Logo… Ashley e os sonhos se tornam realidade com a bênção da srta. Melly.

— Divórcio? — gritou Scarlett. — Não! Não! — Incoerentemente, pôs-se de pé em um salto e correndo até ele pegou-lhe o braço: — Ah, você está totalmente errado! Terrivelmente errado, não quero o divórcio. Eu… — Parou, então, pois não conseguiu achar mais palavras.

Rhett pôs a mão sob o queixo dela e com delicadeza ergueu seu rosto para a luz e fitou-a diretamente nos olhos por um momento. Com o coração no olhar e os lábios trêmulos enquanto tentava falar, Scarlett

o encarou. Não conseguiu, porém, reunir as palavras, pois tentava encontrar no rosto que a fitava alguma emoção, algum brilho de esperança, de felicidade. Sem dúvida, ele devia saber agora! Mas a expressão vazia em seu rosto moreno, que com tanta frequência a confundira, foi só o que acharam seus olhos naquela busca frenética. Ele largou o queixo dela e, virando-lhe as costas, voltou para a

cadeira, onde se esparramou de novo, cansado, de cabeça baixa, os olhos erguidos para Scarlett de um jeito impessoal e especulativo.

Ela o seguiu, cruzando e descruzando as mãos, e parou diante dele.

— Você está errado — recomeçou, encontrando as palavras. — Rhett, esta noite, quando me dei conta, vim correndo para casa lhe contar. Ah, meu querido…

— Você está cansada — disse ele, ainda a observá-la. — É melhor ir se deitar.

— Mas eu preciso lhe contar!

— Scarlett — disse ele, gravemente —, eu não quero ouvir… Não quero ouvir nada.

— Mas você não sabe o que vou dizer!

— Querida, está escrito com todas as palavras no seu rosto. Algo, alguém, fez com que você percebesse que o desafortunado sr. Wilkes é uma dose demasiado grande do Mar Morto até mesmo para você. E essa mesma coisa de repente a fez ver os meus encantos sob uma luz nova e atraente — disse, com um leve suspiro. — E é inútil falar sobre isso.

Ela inspirou sofregamente, surpresa. Claro que Rhett sempre a lera com facilidade. Até agora, ela se ressentira disso, mas agora, após o primeiro susto com a própria transparência, o coração se enchia de alegria e alívio. Ele sabia, ele entendia, e sua tarefa havia sido miraculosamente facilitada. Era inútil falar sobre isso! Claro que havia azedume nele por conta da negligência tão longa, claro que não confiava naquela súbita reviravolta. Scarlett precisaria ganhá-lo com carinho, convencê-lo com uma generosa abundância de amor… E que prazer sentiria nisso!

— Meu querido, vou lhe contar tudo — falou, pondo as mãos no braço da cadeira dele e se inclinando. — Fui tão tola, tão idiota…

— Scarlett, não continue com isso. Não se humilhe na minha frente. Não aguento. Permita que guardemos alguma dignidade, alguma reticência para levar de lembrança do nosso casamento. Poupe-nos uma derradeira vez.

Ela se aprumou abruptamente. Poupe-nos uma derradeira vez? Como assim “derradeira vez”? Derradeira? Aquela era a primeira, o começo deles.

— Mas eu vou lhe contar — começou rapidamente, como se temesse que ele tapasse sua boca, silenciando-a. — Ah, Rhett eu amo tanto você, meu querido!

Devo amar há anos e fui tão boba que não sabia disso. Rhett, você tem de acreditar em mim!

Ele a olhou ali, de pé à sua frente, durante um momento, um longo olhar que espreitou o fundo da sua mente. Ela viu que havia crença nos olhos dele, mas pouco interesse. Ah, será que ele seria cruel, justo agora? Será que a atormentaria, pagando-lhe na mesma moeda?

— Ah, eu acredito em você — disse ele, finalmente. — Mas e Ashley Wilkes?

— Ashley! — repetiu Scarlett, com um gesto impaciente. — Eu… Eu acho que há séculos não gosto mais dele. Foi… Bem, foi uma espécie de hábito que ficou comigo desde garotinha. Rhett, eu jamais teria sequer gostado de Ashley se soubesse quem ele era de verdade, uma criatura impotente, sem iniciativa, apesar do seu discurso sobre verdade e honra e…

— Não — disse Rhett. — Se você tem de vê-lo como ele é realmente, faça isso direito. Ashley não passa de um cavalheiro num mundo ao qual não pertence, tentando aplicar as regras do mundo que não existe mais.

— Ah, Rhett, não falemos de Ashley! O que ele importa agora? Você não ficou feliz de saber… Quero dizer, agora que eu…

Quando os olhos cansados de Rhett encontraram os dela, Scarlett se interrompeu constrangida, tímida como uma mocinha com seu primeiro namorado. Se ao menos ele facilitasse as coisas! Se ao menos a abraçasse, de modo que ela pudesse se aninhar, agradecida, em seu colo e deitar a cabeça em seu peito… Com seus lábios nos dele poderia convencê-lo melhor do que com todas as palavras que encontrasse. Mas, quando o fitou, percebeu que ele não a mantinha distante apenas por maldade. Parecia esgotado, como se nada que tinha ouvido fizesse qualquer diferença.

— Feliz? Houve tempo em que eu agradeceria a Deus jejuando se ouvisse você dizer tudo isso, mas agora já não faz diferença.

— Não faz diferença? Como assim? Rhett, você me ama, não é mesmo? Tem de me amar. Melly me garantiu.

— Bom, ela estava certa, na medida do que sabia. Mas, Scarlett, já lhe ocorreu que mesmo o amor mais imortal pode se desgastar?

Ela o fitou boquiaberta.

— O meu se desgastou — prosseguiu ele — diante de Ashley Wilkes e a obstinação insana que faz você se agarrar como um buldogue a tudo que pensa querer… O meu se desgastou.

— Mas o amor não pode se desgastar!

— Aconteceu com o seu por Ashley.

— Mas eu não amei Ashley de verdade!

— Então com certeza representou muito bem… até esta noite. Scarlett, não estou censurando, nem acusando ou reprovando você. Essa hora já passou. Por isso me poupe de suas defesas e explicações. Se conseguir me ouvir durante alguns minutos sem me interromper, posso me explicar. Embora eu não veja necessidade de explicações. A verdade é muito cristalina.

Ela se sentou, a nua luz do lampião iluminando seu rosto atônito. Olhou nos olhos que tão bem conhecia — e pouco conhecia — e ouviu a voz serena dizer palavras que a princípio não fizeram qualquer sentido. Era a primeira vez que o ouvia falar daquela forma, como um ser humano se dirigindo a outro, falar como todo mundo, sem irreverência, sem jocosidade e sem lançar mão de enigmas.

— Jamais lhe ocorreu que eu a amei tanto quanto um homem é capaz de amar uma mulher? Amei você durante anos antes de conquistá-la. Ao longo da guerra, parti e tentei esquecê-la, mas não consegui e sempre precisei voltar. Depois da guerra, me arrisquei a ser preso unicamente para voltar e encontrá-la. Amei tanto que acredito que teria matado Frank Kennedy se ele não tivesse morrido naquele momento. Eu a amava, mas não podia deixar que você soubesse. Você é tão cruel com os que a amam, Scarlett! Você pega esse amor e utiliza como ameaça, como se fosse um chicote.

De tudo que ouvia, apenas o fato de ele amá-la tinha significado. O eco distante da paixão em sua voz trouxe de volta o prazer e a excitação. Sentada, mal respirando, ouvindo, ela esperou.

— Eu sabia que você não me amava quando nos casamos. Sabia a respeito de Ashley. Mas tolamente achei que podia fazer você gostar de mim. Ria, se quiser, mas eu queria cuidar de você, mimar você, lhe dar tudo que quisesse. Queria me casar e proteger você e lhe dar livre acesso a tudo que a fizesse feliz… Exatamente como fiz com Bonnie. Você tinha lutado tanto, Scarlett. Ninguém melhor que eu sabe o que você passou e eu queria que parasse de lutar e me

deixasse lutar por você. Queria que você brincasse, como criança… Que você fosse uma criança, uma criança corajosa, amedrontada, cabeça-dura. Acho que ainda é uma criança. Ninguém senão uma criança poderia ser tão teimosa e tão insensível.

A voz era calma e cansada, mas havia algo naquele tom que despertou uma lembrança fantasma em Scarlett. Ela já ouvira uma voz como aquela uma vez e em alguma outra crise da vida. Quando? A voz de um homem encarando a si mesmo e seu mundo sem qualquer sentimento, sem covardia, sem esperança.

Tinha sido… Tinha sido Ashley, no pomar invernal e ventoso em Tara, falando da vida e de teatro de sombras com uma serenidade cansada que continha mais finalidade em seu timbre do que qualquer amargura desesperada. Assim como a voz de Ashley a levara a congelar de medo de coisas que não compreendia, as palavras de Rhett agora gelaram seu coração. A voz, seu jeito, mais que o conteúdo das palavras, a perturbaram, fizeram com que ela percebesse que a excitação prazerosa de poucos momentos antes fora prematura. Algo estava errado, muito errado. O que era, ela não sabia, mas continuou escutando com desespero, os olhos fixos no rosto moreno, esperando ouvir palavras que dissipassem seu medo.

— Era tão óbvio que tínhamos sido feitos um para o outro, tão óbvio que eu era o único homem que você conhecia capaz de amá-la depois de saber quem você realmente é… dura, gananciosa e inescrupulosa como eu. Como a amava, agarrei a chance. Pensei que Ashley iria sumir da sua mente. Mas — prosseguiu, dando de ombros — tentei de tudo e nada funcionou. E era tão grande o meu amor, Scarlett… Se ao menos você tivesse deixado, eu poderia amá-la tão delicada e ternamente como nenhum homem jamais amou uma mulher. Mas não podia permitir que você percebesse, pois sabia que iria me achar fraco e tentar usar meu amor contra mim. E Ashley… Ashley estava sempre lá. O que me enlouquecia. Não conseguia me sentar diante de você na mesa de jantar sabendo que era Ashley que você queria que estivesse no meu lugar. E não podia abraçá-la à noite e saber que… Bem, não importa mais. Me pergunto agora por que doía tanto. Foi isso que me empurrou para Belle. Existe certo consolo sórdido em estar com uma mulher que nos ama incondicionalmente e nos respeita por ser

um cavalheiro, ainda que essa mulher seja uma prostituta ignorante. Fazia bem à minha vaidade. Você nunca foi muito confortadora, minha querida.

— Ah, Rhett — começou ela, acachapada ante a mera menção do nome de Belle, mas ele pediu silêncio com um gesto.

— Então, naquela noite em que eu a carreguei para o quarto… Eu achei… Tive a esperança… Desejei tanto que fiquei com medo de encarar você na manhã seguinte, medo de ter me enganado e de você não me amar. Tive tanto medo que você risse de mim que saí e me embebedei. E, quando voltei, minhas pernas tremiam e, se você tivesse feito qualquer sinal ou se aproximado minimamente, acho que teria beijado seus pés. Mas isso não aconteceu.

— Ah, Rhett, eu desejava você também, mas você foi tão desagradável! Eu desejava você. Acho… Sim, deve ter sido ali que eu vi pela primeira vez que gostava de você. Ashley… Eu nunca fui feliz pensando em Ashley depois daquilo, mas você foi tão desagradável que eu…

— Ah, bom, parece que nós dois perseguimos objetivos opostos, não é mesmo? Mas não faz diferença agora. Só estou lhe contando para que você jamais tenha dúvidas. Quando você ficou doente, e a culpa foi minha, não saí da porta do seu quarto, esperando que você mandasse me chamar, mas você não mandou, e então eu soube como tinha sido tolo e que estava tudo acabado.

Ele parou e olhou para além dela, como tantas vezes fizera Ashley, vendo algo que Scarlett não conseguia ver. Só lhe restou encarar calada o rosto taciturno à sua frente.

— Mas então tinha Bonnie, e vi que não estava tudo acabado, afinal. Eu gostava de pensar que Bonnie era você, uma garotinha de novo, antes que a guerra e a pobreza lhe impusessem fardos. Ela se parecia tanto com você, tão voluntariosa, tão corajosa, alegre e cheia de ânimo, e eu podia mimá-la à vontade, exatamente como eu gostaria de mimar você. Mas Bonnie não era como você, ela me amava. Foi uma bênção eu poder pegar o amor que você não queria e dá-lo a ela… Quando se foi, Bonnie levou tudo.

De repente, Scarlett sentiu pena dele, uma pena tão total que varreu a sua própria dor e o medo do que podiam significar as palavras dele. Era a primeira vez na vida que sentia realmente pena de alguém sem sentir também desprezo, porque foi a primeira vez que chegou perto de entender qualquer outro ser

humano. E pôde entender aquela astúcia penetrante, tão semelhante à dela, o orgulho obstinado que o impedia de admitir que a amava por medo de ser repelido.

— Ah, meu querido — disse ela, se aproximando, na expectativa de que ele estendesse os braços e a puxasse para o seu colo. — Meu querido, sinto tanto, mas vou compensar você! Podemos ser tão felizes, agora que sabemos a verdade e… Rhett… Olhe para mim! Podemos ter outros filhos… Não como Bonnie, mas…

— Não, obrigado — respondeu ele, como se recusasse um pedaço de pão. — Não porei o meu coração em perigo uma terceira vez.

— Rhett, não fale assim! O que eu posso dizer para fazer você entender? Já disse como lamento…

— Minha querida, você é tão infantil. Acha que dizendo "eu lamento" todos os erros e mágoas do passado podem ser remediados, apagados da mente, todo o veneno de velhas feridas… Tome o meu lenço, Scarlett. Jamais em qualquer crise da sua vida me lembro de você ter tido um lenço.

Ela pegou o lenço, assoou o nariz e se sentou. Era óbvio que ele não a abraçaria. Começava a ficar óbvio que toda aquela conversa de amá-la nada significava. Era a história de uma época remota que Rhett encarava como não tendo acontecido com ele. Seu olhar era quase bondoso, levemente curioso.

— Quantos anos você tem, minha querida? Nunca me disse.

— Tenho 28 — respondeu ela com a voz abafada pelo lenço.

— Não é uma idade avançada. É uma idade jovem para ter ganhado o mundo e perdido a alma, não? Não fique assustada. Não estou me referindo ao fogo do inferno para punir seu caso com Ashley. Falo apenas metaforicamente. Desde que a conheço, você quer duas coisas: Ashley e ser rica o bastante para mandar o mundo para o inferno. Bem, você está rica o bastante e falou grosso com o mundo e você conseguiu Ashley, se quiser ficar com ele. Mas tudo isso não parece ser suficiente.

Ela estava amedrontada, mas não com a ideia do fogo do inferno. Pensou: *Rhett é a minha alma e eu o estou perdendo. E, se o perder, nada mais importa! Não, nem amigos, nem dinheiro, nem nada. Se ao menos eu o tivesse, não me*

importaria sequer de voltar a ser pobre. Não, não me importaria de sentir frio ou fome outra vez. Mas ele não poder estar dizendo que… Ah, não pode!

Enxugou os olhos e gritou, desesperada:

— Rhett, se um dia você me amou tanto, deve ter restado algum sentimento por mim!

— De tudo que havia, só vejo duas coisas que restaram e elas são as duas coisas que você mais odeia: pena e uma estranha benevolência.

Pena! Benevolência! *Ah, meu Deus*, pensou Scarlett, transtornada. Tudo, menos pena e benevolência. Sempre que sentia aquelas duas emoções por alguém, elas andavam de mãos dadas com desprezo. Será que ele também a desprezava? Tudo seria preferível a isso. Até mesmo a frieza cínica dos tempos da guerra, a loucura ébria que o impeliu na noite em que subiu a escada com ela nos braços, os dedos lhe machucando o corpo ou as palavras ácidas que agora se dava conta de que encobriam um amor amargo. Tudo, menos aquela benevolência impessoal tão claramente estampada em seu rosto.

— Então… Então você está dizendo que destruí tudo… Que você não me ama mais?

— Isso mesmo.

— Mas — insistiu Scarlett, teimosa, como uma criança que ainda achava que declarar um desejo era obter sua realização —, mas eu amo você!

— Esse é o seu infortúnio.

Ela ergueu os olhos rapidamente para ver se havia jocosidade por trás das palavras, mas não havia. Rhett apenas enunciava um fato. Só que ela ainda não acreditava nesse fato — não podia acreditar. Fitou-o com uma obstinação desesperada no olhar, e a repentina postura firme do queixo que retesou as bochechas macias era a mesma de Gerald.

— Não seja tolo, Rhett! Eu posso…

Ele ergueu a mão com um horror zombeteiro e as sobrancelhas negras se juntaram como meias-luas sardônicas.

— Não se mostre tão determinada, Scarlett. Você me assusta. Percebo que está pensando em transferir sua afeição tempestuosa de Ashley para mim e temo pela minha liberdade e paz de espírito. Não, Scarlett, não serei perseguido como o pobre Ashley foi. Além disso, estou de partida.

O queixo de Scarlett tremeu antes que ela cerrasse os dentes para impedir. Partir? Não, qualquer coisa menos isso! Como continuar a viver sem ele? Todos haviam se afastado, todos que contavam, com exceção de Rhett. Ele não podia se afastar. Mas como impedi-lo? Viu-se impotente contra aquela mente fria, contra aquelas palavras indiferentes.

— Estou indo embora. Pretendia lhe dizer quando você voltasse de Marietta.

— Está me abandonando?

— Não se faça de esposa abandonada, nada de drama, Scarlett. O papel não lhe cai bem. Suponho, então, que não vá querer o divórcio nem uma separação, estou certo? Sendo assim, voltarei com a frequência necessária para não alimentar mexericos.

— Danem-se os mexericos! — gritou ela, feroz. — É você que eu quero. Me leve junto!

— Não — retrucou Rhett, e havia decisão em sua voz.

Por um instante, ela esteve à beira de uma explosão infantil de lágrimas. Podia ter se atirado no chão, gritado impropérios e batido pé. Mas algum resquício de orgulho, de bom senso, a impediu. Pensou que se agisse assim ele apenas riria ou observaria a cena. *Não posso chorar; não posso implorar. Não posso fazer coisa alguma que desperte o seu desprezo. Ele precisa me respeitar mesmo que… mesmo que n*ão me ame.

Ergueu o queixo e conseguiu perguntar baixinho:

— Para onde você vai?

Viu um tênue brilho de admiração nos olhos dele quando veio a resposta:

— Talvez para a Inglaterra… Ou para Paris. Talvez para Charleston, para tentar fazer as pazes com a família.

— Mas você os odeia. Cansei de ouvi-lo rir deles e…

Rhett deu de ombros.

— Continuo rindo… Mas não posso continuar errante, Scarlett. Tenho 45 anos… A idade em que um homem começa a valorizar algumas coisas que jogou fora tão despreocupadamente na juventude, a noção de clã das famílias, a honra e a segurança, raízes que são profundas… Ah, não! Não estou voltando atrás, não me arrependo de nada que fiz. Me diverti um bocado… Foi tanta diversão

que já comecei a cansar e agora desejo algo diferente. Não, nunca pretendi ser diferente do que sou, mas quero a semelhança externa das coisas que me eram familiares, o tédio absoluto da respeitabilidade… A respeitabilidade dos outros, querida, não a minha… A calma dignidade que a vida pode ter quando é vivida por gente de bem, a graça jovial de tempos que não existem mais. Enquanto vivia esses tempos, eu não me dei conta do sereno encanto deles…

Mais uma vez, Scarlett se viu de volta no pomar ventoso de Tara, e nos olhos de Rhett a expressão era a mesma estampada nos olhos de Ashley naquele dia. As palavras de Ashley soaram claras aos seus ouvidos, como se fosse ele e não Rhett que as estivesse dizendo. Fragmentos de palavras lhe voltaram e ela as citou, como um papagaio:

— Um glamour, uma perfeição… e uma simetria dignas da arte grega.

Rhett retrucou, incisivo:

— Por que você disse isso? Foi o que eu quis dizer.

— Foi algo que… Que Ashley falou certa vez sobre os velhos tempos.

Rhett deu de ombros e seus olhos perderam o brilho.

— Sempre Ashley — disse, e se calou um instante. — Scarlett, quando você tiver 45 anos, talvez entenda do que estou falando e talvez aí também você esteja cansada dessa elite falsa e de maneiras vulgares e emoções baratas. Mas duvido. Acho que sempre se sentirá mais atraída por brilho do que por ouro. De todo jeito, não posso esperar tanto tempo para ver. E não tenho vontade de esperar. Simplesmente não me interessa. Vou caçar nas velhas cidades e nos velhos países, onde talvez ainda reste algo dos velhos tempos. Sou sentimental a esse ponto. Atlanta é crua demais para mim, nova demais.

— Pare — comandou ela, de repente. Mal ouvira o que ele havia dito. Decerto a mente não registrara. Mas sabia que não conseguiria aguentar mais com um mínimo de estoicismo o som da voz dele, que não continha mais amor.

Rhett fez uma pausa e fitou-a, curioso.

— Bem, você me entendeu, não? — indagou, pondo-se de pé.

Scarlett lhe estendeu as mãos, com as palmas para cima, no ancestral gesto de súplica, e seu coração, mais uma vez, estampou-se em seu rosto.

— Não — disse. — Só sei que você não me ama e vai partir! Ah, meu querido, se você for embora, o que será de mim?

Por um instante, ele hesitou, como se decidisse se uma mentira gentil seria um gesto mais generoso no longo prazo do que a verdade. Depois deu de ombros.

— Scarlett, jamais fui de catar pacientemente os cacos e colá-los e me dizer que a unidade remendada estava como nova. O que se quebrou está quebrado, e prefiro me lembrar de como era em sua melhor forma a colar os pedaços e vê-los claramente enquanto viver. Talvez se eu fosse mais jovem… — interrompeu-se e suspirou. — Mas estou velho demais para acreditar em sentimentalismos como recomeços. Estou velho demais para carregar o fardo de mentiras constantes, necessárias para viver numa desilusão educada. Eu não poderia viver com você e mentir para você e sem dúvida não poderia mentir para mim mesmo. Gostaria de me importar com o que você vai fazer ou para onde irá, mas não consigo.

Ele inspirou brevemente e disse em tom indiferente, mas suave:

— Minha querida, não dou a mínima.

Ela observou em silêncio enquanto ele subia a escada, sentindo-se sufocar pela dor na garganta. Com o som de seus passos sumindo no corredor lá em cima, sumia a última coisa no mundo que lhe era importante. Sabia agora que não havia apelo ou emoção ou razão capaz de mudar o veredicto naquela mente fria. Sabia agora que cada palavra dita por Rhett tinha sido pensada, por mais que algumas parecessem leves quando pronunciadas. Sabia por que sentira nele algo forte, inflexível, implacável — todas as qualidades que buscara em Ashley sem nunca encontrar.

Jamais entendera os dois homens que amou e por isso perdera ambos. Agora tinha a consciência desconcertante de que, se tivesse um dia entendido Ashley, nunca o teria amado; se tivesse um dia entendido Rhett, nunca o teria perdido. Perguntou-se, em desespero, se algum dia entendera alguém naquele mundo.

Havia em sua mente uma dormência bem-vinda agora, uma dormência que ela sabia por experiência própria que logo daria lugar a uma dor pungente como a de tecidos seccionados pela faca do cirurgião, que têm um instante fugaz de insensibilidade antes do início da agonia.

Não vou pensar nisso agora, disse a si mesma, com tristeza, invocando o velho encantamento. *Enlouquecerei se pensar agora em perdê-lo. Penso nis*so amanhã.

Mas, gritou seu coração, deixando de lado o encantamento e começando a doer, *não posso deixá-lo partir! Deve haver al*gum jeito!

— Não vou pensar nisso agora — repetiu, em voz alta, para empurrar o sofrimento para o fundo da mente, tentando encontrar algum baluarte contra a crescente maré de dor. — Eu… Ora, vou para Tara, para casa, amanhã — falou, e o ânimo ressurgiu debilmente.

No passado já voltara para Tara com medo e derrotada e saíra de lá forte e armada para vencer. O que fizera uma vez, de algum jeito… Se Deus quisesse, faria de novo! Não sabia ainda como. Não queria pensar nisso agora. Tudo que desejava era um espaço em que pudesse sofrer, um lugar sereno para lamber as feridas, um porto seguro onde planejar sua estratégia. Pensou em Tara e foi como se uma delicada mão confortadora pousasse em seu coração. Pôde ver a casa branca lhe dando boas-vindas sob as folhas avermelhadas de outono, pôde sentir a quietude do crepúsculo campestre a envolvê-la como uma bênção, pôde sentir o orvalho caindo nos hectares de ramos verdes salpicados de lanugem branca, pôde ver o vermelho vivo da terra e a beleza sombria dos pinheiros nos morros a perder de vista.

Sentiu-se vagamente confortada, fortalecida pela imagem, e parte da mágoa e do arrependimento frenético foi varrida de sua mente. Ficou ali um instante recordando pequenas coisas, a longa avenida de cedros escuros que levava a Tara, os arbustos de gardênias, de um verde vivaz contra os muros brancos, as cortinas brancas esvoaçando. E Mammy estaria lá. De repente, precisou desesperadamente de Mammy, como precisava dela quando era uma garotinha, como precisava do seu colo avantajado para ali deitar a cabeça, como precisava da mão negra deformada pela labuta acariciando seu cabelo. Mammy, o último elo com os velhos tempos.

Com o ânimo da sua gente, que não aceitava a derrota ainda que a visse de frente, ergueu o queixo. Iria reconquistar Rhett. Sabia que era possível. Jamais conhecera um homem que não conseguisse conquistar, desde que se dispusesse a tanto.

Penso nisso tudo amanhã, em Tara. Vou conseguir suportar então. Amanhã penso num jeito de reconquistá-lo. Afinal, amanhã será outro dia.

Direção editorial
*Daniel*e Cajueiro

Editora responsável
*Ana C*arla Sousa

Produção editorial
Adriana Torres
Mariana Bard
*Lai*ane Flores

Revisão de tradução volume 1
*Carolin*a Leocadio

Revisão de tradução volume 1i
Beatriz D'Oliveira

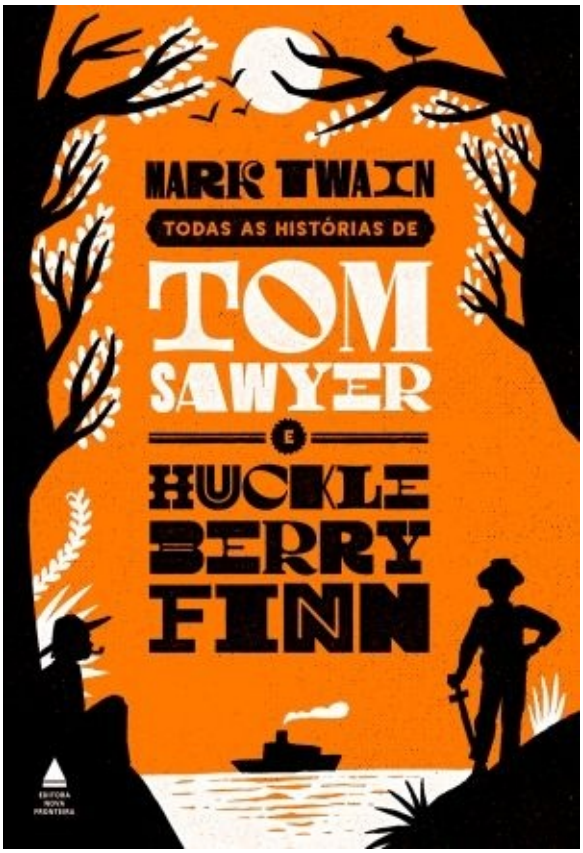
Revisão
*Carolin*a Leocadio

Capa
*Sérgi*o Campante

Projeto gráfico de miolo
*Larissa Fernandez d*e Carvalho

Diagramação
Futura

Este livro foi impresso em 2020
para a Nova Fronteira.


MARK TWAIN
TODAS AS HISTÓRIAS DE
TOM SAWYER
E
HUCKLEBERRY FINN

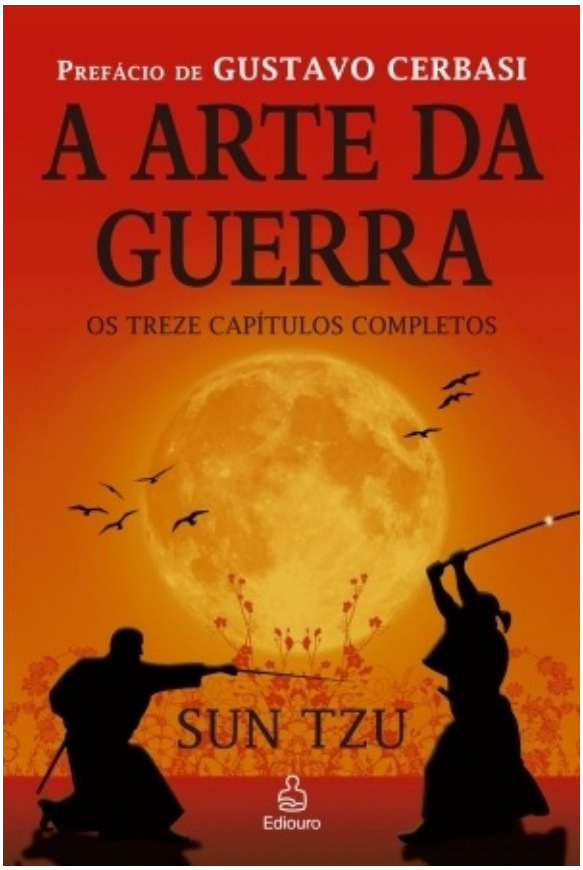
Box Todas as histórias de Tom Sawyer e Huckleberry Finn

Twain, Mark
9788520944868
784 páginas

Compre agora e leia

Tom Sawyer e Huckleberry Finn formam a dupla mais famosa da literatura norte-americana. Neste box, estão reunidas todas as histórias desses parceiros inseparáveis, que são consideradas as maiores criações do genial Mark Twain. Tom é um garoto esperto que vive com a tia, o irmão e a prima em um povoado às margens do mítico rio Mississippi, durante o período escravocrata. No seu tempo livre, ele se junta a Huck e realiza as mais mirabolantes façanhas em busca de tesouros. Em As aventuras de Tom Sawyer, os dois amigos presenciam um assassinato, cujo desenrolar mudará para sempre as suas vidas. Já no aclamado As aventuras de Huckleberry Finn, segundo volume do box, Huck embarca em uma viagem pelo rio Mississippi na companhia de Jim, um escravo fugitivo que encontra no garoto a única chance de sobreviver. O terceiro tomo traz as duas histórias finais da dupla. Em As viagens de Tom Sawyer, a fome de aventuras de Tom e Huck extravasa os limites do Sul dos Estados Unidos e ganha o mundo. Em Tom Sawyer, detetive, os meninos precisam usar todas as suas técnicas de detetives-mirins para livrar um inocente da forca.

Compre agora e leia


PREFÁCIO DE GUSTAVO CERBASI
A ARTE DA GUERRA
OS TREZE CAPÍTULOS COMPLETOS
SUN TZU
Ediouro

A arte da guerra

Tzu, Sun

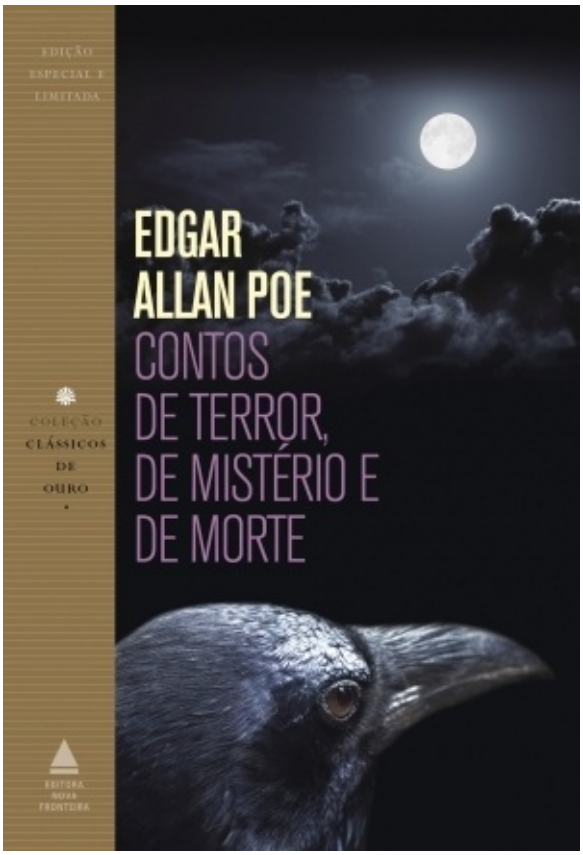
9788520926307

112 páginas

Compre agora e leia

Milenar tratado militar de Sun Tzu, *A Arte da Guerra* é tão compreensível e atual que se tornou um texto clássico. Acredita-se, inclusive, que o livro tenha sido usado ao longo dos tempos por estrategistas militares como Napoleão, Adolf Hitler e Mao Tse Tung. Hoje, o livro migrou das estantes dos estrategistas para a dos economistas, administradores, políticos, vendedores, empresários e todos aqueles cuja meta é a vitória – em todos os níveis.Nesta edição, além dos 13 capítulos completos, o leitor vai se aprofundar no tema com a riquíssima introdução dos professores Antonio J. B. de Menezes Júnior e Chen Tsung Jye, ambos do curso de chinês do Departamento de Letras Orientais da USP. Outro diferencial é o prefácio de Gustavo Cerbasi, autor de best-sellers na área de negócios como *Casais Inteligentes Enriquecem Juntos* e *Investimentos Inteligentes.*

Compre agora e leia


EDIÇÃO
ESPECIAL E
LIMITADA
EDGAR
ALLAN POE
CONTOS
DE TERROR,
DE MISTÉRIO E
DE MORTE
COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO
EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Contos de terror, de mistério e de morte

Allan Poe, Edgar

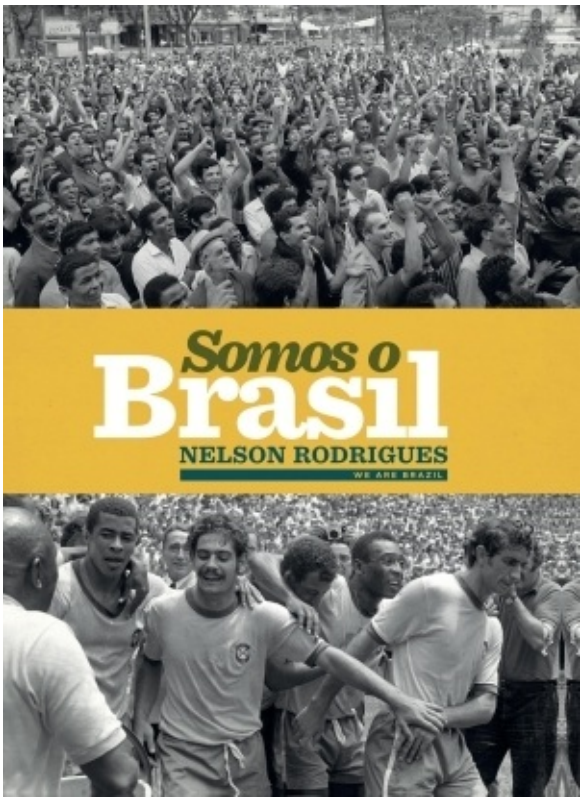
9788520941720

240 páginas

Compre agora e leia

Com esta coletânea, o leitor entrará em contato com alguns das melhores histórias da obra de Edgar Allan Poe, considerado o criador do conto policial. Nelas, associam-se medos reais a casos extraordinários, e o resultado é espetacular e surpreendente. Neste Contos de terror, de mistério e de morte estão reunidas algumas de suas melhores narrativas e, dialogando com elas, ao final do volume, o aclamado poema "O corvo", que se tornou emblemático da produção literária do autor norte-americano. Como resultado temos uma coletânea em que se associam medos reais a casos extraordinários, o espetacular e o surpreendente em concentradas doses do mais puro terror.

Compre agora e leia


Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL

Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

Compre agora e leia

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!" *Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"*EDIÇÃO BILÍNGUE / *BILINGUAL EDITION*

Compre agora e leia


Nelson Rodrigues
A PÁTRIA DE CHUTEIRAS

A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson

9788520938188

136 páginas

Compre agora e leia

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante."

Nelson Rodrigues Nelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura. "Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

Compre agora e leia